Dicionário da Arquitetura Brasileira

Corona & Lemos

Livraria Editora Ltda

Prefácio

A idéia da elaboração de um dicionário que reunisse de modo mais completo possível os têrmos relativos à nossa arquitetura nos surgiu desde há muito. Contrapondo-se à amplitude do campo de atividade do arquiteto, à profundidade que atinge a arquitetura em todos os setôres da cultura de um povo e ao extraordinário e rápido desenvolvimento daquela arte entre nós, encontramos uma acentuada pobreza de vocabulário técnico e artístico entre o povo, arquitetos e críticos de arte. Entre os estudantes, então, o desconhecimento de nomes justos dos pormenores arquitetônicos é de grande, senão total.

Vários fatôres concorrem para o esquecimento e ignorância dos têrmos precisos e não nos interessa aqui estudar essas causas. Uma delas, porém, por ser a mais importante, a nosso ver, é a variação de significados de um têrmo no tempo e no espaço, fato que trás confusões, às vêzes lamentáveis, nas descrições de obras arquitetônicas e nas interpretações de textos antigos. Palavras existem que em Portugal significam uma coisa e que aqui querem dizer outra. Em tempos idos, um têrmo tinha um significado, hoje outro bem diferente. Exemplo: a palavra sobrado antigamente significava soalho suspenso, isto é, piso de madeira compreendendo espaço útil abaixo dêle. Casa que tivesse porão habitável era assobradada. Os patamares das escadas das tôrres das igrejas eram sobrados: dizia-se "tôrre de tantos sobrados". Hoje entende-se por sobrado casa de dois ou mais pavimentos, o que não é errado, mas, a extensão do têrmo está consideràvelmente diminuída. Muitos historiadores, por exemplo, procuraram saber qual foi o primeiro "sobrado" de São Paulo, isto é, a primeira construção de dois pavimentos e acharam em inventários antigos referências a "casa de sobrado". Evidentemente, esta simples demonstração não é suficiente para chegar-se a uma conclusão verdadeira porque o exemplar apontado como primeiro poderia ser perfeitamente casa com porão, muito comum em São Paulo, devido às diferenças de níveis dos terrenos. No alinhamento, as casas eram térreas, nos fundos "assobradadads". Certamente, porão e piso térreo não determinam sobrados na acepção moderna do verbête e daí enganos prováveis nessas pesquisas.

Cremos que um dicionário especializado prestará inestimáveis serviços no estudo e interpretação de todos os textos de valor para a nossa arquitetura. Tome-se como exemplo as publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que transcrevem atas, "condições" e especificações antigas de construções coloniais. É de todo interêsse "saber ler" tais documentos, pois dêles emana uma série de conhecimentos necessários à boa compreensão de nossa arquitetura avoenga. Também a apre-

À Memória de Rodrigo Mello Franco de Andrade

a Lúcio Costa

a Oscar Niemeyer

Direção Editorial de
Washington Helou

Pedidos à

EDART — SÃO PAULO LIVRARIA EDITORA LTDA.
Rua Jaguaribe 47
C.P. 4108
01224 — São Paulo
Fone 221-4399

Arquitetos | CORONA & LEMOS

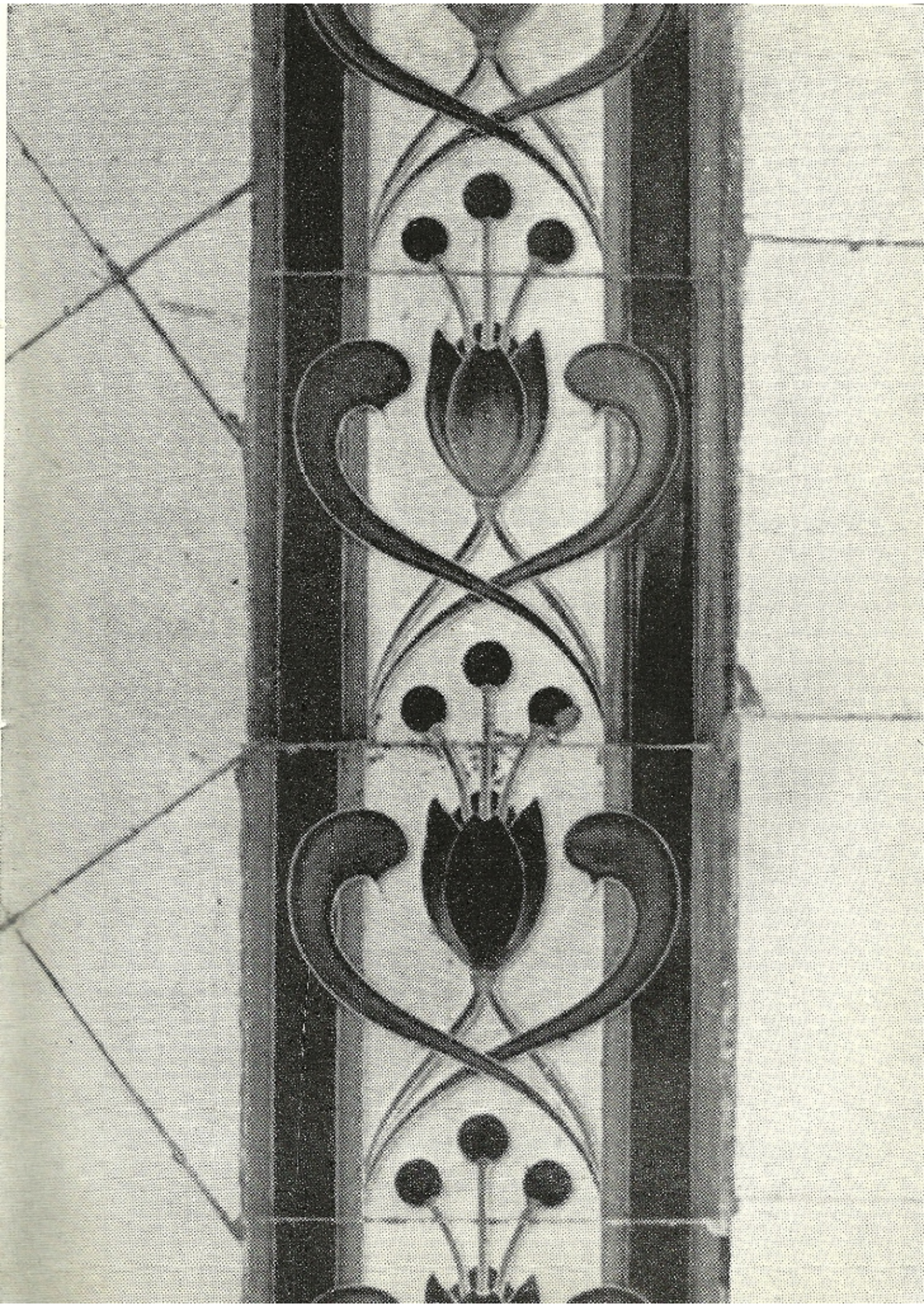
DICIONÁRIO DA ARQUITETURA BRASILEIRA

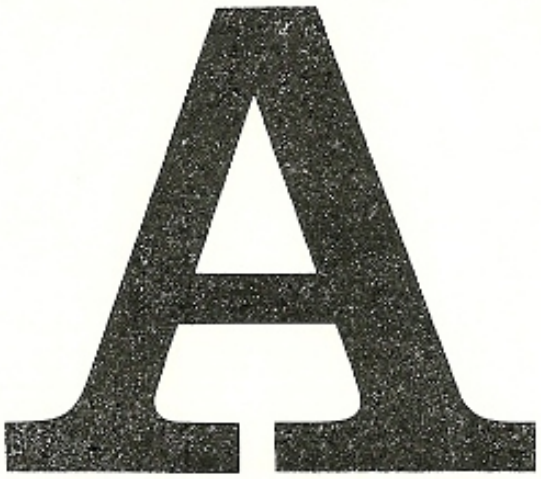
1.ª edição
1972

NUL R. DA COSTA

EDART — SÃO PAULO LIVRARIA EDITORA LTDA.

DICIONÁRIO DA ARQUITETURA BRASILEIRA





Azulejos existentes na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

A CUTELO — Quando qualquer elemento de construção está apoiado sôbre sua menor dimensão, diz-se que êle está a cutelo. O mesmo que à galga.

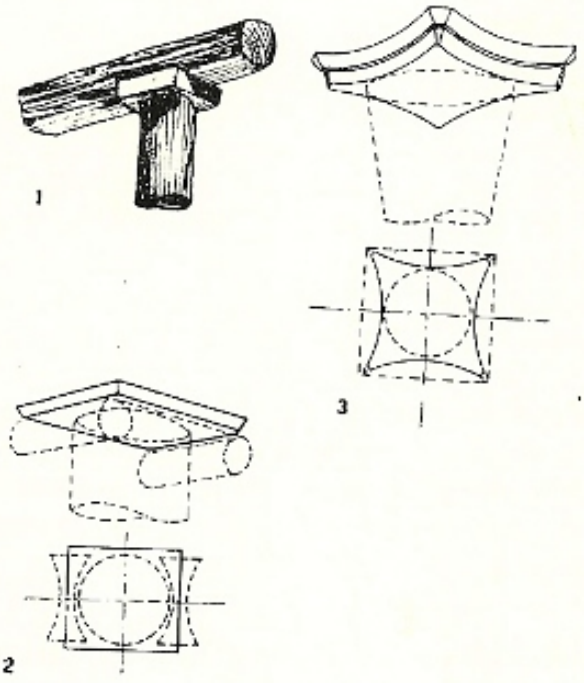
À GALEGA — Designação dada à taipa de mão em Portugal. Diz-se: frontal à galega ou parede francesa. Aliás esta última maneira de chamar perdura até hoje aqui no Brasil, principalmente no litoral paulista, quando se trata da taipa de sebe ou de mão.

À GALGA — Diz-se do tijolo colocado de pé ou do espêlho. Ver A CUTELO.

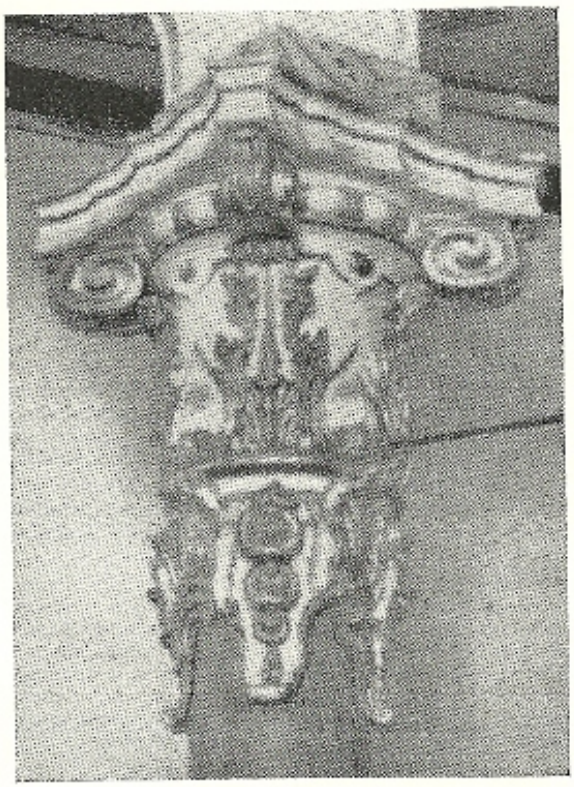
ABA — Extremidade ou parte saliente em obras de carpintaria, alvenaria, serralheira, etc. Sinônimo de beiral; nome que se dá a qualquer prolongamento de telhado além da prumada das paredes. O têrmo também é usado para designar outros elementos constituintes da cobertura: chama-se aba a tábua que é pregada, às vêzes, nos topos dos caibros ou cachorros dos beirais, também denominada testeira. Nome dado, ainda, à tábua, mais ou menos estreita que, presa à parede, arremata os forros de madeira, acompanhada ou não de molduras, guarnições ou cimalhas decorativas. Lâmina de ferro que cobre as guardas da fechadura.

ABACISCO — Diminutivo de ábaco. Pequena divisão quadricular ou pavimento de mosaico, etc.

ÁBACO — Parte superior do capitel de uma coluna, com a finalidade de criar apoio para o arco ou arquitrave. É de forma quadrada nos capitéis antigos das ordens toscana, dórica e jônica. De forma côncava em porção de círculo nas faces e chanfrado nos quatro ângulos, nos capitéis das ordens corintia, jônica e composta, mais recentes (nos executados por Miguel Ângelo, por exemplo.) O têrmo latino **abacus** já vem registrado por Vitruvio. Toma a forma poligonal ou circular no gótico.



ÁBACO — 1) Origem do ábaco, nas primitivas construções; 2) ábaco do capitel jônico; 3) ábaco dos capitéis corintio e composto.



Em nossa arquitetura antiga, a ortodoxia dá lugar a manifestações personalistas e improvisadas que caracterizam, antes de tudo, nossas produções, tão afastadas dos modelos originais, tanto no tempo como no espaço. Como exemplo dêsse fato, aqui vemos um ábaco incorporado como elemento decorativo do capitel pròpriamente dito provocando o aparecimento do novo ábaco, sôbre o verdadeiro, que teve suas funções desvirtuadas. Capitel da Igreja do Carmo de Sabará.

ABADIA — Prédio que abriga ordem monástica cujo superior ou superiora é um abade ou abadessa. Mosteiro. A palavra pode designar, também, o território e bens pertencentes ao abade ou abadessa assim como, a moradia ou residência particular daqueles prelados. É o nome que se dá, ao mesmo tempo, às igrejas cujos curas recebem a dignidade de abade. Genèricamente, entende-se por abadia o conjunto de construções que incluem, além do mosteiro pròpriamente dito, a igreja, a granja e várias outras dependências agrícolas e administrativas que estejam sob o domínio abacial.

ABAIRRAR — Dividir em bairros. Abairrar uma povoação ou classificar por bairros.

ABAIXA LUZ — Abajur. Quebra-luz.

ABAIXA-VOZ — O mesmo que GUARDA VOZ.

ABAJUR — Peça que se põe diante da luz para que o raio luminoso não atinja a vista, ou para dirigir a claridade a determinado ponto.

ABALANÇAR — Ver BALANÇAR.

ABALAUSTRAR — Colocar balaustres.

ABALIZAR — Demarcar a área destinada à construção por intermédio de balizas. Medir terrenos.

ABALUARTAR — Fortificar ou guarnecer com baluartes uma cidade, uma praça, um acampamento.

ABANCADO — Pedra arrancada do último banco inferior da pedreira. Êsse mesmo banco.

ABANCAR — Guarnecer com bancos.

ABAREMOTEMO — Madeira usada em construção cuja árvore do mesmo nome é a leguminosa "Mimosa vaga". O mesmo que ANGICO e BARBATIMÃO.

ABARROCAR — Abarrancar, abarreirar ou obstruir com barrocas. Formar covas e barrrancos.

ABARROTAR — Cobrir com barrotes, encher de barrotes.

ABATEDOURO — Matadouro.

ABATIMENTO — Diz-se da demolição de um edifício ou de parte dêle. Têrmo usado em Portugal que consta de documentos antigos.

ABAULAMENTO — Superfície convexa destinada a dar melhor escoamento às águas pluviais.

ABAULAR — Provocar convexidade. Formar curva dando-lhe uma forma abatida. Ver ABAULAMENTO.

ÁBAX — Ver ÁBACO.

ABAXÓIDE — Em forma de ábax, ou que se parece com o ábax.

ABDITÓRIO — Cofre, relicário.

ABEGOARIA — Construção destinada ao abrigo do gado vacum. Curral.

ABELHEIRO — Orifício que surge na superfície das pedras ou mármores. Lembra os buracos que as abelhas fazem para penetrar nos troncos das árvores, onde executam suas casas ou cortiços.

ABERTA — Abertura, buraco, fenda, grêta. Lugar aberto entre outros ocupados por edifícios. Passo, passagem.

ABERTURA — Rasgos nas paredes das edificações que qualificam a porta, a janela, etc. Todo afastamento entre volumes, frestas. Vão, envasadura.

ABETA — Pequena aba.

ABETE — Ver ABETO.

ABETO — Árvore de aspeto majestoso, cuja madeira tem larga aplicação na construção civil e naval. Espécie de conífera sempre verde da qual se extrai a terebintina de grande uso em obras de arte.

ABETUMAR — O mesmo que BETUMAR.

ABIBLIOTECAR — Conservar, dispor, reunir livros em biblioteca.

ABIURANA — Árvore sapotácea que fornece madeira vermelho-escura, boa para construções civis e de pêso específico igual a 1,16. Lucuma lasiocarpa, Martius.

ABÓBADA — É todo teto côncavo. Pelo menos uma de suas secções é curva. Difere do ARCO quanto à função e à forma. Enquanto um arco delimita um vão em paramento vertical, a abóbada cobre uma superfície. No primeiro a profundidade é menor que o vão, na abóbada, a planta pode circunscrever, no mínimo, um quadrado cujo lado é igual à envasadura. A abóbada é gerada por um arco que se desloca ou que gira em tôrno de um eixo. A estas abóbadas de revolução dá-se o nome de CÚPULAS. Nas abóbadas de alvenaria seus elementos, pedras (aduelas) ou tijolos, têm a forma de cunha e equilibram-se unidos uns aos outros, transmitindo as pressões aos pontos de apoio denominados pés direitos ou encontros. Segundo suas conformações, recebem as abóbadas vários nomes, entre os quais destacamos: ABÓBADA DE BERÇO, SEMI-CILÍNDRICA, DE MEIO PONTO, DE PLENO CIMBRE, DE TUMBA ou DE CANUDO que é aquela formada pelo deslocamento de uma semi-circunferência; ABÓBADA ABATIDA, DE VOLTA DE SARAPANEL ou DE ASA DE CESTO que é aquela cuja secção transversal é uma semi-elipse ou arco abatido ou policêntrico; ABÓBADA OGIVAL que é aquela gerada por um arco ogival; ABÓBADA AVIAJADA que é a que tem por origem um arco aviajado, possuindo por isso, os pés direitos em alturas desiguais. Em geral sustentam escadarias ou rampas. Da intersecção de duas abóbadas de berço, de iguais alturas, que se cruzam em ângulo reto, resulta a ABÓBADA DE ARESTA. Quando as abóbadas de berço têm alturas desiguais, interpenetrando-se, formam a ABÓBADA DE LUNETAS. As lunetas são as abóbadas de menor altura e quase sempre têm por função facilitar a iluminação interior. ABÓBADA DE BARRETE DE CLÉRIGO provém teòricamente da intersecção de duas abóbadas de berço, diferenciando-se da abóbada de aresta pelos quatro triângulos esféricos que a delimitam; enquanto na primeira as arestas são salientes, nesta os cantos são reentrantes. Cobre planta quadrada.

ABOBADAR — formar abóbada, fechar em abóbada.

ABOBADELA — Diminutivo de abóbada.

ABOBADILHA — Pequena abóbada, quase sempre apoiada em vigas metálicas, em cuja feitura são empregados tijolos ou ladrilhos cerâmicos colocados de chapa. Pequena abóbada de berço.

ABOCADURA — Ver SETEIRA.

ABOCETAR — Esboçar.

ABOCINAR — Dar a um arco ou a uma clarabóia, de um lado ou na frente, altura maior que em outro lado.

ABRAÇADEIRA — Peça metálica, em geral lâmina de ferro, com que se seguram as vigas de madeiramento.

ABRAÇO — Ornato que circunda o fuste de uma coluna.

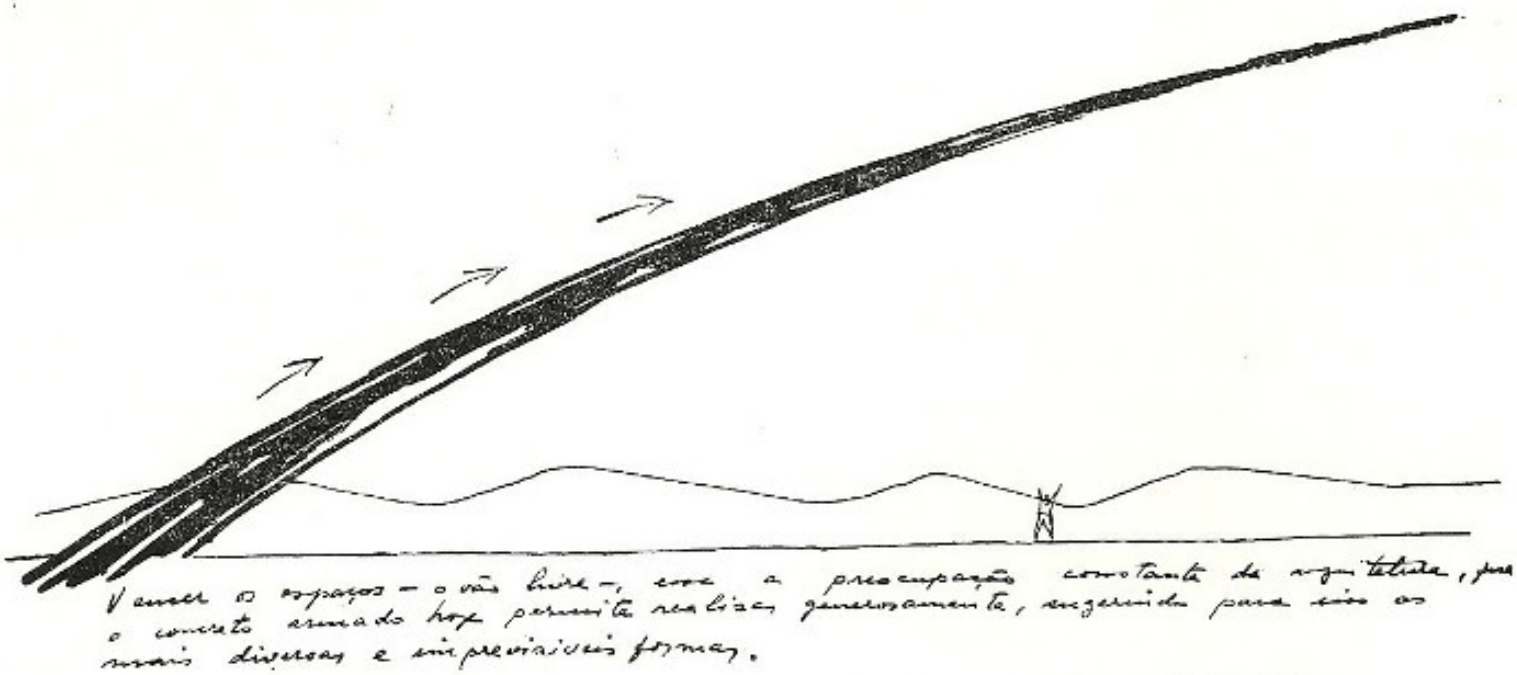
ABRIGA — Abrigo.

ABRIGADA — Abrigo contra as inclemências do tempo. Acolheita. Refúgio.

ABRIGAR — Resguardar das inclemências do tempo. Fornecer ou conseguir o invólucro protetor para subsistir ou viver.

ABRIGO — Lugar onde o homem pode ficar e que constitua um meio de proteção contra a intempérie, chuva, vento, frio ou calor excessivo e a neve. Tôda e qualquer construção

concebida com a intenção de vencer um espaço para uso do homem, uma das funções essenciais da arquitetura. Segundo André Wogenscky: "graças a êle (o abrigo) o homem pode viver em climas que de outra maneira não poderiam ser suportados, em regiões que lhe seriam interditadas, tirando dêle o melhor proveito". Habitação.



Desenho e interpretação de Oscar Niemeyer, aplicável ao conceito geral de abrigo.

ABRONZAR — O mesmo que BRONZEAR.

ABSIDADO — Abobadado, arqueado.

ABSIDAL — O que se assemelha ou tem forma de ábside.

ÁBSIDE — Genèricamente pode-se designar por ábside ou ábsida, qualquer abóbada ou nicho que seja de planta semi-circular ou poligonal. A palavra vem do grego: absis. Era nas ábsides das basílicas romanas que ficavam o pretor e outras personalidades durante as sessões públicas. Com o posterior desvirtuamento de função daqueles edifícios, que passaram a ser usados pela Igreja cristã, aquele local ficou reservado para o côro, lugar de assento do clero, e para o santuário ou altar-mor, significando, simbòlicamente, o paraíso. Com o advento dos retábulos situados atrás dos altares, caiu em desuso o emprêgo da planta semi-circular do recinto, sendo, portanto, incorreta e designação de ábside para aquêles locais onde estão os altares-mores. A palavra é também usada para designar: o oratório reservado situado atrás do altar-mor; certos relicários cilíndricos para ossos de santos; e o dossel sob o qual era exposta a hóstia consagrada.

ABSIDÍOLA — Diminutivo de ábside. Pequenas capelas, nichos ou ábsides secundárias que rodeiam a ábside pròpriamente dita de uma Igreja. Relicário de forma redonda.

ÁBSIS — O mesmo que ábside.

ABSORÇÃO — Ação ou processo por meio do qual um material extrai uma ou mais substâncias presentes na atmosfera. Também se processa entre gases e líquidos.

ABSTRACIONISMO — Tendência nas artes plásticas de início do século XX que tem como princípio evitar o conteúdo imitativo de formas sensíveis da natureza, baseando-se apenas no ritmo das linhas, das superfícies e das côres. O sensível e o emocional se expressam pela técnica do estruturalismo mecânico. A arquitetura tem sido desde muito tempo considerada uma das artes abstratas como a música. Há, porém, fortes tendências na cultura moderna que não antevêem na arquitetura, as mesmas condições formais — apesar do mesmo conteúdo — da pintura e da escultura, para poder chamá-la arte abstrata. Classificam-na arte realista. Ver REALISMO.

ACABAMENTO — Ato ou efeito de acabar uma obra de arquitetura. O acabamento con-

siste no arremate final de todos os elementos constitutivos de uma edificação. Em arquitetura considera-se o acabamento no sentido amplo da técnica e da estética. Há que satisfazer tôdas as condições da construção e também à vista do observador pela conveniente indicação e aperfeiçoamento de tôdas as suas partes.

ACABANADO — Que tem a forma de cabana.

ACABANAR — Dar forma de cabana.

ACACHAPADO — Diz-se das construções baixas desproporcionadas, onde predomina a horizontalidade.

ACADEMIA — Escola de instrução superior, uma faculdade. Casa onde se reúnem os acadêmicos.

ACADÊMIA — Figura de gêsso ou estampa, nua ou com leves roupagens, copiada de modêlo vivo que serve para estudar as formas e anatomia humanas.

ACADEMICISMO — O mesmo que ACADEMISMO.

ACADEMISMO — Tendência nas artes em geral que se caracteriza pela padronização de valôres estéticos, fixando, de antemão condições para a estrutura do objeto artístico. Apesar de ter, inicialmente, elevado sobremodo os aspectos da arte no que se refere à clareza, à ordem, à pureza da composição, resultou num movimento destituído de objetividade na evolução histórica da arte. Em arquitetura deu origem a inúmeros exemplos de mau gôsto em todo o mundo, sendo que no Brasil, caracteriza parte da arquitetura do século XIX que seguiu êsses padrões de beleza inclusive na parte do ensino das artes.

ACAFELAR — Do árabe "acaffelá". Tapar com pedra e cal. Tapar uma porta, uma janela, uma fresta, ou mesmo rebocar uma parede.

AÇAFRÃO DO REINO — Material muito usado antigamente na obtenção de tintas. De côr amarelo-alaranjada provém dos estigmas das flôres da açafroeira, planta bulbosa da família das irdáceas, Crocus sativus, Lin.

AÇAFROADO — O que tem a côr do açafrão.

ACAIACA — Variedade de cedro. Cedrela Brasiliensis.

ACAIXILHAR — Dar forma de caixilho. Fazer semelhante a caixilho.

ACAJACATINGA — Variedade de cedro. Cedrela Brasiliensis. Vel. Citada por Gabriel Soares em sua "Notícia do Brasil".

ACAJU — Nome de duas árvores: a Swietenia Mahogani e a Cedrela adorata, da família das cedreláceas, que fornecem ótima madeira para marcenaria universalmente conhecida por MOGNO. Ver CEDRO VERMELHO.

ACAMBUÍ — Madeira. Ver CAMBUÍ.

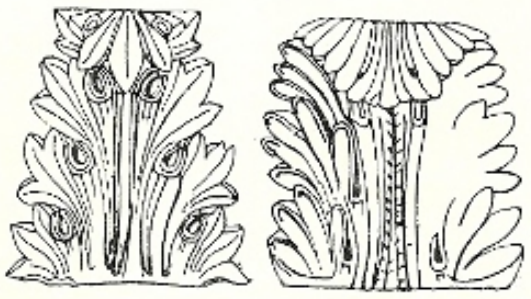
ACANALADURA — Cavidade em forma de ranhura ou estria.

ACANALAR — Fazer ranhuras ou estrias em elementos da arquitetura. Fazer meias canas no fuste da coluna ou da pilastra. Guarnecer de acanaladuras.

ACANOADA — Diz-se das tábuas empenadas no sentido da largura, cujas secções transversais são encurvadas.

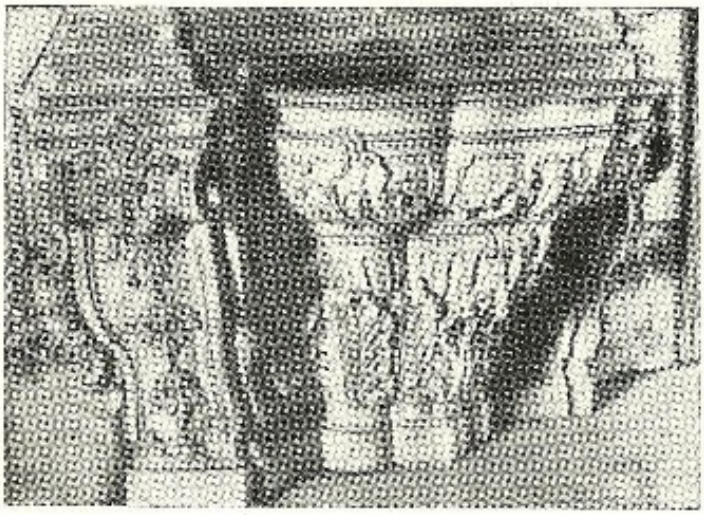
ACÂNTICO — Relativo ou semelhante ao ACANTO.

ACANTO — Planta cujas fôlhas estilizadas serviram para ornar um sem-fim de detalhes arquitetônicos, desde os capitéis coríntios da Grécia antiga até as decorações do ecletismo moderno. Dois são os tipos de acanto: o cultivado e o silvestre. Êste último serviu de modêlo aos escultores. O acanto cultivado, de fôlhas mais refendidas, inspirou os artistas gregos e os modernos. No barroco brasileiro, dada a falta de modelos originais, aquêle ornato perdeu muito de suas características, chegando, mesmo, a ter dêle só o nome. A palavra vem do grego: akantha, que quer dizer espinho.



O primeiro é o acanto grego, o segundo acanto romano.

Detalhe.



Acanto realizado por Aleijadinho na base do lavatório da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Prêto.

ACAPELAR — Construir em forma de capela.

ACAPITALAR — Tornar uma cidade ou uma povoação, capital.

ACAPU — Madeira do vale amazônico que apresenta notável resistência ao fogo, muito empregada nas construções civis e navais, tanoaria e marcenaria. Ótima para dormentes e esteios. Madeira fibrosa e escura. Pêso específico igual a 1.0. Andira racemosa ou Vonacapona americana, Albl. Família das leguminosas.

ACAPURANA DA TERRA FIRME — Árvore paraense que fornece madeira parda escura boa para marcenaria e construções civis. Pêso específico igual a 0.60. Batesia floribunda, Benth. Família das cesalpináceas.

ACAPURANA DA VÁRZEA — Árvore paraense também conhecida por MANAIÁRA, VACAPURANA ou TENTEIRO, que tem largo uso em construções civis, côr vermelha escura. Pêso específico igual a 1.15. Campsiandra Laurifolia, Benth. Família das cesalpináceas.

ACARIBUBA — Árvore da bacia amazônica que fornece madeira parda, boa para obras civis, especialmente para esteios e dormentes, pois é imputrecível. Pêso específico igual a 0.89. Minquartia guyanensis, Anbl. Família das Dlacáceas.

ACASTELAR — Construir ou edificar em forma de castelo. Fortificar.

ACEPILHAR — Alisar ou aplainar com o cepilho, que é uma plaina pequena. Limar. Apurar ou aperfeiçoar.

ACÉQUIA — Canal, aqueduto por onde se derivam as águas dos rios nos sistemas de irrigação. Represa, açude. Cano coletor de águas pluviais.

ACESSO — Chegada, aproximação. Significa, em arquitetura, o modo pelo qual pode-se passar de um local a outro, do exterior para o interior, de um pavimento ao seguinte. O corredor, a rampa, a escala são modos de acesso. No edifício do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, o acesso principal se realiza através dos "pilotis" do térreo.

ACHADOURO — Denominação dada a lugares onde são encontrados vestígios do passado pré-histórico nacional. Existe a variação achadoiro.

ACHARÃO — O mesmo que xarão. Verniz da China.

ACHAROAR — Envernizar, dar aparência de charão.

ACHAUÁ — O mesmo que MAÇARANDUBA.

ÁCIDO FUMANTE — Nome popular, vindo de Portugal, dado ao ácido clorídrico usado nas soldas.

ACIMAR — Levar ao cimo, elevar; concluir obra.

ACIMENTADO — Transformado em cimento.

ACLARAMENTO — Todo o ambiente arquitetônico necessita de aclaramento. É a própria ação de aclarar. Através dos vãos de iluminação obtém-se aclaramento dos interiores. O aclaramento de determinado local deve ser levado em conta na solução técnica e plástica do conjunto arquitetônico.

ACLARAR — Alumiar, tornar claro.

ACLAUSTRAR — Construir em forma de claustro, ou com claustros.

ACLIMAR — Adaptar-se a outro clima, diferente daquêle que se vive normalmente.

ACLIMATAR — Ver ACLIMAR.

ACLIVADO — Que tem aclive. Inclinado.

ACLIVE — Em forma de ladeira íngreme. Inclinação forte de terreno. Ladeira.

AÇO — Composto de ferro e de carbono suscetível de adquirir através da têmpera (resfriamento súbito depois de ter atingido alta temperatura) um elevado grau de dureza e de tenacidade. Material de enorme aplicação na arquitetura. Apesar de ser conhecido desde a mais remota antiguidade, o seu emprêgo na técnica da construção, de forma decisiva, juntamente com o vidro e o concreto, desde a segunda metade do século passado, constituiu parte de um movimento importante na evolução da arquitetura contemporânea.

AÇO INOXIDÁVEL — Denominação dada ao aço resistente à oxidação, tanto a frio como a temperaturas mais ou menos elevadas e resistente também à corrosão pelos ácidos, bases e outros agentes químicos. Segundo composição química, o aço inoxidável pode ser classificado em duas categorias: aço-cromo e aço cromo-níquel. Um grande número de elementos e objetos aplicados à arquitetura são de aço inoxidável.

ACOBREAR — Dar aparência ou côr de cobre a alguma superfície.

ACODADO — Ressalto ou perfilado em esquadro em um paramento de moldura.

AÇOITA-CAVALOS — Madeira empregada em obras internas e serviços de marcenaria, com limite de resistência de 803 k/cm² quando verde e de 1.617 k/cm² com 11% de umidade. Luchea divaricata, M; L. Grandiflora, M.; L. acrophila, M.; L. paniculata; L. speciosa, Wild, família das Tiliáceas.

ACOMODAÇÃO — Ajustar e apropriar uma coisa à outra, segundo as conveniências e proporções. Acomodar o edifício, suas divisões e dependências ao fim a que se destinam, segundo Francisco de Assis Rodrigues. Também chama-se acomodação a operação pela qual o ôlho focaliza automàticamente a imagem sôbre a retina.

ACOMPANHAR — Encostar um elemento de composição arquitetônica a outro mais importante ou maior. Dizia-se "o colunelo acompanha uma pilastra".

ACORDAR — Têrmo pouco empregado que significa ajustar, unir com sabedoria as partes entre si, e estas com o todo, tanto no que se refere à composição como ao acabamento, ao colorido, etc. Harmonizar, equilibrar.

ACORUCHADO — Diz-se do telhado que tem a forma de caruchéu.

AÇOTÉIA — Cobertura ladrilhada, terraço em cima das construções. Mirante. Sotéia.

ACRE — Medida agrária inglêsa e americana equivalente a 40,47 ares.

ACRO — Quebradiço. Diz-se dos materiais de construção que, por serem duros e pouco dúteis, se quebram quando trabalhados. O têrmo é muito empregado em relação ao ferro fundido: "ferro acro".

ACROMO — Sem côr.

ACROPÓDIO — Plinto baixo e quadrado, em que se firma uma estátua.

ACRÓPOLE — Cidadela na parte mais elevada das cidades da Grécia, principalmente daquelas que continham Santuários e obras de arte. A de Atenas é a mais famosa e conhecida.

ACROTERA — Ver ACROTÉRIO.

ACROTÉRIO — Pedestal, sem base e sem cornija, quase sempre, situado no vértice ou nas extremidades dos frontões clássicos, ou colocado, de espaço a espaço, entre balaústres, próprio para suportar estátuas, vasos ou ornamentos. Genèricamente, designa qualquer extremidade ou cimo de uma construção. O mesmo que ACROTEIRO ou ACROTERA.

ACROTEIRO — Ver ACROTÉRIO.

AÇUDADA — O mesmo que AÇUDE.

AÇUDAR — Construir açude.

AÇUDE — Obra de pedra e cal, muito escarpada ou com grande talude. Geralmente destinada a represar água.

ACUÊRA — Adjetivo tupi do vale amazônico que se aplica a coisas passadas cujos vestígios ainda persistem. Oca-acuêra seria uma casa em ruinas. O mesmo que tapera.

ACUNHAR — Apertar com cunha determinados elementos ou escoras.

ACUNHEAR — Dar a alguma coisa ou construção a forma de cunha.

ACÚSTICA — Parte da física e da matemática que explica a natureza, produção e transmissão do som, sua velocidade de propagação nos diferentes meios e os fenômenos de reflexão, refração, absorção, etc. e a conseqüente impressão causada ao ouvido humano. Ciência atual que indaga e estabelece leis acústicas pelas quais hão de ser construídos, a habitação em geral e todos os locais destinados a audições públicas. Tem grande importância na formação do arquiteto, pois de seus conhecimentos de acústica dependerá a boa concepção de determinados ambientes arquitetônicos. Um teatro, um cinema, um auditório e até mesmo a sala de aula devem ter boa acústica. É matéria incluída nos cursos de arquitetura na cadeira de Física Aplicada. Na antiguidade, Vitruvio já referiu-se, ainda que de maneira obscura, à acústica dos teatros.

ACÚSTICO — Relativo à propagação do som. Adjetivo geralmente aplicado para determinados aspetos da solução construtiva de locais que necessitam boa acústica. **Revestimeento acústico**, para obtenção de ótimas condições de propagação do som. **Material acústico**, todo material absorvente do som para revestir paredes e tetos.

ACUTANGULAR — Que forma ângulo agudo. Composição acutangular, aquela que tem todos os ângulos agudos.

ADAPTAÇÃO — Operação pela qual o ôlho tende a compensar automàticamente uma modificação do iluminamento da retina ou da côr da luz recebida. Essa faculdade não é ilimitada e exige um certo tempo para operar. Efeito importante a considerar na contemplação da obra de arquitetura, principalmente nos efeitos de luz e sombra e nos resultados da aplicação da côr.

ADAPTAR — Num sentido geral significa acordar, acomodar, isto é, apropriar um elemento arquitetônico ao todo. Adaptar uma decoração à fachada. Reformar uma obra e acomodar o acréscimo ao conjunto. Usar certo projeto e adaptá-lo a outro terreno.

ADARVE — Sôbre os muros das fortalezas, local onde se andava. Em geral, guarnecido lateralmente de ameias.

ADEGA — Local dos edifícios onde geralmente se guardam vinhos, azeites e outras provisões. Pode ser no pavimento térreo, na maior das vêzes subterrânea, onde haverá sempre temperatura baixa e constante. Deverá ter, nesse caso, meios adequados de ventilação para obtenção das condições de higiene necessárias. Cava.

ADELA — O mesmo que ADUELA.

ADENTAR — Fazer entalhes em forma de dentes. Fazer perfil em forma de serra.

ADEREÇOS — Trastes da casa.

ADERNO — Madeira de lei de grande emprêgo na construção civil, na feitura de postes, dormentes, etc. Tem pêso específico igual a 1021 e limite de resistência de 701 k/cm². Também chamada Chibatan, Ubatan, Ubatan-amarelo, Ib-atan e Jubatan. Astronium commune, Jaq. Família das Anacardiáceas.

ADERNO-PRÊTO — Madeira usada nas construções civis, em obras hidráulicas, marcenarias e carpintaria. Pêso específico médio de 0.949. Astronium concinnum. Schott. Família das Anacardiáceas.

ADERNO-VERMELHO — Madeira de lei muito usada na marcenaria fina e em obras internas de construções civis. Muito conhecida, também, por Gonçalo Alves ou por Guaritá. Pêso específico médio de 0,91. Astronium flaxinifolium, Schott; Astronium gracile, Engl.

ÁDITO — Câmara secreta nos templos antigos. Acesso. Porta, portal.

ADEMA — Antiga designação de alamêda ou caminho arborizado.

ADMINISTRAÇÃO — Casa ou local onde se trata de assuntos de administração pública ou particular.

ADÔBA — Ver ADOBE.

ADOBE — Paralelepípedo de barro de grandes dimensões, que difere do tijolo por não ser cozido ao forno. De barro cru (sêco à sombra e, depois, ao sol) é composto de argila e areia em pequena quantidade. Ao barro é misturado estrume ou fibra vegetal, ou ainda, crina, com o fito de obter-se maior consistência nos blocos. Podem ser argamassados com barro e devem ser revestidos com massa de cal e areia. Existem as variantes morfológicas **adobo** e **adoba.** O têrmo é de origem árabe attobi. Dá-se, também o nome de adobe ou adobo ao seixo rolado dos leitos dos rios.

ADOÇAMENTO — Ação de modificar e adoçar as partes de um todo. Em arquitetura significa igualar um corpo com outro por meio de chanfro, de canelura, etc.

ADOÇAR — Regularizar as partes para obtenção de suavidade no conjunto. Artifício que os antigos arquitetos empregavam por meio de molduras para "moderar a saliência de certas partes ornamentais e angulosas". Concordância ou reunião de um corpo com outro por meio de molduras, guarnições, meias-canas, etc.

ADOQUIM — Ângulo, canto, esquina. Pôsto policial.

ADORATÓRIO — Oratório. Nome dado pelos espanhóis na América aos templos dos ídolos.

ADORNAR — Ornar, enfeitar, ataviar. Embelezar.

ADÔRNO — Todo o enfeite ou ornato usado para aformosear qualquer parte do edifício. ATIVO.

ADOVA — Casa da adova, a sala livre, anexa às cadeias, na qual passeavam os réus de culpas mais leves. O têrmo que significa algemas, por extensão, caracteriza sala onde o prêso descançava, algemado.

ADRO — Espaço aberto fronteiro à igreja, que antigamente era cercado ou murado. Pode ser plano ou escalonado. Existe certa confusão a respeito do significado atual da palavra, que etimològicamente deriva de atrium. Alguns autores, a maioria dêles, definem adro como já o fizemos: pátio que antecede o templo. Outros, porém, incluem ao adro pròpriamente dito certos elementos arquitetônicos, como por exemplo, o alpendre, o nartex ou galilé, o cemitério, e até mesmo, o batistério quando exterior. Adro seria, então, um conjunto de construções anteriores à entrada principal do templo. O mais famoso adro de nossa arquitetura religiosa é o do Santuário do Bom Jesus de Matozinhos (Congonhas do Campo, Minas), monumental obra de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que apresenta na escadaria de acesso as doze figuras dos profetas, trabalhadas em pedra-sabão.

Adro de Congonhas do Campo.

ADUANA — Edifício onde se instala a repartição encarregada de vistoriar e cobrar os direitos de entrada ou saída de mercadorias. Vocábulo mais usado pelos povos de língua castelhana. Ver ALFÂNDEGA.

ADÚBIO — Forma antiga de adubo. Significa a reparação, o consêrto de uma construção.

ADUELA — Primitivamente aduela era o nome que se dava à superfície, tanto interna como externa, da abóbada. Aduela interna nada mais seria do que o intradorso. Depois a designação estendeu-se aos elementos constitutivos do arco da abóbada. É o nome que se dá, então, às pedras ou tijolos em forma de cunha que entram na composição de superfícies curvas de proteção. A aduela central de um arco chama-se pedra de fecho e as que se apóiam diretamente nos pés direitos, saiméis. Aduela é, também, a face interior da ombreira, voltada para o vão da porta ou janela. Às vêzes, o nome estende-se à ombrei-

ra pròpriamente dita, conforme vê-se em certos autores.

ADUFA — Do árabe "adafa". Era um anteparo, muito usado antigamente, formado de pequenas tábuas inclinadas, como na moderna veneziana, que protegia os vãos de acesso e janelas. Eram fixas ou móveis. Adufas fixas foram empregadas nos campanários para resguardarem das intempéries os sinos e carrilhões. O mesmo que GUARDA-VENTO.

ADUFO — Certos autores dão o têrmo como sinônimo de adobe. Adufo seria um grande ladrilho de barro sêco ao sol, como entende T. Lino d'Assumpção. Na verdade, adufo, que vem do árabe: ad-duff, é um instrumento musical, tipo de pandeiro, de forma quadrada e com fundo de couro esticado, onde se bate com a palma da mão. Talvez o ato de amassar e comprimir o barro do adobe dentro da forma lembrasse ao artesão a atitude de quem toca adufo. Daí a extensão do significado.

ADÚSSIA — Palavra antiga que comparece em velhas descrições de igrejas, cuja etimologia é controversa entre os dicionaristas que confusamente dão o significado do têrmo. Preferimos ficar com Frei Domingos Vieira que dá a entender ser adússia o espaço compreendido pelo arco cruzeiro e pela capela-mor. Quer dizer, também, cadeira de espaldar alto.

ADUTORA — Aqueduto. Conduto artificial que leva água de um lugar para outro.

AERAÇÃO — Ato ou efeito de movimentar o ar, arejar. Ventilação. A aeração do edifício, estudo do sistema de ventilação que se adota nesta ou naquela construção.

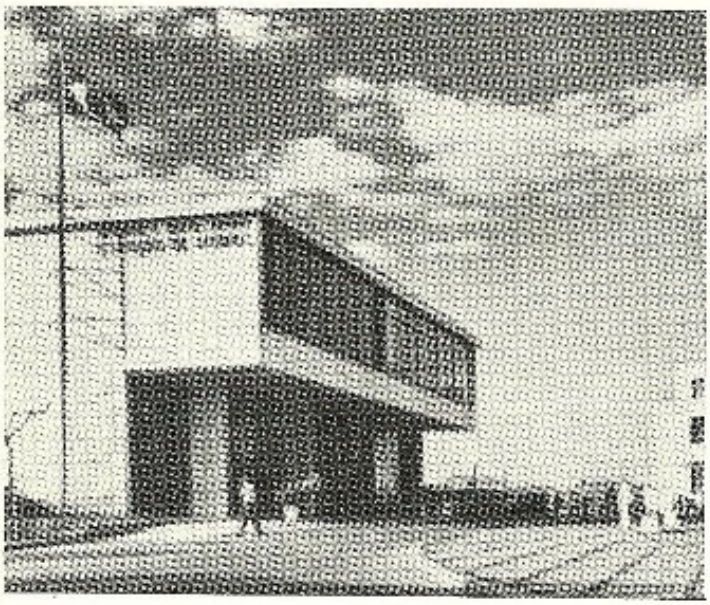
AERAGEM — Ação de arejar ou ventilar.

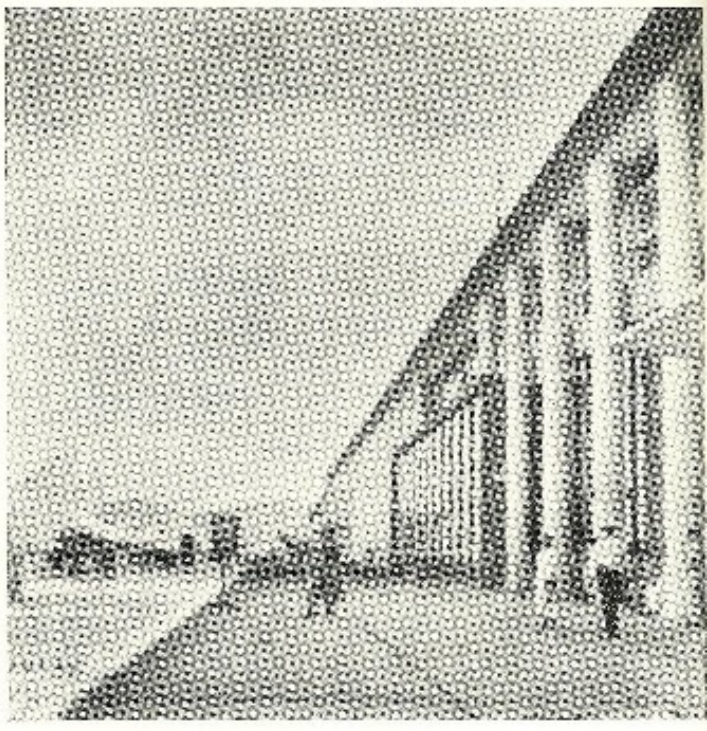
AERÍFERO — Pequena abertura colocada em série nos forros para ventilação, contornando as simalhas. Que conduz ou distribui o ar.

AERÓDROMO — Área definida de terra ou água incluindo todos os edifícios e instalações, na qual normalmente possam descer ou levantar vôo aeronaves.

AERODUTOS — Condutores de ar, nas instalações que são colocadas nos edifícios. Levam o ar puro ou tratado para o interior dos compartimentos ou transportam para o exterior o ar viciado ou imprestável.

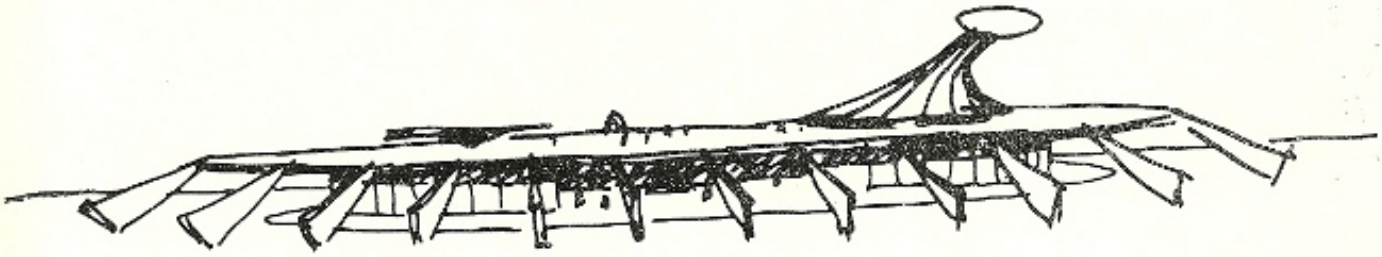
AEROPORTO — Todo acródromo no qual existam facilidade de acesso ao público, número regular de hangares, serviços ou reparo de aeronaves e que possa receber ou despachar passageiros ou carga. Constitui um dos im-

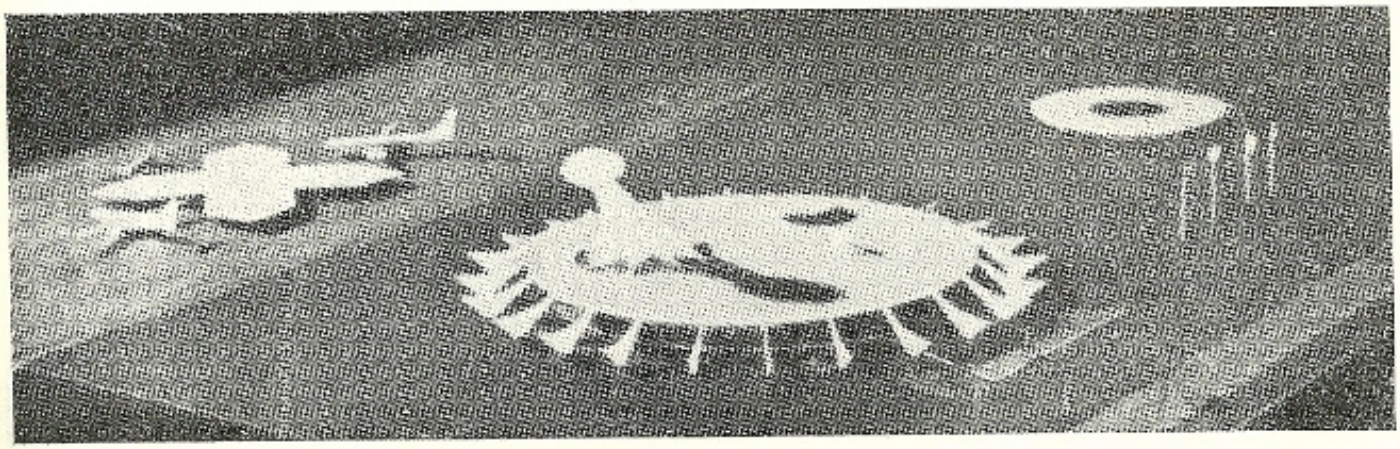




AEROPORTO. Dois exemplos dessa função arquitetônica realizados no Rio de Janeiro. O primeiro é a estação de Hidros do Aeroporto, projeto do saudoso arquiteto Atílio Corrêa Lima; o segundo, é o atual Aeroporto Santos Dumont, projeto dos arquitetos M. M. M. Roberto.

portantes programas de necessidades da composição arquitetônica. Os aeroportos podem ser classificados em: aeroportos para aviões particulares; aeroportos para uso industrial e operações de base fixa; aeroportos para linhas aéreas regulares, que sòmente poderão ser usados por aviões privados em condições controladas; aeroportos de propriedade do govêrno para uso exclusivo de seus estabelecimentos militares e experiências. No projeto de um aeroporto devem ser levados em consideração, pelo arquiteto, os aspectos seguintes: flexibilidade do plano; acessibilidade; dimensões adequadas; eliminação de obstruções; ambientes apropriados; favorecimento das condições meteorológicas; bons serviços auxiliares e a devida proporção entre o aeródromo e os edifícios.





Projeto do Aeroporto de Brasília de Oscar Niemeyer que infelizmente não foi aceito pela Aeronáutica e que se constituiria numa das obras mais importantes da arquitetura brasileira. Croquis e maquete.

AFAGAR — Alisar com a plaina, fazendo desaparecer tôdas as asperezas da madeira com que se confeccionam os soalhos.

AFASTAMENTO — Têrmo empregado para designar as distâncias que separam uma construção do alinhamento da frente e das divisas laterais e do fundo do terreno sôbre o qual ela se encontra. Assim, constam nos projetos, o afastamento de frente, o afastamento dos fundos e os afastamentos laterais.

AFERROAR — Fazer machucaduras ou reentrâncias sôbre um paramento para que a camada de ESTUQUE que se vai aplicar fique bem solidária e não se despregue.

AFERROLHAR — Fechar com ferrôlho.

AFESTOAR — O mesmo que AFESTONAR.

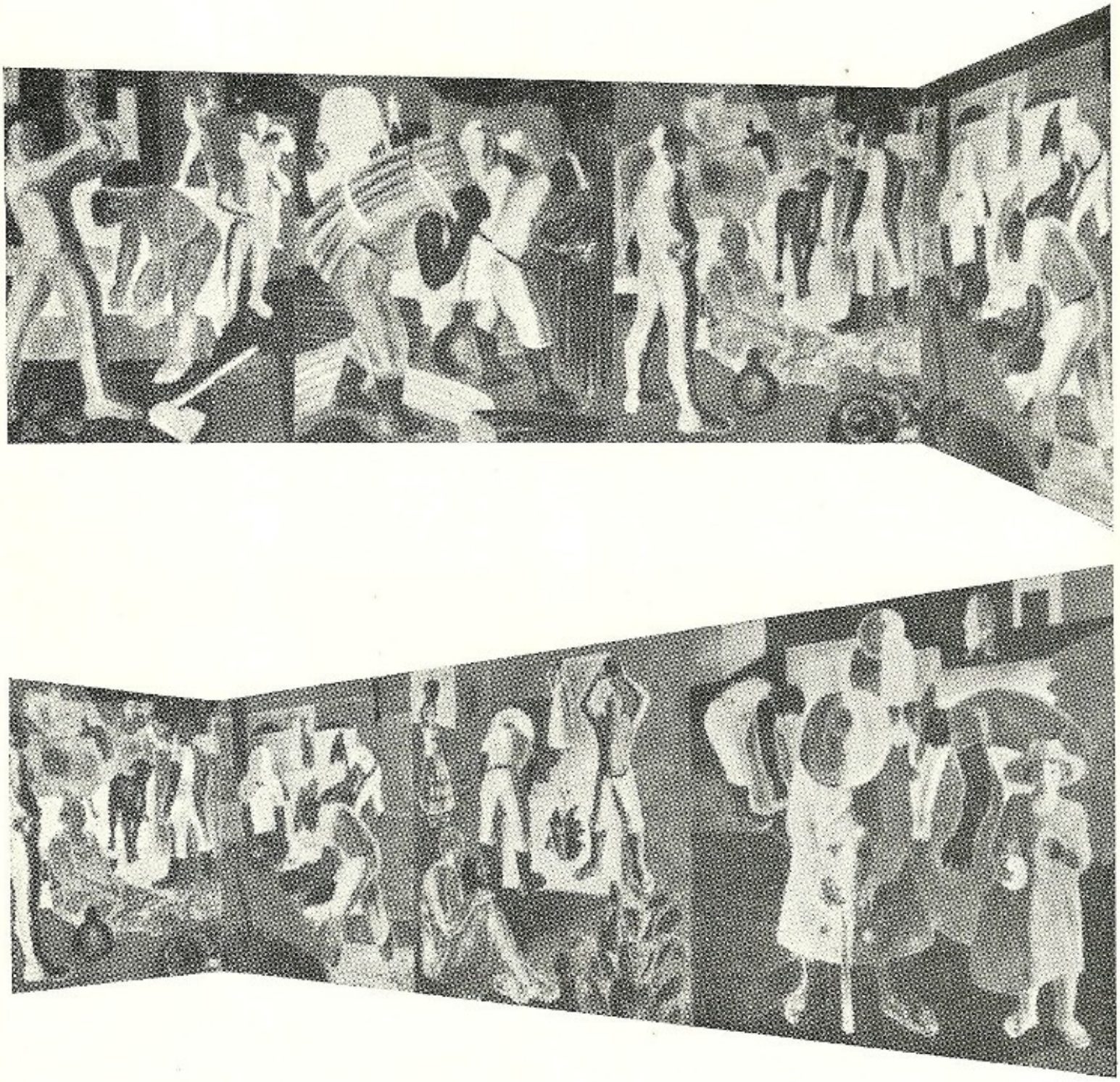
AFESTONAR — Ornar com festões, com flores, frutos, folhagens ou emblemas. Também são usados os têrmos AFESTOAR e FESTOAR.

AFLORAR — Nivelar uma superfície com outra.

AFOGAR — Receber uma argamassa mais água do que aquela necessária. O têrmo é mais aplicado quando se trata de água de chuva, nas ocasiões em que o preparo e estoque de argamassa é feito ao relento.

AFORMOSEAR — Fazer belo, tornar formoso um detalhe. Embelezar uma obra. Adornar.

AFORRAR — Colocar fôrro. Forrar.



Afrescos realizados por Portinari, na sala de reuniões do gabinete do ministro, no edifício do Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro.

AFORTALEZAR — Defender ou proteger por intermédio de fortaleza. Fortificar com muros. Dar aspecto de fortaleza.

AFRESCO — Pintura feita sôbre superfície de rebôco, à base de cal, úmido, no qual processa-se a evaporação lenta da água e a absorção pela cal do carbono do ar, formando sôbre a pintura fina película cristalina e lisa que une as côres com o fundo. Por êste processo obtém-se, por largo tempo, o esplendor da pintura fresca. Têrmo de origem italiana, sendo a Itália o berço das maiores realizações da pintura em afresco. No Brasil existe notável exemplo nos afrescos realizados por Portinari no edifício do Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro.

AFRONTAR — Entre pedreiros de origem portuguêsa, o têrmo designa o fato de um elemento da construção sair fora da prumada de uma parede; invadir, formando saliência, uma passagem; ou, então, obstruir a luz de uma janela ou porta. Por exemplo, uma veneziana que não possuísse dobradiças do tipo PALMELA "afrontaria" o vão da vidraça.

AGALGAR — Dar ao edifício altura maior do que à base.

ÁGATA — Variedade do quartzo, colorido e duro, que além de ser usada em joalharia, é muito aplicada na construção para revestimento de paredes, como o ônix, por exemplo. Também aparece a ágata na decoração e enriquecimento dos interiores de igrejas.

AGEOMETROSIA — Ignorância ou falta dos princípios da geometria. Ageometria.

AGLOMERADO — Todo agregado natural de matérias minerais diversas. Por exemplo, a argamassa de cimento e pedra britada. Ver a segunda parte do têrmo AGREGADO.

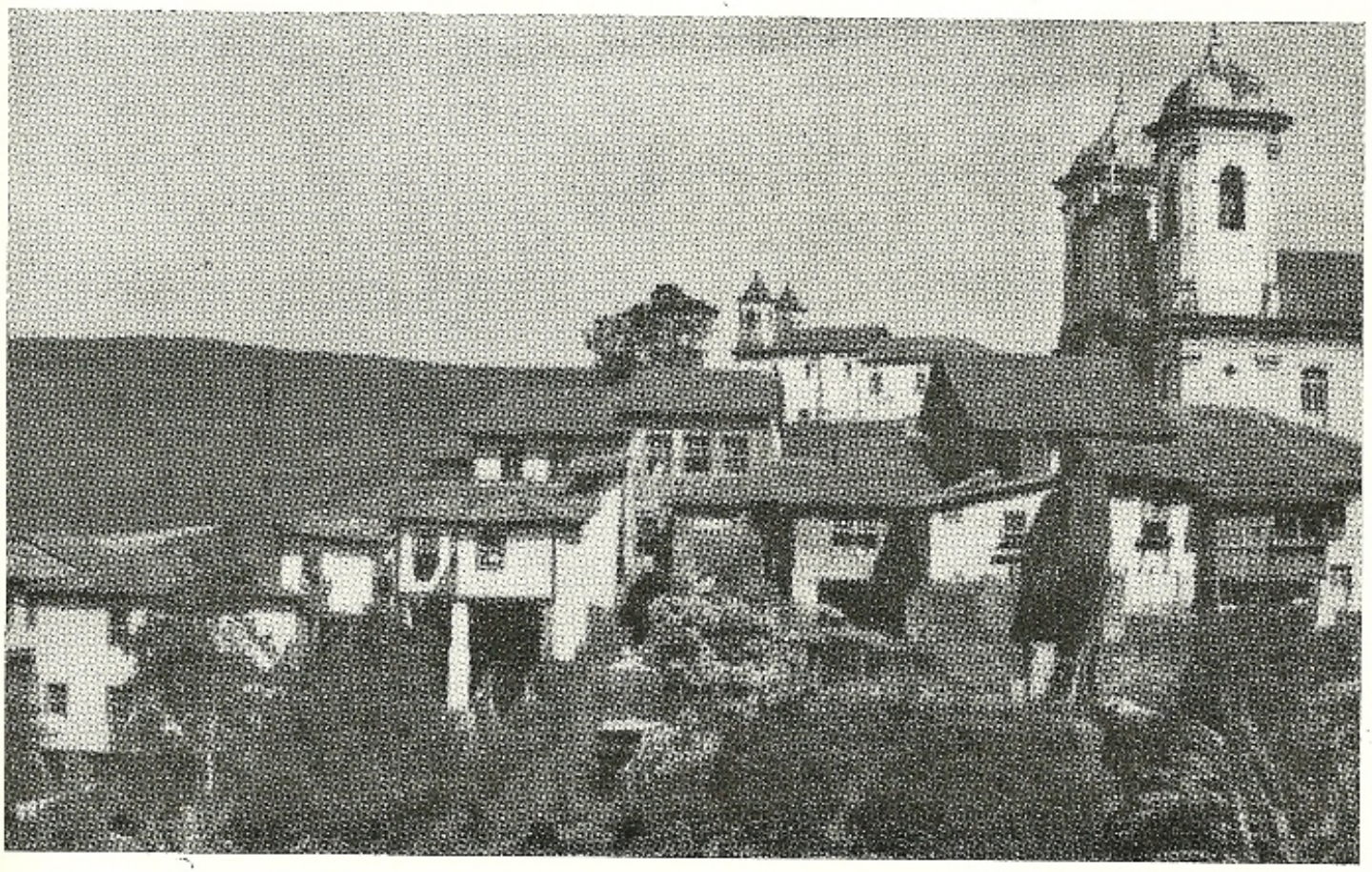
AGNISTÉRIO — O mesmo que capela-mor. Santuário.

ÁGORA — Praça pública onde os gregos celebravam as suas assembléias. Praça do mercado.

AGREGADO — É o material inerte, a areia, o saibro, o seixo, o pedregulho, etc., proveniente de rochas naturais ou artificiais, empregado como é realmente ou fragmentado e que entra na preparação dos concretos e outros conglomerados. Também designa-se por agregado, a massa proveniente da reunião de várias substâncias, podendo formar um corpo sólido.

AGRIMENSURA — Arte de medir a superfície das terras e dos campos. Especialidade técnica que complementa a arquitetura, pois da medição do terreno é que parte o arquiteto para realizar o seu trabalho.

ÁGUA — Elemento natural de larga aplicação e constante uso na vida comum, que adquire importância na arquitetura por constituir a



Na paisagem urbana, as várias modalidades de ÁGUAS de telhado.

base de preparo de vários materiais, conglomerados, etc., empregados na construção. Também torna-se elemento decorativo quando usada em tanques, piscinas, espelhos d'água, etc.

ÁGUA FURTADA — Parte do espaço compreendido entre duas ou mais tesouras nos telhados, de ponto alto, que se atinge por escada própria e que geralmente se destina a depósito. Quando tiver vãos de iluminação, surgirão saliências engastadas no telhado com características especiais. Ver MANSARDA. O mesmo que SÓTÃO. Em São Paulo, pelo menos, o têrmo é sinônimo de RINCÃO, ângulo reentrante no telhado.

ÁGUA DE TELHADO — Superfície plana inclinada de um telhado que vai do espigão à beirada, por onde correm livremente as águas pluviais. Comumente designa-se o telhado pelo número de planos inclinados que possui. Assim, diz-se telhado de uma água, telhado de duas águas, etc. Mais de quatro águas dão ao telhado designações diferentes. Ver TELHADO.

AGUADA — Água na qual se desfaz tinta que geralmente é aplicada sôbre papel. A técnica da aguada é bastante empregada na apresentação dos projetos de arquitetura, principalmente nas perspectivas. É sua característica a monocromia.

ÁGUA-MESTRA — Em telhado de planta retangular, quando existem quatro águas, os dois planos da cobertura, que tem forma trapezoidal são chamados águas-mestras. As outras duas águas triangulares, delimitadas justamente pelos lados menores do telhado, são as TACANIÇAS.

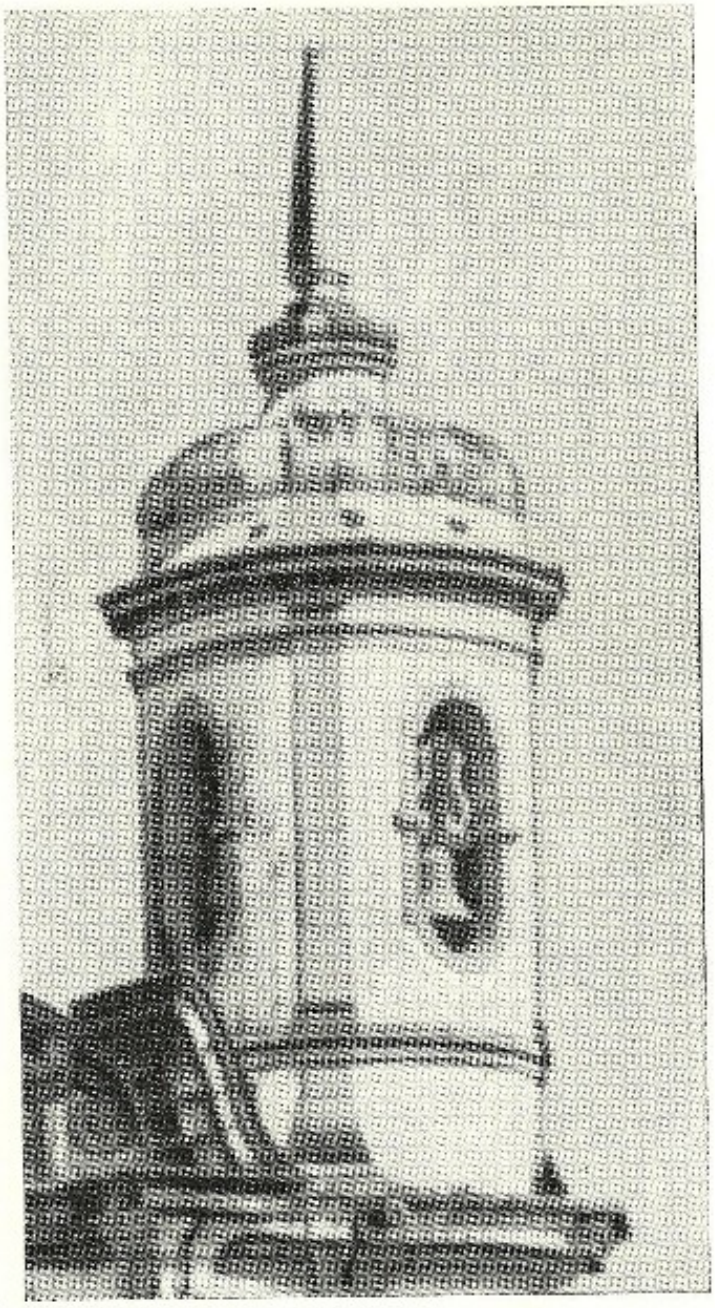
AGUARAÍBA — Nome dado em certas regiões do Brasil à AROEIRA.

AGUARELA — Ver AQUARELA.

AGUARELHA — O mesmo que aguarela e AQUARELA. Têrmo antigo de rara aplicação. Lavadura de água de cola de pelica fraca com gêsso.

AGUARIRANA — Nome dado antigamente, em São Paulo, entre outros lugares, a certa palha com que eram cobertas as casas.

AGUARRÁS — Essência de terebintina obtida pela destilação dêsse líquido, incolor e empregada na dissolução de óleos. Também água-raz ou água-rás em documentos antigos.



Agulha arrematando tôrre da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Prêto, piramidal de faces lisas, sem os ornamentos que comparecem amiúde nos pináculos barrocos.

AGUEIRO — Como dá a entender o verbête, agueiro é o dispositivo que capta e conduz as águas pluviais. O têrmo é mais empregado para designar o tubo que recebe aquelas águas que correm pelos telhados. Por extensão, dá-se também, o nome de agueiro à armação do madeiramento das coberturas ou às peças de que se compõem as asnas. Nome que se dá aos

buracos, em paramentos verticais que deixam passar livremente as águas, tanto pluviais como de irrigação. Vala que recebe águas.

AGUIEIRO — Pau do madeiramento do telhado sôbre o qual cruzam as vigas que sustentam a cobertura. Julga-se que seja correção de guieiro, pau que vai do frechal ou pau-de-fileira ou cumeeira em certos telhados.

AGULIIA — Pequena peça de madeira cilíndrica, com orifícios nas extremidades, que suportava as duas tábuas paralelas do taipal, entre as quais era socada a terra úmida. Nos seus dois orifícios eram encaixados os sarrafos, ou "pontais" que garantiam a verticalidade da parede. Pronta e sêca a camada de taipa pilada, eram as agulhas retiradas e enfiadas em orifícios superiores adrede deixados pelos "tacos". A êstes orifícios, que mais tarde eram enchidos com barro ou paus roliços, dava-se o nome de AGULHEIRO ou CABODÁ. Ver TAIPA DE PILÃO. Pirâmide de pequena base e grande altura. Obelisco. Pináculo, de secção circular, comprido e delgado.

AGULHEIRO — Buraco na parede onde se introduz a ponta do pau ou travessão do andaime. Os pequenos buracos dos ralos, por onde escoa a água. Abertura estreita. O mesmo que CABODÁ. Ver AGULHA. Também designa as pequenas frestas ou orifícios por onde penetra a luz em ambientes desprovidos de vãos.

AIÁ — Nome de certa árvore que fornece madeira boa para esteios, postes e obras externas em lugares úmidos. Encontrável no litoral norte.

AIAMÁRA — Árvore de pequeno porte que fornece madeira de segunda qualidade para carpintaria em geral. Comum no litoral. Posequiria palustris, Mart.. Família das rubiáceas.

AITÁ — Madeira de lei muito dura do vale amazônico. O cerne tem côr vermelha viva e seu alburno é rósco-amarelo esbranquiçado. Densidade média igual a 1,34 para o cerne e 1,16 para o alburno. Brosimum Le Coitei, Duke. Família das moráceas.

AJARDINAR — Converter em jardim. Realizar um jardim em determinado terreno, junto às construções.

AJEITAR — Colocar um elemento arquitetônico da melhor forma possível. Pôr a jeito um detalhe. Acomodar. Adaptar.

AJIMEZ — Têrmo de origem árabe, com emprêgo mais freqüente em língua castelhana. Significa janela arqueada dividida ao centro por uma peça vertical. Aximez.

AJUDANTE — Peça de madeira que escora viga abalada ou fraca.

AJUNTADOURO — Lugar onde se juntam águas pluviais.

AJUNTAR — Unir tábuas pelas juntas. O têrmo é usado com mais freqüência em relação à feitura de soalhos.

AJUNTOURA — Pedra que atravessa uma parede em tôda sua espessura. A palavra, e suas derivadas, são encontradiças em documentos antigos relacionados à nossa arquitetura. Vemos, por exemplo, nas "condições" relativas à obra da Capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Vila Rica (Ouro Prêto, 1766) o têrmo: "Será obrigado o rematante a fazer tôdas as paredes que mostra a planta risco e seu perfil de pedra e Cal bem moçicadas e ajontourados comasliaçoens neçeçarias p.ª Segorança"... São Francisco de Assim de Ouro Prêto. Cônego Raimundo Trindade. Publicações do D.P.H.A.N., n.º 17. Em alvenaria de tijolos, uma peça na posição acima descrita recebe o nome de "tição" ou de perpianho. Ajuntoira.

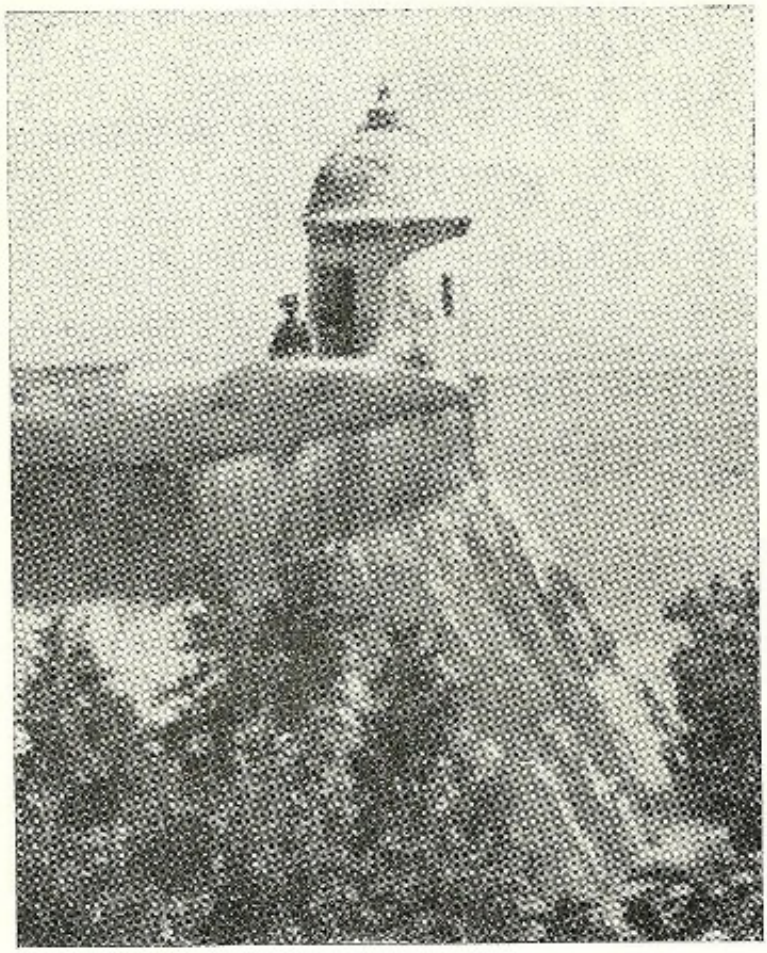
AJUPÁ — O mesmo que tejupar. Choça. Cabana tôsca. Choupana.

AJUSTAMENTO — Em certas ocasiões a palavra é empregada para designar enfeites ou ornatos e, até mesmo, o embelezamento de certos pormenores ou a combinação de detalhes decorativos.

ALA — Parte de um edifício ou de construção que constitui prolongamento do corpo principal. Diz-se ala direita ou ala esquerda, não em relação à pessoa que o observa de frente, mas em relação ao edifício pròpriamente dito.

ALABÁSTRICA — Arte de trabalhar no alabastro.

ALABASTRINA — Lâmina do alabastro muito fina que fazia o papel de vidro em caixilhos.



Muralha alamborada ou alambor do Forte de Santo Antônio. Além do Carmo em Salvador, Bahia.

ALABASTRITO — Falso alabastro.

ALABASTRO — Calcáreo esbranquiçado translúcido, pouco resistente ao choque e semelhante ao mármore, muito usado na confecção de adornos, esculturas de vulto e pormenores arquitetônicos.

ALAÇOR — Do árabe "alasfor"; nome também dado ao açafrão.

ALADEIRO — Caminho íngreme ou sucessão de ladeiras.

ALAMBOR — Escarpa. Face inclinada dos muros de arrimo e dos embasamentos de certas construções de alvenaria.

ALAMBORAR — Dar escarpa ao muro. Também aplicado no sentido de abobadar ou dar lombada convexa e, ainda, inclinar. Aparece às vêzes com a grafia alomborar.

ALAMBRADO — Quer dizer cercado ou fechado por meio de fios de arame. Hoje, a palavra designa cercaduras feitas com arame trançado.

ALAMBRAR — Cercar um terreno ou um lote com fios de arame.

ALAMÊDA — Qualquer avenida ou rua ornada com árvores. Primitivamente constituía tôda via pública plantada, destinada ao passeio. Passeio arborizado nos jardins.

ALAMEDAR — Transformar em alamêda ou construir uma alamêda.

ALAMPADÁRIO — Ver LAMPADÁRIO.

ALARIFAÇO — Grande ALARIFE.

ALARIFE — Do árabe "alarif", que significa o que conhece, o que está bem informado; chefe de grupo. Empregado antigamente para designar arquiteto, mestre de obras, construtor. Têrmo recolhido pela primeira vez por Viterbo.

ALAROZ — Armação de madeira que serve de marco a um biombo, nos vãos das portas.

ALBÁRIO — Estuque em cuja composição entra pó de mármore, que servia para clarear paredes.

ALBARRADA — Têrmo antigo que designava muro de resguardo, feito de alvenaria de pedra sêca. Valado ou cêrca.

ALBARRADO — Forrado, revestido, alcatifado. Ver ALCATIFAR.

ALBARRANA — Tôrre em muralha de fortificação.

ALBERGÁRIA — Casa ou acomodações para hóspedes nos conventos ou mosteiros. Nome dos antigos hospitais. Pousada. Estalagem. Hospedaria.

ALBERGUE — Têrmo de origem árabe: "barga", que quer dizer choça, palhoça, casa e significou durante muito tempo pousada, morada, vivenda. Figuradamente, depois, passou a significar casa onde alguém se recolhe para pousar ou abrigar-se da intempérie, seja pagando ou por caridade. Constitui um programa arquitetônico, no qual se prevê o recolhimento de grande número de pessoas sem teto e sem amparo, os chamados mendigos, que se conhece por Albergue Noturno. Ainda, hospedaria, casa de pouso ou refúgio, asilo, abrigo, etc.

ALBIZO — Barro branco, greda.

ALBOIO — O mesmo que alboi. Orifício destinado a iluminar desvãos ou águas-furta-

das. Diz Laudelino Freire, no seu dicionário que o professor Dr. J. M. Piel supõe seja a palavra corrupção de "ôlho-de-boi". Alpendre. Casa grande abandonada.

ALBOLITA — Cimento em cuja composição entram magnesita calcinada e cloreto de magnésio.

ALBURNO — Nos troncos das árvores, camada situada entre a casca e o cerne, cuja madeira não se presta para obras em geral devido à sua menor resistência, pouca durabilidade e facilidade com que é atacada pelos insetos xilófagos.

ALCÁÇAR — Antigo palácio dos mouros em Toledo. O nome passou a designar, depois, tôda e qualquer habitação suntuosa ou palácio fortificado.

ALCAÇARIA — Antiga construção destinada ao alojamento de mercadores em trânsito possuindo, por isso depósitos para mercadorias. O têrmo vem do árabe "al-Kaisariia" e quer dizer casa grande rodeada de pórticos ou lojas.

ALCÁCER — Ver ALCÁÇAR.

ALCACHÔFRA — Do árabe "alkharxufa". Ornato em forma de pinha, representando aquêle vegetal de maneira estilizada. Tal ornato normalmente recebe o nome de alcachofa, corruptela dêste verbête.

ALCAÇOVA — Têrmo originado da palavra árabe "alcasba" que significa fortaleza ou castelo fortificado.

ALÇADO — Projeção vertical ou elevação. Desenho de uma fachada ou de um corte.

ALCANFOR — O mesmo que cânfora.

ALCANTILAR — Talhar a pique ou dar aspecto íngreme, em escarpa. Aplicado para determinados serviços de corte, por resultarem semelhantes ao alcantil que é a rocha escarpada talhada a pique ou ao despenhadeiro.

ALÇAPÃO — Portinhola, que gira em tôrno de eixo horizontal, situada em pisos ou forros, servindo de acesso a locais normalmente inatingíveis: acessos a desvãos de telhados, a porões ou adegas. Em nossa antiga arquitetura foram freqüentemente empregados nas "casas de câmara e cadeia" servindo de acesso único às celas dos detentos. É o nome que se dá, também, a certo dispositivo cênico que permite o escamoteamento rápido de objetos ou atôres do palco.

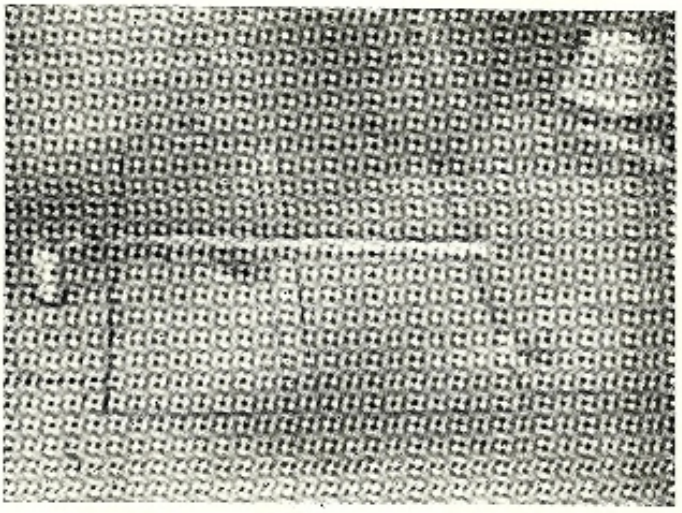
ALÇAR — Ação de levantar uma parede; altear; edificar.

ALCARIA — Depósito de instrumentos de lavoura nas propriedades agrícolas.

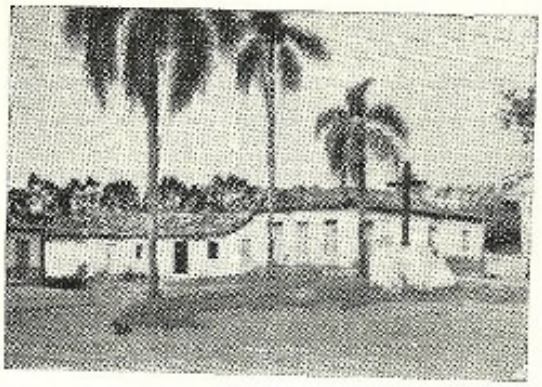
ALCATIFAR — Revestir o chão com tapete. Diz-se alcatifado ou atapetado. Alfombrar, esteirar. Num sentido figurado é também empregado como cobrir, enfeitar ou paramentar.

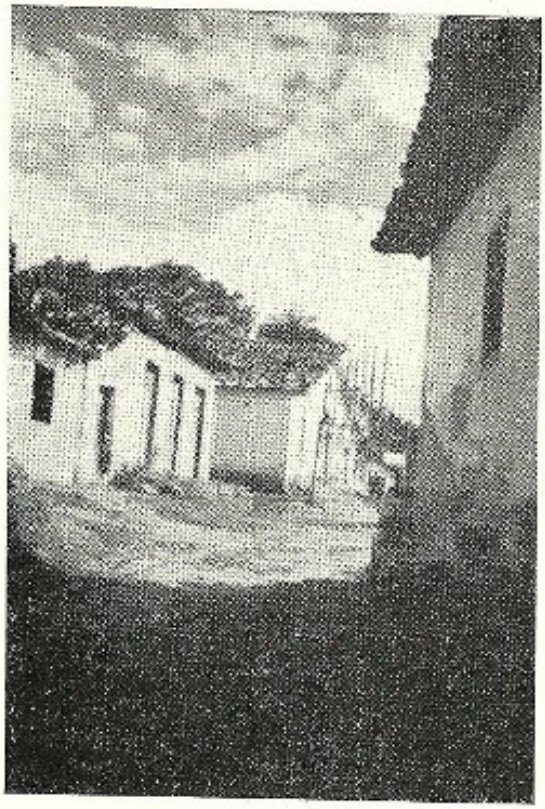
ALCATRÃO — Nome dado aos líquidos espêssos, viscosos, castanhos ou negros, de cheiro intenso e desagradável, obtidos da destilação de vários produtos combustíveis, principalmente da hulha e da madeira. O de hulha é o mais importante, por ser empregado como impermeabilizante nas construções e na pavimentação de ruas bem como agente de conservação de madeiras.

ALCATRUZ — É o nome dos vasos cilíndricos que, fixados à roda da nora, serviam para trazer água do fundo das cisternas. Por extensão, dada a semelhança de forma dos objetos, a palavra passou a designar manilhas ou tubos. O têrmo é empregado constantemente em documentos, "condições" ou têrmos de contratos antigos com êste significado. Em Minas, no século XVIII, os alcatruzes eram de pedra-sabão com diâmetros que variavam em tôrno dos dez centímetros e comprimentos próximos ao meio metro. Externamente



Alçapão de acesso à única enxovia da Casa de Câmara e Cadeia de Pilar em Goiás. Construção do século XVIII.





As três fotografias mostram aspectos atuais da Aldeia de Carapicuíba, nas proximidades de São Paulo.

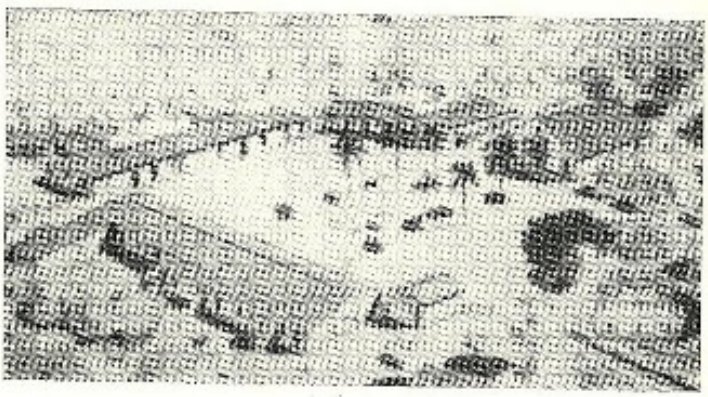
eram de secção poligonal e suas juntas eram tomadas com betume. D. Clemente da Silva Nigra em Construtores e Artistas do Mosteiro de São Bento, do Rio, refere-se a alcatruzes de louça vidrada empregados no chafariz da capela de Nossa Senhora da Conceição, construída, entre 1733 e 1736, na horta do mosteiro por Frei Manoel da Cruz e Conceição. Afonso de Freitas fala, também, que em São Paulo foram usadas manilhas ou alcatruzes de papelão.

ALCÁZAR — Do árabe "alkar". Casa de diversões. É também, o mesmo que alcaçar.

ALCOBILHA — Diminutivo de alcova.

ALCORÃO — Lusitanismo que significa sótão onde se guardam trastes velhos.

ALCOVA — A palavra vem do árabe "al-kubbâ" e etimològicamente quer dizer abóbada de um edifício, cúpula, edifício em abóbada. Tabernáculo, ermida ou, ainda, pequeno edifício levantado em memória de pessoa importante. Através da língua andaluza passou a designar "compartimento da casa" e especialmente o dormitório. Hoje em dia quer dizer pequeno quarto. Local reservado para o leito. Vulgarmente, entende-se, no Brasil, por alcova todo dormitório situado no interior das residências, sem janelas para o exterior. Nas construções mais importantes do século XIX eram as alcovas iluminadas, durante o dia, por portas envidraçadas que davam acesso a cômodos com luz direta. Vale a pena transcrever aqui as pitorescas expressões de Cesar de Reinville sôbre as alcovas: "...inventadas no século XVII, são destinadas a receber uma ou duas camas; estas construções são inconvenientes, e nunca se devem usar, porque



Perspectiva aérea da Aldeia indígena de Carapicuíba, de autoria do arquiteto Luís Saia.

reconhece-se que é muito ruim para a saúde dormir-se em um lugar em que o ar não pode ser renovado. Se, não obstante isso, se quer construir alcovas, as suas dimensões nunca deverão ter menores de 0,98 m sôbre 2,10 m, porque, em caso contrário, não se poderia colocar nelas marquesas. À direita e à esquerda da alcova costuma-se colocar pequenos gabinetes, que comunicam com a alcova por meio de pequenas portas, e cujas paredes são de tábuas engradadas com macho e fêmea. A decoração das alcovas e dêstes gabinetes depende do gôsto e da despesa que se quer fazer com isto", em "O Vinhola Brasileiro". Rio de Janeiro, 1880. Alcoba.

ALDEAMENTO — Divisão em aldeias. Povoação de índios. Ver ALDEIA.

ALDEIA — Em Portugal, aldeia seria um pequeno conglomerado de habitações sem jurisdição ou administração própria. No Brasil emprega-se, no caso, a palavra povoação. Em nosso país, no entanto, o têrmo aldeia é usado para designar e caracterizar os locais onde eram recolhidos, em nossos primeiros tempos, os índios sujeitos à tutela das missionários ou autoridades leigas. Muitas de nossas antigas aldeias transformaram-se em florescentes cidades; outras, porém, estacionaram ou desapareceram. Interessante exemplo de aldeia de índios, com sua igreja e cruzeiro, ainda existente e conservado é a de Carapicuíba, nas proximidades de São Paulo. No Paraná eram as aldeias conhecidas por "toldos" e na Bacia Amazônica por "malocas".

ALDRABAGATO — Tipo de ALDRAVA.

ALDRAVA — Tranca de ferro que era usada para escorar portas ou janelas. É, também, o nome de pequena tranqueta com dispositivo que permite que a porta possa ser aberta pelo lado de fora. Finalmente é o nome dado à argola ou maça metálica que fica por fora da porta de entrada, móvel em tôrno de um eixo, que serve, por meio de batidas, para fazer o visitante ser atendido. O mesmo que aldraba.

ALECRIM — Madeira de lei empregada em construção civil, na marcenaria e carpintaria. Sinonímia: Alecrim do Campo, Alecrim do Mato e Alecrim Bravo. Hypericum laxiusculum, St. Hil. Família das Gutiferáceas.

ALEGORIA — Dá-se êsse nome a tôda obra de arte que apresente uma idéia sob forma figurada. Às vêzes, representando uma coisa, dá idéia de outra.

ALEGRAR — Abrir as juntas dos tijolos ou pedras, limpando-as, para em seguida colocar argamassa que as complete novamente dando-lhes maior coesão.

ALEGRETE — Têrmo de pouco uso que designa as pequenas divisões quadrangulares de pedra, tijolo ou madeira, cheias de terra, nas quais se cultivam flôres e que eram colocadas nos jardins ou nas varandas e que por alegrarem a vista, tomaram êsse nome.

ALÉIA — Passadiço ou passagem entre dois muros. Passeio, rua entre carreiras de árvores. ALAMÊDA.

ALETA — Diminutivo de ala. Quando um pé direito, ou membro, é comum a dois arcos, dá-se o nome de aleta a cada uma de suas faces voltada para o vão. Neste caso também é usada a designação do ALHETA. Outro significado desta palavra encontramos na Enciclopédia da Vida Corrente", que diz: "curva ou voluta com a qual se atenuava a dureza dos ângulos retos formados por dois corpos ou andares de largura desigual. Recurso muito usado no século XVII, principalmente no barroco.

ALFAIA — Qualquer dos objetos que completam a suntuosidade de uma casa. Paramentos, adornos, enfeites. No primeiro sentido pode ser uma peça de baixela, no outro, um móvel da decoração interna.

ALFAIAMENTO — Arranjo ou ornamentação de uma casa.

ALFAIAR — Adornar ou guarnecer com alfaias. Adornar, ornamentar.

ALFÂNDEGA — Edifício no qual se instala a repartição fiscal encarregada de vistoriar e cobrar os direitos de entrada ou saída de mercadorias e bagagens em trânsito. Palavra de origem árabe que tem como sinônimo a expressão ADUANA.

ALFOMBRA — Tapête, alcatifa.

ALFOMBRAR — Cobrir de alfombra. Alcatifar, guarnecer com tapête.

ALFURJA — Pátio interno para dar ar e luz aos cômodos de uma habitação. Do árabe "al-furdja". Rua estreita.

ALGAROBO — Madeira de lei empregada na construção civil e na marcenaria. Prossopis algarobilla, Grieseb; Mimosa Juliflora, Swartz.

ALGEROZ — Palavra com origem no têrmo árabe "al-zarub". É o nome dado ao condutor de águas dos telhados, embutidos no interior das paredes. Rainville no seu "O Vinhola Brasileiro" descreve o algeroz e indica-o como substituto das incômodas gárgulas que despejavam água sôbre os transeuntes. Laudelino Freire, no seu dicionário, diz que algeroz também é o nome da "parte saliente do telhado para desviar as águas da parede que o sustenta". Nada mais seria que o beiral. E talvez seja por isso que José Wasth Rodrigues (Revista do S. P. H. A. N., n.º 9, pg. 170) chama de algeroz o "beiral formado de diversas ordens de telhas sobrepostas". Ver BEIRA, SOBEIRA.

ALGIBE — Reservatório de águas pluviais. Vem do árabe "al-jubb".

ALHANAR — Têrmo comum ao português e ao castelhano que significa terraplenar, igualar, desimpedir, ou ainda, assolar ou arrazar.

ALHETA — Reentrância horizontal deixada entre as pedras da alvenaria, nos paramentos dos edifícios. Ver ALETA.

ALHETE — Pequeno canal aberto nos peitoris das janelas, ou nos pisos das sacadas, para favorecer o escoamento de águas pluviais.

ALICÉCE — Grafia primitiva de alicerce, muito usada popularmente em Portugal no século XV e, segundo alguns autores, mais de acôrdo com a etimologia árabe (de "ssas" com o artigo "al"). Ver ALICERCE.

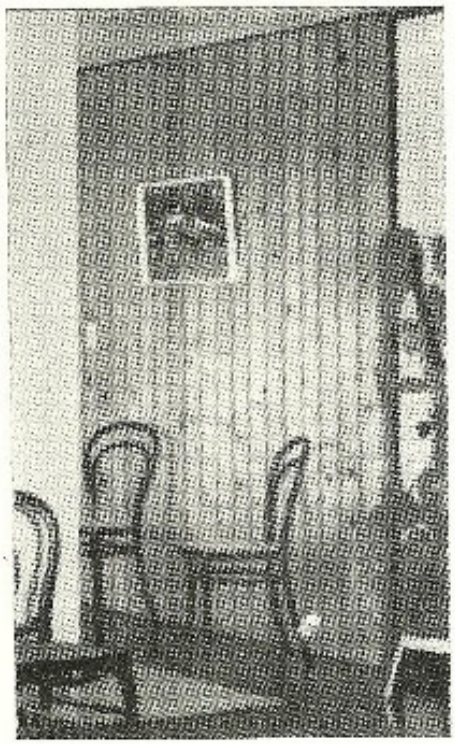
ALICERÇAR — Preparar ou fazer o alicerce de qualquer construção.

ALICERCE — Base, fundação, fundamento, sustentáculo. Maciço de alvenaria enterrado, que sustenta as paredes da construção. Existe antiga regra prática que dá ao alicerce a sexta parte da altura da parede que sustenta. Vulgarmente, dá-se, também, o nome de alicerce à escavação que recebe a alvenaria de sustentação. Diz-se: "abrir os alicerces", isto é, abrir as valas que receberão o alicerce pròpriamente dito. A largura dos alicerces é, em geral, igual ao dôbro da espessura das paredes sustentadas. Nas construções de taipa de pilão o alicerce é simples prolongamento da parede, não havendo solução de continuidade. Luís Saia (Revista do S. P. H. A. N., n.º 8, pg. 228) notou que, em São Paulo, quanto mais antigas as construções, mais profundos eram os alicerces. Aliás essa observação pode ser extendida a tôdas as construções do Brasil antigo e às várias técnicas construtivas. Nas construções de alvenaria, qualquer que fôsse a sua natureza, os alicerces eram sempre de pedras, as maiores possíveis, bem acomodadas e calçadas com pedras menores. A argamassa usual era o barro, introduzido nos intertícios por gravidade, em forma de calda. Posteriormente a tal prática é que surgiu o emprêgo da argamassa de cal.

ALIGÁTOR — Ligação especial para madeiramento, várias vêzes mais resistente do que o entalhe ou o parafuso, de forma anelar com dentes, que é colocada entre as peças e apertada de maneira a penetrar completamente na madeira. Também denominada JACARÉ.

ALIDE — Enfeite, ornato.

ALINHAMENTO — Significa em geral todo ato de alinhar. Também se refere à linha



Na parede, alizar ou lambril de tábuas de encaixe "macho e fêmea". Projeto do arquiteto Rodolfo Ortenblad Filho.

legal traçada pela autoridade competente, que limita o lote em relação à rua.

ALINHAR — Fazer um alinhamento. Colocar uma construção no alinhamento previsto. Demarcar as fundações de um edifício com o auxílio da linha, do cordão. Concordar os alicerces ou as paredes.

ALISADEIRA — Aparelho para alisar metal ou madeira.

ALISAR — Ação de tornar lisa, sem asperezas, plana, igualada uma superfície de madeira, de pedra, etc. para obter-se maior beleza, isto é, com determinada intenção para estabelecer contrastes.

ALISTÃO — Pedra facada para alvenaria.

ALIZAR — Têrmo de origem árabe que significa aquilo que cobre o corpo. A túnica. Por extensão, alizar é o nome dado aos revestimentos das paredes, ombreiras e fôlhas de janelas. É a guarnição de madeira da parte interna das portas e janelas. É a régua fixa na parede, para proteção, na altura do encôsto das cadeiras. Também designa a faixa revestida de azulejos decorados, de mármore, de ladrilhos ou de madeira na parte inferior das paredes, que toma o nome de lambris ou lambri, e, ainda, lambrim. Em alguns lugares como no Rio de Janeiro, designa-se alizar apenas a guarnição de fora das portas ou janelas, diferenciando-a do marco que constitui a parte interna.

ALJEROZ — O mesmo que ALGEROZ.

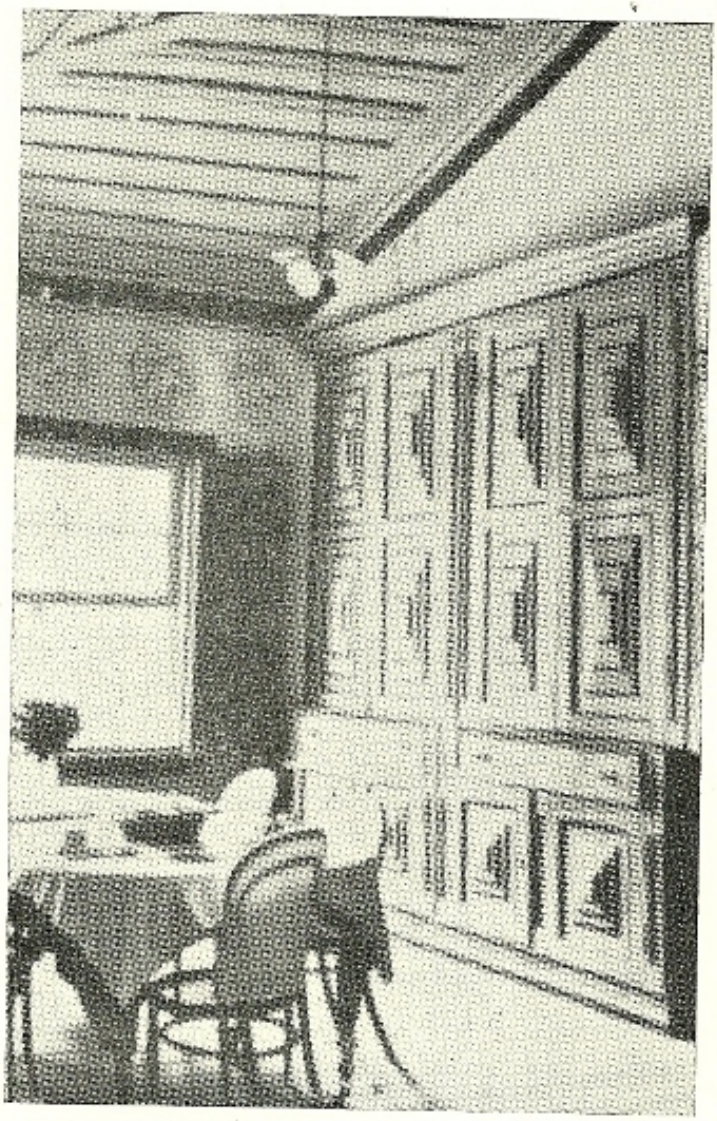
ALJUBE — Prisão de padres. Do árabe "al-jobbe", que diretamente quer dizer, cova profunda, cisterna. Extensivamente é que veio a significar cárcere. O aljube ficava junto do mosteiro. Mais modernamente, ainda, designa prisão para mulheres. Cárcere provisório. Cômodo sem aberturas para o exterior.

ALMA — Parte correspondente à altura dos perfis metálicos. Ver BANZO.

ALMA DE SERRA — Madeira de construção. Ver PAU-SETIM.

ALMÁCEGA — Pequeno reservatório de águas pluviais.

ALMAGRE — Terra vermelha argilosa, "oxidum rubrum ferri", empregada em pinturas. É, também, denominada "vermelho indiano"; "bôlo armênio" ou almagra. É usada na indústria do lápis.



Portas almofadadas de armário embutido, na sala de jantar da sede da Fazenda Pau D'Alho em S. J. do Barreiro, Estado de São Paulo.

ALMÉCEGA — Madeira usada na construção, conhecida também por Icicariba. A árvore produz resina branco-amarelada com largo uso no preparo de vernizes. Também se dá o nome de almécega à resina do lentisco, espécie de goma, "mastiké" que tem origem na Índia. Protium brasiliense, Engl; P. icicariba, March. Família das burceráceas, com pêso específico de 0,971.

ALMOCAMBAR — Reunir em mocambos.

ALMOCAR — Ver ALMOCAMBAR.

ALMOFADA — A palavra é de origem árabe, com etimologia controvertida. Em arquitetura, pintura, escultura e marcenaria designa genèricamente tôda e qualquer superfície de pequena extensão circundada ou fechada por filetes, molduras ou reentrâncias. Nos in-

tradorsos das cúpulas, as faces aparentes das aduelas chamam-se almofadas. "Almofada de leito" é a face de uma pedra de alvenaria. O têrmo é empregado com mais freqüência na carpintaria e marcenaria. Diz-se porta almofadada quando a fôlha da mesma apresensenta retângulos reentrantes ou salientes, que podem ser ou não decorados com elementos figurativos ou com molduras sobrepostas. Quando os tetos são almofadados recebem o nome de ARTESOADOS.

ALMOFADADO — Elemento que sobressai em relêvo, em obras de cantaria ou de madeira guarnecido de almofadas.

ALMOFADÃO — Primeira pedra que fica assentada sôbre o contraforte no nível do teto horizontal e do sobreleito inclinado.

ALMOFADAR — Ornar com almofadas ou relevos os trabalhos na madeira ou na pedra que constituem a parede, o móvel, a porta ou a janela, etc.

ALMOFADINHA — Parte lateral da voluta do capitel jônico.

ALMOXARIFADO — Depósito onde se guardam e arrecadam objetos pertencentes a um estabelecimento ou organização pública ou particular.

ALOJAMENTO — Local destinado à habitação, distribuído em lojas ou quartos seguidos. Ato de alojar. Característica do quartel e de outras funções em que se abrigam grupos de pessoas.

ALOMBORAR — Ver ALAMBORAR.

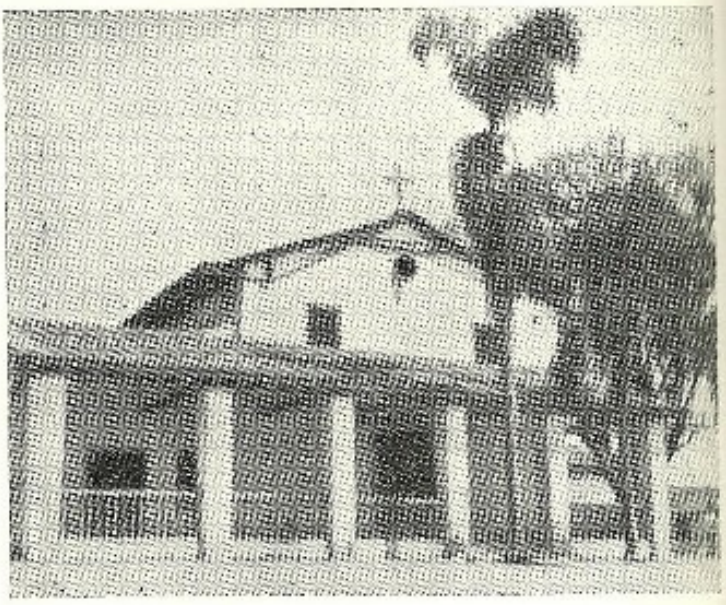
ALOUSAR — Têrmo em desuso que significa cobrir de lousas uma casa, um túmulo, etc.

ALPENDORADA — O mesmo que ALPENDRADA.

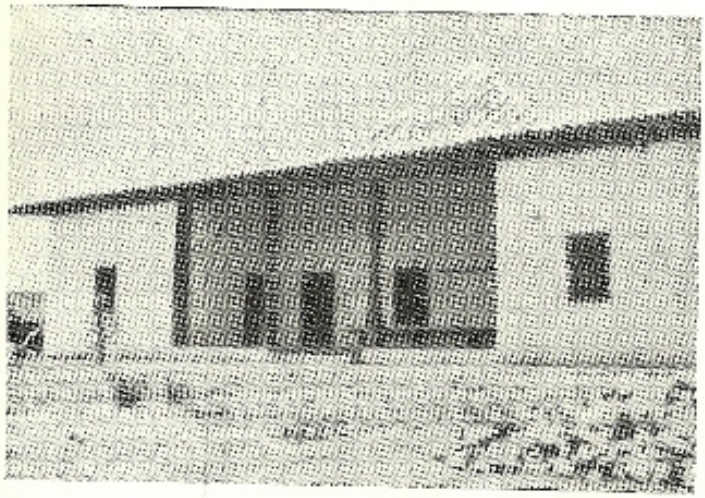
ALPENDRADA — Grande alpendre sustentado por colunas. Varanda coberta.

ALPENDRAR — Fazer um alpendre, fazer cobertura que abrigue ou proteja um acesso.

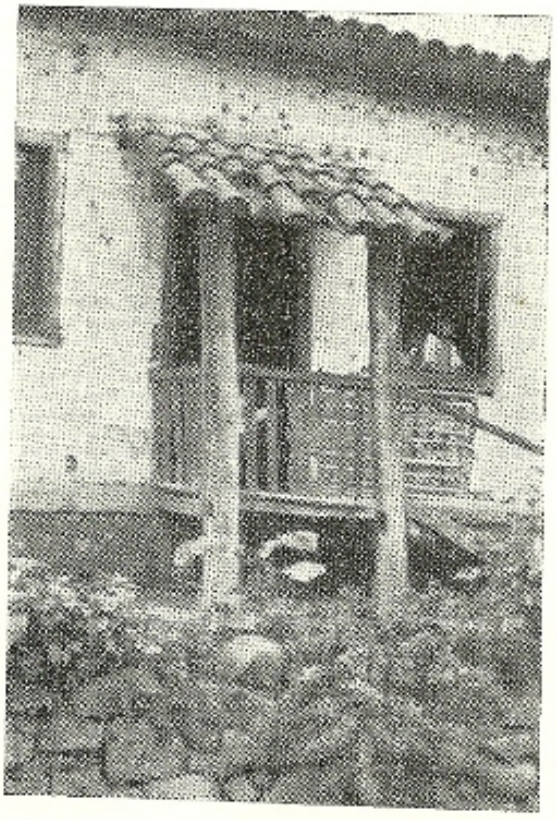
ALPENDRE — Por definição, alpendre é todo teto suspenso por si só ou suportado por pilastras ou colunas, sôbre portas ou vãos de acesso. A todo acesso abrigado corresponde um alpendre. Pode aquela peça formar saliência no frontispício da construção ou estar engasgada entre paredes da mesma, compreendendo, então, espaço coberto reentrante. No primeiro caso o alpendre é cobertura independente, não possuindo continuidade com o telhado da construção pròpriamente dita, salvo quando é um mero prolongamento parcial de uma água, além do alinhamento do beiral. No segundo caso, um setor da cobertura geral transforma-se em alpendre, não sugerindo a planta do telhado a sua existência. Vulgarmente pensa-se que alpendre seja o recinto abrigado anterior à porta. Alpendre é a "cobertura" dêsse recinto. Por isso diz-se: "alpendrar a varanda", ou melhor, "cobrir a varanda". Devido àquele desvirtuamento de sentido, hoje em dia alpendre é sinônimo de área abrigada, de telheiro, de terraço coberto, de galilé ou nartex, de copiar, etc. Como os demais elementos de nossa arquitetura, o alpendre é de proveniência emi-



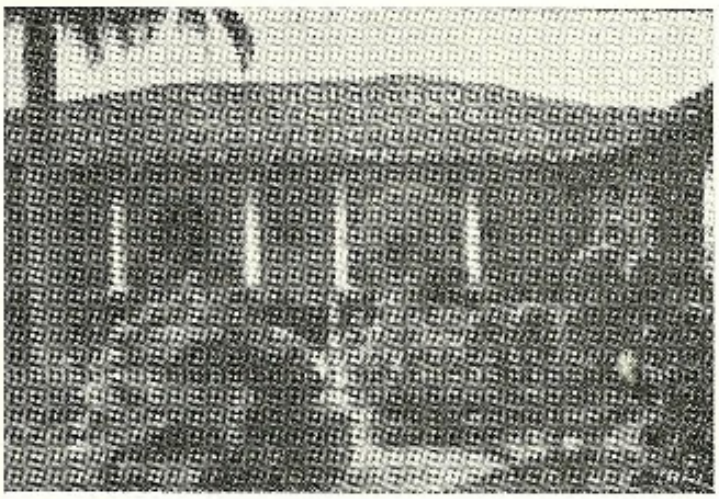
Capela alpendrada de São Miguel, na primitiva aldeia de índios construída nas antigas terras do Ururaí, que traz na verga da entrada principal a inscrição: "Aos 18 de Julho de 1622 — São Miguel" que situa a época da construção, embora o aldeiamento seja de data bem anterior. Parece que em nossos primeiros séculos era generalizado o uso de alpendres nos edifícios religiosos porque existem referências, em documentos antigos de São Paulo, ao mau uso daquelas dependências pelos índios escravos e aos estragos que nêles fazia o gado acostumado a andar sôlto pelas ruas. Vemos na ata de secção da Câmara de 21 de Dezembro de 1624: "... tivese cuidado todos os dias de mandare alimpar os alpendres dos templos desta villa a saber aleixo jorge o da igreja matriz e do carmo e logo notifiquei e prezença dos diios ofisiais e a bartholomeu glz. que tivesse cuidado do alpendre da misericordia e a da companhia...". Reformas e reconstruções posteriores eliminaram os alpendres daquelas igrejas, não existindo nenhuma documentação iconográfica a respeito e sòmente aquelas vagas referências documentais indicam a adoção ampla de adros semiprotegidos.



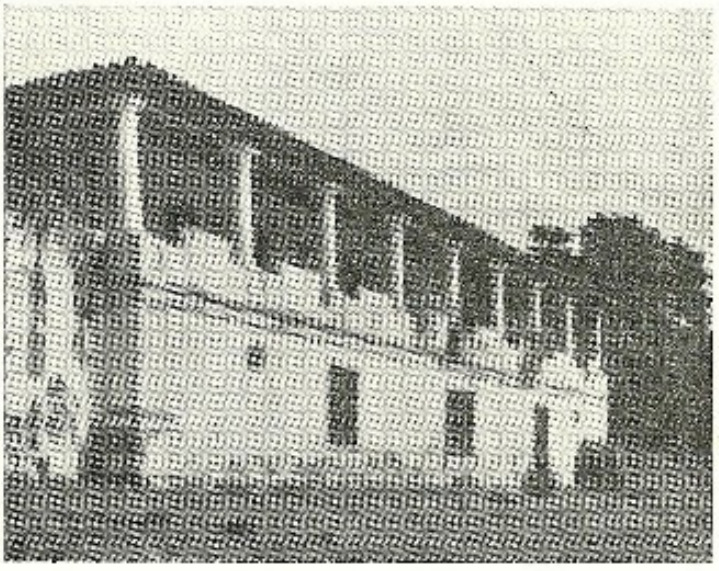
Alpendre cobrindo espaço reentrante na fachada da casa do Padre Inácio em Cotia, construção do início do século XVIII, que foi moradia de Roque Soares de Medeiros, juiz de órfãos de São Paulo naquela época. A porta na parede lateral pertence ao quarto de hóspedes, que não tinham livre entrada no interior das residências, como era costume naquele tempo. Aliás é interessante transcrever aqui as palavras do autor do "Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes da Cia. de Jesus da Província do Brasil. Composta pelo Padre Manoel da Fonseca, da mesma Companhia e Província" reeditada pela Companhia Melhoramentos, que diz na página 59: "...onde costumão seus moradores fabricar nas suas fazendas recamaras para hospedes de tal sorte unidas às casa, (sic) que, ficando da parte de fora, se possão servir sem detrimento, e independentes da mais familia" Na parede oposta à porta do quarto de hóspedes fica o acesso à capela.

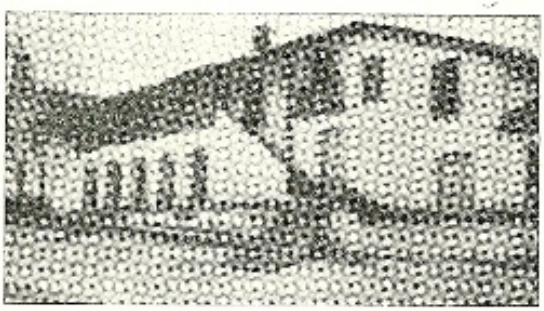


Dois exemplos de alpendres salientes na fachada em construções raros da zona fronteira de São Paulo e Minas, na Serra da Mantiqueira. O da direita não passa de simples cobertura protejendo a porta. O alpendre acima, é maior, e além de abrigar o acesso principal, é local de estar do fazendeiro, permitindo a colocação de uma rêde e cadeiras.

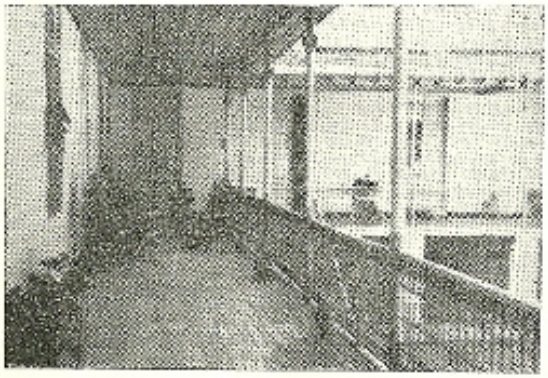


Fazenda Columbandé, nas proximidades de Niterói, Estado do Rio. Seu tipo de alpendre caracteriza grande número de moradias rurais fluminenses do início do século XIX. De telha vã, com colunas de sustentação típicas e com acessos através de escadarias de formas variáveis, êstes alpendres, ou varandas como dizem amiúde, além de darem passagem aos cômodos da residência, tinham comunicação com as capelas particulares lembrando, neste aspecto, a solução bandeirista. Na fazenda Columbandé a capela está separada da casa-grande e também é alpendrada. A respeito dêsse fato Joaquim Cardoso em "Um tipo de casa rural do Distrito Federal e Estado do Rio", na revista do antigo S. P. H. A. N., n.º 7, diz que não é absurda a hipótese (anteriormente levantada por Gilberto Freire) pela qual os alpendres de capelas rurais tenham origem nos alpendres das residências principais: "Observa-se, então, que a capela, na sua passagem do interior da casa grande para o exterior, fica instalada num recanto da varanda, que é então utilizada como nartex e não é absurdo admitir-se que, ao descer da varanda para se colocar ao largo da casa, tenha levado consigo a necessidade de um alpendre". Teríamos, assim, uma redescoberta dos alpendres religiosos que, na realidade, datam de tempos do início da cristandade. Êste alpendre fluminense, embora seja característico de certos moradios, não é exclusivo da zona; pois também pode ser encontrado no Recôncavo baiano em alguns engenhos de açúcar.

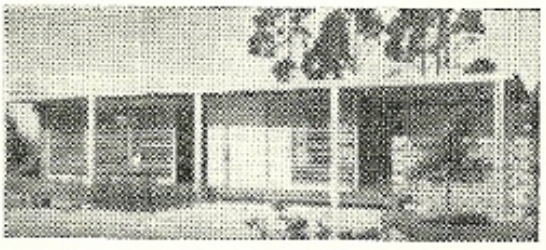




Fachada alpendrada da sede do engenho Poço Comprido, Município de Vicência, Estado de Pernambuco.



Alpendre em sede de fazenda campineira que data dos últimos anos do século passado, época em que foram muito empregadas colunas de sustentação de ferro fundido que davam ao conjunto grande leveza. Tais alpendres cobriam recintos apoiados em abobadilhas de alvenaria e situavam-se, geralmente, nas fachadas secundárias, com vista para jardins ou pátios laterais.



Pavilhão com alpendre corrido ou terraço coberto ao longo da fachada. Projeto do arquiteto Oswaldo A. Bratke.

nentemente ibérica. Comparece tanto em edifícios religiosos como nos demais. Nas igrejas tem origem nos abrigos fronteiros das basílicas romanas. Nas construções particulares sua real origem parece não estar devidamente esclarecida. Sôbre êste assunto, em relação à nossa arquitetura, já escreveram Gilberto Freire, Joaquim Cardoso e Luís Saia. Sociològicamente falando, representou o alpendre, em nossos primeiros tempos, um papel importante de selecionador de pessoas ou atividades. É de grande interêsse o estudo dessa função seletiva, o qual poderia, se aprofundado, dar melhores esclarecimentos sôbre a razão de ser do emprêgo dos alpendres em nossa arquitetura. Nos alpendres das igrejas e capelas deviam ficar separados os catecúmenos. Certas danças e festas populares, de fundo religioso, eram permitidas sòmente nos alpendres do adro. Esta seleção efetuada naqueles recintos vem desde os tempos remotos da religião cristã, quando eram impedidos de entrar nos templos, além dos catecúmenos, os leprosos, os mendigos, etc. Em nossas antigas residências, também servia o alpendre para separar e categorizar indivíduos. Era no alpendre que o fazendeiro ou senhor, recebia agregados ou escravos da lavoura. Êra dali que dava ordens ou superintendia os serviços. Hóspedes e estranhos não penetravam na intimidade do lar e as antigas e rígidas regras da organização da família criaram e justificaram partidos arquitetônicos, como por exemplo na época bandeirista de São Paulo, que instalavam nos alpendres os quartos independentes para quem pedisse pousada ou descanço. À visita ficava reservada a faixa dianteira da residência formada pelo complexo quarto de hóspede-alpendre-capela. Ali conversava-se, ali o forasteiro tomava refeições e dali assistia à missa apartado dos familiares. Como já foi dito, dá-se comumente ao alpendre outros nomes, alguns dêles com evidentes mudanças de sentido. Além dos já enumerados, existem outros de uso antigo ou populares, ainda correntes. Em nossos primeiros séculos os alpendres posteriores, principalmente os urbanos, eram denominados "corredores". Os dianteiros, às vêzes, eram chamados de "pretórios". Aliás, segundo Otoniel Mota esta designação é corrente ainda no interior, onde, também, se usa o têrmo "passeio" com o mesmo sentido. A palavra "varanda" é empregada comumente para designar grande alpendre, cujas funções sejam a de mera zona de estar familiar, como pitorescamente descreveu J. B. Debret, já no início do século passado. Ver VARANDA.

ALPERCHE — Pequeno alpendre suspenso por colunas.

ALQUEDUTO — O mesmo que AQUEDUTO.

ALQUEIRE — Medida agrária muito usada para especificar e dimensionar terras, que corresponde a 48.300 m2 em alguns Estados do Brasil como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Mato Grosso e a 24.200 m2 em São Paulo e Paraná, sendo que em outros Estados do Norte abrange 27.221 m2.

ALQUITETE — Corruptela de arquiteto. Mestre de obras.

ALQUITRAVA — O mesmo que ARQUITRAVE.

ALTAR — Espécie de mesa destinada aos sacrifícios, em qualquer religião. Francisco de Assis Rodrigues em "Dicionario Technico e Historico" diz, referindo-se ao altar cristão: "Êste altar tem às vêzes em sua base diferentes formas, mas comumente tem a de um sarcophago, porque os primeiros christãos, juntos nas catacumbas, offereciam o santo sacrificio da missa sobre os tumulos dos martyres. D'ahi veio o uso de collocar debaixo do altar as reliquias dos santos". Diz mais que primitivamente eram os altares de madeira e que o Concílio de Paris de 509 ordenou que os mesmos passassem a ser de pedra. E é por isso que quando a necessidade obriga a lançar mão da madeira ou de outro material menos nobre, sempre se introduz no meio do altar uma pedra, com a bênção do bispo, que é a chamada pedra "ara". Explica-se desta maneira o fato de altar e ara serem sinônimos. Aliás, a respeito da necessidade de se empregar, na confecção dos altares, materiais pétreos, Lourival Gomes Machado, no Suplemento Literário do "O Estado de São Paulo", n.º 24, de 23 de Março de 1957, conta caso curioso havido agora durante as restaurações efetuadas no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas do Campo, Minas Gerais. A primitiva mesa do altar-mor fôra executada em cedro, com belas talhas douradas e tempos depois, devido justamente àquela orientação vinda do Concílio de Paris e talvez esquecida na época da construção do Santuário, foi substituída por outra de

mármore, obediente ao direito canônico quanto ao material empregado. Como é óbvio, os técnicos do D.P.H.A.N., responsáveis pela restauração, foram obrigados a repor no local primitivo o velho altar. Com muito facilidade conciliaram a obrigação canônica com os interêsses da arte revestindo o altar de mármore com a talha antiga, restabelecendo, assim, a antiga unidade plástica. Primitivamente eram os altares muito simples, não passando de uma mesa. Depois surgiu o uso de se encostar o altar à parede, que passou a receber decorações. É a origem do retábulo. Altar-mor é o altar principal, no fundo do templo, consagrado ao santo padroeiro ou orago. Altares laterais, ou colaterais, são os demais altares do templo dedicados a outros santos que não sejam o padroeiro. Ver RETÁBULO.

ALTEAÇÃO — Ação ou efeito de levantar. Elevação de uma parede, de um andar ou de uma abóbada.

ALTICOLÚNIO — Diz-se do edifício que tem colunas altas.

ALTIMETRIA — Ciência que ensina a medir as alturas acessíveis e as inacessíveis.

ALTO — Têrmo que, além de significar o tamanho de um edifício, pode ainda referir-se à parte alta da casa. Neste caso, é empregado no plural: os "altos" da casa. Designação que provém do costume peculiar dos romanos, de fazer a ceia nos andares mais altos do edifício, no "coenaculum", assim denominado por Vitruvio.

ALTO-RELÊVO — Tôda a decoração ou peça escultórica que sobressai do plano em que se encontra, de tal forma, que todos os objetos ou figuras nêle representados têm saliência quase completa. Mais de dois terços da profundidade ficam em volume.

ALTURA — Designação usada em arquitetura para qualificar a elevação do edifício acima da superfície ou nível do terreno. Constitui a terceira dimensão do objeto arquitetônico.

ALUMÍNIO — Metal branco, de grande brilho, tenaz como o ferro, inalterável ao ar e que pode ser reduzido a lâminas muito finas. Funde-se a 657 graus e tem a densidade de 2,65 a 2,7. Industrialmente é obtido da alumina hidratada pura, chamada bauxita, através de processo eletrolítico, sendo que as ligas de alumínio são obtidas por processo eletrotérmico. Sua aplicação é cada vez maior, tanto na indústria como na construção e nos acabamentos arquitetônicos. Emprega-se o alumínio em forma de lâminas, lisas ou onduladas, em revestimento de paredes, colunas, móveis ou para cobertura, nas quais é muito comum a "telha de alumínio". Em peças fundidas é apresentado em variados perfis para confecção de esquadrias e, também tubos. "Anodizado" constitui-se no alumínio brilhante, branco ou colorido, que se obtém através de processos especiais que sobrepõe na superfície do metal uma película de aproximadamente meio centésimo de milímetro de óxido ou hidróxido de alumínio, tornando-o capaz de oferecer grande resistência às influências corrosivas, o que tem aumentado sobremodo o seu campo de aplicação.

ALVAIADE — Carbonato hidratado de chumbo, de côr branca ou amarelada, muito usado na composição de tintas brancas, sendo diluído no óleo. Devido às suas propriedades tóxicas é, freqüentemente, substituído pelo óxido de zinco ou alvaiade de zinco. O têrmo é de origem árabe: al-beyde e quer dizer branquear.

ALVANEL — Profissional que assenta pedras, tijolos, etc. Pedreiro. Ver ALVENARIA. Nome que recebe autor de obra tôsca. Variantes do vocábulo: alvaner, alvanir, alvener, alvaneu, alvenel, alveneu; albanel.

ALVENARIA — Arte ou mister do pedreiro, ou do alvanel. Têrmo de origem árabe: albannai, do qual provém o vocábulo dêste verbête que consiste em dispor pedras, tijolos, etc., com argamassa ou não, segundo o projeto arquitetônico. É o nome, também, do conjunto de elementos que entram na composição de paredes ou muros e de alicerces. Nome que recebe a pedra tôsca, como vem da pedreira, sem acabamento. As calçadas formadas de pedras irregulares também se denominam de alvenaria.

ALVÉOLO — O mesmo que pequena vala aberta para receber alicerce. Buraco.

ALVERCA — Tanque para água.

ALVERGE — O mesmo que pequena tôrre.

ALVIÃO — Instrumento de ferro para cavar a terra dura. Picareta. Picão.

ALZUBE — O mesmo que ALJUBE.

AMADEIRAR — Dar côr ou aspecto de madeira a uma superfície ou material de construção.

AMANEIRAMENTO — Modo ou hábito de um artista, de um arquiteto criar sua obra com requintes particulares, dando-lhe características especiais, cuja repetição continuada trará o "amaneiramento" de representação dêsse artista, dêsse arquiteto. Quase sempre refere-se às condições plásticas negativas de uma obra de arquitetura.

AMAPÁ — Madeira empregada em marcenaria, natural do Pará. De côr branca, tem pêso específico igual a 0,60. Hancornia amapá, Hub. Família das Apocináceas.

AMARANTE — Madeira. Ver GUARABU.

AMARELINHO DA SERRA — Madeira. Ver VINHÁTICO-AMARELO.

AMARELO-GUALDO — Adjetivo que designa aquilo que tem côr de ouro.

AMARILHO — Madeira de lei, com emprêgo na construção naval e civil, na marcenaria e carpintaria. Produz bom carvão, exuda resina semelhante à goma-arábica. Pêso específico médio, 0,992. Sua referência botânica para comércio "Terminalia sp" engloba várias denominações populares de árvores da mesma família, como: Guarajuba, Guaraiúva, Guarijuba, Muirajuba e Sarandi-amarelo. Pertence à família das Cambretáceas. Terminalia australis, Camb.

AMARRAÇÃO — Dá-se o nome de amarração à disposição dos materiais de construção de modo a formarem um todo unido e estável. O têrmo é aplicado, principalmente, quando se trata da disposição dos tijolos numa parede. Para que seja conseguida boa amarração existem vários modos ou maneiras de serem colocados ou dispostos os tijolos. Tais modos ou maneiras de colocação recebem o nome de aparelhos. Ver APARELHO. Amarração é, também, a operação que liga ou mantém unidos diversos materiais por meio de gatos de ferro ou de bronze.

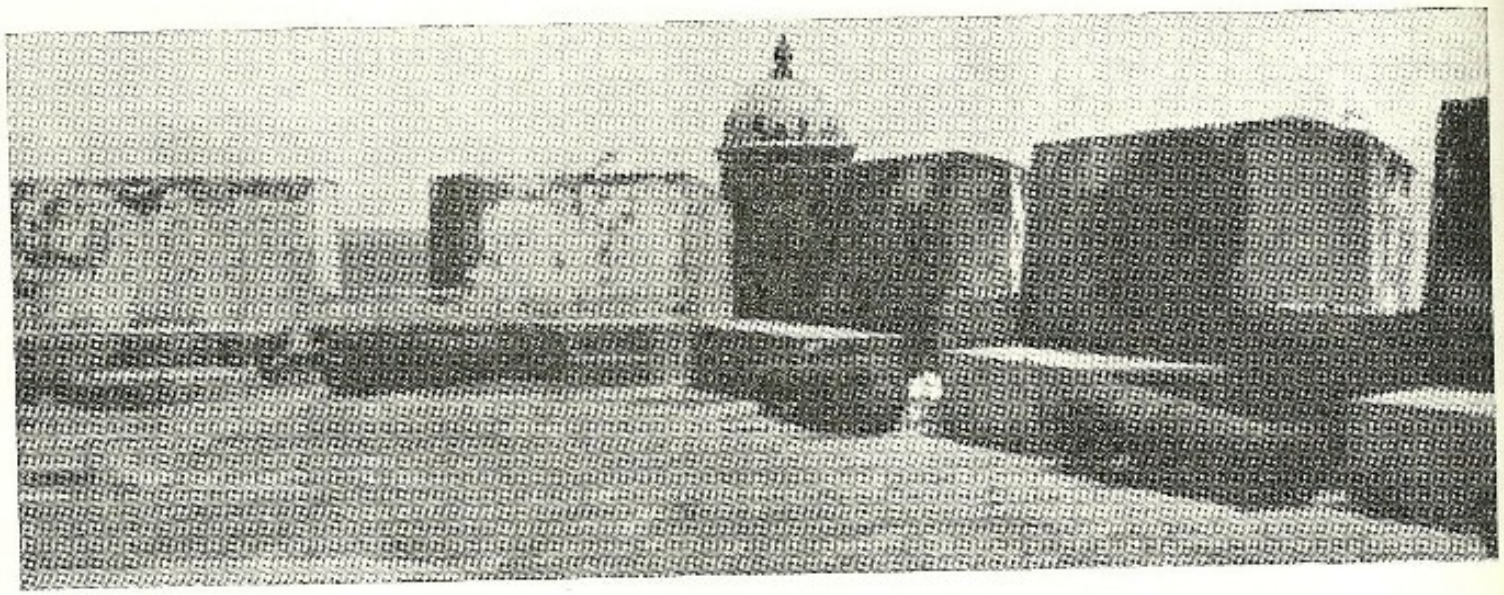
AMARRECADO — O mesmo que ARQUEADO.

AMASSADOURO — Nas obras é o lugar onde se prepara e amassa a argamassa empregada na alvenaria.

AMBIÊNCIA — No linguajar técnico, quando se trata do condicionamento de ar nos edifícios, ambiência é o nome da porção de ar confinado em um ambiente fechado. Difere da atmosfera justamente devido ao volume determinado e invariável. Ver PREAMBIÊNCIA.

AMBIENTE — Designa-se, em arquitetura, o espaço interior ou exterior que compreende uma determinada função do programa de necessidades. A decoração dos ambientes é uma das tarefas peculiares do arquiteto.

AMBIJU — Nome de certa madeira do norte usada em tabuados e obras internas.



Ameias constantes do parapeito que arremata o terrapleno do Forte de Santa Maria na cidade de Salvador.

AMBOM — Nas igrejas, espécie de púlpito próximo ao altar mor, que serve para a leitura da Epístola ou do Evangelho.

AMBULATÓRIO — Dependência hospitalar ou edifício especializado, destinado ao tratamento médico de pessoas que podem locomover-se.

AMEIA — Parapeito denteado a espaços, iguais, ordinàriamente da largura de um homem, situado na parte superior das fortalezas e que servia para proteger os soldados atiradores ou artilheiros. Também se emprega figuradamente para designar uma forma "acastelada" ou lugar elevado, de arremate do edifício, que imita a fortaleza.

AMENDOIM — Madeira usada em construções civis. Pterogyne niteus, Tul. Família das Leguminosas. Sinonímia: Jacutinga, Óleo Branco, Pau-amendoim e Viraró.

AMENDOIM FALSO — Madeira. Ver GUARUCAIA.

AMIANTO — Variedade do asbesto, também chamado lã fóssil, sêda da montanha, cortiça mineral, etc. É um silicato de magnésio hidratado, podendo também ser silicato de cálcio ou de ferro, conforme a jazida. O amianto é extraído quase a descoberto, e sòmente em climas muito rigorosos, em galerias. Na antiguidade, era empregado para envolver cadáveres em túnicas tôda vez que se pretendia guardar as cinzas depois de incinerados. Tem aspecto sedoso e brilhante com filamentos delicados e flexíveis. É incombustível. Em mistura com o cimento **portland,** na proporção de um para seis, respectivamente, constitui o fibrocimento, com o qual se confeccionam inúmeros materiais de construção, como tubos, chapas e, mais comumente, as telhas onduladas para cobertura. Grande influência exerceu nas proporções e na composição plástica da arquitetura contemporânea, em todo o mundo.

AMISULAR — Pôr mísulas ou colocar sôbre mísulas. Ver MÍSULA.

AMODERNIZAR — Tornar moderno. Dar feição moderna.

AMOIRAR — Erguer em MOIRÃO.

AMOIRISCADO — Ver AMOURISCADO.

AMOLDURAR — O mesmo que EMOLDURAR.

AMOREIRA AMARELA — Ver TAJUBA.

AMOREIRA DO MATO — Madeira. Ver TAIÚVA.

AMOURADO — Levantado ou realizado em MOURÃO. Ver AMOIRAR.

AMOURISCADO — Diz-se dos telhados em que as telhas são prêsas, lateralmente, às outras com argamassa. Paulo T. Barreto em "Casas de Câmara e Cadeia", na nota 199, citando Alpoim, diz: "Telhado amouriscado é aquêle em que se tomam os canais, alternadamente, de três, ou de quatro em quatro, à moda do telhado mourisco (todos os canais cobertos com fragmentos de telha e argamassa), usado com certa freqüência nas igrejas", etc. Em "Os Palácios de Vila Rica" de Francisco Antônio Lopes, p. 21, encontramos a respeito dêste assunto a seguinte cláusula: "As beiras dos telhados boas, e de mayor telha q. se achar, com as bocas das telhas tomadas com cal, e o telhado amoriscado, deichando de quatro em quatro telhas hua com seu vento por baicho p. a que entre o ar por dentro não só nos estuques, mas ainda nos forros". Telhado a meia mourisca é aquêle em que as carreiras são alternadamente mouriscadas e de valadio.

AMORTIDO — O mesmo que PINÁCULO.

AMOSTRECA — De amostra + eca. Loja com mostruários.

AMPÈRE — Unidade prática de intensidade da corrente elétrica. Nome adotado em honra ao físico francês André-Marie Ampère (1775-1836) por decisão do Congresso de Eletricistas realizado em Paris em 1881. O ampère é a corrente que, ao atravessar uma solução de azotato de prata em água destilada, deposita uma quantidade de prata, por segundo, igual a 0,001118 grama. Equivale a 1 coulom por segundo e o "ampère-hora" é a quantidade de eletricidade fornecida por uma corrente de 1 ampère durante uma hora.

AMPLIAR — Tornar amplo, alargar. Em arquitetura, é empregado para designar a ação de reformar parte ou todo o edifício, tornando-o maior, mais desenvolvido, mais estendido, aumentado. Também é usado o sinônimo amplificar.

AMURADA — O mesmo que muro, paredão.

AMURALHAR — Cercar de muralhas.

AMURAR — Cercar de muros.

ANACOCO — Madeira. Ver PAU FERRO.

ANANI — Madeira amazônica, empregada em marcenaria. Amarelo-parda. Pêso específico igual a 0,54. Também conhecida por unani. Sinfonia globulifera, L. F. Família das Gutiferáccas.

ANASTRAR — Têrmo de raríssima aplicação, que aparece em documentos antigos e que significa medir, tomar o comprimento. Sua origem parece provir do têrmo italiano "nastro" que designa, trena ou fita estreita.

ANAVERÁ — Madeira de lei escura empregada em construções civis para esteios, estacas e dormentes por ser muito resistente aos insetos. Madeira das selvas amazônicas. Licânia Macrófila, Benth. Família das Rosáceas.

ANCHO — Forma antiga, de pouco emprêgo, que designa a largura, ou a extensão, o tamanho, o espaço, a dimensão de algum elemento arquitetônico. ANCHURA.

ANCHURA — O mesmo que largura.

ANDÁ-AÇU — Árvore brasileira da família das Euforbiáceas, também conhecida por INDA-GUAÇU, INDAÍ-AÇU, CÔCO DE PUREZA, PURGA DE PAULISTA, CUTIEIRO, FRUTA DE ARARA, PURGA DE GENTIO, ou FRUTA DE VIA ou, ainda, FRUTO DE PURGA. Sua madeira é leve e de segunda qualidade, usada apenas em obras internas, especialmente em tábuas de fôrro. Fornece óleo usado na pintura como substituto do óleo de linhaça. Joannesia princeps, Vell.

ANDADA — O mesmo que ANDAR ou PAVIMENTO.

ANDAIMARIA — Têrmo antigo de rara aplicação, que designa tôda a armação dos andaimes de uma construção, sôbre o qual trabalham e se movimentam os operários. Registrado e recolhido por Moraes.

ANDAIME — Têrmo vindo do árabe "ad-da'aim" plural de "ad-da'ama" que quer dizer pilar, coluna, esteio ou escora. Modernamente designa a plataforma onde trabalham pedreiros, escultores, etc. Em geral são feitos ao longo das paredes com pés direitos, guias, travessões e tábuas. O verbête já designou, também, a parte superior da muralha de uma fortaleza por onde se podia andar. Era, ao mesmo tempo, o nome que recebia a face plana situada na parte superior da cornija. Aparece, ainda, com a forma andairmo, mais erudita e empregada no século XVI, em Portugal, e com a outra: andamo, popular e mais de acôrdo com a etimologia árabe, segundo Domingos Vieira em seu Dicionário.

ANDAIMO — Ver ANDAIME.

ANDIRABABAPARI — Nome que os indígenas em geral davam às árvores que os portuguêses passaram a chamar de ANGELIM. A denominação tupi designava as "árvores dos morcegos".

ANDIROBA — Madeira de lei amazônica empregada principalmente na marcenaria. Vermelha escura, lembrando o mogno. Densidade média 0,70. Carapa Guiasenses Aubl. Família das Meliáceas.

ANDITO — Passagem estreita e elevada para pedestres ao longo das pontes, túneis e mesmo ruas. O mesmo que caminho estreito.

ANEMOSTATO — Ver DIFUSOR DE AR.

ANEXO — Nome dado a certas partes do edifício que não se incorporam à ala principal, que constituem os apêndices da construção, com função diferenciada no programa. Assim, o alojamento de empregados pode ser o pavilhão anexo ao edifício do hotel, etc. Tôda a função arquitetônica que está ligada secundàriamente à outra. Dependência, acessório.

ANFITEATRAL — Em forma de anfiteatro.

ANFITEATRICO — O mesmo que ANFITEATRAL.

ANFITEATRO — Parte de programa arquitetônico que caracteriza-se pela existência de assentos dispostos em forma retangular ou circular e em degraus para facilitar a visibilidade das pessoas em todo o sentido do talude. O anfiteatro tanto pode ser a parte do teatro fronteira ao palco como o conjunto de arquibancadas de uma sala de aula, ou de laboratório, ou de conferências, ou ao ar livre. Antigamente, anfiteatro significava construção autônoma que, segundo Adolfo Morale de los Rios Filho em seu livro "Teoria de Filosofia da Arquitetura" era "o mesmo aberto, de vastas proporções, inventado pelos Etruscos e muito empregado pelos Romanos, destinado a sangrentos espetáculos públicos, imolações de sêres humanos, massacre de animais, combates de gladiadores. Apresentava forma de elipse arredondada, compondo-se de séries de

degraus para os espectadores, rodeando vasto campo, ou arena".

ANGÁ — Madeira. Ver PASSARIÚVA.

ANGANA — Palavra de etimologia hindu, incorporada ao português pelos navegadores da conquista da Índia que quer dize PÁTIO.

ANGELIM-AMARGOSO — Madeira de construção. Muito usada para postes, colunas e esteios. Andira vermifuga, Mart. Família das Leguminosas. Sinonímia: Aracuri, Angelim-de-fôlha-grande.

ANGELIM-ARAROBA — Madeira de construção. Andira fraxinifolia, Benth. Família das Leguminosas. Também conhecida por Angelim-doce. Pêso espífico médio 0,923.

ANGELIM-CÔCO — Madeira empregada nas construções civis e muito estimada nas navais. Pêso específico médio: 0,825. Andira stipulacea, Benth. Família das Leguminosas. Sinonímia: Urarema e Angelim-de-côco.

ANGELIM-DE-ESPINHO — Madeira usada nas construções civis e carpintaria. Andira spinulosa, M. Família das Leguminosas.

ANGELIM-DE-FÔLHA-GRANDE — Madeira. Ver ANGELIM-AMARGOSO.

ANGELIM-DOCE — Madeira. Ver ANGELIM-ARAROBA.

ANGELIM-MACHO — Madeira. Ver ANGELIM-AMARGOSO.

ANGELIM-PEDRA — Madeira. Ver SUCUPIRA AMARELA. Muito empregada nas construções civis e navais, em dormente e canoas. Pêso específico médio: 1,052. Resistência ao esmagamento, sem determinação da posição da carga: 646 kg/cm2.

ANGELIM-PENIMA — Madeira de lei muito usada em serviços finos de marcenaria e talha como portas e janelas nobres, móveis, etc. Andira pinsonis, M. Família das Leguminosas.

ANGELIM-PRÊTO — Excelente madeira de lei. Andira ormosidades. Família das Leguminosas.

ANGELIM-ROSA — Ótima madeira de lei com largo uso na marcenaria e carpintaria. Também conhecida por Pau Pereira, Mangalô (na Paraíba), Cataguá (no Paraná), Fôlha Larga (Estado do Rio, Campos), Três-Fôlhas-Largas, Pereira Amarela e Pereira Vermelha. Platycyamus Regnelli, Besth. Família das Leguminosas. Pêso específico médio de 0,665. Resistência: à flexão, 5,400 kg.; ao emagamento, carga perpendicular, 1,410 kg/cm2, carga paralela, 670 kg/cm2.

ANGELIM-TINTO — Madeira de construção. Andira sp. Família das Leguminosas.

ANGELIM-VERMELHO — Madeira de construção. Peralta Regnelli. Família das Leguminosas.

ANGICO-BRANCO — É madeira de larguíssimo emprêgo em construções civis, navais, hidráulicas, na marcenaria e carpintaria. Diz Henrique Boiteux que o Angico Branco envernizado toma o aspecto de Gonçalo Alves ou Gurubu. Piptadenia colubrina, Benth. Família das Leguminosas. Pêso específico médio: 0,910. Resistência ao esmagamento: carga perpendicular 582; carga paralela 626; sem determinação de posição, 755 kg/cm2.

ANGICO-DE-CURTUME — Madeira. Ver ANGICO-BRANCO.

ANGICO-PRÊTO — Madeira para construções civis e marcenaria. Também conhecida por Arapiraca ou Angico-rajado. Piptademia macrocarpa. Família das Leguminosas. Pêso específico 1,05, com 15% de umidade.

ANGICO-VERDADEIRO — Madeira para construções civis. Também chamada de Angico-vermelho. Piptadenia rigida, Benth.

ANGICO-VERMELHO — Madeira de construção civil. O nome é dado tanto à Piptadenia rigida, Benth., como a, esta Pithecolombium gummiferum, M. Família das Leguminosas.

ANGIPORTO — O mesmo que pequena rua, ruela tortuosa ou rua estreita e sem saída.

ANGULAR — Relativo a ângulo. Chamam-se pedras angulares aquelas situadas nos cunhais, esquinas ou ângulos dos edifícios. Diz-se, na mesma acepção, pilastra ou coluna angular. Ver ANTA.

ANGULETE — Cavidade de secção retangular usada para separar, nas paredes, bossagens ou pedras lapidares. Tôda cavidade talhada em ângulo reto.

ÂNGULO — Aresta, canto, esquina. Parte saliente ou reentrância.

ANIL — Substância que tinge de azul proveniente de certas plantas, como por exemplo, a Anileira, Indigófera microcarpa. Desv. Aluízio de Almeida (o ilustre padre Castanho, de

Sorocaba) conta em seu trabalho, publicado na revista n.º 9 do S.P.H.A.N., Casas dos Séculos XVII e XIX em Sorocaba, que a tinta azul usada nas esquadrias das antigas construções daquela cidade era preparada com leite, anil e um fixador, a pedra-ume.

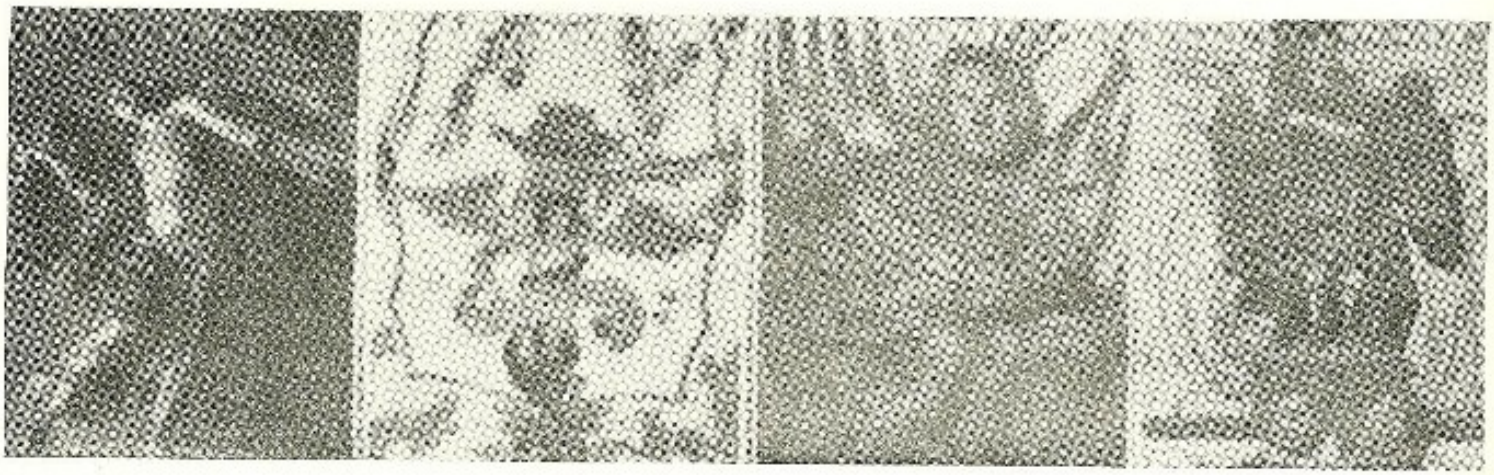
ANILHA — Pequeno arco ou anel usado para guarnecer peças sujeitas a esfôrço. Aro de ferro que protege a parte superior de uma estaca. Ornato abraçando o fuste de uma coluna.

ÂNIMA — Argola que serve de puxador nas fôlhas de portas ou janelas.

ANIVELADO — Pôsto em nível. Igualado no mesmo plano.

ANIVELAR — O mesmo que igualar em altura. Aplainar. Pôr em nível ou no mesmo plano horizontal. Nivelar.

a hierarquia celeste, atribuída a Dinis, o Aeropagita, os anjos estão distribuídos em três ordens e cada ordem em três coros. Dos nove coros os três primeiros são os "Tronos" que eram simbolizados por rodas de fogo, com asas à volta e cheias de olhos; "Querubins" sempre representados por uma cabeça ladeada por duas asas; e "Serafins" que deveriam ser figurados com seis asas. A segunda ordem compreendia as "Dominações", as "Virtudes" e as "Potências" ou "Potestades" ou, ainda, "Podêres" representados vestindo alvas até os pés e cintos de ouro com estrêlas verdes. Sustentam na mão direita varinha de ouro e na esquerda um sêlo com a inicial de Cristo. A terceira ordem era composta pelos "Principados", "Arcanjos" e "Anjos" pròpriamente ditos, que vestiam de guerreiros com cintos de ouro e dardos ou lanças numa das mãos.



Anjos barrocos da arquitetura mineira do Séc. XVIII. Nota-se que houve completo alheiamento à simbologia representativa tradicional, tornando-se impossível a caracterização, dentro das hierarquias, das figuras decorativas que aparecem na ilustração. O primeiro anjo pertence ao Passo do Hôrto, em Congonhas do Campo, Minas, e é uma das últimas obras do Aleijadinho, já no início do Séc. XIX. O terceiro, também dêsse artista, faz parte do lavatório da Sacristia da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Prêto, igreja à qual pertence o segundo anjo da ilustração, que se encontra na capela-mor. O último exemplo, anjo cujas partes indicam pertencer à terceira ordem, constitui a base do crucifixo da Sé de Mariana, Minas.

ANJOS — Êstes sêres celestiais comparecem em profusão nas decorações religiosas como importantes elementos de composição. Antigamente eram levadas a sério as representações simbólicas que caracterizavam as hierarquias angélicas e do barroco em diante, no entanto, passaram aquelas figuras a ser representadas de maneira livre, segundo a vontade dos artistas, chegando mesmo a confundirem-se com Amôres ou Cupidos profanos. Segundo

ANTA — Nome de pilastra grega que passou a designar os cunhais de cantaria dos edifícios. Pilastra angular. Monte de terra usado como marco. Citado por Viterbo, no Elucidário.

ANTAM — Adjetivo tupi que dá idéia de dureza. Manifesta-se nos nomes de certas madeiras de lei: Ubantam, Inhuibatam, Guarantam, etc. Existem as variantes antã, santã ou santam.

ANTÁRIO — O mesmo que entrada principal de um edifício. Vestíbulo.

ANTECÂMARA — Cômodo que antecede a outro. Sala de espera, anterior a outra principal. Antigamente referia-se com mais precisão ao compartimento situado antes do dormitório. O mesmo que ante-alcova.

ANTECORO — Lugar, antes do côro, nas igrejas e mosteiros, onde eram expostos retratos de personalidades do clero e de vultos proeminentes das respectivas ordens eclesiásticas.

ANTEMURO — Obra exterior de fortificação. Baluarte. Antemural.

ANTEPARO — Peça ou taipal, ordinàriamente feito de madeira ou de ferro, combinado com lona, vidro, ou diferentes materiais decorativos, que serve para resguardar um local, uma sala ou um ambiente das vistas de observadores ou do vento direto. Ver GUARDA-VENTO, BIOMBO.

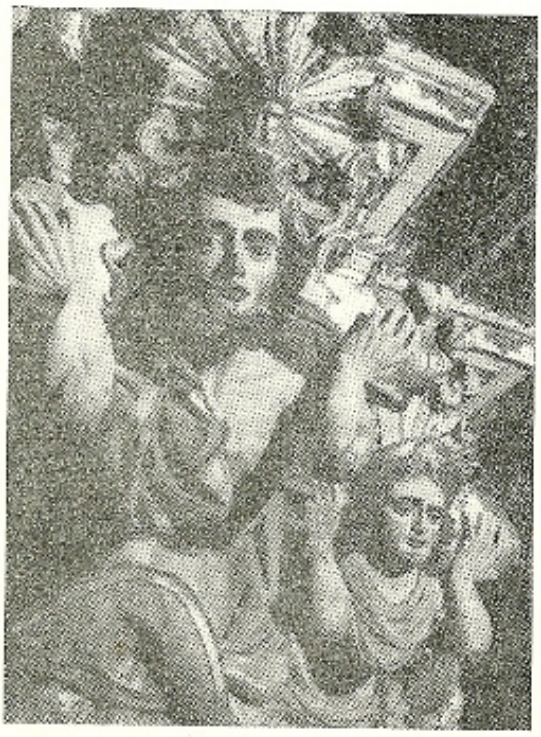
ANTEPORTA — Porta anterior a outra, que precede outra. Reposteiro ou cortina.

ANTEPROJETO — Risco ou esbôço de projeto. Primeiras linhas traçadas pelo arquiteto, procurando objetivar uma idéia ou concepção arquitetônica. O anteprojeto constitui a etapa inicial da apresentação de um projeto, isto é, o primeiro momento consciente da criação artística, que se fixa no papel. Nas normas básicas preconizadas pelo Instituto de Arquitetos do Brasil é o anteprojeto a etapa que segue o estudo preliminar do problema apresentado ao arquiteto para determinar a viabilidade de uma solução, através de desenhos sumários, em número de escalação de custo real. Comumente o anteprojeto é executado em escala de 1/100 ou 1/200, acompanhado de perspectivas e gráficos elucidativos.

ANTE-SALA — Compartimento que precede a sala principal e onde geralmente se recebe as visitas. Sala de espera. Ver ANTECÂMARA.

ANTROPOMORFO — Adjetivo que indica adoção da forma humana. Aquilo que se assemelha ao homem na forma. Uma cariátide, um atlante, são elementos estruturais antropomórficos.

ANTEMURADO — Aplica-se, em geral, à fortaleza guarnecida com antemuros.



Planha, ou consólo antropomórfico

ANTEMURALHA — Ver ANTEMURO.

ÂNULO — Filete colocado debaixo do bocel da cornija do capitel jônico.

APÁ — Madeira de lei resinosa, vermelha escura, do Pará, muito empregada em construções civis, estacas e dormentes. Densidade média de 0,90. Eperna falcata, Aubl. Leguminosa.

APAINELADO — Decorado com painéis. Aquilo que tem forma de painel. Ver PAINEL.

APAINELAR — Artesoar ou ornar de painéis.

APALAÇADO — Em forma de palácio. Semelhante a palácio.

APALAÇAR — Dar forma ou grandeza de palácio a alguma construção.

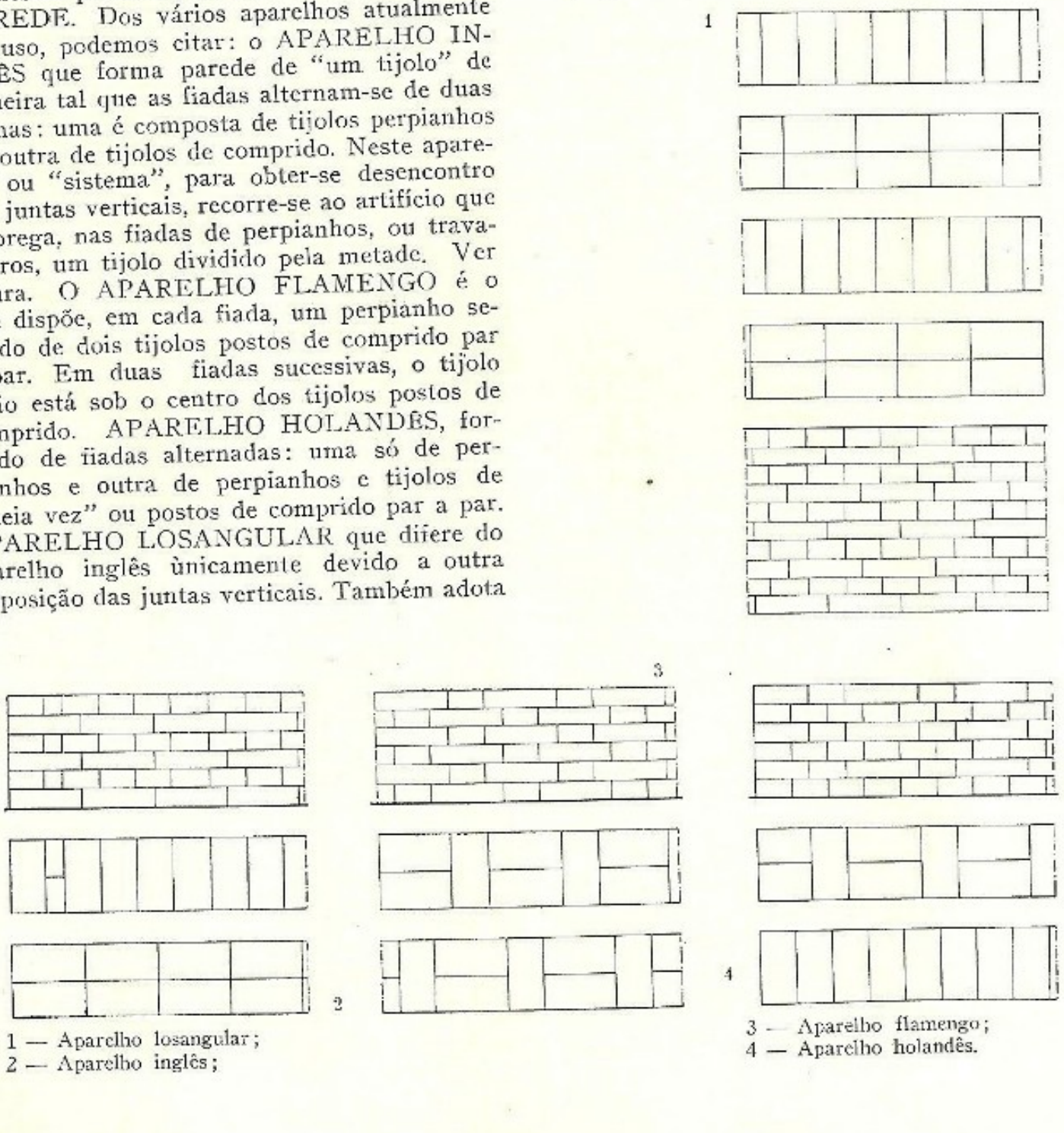
APALACETAR — Dar forma ou feição de palacete a qualquer construção.

APALANCAR — Fortificar, cercar com palancas. Trancar portas com palancas.

APARAMENTAR — Ornar, enfeitar, cobrir com paramentos.

APARELHOS — Dá-se o nome de aparelho a cada um dos modos de se dispor pedras ou

tijolos nas paredes, arcos ou cúpulas, com o fito de obter-se boa amarração. Desde os mais remotos tempos existem aparelhos individualizados que caracterizam épocas ou regiões. Entre nós, nos dias de hoje, o têrmo está mais ligado à alvenaria de tijolos. Êstes, unidos pela argamassa, são assentados formando FIADAS, ou filas, que estão dispostas na direção do comprimento das paredes. Ver TIJOLO. Nas fiadas, os tijolos podem estar a cutelo, postos de comprido ou atravessados, quando recebem o nome de perpianhos ou tições. Em todos êstes casos as juntas verticais, entre dois tijolos, não devem sobrepor-se na mesma prumada, em fiadas contíguas. Ver PAREDE. Dos vários aparelhos atualmente em uso, podemos citar: o APARELHO INGLÊS que forma parede de "um tijolo" de maneira tal que as fiadas alternam-se de duas formas: uma é composta de tijolos perpianhos e a outra de tijolos de comprido. Neste aparelho ou "sistema", para obter-se desencontro das juntas verticais, recorre-se ao artifício que emprega, nas fiadas de perpianhos, ou travadouros, um tijolo dividido pela metade. Ver figura. O APARELHO FLAMENGO é o que dispõe, em cada fiada, um perpianho seguido de dois tijolos postos de comprido par a par. Em duas fiadas sucessivas, o tijolo tição está sob o centro dos tijolos postos de comprido. APARELHO HOLANDÊS, formado de fiadas alternadas: uma só de perpianhos e outra de perpianhos e tijolos de "meia vez" ou postos de comprido par a par. APARELHO LOSANGULAR que difere do aparelho inglês ùnicamente devido a outra disposição das juntas verticais. Também adota fiadas alternadas de tijolos perpianhos e tijolos postos de comprido. Ver desenhos ilustrativos. Neste aparelho, os tijolos formam, nas paredes, desenhos que lembram cruzes de Sto. André, razão pela qual também recebe o nome de AMARRAÇÃO EM CRUZ. Êste aparelho é o que melhor apresenta desencontro nas juntas verticais. Nas paredes de espessura maior que o comprimento de um tijolo, empregam-se aparelhos derivados dos atrás expostos, perdurando as mesmas denominações. Quanto ao comportamento dos aparelhos nos cunhais, certos cuidados especiais devem ser tomados. Nos ângulos, por exemplo, a fiada de perpianhos de uma das paredes deve cor-



1 — Aparelho losangular;
2 — Aparelho inglês;
3 — Aparelho flamengo;
4 — Aparelho holandês.

responder à de tijolos postos de comprido da outra parede. Aparelho é, também, o nome que se dá à primeira mão de tinta a óleo em parede, madeira ou ferro. Aparelho é o aplainamento de madeiras, derivando daí a denominação "madeira aparelhada". Aplica-se, ainda, o têrmo às pedras ligeiramente desbastadas.

APARELHO SANITÁRIO — Denominação dada a tôda peça ou acessório colocada na habitação em geral, com o fim precípuo de servir à higiene. Entre outros, contam-se como aparelhos sanitários, os que constituem o banheiro de uma casa, de um edifício: a pia, o bidê, a privada, o banheiro, etc. A forma adquirida por êsses aparelhos sòmente definiu-se em fins do século XIX, sendo digna de nota a preocupação no disfarce da função pelo uso de frisos gregos, da estilização da fôlha de acanto e outros recursos decorativos e, ainda, na imitação de móveis diversos encobrindo o aparelho sanitário. Hoje, torna-se cada vez mais notório o trabalho dos técnicos em encontrar as formas racionais dêsses aparelhos derivadas estritamente de sua função.

APARTAMENTO — Significando a palavra ato ou efeito de apartar, em arquitetura, é usada para designar elementos de separação como, por exemplo, cêrcas, muros de fecho ou divisórios, ou então, elementos separados como as unidades de moradia em prédios de habitação coletiva. Daí a expressão prédios de apartamentos. Os apartamentos podem ser residenciais ou comerciais, para escritórios. A lei prevê e permite a venda de apartamentos em condomínio, contanto que as unidades a serem vendidas tenham, pelo menos, três peças ou cômodos distintos e a cada unidade corresponda 31,00m2 do terreno em que o edifício seja construído.

APARAUÍ — Madeira. Ver MASSARANDUBA.

APÊ — Madeira. Ver ARATICUM-DO-MATO.

APEANHAR — Dar ou fazer base em forma de peanha. Ver PEANHA.

APEDRADO — Pedrado. Que imita as manchas do granito.

APEDREGULHAR — Atulhar ou encher qualquer local de pedras miúdas ou de cascalho.

APEIAR — Demolir um edifício, ou uma de suas partes.

APENDOADO — Ornado ou guarnecido com pendões.

APICOADO — Ato de APICOAR e, também, talhado a pique, íngreme.

APICOAR — Desbastar uma pedra a picão. Diz-se "pedra apicoada".

APISOAR — Socar ou bater a terra em camadas sucessivas para torná-la mais firme ou compacta. Costume antigo aconselha que se misture à terra, para pisos internos de terra batida, ou apisoada, certos aglutinantes, como por exemplo, o sangue de boi.

APLAINAR — Alisar ou tornar iguais as superfícies de madeira. Aparelhar. Fazer uso da plaina.

APLANAR — Tornar plano, nivelar.

APODIAMENTO — O mesmo que ANDAIME. Madeiramento onde se pisa para executar qualquer trabalho.

APOIO — Base sôbre a qual assenta alguma coisa. O têrmo tem aplicação na linguagem arquitetônica para designar tôda a construção de alvenaria, de concreto armado, de madeira, ou de outro material, que sirva de sustentáculo a determinada carga. Assim um pilar, uma coluna ou a parede ordinàriamente constituem os apoios de uma construção. Na moderna arquitetura a parede não tem mais funcionado como apoio. Nas estruturas livres, independentes, ela exerce a função única de vedação, deixando para o pilar ou a coluna, a de apoio das lajes.

APONTOAR — Sustentar por meio de pontaletes ou espeques qualquer obra em perigo de desabamento.

APORTILHAR — Abrir porta ou brecha em parede ou muro.

APOSENTO — O mesmo que moradia, residência ou casa. Geralmente aplica-se a palavra para designar um cômodo da habitação. Dormitório.

APOTECA — Despensa. Depósito de gêneros alimentícios. ADEGA.

APOUSAMENTO — O mesmo que casa, moradia.

APRAUÁ — O mesmo que MASSARANDUBA.

APRESTO — O mesmo que aparelho ou primeira demão de tinta-base sôbre uma superfície, preparando-a para a pintura definitiva.

APRICO — Divergente erudito de ABRIGO.

APRISCO — Curral de ovelhas. Redil. Choupana. Cabana. Albergue. Abegoaria. Caverna, covil, toca.

APROVAÇÃO DE PLANTAS — Aprovação de plantas quer dizer satisfação das exigências legais que regulamentam planos de construções ou urbanísticos. Já nos nossos tempos coloniais começaram a se esboçar leis e regulamentos tendentes a normalizar tanto os processos de construção como o aspecto das edificações. São bastante conhecidos os exemplos a respeito de multas aplicadas pelas Câmaras de Ouro Prêto, Salvador ou São Paulo a particulares que infrigiram as saborosas, e às vêzes ingênuas, posturas locais. Com o correr dos anos e governos sucessivos as codificações foram tomando corpo, abrangendo todos os aspectos pertinentes à técnica e aos planos em geral, constituindo o que chamamos atualmente de Códigos de Obras. Tais leis tanto podem ser municipais como estaduais ou federais. A aprovação de plantas não passa, portanto, do beneplácito das autoridades apôsto aos desenhos, após o atento exame dos mesmos, verificada a satisfação plena dos interêsses legais vigentes; e conseqüentemente constitui uma espécie de licença para dar-se o início às obras. A tôda aprovação de plantas corresponde um "alvará de construção", que é o documento oficial que autoriza o interessado a executar o seu projeto. Ver CÓDIGO DE OBRAS.

APROVEITAMENTO — Em se tratando de projetos arquitetônicos, dá-se o nome de aproveitamento ao empenho que se dá em usufruir tôdas as vantagens que o terreno oferece, tanto no que diz respeito ao partido, encarada a questão da funcionalidade, como às determinantes econômicas que agem no empreendimento. O aproveitamento do terreno é orientado, então, sob dois aspectos: o primeiro é o que reune as condições intrínsecas do terreno pròpriamente dito, como sejam conformação topográfica, orientação e restrições pertinentes às legislações vigentes que sôbre êle atuam; o segundo trata das disponibilidades econômicas do interessado. Êste segundo aspecto é o que determina realmente, na prática, um maior ou menor, ou ainda, um melhor ou pior aproveitamento do terreno. Percebe-se pelo exposto que na realidade existem dois "aproveitamentos": o arquitetônico pròpriamente dito, intimamente ligado ao partido e à função e o econômico que, resguardados os interêsses dos Códigos de Obras, oferece maiores ou menores vantagens financeiras. O surto imobiliário tornou o aproveitamento de terrenos numa arte algo escusa, que pretende o máximo dentro do mínimo, o máximo de área construída no mínimo de terreno: o lucro antes do confôrto, da higiene e da razão.

APSIDE — Ver ABSIDE.

APUCARANA — Madeira citada em antigas especificações, boa para carpintaria e obras civis, que tinha pêso específico de 1,105.

AQUARELA — Nome dado indiferentemente à tinta dissolvida em água ou à pintura com ela feita sôbre papel, cuja característica principal é a transparência das côres. Desde tempos remotos, principalmeste nas antigas iluminuras de manuscritos, empregou-se a água como veículo de certos pigmentos vegetais ou minerais aliados a fixadores como a cola de pelica, por exemplo. Destas pinturas antigas derivaram a aquarela moderna, cultivada principalmente pelos inglêses, e outras técnicas como a do guache, caracterizado pelas tintas opacas. A transparência cromática da pintura, e a boa norma não permitem a superposição de pinceladas, principalmente quando se trata de um tom claro sôbre um escuro.

AQUÁRIO — Reservatório de água doce ou salgada feita para nêle viverem animais ou plantas aquáticas. Além dos pequenos aquários ornamentais domésticos, existem os grandes reservatórios para guarda, criação e exposição pública de peixes que, às vêzes, constituem interessantes programas arquitetônicos. No Brasil antigo, em chácaras, fazendas e engenhos de açúcar, foram muito comuns grandes aquários ou tanques de criação de peixe. Êsses aquários constituíram programas de arquitetura paisagística, pois estavam sempre situados nos jardins das casas grandes. No século XIX caíram em desuso

quanto ao aspecto utilitário (principalmente fornecimento de peixes nos dias de jejum) para tornarem-se elementos decorativos em volta de pequenas grutas artificiais que abrigavam imagens sacras, sob os arvoredos dos pomares e jardins. Com a mudança de função, mudaram-se também as qualidades dos peixes, época em que se popularizou a criação de peixes orientais, geralmente decorativos.

AQUARTELAR — Usa-se na linguagem arquitetônica para significar a divisão em quartéis dos pés direitos de uma medianeira.

AQUÁTIL — Construção sôbre água, ou aquátil.

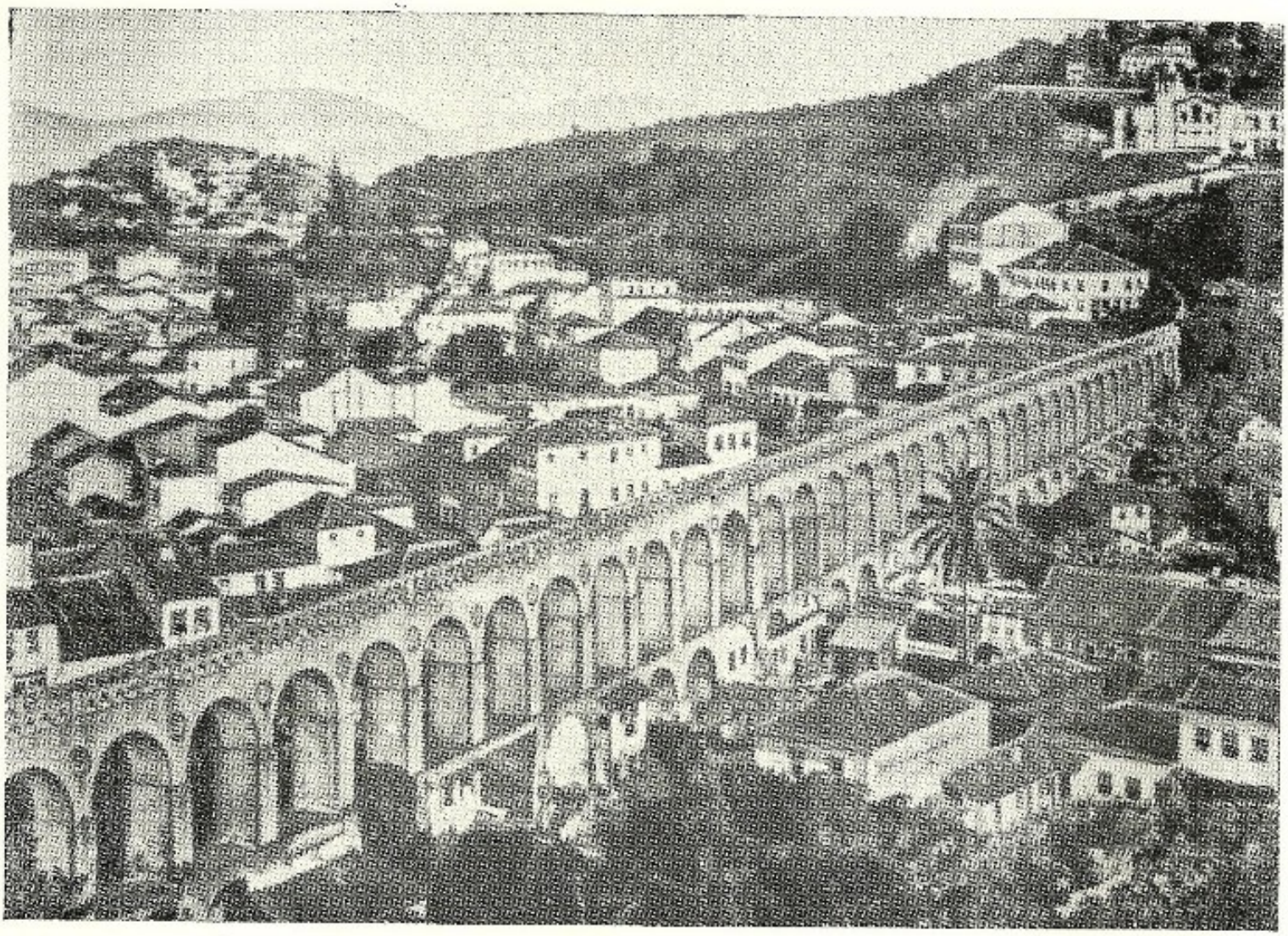
AQUECEDOR — É o nome dado aos aparelhos ou dispositivos que tanto podem aquecer o ar dos ambientes, substituindo neste caso as antigas lareiras, como a água dos aparelhos sanitários. Em arquitetura o segundo tipo de aquecedor é de mais interêsse por estar intimamente ligado às instalações do serviço de hidráulica, não sendo como o outro, elemento móvel e dispensável. Os aquecedores de água modernos filiam-se aos antigos sistemas rudimentares de aquecimento que empregavam as serpentinas de canos de cobre ou ferro instaladas nos fogões a lenha. Com o advento do gás de iluminação aquelas serpentinas separaram-se dos fogões e passaram a receber energia térmica diretamente nos cômodos de banho. Hoje os aquecedores estão aperfeiçoadíssimos e tanto podem ser a gás, como elétricos e podem esquentar, conforme a instalação, a água dos reservatórios ou diretamente a água da torneira. O reservatório, cuja água é aquecida, é separado do reservatório geral, e sua instalação corresponde ao que chamamos de "aquecimento central", pois distribui água quente às várias torneiras da habitação. Podem existir tanto em moradias particulares, como em coletivas. Neste último caso a energia térmica exigida é muito grande e pode ser proveniente de resistências elétricas ou também de energia solar com dispositivos instalados nas coberturas dos edifícios.

AQUEDUTO — Canal artificial, de pedra ou alvenaria de tijolos, subterrâneo ou elevado do solo, que conduz água do manacial aos locais de consumo. Quando o aqueduto atravessa regiões baixas ou vales é sustentado por estruturas, que antigamente eram sempre arqueadas. Quando os desníveis eram grandes as arcadas eram dobradas ou triplicadas umas sôbre as outras. Desde a mais remota antiguidade são os aquedutos conhecidos, como por exemplo em Mênfis (Aqueduto de Sesóstris), na Babilônia (Aqueduto de Semíramis) e em Israel, o aqueduto feito por Salomão. Foram os romanos os grandes aperfeiçoadores na fabricação daqueles canais suspensos, e dos mais famosos aquedutos da Roma antiga podemos citar: Aqua Appia, o primeiro dêles, o Anio Vetus, a Aqua Julia e a Aqua Virgo. Em Lisboa, citamos o aqueduto das Águas Livres, obra feita a mando de D. João V. No Brasil, além dos modestos canais de pedra que levavam água aos engenhos de pilar ou moer, houve aquedutos urbanos de distribuição de água potável, mas nenhum dêles é tão conhecido ou famoso como o do Rio de Janeiro, os já tão decantados ARCOS DA CARIOCA. Êste aqueduto, terminado no século XVIII, tinha 6.600 metros de comprimento descendo as encostas dos morros de Cosme Velho, Laranjeiras e Santa Tereza atravessando o vale entre êste morro e o de Santo Antônio sôbre os mencionados "ARCOS", que são em número de 42, atingindo 17,60 metros de altura e 270 metros de comprimento. A respeito desta grande obra de engenharia colonial ver o trabalho de José Souza Reis, na revista n.º 12 do Patrimônio e Artístico Nacional. Ver ARCA D'ÁGUA.

AQUILÉGIO — Cano, tubo, goteira ou reservatório de água.

AR CONDICIONADO — Diz-se, também, ar acondicionado, ou ar beneficiado. É o ar pôsto em condições predeterminadas de temperatura e de grau de umidade, que, através de difusores, após processos de filtragem, é pôsto a circular em recintos fechados, estando sua retirada assegurada por bocas de aspiração convenientemente colocadas.

AR VICIADO — Ar impróprio à respiração humana e dos animais, sendo rico de bactérias, gás carbônico, umidade, etc. Quando é provocado pela ventilação deficiente, ou mesmo nula dos recintos, principalmeste dos locais de reunião, também recebe o nome de AR CONFINADO. Quando a própria atmosfera está viciada, o que é muito comum nos grandes centros industriais, temos o AR POLUÍ-



Fotografia antiga mostrando a parte arqueada do Aqueduto da Carioca, hoje transformado em viaduto.

DO, ou a POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA, que, além da fumaça, contém em grande quantidade poeira em suspensão.

ARA — Local reservado ao sacrifício. Altar. Santuário. A palavra vem do grego "airó" que quer dizer exaltar, elevar. Depois de certo tempo, pelo direito canônico, o altar cristão passou a ser de pedra e posteriormente empregou-se uma pedra sôlta sôbre a mesa do sacrifício, onde o sacerdote estendia os corporais e colocava o cálice e a hóstia, para celebrar a missa. Essa pedra recebeu o nome de "pedra de ara", ou "pedra d'ara", ou melhor pedra do altar. Ver ALTAR.

ARABESCOS — Ornamentos geométricos, caprichosos e entrelaçados que, como diz o nome, caracterizam a decoração árabe, impedida pelo Alcorão de representar a figura humana e de animais, tanto na pintura como na escultura. Modernamente o têrmo passou a designar qualquer ornato, figurativo ou não, que lembre a orientação decorativa muçulmana.

ARABUTAM — Pau vermelho ou PAU BRASIL. O mesmo que guarapitã.

ARAÇANDIVA — Madeira. Ver ARAÇASEIRO.

ARAÇÁ — O têrmo designa grande número de variedades do gênero Psidium da família das Mirtáceas. A sinonímia também é grande dessas árvores que fornecem madeira amarela escura boa para obras em geral: ARAÇAÚVA, ARAÚBA, ARAÇANDIVA, ARAÇAJI, ARAÇAPIRANGA, ARAÇARANA e ARAÇATUBA. Em geral a madeira dessas árvores possui pêso específico em tôrno de 1.00. Dos araçás, o mais conhecido e empre-

gado em obras talvez seja o ARAÇÁ DA PRAIA, o Psidium littoralis, Roddi., de pêso específico igual a 1,02, de resistência ao esmagamento (carga perpendicular) igual a 168 kg/cm2.

ARAÇAJI — Madeira. Ver ARAÇÁ.

ARAÇAPIRANGA — Ver ARAÇÁ.

ARAÇARAMA — Ver ARAÇÁ.

ARAÇASEIRO — Ver ARAÇÁ.

ARAÇAÚVA — Madeira. Ver. ARAÇÁ.

ARACURI — Madeira. Ver ANGELIM AMARGOSO.

ARAME — Fio de metal. Antigamente a palavra designava, com mais freqüência, certas ligas de cobre com outros metais, principalmente o zinco. Metal amarelo.

ARANDELA — O nome quer dizer a peça colocada na boca do castiçal para aparar os pingos da vela derretida. O nome passou a designar, no século passado, os bicos de gás de iluminação que eram colocados nas paredes. Modernamente dá-se o nome de arandela a todo aparelho de iluminação engastado ou apoiado em paredes, sejam elétricos ou não.

ARANGÃO — Pessoa que exerce profissão mecânica. Artífice, artesão. Aquêle que exercia qualquer atividade especializada nas construções. O mesmo que ARRINCÃO.

ARAPIRACA — Madeira. Ver ANGICO-PRÊTO.

ARAPOCA-AMARELA — Madeira usada para esteios, dormentes, e também na marcenaria. Pêso específico médio: 1,130. Raputia magnífica, Engl. Família das Rutáceas.

ARARACANGA — Madeira amazônica empregada em construções civis e marcenaria. Madeira amarelo-avermelhada com densidade média determinada em amostras sêcas ao ar livre, durante a sêca, em Belém do Pará igual a 0,90. Aspidosperma desmathum. Mull Arg., Família das Apocináceas.

ARARIBÁ — Madeira de lei usada em construções civis e navais, em marcenaria fina e na carpintaria. Sinonímia: Araruva, Muiraquatiara e Guararoba. Centrolobium sp.

ARARIBÁ-AMARELO — Madeira também conhecida por Iriribá ou por Putumuju (Bahia). Muito usada na marcenaria de luxo, nas esquadrias especiais, como portais nobres. O aspecto do cerne é amarelo claro, com veios longitudinais côr de ouro. Pêso específico médio 0,926. Resistência: à flexão, 1,322 kg; ao esmagamento: carga perpendicular, de 199 a 229; carga paralela, de 307 a 627 e, sem determinação de posição, 716 kg por cm². Centrolobium robustum, M. Família das Leguminosas.

ARARIBÁ-BRANCO — Madeira empregada em obras civis. Pineckneia verifora. Família das Rubiáceas.

ARARIBÁ-PRÊTO — Madeira de lei que se aplica em obras civis e navais. Possui bela côr vermelha escura, recebendo bem o verniz. Pêso específico médio: 0,836. Resistência ao esmagamento: 691 kg/cm². Pineckneia sp. Famílias das Rubiáceas.

ARARIBÁ-ROSA — Madeira também conhecida por Eriribá-roxo, Gororoba (no norte do país, Maranhão principalmente) e Putumuju (na Bahia). É madeira de lei, largamente empregada em obras várias. A sua resistência à chuva e ao calor a faz procurada, também, para moirões e esteios, assim como para vigamento de pontes. Pêso específico médio: 0,725. Resistência à flexão: 1,217 kg; ao esmagamento: carga perpendicular de 115 a 329; carga paralela, de 356 a 404 kg/cm². Centrolobium. Família das Leguminosas.

ARARUVA — Madeira. Ver ARARIBÁ.

ARAÚBA — Madeira. Ver ARAÇASEIRO.

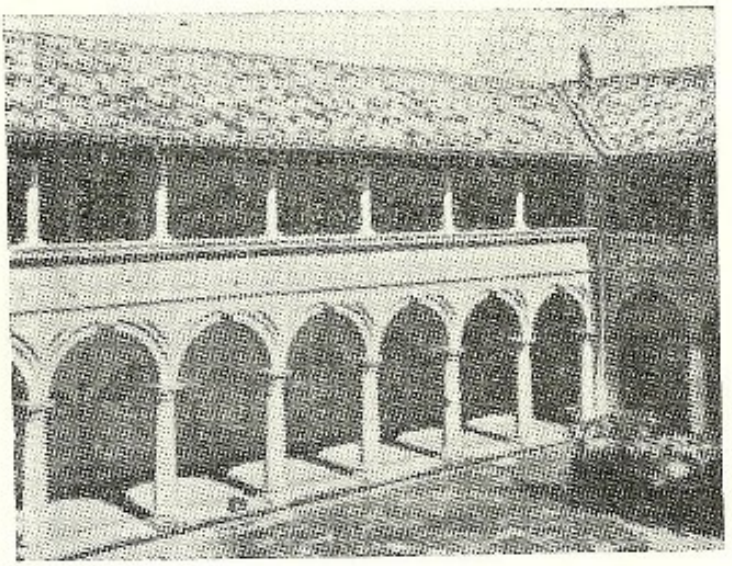
ARBÓIS — O mesmo que claraboia. Abertura para entrada de luz.

ARCA — Reservatório de água. Caixa de grande dimensões.

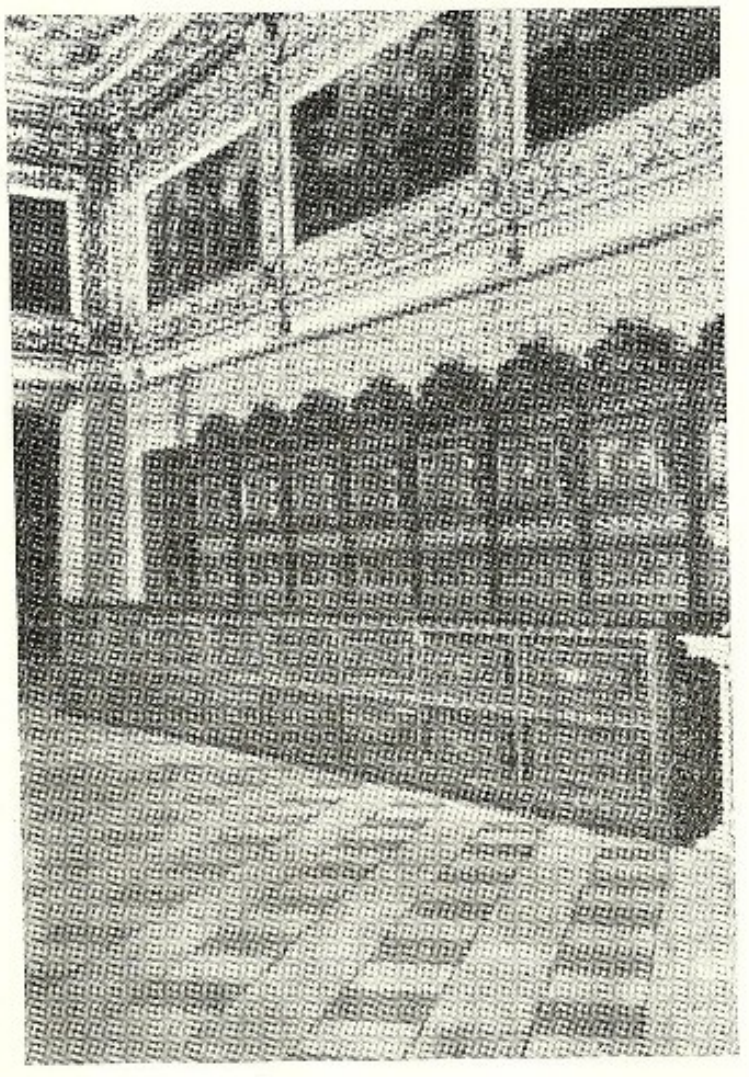
ARCA D'ÁGUA — Nome que antigamente recebia o reservatório de água potável que captava o líquido das nascentes das proximidades. Todo aqueduto terminava numa "arca d'água", da qual saíam as ramificações para os chafarizes. Ver AQUEDUTO.

ARCABOUÇO — Em um edifício, o conjunto dos elementos estruturais. Esqueleto.

ARCADA — O vocábulo deve subentender uma galeria ou passagem que tenha, pelo menos em um dos flancos, uma sucessão de arcos. Com o tempo, o têrmo passou de ser adjetivo para tornar-se substantivo, designando sempre um local com arcos ao longo.



Arcadas do claustro do Convento de São Francisco, em Salvador, Bahia. Construção de 1710.



Arcaz da sacristia da Catedral, Salvador.

ARCADO — Arqueado, em forma de arco.

ARCADURA — Curvatura. Arqueadura. Peça de construção de forma curva.

ARCARIA — O mesmo que ARCADA.

ARCATURA — Arcos fingidos, formando saliências nos paramentos.

ARCAZ — Grande arca com amplas gavetas, que, nas sacristias serve para guardar vestes ou objetos pertencentes ao culto religioso. Nos antigos projetos de nossas igrejas foram os arcazes elementos importantes de composição, existindo alguns famosos pela magnificência nos acabamentos e pela integração perfeita nos ambientes.

ARCHETE — Quando uma padieira é mais estreita que a espessura da parede, onde está situada a envasadura, dá-se o nome de archete à parte que completa aquela grossura. O mesmo que CONTRAPADIEIRA. Por influência portuguêsa dá-se, também, o nome de archete ao arco de escarção. Ver ARCO DE ESCARÇÃO.

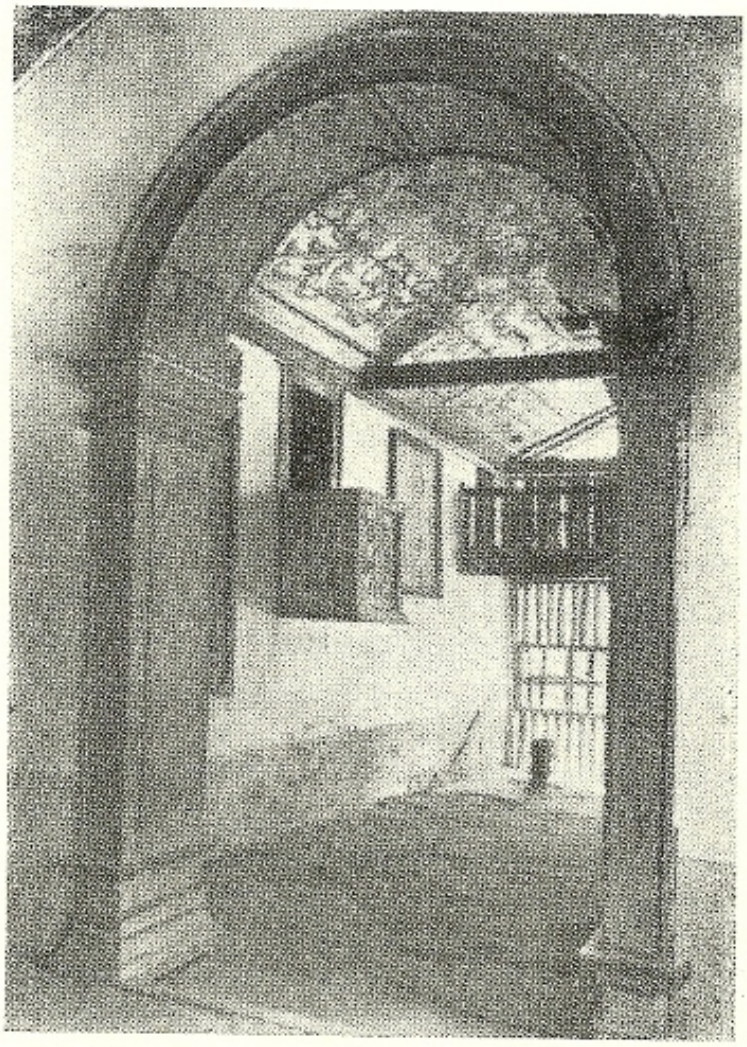
ARCIFORME — Que tem forma de arco.

ARCO — Elemento estrutural curvo, quase sempre com a convexidade voltada para cima, que construtivamente cobre um vão, suportando cargas. Pode ser de alvenaria, metálico ou de concreto armado. Distingue-se das abóbadas pelo fato da sua espessura ser muito menor que o vão determinado. Nas obras de alvenaria os elementos constituintes dos arcos recebem nomes peculiares que aqui devem ser lembrados. Os arcos descarregam o próprio pêso e as cargas que transmitem sôbre os PÉS DIREITOS, os quais poderão fazer parte integrante duma parede ou estar individualizados em pilares ou colunas isoladas. Nas pontes, os pés direitos recebem o nome de ENCONTROS, quando estiverem situados nas margens e PEGÕES se estiverem colocados em posição intermediária. O plano ideal que separa os pés direitos dos arcos pròpriamente ditos chama-se PLANO DAS IMPOSTAS. As partes do arco contíguas às impostas são as NASCENÇAS. Como nas abóbadas de alvenaria, os elementos cuneiformes que os constituem chamam-se ADUELAS, das quais algumas possuem denominações especiais: as pedras que assentam diretamente nas impostas, nas nascenças, portan-

to, chamam-se SAIMÉIS, as situadas nos pontos mais altos, ou centrais, denominam-se CHAVES ou FECHOS e os que as ladeiam. CONTRAFECHOS. A distância medida do plano horizontal das impostas à face inferior das chaves chama-se FLECHA. As superfícies internas dos arcos são os INTRADORSOS e as externas, EXTRADORSOS. São várias formas curvilíneas que assumem êstes elementos estruturais e daí os vários tipos de arcos. Modernamente os arcos recebem nomes iguais aos das curvas que os determinam: arcos parabólicos, elípticos, etc. Tradicionalmente existem certas denominações que devem ser rememoradas: ARCO DE MEIO PONTO, SEMI-CIRCULAR, DE VOLTA INTEIRA, DE VOLTA REDONDA ou DE PLENO CIMBRE, é o que tem por perfil uma semi-circunferência, isto é, a flecha é igual ao raio. Recebe, também, o nome de ARCO REVINDO; ARCO DE FERRADURA, BIZANTINO, MOURISCO, ou DE FERRADURA VISIGÓTICA é aquêle em que a semi-circunferência é ultrapassada, medindo mais de 180°. Arco de ferradura apontado, variante dêste tipo é aquêle formado por duas curvas que fazem vértice ao unirem-se no alto: ARCO ABAULADO é o formado por segmento de círculo menor que 180° e é chamado, também, ARCO DE GERAÇÃO; ARCO POLICÊNTRICO é aquêle constituido de porções de arcos conjugados, com auxílio de vários centros. Nestes arcos as alturas são sempre menores que o raio da maior curva utilizada. O centro permanece abaixo da linha das impostas. Pertencem a esta categoria os arcos de SARAPANEL, de ASA DE CÊSTO, ABATIDOS, REBAIXADOS, etc., ARCO AVIAJADO é aquêle que possui as nascenças em níveis diferentes; ARCO OGIVAL é o formado por duas curvas tangentes às faces internas dos pés direitos e que se interceptam ao alto, formando vértice.

ARCO CRUZEIRO — É o arco situado diagonalmente no intradorso de uma abóbada de aresta. Ver CRUZEIRO. Vulgarmente dá-se, também, o nome de arco cruzeiro ao arco que separa simplesmente a nave da capela mor.

ARCO DE PIPA — Rara madeira paulista muito compacta e de talho duro de pêso específico igual a 1.000 e boa para esteios em



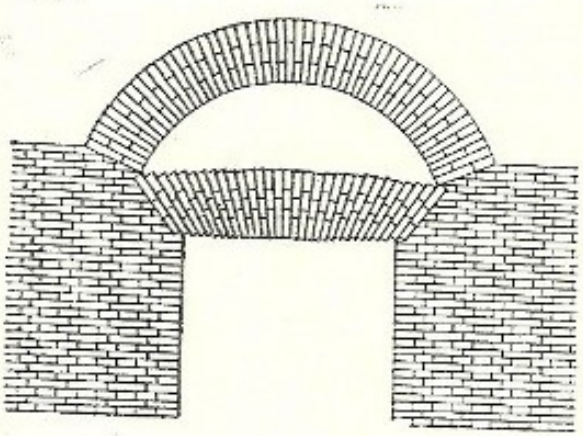
Arco cruzeiro da Capela de Santo Antônio, situada em São Roque, na antiga fazenda de Fernão Paes de Barros. Construção do século XVII.

lugares úmidos. Madeira de grande flexibilidade. Erythroxylum pulcrum, St. Hil. Família da Eritroxiláceas.

ARCO FORMALOTE — Ver ARCO FORMEIRO.

ARCO FORMEIRO — Quando nos templos existe transepto, arco formeiro, ou formalote, é aquêle que, no cruzamento das naves, situa-se paralelamente ao eixo principal da construção.

ARCO DE ESCARÇÃO — O arco de escarção é uma estrutura suplementar usada para auxiliar outro arco, que pela sua forma torna-se insuficiente para suportar as cargas concentradas sôbre a envasadura. Assim, por exemplo, quando se deseja uma verga de alvenaria muito abatida ou mesmo reta, e por isso capaz de receber sòmente cargas pequenas, busca-se o auxílio do arco de escarção que ficará situado acima e apoiado nos pés direitos



Arco de descarga.

ou encontros, recebendo e isolando as solicitações verticais. Ver ARCHETE.

ARCOBOTANTE — Construção exterior destinada a equilibrar paredes sujeitas a empuxos laterais provenientes de telhados ou abóbadas. Botaréu.

ARDÉSIA — O mesmo que ARDÓSIA.

ARDÓSIA — Xisto que pode ser fragmentado em lâminas, de côr cinza ou azulada, cujo nome deriva de Ardy, cidade da Irlanda onde existiram grandes jazidas daquele material. Suas lâminas aparelhadas serviram, em larga escala, para cobertura de edifícios na Europa, local onde também foram usadas para revestimentos internos e na feitura de lareiras, fogões, mesas e, também, na arquitetura funerária. Pode ser esmaltada. No Brasil, através de Portugal, cujas ardósias do Valongo foram famosas, aquela pedra teve emprêgo quase que exclusivamente nas escolas, nos quadros negros de demonstração.

ÁREA — Superfície de uma figura plana limitada. Região. Território. Espaço fechado. Pátio interno. Saguão.

AREIA — Material proveniente da pulverização, erosão ou granulação de minerais, principalmente rochosos. Da segregação das rochas silicosas ou a base de quartzo resultam as areias mais conhecidas na prática e empregadas em construção. Também podem ser argilosas. Existem areias de rio, ou de água doce, as do mar e as de minas ou jazidas que recebem o nome de SAIBRO, que é uma areia grossa, amarela escura ou avermelhada.

AREÍSCA — O mesmo que grés. Espécie de argamassa a base de areia.

AREJAMENTO — Ver VENTILAÇÃO.

ARENITO — O mesmo que grés. Rocha composta de partículas silicosas ou de quartzo agregadas em meio argiloso ou calcáreo. Placas de arenito sedimentar têm sido muito usadas no revestimento de pisos externos e internos. Quando empregado em interiores o arenito é polido e rejuntado com granilite.

ARÉOLA — Diminutivo de área. Pequena superfície. Canteiro de jardim.

AREOSTILO — Edifício de colunas distanciadas.

AREOTETÔNICA — Na arquitetura militar, é a arte que cogita dos dispositivos ligados à defesa e ao ataque.

ARESTA — Êste ângulo formado pela intersecção de dois planos toma interêsse, na arquitetura, quando são estudados os cortes das pedras de cantaria, cuja estereotomia exige arestas bem vivas e em perfeita esquadria. Ângulo vivo. Canto.

ARGAMASSA — Material aglutinante empregado no assentamento ou revestimento das alvenarias. É obtida pela mistura de água, areia e uma substância de ligação qualquer, como o cimento ou a cal. A argamassa de cal é a mais empregada e geralmente com traço de 1:3, isto é, uma parte de cal para três de areia. Chama-se argamassa magra aquela em que o aglutinante, a cal por exemplo, entra em pequena quantidade, não dando boa pega. Ao contrário, chama-se argamassa gorda aquela em que a cal é abundante, chegando mesmo a grudar-se na própria colher do pedreiro.

ARGAMASSADO — Acabado com argamassa.

ARGAMASSAR — Na linguagem comum pode significar: cobrir, rebocar, ligar ou fechar com argamassa.

ARGILA — Material terroso que, quando bastante úmido, torna-se tenaz e flexível, composto de sílica, alumina e água. As vêzes nela comparecem, também, os carbonatos de cal ou magnésio, o óxido de ferro, etc. Esta "terra gordurosa" é empregada na confecção de produtos cerâmicos e conforme suas qualidades ou componentes é classificada em ARGILA PURA, com a qual se obtém a porcelana. Ver CAULIM, ARGILA GORDA,

com pouco teor de sílica e própria para moldagens e cerâmica fina; ARGILA MAGRA ou FIGULINA é o barro usado nas olarias, próprio para telhas e tijolos. Ver GREDA.

ARGILA EXPANDIDA — A moderna indústria de peças pré-moldadas de concreto armado veio aperfeiçoar o fabrico de agregados leves, que pudessem substituir a pedra britada e o pedregulho tradicionais. Assim, surgiu no mercado mundial a argila expandida, apresentada em grânulos de diâmetro máximo de 2cm com características de leveza que dão uma diminuição que varia de 30 a 50% no pêso das peças estruturais. Os grânulos de argila expandida possuem grande resistência à compressão, são estáveis sob as mais adversas condições e são obtidos em fornos rotativos de alta temperatura 1.000° a 1.200° sofrendo após à cocção, resfriamento brusco. A produção industrial deriva dos métodos aperfeiçoados em 1917 por Stephen Hayde, no estado de Kansas, Estados Unidos.

ARGOLA DE PORTA — O mesmo que aldrava.

ARGOLADA — Quando um arco de alvenaria é composto de várias fiadas curvas e concêntricas, não travadas entre si e sòmente superpostas, cada uma daquelas camadas recebe o nome de argolada.

ARICURANA — Madeira. Ver MARGONÇALO.

ARMAÇÃO — Madeiramento de um edifício.

ARMADURA DE SOALHO — Ver SOBRADO.

ARMADURA DE TELHADO — Ver MADEIRAMENTO.

ARMARIA — O mesmo que ARSENAL.

ARMÁRIO — Móvel de madeira, com divisões ou prateleiras no qual são guardados objetos ou roupas. Vão na parede, do mesmo tipo e para o mesmo fim.

ARMAZÉM — O têrmo árabe "al-makhazan" trouxe para o português primitivo a forma "almazem" que significava arsenal, embora na língua de origem o verbête diga genèricamente depósito, celeiro, sótão, entreposto ou botica. Por influência da palavra arma (almazem era arsenal) o têrmo passou à atualidade como armazém, conservando, em têrmos, a acepção árabe: lugar onde se guardam mercadorias. Modernamente, então, armazém é o recinto no rés do chão que abriga mercadorias, comestíveis ou não, por longo ou por pequeno prazo, podendo ser local de vendas a varejo. No Brasil já se empregou o têrmo com sentido árabe mais amplo. pois Aluizio de Almeida diz que em Sorocaba já se deu o nome de armazém aos sótãos, locais onde eram guardados, a domicílio, gêneros e mercadorias, conforme pôde verificar em antigos inventários daquela cidade.

ARMELA — Argola prêsa à fôlha da porta, por onde se passa a alça do cadeado. Parafuso com a cabeça em argola. Peça metálica onde se encaixa o ferrôlho da fechadura.

ARMILA — Moldura circular em tôrno da base de uma coluna. O mesmo que ARMELA.

ARMILHEIRO — Pequeno formão.

ARNEZ — Palavra genérica que significa os utensílios: armadura completa, ou conjunto de armas, arreios completos de cavalo, etc. Em arquitetura empregou-se o têrmo significando o conjunto dos materiais e utensílios necessários a uma edificação ou obra.

ARO — Círculo ou peça circular, geralmente de metal. É, também, o nome genérico que se dá ao conjunto das ombreiras mais a verga e o peitoril de um vão de janela ou porta. É, em suma, a moldura quadrangular que guarnece o vão.

AROEIRA-BRANCA — Madeira também conhecida por Aroeira do Campo, que é usada em construções civis, obras hidráulicas, esteios, moirões e marcenaria. Lythaca molleoides, Engl. Família das Anacardiáceas.

AROEIRA-MOLE — Madeira igual à precedente e com as mesmas aplicações. Sua casca serve para curtume. Schimus molle, L. Familia das Anacardiáceas.

AROEIRA-PRÊTA — Madeira. Ver URINDEÚVA.

AROEIRA DO SERTÃO — Madeira. Ver URINDEÚVA.

AROEIRA-VERMELHA — Madeira de ótimas qualidades para construções civis, marcenaria, etc. Muito usada em esteios, moirões e dormentes. Contém tanino em abundância. Pêso específico médio: 1,212. Re-

sistência: 1.005 kg/cm². Schinus therebinthi-folius, Roddi. Família das Anacardiáceas. CABUÍ.

ARQUEAÇÂO — Ação de arquear ou a curvatura de um arco.

ARQUEADA — Diz-se da construção que depende estruturalmente do arco. Construção sôbre arcos. Que tem forma de arco.

ARQUEADO — Curvado. Que tem a forma de arco.

ARQUEADURA — O mesmo que ARCADURA.

ARQUEAR — Dar forma, tomar a forma de arco.

ARQUEOLOGIA — Ciência que deduz o conhecimento do passado através do estudo dos monumentos e objetos antigos. O estudo de tais "restos" é de real interêsse quando das civilizações ou culturas desaparecidas é precária a informação bibliográfica, dada a carência de notícias ou informações históricas. No campo da arquitetura a arqueologia presta inestimáveis serviços porque fornece, depois das necessárias análises, indicações preciosas a respeito das antigas técnicas construtivas, facilitando, assim, o perfeito conhecimento daquela arte através dos tempos e o estudo sistemático de sua evolução.

ARQUETA — Arca pequena. Mealheiro à porta das igrejas e nos nichos de santos.

ARQUETE — Sepultura, urna cinerária.

ARQUÉTIPO — Exemplar que serve de modêlo.

ARQUIBANCADA — Banco ou assento de grande comprimento, com encôsto, empregado em anfiteatros ou estádios. O mesmo que arquibanco.

ARQUITETAÇÃO — Ato ou resultado de ARQUITETAR.

ARQUITETADO — Emprega-se para designar o que foi projetado, idealizado e às vêzes, o que já foi construído.

ARQUITETAR — Planear, conceber um plano, traçar uma idéia. Ou ainda, edificar, construir, fabricar, levantar um edifício. Atividade peculiar do arquiteto.

ARQUITETO — Homem que exerce a arte da arquitetura. Pela definição da U.I.A. — União Internacional de Arquitetos — "é aquêle que, sendo mestre na arte de construir, ordena o espaço, cria e anima os lugares destinados ao homem, a fim de assegurar-lhe melhores condições de vida. Êle possui a arte da composição, o conhecimento dos materiais e suas técnicas e a experiência na execução das obras". O arquiteto é o que desenha, projeta ou idealiza os edifícios.

ARQUITETÔNICA — Têrmo sinônimo de arquitetura. Usualmente empregado como adjetivo, como na expressão: concepção arquitetônica, etc.

ARQUITETÔNICO — Designação de tudo aquilo que se refere à arquitetura ou que pertence à arquitetura.

ARQUITETONOGRAFIA — Descrição de um edifício ou obra de arquitetura. Arte de conhecer e descrever as construções.

ARQUITETOR — O mesmo que arquiteto. Forma antiga de rara aplicação, quase privativa do sentido figurado ou poético.

ARQUITETURA — Pela conceituação mais remota é a arte de compor e construir tôda a sorte de edifícios, segundo as regras e proporções convenientes, conforme define Francisco de Assis Rodrigues. Lúcio Costa, nosso maior teórico do assunto, diz: "Arquitetura é construção concebida com a intenção de ordenar plàsticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa". É a arte que deve ser concebida e realizada no sentido de criar um espaço ao mesmo tempo **humano** — pelo homem que o necessita e não vive só, mas em aglomerados, **social** — pela realidade material que o origina e **plástico** — pela intenção deliberada que preside o aparecimento da obra arquitetônica, que além do mais deve ser bela.

ARQUITETURAL — Designativo de tudo aquilo que concerne à arquitetura. Relativo à arquitetura. Também usado como mesmo sentido de ARQUITETÔNICO.

ARQUITRAVADA — Cimalha sem friso.

ARQUITRAVADO — Adornado de arquitrave.

ARQUITRAVE — Etimològicamente a palavra significa a viga ou verga principal, que

se apóia, em suas extremidades, em colunas ou pilares. Caracteriza o sistema arquitravado de envasaduras cujas vergas são planas e horizontais. É a primeira parte do entablamento, ficando entre os capitéis das colunas e o friso.

ARQUIVOLTA — É a moldura, com ornatos ou não, que guarnece os arcos na altura dos extradorsos.

ARRABALDE — Povoação que fica perto de uma cidade, dependendo dela. Arredor, subúrbio.

ARRAIAL — Povoação de população mais ou menos densa e de caráter temporário. Espécie de acampamento. Pequena aldeia. Foram comuns, em nossas antigas zonas de mineração, principalmente em Minas Gerais, a formação de arraiais de aventureiros atraídos pela riqueza de certas lavras. Esgotado o manancial aurífero, desaparecia o arraial. Vários dêles, porém, perpetuaram-se em cidades, embora a causa inicial de formação tenha desaparecido. Um exemplo é a cidade de Ouro Prêto, que teve como células iniciais alguns arraias distintos entre si: o do Padre Faria, o arraial de Antônio Dias o de Ouro Prêto, pròpriamente dito, etc. Na zona de mineração de São Paulo, no vale do Ribeira de Iguape, a maioria dos arraiais existentes na época está desaparecida. Do arraial de Ivaporunduva resta, sòmente, a capela executada pelos escravos dos mineradores. O primitivo arraial de Iporanga virou tapera, depois que os moradores, acabado o ouro, mudaram-se para o atual lugar da cidade daquele nome. Modernamente, costuma-se dar o nome de arraial, no interior do Brasil, aos locais de festejos a santos padroeiros de certos arrabaldes. O mesmo que bairro longínquo.

ARRANCHAMENTO — Casa de moradia no campo, com seus acessórios — currais, galpões, etc. — ou sem êles, no Rio Grande do Sul, segundo J. Simões Lopes Neto.

ARRANHA-CÉU — Edifício de muitos pavimentos. No plural, designativo de todos os edifícios altos de uma cidade.

ARRANQUE — Nome que costumava-se dar à primeira aduela do arco, aquela diretamente apoiada na imposta. O mesmo que SAIMEL ou RUMPANTE. Ver ARCO.

ARRASTO — O mesmo que ESCARPA ou ALAMBOR.

ARRATEL — Do árabe "ar-ratl". Medida de pêso que valia 16 onças, ou 459 gramas.

ARREBATE — O mesmo que SOLEIRA ou LIMIAR das portas.

ARREMATADO — Diz-se do acabamento ou do ornato que finaliza uma obra.

ARREMATAR — Diz-se arrematar ou finalizar uma obra. Ao término de uma construção, corresponde o arrematamento aos acabamentos finais. Antigamente o verbo arrematar era muito empregado nos processos que determinavam o cidadão capaz, pelos seus cabedais ou conhecimentos, de executar obras importantes, como edifícios públicos ou igrejas. O arrematante seria o vencedor daquilo que, hoje modernamente, chamaríamos de concorrência pública.

ARRENDADO — Ornatos miúdos ou delicados que lembram rendas. O mesmo que LAÇARIA.

ARRIMAR — O mesmo que encostar, apoiar, escorar. Fazer obra que suporte esforços previstos nas construções. Um BOTARÉU é um arrimo. Muro de arrimo, no linguajar comum, é aquêle que sustém a terra e seus empuxos, nas obras em que existem desníveis no terreno.

ARRINGÃO — Ver ARANGÃO.

ARROBA — Pêso que equivale a trinta e dois arráteis, ou a 14,689 quilos.

ARROCHAR — Nas estruturas metálicas, fazer desaparecer as folgas nas articulações.

ARRUAÇÃO — Traçado e demarcação de ruas em terreno vago.

ARRUADO — Distribuído ou disposto em ruas. Série de casas às margens de uma estrada. Lugarejo de uma só rua.

ARRUAMENTO — Ação de arruar, de dispor em ruas. Projetar ruas em loteamento. Executar ruas nas cidades.

ARRUAR — Abrir ruas; distribuir em ruas; alinhar ruas ou calçadas; localizar-se na rua. Alcântara Machado em Vida e Morte do Bandeirante transcreve: "mande V. mercê... os medidores desta vila com qualquer oficial da Justiça me vão meter de posse dos ditos chãos e arruar-me".

ARRUDA-BRAVA — Madeira. Fagara sp. Família das Rutáceas.

ARSENAL — Palavra introduzida na língua portuguêsa depois do século XVI e que parece ser de origem arábica. É o edifício com armazéns e dependências próprias para fabricar e guardar aparelhos, armas e munições bélicas.

ART NOUVEAU — Movimento artístico, originário da Europa e que dominou entre 1893 e 1905. O têrmo "Art Nouveau" veio do nome de uma loja parisiense — "L'Art Nouveau Bing. Na Alemanha foi designado como Jugendstil; na Bélgica como "Ligne belge"; na Inglaterra como "Modern Styl" e na Itália como "Liberty". Outras designações foram empregadas para nomear êsse estilo. Hoje os historiadores estão de acôrdo com o têrmo "Art Nouveau", porque caracteriza a grande propaganda em tôrno das artes decorativas. Na arquitetura os exemplos mais significativos estão nos trabalhos do belga Victor Horta e do francês Hector Guimard. O "Art Nouveau" se inspirou nas formas orgânicas da natureza, onde dominou o emprêgo das hastes ao invés das flôres. Foi influenciado pelo movimento inglês dos pré-rafaelistas. No Brasil surgiu no fim do século, principalmente em São Paulo, Rio e Curitiba, influenciando as "artes decorativas" e a arquitetura, notadamente na obra de Victor Dubugras.

ARTE — Conjunto de preceitos com os quais pode o homem executar com habilidade, gôsto e intenção plástica, alguma coisa, criando um objeto visível que se sobrepõe à natureza. A arquitetura constitui uma das mais completas manifestações de arte.

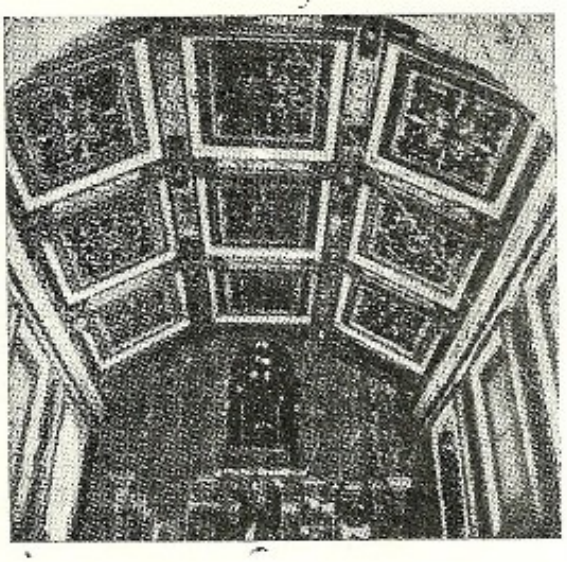
ARTECIDO — Ver ARTESOADO.

ARTEFATO — Designação dada a qualquer objeto produzido por intermédio das artes mecânicas.

ARTESANATO — Ofício ou profissão do artesão. Todo trabalho manual ou mecânico no qual toma parte ativa a inteligência, o gôsto e principalmente a iniciativa própria do operário, do artífice.

ARTESÃO — O têrmo, que significa lavor ou ornato entre molduras, situadas nos tetos ou abóbadas, parece derivar de "artesa", nome que se dava aos caixotes, de fundo estreito, onde era amassado o pão. Diz-se que um fôrro é artesoado quando é formado de painéis delimitados por molduras salientes, à feição de nervuras ou vigas reticuladas, existindo entre tais ressaltos lavores ou ornatos em relêvo. Diz-se, de maneira genérica, que todo fôrro de caixotões é artesoado, mesmo quando não há ornamentos internos ou artesões. Também ARTÍFICE.

ARTESOADO — O mesmo que guarnecido com artesões. Ver ARTESÃO.



Teto artesoado da capela-mor da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Embu, que conforme o padre Manoel da Fonseca, é obra do venerável Padre Belchior de Pontes.

ARTÍFICE — Operário ou oficial que exerce algum ofício, mister ou arte mecânica.

ARTISTA — Aquêle que cultiva uma das artes. Pessoa que, dotada da virtude e disposição necessárias, exercita uma arte. O arquiteto é considerado artista porque organiza um espaço útil e belo ao mesmo tempo e a arquitetura que é a sua profissão é classificada como uma das belas artes.

ARTÍSTICO — Aquilo que se refere às artes. Tudo o que sendo produto da indústria humana, é belo, plástico, de valorização estética.

ÁRULA — O mesmo que pequeno altar.

ÁRVORE COPAL — Ver JATAÍ.

ASA — O lado ou flanco de um edifício. O mesmo que ala. Às vêzes, o têrmo é usado em

lugar de ABA. Cada uma das duas fôlhas da DOBRADIÇA.

ASA DE CÊSTO — Ver ARCO.

ASÁROTO — Denominação antiga de certo piso feito com mosaicos em relêvo.

ASBESTO — Ver AMIANTO.

ASCENSOR — O mesmo que ELEVADOR.

ASFALTO — Mistura de vários hidrocarbonetos, na maioria das vêzes obtida do petróleo, que antigamente recebia os nomes de "betume da Judéia", "bálsamo de múmia" ou "goma dos funerais" e que era retirada diretamente de certas jazidas. É escuro, ou mesmo negro, lustroso e amolece com o calor e endurece com o frio. Sempre foi usado na composição de vernizes e nos revestimentos de pisos. Já os babilônicos usavam, em seus calçamentos, ladrilhos asfálticos. Modernamente, além de ser empregado nas rodovias, é usado como impermeabilizante de superfícies expostas ao tempo, como coberturas planas de edifícios, terraços descobertos e marquises.

ASILO — Programa de arquitetura que trata dos edifícios onde se recolhem crianças, velhos ou mendigos necessitados de amparo.

ASNA — Armação de madeira que sustenta o telhado. Modernamente recebe o nome de TESOURA. Antigamente aquêle elemento estrutural era muito simples e executado empìricamente, sem os necessário cálculos relativos às solicitações da cobertura. As asnas eram triangulares na forma e em seus vértices apoiavam-se as cumieiras ou paus de fileira. Os lados recebiam o nome de pernas. A viga horizontal, que unia as pernas nas suas extremidades inferiores, sôbre os frechais, recebia o nome de linha. Quando a linha, ou viga horizontal está engastada na altura de um plano que corta as pernas pela metade, ou na altura do têrço, dá-se o nome "asna francesa" ao conjunto. Neste caso o triângulo não é fechado e as pontas livres das pernas apóiam-se diretamente nos frechais. As asnas francesas permitiam os antigos forros chamados "de gamela". Ver FÔRRO.

ASNA FRANCESA — Ver ASNA.

ASNAMENTO — O conjunto das asnas de uma construção. Asnaria. Vigamento de um telhado.

ASNARIA — O conjunto das asnas de um telhado. Diz-se telhado ou teto de asnaria ou sustentado por asnas.

ASPA — Nome de antigo instrumento de suplício em forma de X ou de cruz de Santo André. Por semelhança, emprega-se o têrmo para designar as armações de madeira compostas de dois paus, que se cruzam. No Brasil foi costume substituírem-se, nas asnas as linhas por aspas. Neste caso, quando as pernas das tesouras eram seguras por dois paus dizia-se que a asnaria era "de canga de porco". Ver ASNA.

ASSAFROA — Nome de certa árvore do litoral sul que dá madeira amarela com veios pretos, boa para obras externas.

ASSAQUIA — Saguão, vestíbulo. O mesmo que ÁTRIO.

ASSEMBLAGEM — O mesmo que ENSAMBLAGEM.

ASSENTAR — Colocar e ajustar, nos devidos lugares, elementos da construção. Diz-se assentar os tijolos ou as esquadrias. O têrmo é bastante empregado, na prática, na hora dos acabamentos e quando se trata da colocação dos revestimentos: azulejos, ladrilhos ou pastilhas.

ASSENTO — Nome dado antigamente ao local onde se levantava uma construção. Terreno delimitado por benfeitorias e parcialmente construído. Vemos, por exemplo, no volume primeiro dos "Inventários e Testamentos", no inventário de Maria Gonçalves, falecida em São Paulo em 1599, a seguinte passagem: "Casa e assento da roça: Esta casa sobradada de dois lanços e coberta de telha e forradas cerradas e fechadas com suas janelas e portas e o assento tudo avaliado em quarenta mil reis." Dá-se, também o nome de assento à face de uma pedra diretamente apoiada no solo.

ASSIMETRIA — Falta de simetria ou de proporção entre as partes de um todo. Ver SIMETRIA.

ASSOALHADO — Coberto de soalho. Que possui soalho. Soalho, pavimento, piso.

ASSOALHADURA — Ação ou efeito de assoalhar uma casa. ASSOALHAMENTO.

ASSOALHAMENTO — Construção ou assentamento de um soalho. ASSOALHADURA.

ASSOALHAR — O mesmo que colocar soalhos. Ver SOALHO.

ASSOALHO — O mesmo que SOALHO.

ASSOBRADADA — Construção que possui em seu interior pisos suspensos do chão chamados SOBRADOS. Vulgarmente diz-se que um edifício é assobradado quando possui mais de um pavimento, sejam os pisos elevados de madeira ou não.

ASSOBRADAR — Fazer SOBRADO.

ASSOALHAR — O mesmo que SOALHAR.

ASTÉRIO — Convento, recolhimento ou mosteiro.

ASTRAGÁLIA — Perfil de moldura inferiormente terminado por um astrágalo.

ASTRÁGALO — Pequena moldura de secção semi-circular geralmente usada, nos tempos antigos, para separar o capitel do fuste da coluna. Dá-se o nome, também, aos filetes ou molduras de arremate. Podem ser lisos ou contínuos, ou, então, fraccionados em pequenas bagas ou esferas justapostas. Cordão que, nas grades metálicas, liga as extremidades superiores dos balaústres ou elementos verticais.

ASTRAGALÓIDE — Aquilo que se assemelha ao ASTRÁGALO.

ATACANIÇA — O mesmo que TACANIÇA.

ATALAIA — Ponto elevado das fortificações, onde se vigia.

ATALOCHA — Instrumento com o qual o pedreiro ou estucador estende a massa nas paredes ou tetos. Têrmo em desuso. Ver DESEMPENADEIRA.

ATANA — Madeira paraense, côr de castanha, empregada em marcenaria. Densidade média igual a 0,68. Dimorfandra macrostaqua, Benth. Família das Leguminosas.

ATAPETAR — Cobrir com tapête.

ATARUGAR — O mesmo que TARUGAR.

ATAÚBA — Madeira, o mesmo que MARINHEIRO.

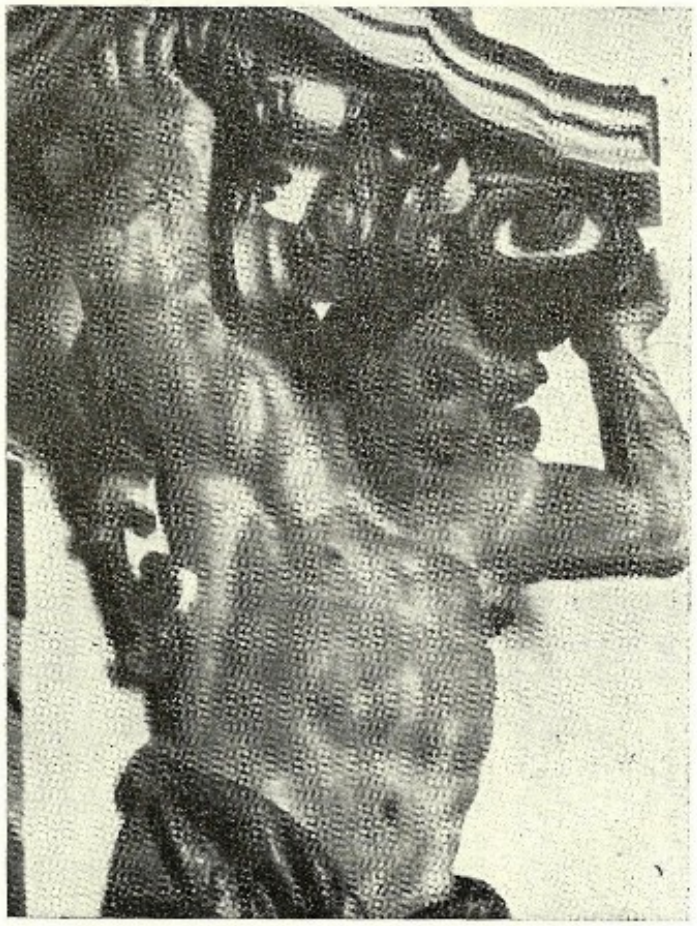
ATAVIO — O mesmo que ADÔRNO, enfeite ou ornato.

ATENEU — Do grego Athéné, significa modernamente o programa arquitetônico que trata dos locais ou estabelecimentos de instrução. Geralmente o têrmo é aplicado às instituições do ensino particulares.

ATERRAR — Fazer ATÊRRO.

ATÊRRO — Quantidade de terra ou entulho suficiente para altear até determinada cota um terreno, ou para nivelar uma superfície primitivamente irregular. DESATÊRRO.

ÁTICO — Nas antigas construções dava-se o nome de ático às elevações, acima das cornijas, guarnecidas ou não de balaústres ou pilastras, que serviam para ocultar o telhado. Por extensão, dá-se o nome para designar o último pavimento, menor que os demais, que coroa o edifício, aproveitando o desvão do telhado na maioria das vêzes. Modernamente há quem chame, nos arranha-céus, de ático às instalações de serviços comuns colocadas nos tôpos dos edifícios, como por exemplo, as casas de máquinas, reservatórios, etc.



Atlante que sustenta o côro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, Sabará.

ATICURGO — Todo vão, porta ou janela, que é mais estreita na verga, não possuindo, portanto, ombreiras paralelas. Diz-se "porta aticurga".

ATIJOLAR — Revestir de tijolos. Ladrilhar.

ATINTAR Dar ligeira mão de tinta sôbre uma superfície qualquer.

ATLANTE — Figura ou meia figura de homem que sustenta entablamento ou cornija. O têrmo vem do nome de Atlas, que sustentava o céu com os ombros. Em nossa arquitetura barroca encontramos amiúde figuras de atlantes, dos quais, os mais famosos talvez sejam aquêles que Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, executou sob o côro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Sabará. Naquela cidade são conhecidos como os "Sansões". As figuras femininas que lhes correspondem, na mesma função decorativa, chamam-se cariátides.

ATOCHO — O mesmo que CUNHA.

ATORREAR — Guarnecer de tôrres.

ÁTRIO — É o vestíbulo, pátio ou espaço que vai, nos palácios e grandes edifícios, desde a entrada principal até a escadaria nobre de acesso ao pavimento superior. É nome, também dado, às vêzes, aos adros das igrejas. Parece que, em certos lugares do Brasil, é costume dar-se o nome de átrio ao sótão das residências.

ATRÍOLO — Diminuitivo de átrio. Pequena entrada ou vestíbulo.

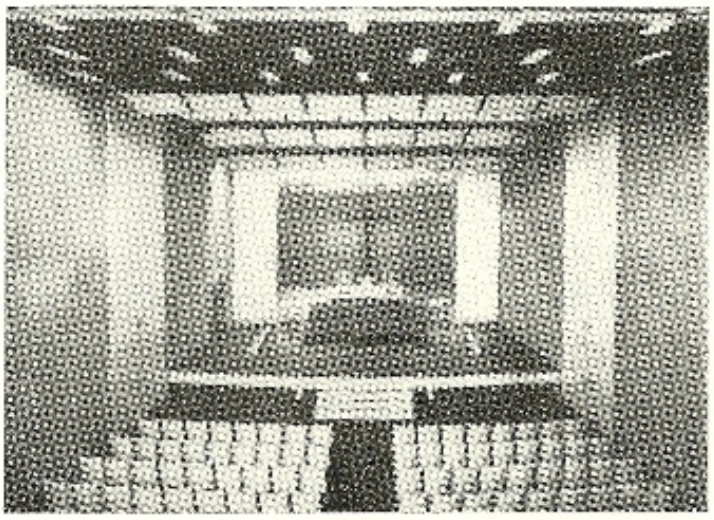
AUDITÓRIO — Programa de arquitetura que compreende os recintos ou locais de reunião próprios para palestras, aulas ou pequesas representações cênicas ou musicais.

AULA — A parte mais interior do santuário, ou da capela-mor. A sala onde se recebem lições.

AUSIDUA — O mesmo que ABSIDE, como local do altar mor. Ver ADUSSIA.

AUTOCLISMO — Nome dado, em certas instalações sanitárias, à caixa de ferro fundido colocada acima das latrinas, cuja água armazenada serve para lavar as bacias daqueles aparelhos.

AVANÇAMENTO — Saliência nos paramentos verticais dos edifícios.



Auditório da Liga das Senhoras Católicas em São Paulo do arquiteto Jacques Pilon e colaboradores.

O mesmo que BALANÇO. Antigamente dava-se, também, o nome aos corpos avançados na fachada, mesmo que estivessem no pavimesto térreo.

AVANÇAR — Fazer AVANÇAMENTO.

AVARANDADO — Provido de VARANDA.

AVARANDAR — Construir a varanda, realizar o avarandado.

AVENIDA — Originàriamente era um caminho ou estrada que terminava em algum lugar determinado. Veio-nos a palavra através do espanhol, mas é de origem francesa: "Avenue". No Brasil a palavra significa, de uma maneira geral, rua mais larga que as outras sem que necessàriamente seja uma artéria de ligação.

AVENTURINA — Vidro amarelo cuja coloração é obtida misturando-se limalha de cobre ao vidro comum.

AVIAJADO — Qualidade de certos arcos ou abóbadas. Ver ARCO ou ABÓBADA.

AVIAMENTO — Ação de aprestar ou fornecer os materiais necessários para qualquer edificação, tais como areia, cal, tijolos, etc.

AVOAMENTO — Elevação fora do comum de certas abóbadas antigas, principalmente góticas.

AXAROAR — Envernizar ou cobrir de verniz. Às vêzes com a grafia achoroar.

AXE — O mesmo que EIXO.

AXIMEZ — Janela bipartida.

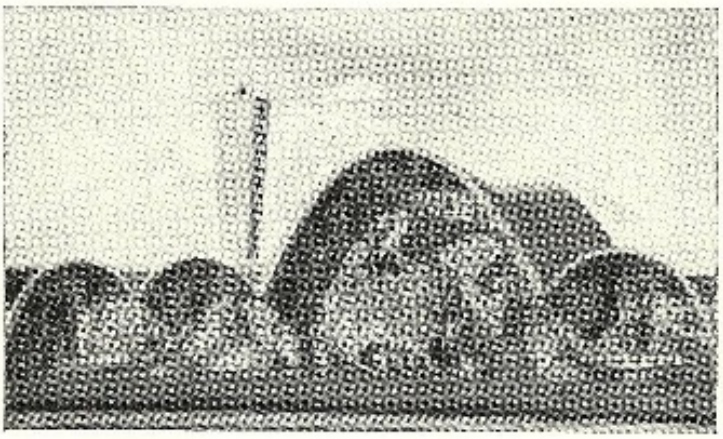
AXUÁ — Bela madeira vermelha escura comum no Pará e adjacências, boa para construções civis. Pêso específico igual a 1.05. Saccoglottis guyanensis, Benth. Família das humiriáceas.

AZ — O mesmo que ARRAIAL. Acampamento.

AZARCÃO — O mesmo que ZARCÃO.

AZEITE DE MAMONA — Óleo que foi muito empregado na composição de betumes para tomada de juntas em serviços hidráulicos. Ver BETUME.

AZIMBRE — O mesmo que CIMBRE. Numa das "condições" elaboradas para a construção da igreja de São Francisco de Assis de Ouro Prêto, vemos: "...sendo ambas (pedras) de qualidade dura, para receberem os azimbres". Ver trabalho do Cônego Raimundo Trindade a respeito daquela igreja, pág. 336.



Azulejos na fachada posterior da Capela da Pampulha, representando São Francisco, painel de Portinari. Célebre obra de Oscar Niemeyer.

AZINHAGA — Do árabe "az-zinaiqâ" e quer dizer estreita. Hoje o têrmo é empregado para designar caminho estreito ou tortuoso.

AZORECHO — O mesmo que AZULEJO.

AZULEAR — Ver AZULEJAR.. Forma pouco empregada.

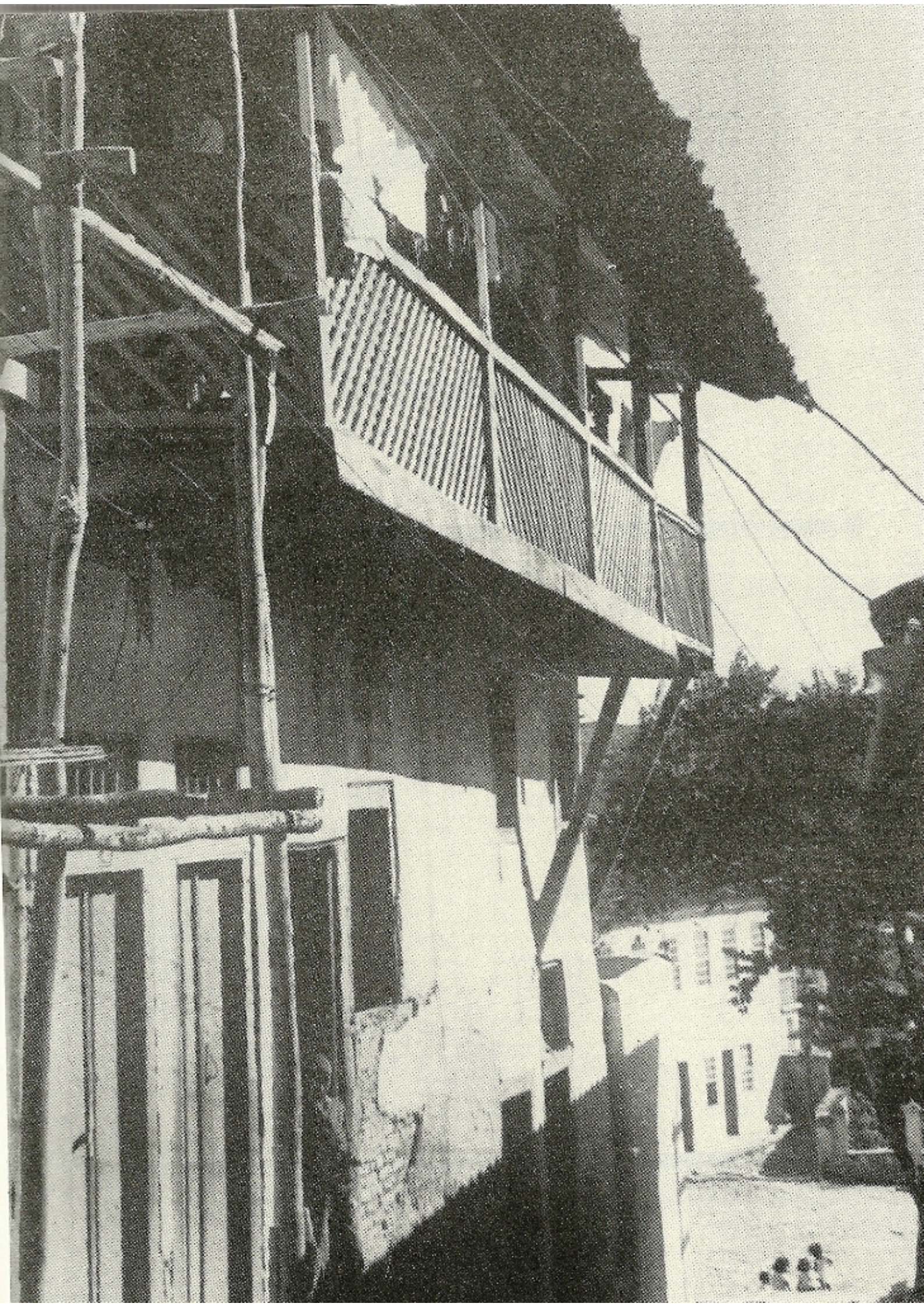
AZULEJADO — Forrado, revestido de azulejos.

AZULEJADOR — Oficial que coloca azulejo nas paredes.

AZULEJAR — Colocar ou assentar azulejos numa parede.

AZULEJO — Placa de cerâmica vidrada que serve para guarnecer paramentos. A palavra é, sem dúvida, de origem árabe. José Pedro Machado, no seu "Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa", vai buscar o têrmo formador em "az-zullaiju". Assis Rodrigues, porém, diz que a primitiva palavra árabe era "a-zalujo", que por sua vez significava superfície lisa e polida. Na verdade, porém, como depois veremos, os primitivos azulejos eram em relêvo, fato que entra em contradição com a explicação etimológica. A origem dos azulejos é oriental e dêles têm-se conhecimento desde a civilização babilônica. Os árabes foram seus maiores propagadores, levando-os à Península Ibérica. A partir do século XII, Málaga tornou-se grande produtora e exportadora de azulejos. Depois, surgiram fábricas em outros locais, como Granada e Sevilha, espalhando-se pela Península o uso dêsse revestimento. Conservando as características originais orientais, as peças cerâmicas ainda eram em relêvo. Da Espanha a arte do azulejo passou para a ilha de Majorca e daí para a Itália. Dêste pais espalhou-se pelo resto da Europa. Na Holanda a indústria de azulejos tomou grande impulso. Em Portugal parece que o uso dos azulejos remonta ao século XV. Eram daquela época as peças que revestiam a antiga igreja de Santo André de Alfama. Sob o ponto de vista artístico os melhores azulejos portuguêses são os dos séculos XVII e XVIII, já libertos das influências decorativas e formais da cultura árabe. O azul

era a côr predominante e muita gente tentou buscar nesse fato a origem etimológica da palavra. Durante o século XVIII, época de grande florescência daquela arte em Portugal, o Brasil recebeu grande cópia de belos exemplares de painéis de azulejos decorados. No século seguinte difundiu-se aquêle revestimento pelas nossas grandes cidades litorâneas, desde Belém do Pará até Pôrto Alegre. Nesta época, e principalmente para revestir fachadas, os azulejos possuem ornamentação abstrata constituindo cada peça um elemento autônomo. Hoje está decadente o uso de azulejos decorados entre o povo, ficando a cargo dos arquitetos de vanguarda a tentativa de se restabelecer seu emprêgo em painéis decorativos. É, no entanto, de uso generalizado o azulejo liso, de côr uniforme, em locais onde as codificações sôbre obras exigem impermeabilização de paredes.



B

Balcão em rua de Diamantina, Minas Gerais.

BABILÔNIA — Edifício cujo tamanho causa admiração.

BABILONISMO — Aspecto ou caráter gigantesco dos edifícios ou dos monumentos.

BACAR — Antiga palavra derivada do indostani "Bakhar", raramente empregada e que designava armazém, celeiro, etc.

BACIA — Base de pedra onde se apoiam os balaústres das sacadas ou os peitoris dos púlpitos. Modernamente dá-se êsse nome à latrina das instalações sanitárias.

BACIO — O mesmo que BACIA da latrina.

BACOPARI — Madeira empregada nas construções civis e navais, na marcenaria e carpintaria. A casca serve para curtume. Rhoodia brasiliensis, Pl. Família das Gutiferáceas.

BACULÔMETRO — Vara graduada para tomar medida de terrenos em declive, ou de acesso difícil.

BACURI — Madeira usada nas construções civis, também conhecida por bacuriaçu, de côr amarelada. Pêso específico igual a 0,90. Platonia insignes, Mart. Família das Gutiferáceas. Ver BRACUÍ.

BACURUVU — O mesmo que GUAPURUVU.

BADAME — Instrumento cortante, chato, de aço, usado pelos canteiros. Às vêzes o têrmo é usado para designar o formão dos carpinteiros.

BAGUAÇU — Madeira também conhecida por Cedro Branco, usada em forros e tabuados. Pêso específico aparente (15% hum.) igual a 0,57. Talauma ovalita, St. Hill.

BAGUETA — Astragalo de secção reduzida, portanto pouco saliente. Existe a forma baguetão.

BÁIA — Tábua ou travessa que separa os animais na cavalariça. Porta rústica, de paus trançados.

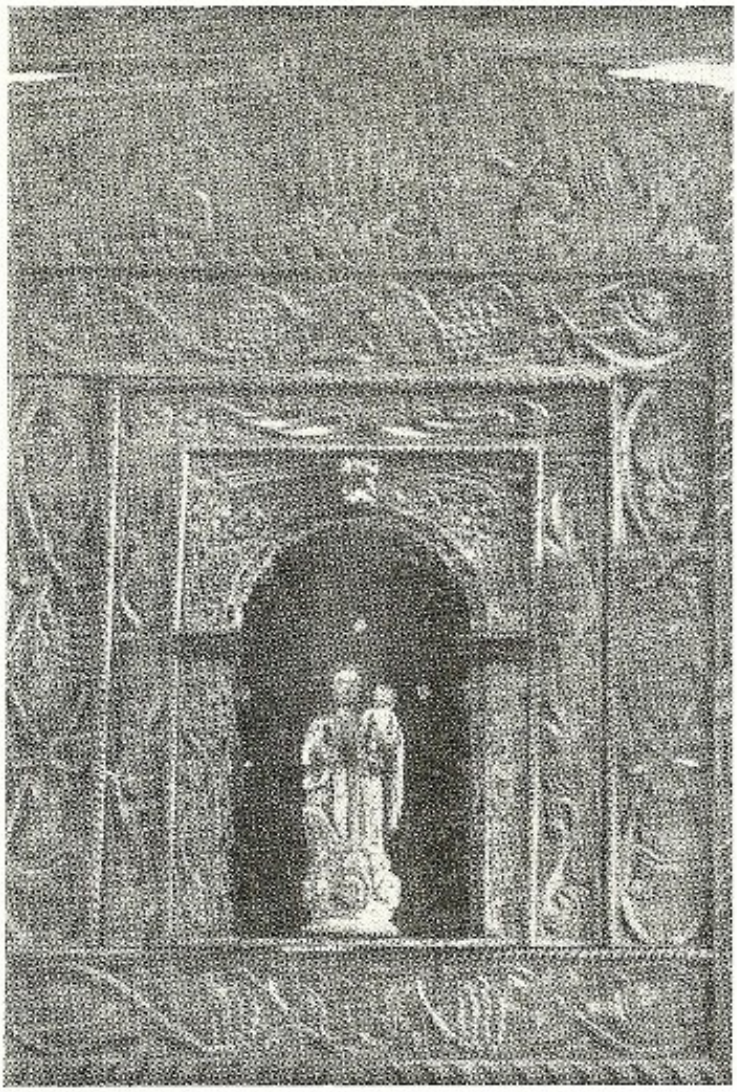
BAILÉU — Andaime suspenso por cordas ou cabos de aço, que pode subir ou descer por meio de moitões ou roldanas, recebendo também o nome de balancim. Além dêste significado, o mais comum e encontradiço, bailéu possui outras acepções mais raras. Genèricamente parece designar obras em balanço, como sacadas, abas de telhados ou alpendres, prateleiras, etc. É usado, também, como sinônimo de cárcere de marinha, prisão ou xadrez.

BAIRRO — Cada uma das zonas principais em que se divide uma cidade, ou uma porção de território nas proximidades de um núcleo urbano.

BAITINGA-BRANCA — Madeira de cerne duríssimo, empregada em construções civis e navais e ainda, em carros de boi. Conhecida também por Vatinga e Uratinga. Pêso específico médio: 1,05 e resistência ao esmagamento: 859 kg por cm2. Eugenia durissima. Família das Mirtáceas.

BAIXO — É comum o emprêgo da palavra como substantivo para designar o rés-do-chão de grandes construções. Diz-se "os baixos" do edifício, da escola, da igreja, do palácio, etc.

BAIXO-RELÊVO — Trabalho de escultura, de largo emprêgo na arquitetura, no qual as figuras não sobressaem no seu volume total



Retábulo em baixo-relêvo pertencente ao altar colateral da capela de Santo Antônio, em São Roque, Estado de São Paulo. Séc. XVII.

e, sim, apenas em parte, ficando aderentes à superfície em que se aplicam.

BALANÇAR — Contrapesar, agrupar as figuras e os objetos de uma composição de tal forma que guardem entre si um determinado equilíbrio. BALANÇAR.

BALANCEAR — Numa escada de lanços curvos, os degraus dos leques devem possuir, sôbre a linha de piso, situada aproximadamente a meio metro da bomba, larguras constantes e iguais às dos lanços. Chama-se balancear a operação que determina, através de recursos geométricos, aquela distribuição equitativa de largura. O balanceamento de escadas curvas é necessário na obtenção do confôrto que permite a conservação do mesmo ritmo do andar, tanto na subida como na descida. Ver ESCADA.

BALANCIM — Ver BAILÉU.

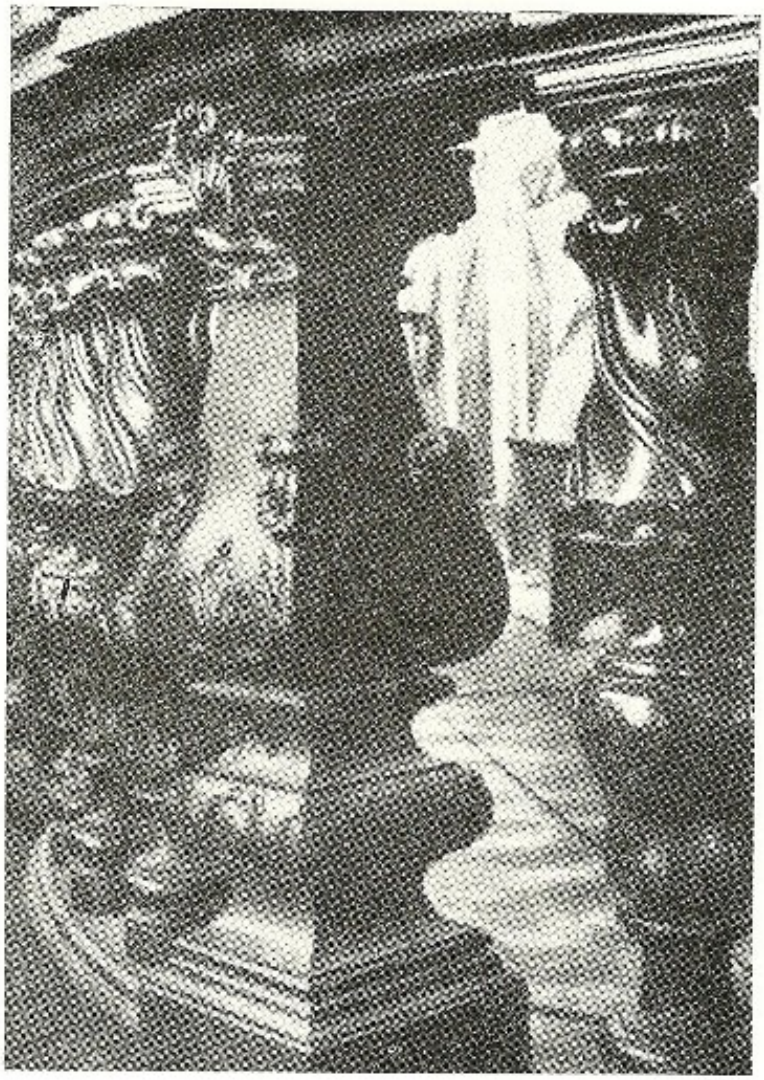
BALANÇO — Chama-se balanço a saliência ou corpo avançado cuja projeção horizontal está fora do perímetro determinado pelos elementos de sustentação da estrutura de uma obra ou edifício.

BALAUSTRADA — Vêdo determinado por uma série de balaústres arrematados por mainel de madeira ou ferro ou por capeamento de alvenaria. Ver BALAÚSTRE.

BALAUSTRADO — Adjetivo que designa obras guarnecidas de balaústres. Gradeado. Avarandado.

BALAUSTRAR — Colocar balaústres. Guarnecer na forma de balaústres.

BALAÚSTRE — Pequena coluna ou pilar, de altura e secção variável, de metal, madeira, pedra ou alvenaria que sustenta mainel ou corrimão, ou mesmo travessa ou capeamento



Balaústres da grade da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, de Sabará, cuja execução foi ajustada em 1781, com Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

de alvenaria dos parapeitos. Etimològicamente provém o têrmo do latim "balaustium", nome da flor da romeira, que parece ter inspirado a forma dos primeiros balaústres. Êstes, quando constituídos de corpos de revolução, possuem as seguintes partes: capitel, colarinho, fuste e base. O capitel é a parte superior ligado ao fuste pelo colarinho, que é uma moldura de secção variável. O fuste é dividido em duas partes: colo e pança, a primeira é a superior e a segunda é a inferior, bojuda e aproximadamente esférica.

BALCÃO — Balanço, na altura dos pisos elevados, fronteiro a uma envasadura de acesso e guarnecido de peitoril ou grade. O têrmo foi e é mais empregado para determinar as sacadas ou varandas de peitoris situadas nas fachadas dos edifícios, geralmente sustentados por mísulas ou cachorros. Diz Assis Rodrigues que "o uso dos balcões parece não remontar além da Idade Média" e que foram mais freqüentes na Espanha e Itália, sendo raros nos países nórdicos. A palavra também é empregada para designar patamares superiores de escadas externas. Varanda alpendrada elevada do solo, na frente das residências. Nos cinemas, teatros e demais casas de espetáculos, **balcão** é o nome das platéias suspensas sôbre o primeiro pavimento de localidades. Mesa elevada, de madeira ou outro material, que separa, nos edifícios comerciais ou públicos, os estranhos ou freguêses dos funcionários ou empregados. Diz-se "balcão de informações", "balcão de vendas" ou "balcão frigorífico" das mercearias etc.

BALCONAGEM — Conjunto de balcões ou sacadas de um edifício.

BALDAQUIM — Primitivamente a palavra era o nome do pálio que abrigava, nas procissões, o Santíssimo Sacramento. Passou a designar, depois, a obra de arquitetura em forma de dossel que cobre o altar principal de certas igrejas. Existem as formas: baldaquino e baldoquino.

BALDAQUINAR — Adornar, guarnecer ou proteger com baldaquins.

BALDAQUINO — Ver Baldaquim.

BALDE — Barragem de terra ou alvenaria dos açudes. Espécie de pilão para socar terra.

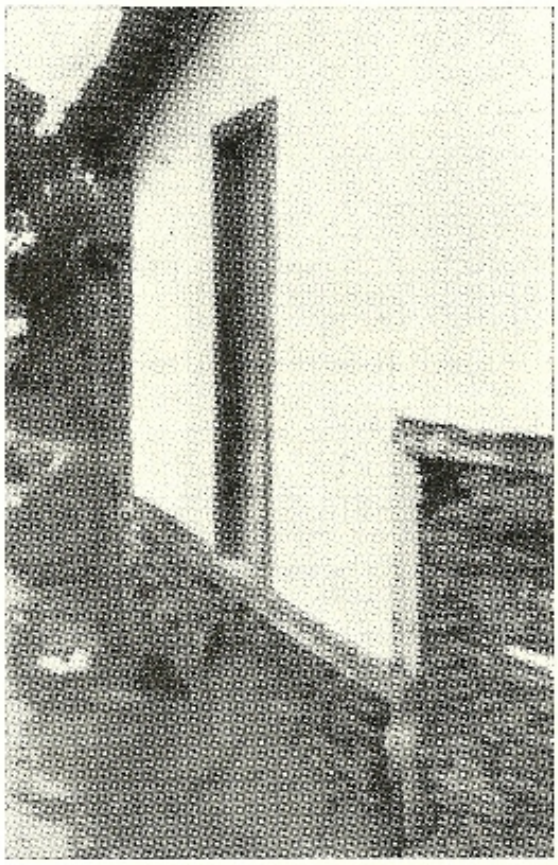
BALDIO — Terreno sem trato, sem cultura. Lote urbano que ainda aguarda construção.

BALDOEIRO — Buraco que os pedreiros deixam nas paredes para nêles apoiarem os travessões dos andaimes. O mesmo que AGULHEIRO. Sinônimo de BUEIRO.

BALDOQUINO — Ver Baldaquim.

BALDOSA — Tijolo grande e quadrado. Existe a forma "baldosinha", que é o nome de um ladrilho, menor que a baldosa.

BALDRAME — Designação genérica aplicada aos alicerces de alvenaria em geral ou às vigas de concreto armado que correm as fundações de qualquer tipo. Também chama-se baldrame a peça de madeira deitada ao longo dos alicerces de alvenaria, que recebe o vigamento dos soalhos. É a viga de madeira ensamblada nos esteios sôbre a qual se apoia uma parede de vedação, desde a de taipa de mão até a de alvenaria.



As vigas horizontais que sustentam a parede de taipa de mão, são baldrames. Construção em Iporanga, Estado de São Paulo.

BALESTEIRO — O mesmo que SETEIRA.

BALHARIM — Tijolo cerâmico usado antigamente para revestir pisos.

BALHESTEIRA — O mesmo que BALESTREIRO.

BALNEÁRIO — Programa de edificação arquitetônica que reune dados relativos aos locais de banhos ou às estâncias de águas minerais.

BALOISO — Pedra grande.

BÁLSAMO — Madeira rija usada em construção civil, em peças de resistência, marcenaria de luxo, etc. Conhecida também por Óleo Vermelho, Pau Bálsamo, Óleo de Caboraiva e Cobaré. Pêso específico médio 0,976. Resistência à flexão: 1,356 kg/cm2; ao esmagamento: carga perpendicular, 214, carga paralela, 619 e, sem determinação de posição, 620 a 919 kg/cm2. Mycrocarpus fastigiatus, Fr. Al. Família das Leguminosas.

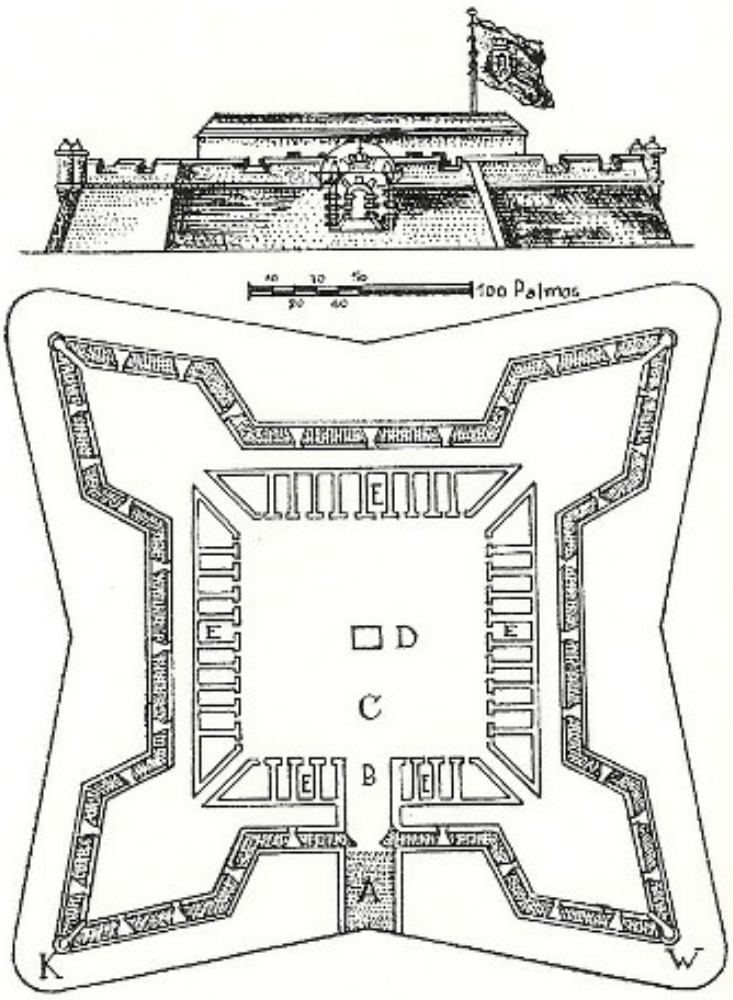
BALUARTAR — Fortificar, tornar inexpugnável.

BALUARTE — Nas antigas fortalezas, eram obras avançadas ou salientes da muralha, caracterizadas por quatro lados e três ângulos exteriores, além dos dois ângulos internos formando as intersecções com a cortinas. Externamente eram revestidas de pedras que serviam de arrimo à terra piloada, como foi costume generalizado. Vemos, por exemplo, nos apontamentos de Alpoim, constantes em "Os palácios de Vila Rica" de Francisco Antônio Lopes: "Vindo um baluarte em cada um dos quatros ângulos de edifício, a parte superior desses **baluartes ficará por cima do cordão, cujo plano será lageado com declive para o parapeito p. a deitar as águas q. lhe choverem.** E os baluartes bem **cheyos de terra, e socados por conta da real façenda, e batidos ou apiloados athe ficarem repudiando o pilão.** Para manter boa vigilância, **nos angulos flanqueados dos quatro baluarte haverá em cada hum hua guarita redonda, fundada sobre seu pilão tambem redondo".**

BALULE — Travessa na qual se apoiam as tábuas dos ANDAIMES.

BAMBOLIM — Sanefa que se sobrepõe a cortinas ou cortinados de portas e janelas.

BAMBOLINA — Parte superior dos cenários nos teatros, que une os chamados bastidores e que, às vezes, imita o céu ou o teto de um cômodo.



Reprodução do antigo desenho mostrando "Planta e Prospecto da Fortaleza de São Pedro" em Salvador, Bahia. "Tem esta a figura de hum quadrado com quatro baluartes; está situada onde a cidade finaliza pelo Sul, onde defende o ingresso pela estrada da Victoria". Ver Fortes Coloniais da cidade do Salvador, de Edgard de Cerqueira Falcão.

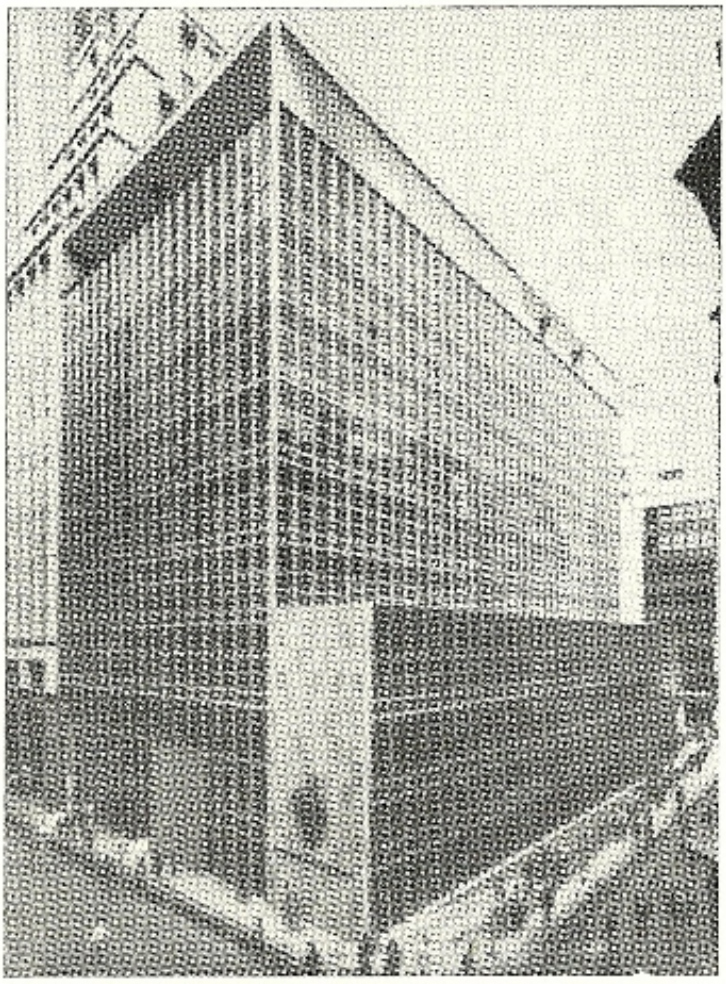
BANCADA — Ordem ou fileira de bancos. Dá-se, também, o nome, nas igrejas, ao grande banco, ou reunião de assentos, destinado aos membros das irmandades, confrarias, autoridades, etc.

BANCO — A palavra tem várias acepções: 1) Local de assento para uma ou mais pessoas, comprido, de madeira ou outro material, com ou sem encôsto e móvel ou fixo. Nas antigas casas rurais do planalto paulista foram comuns grandes bancos fixos, com encôsto, situados nos alpendres, dos quais ainda existem belos exemplos conservados. 2) numa pedreira, é o nome de cada camada ou leito de pedra. Ao banco de pedra de "cima" ou no tôpo da pedreira dá-se o nome de sobrecéu, que em certas jazidas é conservado, servindo de teto às

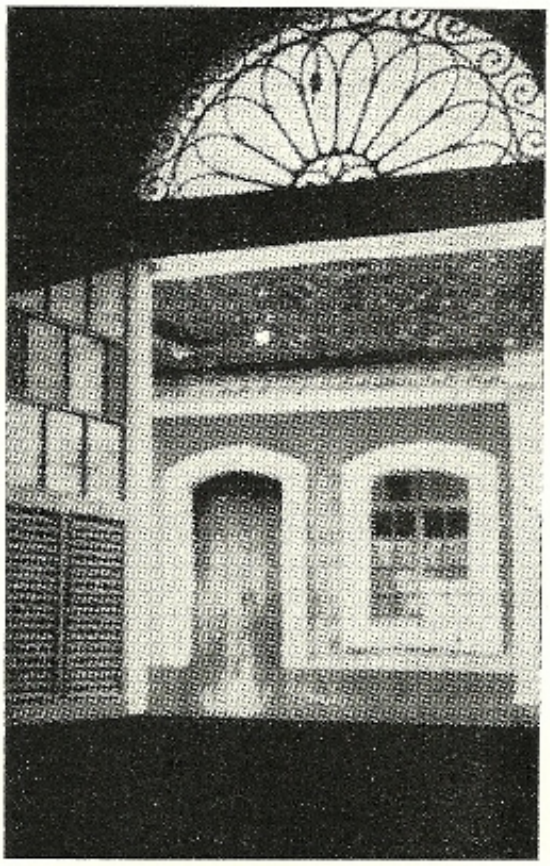
galerias; 3) banco de carpinteiro é a espécie de mesa onde trabalha aquêle profissional; 4) estabelecimento de crédito composto de várias carteiras especializadas nos inúmeros ramos de financiamento que constitui interessante programa arquitetônico dadas as suas peculiares características; 5) sala destinada, nos hospitais, para consultas a enfermos pobres. Espécie de ambulatório ou pronto socorro para casos de tratamento urgente. Hoje em dia, porém, o têrmo é aplicado nos estabelecimentos hospitalares para designar locais onde são guardados os estoques de sangue ou materiais de enxertos. Diz-se: banco de sangue, banco de ossos, etc.; 6) o mesmo que LATRINA.

BANDA — O mesmo que FAIXA, ou moldura chata e comprida. Fita larga. Saliência de pequena espessura ou BOSSAGEM. Parte lateral ou lado da construção.

BANDADO — Ornamentado com BANDAS.



Banco de Londres, em São Paulo, projeto do arquiteto Henrique Mindlin e colaboradores.



Janela de sobrado iguapense do século XIX, provida de bandeira fixa.

BANDEIRA — Em certas envasaduras, principalmente nas do século XIX, chama-se bandeira o caixilho, fixo ou móvel, situado na parte superior das portas ou janelas. As bandeiras foram muito usadas para favorecer iluminação ou ventilação aos ambientes. independentemente das portas ou janelas sôbre as quais situavam-se.

BANGALÔ — A origem etimológica da palavra está nos dialetos da Índia e o têrmo veio-nos do inglês "bungalow" e significa, entre nós, pequena residência provida de varanda alpendrada, pretensamente pitoresca e geralmente levantada nos bairros das cidades.

BANGUÊ — O significado do têrmo variou e varia pelo Brasil afora. Podemos dividir as acepções em dois grupos. O primeiro é aquêle em que a palavra designa uma espécie de padiola para carregar objetos, materiais de construção ou terra. Armação semelhantes para carregar defuntos recebem o mesmo nome. Banguês são, também, certas liteiras rasas providas de teto e cortinas que levavam passageiros deitados ou recostados. Possuíam

dois jogos de varais, um na frente e outro atrás, onde eram colocados os animais, cavalos ou bestas. No segundo grupo de acepções a palavra está relacionada com as atividades açucareiras do Norte do país. Para uns (Aulete, por exemplo) banguê é a fornalha sôbre a qual eram colocados os tachos; para outros é uma espécie de ladrão por onde corre a espuma do caldo de cana fervente, que transborda dos tachos. Modernamente o têrmo designa, de maneira genérica, o próprio engenho de açúcar, principalmente aquêle movido a fôrça animal.

BANHADO — Terreno baixo e alagadiço. Charco encoberto pela vegetação rasteira.

BANHEIRA — Bacia de forma característica de ferro esmaltado, louça, mármore ou outro material, própria para se tomar banho.

BANHEIRO — Compartimento de habitação onde está situada a banheira. Genèricamente o têrmo designa o cômodo onde estão colocados todos os aparelhos de uma casa.

BANQUETA — É o nome dado ao primeiro degrau situado atrás da mesa do altar, onde são colocados os castiçais que ladeiam o crucifixo central. O têrmo é muito encontrado com êsse sentido em antigas especificações de construções religiosas. Banqueta é, também, por extensão, o nome que se dá aos degraus altos que ladeiam as construções, como calçadas estreitas ao longo das ruas ou em tôrno dos parapeitos das fortalezas. O mesmo que PEITORIL ou GUARDA CORPO de baixa estatura. O mesmo que POIAL quando situada ao longo da fachada de um edifício. Ver ANDITO. A palavra é, também, empregada raramente para designar o valo que separa propriedades agrícolas ou terrenos urbanos. O mesmo que o conjunto do madeiramento empregado na execução das janelas de uma obra.

BANZO — Viga onde engastam-se os degraus das escadas, tanto fixas como móveis. Geralmente as escadas possuem dois banzos; nas fixas, diz-se: banzo interno e banzo externo ou banzo da bomba. Ver BOMBA. Nas vigas T ou duplo T, é o nome das abas normais à alma.

BAR — Local, geralmente provido de balcão, onde são servidas especialmente bebidas e comidas ligeiras, tanto nos locais públicos como nas residências. Depósito de bebidas cujas garrafas estão em uso, fato que o distingue da ADEGA.

BARABU — Madeira. Ver GUARABU.

BARAÇA — O mesmo que BRAÇA.

BARAGÜÍ — Madeira. Ver BRACUÍ.

BARAJUBA — Madeira. Ver GARAPA.

BARAÚNA — Madeira usada em construções civis, na marcenaria e na carpintaria. Também conhecida por Braúna, canela parda e Guaraúna. Pêso específico médio 1.068. Resistência ao esmagamento: carga perpendicular, 499, carga paralela, 802 e, sem determinação de posição, 818 kg por cm2. Melanoxylon braunia, Schott. Família das Leguminosas.

BARBACÃ — Fresta ou seteira nas muralhas das fortificações. Modernamente o têrmo designa, por analogia, as frestas deixadas nos muros de arrimo, por onde escorrem as águas pluviais infiltradas no terreno à montante. O mesmo que ANTEMURO.

BARBATE — Corte ou entalhe, para encaixe, também chamado BÔCA DE LÔBO, muito usado nas armações antigas de telhados. O têrmo foi mais aplicado para designar os encaixes das pernas das asnas, ou dos guieiros, nos frechais.

BARBATIMÃO — Madeira usada em construções civis e em peças que fiquem em contato com a humidade. A casca tem muito tanino, fato que a faz procurada pelos curtumes. Pêso específico médio: 1.291. Resistência: carga perpendicular, 361, paralela, 695 e, sem determinação de posição, 1.019 a 1.045 kg por cm2. Stryphnodendron barbatiman, M. Família das Leguminosas.

BARBETE — Plataforma de terra, nas fortificações, onde eram colocados os canhões ou bocas de fogo. Existe, também, a forma barbeta.

BARBEITO — Valo ou cômoro que divide uma propriedade de outra.

BARDA — Vedo feito com ramos entrelaçados (o mesmo que SEBE) ou com pranchas de madeira. Mureta que desvia as águas pluviais para proteger as edificações rústicas. Assis Rodrigues diz que o têrmo também é sinônimo de COBERTURA.

BARDILHO — Variedade de mármore português, de côr cinza e proveniente do Alentejo.

BARGA — Pequena moradia, palhoça coberta de palha.

BARRA — O mesmo que CORRIMÃO ou PAU DE PEITO.

BARRA IMPERMEÁVEL — Mandam os Códigos de Obras ou as Codificações das Normas Sanitárias que certos locais de trabalho, manipulação de gêneros alimentícios, comércio, reuniões e instalações sanitárias possuam seus pisos e paredes até certa altura, que varia entre 1,50 e 2,00 m, impermeabilizados e lisos. Assim, as faixas das paredes que satisfazem aquelas exigências legais recebem o nome de barras impermeáveis. O espírito da lei, no entanto, não exige sempre uma pura e simples impermeabilização. Exige, além disso, resistência ao choque e ao risco. Daí os vários tipos de barras impermeáveis: barras a óleo, sòmente, lisas, impermeáveis e laváveis; barras a base de cimento, impermeáveis, laváveis e algo resistentes ao choque e, finalmente, barras de ladrilhos vidrados, de pastilhas de louça ou vidro, de mármore ou derivados, de fórmica, etc., que além das outras qualidades possuem resistência ao risco e aos agentes químicos. Há a tendência, obedecendo a certa orientação estética, de se eliminar as simples barras de meia altura, fazendo-se a impermeabilização ou revestimento total da parede, conseguindo-se, assim, uniformidade de aspecto.

BARRACA — O têrmo, além de significar a simples tenda de lona, pode designar, também a casa pequena de madeira, palha ou fôlha de Flandres. O mesmo que beliche, nos barcos de pesca.

BARRACÃO — Telheiro ou cobertura apoiado em pilares. Habitação nos seringais da bacia amazônica. Local onde se realizam as cerimônias públicas do candomblé.

BARRACO — Habitação rústica. Moradia na FAVELA.

BARRANCA — Margem de um curso de água quando talhada em BARRANCO.

BARRANCEIRA — Barranca de grande extensão.

BARRANCO — Escavação que as enxurradas abrem nos terrenos argilosos. Barroca. Precipício.

BARRANCOSO — Cheio de barrancos.

BARRANQUEIRA — Barranco de grandes dimensões. Série de barrancos.

BARRAR — Revestir com barro. Rebocar. Tapar, encher ou cobrir de barro.

BARREADO — Revestido de barro. Também existe a forma barrado, menos usada, porém.

BARREAR — Rebocar com barro as paredes. Mais usado do que BARRAR.

BARREIRA — Estacada feita além do muro da fortificação. Lugar de onde se extrai o barro.

BARRETE — Obra de fortificação composta de três ângulos salientes e dois reentrantes. Ver BALUARTE.

BARRETE DE CLÉRIGO — Ver ABÓBADA.

BARRIGA — Vulgarmente o têrmo refere-se a uma saliência ou protuberância, em uma parede ou superfície. Também designa o lombo formado nas paredes de má construção ou em ruína. No Brasil, em linguagem popular, dase aquêle nome ao orifício, nas falhas das portas, que permite, por meio de um arame, a abertura do trinco interno, pelo lado de fora.

BARRIGUDA — Ver PAINEIRA.

BARRO — Terra gorda e compacta, argilosa, que absorve pouca água, empregada no assentamento, da alvenaria de tijolo em construções populares ou em obras provisórias e no fabrico de telhas e objetos cerâmicos. Ver ARGILA. O barro, com grande teor de água, em forma de calda, foi também muito usado para preencher cavidades entre pedras dos alicerces. Ver ALICERCE. Antigamente, denominação dada a certas construções rústicas das propriedades rurais.

BARROCA — Cova, barranco. Terreno desigual.

BARROCAR — Uma série de barrocas. Terreno cheio de barrocas.

BARROCO — É costume popular, acompanhado pela maioria dos dicionários, dar a designação de barroco a todo excesso ou a tôda perversão do gôsto que possa atingir "o superlativo do bizarro" ou da excentricidade. Francisco de Assis Rodrigues, no seu "Dicionario Technico e Histórico", nesta palavra é

lacônico e, concordando com os demais autores da época, define o barroco como sendo, "em têrmos de arte", a "obra irregular, tôsca ou exagerada". Deixando de lado essa acepção vulgar do têrmo, com tendência ao desaparecimento, resta verificar o sentido erudito do têrmo. A partir dos trabalhos de Burckardt e Wolfflin, o conceito de "barroco" evoluiu bastante, deixando em segundo plano a tradicional reserva mantida pelas sucessivas gerações de críticos e artistas. Contemporâneamente, a bibliografia e as teorias sôbre o barroco são inúmeras. As definições, também. Uma tese, grandemente aceita, é aquela que situa o barroco como uma reação, como uma fuga às regras tradicionais. Em qualquer período ou ciclo artístico, após os tempos de formação e depois da estratificação, com seus cânones e receitas, vem a reação causada pelo cansaço e pelas formas estioladas. Vem a reação ou "atitude anti-clássica" como disse Lúcio Costa. Vem o barroco. O gótico flamejante seria o barroco do gótico. O barroco histórico seria o barroco do Renascimento. Êste barroco, "dentro do critério histórico habitual" compreenderia a maioria das manifestações artísticas surgidas entre o fim do Renascimento e o Neo-classicismo que apareceu com o ocaso do século XVIII. Não constituiu um estilo determinado, engloba vários estilos diferenciados, possuindo todos, porém, uma conduta comum "em relação aos preceitos e modelos renascentistas". Uma conduta comum e um "espírito" que longe de caracterizarem uma degenerescência, determinam renovações legítimas. Com o Barroco surgiu nova concepção plástica do conjunto arquitetônico. Segundo Wolfflin, ao tratamento em superfície (a duas dimensões) próprio do Renascimento, o Barroco contrapõe o tratamento em volume; à forma fechada contrapõe a abertura; ao linear, o pictórico; ao belo ideal, o belo caráter. A estas anotações, que são de Paulo Santos (A Arquitetura Religiosa em Ouro Prêto) podemos acrescentar daquele autor: "O que o Barroco inaugurou com originalidade foi uma nova gramática, que estabelece regras diferentes e bem menos ortodoxas para dispor, agrupar e valorizar as formas, regras essas que introduzem novas concepções de **massa, espaço, tempo** e **movimento**. O Barroco é uma Arte dinâmica por excelência. Sua dominante é o movimento que, associando o espaço ao tempo, se insinua por entre as massas, comunicando-lhes como que um frêmito de inquietação e de rebeldia contra as leis da gravidade". O Brasil não conheceu as causas do Barroco. Aquela tendência artística foi transplantada para cá e aqui vingou segundo o posterior personalismo de nossos artistas carentes de contatos freqüentes com os meios europeus, tornando-se manifestação típica e regional, que a todos comove. Enquanto certas cidades brasileiras do litoral, Bahia por exemplo, ostentam um barroco transplantado, igual em tudo aos modelos europeus, outras localidades mais pobres mostram o barroco diluído, pelo tempo e pela falta de modelos, em formas singelas e mais purificadas. Formas que remotamente lembram a inspiração erudita, como ocorre nos retábulos de velhas capelas paulistas. Sòmente no século XVIII é que o Barroco ressurge com todo vigor. Ressurge bem brasileiro nas montanhas de Minas, mostrando soluções formais inéditas. E por isso é que quando se fala em Barroco brasileiro, fala-se em arquitura mineira.

BARROTAR — Assentar barrotes. Também aparece a forma barrotear.

BARROTE — Peça de madeira de secção retangular que serve para confecionar o madeiramento dos sobrados e das tesouras dos telhados. É maior que o caibro e menor que a vigota.

BARROTEADO — Ver BARROTADO.

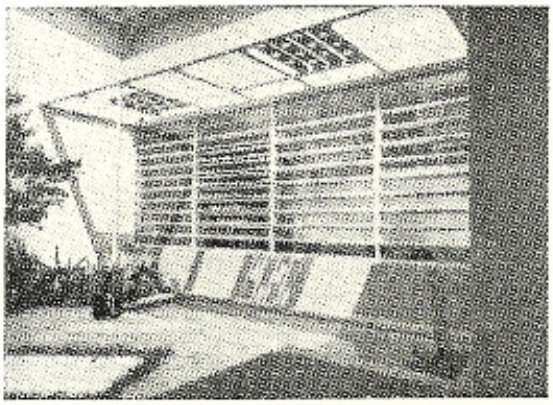
BARROTEAMENTO — Ação de colocar barrotes.

BARROTEAR — Ver BARROTAR.

BASALTO — Rocha básica de origem ígnea, muito dura, de grão fino e coloração escura, composta principalmente de feldspato, magnetita e outros minerais cristalizados, apresentando, às vêzes, estrutura prismática. É empregado comumente na construção de edifícios e na pavimentação de estradas e ruas. Pode ser fundido como o ferro e tomar o molde em variados tipos de objetos de arte. Nesse estado, oferece grande resistência ao desgaste e à rutura; é inatacável pelos ácidos e possui grande resistência elétrica. Recentemente, por processo de transformação ao estado fluído incandescente, obteve-se a lã ba-

sáltica e fibras incombustíveis, que têm aplicação como isolantes.

BASCULANTE — Diz-se da janela executada em madeira, ferro ou alumínio, cujas partes componentes giram em tôrno de um eixo, abrindo vãos estreitos de ventilação. Esta designação deriva da extensão dada ao têrmo



Janelas basculantes em residência projetada pelo arquiteto Vitor Reif, em São Paulo.

básculo que se refere à peça de metal que comanda o movimento das vidraças móveis da janela basculante. Ver BÁSCULO.

BÁSCULO — Originàriamente, peça de ferro que servia para abrir ou fechar o ferrôlho das portas. Por extensão, é a peça metálica que por atuação manual comanda o movimento das vidraças nas janelas basculantes e, também, nas PIVOTANTES.

BASE — Em arquitetura designa todo o elemento que serve de apoio a um outro. PEDESTAL.

BASEAMENTO — Conjunto de elementos responsáveis pela estabilidade da construção. SAPATA.

BASÍLICA — Têrmo que nos veio da latim "basilica" (paço régio), através do grego "basilikos" (real), que hoje em dia individualiza certos templos católico-romanos. Antigamente era o nome que recebiam os palácios reais e os locais, em Roma, onde era distribuída a justiça e onde eram efetuados negócios, como nas atuais bôlsas. Tais suntuosos edifícios, providos de pórticos, naves, galerias, com o advento do cristianismo, tiveram suas funções desvirtuadas, passando a abrigar atividades religiosas. A tradição fêz com que a forma e o nome perdurasse através dos séculos, acompanhando a evolução, pelo mundo, da religião de Cristo. Hoje recebem aquêle nome sòmente certos templos titulares com especiais dignidades decorrentes de certas funções consideradas importantes ou especiais. Ver ÁBSIDE e ALPENDRE.

BASILICAR — Em forma de BASILICA.

BASTÃO — Moldura redonda para arremates de arquitetura. Ver BOCEL.

BASTIÃO — Trincheira avançada nas fortificações que serve de anteparo, geralmente construída nos ângulos do edifício. Na arquitetura civil pode designar terraço coberto num ângulo da construção. Baluarte, bateria, bastilhão.

BASTIDA — Nome dado à trincheira ou torre de paus. Pode ter emprêgo para designar, em arquitetura, a todo RIPADO ou PALIÇADA.

BASTILHA — Fortaleza. Prisão de disciplina rigorosa.

BASTIR — Têrmo antigo, de raríssima aplicação, que significa CONSTRUIR.

BATACÃO — Pedra miúda usada para revestir paredes.

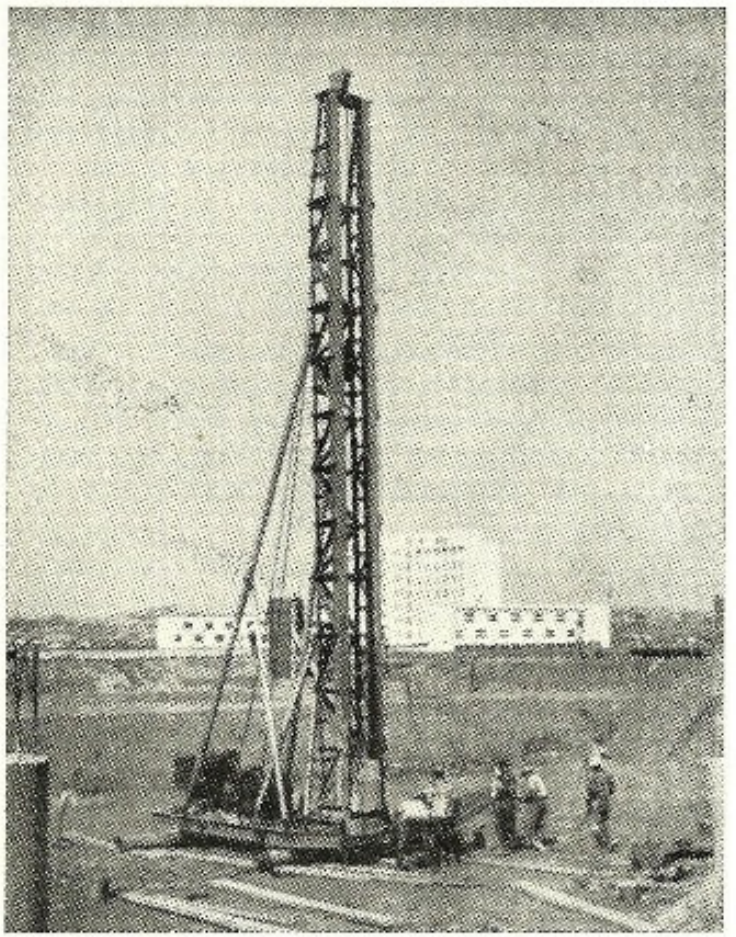
BATARÉU — O mesmo que BOTARÉU.

BATE ESTACA — Aparelho de grandes dimensões, usado para cravar estacas no solo, por meio de um pêso que cai de certa altura.

BATEDEIRA — Nome que os caboclos paulistas do Vale do Paraíba dão às faces da construção que recebem a osculação solar, ao contrário das faces voltadas para o sul, que não conhecem o sol, faces chamadas de noruegas ou contrafaces.

BATEDOR — Nome dado às ALDRAVAS de grande volume.

BATENTE — Antigamente, e parece ser essa a verdadeira acepção do têrmo, batente designava cada uma das folhas móveis de qualquer envasadura que se abrisse em duas partes. Hoje em dia, o têrmo é mais empregado para caracterizar os rebaixos feitos nas ombreiras, onde "batem" as folhas das portas ou janelas. E chega-se até a dar aquêle nome aos próprios marcos ou ombreiras, conforme a linguajar popular e certos dicionários contemporâneos. Paralelamente, também dá-se o nome de batente à régua prêsa a uma



Bate estaca.

meia porta e que "espera" a outra meia porta, impedindo que uma saia fora da linha da outra. O mesmo que ALDRAVA.

BATIBANDA — Faixa lisa que veste a parte inferior da arquitrave, da arquivolta, etc. e que teve grande variação nos estilos arquitetônicos. A designação mais atual é a de PLATIBANDA.

BATISTÉRIO — Nos templos, o local onde está situada a pia batismal. Antigamente, sendo vedada ao pagão a entrada no templo cristão, os batistérios eram localizados em construções executadas nos adros, fora, portanto, do recinto sagrado. Daí pela tradição, nome de certas capelas colocadas ao lado das igrejas. Hoje em dia, ou melhor, nos tempos modernos, os batistérios passaram para o interior das igrejas, ficando logo à entrada.

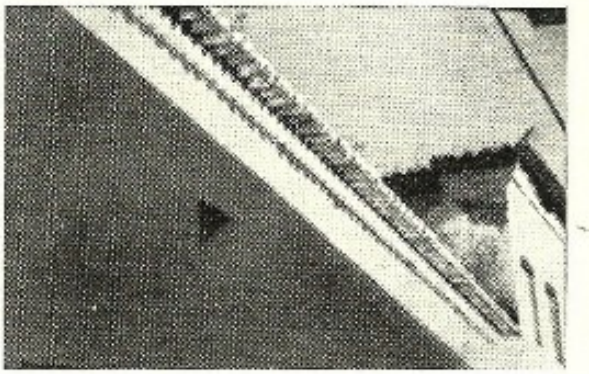
BEBEDOURO — Nos telhados, fragmentos de telhas colocadas junto às cumeeiras e sôbre os canais para impedir a entrada das águas pluviais naquela parte da cobertura. Nome vulgar de tanques ou vasos onde os animais bebem água. Nome do aparelho que faz jorrar em jatos inclinados, a água, que assim pode ser bebida sem o uso dos copos.

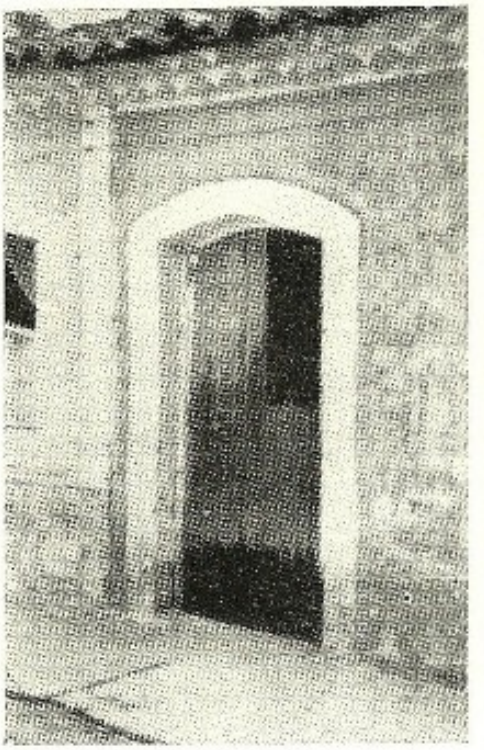
BEBERU — Árvore que fornece madeira utilizável em construções civis. Nectandra rodioei, Hook. Família das Lauráceas. Tambem é usada a forma BIBIRI.

BECO — Rua estreita e curta, geralmente sem saída, fechada numa das extremidades.

BEJOIM — O mesmo que BENJOIM.

BENJOIM — Bálsamo ou resina aromática pouco colorida, que provém de árvore da Índia, chamada Benjoeiro — Styrax benjoim — que é usado na fabricação de vernizes.





Telhado de beira e bica da Igreja de Santa Luzia, em Angra dos Reis, na foto a esquerda. Na outra, telhado de beira-seveira de casa terreira em Iguape.

BEIRA — Borda, extremidade. Num sentido geral, refere-se ao ponto extremo de qualquer objeto. Em arquitetura tem uso permanente na designação das abas ou extremidades dos telhados. Aba BEIRAL ou BEIRADA.

BEIRA E BICA — Diz-se que um telhado, ou um beiral, é de "beira e bica" quando as telhas extremas da cobertura, aquelas que despejam as águas pluviais, e por isso chamadas BICAS, apóiam-se em uma fiada ou BEIRA de telhas engastadas na alvenaria da parede. Ver CIMALHA DE BÔCA DE TELHA e BEIRAL. Daí a denominação de "beira e bica".

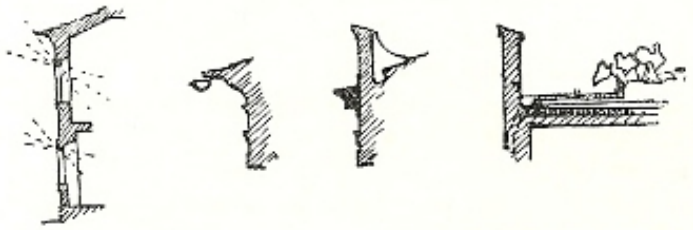
BEIRA-SEVEIRA — É o nome que recebem os telhados, ou beirais, cujas telhas extremas apoiam-se em CIMALHA DE BÔCA DE TELHA, constituída de duas fiadas de telhas esgastadas na alvenaria da parede. A fiada inferior recebe o nome de SOB-BEIRA e a de cima continua sendo a BEIRA. Teríamos, então, um telhado de BEIRA, SOB-BEIRA e BICA, nome encurtado para BEIRA-SOBEIRA que, por corruptela, deu BEIRA-SEVEIRA. Esta denominação, segundo Paulo Thedim Barreto, é ainda usada no interior mineiro. Esta solução de beiradas, com cimalhas de boca de telha, foi quase que exclusiva do nosso litoral, de norte a sul, pelo fato de ali predominarem as construções de pedra e cal. Os telhados de beira e bica e de beira-seveira nunca aparecem, por razões óbvias, em obras de taipa.

BEIRA-SOBEIRA — Ver BEIRA-SEVEIRA e ALGEROZ.

BEIRADA — O mesmo que BEIRAL. Em sentido restrito pode referir-se à última fiada de telhas de um telhado, desde que seja saliente da parede e afaste a água proveniente da chuva.

BEIRADO — O mesmo que BEIRAL, com aplicação restrita a êsse significado.

BEIRAL — Parte do telhado formada por uma ou mais fiadas de telhas, que faz saliência sôbre o prumo da parede externa de uma construção. Os beirais podem ser mantidos por mãos francesas, solução mais ou menos rara em nossos antigos edifícios; ou podem permanecer em balanço. Neste último caso, o mais comum, dois sistemas de sustentação apresentam-se: ou parte do madeirame do telhado pròpriamente dito se prolonga para fora das paredes, por exemplo, nos beirais de cachorrada; ou a parede, nas proximidades dos frechais, se alarga em cimalha de alvenaria em balanço. Neste caso, o beiral é um espessamento da parte superior do muro, não passando, na realidade, de uma mão francesa de alvenaria maciça e contínua. Ver CACHORRO, TELHADO, CIMALHA DE BÔCA DE TELHA e BEIRA-SEVEIRA. A respeito da real função dos beirais, que era de desviar as águas fluviais dos topos das paredes, ver a ilustração dêste verbête e a respectiva explicação de Lúcio Costa.



Lúcio Costa, autor dos desenhos acima, no seu artigo "Documentação Necessária". (Rev. do S.P.H.A.N., n. 1, pág. 35) fala a respeito dos beirais de nossa arquitetura tradicional: Diz-se, por exemplo, que os beirais das nossas velhas casas tinham por função proteger do sol, quando a verdade é, no entanto, bem outra. Um simples corte faz compreender como, na maioria dos casos, teria sido ineficiente tal proteção, e os bons mestres jamais pensaram nisto, mas na chuva, isto é, afastar das paredes a cortina de água derramada do telhado. Depois, com o aparecimento das calhas, surgiram aos poucos, lògicamente, as platibandas, continuando as cornijas — já sem função — prêsas ainda à parede pela fôrça do hábito e meio sem jeito, até que, agora, com as coberturas em terraço-jardim, a transformação se completou. E prova melhor de que só excepcionalmente se atribuía ao beiral outra finalidade, é que na Califórnia, no México, em Marrocos, etc., onde o sol também é muito, mas a chuva escassa, êle quando existe, se reduz o mais das vêzes à própria telha".

BELEZA — Propriedade inerente ao objeto arquitetônico que infunde ao observador, através do sentido da visão, a percepção de seus valores estéticos. Dêsse modo, dadas as circunstâncias reais do surgimento da obra arquitetônica, o conceito de beleza será relativo e o juízo estabelecido ao seu respeito servirá de guia para os contemporâneos na crítica e na apreciação da criação artística.

BELHO — Designação popular em algumas regiões do Brasil da tranqueta ou lingueta das fechaduras das portas.

BEIRA — Borda, extremidade. Num sentido geral, refere-se ao ponto extremo de qualquer objeto. Em arquitetura tem uso permanente na designação das abas ou extremidades dos telhados. Aba BEIRAL ou BEIRADA.

BEIRA E BICA — Diz-se que um telhado, ou um beiral, é de "beira e bica" quando as telhas extremas da cobertura, aquelas que despejam as águas pluviais, e por isso chamadas BICAS, apóiam-se em uma fiada ou BEIRA de telhas engastadas na alvenaria da parede. Ver CIMALHA DE BÔCA DE TELHA e BEIRAL. Daí a denominação de "beira e bica".

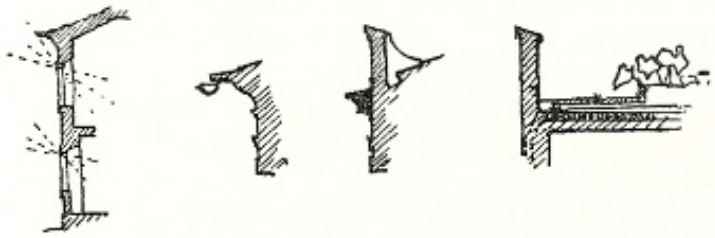
BEIRA-SEVEIRA — É o nome que recebem os telhados, ou beirais, cujas telhas extremas apoiam-se em CIMALHA DE BÔCA DE TELHA, constituída de duas fiadas de telhas esgastadas na alvenaria da parede. A fiada inferior recebe o nome de SOB-BEIRA e a de cima continua sendo a BEIRA. Teríamos, então, um telhado de BEIRA, SOB-BEIRA e BICA, nome encurtado para BEIRA-SOBEIRA que, por corruptela, deu BEIRA-SEVEIRA. Esta denominação, segundo Paulo Thedim Barreto, é ainda usada no interior mineiro. Esta solução de beiradas, com cimalhas de boca de telha, foi quase que exclusiva do nosso litoral, de norte a sul, pelo fato de ali predominarem as construções de pedra e cal. Os telhados de beira e bica e de beira-seveira nunca aparecem, por razões óbvias, em obras de taipa.

BEIRA-SOBEIRA — Ver BEIRA-SEVEIRA e ALGEROZ.

BEIRADA — O mesmo que BEIRAL. Em sentido restrito pode referir-se à última fiada de telhas de um telhado, desde que seja saliente da parede e afaste a água proveniente da chuva.

BEIRADO — O mesmo que BEIRAL, com aplicação restrita a êsse significado.

BEIRAL — Parte do telhado formada por uma ou mais fiadas de telhas, que faz saliência sôbre o prumo da parede externa de uma construção. Os beirais podem ser mantidos por mãos francesas, solução mais ou menos rara em nossos antigos edifícios; ou podem permanecer em balanço. Neste último caso, o mais comum, dois sistemas de sustentação apresentam-se: ou parte do madeirame do telhado pròpriamente dito se prolonga para fora das paredes, por exemplo, nos beirais de cachorrada; ou a parede, nas proximidades dos frechais, se alarga em cimalha de alvenaria em balanço. Neste caso, o beiral é um espessamento da parte superior do muro, não passando, na realidade, de uma mão francesa de alvenaria maciça e contínua. Ver CACHORRO, TELHADO, CIMALHA DE BÔCA DE TELHA e BEIRA-SEVEIRA. A respeito da real função dos beirais, que era de desviar as águas fluviais dos topos das paredes, ver a ilustração dêste verbête e a respectiva explicação de Lúcio Costa.



Lúcio Costa, autor dos desenhos acima, no seu artigo "Documentação Necessária". (Rev. do S.P.H.A.N., n. 1, pág. 35) fala a respeito dos beirais de nossa arquitetura tradicional: Diz-se, por exemplo, que os beirais das nossas velhas casas tinham por função proteger do sol, quando a verdade é, no entanto, bem outra. Um simples corte faz compreender como, na maioria dos casos, teria sido ineficiente tal proteção, e os bons mestres jamais pensaram nisto, mas na chuva, isto é, afastar das paredes a cortina de água derramada do telhado. Depois, com o aparecimento das calhas, surgiram aos poucos, lògicamente, as platibandas, continuando as cornijas — já sem função — prêsas ainda à parede pela fôrça do hábito e meio sem jeito, até que, agora, com as coberturas em terraço-jardim, a transformação se completou. E prova melhor de que só excepcionalmente se atribuía ao beiral outra finalidade, é que na Califórnia, no México, em Marrocos, etc., onde o sol também é muito, mas a chuva escassa, êle quando existe, se reduz o mais das vêzes à própria telha".

BELEZA — Propriedade inerente ao objeto arquitetônico que infunde ao observador, através do sentido da visão, a percepção de seus valores estéticos. Dêsse modo, dadas as circunstâncias reais do surgimento da obra arquitetônica, o conceito de beleza será relativo e o juízo estabelecido ao seu respeito servirá de guia para os contemporâneos na crítica e na apreciação da criação artística.

BELHO — Designação popular em algumas regiões do Brasil da tranqueta ou lingueta das fechaduras das portas.

BELO — Aquilo que tem beleza. A obra de arquitetura que por suas proporções, suas formas em equilíbrio e sua combinação de côres, possui as características da beleza.

BELVEDERE — Tôrre, pavilhão ou terraço que remata o alto de uma construção, com o fim de favorecer o descortínio de vasto panorama. Também aparece com a grafia belveder e belver. Mirante.

BEM-ESTAR — Têrmo que se relaciona com o confôrto humano e que constitui novo conceito na bioclimatologia moderna e cujo significado se atém ao uso comum da palavra. Refere-se à sensação do corpo humano frente aos elementos atmosféricos especialmente à temperatura e à umidade e que se expressa pela relação entre o calor do corpo humano e a perda ou irradiação para o exterior. Segundo o tipo de atividade da pessoa, os limites do máximo bem-estar oscilam entre os 18 e os 23 graus para uma umidade de 50% aproximadamente, considerando-se o clima artificial. Têrmo registrado pelo "Dicionário Técnico Brockhaus", cuja interpretação grandes relações mantém com a arquitetura.

BENFEITORIA — Melhoramento feito, executado em imóvel alheio para dar mais confôrto ou produzir maior rendimento.

BERBEQUIM — Instrumento para fazer furos na madeira, pedra, louça, etc. que consiste numa haste com ponta de aço muito aguçada, que se faz girar por meio de uma manivela.

BERÇO — Forma de abóbada. Ver ABÓBADA.

BERMA — Caminho estreito à borda dos fossos nas fortificações, logo após o parapeito.

BETÃO — Designação antiga, de origem francesa, dada à mistura de cimento, areia, cascalho e água usada nas construções. O mesmo que CONCRETO.

BETONAR — Revestir com betão ou concreto. Cimentar com betão.

BETONEIRA — Máquina de preparar concreto nas construções. Ver BETÃO.

BETONILHA — Nome dado à pedra britada miúda misturada a uma argamassa de cimento, cal e areia. Tal mistura é aplicada no revestimento de pisos. Nos dias de hoje o têrmo é, entre nós, substituído pela palavra LASTRO.

BETUMADEIRA — Instrumento para estender e alisar a massa nas paredes ou na madeira preenchendo sulcos e defeitos com massa apropriada ou betume para facilitar a pintura. É composto de lâmina de aço larga e afiada com cabo de madeira.

BETUMAR — O mesmo que calafetar, tapar, barrar, colar ou embalsamar com BETUME.

BETUME — Do latim "bitumen" e designa, desde tempos imemoriais, os misturas de substâncias derivadas da decomposição de matéria orgânica como, por exemplo carbonetos de hidrogênio. Antigamente era colhido diretamente das jazidas e hoje pode ser obtido através da destilação fracionada do petróleo. O mesmo que ASFALTO, que também foi chamado de BETUME DA JUDÉIA. O betume foi largamente usado, em construções, para unir ou colar peças ou, então, para calafetar frestas ou fendas. Teve grande emprêgo em obras de hidráulica, dadas as suas propriedades impermeabilizantes. Com o tempo apareceu o costume de dar-se o nome de betume a tôda massa que pudesse substituir o betume tradicional. Assim é que, modernamente, ainda há quem chame a massa de vidraceiro de betume. Diz-se: "Betumar os vidros nos caixilhos". E os marcenciros usam o mesmo "betume" para tapar pequenos buracos da madeira. Pelo que vimos, esta segunda acepção do têrmo designa genèricamente um infinidade de massas ou pastas, de variadas composições, que podem ser empregadas em inúmeros serviços. Em antigos documentos relativos à nossa arquitetura, nas especificações ou contratos, encontramos freqüentemente alusões ao uso de betume. Vemos, por exemplo, em papéis de 1752 que tratavam do abastecimento de água potável do antigo Palácio dos Governadores de Vila Rica, a seguinte passagem: "será de alcatruzes (o encanamento) fechados, estes serão assentados em cal, area, e betumados nas juntas donde encayxe hum no outro, de macho e femea pela parte de dentro, e de fora o dito betume será feyto de cal preta e azeite de mamona". (Ver "Os Palácios de Vila Rica" de Francisco Antônio Lopes). César de Rainville, em "O Vinhola Brasileiro", dá uma série de receitas de "Betumes artificiais ou de MASTIQUES: "Betume impermeável é preparado de escórias vulcânicas pulverizadas, san-

gue de boi e cal pulverizada. Betume para segurar o ferro dentro da pedra é feito de uma parte de cal hydraulica, duas partes de pó de telha e meia parte de limadura, que se amassão com óleo de linhaça. Betume que resiste ao fogo é necessário para unir objetos que ficão expostos ao calor; é feito com uma parte de alcatrão, meia parte de colophonia, meia parte de pó de telha, que se misturão e ficão fundidas vagarosamente sôbre o fogo. Pode também usar-se de colophonia quente com areia pilada. Massa para unir e juntar tubos de ferro fundido prepara-se com minio (azarcão ou oxydo de chumbo) pó de telha, areia muito fina e oleo de linho" etc. Betume também é o nome de certas cêrcas provisórias feitas de ramos e galhos. O mesmo que faxina.

BETUMINIZAR — Revestir com betume.

BIANGO — Pequena moradia, casinhola.

BIRIRU — Madeira. O mesmo que BEBERU.

BIBLIOTECA — Edifício ou lugar onde se depositam livros para uso público ou particular. Constitui um dos programas arquitetônicos, cujas características exigem grande atenção do arquiteto. Seus aspectos principais são: o depósito de livros, a sala ou as salas de leitura; o fichário de consulta e, o contrôle e distribuição dos livros. O conjunto de suas dependências está compreendido em três categorias: Os locais destinados ao público, os destinados à conservação e guarda dos livros e os destinados aos serviços de administração, etc.

BIBLIOTECOLOGIA — Ciência que se destina ao estudo da formação e do funcionamento das bibliotecas.

BIBOCA — Casinha coberta de palha, Barroca. Fenda ou rasgão de terra. Baiúca, bodega.

BIBOQUEIRA — Lugar cheio de bibocas. Série de precipícios.

BICA — Local por onde escorre água. Nome popular da torneira, principalmente no interior. Nos telhados recebem o nome de bica as telhas das beiradas cujas concavidades estejam abertas para cima. O mesmo que telha "canal". A denominação deriva do fato das águas pluviais escorrerem por elas. São as "bicas" do telhado. Ver BEIRA E BICA.

BICAME — Calha de condução de água.

BICO — Nome vulgar de certos ornatos salientes e ponteagudos agrupados, formando superfície uniforme e áspera. Geralmente na forma de pequenos cônes ou de diminutas formações piramidais, foram comuns nas ornamentações dos século XVII e XVIII, principalmente na marcenaria. Nos objetos de adôrno, nos cristais por exemplo, recebem o nome de BICOS DE JACA. Em séculos anteriores, porém, essa ornamentação, guardadas as proporções e a escala, foram empregadas nos frontispícios de construções de alvenaria de pedra. O têrmo também aparece nas decorações internas designando molduras que são côncavas na parte inferior e convexas na superior. Ver TALÃO. Vulgarmente, recebem os nomes de bico de môcho, bico de côrvo, ou mocheta pendente.

BICO DE PATO — Árvore da flora paulista que dá boa madeira de construção. Machoerium angustifolium, Vog. O mesmo que GUAXIMBÉ.

BICUÍBA — Ver NHUTINGA.

BIDÊ — Aparelho sanitário de aplicação nos compartimentos de banho, de forma oblonga, confeccionada em ferro fundido esmaltado ou louça vitrificada, destinada à lavagem das partes inferiores do tronco.

BIELA — Nas tesouras de ferro tipo Polonceau são as peças que, apoiadas nos tensores, sustentam as empenas.

BIFORE — Portal que possui duas fôlhas ou doi batentes. Ver BATENTE.

BIFRONTE — Adjetivo de rara aplicação que, em linguagem comum quer dizer "que tem duas caras", em arquitetura pode se referir ao edifício que tem duas fachadas de mesma importância, que dê para duas ruas. Edifício de duas frentes.

BILHETE — Ornato composto de pequenos cilindros colocados em duas fiadas.

BIOMBO — Anteparo móvel geralmente confeccionado em elementos rígidos ligados por sistema de dobradiças, de madeira quase sempre, de alto efeito decorativo em ambientes internos, nos quais tem a função de separação.

BIONGO — Casa de palha ou choça. Botequim, pequena venda.

BIOTÉRIO — Depósito de animais vivos destinados a experiências de laboratório e à fabricação de soros e vacinas.

BIQUEIRA — Telha ou tubo que, sobressaindo à fachada, despeja águas pluviais do telhado. O mesmo que GARGULA. Goteira.

BIRIBÁ — Árvore alta e copada que fornece madeira preta de talhe duro utilizável em construções civis em geral. A madeira não é atacada pelo guzano.

BISAGRA — O mesmo que DOBRADIÇA ou GONZO. No norte do Brasil usa-se com mais freqüência a forma MISSAGRA.

BISEL — Corte feito na extremidade de uma peça de madeira que determina no tôpo da mesma um plano inclinado em relação ao eixo longitudinal.

BISELAR — Cortar as arestas formando dois ângulos oblíquos. Chanfrar.

BISOTÊ — Galicismo empregado para designar as peças planas cujos bordos são chanfrados de modo que as seções mostram as extremidades em forma de BISEL.

BISTRE — Tinta aquosa, muito usada em desenhos a bico de pena ou aquarelas, obtida com fuligem ou ferrugem fervidas e filtradas.

BITÁCULA — Do latim "habitaculum". Designa pequenas moradias ou aposentos de habitação. Pequena venda ou bodega.

BITOLA — Medida ou molde pelo qual deverá ser feita uma obra ou um pormenor. Modêlo. O têrmo provém do hebráico "bath" que era uma unidade de medida de capacidade entre os judeus.

BITUME — O mesmo que BETUME.

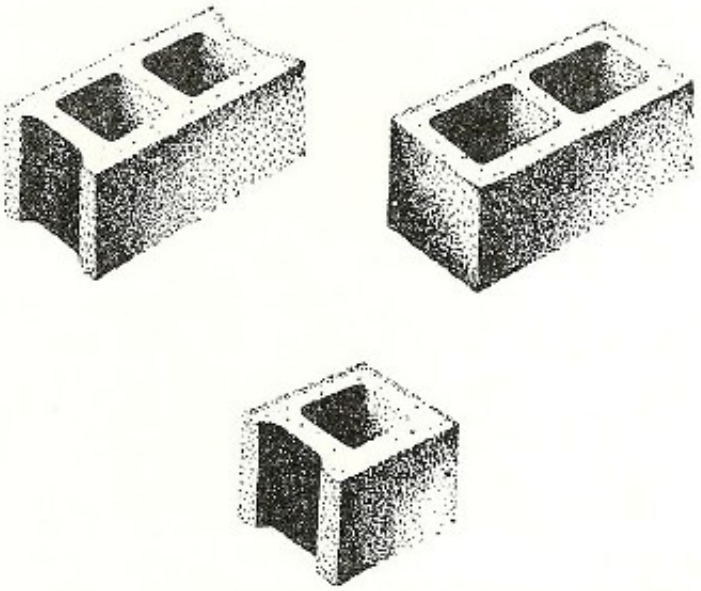
BIZAGRA — O mesmo que MISSAGRA.

BLINDAS — Peças de madeira, que sustentam as faxinas em fôsso, para resguardo dos que trabalham em fortificações.

BLOCAUSSE — Têrmo originário do alemão "blockhaus" que usa-se para designar obra de defesa, geralmente improvisada, constituída por troncos de árvores, barras de ferro, etc. formando um reduto insulado.

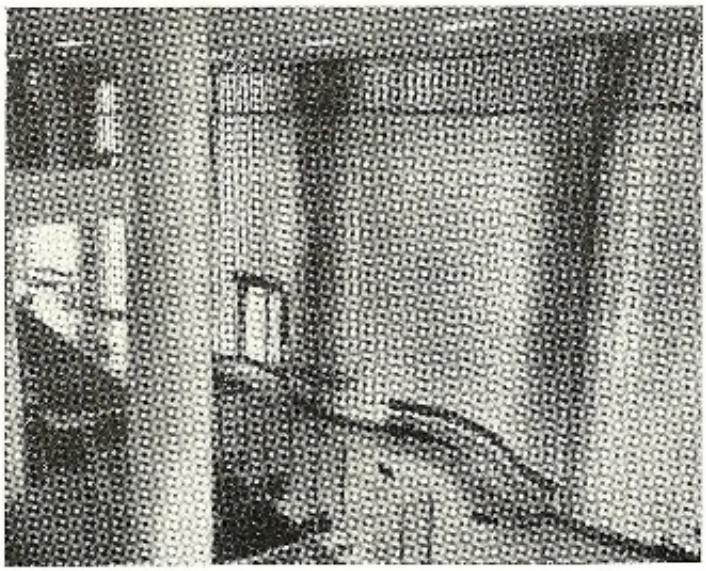
BLOCO — Designação empregada em arquitetura para os edifícios que constituem uma só massa construída. Diz-se, uma solução monobloco ou de dois ou mais blocos, etc.

BLOCO DE CONCRETO — Elemento construtivo ou decorativo, confeccionado de concreto, de dimensões geralmente padronizadas, que tem grande aplicação na arquitetura.



Amostra dentre muitos fabricados, dos blocos de concreto que são empregados atualmente na construção.

BLOCO DE VIDRO — Elemento decorativo, de vedação, aplicado comumente na confecção de paredes e, também, em casos especiais, nas coberturas de laje de concreto, com



Aplicação arquitetônica e da melhor qualidade do bloco de vidro, também chamado tijolo de vidro, na sede do Banco Boa Vista do Rio de Janeiro, projeto de Oscar Niemeyer.

fins de iluminação. Os blocos empregados na construção de paredes de vedação tomam o nome de TIJOLOS DE VIDRO.

BOAMA — Tábua delgada.

BÓBADA — O mesmo que ABÓBADA. Corruptela de raríssima aplicação, que ainda aparece como bóboda.

BÔCA DE CENA — Parte anterior ao palco pròpriamente dito, junto à platéia.

BOCA DE LÔBO — Nome do tipo de corte de madeira chamado BARBATE.

BOCAL — Muro ou mureta que serve de parapeito, à volta dos poços ou cisternas.

BOCEL — Moldura estreita, em meia cana, que circunda a parte inferior da coluna. Nos degraus das escadas, tanto de pedra como de madeira, bocel é o nome que recebe a parte do piso que sobressai além da prumada do espêlho, formando um dente, usualmente de três centímetros, que pode ser decorado. Superiormente, sendo prolongamento natural do piso, é arredondado, evitando-se, assim, uma aresta viva. Nas escadas externas, de pedra principalmente, costumam possuir pingadeira.

BOCELÃO — Moldura grossa na base das colunas. O mesmo que TORO.

BOCELAR — Dar forma de bocel ou meia, cana. Ornar com bocéis.

BOCELINHO — Moldura redonda e de pequena secção que separa a fuste do capitel, nas colunas. Há quem chame de bocelinha ou BOCELINO a parte mais estreita da coluna, nas proximidades do capitel. O mesmo que BOCELIM.

BOCELINO — Ver BOCELINHO.

BOCETE — Florão ou ornato colocado nas intersecções das nervuras dos tetos artesoados.

BOCETO — O mesmo que BOSQUEJO ou ESBOCETO.

BOCIM — Nas manilhas, a extremidade mais larga, que recebe por encaixe a extremidade de outra manilha.

BOCUAÇU — Denominação dada no litoral sul a certa madeira aplicável em obras de carpintaria e marcenaria. Talhe macio, lembrando o cedro.

BOCUVA — Madeira de segunda qualidade usada em forros, esquadrias e obras internas em geral. Empena muito. Fibras grossas. Talhe macio. Pêso específico igual a 0.87. Comum no Vale do Ribeira de Iguape e na Serra do Mar.

BODRELHO — Pedra miúda. Calhau.

BOEIRO — Abertura feita nos muros ou elevações de terreno para favorecer a passagem da água. Boeiro também é chamado o elemento de cimento ou outro material, de diâmetro avantajado, que ligado a outros idênticos canaliza um córrego ou dá vazão a determinadas águas.

BOI — Tenda rústica feita pelos moradores dos baixos do Rio São Francisco.

BOIACA — Na gíria dos pedreiros, (São Paulo, pelo menos) é o nome que toma a calda de cimento, ou aguada de cimento, que serve para revestir com fina camada, superfícies expostas, tanto as dos ferros aparentes das estruturas de concreto armado por terminar, como as das lajes de elementos cerâmicos ou as dos respaldos de alvenaria.

BOIUSSU — Madeira castanha-parda do vale amazônico, boa para marcenaria. Ormosia coutinhoi, Duke. Família das Leguminosas.

BÔJO — Saliência volumosa formando barriga num corpo arquitetônico.

BOLARMÊNICO — O mesmo que BÔLO ARMÊNIO.

BOLEADO — Superfície boleada, torneada, arredondada, no Sul do país, segundo J. Simões Lopes Neto.

BOLEAR — Arredondar.

BOLICHE — Casa de negócios, de mau aspecto e má categoria. Pequena taberna. Casa onde se pratica certo jôgo de bolas. Ainda, segundo J. Simões Lopes Neto, bodega.

BÔLO ARMÊNICO — Terra argilosa, untuosa e vermelha, empregada nos processos de douramento, servindo como base das fôlhas de ouro. Esta terra foi primitivamente empregada pelos orientais como remédio, dadas as suas qualidades adstringentes. Posteriormente é que passou a ser empregada como mordente.

BÔLO DE DOURAR — O mesmo que BÔLO ARMÊNIO.

BÔLSA — Extremidade de diâmetro maior nos tubos ou manilhas, que serve de encaixe da extremidade de outro tubo, nas linhas de tubulação. BOCIM.

BOMBA — Dá-se o nome de bomba ao espaço situado ao lado de uma escada que pelo outro flanco está engastada ou encostada em uma parede. O mesmo têrmo é empregado para designar o espaço compreendido por dois lanços de escadas de sentidos opostos. Genèricamente costuma-se dar o nome de bomba à própria caixa da escada. É o nome, também, dos alçapões situados sôbre as manjedouras, pelos quais é jogado o alimento ao gado.

BONECA — Armação de madeira composta de uma viga horizontal solidária, em suas extremidades, em dois pontaletes, usada para escorar as vigas ou os dormentes abaulados dos sobrados. Chapuz colocado nas escoras dos simples dos arcos. Nome que, no Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil, dão à saliência da alvenaria, que sobressai das paredes internas, onde são fixados os marcos das portas. O mesmo que a ESPALETA do linguajar paulista.

BONHO — Lusitanismo que designa TÁBUA.

BOQUILHA — Nome que os carpinteiros dão ao encaixe feito numa peça para receber a ESPIGA de outra peça a ser conectada.

BORAJUBA — Madeira de lei da Amazônia.

BORBOLETA — Ferragem colocada nas ombreiras e que permite manter suspensos os caixilhos chamados de guilhotina.

BORDADURA — Perfil ou moldura que orna um baixo-relêvo ou uma almofada de divisão. Também chama-se assim, o alinhamento formado nas ruas, no qual terminam os lados de uma calçada.

BORDO — Madeira usada na marcenaria. Acer sacharinum, Lin. Família das Aceráceas.

BORNEAR — Verificar, a ôlho nu ou com aparelhos rudimentares, se determinada obra está sendo executada em certo nível. Colocar estacas de distância em distância com o fito de se verificar se uma obra está obedecendo uma linha ou direção pré-determinada.

BORRAINA — Dobra, debrum ou pestana feita nas bordas das placas de chumbo com as quais se revestem os pisos dos terraços. Êste recurso é usado quando se deseja unir duas placas ou fôlhas sem o emprêgo de soldas. Uma pestana entra na outra e são comprimidas ou amassadas, obtendo-se, assim, perfeita união.

BORRETEAR — Fazer e refazer desenhos. Esboçar apagando traços e marcando outros. Executar muitas vêzes um mesmo desenho.

BOSQUEJAR — Desenhar ou pintar sem determinar os contornos rigorosos dos objetos ou das figuras. Esboçar. Planear.

BOSQUEJO — Primeiros traços rápidos objetivando idéia inicial, criadora de um projeto arquitetônico. Difere do esbôço porque êste já é elaborado sôbre idéia formada ou quase pronta. Um ESBÔÇO pode provir de um bosquejo.

BOSSAGEM — Saliência sôbre uma superfície. Almofada saliente. Pedra ou tijolo saliente numa parede.

BOSTEAR — Revestir com excremento de curral, puro ou misturado com barro, as paredes ou pisos.

BOTÃO — Pequeno puxador que pode ser fixado à porta ou à gaveta por meio de extremidade rosqueada.

BOTARÉU — O mesmo que ARCO BOTANTE. O têrmo é mais aplicado quando se trata de pilastras ou de obras maciças de alvenaria encostadas a paredes sujeitas a grandes empuxos laterais.

BÓVEDA — O mesmo que ABÓBADA.

BRAÇA — Unidade de comprimento que antigamente equivalia a 2,20m. No sistema inglês equivale a 1,80m. BRAÇA QUADRADA é medida agrária usada em Mato Grosso equivalente a 3.052m2, que se chama TAREFA em Sergipe e Alagoas.

BRAÇADEIRA — Ferragem para reforçar ensambladuras.

BRACATINGA — Madeira usada em construções civis. Pêso específico aparente (15% hum) 0,67. Mimosa bracaatinga, Hoehne.

BRACEIRA — Nos telhados amouriscados, é o nome da faixa constituída pelas telhas canais cheias de argamassa. Ver AMOURISCADO.

BRACUÍ — Madeira de árvores da flora paulista muito boa para esteios, vigas e obras externas. Existem as variedades bracuí amarelo, bracuí vermelho e bracuí de pedra. Como os nomes indicam, a côr da madeira varia do amarelo para o vermelho. O bracuí de pedra possui fibras grossas e irregulares, com falhas e nós no interior. Madeira de talhe duro. Pêso específico em tôrno de 0,85. Sinonímia: BARACUÍ, GARACUÍ e GUARACUÍ. Bracuí, no resto do Brasil, significa pó de madeira. Também, o mesmo que BACURÍ.

BRADAL — Furador de aço que os carpinteiros usam em substituição à verruma.

BRAGA — Nas antigas fortificações, muro que servia de tranqueira.

BRAGUETA — Moldura traçada com dois arcos de círculos de raios e centros diferentes.

BRASÃO — O mesmo que escudo de armas ou emblema. Em nossa antiga arquitetura, que nesse ponto acompanhou a tradição européia, era normal o coroamento das portas principais de acesso das edificações governamentais com as armas ou brasões do Reino, logo substituídas, após 1822, pelas do nosso Império. Ainda existem exemplares daquela ornamentação heráldica entre nossas velhas construções conservadas, principalmente nas fortalezas coloniais da marinha, das quais a ilustração do verbête é um exemplo.

BRAÚNA — Madeira. Ver BARAÚNA.

BRECHA — Mármore formado de fragmentos de várias côres unidos por uma pasta calcárea de côr diferente. São famosas as brechas da Arrabida, Portugal. O mesmo que fenda, que é abertura de uma parede ocasionada pela queda de uma de suas partes.

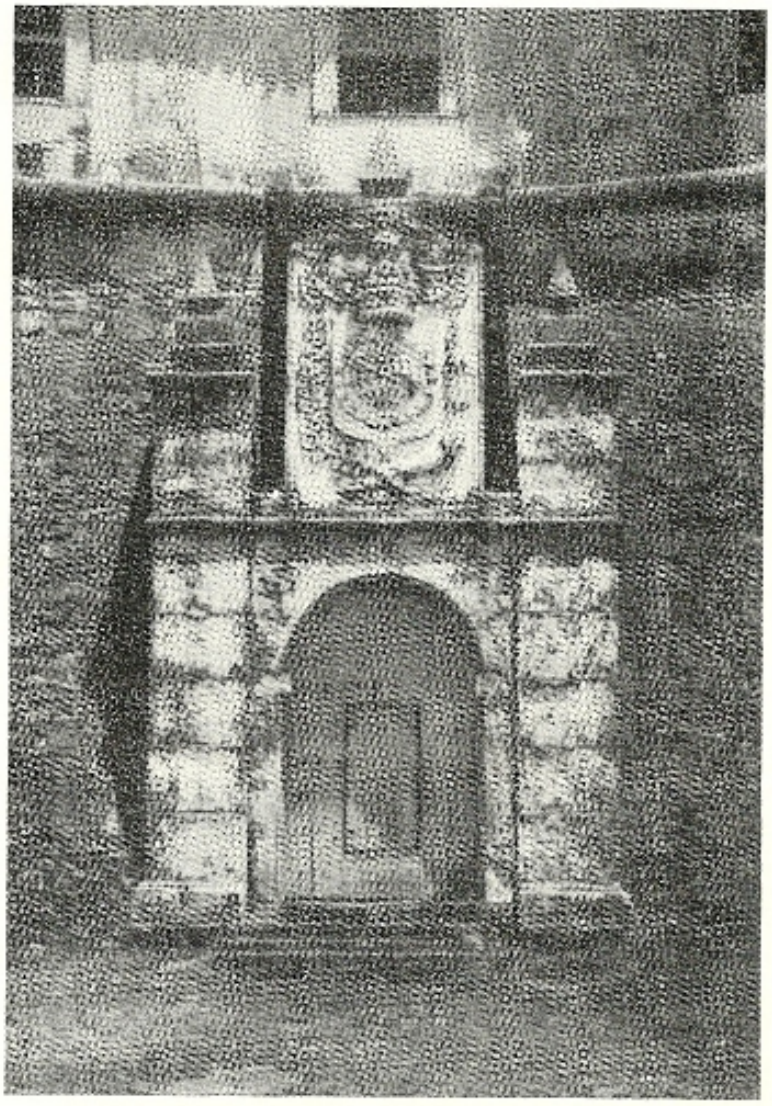
BREFOTRÓFIO — Asilo ou hospital para crianças enjeitadas. O mesmo que brefótrofo.

BREJIO — Nome que antigamente era dado entre nós ao ALBURNO.

BRELHO — Fragmento de tijolo ou de pedra. Tijolo interior dos fornos.

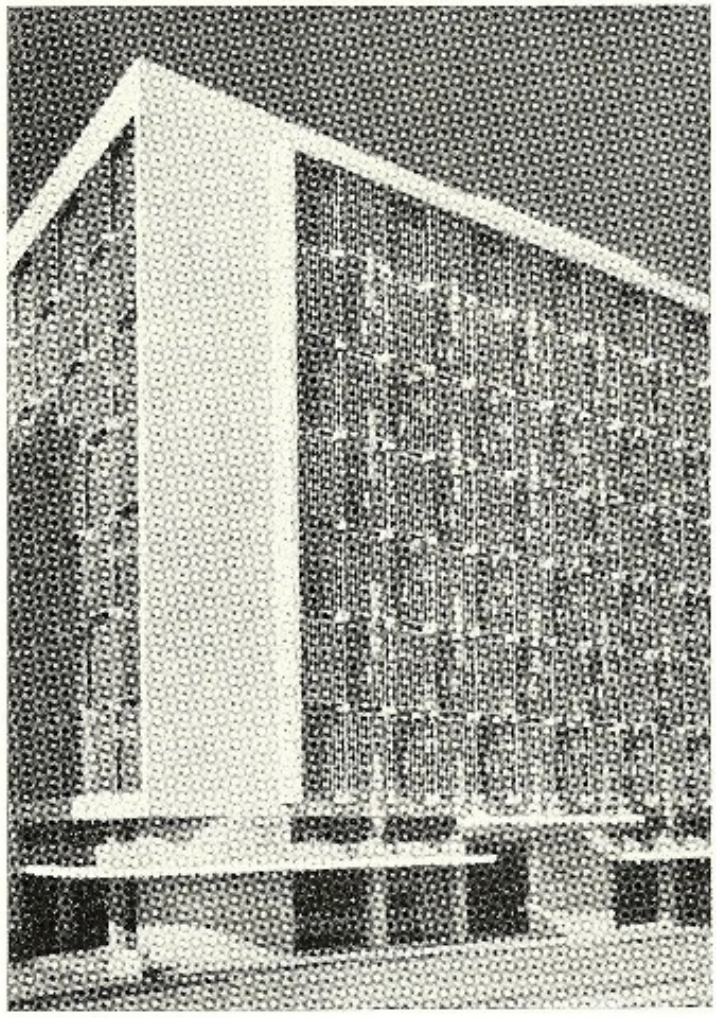
BRÊTE — Curral onde são tosquiados os carneiros. Nas charqueadas ou nos matadouros, é o nome do corredor onde se abatem as rêses.

BRISE — Elemento arquitetônico de proteção, com a finalidade principal de interceptar os raios solares, quando êstes forem inconvenientes. Têrmo de aplicação constante na linguagem comum da arquitetura contemporânea brasileira, que provém do francês "brise-soleil", cuja tradução literal "QUEBRA-SOL", apesar de designar a mesma coisa, não atingiu a popularidade do vocábulo "brise", que por isso mesmo, deverá fazer parte de nossa língua como aquisição definitiva. O elemento arquitetônico com função de quebrar a direção dos raios solares já comparece em muitas arquiteturas, mesmo de épocas mais remotas. Porém, do gênero placas horizontais ou verticais, móveis ou fixas, com o nome específico de "brise-soleil", constitui uma sistematização criada por Le Corbusier para um de seus projetos de 1933. Tendo o mestre contemporâneo aplicado êsses elementos no risco que executou para o Ministério da Educação no Rio de Janeiro, ficam êles decididamente incorporados à arquitetura brasileira. Oscar

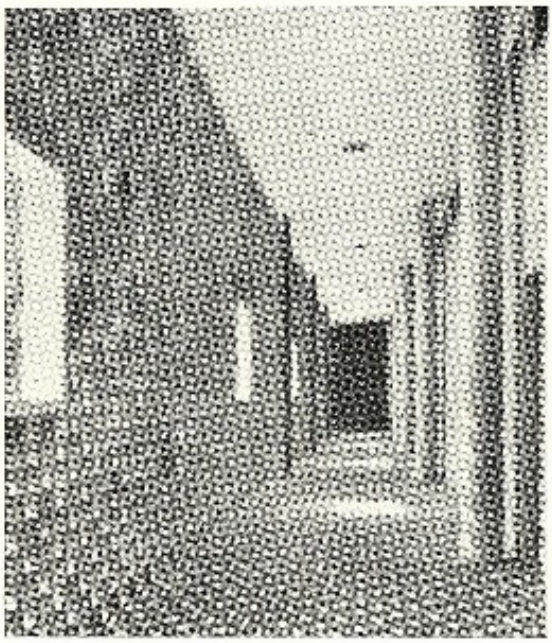


Portal brasonado do Forte de Santo Antônio da Barra.

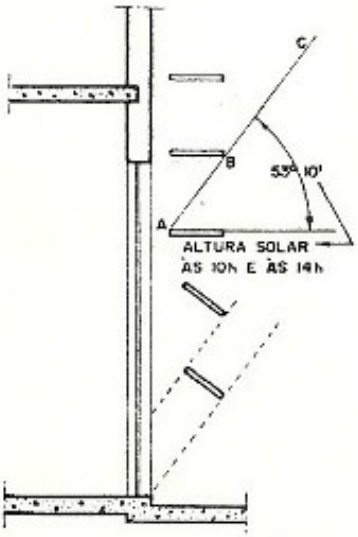
brise móvel e vertical na Obra do Berço, no Rio, em 1937. Logo após surgia o brise vertical fixo empregado por M. M. Roberto no edifício da Associação Brasileira de Imprensa, também no Rio. Variação do tipo fixo, foi aquêle usado no Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York em 1939, por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Daí por diante, os arquitetos brasileiros conscientes da importância e da excelência dêsses elementos especiais na arquitetura brasileira, passaram a usá-los nos mais variados tipos de edifícios e idealizá-los nas diversas soluções que hoje se revestem da características bem nacionais. Philip L. Goodwin em sua obra já clássica "Brazil Builds, Architecture new and old 1562-1942" editada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York em 1943, trata-os de "QUEBRA-LUZES" ou "PARA-SÓIS" mas, também explica: "QUEBRA-SOL" é o nome que se lhes dá, mas a expressão francesa "brise-soleil" é mais geralmente usada". Aplicado ainda com a mesma finalidade pode ser designado por "ELEMENTO VAZADO".



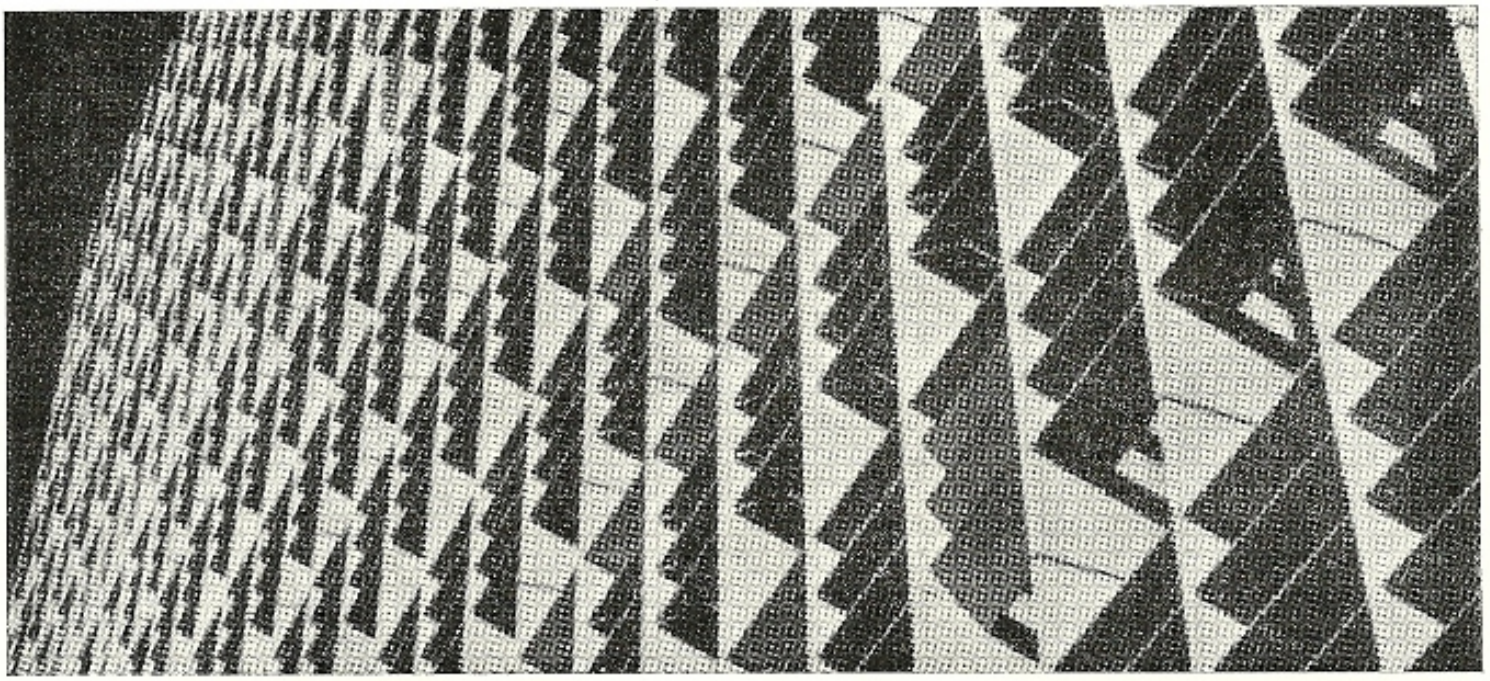
Edifício de Paulo Antunes Ribeiro na Bahia, onde a solução emprega a tela metálica conjugada ao brise.



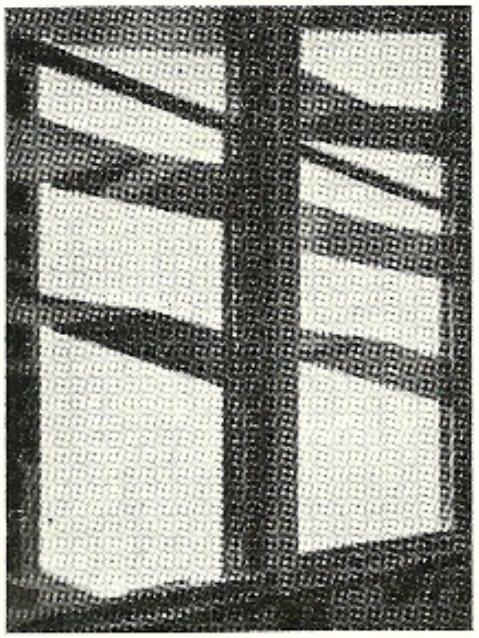
O elemento vazado funcionando como brise, na solução do arq. E. Afonso Reidy na Escola Primária do conjunto residencial de Pedregulho.



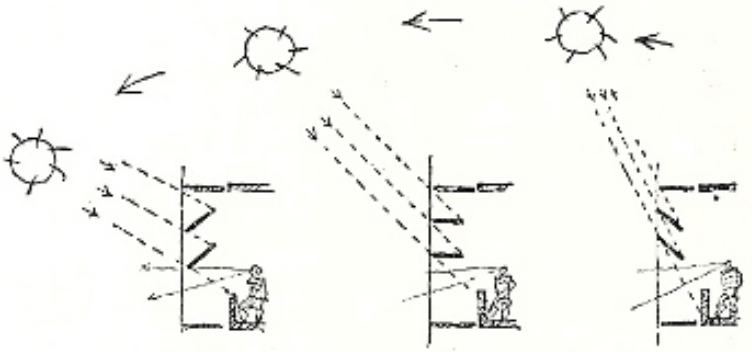
A aplicação do brise na arquitetura é feita levando-se em consideração a orientação da fachada. Êste é um exemplo extraído do livro "O sol nos edifícios" do arquiteto Hélio de O. Gonçalves, no qual se vê um esquema de posição das placas horizontais, em uma fachada Norte no Rio de Janeiro, que deve ser protegida de modo a, nos equinócios, sòmente receber sol na parte da manhã até 10 horas e depois de 2 horas da tarde.



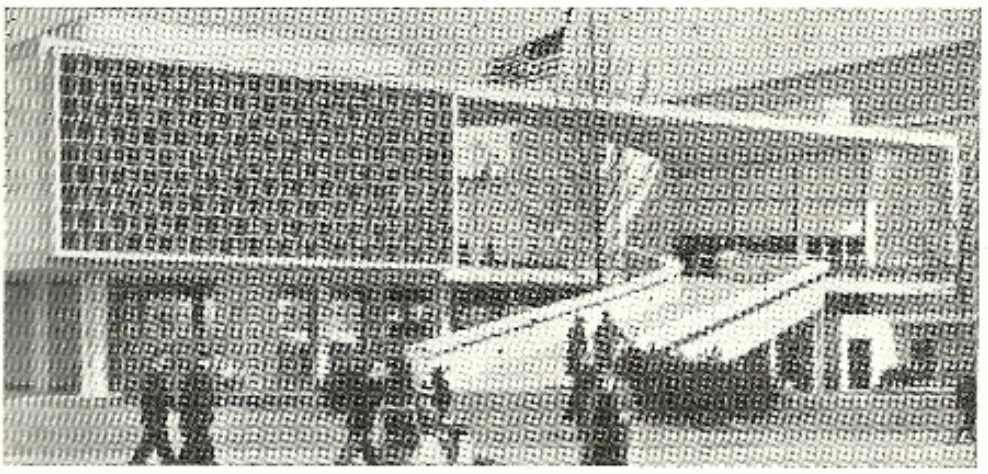
A fachada do Ministério de Educação e Cultura.



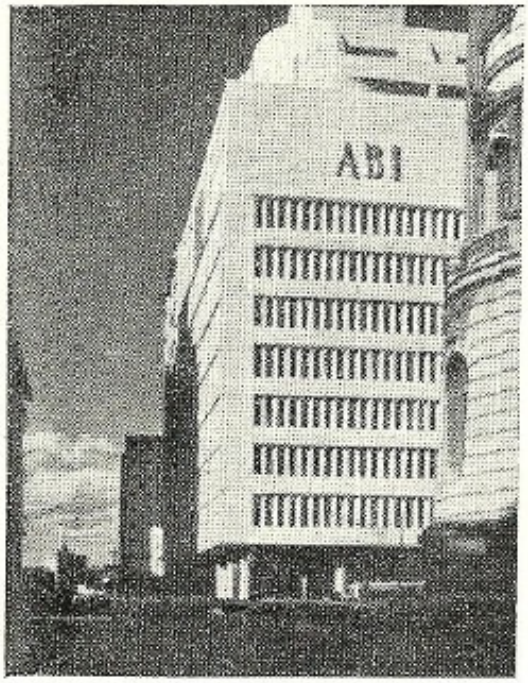
Detalhe interno da fachada do Ministério.

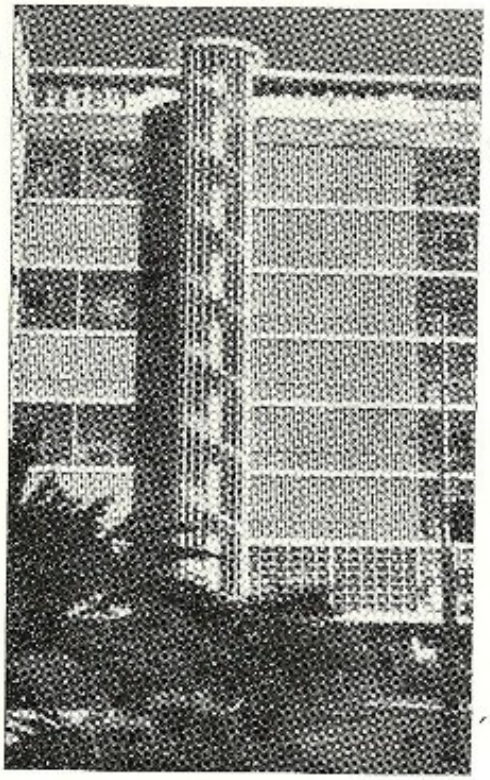


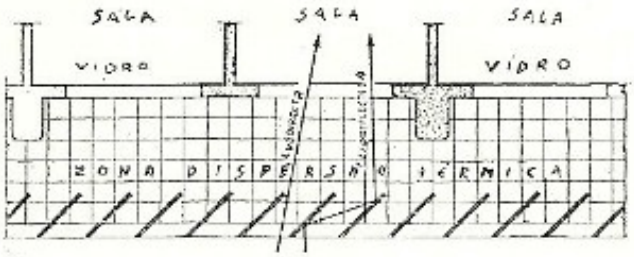
Croquis de Oscar Niemeyer para a solução adotada no Ministério da Educação e Cultura.



No pavilhão do Brasil da Feira de Nova Iorque, em 1937 Lúcio Costa e Oscar Niemeyer usaram o elemento de concreto como "quebra-sol".

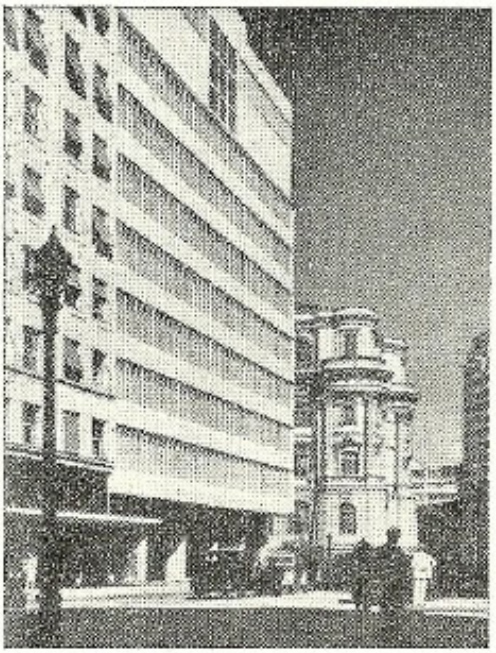


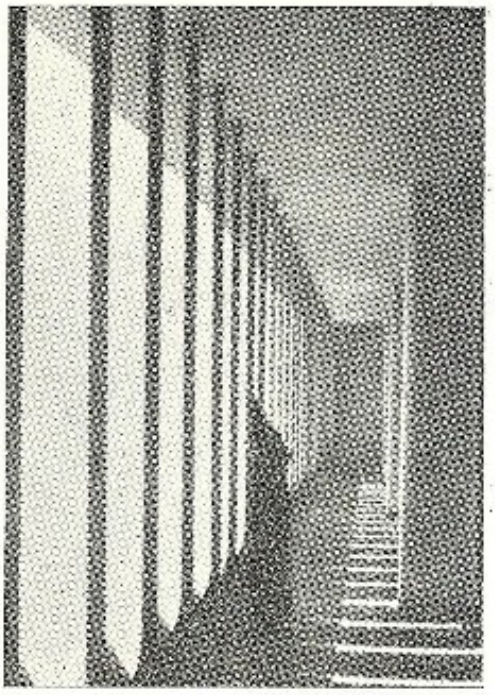




Associação Brasileira de Imprensa, do arquiteto M. M. Roberto: desenho da solução em plana e vista da fachada e detalhe do terraço de circulação.

Belíssima conjunção de elementos vazados empregados como brise por Lúcio Costa no Conjunto Residencial das Laranjeiras, Rio.





BRÍSIO — Adjetivo referente à madeira muito porosa, tanto devido à idade como pela sua própria natureza.

BRITA — O mesmo que pedra britada. Fragmentos de pedra.

BRITAR — Fragmentar um pedaço grande de pedra em pequenos seixos. Partir em pedaços.

BROA — Denominação que antigamente era dada aos tijolos circulares usados nas colunas de alvenaria, principalmente nas construções rurais da zona fluminense.

BROCA — Instrumento com que se abrem perfurações circulares em geral. Em terrenos compressíveis usam-se brocas que abrem cavidades até a camada firme. Tais orifícios são depois cheios de concreto, como se fôssem estacas moldadas "in loco". Nas antigas fechaduras, eixo que entra na cavidade da chave "fêmea".

BROCATELO — Nome de certo mármore de origem italiana, de côres variadas.

BROCHA — É o nome dos pregos curtos e de cabeça grande e achatada.

BROGALHAU — Pedra grande e sôlta, nos leitos dos rios e nas margens dos cursos d'água, que hoje em dia são muito usados para decorar jardins ou canteiros.

BRONZE — Corpo metálico que resulta da liga do cobre com o estanho, às vêzes com a adição de outros metais como o zinco, o ferro, etc. É de côr amarelada, muito tenaz e sonoro, quando o estanho entra na proporção de 20 por cento. Com os outros metais, em proporções mínimas, obtêm-se grande variedade de bronzes, conforme a necessidade de sua aplicação. Na arquitetura tem comparecido na confecção de elementos construtivos como fechaduras, maçanetas, dobradiças e também de elementos decorativos como baixos-relevos, estatuária, revestimentos, etc.

BRONZEAR — Dar a côr do bronze a qualquer material: metal, madeira, gêsso, etc. Abronzear.

BRÔNZEO — Dar côr de bronze. Feito de bronze. Duro como o bronze.

BROQUEL — Tábua em que o servente de pedreiro leva a cal que vai lançando à parede. Ver DESEMPENADEIRA e TALOCHA.

BROXA — Pincel grande usado pelos pintores na caiação das paredes.

BROXANTE — Aprendiz de pintor que apronta as tintas e faz as pinturas de pouca responsabilidade.

BROXAR — Pintar com broxa. Pincelar.

BRÓZIO — Substantivo masculino que designa uma doença de árvores que torna em pó a parte lenhosa do tronco. Dêste substantivo veio BRÓZIO adjetivo que qualifica as madeiras fracas ou brandas. Nas "condições" relativas à construção dos altares colaterais da Igreja do Carmo de Ouro Prêto, vemos "madeira tôda de cedro, q. não seja brózio, tôda no serne, livre do branco, e raxaduras".

BRUNO — Nome dados às tintas escuras e sombrias.

BRUTESCO — Gênero de pintura, escultura ou de arte decorativa que emprega figuras de animais entrelaçados entre folhagens ou flôres. Conforme Francisco de Assis Rodrigues, ornamentos caprichosos, compostos de plantas ou figuras de monstros, que os pintores e escultores representam e aplicam em diferentes obras. Como adjetivo, o têrmo designa obra tôsca ou mal executada.

BRUTO — Substantivo que algumas vêzes é usado como sinônimo de madeira de lei.

BUCRÂNEO — Ornamento antigo que teve como modêlo a caveira de boi.

BUEIRA — Furo feito nos telhados das casas pobres, por onde sai a fumaça das cozinhas.

BUEIRO — O mesmo que BOEIRO.

BUGUEIXO — O mesmo que pedra pequena.

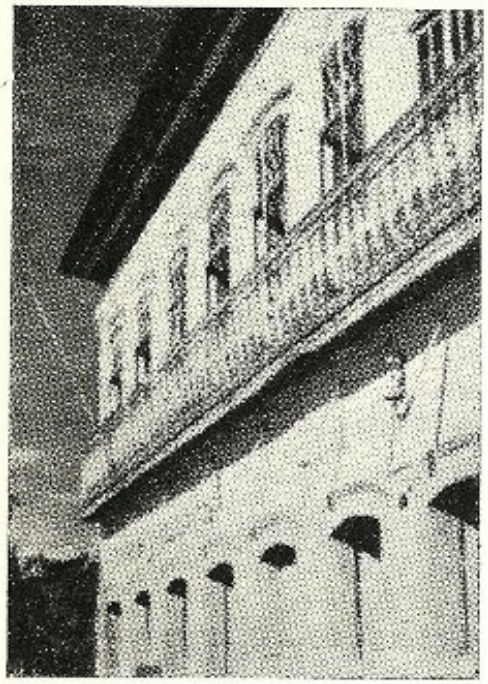
BUIRAÉM — Maeira. Ver BURANHÉM.

BUITREIRA — Seteira das antigas fortificações que possuía uma das extremidades de forma circular.

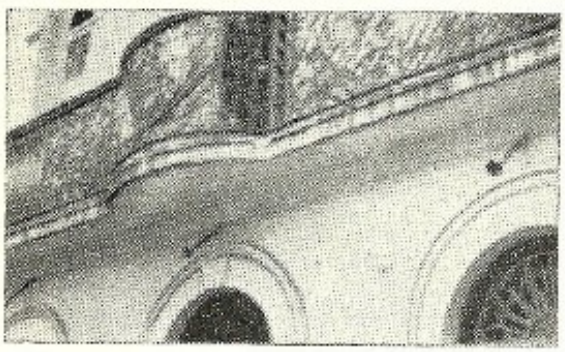
BUJARDA — Espécie de martelo com o qual se faz a PICOLA das superfícies das pedras aparentes dos muros de alvenaria. A bujarda possui cabeça quadrada guarnecida de "bicos de diamante" ou pequenas saliências piramidais justapostas chamadas "dentes", que variam de número, segundo o acabamento que se deseja.

BUNA — Borracha sintética com aplicação em determinados elementos construtivos ou na confecção de objetos de arremate. Provém da polimerização do butadieno 1,3 em emulsão. Foi patenteada essa invenção em 1907-1909 por Friedrich Hofman na Alemanha. Em 1916 foi instalada a primeira fábrica alemã, sendo depois produzida em maior escala, por ter, a buna, muito mais resistência do que a borracha natural.

BUNHA — Têrmo da gíria dos pedreiros paulistas, com influência ou ascendência italianas, que deriva de "bugna" e que dá nome às juntas entre tijolos de uma parede. Juntas tanto reentrantes como salientes.



Dois exemplos de sacadas do século XIX guarnecidas de buzinotes para escoamento de águas pluviais, existentes em construções de Parati e Iguape.



BURACO — Casa muito pequena.

BURAÉM — Madeira. Ver BURANHÉM.

BURANHAÉM — Maeira usada em construções civis e em marcenaria. Conhecida também por Buiraém, Buraém, Guaranhém, Ibiracém e Pau doce. Pêso específico aparente (11% hum.) 0,91. Pradosia glycyphloe (casar), Kuhlm. Família das Sapotáceas.

BURAQUEIRA — Buracama, terreno cheio de buracos. Terreno alcantilado e cheio de depressões. Lugar afastado das cidades.

BURAQUEIRO — Terreno cheio de buracos. BURAQUEIRA.

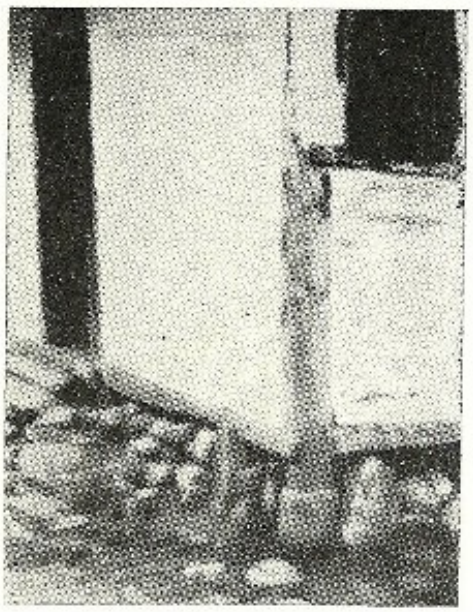
BURGAU — Pedra miúda ou pedregulho que vem acompanhada de areia grossa.

BURGO — Povoação de certa importância. Vila. Arrabalde de cidade. Antigamente era o nome que recebiam certas construções importantes, como casas nobres, paços ou mosteiros. É o nome, também, do cascalho miúdo, do seixo pequeno.

BURICI — Madeira de construção. Também conhecida por Canela caju ou Canela vermelha. Pêso específico aparente (15% hum.) 0,61. Meliosma brasiliensis, Urb.

BURITI — Palmeira brasileira cujas fôlhas e troncos são muito usados em construções rústicas ou improvisadas. O mesmo que CA-

A peça de madeira sob o baldrame entre a porta e o esteio, em meio às pedras, é chamada de burro.



RANDÁ-GUASSU, CARANDAI-GUASSU ou MURITI. Família das Palmáceas. Mauritia vinifera, Mart.

BURRA — Pequena escada de acesso às adegas.

BURRO — Nome que em Minas dá-se às peças verticais que, de espaço em espaço, suportam ou escoram os baldrames cujas extremidades são solidárias a esteios muito afastados entre si. Êste modo de chamar provém, talvez, do fato de se chamar também de burro, o cavalete que sustenta a madeira que se vai serrar. O mesmo que ADOBE. Ver TIJOLO.

BUSANO — Pedra de construção, parecida com o mármore, dos terrenos cretáceos médios.

BUXO — Também chamado buxo arborescente, possui as fôlhas sempre verdes e sua madeira é amarela e muito compacta, servindo para pequenas esculturas ou ornatos torneados. Com a madeira do buxo também são feitas as espátulas e instrumentos usados na escultura em barro ou cêra. Buxus sempervivens. Família das Buxáceas.

BUZINOTE — Cano situado na parte mais baixa dos balcões ou sacadas destinado a recolher e lançar as águas pluviais.

C

Convento de Nossa Senhora dos Anjos, em Cabo Frio.

CAAINGÁ — Madeira de construção, com resistência ao esmagamento de 546 kg/cm2. Pêso específico de 0,842. Pithecolobium sanguineum, Benth. Família das leguminosas.

CAAPITIÚ — Madeira parda do Pará usada na marcenaria. Pêso específico: 0,95. Gênero Siparuna da família das Monimiáceas.

CABANA — Pequena casa rústica, ordinàriamente coberta de palha ou colmo. Abrigo ligeiro para recreio. Choupana, choça.

CABANAL — Abrigo coberto de telhas, palha ou tecido qualquer, próprio para resguardar produtos agrícolas no campo, e gêneros, nas feiras ou mercados.

CABANÃO — Grande alpendre. Existe, também, a forma CABANEL.

CABANEL — Ver CABANÃO.

CABEÇA — Nome dado à face plana de uma pedra de formato irregular. Pedra maior que as outras e que ocupa lugar de destaque ou de maior responsabilidade, quanto às solicitações e esforços, nos maciços de alvenaria. Nome que se dava à parte anterior da nave das igrejas.

CABEÇA DE CAVALO — Tubo de madeira que leva água à parte superior da roda dos engenhos, fazendo-a girar.

CABEÇA DE JACARÉ — Nome que dão, no Piauí, ao "conglomerado natural de tabatinga e pedra miúda, menor que o cascalho n.º 0, de grande resistência, de vivo e belo colorido roxo-avermelhado", segundo Paulo T. Barreto em "O Piauí e sua Arquitetura" Revista n.º 2 do S.P.H.A.N.

CABEÇA DE PONTE — Construção de forte à entrada de uma ponte e defesa de sua passagem em casos de necessidade.

CABEÇA DE PORCO — Casa de cômodo de mau aspecto. Habitação coletiva. Cortiço. Estalagem.

CABEÇARIA — Conjunto das pedras tôscas que formam o alicerce das paredes de alvenaria.

CABECEIRA — Em arquitetura, dá-se êsse nome à parte mais retirada no interior de uma igreja, no fundo do altar-mor. É ordinàriamente circular e mais elevada que o resto da igreja. Também se aplica às pedras tumulares, de pequenas dimensões, colocadas a prumo, sôbre a cova, nas quais são escritas os epitáfios.

CABECINHA — Pedra aparelhada que cobre o tôpo de um muro de alvenaria de pedra irregular.

CABEDAL — Régua usada para verificação do aplainamento de uma tábua ou superfície de madeira.

CABEIRA — Moldura de arremate nos soalhos ou nos forros de madeira. Nos soalhos, incorpora-se aos rodapés.

CABELO DE NEGRO — Madeira de lei. Connarus suberousus, Planch. Família das Conaráceas.

CABIDE — Têrmo antigo usado para designar os alpendres anexos às igrejas.

CABINA — Compartimento reservado para comunicações telefônicas. O mesmo que GUARITA.

CABIÚNA — Estimadíssima madeira de lei de côr escura, lembrando o chocolate, com veias pretas e poros claros. Muito usada em móveis finos e instrumentos musicais. Também conhecida por Jacarandá Caviúna, Caviúna, Pau Rosa, Pau Violeta, Penaguba e Violeta do Sertão. Pêso específico aparente (15% hum.) 0,82. Flexão estática, limite de resistência (kg/cm2); madeira verde: 892, madeira a 15% hum.: 1245. Dalbergia violacea (Vog.), Malm. Dalbergia Ernest, Ulei Holhne. Dalbergia foliolosa, Benth.

CABO — Também chamado CALABRE, é o ornato que representa uma corda grossa, semelhante à empregada nos navios e que foi muito usado no estilo manuelino e derivados.

CABOCÓ — Ver CAVOCÓ.

CABODÁ — Orifício que aparece nas paredes de taipa de pilão, originados pela retirada das agulhas das taipas. Ver AGULHEIRO.

CABORÉ — Madeira de construção civil. Pêso específico médio: 1.000. Resistência ao esmagamento: 760 kg/cm2. Mycrospermum erythoxylum. Família das Leguminosas.

CABOUCO — Escavação ou vala feita para receber os alicerces. É o nome, também, dos orifícios feitos nas grandes pedras onde é introduzida a pólvora a ser explodida.

CABRESTANTE — Espécie de sarilho destinado a levantar pedras de grandes dimensões nas construções.

CABRIL — Curral de cabras.

CABRIÚNA — Madeira. Ver CABRIÚVA.

CABRIÚVA — Madeira de lei largamente empregada em construções civis e marcenaria de luxo. Quanto às qualidades, confunde-se com o Bálsamo, madeira classificada na mesma família das Leguminosas. Conhecida, também, pelos nomes: Cabriúna, Cabriúva amarela, Cabriúva prêta, Óleo pardo, Pau rato. Pêso específico aparente (15% hum.) 0,94. Myrocarpus frondosus, Fr. All. Myroxylon balsamum (L), Harms.

CABUCIPE VINHÁTICO — Madeira usada em construções. Entreolobium lutescens.

CABUÍ — O mesmo que AROEIRA VERMELHA.

CABUREIRA — O mesmo que CABRIÚVA.

CAÇAMBA — Recipiente metálico ou de madeira que serve para transportar materiais de construção a granel. Lata na qual os serventes transportam argamassa para os pedreiros. Carroça usada nos movimentos de terra, tirada por um único animal. Carrocinha. Balde.

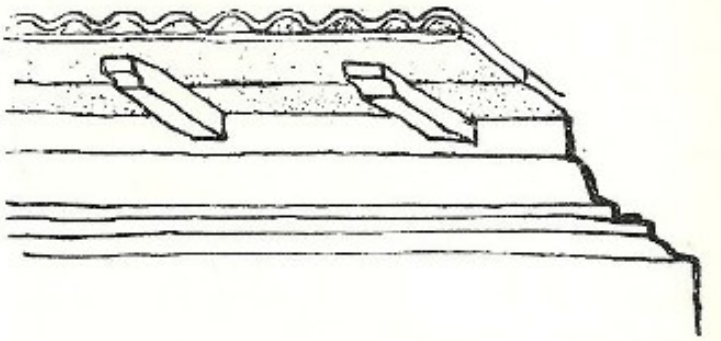
CACAURANA — Madeira da bacia amazônica empregada na abanisteria de côr castanha avermelhada e de veios finos e muito próximos. Densidade: 1,23. Theobroma spruceanum, Bern. Família das Sterauliáceas.

CACHARÓS — Casa grande e desconfortável. Lusitanismo com raro emprêgo entre nós.

CACHIMBO — Peça de ferro, na qual penetra o espigão do leme da porta. Gonzo. Também dá-se êsse nome à grande porção de terra, de forma prismática, separada de uma barranca vertical por dois fundos talhos laterais, e que nos desaterros se faz cair, solapando-a.

CACHOPELHO — Pequena habitação.

CACHORRA AFERENTE — Com o fito de se obter "maior apoio para maior balanço" dos cachorros das beiradas recorre-se a cimalhas de alvenaria. Segundo Sylvio de Vascon-



Cachorra aferente.

cellos, aos elementos de madeira dessas beiradas mistas dá-se o nome de cachorra aferente. Pertence a êsse autor o desenho que ilustra êste verbête.

CACHORRADA — Conjunto de cachorros de uma beirada ou sacada, ou outra parte do edifício.

CACHORREIRA — Madeira de lei do Maranhão.

CACHORRO — Peça de pedra ou madeira, em balanço, que serve de elemento de sustentação, suportando beiras de telhados ou pisos

de sacadas ou balcões. A respeito dos tipos de cachorros dos beirais e dos vários modos de engastamento daqueles elementos estruturais, ver TELHADO. "Cão de pedra que sustenta alguma parte do edifício, ou friso, ou varanda, ou sacada", conforme Bluteau.

CACIFO — Do árabe "cafiz". Aposento ou recanto pequeno e escuro.

CACO — Têrmo geralmente empregado para designar gênero de pavimentação para pisos externos confeccionados com pedaços quebrados de ladrilhos cerâmicos, que são conhecidos por cacos cerâmicos.

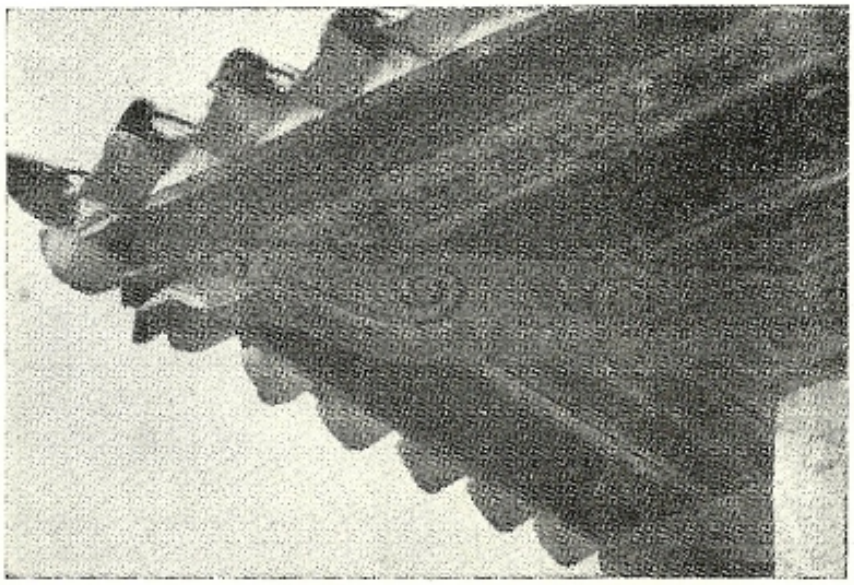
CAÇOCA — O mesmo que SAGUARÍ.

CACOTÉCNIA — Falta de "arte".

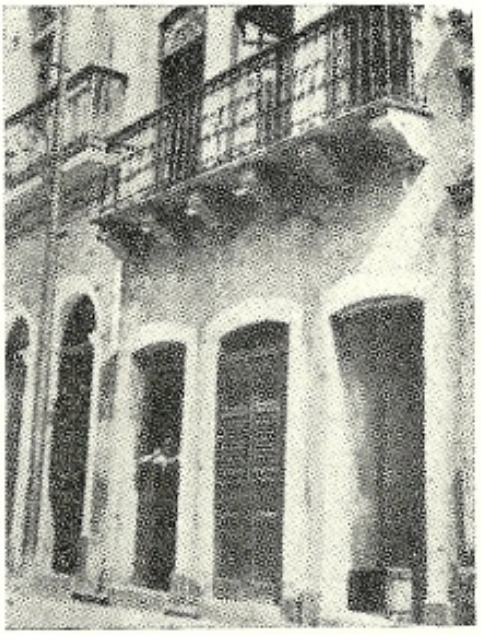
CACUNDA — Madeira rara encontrável na Serra do Mar e no Vale do Ribeira de Iguape fornecida por árvore de pequeno desenvolvimento. Côr amarela clara, lembrando o vinhático. Tale macio. Pêso específico em tôrno do 0,8. Usada na confecção de esquadrias e de obras de tôrno. Boa para marcenaria.

CADAFALSO — Nas obras, nome que às vêzes se dá ao ANDAIME. Tablado.

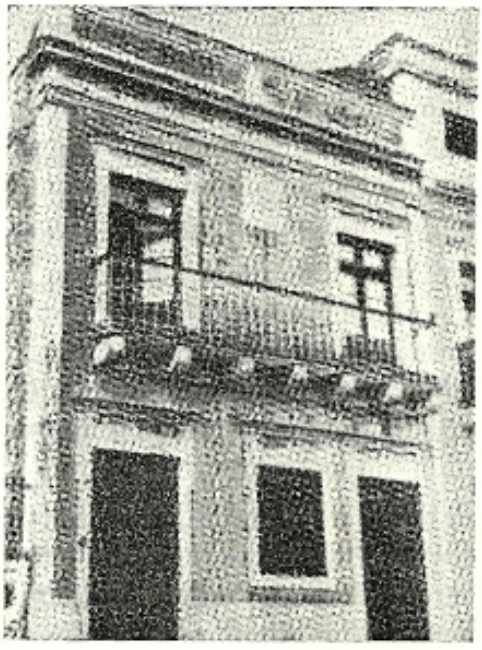
CADEIA — Nome do pilar ou saliência que se faz para reforçar paredes ou para auxiliar a sustentação das vigas dos sobrados. O mesmo que a LESENA dos pedreiros de São



CACHORRO — do Padre Inácio, Cotia.

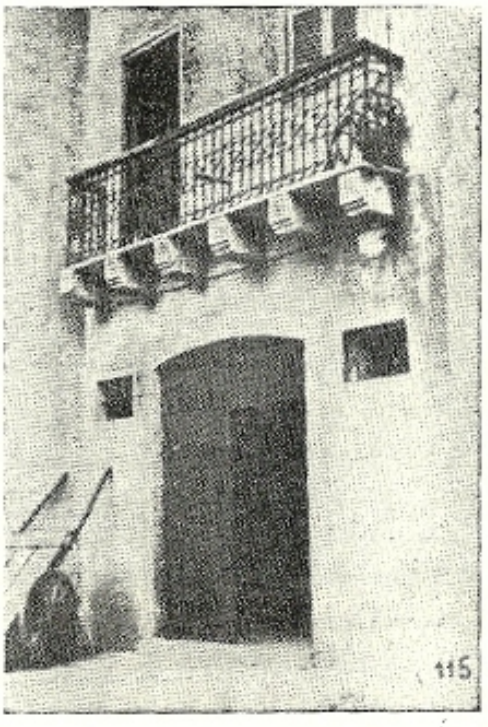


Casa



CACHORROS DE PEDRA:

1) Rua Direita, 321, Recife.
2) Rua São Bento, 45, Olinda.
3) Rua do Bom Jesus, 168.



Paulo, que guardam a nomenclatura italiana dos detalhes construtivos trazidos pelos primeiros "mestres" emigrados. Parece que o emprêgo da palavra é mais correto quando se trata de alvenarias mistas, onde as cadeias são de pedra e os panos por elas compreendidos de tijolos. Quando situada no encontro de duas paredes externas a cadeia recebe o nome de CUNHAL. Nome de qualquer peça metálica que tenha como função unir ou reforçar elementos da construção. Nome do sistema de encruzamento de vigas dos sobrados que permite um espaço livre por onde possa descer uma escada ou passar uma chaminé. O mesmo que cárcere ou prisão. Ver "CASA DE CÂMARA E CADEIA".

CADEIRADO — Nome que recebe, nos locais de reunião, a fila de cadeiras ou poltronas encostadas na parede posterior.

CADERNO DE ENCARGOS — Memorial descritivo pormenorizado em que se cogita, com minúcias, de todos os materiais, suas qualidades, quantidades e modo de aplicação, para servir de guia durante a elaboração dos orçamentos, durante o andamento das obras, etc.

CAFELAR — Revestir de CAFÊLO ou de MASSA GROSSA.

CAFÊLO — Nome português dado ao primeiro rebôco ou argamassa das paredes. Ver CAFELAR.

CAFOFO — Buraco. Vala do alicerce. Pôço do elevador. O mesmo que latrina ou CAFOTO. Ver CABOUCO.

CAFOTO — Sentina, latrina ou privada. Cloaca.

CAFUA — Antro. Habitação suja e escura. Choça. Antigamente, era o nome dado ao aposento que servia de prisão aos alunos dos colégios. Usou-se, também, a forma CAFUNDÓ.

CAFUNDÓ — Ver CAFUA.

CAFURNA — Ver CAFUA.

CAIAÇÃO — Ato ou efeito de caiar, ou melhor, de pintar ou revestir com cal diluída em água. Hoje em dia, entre o povo, a caiação é quase que sinônimo de pintura ligeira.

CAIADELA — Ver CAIADURA.

CAIADOR — Homem que faz caiações.

CAIADURA — Caiação. A cal posta na parede. Ato de caiar. O mesmo que CAIADELA.

CAIAR — Branquear com cal diluída em água. Pintar com água e cal.

CAIBRAL — Que diz respeito aos caibros. Nome que antigamente davam ao prego maior que os comuns, usado para prender caibros ou madeiras grossas. Ver PREGO.

CAIBRAMENTO — Conjunto de CAIBROS de um telhado.

CAIBRO — Peça de madeira, geralmente de secção próxima ao quadrado, que junto com outras sustenta as ripas dos telhados ou as tábuas dos soalhos. Nos telhados, apóia-se nas cumieiras, nas têrças e nos frechais. Ver TELHADO. Nos soalhos, apóia-se nos barrotes.

CAIÇARA — Cêrca ou grade feita com ramos secos ou paus a pique. Abrigo rústico. Palhoça. Copiar de palha.

CAIEIRA — Têrmo empregado para designar a fábrica de cal, ou ainda, o forno onde são submetidas a alta temperatura as substâncias calcárias para separá-las do gás carbônico.

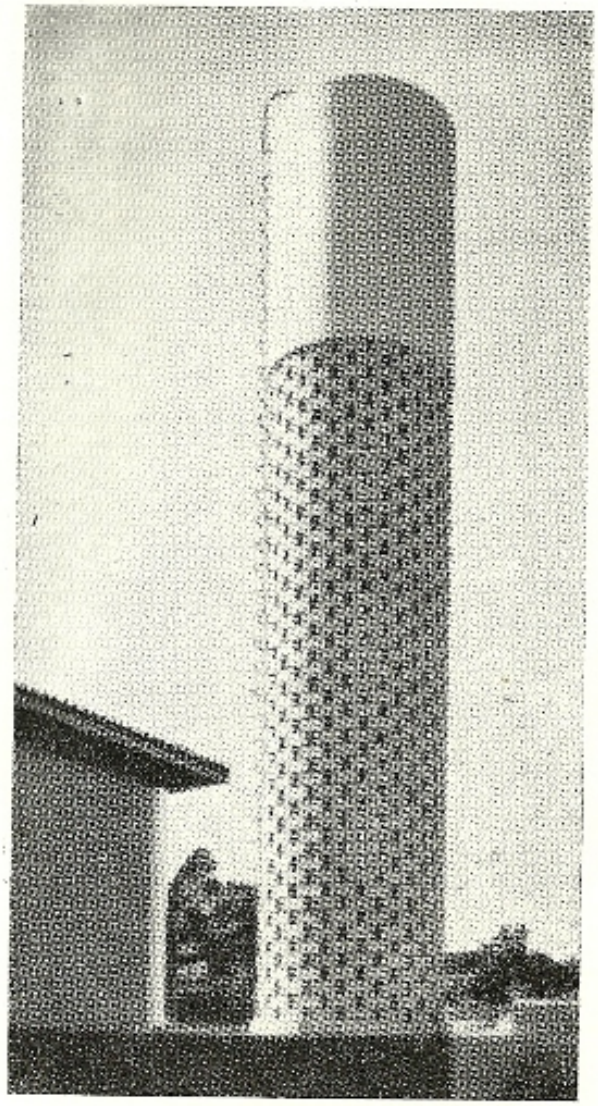
CAIEIRO — O fabricante de cal ou o que vende cal, ou o que transporta cal; servente de pedreiro, ou o homem que executa caiações.

CAIMBA — O mesmo que CAMBA.

CAIMBÉ — Madeira do norte do Brasil de côr parda avermelhada usada na marcenaria. Pêso específico: 0,17. Curatella Americana, L. Família das Dileniáceas.

CAIMENTO — Têrmo empregado na arquitetura para designar a queda das águas dos telhados. O caimento, de modo geral, é expresso em graus ou em porcentagem. Um telhado pode ter 15° ou 26,8% de caimento, por exemplo.

CAIXA D'ÁGUA — Designação genérica para todos os tipos de depósito de água que podem ser empregados nas construções. É confeccionada comumente de alvenaria impermeabilizada ou de concreto armado, sendo também encontrada pré-fabricada, em diversos tamanhos, de cimento-amianto, de concreto armado ou protendido, etc.



Caixa d'água, num projeto do arquiteto José Luís Fleury de Oliveira.

CAIXA DE DESCARGA — Depósito de água junto às bacias das privadas, com o fim de proporcionar a sua lavagem. Confeccionado de ferro fundido para pintura ou esmaltando e, também, de louça. Seu funcionamento é feito por ação manual de abertura de válvula. Sistema que está sendo substituído pela VÁLVULA DE DESCARGA.

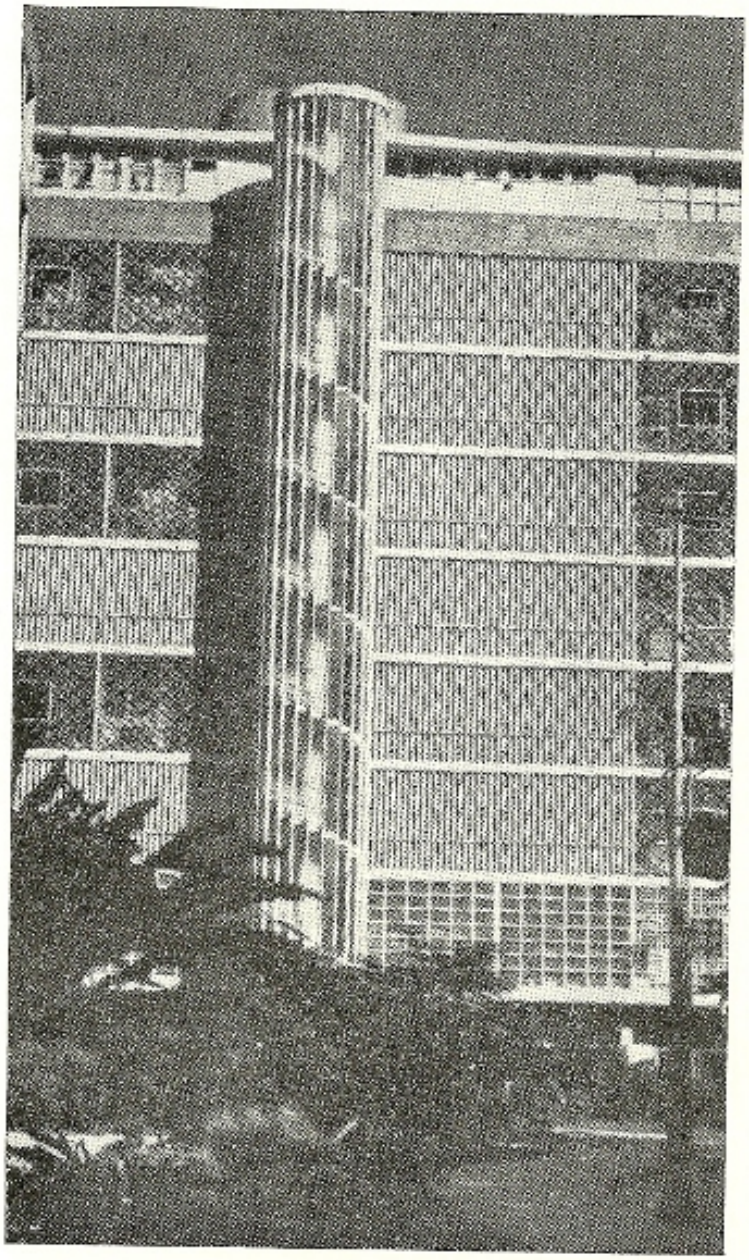
CAIXA DE ESCADA — Espaço nas construções destinado ao desenvolvimento da escada, em sentido vertical.

CAIXÃO — Nos tetos, o mesmo que ARTESÃO. Diz-se que o caixão é perdido, quanto o espaço entre as nervuras é fechado totalmente, permanecendo o teto liso. Recipiente colocado ao lado do pedreiro com a argamassa de que êle se serve. Um dos nomes vulgares do JEQUITIBÁ.

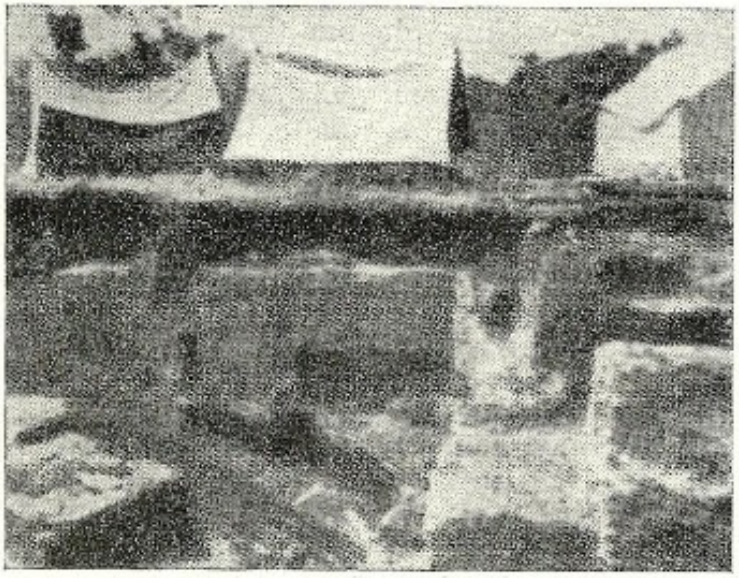
CAIXAR — Nome de um tipo de PREGO.

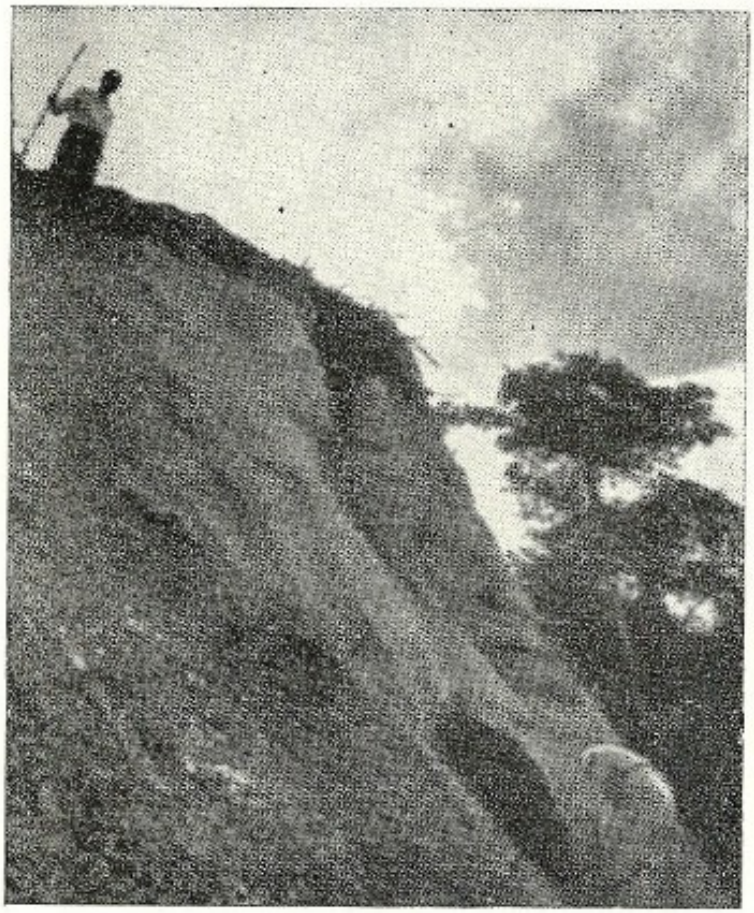
CAIXEIRA — Nome que davam à tábua de 0.015 a 0.020 de espessura e 0.22 a 0.30 de largura.

CAIXETA — Madeira empregada em obras internas, em caixotaria e alguma carpintaria. Pêso específico médio igual a 0,484. Tabebiria cassinoides, P.D.C., e Tabebiria obtusufolia, Bur. Família das Bignoniáceas. Ver Mandioqueira e Jacarandá-branco. O mesmo que FRUTA DE TUCANO, que GOERANA e que TAPIÁ.



Belo exemplo de caixa de escada de nossa arquitetura contemporânea é a idealizada pelo arquiteto Lúcio Costa para êste edifício de apartamentos no Rio de Janeiro. Parque Eduardo Guinle.





Como disse Frei Gaspar da Madre de Deus, desde as primeiras épocas de nossa colonização, os Sambaquis, os então chamados casqueiros ou ostreiras, foram enormes mananciais fornecedores de cal para as construções da marinha, zona, onde também era abundante a pedra e rara a madeira de lei. Até hoje continuam os Sambaquis a dar cal para construção, para alimentação de aves e para a composição de adubos. A exploração descontrolada, avassaladora e, antes de tudo, lucrativa dos Sambaquis destruiu para sempre valiosos documentos de interêsse da Paleontologia, Antropologia, Arqueologia e Etnologia, pois tudo indica que aquêles depósitos pré-históricos sejam enormes monumentos funerários, precursores das próprias pirâmides egípcias, plenos de importantes testemunhos da época neolítica. Sòmente agora é que, devido aos esforços do escritor e etnólogo Paulo Duarte, foram protegidos os Sambaquis das explorações comerciais, através de portaria ministerial que antecede lei definitiva regulamentadora do assunto. As ilustrações mostram dois Sambaquis, o primeiro na Ilha de Santo Amaro e o segundo na Ilha Comprida, em plena fase de exploração comercial.

CAIXILHARIA — Designação do conjunto de caixilhos.

CAIXILHO — A parte da esquadria que serve para suster e guarnecer o vidro. Nome também empregado para designar a moldura dos quadros, desenhos, lâminas, etc..

CAIXILHO DOBRADO — Ver CONTRA-CAIXILHO

CAIXOTÃO — Cavidade quadrada e ornamentada usada nas ornamentações de tetos. Cada uma das cavidades dos tetos ARTESOADOS.

CAJARANA — Madeira. Ver CANGERANA.

CAJUEIRO BRAVO — Ver SÔBRO NACIONAL.

CAJURANA — Nome dado a certa madeira paraense, amarela, boa para ebanisteria ou marcenaria. Pêso específico igual a 0,36. Simaba guynensis, Aubl, Engl. Família das Simarubáceas.

CAJUVINA — Madeira de lei amazônica.

CAL — Como elemento preponderante na composição das argamassas, a cal ocupa destacado lugar na história dos processos de construção, chegando mesmo, junto com a pedra a simbolizar a estabilidade eterna. Em rápidas palavras podemos descrever o modo de obtenção daquele aglutinante. Aquecendo-se o carbonato de cálcio (CaCO) vulgarmente chado de pedra calcária, a temperaturas que variam de 900° a 1.000°, obtém-se o monóxido de cálcio (CaO), chamado na linguagem corrente de cal viva ou "virgem" ou ainda, de "cáustica". Da cal viva, em contato com a água, resulta a cal extinta que seria, então, um hidróxido de cálcio que, por sua vez, em contato com o ar transforma-se, de modo lento, novamente em carbonato de cálcio, devido à absorção de gás carbônico da atmosfera. Existem duas variedades de cal: a cal aérea

e a cal hidráulica. A primeira, a comum, também chamada de ordinária, é a que faz pega em contato com o ar. Conforme a qualidade do calcário de que se origina pode ser "gorda" ou "magra". Cal gorda é a que provém da calcinação de calcários onde o carbonato de cálcio acha-se quase que puro, sem agregados prejudiciais. É branca, macia e untuosa. Em contato com a água acarreta grande desprendimento de calor, havendo aumento de seu volume (duas vêzes a duas vêzes e meia). Quando no calcário há corpos estranhos, como a argila, a areia, etc., (impurezas toleráveis até mais ou menos 15%) a cal resultante é chamada de "magra". É de côr acinzentada, desprende pouco calor em contato com a água e aumenta pouco de volume. A cal hidráulica é a que faz pega dentro dágua. É, obtida de calcários impuros que contêm até 22% de argila, da qual, em determinadas temperaturas, resultam silicatos e aluminatos mono, di e tri cálcicos que em contato com a água formam hidratos compactos de grande dureza. Na indústria brasileira de cal, além dos calcários comuns, foram muito empregados, como fornecedores de matéria prima, os materiais tirados dos sambaquis, ou depósitos pré-históricos de conchas, muito comuns no nosso litoral. Destas jazidas é que os primeiros povoadores tiravam a cal para as construções de alvenaria de pedra logo levantadas na marinha. Falando a respeito da cal dos Sambaquis, diz Frei Gaspar da Madre de Deus, nas suas Memórias para a História a Capitania de São Vicente: "Daqui nasceu escreverem alguns autores que é mineral a matéria de que se faz a cal, em várias partes da América. Enganaram-se, mas com desculpa, porque a terra, conduzida pelas águas e ventos para cima daqueles montões, formou sôbre êles crostas tão grossas que nalgumas partes chegaram a ter capacidade para sustentarem, como sustentam, árvores bastantemente altas, que sôbre elas nasceram e se conservam sempre viçosas. Tanta é a antiguidade destas "osteiras" (assim lhe chamam na Capitania de São Paulo) que a humidade pelo decurso dos tempos veio a dissolver as conchas de algumas delas, reduzindo-as a uma branda massa, a qual, petrificando-se pouco a pouco com o calor, formou pedras tão sólidas que é necessário quebrá-las com marrões ou alavancas, antes as conduzirem para os fornos onde as resolvem em cal. Destas conchas dos mariscos que comeram os índios, se tem feito tôda a cal dos edifícios desta Capitania, desde o tempo da fundação até agora, e tarde se acabaram as "ostreiras" de Santos, São Vicente, Conceição, Iguape, Cananéia, etc." A cal feita pela calcinação de conchas existiu no comércio até nossos dias, principalmente no Estado do Rio, onde genèricamente recebeu o nome de "cal de Cabo Frio".

CAL PRÊTA — Nome dado à cal escura obtida de jazida situada nas proximidades do arraial de Antônio Pereira, distante duas léguas de Ouro Prêto, que foi constantemente mencionada em documentos relativos às construções daquela zona.

CAL TERÇADA — Nome que se dá à argamassa feita de duas partes de areia e uma de cal. Diz-se, também cal misturada ou cal traçada.

CALABOUÇO — Prisão subterrânea, sombria e úmida. O têrmo é mais empregado para designar prisões militares, a maioria delas, antigamente, situadas nos baixos das fortalezas à beira mar.

CALABRE — Ver CABO.

CALAFATE — Ver SÔBRO NACIONAL.

CALAFETAGEM — Ação de calafetar. Obstrução de frestas, fendas, ou buracos, com o fim de conseguir homogeneidade de um material de construção, de revestimento, etc. É muito empregada entre nós, a calafetagem dos pisos de tacos, com óleo de linhaça, cola e outros produtos.

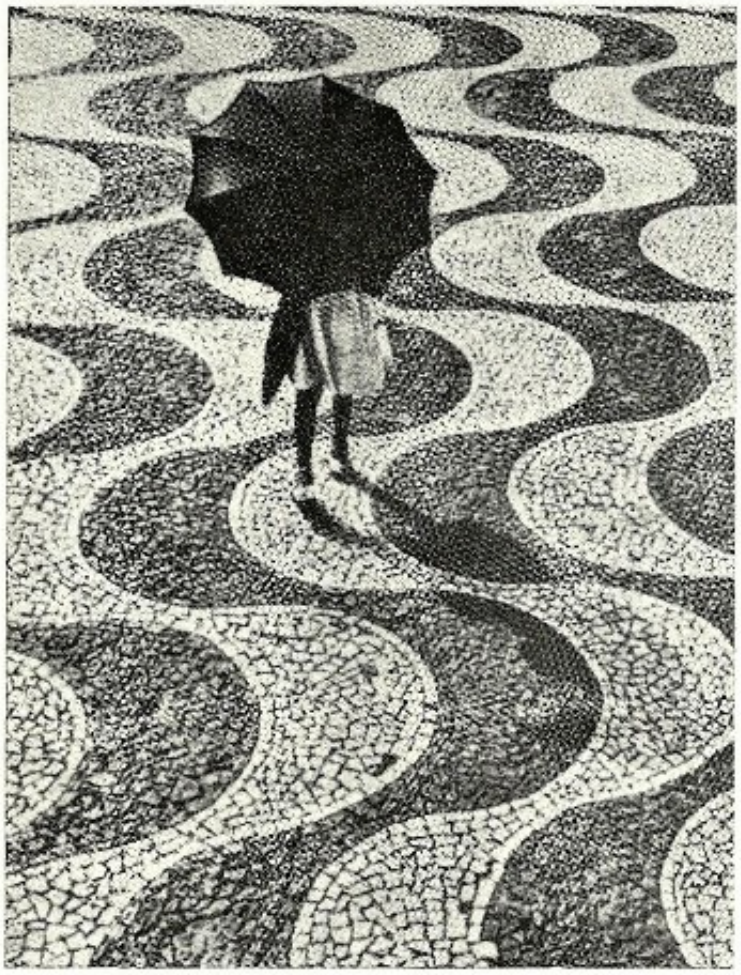
CALAFETAR — Vedar de qualquer modo, com qualquer material as fendas, os buracos, as frestas surgidas na construção.

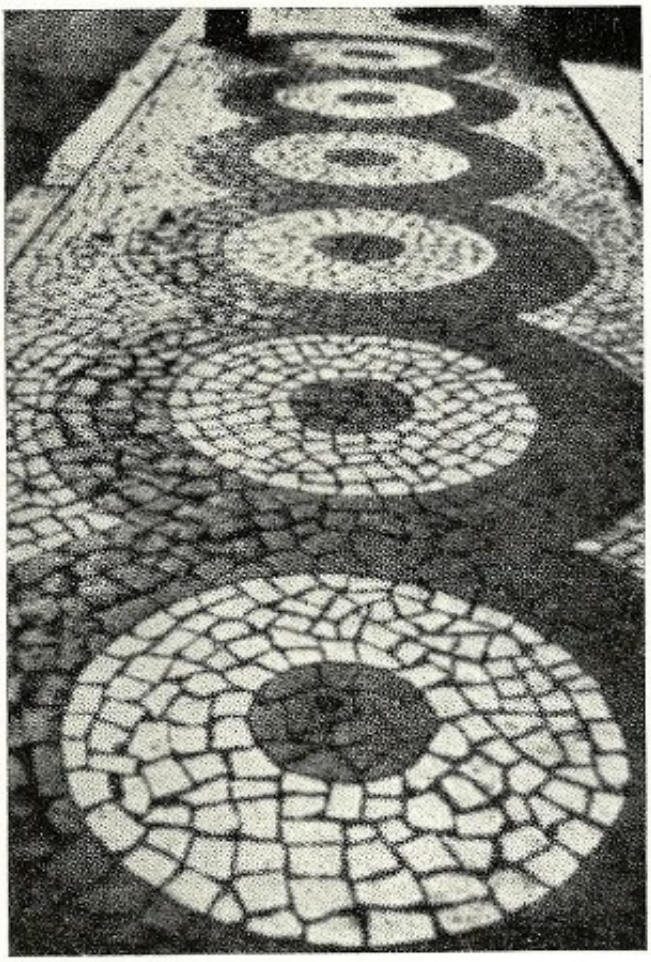
CALAFETEAR — O mesmo que CALAFETAR.

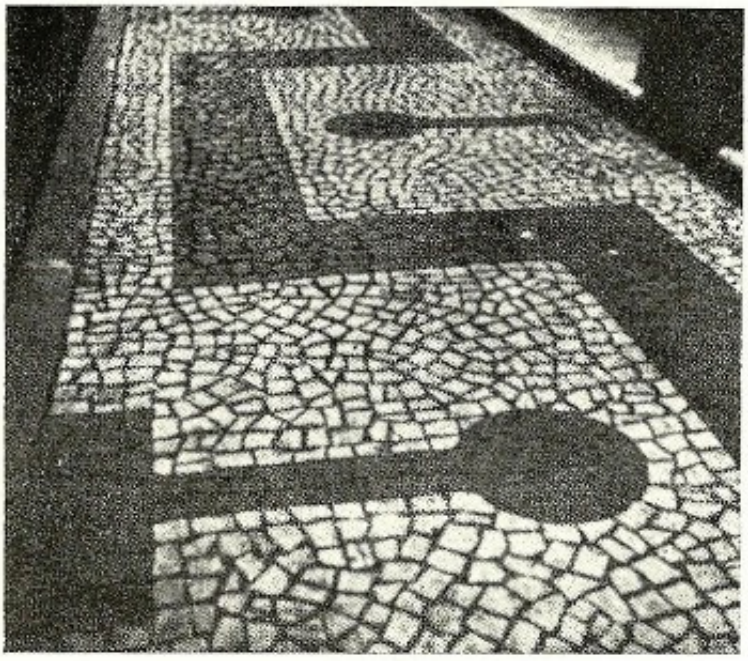
CALÃO — Telha grande para revestir o fundo de regos d'água.

CALÇADA — Revestimento impermeável de pisos ao redor dos edifícios e junto às paredes de perímetro. Geralmente, é assim chamada, a pavimentação mais elevada nas laterais das ruas, avenidas, etc., para uso dos pedestres. Caminho ou rua empedrado.

CALÇAMENTO — Pavimentação das ruas com MACACOS de pedra.







Alguns exemplos da calçada com pedra portuguêsa branca e preta e muito usada entre nós.

CALÇAR — Formar ou fazer o calçamento. Cobrir, revestir. Colocar calço ou cunha.

CALCÁRIO — Da natureza da cal. Carbonato de Cálcio. Os calcários podem ser subdivididos em quatro grupo: os mármores, as pedras chamadas litográficas, os calcários comuns que dão a cal e o cimento usados nas construções e, finalmente, a greda ou giz. Ver CAL.

CALCETAR — Calçar com pedras. Empedrar.

CALCINAR — Aquecer o carbonato de cálcio até transformá-lo em cal viva.

CALÇO — Cunha para apertar, segurar, firmar ou levantar uma peça que assenta abaixo ou acima de outra.

CALDA — Argamassa liquefeita que, por gravidade, preenche orifícios, frestas ou concavidades normalmente inacessíveis à argamassa comum. Foi muito usada por exemplo, a calda de barro ou cal para preencher os espaços entre as pedras acamadas nas valas dos alicerces. Ver ALICERCE. A calda de cimento, em São Paulo, recebe o nome de BOIACA.

CALE — Designação antiga de rua. Vem do latim: "calle", caminho, atalho.

CALEAR — O mesmo que CAIAR.

CALEFAÇÃO — Aquecimento produzido por qualquer meio, em recintos fechados, para combater a ação do frio.

CALEIRA — Cano que transporta águas pluviais do telhado. Calha de madeira que transporta líquidos. O mesmo que CALÃO. Existe a forma caleiro, mais empregada quando se trata de tubos de pedra para encanamento de água potável.

CALEIRO — Caleira de pedra, para encanamento das águas potáveis. Dono ou operário dos fornos de cal.

CALEJA — Beco, rua estreita, azinhaga.

CALEJÃO — Rua larga.

CALENTA — Diz-se da argamassa que possui cal em sua composição. Fala-se "argamassa muito ou pouco calenta".

CALERA — O mesmo que jazida de cal ou caieira.

CALHA — Sulco, canal ou rêgo que favorece o escoamento de líquidos. Usualmente, em arquitetura, a palavra é empregada para designar os condutores de ferro galvanizado ou cobre, que circundam os telhados captando as águas pluviais e dirigindo-as aos condutores verticais. Diz-se, também, PORTA DE CALHA quando a fôlha daquela vedação é constituída de tábuas justapostas, de encaixe chamado de macho e fêmea. Nos palcos dos teatros, é o nome do alçapão estreito que os atravessa e tôda a largura.

CALHANDRO — O mesmo que LATRINA ou bacia da privada.

CALHAU — Pedaço de rocha dura. Pedra. Seixo.

CALHE — Ver CALHA. Ainda significa rua estreita, viela, carreiro, vereda.

CALHOADA — Monte de calhaus.

CALÍBIO — O mesmo que pequena cabana ou tenda.

CALIBRE — Nome dado ao aparelho usado para moldar gessos ou estuques. Fôrma. É, também, sinônimo de CIMBRE.

CALICOSE — Pedrinha. Seixo. Pedra de alvenaria. Significa, também, cal ou calcário.

CALISSA — Nome que genèricamente se dá aos restos das demolições. Fragmentos de argamassa sêca. Pó ou pequenas partículas de cal que despegam das paredes ou tetos.

CALIZ — Nos engenhos de açúcar, é o nome da calha de madeira (ou meio tronco de palmeira escavado) que leva água às caldeiras.

CALORIA — Unidade de física com que se mede a quantidade de calor. É o calor necessário para elevar de um grau centígrado a temperatura de um grama de água.

CALORÍFERO — Aparelho que produz calor. Aquecedor de ambientes internos. Lareira.

CALOTA — Porção da abóbada esférica ou da cônica, com o fim de dar mais altura ao teto ou destinada a servir de fundo para pinturas decorativas.

CALUJE — Abrigo, casinha ou rancho de palha.

CALUNGA — Desenho representando gente. Boneco, figurinha de madeira, vidro, barro, metal que tenha a forma humana, conforme Antenor Nascentes em seu "Dicionário do Folclore Brasileiro". Em algumas regiões do Brasil é o têrmo empregado para designar a representação de figuras que completam os desenhos e as perspectivas dos projetos na arquitetura contemporânea.

CALVIM — Têrmo antigo que se refere à manilha que conduz água.

CÂMARA — Compartimento de uma habitação, especialmente o dormitório. Aposento. Edifício onde funcionam tribunais eclesiásticos, civis, comerciais, políticos ou corporações de pessoas ligadas àquelas atividades.

CAMARANCHÃO — Obra avançada nas fortificações. É, também, o mesmo que CARAMANCHÃO.

CAMARÃO — Parafuso cuja extremidade não rosqueada é em forma de gancho.

CAMARATA — Grande salão que serve de dormitório coletivo em quartéis, colégios ou hospitais

CAMARETA — Quartinho ou câmara pequena. Alcova.

CAMARIM — Diminutivo de câmara, empregado para designar o local reservado para a imagem do santo padroeiro, ou Santíssimo, sôbre o altar mor das igrejas. Nos teatros, é o aposento onde vestem-se e caracterizam-se os atores. Ainda, gabinete ou retrete asseado.

CAMARINA — Pequena câmara. Camarim. É, também, o nome das prateleiras triangulares engastadas nos cantos reentrantes formados por duas paredes.

CAMARINHA — Diminutivo de câmara aplicado para designar dormitórios ou alcovas. Em nossos primeiros séculos foi generalizado o emprêgo do têrmo com aquêle sentido, aparecendo a palavra com muita freqüência em documentos antigos, principalmente inventários. Existiu, também, a forma CAMAROTA com a mesmo acepção. Foi costume, em nossa arquitetura particular antiga, a construção de pequenos aposentos superiores, acima do último pavimento normal, como se fôssem pequenos torreões engasgados na cobertura que, longe de representar um aproveitamento do desvão do telhado, constituíam mais um minúsculo andar, geralmente servindo de dormitório com o nome de camarinha, ou de ÁGUA FURTADA. Êsse agenciamento (ver ilustração) parece decorrer do costume anterior de se aproveitar os espaços conseqüentes do ponto alto dos telhados da época. Em inventário paulistano de 1711 (Maria de Morais) vemos: "dois lanços seu quintal, com uma sala forrada e uma camarinha assobradada"... Essa solução, ou aproveitamento, foi comum nos primeiros tempos, não só para a obtenção de quartos como para a criação de depósitos internos. Camarinha é, também, o nome dado a certas prateleiras triangulares situadas nos encontros de duas paredes, ou CAMARINA.

Camarinha de sobrado em Parati, no Estado do Rio.

CAMAROTA — Têrmo que às vêzes aparece nos velhos inventários paulistas com o mesmo significado de CAMARINHA.

CAMAROTE — Compartimento nos teatros, que comporta geralmente cinco pessoas sentadas, de onde se vê a representação.

CAMARTELO — Espécie de martelo usado pelos canteiros que serve para debastar grosseiramente a pedra. Tem um dos lados ponteagudos e o outro arredondado ou de face chata e quadrada.

CAMBA — É o nome dos elementos curvos que compõem uma CAMBOTA.

CAMBARÁ — Madeira de primeira qualidade de côr branco-pérola com veios amarelados. Mais empregada em construções navais do que em civis. Pêso específico aparente (15% hum) 0,75. Flexão estática, limite de resistência (kg/cm²), madeira verde: 660; madeira a 15% hum 860. Moquinia polymorpha, D.C. Família das Compostas.

CAMBARÓ DE BILRO — Ver PAU PEREIRA.

CAMBOGÉ — O mesmo que COMBONGÓ.

CAMBOIM — Madeira. Ver CAMBUÍ.

CAMBOTA — Molde de madeira usado na confecção dos arcos e que entra na composição dos SIMPLES. Também é a peça de madeira com meia volta com que se armam os tetos de estuque, nos vértices; ou outra, em arco, que assenta horizontalmente no alto dos nichos, nos altares sôbre a qual (várias vêzes repetida) pousa o SOBRECÉU.

CAMBRA — No linguajar do povo, corruptela de CÂMARA. Antigamente, era sinônimo de ABÓBADA.

CAMBRAR — Têrmo antigo que significa arquear ou fazer curvas. Construir abóbadas.

CAMBUÍ — Madeira fornecida pela Myrcia sphaerocapa, D.C. Família das Mirtáceas. Existem as variedades: Cambuí amarelo, branco, vermelho. Sinonímia: ACAMBUÍ, CAMBUÍ PITANGA, CAMBOIM e CAUVI. Madeira vermelha com veios escuros. Troncos até com 6.00 de comprimento. Pêso específico igual a 0.69. O cambuí vermelho é usado em marcenaria de luxo. Em geral, madeira boa para esteios e obras externas em lugares secos. Dá dormentes que duram dez anos.

CAMBUÍ PITANGA — Madeira. Ver CAMBUÍ.

CÂMERA — O mesmo que CÂMARA.

CAMERIM — O mesmo que CAMARIM. Espécie de armário.

CAMÉRULA — Diminutivo erudito de CÂMARA.

CAMINHO — Qualquer faixa de terreno destinada ao trânsito. Atalho, rua, verêda, estrada.

CAMISA — Obra de pedra e cal, ou muro estreito, construída ao redor de uma obra de fortificação. Argamassa com que se cobre ou reboca qualquer superfície construída. Tábua de ferro. Ver SAIA E CAMISA.

CAMOETEIRO — Ver JACARÉ.

CAMPA — Pedra sepulcral raza, com ou sem inscrição, que cobre a sepultura. Sepultura.

CAMPAINHA — Ornato arquitetônico de forma redonda, quadrada ou cônica, à semelhança de uma campainha pròpriamente dita, figurando, às vêzes, gôtas de água, pelo que também é chamado GÔTA.

CAMPANA — Corpo do capitel coríntio ou composto, em forma de sino invertido. Guarnição larga à qual são prendidos ornatos em forma de campainhas para decorar um dossel ou sobrecéu. O mesmo que BOCIM.

CAMPANÁRIO — Tôrre onde se encontram os sinos, formando parte da construção ou separada dela. Nome raras vêzes aplicado à janela pequena da "tôrre de igreja" em cujas partes laterais é afixado o eixo que sustenta o sino. Por extensão, a freguesia, a aldeia.

CAMPANIFORME — Qualquer detalhe arquitônico com forma de sino. CAMPANULADO.

CAMPANULADO — Ver CAMPANIFORME.

CAMUCÁ — Madeira de lei do Maranhão.

CANADA — O mesmo que AZINHAGA. Também é antiga medida de capacidade que equivale a 2,622 litros.

CANAFÍSTULA — Madeira fornecida pela Cassia ferruginea, Schrad. Família das Leguminosas. Usada em obras externas, não se prestando a desdobramento. Côr amarela clara com manchas escuras. Talhe muito duro. Pêso específico igual a 1.23. Também conhecida por CANAFRISTA. O têrmo canafístula também designa, em algumas regiões, a GUARUCAIA.

CANAFRISTA — Ver CANAFISTULA.

CANAL — Nome genérico de algumas molduras ou ornamentos com forma de canal. Ver ACANALAR.

CANALETE — Canal pequeno ou rêgo por onde corre a água.

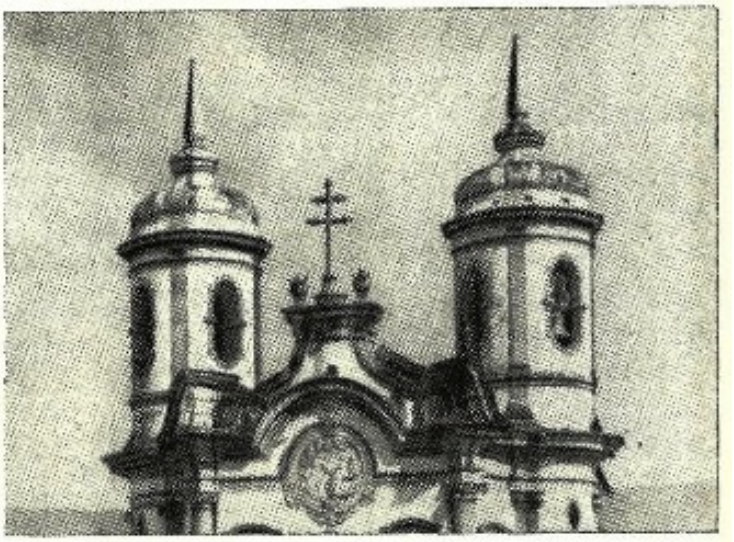
CANALIFORME — Que tem a forma de canal ou telha.

CANAPÉ — Assento com braços e recôsto para duas ou mais pessoas. Sofá.

CANCARO — Antigamente, peça da ferragem das portas.

CANCELA — Porta gradeada de metal ou madeira usada para vedar entradas ou corre-

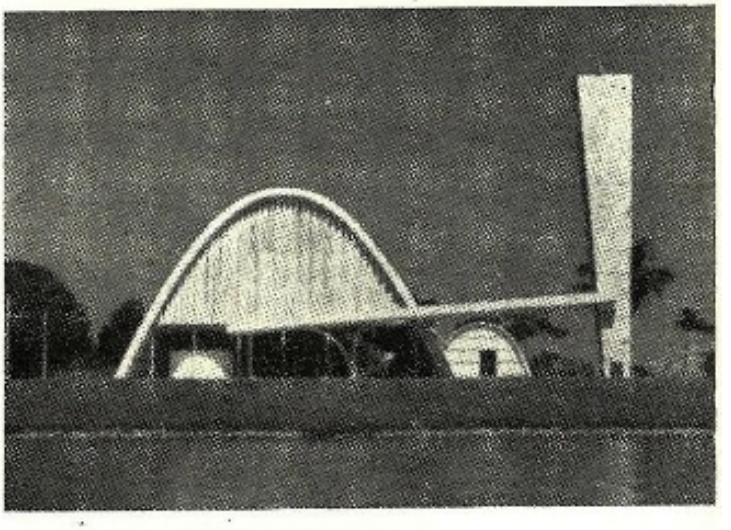
Igreja do Embu, São Paulo.



Igreja de São Francisco de Assis. Ouro Prêto.

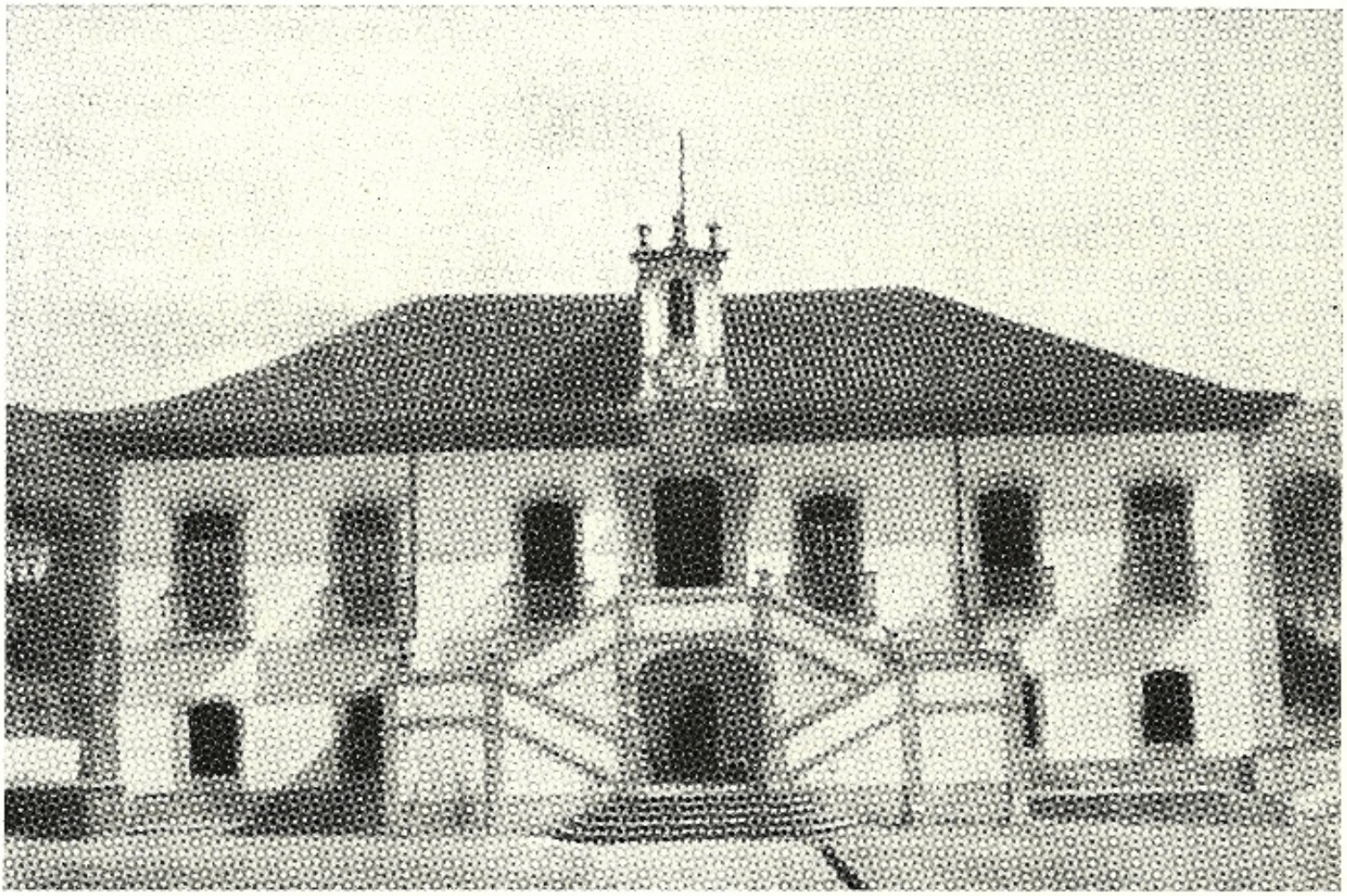
Capelinha da Conceição, Mariana.

Igreja de Nossa Senhora do Ó, Sabará.



Igreja da Pampulha, arquit. Oscar Niemeyer.

Neste grupo de ilustrações, vários exemplos de campanários de nossas igrejas, desde as barrocas do século XVIII até às contemporâneas, além de um exemplo de campanário em construção civil profana, que é o caso da casa de câmara e cadeia de Mariana.



Casa da Câmara e Cadeia, Mariana.

dores de edifícios. Do latim "cancelli". Grade de vedação ou proteção.

CANCELO — Do latim "cancellus", antigamente designava as ricas e ornamentadas grades que fechavam certas capelas das igrejas, como por exemplo, a do Santíssimo Sacramento. Hoje em dia, porém, vulgarmente é o nome de pequena porta ou portinhola gradeada.

CANCHA — Lugar, nas olarias, onde se depositam os tijolos, antes de serem queimados.

CANCRO — Peça de ferro usada para unir elementos de madeira ou pedra, nas construções. O têrmo é mais empregado para designar a peça metálica embutida na parede em cuja extremidade aparente, por meio de prego atravessado ou parafuso, podem ser suspensos trabalhos de carpintaria ou marcenaria, como prateleiras, estantes ou armários.

CANDEEIRO — Aparelho de iluminação de formas variadas, sustentado por um pé ou suspenso, que dá luz alimentado por óleo, gás, eletricidade, etc.

CANDEIA — Pequena lâmpada antiga de um bico, geralmente de fôlha e às vêzes de barro, que alumia por intermédio de óleo e torcida. Ver PAU CANDEIA.

CANDELA — Unidade de intensidade luminosa. Nome adotado para substituir "vela nova", unidade que deveria substituir a vela internacional desde janeiro de 1940.

CANDELABRO — Nome que se costuma dar a certos ornatos ou arremates de secção circular geralmente colocados em tôrno de zimbórios ou bulbos de tôrres. Grande castiçal com ramificações para iluminação. Lustre. Lampadário.

CANDOMBLÉ — Segundo Macedo Soares, transcrito pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan, candomblé, no Rio de Janeiro, significou "quarto pequeno e escuro reservado para guardar trastes velhos, baús, etc".

CANELA AMARELA — Madeira de lei usada na construção civil. Conhecida no Paraná por Imbúia amarela. Pêso específico 0,774. Nectandra nitidula, Nees. Família das Lauráceas.

CANELA-BASTARDA — Madeira. Ver CANELA-BATALHA.

CANELA-BATALHA — Madeira usada em construções civis, principalmente em forros. Conhecida, também, por Canelão, Canela-açu, ou Canela-bastante. Pêso específico aparente (15% hum) 0,73. Nectandra robusta, Loef e Eve. Família das Lauráceas.

CANELA BEZERRA — Ver MAÇARANDUBA.

CANELA BRANCA — Madeira que às vêzes também recebe o nome de Canela-batalha. É empregada em forros e caixotarias. Pêso específico 0,59. Nectandra leucothyrus Meissn. Família das Lauráceas. Crytocarya moschata, Ness & Mart.

CANELA-CAJU — Madeira. Ver BURICI.

CANELA-FEDIDA — Madeira. Ver CANELÃO.

CANELA-LIMBOSA — Madeira. Ver CANELÃO.

CANELA-MANDIOCA — Madeira. Ver MANDIOQUEIRA.

CANELA MURIÁ — Ver MAÇARANDUBA.

CANELA PARDA — Ótima e estimadíssima madeira para obras internas. Antigamente era empregada quase com exclusividade em armaduras de telhados que perduram perfeitos até hoje. Conhecida também por canela escura ou canela preta. Às vêzes o nome de canela parda é dado à Baraúna. Pêso específico aparente: 0,69 (15% hum). Características mecânicas: compressão axial, limite de resistência (kg/cm2), madeira verde: 373, madeira a 15% hum: 571; flexão estática, limite de resistência (kg/cm2), madeira verde 845, madeira a 15% hum: 1,085. Nectandra amara, Meissn. Família das Lauráceas.

CANELA PRETA — Madeira de lei para construções civis e navais. Boa para esteios e dormentes. No Norte do Brasil recebe o nome de Louro-prêto. Também conhecida por Louro-sassafraz. Pêso específico médio: 0,887. Nectandra mollis, Nees. Família das Lauráceas.

CANELA-SASSAFRAZ — Madeira de lei, bastante aromática, empregada nas construções civis. Conhecida também por Canela-funcho. Pêso específico médio: 1,073. Ocotea pretiosa, Meissn. Família das Lauráceas.

CANELA-TATU — Madeira. Ver CANELÃO.

CANELA-VERMELHA — Madeira. Ver BURICI. Ver MAÇARANDUBA FALSA.

CANELADURA — Ver CANELURA.

CANELAGEM — Ato de CANELAR.

CANELÃO — Madeira que se caracteriza pelo cheiro desagradável que exala quando cortada de nôvo. Muito empregada em construções civis, navais e em tabuados. Conhecida também por Canela-fedida, Canela-limbosa, Canela-puante e Canela-tatu. Pêso específico aparente (15% hum) 0,66. Ocotea corymbosa, Mez., Ocotea tristis, Mart. Família das Lauráceas.

CANELAR — Lavrar caneluras em alguma superfície.

CANELURA — Sulco escavado ao longo de uma superfície, cuja secção é um arco de círculo. Diz-se, também, sulco em meia cana ou acanaladura. Caneluras justapostas e ao longo dos fustes das colunas foram elementos característicos de certas ordens.

CANGA — Do tupi "acanba", é o nome de certos minérios de ferro pardacentos que, em fragmentos, foram muito usados nas construções mineiras do século XVIII. Posterior ao uso da alvenaria de canga é que surgiu o emprêgo do itacolomito e das pedras talcosas.

CANGA DE PORCO — Nome que dão em certas partes do Brasil, principalmente no norte, às ASPAS das estruturas de sustentações dos telhados. Ver ASPA e ASNA.

CANGALHA — Nome com que o povo antigo genèricamente denominava os caibros dos telhados, dada a semelhança existente com os triângulos de madeira ou "cangalhas" que se enfiavam no pescoço dos porcos para não devastarem hortas e plantações. Ver CAPA DE CANGALHA e CANGA DE PORCO.

CANELAGEM — Ato de CANELAR.

CANHARANA — Madeira. Ver CANGERANA.

CANHONEIRA — Abertura em muralha.

CANIL — Lugar ou casa onde se guardam ou se criam cães domésticos ou de caça. Casinhola construída para abrigo do cão, nas edificações residenciais.

CANJERANA — Árvore de grande desenvolvimento que fornece madeira boa para obras de talha (principalmente imagens religiosas), marcenaria, construções navais e civis. Tabuados de soalho e forros. Boa para esteios em lugares úmidos. Côr amarela escura ou vermelha. Talhe macio. Pêso específico igual a 0.75. Também conhecida por PAU DE SANTO, CAJARANA ou CANHARANA. Cabralea cangerana, Sald. Família das Meliáceas.

CANJICA — Saibro grosso, claro, que vem misturado com pedras miúdas ou cascalho. O mesmo que PIRURUCA ou PURURUCA. Dá-se, também, o nome de canjica lustrosa ao limonito que se apresenta em forma de seixos pardacentos. Modernamente há a tendência de se chamar de canjica, ou canjicado a todo conjunto de pedras miúdas, tanto seixos rolados como fragmentos britados usados na alvenaria entaipada ou nos revestimentos de paredes ou paramentos.

CANO — Cilindro ôco, de espessuras variadas, geralmente de ferro fundido ou de cobre, ou outros materiais, para dar passagem à água nas construções.

CANÓDROMO — Construção especializada destinada à disputa de corridas de cães.

CÂNON — Modêlo plástico. Conjunto de regras ou princípios fundamentais de uma arte. Cânone.

CÂNONE — Ver CÂNON.

CANTAREIRA — Poial para descanso de cântaros e potes de água nas cozinhas.

CANTARIA — Pedras lavradas e cortadas segundo as regras da ESTEREOTOMIA para serem aplicadas às diferentes partes do edifício, como constituição, das paredes, etc. Chama-se "falsa cantaria" a disposição de pedras segundo a estereotomia também, mas funcionando apenas como revestimento. Esta última é mais comum nos dias de hoje.

CANTEIRA — Pedreira donde se extrai as pedras de CANTARIA. É o nome que também se dá ao gato de ferro usado para impedir que duas tábuas justapostas se separem.

CANTEIRO — Oficial que desbasta, corta e aperfeiçoa as pedras que irão constituir uma CANTARIA. O mesmo que poial de adega.

CANTEIRO DE SERVIÇO — Espaço que rodeia ou ladeia a construção e onde são feitos os serviços auxiliares da obra, como por exemplo, preparação de argamassas, dobragem de ferros, confecção de formas, etc.

CANTIL — Instrumento de canteiro, próprio para lavrar pedras. Instrumento de carpinteiro, espécie de plaina, com rastro especial, próprio para beneficiar extremidades de tábuas a serem ajustadas.

CANTIMPLORA — Bueiro feito nos muros de arrimo para facilitar o escoamento das águas infiltradas no terreno à montante.

CANTO — Pedra grande; esquadria de pedra, isto é, pedra aparelhada para formar o ângulo de uma construção. Junta ou aresta de uma tábua.

CANTOEIRA — Peça de ferro, em forma de esquadro, usada como refôrço das sambladuras de madeira ou com que se firmam as pedras de cantaria nos edifícios.

CANTONEIRA — Peça de metal, em forma de L para arrematar quinas ou cantos de móveis, paredes, etc.

CANUDEIRO — Madeira. Ver CANUDO.

CANUDO — Árvore, também conhecida por PAU CANUDO ou CANUDEIRO, cujo tronco (de 4 a 5 metros de comprimento) é ôco e de madeira parda escura muito resistente e de talhe duríssimo, servindo para esteios e postes em lugares secos. Carpotroche brasiliensis, Endl. Família das Flacourtiáceas.

CÃO — O têrmo é também empregado para designar os elementos de sustentação comumente conhecidos por CACHORROS. Em decoração arquitetônica o cão simbolizou a vigilância e desde os tempos romanos a figura daquele animal aparece nas estradas dos edifícios, tanto em painéis como em esculturas. São famosos os cães com a legenda "cave canem" das moradias de Herculano e Pompéia. Adolfo Morales de Los Rios diz que os portuguêses adotaram aquele elemento decorati-

vo e respectiva simbologia dos romanos e o trouxeram para o Brasil. Ver Teoria e Filosofia da Arquitetura, p. 270, daquele autor.

CAOLIM — Silicato hidratado de alumínio. Material de côr branca, refratário friável que serve para fabricar porcelana. Ver PORCELANA.

CAPA — Demão de tinta aplicada sôbre qualquer superfície. Camada de betume sôbre pedra, etc.

CAPA DE CANGALHA — Nome que em Minas, Goiás e Mato Grosso é dado ao telhado de duas águas, conforme diz Paulo T. Barreto no seu trabalho "Casas de Câmara e Cadeia", Rev. do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 11.

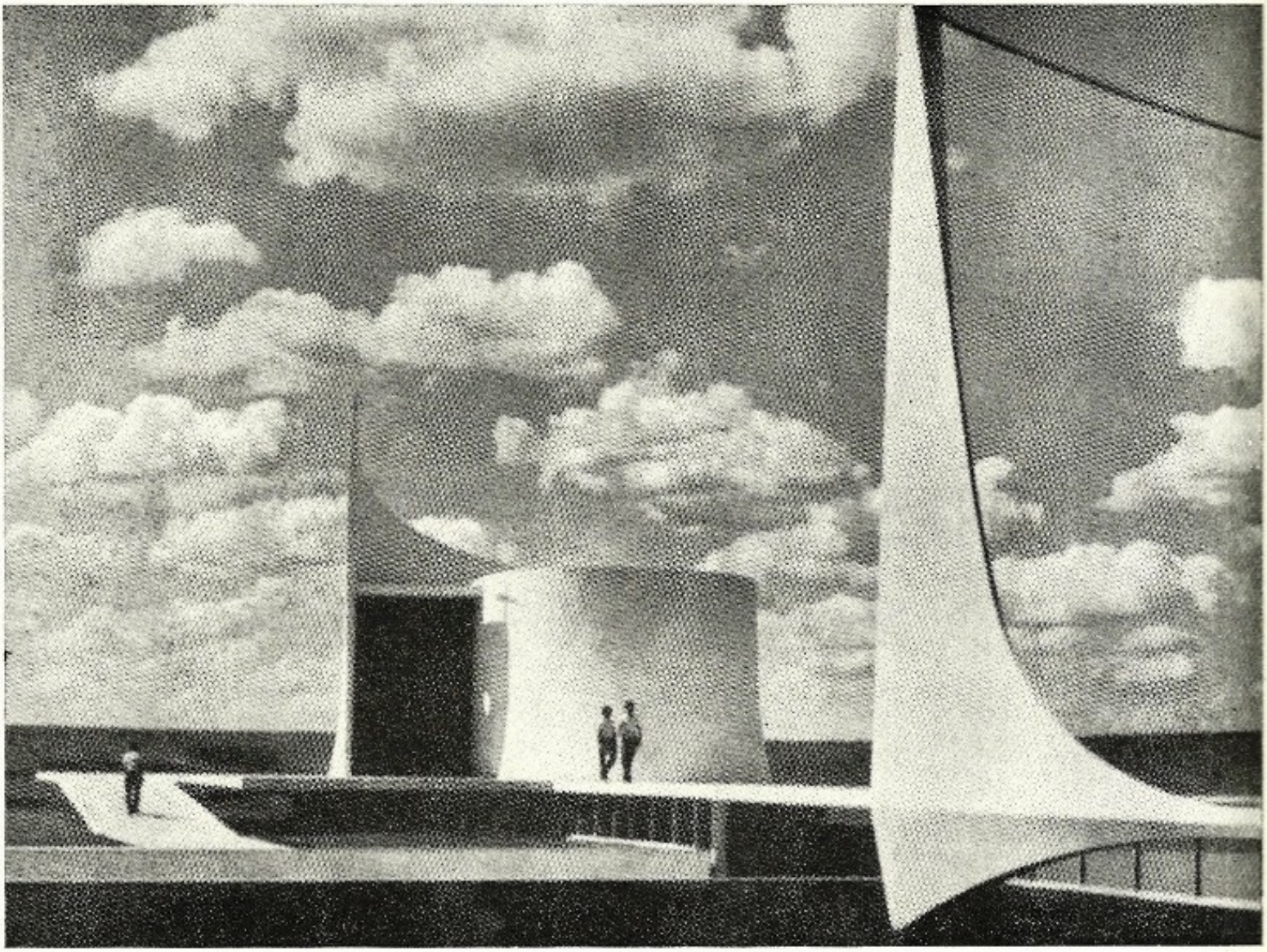
CAPARROSA — Nome vulgar de vários sulfatos de zinco é a chamada caparrosa branca, usada como secante nas pinturas a óleo. Caparrosa verde é o nome do sulfato de ferro. O sulfato de cobre recebe a denominação de caparrosa azul ou pedra lípis.

CAPEAMENTO — Ato de capear ou revestir superiormente com pedras sôltas uma parede. A essas pedras dá-se o nome de CAPEIAS.

CAPEAUÇO — Forma que alguns autores empregam em lugar de CAPIALÇO.

CAPEIA — Nome dado à pedra de dimensão regular destinada a revestir a parte superior de uma parede.

CAPELA — Vulgarmente dá-se o nome de capela ao templo de pequenas proporções, de um só altar. Santuário. Ermida. Sob o ponto de vista formal não há diferença entre capela e igreja. Ambas podem ter o mesmo

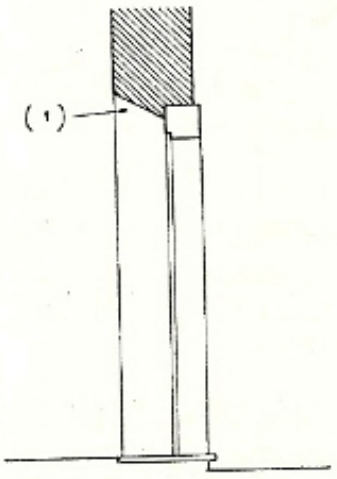


Capela do Palácio da Alvorada de Brasília, arquiteto Oscar Niemeyer.

tamanho, o mesmo número de altares e, igualmente, o batistério e o côro. A diferença entre ambas é puramente de caráter administrativo, regulada pelo direito canônico. Em poucas palavras, capela é o templo que não é sede de paróquia e por isso mesmo desprovido de padre com assistência permanente. É o templo que, também, por razões administrativas, está fora da jurisdição da diocese e portanto da paróquia. Nas igrejas, dá-se o nome de capela aos espaços reentrantes onde estão situados os altares colaterais. O local do altar-mor recebe, por sua vez, o nome de capela-mor. Cobertura especial destinada a captar e a desviar para fora do recinto os gases dos fogões ou das manipulações químicas. Ver COIFA. É o nome dos tetos abobadados dos fornos.

CAPELO — Resguardo situado na extremidade das chaminés, que evita a entrada da chuva e do vento.

CAPIALÇADO — Como adjetivo, emprega-se o têrmo para qualificar os vãos, portas ou janelas rasgadas, (Ver PORTA ou JANELA) cujos sobrearcos (ou partes da alvenaria fora das vergas pròpriamente ditas) têm as faces inferiores inclinadas. A essa inclinação ou corte oblíquo superior dá-se geralmente o



Corte de uma porta em que a seta (1) mostra o vôo do sobrearco, ou sobrearco capialçado.

nome de VÔO ou VOAMENTO. Diz-se vôo do sobrearco, ou sobrearco capialçado. Vulgarmente justifica-se êsse arremate falando-se em possibilidade de maior entrada de luz nos interiores. Essa afirmativa é verdadeira quando se trata de chanfros ou inclinações verticais nas paredes contíguas às ombreiras. A parte superior do vão capialçado favorecia a entrada de mais luz se o sôbrearco fôsse externo, o que raramente acontece. Tudo indica que a adoção daquele arremate tenha decorrido de mera preocupação estética, que procurou uniformizar o rasgo interno do vão fazendo o sôbrearco acompanhar a inclinação dos chanfros laterais que ladeiam as ombreiras. Como substantivo, capialçado é sinônimo de curvatura, tratando-se de secções curvas de abóbadas.

CAPIALÇO — O mesmo que o substantivo CAPIALÇADO.

CAPIM — Designação empregada em Portugal, que se refere ao rebôco áspero composto de areia e cimento, com pouca consistência e que, geralmente, é cuspido, jogado sôbre a parede. Sua origem provém de capa.

CAPISTRANA — Nome que em Minas é dado às pedras que, enfileiradas, comumente formam faixas ao longo dos eixos das ruas calçadas com lajes menores ou seixos rolados. A expressão deriva do nome do presidente da Província de Minas, Capistrano Bandeira de Mello que, em 1878, mandou assentar passeios de lajão no meio das ruas.

CAPITARI — Madeira do vale amazônico usada na marcenaria. Castanha escura e com pêso específico igual a 1,03. Couralia toxophora, Benth. Família da Begoniáceas.

CAPITEL — Parte superior da coluna, acima do fuste, em que descansa a arquitrave. Os capitéis destituídos de ornamentos (Toscano ou Dórico, por exemplo) recebem o nome de "capitéis de moldura". Os capitéis decorados são os "capitéis de escultura". Nome do arremate superior dos balaustres.

CAPÍTULO — Sala ou local onde se reúnem as assembléias em que os religiosos tratam de seus negócios e questões.

CAPOEIRA — Fortificação semi-enterrada provida de parapeito com seteiras e cobertura de tábuas, sôbre as quais é deitada grossa camada de terra.

CAPOSTATO — Sobrecobertura de palha nas cumieiras e paus das tacaniças. O mesmo que CAPOTE.

As pedras grandes, no eixo da rua, são as capistranas. Paisagem de Diamantina desenhada por Percy Lau para o livro de Aires da Mata Machado Filho: Arraial do Tijuco — Cidade de Diamantina.

CAPOTE — Nome que no nordeste brasileiro dão à proteção das cumieiras dos mucambos cobertos de palha. O capote pode ser da mesma palha da cobertura ou de outro material, como, por exemplo, de fôlha de flandres.

CAPUABA — O mesmo que casa mal construída. Cabana ou choça nos estabelecimentos agrícolas. Em "Os Sertões", de Euclides da Cunha, vemos: "Canudos, velha fazenda de gado à beira do Vasa-Barris, era, em 1890, uma tapera de cêrca de cincoenta capuabas de pau a pique".

CARACOL — Têrmo aplicado, por extensão, ao tipo de "escada desenvolvida em hélice" que também é chamada "espiral". Ver ESCADA.

CARAIPÉ — Madeira castanha avermelhada do Pará muito usada na marcenaria e de pêso específico igual a 0,80. Licânia Utilis, Fristch. Família das Rosáceas.

CARAMANCHÃO — Construção ligeira de ripas, canas ou estacas e revestida por plantas trepadeiras, nos jardins. É a metátese de camaranchão. O mesmo que CARAMANCHEL.

CARAMANCHEL — Ver CARAMANCHÃO.

CARANDÁ-GUASSU — Ver BURITI.

CARANDAÍ-GUASSU — Madeira. Ver BURITI.

CARAPA — Ver GARAPA.

CARAPANAÚBA — Madeira parda amarelada do Pará usada na marcenaria. Pêso específico 0,83. Aspidosperma excelsum, Benth. Família das Apocináceas.

CARAPETA — Nome, às vêzes, dado à maçaneta. Ver MAÇANETA.

CARAPINA — No Brasil, o mesmo que CARPINTEIRO.

CARÁTER — Expressão peculiar do edifício que dá ao observador noção imediata da finalidade da obra arquitetônica. Tôdas as condições funcionais, formais e estéticas colocadas no edifício pelo arquiteto é que dão ao mesmo, caráter, expressão e valor estético. Como disse Adolfo Morales de los Rios em sua obra "Teoria e Filosofia da Arquitetura", "para que exista caráter arquitetônico, não pode deixar de haver **alma**, o que constitui arquiteturalmente, o reflexo do pensamento".

CARAÚBA — Nome que se costuma, também, dar à CARAUBEIRA, à CAROBA, ou carobeira.

CARAUBEIRA DO CAMPO — Madeira branca pardacenta do Pará usada na marcenaria. Pêso específico 0,91. Tecoma caraiba, Mart. Família das Begoniáceas.

CÁRCAVA — Do árabe "carcab", designa o fôsso feito em volta de uma praça com fins defensivos. O mesmo que CÁRCOVA.

CARCEL — Candeeiro suspenso, que se move para cima e para baixo, por meio de uma corrente.

CÁRCERE — Cadeia, ou, ainda, prisão subterrânea.

CARCOMA — Inseto que roi a madeira. Caruncho. Pó de madeira resultante da ação daquele inseto.

CÁRCOVA — Fôsso aberto em volta de uma fortificação. O mesmo que caminho coberto. É, também, o nome de porta falsa que costumavam fazer nas fortificações.

CARDANHA — Lusitanismo que designa certas pequenas construções que servem de abrigo ou dormitório de trabalhadores. Morada modesta.

CAREPA — Superfície da madeira grosseiramente aplainada com instrumento rudimentar, como o enxó.

CARIÁTIDE — Elemento de sustentação antropomórfico representando a mulher, ao contrário de ATLANTE que é figura masculina.

CARIDADE — Antigamente, nome que davam aos hospitais que recolhiam doentes pobres. Ver SANTA CASA.

CARIOCA — Do tupi "carái", homem branco e "oca", casa. A palavra já existia no tempo de Villegaignon e deu nome a um rio da baía de Guanabara nas margens do qual foi construída a primeira casa de branco daquelas paragens. Gilberto Freire, Sobrados e Mucambos, 2.º vol. p. 395, cita a suposição de alguns que tenha sido ela a moradia de Gonçalo Coelho, 1504.

CARITÓ — Habitação modesta, casa pobre, casinhola. É, também, nome das prateleiras situadas nos cantos das salas das casas sertanejas. Nestas, também é costume a feitura de pequenas cavas ou buracos nas paredes dos cômodos, principalmente dormitórios, que servem para guardar pequenos objetos. Tais cavas recebem o mesmo nome de caritó.

CARLINA — Cada uma das travessas que seguram as longarinas das pontes.

CARMONA — Ferrôlho que, colocado em tôda a altura de uma janela ou uma porta, se aloja a um só tempo em cima e em baixo. A palavra dêste verbête é um galicismo que provém de "cremone", e daí a existência entre nós, também, da forma CREMONA.

CARNAUBEIRA — Também chamada carnaúba, é planta palmácea, Copernícia cerífera, Mart., abundante no Norte brasileiro. A respeito dos carnaubais e da carnaúba vale a pena transcrever neste verbête as palavras de José Veríssimo da Costa Pereira que tratou do assunto em "Tipos e Aspectos do Brasil", Edição do I.B.G.E. Diz aquêle autor: "Na paisagem cultural do Nordeste, a carnaubeira aparece como a "árvore-providência", a "árvore-da-vida", denominação de Humboldt, ao considerar êsse botânico, as numerosas utilidades da palmeira. Não será exagerado afirmar que existe mesmo, no Brasil de nordeste, uma "Civilização de Carnaubeira" aguardando ainda seu intérprete, em tôda a sua delicada e complexa trama antropogeográfica.

Tôda a geografia do habitat rural na região nordestina seria incompleta, se, acaso, se pretendesse fazê-la fora da consideração antropogeográfica dos carnaubais, porque quase tôda a atividade humana regional gira em tôrno dos carnaubais, que são os fornecedores da matéria-prima com a qual é possível satisfazer tôdas as necessidades primárias do homem e as da economia rural. Com efeito,

Carnaubal desenhado por Percy Lau para o livro "Tipos e Aspectos do Brasil" publicação do I.B.G.E.

de tôdas as partes da carnaubeira tira o homem proveito. No interior, as casas são construídas — quase sempre — com os espiques, que fornecem linhas, caibros, ripas. As principais modificações introduzidas na paisagem pelo homem rural decorrem das casinholas da canaúba, com suas paredes, suas portas, suas janelas e cobertura construídas com materiais retirados dos carnaubais. Assim sucede no vale do Jaguaribe, onde se infileiram às margens não inundáveis do rio. Os homens que nelas vivem, usam chapéus, bôlsa, surrões e vários outros objetos fabricados com folhas de Copernícia. Portas e janelas — do tipo veneziana — cêrcas e jiraus, lastros de camas e rôlhas de garrafa, tudo provém dos pecíolos que a linguagem popular denomina talos da carnaúba. A própria circulação geral se vale do espique da carnaubeira para montar postes telegráficos e pilares de pontes. Tôda a construção rural, numa palavra, se realiza principalmente com as secções inferior e superior do espique, a que denominam "tronco" e "cabeço", sendo a secção média reputada como boa madeira de construção, macia e de bonita côr verde-escuro". Com derivados da carnaubeira fabricam-se: velas, lubrificantes, fósforos, sabonetes, ácido pírico, isolantes para cabos, discos fonográficos, etc. São empregados, também, no preparo de couros e no enceramento de madeiras e de calçados.

CARNE-DE-VACA — Boa madeira empregada em vigamentos, frechais e taboados e também na marcenaria fina, dado o seu apreciado aspecto característico que lembra a carne bovina. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 1,01. Rhopala brasiliensis, Klotsch. Família das Proteáceas. Conhecida, também, por Carvalho nacional, Catucaem ou Cutucanhé, Caxicaem, Putuquiri, Sôbro, Guaxica, Pau concha e Tucajé.

CARNEIRO — Do latim "carnarium" designa os espaços subterrâneos abobadados, nas igrejas, onde eram enterrados os cadáveres. O mesmo que CRIPTA. Modernamente o têrmo adquiriu maior extensão e hoje significa também gavetas ou urnas de ossos, ossuário, jazigo e até mesmo cemitério.

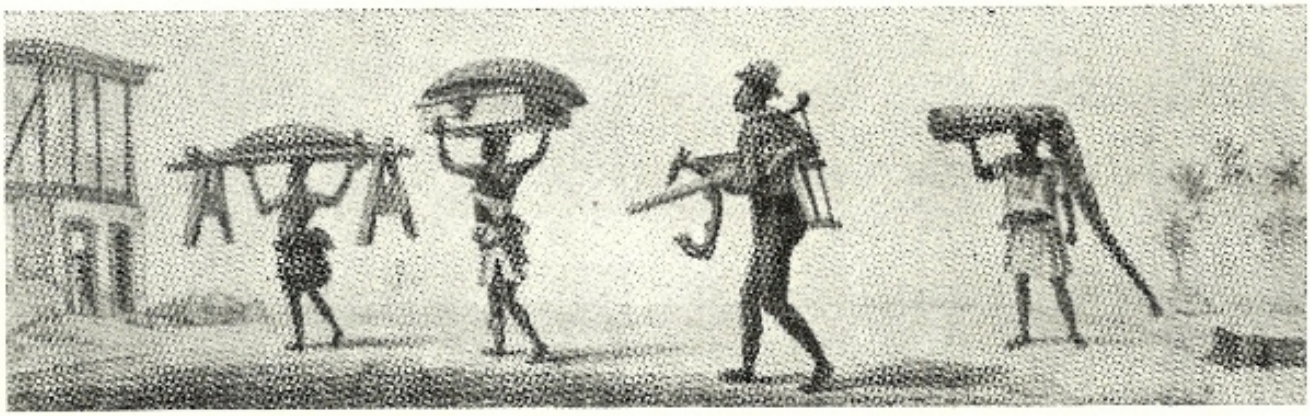
CAROBA — Madeira. Ver JACARANDÁ-BRANCO. O nome também é aplicado a um grande número de árvores de boa madeira da família das Bignonáceas como a CAROBA BRAVA (Pentapanax angelicifolius, Griseb), a CAROBA BRANCA (Sparattosperma vernicosum, Bur. e Schum.) também conhecida por CAROBA DE FLOR BRANCA ou IPÊ BRANCO, a CAROBA DO MATO (jacaranda micrantha, Cham.) a CAROBA-GUAÇÚ (Jacaranda mimosoefolia, Do.) também conhecida por JACARANDÁ CAROBA ou PALISSANDRA, a CAROBA PAULISTANA (Jacaranda oxyphila, Cham.) que é árvore de grande porte, a COROBA PRETA (Jacaranda obovata, Cham.), a COROBA ROXA (Jacaranda subrhombea, D.C.), etc. etc.

CAROBINHA — Nome genérico dado a muitas árvores da família das Bignonáceas que dão madeira boa para construção. Entre elas encontramos: CAROBINHA DO CAMPO (Jacaranda Ulei, Bur e Schum ou Memora Nodosa) e a CAROBA MIÚDA (Jacaranda caroba, D.C.) também conhecida por CAROBA DO CAMPO.

CARPANEL — Têrmo antigo que designava paredes ou tetos apainelados ou almofadados.

CARPINTARIA — Trabalho ou ofício do carpinteiro, que é aquêle que lavra e aparelha a

madeira para construções. Embora ocupando saliente papel em nossa arquitetura, principalmente nas antigas obras de taipa de sebe, a carpintaria brasileira sob o ponto de vista essencialmente técnico sofreu as conseqüências do empirismo e da bisonhice da maioria de nossos artífices, quase sempre improvisados. O carpinteiro de nossos antigos tempos limitou-se a executar seu trabalho segundo impressionante rotina, pouco contribuindo para uma evolução técnica de nossos processos construtivos. Ao mesmo tempo, enquanto foi um guardião de certas sadias tradições, foi um esbanjador de madeira de lei que nunca procurou tomar partido da excelência do material de que dispunha. J. B. Debret tem amargas palavras a respeito dos atraso rotineiro de



Carpinteiro dirigindo-se a uma obra, prancha n.º 34 da "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil" de Debret. Ao longe vê-se o esqueleto da construção e na frente do profissional estão seus auxiliares, um dêles carregando o banco do carpinteiro.

nossos profissionais construtores quando faz comentários sôbre a prancha 34, "Marceneiro dirigindo-se para uma construção", do seu livro "Viagem pitoresca e histórica do Brasil". É verdade que aquêle artista via nosso meio com olhos de estrangeiro refinado, não afeito aos costumes da terra. Não poderia compreender, ou perceber, que aquêles trabalhadores estavam, até certo ponto, resguardando e nos transmitindo uma arquitetura plena de "saúde plástica", como disse Lúcio Costa em seu trabalho "Documentação necessária", que, enquanto ostentava grande pureza formal e honestidade nos princípios de composição, indubitàvelmente mostrava, também, desperdício de materiais, e, entre os quais, em grande escala, a madeira.

CARPINTEJAR — Aparelhar a madeira para as obras. Executar trabalhos de carpinteiro.

CARRANCA — Peça de ferro que fixa o caixilho ou veneziana pelo lado externo da parede, para que não bata, quando aberto, pela ação do vento. Também designa a "cara" disforme esculpida em pedra, madeira ou metal, usada como ornamento em construções.

CARRAPETA — Ver MARINHEIRO.

CARTÃO — Desenho executado sôbre papel forte para servir de padrão ou modêlo a diversos serviços como a pintura mural, azulejos, etc. Nas antigas ornamentações, representação de uma fôlha de papel enrolada nas extremidades, onde eram apostas inscrições comemorativas. O mesmo que CARTELA.

CARTELA — Superfície lisa num pedestal, numa parede, etc. e destinada à gravação ou superposição de legenda.

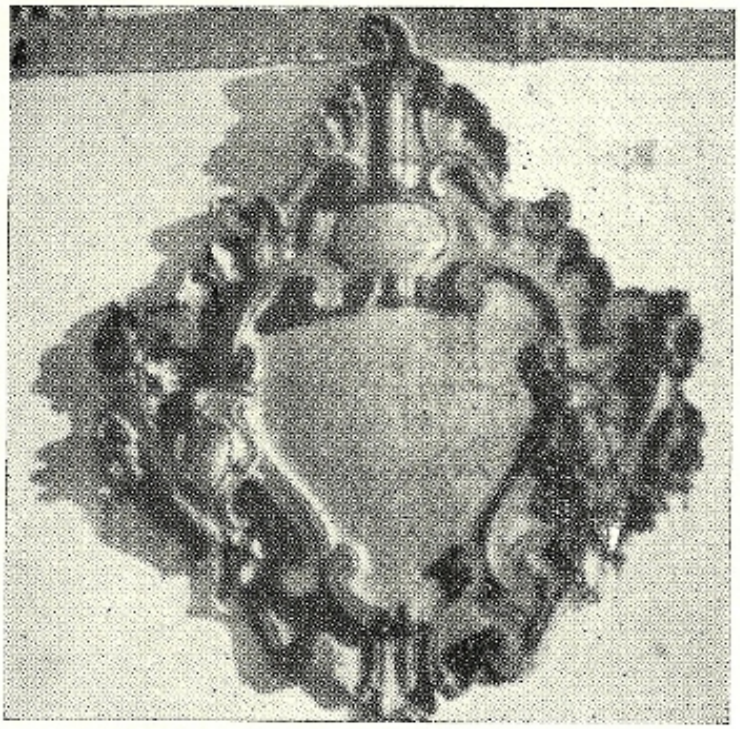
CÁRTULA — O mesmo que CARTELA, apenas simulando uma fôlha de papel ou pergaminho, com inscrição de dístico. O têrmo é mais aplicado quando se trata de cartela situada em monumentos ao ar livre, ou em portais nobres.

CARUNCHO — Inseto coleóptero pentâmero, que corrói a madeira, inutilizando-a. Carcoma. Serragem oriunda da ação daquele inseto.

CARVALHO — Ver GUANANDI.

CARVALHO BRASILEIRO — Adenosphanus incana, Kl., Panopsis sp. Madeira de construção e marcenaria. Pêso específico aparente (15% hum.) 0,68. Conhecido, também, por Cedro-faia ou Louro-faia.

CARVALHO NACIONAL — Madeira. Ver CARNE-DE-VACA.



Cartela situada na escadaria de acesso ao adro do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, Minas. Obra do Aleijadinho.

CARVALHO VERMELHO — Madeira nacional com emprêgo na carpintaria. Rhopala gardneri, Mersen. Família das Proteáceas.

CARVÃO — Em nossas antigas técnicas construtivas o carvão foi empregado com certa freqüência como impermeabilizante ou isolante protetor da madeira contra a umidade. É sabido, por exemplo, que nas construções de taipa de mão as partes enterradas dos esteios eram prèviamente queimadas para que se pudesse obter uma camada de carvão protetora do cerne da madeira. Existem nos antigos documentos várias referências às propriedades isolantes do carvão. Em sessão da câmara de Vila Rica, em abril de 1838, tratou-se de "representação do Arrm.te dos concertos internos e externos da Cadeia, communicando haver necessidade de por p.r baixo do madeiram.to uma camada de Carvão, p. a conservação do m.mo" (F. A. Lopes, Os Palácios de Vila Rica, p. 264). E nas "Condiçoens" de 1772 que regularam a construção das abóbadas da capela mor e corredores da igreja de S. Francisco de Assis de Ouro Prêto, também encontramos referências ao carvão em pó peneirado, que deveria ser misturado à cal também peneirada, na execução de um "faixeado" protetor das paredes contra a água que escorria das beiradas.

CASA — Edifício para habitação. Moradia, residência, vivenda. Essa é a acepção mais vulgar ou popular do têrmo. Antigamente, entre nós porém, e em Portugal, ainda hoje é assim, casa designava cada um dos compartimentos da moradia. Dizia-se: "casa de dormir, ou quarto", casa de frente, ou sala da frente ou de visitas, etc. Êsse antigo costume perdura até hoje para designar certos locais, como por exemplo, CASA DE MÁQUINAS, casa de despejo ou depósito de trastes; casa de negócios ou salão comercial; CASA DE PURGAR, etc. É também o nome que recebem certas construções ou edifícios importantes ou públicos.

CASA BREJADA — Moradia cujo chão é úmido, por deficiência da impermeabilização do piso. Têrmo nortista, muito usado no Ceará.

CASA CAPITULAR — Casa que abriga as atividades do cabido dos padres ou cônegos de uma catedral ou diocese. Entre nós é famosa a casa capitular de Mariana, belo exemplar arquitetônico dos fins do século XVIII, que errôneamente diz-se ter sido construída para servir de prisão de padres ou aljube.

CASA COMUM — O mesmo que PRIVADA, SENTINA ou COMUA.

CASA DA COURAMA — Local, nos matadouros, onde são preparadas e salgadas as peles dos animais abatidos.

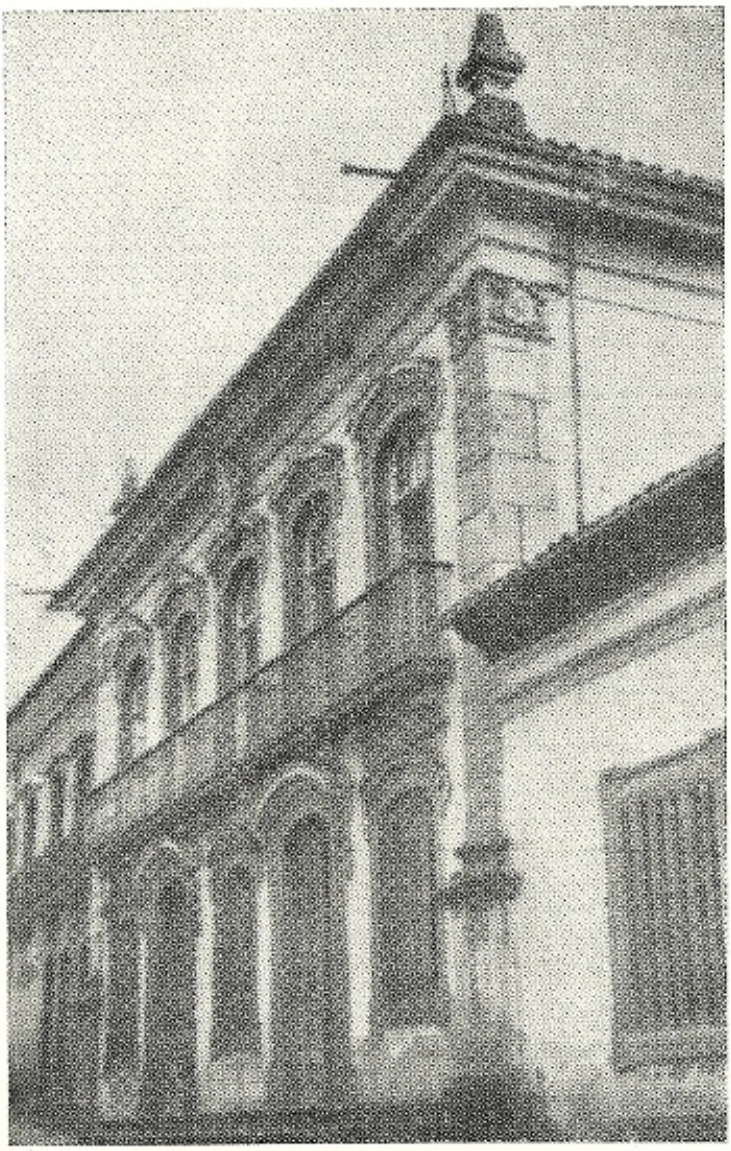
CASA DA FONTE — Nas construções antigas, local onde chegava, trazida pelos encanamentos, a água proveniente dos mananciais distantes.

CASA DA MISERICÓRDIA — O mesmo que SANTA CASA.

CASA DA MOEDA — Estabelecimento onde são cunhadas as moedas e impressos os papéis-moedas por conta do govêrno da nação.

CASA DE AVIAMENTO — Nome dado no litoral sul do Brasil, principalmente na marinha paulista, ao puxado lateral à moradia do praiano onde são feitos certos serviços, a limpesa do peixe, a confecção de farinha, a chamada manema e onde fica situado o forno.

CASA DE CÂMARA E CADEIA — Como definiu o arquiteto Paulo T. Barreto, a Casa



Casa Capitular de Mariana, Minas Gerais.

de Câmara e Cadeia era, no Brasil anterior à República, a sede da administração e da justiça municipais que, "com as igrejas, figuram no primeiro plano do quadro das nossas vilas e cidades, nos primeiros quatrocentos anos de vida do país". Possímos vários exemplares ainda conservados de Casas de Câmara, sendo que algumas datam do segundo século de nossa civilização. Vários ainda preenchem satisfatòriamente a função para a qual foram construídos. Outros estão com suas funções desvirtuadas, como a de Ouro Prêto, que é hoje o Museu da Inconfidência. A respeito do assunto ver o magnífico trabalho de P. T. Barreto intitulado "Casas de Câmara e Cadeia", publicado na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 11.

CASA DE ESCOTEIRO — Em Minas Gerais, nome que se dava aos quartos de hóspedes situados geralmente em posição de fácil acesso.

CASA DE FORA — Lusitanismo que designa a sala onde se recebe visitas. Diz-se, também, casa de entrada.

CASA DE MALTA — O mesmo que CORTIÇO.

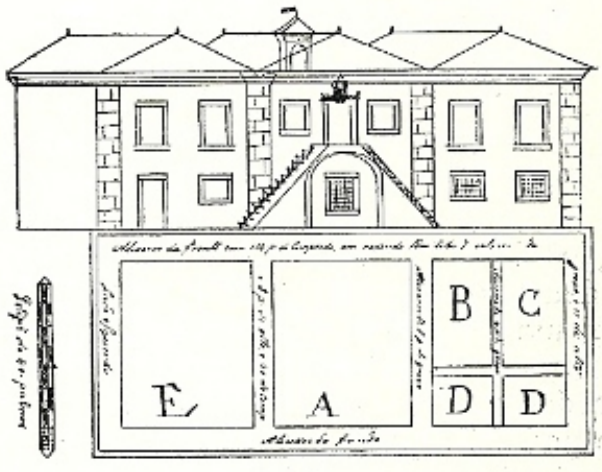
CASA DE MÁQUINAS — Compartimento, nos edifícios, destinados à colocação de máquinas ou motores, para moverem elevadores ou acionarem aparelhos especiais das construções.

CASA DE OBRAS — Nas oficinas tipográficas, o local de arremate das obras já impressas.

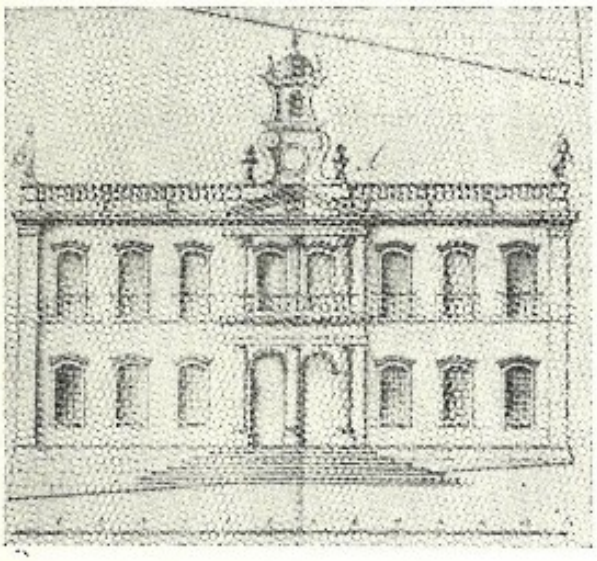
CASA DE PURGAR — Nos engenhos de açúcar, local onde é purgado aquêle produto.

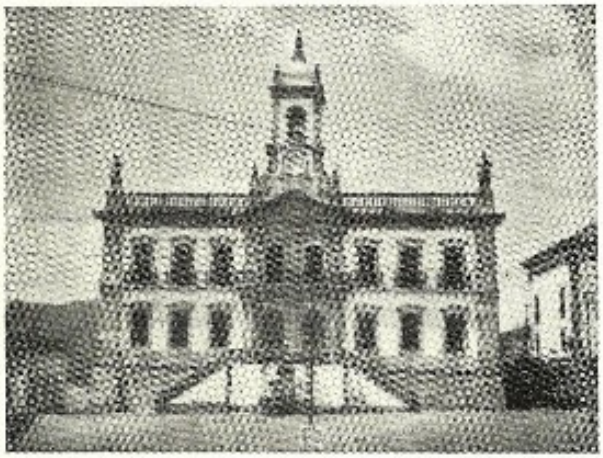
CASA DO BAGAÇO — Nos engenhos de açúcar, local onde é depositada a bagaceira ou bagaço de cana.

CASA DO TREM — Dentre as várias acepções da palavra "trem" existe aquela que engloba e denomina todos os objetos e materiais necessários a qualquer atividade. Assim diz-se trem de cozinha, isto é, conjunto de panelas e demais apetrechos necessários à arte culinária. Diz-se, também, trem de artilharia, ou melhor, conjunto de carretas, canhões, cabos, munições e outras coisas precisas à perfeita

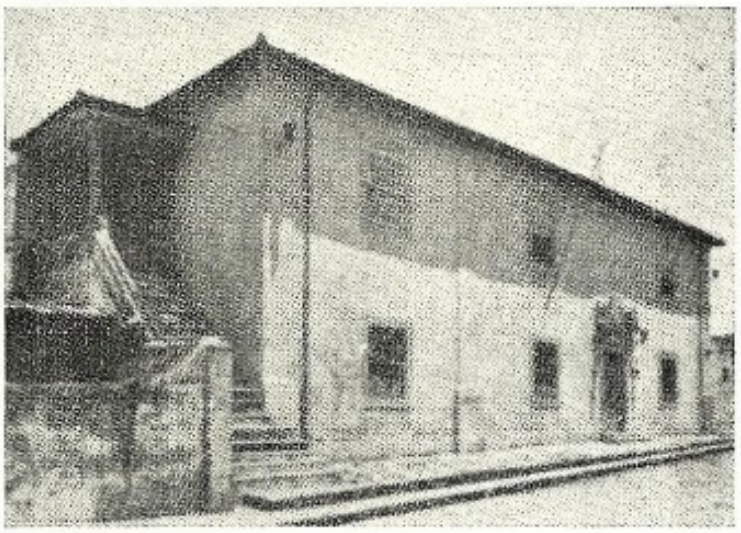


O desenho mostra "Planta das casas do conselho e cadeia para a Vila de Pernaguá ano de 1721" projetada por Rafael Pires Pardinho. As letras A, B e C indicam as prisões para homens e mulheres cujos acessos eram feitos através do pavimento superior por meio de alçapões. Ver ALÇAPÃO. No pavimento Superior ficavam as salas de audiências e vereanças.





Casa de câmara e cadeia de Vila Rica, hoje Ouro Prêto, transformada agora em Museu da Inconfidência após ter sido durante anos penitenciária do govêrno mineiro. Na primeira ilustração, prontespício do projeto e na segunda, fachada atual.



Vista da Casa do Trem de Santos, Estado de São Paulo.

atuação daquela especialidade militar. Por isso, deu-se o nome de Trem, em Portugal, ao organismo criado logo após a Restauração, em 1641, encarregado do municionamento da artilharia das praças fortificadas, do agrupamento do pessoal especializado naquela Arma, da reparação dos materiais bélicos e das próprias fortalezas e do tratamento dos animais de tiro. A sede dessa dependência militar, como é óbvio, sempre situada nas praças fortificadas, chamava-se Casa do Trem. Êsse edifício, então, seria uma espécie de arsenal de guerra, com oficinas e depósitos de materiais, além das partes administrativas e do quartel ou alojamento de soldados. Tivemos, no Brasil, algumas Casa do Trem: na Bahia, no Rio de Janeiro e em Santos. A respeito da de Salvador, vemos a seguinte passagem de Rocha Pitta (História da América Portuguêsa, 2.ª edição p. 38): "Em dois sítios poucos distantes da cidade se vêem duas magníficas e reaes Casas de Pólvora; uma em que se fabrica, outra em que se guarda, e uma grande casa em que se recolhe o trem. Tôdas estas fortalezas, defensas e fábricas, estão com a maior regularidade aperfeiçoadas pelos preceitos e regras da fortificação moderna"... Sôbre a Casa do Trem de Santos, existem várias referências na correspondência dos capitães-generais que governaram nossa capitania. Em junho de 1767, por exemplo, diz o Morgado de Mateus ao tenente Joaquim Coelho da Luz: "Remeto a Vmce a Portaria para se lhe darem as oitenta braças de Cabo de Linho, as picaretas, e pás de ferro, q' se achão no Trem dessa Villa e hão de servir p.ª a fortaleza, q' se está fazendo na Barra de Pernaguá". Em setembro do mesmo ano o prédio do Trem necessitava de reformas: "Enqto ao soalho do Trem, e do Hospital, e nova Enfermaria, fará Vmce. o q'entender, e lhe ditar a razão a vista da necessidad^{e}, q' notar com os seus olhos". Em seguida, diz o Morgado: "José de Oliveira me avizou q' tinha mandado tomar p^{a}. a Faz^{da}. Real m^{ta}. parte do chumbo, q' veyo nestas ultimas embarcações; parece-me q' andou com juizo, e q' devemos seguir em mandar ficar no trem todo aquele q' Vm ^{ce}. puder pagar, regulando-se pelo dinr^{o}. q' há e pelas obras q' tem de fazer" (Documentos Interessantes, Dep.

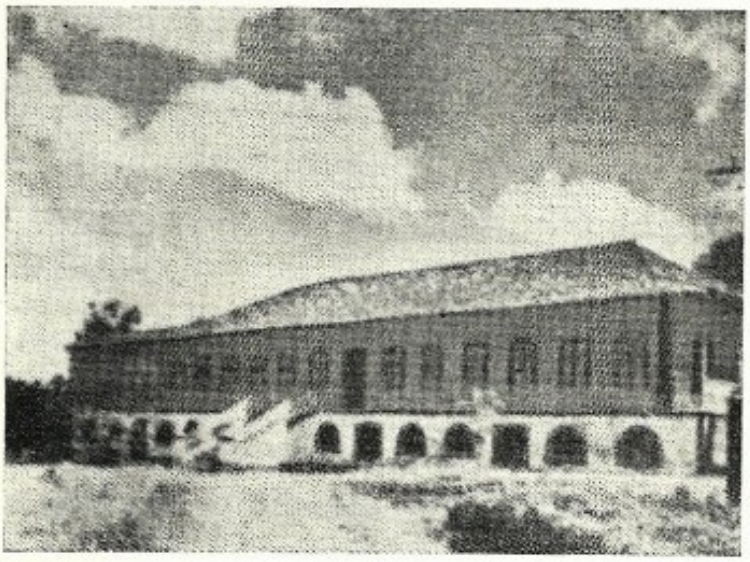
Arquivo do Est. de S. Paulo Vol. LXVII, páginas 166, 212 e 213).

CASA DOS CONTOS — Casa dos Contos foi o nome que se deu, na antiga Minas, à sede da Junta da Real Fazenda, onde permaneciam os cofres de recolhimento do ouro del-rei. A muito conhecida Casa dos Contos de Ouro Preto, hoje ocupada pelo Departamento do Correios e Telégrafos, foi primitivamente residência de João Rodrigues de Macedo, contratador da cobrança dos Dízimos e Direitos das Entradas, na Capitania de Minas Gerais, que habilitava na parte assobradada do edifício. No pavimento térreo tinha o contratador as dependências necessárias ao seu mistér. Inicialmente chamou-se o edifício Casa do Contrato, e com a mudança da Junta da Real Fazenda, para aquêle local passou a ser conhecida como Casa dos Contos. Data a sua construção do último quartel do séc. XVIII e seu projeto é atribuído a Antônio Ferreira de Souza Calheiros, segundo uns, e a José Pereira Arouca, segundo outros.

CASA ESCONSA — Cômodo situado nos desvãos do telhado cujas paredes são inclinadas.

CASA GRANDE — Sede de estabelecimento agrícola. Moradia do fazendeiro. Casa rural cujas proporções, em relação às construções vizinhas, denunciam, desde logo, a posição social do proprietário e seus cabedais. Ao contrário do que muita gente pensa, a expressão "casa grande" na realidade não quer designar casa maior que as outras, ou casarão. Casa Grande era a denominação da dependência onde permanecia o patrão, ou fazendeiro, conforme antigo costume que designava por casa cada compartimento da habitação. (Ver CASA). E o nome daquele local extendeu-se à moradia tôda.

Casa dos Contos, em Ouro Prêto, Minas Gerais.



Casa Grande de engenho de açúcar nordestino.

CASA POPULAR — A expressão passou a ser empregada com freqüência para designar moradias modestas feitas em conjunto, formando bairros inteiros ou conglomerados de habitações, com o fito de proporcionar às classes desfavorecidas a possibilidade de aquisição da casa própria. Quase sempre a casa popular, conforme o caso também chamada de casa operária, tem o patrocínio estatual ou paraestatal.

CASA TERREIRA — Moradia de um só pavimento cuja designação mais usual é TÉRREA.

CASAL — Pequeno povoado, lugarejo de poucas moradias. Conjunto de pequenas propriedades. O têrmo foi entre nós empregado para designar construções e moradia rurais. Em carta de sesmaria passado em 1707 a uma família de Atibaia, vemos: "está uma légua de terras de testado com o sertão que lhe pertence em que eles suplicantes tem suas lavras e casaes de vivenda nas quais lavrou e cultivou seu sogro e avô Jeronimo de Camargo"...

CASALHEIRO — Casa humilde. Casinhola.

CASALEJO — Casinhola rústica. Pardieiro. Casebre.

CASALEJO — Pequeno CASAL. Casa rústica e pobre.

CASAMATA — Prisão subterrânea abobadada nas fortalezas antigas. Modernamente o têrmo designa a construção, também abobadada mas não necessàriamente subterrânea, que serve para guardar, à prova de bombardeios, munições de guerra e matérias explosivas.

CASÃO — Casa grande ou casarão. Casa opulenta, em sentido popular.

CASARÃO — Casa grande ou edifício de um só pavimento, sem divisões ou muito mal dividido.

CASARÉU — Casa velha, grande e desconfortável por isso sem mais condições de uso.

CASARIA — Agrupamento ou série de casas.

CASARIO — O mesmo que CASARIA.

CASARUPA — Casa pequena e ordinária.

CASCA DE CONCRETO — Nome vulgarmente dado à cobertura de concreto armado de pequena espessura, geralmente abobadada.

CASCA DOCE — Nome que nos estados do Sul às vêzes é dado ao BURANHAÉM.

CASCALHO — Lascas de pedra. Nome dado à pedra britada que entra na composição do concreto, na pavimentação, etc.

CASCÃO — Laje de pedra, tôsca e mais ou menos aparelhada. O nome também é empregado para designar a parte mole da superfície das pedras, resultante da decomposição provocada pelos agentes externos.

CASCAVEL — No Brasil surge a forma para designar porteira fechada por uma série de varas paralelas.

CASEAR — Antigamente, o mesmo que fazer casas ou moradias.

CASEBRE — Barraca, choupana, casa pequena e velha ou em ruínas. Pardieiro.

CASERNA — Habitação do soldado no interior do quartel ou de uma praça militar. Quartel.

CASINÉU — O mesmo que CASINHOLA arruinada.

CASINHA — Diminutivo de casa, que antigamente se referia à casa do almotacel, aquêle que fixava o preço das mercadorias ou, ainda, à casa onde se despachavam mercês. Hoje, além de designar a casa de mínimas

dimensões, também quer dizer latrina em linguagem popular.

CASINHAS — Nome que antigamente era dado ao conjunto de cômodos onde os sitiantes dos arrabaldes e intermediários vendiam produtos da roça, como o arroz, o feijão, o milho, a farinha e, também, carnes, tocinho, aves e ovos, fumo, aguardente, etc. Ernani Silva Bruno, em História e Tradições da Cidade de São Paulo, explica: "Foi na segunda metade do século dezoito — em 1773 — que se tomaram as primeiras medidas para a construção das chamadas casinhas, que iam servir de mercado. A Câmara mandou que se avaliassem uns chãos e casas na rua que ia "da quitanda velha para a rua do Colégio", para ali se fazerem seis casinhas onde se recolhessem mantimentos. E outras quinze na rua que ia da igreja da Misericórdia para a rua que, saindo da Sé alcançava a igreja do Rosário dos Pretos. Foram aí construídas pequenas casas conjugadas, de um só compartimento cada uma. Tinham banquetas de tábua, ganchos de ferro, pesos e balanças, meios alqueires, quartas e meias quartas e balcões para se botarem os toicinhos". O têrmo "casinhas" também foi empregado, com o mesmo sentido, no Recife. Na Bahia empregava-se, em substituição a palavra CABANAS.

CASINHOLA — Casa pequena e pobre.

CASINHOLO — Ver CASINHOLA.

CASINHOTA — Ver CASINHOLA.

CASINHOTO — Ver CASINHOLA.

CASITA — Casinha.

CASITEU — Casinha. Casa pobre.

CASOLA — Casa pequena.

CASOTA — O mesmo que CASOLA ou CASINHOLA. O têrmo também é empregado para designar o abrigo de cães ou casa de cachorro.

CASQUEIRA — Fásquia de madeira. Costaneira, ou "casca" do tronco da árvore abatida.

CASQUEIRO — Denominação dada ao local onde se "descasca" e é falquejada a madeira, antes de ser serrada. Também, tem sido assim chamada a primeira peça que se tira do tronco da árvore com a serra, a qual apresenta uma superfície abaulada e outra plana. O mesmo que SAMBAQUI. Ver CASQUEIRA.

CASQUINHA — Fôlha delgada de madeira de lei com que se reveste obra de madeira ordinária.

CASTANHA — Peça metálica, parafusada nas janelas que contém pequena reentrância pela qual deslisa a haste da CREMONA, ao ser aberta ou fechada.

CASTELEJO — A parte mais elevada do castelo onde se pode ver todos os arredores. Castelete, castelinho.

CASTELETE — Pequeno castelo.

CASTELO — Residência senhorial fortificada. Fortaleza. No Brasil antigo, podemos dizer que só houve um castelo, no sentido verdadeiro da palavra: foi o castelo de Garcia D'Ávila ou a Casa de Tatuapara, no litoral baiano, "a mais audaz e poderosa do Brasil colonial". Da casa da Tôrre, sede de enorme latifúndio, partiram as iniciativas de conquista do sertão do Rio São Francisco e das terras do Norte: Piauí, Ceará e Maranhão. O castelo da outrora poderosa clã dos Ávilas hoje está em ruínas e é dos poucos exemplos arquitetônicos do nosso primeiro século ainda existentes. Sua capela, tão bem descrita por Fernão Cardim, é a única parte do conjunto monumental ainda em bom estado de conservação. Em linguajar comum, em certas partes do Brasil, castelo é sinônimo de REPÚBLICA, ou melhor, de habitação coletiva para rapazes solteiros, geralmente estudantes.

CASTRA — O mesmo que CLAUSTRO. Ver CRASTA.

CASTRAMETAÇÃO — Ato de castrametar: escolha e levantamento de terreno para nêle ser levantada fortilicação ou acampamento. Escolha de local bom para assentar arraial ou povoação.

CASTRO — Genèricamente no português antigo castro designou castelo ou construções fortificadas.

CASUCHA — O mesmo que casa pequena.

CASUCO — Lusitanismo que é sinônimo de CASINHOLA.

Ruínas do Castelo de Garcia D'Ávila, ou Casa da Tôrre, Bahia.

CATABLEMA — O mesmo que pano de boca nos teatros.

CATACUMBA — Cemitério subterrâneo.

CATACÚSTICA — Parte da acústica que tem por finalidade o estudo da reflexão do som.

CATAFALCO — O mesmo que ESSA. Decoração elevada, nas igrejas, onde é colocado o caixão do defunto durante as cerimônias fúnebres celebradas em intenção ao morto. Quando o cadáver não está presente o catafalco recebe o nome de CENOTÁFIO. O mesmo que ANDAIME ou ESTRADO. Existe a variante CATALEFO.

CATAFONIA — Ver CATACÚSTICA.

CATAGUÁ — Madeira. Ver ANGELIN-ROSA.

CATALEFO — O mesmo que TUMBA ou CATAFALCO.

CATATUMBA — O mesmo que sepultura.

CATAVENTEADO — O mesmo que provido de CATAVENTO.

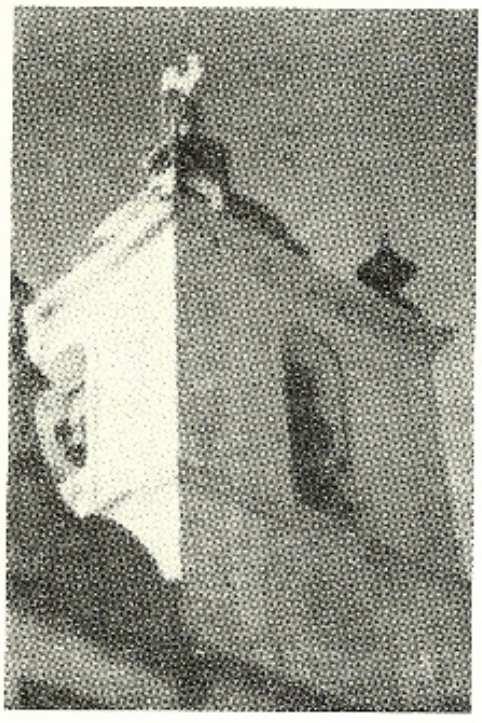
CATAVENTO — Bandeirinha metálica e móvel em tôrno de um eixo. colocado no alto dos edifícios, que serve para indicar a direção dos ventos. O mesmo que GRIMPA, VELETA, VENTOINHA, e ZINGAMOCHO. Nome dos moinhos de vento que servem, também, para puxar água dos poços. Nome que se deu em Portugal aos dispositivos situados nos telhados, como se fôssem chaminés, próprios para refrescar os ambientes internos. Parece que êsse sistema de ventilação é de origem oriental, tendo a Península dêle tomado conhecimento através dos árabes.

CATEDRAL — O mesmo que SÉ ou MATRIZ. É a igreja principal e onde tem sede a diocese ou o bispado.

CATEDRALESCO — Relativo a catedral ou, também, grandioso, monumental.

CATETÔMETRO — Instrumento que serve para medir pequenas extensões verticias ou a diferença de nível entre dois pontos.

CATIGUÁ — Árvore que dá toros até de 5.00 m de comprimento, cuja madeira amarela clara, ou rosada, é utilizável em obras ex-



Tôrre cataventada da Igreja do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Angra dos Reis.

Catavento na tôrre da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Rio de Janeiro.

ternas em geral, madeiramentos, poste, etc. É muito flexível. Pêso específico igual a 0,68. Trichilia catigua, A. Juss. Família das Meliáceas.

CATINGA DE PORCO — Ver PAU DE RATO.

CATOCAÉM — Madeira de construção. Rhopala heterophylla, Pohl. Família das Proteáceas. Ver CARNE-DE-VACA que é madeira da mesma família.

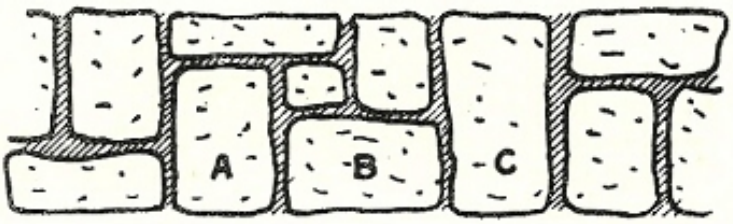
CATRE — Cama pobre e tôsca. Camilha dobradiça. Cama de viagem.

CATREVAGE — Em linguagem popular, no Nordeste do Brasil, aparece a forma catrevage para designar os restos de materiais de construção.

CATRUS — Madeira de construção.

CATUCAÉM — Madeira. Ver CARNE-DE-VACA.

CAUDA — Nas alvenarias de cantaria, é o nome que se dá à parte da pedra que fica mergulhada na espessura da parede. As AJUNTOURAS não possuem cauda por possuírem duas faces aparentes.



Na ilustração a pedra B possui cauda menor que a pedra A, que se aprofunda mais na espessura da parede. A pedra C não tem cauda por ser uma ajuntoura.

CAUDA DE ANDORINHA — Sambladura em que a MECHA tem a forma de rabo de andorinha. Ver SAMBLADURA. Nome de certas fortificações provisórias compostas de uma TENALHA e de dois FLANCOS.

CAUDA DE MINHOTO — Sambladura cuja MECHA é triangular.

CÁUDICE — Parte do tronco das árvores que não tem ramas e que permite a obtenção de tábuas ou vigas uniformes e sem nós. O mesmo que tronco. Aplica-se, também, o nome à parte subterrânea de certos troncos.

CAULÍCULO — No capitel coríntio, é o nome das hastes que, saindo dentre as fôlhas de acanto, formam volutas sob o ábaco. Nome às vêzes dado à escada em caracol.

CAUVI — Madeira. Ver CAMBUÍ.

CAVA — Local abaixo do rés do chão onde se guardam bebidas ou mantimentos. Ver ADEGA. Também tem sido designado assim todo o pavimento de uma construção que fique abaixo do nível da rua e, também, nas igrejas, ordinàriamente abobadado destinado às sepulturas. Escavação um pouco funda onde se juntam as águas. Fôsso, nas fortificações antigas. Lugar cavado, ou cavidade.

CAVAÇÃO — Ato ou efeito de cavar.

CAVACAR — Ver ESCAVAR.

CAVACO — Estilha ou lasca de madeira. Pedaço de madeira para lenha.

CAVALARIÇA — Casa térrea destinada a habitação de cavalos. Deve ser planejada em lugar sêco, elevado, arejado e com orientação adequada para obtenção das melhores condições de habitabilidade para os animais. COCHEIRA, ESTREBARIA, ESTALA.

CAVALEIRO — Nome dos pontos elevados, nas obras de fortificação, previstos para favorecer proteção das partes baixas ou vulneráveis.

CAVALETE DE TELHADO — O mesmo que CUMIEIRA.

CAVANTÃ — Ver PAU D'ARCO.

CAVE — Proveniente do francês, tem o mesmo significado de CAVA. É empregado em alguns Estados do Brasil, como no Espírito Santo, com o sentido de ADEGA ou local subterrâneo.

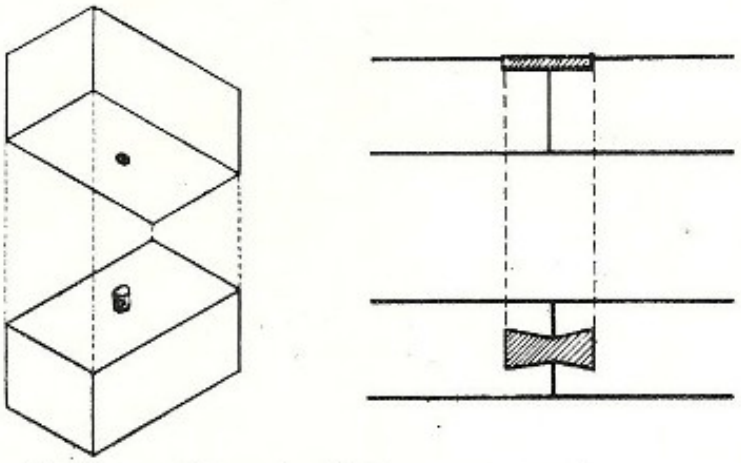
CÁVEA — O mesmo que CAVA. Registrado com essa grafia por Francisco de Assis Rodrigues, apesar do seu significado, de menos uso, ser jaula, covil, gaiola e de sua origem latina se referir ao local nas anfiteatros antigos onde se assentava o público em filas de bancadas.

CAVEIRA — César de Rainville, em "O Vinhola Brazileiro", chama de caveira aos "pequenos páos envoltos em palha e barro, e que se poem entre os barrotes sôbre bonecas nos mesmos barrotes". O emprêgo destas caveiras visava, antes de tudo, o isolamento acústico nos sobrados que normalmente possuíam, sôbre os barrotes, as tábuas do assoalho e, sob aquelas vigas, as tábuas do fôrro, geralmente na disposição de saia e camisa. Êsse sistema tradicional não evitava, como dizia aquele autor, "que se ouça no andar superior o que se passa no inferior". As caveiras deveriam ficar justapostas e bem próximas das faces inferiores dos barrotes. E continua César de Rainville: "O lado inferior destas caveiras rebocão-se com barro e palha, de sorte que os barrotes apresentão um aspecto plano com o resto do forro".

CAVEIRADO — Diz-se do soalho cujas tábuas não têm a mesma direção, formando por isso, desenhos geométricos.

CAVERNA — Cavidade de grandes dimensões em monte, rochedo ou sob a terra. Furna, gruta, antro.

CAVILHA — Peça de madeira, pedra ou metal, que assume as mais variadas formas e que serve para manter solidários dois elemenmentos da construção. Usa-se cavilhas para manter unidas peças de madeira, em certos tipos de sambladuras de mecha e encaixe, quando elas estão sujeitas à tração. Nestes casos, em geral, tem a forma cilindro-cônica, com cabeça em uma das extremidades e fenda na outra, onde entra a chaveta que evita a saída da cavilha. Nas alvenarias de pedra, para que um elemento não escorregue sôbre o outro, principalmente nos pilares, ombreiras, etc., são empregadas cavilhas também de pedra ou metálicas. Nestes casos, a cavilha é chumbada no contraleito da pedra superior e depois é introduzida em alojamento, ou mecha, no leito da pedra debaixo. Para unir pedras, usa-se, também, o metal derretido que é introduzido, por gravidade, em alojamentos com retenções prèviamente escavadas entre as duas faces justapostas das pedras que devem ficar solidárias. Temos neste caso cavilhas internas. Em geral são do tipo rabo de andorinha.



Cavilha metálica chumbada em uma pedra e que penetra em orifícios de outra.

CAVILHAR — Meter cavilhas. Prender com cavilhas.

CAVIÚNA — Madeira. Ver CABIÚNA.

CAVO — Fôsso. Cava. Também significa comumente o que é côncavo ou fundo.

CAVODÁ — O mesmo que CABODÁ.

CAVOUCO — Ver CABOUCO.

CAXÂNGA — Na gíria, o mesmo que JANELA.

CAXETA — Ver TAPIÁ.

CAXICAÉM — Madeira. Ver CARNE-DE-VACA.

CAXIM — Pequena árvore que dá madeira boa para obras internas e pequena carpintaria. Sapium iliccifolium, Wild. Família das Euforbiáceas.

CEDRÃO — Ver MARINHEIRO.

CEDREIRA — Madeira tirada do CEDRO.

CÉDRIA — Madeira tirada do CEDRO.

CEDRINO — Adjetivo relacionado às obras feitas com a madeira do CEDRO.

CEDRO — Nome genérico que se dá às árvores da família das Pináceas, como por exemplo, o CEDRO DAS BARBADAS (Juniperus bermudiana, L.), CEDRO DA VIRGINIA (Juniperus virginiana, L.), CEDRO DO ATLAS (Cedrus atlantica, Manetti), CEDRO DO BUÇACO, também chamado Árvore da Vida, CEDRO PORTUGUÊS, ou CIPRESTE (Cupressus lusitanica Mill.), CEDRO DO LÍBANO (Cedrus libani, Barr.), CEDRO JAPONÊS (Cryptomerica japonica, Don.), etc. No Brasil, o têrmo CEDRO é, também empregado para designar a Cedrella fissilis, Vel., da família das Meliáceas, boa madeira para construções civis e navais, e, também, usada na marcenaria e obras de talha. Como já foi dito, esta madeira é conhecida simplesmente por CEDRO, mas há quem a chame, de CEDRO BATATA, CEDRO ROSA, CEDRO BRANCO, CEDRO VERMELHO, CEDRO DA VÁRZEA e CEDRO AMARELO.

CEDRO AMARELO — Ver CEDRO.

CEDRO BATATA — Ver CEDRO.

CEDRO BRANCO — Madeira. Ver BAGUAÇU e CEDRO. O mesmo que CEDRORANA ou TAPEREBÁ-CEDRO. Pouparia amazonica, Ducke. Família das Anacardeáceas.

CEDRO CINZENTO — Madeira. Ver CEDRO PARDO.

CEDRO DAS MISSÕES — Madeira também conhecida por CEDRO DE MATO GROSSO. Cedrela tubiflora, Bertoni. Família das Meliáceas.

CEDRO DO PÂNTANO — Ver GUANADI.

CEDRO DO PARAGUAI — Madeira também conhecida por CEDRO DE MATO GROSSO. Cedrela paraguariensis, Roen. Família das Meliáceas.

CEDRO FAIA — Madeira. Ver CARVALHO BRASILEIRO.

CEDRO FÊMEA — Madeira. Ver CEDRO VERMELHO.

CEDRO GIGANTE — Árvore que dá boa madeira para construções e que atinge dimensões fora do comum. Conforme diz Henrique Boiteux, no seu livro Madeiras de Construção de Santa Catarina, a árvore do cedro gigante pode atingir 35 metros de altura e 6 metros de circunferência no tronco. É abundante na margem direita do rio Uruguai, principalmente no município de Xapecó. Cabralea leavis, D. C. Família das Meliáceas.

CEDRO MATO GROSSO — Madeira. Ver CEDRO DAS MISSÕES e CEDRO DO PARAGUAI.

CEDRO MOGNO — Madeira. Ver CEDRO VERMELHO.

CEDRO PARDO — Madeira também conhecida por CEDRO CINZENTO, ITAÚBA PIXUNA, ITAÚBA PRETA, ITABARANA PRETA e MANDIOQUEIRA.

CEDRO ROSA — Ver CEDRO.

CEDRO VERMELHO — Nome de madeira de côr castanho-avermelhada, boa para a marcenaria. Pêso específico: 0,58. Cedrela odorata, L. Família das Meliáceas. Também conhecida por ACAJU, CEDRO FÊMEA e CEDRO MOGNO.

CEDRORANA — Madeira. Ver CEDRO BRANCO. Também conhecida por COARIÚBA.

CEDRORANA DA TERRA FIRME — Madeira boa para marcenaria, de côr parda e com pêso específico igual a 0,66. Cedrelinga catanoeformis, Ducàe. Família das Leguminosas mimosáceas.

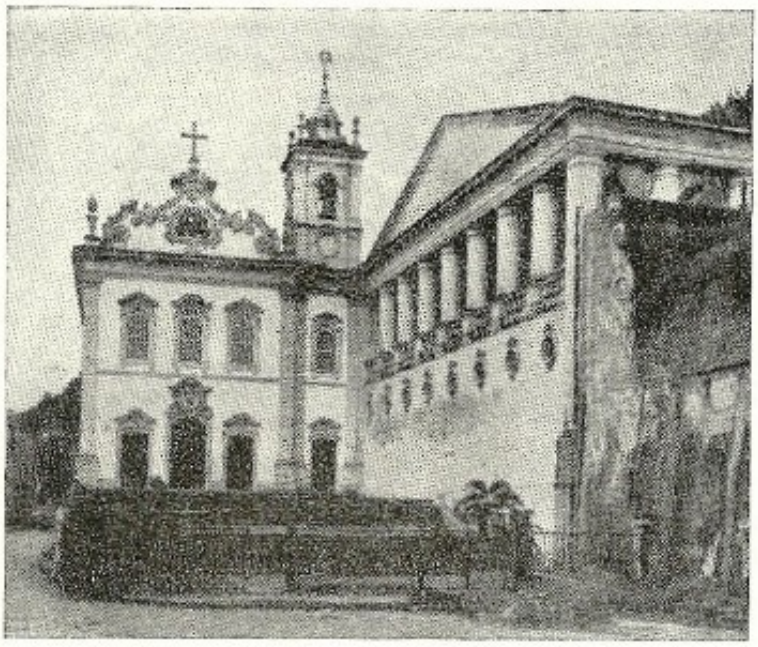
CEDRORANA DA VÁRZEA — Madeira usada na marcenaria, encontrável no vale amazônico, de côr castanho clara rosada e de pêso específico igual a 0,60. Guarea trichilioides, L. Família das Meliáceas.

CELA — Pequeno dormitório. ALCOVA. CÂMARA. Nos conventos, cada um dos pequenos quartos dos religiosos. Nas cadeias ou penitenciárias, cada um dos cubículos onde ficam os presos.

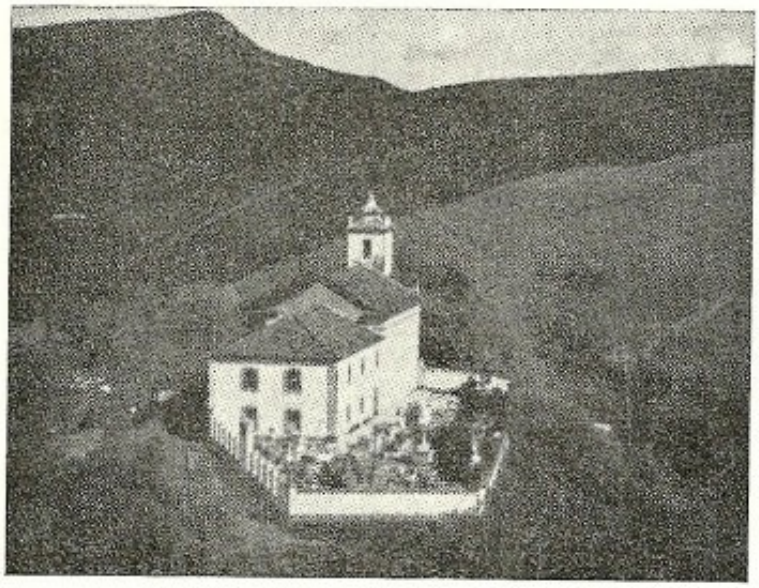
CELAMIM — Medida antiga. Ver SALAMIM.

CELEIRO — Casa ou local onde se guardam cereais ou que sirva de depósito de provisões.

CELOTEX — Material isolante, não ressonante, fabricado com serragem ou bagaço de cana-de-açúcar, fortemente comprimido em placas.



Cemitério da Matriz de N. S. do Pilar, Salvador.



Cemitério da Igreja de S. José, Ouro Prêto, M. G.

CÉLULA — Pequeno aposento. O mesmo que CELA.

CEMENTO — Do latim "caementu", o mesmo que pedra de alvenaria, pedra bruta, ou ainda, o mesmo que argamassa. Dêste têrmo surgiu o vocábulo CIMENTO.

CEMITÉRIO — Vasto recinto aberto onde se enterram e guardam os mortos. Campo-Santo. NECRÓPOLE. O têrmo é de origem grega e nos veio através do latim "coemeteriu" e quer dizer etimològicamente "lugar para dormir" ou dormitório.

CEMPASSO — Medida de superfície com cem passos quadrados.

CENA — Correspondendo a PALCO é o têrmo empregado algumas vêzes em linguagem arquitetônica. Local precisamente onde os atôrese desempenham o seu papel. Decoração teatral.

CENÁCULO — O mesmo que REFEITÓRIO.

CENÁRIO — Conjunto dos bastidores e o tratamento decorativo dado para completar a representação teatral na cena ou palco.

CENATÓRIO — O mesmo que CENÁRIO.

CENDIBA — Ver MILHO COZIDO.

CENÓBIO — Habitação dos monges cenobitas.

CENOGRAFIA — Ramo do desenho arquitetônico que procura representar os edifícios do modo como serão realmente observados ou vistos. Opondo-se às projeções ortogonais, engloba as perspectivas e os desenhos em relêvo. Arte de pintar decorações teatrais.

CENOTÁFIO — Monumento funerário erigido à memória de alguém, mas que não contém restos mortais. Segundo T. Lino D'Assumpção "é a decoração arquitetônica, muito elevada, feita numa igreja, durante os ofícios fúnebres e na qual não se coloca o cadáver". CATAFALCO.

CENTÍMETRO — Unidade de cumprimento equivalente à centésima parte do METRO.

CENTRALIZAÇÃO — Ação de centralizar. Significa, também, a integração de homens e elementos culturais em tôrno de pontos para onde convergem as linhas de comunicação e transporte.

CENTRALIZAÇÃO URBANA — Movimento de condensação populacional em áreas urbanas no que se refere à concentração de comércio, da indústria, da administração e da recreação, para fins de racionalização da vida.

CENZALA — Variante de SENZALA que comparece em muitos documentos e registada por Frei Domingos Vieira em seu dicionário: Thesouro da Lingua Portugueza, dando-a como "choupana, casa pequena em que moram pretos, no Brazil". Ver SENZALA.

CEPILHAR — O mesmo que ACEPILHAR.

CEPILHO — Plaina pequena que os carpinteiros usam para alisar a madeira.

CEPO — Toro ou tronco de madeira.

CÊRA — Nome da substância com que as abelhas fabricam os favos. É material muito usado na marcenaria, principalmente para acabamento das superfícies aparentes da madeira trabalhada. A côr da cêra virgem varia do amarelo carregado ao branco. Funde-se a 64 graus centígrados. É insolúvel na água e dissolve-se nas gorduras, óleos, benzina, aguarrás, querosene e no sulfureto de carbono. A cêra pode ser branqueada fazendo-se com que seja despejada derretida sôbre água fria.

CERÂMICA — Arte da fabricação de argila cozida, que recebe o nome de cerâmica artística quando engloba as atividades artesanais, cujos produtos compreendem objetos de uso doméstico ou decorativos de barro, louça ou porcelana. Os locais de facricação de peças de argila para construção como tijolos, telhas, manilhas, ou ladrilhos, também recebem o mesmo nome que aquela arte. Assim, diz-se "a cerâmica" ou "a olaria" ou "a fábrica de tijolos", etc.

CERÂMIO — Jazida de antiga cerâmica, acompanhada de cinzas e restos humanos.

CERAMOCRISTAL — Vidro despolido, ou fôsco, usado em certas caixilharias.

CERAMURGO — O mesmo que OLEIRO.

CÊRCA — Obra confeccionada ao redor do terreno, geralmente de madeira, ferro ou arame, ou sebe, com a finalidade de proteger a propriedade ou construção. Quando fôr construída de tijolos ou pedra toma designação de MURO ou MURO DE FECHO.

CERCADO — Terreno circundado de cêrca, que é murado ou tapado com sebes, madeira, estacaria com arame, etc. O têrmo também é sinônimo de CÊRCA.

CERCADURA — O mesmo que CÊRCA. Em decoração, o têrmo engloba genèricamente as molduras ou frisos de arremate de superfície ornamentadas.

CERCAR — Construir cêrca. Rodear com muro, sebe, madeira ou fiadas de arame, um local, uma construção, etc.

CÉRCEA — Nome dado ao molde para o corte da pedra e, também, à curva de madeira para auxiliar o desenho.

CEREJEIRA — Árvore da família das Mirtáceas que fornece madeira compacta vermelha-clara boa para marcenaria. Recebe bem o verniz. Muito flexível. Pêso específico igual a 0,70. Eugenia edulis, Berq.

CERICIBA — Nome de certa madeira de lei do vale amazônico.

CERIÚVA — Árvore de regular desenvolvimento que fornece madeira boa para marcenaria e apainelamentos. Fibras roxas, talhe macio. Trema micrantha, Blume. Família das Ulmáceas.

CERNE — A parte interna dos troncos das árvores, da qual se tira a madeira realmente utilizável tanto na marcenaria como na carpintaria. Ver CERNEIRA.

CERNEIRA — O mesmo que TÁBUA DE CERNE, ou tábua sem o alburno, que é a parte branca da madeira, situada entre o cerne e a casca da árvore. Ver CERNE.

CERRADO — Têrmo empregado muitas vêzes para designar um terreno murado.

CERUSA — O mesmo que ALVAIADE.

CETIA — Cano ou calha de madeira que leva água aos engenhos hidráulicos.

CÉU — Genèricamente, a palavra designa as abóbadas. Particularmente, é empregada como nome da parte superior das galerias abobadadas subterrâneas, especialmente as minas.

CHÁCARA — Quinta. Habitação campestre próxima das cidades. Por extensão tem sido aplicado à casa de campo em algumas regiões do Brasil. Aparece com a grafia "chacra" no Rio Grande do Sul, por exemplo.

CHÁCARA DO VIGÁRIO — O mesmo que CEMITÉRIO, em sentido popular.

CHAFARIZ — Construção de alvenaria com uma ou mais bicas ou torneiras por onde corre água. Bebedouro público. Os chafarizes podem compreender os terminais de uma canalização ou AQUEDUTO, ou então, podem estar sob uma nascente de água. Neste último caso será um RESERVATÓRIO ou captação de água provido de torneira ou bicas de escoamento. O têrmo era mais aplicado para designar aquelas construções, quando fôssem de utilidade pública.

CHALÉ — Têrmo proveniente do francês "chalet" e que originàriamente se aplicou entre nós, para designar a casa campestre de estilo suiço principalmente, e que hoje se refere de modo geral a tôda casa de madeira rural, campestre, etc. Muito empregado neste sentido no interior do Rio Grande do Sul.

CHAMBRANA — Moldura lisa que guarnece uma envasadura, porta ou janela. O mesmo que GUARNECIMENTO.

CHAMINÉ — Lugar onde se acende o fogo. Fogão dentro da sala ou LAREIRA. Na linguagem corrente o têrmo é aplicado para designar o tubo, de metal ou alvenaria, que serve para dar tiragem ao ar ou dos produtos da combustão.

CHANASCO — Cavaco, testilha de madeira. Fasquia.

CHANECO — Terreno plano, descampado, sem valor para cultura.

CHANFRADURA — Efeito de CHANFRAR. O mesmo que CHAMFRO.

CHANFRAR — Desbastar ou cortar às arestas vivas das extremidades de uma superfície. O têrmo foi empregado, também, para designar o ato de aparelhar ou planificar superfícies de pedra ou madeira. Assis Rodrigues diz: "Chanfrar o fuste da coluna".

CHANFRO — Ver CHANFRADURA.

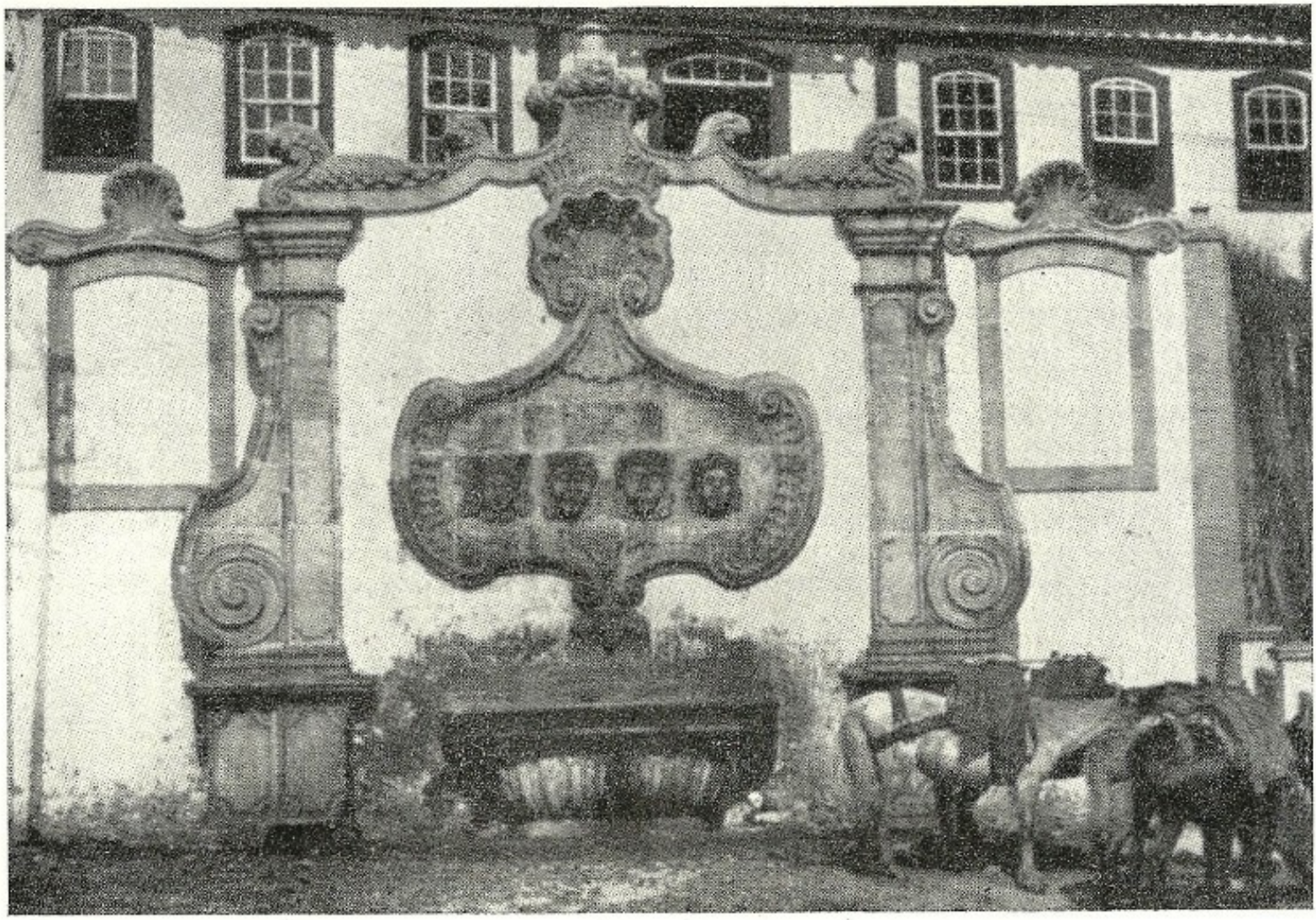
CHANTAR — Plantar ou fincar no solo os esteios ou pilares de uma construção.

CHÃO — Designação de terra, terreno, ou campo próprio para edificar. Em linguagem comum de arquitetura é muito empregado o têrmo com referência ao piso, do seu acabamento, etc. Nome de antiga medida agrária de 60 palmos de comprido por 30 de largura.

CHAPA-TESTA — Chapa em que entra a lingueta da fechadura sob a pressão da chave.

CHAPADÃO — Nome da primeira demão ou camada de embôço aplicada nas paredes de alvenaria, que regulariza o paramento, tirando os ondulações, fazendo-o plano.

CHAPADA — Madeira. Árvore da família das Leguminosas papilionáceas, também co-



Chafariz de Antônio Dias, em Ouro Prêto, Minas Gerais, obra do século XVIII cuja construção foi arrematada por Manoel Francisco Lisboa, pai do escultor Aleijadinho.

nhecida por PAU PARATUDO, PEROBINHA e UNHA D'ANTA. Swetia dasycarpa, Benth. Ver SUCUPIRA AMARELA.

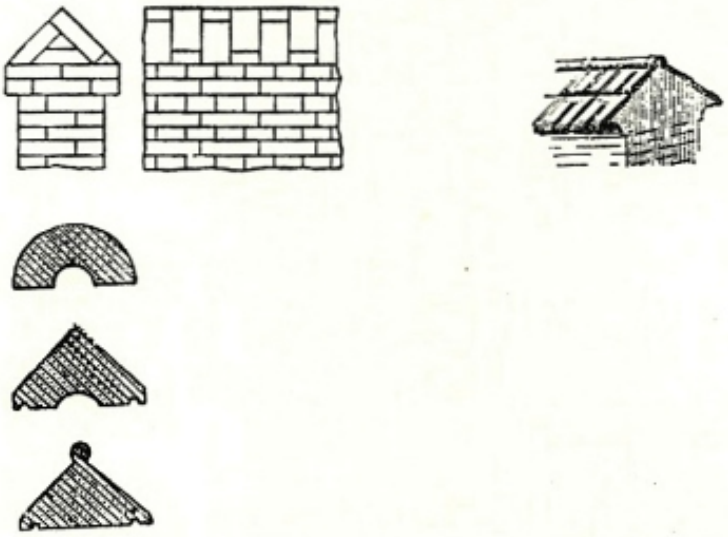
CHAPAR — Emboçar. Arrematar com gêsso ou cimento ornatos arquitetônicos como, por exemplo, volutas, frisos ou molduras. Guarnecer com chapa de metal. Ver CHAPEAR.

CHAPARIÔ BRAVO — Madeira. O mesmo que CARVALHO DO BRASIL.

CHAPE — Terreno duro e sêco. Têrmo empregado no Rio Grande do Sul. Também chape-chape.

CHAPEAR — Revestir de chapas uma superfície. Achatar, laminar.

CHAPÉU — Nome que se dá genèricamente aos arremates superiores das paredes ou muros, tanto de alvenaria como de outro material. Às vêzes, essa acepção de arremate superior é extendida a outros elementos de composição arquitetônica como, por exemplo, co-



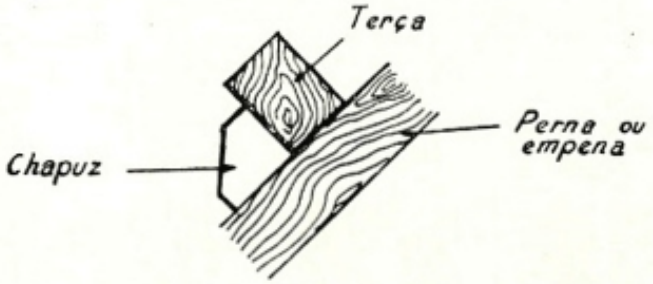
Estes desenhos são do livro de Santos Segurado "Alvenaria e Cantaria", que ilustram o capítulo referente ao coroamento de muros. Nêles vemos chapéus executados com os próprios tijolos da alvenaria, outros feitos de tijolos especiais e finalmente, chapéus de telhas, solução mais comum nos muros de fecho brasileiros.

ruchéus ou chaminés. Assim, pode-se chamar o dispositivo que protege a parte superior da chaminé de chapéu. Assis Rodrigues fala em "chapéu de trapeira".

CHAPIM — A acepção genérica do têrmo designa por chapim tôda base ou peanha de elementos arquitetônicos, tanto ornamentais como estruturais. Diz-se chapim ou base da coluna, principalmente quando esta é metálica. Fala-se chapim da escada, isto é, peça em que se apoia o banzo. Calço. Peça de madeira onde são fixados os balaustres de uma balaustrada daquele material.

CHAPISCAR — Lançar argamassa de cimento e areia grossa contra uma superficie, geralmente face inferior de uma laje de concreto, para torná-la aspera, fato que faciliará a aderência do reboco comum de revestimento.

CHAPITEL — Outra forma de CAPITEL, que surge em escritos antigos. Há ainda, as formas chapitéu e chapitéo, tôdas proveniente do francês "chapiteau".



CHAPUZ

CHAPUZ — Pedaço de madeira que se embute nas paredes para nêle se pregar prego. O mesmo que TACO do linguajar paulista. Cunha. Suplemento de madeira que se justapõe a uma peça. Pequeno pedaço de madeira, geralmente de secção triangular, pregado na perna ou empena da tesoura destinado a suster ou apoiar a terça. Pequena tábua usada para reforçar as emendas efetuadas nos pés direitos dos andaimes.

CHARÃO — Verniz de laca, lustroso e de grande resistência, empregado comumente na decoração.

CHARNEIRA — Nome dado ao conjunto de peças que se movem em tôrno de um eixo comum. O têrmo é mais aplicado aos elementos de serralheria com aquela peculiaridade. Dobradiça.

CHAROLA — Nas igrejas, nome dos nichos onde são colocadas as imagens. Andor. Como acepção desusada, encontra-se aquela que dá o nome de charola à passagem situada atrás do altar mor.

CHAVASCAR — Dar acabamento tôsco em obras de madeira. Diz-se, também, achavascar ou atamancar.

CHAVE — A última pedra, aduela ou cunha que firma e sustenta um arco. Fecho da abóbada, geralmente ornamentado. Ver ARCO.

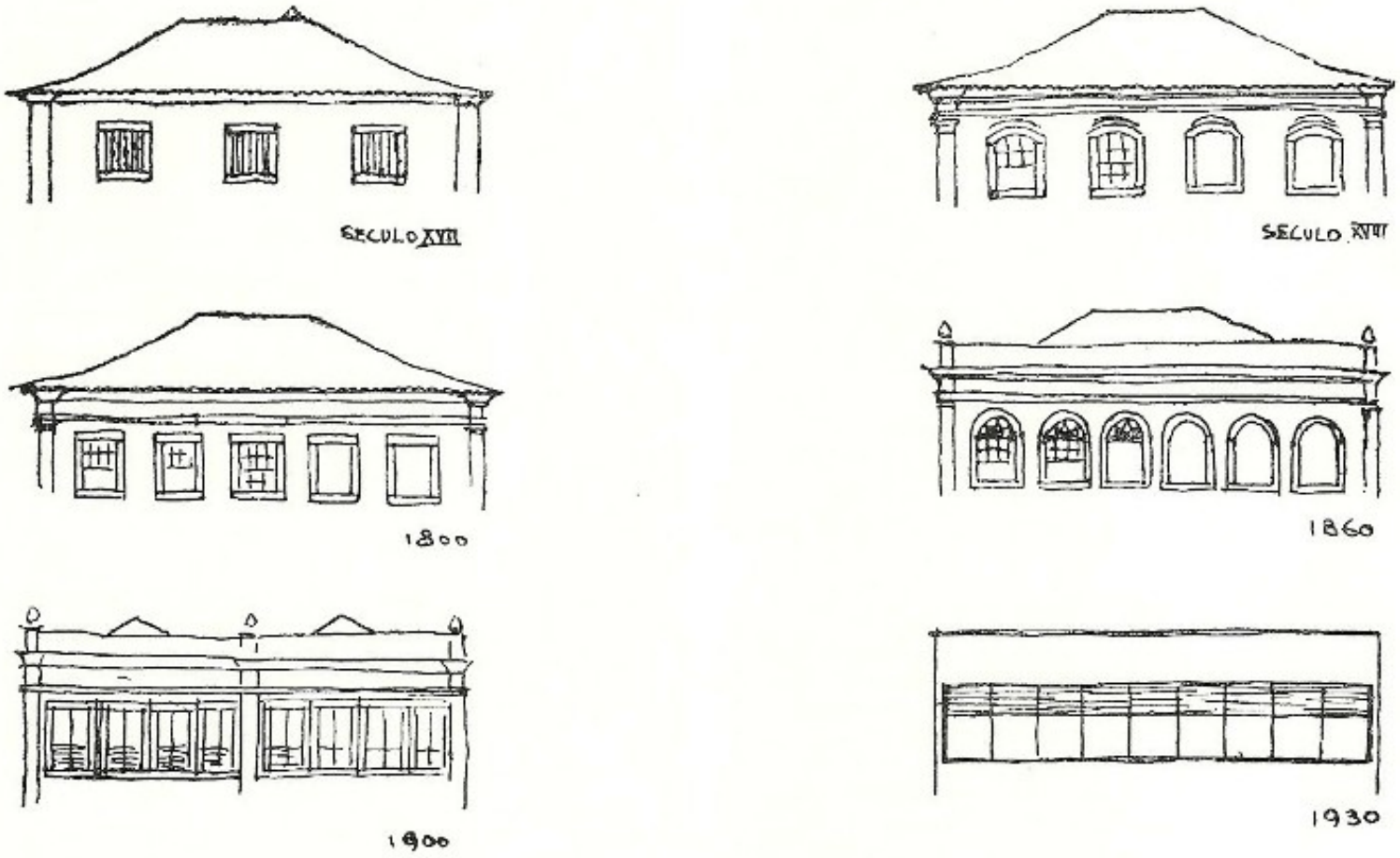
CHAVÊTA — No tirantes metálicos empregados como refôrço nos arcos, ou abóbadas, onde os empuxos são exagerados, recebem o nome de chaveta as peças que, normais aos esforços arrematam, embebidas na alvenaria, aquêles tensores.

CHAVETAR — Segurar com a chavêta. Enfiar chavêtas.

CHEIO — Em arquitetura, porção de parede desprovida de envasaduras, portas ou janelas. Espaço entre dois vãos. Um dos importantes princípios de composição arquitetônica é o que determina perfeito equilíbrio entre os cheios e os vazios nos paramentos verticais, levando-se em conta as proporções das superfícies e dos volumes, as côres e a textura dos materiais. As construções de taipa de pilão e as de alvenaria sempre determinaram flagrante predomínio dos cheios sôbre os vazios, por razões óbvias. Sòmente a adoção de sistemas estruturais que dispensam apoios contínuos é que permitiu o aumento de evasaduras, com a diminuição das partes cegas ou cheias. Assim, com o advento do concreto armado, vemos possibilidades francas de aberturas totais, o que, no entanto, não invalida aquêle citado princípio de composição arquitetônica.

CHERRÃO — Adôrno arquitetônico formado por um ou mais filetes quebrados resultando um ziguezague.

CHIBATAN — Madeira de construção. Ver ADERNO.



Êstes desenhos de Lúcio Costa ("Documentação Necessária", Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 1) esquematizam a variação havida, no correr dos séculos, na relação entre os cheios e os vazios das fachadas das construções brasileiras. "Nas casas mais antigas, presumìvelmente nas dos fins do século XVI e durante todo o século XVII, os cheios teriam predominado, e logo se compreende porquê: à medida, porém, que a vida se tornava mais fácil e mais policiada, o número de janelas ia aumentando". A seguir mostra L. Costa que no século XVIII cheios e vazios equilibram-se. Do século XIX em diante há o predomínio das envasaduras que culminaram em extensão nos dias atuais.

CHICANA — Nome que se dá aos anteparos destinados a impedir o livre curso de líquidos em movimento. Assim, dá-se o nome de chicana, por exemplo, a cada uma das tábuas situadas em frente das saídas ou entradas de líquidos residuais no interior das fossas sépticas. A posição das chicanas em relação aos vãos de acesso dos líquidos fêz com que, anàlogamente, se desse aquêle nome ao anteparos, de alvenaria ou não, situados na frente de portas de certas dependências cujos interiores não devem ser observados. São muito usadas chicanas protegendo os portas de instalações sanitárias coletivas. CORTINA. BIOMBO.

CHICO PIRES — Madeira. Ver SUCUPIRA AMARELA.

CHIMBÓ — Madeira. Ver TAMBORIL.

CHINCHAREL — Ver XINXAREL.

CHIPOLIM — Antigo processo de pintura à base de cola e com várias camadas de verniz que posteriormente era polida com pedra-pomes.

CHOBATÃO — Madeira de construção registrada por Alexandre Albuquerque. Refere-se, talvez, a CHIBATAN.

CHOÇA — Casa rústica. Às vêzes, cabana coberta de palha ou colmo. Na gíria, o mesmo que prisão.

CHOÇA DE CAITITU — Têrmo usado no Ceará. segundo Araripe Júnior, que designa "a casinhola onde os lavradores pobres manipulam a farinha de mandioca". Registrado por Beaurepaire-Rohan.

CHOUPANA — Casa rústica de madeira coberta de ramos ou de colmo. Choça pastoril, como explica Frei Domingos Vieira. Cabana ou casa humilde para habitação de pobres.

CHOUSA — Significação antiga de pequena fazenda ou herdade cerrada sôbre si mesma, isolada.

CHOUSURA — Cercadura, tapume ou muro que separa uma propriedade de outra. Têrmo antigo em desuso.

CHUMBADOURO — Buraco que se abre nas pedras de alvenaria para nêle ser colocado grampo de retensão. Lugar da parede onde é embutida a extremidade do gonzo de uma porta destituída de marco de madeira. Em documento referente à obra da Cadeia de Ouro Prêto, vemos: "Prestar toda a telha necessaria p.a o telhado, nova ou servida, mas de igual tamanho, telhões necessarios p.a toda a Obra, Cal preta, e Areia p.a o m.mo, chumbo p.a segurar os parafuzos dos Caixilhos", etc. (Os Palácios de Vila Rica — Francisco Antônio Lopes, pág. 252).

CHUMBAR — Originàriamente o verbo refere-se ao ato de soldar com chumbo líquido a pedra que recebe o espigão, por exemplo, ou outros elementos de pedra ou material diverso. Hoje, nas construções, emprega-se o têrmo para designar qualquer processo de fixação na alvenaria dos batentes de portas ou janelas, etc. Fixar, prender, ligar.

CHUMBO — Metal pesado, dútil, maleável, de côr cinzenta-azulada. É o mais brando de de todos os metais comuns. Seu símbolo é Pb e tem como pêso atômico, 207,21. Tem muitos e variados usos nas artes, tanto líquido como em barras. Usa-se o chumbo para impermeabilizações e na confecção de canos para diversos fins nas construções. Em papéis relativos às obras da Cadeia de Ouro Prêto, vemos: "... acompanhando o Orçamento do q.to é mister de xapa de xumbo p.a se forar os Canaes do telhado da Cadea". Em "Os Palácios de Vila Rica" de Francisco Antônio Lopes, pág. 257.

CHUPÃO — Têrmo de origem lusitana que se referia à chaminé de cozinha ou ao orifício junto à lareira para saída da fumaça. De raríssima aplicação entre nós.

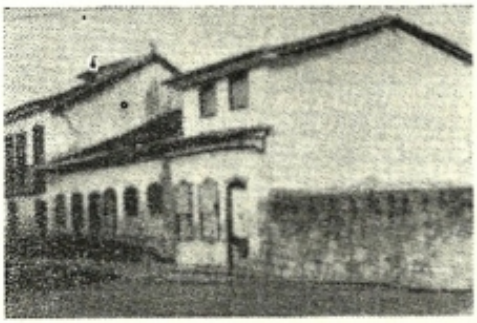
CHURRIGUERESCO — Refere-se o têrmo ao gôsto introduzido na arquitetura pelos arquitetos José de Churriguera, seus irmãos também arquitetos, Ribera e outros seguidores, no início do século XVIII e que teve aplicação posteriormente em vários países. Caracteriza-se o estilo pelos extravagantes aspectos da imaginação aplicados em vários elementos da construção, como balcões e vãos, retorcendo e deslocando colunas, frisos etc. e enchendo-os de flôres, fôlhas, gregas, figuras de homens e de animais, etc. Nêle, a ornamentação domina o construtivo. Esta modalidade do barroco foi transplantada para as colônias espanholas e floreceu sobretudo no México, adotando elementos decorativos astecas. A influência dêsse estilo extendeu-se ao Brasil, pelo menos em um exemplar arqui-

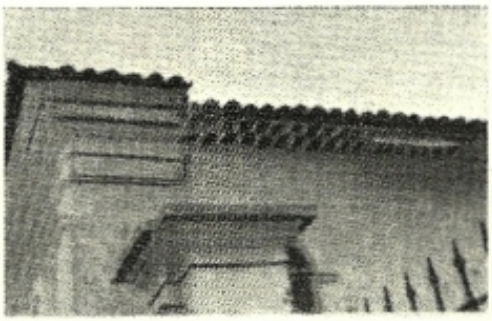
tetônico: a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, em Salvador, Bahia.

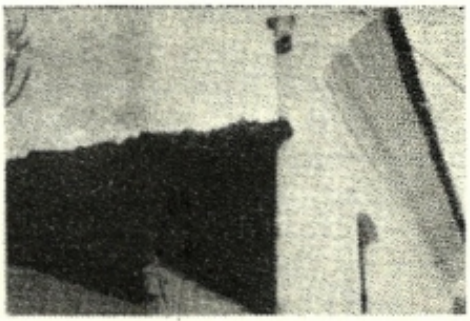
CIBÓRIO — Têrmo antigo que designava o pequeno baldaquino que cobria certas imagens sagradas.

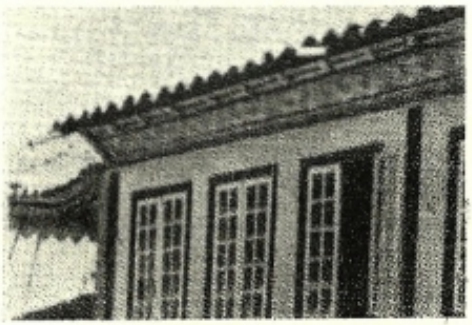
CIDADE — Nome que se dá indistintamente a tôda grande povoação cujo número de habitantes é bastante maior que o dos outros núcleos de moradias circunvizinhas e, por isso, a ela subordinados administrativa e econômicamente. Sob o ponto de vista formal, é um vasto conjunto de edificações, para os mais variados fins, ordenadas e agenciadas segundo critérios que vão desde os de acomodação à topografia até às determinantes políticas ou estéticas. Assim, a conformação das cidades, ou disposição das ruas ou logradouros públicos, variou e varia no tempo e no espaço. No Brasil, podem ser ràpidamente historiadas essas variações formais. Ao contrário das cidades da América Espanhola, que já nasceram orientadas pelas "Leis das Índias" que, dentre outras precauções, determinavam cruzamentos de ruas em ângulos retos, as cidades, brasileiras, segundo os modelos tortuosos da velha Lisboa anterior ao terremoto e de outros núcleos urbanos irregulares como o Pôrto, por exemplo, cresceram desordenadamente com seus becos e ruas sem cordeamento regular. Em volta das capelas, igrejas, casas de conselho, vendas de gêneros e ranchos de tropeiros foram nascendo as vias públicas segundo a vontade ou displicência dos moradores ou conforme permitiam as ondulações do terreno. Vemos Salvador subdividir-se em altos e baixos, ligados por tortuosas rampas e íngremes vielas. Vemos Iguape, situada num planície, estender suas ruas em tôrno de uma praça arbitràriamente triangular, chamada pelo povo "o funil de baixo", numa orgia de ângulos agudos e obtusos que a lógica nunca poderá explicar. Sòmente na metade do século XVIII é que os governantes procuraram, com maior firmesa, dar mais regularidade aos nossos primitivos núcleos urbanos. Tentativas de boa orientação urbanística nos séculos anteriores foram esporádicas. Quanto a São Paulo, por exemplo, apenas na segunda metade da citada centúria é que encontramos alguém preocupado com as cidades que se formavam: o Morgado de Mateus, Capitão-General de São Paulo, dizendo em 1766: "E porque huma das couzas que as Nacçoens mais cultas costumão ter grande cuidado no tempo prezente hé a semetria, e armonia dos edeficios que de novo se levantão nas Povoaçõens das Cidades, e Villas para que da sua disposição não rezulte a comodidade publica mas tambem o agrado com que se fazem mais appeteciveis e habeis as Povoaçõens, conhecendo-se da sua boa ordem com q' estão dispostos a policia e a cultura dos seus habitadores"... Um ano mais tarde, o mesmo Morgado recomendava a Afonso Botelho de Sampaio e Souza, seu primo que andava pela marinha do sul, a respeito da fundação, em 1767, de Guaratuba: "Advirto a Vm.ce que desembaraçado dos matos o terreno, mande Vm.ce logo formalizar as praças e as Ruas, fazendo-lhe plantar estacões grossos e bem seguros, nos angulos de todas as quadras para de huns e outros se cordearem em direitura as ruas, e as primeiras cazas que se fizerem devem ser nos angulos, p.a o q' remeterey a Vm.ce hum prospecto da figura das cazas para que todas sejão feitas pela mesma planta p.a ficar a terra mais bonita". Essa orientação firmou raizes e já vemos as novas cidades nascerem e crescerem regularmente em tôrno de uma praça retangular e as velhas procurarem endireitar os prolongamentos das primitivas ruas. A mesma velha Iguape abriu novas ruas, em continuação às antigas, procurando assumir uma fisionomia "moderna", de acôrdo com as novas regras adotadas. Regras essas que foram seguidas pràticamente até agora e que se eram boas para os terrenos planos, foram de tristes e irremediáveis conseqüências para as cidades do acidentado planalto. Completando esta noção, deve ser ressaltado que o estudo das cidades não deve se prender sòmente ao aspecto formal. Como disse Lewis Munford em sua obra "The Culture of Cities", a cidade não é openas um fato físico, mas uma instituição social. E, no seu sentido completo é "um plexo geográfico, uma organização econômica, um processo institucional, um teatro de ação social e um símbolo estético da unidade coletiva".

CIDADE JARDIM — É uma cidade planejada para uma vida saudável e de tamanho não maior do que aquêle necessário a uma vida associativa perfeita, rodeada por uma cinta rural, sendo todo o terreno da cidade propriedade pública.









Tipos variados de cimalha em casas de Parati, Iguape e Diamantina.

CIDADE SATÉLITE — Denominação de tôda cidade que se encontra dentro da órbita de uma cidade maior, podendo ter ela as mais variadas características urbanas.

CIDADELA — Fortaleza que domina e defende uma cidade.

CIDADELHA — Cidade pequena ou de pouca importância.

CIDADOTA — Ver CIDADELA.

CIFA — Do árabe "saifâ", quer dizer areia muito fina.

CIFRA — Letras floreadas e entrelaçadas em alto ou baixo-relêvo, pintadas ou embutidas que servem de ornamento na aquitetura, na serralheria ou na marcenaria. Comumente, o monograma de um nome.

CIMA — Designativo da parte mais elevada de um elemento, ou de um edifício. Às vêzes, significa CUMIEIRA.

CIMÁCIO — É o nome da última moldura do cimo de uma CORNIJA, de uma ARQUITRAVE, de um FRISO. É a moldura ondeada em seu perfil, côncava no alto e convexa no baixo. Uma "onda" segundo Vitruvio.

CIMALHA — Tendo a mesma origem de cimácio, hoje aplica-se com significado mais amplo e complexo, pois se refere, em geral, ao elemento colocado na parte superior que termina, coroa ou remata a fachada de um edifício, ao mesmo tempo que oculta o telhado e serve de apoio ao algeroz e, também, designa o conjunto de molduras que subdivide uma superfície de parede, tanto interna como externa. Em sentido mais amplo, cimalha é têrmo empregado para se referir a tope, cimo, alto, cume além de cumieira. A parte superior de um armário, de uma estante, etc. Saliência no tôpo da parede em que se firmam os beirais: "lá andava em enfeitá-la (a casa) de bonitezas mestre Sebastião Galindo, pondo "cimalhas" de fantasia nos beirais", Manoel Ribeiro em "A Batalha das Sombras". Ainda, moldura usada para concordar o plano dos tetos com as paredes internas. Ordinàriamente, as proporções de uma cimalha variam com as do edifício a que pertence e sua secção compreende sempre, um "lacrimal", um "coroamento" superior ou "cimácio" e uma série de molduras que faça concordar o lacrimal com a face da parede da fachada.

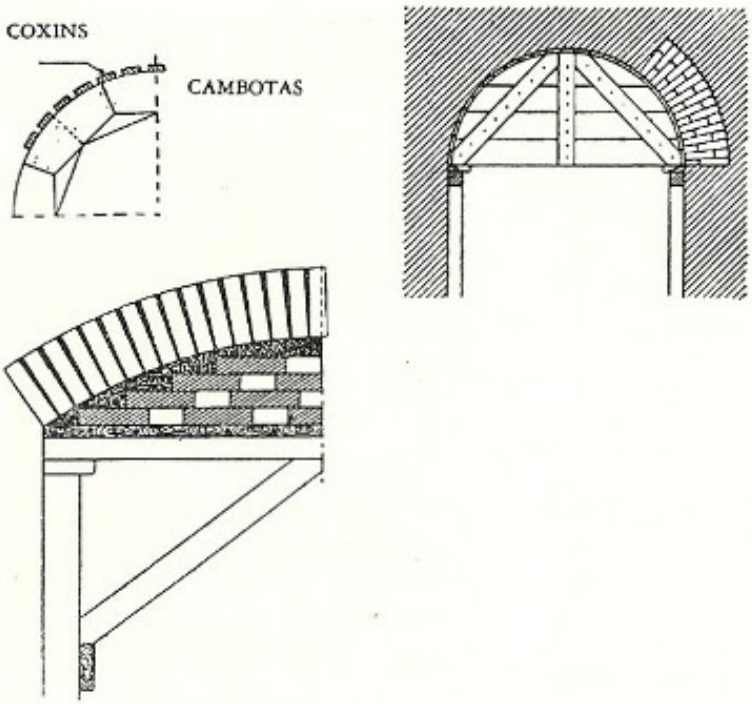
CIMALHA DE BÔCA DE TELHA — Nome que se dá à cimalha executada com telhas engastadas nas paredes, muito comuns nas construções de pedra e cal das cidades da marinha. Ver BEIRA E BICA.

CIMBRE — Armação de madeira que serve de molde para a construção do arco ou da abóbada. O mesmo que SIMPLES, CAMBOTA e CALIBRE.

CÍMBRIO — O mesmo que CIMBRE.

CIMEIRA — Viga, barrote ou trave principal que está no cume ou ponto mais alto do telhado, ou cobertura. Recebe às vêzes o nome de PAU DE FILEIRA.

CIMEIRO — Diz-se do elemento decorativo que se localiza no cimo, no alto do edifício ou da parede.



Modelos de cimbres, usados na confecção de arcos de alvenaria.

CIMENTAR — Ligar com cimento. Consolidar, firmar. Preparar um piso com cimento, deixando-o nivelado e liso.

CIMENTO — Aglomerante obtido por cozimento de calcários naturais ou artificiais que contêm no mínimo 18 a 20% de argila e posteriormente reduzido a pó. Forma com a água pasta branda que tem a propriedade de endurecer-se expontâneamente em contacto com o ar ou a água e tem larga aplicação para unir entre si elementos da construção, como tijolo na alvenaria ou como a pedra no concreto. A indústria do cimento está filiada à indústria da cal (2.000 A.C.). Os romanos empregavam a cal e a pozolana (sílica e alumínio que originava uma pasta que endurecia e fazia as vêzes de cimento). Foi empregada até 1796, quando na Inglaterra, James Parker, que era um produtor de cal, observou que os resíduos das pedras calcárias a certa temperatura, endureciam. A êsse material chamou "cimento natural". Vicat, na França, que pesquisava o assunto em 1818 explicou o fenômeno que se passava com o cimento natural e chamou-o de "hidraulicidade" (endurecimento debaixo d'água). Em 1824, na Inglaterra, outro fabricante de cal, Apsdin, também elevando a grandes temperaturas pedras calcárias verificou que o resultado dessa calcinação era constituído de pedrinhas cinzentas que se pulverizavam, denominando-o "cimento Portland" (devido à côr semelhante à terra de Portland). Iniciou-se, assim, nova era do cimento. A primeira fábrica surgiu na Inglaterra em 1845 e depois de ser fabricado em tôda a Europa e na América, aparece no Brasil a primeira indústria na ilha Tiriri, na Paraíba em 1890, espalhando-se depois por todos os Estados, constituindo-se hoje, numa das grandes indústrias brasileiras. A especificação brasileira do cimento Portland diz: "é o aglomerante obtido pela pulverização de clinquer resultante da calcinação até fusão incipiente de uma mistura íntima e convenientemente proporcionada de materiais calcários e argilosos sem adição, após a calcinação, de outras substâncias, a não ser água e gêsso. Além do cimento Portland, encontramos outras modalidades de cimento, como por exemplo: 1) cimento Portland de ferro, composto de cimento Portland na proporção de 70% e de escórias granuladas saídas dos altos-fornos; 2) cimento de altos-fornos, de composição igual à do anterior, variando sòmente as proporções: 69% de escórias e o resto de cimento Portland; 3) cimento de escórias, composto, por via aquosa, de cal extinta com escórias pulverizadas dos altos-fornos; 4) cimento de alcatrão fervido com 10% de enxôfre; 5) cimento fundido ou de alumina, composto de calcário e bauxita.

CIMENTO-AMIANTO — É um material composto de cimento Portland e fibras de amianto crisolito. Ver CIMENTO e AMIANTO. A mistura íntima dessas duas matérias primas dá como resultado um material inteiramente nôvo e de grandes possibilidades. Através de suas características principais pode-se avaliar seu interêsse técnico: 1) as fibras de amianto formam uma verdadeira armação repartida por igual em tôda a massa, o que dá origem a uma alta resistência à tração e à compreensão; 2) espessuras mais finas tornam-se possíveis devido a essa resistência; 3) pela presença do amianto torna-se material de elevado poder isolante do calor, do frio e do som; 4) resiste aos ácidos comuns e não apodrece; 5) sendo totalmente incombustível é inoxidável e impermeável; 6) é de durabilidade ilimitada. Com o cimento-amianto são fabricadas as telhas onduladas, as chapas lisas, os tubos e canalizações, caixas d'água e outros elementos da construção de

aplicação variada. O cimento-amianto nasceu com o século XX, pois foi inventado nos últimos anos do século anterior. Quem primeiro produziu artigos dêsse material foi o industrial austríaco Ludwig Hatschek, fabricante de tecidos e de papelão de amianto que, sem saber o que fazia, misturou amianto com cimento Portland em presença de grande quantidade de água. Foi êle o precursor do chamado processo "laminado". No início do século o engenheiro norte-americano C. L. Norton descobriu o processo que utiliza a mistura sêca de cimento e amianto que depois é comprimida sôbre tapête umedecido. Alexandre Magnani, engenheiro italiano, foi quem patenteou o processo para fazer tubos daquele material.

CIMENTO ARMADO — O mesmo que CONCRETO ARMADO.

CINABRE — Lusitanismo empregado para designar as peças suplementares de madeira aplicadas nas armaduras dos telhados com o fito de se obter melhor contraventamento ou rigidez.

CINÁBRIO — Sulfureto de mercúrio que apresenta bela côr vermelha. O mesmo que VERMELHÃO DA CHINA. Material de pintura muito empregado desde os tempos antigos, conseguidos com a "mistura de enxôfre com azouge". O mesmo também que SANGUE DE DRAGÃO.

CINE — Têrmo bastante empregado para designar o CINEMA, como estabelecimento.

CINEMA — Edifício ou sala destinado a exibições cinematográficas. O têrmo etimològicamente significa "movimento" e provém da abreviação do vocábulo cinematógrafo. Constitui um dos programas arquitetônicos de maior interêsse, pois implica em sua conceituação, problemas de circulação, de visibilidade, de comodidade, de aeração, etc. Também CINE.

CINGIR — Envolver um elemento estrutural arquitetônico com ornatos.

CINSENTO — O mesmo que SARGENTO.

CINTA — Faixa usada para cingir ou envolver certas construções de alvenaria com a função de evitar possíveis desagregamentos. Geralmente metálicas, de ferro chato, foram as cintas muito usadas em construções industriais como fornos, fornalhas, etc. Modernamente dá-se o nome de cinta de amarração à sucessão de vigas que se situa nas paredes perimetrais das construções de alvenaria visando tornar mais solidárias entre si as paredes concorrentes. Nome que se dá às tábuas que são pregadas nos caibros, paralelamente às cumieiras, para tornar mais firmes os panos do telhado. Cinta de azulejos, o mesmo que BARRA de azulejos. Também, filete de coluna ou pedestal.

CINTEL — Instrumento usado para desenhar perfis de grande raio de curvatura, tanto no escritório de desenho como na própria obra.

CINZEIRO — Espaço situado abaixo das grelhas dos fogões, lareiras ou churrasqueiras, que recebe as cinzas e demais resíduos provenientes da combustão.

CIOGRAFIA — Desenho arquitetônico que representa um edifício cortado, de modo que se possa ver a sua disposição interna. Na linguagem corrente o têrmo é substituido pela palavra CORTE. Do latim "sciographia", que por sua vez veio do grego. A inicial "cio" traduz a idéia de "sombra"; sombra em um desenho, em pintura, etc. Por isso diz-se ciografia, ou justa distribuição dos claros e escuros.

CIONITE — Palavra erudita de origem grega que designa a coluna, elemento estrutural. Coluna funerária.

CIPO — Pequena coluna sem base e sem capitel. Estrado. A palavra vem do latim "cippus" e é empregada desde os tempos romanos para designar a coluna de madeira ou pedra, com inscrições ou não, que servia para demarcar propriedades ou caminhos. Pedra tumular.

CIPÓ — Nome genérico de tôdas as plantas trepadeiras cujas hastes delgadas e flexíveis servem para amarrar, fazendo o papel de corda ou barbante. "Prego do Brasil" como o chamou Rainville em "O Vinhola Brazileiro", constituiu, em nossas antigas construções, valioso e utilíssimo elemento, servindo para atar paus-a-pique, ripas das coberturas, etc.

CIPOLINO — Variedade de mármore de côr verde com manchas brancas.

CIRANDA — Armação feita de madeira e tela para peneirar o material terroso e calcário das obras.

CIRANDADO — Penerado, joeirado. Material resultante da ação de cirandar.

CIRCO — Recinto circular e coberto normalmente de lona com estacas de madeira, para espetáculos equestres e acrobáticos. O espaço destinado ao espetáculo possui de ordinário o diâmetro de 13 metros e é rodeado por filas de assentos e arquibancadas para o público. Sua origem data da antiga Roma e tinha forma alongada. Com o aspecto atual procede de meados do século XVIII.

CIRCULAÇÃO — Ato de circular. Têrmo de características próprias no seu emprêgo na arquitetura, que se refere à movimentação ou deslocamento que o ser humano pode exercer nos espaços arquitetônicos tanto internos como externos. Pelo GRÁFICO DE CIRCULAÇÃO se poderá deduzir da correta aplicação no projeto dos elementos de circulação por excelência, como o corredor, a escada, etc., ou mesmo da funcionalidade de uma concepção arquitetônica, que deverá favorecer a movimentação racional do homem no interior das funções diferenciadas de determinado programa. Do ponto de vista da urbanística, a circulação é hoje uma das funções primordiais da vida urbana, exigindo para a sua adequação um programa cuidadosamente estudado, no qual se encontre uma classificação das vias, segundo sua natureza, sua finalidade, etc.

CIRIÚBA — Madeira boa para construção civil e dormentes, abundante no vale amazônico, de côr parda escura e com pêso específico igual a 0,95. Avicennia nitida, Jacq. Família das Verbenáceas.

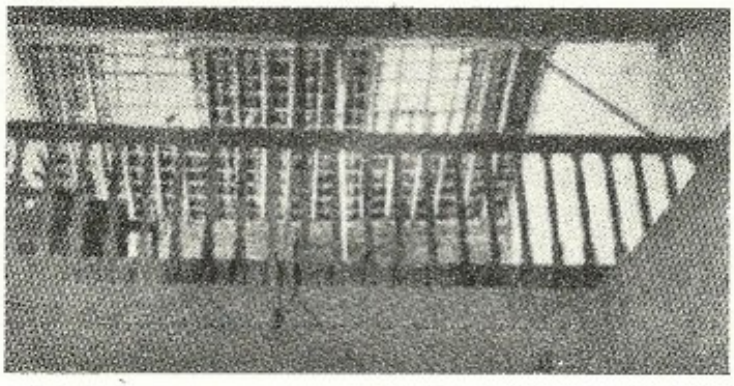
CISTERNA — Reservatório de água situado abaixo de nível do solo. Poço de água potável. ALGIBE.

CLARABÓIA — Dispositivo envidraçado que permite a iluminação de cômodos situados no interior das construções e por isso impossibilitados de possuir janelas.

CLARAíBA — Madeira. Ver LOURO.

CLAREIRA — Espaço sem árvores em mata ou bosque. Terreno desmoitado ou arroteado em meio de brenhas ou matas no qual pode ser erigida uma construção.

CLARIDADE — Qualidade daquilo que é claro. Condição primeira da iluminação natural dos ambientes arquitetônicos. Ver ACLARAMENTO.



Nesta fotografia de desvão de telhado de sobrado recifense, vemos duas clarabóias constituídas de vidro.

CLARO — Espaço em branco, CLAREIRA.

CLARO-ESCURO — Designativo da transição do "claro" para o "escuro" e que estabelece um contraste entre ambos na arquitetura como nas artes plásticas, configurando-se no jôgo de luz e sombra característica do objeto arquitetônico. Ver CIOGRAFIA.

CLÁSSICO — Adjetivo com aplicação precisa para designar aquilo que se torna modêlo ou padrão em arquitetura. Pode ser usado com referência a obras antigas ou contemporâneas, que tenham êsse valor.

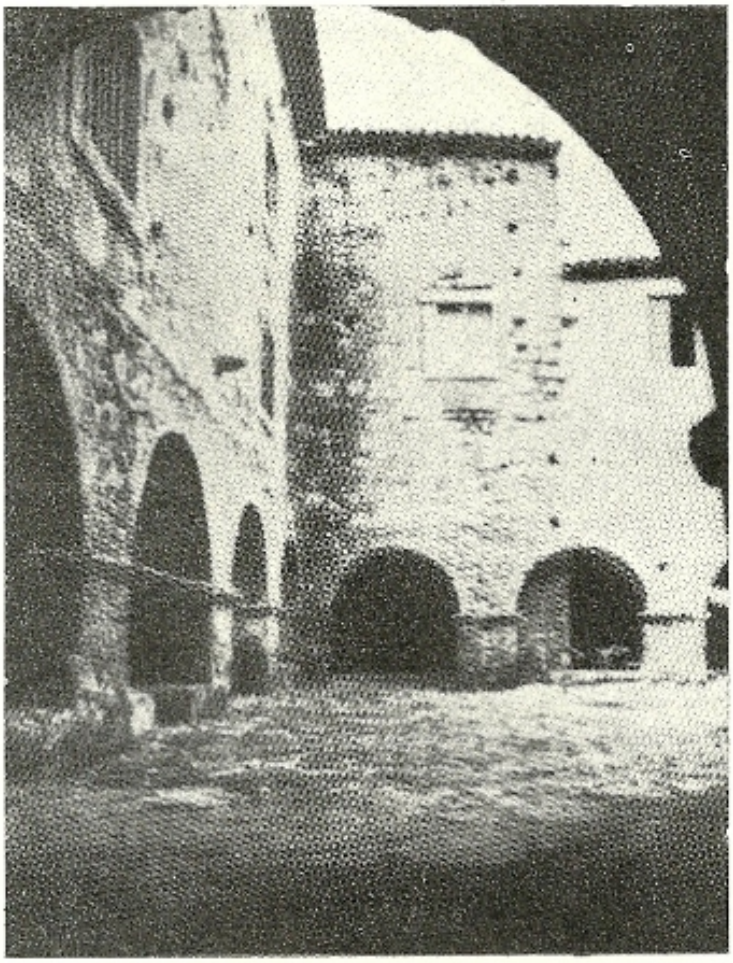
CLAUSTRA — O mesmo que CLAUSTRO.

CLAUSTRAL — Pertencente ou relativo ao claustro. Cada um dos edifícios dependentes de um claustro.

CLAUSTRAR — Converter em claustro. Criar um claustro.

CLAUSTRO — Pátio interno, descoberto e rodeado de arcos, ou arcaria, nos conventos.

CLIMA — Conjunto de valores médios, compreendendo certo espaço de tempo, dos principais elementos meteorológicos correspondentes a determinado lugar ou região, cujos fatores essenciais têm enorme interêsse no estudo e na solução da obra arquitetônica: a pressão atmosférica, a temperatura, a umidade do ar, a nebulosidade, a precipitação e os ventos, bem como a insolação. Na arquitetura, ainda constitui fato importante, o estudo das condições climáticas de uma superfície mínima, como por exemplo, de uma parede orientada para sul, sofrendo pouca insolação, etc. e que se chama MICROCLIMA. Também é



Claustro — Colégio dos Jesuítas de Paranaguá.

produzido na arquitetura o chamado "clima artificial" por intermédio do AR CONDICIONADO, com grandes vantagens para as relações entre o homem e o espaço arquitetônico.

CLIVO — Encosta. Ladeira. Outeiro.

CLOACA — Cano ou tubo subterrâneo destinado ao escoamento dos líquidos residuais das construções. O mesmo que POÇO NEGRO.

COABITAÇÃO — Ato de coabitar.

COABITAR — Habitar em comum. Habitar ao mesmo tempo uma casa.

COARIÚBA — Madeira. Ver CEDRORANA.

COATÁ QUIÇAUA — Madeira parda violácea do Pará, boa para construções civis e navais com pêso específico igual a 1,20. Peltogyne paniculatra, Benth. Família das Leguminosas.

COBARÉ — Madeira. Ver BÁLSAMO.

COBERTA — Lusitanismo que designa a parte horizontal dos degraus de uma escada. O mesmo que PISO DO DEGRAU. Existe, também, a formula COBERTOR. Nome de cada uma das telhas dos telhados. O mesmo que TELHA CANAL. COBERTURA.

COBERTOR — O mesmo que COBERTA.

COBERTURA — Genèricamente o têrmo designa o conjunto dos elementos dos sistemas de proteção dos edifícios. O conjunto formado pelo madeiramento de telhas. Diz-se cobertura de telhado, de laje impermeabilizada, etc.

COBOCÓ — Ver COVOCÓ.

COBOGÓ — O mesmo que COMBOGÓ.

COBRE — Metal relativamente brando e extraordinàriamente tenaz e que depois da prata é o melhor condutor de calor e de eletricidade. Elemento químico de número 29, pêso atômico 6,67, densidade 8,93 gr/cm3, ponto de fusão 1.094 graus, ponto de ebulição 2.595 graus, resistência 21 a 24 kg/mm2. Foi o primeiro metal usado pelo homem e possui côr avermelhada escura quando puro. Na natureza é encontrado nativo em cristais regulares, porém é mais comum combinado em diversos minérios de cobre: a pirita de cobre, a calcopirita, o mineral vermelho de cobre e a malaquita. Seu emprêgo na arquitetura é feito largamente na forma de fios de variadas grossuras, canos e tubos, além de chapas para revestimentos, impermeabilização, etc., e na decoração.

COBREJUNTA — O mesmo que MATA-JUNTA, ou guarnição que reveste a emenda de dois elementos justapostos. FASQUIA.

COCA DE ÁGUA — Nas Igrejas, o mesmo que pia de água benta.

COCÃO — Árvore que dá boa madeira de construção.

COCARIA — Rancho onde os trabalhadores agrícolas cozinham e tomam refeições.

CÔCHA — Nome que se dá à vasilha ou taboleiro onde é transportada a argamassa das construções. Existe, também, as formas CÔCHO e CÔCHE.

CÔCHE — O mesmo que CÔCHA.

COCHEIRA — Têrmo derivado de "côche" que significa carruagem antiga e de origem húngara "kocsi", designativo da casa ou re-

cinto destinado antigamente a guardar carruagens ou, nos dias atuais, a abrigar cavalos.

COCHICHO — Nome dado no planalto sul de Goiás à moradias rústicas dos agregados nas grandes fazendas. O mesmo que COCHICHOLO.

COCHICHOLO — Casa muito pequena. Aposento ou quarto de acanhadas proporções.

CÔCHO — O mesmo que CÔCHA.

CÔCO DE PUREZA — Madeira. Ver ANDÁ-AÇU.

CÔDEA — Lusitanismo que designa indistintamente o servente de pedreiro, o ajudante de pintor ou de carpinteiro.

CÓDIGO DE OBRAS — Repositório de artigos de lei que regulam as construções, obras ou serviços de engenharia ou arquitetura, que pode ser emanado de um dos três podêres administrativos: União, Estado ou Município. A maioria dos códigos de obras é pertinente à fiscalização e regulamentação municipais, conforme determina a Lei Orgânica dos Municípios. Dentre os códigos estaduais, o mais importante é o que trata do aspecto sanitário das edificações e por isso recebe o nome genérico de "Código Sanitário". Ver APROVAÇÃO DE PLANTAS.

CÓDIGO SANITÁRIO — Ver CÓDIGO DE OBRAS.

CODO — Ver TAIPA.

COERANA — Madeira. Ver GOERANA.

COGULHOS — Ornatos que apresentam fôlhas retorcidas e encrespadas arrematando pináculos, agulhas ou coruchéus.

COIAÇU — Madeira de lei usada em construções.

COICE — O mesmo que COUCEIRA. O nome também se aplica à SOLEIRA ou LIMIAR das portas. Existe a forma COICEIRA, com o mesmo sentido.

COICIL — Lusitanismo que designa o espigão de madeira cravado no COICE da porta.

COIÇOEIRA — Ver COUÇOEIRA.

COIFA — Cobertura, geralmente metálica, situada logo acima dos fogões, que recebe e desvia os vapôres de gorduras provenientes da cocção dos alimentos. Ver CAPELA.

COIO — O mesmo que SEIXO ROLADO.

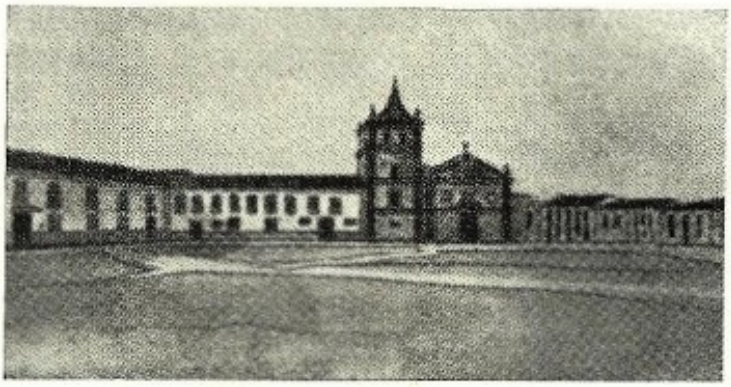
COLA — Substância glutinosa usada para fazer aderência entre duas peças. Nas construções são inúmeras as aplicações da cola: na carpintaria, marcenaria, pintura, etc. Existem, para cada fim determinado, vários tipos de cola: as de origem animal e as vegetais, também chamadas de GRUDE.

COLARETE — Moldura composta de um astrágalo justaposto a um filête.

COLARINHO — Moldura chata e de pequena espessura usada para guarnecer colunas.

COLCOTAR — Nome dado ao peróxido de ferro, também chamado "vermelho inglês", que é um pigmento usado em pinturas em geral.

COLÉGIO — Edifício destinado ao ensino primário ou secundário, cujo programa prevê além das salas de aula comuns, também as especializadas para desenho, línguas, história e geografia, laboratórios, etc. Ver ESCOLA, GINÁSIO. Nome que se dava à residência dos padres jesuítas que, além da parte de moradia pròpriamente dita, possuía igreja, salas de aula, biblioteca, farmácia, etc., constituindo prédio grande com pátio interno, geralmente matriz ou sede dos padres da região que permaneciam dispersos nas fazendas da comunidade ou em aldeia de índios.



Colégio dos Jesuítas de São Paulo em 1818, segundo desenho original de Thomas Ender.

COLHER — Pequena pá triangular de ferro e com cabo de madeira, com que o pedreiro aplica, nas paredes, a massa de revestimento ou o reboque das juntas. Segundo suas dimensões, aquela peça pode-se chamar: COLHER, MEIA-COLHER, COLHERIM ou COLHERIL e PINCEL. As duas últimas são muito pequenas e servem para arremates de molduras.

COLMADO — Pequena casa coberta de côlmo. Palhoça, cabana, choupana.

COLMAR — Cobrir de côlmos.

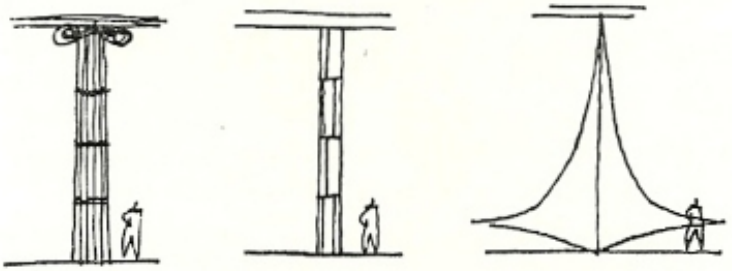
CÔLMO — Fôlha comprida de uma gramínea que serve para cobrir as habitações pobres nos campos. Também é usado para designar a choupana. COLMADO.

COLOFÔNIA — Resina residual na destilação do azeite de terebentina, dura e frágil, que se dissolve no álcool, na acetona, no benzol, no éter, etc. Serve para a fabricação de vernizes, para a solda, etc.

COLORIDO — Têrmo que aparece seguidadamente como substantivo, em lugar ou como sinônimo de côr. O colorido de um edifício, etc.

COLTAR — Alcatrão produzido pela destilação da ulha, antigamente usado como preservativo de madeiras para obras externas e em lugares úmidos.

COLUMBÁRIO — Construção onde são guardados os restos mortais, ossos, cinzas, em

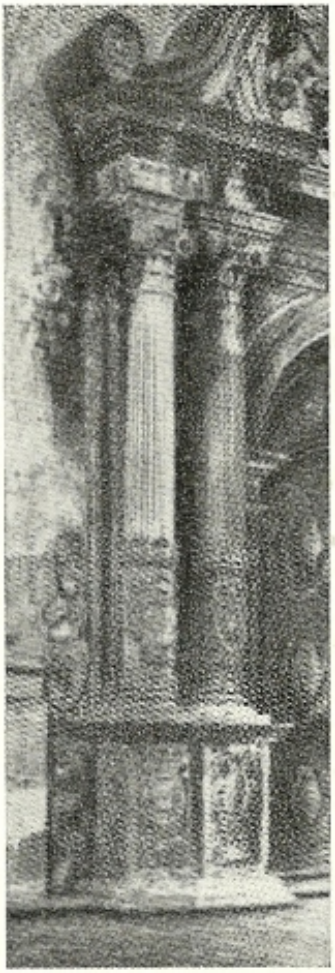


nichos escavados em paredes. O mesmo que POMBAL.

COLUMELA — Pequena coluna.

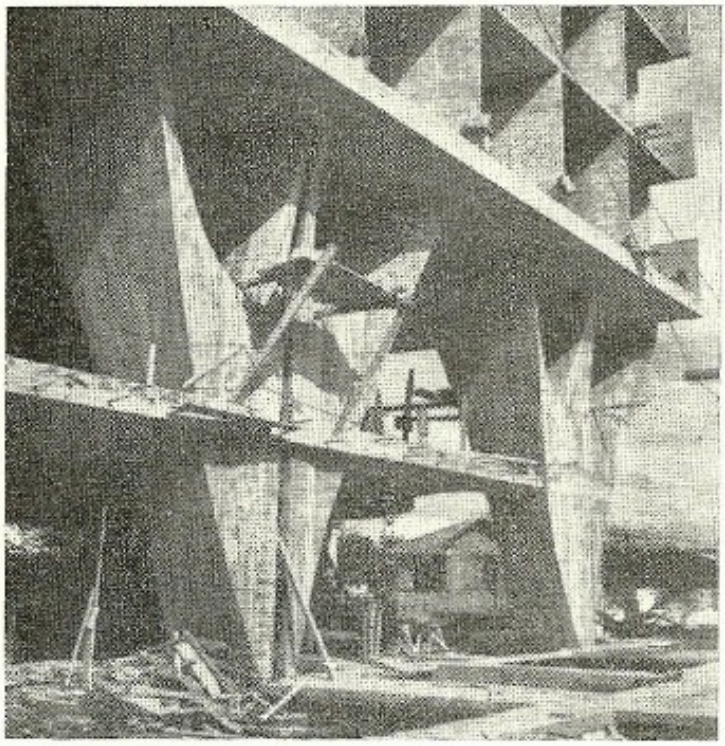
COLUMELADO — Que tem columela.

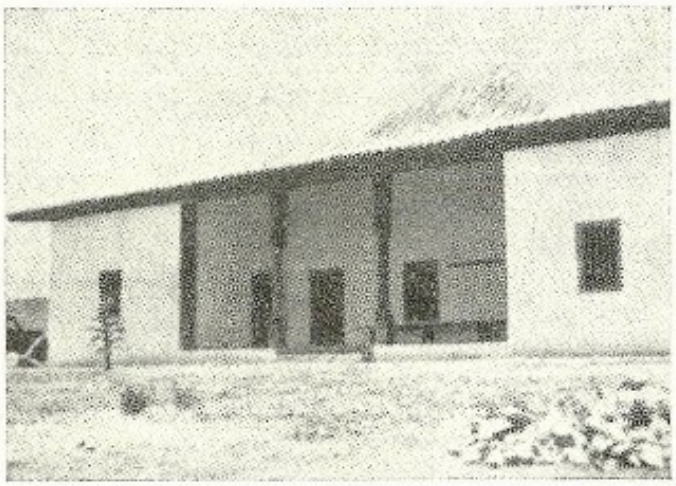
COLUNA — Elemento estrutural de sustentação, quase sempre vertical, que desde as épocas imemoráveis assumiu as formas mais variadas, recebendo, também, inúmeras modalidades de ornamentação. Pode ser de pedra, alvenaria, madeira ou metal. Geralmente dividia-se em três partes distintas: base, fuste e capitel. A base, como o nome indica, é o elemento inferior que sustenta o conjunto e que transmite às fundações os esforços recebidos. O fuste compreende o corpo da coluna. Pode ser monolítico, ou maciço, ou então, pode ser fragmentado em TAMBORES, isto é, em discos superpostos, cujas alturas são menores que o diâmetro do próprio fuste; ou em TRONCOS, caso os elementos sejam mais altos que o dito diâmetro. O capitel é a parte superior, ou arremate, da coluna. Assume, também, inúmeras formas e recebe decorações as mais variadas. Nas colunas sem base e sem capitel, dá-se o nome de IMOSCAPO à extremidade inferior e de SUMOSCAPO à extremidade superior. Dadas as inúmeras variações formais existentes, são classificadas as colunas em tipos, cuja nomenclatura é por demais extensa. A êsse respeito, ver o trabalho de Adolfo Morales de Los Rios, "Teoria e Filosofia da Arquitetura", que pràticamente esgotou o assunto. Serão enumeradas a seguir algumas modalidades de colunas: 1)



Colunas da portada da Igreja de S. Pedro dos Clérigos, Recife.

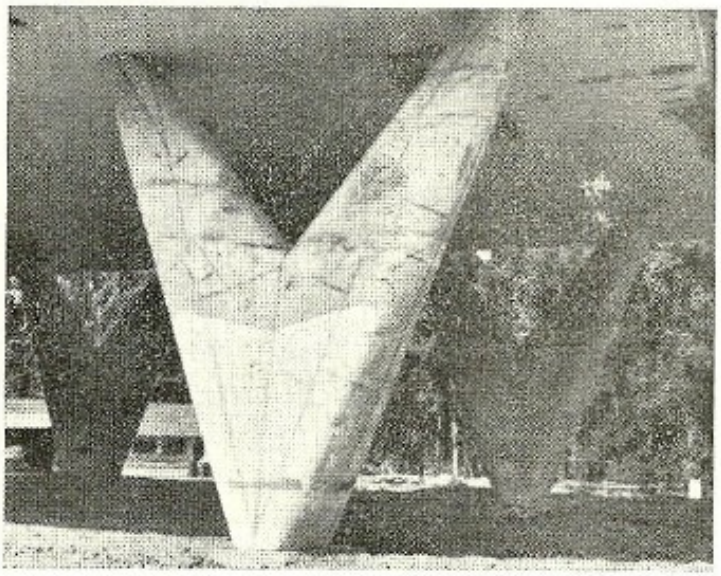
COLUNA CILÍNDRICA, aquela de secção circular e com diâmetro constante, de cima a baixo; 2) COLUNA DIMINUÍDA, ou TRONCO-CÔNICA, aquela cujo fuste é um tronco de cone, isto é, suas secções circulares são variáveis; 3) COLUNA GALBADA, aquela que possui ligeira convexidade para que possa ser corrigida certa ilusão ótica, comum nas colunas cilíndricas; 4) COLUNA SALOMÔNICA, aquela cujo fuste é helicoi-





No alpendre da casa dita do "Padre Inácio", em Cotia, duas colunas de madeira lavrada.

Colunas de ferro fundido sustentando alpendre de casa de fazenda campineira. Tais colunas, características da arquitetura de fim de século, davam grande leveza à obra.



Duas versões contemporâneas de colunas de sustentação de edifícios possuidores de uma laje de transição que permite, no térreo, intercolúnios maiores que os dos andares normais. Projeto de Oscar Niemeyer, o primeiro em Belo Horizonte, Conjunto Juscelino Kubitschek e o segundo, em São Paulo, no antigo Palácio da Agricultura, Parque Ibirapuera, hoje sede do Departamento Estadual do Trânsito.

dal. Recebe, também, o nome de COLUNA TORCIDA. Êste tipo de coluna, muito usado em nossa arquitetura barroca, pode ser simples ou decorado, geralmente com ornamentações entrelaçadas; 5) COLUNA FACEJADA, quando sua secção horizontal é poligonal; 6) COLUNA CÓCLIDA é a coluna ôca e que possui, em seu interior, uma escada em caracol. Quanto ao destino ou posição, a coluna pode ser: 7) COLUNA ÁTICA, quando decora a parte elevada de uma construção; 8) COLUNA MENIANA, quando suporta um balção; 9) COLUNA NICHADA é a que tem metade longitudinal do fuste embebida no paramento de uma parede; 10) COLUNA DUPLICADA, é a que está unida com outra,

Colunas tronco-cônicas que sustentam alpendre da capela da Fazenda da Posse, Nova Iguaçu, Estado do Rio.

introduzindo-se até ao têrço do seu diâmetro. Quanto à decoração, ou aspecto do fuste, encontramos; 11) COLUNA ANELADA, ALMOFADADA, ou TALHADA, aquela cujo fuste é envolvido, por faixas separadas por anéis; 12) COLUNA ESTRIADA, a que tem o fuste percorrido longitudinalmente por caneluras equidistantes. Modernamente, na arquitetura contemporânea, a coluna assume grande pureza formal decorrente de sua função exclusiva de sustentação. Valorizada pelos princípios funcionalistas de Le Corbusier, ganhando o nome hoje internacional de "PILOTIS", ela tem tomado conformações que fogem do primitivo fuste cilíndrico, como as atuais de Oscar Niemeyer que tem caracterizado so-

bremaneira a evolução dêsse elemento na arquitetura brasileira.

COLUNAR — Que tem a forma de COLUNA. Dispor em colunas. Dar a forma de coluna.

COLUNATA — Série de colunas enfileiradas simètricamente. Se o número de colunas é grande e não pode ser determinado numa simples vista de olhos, o conjunto recebe o nome do POLISTILO. O mesmo que PERISTILO.

COLUNELO — Pequena coluna. Marco.

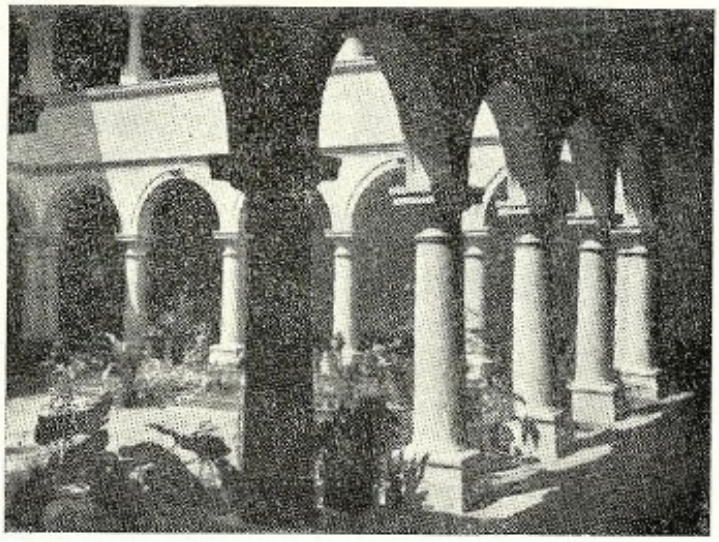
COLUNELO — Pequena coluna. O mesmo que PADRÃO ou FRADE ou FRADE DE PEDRA.

COLUNETA — Pequena coluna.

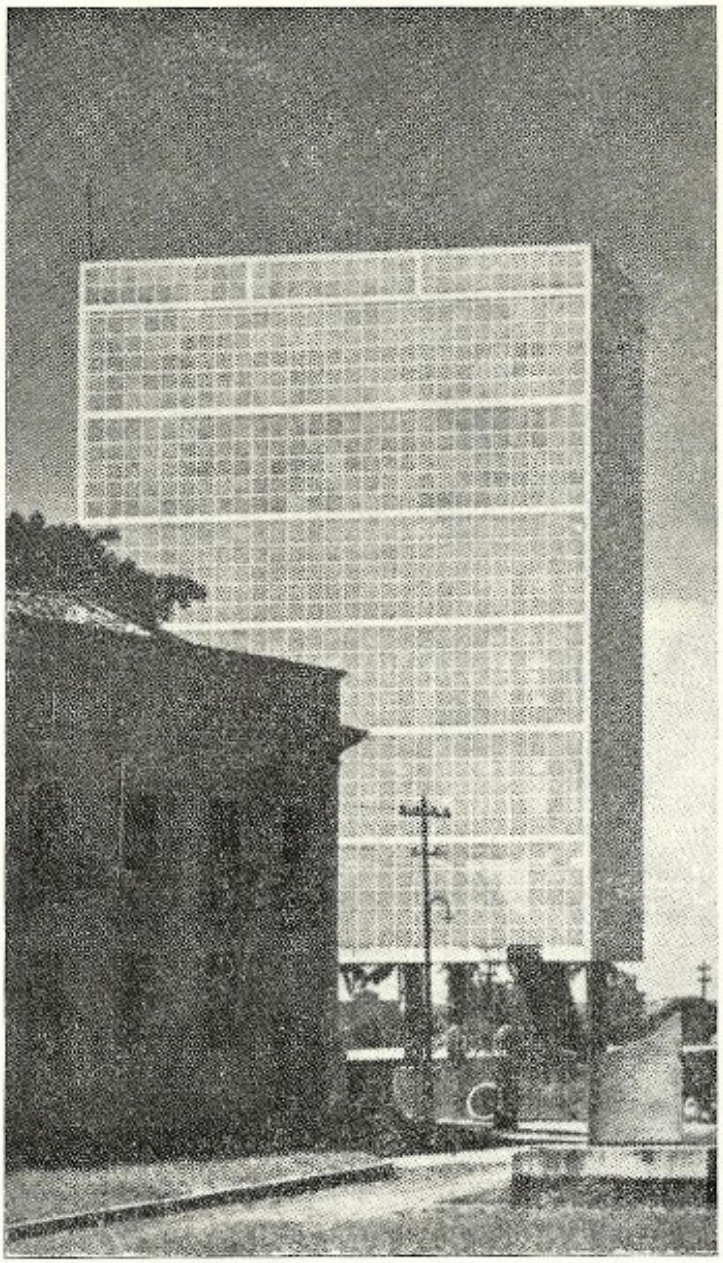
COMAREIRO — Muro de arrimo. BOTARÉU.

COMBINAÇÃO — Diz-se da reunião dos diversos elementos que devem formar a obra arquitetônica, de tal modo que as relações que os ligam satisfaçam totalmente os requisitos definidos pela função.

COMBOGÓ — Nome que se dá, principalmente no Norte do Brasil, ao tijolo furado ou ao elemento vazado feito de cimento empregado na construção de paredes perfuradas, cuja função principal seria a de separar o interior do exterior, sem prejuízo da luz natural e da ventilação. Nome que se generalizou para designar os elementos celulares usados como quebra-sol. Parece que o combogó brasileiro filia-se diretamente aos tijolos perfurados das construções norte-africanas, como sugere a forma da palavra evidentemente negra. Existem as formas COBOGÓ e CAMBOGÊ, esta usada por Philip Goodwin no seu livro "Brazil Builds".



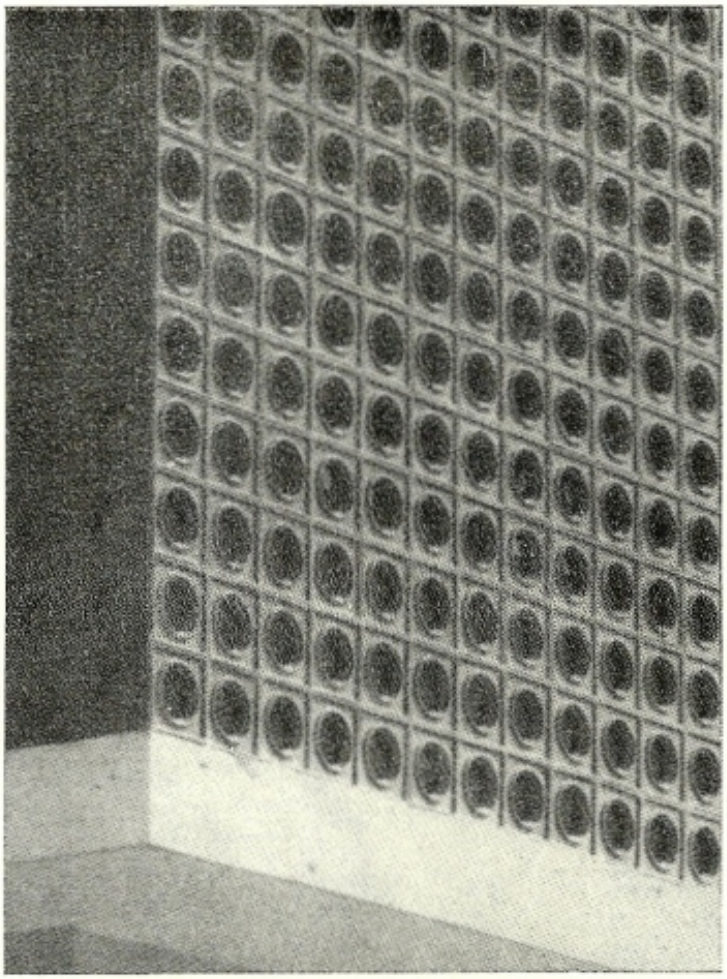
Colunata do claustro do Convento de São Francisco em Olinda, Pernambuco.



Exemplos de aplicação do combogó, na Caixa D'água de Olinda, Pernambuco, dos arquitetos Luís Nunes e Fernando Saturnino de Brito, 1937 e na estação de tratamento de água de Campinas do arquiteto Fábio Penteado.

COMEDOIRO — O mesmo que comedouro.

COMEDOR — Por analogia ao significado espanhol emprega-se êsse têrmo freqüentemente para designar a sala de refeições.



COMEDOURO — Sala de jantar. Refeitório.

COMIL — O mesmo que TEMPLO, IGREJA.

COMÔA — Têrmo da gíria que significa COMUA. Refere-se ao retrete armado sôbre fossa, sem ligação a esgôto.

CÔMODA — Móvel provido de gavetas em tôda a sua extensão e altura destinado a guardar roupas brancas.

CÔMODO — Compartimento, peça de uma casa.

CÔMORO — Têrmo que às vêzes é empregado como sinônimo de BOTARÉU. Canteiro de flôres, ALEGRETE. Pequena elevação de terreno.

COMPARTIMENTO — Diz-se de cada uma das divisões de uma casa de um edifício. CÔMODO.

COMPASSO — Instrumento de desenho composto de duas hastes ou pernas que se articulam, se afastam ou se aproximam, de pontas sêcas ou com mina (grafite), para traçar círculos, curvas ou para tomar medidas.

COMPENSADO — Têrmo empregado vulgarmente com referência à madeira compensada ou CONTRA-PLACADO.

COMPLANAR — Nivelar, tornar plano um terreno.

COMPLÚVIO — Tanque em pátios internos onde é acumulada a água pluvial.

COMPOR — Organizar um espaço, partindo de vários componentes arquitetônicos como: salas, compartimentos ou cheios e vazios, para obtenção do todo. Arranjar, adornar, pôr em ordem.

COMPORTA — Nos diques ou açudes, tapume, retirável verticalmente, que sustém as águas armazenadas e que se abre quando é necessário soltá-las.

COMPOSIÇÃO — Ato de compor. Produção artística. Ver COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA.

COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA — É a parte da Teoria da Arquitetura que estuda o planejamento dos edifícios. Consiste na disposição das partes exigidas pelo conjunto de necessidades, de tal maneira que sirvam ao fim a que se destinam criando-se, também, espaços e formas belos, agradáveis e harmoniosos. É criar a obra arquitetônica sob dois aspectos fundamentais e simultâneos: o da função e o da beleza. Como esclarece Lúcio Costa: "Assim é que, embora a composição arquitetônica seja concebida agora de **forma estritamente funcional**, germinando a obra na mente do arquiteto como um organismo vivo, a intenção plástica é desde o início orientada no sentido da procura ideal de formas geométricas ou orgânica e plàsticamente puras". Ou, ainda, como disse Albert Ferran: "A composição arquitetônica é a arte de criar uma ordem suscetível de contentar a sensibilidade e de satisfazer ao mesmo tempo a razão".

COMPÓSITA — Ordem de arquitetura clássica na qual entram elementos jônicos e coríntios.

COMUA — O mesmo que LATRINA, PRIVADA, SENTINA, CASINHA ou SECRETA.

COMUTADOR — Peça que tem por função mudar a direção da corrente elétrica. Na linguagem comum é sinônimo de INTERRUPTOR DE LUZ.

CONCAMERAÇÃO — Abóbada, arco ou mesmo arcada. Do latim "concameratio". genèricamente designa qualquer parte arqueada ou côncava de uma edificação.

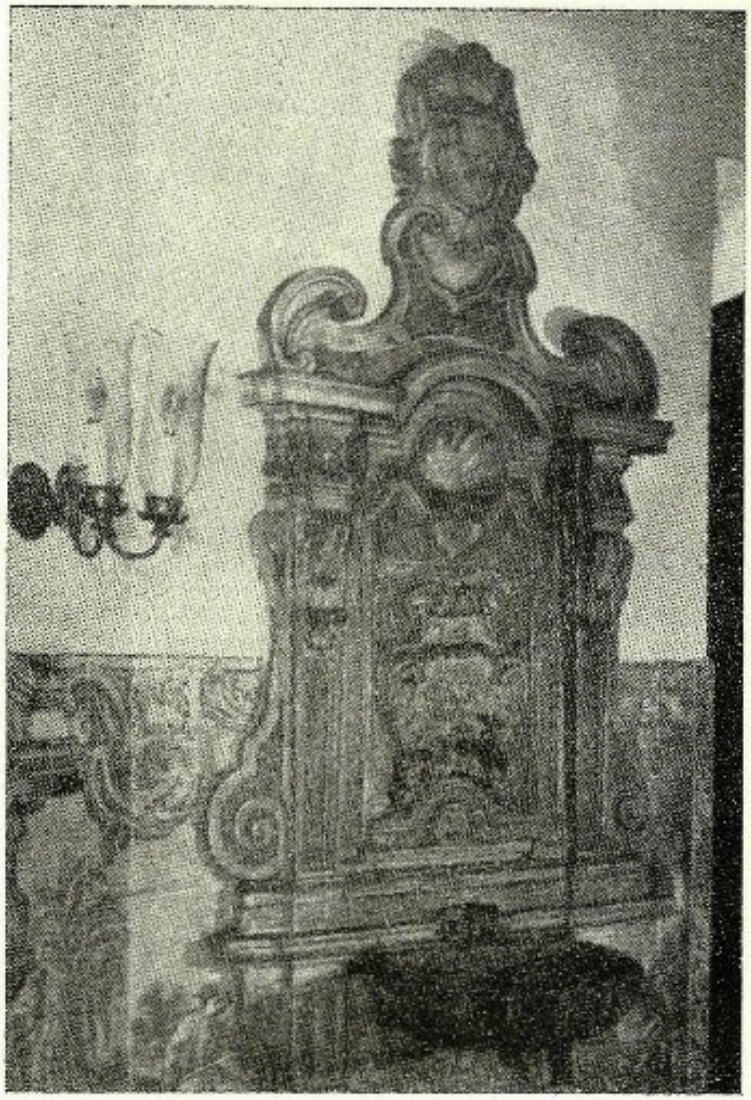
CONCASSOR — Aparelho de britar pedras.

CONCAVAR — Tornar côncavo.

CONCAVIDADE — Forma ou disposição do que é côncavo. Cavidade, depressão de terreno.

CÔNCAVO — Que tem superfície ao mesmo tempo cavada e esférica. Cavado, escavado. Concavidade. Cavidade.

CONCHA — O invólucro calcáreo de certos animais aquáticos, a concha, dadas certas similitudes formais, deu seu nome a alguns elementos de composição arquitônica, tanto estruturais como ornamentais. Assim, dá-se o nome de concha à abóbada formada por um quarto de esfera ou às paredes côncavas usadas para dirigir os sons refletidos: a CONCHA ACÚSTICA. Na decoração arquitetônica, principalmente a barroca, a concha aparece com frequência simbolizando a água dos mananciais e daí o seu emprêgo nos chafarizes e lavatórios. O mesmo que a BACIA das sacadas.



Concha — Igreja N. S. da Glória do Outeiro, Rio de Janeiro.

CONCHADO — Em forma de concha.

CONCHEIRA — Ver SAMBAQUI.

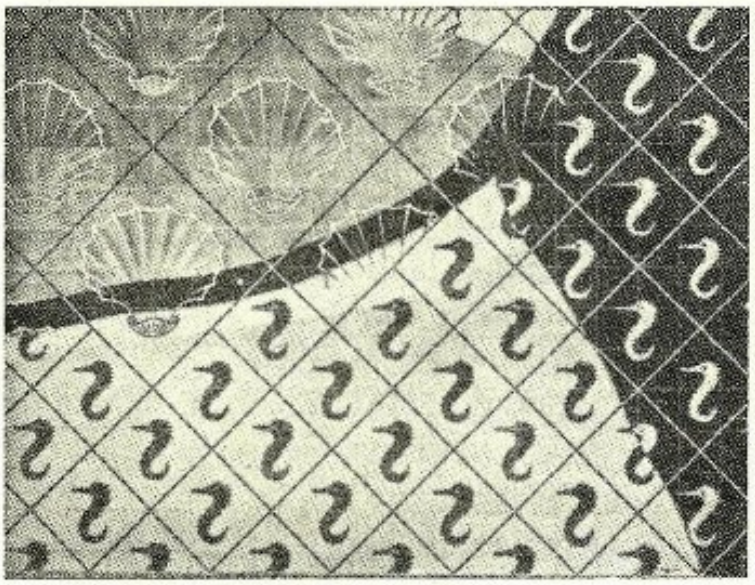
CONCHER — Ornar ou revestir de conchas

CONCÓIDE — O mesmo que assíntota, isto é, linha curva que se aproxima sempre de uma linha reta, sem jamais tocá-la. Ábaco de desenho para traçar aquela linha, muito usado antigamente na representação gráfica de colunas. Também existe o têrmo conchóide.

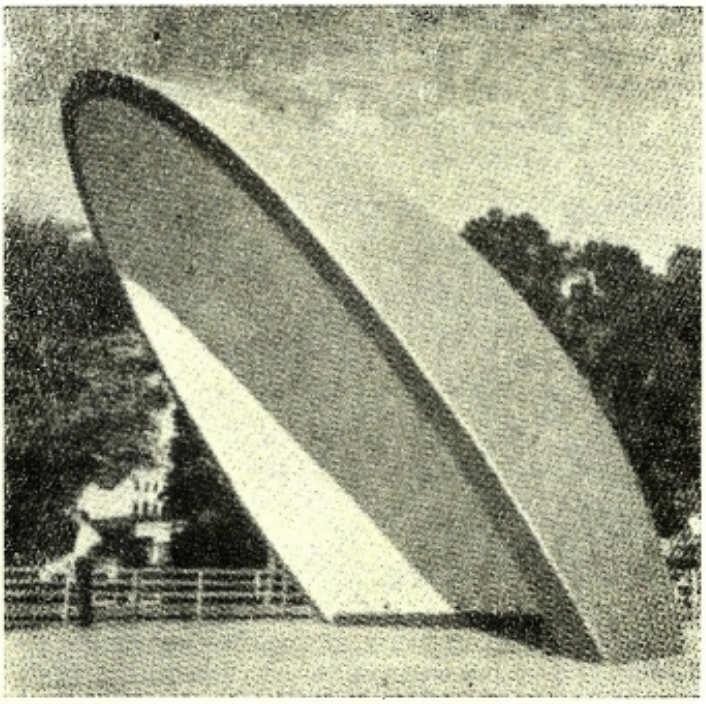
CONCRETAGEM — Fazer uso do concreto nas construções.

CONCRETAR — Empregar o concreto na construção ou confeccionar o concreto armado.

CONCRETO — Material de construção litóide artificial, composto de água, cimento, areia e pedra britada ou pedregulho natu-



Conchas em painel de Portinari no MEC — Rio.



Concha Acústica — Jardim da Infância Vitória, Espírito Santo.

ral, também chamado "concreto simples" para diferenciação do concreto-armado.

CONCRETO-ARMADO — Material misto litóide-metálico que se origina do processo construtivo baseado na associação do concreto com ferro. Sua realização depende de fôrmas de madeira, no interior das quais é colocado o ferro redondo, de várias espessuras, classificado em polegadas e suas frações, com disposição prèviamente estudada e, depois, o concreto que em período de tempo determinado estabelecerá a união do conjunto. Desde a primeira metade do século XIX foram conhecidos sistemas vários de refôrço do concreto à base do cimento que foi nessa época inventado, e na própria Inglaterra surge em 1830, a proposição de J. C. London em sua "Enciclopédia da Arquitetura de Casas de Campo, Granjas e Aldeias" de que se empregasse um enredado de tirinhas de ferro metido no concreto. Depois de inúmeros processos terem sido pesquisados e empregados na Inglaterra e na França, Joseph Monier, na Exposição de Paris de 1867, expõe seus vasos ou jardineiras de concreto reforçado com malha feita de varinhas de ferro. Mais tarde, a partir de 1870, muitos inventos foram realizados e entre êles os que obtiveram base matemática, até que em 1892 François Hennebique estabelece um sistema completo para armar o concreto, invenção esta que atinge em nossos dias um progresso digno de atenção no qual se apóia em grande parte a evolução da arquitetura contemporânea.

CONDITÓRIO — Do latim "Conditoriu" quer dizer ARMAZÉM, depósito, caixão, urna, sepulcro ou túmulo.

CONDUITE — Estrangeirismo, vulgarmente empregado com relação ao CONDUTO.

CONDURU — Madeira. Ver GUNDURU.

CONDUTO — Tubo metálico rígido de uso nas instalações elétricas para as passagens dos fios condutores da energia elétrica. É temperado especialmente para permitir curvas com facilidade. Sua superfície interna é preparada para não estragar os fios e seu acabamento é contra a corrosão e, normalmente galvanizado ou à base de esmalte prêto. Ainda existe o tipo flexível de pouco uso, em espiral, galvanizado para fins especiais.

CONDUTOR — Elemento da construção que recolhe as águas da chuva nos telhados. Condutores chamam-se, de modo geral, as CALHAS e os RINCÕES que coletam as águas e os "canos de queda" que as encaminham ao solo, sendo o têrmo mais empregado neste último sentido.

CONFÔRTO — Uma das condições do bem estar material que em arquitetura se traduz em têrmos de comodidade dentro da habitação. Para tanto, o arquiteto prevê em seu trabalho, no ato de compor, para cada função, a melhor disposição, no conjunto, a forma mais justa e as dimensões mais adequadas em relação à escala humana, bem como, no ato de construir, para necessidade orgânica, os maiores aperfeiçoamentos da vida moderna, criados pela técnica.

GONGÁ — Têrmo da gíria que se refere a ALTAR.

CONGLOMERADO — Cascalho de forma arredondada consolidado por cimento ou qualquer aglutinação de materiais grosseiros ligados da mesma forma.

CONSERVATÓRIO — Estabelecimento público destinado a ensinar as belas artes, principalmente a música. Local onde se recolhiam as crianças pobres ou órfãs.

CONSOLE — Têrmo francês às vêzes empregado no lugar do CONSOLO.

CONSOLO — Elemento em balanço na parede para servir de apoio à estátuas, vasos ou mesmo balcões ou sacadas. O mesmo que PEANHA e MODILHÃO. Móvel de sala para colocar objetos de adôrno, sempre encostados na parede. Também aparecem duas variantes: francesa "console" e a portuguêsa "consola", esta de rara aplicação no Brasil.

CONSTRUÇÃO — Ação de construir. Maneira de erigir um edifício. Construção, também é empregado para designar qualquer realização arquitetônica.

CONSTRUIR — Edificar, arquitetar, dispor da forma mais correta os fundamentos e as partes de um edifício, de uma casa, etc.

CONSTRUTIVIDADE — Qualidade daquilo que possui condições para ser construído.

CONSTRUTIVO — Próprio para construir.

CONSTRUTOR — Aquêle que constrói e que conhece as regras da construção. Que tem capacidade e é habilitado.

CONSTRUTURA — Modo ou maneira de construir. Antigamente o têrmo era empregado para designar a forma, a estrutura, a composição ou a traça de um edifício.

CONTAS — Ornato composto de pequenas esferas ou "pérolas" justapostas, com muita aplicação em certas cimalhas e frisos.

CONTEÚDO — Em arquitetura é a condição ou objetivo que dá origem e é responsável pelo surgimento de um programa de necessidades que, ligado à forma indissolùvelmente e com relações mútuas, traz à realização arquitetônica todo o seu valor humano e artístico, sem o qual ela não subsiste.

CONTRA-ÁBSIDE — Pano de parede que une duas ábsides.

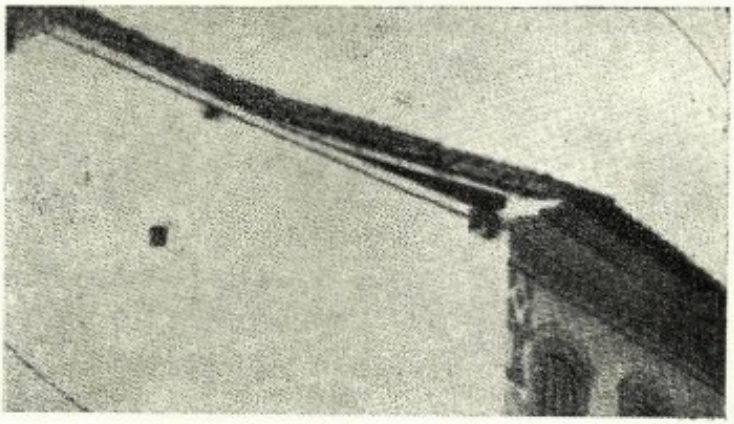
CONTRA-ARCADA — Conjunto de enxilhares, de uma arcada fingida.

CONTRA-ARCADURA — Arcada ou festão recortado em sentido oposto.

CONTRA-ARCO-PENDURAL — Recorte ao longo de um arco, pela parte inferior.

CONTRABOTANTE — O mesmo que ARCO BOTANTE.

CONTRACAIBRO — Nome que se dá ao CONTRAFEITO constituído de um longo caibro que une a metade da empena da tesoura com a metade do cachorro.



Na fotografia dêste sobrado de Parati, Estado do Rio, nota-se um contracaibro amaciando a queda do telhado.

CONTRACAIXILHO — Caixilho guarnecido de vidro, tela ou papel, colocado na frente de outro caixilho cego.

CONTRACANAL — Parte cheia que subdivide uma acanaladura, ou estrias, em dois segmentos.

CONTRACLAVE — O mesmo que CONTRAFECHO.

CONTRACUNHAR — Cunhar outra vez ou colocar uma segunda cunha.

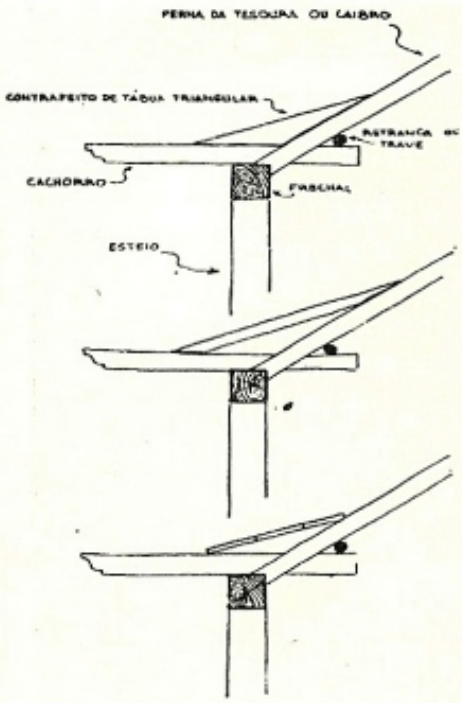
CONTRACURVA — Curva que termina um arco, tomando direção oposta a êle.

CONTRA-EMPENA — Refôrço colocado pela parte inferior do empena de uma tesoura. Ver CONTRAFIXA.

CONTRA-ESCARPA — Nos fossos que circundavam as fortificações, dava-se o nome de contraescarpa ao talude que olhava para a praça.

CONTRAFACE — Nome que os habitantes do vale do Paraíba dão ao lado da habitação que não recebe sol. A face sul, também dita "noruega". Ver BATEDEIRA.

CONTRAFECHO — Nome de cada uma das pedras que ladeiam o FECHO de um ARCO.



Na ilustração as três modalidades de contrafeito.

CONTRAFEITO — Nos telhados de grandes beirais, com cachorros horizontais, dá-se o nome de contrafeito aos elementos de madeira que suavisam o ângulo formado pelas pernas das tesouras ao cruzarem-se com os mencionados cachorros. O uso do contrafeito faz surgir, então, três planos distintos: o do telhado pròpriamente dito, paralelo às empenas das tesouras, o formado pelo contrafeito, ou plano de concordância e, finalmente, o plano horizontal das beiradas. Êsse plano de concordância, depois de revestido de telhas, dá um aspecto elegante à cobertura apresentando uma suave curva que termina nas telhas da beira. A essa curva dá-se o nome de GALBO do contrafeito. O contrafeito pode ser constituído por uma tábua triangular, por um pequeno caibro ou por uma tábua deitada ao longo do cruzamento dos caibros ou empenas com os cachorros. Às vêzes, em vez de uma tábua, são várias tábuas justapostas. O nome contrafeito designa, também, outros pormenores arquitetônicos. Assim, dá-se o nome de contrafeito às tábuas inclinadas colocadas atrás dos entablamentos dos edifícios, com o fito de facilitar o escoamento das águas pluviais. Seria um RUFO rudimentar de madeira. Nome genérico de qualquer moldura de madeira executada fora do lugar onde deverá permanecer. Moldura pregada e removível. Antigamente também dava-se o nome de contrafeito à capa de madeira (tábuas justapostas) que amparava tijolos com junta sêca necessários à confecção dos arcos, à moda das cambotas. Outras vêzes, nos arcos pequenos, chamava-se contrafeito o conjunto de COXINS das cambotas.

CONTRAFILEIRA — Peça de madeira que escora obliquamente o madeiramento do telhado. Ver CONTRAFIXA.

CONTRAFIXA — O mesmo que escora. Geralmente a palavra é mais aplicada para designar as escoras que têm como função sustentar peças abauladas do madeirame dos telhados. Em geral são inclinadas e fortemente encoradas nos topos de paredes ou tensores. O mesmo que CONTRAFILEIRA.

CONTRAFORTE — Obra maciça de alvenaria que reforça paredes ou muros sujeitos a empuxos laterais. Também, recebe o nome de BOTARÉU quando equivale ao ARCO-BOTANTE, e o de GIGANTE, em sentido geral, tanto em Portugal como no Brasil.

CONTRAFRECHAL — Peça de madeira paralela ao FRECHAL. Quando isto acontece, diz-se que o frechal é duplo.

CONTRALEITO — Nas obras de alvenaria, dá-se o nome de contraleito à face oposta ao LEITO de cada uma das pedras da parede.

CONTRAMURALHA — Ver CONTRAMURO.

CONTRAMURO — Muro construído face a face a outro já existente, com o fito de reforçá-lo.

CONTRANÍVEL — Nas ASNAS de pernas muito altas usam-se peças horizontais intermediárias que evitam a flexão e deformações daqueles elementos estruturais. Quando existe uma só daquelas peças horizontais, ela chama-se NÍVEL. Quando existem duas, a segunda, sempre a mais próxima do vértice, chama-se CONTRANÍVEL.

CONTRAPADIEIRA — O mesmo que ARCHETE.

CONTRAPÉ — Diz-se da peça que serve de apoio, esteio.

CONTRAPILASTRA — Numa galeria, pilastra colocada em frente de outra.

CONTRAPINO — Pequena cavilha de duas pernas, que se atravessa na ponta de parafu-

sos ou chavêtas, para evitar que saiam do lugar.

CONTRAPLACADO — Chapas compostas de madeira de largo emprêgo na construção, na marcenaria e na carpintaria. É o resultado da sobreposição de fôlhas delgadas de madeira, com as fibras cruzadas, variando de um a seis milímetros, podendo comumente, atingir maiores espessuras e composto de cinco, sete ou nove fôlhas ligadas à base de cola especial e submetidas a forte pressão hidráulica. Constitue um material possuidor de tôdas as vantagens da madeira, como a elasticidade, a leveza, etc. apresentando maior resistência, homogeneidade e indeformabilidade, podendo atingir grandes dimensões.

CONTRAPROJETO — Projeto em substituição a outro ou projeto contrário a outro.

CONTRA-RETÁBULO — Parede semi-decorada, à qual encosta-se o retábulo do altar.

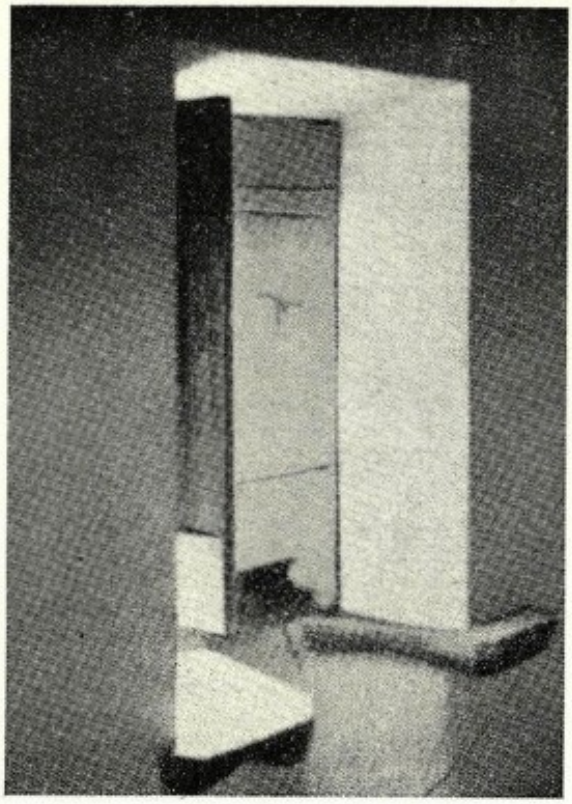
CONTRASTE — Oposição recíproca das partes que compõe uma criação arquitetônica e que consiste: 1) na posição diversa de elementos no conjunto e de cada um entre si; 2) nas massas e nas superfícies onde sobressaem o cheio e o vazio, o claro e o escuro e a variedade do colorido ou da textura; e 3) na diversidade de sentimentos que se originam da apreciação da obra, por um ou mais observadores.

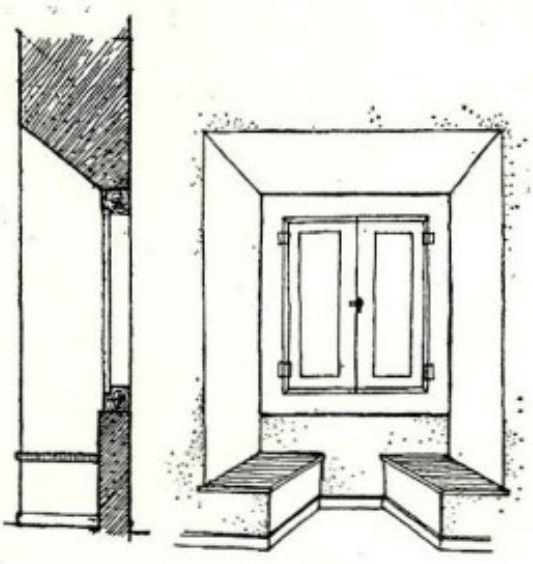
CONTRATERRAÇO — Terraço levantado ao lado de outro terraço.

CONTRAVENTAMENTO — Estrutura auxiliar organizada para resistir a solicitações extemporâneas que podem surgir nos edifícios. Sua principal função é resistir à fôrça dos ventos. Travadeira que se opõe às deformações. Diz-se: contraventar, ou consolidar com contraventamentos.

CONVENTO — Edifício que serve de residência a religiosos de qualquer comunidade. Em sentido figurado, empregado como casa muito grande.

CONVERSADEIRA — Nas chamadas "janelas de assento" dá-se o nome de conversadeira a cada uma das saliências situadas logo abaixo do peitoril, nos flancos dos rasgos da parede. As conversadeiras podem ser de madeira e construídas no local ou podem ser da própria alvenaria da parede.



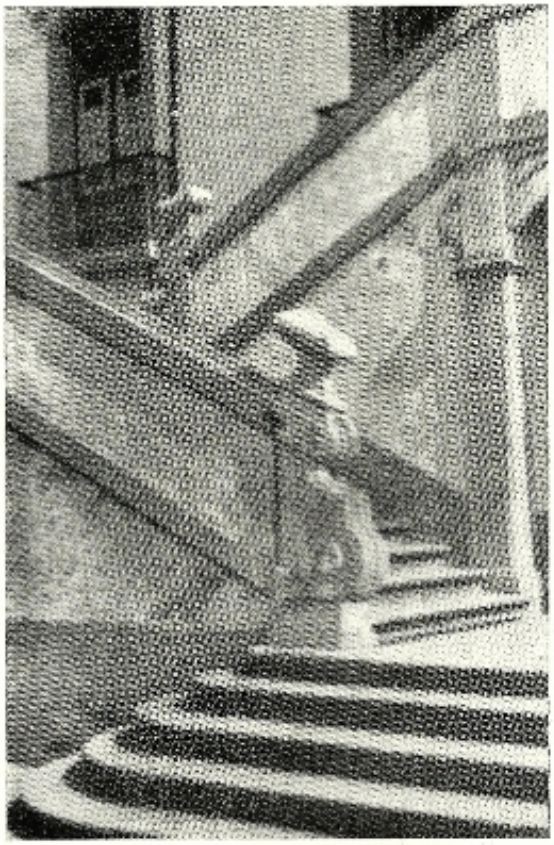


Acima, janela de assento de uma das celas do Convento de N. S. da Conceição do Itanhaém. As conversadeiras são de pedra. Abaixo, corte e perspectiva de uma janela de assento comum. As conversadeiras são de alvenaria com os assentos revestidos de madeira.

CONVEXIDADE — Qualidade de ser convexo. Curvatura exterior de uma linha ou superfixe convexa. Abaulamento.

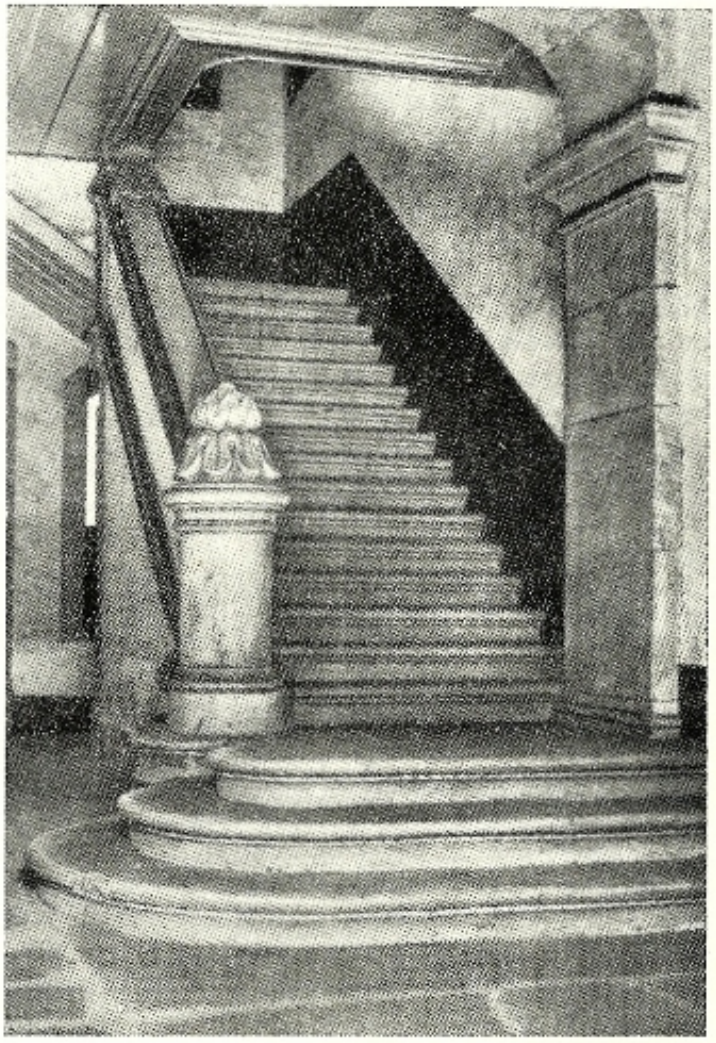
CONVEXO — Curvo ou arredondado para a parte externa. Bojudo.

CONVITE — Têrmo empregado para designar o degrau ou os degraus que precedem a escada pròpriamente dita e que, mais largos do que ela, podem até mesmo abranger a largura total do vestíbulo, exercendo precisamente a função de "convidar" para o acesso.



Convites, ou degraus iniciais, de duas escadas mineiras. A primeira é a da Câmara e Cadeia de Mariana; a outra é a do vestíbulo da Casa dos Contos de Ouro Prêto.

COPA — Antigamente, local onde eram lavadas e polidas as baixelas de prata das casas senhoriais. No nosso liguajar do século XIX o têrmo designava o recinto onde eram guardados os gêneros alimentícios de consumo imediato, como doces, bolos, pães e bebidas e a louça de uso diário. Daí também darem o nome de copa aos armários embutidos, situados tanto na sala como na cozinha, que serviam para resguardar aquêles gêneros. No norte de Minas e zona de Diamantina, principalmente, ainda perdura essa denominação de armários. Hoje em dia entende-se por copa o local que separa a cozinha da sala de jantar acumulando algumas funções da antiga copa com outras outrora pertencentes à cozinha pròpriamente dita, como por exemplo, a lavagem de louças, o preparo de refeições rápidas e frias. Há, também, o costume de se dar o nome de copa à saleta de almôço. O mesmo que abóbada dos fornos.



COPADA — Nome que se dá às saliências arredondadas das bases de certas colunas.

COPAÍBA — Madeira de primeira qualidade para obras civis ou marcenaria. Dela também extrai-se óleo famoso com emprêgo generalizado, principalmente na medicina. Pêso específio médio igual a 1,078. Copahyfera langsdorffii, Desf. Família das Leguminosas cesalpináceas. Também conhecida por COPAÍBA VERMELHA, BÁLSAMO, COPAIBEIRA DE MINAS, CUPAÚBA, CUPIÚVA, ÓLEO DE COPAÍBA, PAU DE ÓLEO, e COPAÚVA.

COPAÍBA DO PARÁ — Madeira. Copahyfera guianensis, Desf. Família das Leguminosas cesalpináceas.

COPAÍBA JUTAÍ — Madeira. Ver COPAIBARANA.

COPAÍBA-MARIMARI — Madeira do Norte do Brasil, boa para marcenaria, de côr parda rosada, com pêso específico igual a 0,70. Copahyfera reticulata, Ducke. Família das Leguminosas cesalpináceas.

COPAÍBA VERMELHA — Madeira. Ver COPAÍBA.

COPAÍBARANA — Madeira boa para obras em geral, construções civis e navais, imputrecível e de pêso específico igual a 0,98. Madeira resinosa vermelha escura. Copahyfera martii, Hayne. Família das Leguminosas cesalpináceas. Também conhecida por COPAÍBA JUTAÍ, JUTAÍ POROROCA, e ÓLEO VERMELHO.

COPAIBEIRA — Madeira de construção, de características semelhantes à COPAÍBA. Copahyfera trapezifolia, Hayne. Família das Leguminosas cesalpináceas. Também conhecida por COPAÚVA.

COPAIBEIRA DE MINAS — Madeira. Ver COPAÍBA.

COPAL — Nome genérico das resinas ou gomas extraídas de certas árvores tropicais, principalmente leguminosas-cesalpináceas. Foi muito conhecido o copal de Ceilão, do qual era obtido famoso verniz com largo emprêgo na marcenaria. Ver COPALINA.

COPALINA — Essência da goma COPAL. Em estado sólido, é amorfa, e de brilho ceroso. É amarela, fusível, produzindo cheiro agradável. Entre nós é fabricada em Minas Gerais e também recebe o nome de COPAL BRASILEIRO. Ver COPAL.

COPAÚVA — Madeira. Ver COPAÍBA e COPAIBEIRA.

COPÉ — Choupana, palhoça. Pequena cabana de palha. Habitação dos índios guaranis.

COPEIRO — Diz-se do engenho de açúcar em que a roda é movida por água que, ao cair, enche os cubos superiores. Quando a água cai de pouca altura, abaixo do tôpo o adjetivo empregado é COVILHETE.

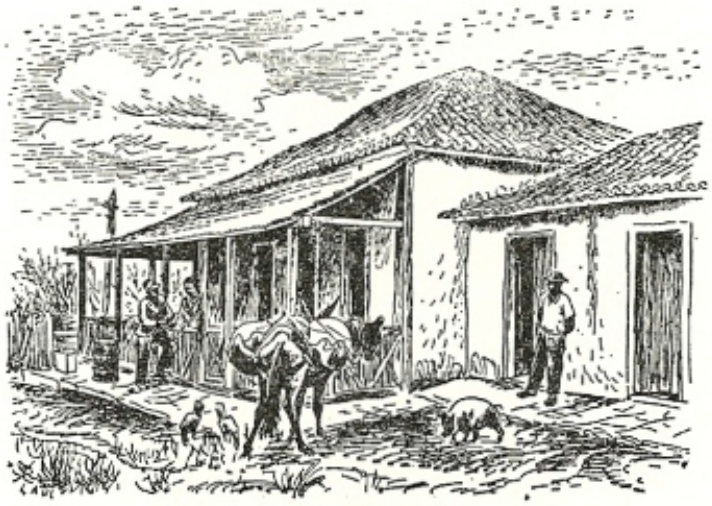
CÓPIA — O mesmo que reprodução. Durante a construção de uma obra, e mesmo depois dela terminada, há necessidade de se reproduzir, em várias vias, os desenhos originais do arquiteto. Modernamente existem métodos de reprodução que fornecem cópias baratas, fixadas em papéis sensíveis à luz que, no início da técnica, era a solar. Essa a razão de até hoje chamarem-se aquela cópias, "heliográficas'. Nos tempos antigos, os denominados "riscos" arquitetônicos eram feitos em cartões ou papéis opacos. Dado o trabalho que exigiam, eram raras as cópias. De muitas obras arquitetônicas importantes existiram sòmente os desenhos originais. A respeito da falta de cópias do projeto original, conta-se interessante história sôbre a Matriz de Iguape. Dizem que havia sòmente um "risco" na obra que, aliás, se prolongou por mais de meio século. Trabalhavam na construção dois mestres que, um dia, se desentenderam por razões de serviço. Um dêles ficou de posse dos desenhos e não os mostrava a ninguém. A cada um dos construtores coube um campanário para levantar. O que possuía os desenhos não teve dificuldades e o outro, enquanto improvisava pormenores técnicos, repetia, de longe, o que o companheiro construía. Assim o povo explica o fato de uma das tôrres ser mais estreita que a outra.

COPIÁ — Em gíria derivado de COPIÁRA, é a parte aberta do barraco.

COPIAR — Telhado de pavilhão. Ver Telhado. O mesmo que COPIÁRA.

COPIÁRA — Têrmo de origem tupí, cuja primitiva acepção hoje em dia nos é obscura e que atualmente significa a parte dianteira provida de alpendre nas pequenas casas rurais do Nordeste, principalmente. Dai a sinonímia contemporânea: copiára, o mesmo que alpendre. Existem, também, as formas COPIAR e COPIÁ. Ver ALPENDRE. No século passado, afirma o Visconde de de Beaurepaire-Rohan, dava-se, no Rio de Janeiro, o nome de copiar à tradicional TACANIÇA portuguêsa. A afirmativa daquele autor é corroborada por Paulo T. Barreto que registrou, no Estado do Rio, a palavra copiar significando a tacaniça dos telhados de quatro águas. Aquêle arquiteto também achou, em velhos papéis mineiros, referências antigas à mesma acepção. Copiar, na Paraíba do Norte, também é SALA. Ver nota 19. do trabalho de Paulo Thedim Barreto "Casas de Câmara e Cadeia" Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 11.

CÔR — Impressão visual, provocada normalmente pela luz e recebida pelo ôlho. Ùnicamente atuam as radiações visuais para produ-



Desenho de Percy Lau mostrando casa sertaneja do Vale do São Francisco provida de copiára.

zir a côr, que varia segundo a longitude de onda, pelo fato de impressionar com diferente intensidade os três elementos sensíveis do ôlho. Em geral, a sensação de côr não corresponde a radiações de uma longitude de onda uniforme, mas a uma mistura de zonas de longitude de onda, mais ou menos ampla. Dessa forma, essa sensação pode chegar ao ôlho como luz colorida de côr própria — por reflexão ou refração nos corpos. Sob o aspecto da técnica, é tôda substância empregada para dar côr aos objetos. Na prática profissional recebem o nome particular de "côr" as substâncias corantes obtidas quase sempre diretamente da natureza, sob as formas mineral, vegetal ou animal, que se aplicam diretamente sôbre os objetos. Na arquitetura o problema da côr se traduz na necessidade de sua existência na complementação do objeto arquitetônico sob dois aspectos fundamentais: o plástico e o psicológico.

CORAÇÃO — Segundo Laudelino Freire, o mesmo que SALA ou VARANDA.

CORAÇÃO DE NEGRO — Madeira de enorme resistência e de duração quase que eterna, quando molhada em água doce. Muito usada em peças de resistência ou de responsabilidade. Também conhecida por PAU FERRO, PAU JANTAR, CATINGA DE PORCO, ou JACARANDA' DO MATO GROSSO. Pêso específico aparente (15% umidade) igual a 1,00. Maytenus gonocladus, M.; Apulleia ferea, Mart. Família das Celastráceas. Dá-se, também, o nome de coração de negro à arvore da família das Leguminosas mimosáceas conhecida por ÉBANO ORIENTAL (Albizzia lebbeck, Benth.) e à madeira MUIRAPIXUNA, Swarzia grandifolia, Benth, da família das Leguminosas cesalpináceas.

CORADOURO — Nos quintais, ou pátios de serviço, local onde se faz a cora da roupa lavada. Estendedouro. Erradamente existe a grafia "quarador", largamente empregada em São Paulo.

CORANA — Madeira. Ver GOERANA.

CORCAR — O mesmo que EMPENAR, isto é torcer-se a madeira devido à ação do calor ou da umidade.

CORCHO — Tábua empregada, nas obras, para o transporte de material, principalmente argamassa.

CORDA — Em arquitetura é o têrmo empregado para designar a parte sustentante que serve de base para uma porção de círculo: corda do arco. Também, o pequeno ornato em forma de corda empregado na arquitetura do século XV, muito reproduzida na Renascença e típica do estilo manuelino.

CORDÃO — Pequena moldura redonda ou curva numa das arestas, pouco saliente, uniforme ou em forma de cordel, de fita ou de série de pérolas, usada para arremates. Hoje, comumente é aquela empregada na junção do rodapé com os pisos de madeira, nos forros de madeira, nas esquadrias, etc.

CORDEAR — O mesmo que alinhar ou pôr no alinhamento. Dizia-se cordear uma casa, isto é, demarcar a posição da fachada em relação às demais fachadas dos prédios limítrofes. O mesmo que medir com uma corda.

CORÉ — Árvore que dá boa madeira para construções.

Moderno coreto projetado pelo arquiteto Wit-Olaf Prochnik no Rio de Janeiro.

CORETO — Espécie de côro, construído ao ar livre, para concertos musicais. Ver CÔRO.

CORINGA — Nome que se dava às habitações rústicas dos negros africanos.

CORÍNTIA — Nome da terceira e mais rica das ordens gregas de Arquitetura.

CORIXA — Em Mato Grosso e Goiás, nome que se dá ao canal por onde se escoam as águas das lagoas, brejos ou campos baixos para os rios vizinhos. Também Corixe e Corixo.

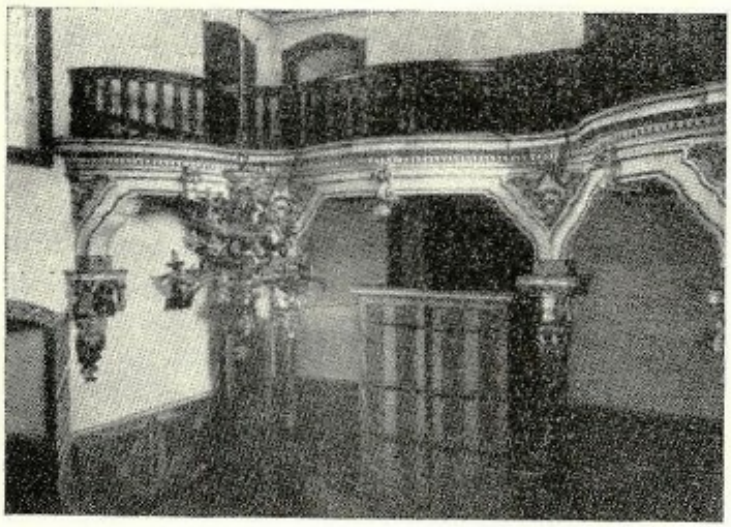
CORNA — Nas fortificações, tipo de BASTIÃO.

CORNEIBA — O mesmo que AROEIRA.

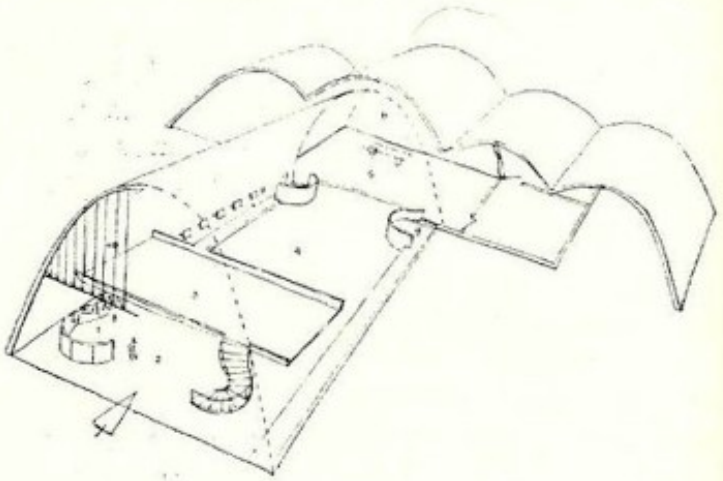
CORNIJA — É a terceira e mais elevada parte do entablamento clássico, dividindo-se em três partes: cimácio, lacrimal e sófito. De maneira geral, dá-se o nome de cornija a todo conjunto de molduras salientes que servem de arremate superior às obras de arquitetura. Sua função principal é a de desviar as águas pluviais que descem pelo telhado, quando situada na extremidade alta das paredes. Nesta acepção é sinônima de CIMALHA. Nas posturas municipais de Recife, de 1839-1840, vemos que a Câmara deveria fornecer um molde de perfil das "cornijas" a serem executadas em casos a reforma ou a construir, visando-se, com isso, maior regularidade nos frontispícios.

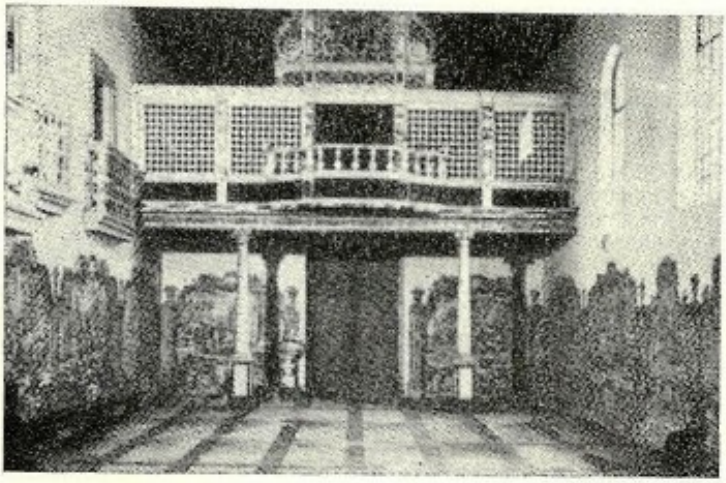
CORNIJAL — Ângulo ou esquina de um edifício. CUNHAL.

CÔRO — Local da igreja onde se juntam os padres para rezar ou cantar durante os ofícios divinos. Geralmente o côro é colocado em piso sobreelevado, acima da porta de acesso e no começo da nave. Outras vêzes, está situado no fundo da capela-mor, segundo a tradição

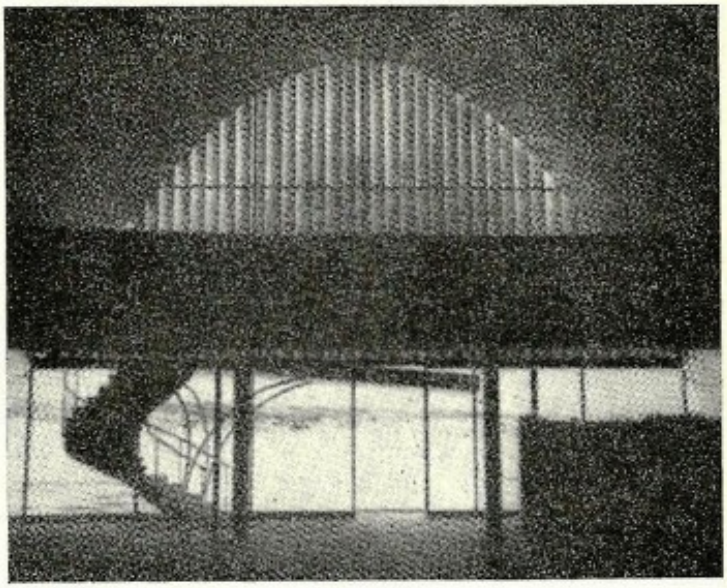


Coros — Igreja da Ordem Terceira do Carmo, Sabará.





Igreja do Convento de Santo Antônio, Igaraçu.



Igreja de S. Francisco de Pampulha. O. Niemeyer.

romana. Disse Mário de Andrade, que na zona de São Roque, Est. de S. Paulo, usa-se a forma CORETO para designar o tradicional côro das igrejas. Local, nas igrejas, de onde assistem aos ofícios divinos as religiosas sem serem vistas pelo público que permanece nas naves.

COROAMENTO — Remate, ornato ou elemento construtivo ou ainda decorativo que coroa um edifício.

COROAR — Encimar, rematar. Colocar ou prever o coroamento de um edifício.

COROBOCA — Lugar deserto, afastado. Habitação distante. De uso principalmente em São Paulo e Minas Gerais.

COROLÍTICA — Nome que se dá à coluna ornada de fôlhas e flôres em espiral ao redor do fuste.

CORÓNIDE — O mesmo que CORNIJA, remate.

CORPO — De uma construção, parte situada entre duas paredes paralelas. O mesmo que LANÇO.

CORPO OPACO — Corpo que pràticamente não transmite luz.

CORPO TRANSLÚCIDO — Corpo que transmite a luz predominantemente por transmissão difusa, através do qual os objetos não são vistos com nítidez.

CORPO TRANSPARENTE — Corpo que transmite a luz prodominantemente por transmissão regular, através do qual os objetos são vistos com nitidez.

CORPORAL — Parte da igreja situada entre o arco principal comumente chamado ARCO CRUZEIRO, e a porta da frente, compreendendo a nave côro, batistério etc.

CORREDIÇA — Nome de cada uma das concavidades ou canais por onde deslisam as esquadrias de correr. Nos marcos, podem ser horizontais ou verticais, segundo o sentido do movimento daquelas peças móveis.

CORREDOR — Nome que se dá normalmente aos recintos cuja função exclusiva é a de facilitar a circulação horizontal dos edifícios. É o elemento de ligação entre vários cômodos independentes entre si, que pode assumir aspectos formais variados. Hoje em dia, chama-se corredor a passagem interna situada entre duas carreiras de compartimentos. A acepção antiga da palavra, porém, designava por corredor tôda dependência que servisse de ligação entre dois ou mais cômodos. Assim, as varandas alpendradas situadas na frente das construções eram chamadas de corredor, tanto na língua portuguêsa como no catelhano. Vemos os alpendres corridos ligando residências geminadas dos índios das missões paraguaias receberem, nos antigos relatos o nome de corredor. Vemos nos velhos inventários paulistas, dos séculos XVI, XVII e XVIII, descrições das moradias do planalto providas, quase tôdas, de "corredores alpendrados" com camarinhas ao longo. Ver ALPENDRE. Existe a forma lusitana CORREDORA. No interior de São Paulo, emprega-se também, a variante DECORRER.

CORREDORA — Grade pesada de madeira ou ferro que corria verticalmente entre dois frisos para aumentar o obstáculo na entrada de uma fortificação.

CÓRREGO — Caminho estreito entre montes ou muros.

CORREIO — Edifício onde se instala a repartição pública encarregada de receber e expedir a correspondência.

CORRENTEZA — Sucessão de cômodos. O mesmo que LANÇO. Fileira de moradias, de janelas ou de portas. Conjunto de edifícios em linha.

CORRIDO — Espécie de cascalho. Têrmo de pouca aplicação mas próprio do Brasil.

CORRIMAÇA — Mão de tinta nas paredes.

CORRIMÃO — Peça colocada ao longo de uma escada, em determinada altura, em um ou nos dois lados, com a finalidade de servir de apoio à mão, de quem sobe ou desce. Ordinàriamente tem a altura que varia entre 0,80 e 0,90m e é executado em madeira, metal, vidro, plástico, etc.

CORRO — Têrmo antigo que se referia ao circo, à arena ou mesmo à uma assembléia. O mesmo que CURRO.

CORRUME — Entalhe que se faz numa peça para que nêle possa correr outra embebida ou encaixada.

CORRUTELA — Aldeiamento provisório de garimpeiros. Têrmo ainda usado em Minas para designar pequena povoação.

CORTA-CHEFE — O mesmo que CORTE-CHÉ.

CORTA-FOGO — O mesmo que GUARDA-FOGO.

CORTA-MÃO — O mesmo que ESQUADRO. Têrmo em desuso que era aplicado ao instrumento de metal ou madeira formado de dois braços em ângulo reto.

CORTE — Desenho arquitetônico que representa a secção feita no edifício, na construção, em determinada situação para mostrar as alturas e os pés direitos que devem ser obedecidos, bem como outros detalhes de interêsse construtivo, como a cobertura, a escada, etc. Também, designa cada uma das faces da aduela de um arco de edifício.

CÔRTE — Residência de um monarca. No plural designa o parlamento e mais especìficamente ao edifício onde êle funciona. Em Portugal também as Câmaras.

CORTECHÉ — Cepo usado pelos marceneiros ou carpinteiros no aperfeiçoamento de peças curvas.

CORTELHO — Curral. Pocilga. O mesmo que CORVEIRO.

CORTIÇA — Tecido vegetal da casca de certas árvores principalmente o "sobreiro", composto de cavidades que contêm matérias adstringentes, resinosas ou graxas que o fazem hermético e impermeável. Tem pêso específico igual a 0,204, não apodrece e é quase impenetrável aos gases e à água, elástico, flexível e mau condutor. Tem larga aplicação na indústria em geral e na construção é empregado na pavimentação, na impermeabilização e no isolamento acústico sob as mais variadas formas.

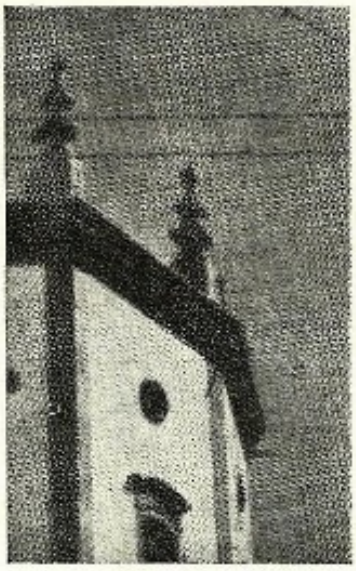
CORTIÇO — Pátio agrupando várias moradias. Casa que serve de habitação coletiva, para os pobres. O mesmo que CABEÇA DE PORCO.

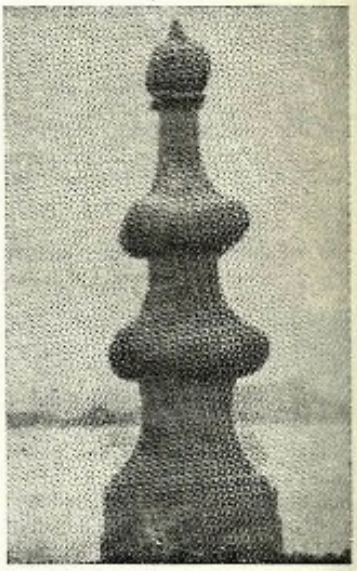
CORTINA — Lanço de muralha, nas fortificações, situado entre dois baluartes. Por analogia, também se dá o nome de cortina à fachada de um edifício compreendida entre dois pavilhões avançados. Nome que se dá ao muro baixo que tem por fim proteger uma passagem ao longo de um precipício ou rio de margens altas. Com êsse significado, vemos em antigo documento referente à ponte de Antonio Dias, em Ouro Prêto, a palavra aparecer em várias ocasiões: ... "fazer uma cortina defronte das cazas de An.º Ferr.ª cazado com Joana Corr.ª cuja cortina hade ter de altura coatro palmos de pedra de lages feita com toda a fortidão quc pede a parage"... Nome que se dá às portas de aço de enrolar ou de correr principalmente àquelas destinadas a isolar o fogo, na hora dos incêndios. Nos dias de hoje há o costume de dar o nome de cortina às paredes cegas, geralmente de concreto armado, que se repetem na mesma prumada nos edifícios de vários pavimentos.

CORTINHAL — Terreno, atrás da habitação, cercado por valos ou muros de fecho, ou então por sebes. Quando o terreno está longe das moradias ou da povoação, recebe o nome de CORINHEIRO.

CORTINHEIRO — Ver CORTINHAL.

CORUCHÉU — Arremate cônico de certos telhados, às vêzes provido de vidraças, fazendo, assim o papel de CLARABÓIA. A parte superior das tôrres. Flexa ou pirâmide aguda no ponto mais alto dos edifícios.





Exemplo de coruchéu arrematando cunhais, à semelhança de grimpas ou pináculos. Fotografias da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, Rio de Janeiro.

CORUJEIRA — Povoação insignificante em lugar penhascoso.

CORUMBÁ — Lugar esquecido, desprezado ou distante. Tem maior uso no plural.

CORUXÉU — Forma esporádica de CORUCHÉU.

CORVEIRO — Lusitanismo que designa o curral onde permanecem os cabritos pequenos, quando separados das cabras de leite.

CORVO — Na ordem coríntia, nome que recebe certo detalhe da cornija. MODILHÃO.

COSQUE — O mesmo que MORADIA.

COSTA — Nome que os taipeiros do vale do Paraíba davam aos paus roliços verticais, que asseguravam a verticalidade dos taipais. Em Portugal a mesma peça recebe o nome de PONTAL. Ver TAIPA DE PILÃO.

COSTALEIRA — O mesmo que COSTANEIRA.

COSTANEIRA — Nas serrarias, ao ser serrado um tronco de árvore, dá-se o nome de costaneira à primeira e à última das tábuas obtidas. São elas mais estreitas e menos perfeitas que as outras e possuem uma das faces abulada. Ver CASQUEIRA.

COSTEIRO — O mesmo que COSTANEIRA.

COTA — Originàriamente significa a diferença de nível entre qualquer ponto e outro que se toma como origem. Na linguagem comum, arquitetônica, além de ser de muito uso, com êsse significado, também, e por extensão, é aplicado a todo tipo de medidas que se apõe aos projetos tanto em plantas como nos cortes, etc. Um projeto cotado é aquêle que contém, em todos os desenhos que o compõem, a totalidade de cotas-medidas em metros, centímetros, etc., necessárias para a sua compreensão e suficientes para os trabalhos complementares.

COTAR — Assinalar por meio de cotas. Empregar as cotas.

COUCEIRA — Nas fôlhas de portas compostas de tábuas verticais, nome das tábuas externas, onde é fixada a dobradiça e onde é instalada a fechadura. Aliás, há quem dê o nome de couceira ao marco da porta onde é fixado o gonzo ou a dobradiça. Soleira de madeira mais elevada que o piso, onde também bate a fôlha da porta. O mesmo que COICE.

COUCO — Certa árvore silvestre cuja madeira é empregada na marcenaria ou carpintaria.

COUÇOEIRA — Prancha grossa de madeira usada geralmente na confecção de portas. O têrmo desde os primeiros tempos de nossa colonização foi empregado com êsse sentido. Assim, encontramos no inventário de Inocêncio Preto, feito em 1647, a seguinte passagem "lhe prometi fazer umas Casas de dous lanços que lhe não fis e fasendo elle lhe dei toda a madeira, lumieiras, batentes, caibros, ripas, tirantes, pranchas e consoheras para as portas"... Existe a forma COIÇOEIRA.

COUDELARIA — Edifício destinado à criação e guarda de animais de corrida.

COURAMIRA — Ver UMIRI.

COUTELHO — Pomar ou quintal cercado ou murado.

COUTO — Medida antiga equivalente ao CÔVADO.

CÔVADO — Antiga medida de comprimento que equivalia a três palmos, ou sejam, 0,66m.

COVAGEM — Abertura da cova em cemitério.

COVAL — Divisão do terreno em cemitério na qual se irão abrir as sepulturas.

COVANCA — Terreno cercado de morros que possui uma entrada por um dos lados apenas. É ordinàriamente o fim de um vale ou de uma várzea. Têrmo de uso no Rio Grande do Sul.

COVEIRO — O mesmo que CORVEIRO.

COVIL — Muitas vêzes empregado para designar a CHOÇA.

COVILHETE — Diz-se do engenho de açúcar movido por água que cai de pouca altura.

CÔVO — Côncavo, fundo.

COVOCÓ — Canal por onde se despeja a água que sai dos cubos das rodas dos engenhos de açúcar. Variação de CABOCÔ, COBOCÔ.

COXIA — Passagem estreita, entre bancos ou cadeiras nas igrejas nas platéias dos teatros ou cinemas ou entre camas de enfermarias dos hospitais. Geralmente o têrmo é mais empregado para designar passagens laterais que delimitam um grupo central de localidades das igrejas. Outras vêzes designa especificamente o assento móvel com dobradiças, usado nos teatros ou cinemas. Também cuxia.

COXIM — Local reforçado da alvenaria, onde se apóia uma viga. Em geral, é o nome que se dá aos locais que servem de assento a algum elemento estrutural ou ornamental. Almofada. Elemento de ligação. Ou ainda, espécie de sofá sem costas e, também, o suporte de ferro fundido que se coloca sôbre o dormente e onde assenta o trilho.

COZINHA — Compartimento da habitação no qual são preparados os alimentos. Todos os elementos que compõem a cozinha como o fogão, a pia, os armários, etc. e também as janelas, deverão estar em perfeita conexão entre si, bem como com as outras peças que compõem a habitação. No estudo da cozinha, o arquiteto leva em consideração o esquema funcional próprio que prevê como fatôres principais os seguintes: a preparação, o cozimento, a lavagem e a distribuição. Além dêsses, comparecem obrigatòriamente funções secundárias que não devem ser desprezadas como a recepção dos alimentos, o armazenamento e depósito e os locais de trabalho. Estes têm assumido caráter de destaque, principalmente no que se refere à gesticulação e aos movimentos que são dispendidos nesse recinto. Daí os estudos de uma cozinha necessitarem de dimensionamento o mais racional, desde o tamanho do compartimento até à sua forma e desde a altura e a profudidade das pias e armários até a área dos vãos de iluminação e de aeração.

CRACA — Nas colunas estriadas, é o nome das partes côncavas situadas entre duas saliências. Acanaladura.

CRASTA — O mesmo CLAUSTRO. O têrmo também é empregado para designar ARCADA ou GALERIA. Existe a variante CASTRA.

CRATICULAÇÃO — Processo que facilita a cópia de desenhos ou estampas, com o emprego de um reticulado ou xadrez no original. No papel onde se vai copiar o modêlo também são marcados quadrados do mesmo tamanho (ou em outra escala) que orientarão o desenhista que vai repetindo no seu reticulado as intersecções observadas no xadrez do original.

CRAVAR — Fixar. Diz-se cravar telhas ou tijolos com argamassa ou betume. O têrmo também é empregado em relação às estacas das fundações dos edifícios.

CRAVEIRA — Medida, bitola. Comprimento de doze polegadas. Dizia-se PALMO CRAVEIRO, isto é, palmo com doze polegadas e BRAÇA CRAVEIRA, aquela que tinha dez dêsses palmos.

CRAVELHO — Tranca de porta.

CRAVETE — Tipo de "embira" que servia para amarrar os paus e ripas das paredes de taipa de sebe.

CRÉ — Giz. Calcáreo friável branco, antigamente oriundo da ilha de Creta, também chamado GREDA BRANCA.

CRECHE — Local onde são recolhidas e alimentadas, durante o dia, crianças cujos pais estejam trabalhando e, por isso, impossibilitados de lhes dar assistência.

CREDÊNCIA — Aparador nas salas de jantar, onde são colocados os pratos e demais objetos necessários à refeição. Nicho de madeira ou pedra provido de base em forma de mesa, nos antigos conventos.

CREMATÓRIO — Forno ou edifício onde se queimam cadáveres.

CREMONA — Ver CARMONA.

CREOSOTO — Líquido cáustico, incolor quando puro e amarelado quando impuro, de cheiro forte antiséptico e obtido da distilação do alcatrão da madeira. Usado na conservação das madeiras.

CRESPIR — Revestir irregularmente uma parede com argamassa bem mole e com auxílio de uma vassoura. Salpicar ou sapintar uma parede caiada com uma esponja embebida em tinta.

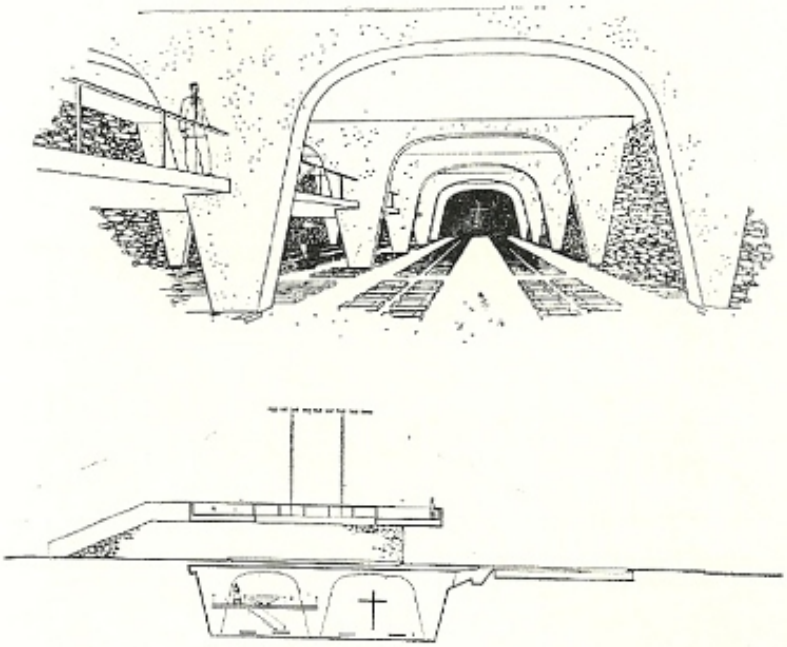
CRETA — O mesmo que carbonato de cálcio.

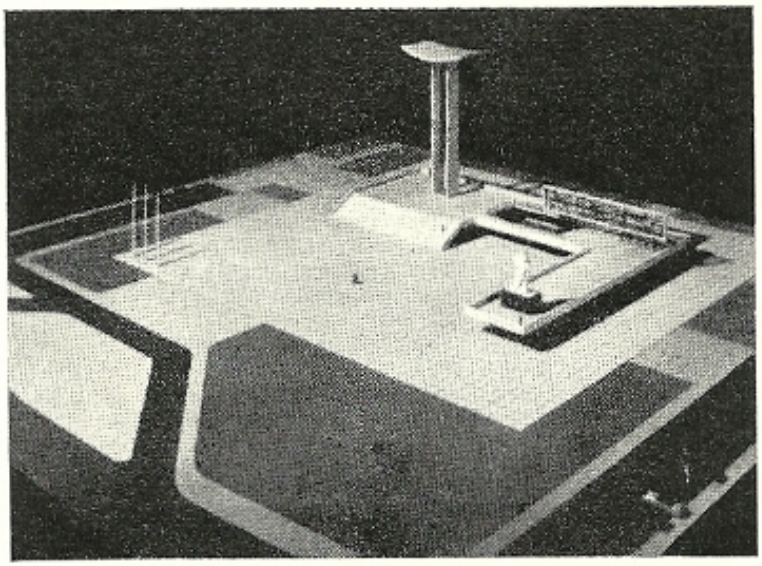
CRIAÇÃO — Ato ou efeito de criar. Também designa-se assim a alvenaria em que os vãos deixados pelas pedras grandes são preenchidos com pedrinhas miúdas e argamassa.

CRIPTA — Galeria subterrânea que contém carneiros ou túmulos. Cavernas. Catacumbas.

CRISALHO — Pintura monocrômica, geralmente de côr parda.

CRISTA — Nome da parte mais elevada do telhado. Espigão. Cumieira.





Monumento nacional aos mortos da Segunda Guerra Mundial, projeto de Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder Neto, no Rio de Janeiro. A perspectiva e o corte mostram a cripta do mausoléu que abriga os túmulos dos pracinhas transferidos de Pistóia.

CRIVO — Postigo ou visor munido de lâmina metálica cheia de furos, ou simplesmente duma grade de madeira, colocado nas portas ou janelas para por êle se espreitar de dentro sem ser visto.

CROMÁTICA — Arte de combinar as côres.

CROQUI — Esbôço de desenho. Primeiros traços que são executados para transportar ao papel a idéia que faz o arquiteto de determinada solução arquitetônica. DEBUXO. RISCO.

CRUZ — Ver CRUZEIRO.

CRUZ DE SANTO ANDRÉ — Nome de duas peças cruzadas em X, usadas para reforçar quadros estruturais.

CRUZEIRO — Nas igrejas com duas naves que se cruzam, dá-se o nome de cruzeiro à zona compreendida pela projeção da abóbada que resulta nos transeptos. Por extensão, chamam-se, cruzeiros os arcos situados diagonalmente no introdorso daquela abóbada, quando ela é de arestas. Ver ARCO CRUZEIRO. Nome que se dá à grande cruz de pedra ou madeira levantada nos adros de certas igrejas, em praças, cemitérios ou estradas. Geralmente são cruzes latinas, isto é, aquelas que têm o ramo inferior mais comprido que os outros. Raramente encontramos cruzeiros que ostentam cruzes de Lorena ou "de arcebispo", que têm duas ordens de braços, ou, então, cruzes pontifícias, com três ordens de braços, como a que fica no adro da Capela do Padre Faria em Ouro Prêto, datada 1756 e que mede 8,52 de altura.

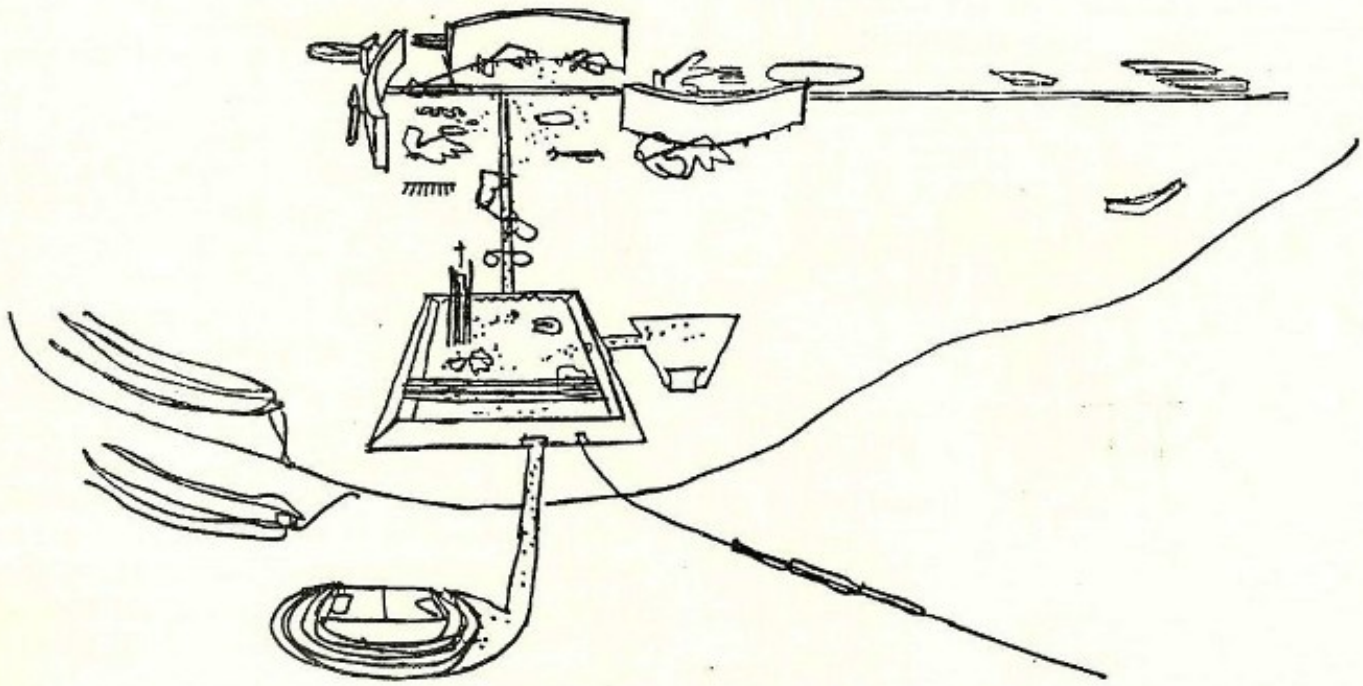
CRUZETA — Ornato formado por uma pequena cruz. Nome de certas decorações de portas, ou de janelas em sacada, que, descendo paralelamente às ombreiras fazem ângulo em direção contrária à envasadura, quando atingem o nível das soleiras ou bases. Apelido de certo instrumento de madeira, em forma de cruz, com o qual os pedreiros, com auxílio do fio de prumo, determinam o nível das fiadas dos tijolos das paredes em construção. Nome de certas ferragens usadas para reforçar, ou fazer solidárias, as peças do madeirame de um telhado. Peça de madeira usada para reforçar as galerias subterrâneas ameaçadas de desabamento.

CUBATA — Nome que se dava às habitações rústicas, feitas de palha ou fôlhas, onde moravam os negros africanos em suas terra de origem. Por extensão, o nome passou a ser a ser sinônimo de SENZALA.

CUBELO — Torreão em forma de cubo que encima um edifício.

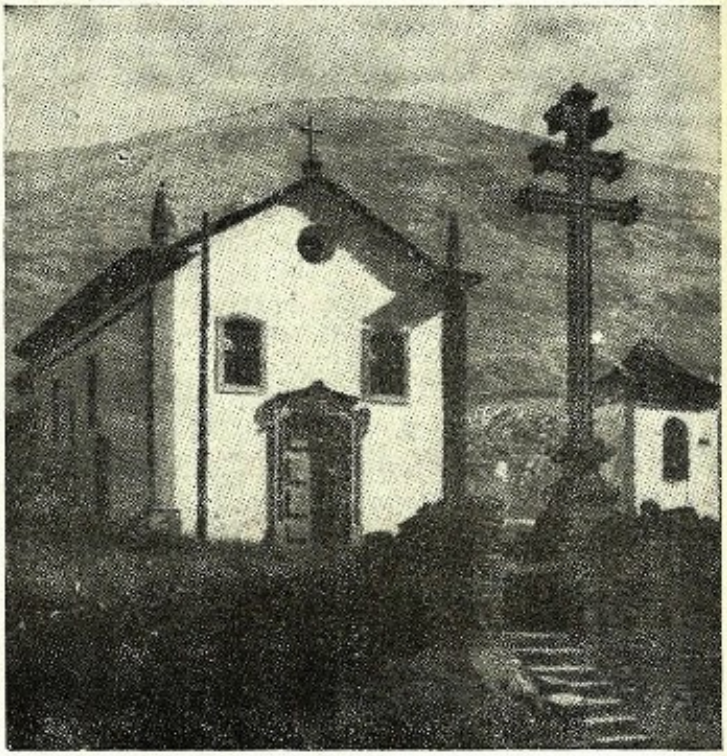
CUBÍCULO — Pequeno dormitório. Nos conventos, cela dos religiosos. Recâmara.

CUBISMO — É a revolução estética e técnica ocorrida por volta de 1907 a 1914, principalmente nas artes plásticas, chefiada por Picasso, Braque, Gris, Matisse, etc., que se alastrou por tôda a Europa. No que se refere à ar-

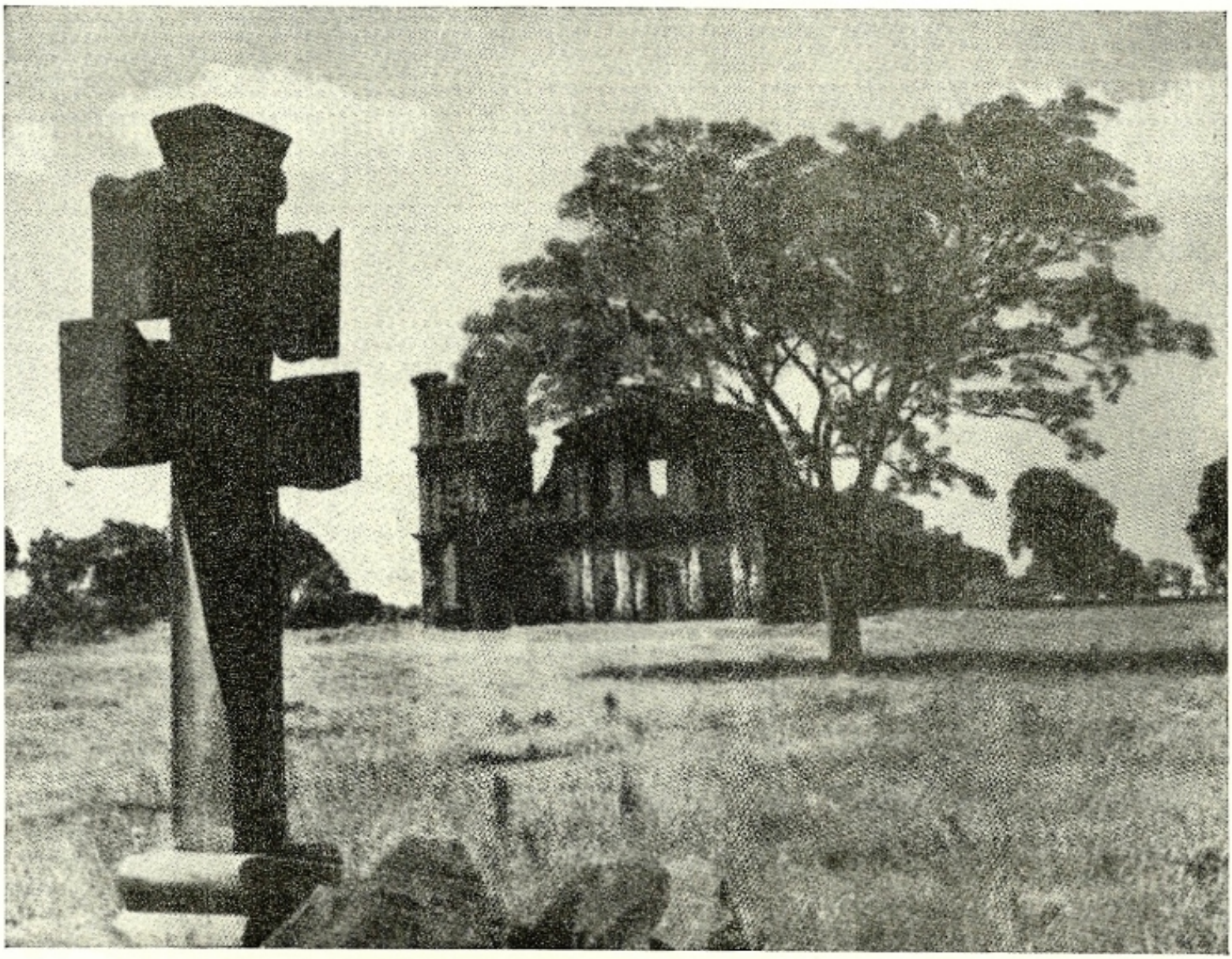


Croqui de Oscar Niemeyer para o zoneamento de Grasse, um de seus inúmeros projetos realizados na Europa.

Cruz latina, ou simplesmente, o cruzeiro do adro da Igreja do Senhor Bom Jesus do Bonfim, São João del Rei.



Cruz pontifícia no adro da Capela do Padre Faria, Ouro Prêto, Minas Gerais.



Cruz arquiepiscopal situada no adro da Igreja de São Miguel, na antiga redução de índios de mesmo nome, no Rio Grande do Sul.

quitetura, sua influência manifestou-se na obra de alguns arquitetos que puseram de lado o empirismo da técnica para valorizar uma posição estética de conceito com o fim de ordenar objetivamente a criação artística, não só na essência, mas também na sua aparência. Isto é, o cubo simbolizava seu ideal de representação integral, que por sua vez se apóia na figuração geométrica, o que se manifestou mais claramente na pintura. Atingindo a arquitetura com mais eficiência depois da 1.ª Grande Guerra, e com expressão plástica baseada no seguinte: 1) eliminação de tudo que pode alterar a pureza do volume; 2) condenação dos planos oblíquos e complexos, dando preferência aos horizontais e verticais; 3) supressão de molduras e cornijas; 4) dissimulação da estrutura pela própria função do plano ou do volume; 5) recusa total do efeito da matéria, textura, etc. e dos valores da côr; 6) preferência pela combinação das formas e dos volumes. O cubismo acabou num formalismo absoluto, prejudicando o plano, a solução e até mesmo a estrutura, a favor exclusivamente da forma geométrica e seus conseqüentes volumes. No Brasil tivemos algumas tentativas desse gênero por volta de 1927 a 1930, que muito contribuíram para o desenvolvimento de nossa arquitetura.

CUBO — Medida feita de tábuas de madeira, sem fundo, para medir areia, medindo 1,00m em tôdas as suas dimensões. O mesmo que ALCATRUZ. Pequena tôrre em um pano de muralha. O mesmo que CUBELO.

CUCA — Têrmo lusitano de aplicação rarísima entre nós que designa a pedra escura e pequena com que os pedreiros calçam cantarias e alvenarias.

CUCURECHÉU — Lanterna ou dispositivo envidraçado que arremata uma cúpula, servindo para favorecer a iluminação interna. Ver CORUCHÉU. Nas abóbadas, nome que recebe a ADUELA central ou chave.

CUINHA — O mesmo que CUNHA.

CUIUMARIRANA — Madeira. Ver CUJUMARIRANA.

CUJUMARI DA GUIANA — Madeira. Ver CUJUMARIRANA.

CUJUMARI-MIRIM — Madeira. Ver CUJUMARIRARNA.

CUJUMARIRANA — Madeira empregada em construções civis e na marcenaria, abundante no vale amazônico, principalmente na zona paraense. O tronco da árvore chega a atingir 1,50m de diâmetro e sua altura vai até 18 metros. Tem pêso específico a 0,569 e sua resistência ao esmagamento é da ordem de 512 quilos por cm2. Ocotea guyanensis, Aubl. Família das Lauráceas. Também chamada CUJUMARI DA GUIANA, CUJU-MIRIM CUMARIRANA, CUIUMARIRANA, LOURO BRANCO, LOURO TAMANCÃO, TAMANQUEIRA e UMARIRANA. Existe, também, árvore da mesma família com atributos semelhantes: é o CUJUMARI, Ocotea cujumary, Mart., também conhecida por CUMARI.

CUMARÉ — Madeira. Ver CUMARU DE CHEIRO.

CUMARIRANA — Madeira. Ver CUJUMARIRANA.

CUMARU AMARELO — Madeira. Ver CUMARU VERDADEIRO.

CUMARU DE CHEIRO — Madeira usada em marcenaria, de côr parda esbranquiçada, com pêso específico igual a 0,62. Torresca cearensis, Fr. All. Família das Leguminosas papilionáceas. Também conhecida por AMBURANA, CUMARÉ, CUMBARU DAS CAATINGAS, IMBURANA DE CHEIRO e UMBURANA.

CAMARU DO AMAZONAS — Madeira. Ver CUMARU VERDADEIRO.

CUMARU VERDADEIRO — Ótima madeira de construção, boa para ebanisteria, construções navais, e para dormentes, esteios e moitões. De côr amarela escura, tem pêso específico igual a 1,10. Cumaruna odorata, Aublea. Família das Leguminosas papilionáceas. Também conhecida por CUMARU AMARELO, CUMARU DO AMAZONAS OU PARU.

CUMATÉ — Madeira boa para mercenaria de côr castanha avermelhada, de pêso específico igual a 0,90. Macaire glabrescens, Pilg. Família das Melastomáceas.

CUMBARU DAS CAATINGAS — Madeira. Ver CUMARU DE CHEIRO.

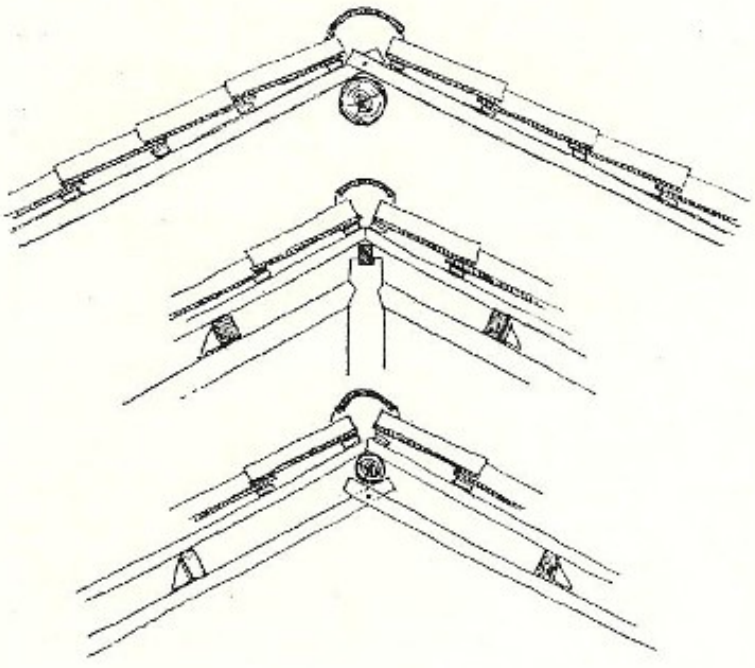
CUMBICA — Na gíria brasileira, casa de jôgo.

CUME — Ponto mais elevado. Cimo, coruto, crista, tôpo.

CUME TOMADO — Diz-se da CUMEEIRA cujas telhas são argamassadas enquanto as demais telhas dos panos ou águas não o são.

CUMEADA — Ver CUMEEIRA.

CUMEEIRA — Parte mais alta do telhado onde se encontram as superfícies inclinadas que constituem as águas e, também, a grande peça de madeira, situada na extremidade superior dos telhados, que une os vértices das tesouras e onde se apóiam os caibros do madeirame da cobertura. Cimo, cume, tôpo, espigão, crista. Nos telhados de projeção re-



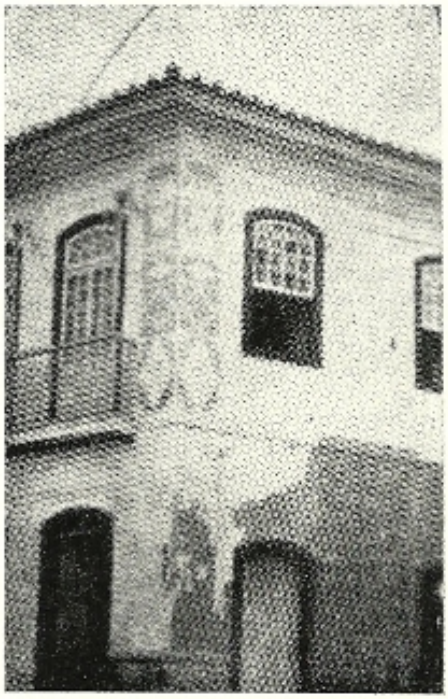
tangular, a peça é horizontal e, inclinada, nos casos de telhados irregulares.

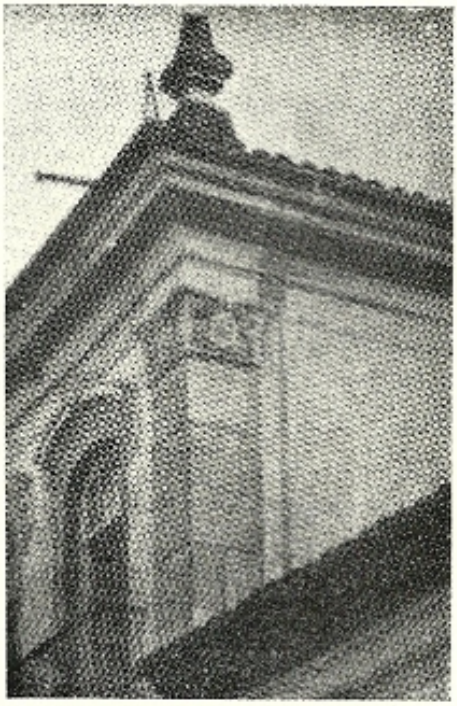
CUMIADA — O mesmo que CUMIEIRA.

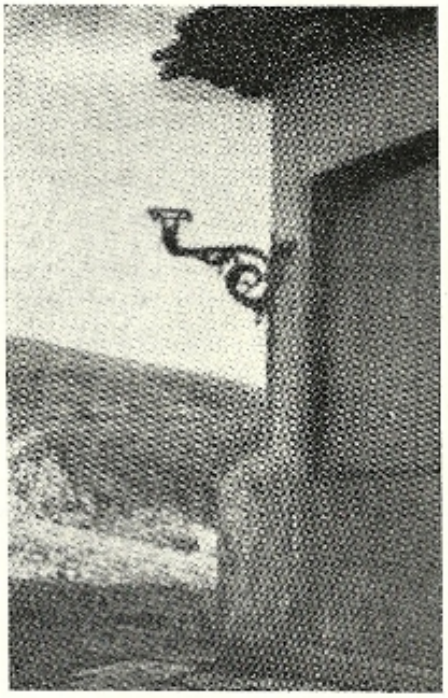
CUMIEIRA — Forma popular de CUMEEIRA.

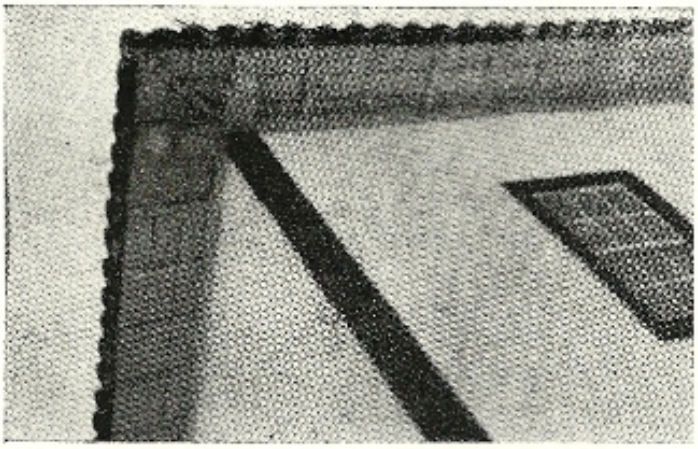
CUMOA — Corruptela de COMUA usada na região de Montes Claros, Minas Gerais.

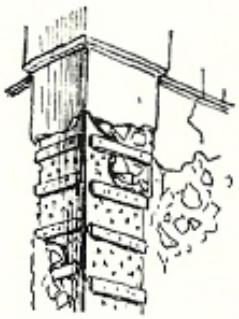
CUNHA — Peça metálica, ou de madeira, que possui uma das secções de forma triangular com inúmeras aplicações na arte de de construir, como por exemplo, fixar pontaletes, fender pedras, separar elementos justapostos, levantar objetos, etc. Pode ser usada isoladamente, ou de duas a duas, com os vértices concorrentes. Nome de cada um dos ele-











A primeira foto é de um sobrado de Parati, Estado do Rio, em cujo cunhal vê-se ornamentação policrômica em relêvo. A seguir, vista parcial da Casa Capitular de Mariana. Seu cunhal é de pedra aparelhada, arrematada por obra de talha. A terceira ilustração mostra cunhal de pequena casa de Iporanga, Estado de São Paulo, feita de taipa de mão. O esteio do cunhal é recoberto por argamassa que é fixada em pequenas fasquias pregadas, como mostra o croqui ao lado. Note-se o engrossamento do cunhal na parte inferior, como se fôra um frade de pedra protegendo a quina da construção. A última ilustração mostra esteio aparente no cunhal de residência em Campanha, Minas Gerais.

mentos que compõem os arcos ou abóbadas. O mesmo que ADUELA.

CUNHAL — Nome da pedra, ou pedras situadas nos ângulos externos dos edifícios. Genèricamente, a palavra designa qualquer ângulo externo formado por duas paredes concorrentes, seja qual fôr a alvenaria empregada. Quina. Esquina. Em nossa primitiva arquitetura os cunhais não passavam da aresta viva resultante do encontro de dois panos lisos de paredes que faziam ângulo. Raramente eram de material que não fôsse o próprio revestimento das paredes. Vemos excepções em certas construções de pedra do litoral. A partir da segunda metade do século XVIII e principalmente no século XIX os cunhais passaram a receber decorações, quase sempre de estuque, tanto nas obras de taipa de pilão ou de sabe como nas de alvenaria. São famosos os cunhais decorados das moradias boas, principalmente sobrados, de Parati, Est. do Rio. Ver CADEIA.

CUNHO — Peça de madeira, necessária em certos casos, em que se apóia o FRECHAL.

CUNICULADO — Que tem uma passagem subterrânea.

CUPAÚBA — Madeira. Ver COPAÍBA.

CUPIÁ — Na casa sertaneja, o mesmo que COPIAR.

CUPIÚBA — Boa madeira de lei para construções civis e para dormentes, algumas vêzes confundida com a COPAÍBA. De côr vermelha parda, tem pêso específico igual a 0,88. Goupia glabra, Aubl. Família das Celastráceas.

CUPIÚVA — Madeira. Ver COPAÍBA.

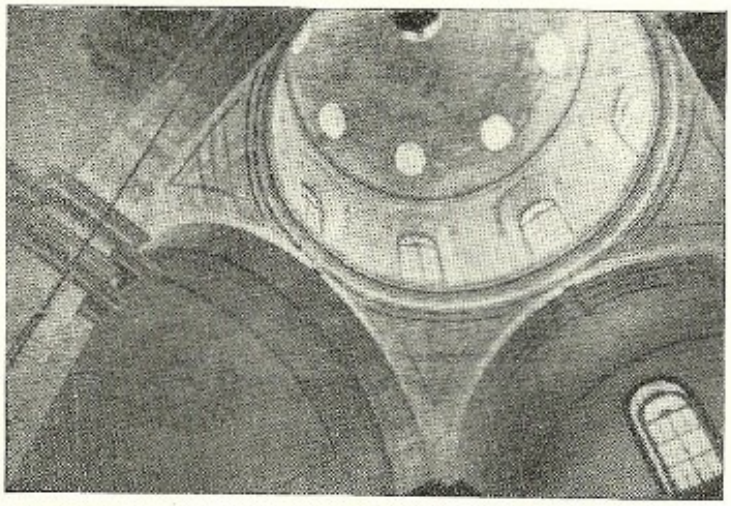
CÚPRINO — Relativo a cobre.

CÚPULA — Abóbada de revolução, formada por um arco que gira em tôrno de um eixo. Na maioria das vêzes, as cúpulas são calotas esféricas. Ver ABÓBADA e ZIMBÓRIO. O mesmo que COIFA ou CAPELA.

CUPULADO — Diz-se do edifício que possui cúpula.

CUPULAR — Em forma de cúpula.

CUPULIFORME — Cupular. Em forma de cúpula.



Cúpula Sôbre o cruzeiro da Igreja do Mosteiro de São Bento, Salvador, Bahia.

CUPULIM — Segundo T. Lino d'Assumpção, é o nome do "pequeno lanternim colocado num terraço resguardando a entrada d'uma escada". Pequena cúpula que arremata os lanternins.

CURA — Molhadela repetida aplicada ao concreto, para facilitar a pega.

CURATO — Diz-se algumas vêzes da habitação do cura, do pároco da aldeia.

CÚRCUMA — Planta do gênero das Gengiberáceas de cujo rizoma se extrai a araruta e, também, uma substância que é empregada para dar a côr amarela às madeiras ordinàriamente desbotadas. É das variedades asiáticas Curcumalonga, L. e Curcuma tintoria, G. que se extrai aquela tinta amarela dourada, através da água fervendo e de certos álcalis. Vemos no "O Vinhola Brasileiro": "Para obter tinta amarela mergulha-se a madeira em um cozimento de curcuma, no qual se põe um pouco de soda".

CURCUMINA — Nome da substância contida no CÚRCUMA.

CURI — Nome dado na Amazônia à argila de côr vermelha que muitas vêzes é empregada na confecção de paredes.

CÚRIA — Edifício ou lugar onde desempenha suas atividades a côrte pontifical ou o tribunal eclesiástico dos bispos. Primitivamente designava o lugar onde se reunia o senado romano.

CURIÚVA — O mesmo que PINHEIRO.

CURRAL — Lugar onde se junta e recolhe o gado, geralmente cercado. Cercada.

CURRO — Lugar anexo à praça de touros onde êstes ficam antes e depois das corridas. Reunião de casas de escravos ou senzalas, também conhecida por QUADRADO.

CURTA-MÃO — Esquadro de grandes dimensões usado pelos pedreiros de esporádico uso, mas característico no Brasil.

CURTE — Têrmo antigo que designava os alpendres situados na frente das igrejas. GALILE.

CURTUME — Estabelecimento ou edifício onde se curtem couros.

CURUBA — Nome de certa espécie de granito friável de côr escura empregado nas construções e assim chamada em certas regiões do Brasil.

CURINALHA — Madeira boa para construções civis e abundante no Paraná. Pêso específico igual 1,118 e resistência ao esmagamento em tôrno de 810 quilos por cm2.

CURUÁ — Madeira não identificada, mencionada por Gabriel Soares.

CURUPAÍ — Madeira. Ver ANGICO BRANCO.

CURUPITÁ — O mesmo que TAPURU DA VARGEM.

CURVADO. — Dobrado. Inclinado. Arqueado, curvo.

CURVAR — Dobrar, tornar curvo. Tomar a forma curva. Vergar.

CURVATURA — Forma curva de qualquer superfície. Arqueamento.

CURVIDADE — O mesmo que CURVATURA.

CURVÍGRAFO — Instrumento para traçar curvas. Geralmente é mole e flexível, de construção variada e que ao simples toque dá a curva desejada.

CURVILÍNIO — Formado de linhas curvas. Que tem forma curva. Que segue direção curva.

CURVÍMETRO — Instrumento para medir nas plantas o comprimento das linhas curvas.

CUTELO — O mesmo que CARAMANCHÃO.

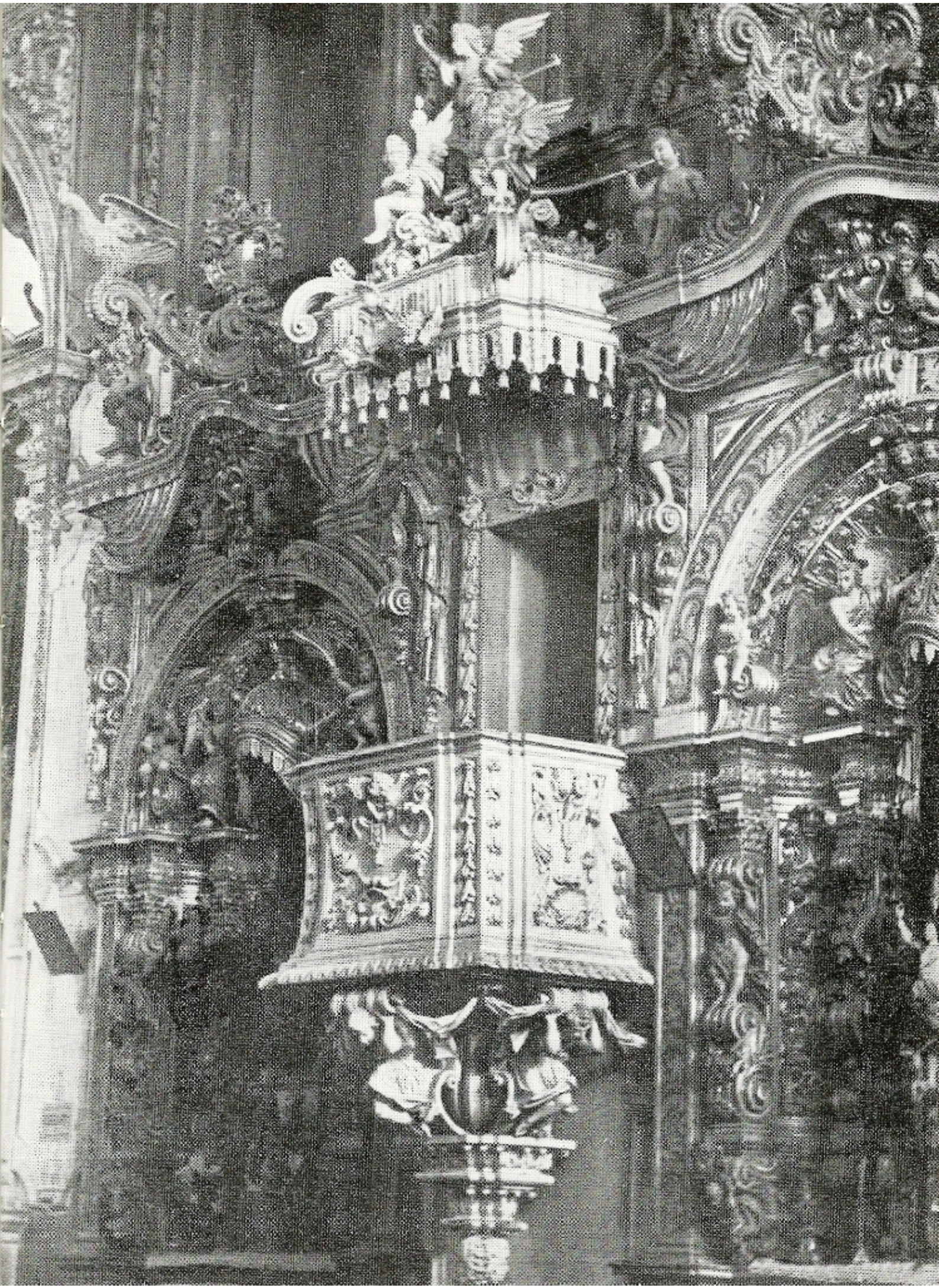
CÚSPIDE — A ponta alongada, o ápice, o cume, o píncaro de um edifício.

CUTIÚBA — Madeira do vale amazônico boa para marcenaria, de côr vermelha, com pêso específico igual a 0,82. Qualea paraensis, Ducke. Família das Vochyseáceas. É abundante no Pará e Maranhão.

CUTUCANHÉ — Madeira. Ver CARNE-DE-VACA. O mesmo que CARVALHO DO BRASIL.

CUURAQUÃO — O mesmo que PAU-BRASIL.

CUXIA — O mesmo que COXIA.



D

Docel sôbre o púlpito da Matriz de Catas Altas do Mato de Dentro, Minas Gerais.

DACO — Verme que rói a madeira.

DACTILOTECA — Museu onde são guardados anéis, jóias ou pedras gravadas.

DADO — Cubo que serve de base a qualquer ornato, possuindo geralmente uma base saliente e uma cornija. Cada um dos membros em que se subdividem os componentes de cada ordem de arquitetura.

DALA — Lusitanismo que designa certo tipo de pia onde se lava a louça. Mesa de cozinha com tampo de pedra, mármore ou louça. Ou ainda, calha ou sulco para dar escoamento à água.

DAMA — Montículo, também chamado TESTEMUNHO, que é deixado em local desaterrado para que se possa medir a altura e o volume da terra retirada.

DARAMESSALÁ — Palavra vinda do sânscrito que, segundo Delgado de Carvalho, aplica-se comumente a uma estalagem, ou albergaria. Existem, também, as formas DARAMSAL, DARMASSALA e DRAMESSAL.

DASTÃO — O mesmo que CELEIRO, ARMAZÉM.

DEAMBULATÓRIO — Galeria ou passagem coberta. Aparece muitas vêzes circundando o côro de certas igrejas.

DEBUXADOR — Aquêle que debuxa. Desenhista, desenhador.

DEBUXANTE — Que debuxa.

DEBUXAR — Delinear, traçar os primeiros riscos. Por extensão, pode significar idear, projetar.

DEBUXO — Desenho de alguma coisa feito a lápis ou a tinta. Figuradamente é aplicado no sentido de esbôço, croqui, risco, bosquejo.

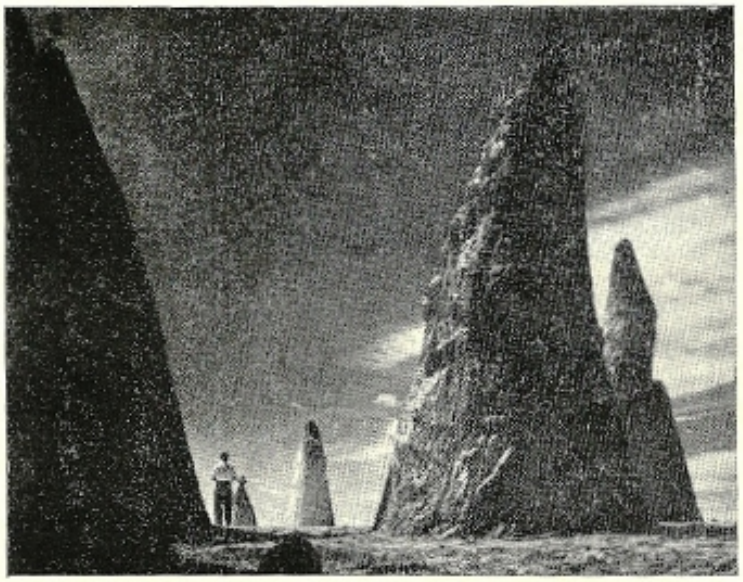
DECÂMETRO — Unidade de comprimento equivalente a dez metros.

DECANGULAR — Que tem dez ângulos.

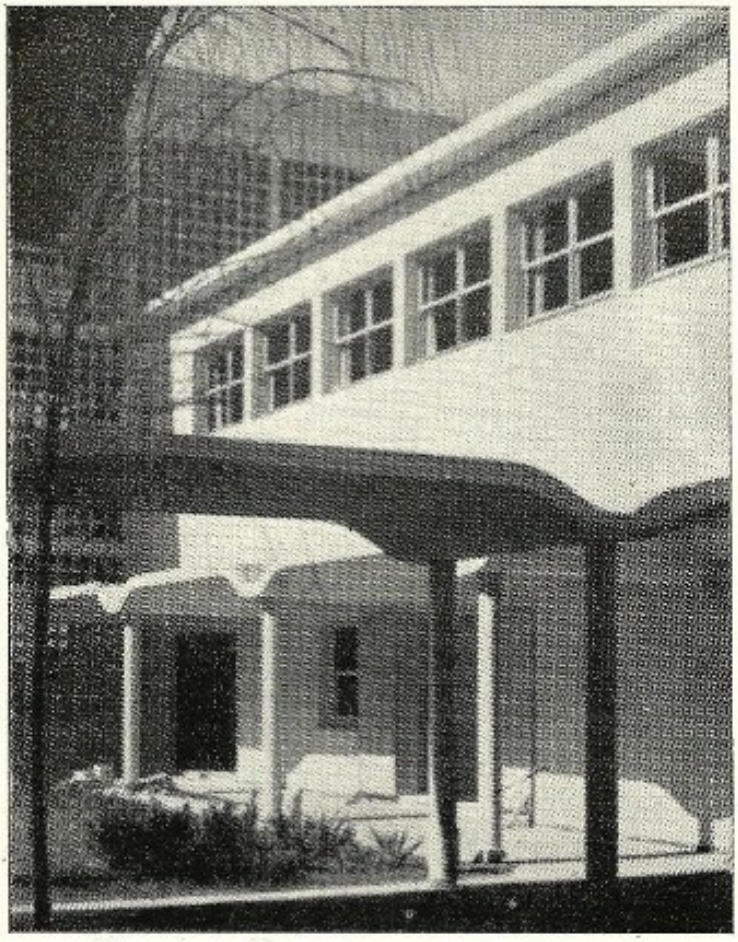
DECÁSTILO — Edifício que possue dez colunas na fachada.

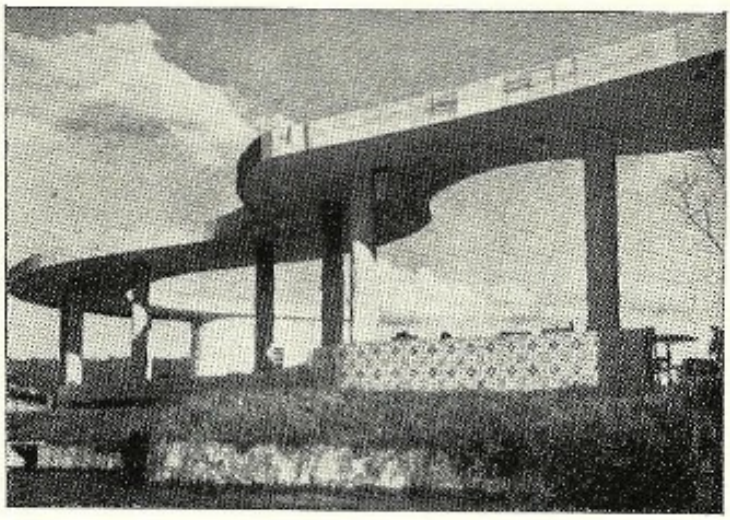
DECIBEL — Unidade de medida da intensidade do som. A décima parte do BEL.

DECÍMETRO — Unidade de comprimento equivalente à décima parte do metro.



Damas deixadas como referência por ocasião da abertura da estrada de Pampulha a Belo Herizonte.





Dois exemplos modernos de ambulatório. O primeiro é o do Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae" em S. Paulo, de autoria do arquiteto Rino Levi. O outro, de Oscar Niemeyer, é o que caracteriza a Casa do Baile, na Pampulha, Belo Horizonte.

DECLIVAR — Formar declive ou tornar íngreme.

DECLIVE — Plano inclinado. Superfície que permite rápido escoamento das águas pluviais. Ladeira.

DECLIVIDADE — Declive. Qualidade daquilo que é declivoso. Refere-se comumente à inclinação dos terrenos, que é expressa em graus ou em porcentagem.

DECLIVO — Ver DECLIVE.

DECLIVOSO — Que tem declive ou é ladeirento.

DECORAÇÃO — Ato de decorar. Ornamentação que complementa o ambiente arquitetônico e que é composta por aquilo que se chama: o elemento de decoração. Êste vai desde a côr das paredes, o painel mural, a escultura, etc., aos móveis, às cortinas e aos tapêtes que integram a arquitetura como espaço organizado.

DECORAR — Adornar com decoração. Embelezar, enfeitar, ornamentar.

DECORATIVO — Adjetivo de larga aplicação e que designa todo aquele elemento que possui condições para complementar o espaço arquitetônico. Isto é, que caracteriza a decoração como necessária na arquitetura.

DECORÁVEL — Que se pode decorar.

DECORRER — O mesmo que CORREDOR. Têrmo usado no interior de São Paulo, principalmente na zona da alta Sorocabana.

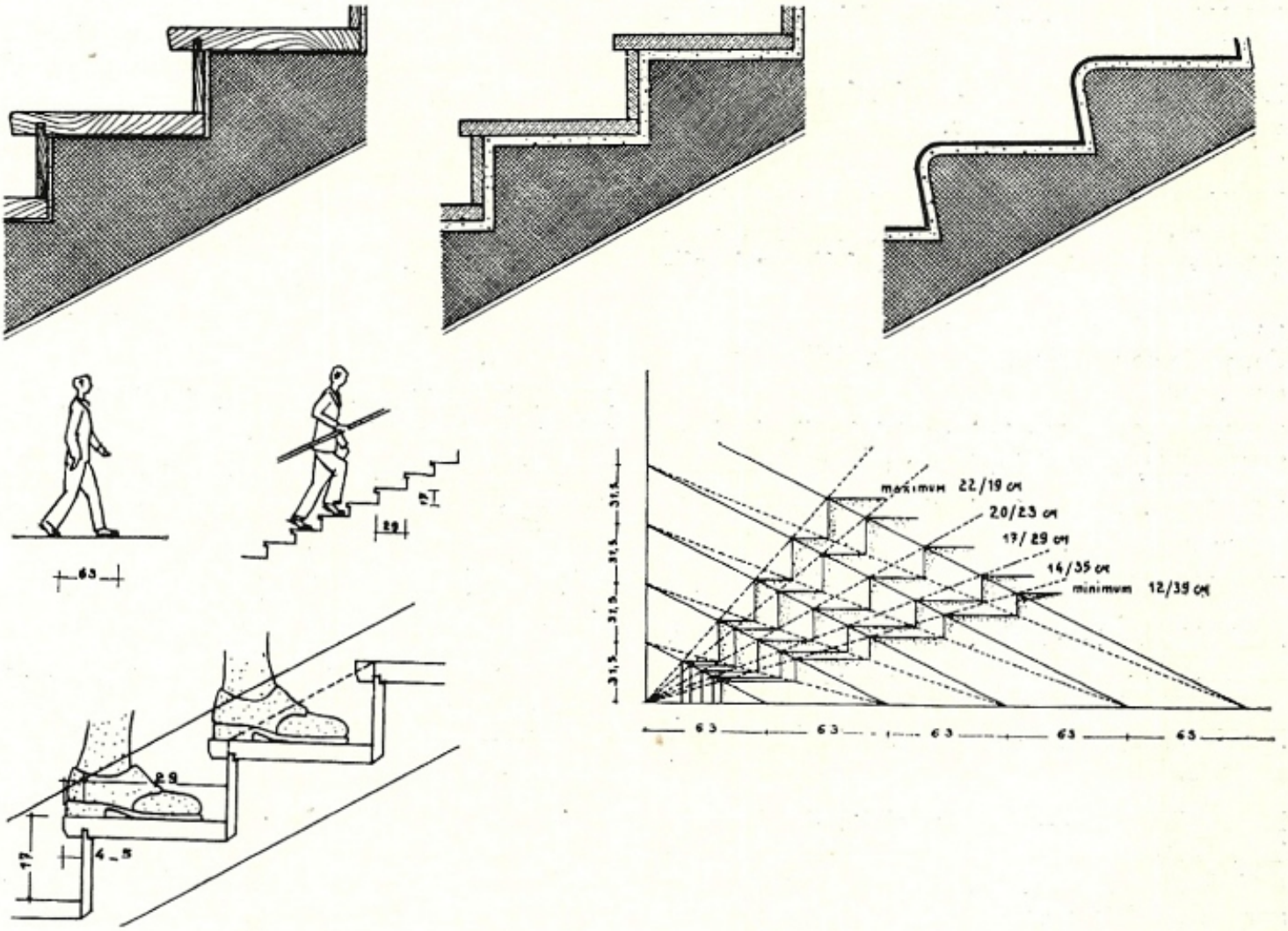
DEDO — Medida de espessura equivalente à grossura de um dedo humano. Antiga medida linear portuguêsa igual a dois terços da polegada, ou a oito linhas.

DEFORMAÇÃO ÓTICA — Chama-se assim ao conjunto de fenômenos que atuam sôbre nossa visão fazendo com que ela sofra certas ilusões a respeito de formas e volumes que delimitam a arquitetura. Isto é, na realidade nós não vemos os edifícios em geometral, através das leis da geometria, tal qual se traça no papel. Êsse fenômeno, sendo levado em consideração faz com que o arquiteto tenha razões para modificar ou deformar certos volumes, certas superfícies para que sejam vistas corretamente. Para tanto, são condições empregadas, conforme o caso, as seguintes: as correções da perspectiva, as ilusões de ótica, os efeitos de ocultação, os efeitos de contraste, o jôgo da luz e sombra, etc.

DEFUMADOR — Choupana ou recinto onde o seringueiro defuma a borracha.

DEGENERANTE — Diz-se de certos arcos cujas linhas do intradorso e do extradorso, na altura das nascenças, tornam-se retas e paralelas, ficando oblíquas as juntas das aduelas.

DEGRAUS — Nas escadas, cada um dos pisos onde se assenta o pé para subir ou descer. Chama-se degrau direito aquele que tem a figura de um retângulo. Quando o degrau é anguloso ou oblíquo, recebe o nome de INGRAUXIDO. Na linguagem comum costuma-se dar o nome de degrau ao conjunto de cada dois elementos da escada: ESPÊLHO e PISO, isto é, elemento vertical mais o elemento horizontal. Dá-se o nome de quina do degrau ao ponto de concorrência daqueles dois planos, quando não existe BOCEL. É o degrau o elemento responsável pelo passo do caminhante em direção a nível superior. Sendo êsse elemento baseado no consumo de energia dispendida pelo homem, é com base nesse passo e nessa energia que se calcula a proporcionalidade de um degrau. Isto é, haverá uma relação entre o piso e o espêlho para que a comodidade seja atingida. Blondell, matemático e teórico da arquitetura, estabeleceu em 1680 a fórmula adequada para isso: $p + 2a = 64$, sendo p = piso, a = altura e 64 = ao passo desenvolvido normalmente pelo homem. Mais recentemente Doll e Lerhmann estabeleceram um dado objetivo para atender ao menor consumo de energia no uso da escada, que é expresso pela fórmula $p - a = 12$, o que sendo substituído na fórmula de Blondell, facilita o encontro de uma altura e do piso



Os clichês superiores mostram três cortes de degraus, os mais usados na prática em escadas de concreto armado. Na primeira, os degraus são revestidos de madeira. No segundo, o revestimento é de pedra ou marmore. Em ambos, o piso é saliente. Na terceira escada os espelhos, ou alturas, são inclinados favorecendo maior profundidade ao piso. À esquerda, vemos ilustração do método de Blondell, sendo que o comprimento empregado para o passo é igual a 63 centímetros. Por ultimo, vemos um esquema que encerra método simples de traçado de degraus.

adequados para o melhor confôrto do degrau. De certa forma, é pensamento de muitos autores de que o elemento 64 não seja fixo e sim variável, indo de 59 a 66 para ser coerente com a função de um degrau para passo lento ou para crianças ou um degrau para passo rápido ou para lugares públicos, etc.

DEJETÓRIO — Vaso sanitário ou buraco em cima da fossa negra.

DELFIM — Cetáceo cuja figura estilizada foi empregada na decoração simbolizando a migração e a imagem de Jesus Cristo. Representa, também, a velocidade, a diligência ou o amor. Sua cabeça estilizada foi usadíssima, a partir do século XVI, nos terminais de condutores de águas, ou torneiras, de chafarizes ou lavatórios.

DELINEAÇÃO — Ação ou efeito de DELINEAR.

DELINEAMENTO — Primeiro esbôço ou projeto de qualquer obra. Demarcação. Descriação gráfica sumária.

DELINEAR — Executar os traços gerais de alguma obra, de alguma idéia. Difere do esbôço, do croqui, etc., porque, delinear implica em limites mais precisos, mais exatos com as verdadeiras dimensões, e proporções. Ainda, pode se referir a demarcar, delimitar uma obra, um edifício no próprio local.

DELUBRO — Do latim "delubru", significa TEMPLO, santuário, lugar de purificação.

DEMÃO — Camada de tinta que se estende numa superfície.

DEMARCAÇÃO — Ato de DEMARCAR.

DEMARCAR — Delimitar. Traçar os limites.

DEMARCÁVEL — Que pode ser demarcado.

DEMOGRAFIA — Estudo estatístico da população.

DEMOLIÇÃO — Ato ou efeito de demolir. Têrmo de larga aplicação na linguagem arquitetônica e que se refere sempre ao ato de por abaixo qualquer construção ou mesmo parte de um edifício.

DEMOLIR — Arrasar, destruir um edifício ou qualquer construção.

DEMOLITÓRIO — Próprio para demolir. Que contém ordem de demolição.

DEMORA — Forma pela qual às vêzes é chamada a habitação. Paragem.

DENTAR — Chanfrar. Dentear, recortar.

DENTE — Nome que se dá aos elementos da alvenaria que ficam salientes numa parede para servirem de amarração aos elementos de parede a ser construída depois. O mesmo que ESPERA. Entalhes que se fazem nas extremidades das tábuas, para as unir entre si.

DENTE DE LÔBO — Instrumento usado pelos douradores para brunir as superfícies revestidas de ouro.

DENTE DE SERRA — Ornato que imita os dentes das serras.

DENTE DE VELHA — Plaina usada pelos marceneiros que pode ser manobrada em tôdas as direções, em linha reta ou curva.

DENTEAR — Formar dentes em alguma coisa. Chanfrar. Dentar.

DENTEL — Têrmo usado na marcenaria. É o nome de cada uma das saliências que sustentam as prateleiras móveis.

DENTELETE — Quadrado sôbre o qual se cortam os denticulados.

DENTELO — Designação rara de DENTÍCULO.

DENTÍCULAR — Que tem dentículos. Entalhes em forma de dentes.

DENTÍCULO — Pequeno entalhe em forma de dente com que se ornam certas partes do edifício. Surgia principalmente nas cornijas das ordens coríntia e jônica, mas que, de modo geral, pode aparecer como elemento decorativo mesmo contemporâneamente.

DENTILHÃO — Têrmo de emprêgo em algumas regiões de Portugal para designar as esperas ou grandes pedras que são deixadas salientes nas paredes para serem úteis à continuação das obras. Ver DENTE.

DEPENDÊNCIA — No Brasil e com êsse significado desde Portugal, quer dizer a edificação anexa a uma casa ou a parte ou partes subordinadas ao todo. As dependências de uma casa são tôdas as suas partes componentes, consideradas isoladamente e de per si, para conceituação arquitetônica.

DERREGAR — Abrir novos regos na terra para receberem e escoarem águas pluviais.

DERRIBAR — Demolir uma coisa, uma construção. De pouca aplicação com êsse sentido. Lançar por terra. Destruir.

DERROCAR — Abater. Demolir. Destruir.

DERRUBAR — Abater, deitar abaixo um edifício, uma construção. Derrubamento.

DERRUIR — Derribar, desmoronar.

DESABADO — Nome que também se dá ao terreno em declive. Encosta. Declive.

DESABAMENTO — Ato ou efeito de desabar, arruinar, cair por terra.

DESABAR — Abater-se, arruinar-se em relação às construções.

DESABE — Parte desabada ou caída de uma construção.

DESABITADO — Que não é habitado. Deserto, êrmo.

DESABITAR — Deixar de habitar. Tornar despovoado.

DESABRIGAR — Tirar o abrigo a alguém. Sair do abrigo.

DESAGUADOURO — Vala, rêgo, sargeta ou cano para escoamento de águas.

DESALICERÇAR — Tirar ou demolir alicerces.

DESAMOUCAR — Ato de desbastar a superfície das pedras. O mesmo que descodear. Existe também, a forma DESSAMOUCAR.

DESAMUADOR — Instrumento, usado principalmente pelos marceneiros, que serve para abrir orifícios e retirar cavilhas.

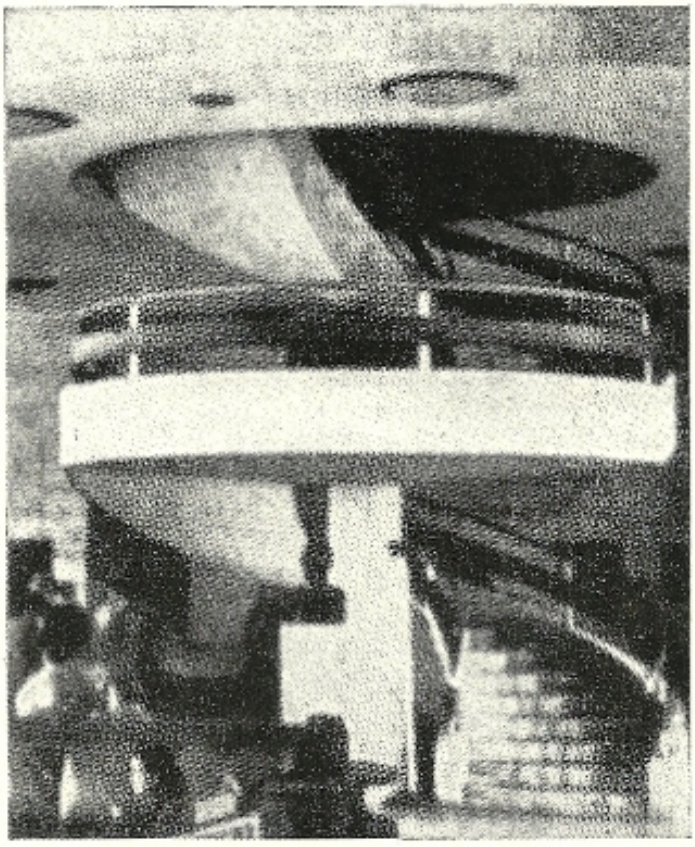
DESAMURIZAR — Derrubar um muro.

DESAPRUMAR — O mesmo que sair do prumo. Inclinar.

DESATERRAR — Desfazer um atêrro ou modificar a posição de uma elevação de terreno. Aplanar ou desobstruir um terreno ou ainda fazer escavações em algum lugar.

DESATÊRRO — Nome peculiar ao local resultante de uma transposição de determinado volume de terra para outra parte ou mesmo para longe. O terreno que se desaterrou.

DESBASTAR — Tornar menos basto. Isto é, desengrossar uma peça, por efeito do corte.



Nesta ilustração, dois exemplos de descanso ou patamar, nas escadas do Aeroporto Santos Dumont, Estação de Hidros, do arquiteto Atilio Corrêa Lima, no Rio de Janeiro e da residência da arquiteta Lina Bardi, no Morumbi, em São Paulo.

DESBRUGAÇÃO — Têrmo da gíria dos antigos taipeiros do vale do Paraíba que designava a desagregação da taipa construída com terra areienta.

DESCANGAR — Desmontar e retirar os paus dos madeiramentos dos telhados sustentados por armações vulgarmente chamadas CANGAS. Ver CANGA DE PORCO.

DESCANSILHO — Patamar ou DESCANSO nas escadas de lances compridos.

DECANSO — Patamar para descanso nas escadas de lances compridos.

DESANTILHÃO — Pequena régua usada para auxiliar o desenho feito sôbre pedras ou madeiras que devem ser cortadas segundo um molde determinado.

DESCARNAR — Pôr a descoberto as pedras de um terreno ou os alicerces de um edifício.

DESCIMBRAMENTO — Operação de retirar o SIMPLES ou CIMBRE que serviu para a execução de um arco ou uma abóbada.

DESCIMENTAR — O mesmo que abalar, arruinar.

DESCINTRAMENTO — O mesmo que DESCIMBRAMENTO.

DESCODEAR — O mesmo que DESAMOUCAR.

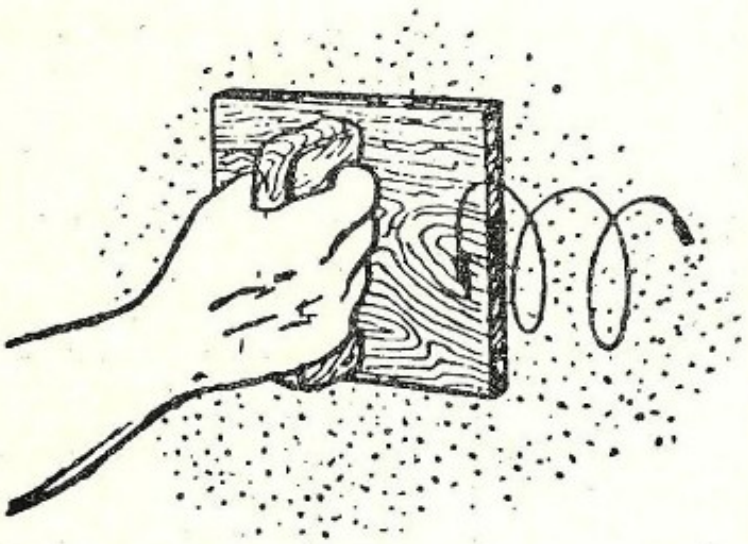
DESCONSTRUIR — Desfazer a construção. Destruir.

DESDOBRAR — Fraccionar uma tora de madeira em vários elementos ou pranchões, dos quais são obtidas tábuas, vigas, etc.

DESEMPENADEIRA — Instrumento de pedreiro feito de madeira que consta de uma tábua grossa, com uma das faces bem aplainada e a outra possuindo uma alça. É usada para distribuir o reboque sôbre a parede a revestir e depois para aplainá-la ou desempená-la. Serve, também, para suportar o reboque que o pedreiro retira com a colher, quando executa pequenos retoques. O mesmo que TALOCHA ou BROQUEL.

DESEMPENAR — Alisar, aplainar o reboque fino colocado sôbre o EMBÔÇO. Tornar uma superfície perfeitamente plana.

DESEMPOLADEIRA — Tábua ou régua provida de uma empunhadeira central que serve para alisar o rebôco das paredes. Seria uma espécie grande de DESEMPENADEIRA.



Desempenadeira.

DESENCAVILHAR — Desunir ou desligar retirando a CAVILHA ou ESPIGA.

DESENHAR — Traçar ou representar a forma sôbre uma superfície qualquer. Delinear. Representar. Projetar. Tratar a superfície como valor espaço-tempo, através da experiência sensível com expressão visual.

DESENHO — É a representação da forma sôbre uma superfície, através das linhas e dos contornos. Interpretação gráfica de uma expressão visual calcada na experiência sensível e na autonomia da "superfície" como valor de espaço-tempo.

DESENHO ARQUITETÔNICO — Representação gráfica numa superfície da expressão arquitetônica, pela linha, pelo contôrno e pela forma. É o desenho em escala adequada como resultado de uma criação artística que se baseia na sensibilidade e na razão, duplo aspecto próprio da arquitetura. O desenho arquitetônico é o meio pelo qual o arquiteto expõe uma idéia, interpreta um desejo, uma necessidade. É a linguagem de um estudo, de um anteprojeto ou de um projeto arquitetônico. Por meio do traço, das plantas, dos cortes e das fachadas, se concretiza pelo desenho uma idéia, uma concepção.

DESENTABUAR — Tirar as tábuas. Geralmente refere-se ao ato de retirá-las de um fôrro ou de um soalho.

DESENTAIPAR — Tirar de entre taipas.

DESENVOLVIMENTO — Desenho das projeções de um edifício: fachadas ou cortes.

DESGALGUE — Rebaixo feito na superfície de uma pedra ou tábua.

DELUMBRAMENTO — Defeito de adaptação que se manifesta em caso de excesso de contraste ou de excesso de iluminamento, no espaço ou no tempo. Também chamado ofuscamento. Conforme a importância do contraste ou do excesso de luminância, êste defeito de adaptação provoca certa sensação de mal estar mais ou menos importante da capacidade visual que pode sofrer o observador.

DESMEAR — Serrar uma tábua ao meio, no sentido do comprimento.

DESMONTE — Conjunto de pedras, seixos ou areia retirados da jazida. Arrazamento de morro.

DESMORONAR — Derrubar, demolir. Desabar.

DESNÍVEL — Diferença de NÍVEL.

DESPÊJO — Nome que vulgarmente se dá ao cômodo onde são guardados objetos fora de uso. Diz-se, também, cano de despejo, ou esgôto.

DESPENSA — Casa ou compartimento onde se guardam comestíveis. Copa.

DESPROPORÇÃO — Fator negativo nas condições de valorização da obra arquitetônica, porque se baseia na falta de proporção, na monstruosidade, na desconformidade. Ver PROPORÇÃO.

DESSAMOUCAR — Ato de desbastar a superfície das pedras. O mesmo que descodear. Existe também, a forma desamoucar.

DESSANGRADEIRO — O mesmo que BUEIRO.

DESSECAR — O têrmo é empregado para designar o ato de se retirar a seiva das madeiras verdes, antes de serem submetidas a tratamentos que visam a sua preservação.

DESTRO — O mesmo que PASSAL.

DESVÃO — Espaço situado entre as telhas da cabertura e o fôrro dos cômodos. Deu-se também nome de desvão ao pavimento superior de uma casa. Ver ÁGUA-FURTADA ou MANSARDA. Espaço situado entre o piso e uma escada que sobe. O mesmo que GUILHERME.

DESSAMOUCAR — Ver DESAMOUCAR.

DETALHAR — Pormenorizar, particularizar determinado aspecto da obra arquitetônica ou do projeto. Desenhar em separado com clareza e minúcia ou pormenor.

DETALHE — É a realização sob aspecto gráfico, pelo desenho, de um pormenor, de uma minúcia arquitetônica. Constitui o detalhe, um elemento indispensável na consecussão do projeto para conseguir objetividade e maior clareza técnica. Ordinàriamente é desenhado em escala maior do que o projeto, isto é na escala de 1 por 20, ou 1 por 10, ou 1 por 5 para maior compreensão da idéia e maior facilidade na sua execução. Ver PROJETO.

DEVESA — Alamêda que circunda um terreno. Área cultivada ou não, cercada por muro de fecho.

DIASCÚSTICA — Parte da acústica que estuda a refração e as propriedades do som, quando passa de um meio para outro.

DIÁSTILO — Espaço entre colunas, cujo comprimento é igual a três vêzes o diâmetro daqueles elementos de sustentação. Nome do edifício que contém colunas dispostas segundo aquêle intercolúnio.

DIÁTIRO — Corredor da casa grega, que ligava o exterior com o pátio interno.

DIETA — Pavilhão ou caramanchão dentro de um parque.

DIFRAÇÃO — Desvio dos raios luminosos, ao tocarem corpos opacos.

DIFUSOR DE AR — Aparelho colocado nos pontos terminais das instalações de renovação de ar, que difunde, segundo critério pré-estabelecido, o ar dentro dos recintos artificialmente ventilados. Modernamente, e de maneira genérica, os difusores de ar são chamados de "anemostatos", palavra que no início designava certo tipo especial de difusor.

DÍGLIFO — Espécie de TRÍGLIFO imperfeito. Modilhão com duas estrias ou canais inventado por Vignola.

DIMENSÃO — EXTENSÃO, MEDIDA, TAMANHO.

DINTEL — Verga superior da porta ou da janela, que assenta sôbre as ombreiras, que pode ser executada nos mais variados materiais. Também chama-se dintel cada um dos degraus ou saliências laterais sôbre que assentam as prateleiras de uma estante. LINTEL.

DIÓSTILO — Duas colunas numa fachada.

DÍPILO — Edifício ou arco de triunfo cuja face é perfurada por duas aberturas, como acontece em inúmeros exemplos.

DIQUE — Construção que serve para represar aguas correntes, ou ainda, reservatório em comunicação com mar, rio, etc. e que pode impedir ou favorecer a passagem das águas por meio de comportas.

DISPENSÁRIO — Estabelecimento ou dependência hospitalar, onde se dá, quase sempre gratuitamente, assistência e remédios aos doentes pobres ou associados de instituições de beneficência.

DISPENSATÓRIO — Nas antigas escolas de farmácia, local onde eram dadas aulas práticas ou de demonstração. Laboratório de drogas farmacêuticas.

DISPOSIÇÃO — Ato ou efeito de dispor. Modo pelo qual se dispõe na composição plástica edifícios ou formas.

DISTRIBUIÇÃO — É a conveniente colocação dos diversos compartimentos e dependências do edifício, segundo os usos ou a adequada utilização. Em Portugal também é empregado o têrmo dividimento.

DISTRÍGLIFO — Espaço que separa dois TRÍGLIFOS. Existe também a forma ditrígliio.

DISTRITO — Divisão territorial. Parte da cidade que, por determinação oficial, compreende, para fins administrativos, um ou mais bairros.

DIVIDIMENTO — O mesmo que DISTRIBUIÇÃO.

DIVISA — Marco ou sinal que divide. Por exemplo, divisa do terreno linha demarcável que separa um terreno de outro.

DIVISÓRIA — Linha que divide ou separa. Tapume, parede ou biombo que divide uma casa ou compartimento.

DIVISÓRIO — Muro ou parede que divide duas propriedades.

DOBRADA — No sul do Brasil, lugar de terreno onde há ondulação, ou quebrada.

DOBRADIÇA — Dispositivo metálico formado de duas chapas unidas por um eixo comum, em tôrno do qual giram fôlhas das janelas ou portas. Assume inúmeras formas e tamanhos e seu emprêgo remonta às mais antigas épocas. Nos primeiros tempos de nossa colonização as dobradiças eram artigos de luxo e, por isso, substituídas por gonzos de madeira, ou eixos que nada mais eram que meros prolongamentos verticais de uma das bordas da fôlha da porta ou janela. Pode-se dizer com certa segurança que o emprêgo das dobradiças generalizou-se, em São Paulo por exemplo, a partir dos meados do século XVIII. Assim, são muito raras as notícias da existência daquelas peças em épocas anteriores. Uma delas é a que aparece no inventário de Valentim de Barros, feito em São Paulo em 1651: "Foram avaliadas as casas da roça de taipa de mão cobertas de telha com suas portas e chave mourisca e a porta com suas dobradiças tudo em setenta mil réis". Ver LEME e também, GONZO.

DOCA — Parte de um pôrto, ladeada de muros e cais, onde se abrigam os navios para tomar ou deixar carga.

DOCEL — Grafia errônea de DOSSEL.

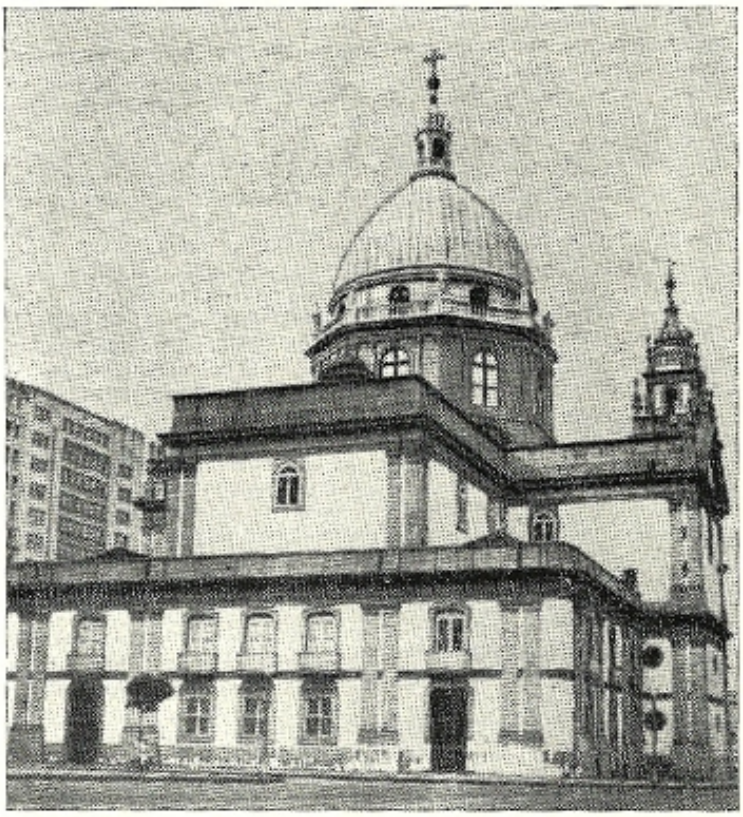
DOMICÍLIO — Casa de residência. Habitação fixa. Lugar de residência permanente.

DOMO — Nome das superfícies côncavas que revestem, protegem ou cobrem o extradorso das CÚPULAS ou abóbadas de revolução. Por isso, diz-se que o domo é a parte externa ou aparente das cúpulas. Note-se que pode existir cúpula sem domo, isto é, aquela abóbada pode estar no interior, de um edifício e portanto sem necessidade de cobertura própria. A palavra também é empregada como sinônima de SÉ ou CATEDRAL. O mesmo que ZIMBÓRIO.

DÓRICO — Ver ORDEM.

DORMENTE — Cada uma das peças de madeira, geralmente de proporções avantajadas, onde são pregadas as tábuas dos soalhos. Elemento da estrutura dos SOBRADOS.

DORMIDOURO — O mesmo que DORMITÓRIO.



Zimbório ou domo da igreja de N. S. da Candelaria. no Rio de Janeiro, construção iniciada em 1811, e projetada por Francisco João Roscio.

DORMITÓRIO — Aposento onde se dorme. QUARTO de dormir. Numa comunidade, convento, colégio, quartel, etc., local onde estão os leitos. Daí o fato de se chamar também de dormitório o corredor ladeado de celas, ou então, o próprio edifício que encerra aquêles aposentos.

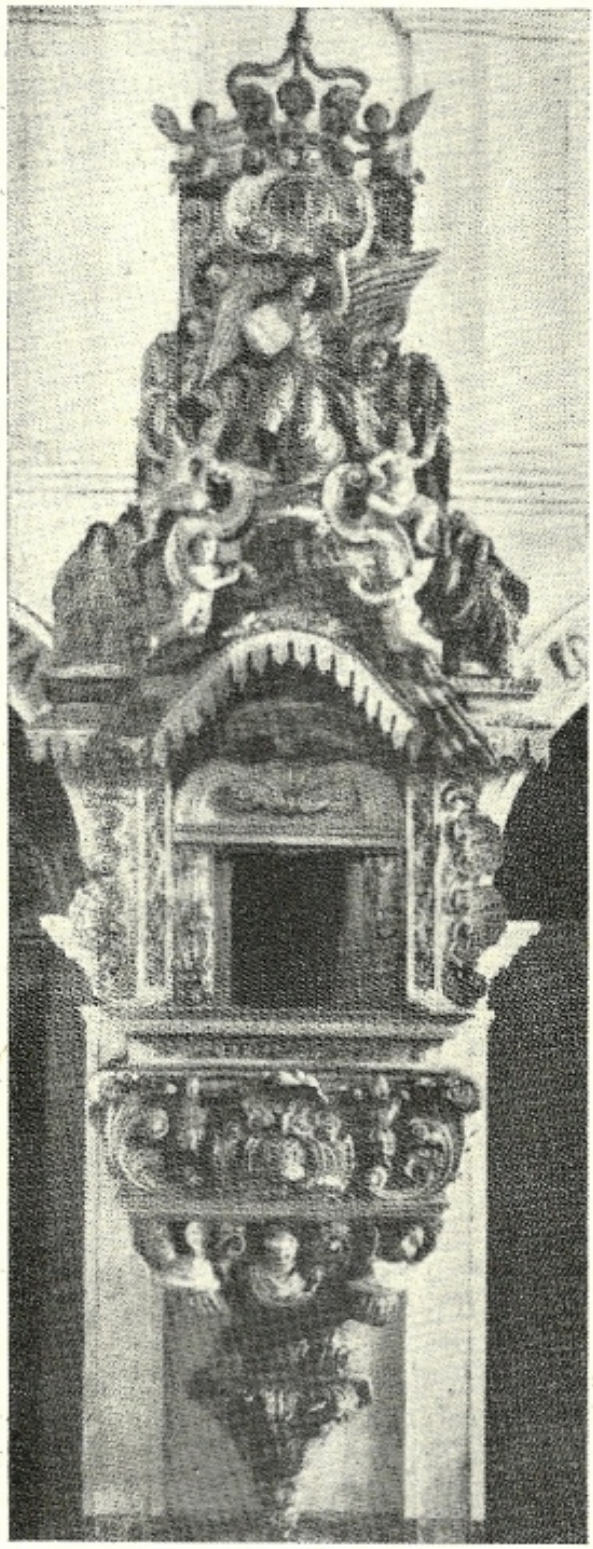
DORSEL — O mesmo que DOSSEL. O têrmo antigamente era empregado para designar a poltrona ou trono de espaldar alto arrematado por um dossel.

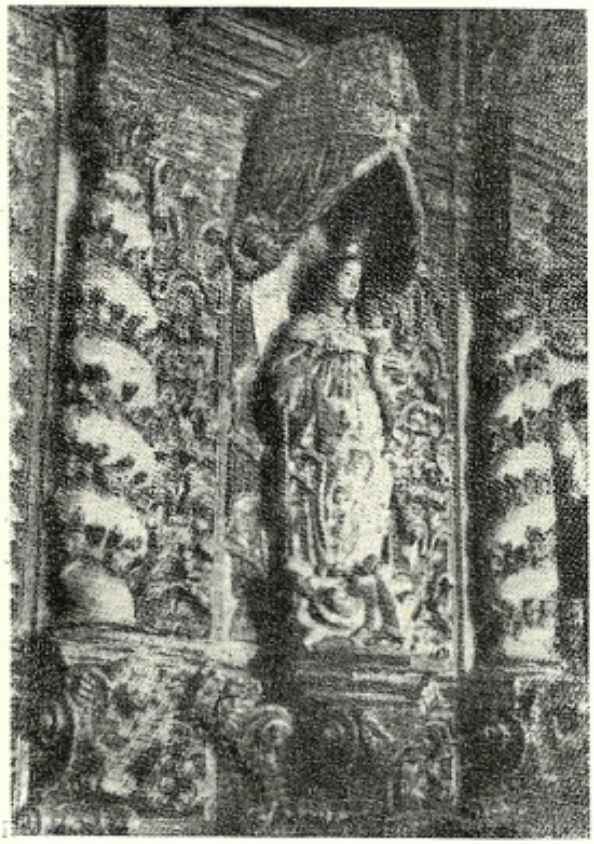
DOSAGEM — Ato de dosar ou misturar, combinando nas proporção devidas, os ingredientes das massas aglutinantes ou das tintas. Ver TRAÇO.

DOSSEL — Qualquer cobertura a meia altura, no interior de um cômodo. Pode ser de madeira, pedra, ou mesmo de tecidos variados, como o veludo, a sêda ou o damasco. Ordinàriamente é colocado sôbre tronos reais, altares, púlpitos, ou camas senhoriais sendo nada mais que símbolo da pompa ou da ostentação, da fôrça ou do poder. Quando o dossel é sustentado por colunas recebe o nome de BALDAQUIM. Recebe o nome de UMBRELA quando apresenta a forma de guarda-sol.

DOURAMENTO — Operação pela qual se reveste de ouro uma superfície qualquer. Diz-se, também, DOURADURA. Douram-se os metais, as pedras, a argila cozida, a madeira, o vidro, etc., segundo técnicas que variam com a natureza dos materiais a serem decorados. Hoje em dia os metais são dourados através da galvanoplastia, que substitui a antiga maneira que empregava o mercúrio como veículo. Aliás, o mercúrio também foi empregadíssimo nos douramentos de talhas de pedra, nos velhos processos chamados "a fogo". A pedra a ser dourada, depois de bem limpa, era recoberta, por friccionamento, com **amálgama** de ouro. A seguir, após a volatilização do mercúrio pelo aquecimento, era o ouro residual polido. A argila cozida e a porcelana eram e são douradas em fornos de alta temperatura, com o emprêgo de derivados químicos do ouro. São famosas as antigas cerâmicas "gold lustres" inglêsa. No entanto, o douramento que mais nos interessa é o da madeira, da obra de talha em madeira, que pelo Brasil todo decorou os interiores de igrejas e capelas. A técnica de douramento de madeira variou em alguns pormenores, insignificantes, no tempo e no espaço, não deixando nunca de constituir na realidade um simples processo da colagem de delgadíssimas fôlhas de ouro sôbre a superfície esculpida ou aplainada. Existem o dourado fôsco e o dourado brilhante ou polido. O fôsco é de mais fácil execução. A madeira lixada, recebendo demão de um mordente qualquer que, em Portugal e entre nós, geralmente era constituído de óleo de linhaça bastante fervido com alguns dentes de alho, estava, após certo tempo, apta a receber e fixar as lâminas de ouro. Êste douramento, embora menos deslumbrante porque fôsco, era mais duradouro por resistir bem ao atrito e à umidade. O processo que oferece superfícies polidas e brilhantes é usado até hoje e requer mais trabalho e técnica mais aprimorada. Não pede êle que a madeira seja perfeitamente lisa. Esta inicialmente recebe duas camadas de calda de gêsso em cujo veículo aquoso foi dissolvida cola de pelica. A primeira destas camadas é de "gêsso cré" ou "gêsso grosso". A segunda é de "gêsso mate" ou "fino". A superfície resultante dessas duas aplicações, depois de bem sêca, é lixada bastante de modo a apresentar ao tato ausência total de asperezas. Em seguida, vêm algumas tênues demãos de "bôlo" (Ver BÔLO AR-

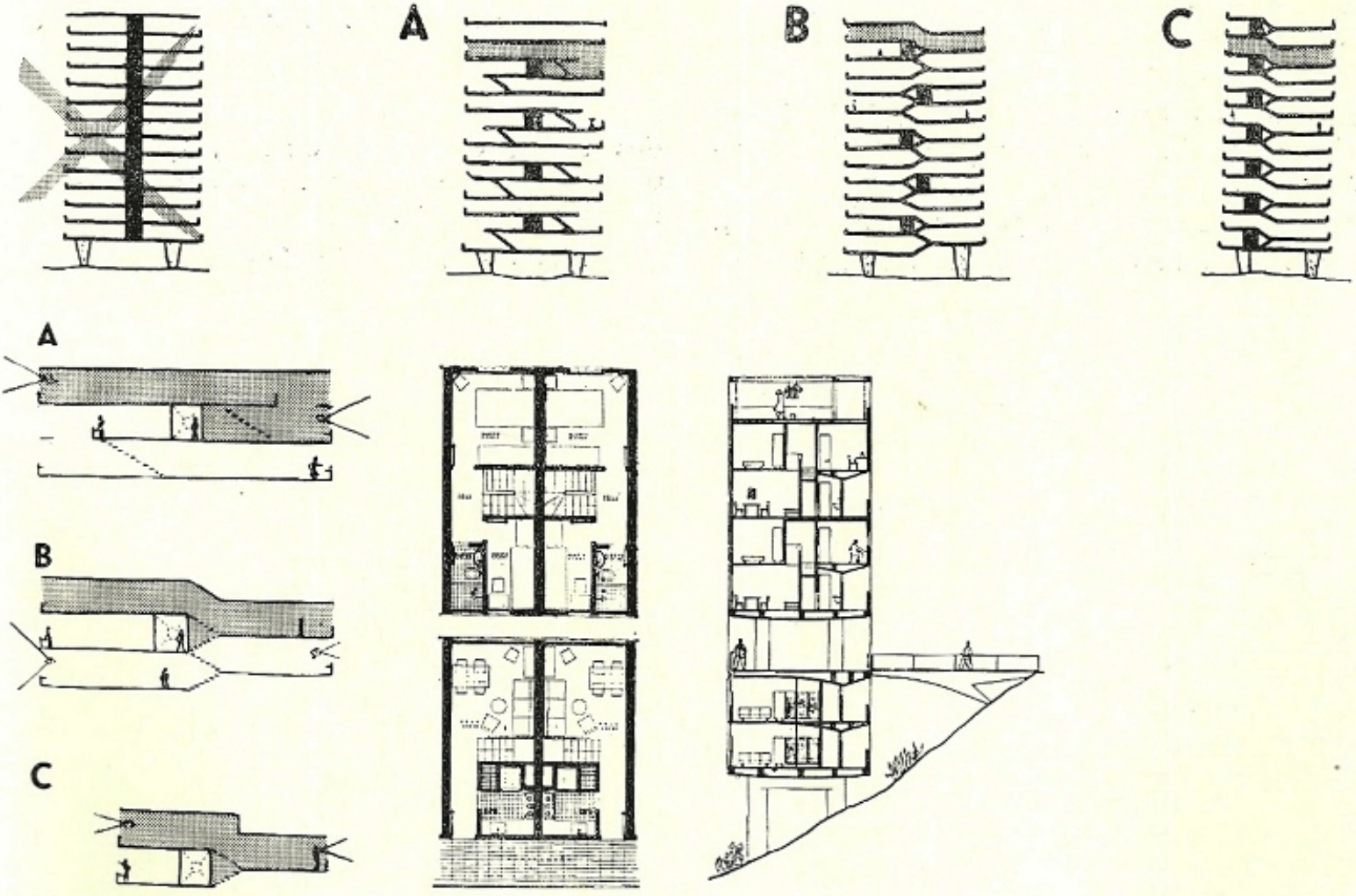
MÊNIO) amarelo ou vermelho, também dissolvido em água de cola, de pelica. Novas lixaduras deixam pronta a superfície para receber as fôlhas de ouro. Neste ponto revela-se a perícia do dourador que tem pela frente o manuseio de material delicadíssimo. Sôbre uma almofada de couro, situada numa caixa aberta em um dos lados, o "coxim", são colocadas as fôlhas de ouro superpostas que, em conjunto, chamam-se "pães de ouro". Essas fôlhas são tão finas, um décimo milésimo de milímetro, que o próprio movimento do ar resultante da respiração humana poderá fazê-las voar, inutilizando-as. Do coxim as fôlhas são retiradas uma a uma com o auxílio de fino pincel de pêlo de marta engordurado prèviamente em sebo derretido que o operador passou em sua face direita. Assim, de vez em quando, o artista roça o pincel em seu rosto para manter sempre pegajoso aquêle instrumento. A fôlha de ouro é levada à superfície a dourar e nela encostada. Neste momento, com outro pincel, manejado pela mão canhota, molha a superfície de bôlo armênio próxima à fôlha de ouro. A água usada nesta operação está guardada em pequenino balde dependurado no dedo mínimo da mão esquerda. A gôta dágua depositada pelo pincel, por capilaridade, escorre ràpidamente sob a película do metal estendendo-a, sem rugas ou dobras. Desta maneira, com fôlhas justapostas, vão-se cobrindo todos os espaços. No dia seguinte, após desaparecimento da água absorvida pela





Dois tipos de dossel; o primeiro, também chamado abaixavoz, é profundamente decorado e protege o púlpito da igreja de S. Francisco Xavier, hoje de S. Alexandre, do antigo colégio de Belém, Pará; o segundo, sôbre imagem do altar-mor da igreja de Embu. Estado de São Paulo.

base, estão as fôlhas de ouro perfeitamente aderidas e prontas para receber polimento. A brunidura é feita com pequena pedra lisa (ágata, por exemplo) engastada núm cabo de madeira. Êste método de douramento agora descrito foi o seguido pela maioria dos artistas portuguêses e brasileiros e parece ter sido usado por Ataíde, o grande pintor mineiro do século XVIII. Vemos nas "Condições, e declarações que apresenta Manoel da Costa Ataíde, a Illma, e Respeitável Meza da Venerável Ordem 3.ª de Nossa Senhora do Carmo da Imperial Cidade de Ouro Prêto pelas quais declara o méthodo e ordem o se deve seguir no Douramento, e pinturas do Ratoblo do Altar Mór da Igreja da m. ma. Senhora para sua perfeição permanecia, e brilhantismo (Segdo. sua curta entelig.ça)": "Que este Altar Mór se acha p.r. mim pren cipiado, e aparelhado com dés demaons; 5 de geço groço, e 5 de geço mate fino e cola de pelica fina, e muito bem desposto de baixo de regra e preceito para se aprezentar hum bom, e ademiravel Dourado, estando nesta altura deve-se agora seguir seo devido lixamento pa. lizura de m. mo Dourado, e mais empregos da obra depois disto será bem espanado, e limpo seguindo-se outras 5 de moons de bolo armênio em a m.ma cola-fina com a devida cautela e observancia nas deverças q. são nesseçarias, e costume, donde pende o bom ou máo exito de hum Dourado". A seguir, diz Ataíde: "Que estando desta sórte prompto do bolo armenio se começará a assentar o ouro em seus deviduos lugares bem como tudo quanto for pessas gerais de talha=Biscates=Festoens de flores=Redondos, filetes, e meias cannas das simalhas, e mulduras; repartindo-se em seos lugares o q. for deviduo e milhor gosto para se bornir e em outros lugares entre o bornido o q. foi justo para se dar a côr de fosco". Algumas vêzes a base



Os cortes esquemáticos de apartamentos semi-duplex são de G. Candilis e S. Woods e mostram as várias possibilidades de ligação de dois pisos em níveis diferentes, constituindo uma unidade de habitação. As plantas e corte lateral pertencem aos apartamentos duplex projetados por Affonso E. Reidy para o Conjunto Residencial Marquês de São Vicente, Rio de Janeiro.

do ouro não era de gêsso e bôlo armênio e sim de alvaiade misturado com óleo de linhaça e litargírio. Acima dêsse material era dado a demão de mordente composto de resíduos de tintas e óleo de linhaça fervido. As fôlhas de ouro eram colocadas sôbre a superfície ainda pegajosa, não muito sêca. Êste tipo de dourado era posteriormente envernizado. Houve, finalmente, o douramento que empregava o ouro em pó, friccionado com o dedo ou com pedaço de cortiça.

DRAGO — Abreviatura de pouca aplicação de "sangue de dragão", resina que se usa na pintura para a composição de verniz. É tirado do arbusto "dragoeira" proveniente da Índia, tem côr vermelha e grande solubilidade.

DRAINO — Ver DREINO.

DRENAGEM — Escoamento das águas nos terrenos encharcados, por meio de tubos, valas ou fossos.

DRENO — Tubo ou vala subterrânea, que serve para esgotar a água no terreno alagadiço, isto é, para a DRENAGEM.

DROFA — O mesmo que VITRINE. O têrmo também é usado com o significado de PORTA.

DUCHA — Jôrro de água lançada sôbre o corpo com fins terapêuticos ou higiênicos. Banho de chuveiro. Estabelecimento onde são aplicadas as duchas.

DUCINA — Nas cornijas, moldura de perfil meio côncavo e meio convexo. Existe também, a forma DULCINA.

DULCINA — Ver DUCINA.

DUPLEX — Designação genérica empregada para caracterizar a habitação de dois pisos. Mais precisamente refere-se ao apartamento, unidade de habitação coletiva, resolvido em dois níveis.

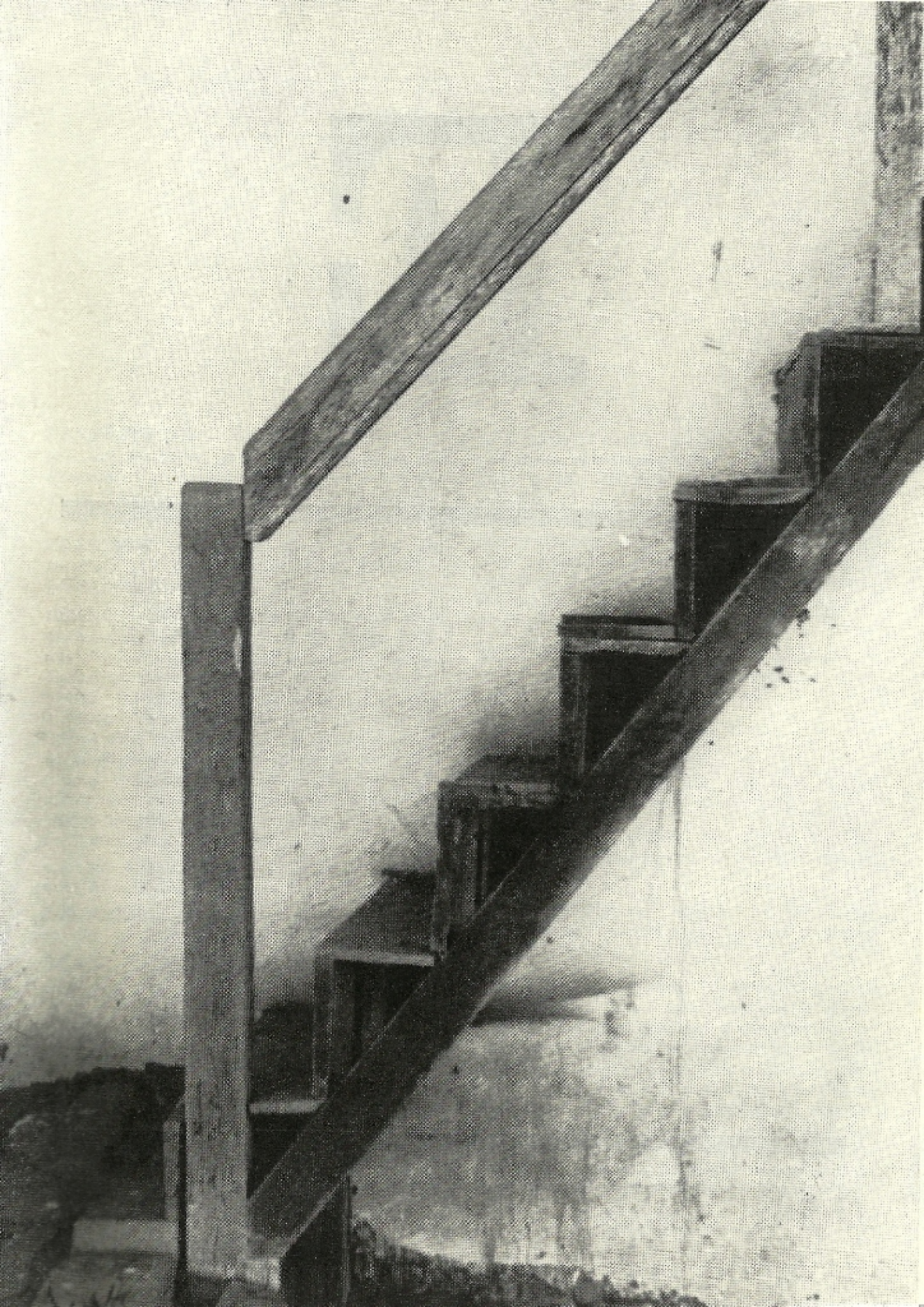
DURAME — O mesmo que CERNE, ou seja a parte mais dura do lenho das árvores. Ainda aparece como durâmem.

DURALUMÍNIO — Liga de pouco pêso e muito usada em estruturas que requerem pouco pêso ou em esquadrias e revestimentos como elemento arquitetônico de grande durabilidade. Tem resistência próxima da do aço e é constituída de 94,5% de alumínio e cobre, manganês e magnésio. Ver ALUMÍNIO.

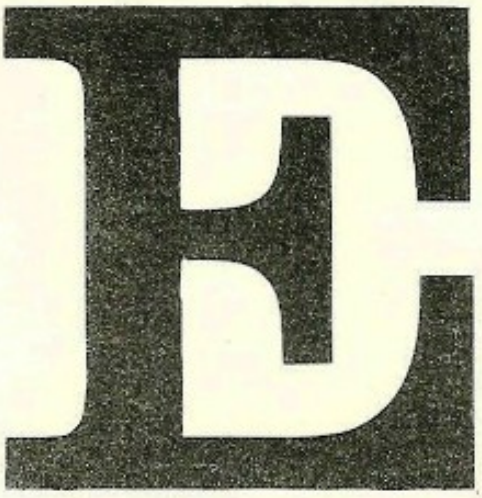
DÚSSIA — O mesmo que ADÚSSIA.

DUTO — O mesmo que CONDUITE. Nome dos tubos, embutidos ou não, que servem para desvio de líquidos. Diz-se dutos de águas, esgotos, etc.

DUZIL — Torneira feita de pau.



E



Escada lateral de acesso ao púlpito da Igreja de Nossa Senhora das Mercês.

EBANESTERIA — Obra feita de ébano ou ato de trabalhar em ébano. Oficina de ebanista. Por extensão, costuma-se dar o nome de ebanesteria às obras de marcenaria fina, feitas com madeiras de qualidade.

EBANISTA — Aquêle que trabalha em ÉBANO. O mesmo que MARCENEIRO. ENSAMBLADOR.

ÉBANO — Madeira famosa pelas suas altas qualidades. Seu nome vem do grego "ebenus", palavra que significa pedra. É madeira duríssima, podendo receber, assim, belo polimento. Apresenta três côres: negra, vermelha e verde. A mais apreciada, no entanto é a negra, sem veias e macia ao tacto. Provém de Madagáscar. O ébano de outras côres é de origem européia. Madeira usada sòmente na marcenaria fina. O mesmo que PAU FERRO. Nome comum a diversas espécies de plantas da família das Ebanáceas.

ÉBANO ORIENTAL — Madeira. Ver CORAÇÃO-DE-NEGRO.

EBÚRNEO — O que se assemelha ao marfim, na côr ou no aspecto.

EÇA — Grafia errada de ESSA.

ÉCFORA — Saliência constituída pela CIMALHA ou por outro elemento arquitetônico qualquer.

ECLETISMO — Em arquitetura, o movimento ou a tendência resultante da falta de originalidade e de caráter na obra arquitetônica que surge em determinado momento no qual existe o embate de idéias e o conflito de culturas. O período mais caracterìsticamente eclético da arquitetura foi o fim do Século XIX onde os estilos arquitetônicos até então existentes não conseguiram exprimir a realidade e não fixaram-se como manifestação cultural. Daí o aparecimento da renovação arquitetônica, que, com bases objetivas, foi se desenvolvendo para alcançar enormes proporções, evidenciando uma grande arquitetura. A tendência eclética pode prejudicar bastante até mesmo o arquitetura contemporânea, se fôr iniciada em nossos dias.

ECLÍMETRO — Instrumento destinado a medir distâncias verticais para conhecer-se as diferenças de nível num terreno.

ECLUSA — O mesmo que ESCLUSA. Reprêsa. DIQUE.

ECOCLIMA — O conjunto dos fatôres meteorológicos dentro de um HABITAT.

ECOLOGIA — Ciência que estuda as relações dos organismos com o ambiente que os circunda.

EDAFOLOGIA — Tratado que estuda os solos e suas constituição. Tem por sinônimo PEDOLOGIA.

EDÍCULA — Do latim "oedicula", significa pequena casa, construção de pequeno porte. Hoje em dia generalizou-se o emprêgo da palavra para designar as construções complementares situadas ao largo da edificação principal. Assim, são chamados de edículas as lavanderias, as instalações sanitárias e aposentos da criadagem, situados nos quintais das residências sem que com estas, tenham acessos internos. Nicho onde são colocadas imagens de santos. Oratório.

EDICULAR — Disposto ou construído como edícula. Da forma de edícula.

EDÍCULO — Ver EDÍCULA.

EDIFICAÇÃO — Ato ou efeito de EDIFICAR. Edifício.

EDIFICADOR — Aquêle que edifica. O Construtor, o arquiteto.

EDIFICAMENTO — Ver EDIFICAÇÃO.

EDIFICAR — Construir ou levantar um edifício. Erigir uma construção.

EDIFÍCIO — Qualquer construção destinada a ser habitada, seja qual for a sua função. Casa. Habitação. Prédio. Edificação.

EFEITO ESTROBOSCÓPICO — Impressão fisiológica que atribui um estado de repouso ou de movimento, diferente do estado real, a um objeto, iluminado por uma luz sujeita a variações periódicas.

EFEITO DE PERSPECTIVA — Resultado ótico proveniente da observação da obra arquitetônica e que tem base nas limitações do órgão visual. Nossa vista vê diferentemente o desenho do projeto da obra realizada, a três dimensões. Enquanto no papel as linhas horizontais, verticais ou paralelas são representadas de certo modo, na obra realizada parecem convergir para um ponto, devido aos "efeitos da perspectiva". Assim, o arquiteto deverá conseguir artifícios para agregar à obra "deformações" ou "modificações" para que o ôlho veja determinados elementos o mais aproximado possível de como foram previstos no projeto. Para contrapor-se aos "efeitos de perspectiva" o arquiteto recorre entre outros aos seguintes processos: correções da perspectiva, ilusões de ótica, efeitos de oculação, de contraste ou de inversão e também ao estudo da luz refletida ou direta, das sombras e dos contrastes da côr, etc., sempre com a intensão de aumentar o valor estético da obra arquitetônica.

EGICRÂNIO — Ornato antigo que representava uma cabeça de bode ou de cabra.

EGREJÓ — O mesmo que GRIJÓ, ou igreja pequena.

EIDO — Pátio junto a uma casa. Quintal.

EIGREJA — O mesmo que IGREJA.

EIRA — Nos estabelecimentos agrícolas, pátio ou terreiro onde são secados e manipulados os cereais ou legumes, logo após a colheita. Nos prédios industriais, principalmente tecelagens e usinas de açúcar, nome dos pátios onde são depositadas as matérias primas.

EIRADO — Terreiro. O mesmo que EIRA. O nome também é aplicado para designar os espaços descobertos situados acima dos tetos dos edifícios ou em lugares altos e separados onde se toma o fresco ou o calor do sol no inverno. O mesmo que SOALHEIRO, TERRAÇO ou TERRADO. Há quem defina o eirado como sendo a plataforma elevados e coberta, onde se admira a paisagem. Lugar de recreio acima dos tetos.

EIRÓ — Chão de terra batida e calcada, geralmente empregado nas EIRAS.

EIVIGAR — O mesmo que EDIFICAR.

ELEFANTÍACO — Objeto feito de marfim.

ELEGIMENTO — Nome da parte da parede situada logo acima do alicerce ao nível do chão, sôbre a qual era aplicado, um sôbre-revestimento que constituía o chamado SÔCO ou FÔRRO.

ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO — Designação empregada para cada parte componente de uma construção. Desde o simples tijolo até a laje de concreto ou a parede pré-moldada pode-se caracterizar o elemento construtivo.

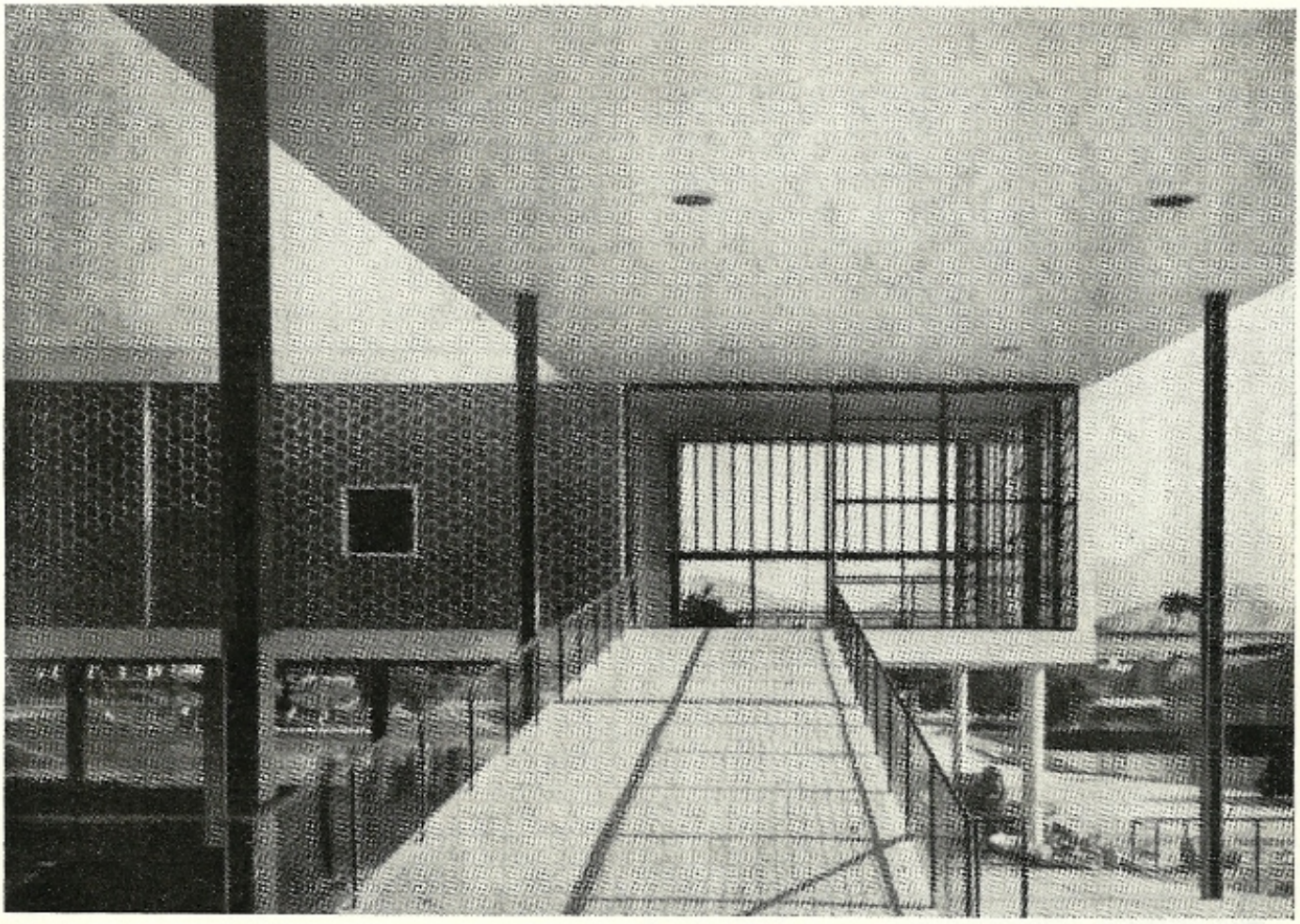
ELEMENTO VAZADO — Peça padronizada que apresenta uma ou mais perfurações, muito usada modernamente em paredes seletivas e em paramentos externos com a função de quebra-sol. O mesmo que COMBOGÓ.

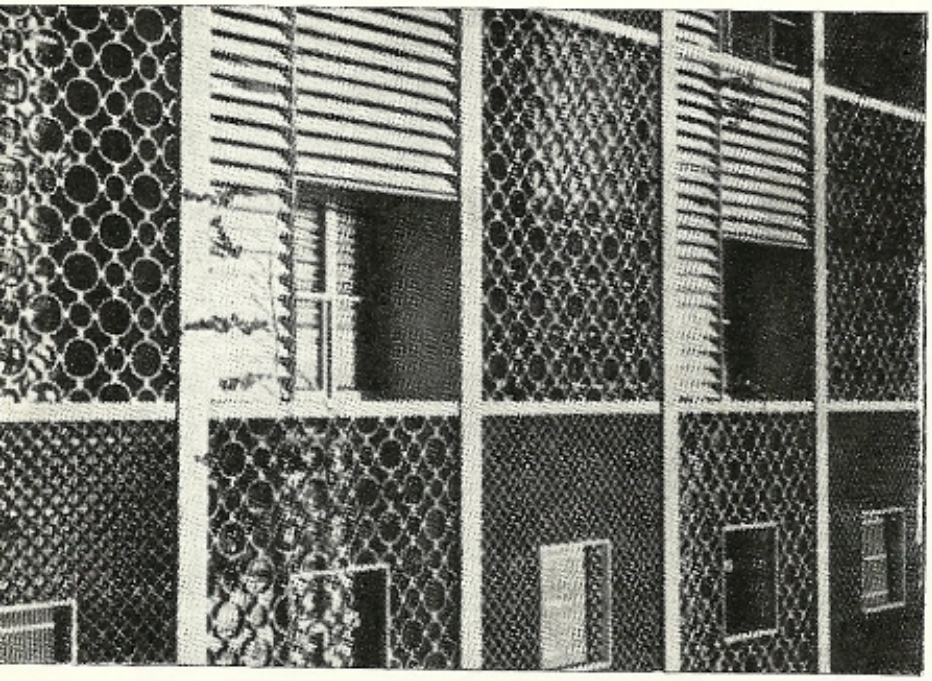
ELEMI — Madeira. Ver ALMECEGA. Nome que se dá à resina daquela madeira e com a qual são fabricados certos vernizes.

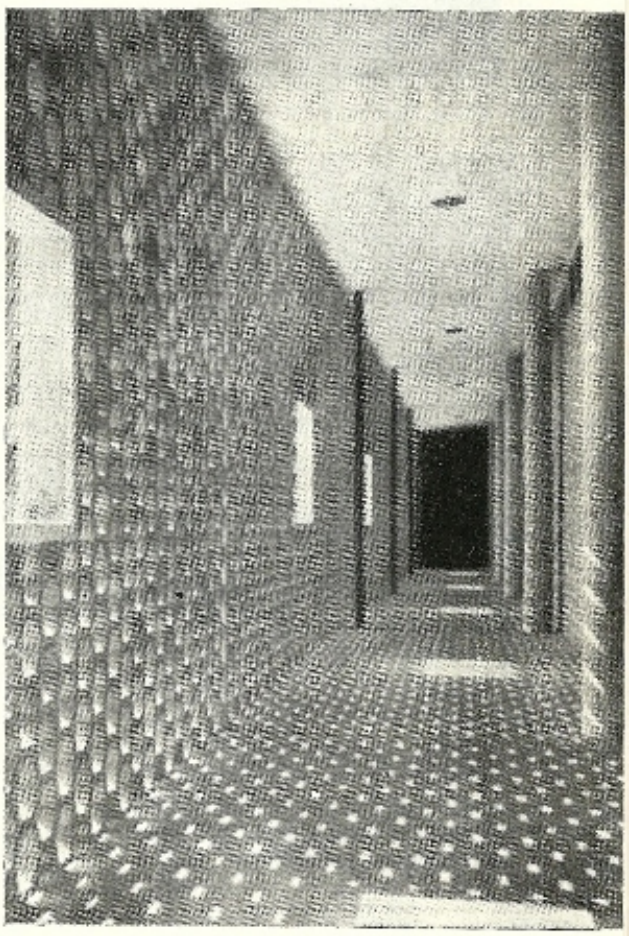
ELEVAÇÃO — Nome que se dá à representação gráfica das fachadas ou frontispícios dos edifícios. Quando a elevação constitui mera projeção ortogonal chama-se elevação geométrica ou ortográfica. Elevação perspectica é a que recorre à perspectiva.

ELEVADOR — Aparelho cuja função é proporcionar a circulação vertical de pessoas ou cargas. O mesmo que ASCENSOR.

ELIGIR — O mesmo ERIGIR, isto é, levantar fundamentos, erguer alicerces.



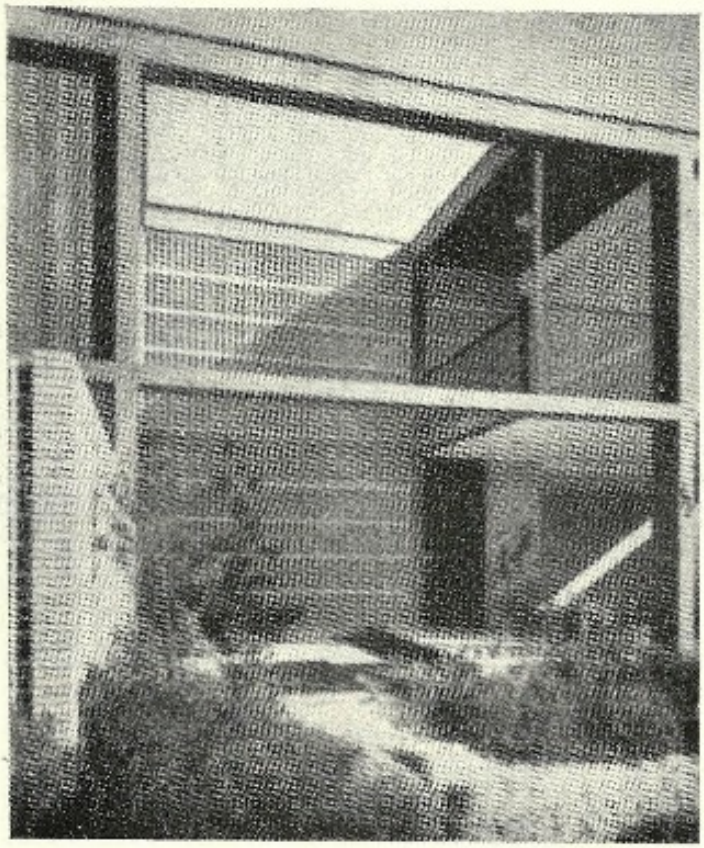


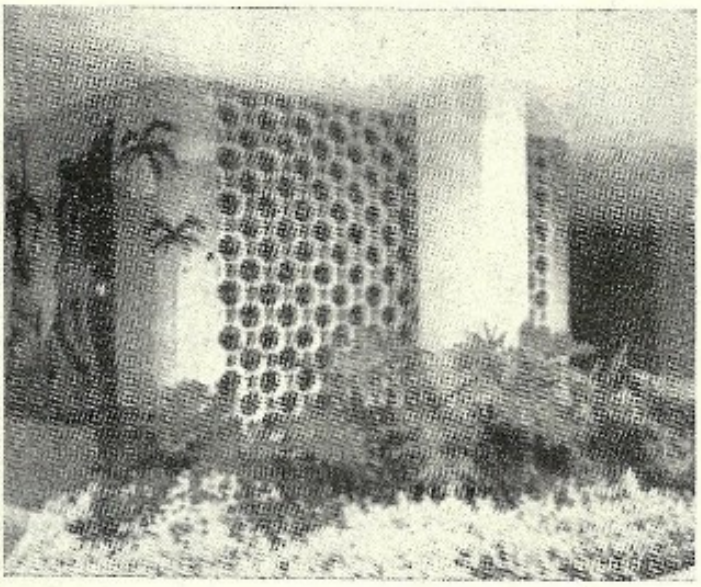


Exemplos de elementos vazados cerâmicos em projetos de Afonso E. Reidy (Escola primária do conjunto Pedregulho) e Lúcio Costa.

(Prédio de apartamentos no Rio).

EMADEIRAMENTO — Conjunto da madeiras de um edifício ou de uma parte dêle. Assim, diz-se emadeiramento do telhado, isto é, conjunto de tôdas as peças que sustentam a cobertura. Nome genérico da estrutura das construções de taipa de sebe ou de mão.





EMBASAR — Fazer, construir o embasamento.

EMALHETAR — Unir peças de madeiras por meio de MALHETES. Fazer travamento. Ensamblar.

EMASSAR — Converter em massa. Empastar. Errôneamente empregado na linguagem comum no lugar de emassilhar.

EMASSILHAR — Ato de colocar a massa que segura os vidros dos caixilhos.

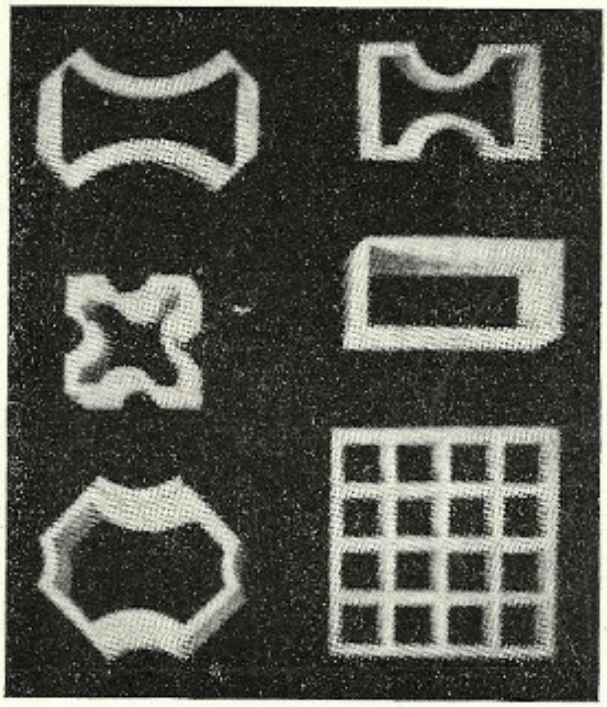
EMBALA — O mesmo que SENZALA.

EMBARRAR — Rebocar, revestir ou cobrir de barro uma superfície. Ato de usar o barro na confecção das paredes de taipa de mão. O mesmo que embarrear.

EMBARREAR — Ver BARREAR.

EMBASAMENTO — Base. Apoio. Alicerce contínuo que serve de sustentáculo a um edifício. Modernamente dá-se o nome de embasamento ao primeiro pavimento de uma edificação. Porão.

EMBASAR — Fazer, construir o embasamento.



Projeto de Oswaldo Bratke, em São Paulo, mostrando parede posterior constituída de elementos vazados de concreto que atuam, no caso, como elemento de proteção e de seleção. A seguir alguns tipos de elementos vazados de concreto e vista do *hall* de entrada de edifício de apartamentos projetados por A. Franz Heep, em São Paulo, onde os elementos vazados de porcelana separam o jardim externo do apartamento.

EMBEBER — Têrmo que em arquitetura significa embutir encaixar. O mesmo que CRAVAR.

EMBIRA — Rolinia marginata, Schf. Família das Anonáceas. A madeira não é de boa qualidade, serve para alguma carpintaria e para caixotaria. A casca fornece liber para cordoaria que na nossa arquitetura popular é muito usada, na amarração de elementos da taipa de mão ou nas tramas do telhado. Também é chamada por Pindaíva.

EMBIRA DE SAPO — Ver GOIANÁ.

EMBOCADURA — Obras que se fazem junto aos pegões das pontes protegendo-os da corrente dágua, principalmente nas ocasiões das enchentes. Bôca ou início de uma rua ou beco.

EMBOCADURA DA CHAMINÉ — Nome da parte inferior das chaminés das lareiras, situada acima do lume, que capta e desvia a fumaça da combustão.

EMBOÇADOR — Operário que emboça ou reboca. O mesmo que PEDREIRO.

EMBOÇAMENTO — Trabalho de aplicar a primeira camada de argamassa nas paredes. Ato de solidarizar uma às outras, com argamassa, as telhas côncavas dos telhados, tanto as dos panos das águas como as dos espigões.

EMBOÇAR — Chapar uma parede com a primeira camada de massa. Fixar com argamassa as telhas côncavas das telhados. Ver EMBOÇAMENTO.

EMBÔÇO — Primeira camada de revestimento de argamassa das paredes. O mesmo que REBÔCO GROSSO, cuja areia não foi peneirada.

EMBOQUILHAR — Fazer encaixes usando BOQUILHAS.

EMBOTE — Pelo menos na gíria paulistana dos pedreiros, é o nome da soleira que une dois pisos de mesmo nível e de diferentes materiais. Esta soleira ou faixa, que delimita dois revestimentos, tem a largura igual a profundidade das ombreiras.

EMBRECHADOS — Incrustados, embutidos. Nome que se dá às incrustações de pequeninas pedras ou seixos, conchas, cacos de vidro ou porcelana feitas na argamassa ainda mole. Os embrechados foram antigamente muito empregados para decorar grutas, pavilhões de jardins, bancos de alvenaria e túmulos.

Na ilustração, restos de um banco e uma poltrona de alvenaria no pátio interno do Forte do Mar, Bahia, profusamente ornamentados com conchas embrechadas.

EMBRECHAR — Ornar com EMBRECHADOS.

EMBÚIA — Phoebe porosa, Mez. Família das Lauráceas. Muito conhecida e apreciada madeira de lei que é empregada tanto na construção civil (painéis, portas, janelas, etc.) como na marcenaria. Pêso específico: 1.029. Também chamada Imbúia.

EMBURANA — Bursera Leptophloens, M. Engl. Família das Burseráceas. Madeira de construção.

EMBUTIDA — Diz-se de uma peça introduzida, mergulhada ou cravada em outra, em cavidade adrede preparada.

EMBUTIDURA — Ato ou efeito de embutir. Obra embutida.

EMBUZINADO — Diz-se do prego que tem sua ponta entortada depois de atravessar uma superfície menos espêssa que seu comprimento.

EMENDA — O lugar onde se unem duas peças. Em construção, peça que se junta ou acrescenta a outra para lhe dar o comprimento que deve ter.

EMOLDURADO — Cercado de moldura ou encaixilhado. Ornado ou guarnecido em volta.

EMOLDURAR — Guarnecer de molduras.

EMPAPELAR — Revestir as paredes de papel especial colorido e decorado.

EMPAREDAR — Limitar ou encerrar entre paredes. Ladear ou segurar com paredes.

EMPARELHAR — Colocar par a par dois elementos de composição arquitetônica. Por exemplo, colocar lado a lado duas colunas ou duas pilastras.

EMPASTAÇÃO — Mistura de vários materais de côres diferentes em um aglutinante qualquer, geralmente o cimento, que é aplicado, antes da pega, a uma superfície, com o fito de decorá-lo. O mesmo que ESCAIOLA.

EMPAUPICAR — Fazer paredes de pau a pique. Também, emparapicar.

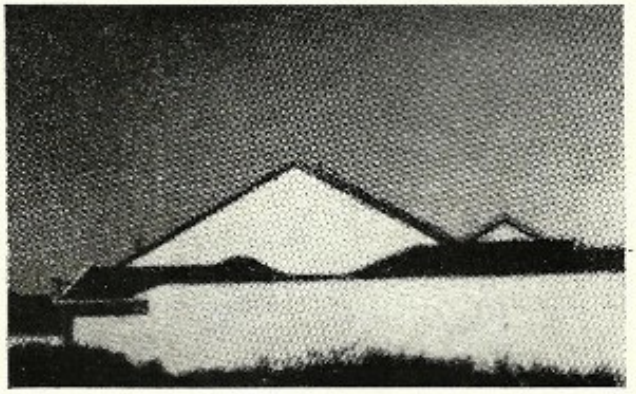
EMPEDRAR — Calçar, cobrir ou revestir com pedras um piso ou uma parede.

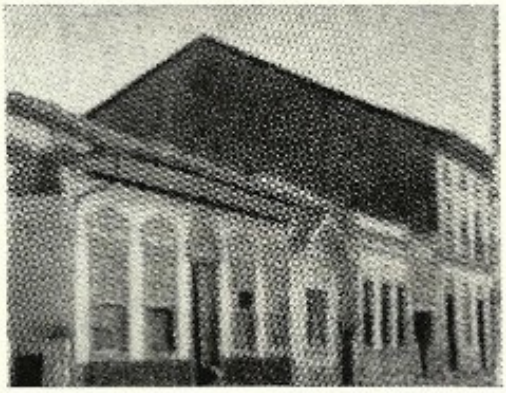
EMPENA — Nome de cada uma das paredes laterais de edifício de telhado de duas águas, em cujos vértices superiores apoia-se o pau de fileira ou cumeeira. Modernamente, no linguajar comum, há quem chame de empena qualquer parede lateral, principalmente aquela construída sôbre as divisas do terreno, mesmo que não tenha como função o apoio do pau da cumeeira. Flanco cego de um edifício. Nome que se dá aos elementos inclinados das tesouras, que vão da cumeeira aos frechais. Nome de cada uma das faces dos FRONTÕES.

EMPUXO — Nome que se dá aos esforços laterais ou pressões que a terra faz sôbre os muros de arrimo ou as solicitações provocadas pelas abóbadas ou arcos sôbre os suportes ou encontros.

EMURADO — Cercado de MURO.

EMURALHAR — Fortificar com muralhas.





Nas ilustrações três empenas de casas urbanas. A primeira, pertence a casa de Angra dos Reis. A segunda, pertence a sobrado de S. Luís de Paraitinga. Note-se o revestimento de telhas que tem por fim proteger a taipa da parede. A terceira mostra uma empena vazada de residência em S. João del-Rey.

EMPENAR — Fazer a madeira torcer-se ou deformar-se pela ação da umidade ou calor.

EMPOLAMENTO — Aumento de volume que apresenta a terra retirada de um local em relação ao volume do vasio resultante daquela operação.

EMPOSTA — O mesmo que IMPOSTA.

EMPREITADA — Obra que um ou mais indivíduos se encarregam de fazer para outrem, fornecendo ou não os materiais necessários, mediante retribuição prefixada. As empreitadas podem ser totais ou globais, ou então parciais. Empreita-se o todo ou parte da obra. Pode ou não, também, sofrer reajustes de preços.

EMPREITEIRO — Aquêle que faz empreitadas.

ENCABEÇADA — Diz-se de cada uma das tábuas paralelas cujas extremidades encaixam-se em tábuas tranversais. O têrmo tem aplicação na designação das tábuas de soalhos. O mesmo que ENCABEIRADA. Nome dos forros ou soalhos circundados por CABEIRAS: diz-se "fôrro encabeçado" ou "encabeirado" ou ainda "encaveirado".

ENCABEIRA — Nome de cada uma das tábuas que circunda um aposento, nas quais encaixam-se outras transversais. O mesmo que CABEIRA. Ver ENCABEÇADA.

ENCABEIRADA — Ver ENCABEÇADA.

ENCADEAR — Empregar vigas metálicas atravessando paredes com o fito de assegurar a estabilidade de um edifício.

ENCAIBRAR — O mesmo que assentar caibros.

ENCAIXAR — Fazer ENCAIXE. O mesmo que ENSAMBLAR ou EMBUTIR.

ENCAIXE — Cavidade feita para receber peça que nela se ajusta perfeitamente.

ENCAIXILHAR — Colocar caixilhos. O mesmo que guarnecer de moldura um quadro, uma placa, um painel, etc. Ver CAIXILHO.

ENCAMURÇAR — O mesmo que EMPENAR (a madeira).

ENCANAÇÃO — Refere-se ao ato de colocar canos. Também pode significar ENCANAMENTO.

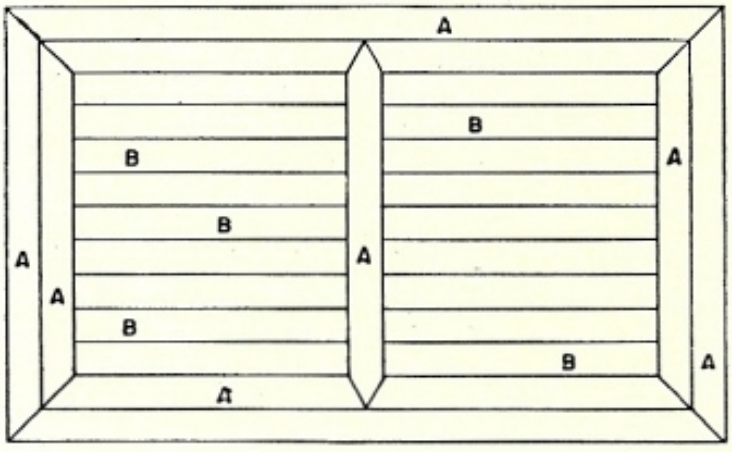
ENCANADO — Além de referir ao que é "canalizado", significa algo que é estriado. Coluna que é encanada. Ver ESTRIA.

ENCANAMENTO — Ação ou efeito de "encanar". Canalização. Como aqueduto, às vêzes.

ENCANAR — Conduzir por cano ou canal. Canalizar. Encanar uma coluna quer dizer, abrir-lhe raias ou estrias longitudinais.

ENCANIÇAR — Cercar com caniçado ou canos.

ENCANOAR — Empenar uma tábua lembrando uma canoa.



Planta de soalho encabeçado ou encabeirado. As tábuas que recebem a letra A constituem a cabeira do piso e são chamados encabeiras. As que recebem a letra B são as tábuas encabeçadas.

ENCANTEIRAR — Colocar em disposição de canteiros. Distribuir em canteiros.

ENCARNA — Engaste. Abertura numa peça para encaixar outra. Também, no Brasil, refere-se à pequena escavação.

ENCARNAÇÃO — Nome que se dá à pintura feita sôbre imagens esculpidas na madeira ou pedra.

ENCARPO — Ornato que apresenta fôlhas, flôres e frutos entrelaçados.

ENCARTALHAR — Em carpintaria, o mesmo que juntar peças de madeira.

ENCASAMENTO — O mesmo que entalhe ou ENCAIXE.

ENCASAR — Meter no encaixe. Encaixar.

ENCASCAR — Revestir ou forrar de argamassa e pedras miúdas, cacos de telha e fragmentos de tijolo uma parede com o fim de aumentá-la na espessura, corrigir defeitos ou preparar base para estuque. O mesmo que rebocar. Endurecer superficialmente um terreno.

ENCASQUE — Nome do enchimento constituído de fragmentos de telhas ou tijolos e argamassa usado para regularizar paramentos abaulados das paredes. Ver ENCASCAR.

ENCASTALHAR — O mesmo que ENCARTALHAR. O têrmo é aplicado com mais freqüência para designar a operação que encosta umas às outras as tábuas dos sobrados ou soalhos.

ENCASTALHO — Rebaixo feito em peça de madeira na parte em que esta vai ser unida à outra, havendo entre ambas total adaptação. O mesmo que ENCAIXE.

ENCASTOR — Engastar. Embutir.

ENCÁUSTICA — Têrmo aplicado a gênero de pintura que vem do grego: significa preparado a fogo, queimado. É que sua base é a cêra derretida. E se refere à diferentes preparados de cêra que servem para impregnar as madeiras, os tetos ou as paredes com o fim de preservá-los da umidade e dar-lhes mais brilho. Hoje, mais comumente é processo de pintura para execução de murais pelos pintores porque supera, em muitos casos, o "afresco" pela sua duração e solidez. As côres são manejadas da mesma forma que o óleo, com a vantagem de se fazerem mais lentas na secagem, sendo isso desejável. Além disso,

torna possível o uso de certas côres que são muito alteráveis no óleo.

ENCAVA — Peça que une dois elementos desligados. Ver ENCAVAR.

ENCAVAR — O mesmo que escavar.

ENCAVEIRADO — Ver ENCABEÇADO e CAVEIRADO.

ENCAVEIRAR — Nos sobrados, colocar CAVEIRAS.

ENCAVILHAR — Meter CAVILHAS.

ENCHAMATE — Arremate superior da parede, onde repousa o frechal do telhado. RESPALDO.

ENCHAMEL — Grafia errônea de ENXAIMEL.

ENCHER — Ocupar qualquer vão ou lugar vazio com diferentes materiais. Diz-se "encher" o buraco de um muro com pedras ou tijolos e argamassa; o interior das paredes de tabique ou taipa com terra e barro; os vãos dos madeiramentos com pedaços de pau e outros fragmentos para tornar mais sólidos êsses vãos.

ENCHIMENTO — Ato de encher os vãos existentes em qualquer parte do edifício com os mais variados materiais. Hoje, especialmente é o nome da alvenaria que se coloca nos vãos que restam depois de executados a estrutura de concreto armado.

ENCHIMAR — Colocar em cima de uma parede, de uma parte, ou de todo o edifício algum elemento de arremate. Rematar. Coroar.

ENCLAUSTRAR — Recolher em claustro ou convento.

ENCONCHOUSADO — Dizia-se antigamente do terreno ou quintal cercado ou murado por todos os lados.

ENCONTRO — Nome de cada um dos maciços de alvenaria que sustentam uma ponte. Local onde se apóiam os arcos extremos e onde se anulam os esforços laterais dos arcos ou abóbadas.

ENCORPADURA — Grossura. Espessura.

ENCOSTE — O mesmo que CONTRAFORTE. Sustentáculo de um arco.

ENCRAVADO — Têrmo empregado para designar o prédio menor que fica dentro de outro maior e de outro dono.

ENCRAVAR — Fixar, pregar. Usa-se com mais freqüência para referência àquilo que se pode embutir, engastar.

ENCRUZAR — Dispor em forma de cruz.

ENCUMEAR — Pôr ou colocar no cume.

ENCUNHAR — Pôr cunhas. Diz-se principalmente do ato do operário especializado, chamado encunhador, que parte as grandes pedras nas pedreiras por meio de cunhas, ferros e marretas.

ENDENTAR — Travar os dentes feitos ao longo de uma viga com os dentes executados em outra, com a qual se obtém um aumento de resistência à flexão. As duas vigas dentadas, assim justapostas, são mantidas solidárias por meio de braçadeiras de ferro.

ENFERMAGEM — Serviços próprios de enfermaria.

ENFERMARIA — Casa ou sala destinada a enfermos.

ENFESTA — O mesmo que CUMEEIRA, CUME, PICO.

ENFESTO — O mesmo que DECLIVE, ESCARPA, LADEIRA.

ENFORCADO — Diz-se de qualquer elemento de composição arquitetônica situado em altura maior que a devida. O têrmo é empregado principalmente para designar abóbadas mais altas que outras próximas e sôbre as quais apóia seus pés direitos.

ENFRESTAR — Fazer frestas ou separar por meio de frestas.

ENFUSTAR — Esperar ou sustentar traves com escoras oblíquas.

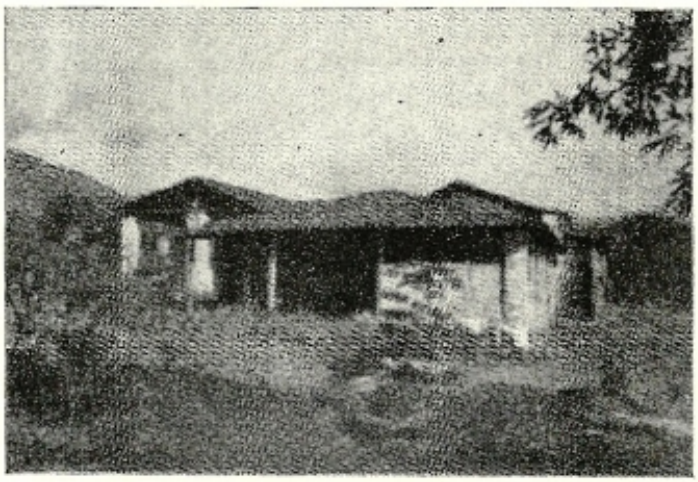
ENGALAPAR — O mesmo que EMPENAR, no que diz respeito à madeira verde.

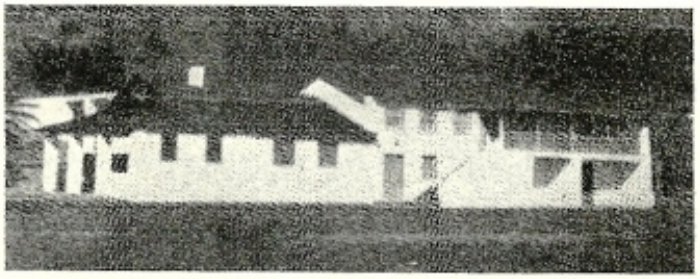
ENGALGADO — Diz-se do edifício em construção, depois de concluídos os serviços de pedreiro. Obra em acabamento.

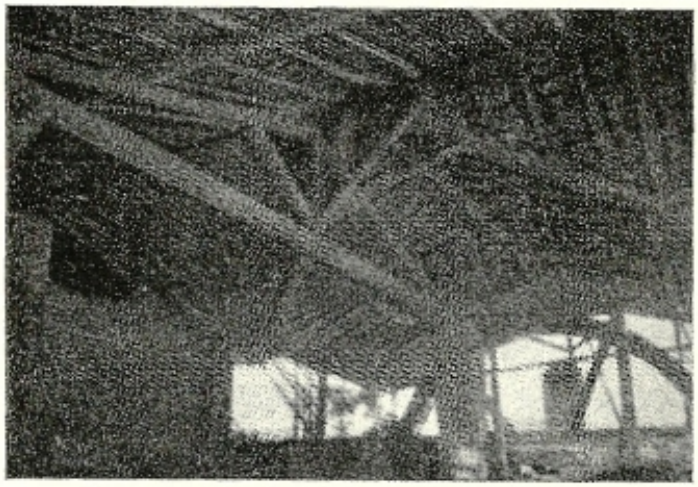
ENGASGADO — Diz-se do elemento construtivo situado ou prêso entre outros dois. Escada engasgada é aquela que sobe entre duas paredes, sem vazios em seus flancos. Tarugo engasgado é aquêle metido entre barrotes.

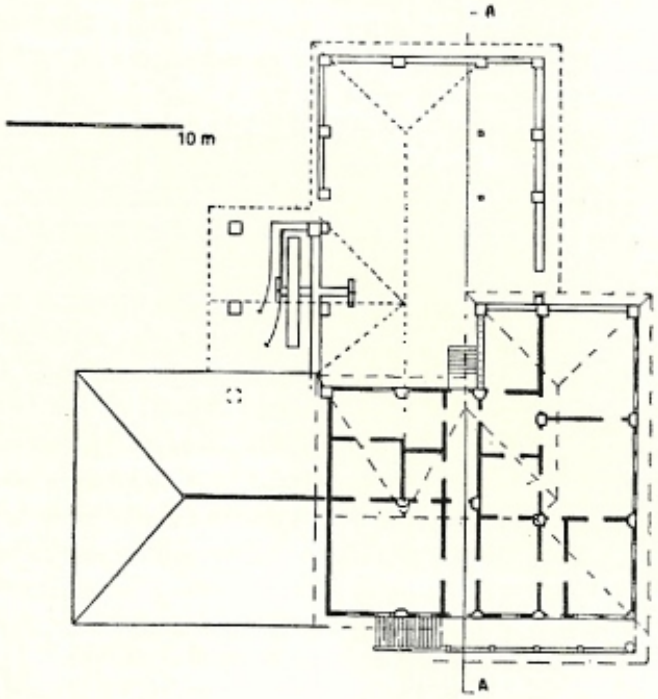
ENGASTAR — Embutir. Encaixar.

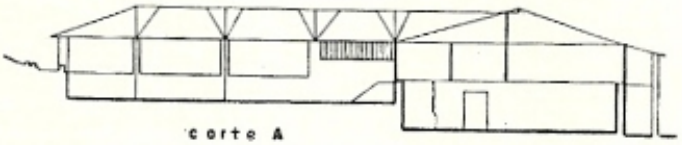
ENGENHO — Designação de tipos de estabelecimentos industriais agrícolas: nas zonas

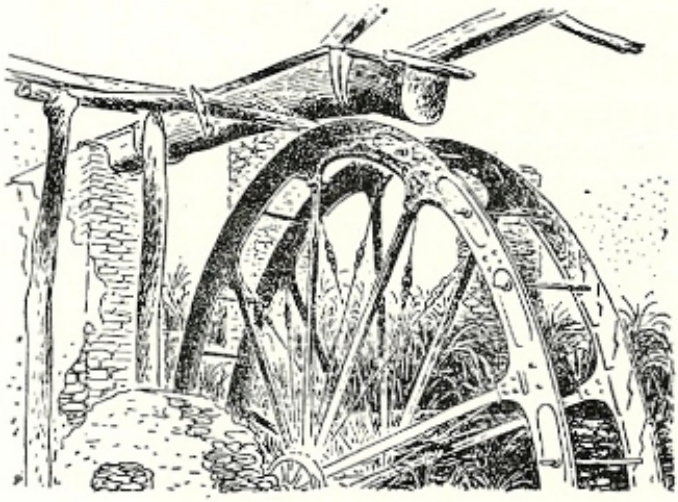


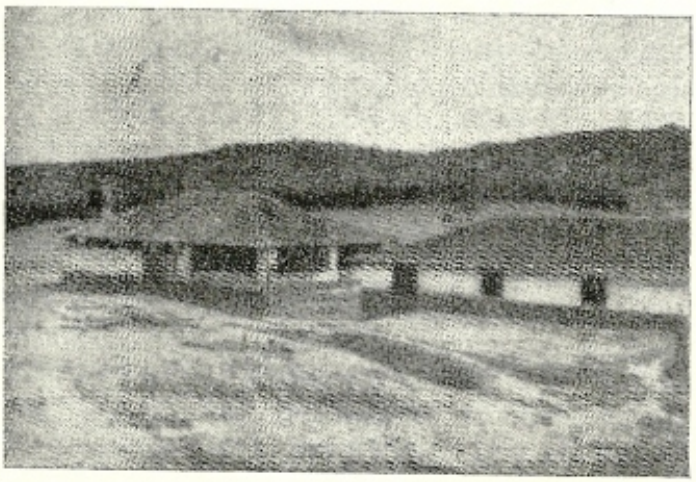












Planta, corte e vistas internas e externas do Engenho d'Água, Ilha de São Sebastião, no Est. de São Paulo construído no século XVIII. A respeito, ler "Notas sôbre a Evolução da Morada Paulista" por Luís Saia, de onde foram emprestadas as ilustrações. O desenho acima, de Percy Lau, mostra velha roda d'água de engenho nortista. A construção da foto ao lado é um engenho em Alagoas, vendo-se, à direita, a casa de purgar, e à esquerda, a casa das moendas e da caldeira.

açucareiras, aquêle destinado à fabricação do açúcar: nas regiões ervateiras, aquêle destinado ao beneficiamento da erva mate. Os engenhos de açúcar são diferenciados em várias espécies segundo a fôrça motriz, tais como engenho dágua, engenho de bois, engenho de cavalos, engenho de bestas, engenho de roda ou a vapor; ou segundo o tipo das moendas. O engenho de açúcar modernamente recebe o nome de usina e antigamente eram chamados de BANGUÊS. Primitivamente no Brasil Colônia, segundo Frei Vicente do Salvador, os engenhos eram de "pilões", de "mós" ou de "eixos". Ao tempo do govêrno de Dom Diogo de Menezes (1606-1613) foram introduzidos os engenhos chamados de "entrosas" que constituiam "três páus postos de por alto muito justos, dos quais o do meio com uma roda dágua ou com uma almanjarra de bois ou de cavalos se move e faz mover os outros". Dos engenhos dágua havia três tipos: o "COPEIRO", o "MEIO COPEIRO" e o "RASTEIRO"; "Chamava-se **copeiro**, o engenho quando a água que movimentava as moendas caía do alto sôbre a roda. O **meio** copeiro, também denominado covilhete, assim era chamado quando a água caia de menor altura ou quando da mesma altura da moenda. **Rasteiro** era chamado o engenho quando a água corria de ponto baixo" (Manuel Diégues Júnior. O Engenho de Açúcar no Nordeste). O engenho movido por animais era conhecido por TRAPICHE, quando utilizado o boi e como MOLINETE ou ALMANJARRA quando empregava bêstas. Eram também utilizados os escravos em alguns casos, como substitutos dos animais. O engenho de açúcar a vapor foi introduzido no Brasil, no início do século XIX, por volta, de 1815. No Rio Grande do Sul é chamada "engenho de serra" a serraria de madeira. ENGENHO DE PINGA é aquêle que destila aguardente.

ENGENHOCA — Conforme Bernardino José de Souza, o mesmo que "Banguê", ou melhor banguê pequeno, destinado à fabricação de açúcar, sobretudo de rapadura. De aplicação no Norte do país e com referência especial aos engenhos que móem com cavalos e bois.

ENGESSAR — Branquear com gêsso. Revestir uma superfície com calda de gêsso.

ENGOÇO — O mesmo que DOBRADIÇA, ou GONZO.

ENGOTEIRADO — Diz-se do telhado que apresenta frestas ou fendas que produzem goteiras.

ENGRA — Corruptela de ângulo, designa o canto formado por duas paredes concorrentes. O têrmo comumente é aplicado para designar o canto reentrante, para diferenciá-lo do CUNHAL que é canto ou ângulo saliente. A palavra engra, às vêzes, também é aplicada em relação às paredes ou faces inclinadas, que "fazem ângulos" com outras. Por essa razão, chama-se engra, ou enxalso, a face inclinada em cada um dos lados do rasgo de uma janela ou porta situada em parede de grande espessura. Diz-se também, abóbada ou abobadilha de engras como sinônimo de abóbada BARRETE DE CLÉRIGO devido aos ângulos reentrantes formados pelos quatro triângulo esféricos que a constituem.

ENGRADADO — Provido de grades. Vigas cruzadas fazendo quadro. O mesmo que ENGRADAMENTO.

ENGRADAMENTO — Nome que se dá à estrutura de madeira das obras de taipa de sebe. Diz-se engradamento dos frontais, isto é, conjunto de esteios, baldrames, frechais, etc. O mesmo que esqueleto.

ENGRADAR — Fazer ENGRADAMENTO. Embeber a ESPIGA de uma peça de madeira no orifício respectivo.

ENGROSSAMENTO — O mesmo que ÊNTASE.

ENJAMBRAR — O mesmo que EMPENAR.

ENLEITADO — Que assenta bem, falando-se de elementos de alvenaria, principalmente pedras aparelhadas.

ENLEITAR — Preparar uma das faces de uma pedra de alvenaria para que ela possa ser bem assentada sôbre outra. A palavra aparece freqüentemente com êsse significado em velhos documentos e especificações de obras. Nas "condições" relativas às abóbadas dos corredores da igreja de São Francisco de Assis de Ouro Prêto, datadas de 772, vemos na quarta cláusula... "As ditas Lages Serão emleitadas para o Seu acento, e o SobreLeito será bem direito, p.ª q', fique vistoso...".

ENLOUSADO — Revestido de LOUSAS.

ENQUADRAMENTO — Ato ou efeito de ENQUADRAR.

ENQUADRAR — Encaixilhar. Colocar o caixilho ou introduzir no caixilho. Emoldurar. Acertar, no sentido de realizar um acêrto.

ENRIPAMENTO — Ação ou efeito de colocar ripas. Diz-se do conjunto de ripas que compõe parte do madeiramento de um telhado.

ENRIPAR — Usualmente colocar as ripas de um telhado. Realizar qualquer serviço feito com ripas. Ver RIPA.

ENROCAMENTO — Nome do conjunto de grandes pedras tôscas que servem de alicerce nas obras hidráulicas, ou proteção das margens contra a fôrça das águas.

ENSAIBRAR — Cobrir ou revestir de SAIBRO.

ENSAMBLADURA — Ato ou efeito de ENSAMBLAR.

ENSAMBLAGEM — O mesmo que ENSAMBLADURA.

ENSAMBLAMENTO — O mesmo que ENSAMBLADURA.

ENSAMBLAR — Embutir peças de madeira, umas em outras, de modo a formarem um todo perfeito e estável. Fazer emendas por meio de entalhes. Entalhar. Ver SAMBLADURA.

ENSAPEZAR — Cobrir uma construção de SAPÉ.

ENSECADEIRA — Tapume ou anteparo que permite o trabalho em sêco, em obras situadas abaixo do nível da água.

ENSILHARIA — O mesmo que SILHARIA.

ENSOBRADAR — O mesmo que ASSOBRADAR.

ENSOLEIRAMENTO — O mesmo que ELEGIMENTO. Segundo Caldas Aulete, a palavra é o nome do "conjunto do engradamento e do sobrado que sôbre êle assenta, para servir de base aos alicerces de construção em terrenos compressíveis".

ENSOLEIRAR — Fazer soleira de porta, ou fazer ENSOLEIRAMENTO.

ENSOALHAR — O mesmo que ASSOALHAR ou SOALHAR.

ENSOMBRO — Coisa que dá sombra. Toldo; proteção; abrigo.

ENSÔSSO — Diz-se do muro ou parede cuja alvenaria é assentada sem orgamassa. Fala-se também, "pedra ensôssa", isto é, pedra simplesmente apoiada sôbre outra, sem junta argamassada. O mesmo que INSÔSSO.

ENSUTADO — Têrmo usado pelo arquiteto Sylvio de Vasconcellos, em suas aulas sôbre sistemas construtivos adotados na arquitetura brasileira, quando trata dos vãos rasgados, para designar o rasgo feito, nas paredes de grande espessura, cujas faces laterais são inclinadas, não fazendo ângulo reto com o alinhamento: "O rasgo é quase sempre de chanfro ou ensutado, isto é, não se faz normal ao alinhamento das paredes e sim em diagonal, aumentando a luz pelo lado de dentro". Assim, rasgo ensutado seria aquêle que possue em seus flancos ENGRAS ou ENXALSOS.

ENTABEIRADO — Provido de TABEIRAS. Ver ENCABEÇADA.

ENTABICAR — Dispor tábuas de madeira ainda verde, umas sôbre as outras, e separadas entre si por pequenas cunhas que facilitam a circulação de ar pelo interior da armação, facilitando a secagem.

ENTABLAMENTO — Nome do conjunto de molduras que ornamentam o cimo da fachada de um edifício, qualquer que seja o estilo arquitetônico. Nas ordens clássicas, nome do conjunto dos elementos sustentados, que são a ARQUITRAVE, o FRISO e a CORNIJA. O mesmo que COROAMENTO.

ENTABUAMENTO — Ato ou efeito de ENTABUAR. O mesmo que SOBRADO, ou TABUADO.

ENTABUAR — Revestir de tábuas. Fazer SOBRADO.

ENTABULAMENTO — Cercadura de tábuas pregadas nas paredes dos compartimentos na altura dos fornos. O mesmo que ABA.

ENTAIPAR — Socar a terra entre TAIPAS. Fechar ou cercar com taipas. EMPAREDAR.

ENTALADO — O mesmo que ENGASGADO.

ENTALHA — Talha. Abertura ou corte que o entalhador faz na madeira.

ENTALHAR — Cinzelar em madeira; gravar; esculpir; cortar; abrir.

ENTALHE — Talha. Entalho. Gravura ou escultura em madeira. Diz-se da peça com motivos entalhados.

ENTAPIZAR — Atapetar; alcatifar; revestir; adornar.

ENTARRAXAR — Prender com tarraxa. Aparafusar.

ÊNTASE — Nas colunas, nome do engrossamento do primeiro têrço do fuste. O têrmo vem do latim "entasi" e foi introduzido por Vitruvio.

ENTERREIRAR — Converter em terreiro ou aplainar o terreno.

ENTIJOLAR — Cobrir com tijolos.

ENTIJUCAR — Revestir de barro, o mesmo que EMBARREAR.

ENTIVAR — Revestir uma superfície de tábuas. O têrmo é mais empregado para designar o revestimento de cisternas ou poços.

ENTORSELADO — Adjetivo aplicado ao ornato que se envolve em espiral em tôrno das colunas.

ENTOURADA — Diz-se das portas que, por defeito de fabricação ou ruindade da madeira que empenou, são difíceis de abrir. Porta perra.

ENTRECANA — Espaço que separa as estrias de uma coluna.

ENTRECASA — Pátio. Átrio de uma residência.

ENTRECOLÚNIO — Ver INTERCOLÚNIO.

ENTRECORO — Espaço, nas igrejas, entre o côro e o altar-mor.

ENTRECORTE — Nome do espaço compreendido entre duas cúpulas de diferentes alturas, quando superpostas. Assim, dá-se o nome de entrecorte ao espaço situado entre uma abóboda da revolução e seu respectivo DOMO ou revestimento. Nome, também, do arredondamento dos CUNHAIS das construções, com o fito de se facilitar o trânsito.

ENTREFORRO — O mesmo que DESVÃO.

ENTRELAÇAMENTO — Ornato feito de molduras ou letras entrelaçadas.

ENTREMODILHÃO — Espaço êntre dois modilhões.

ENTREPILASTRAS — Diz-se do espaço contido entre duas pilastras.

ENTREPOSTO — Edifício destinado a depósito de mercadorias em grande quantidade com o fim de serem vendidas com exclusividade por uma companhia ou por um Estado ou Govêrno.

ENTREPÓSITO — O mesmo que ENTREPOSTO.

ENTRESSOLHO — Ver SOBRE-LOJA. Vão entre dois pavimentos ou espaço entre o chão e o sôlho. Ver SÔLHO.

ENTRETALA — Contraforte de muralha.

ENTRETOM — Meia tinta. Matiz.

ENTREVIGA — Espaço entre duas vigas. O têrmo é mais usado para designar o espaço situado entre dois dormentes ou barrotes que sustentam os soalhos.

ENTRONCAMENTO — Ramificação de tubos numa canalização de gás, água, etc.

ENTUJUCAR — O mesmo que ENTIJUCAR.

ENTULHO — Caliça, pedregulhos. De modo geral, materiais inúteis provenientes de demolição ou, ainda, conjunto de fragmentos de tijolos, telhas, rebôco, etc. resultantes de uma construção e usado muitas vêzes para preencher espaços nas próprias obras.

ENVARAR — Amarrar ou pregar aos enxameis ou esteios as ripas horizontais das paredes de taipa de mão.

ENVASAMENTO — Nome que se dá à base ou parte inferior mais volumosa dos cunhais, pilastras ou mesmo, colunas.

ENVAZADURA — Têrmo que nos dias de hoje se usa no lugar de vazadura para designar os vãos abertos nas paredes, as portas ou as janelas. Ato ou efeito de VAZAR, isto é, cavar, tornar ôco, abrir vão, escavar, etc.

ENVAZIADO — Nome do rebaixo ou ranhura onde são encaixadas as almofadas das portas ou janelas.

ENVERNIZAR — Cobrir de verniz uma superfície. Polir, dar brilho.

ENVIDRAÇADO — Que tem vidros, provido de VIDRAÇA.

ENVIDRAÇAR — Guarnecer com vidros ou colocar vidros numa superfície por meio de caixilhos.

ENVIGAMENTO — Numa construção, o conjunto de VIGAS.

ENVIGAR — O mesmo que colocar ou construir VIGAS.

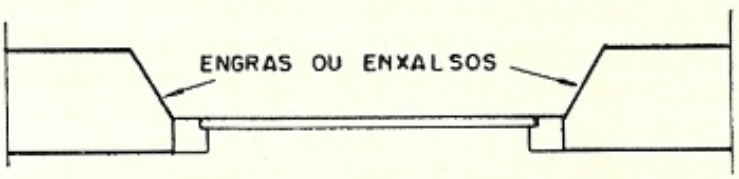
ENVIGOTAR — Colocar ou dispor VIGOTAS.

ENVIRA — O mesmo que EMBIRA. Nome comum de certas madeiras usadas na marcenaria, pertencentes à família das Anonáceas.

ENVIRA PRETA DO IGAPÓ — Grande árvore amazônica da família das Anonáceas, Guateria inundata. No vale amazônico, também existe outra madeira da mesma família, com o mesmo nome popular: é a Xylopia marginata, Mart. Madeira de côr parda, boa para marcenaria e de pêso específica igual a 0,57.

ENXAIMEL — Nome que em Portugal se dava às paredes internas de divisão de taipa de sebe ou aos frontais de alvenaria miúda. O mesmo que ENCHEMEZ, FRONTAL À GALEGA e PAREDE FRANCESA. A palavra também designava o pau a prumo ou inclinado que sustentava as ripas daquelas divisões ou frontais. Nome que recebiam as tábuas paralelas entre as quais era socada a terra das paredes de taipa de pilão. Ver TAIPAL. O mesmo que TRAINEL. No Nordeste brasileiro, nos mucambos de taipa de mão, a palavra é sinônima de ESTEIO.

ENXALSO — O mesmo que ENGRA, quando esta palavra designa a face inclinada dos



rasgos de portas ou janelas. A palavra também dá nome aos pequenos arcos situados acima das vergas de portas e janelas que aliviam as cargas alí concentradas. O mesmo que ARCO DE ESCARÇÃO.

ENXAMBLAR — O mesmo que ENSAMBLAR.

ENXAMEL — O mesmo que ENXAIMEL.

ENXILHAR — Assentar pedras de cantaria. Nome da pedra aparelhada, maior que as outras, que ocupa grande espaço numa parede.

ENXILHARIA — O mesmo que SILHARIA.

ENXOVA — O mesmo que ENXOVIA.

ENXOVIA — Do árabe "al-adjubb", é o nome que se costuma dar às prisões situadas ao rés do chão nos sub-solos. Cárcere insalubre.

EPÍGRAFE — Inscrição colocada no cimo de destaque e boa visibilidade.

EPISTÍLIO — O mesmo que ARQUITRAVE, quando esta é de pedra ou mármore.

EPITÁFIO — Inscrição tumular ou sepulcral.

EQUILIBRAR — Pôr em equilíbrio. Alcançar a ponderação num conjunto de elementos, superfícies ou volumes, através da valorização do centro de gravidade. Isto é, compor de tal forma de modo que as partes componentes guardem certa harmonia e equilíbrio visual. Na arquitetura a procura do EQUILÍBRIO é uma constante no trabalho criador do arquiteto.

EQUILÍBRIO — Igualdade de valor ou de massa que se deve conseguir com as partes componentes de uma composição arquitetônica. Assim como na estática existem as leis mecânicas do equilíbrio, na arquitetura o sentido plástico possui suas condições essenciais de equilíbrio, ou seja, depois de se ter atingido a harmonia, a proporção, a unidade, etc. deve-se rematar a concepção com o devido equilíbrio das partes com o fim máximo da beleza e da intenção plástica. As condições do equilíbrio chegaram a ser consideradas como constituindo a primeira lei estética. O arquiteto americano Talbot Hamlin, em seu livro "Arquitetura, uma arte para todos" diz o seguinte, a respeito do equilíbrio: "Todo edifício deve estar composto de modo que as partes que possuem de ambos os lados de uma linhas imaginária, expressas no plano de uma forma ou de outra, tenham um pêso operante igual. O fundamento da beleza própria de um equilíbrio adequado é ao mesmo tempo, fisiológico e associativo. Quando o observador percorre com o olhar a superfície de um edifício equilibrado, instintivamente êsse gesto

encontra fàcilmente o caminho de um lado a outro, voltando sempre ao centro de equilíbrio. Não existem esforços, nem estéreis buscas visuais". Compreenda-se que para os edifícios simétricos a aplicação bem como a verificação serão fáceis; nos edifícios assimétricos, mais freqüentes na arquitetura contemporânea, o problema torna-se mais complexo.

EQUIPAMENTO — De origem militar, êste têrmo que se refere ao conjunto de utensílios necessários para qualquer operação militar já possui larga aplicação na linguagem arquitetônica, pois é comum dizer-se "o equipamento da habitação" para designar o conjunto de utensílios, objetos, complementos, etc., que integram a habitação, isto é, móveis, cortinas, tapêtes, aparelhos sanitários, armários de cozinha, armários de roupas, lavanderias, etc..

EQUIPE — Êste neologismo de nossa língua, refere-se originàriamente, ao grupo de dois ou mais indivíduos que tomam parte, juntos, numa mesma competição esportiva. Em arquitetura, já comparece freqüentemente para designar o grupo de dois ou mais arquitetos que elaboram, juntos, um mesmo projeto. Mesmo que toque a cada um aspecto do serviço, conforme a sua especialidade, ainda persiste o conceito de equipe.

EREÇÃO — Ação de levantar ou elevar em linha reta.

ERETRIA — Espécie de alvaiade.

ERGÁSTULO — Cárcere, enxovia, masmorra. Primitivamente, era o nome da prisão ou casa de correção onde os detentos, geralmente escravos, trabalhavam em misteres agrícolas.

ERGUER — Levantar. Elevar. Erigir. Construir. Edificar. Essa sinonímia é de pouca aplicação na linguagem usual arquitetônica.

ERIGIR — Erguer a prumo, levantar, construir. De mais larga aplicação, nesse sentido, em arquitetura.

ERIRIBÁ-ROXO — Madeira. Ver ARIRIBÁ-ROSA.

ERITRÓXILA — Designação da madeira que possui côr vermelha.

ERMIDA — Capela ou igreja situada em lugar afastado e despovoado.

ERMO — Nome da construção, habitação, capela ou oratório em lugar afastado e despoviado. Lugar ou morada onde vive o eremita.

ESBALURTADO — Diz-se do terreno devassado.

ESBARBAR — O mesmo que tirar as asperezas ou rebarbas de chapas metálicas, lajes, placas ou tijolos.

ESBARRADA — Nome da terra ou pedra num desmoronamento. Caminho ruim.

ESBARRO — Aresta ou superfície inclinada. Declive. Degrau cujo piso não é horizontal. Quando uma parede diminui de espessura, nome que se dá ao plano inclinado que concorda os dois paramentos resultantes daquela diminuição. Nome da face superior inclinada dos peitoris de certas janelas.

ESBARROCAR — Desmoronar-se. Cair, formando "barroca".

ESBARRONDADEIRO — Barranco. Precipício. Despenhadeiro.

ESBARRONDAR — Esboroar. Desmoronar uma casa, um edifício.

ESBATER — Com a significação de graduar tintas ou atenuar-se a côr, tem larga aplicação no linguajar comum de nossa arquitetura, principalmente com relação a pintura de paredes, móveis, etc.

ESBILRO — Nome que se dá a uma espécie de compasso tira-linhas.

ESBIRRO — Escora vertical de madeira usada para sustentar um travejamento, quando se destina a alinhar os apoios laterais desse travejamento. Serve sempre de apoio auxiliar.

ESBOÇAR — Traçar os contornos ou delinear apenas uma idéia gràficamente. Diz-se principalmente do ato do arquiteto de traçar no papel os primeiros riscos de uma criação arquitetônica. Dai resultará o ESBÔÇO.

ESBOCETO — Pequeno esbôço. Geralmente de diminuto tamanho ou ainda de traços mais precários — ver BOCETO.

ESBÔÇO — Resultado gráfico ou delineamento do ato de ESBOÇAR. O esbôço arquitetônico é o trabalho inicial executado pelo arquiteto para traduzir seu pensamento em linguagem gráfica e de desenho, executando assim uma planta, uma fachada, ou uma perspectiva fazendo comparecer nêles a essên-

cia mesma de sua idéia, de sua concepção criadora.

ESBOROAR — O mesmo que ESBARRONDAR ou DESMORONAR.

ESCABÊLO — Banco comprido cujo assento é de levantar, como se fosse tampa de caixa comprida. Pequena escada portátil. Banco pequeno para descanso dos pés. Mais empregado nesta última acepção.

ESCACILHAR — Desbastar. Nas molduras de alvenaria revestida, dar ao tijolo que sustenta a argamassa de acabamento a forma aproximada do perfil definitivo.

ESCADA — Elemento de composição arquitetônica cuja função é proporcionar a possibilidade de circulação vertical entre dois ou mais pisos de diferentes níveis, constituído de uma sucessão de DEGRAUS. As escadas podem ser de alvenaria, de madeira ou metálicas. Quando interna, a escada desenvolve-se dentro da CAIXA, que é o nome do espaço por ela ocupada. Uma série de degraus chama-se LANÇO, que pode ser reto, isto é, composto de degraus de plantas retangulares, ou curvo quando os degraus são trapezoidais ou triangulares, portanto INGRAUXIDOS. O piso situado entre dois lanços chama-se PATAMAR, PATIM, ou DESCANSO. Quando a escada faz uma dobra ou volta, ou melhor, quando não é de um lanço reto, o espaço resultante no lado interno da deflexão recebe o nome de BOMBA ou LANTERNIM. Escada ENGASGADA é aquela situada entre duas paredes paralelas, não possuindo bomba lateral. A escada pode ser solta ou desencostada, pelo menos de um dos flancos. Neste caso, a perna ou viga onde são engastados os degraus recebe o nome de BANZO. Chama-se MAINEL ou CORREMÃO o varão que serve de apoio à mão de quem sobe ou desce. O mainel pode ser chumbado na parede lateral, se fôr o caso, ou então pode arrematar o GUARDA CORPO ou BALAUSTRADA. LINHA DE PISO é a linha imaginária paralela ao corremão da bomba, dêste distanciada cêrca de meio metro. Nas escadas que fazem deflexão, ao longo da linha de piso todos os degraus devem possuir pisos de igual largura. Dá-se o nome de BALANCEAMENTO à operação gráfica que determina essa distribuição equitativa de largura aos sucessivos degraus em leque.

ESCADA DE CARACOL — É a escada em que a superfície tangente aos degraus, desenvolve-se em espiral em tôrno de um eixo quase sempre vertical. Pode ou não possuir bomba central. Quando o núcleo central é maciço, êste recebe o nome de MASTRO, PIÃO, ou PILAR. O mesmo que escada torcida ou helioidal. Ver ESCAPARATE.

ESCADARIA — Escada larga e monumental. Série de lanços de uma escada.

ESCADEAR — Dar feição de escada a algum elemento arquitetônico.

ESCADEIRÃO — Escada grande.

ESCADETE — Escada pequena. Escadote. Escadim.

ESCADÓRIO — O mesmo que ESCADARIA. O têrmo é mais aplicado para designar os lanços de escadas e edifícios ou monumentos públicos.

ESCADÓS — Popularmente, às vêzes, ESCADARIA.

ESCADOTE — Pequena escada móvel, de madeira ou de ferro, com quatro pernas e dois lanços opostos.

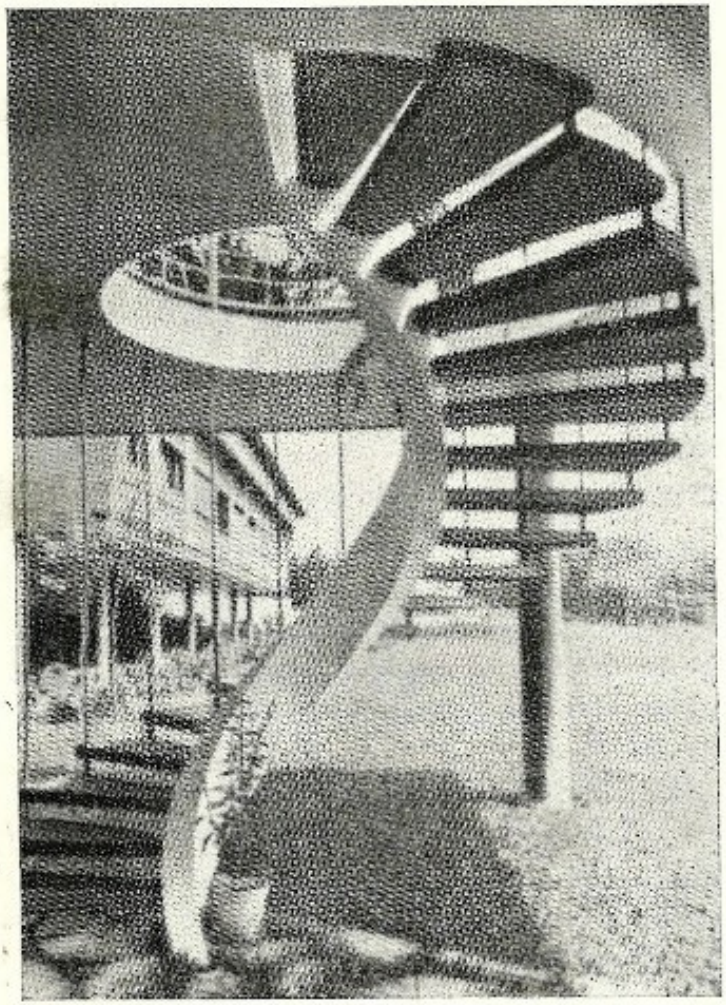
ESCAFELAR — Deteriorar ou retificar o CAFELO de uma parede.

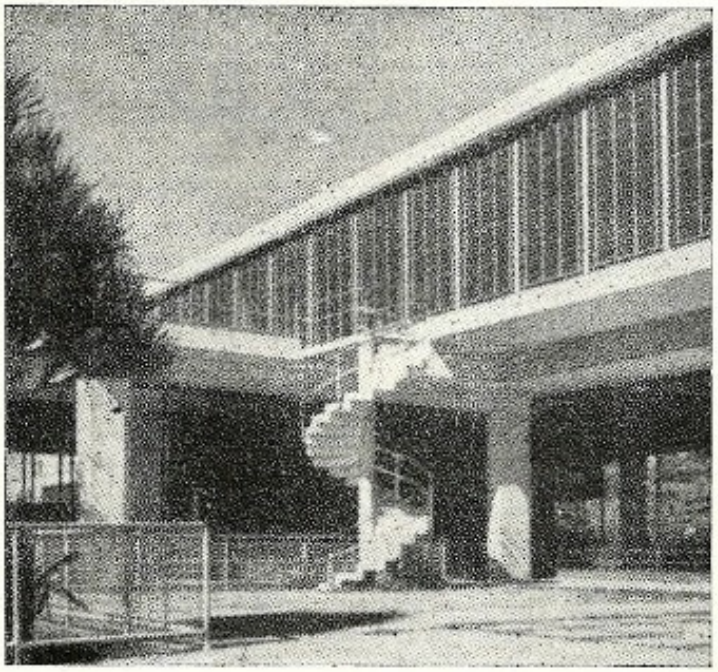
ESCAFELO — Marca ou mancha no revestimento ou CAFELO de uma parede.

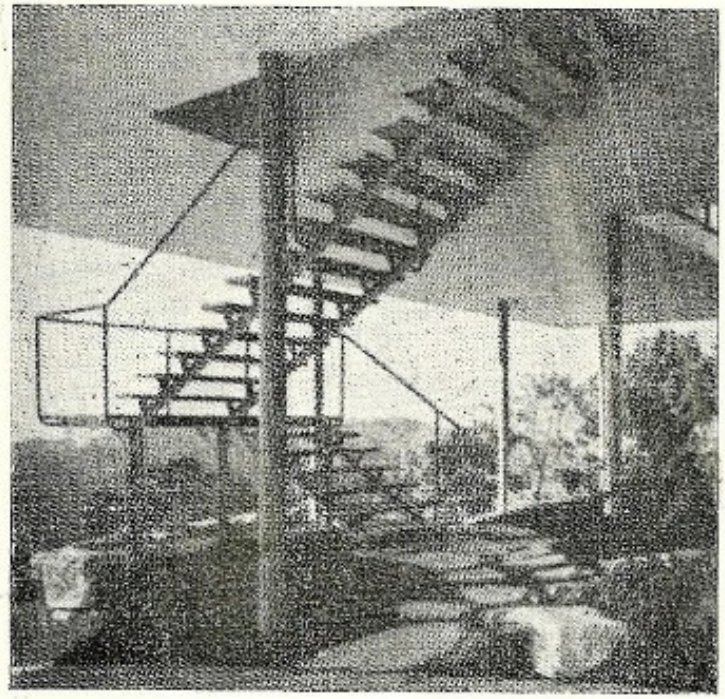
ESCAIOLA — Massa de sôbre-revestimento, a ser aplicada sôbre paredes ou colunas já rebocadas, desempenadas e sêcas, composta de areia fina e lavada, cal em pasta e pó de pedra ou cimento. A essa massa, cujos componentes entram em partes, iguais, era costume juntaram-se certos pigmentos coloridos.

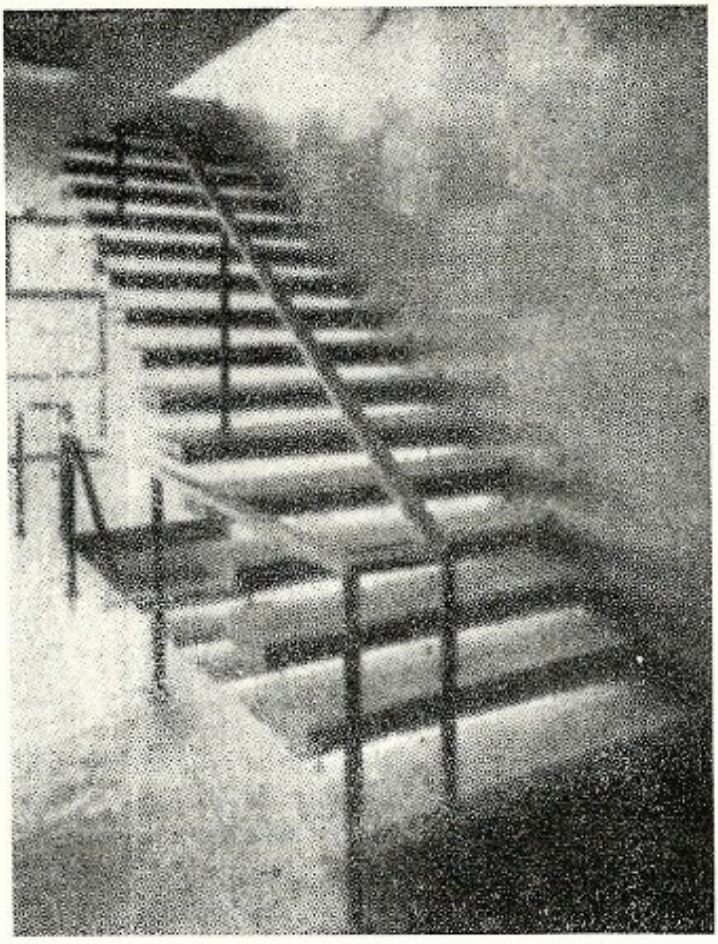
ESCAIOLAR — Cobrir ou revestir com escaiola.

ESCALA — Têrmo que possuindo o significado de ESCADA de uso raro, refe-se usualmente a uma relação de dimensões entre o desenho e o objeto representado. Dessa forma torna-se possível representar, no papel, o edifício nos seus aspectos gráficos, como sejam plantas, cortes e fachadas, dando-se ao observador idéia perfeita das verdadeiras dimensões — largura, comprimento e altura e ao mesmo tempo contê-las em retângulo diminuto de papel. Nos trabalhos gráficos de arquitetura são mais empregadas as escalas









Nas ilustrações, alguns tipos de escadas empregadas na arquitetura contemporânea brasileira. A primeira é helicoidal, com bomba interna (Projeto de Rino Levi e Roberto Cerqueira César, São José dos Campos). A escada seguinte, de caracol com pião central, é projeto de Atílio Corrêa Lima (Estação para hidro-aviões, Rio). As outras duas escadas são de lances retos, cujos degraus não possuem espelhos, sòmente pisos. A quarta escada é projeto dos arquitetos M. M. M. Roberto (edifício Marquês de Herval, Rio) e, finalmente, a terceira escada pertence à residência do arquiteto Lina Bo Bardi, no Morumbi, S. Paulo.

de 1 por 500, 1 por 200, 1 por 100, e por 50 e 1 por 20, como as convencionais e bastante reconhecidas por técnicos, mestres, operários etc. Assim faz-se 1cm valer 500cm, ou 200 cm e assim por diante. Para facilitar a execução dos desenhos arquitetônicos nas diferentes escalas, existem réguas graduadas e já numeradas nas diferentes relações de medida. A essa régua, também dá-se o nome de "escala", como abreviação da designação de "escala de redução". Antigamente, o mesmo que PETIPÉ.

ESCALÃO — Degraus. Socalco de terreno.

ESCALEIRA — O mesmo que ESCADA. O têrmo é mais aplicado para designar as escadas de pedra. O mesmo que DEGRAU. Existe também a forma escalera.

ESCALINATA — O mesmo que ESCADÓRIO.

ESCALONAR — Dar a forma de escada a algum elemento arquitetônico. O mesmo que ESCADEAR, mas de maior uso, com êsse sentido.

ESCAMA — Nome que recebe cada uma das lâminas chatas de cerâmica ou ardósia usadas nas coberturas de certos edifícios. Ornato em forma de escamas.

ESCANGALHO — Parede escarpada ou muro de arrimo que sustenta terra posta ou atêrro.

ESCANINHO — Do italiano "scanetto", nome que se costuma dar às dependências pequenas de difícil acesso, dentro dos edifícios.

ESCANTILHÃO — Régua ou molde que regula certa distância ou largura (de uma parede, por exemplo) a ser observada constantemente em determinado serviço de uma construção. Medida fixa, invariável.

ESCANTILHAR — Em carpintaria, cortar uma peça por exemplo, de modo que não resultem ângulos retos.

ESCAPARATE — Haste ou corpo roliço semelhante a uma coluna. O mesmo que MASTRO ou PIÃO das escadas de caracol. Cantoneira. Pequeno armário.

ESCAPO — Moldura cuja secção é um quarto de círculo usada como elemento de ligação entre o fuste de uma coluna e a base ou o capitel. Os antigos, parece que desde Vitruvio, davam o nome de escapo ao próprio fuste da coluna.

ESCÁPULA — Prego cuja cabeça é dobrada fazendo ângulo reto. Diz Laudelino Freire que escápula também é o nome da "saliência entre o embasamento e o plano de um cunhal".

ESCARABOCHO — Diz-se do desenho bastante imperfeito, da garatuja. Poderia ser empregado quando o esbôço, o croqui, o traço fôr irreconhecível, mal feito.

ESCARÇÃO — Ver ARCO DE ESCARÇÃO.

ESCARIAR — Apertar um parafuso até que fique com a cabeça ao nível do plano onde é cravado.

ESCARPA — Corte oblíquo. Encosta íngreme. Nas fortificações, declive ou talude que delimita o fosso junto a muralha. O mesmo de ALAMBOR.

ESCARPELADO — Nome que se dava à concavidade executada nos ESPELHOS dos degraus das escadas de madeira.

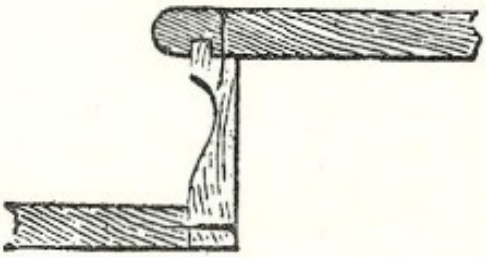
ESCARVA — Do verbo escavar, etmològicamente a palavra designa qualquer concavidade ou encaixe. Assim, chamam-se escarvas as perfurações feitas nos montantes das venezianas onde são introduzidas as extremidades das paletas. O têrmo no entanto é mais usado para denominar a emenda feita no tôpo de uma trave ou esteio que se prolongou com o acréscimo de outro, elemento. "Junção das extremidades de duas peças de madeira", diz Assis Rodrigues. "A escarva é simples quando as duas peças de madeira se tocam em quadrado, e composta quando as peças se talham por uma assemblagem comprida".

ESCARVOAR — Esboçar ou desenhar a carvão.

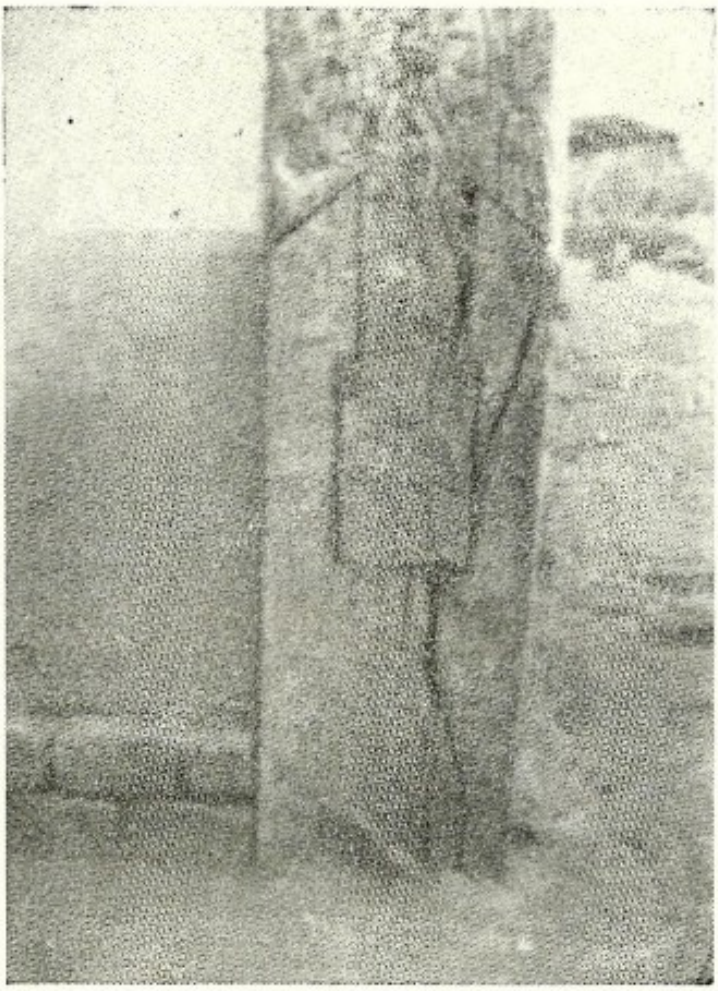
ESCASSEAR — O mesmo que DESBASTAR. O têrmo é mais empregado para designar a operação pela qual se diminui a espessura de um tijolo adelgaçando-o com um instrumento qualquer.

ESCATEL — Em certas CAVILHAS, nome da fenda onde é introduzida a chavêta.

ESCATELAR — Fixar uma CAVILHA com uma chavêta ou cunha.



Neste degrau, a concavidade executada no espêlho recebe o nome de escarpelado.



Escarva composta unindo duas peças que formam um cunhal de residência paulista. Note-se as duas chavêtas aplicadas depois de efetuado o encaixe.

ESCAVACAÇÃO — O mesmo que ESCAVAÇÃO. No Nordeste do Brasil, designa tôda operação relativa a movimento de terra: abertura de cortes, terraplenagens etc..

ESCAVAÇÃO — Desatêrro, desentulho. Em sentido popular, refere-se a qualquer movimento da terra.

ESCAVAR — Formar ou abrir cavidades no terreno. Cavar em roda. Tirar terra de um lugar. Tornar côncavo, abrir covas no terreno para fazer alicerces, etc.

ESCLUSA — Represa feita em rio ou canal para facilitar a navegação. Comporta.

ESCOADOURO — Lugar ou cano que serve para o escoamento de águas, outros líquidos ou mesmo dejetos. Ainda pode aparecer com a grafia "escoadeiro".

ESCOAMENTO — Ato de escoar a água de qualquer modo em qualquer sentido. Ato de escoar a água de qualquer modo em qualquer sentido. Também designa o plano inclinado por onde escoam as águas.

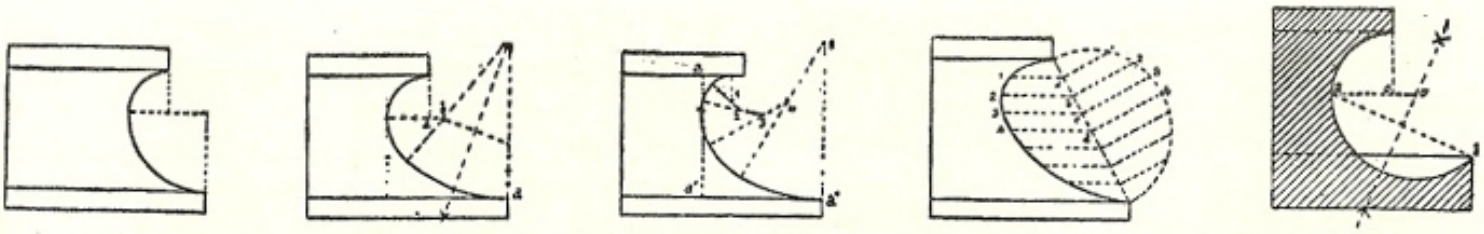
ESCOANTE — Declive ou inclinação por onde se escoa um líquido.

ESCÓCIA — Moldura côncava, assimétrica, na maioria das vêzes composta de dois arcos conjugados compreendidos entre dois filetes. Existem escócias cujas curvas chegam a ter até cinco centros. Costuma a ser empregada nas bases dos elementos sustentantes, principalmente colunas, aumentando a superfície de apoio e dando continuidade do fuste ao sóco. O mesmo que TRÓQUILO. Possui o têrmo outro correspondente e bue o substitui mais freqüentemente nos dicionários: NACELA.

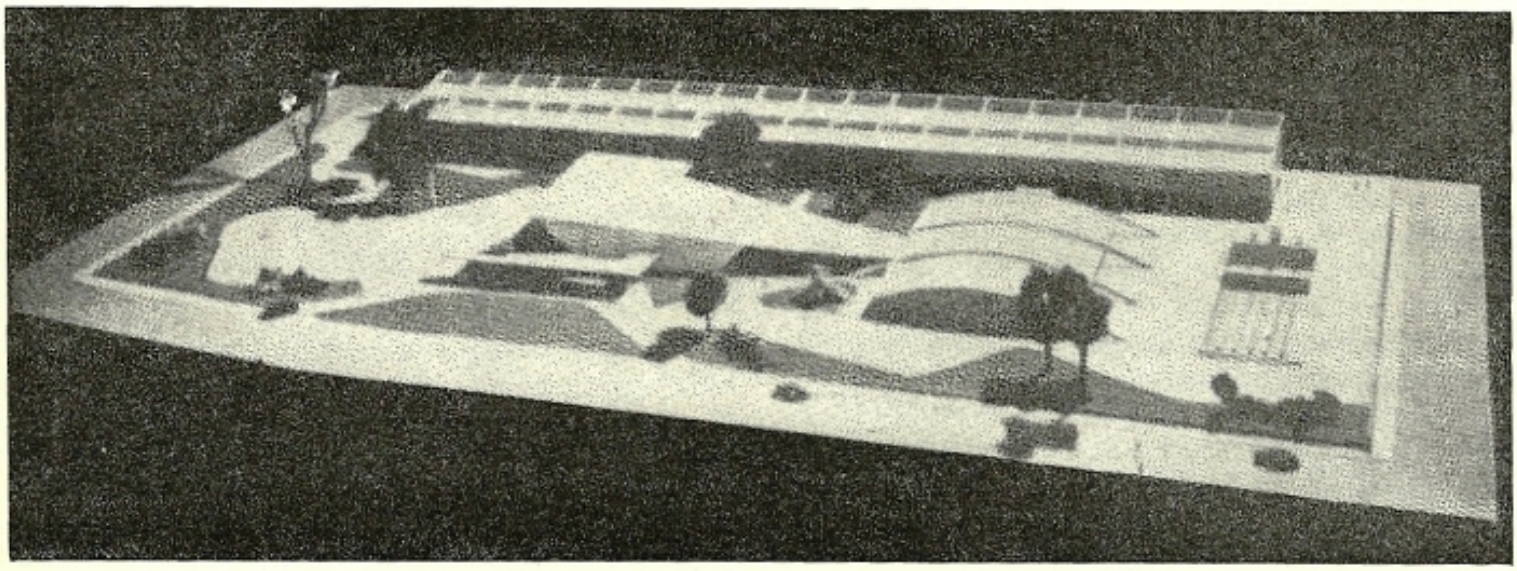
ESCODA — Martelo com pelo menos uma face achatada e munida de dentes que serve para afagar ou alisar as pedras já desbastadas e trabalhadas com outros instrumentos.

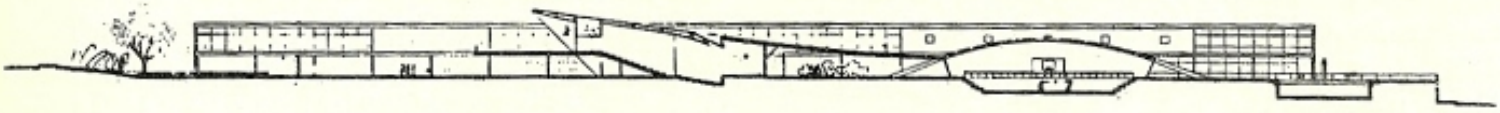
ESCODAR — Arrematar uma superfície de pedra empregando-se a ESCODA. Em Portugal empregou-se o têrmo também para designar o ato de desbastar tábuas com enxó.

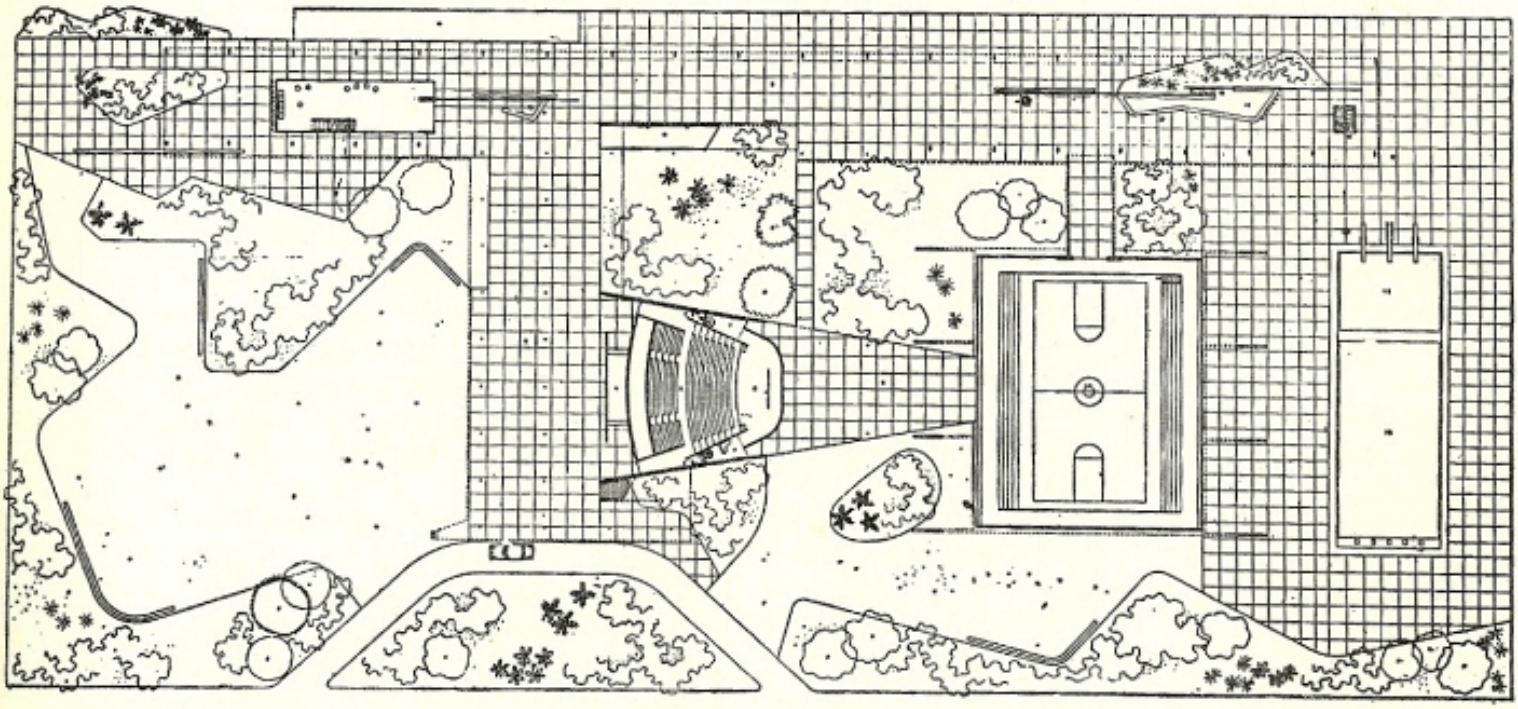
ESCOLA — Edifício ou estabelecimento destinado a permitir o ensino científico, literários ou artístico. Constitui um dos programas arquitetônicos de mais importância em nossa época, pois é preocupação da totalidade dos países o problema da educação e que só poderá ter o melhor atendimento no espaço arquitetônico devidamente organizado e chamado "escola". O programa de necessidades da escola de modo geral, se resume no seguinte: 1) salas de aula; 2) salas especiais; 3) locais para trabalhos manuais; 4) locais para os exercícios corporais; 5) locais para descanso e as salas de reuniões coletivas; 6) cantinas e locais de tratamento médico ou social; 7) locais de serviços gerais e instalações sanitárias etc. Do ponto de vista da concepção arquitetônica existe grande ligação entre as exigências pedagógicas e a solução



Cinco tipos de escócias: 1) De dois centros. 2) De três centros. 3) De cinco centros. 4) Elíptica e 5) Profunda.







Projeto de escola, doado pelo govêrno brasileiro ao Paraguai, de autoria do arquiteto Affonso Eduardo Reidy. O edifício compõe-se de três corpos: o bloco das aulas, o auditório e o ginásio. O bloco das aulas foi disposto no sentido da maior dimensão do terreno, o que permite orientação uniforme a todas as salas. O acesso ao ginásio e auditório é independente das aulas, não perturbando o funcionamento do colégio.

plástica mais adequada. A U.I.A. (União Internacional de Arquitetos) através de sua "Comissão de Construções Escolares. A Escola e seus problemas", assim resumiu esta interrelação entre os princípios pedagógicos modernos e a concepção arquitetônica: 1) A educação deve ser fornecida ao nível da criança, de onde uma arquitetura na escala da criança; 2) Desenvolvendo paralelamente seu corpo, sua inteligência e sua personalidade, a criança necessita de uma educação variada, de onde a importância da disposição dos locais supletivos e diferenciados. A escola deve ser o prolongamento do meio familiar, de onde a necessidade de um ambiente e de espaços em correlação com a habitação, com o lar; 3) O meio em sua volta, êle, deve ser parte integrante da educação, de onde uma escola, um edifício, que seja a síntese coerente de múltiplos aspectos da vida desde a aula até a natureza; 4) A educação deve respeitar a imaginação criadora da criança, de onde uma arquitetura simples e verdadeira, excluíndo todo o artificial". Para a melhor solução dêsse imenso programa a U.I.A., que reúne os arquitetos do mundo inteiro, preconiza uma série de medidas que deveriam ser levadas à frente em tôda parte para que o edifício "escola" obtenha o melhor resultado: "a) Exposições itinerantes sôbre a evolução das construções escolares em comparação com a evolução da pedagogia; b) Recomendar aos governos, às autoridades, aos educadores, aos arquitetos, sob forma de diretivas, de publicações, de bibliografia, notadamente através do Boletim da UNESCO; c) A produção e a difusão de filmes sôbre a pedagogia e sôbre as construções escolares; d) Reuniões de especialistas sôbre os problemas do ensino e de construções escolares, entre educadores, psicólogos, sociólogos, arquitetos, urbanistas, representantes das autoridades, tudo isto no aspecto internacionl e sob o patrocínio da UNESCO, depois sob o plano nacional, tendo em vista a aplicação concreta dêstes princípios". No Brasil, o problema do edifício "escola" é dos mais graves e o assunto ainda não foi encarado em sua totalidade.

ESCOMBAR — Formar taludes por meio de desaterros, fazer combros ou ALAMBÔRES. O têrmo também foi empregado em Portugal para designar o ato de demolir uma alambra ou talude.

ESCOMBRO — Entulho, ruína. Tem maior aplicação no plural: os escombros de um edifício.

ESCONSO — Adjetivo aplicado às linhas ou superfícies que, com outras concorrentes, não formam ângulos retos. Assim, diz-se cômodo esconso quando êsse compartimento tem os lados opostos desiguais, isto é, sua planta não é retangular. Têrmo empregado para designar o recinto cujo fôrro acompanha a inclinação do telhado. Neste caso o têrmo, como substantivo, é sinônimo de DESVÃO. Porta esconsa, o mesmo que porta escondida. Esconso, o mesmo que lugar oculto, esconderijo.

ESCOPREAR — Acertar preliminarmente com o ESCOPRO.

ESCOPRO — Instrumento cortante de aço usado para cortar metais e desbastar pedras. O mesmo que cinzel.

ESCORA — Nome da peça de madeira ou metálica que ampara, sustenta ou serve de arrimo a um elemento construtivo por si só incapaz de suportar as solicitações dos esforços ali atuantes. Daí, nome do madeiro em posição inclinada, firme numa das extremidades, que recebe, na outra, esforços de compressão. Nas tesouras, nome das peças que vão mais ou menos do meio das empenas, à base do pendural. O mesmo que ESPEQUE.

ESCORAMENTO — Ato ou efeito de escorar. Nome do conjunto de espeques ou escoras que, combinados, sustentam uma parede ou um talude, ou então, uma cobertura ameaçados de desabamento.

ESCORÇAR — Encurtar, diminuir, contrair. Reduzir um desenho passando-o para outra escala. Segundo as regras da perspectiva, dar aos vários objetos representados no desenho as dimensões que devem ter segundo os planos correspondentes. Fazer o ESCÔRÇO.

ESCÔRÇO — E a representação em perspectiva de um objeto, de um edifício. Normalmente o escôrço é feito de tal modo que a sucessão dos planos, por meio da qual conheceríamos a sua extensão, desaparece a nossos olhos. Isto é as dimensões longitudinais e as transversais so reduzidas, no desenho, dentro das regras da perspectiva, de modo a se tornar mais compreensível à primeira vista.

ESCORINHOTE — Nos engenhos de açúcar, nome das escoras que suportam as comportas dos açudes.

ESCRAVELHO — Nome que Luís Augusto Leitão (Curso Elementar de Construções) dá às "pequenas cavidades cheias de uma matéria negra que mancha os dedos" que costumam aparecer nas peças de ferro forjado.

ESCRITÓRIO — Nas residências, nos estabelecimentos industriais ou nos prédios comerciais, nome das salas ou gabinetes destinados à leitura, à escrita ou aos serviços administrativos em geral.

ESCUDETE — Chapa, lavrada ou não, que possue orifício por onde entra a chave das fechaduras. O mesmo que ESPÊLHO. Ornato que tem como motivo principal um brazão de armas.

ESCULTURA — Estatuária. Obra feita por escultura, que comparece, muitas vêzes complementando a obra arquitetônica. Desde a pedra ao bronze, desde a madeira ao alumínio ou mesmo à matéria plástica, — materiais com os quais ela é elaborada — a escultura pode ser um dos elementos importantes na síntese das artes, como integração estética na vida humana.

ESCUMIADA — O mesmo que escarpa ou ladeira.

ESCUROS — Nome que se dá às fôlhas das janelas desprovidas de vidros, paletas de venezianas ou outras perfurações, que escurecem totalmente o cômodo quando fechadas. Diz-se os "escuros" da janela. Ver TAIPAL.

ESCUTA — Nas fortificações ou praças de guerra, nome da galeria, que pode ser subterrânea, feita para favorecer a observação melhor das atividades do inimigo. Tribuna guarnecida de rótulas. Nas prisões, condutor de som que permite sejam ouvidas as palavras dos encarcerados.

ESFUMADO — Diz-se do desenho elaborado com sombras esbatidas a ESFUMINHO. Atualmente, é empregado o têrmo para todo desenho com sombras esbatidas por qualquer processo.

ESFUMINHO — Cilindro fino e alongado com as duas extremidades em ponta e elaborado em pelica ou simplesmente de papel poroso e macio, empregado para esbater o desenho a lápis, a carvão, etc.

ESGACHE — Cepo de carpinteiro e marceneiro, munido de um ferro quase vertical, com o qual se moldam os bordos das peças.

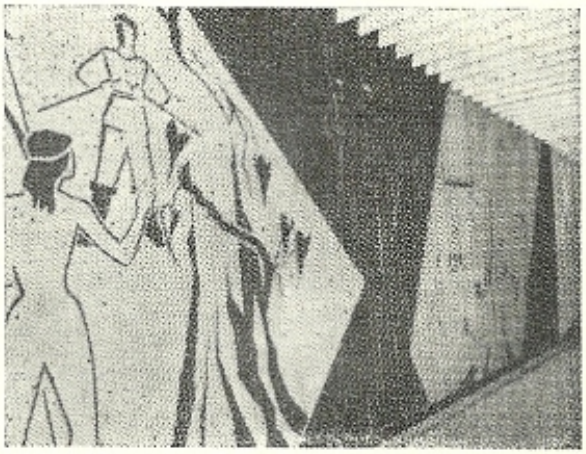
ESGAIVAR — Cavar, escavar. Abrir barrancos nalgum lugar. Têrmo de pouca aplicação.

ESGARAVATIL — Instrumento para fazer encaixes na madeira.

ESGOTADOURO — Cano para ESGÔTO. Existe a variante "esgotadoiro".

ESGÔTO — Conjunto de um ou mais condutores subterrâneos destinados a receber as águas servidas das casas, dos edifícios e levá-las para lugar mais afastado. Nas casas, existe ligação do esgôto domiciliar com o esgôto geral das ruas, ou na ausência dêste, com as FOSSAS, diretamente.

ESGRAFITO — Nome de certo tipo de decoração renascentista italiana que se vulgarizou em Portugal, regionalizando-se com características próprias. Êste tipo de ornamentação que alcançou grande popularidade em Portugal talvez tenha sido usado entre nós nos primeiros séculos de nossa colonização.



Vista parcial de um painel onde foi empregada a técnica do esgrafito, de autoria de Heinz Kuehne em edifício construído em São Paulo.

O esgrafito português era constituído de pequenos desenhos padronizados e executados por meio de raspagens efetuadas sôbre a superfície caiada das paredes. Assim, a côr da argamassa aparente contrastava com o branco da pintura. Uma das características da técnica do esgrafito era a adoção sistemática de moldes perfurados segundo os desenhos

desejados. Com uma raspadeira era retirada a pintura visível através das perfurações. Hoje em dia, entre nós, existe movimento que visa o restabelecimento desta técnica algum tempo esquecida, sendo, no entanto, abandonado o emprêgo de moldes perfurados ou vazados. Os desenhos são executados a mão livre diretamente sôbre a camada superior do revestimento.

ESGUICHO — Jacto de água. Repuxo. Usado em arquitetura com finalidade decorativa em jardins, fontes etc.

ESMALTE — Nome que se dá à substância vítrea que se funde e se aplica sôbre metais, cerâmicas e porcelanas. Os esmaltes compõem-se principalmente de sílica, óxido de chumbo e óxido de estanho. Êste último dá ao esmalte o conhecido tom branco leitoso. Nome que se dá ao azul (óxido de cobalto) usado nas pinturas. Modernamente a palavra esmalte prende-se às superfícies brilhantes e polidas independentemente dos materiais empregados nos acabamentos. Daí chamar-se a pintura a óleo usada nas construções, sobretudo nas esquadrias de madeira, de esmalte.

ESMOLIATÓRIO — Albergue onde são recolhidos os mendigos. Hospício para enfermos ou peregrinos.

ESMONAR — Fazer massas ou depressões numa parede. O mesmo que ESMOUCAR.

ESMOUCAR — Ver ESMONAR.

ESPAÇAR — Deixar iguais distâncias entre vários elementos arquitetônicos que se repetem, como por exemplo, colunas, janelas, etc.

ESPAÇO — Em arquitetura, expressa antes de tudo sua condição tri-dimensional ou seja, a possibilidade do homem participar de seu interior. De modo especial, não se considera suficiente o projeto através de plantas, cortes, perspectivas, etc., para compreensão exata das três dimensões da arquitetura. É preciso considerar o homem se movimentando no seu interior. Dentro desse critério a análise de uma obra arquitetônica que se faz através dos dados sociais, funcionais, construtivos, volumétrico e decorativos, não será completa se não forem acrescentados os dados especiais. A arquitetura contemporânea, conforme explica Bruno Zevi, num movimento de retôrno ao seu verdadeiro campo, o espacial, afastou a preponderância decorativa, escultórica, etc., que havia tomado conta da arquitetura durante muito tempo. Dessa forma sob o ponto de vista espacial os dois valores autênticos da arquitetura são: o volumétrico e o espacial. "Uma unidade orgânica, entre o homem e a arquitetura dará a interpretação espacial e a medida do espaço será o meio para identificar o edifício" é o que ensina, ainda, Bruno Zevi.

ESPALDA — Nas fortificações, parte saliente do BASTIÃO.

ESPALDÃO — Anteparo de fortificações. Nome das costas das cadeiras. Espaldeira.

ESPALDAR — As costas da cadeira ou a parte superior do DOSSEL.

ESPALDEIRA — Nome dado ao renque de árvores que são plantadas junto a uma parede

ESPALETA — Nome que em São Paulo e em outras regiões, se dá às saliências das paredes, como se fôssem pilastras, feitas quase sempre para receber os marcos das portas. O mesmo que BONECA ou CADEIA.

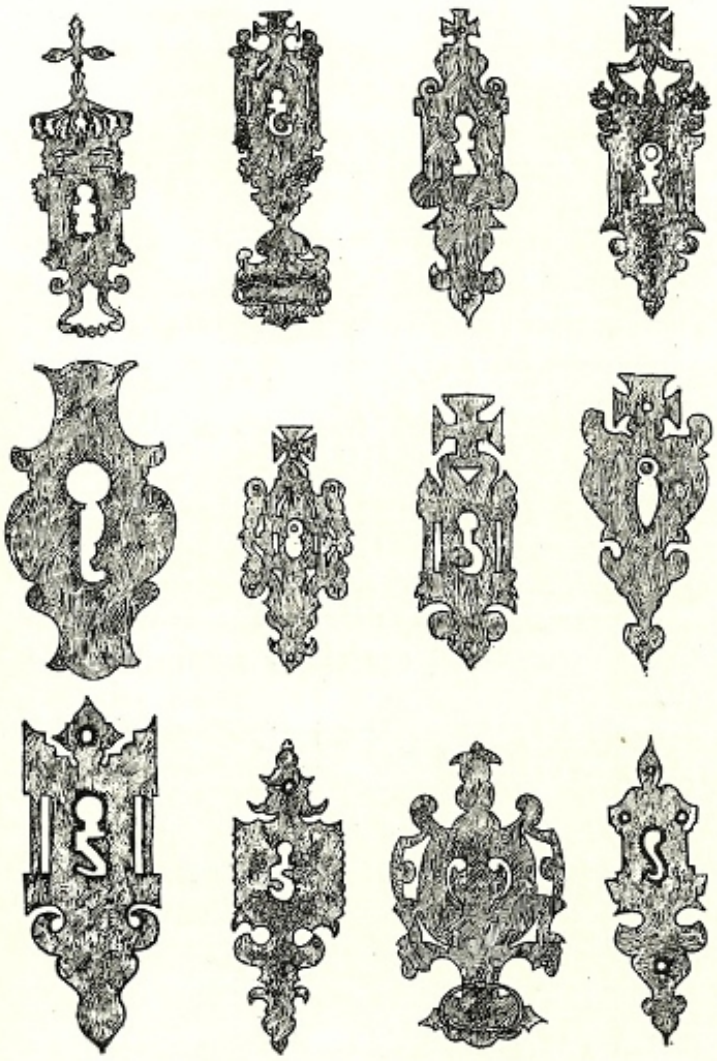
ESPARÁVEL — Nome que se dá a uma pequena tábua quadrada onde pousa alguma argamassa que o pedreiro usa para revestir forros. No plural toma a forma de "esparáveis".

ESPECAR — Sustentar com ESPEQUES. O têrmo é mais empregado, quando se trata de operação feita com o propósito de permitir a abertura de rasgos ou outros serviços nas fundações dos edifícios ou em suas proximidades.

ESPEÇAR — Em marcenaria, tornar mais comprida uma peça de madeira, por justaposição de elementos.

ESPECIFICAÇÃO — É o guia técnico no qual são relacionadas as espécies ou os tipos dos materiais a serem empregados e onde são igualmente descritos os serviços e trabalhos a serem levados a efeito em determinada construção. Conforme as normas do Instituto de Arquitetos do Brasil expostas em sua Tabela Básica de Honorários as especificações — o mais comum é o seu emprêgo no plural — vem a ser: "Descrição das qualidades dos materiais a empregar e da sua aplicação, completando as indicações do projeto e dos detalhes, com tôdas as informações necessárias à elaboração do orçamento".

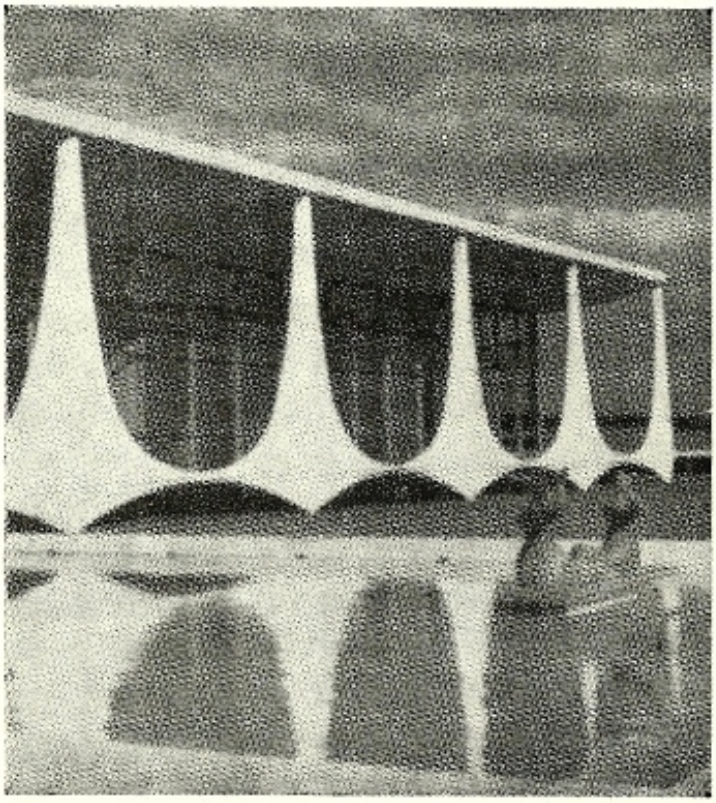
ESPELHIM — Gêsso branco com aparência lustrosa.



Vários exemplos de espelhos de fechaduras executados em ferro forjados para construções mineiras do século XVII.

ESPÊLHO — Nome que recebe a face vertical do degrau, também chamada PÉ. Tábua que sobressai de alto a baixo na face de uma porta. Face anterior de uma gaveta. Quadrado de madeira que se embute para esconder a cabeça de uma cavilha cravada. Remendo feito numa superfície de madeira. Nome que se costumava dar às aberturas, geralmente ovais ou circulares, providas de vidraças, situadas no alto dos frontispícios das igrejas. Ornamentos ovais entalhados nas molduras côncavas acompanhados, às vêzes, de florões. Placa fixada à porta que guarnece o lugar de entrada da chave na fechadura. O mesmo que ESCUDETE.

ESPÊLHO D'ÁGUA — Nome geralmente dado a pequenos lagos artificiais, criados em jardins que completam a obra arquitetônica, com o fim único de integrar o efeito plástico da água, seu brilho e sua superfície, no todo paisagístico.



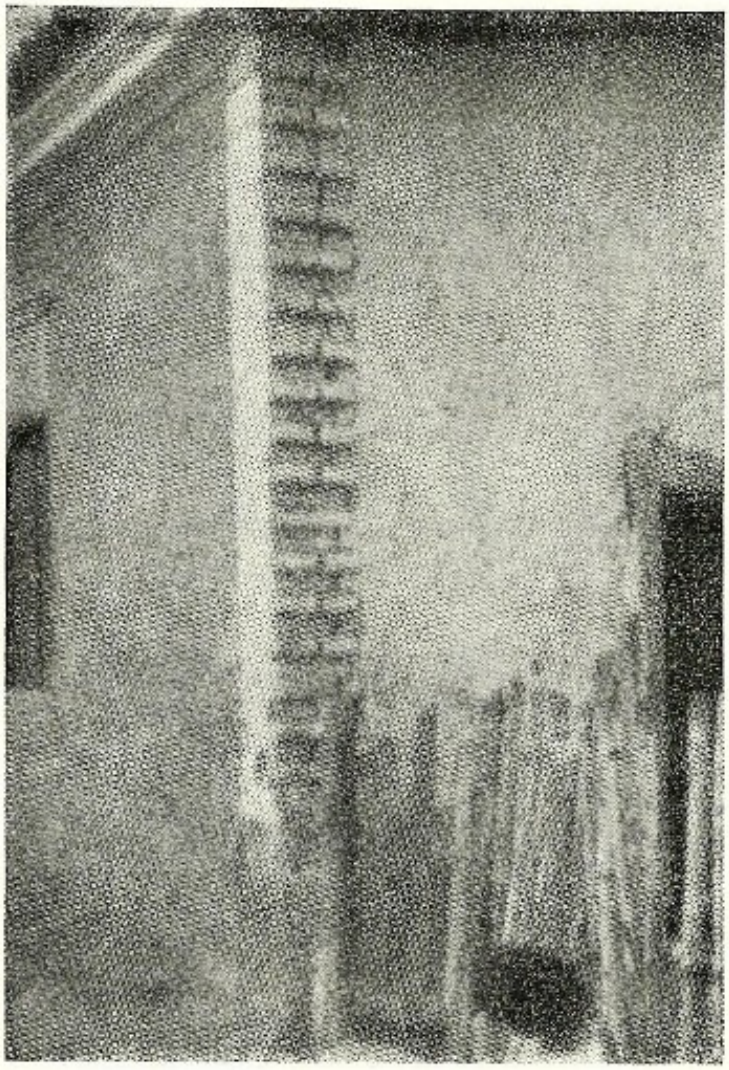
Exemplo de uso do espêlho d'água com suas verdadeiras características. Êste da ilustração pertence ao Palácio da Alvorada, em Brasília, de Oscar Niemeyer. Vê-se também, a escultura de autoria de Alfredo Ceschiatti.

ESPEQUE — Peça de madeira com que se ampara ou sustenta uma estrutura combalida. O mesmo que ESCORA.

ESPERA — Nos bancos de carpiteiro, nome de saliência que impede o escorregamento de peças que estejam sendo aplainadas ou aparelhadas. Pequena peça de madeira, em forma de cunha, que não permite o deslisamento de uma viga ou sarrafo sôbre outro inclinado. Nome que se dá às pedras ou aos tijolos deixados salientes, geralmente nos cunhais, para que seja possível, no futuro, a amarração de novas peças de alvenaria, de nova parede a ser acrescida.

ESPETEIRA — Gancho, nas cozinhas ou prateleiras, onde são pendurados gêneros ou vasilhames.

ESPIGA — Cavilha de ferro ou de madeira com que se travam umas às outras diversas peças. Parte de uma peça que entra no furo de outra. Nome de cada uma das pontas, ou ganchos colocados na parte superior dos mu-



Os tijolos salientes no canto desta casa de Piracaia constituem o que se chama de *espera*.

ros protegidos. Dique para proteção das margens dos rios.

ESPIGÃO — Nos telhados, nome de aresta saliente determinada pelo encontro de duas águas. Quando horizontal, o espigão recebe o nome de CUMEEIRA. Geralmente a palavra é mais empregada para dar nome às arestas inclinadas decorrentes das intersecções das tacaniças com as águas mestras. Nome do ponto mais alto do telhado de quatro ou mais águas triangulares, geralmente ornamentado com peças de barro ou metálicas, as quais tem por função primeira impedir a entrada das águas pluviais. Entre nós foi costume arrematar os espigões dos telhados piramidais com panelas de barro voltadas para baixo. Nome da parte superior dos muros. Botaréu que reforça os pilares das pontes. Parede que desvia o curso normal de um rio. Ferro agudo que reveste a ponta das estacas e que facilita, assim, a cravação.

ESPIGUEIRO — Local onde são guardadas, nos estabelecimentos agrícolas, as espigas de milho. O mesmo que PAIOL.

ESPINCHO — O mesmo que ALDRAVA. Têrmo de uso generalizado no Douro, Portugal.

ESPINGARDEIRA — O mesmo que SETEIRA. Nas muralhas, orifício ou abertura onde eram assestadas as espingardas.

ESPINHEIRO BRAVO — Ver TAJUBA.

ESPINHEIRO PRÊTO — Ver PARICÁ BRANCO DE ESPINHO.

ESPINHO DE CRISTO — Árvore Leguminosa cesalpinácea, Gleditschia amorphoides, Taub., que fornece boa madeira para obras internas e carpintaria. Também conhecida por coronilha, espinilho, cambanambi e jaruva.

ESPINILHO — Madeira. Ver ESPINHO DE CRISTO.

ESPIRA — Cada uma das voltas ou arcos da ESPIRAL. Nome das bases das colunas salomônicas. Também aquilo que configura a espiral. Cada rôsca de um parafuso.

ESPITAL — O mesmo que HOSPITAL.

ESPLANADA — Espaço descoberto junto a um edifício. Nas cidades, nome dos terraplenos de grande extensão. Planície elevada de onde se descortina bela paisagem. O mesmo que TERRACENA. Nas fortificações, terreno plano à roda da praça de armas, que delimita a contraescarpa.

ESPOJEIRO — Pequeno cercado em tôrno da casa. Pequeno roçado no Nordeste.

ESPONTEIRAR — Desbastar uma pedra nas proximidades da posição definitiva e exata da aresta cuja situação foi predeterminada. Riscar com um ponteiro as faces de uma pedra de cantaria já aparelhada para se obter maior aderência da argamassa.

ESPORÃO — Nas antigas embarcações, parte superior da prôa em que eram colocadas figuras ornamentais. Daí o emprêgo da palavra para designar certas decorações arquitetônicas que representavam aquela parte do navio. Nas fortificações, saliências terminadas em ângulo agudo, situadas no meio das cortinas. Contraforte, gigante ou botaréu.

ESPREITADEIRA — O mesmo que POSTIGO, isto é, pequena abertura dotada de esquadria situada na parte superior da porta, que permite o olhar para o lado de fora.

ESPRITAL — O mesmo que HOSPITAL.

ESQUADRA — O mesmo que ESQUADRO.

ESQUADRADO — Pôsto em ESQUADRIA, cortado em ângulo reto.

ESQUADRAR — Cortar, serrar, riscar ou dispor em ESQUADRIA, em ângulos retos.

ESQUADRARIA — Corte em ângulo reto. O mesmo que ESQUADRO. Pedra de cantaria.

ESQUADREJAR — Cortar ou serrar em ângulo reto.

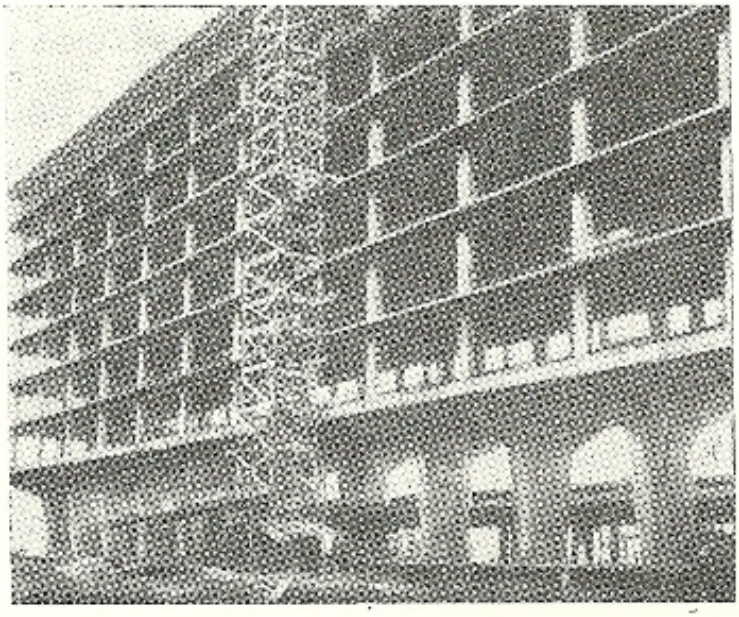
ESQUADRIA — Designação genérica, usada em arquitetura, para indicar todos os tipos de caixilhos empregados na construção: portas, janelas, venezianas, etc. "Detalhes de esquadria" é a designação usada para os desenhos que o arquiteto elabora, quando pormenoriza cada um dêsses elementos.

ESQUADRIAR — O mesmo que ESQUADRAR.

ESQUADRO — Instrumento auxiliar do desenhista de arquitetura com o qual se formam ou medem ângulos retos e alguns agudos e se tiram linhas perpendiculares. Geralmente o esquadro é feito de madeira, de plástico ou de metal e se apresenta de duas maneiras: com ângulos reto e dois de 45 graus ou com ângulo reto e um de 60 graus e outro de 30 graus, que são denominados na linguagem vulgar de, respectivamente, esquadro de 45 e esquadro de 60.

ESQUELETO — Têrmo usado para designar a parte sólida e firme de qualquer construção, que dá a forma ao todo. Comumente, é a estrutura de concreto armado independente, que se chama esqueleto.

ESQUEMA — Recurso gráfico composto de figuras geométricas ou não ou de traços apenas, que tem por finalidade exprimir as relações e as funções que caracterizam um todo. Em arquitetura especialmente, o esquema se constitui em processo normal de trabalho do arquiteto, nos estudos iniciais de um projeto e também na elaboração dos "esquemas" chamados "funcionais" ou, "de circulação", etc. Ver êsses têrmos.



Estrutura de concreto armado ainda totalmente aparente, a que normalmente se dá o nome de esqueleto.

ESQUEMA DE CIRCULAÇÃO — É a configuração, através do recurso gráfico, de todos os tipos de movimentação exercidos no interior da construção pelo homem. Daí a possibilidade de serem diferenciadas por êsse processo as circulações, social, de serviço, íntima, etc.

ESQUEMA FUNCIONAL — É a configuração através do recurso gráfico pela qual se elabora uma explicação sucinta e precisa do "funcionamento" pròpriamente dito de uma determinada solução arquitetônica. Isto é, os vários setores de que é composto um programa arquitetônico são dispostos de forma tal, que esclarecem de imediato o projeto, a idéia criadora, tornando explícita a sua compreensão.

ESQUINAR — Dar forma de esquina a uma parte da construção ou construir em ângulo.

ESQUISSO — Desenho esquemático, imperfeito, com o fim de expressar uma idéia, um projeto já concebido.

ESQUINA — Ângulo formado pelas paredes. Canto exterior.

ESSA — Ver CATAFALCO.

ESTÁBULO — Lugar coberto onde se recolhe o gado vacum. Estrebaria.

ESTACA — Pau aguçado que se crava na terra ou em qualquer outro lugar com diversas finalidades. Assim, dá-se o nome de estaca ao pau fincado na parede para servir de cabide. Nos trabalhos de demarcação de terras, chama-se estaca o pequeno pau colocado ao lado do piquete. Estaca de fundação é o nome da peça longa, de madeira (geralmente de eucalipto), concreto armado ou de ferro (raramente) que se crava em terrenos pouco firmes para receber as fundações ou alicerces de edificações e transmitir as cargas conseqüentes ao terreno inferior resistente. Estas mesmas estacas recebem o nome de estacas de compressão ou consolidação quando se determina, ùnicamente, a comprimir o terreno dando-lhe resistência e compacidade necessárias às cargas transmitidas pelos alicerces. Estaca prancha é a estaca em forma de pranchão cravada justaposta a outras iguais formando uma espécie de cortina. É usada para formar ensecadeiras e em obras de cais e congêneres.

ESTACADA — Espaço fechado por ESTACAS. Série de estacas cravadas lado a lado, principalmente estacas pranchas. O mesmo que CURRAL. Existe também, a forma estacado. Às vêzes empregado com o sentido de ESTACARIA.

ESTACÃO — O mesmo que ESTACA de grandes proporções.

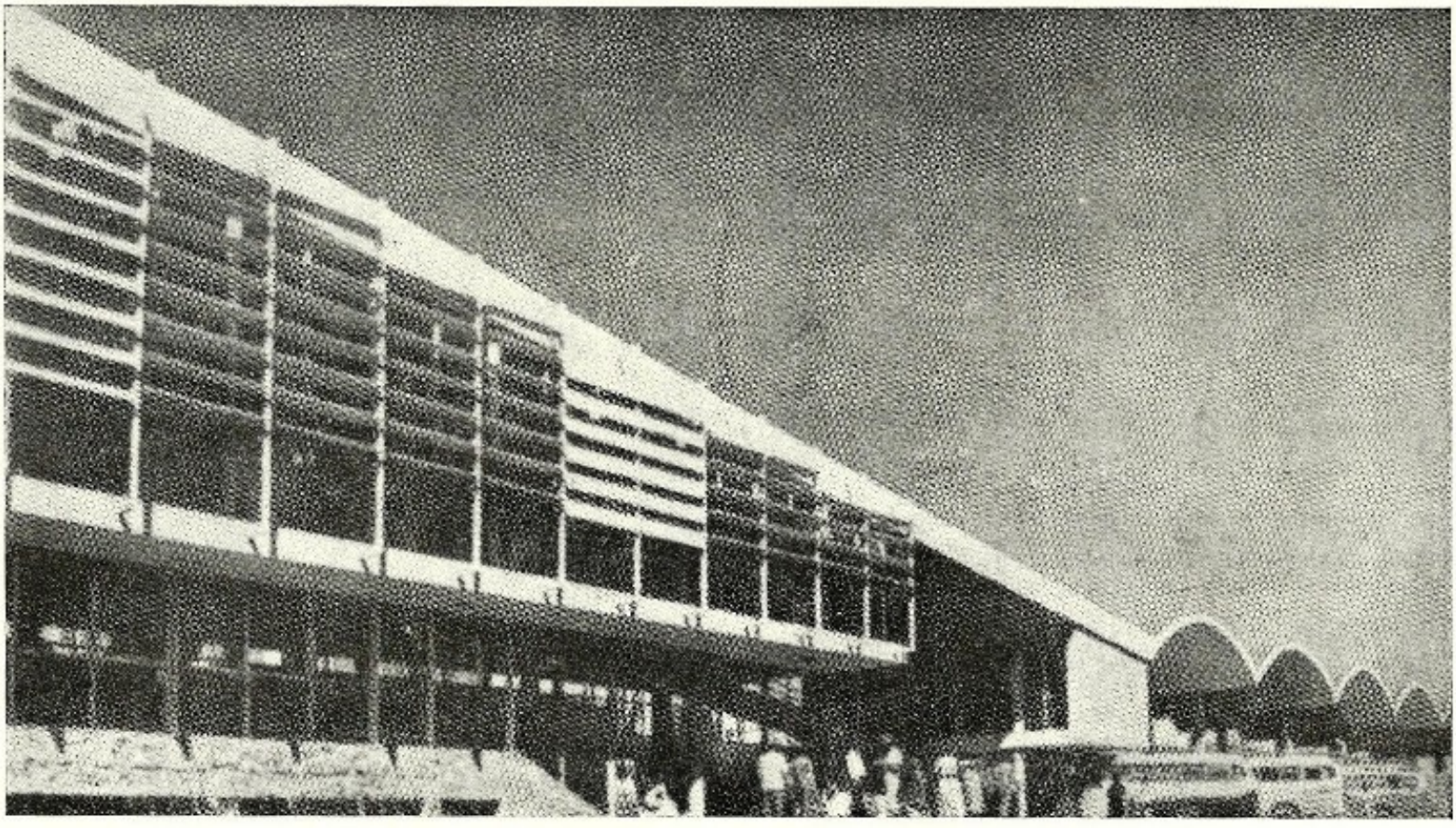
ESTAÇÃO — Nome dado ao lugar onde param os trens, os ônibus ou os navios. Por extensão êsse têrmo tornou-se designativo do edifício que abriga as pessoas e as viaturas no caso dos trens e dos ônibus e só as pessoas no caso dos navios. Torna-se assim, um programa arquitetônico característico. GARE.

ESTACAR — Segurar ou amparar com ESTACAS. Existe, no linguajar comum, a forma ESTAQUEAR.

ESTACARIA — Grande número de estacas. Conjunto de estacas que compõe o embasamento de um prédio. ESTACADA.

ESTACIONAMENTO — Ato de estacionar e, também, local destinado para estacionar temporàriamente veículos.

ESTACOAR — Segurar com ESTACA.



Estação Rodoviária de Londrina, Estado do Paraná, de autoria do arquiteto J. B. Vilanova Artigas, realizado em 1951.

ESTADA — Andaime colocado numa parede alta. Antigamente, a palavra também designava a armação que sustentava os sinos nas tôrres. Cavalariça, estrebaria, manjedoura.

ESTÁDIO — Campo de jogos esportivos. Constitui um programa arquitetônico de aspectos especiais, pois além de necessitar cuidados peculiares aos diversos tipos de jogos, é preciso que o planejador atente para os problemas, de orientação, de circulação e de disposição do público apreciador, que vai se dispor da melhor maneira possível e com garantias de visibilidade, o que é de grande importância nos projetos de estádios. Também, fator de relevância será a circulação principal: entrada e saída do público, o que deverá ser feito de forma rápida e racional.

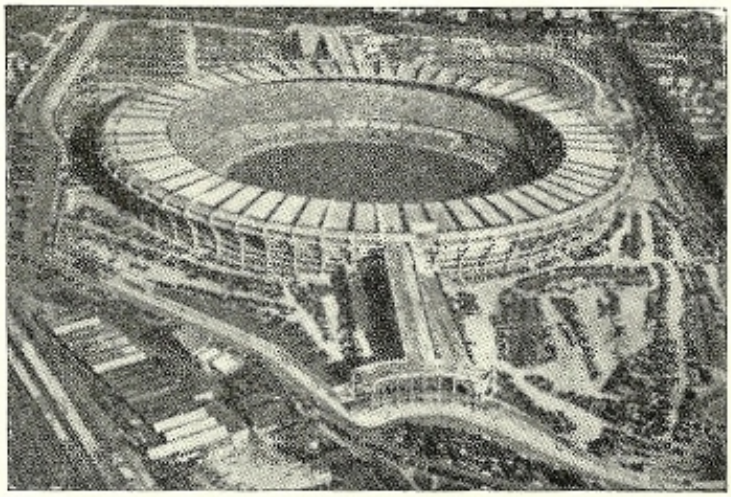
ESTAFE — Nome do revestimento de gêsso e estôpa com que se cobrem armações de madeira, na feitura de ornatos ou decorações grandes e leves.

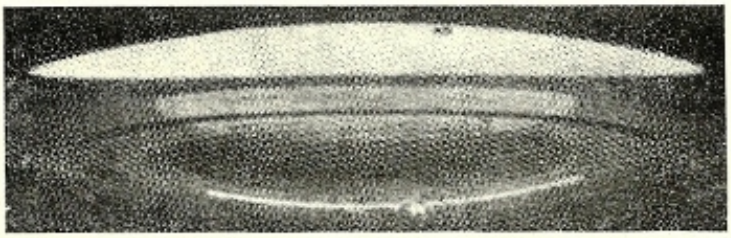
ESTALA — O mesmo que CAVALARIÇA. Ou ainda ESTÁBULO, ESTREBARIA.

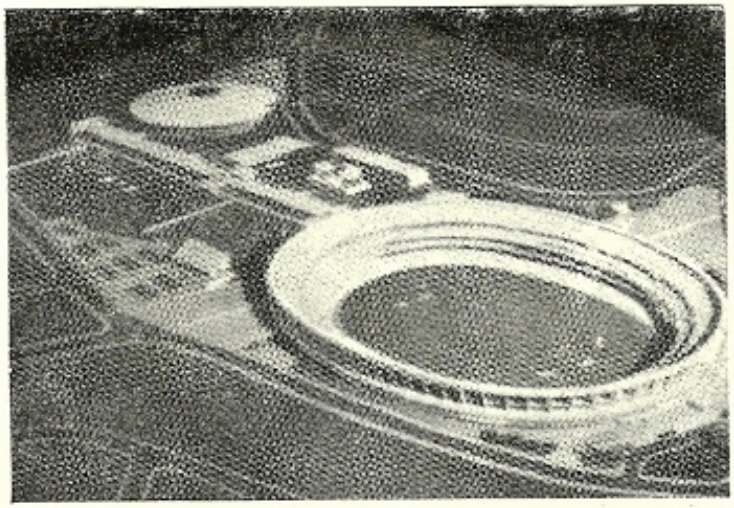
ESTALADA — No Maranhão, espécie de mutirão organizado para a cobertura de uma casa com fôlhas de babaçu, as quais, antes de seu uso, devem ser "estaladas".

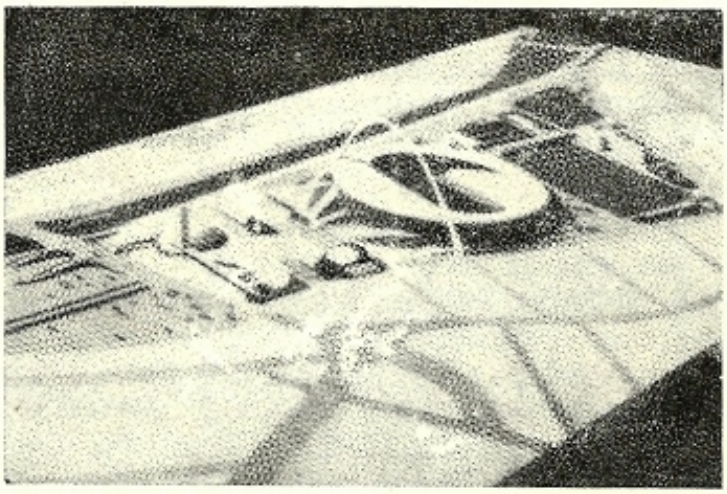
ESTALAGEM — Pousada. Hospedaria. Albergue. Casa para se receber forasteiros. Ainda, no Brasil, pode designar fila de casinhas pobres com saída comum para a rua.

ESTALEIRA — Tábua da qual os carpinteiros tiram madeira para pequenos serviços









Três exemplos de estádios, cujos projetos constituem criações notáveis de nossa arquitetura: em cima, o Estádio do Maracanã, no Rio, dos arquitetos Pedro Paulo Bastos, Rafael Galvão, Antonio Dias Carneiro e Orlando Azevedo; em baixo, à esquerda, o Estádio do São Paulo Futebol Club, em São Paulo, do arquiteto J. B. Vilanova Artigas e, à direita, o Estádio Nacional, famosa criação do arquiteto Oscar Niemeyer para o Rio de Janeiro, que não chegou a ser realizada.

diminuindo a sua espessura. Também existe a forma estaleiro, com o mesmo sentido.

ESTALEIRO — Nome da oficina onde são construídos barcos, navios, etc. Nome genérico da armação feita para sustentar alguma coisa. Local onde os escultores assentam as pedras em que vão trabalhar.

ESTAMPILHA — Nome da fôlha de papel em cujo centro é recortado um desenho que se pretende reproduzir várias vêzes sôbre uma parede. Semelhante ao molde usado na técnica do ESGRAFITO, permite a reprodução em série de ornatos pintados, pois o pincel é passado ùnicamente sôbre a parte descoberta da parede.

ESTÂNCIA — A palavra assume vários significados. Primeiramente o têrmo designa a morada fixa, a residência. Aposento. Recinto. O mesmo que BALUARTE, FORTIM, ou reduto com poucos homens e pouca artilharia. Local onde se deposita madeira de construção ou lenha para combustível. No Rio Grande do Sul, é o nome que recebe a fazenda de criação pobre onde vivem várias famílias em promiscuidade. Em Minas, designação das cidades onde são exploradas as águas minerais. Em Portugal principalmente, estância é o nome da tábua onde os pedreiros e estucadores colocam a argamassa de que se vão servindo.

ESTANCO — Antigamente, o mesmo que TANQUE ou lago.

ESTANDAQUE — Nome que no Vale do Paraíba, São Paulo, é dado ao fogão construído sôbre uma armação rústica de pequenos galhos de árvore, semelhante a uma mesa recoberta por uma camada de barro sêco. Ver FOGÃO.

ESTANDARDIZAÇÃO — Unificação de produtos de materiais construtivos, com o fim de alcançar determinado padrão e racionalizar a construção: 1.º do ponto de vista da idéia, do projeto, facilitando sua criação e o "funcional em todos os sentidos; 2.º do ponto de vista da execução da obra, contribuíndo na racionalização do trabalho, na economia e no tempo, atingindo-se objetivos mais próprios da evolução dos tempos.

ESTANHO — Metal branco, dúctil e maleável, porém pouco tenaz. Usado no fabrico do bronze e no das fôlha-de-flandres. Seu pêso atômico é 118,7, número atômico 50 e tem como símbolo a sigla Sn. Ponto de fusão 232º. Ponto de ebulição: 2.270.º.

ESTANQUE — Armazém onde são recolhidos os gêneros que se vendem por monopólio. O mesmo que tabacaria. Diz-se do reservatório bem vedado ou tapado, sendo impedida a saída do líquido.

ESTAQUEAÇÃO — Ato ou efeito de estaquear. Mais empregado do que estaqueamento.

ESTAQUEAMENTO — Ato ou efeito de estaquear ou ESTACAR. Estaqueação, estaqueio.

ESTAQUEIRO — Grande ESTACA ou ESTACÃO.

ESTARIM — Prisão preventiva ou calabouço nas dependência da polícia. Têrmo usado em Portugal.

ESTARRO — Antigamente, o mesmo que ESTÁBULO.

ESTATUÁRIA — Arte de fazer estátuas ou esculturas. É têrmo empregado para designar ordinàriamente o conjunto de obras escultônicas que complementam a arquitetura. Nem sempre se refere especìficamente a estátuas ou seja, a figura inteira de homem, mulher, animal, etc.

ESTAU — Antigamente, o mesmo que ESTALAGEM. Designava a casa em que se aposentavam a côrte e os embaixadores.

ESTEAR — Suster com esteios ou escoras. ESCORAR. SUSTENTAR.

ESTEARIA — No Maranhão, nome das estacas ou esteios que restaram das moradias indígenas do lago Cajari, espécie de PALAFITAS.

ESTEATITA — Silicato de magnésio que se apresenta em forma de pedra mole, de côr esverdeada, também chamada PEDRA SABÃO.

ESTEIO — Peça de madeira, ferro, pedra, etc. usada para segurar ou amparar alguma coisa. Em geral o têrmo é mais empregado para designar estaca com que se sustenta ou escora um teto ou uma parede. Diz-se "os esteios dos cunhais", isto é, as estacas situadas nos cantos externos das construções, sôbre as quais cruzam-se os frechais. No linguajar técnico diz-se que esteio é qualquer barra ou haste destinada a receber esforços

de compressão na direção de seu comprimento. Dessa maneira, opõe-se ao TIRANTE ou TENSOR. O mesmo que ESCORA ou PÉ DIREITO.

ESTEIRA — Tecido de hastes entrelaçadas, em que são empregados inúmeros exemplares de nossa flora, usado principalmente para forração ou tapetes. Em Minas Gerais, foi e ainda é com menor freqüência, comum o uso de esteiras de taquara nos fôros dos compartimentos. Essas esteiras de fôrro às vêzes são pintadas, quase sempre caiação, e em outras ocasiões permanecem com a sua côr natural.

ESTEIRADO — O mesmo que coberto de ESTEIRA.

ESTELA — Coluna truncada ou placa de pedra que recebe uma inscrição geralmente funerária. Existe a forma estélio.

ESTELIOGRAFIA — Arte de fazer inscrições em colunas.

ESTEMADO — O mesmo que MOLDURADO ou guarnecido de moldura.

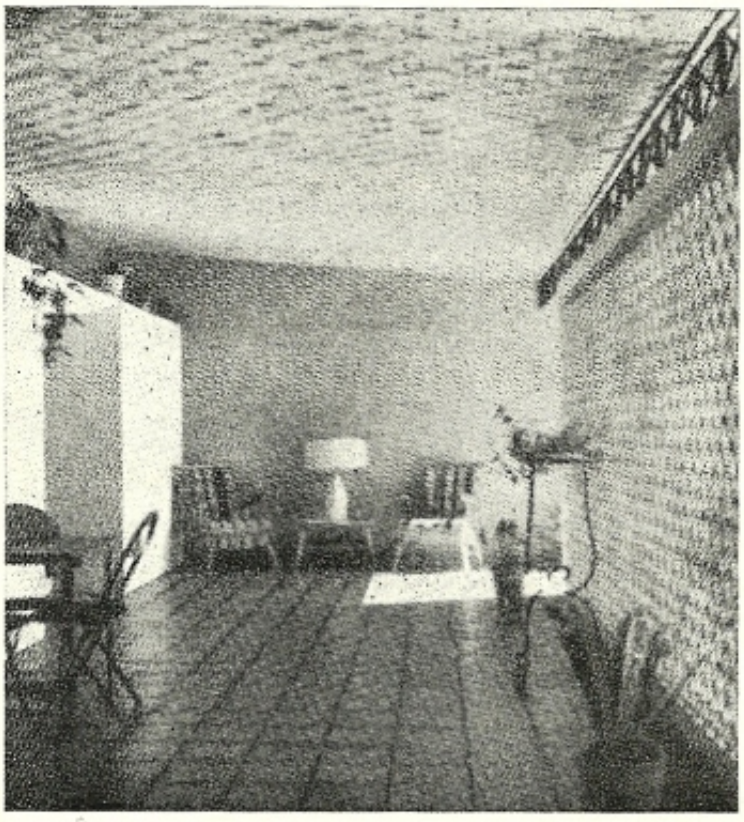
ESTÉREO — Medida de volume para madeiras, que equivale a um metro cúbico.

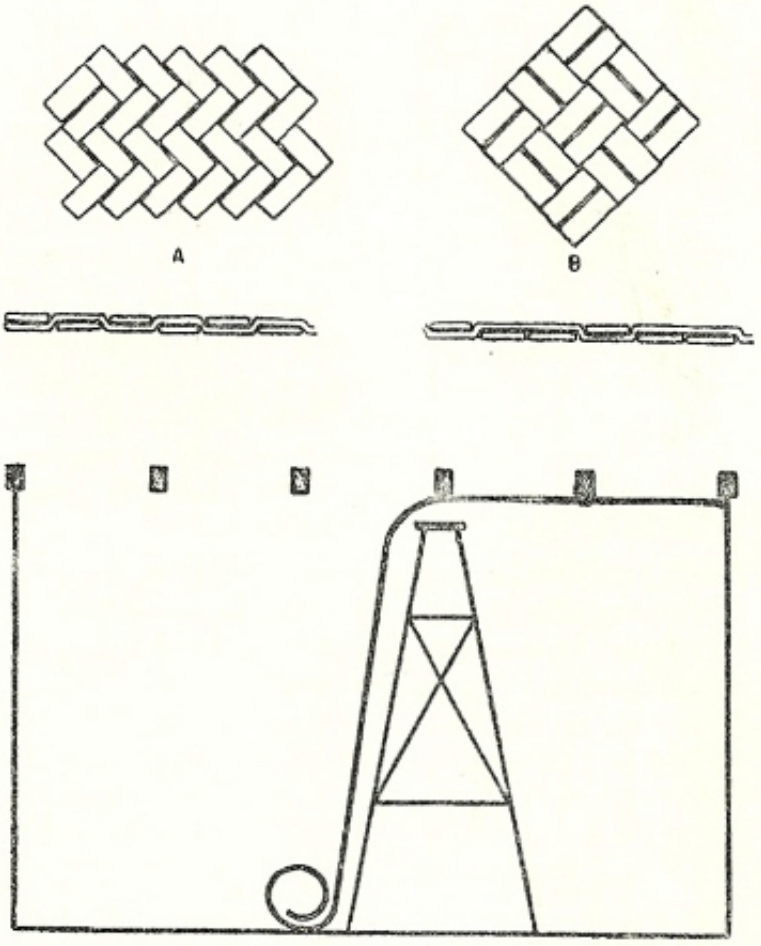
ESTEREÓBATA — Soco ou embasamento que sustenta um edifício, destituído de molduras ou saliências.

ESTEREOCROMIA — Método para fixar as côres das pinturas das paredes, que emprega uma demão de solução de silicato de potássio.

ESTEREOTOMIA — Nome da técnica empregada para dividir, cortar e colocar com rigor os materiais de construção, principalmente aquêles que se destinam à confecção das paredes. Originàriamente, êste têrmo só era empregado em relação à pedra.

ESTERO — Terreno baixo e alagadiço, junto aos rios e lagos. Têrmo de largo emprêgo nas fronteiras do Brasil com a Argentina e o Paraguai. É uma espécie de banhado.





A ilustração mostra 2 tipos de trançado, de taquara para forros. Vê-se, também, o modo de colocação da esteira. Desenhos de Paulo Santos. A fotografia apresenta aplicação, nos dias de hoje, de esteiras em fôrro. Residência em Cabo Frio, Rio de Janeiro, projetada por Aldary H. de Toledo.

ESTÉTICA — Palavra introduzida em 1735 através de uma dissertação e depois em 1750 por A. G. Baumgarten que titulou um livro. Aesthetica. De raiz grega etimològicamente que dizer percepção por intermédio dos sentidos. O estudo filosófico do belo, porém, não nasceu com o aparecimento dêsse conceito de Baumgarten. Na antiguidade muitas vêzes o fenômeno artístico foi estudado e considerado como "filosofia da arte", pelo fato de ser integrada por elementos complexos metafísicos, morais, sociais, etc. Outras correntes da filosofia moderna afastam a estética do estudo dos elementos metafísicos do belo e fazem por levar só em conta as condições do sujeito, isto é, as intelecutais, emocionais e fisiológicas. Atualmente, em matéria de Estética. as teorias preocupam menos do que a análise experimental dos fatos. Ainda, como esclarece o Dicionário Enciclopédiço Salvat, a maior parte dos filósofos consideram hoje a Estética, como uma disciplina psicológica, que tende à comprovação experimental com fundamentos na análise dos fenômenos psicológicos e fisiológicos que intervêm no sentido estético, prescindindo do aspecto objetivo, ontológico e metafísico, que caracterizou a Estética grega. Mais precisamente, a Estética estuda a arte de completar o seu conhecimento, encarando-a como uma das expressões do homem e da sociedade e como resultante de fatos e fôrças materiais, de fatos e fôrças ideológicas. Dêsse ponto de vista, a Estética não pode — como esclarece Joseph Billiet — encarar o homem como coisa abstrata e totalmente solitário no espaço e no tempo, nem conceber a arte como criação metafísica funcionando independente das leis gerais que seguem a natureza, a vida dos homens, a vida das sociedades e suas relações.

ESTETICISMO — Teoria estética que faz residir na sensação as condições do belo e não na idéia. A arte, assim, será apenas sensibilidade, afastada do raciocínio.

ESTEVA — Nome vulgar de um arbusto (Cistus Ladamiferus) nativo em Portugal que T. Lino d'Assunpção, em seu Dicionário de Arquitetura, faz substitutivo do ACANTO nos ornatos arquitetônicos.

ESTILA — Local onde se fabrica aguardente.

ESTILETE — No TRÍGLIFO, nome que recebem os três ressaltos que separam as duas caneluras ou estrias.

ESTILICÍDIO — Queda da chuva dos beirais de um telhado. Gotejar de um líquido.

ESTILÍSTICA — Tratado das diferentes formas ou espécies de ESTILO e dos preceitos concernentes a cada uma.

ESTILIZAR — Atualmente o têrmo designa a modificação introduzida com intenção plástica ou decorativa. Já significou dar ESTILO a algum objeto ou obra arquitetônica segundo as regras peculiares e determinada fase da evolução artística.

ESTILO — Palavra derivada do grego "stylos" e do latim "stylis" que designava estencil ou estilete, usado na antiguidade para desenhar e escrever sôbre tabuinhas cobertas de cêra. Com o tempo foi designando a peculiaridade que apresentaram as obras de arte que eram produzidas segundo certos princípios, numa determinada época, por determinado povo, segundo determinadas técnicas.

ESTILOBATO — Embasamento que sustenta uma colunata.

ESTILOMETRIA — Processo empregado para medir por intermédio do estilômetro.

ESTILÔMETRO — Instrumento que serve para medir colunas.

ESTILOSO — Que tem estilo.

ESTÍPIDA — Ver ESTÍPITE.

ESTÍPITE — Nome da coluna ou pilastra tronco-cônica com a base menor voltada para baixo. Coluna abaulastrada. Existem as formas estípida e estípita.

ESTIRADOR — Nome de pouco uso na linguagem arquitetônica, que designa o tábua ou mesa sôbre a qual se assenta ou estira o papel em que se desenha.

ESTIVA — Traves, paus roliços ou lavrados que, lado a lado, formam o leito das pontes rústicas. Paus que se colocam em atoleiros para que possa passar um veículo. Ponte feita de um pau só. Nas estrebarias, piso de paus em forma de grade que favorece o escoamento da urina dos animais.

ESTÔFO — Lã ou crina, ou qualquer material adequado com que se revestem interiormente sofás, cadeiras, etc. Fôrro, chumaço.

ESTÔJO MEDULAR — Nome do canal que contém a medula, no centro do tronco das ár-

vores. Centro dos anéis que constituem o CERNE.

ESTOLA — Na gíria, o mesmo que HOSPEDARIA.

ESTÔPA-BOI — Arbusto silvestre que fornece madeira para vigotas e, mesmo, frechais.

ESTOPAR — Calafetar com estôpa. Enchumaçar.

ESTORE — Cortina móvel para janelas, que se enrola ou desenrola através de dispositivo próprio.

ESTRADAR — O mesmo que SOALHAR ou ESTRADO. Alcatifar.

ESTRADO — O mesmo que SUPEDÂNEO. Sobrado ou assoalho pouco levantado acima do chão, dentro de um recinto qualquer como por exemplo, num dormitório, para receber a cama; num salão, para receber um trono ou altar, etc.

ESTREBARIA — Casa ou local para recolher bêstas e arreios. Cavalaria. Curral.

ESTRÊLA — Nome dos fortins cujas plantas lembram uma estrêla.

ESTREMA — Limite de terras. Marco divisório ou, também, sulco que demarca terras.

ESTREPES — Nome que recebem os cacos de vidro ou pontas de ferro que arrematam os muros de fêcho, impedindo seu escalonamento.

ESTRESIDO — Ação ou efeito de estresir, isto é, reproduzir um desenho sôbre uma superfície perfurando-o e fazendo passar pelos orifícios um pó qualquer que seja colorido, geralmente o carvão. Retirado o molde, resta na superfície inferior uma série de pontos que indicam o contôrno da figura a ser reproduzida. Êste método substitui o que emprega a ESTAMPILHA, quando a pintura desejada é a traços e não contínua.

ESTRIA — Sulco em forma de meia-cana executada ao longo das colunas, pilastras ou pilares. Em sentido geral, estria é todo o sulco ou traço realizado em qualquer superfície ou elemento arquitetônico. CANELURA. Registrado por T. Lino d'Assumpção sob a acepção de "meia-cana" das colunas estriadas e também, com a sinonímia de CRACA.

ESTRIADO — Têrmo antigo que designava o desenho em papel forte, cujos traços são cobertos de pequenos orifícios, sôbre os quais se passa uma boneca com pó de carvão ou de lápis, assim se transportando para outro papel o desenho primitivo. Artifício gráfico pouco empregado em arquitetura, a não ser para demarcações difíceis pelos processos ou instrumentos comuns e usuais. Ver ESTRESIDO.

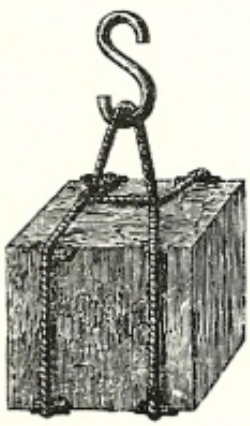
ESTRIAR — Abrir meias-canas ou estrias nas colunas. Ou de modo geral, fazer caneluras traços, sulcos em qualquer superfície com finalidade decorativa.

ESTRIBO — Peça de ferro batido que une o pendural das tesouras ao tirante. No concreto armado, são os pedaços de ferro redondo colocados transversalmente à armadura longitudinal e destinados, principalmente, a solidarizar esta e a absorver os esforços cortantes. O mesmo que BOTARÉU.

ESTRIGIL — Ornato em forma de S, ou elemento de composição arquitetônica com o mesmo formato.

ESTRONCA — Peça de madeira colocada à maneira de escora ou esteio, para segurar uma parede ou um terreno evitando o seu desabamento. Nome dado em geral às escoras ou elementos sujeitos a compressão que estejam em posição inclinada. Designação da viga horizontal que une dois esteios nas construções de taipa de mão, além das baldrames e dos frechais. Espécie de bitola feita com um sarrafo com a qual os pedreiros regulam afastamentos, principalmente vãos de portas.

ESTROPO — Nome da corda, cujos extremos são amarrados um outro, usada na remoção de grandes blocos de pedra.



ESTRUTURA — Conjunto de elementos construtivos responsáveis pela estabilidade do edifício. Ossatura. Na técnica atual, a estru-

tura pode ser metálica, de madeira ou de concreto armado.

ESTUCADOR — Artífice que trabalha ou modela em ESTUQUE.

ESTUCAR — Trabalhar ou modelar em ESTUQUE. Revestir ou rebocar com estuque.

ESTUDARIA — O mesmo que colégio.

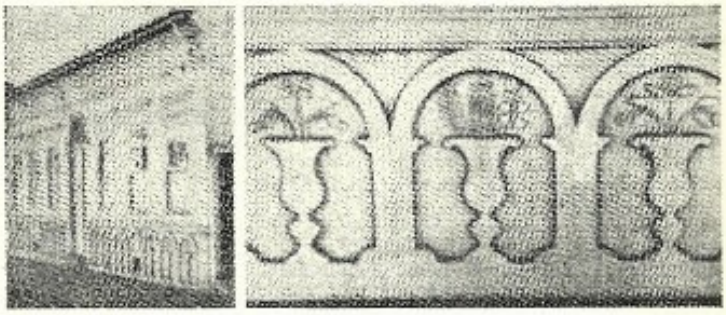
ESTUDO PRELIMINAR — No trabalho do arquiteto, várias etapas distinguem-se na realização da criação artística. Segundo as definições contidas na tabela Oficial de Honorários do Instituto de Arquitetos do Brasil, comparece esta relativa ao "estudo preliminar": "estudo do problema para determinar a viabilidade de uma solução e a orientação a ser obtida no anteprojeto". Ver ANTEPROJETO.

ESTÚDIO — Gabinete de trabalho provido de acomodações para descanso e de instalações sanitárias. Local de trabalho ou oficina de artistas, especialmente pintores e escultores. Grande local abrigado onde são preparadas e filmadas cenas cinematográficas. Conjunto das salas de uma estação de rádio.

ESTUFA — Espaço limitado ou recinto fechado em que se eleva a temperatura do ar ambiente para diversos fins. Estufa úmida é o local onde se tomam suadouros ou banhos de vapor. Estufa sêca é a câmara cuja temperatura elevada e sêca faz enxugar as substâncias ou superfícies que nela se introduzem. Nome da galeria envidraçada onde em certos climas se cultivam plantas que nelas não podem desenvolver-se ao ar livre por falta de calor.

ESTUFILHA — Cárcere pequeno e estreito, sem ventilação.

ESTUQUE — Genèricamente dá-se o nome de estuque a tôda argamassa de revestimento que depois de sêca adquire grande dureza e resistência ao tempo. Existem várias modalidades de estuques, para variadas finalidades e hoje em dia o têrmo não designa com precisão a exata ou a correta função daquela argamassa. Assim, estuque é a massa usada para revestir paredes internas ou fôrros, e é a argamassa que serve de material de vedação, preenchendo interfícios de uma armação qualquer, como por exemplo, telas de arame trançado. Há mesmo quem chame o ESTAFE de estuque. Com o estuque são feitos al-



Residência de 1885, em Sorocaba, São Paulo; que possui embasamento com decorações em estuque, vendo-se entre os ornatos, as armas do Império.

tos e baixos relevos, ornatos, cornijas, florões, etc., a mão livre ou com auxílio de moldes ou fôrmas. Na obtenção dos estuques são empregados vários materiais, principalmente o pó de mármore, a areia, a cal, o cimento, o gêsso, a greda, etc., além da água necessária e, algumas vêzes, da cola. O gêsso é usado sempre em menores proporções e tem por fim apressar o endurecimento evitando fendas ou trincas. Nunca é usado no estuque executado ao ar livre, nos revestimentos exteriores. O estuque pode ser pintado (isso desde o tempo dos gregos) ou receber o pigmento colorido junto com a água usada em sua preparação. Pode ser polido e brumido em obras internas. Adquire grande dureza quando ao gêsso é misturado um pouco de alúmem ou sulfato de zinco, ou ainda, silicato de potássio. Tradicionalmente o estuque era aplicado em duas demãos. A massa da primeira era composta de quatro partes de pó de mármore (areia calcária), uma de gêsso em pó e uma de cal em pasta. A segunda demão, estendida sôbre a primeira, compunha-se de cal em pasta e gêsso em pó em partes iguais. Outro estuque usado em interiores era o que empregava, além do pó de mármore, do gêsso e da cal, certa porção de areia fina peneirada e cola dissolvida na água. O "estuque a italiana" não leva gêsso, e é assentado em três demãos. A primeira é de cal escolhida e areia grossa branca, no traço de 1 : 2. A segunda e a terceira, de cal e areia branca fina, com o mesmo traço. Sôbre a terceira camada aplica-se uma leve demão de cal pura. A superfície final é brunida a ferro quente e depois encerada com cêra branca dissolvida na águarás. O chamado "estuque lustre", ou "estuque lúcido" muito usado em São Paulo, nas barras impermeáveis de corredores, garagens,

etc., é feito com pó de mármore, cimento branco e cal em pasta. Também é "queimado" com ferro quente. A ESCAIOLA é um tipo de estuque cuja massa é composta de areia fina, lavada, cal em pasta e pó de pedra em partes iguais além dos pigmentos coloridos, sendo muito usada nas imitações do mármore.

ESVAECIDA — Diz-se da madeira apodrecida por ficar ao ar livre, exposta às intempéries.

ESVÃO — O mesmo que DESVÃO. Abóbada baixa, nas CRIPTAS.

ÉTICA PROFISSIONAL — "Conjunto de regras e normas que devem guiar a conduta de um indivíduo, segundo os mais elevados fins que possam ser atribuídos à profissão que exerce". Esta definição do arquiteto Jorge Victor Rivarola está contida em sua obra "Responsabilidades e Direitos dos Arquitetos" publicado em Buenos Aires em 1940, no qual ainda o autor estende o conceito de ética profisional sob os seguintes aspectos: "a "ética" profissional para consigo mesmo, no esfôrço de dignificar a profissão, ética profissional para com o público em geral; ética profisional para com o cliente e ética profissional para com os colegas". Da conceituação de ética na profississão do arquiteto é que têm surgido os diferentes "Códigos de Ética" que regulam a vida profissional dos arquitetos nos diferentes países. Nesses moldes possui o Instituto de Arquitetos do Brasil, o Código Profissional do Arquiteto.

ETNOGRAFIA — Estudo descritivo dos povos, sua raça, sua língua, seus costumes, etc. Estudo descrititivo da cultura material de qualquer povo. Faz parte da etnologia.

ETNOLOGIA — Ciência que estuda a cultura material e espiritual dos povos, no sentido histórico ou comparativo.

EUAUAÇÚ — Gramínea usada na cobertura de moradias rurais.

EUCALIPTO — Árvore da família das mirtáceas, de origem australiana de que há cêrca de quatrocentas espécies, adaptadas aos solos mais diversos em latitudes e altitudes as mais opostas. Caracteriza-se pela rapidez do crescimento e pelo poder de absorver em grande quantidade a água do solo, sendo por isso usada para secar terrenos naturalmente úmidos. Sua madeira é de boa qualidade para algumas obras de carpintaria e é muito usada para estaqueamento de terrenos compressíveis. No Brasil foi introduzido em grande escala, para reflorestamentos, por Navarro de Andrade. Espécies mais conhecidas entre nós. Eucalipto-gigante, Eucalyptus obliqua L'Heit; eucalipto-limão, Eucalyptus citriodora, HK.; eucalipto-pimenta, Eucalyptus-piperita, SM., eucalipto vermelho, Eucalyptus resinifera, SM.

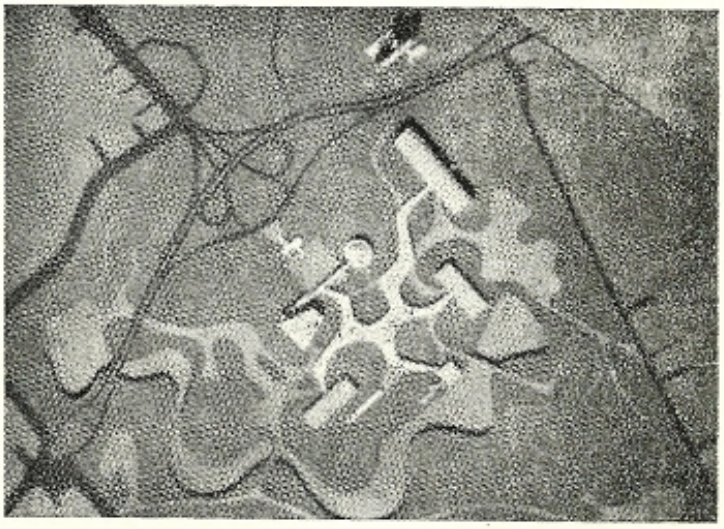
EURITMIA — Boa disposição e correspondência das diversas partes de uma obra de arte. É o estudo da obra de arte sob os leis da estética. Sôbre a euritmia arquitetônica existem vários estudos, destacando-se o livro, com êsse título, do professor Angel T. Lo Celso, publicado em Buenos Aires, em 1950, em 2.ª edição ampliada de grande interêsse para a estética na arquitetura.

EÚSTILO — Espaçamento entre colunas equivalente a dois diâmetros e um quarto, ou quatro módulos e meio.

ÉVANO — O mesmo que ÉBANO.

EXALVIÇADO — Alvacento, esbranquiçado.

EXAUSTOR — Aparelho aspirador de ar viciado dos interiores, que trabalha de maneira oposta ao DIFUSOR. Ventoinha de aspiração.



Exposição — ante-projeto dos edifícios da exposição comemorativa do IV centenário da fundação de São Paulo, construídos no Parque Ibirapuera. Arquiteto chefe da equipe: Oscar Niemeyer.

ÊXEDRA — Na Grécia antiga, local em que se juntavam os filósofos para discutir; modernamente, casa de reuniões.

EXIBIÇÃO — O mesmo que EXPOSIÇÃO.

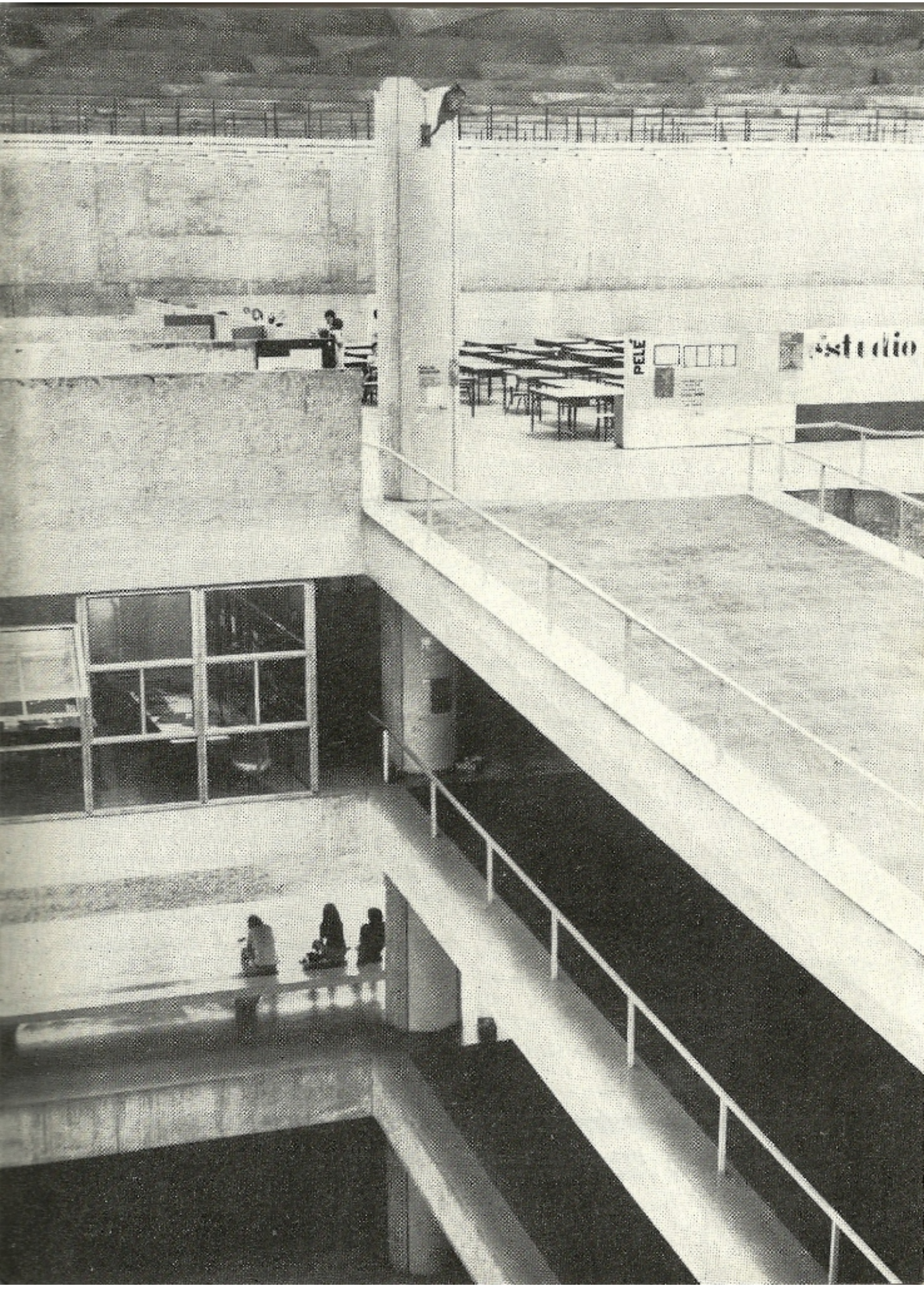
EXPOSIÇÃO — Edifício ou local destinado a exibições públicas. Constitui um programa arquitetônico de grande interêsse para o arquiquiteto, pois apresenta características as mais variáveis que estimulam a concepção, a decoração, etc.

EXTINÇÃO DE CAL — Conversão da cal viva em cal hidratada. Ver CAL.

EXTINGUIR — Ver EXTINÇÃO DA CAL.

EXTRADOS — O mesmo que EXTRADORSO.

EXTRADORSO — Nome que recebe a superfície externa de uma ABÓBADA ou ARCO. Diz-se que uma abóbada é extradorsada paralelamente quando a curva que gera o extradorso tem o mesmo centro que a curva que determina o INTRADORSO. Êste tipo de abóbada é raro porque as solicitações, aumentando do fêcho à nascenças, obrigam maiores espessuras nas impostas. O extradorso diz-se de "chapa" quando se compõe de um ou mais planos inclinados. Quando a "chapa" não passa de um plano horizontal diz-se que a abóbada é extradorsada horizontalmente ou de nível. Êste caso particular é chamado por Assis Rodrigues de "abóbada extradóssea". Ver ARCO.


PELÉ
estudio

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, projeto do arquiteto J. B. Vilanova Artigas.

FÁBRICA — A construção de um edifício, a sua composição, a sua estrutura, sua decoração ou seu feitio. Estabelecimento fabril, isto é, oficina ou prédio onde se manufatura ou se prepara qualquer produto. Constitui um dos mais importantes programas arquitetônicos, que para o arquiteto vai ser objeto de largos estudos. Assim para a realização de um projeto de fábrica entra em conta inicialmente o fim proposto e os objetivos de atividade de fabricação em causa, para em seguida ser considerada a implantação total, isto é, a distribuição e a disposição das máquinas e de todos os elementos da fabricação. Depois, na pormenorização do projeto, o arquiteto vai considerar: as oficinas, seus pisos, as escadas, os laboratórios, a energia, a calefação, o abastecimento de água, a manutenção, a iluminação racional, o ruído, a côr, a música nos ambientes, etc. para culminar nos serviços sociais, complemento indispensável numa boa concepção de fábrica, que se resume na coordenação de tôdas as atividades, através do planejamento pelos planejamentos secundários.

FABRICADOR — Antigamente, o mesmo que CONSTRUTOR ou ARQUITETO.

FABRICAR — O mesmo que construir, edificar. Ou ainda, cunhar, raras vêzes.

FABRIQUEIRO — Do latim "Fabricarius", cobrador dos rendimentos de uma igreja. Também designa o encarregado da guarda dos paramentos e alfaias de uma igreja. Conservador do edifício.

FABRO — Do latim "faber", designa o ARTÍFICE.

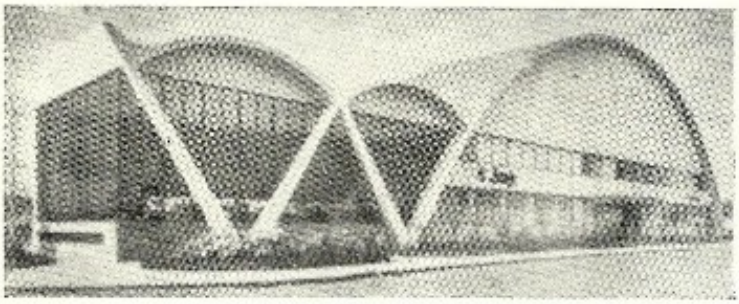
FACE — Superfície plana e aparelhada. O têrmo é aplicado, em construção, para designar a superfície anterior ou superior, conforme o caso, de uma pedra ou tijolo. Superfície aparente de um elemento da alvenaria do muro. A face opõe-se ao TARDOZ, que é a superfície posterior oculta pela espessura do muro. A AJUNTOURA e o PERPIANHO possuem duas faces. O têrmo também é aplicado para portas. Numa PORTA externa chama-se face a superfície que olha para fora. A superfície voltada para dentro chama-se, também tardós. Quando a porta é interna, o tardós é sempre a superfície que fica do lado onde são aplicadas as dobradiças. Nome de um pano de muro qualquer. Designação dada a cada um dos lados de uma construção em relação aos pontos cardiais. Assim, diz-se face sul, face norte, etc. Moldura chata.

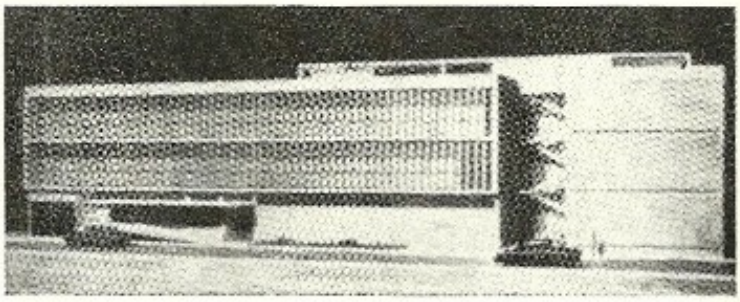
FACEAR — Orientar uma casa em relação aos pontos cardiais. O mesmo que FACEJAR. Também é aplicado com o sentido de ESQUADRIAR.

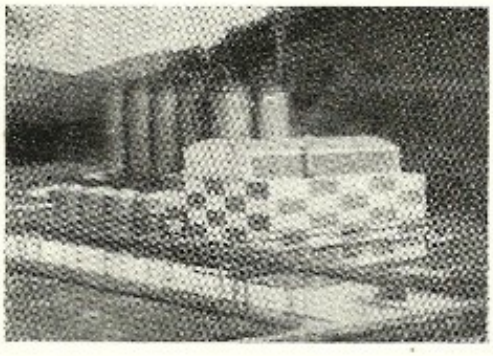
FACEJAR — Aparelhar elementos de alvenaria de modo que suas superfícies, ou faces, fiquem planos ou boas para receber argamassa.

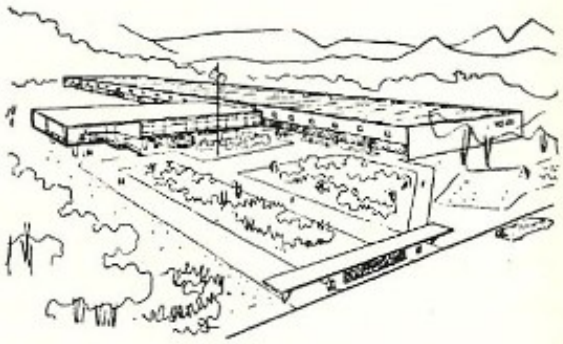
FACETA — Pequena FACE.

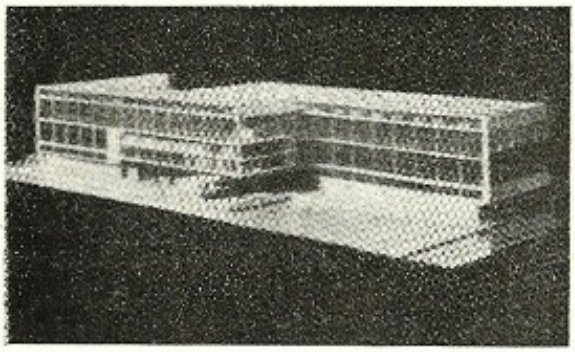
FACHADA — Designação de cada face de um edifício. Frontaria ou frontispício é geralmente o nome que se dá à fachada da frente, a que dá para a rua. Na linguagem mais comum, constitui apenas, êsse caso, a "fachada principal". As outras serão denominadas de fachada posterior, ou fachada lateral. O

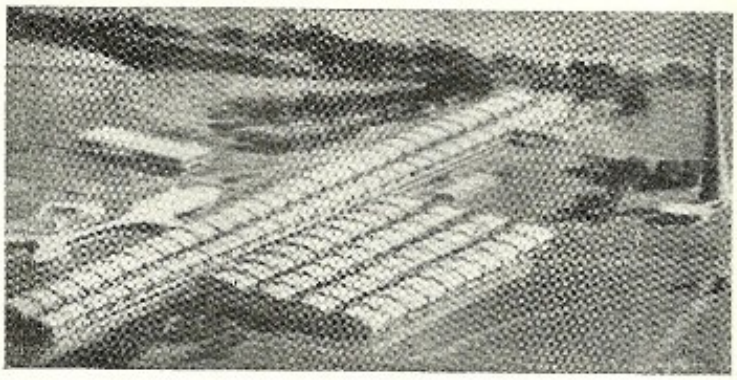












Exemplos variados de fábricas que sendo apresentadas através de desenhos, maquetes ou fotografias das obras concluídas, denotam sempre a importância com que é encarado o tema pelo arquiteto brasileiro.

conjunto das fachadas e sua composição plástica darão, em volume, a caráter, a fisionomia do edifício. Essa composição das fachadas é feita através do tratamento do plano, das superfícies, dos cheios e vazios, da modenatura, dos materiais e sua textura e da côr. Com êsses elementos o arquiteto trabalha e compõe uma fachada, dando expressão final à criação arquitetônica.

FACHEIRO — Árvore do Pará, que fornece boa madeira para marcenaria, de côr branca rósea. Pêso específico 0,98. Louchocarpus spruceanus, Benth. Família das Leguminosas papilionáceas.

FACHINA — O mesmo que FAXINA.

FACISTOL — Grande estante no côro das igrejas, para livros de canto ou litúrgicos. Às vêzes, significa FALDISTÓRIO.

FACULDADE — No Brasil, empregado para designar o edifício onde funciona escola superior. Ver ESCOLA.

FAIAL — Nome português para designar o despenhadeiro, o alcantil. Bosque de faias.

FAIANÇA — Louça de barro envernizado ou coberto de esmalte. Louça de pó de pedra.

FAISCADO — Nome que em Minas davam ao gênero de pintura que procurava fingir ou imitar pedra. Foram muito comuns portais e batentes de madeira, pintados a óleo ou têmpera, decorados com "fingimentos" de pedra.

FAÍSCO — Variedade de PREGO, cuja cabeça tem aproximadamente a forma de asa de mosca.

FAIXA — Moldura chata e larga, que se situa entre a arquitrave e a cornija. O mesmo que BANDA. Porção de terra estreita e longa.

FAIXAR — Têrmo antigo de raro emprêgo, que significa em carpintaria rodear com faixa de madeira.

FAIXEAR — Rodear com faixa de madeira.

FAJARDA — Pequena propriedade rústica. Lusitanismo.

FALCA — Conforme diz César de Rainville, no seu "O Vinhola Brasileiro", o "toro de madeira falquejado com quatro faces retangulares, chama-se falca".

FALDISTÓRIO — "Cadeira episcopal sem espaldar, ao lado do altar-mor. Muitas vêzes, recebe a designação de FACISTOL.

FALHA — Nas peças de ferro forjado, dá-se o nome de falha às escamas que às vêzes se formam na superfície constituindo lâminas ligadas ao corpo do elemento por uma porção diminuta de sua área. Fenda. Fragmento. Lasca. No Brasil, também pode designar o escorregamento de terrenos causando níveis diferentes de um para outro.

FALHÃO — Tábua grossa. O mesmo que PRANCHÃO.

FALHEIRO — Primeira tábua que se separa de um toro ou tronco quando êste se serra, longitudinalmente, em várias tábuas e que é sempre falha na face externa. COSTANEIRA.

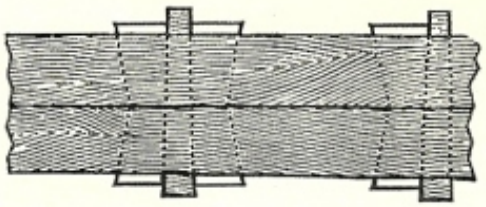
FALQUEAR — Desbastar um tronco de madeira. Esquadriar com o machado. Existe a forma FALQUEJAR também, acunhar.

FALQUEJAR — O mesmo que FALQUEAR.

FALSABRAGA — Parte inferior da muralha, nas fortificações. Barbacã. Às vêzes aparece como falsabrava.

FALSAR — Principiar a desconjuntar-se uma construção quando aparecem pequenas trincas ou rachaduras.

FALSO ESQUADRO — Nome dos dispositivos que permitiam, na construção dos arcos abóbadas, a obtenção de normalidade dos planos das juntas das pedras com o intradorso.



Falso malhete, ilustração contida no livro "Curso elementar de construção", de Luiz Augusto Leitão, Lisboa, 1896.

FALSO MALHETE — Designação dada a um tipo de vigas de madeira justapostas. Essa operação tem por fim aumentar a resistência à flexão.

FÂNEGA — Ver FANGA.

FANFRELUCHE — Designação de pouco uso para "ornamento" de pouco valor".

FANGA — Antigamente, casa em que se mediam grãos. Local público em que se vendiam cereais. O têrmo foi aplicado primitivamente entre nós, com certa frequência, designando mercados especializados na venda de cereais, como se pode ver nas atas da câmara de Salvador. A palavra designava, ao mesmo tempo, medida. Uma fanga equivalia a quatro alqueires, ou 145,08 litros. Foi comum a forma FÂNEGA.

FANGAPENA — Instrumento de que se servia o habitante do Maranhão para cortar pedras. Segundo o Lello, essa palavra deve ter derivado de "tangapema" da língua tupi, que designa a clava dos índios.

FAQUEIRO — Lugar ou caixa onde se guardam talheres.

FARELO — O mesmo que SERRAGEM.

FARINHA SÊCA — Nome de árvore da família das Ocnáceas, a Ouratoea castanoefolia, Engl., que fornece boa madeira para construções. Também conhecida por MANGA DO MATO, MANGUE DO MATO, MANUEL COMPRIDO ou PAU DA SERRA. O nome FARINHA SÊCA também é aplicado à árvore ornamental da família das Ocnáceas, a Ouratoea coccinia, Engl., e à árvore leguminosa Peltophorum dubium, Taub., que dá madeira aproveitável, também conhecida por SOBRASIL ou TAMBORIL BRAVO. Finalmente, o nome também é dado ao MARFIM ou PAU MARFIM, Balfourodendron Fiedelianum, Engl..

FARINITE — Argila ferruginosa.

FAROL — Construção junto do mar geralmente de grande altura, em forma de tôrre, em cuja parte superior há um foco luminoso para indicar aos navegantes a entrada do porto ou a existência de recifes na costa, etc.

FASQUIA — Tira de madeira, estreita e comprida. O mesmo que RIPA, que SARRAFO, que MATA JUNTA, enfim, pedaço estreito e longo de uma tábua com diferentes usos nas edificações.

FASQUIADO — Conjunto de FASQUIAS. Diz-se do tabique de fasquias horizontais.

FASQUIAR — Nas construções, usar ou aplicar FASQUIAS em variados serviços.

FASQUIO — Nome que recebem ornatos, troféus e estátuas quando colocados nos remates das construções, principalmente templos.

FAVA — Nome que se costuma dar aos consolos onde se apóiam as extremidades dos barrotes dos sobrados, quando não existem frechais dispostos para aquele fim.

FAVA DE BOLACHA — Madeira. Ver FAVEIRA DO IGAPÓ.

FAVA DE BOLOTA — Árvore da família das Leguminosas que dá boa madeira para carpintaria, obras internas, marcenarias, etc. Parkia pendula, Benth. Também conhecida por FAVEIRA, FAVEIRÃO, JUPUÚBA, MURARIENA, PARICÁ GRANDE, PAU DE ARARA, ou VISGUEIRO.

FAVA DE IMPIGEM — Madeira. Ver FAVEIRA DO IGAPÓ. Também é conhecida por FAVEIRA AMARELA.

FAVA-RANA — Gênero de árvores do Pará, cuja madeira é própria para construção.

FAVA DE RÔSCA — Madeira. Ver FAVEIRA DE RÔSCA.

FAVA DE SUCUPIRA — Madeira. Ver FAVEIRO.

FAVEIRA — Madeira. Ver FAVA DE BOLOTA.

FAVEIRA AMARELA — O mesmo que FAVA DE IMPIGEM. Ver FAVEIRA DO IGAPÓ.

FAVEIRA DE IMPIGEM — Madeira. Ver FAVEIRA DO IGAPÓ. Também é conhecida por LOMBRIGUEIRA.

FAVEIRA DE RÔSCA — Madeira do vale do Amazonas, de côr castanha clara, boa para construções civis, navais e marcenaria. Pêso específico igual a 0,85. Também conhecida por FAVA DE RÔSCA. Enterolobium Schumburgkü, Benth. Família das Leguminosas papilionáceas.

FAVEIRA DO CAMPO — Madeira. Ver FAVEIRA DO MATO.

FAVEIRA DO IGAPÓ — Com êste nome de FAVEIRA DO IGAPÓ são conhecidas a Crudia amazonica, Benth; que é uma leguminosa cesalpinácea, e a Vatairea guianensis, Lindl, também leguminosa. Esta última também é conhecida por FAVEIRA GRANDE, FAVEIRA DE IMPIGEM, FAVA DE IMPIGEM ou FAVA DE BOLACHA. Sua madeira é castanha listada de amarelo, é boa para construções civis e marcenaria. Pêso específico igual a 0,80. Madeira do vale amazônico, principalmente Pará.

FAVEIRA DO MATO — Árvore da família das leguminosas, a Somanea multiflora, Pittier, que fornece madeira de qualidade para construções civis. Também conhecida por FAVEIRA DO CAMPO ou SABOEIRO.

FAVEIRA GRANDE — Madeira. Ver FAVEIRA DO IGAPÓ.

FAVEIRÃO — Madeira. Ver FAVA DE BOLOTA.

FAVEIRO — Árvore paulista, também conhecida por SUCUPIRA LISA ou FAVA DE SUCUPIRA, comum nos serrados e que fornece boa madeira para construções civis e navais. Muito usada para dormentes de estra-

Faveiro, fotografia do livro "Les Bois Indigènes de São Paulo", de Edmundo Navarro de Andrade e Octavio Vecchi, São Paulo, 1916.

da de ferro. Sua madeira é amarela escura e tem pêso específico igual a 0,950. Pterodon pubescens, Benth. Família das Leguminosas. O mesmo que FAVINHA.

FAVELA — Planta das caatingas baianas que deu nome a certo local onde desenvolveram-se cenas da guerra de CANUDOS. Soldados que retornaram daquela luta fratricida e que foram residir em barracos nos morros cariocas, deram aquêle nome irônicamente ao conjunto de suas pobres e tôscas habitações. Assim, hoje em dia, favela é o nome do conjunto de choupanas, casebres e barracos desprovidos das condições de higiene, que aos poucos vão surgindo nos morros e terrenos baldios, próximos às zonas edificadas de uma cidade, constituindo antes de tudo, grave e aparentemente insolúvel problema social.

FAVINHA — Madeira. Ver FAVEIRO.

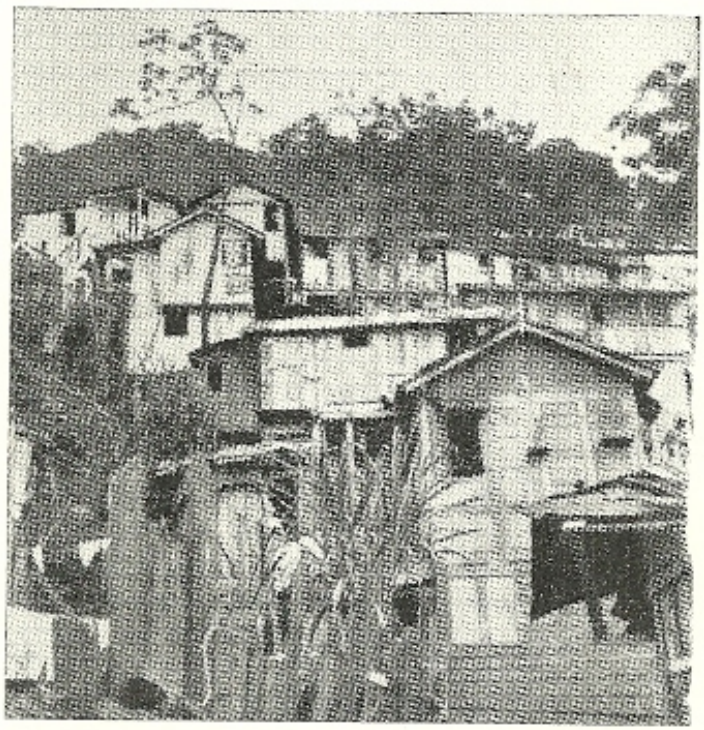
FAXINA — Môlho ou feixe de ramos, galhos ou paus curtos. Com a faxina os antigos entupiam os fossos das fortalezas durante os assaltos. O nome passou a designar os galhos e troncos usados para entulhar os terrenos pantanosos, permitindo acesso mais fácil. Em Portugal, nome do toro de pinheiro em tôda a sua espessura, antes de ser falquejado. Lenha miúda, gravetos. Nome das varas finas e flexíveis usadas na confecção de cercaduras de terrenos. Sua forma antiga é fachinal.

FAXINA VERMELHA — Árvore da família das Sapindáceas que fornece madeira utilizável na carpintaria e na marcenaria. Tem propriedades medicinais. Sinonímia: ERVA DE VEADO, VASSOURA DO CAMPO, VASSOURA, VERMELHA e VASSOURINHA DO MATO. Dodonea viscosa, L.

FAXINAR — Entupir fossos ou pântanos com FAXINAS. Amparar com varas ou esteiras um barranco ou corte de terreno prestes a desmoronar-se.

FAZENDA — Grande propriedade rural, de lavoura ou criação de gado, que constitui programa arquitetônico e de planejamento bastante complexo. Existem entre nós, principalmente, os seguintes tipos de fazenda: de café, em São Paulo, Paraná etc.; de cacau, na Bahia e outros Estados do Norte; de gado, no Vale de São Francisco, Mato Grosso, Minas, Goiás, etc. além do Rio Grande do Sul, onde tomam o nome de "ESTÂNCIAS", etc.

FECHADURA — Dispositivo que engloba uma série de peças metálicas, que por meio



Barracos em favela.

de uma ou mais linguetas, e com o auxílio de chave, fecha portas, gavetas, etc.. As fechaduras, no tempo, assumiram variadas formas de características. Podem ser embebidas na espessura da fôlha da porta ou pregadas numa das superfícies, geralmente no tardós. (Ver FACE). Em qualquer fechadura chama-se TESTA a chapa em que se acha a abertura retangular que dá passagem à lingüeta ou PALHETÃO. A abertura por onde penetra a chave chama-se broca. A placa que guarnece a broca chama-se ESPELHO, ou ESCUDETE. A pequena placa perfurada, pregada no marco da porta e onde se agasalha a lingueta ao sair da fechadura, chama-se chapa-testa.

FECHAMENTO — Colocação da última pedra que fecha um arco, uma abóbada, uma platibanda, uma fiada etc.

FECHAR — Rematar. Acabar. Pôr a última pedra em um arco ou abóbada.

FÊCHO — Nos ARCOS, o mesmo que CHAVE, também chamado de FÊCHO MESTRE. Em geral o nome é aplicado à pedra que "fecha" uma verga de janela ou porta, uma cornija, etc. Ferrôlho de porta ou janela. Muro de fêcho é o muro que cerca um terreno. Remate, acabamento.

FEITIO — Nome genérico que recebem molduras, ornamentos, etc., que são empregados em ornamentações arquitetônicos. O mesmo que MÃO-DE-OBRA.

FEITORIA — Antigamente, o mesmo que prédio rústico. Na Amazônia, pequena habitação, à margem do rio, ribeira ou lago, onde vivem pescadores. Também estabelecimento comercial.

FEITURA — Ato, efeito ou modo de fazer uma obra, um trabalho.

FELOPLÁSTICA — Arte de representar em cortiça monumentos arquitetônicos. Arte de esculpir em cortiça.

FÊMEA — Nome das reentrâncias executadas em qualquer superfície ou face de um objeto, que recebe e abriga a saliência feita em outro objeto a ser emendado. Cavidade, rasgo, sulco, canal ou qualquer outro tipo de reentrância. Na gíria, a fechadura ou o buraco da chave.

FÊMEA MÔCHA — Nome da concavidade deixada numa superfície de madeira por uma plaina cuja lâmina cortante possui perfil curvo convexo. Quando a lâmina tem perfil côncavo, o rastro deixado pela plaina é convexo e recebe o nome de MACHO.

FENDA — Abertura em superfície rachada. Frincha. Racha.

FENDELEIRA — Cunha de ferro, para rachar ou fender.

FENDER — Abrir fenda, rachar, rasgar.

FENDILHADO — Que tem fendas.

FENESTRA — O mesmo que JANELA. Abertura. É mais empregado na formação do têrmo "fenestrada" que se aplica à construção cheia de vãos, buracos, além de poder designar superfície bastante perfurada.

FENESTRAÇÃO — Ato de realizar aberturas em uma parede, para colocar janelas ou não.

FENESTRAL — Abertura por onde entra ar e luz, como janela. Referente a janela.

FENESTRAR — Abrir janelas ou fenestras.

FERRAGEM — Nome que recebem tôdas as peças de ferro necessárias numa construção. Hoje em dia o têrmo é empregado para designar ùnicamente o conjunto de fechaduras, etc. usado nas esquadrias de um edifício.

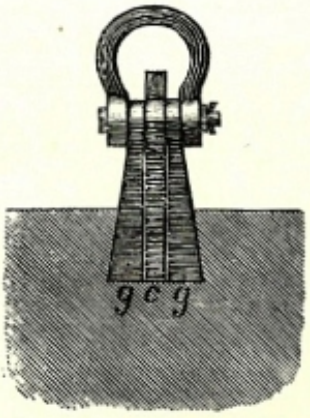
FERRAR — Ornar ou guarnecer com ferro. Ainda, cravar, pregar.

FERRO — Elemento químico, de símbolo Fe, é o metal pesado mais importante. Tem o número de ordem 26; números de massa, 54, 56, 57, 58; pêso atômico 55,85; ponto de fusão 1535 graus; ponto de ebulição 2730 graus; densidade 7,86 g/cm^3. O ferro puro é de côr branca azulada, suscetível de polimento, relativamente brando. Resistência à tração 20 a 25 kg/mm^2; dilatação 45-50%. Tem como característica especial seu especial magnetismo. O ferro puro perde o magnetismo, enquanto que aquêle que contém carbono, o retém. Acima de 768 graus não é magnetizável. No ar sêco permanece inalterado, mas no ar úmido forma-se ferrugem em sua superfície. Em estado natural é encontrado apenas em muito pouca quantidade. A crosta terrestre contém aproximadamente 4,2% de ferro. Pràticamente só é obtido de

seus minerais. O ferro industrialmente é obtido nos altos fornos e a partir sempre da fusão dos minérios de ferro. Na sua produção por características especiais, obtém-se por exemplo: o "ferro fundido" que, por conter mais de 1,7% de carbono, não pode ser laminado, prensado ou martelado; o "ferro galvanizado" que produz a chapa coberta de zinco, fôlha de zinco ou de Flandres, o "ferro guza"; o "ferro plano" que é de pouca espessura e retangular. o "ferro laminado", chapas de ferro, etc.; o ferro perfilado moldado em variadíssimos perfis, o "ferro redondo" como é chamado vulgarmente o empregado nas construções e na confecção do concreto armado, de secção circular e bitola em polegadas. O "ferro batido", nome vulgar do ferro empregado na feitura de ornatos ou "ferro forjado", como também o chamam alguns e que nada tem a ver com a sua produção industrial, sendo empregado para isso alguns dos mencionados acima. É o ferro um dos elementos de grande interêsse na arquitetura, pois sua aplicação vai desde o concreto armado, até ao pormenor de acabamento, ao parafuso, ao corrimão da escada, etc. Objetos de ferro foram encontrados e estimados com 4.000 anos de idade antes de Cristo no Egito, sendo que na Babilônia foi êle empregado com segurança 2.000 anos de nossa era. A disseminação e seu desenvolvimento foram feitos na Europa desde 500 anos A.C., até o princípio de nossa era e depois transforma-se na grande indústria desde a metade do século XIX o que veio caracterizar a nossa revolução industrial, a primeira delas, na qual o ferro foi um dos principais fatôres, influindo até nas modificações sofridas pela arquitetura, dando a ela novas condições e novos horizontes, fatôres dos quais, os arquitetos souberam tirar os melhores proveitos.

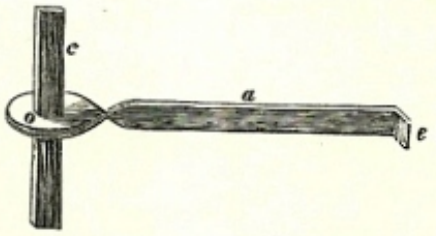
FERRO DE LUVA — Dispositivo de ferro que permite, nas obras, a elevação de blocos de pedra, facilitando, assim, o transporte. Na ilustração, vemos as garras que recebem a letra **g** e a cunha **c**. Na pedra é feita uma cavidade trapesoidal onde é adaptado o ferro de luva, que fica bem ajustado após a introdução da cunha.

FERRO PEDREZ — Ferro fundido em que a maior parte do carbono entra como mistura e não em combinação química. Nome de certo tipo de ferrôlho.



Ferro, de luva, exemplo de Luiz Augusto Leitão, Lisboa, 1896.

FERRÔLHO — Nas construções de alvenaria, dá-se o nome de ferrôlho às peças de ferro empregadas para manter solidárias duas paredes paralelas, visando-se assim, maior solidez. Luiz Augusto Leitão, tendo em vista a ilustração, assim descreve o ferrôlho:... "que pela chapa **a** se pregam em uma das faces laterais ou na face superior das vigas, e em cujo olhal **o** entra a chaveta **c**, que, ou fica metida na espessura da alvenaria, ou aparece no paramento exterior. A unha **e** do ferrôlho fica embebedia na peça sôbre que êste



FERRÔLHO

se prega". Compreende-se, então, que eram usados dois ferrolhos nas extremidades duma viga de madeira, geralmente dormentes ou barrotes de sobrados. A distância entre dois pares de ferrolhos variava de 3,00 m a 4,50 m. Nome dado à tranqueta de ferro que, correndo pelos anéis por que está abraçada, vai embeber-se na ombreira ou noutra peça, impedindo que se abra a esquadria à qual está fixada.

FERROS — Designação dada antigamente às cadeias, cárceres, etc. As prisões públicas

recebiam também o nome de FERROS DEL REI.

FESTÃO — Ornato que apresenta flôres, frutos e fôlhas entrelaçadas e suspensas em grinaldas. Às vêzes apresentam, também, instrumentos musicais, armas de caça etc..

FESTOAR — O mesmo que AFESTONAR, ou afestoar, festonar.

FEZES DE OURO — O mesmo que LITARGÍRIO, secante usado em pintura.

FIADA — Numa parede, nome da fileira horizontal de pedras ou tijolos de mesma altura, disposta no sentido do comprimento.

FIBRO-CIMENTO — Nome dado ordinàriamente ao material resultante da união de fibras quaisquer ao cimento, com características de rigidez e de outros fatôres que recomendam para a indústria da construção. De modo particular é aplicado para designar o material chamado "cimento amianto". Ver CIMENTO AMIANTO.

FIBROBETON — Nome de isolante que Adolfo Morales de los Rios Filho inclui na sua "Teoria e Filosofia da Arquitetura" como sendo "material leve, isolante. incombustível, feito de fibras de madeira mineralizada e prensada com cimento, servindo para enchimento de lajes nervuradas e construção de paredes divisórias e de forros falsos".

FICHEIRA — Ver Guarapuvu.

FICHTELITA — Nome de resina fóssil existente nas turfeiras de Fichtelgebirge, usada no preparo de vernizes.

FIEIRA — Escala que permite verificar os diâmetros de fios ou a espessura de chapas de metal. Peça de aço usada para fazer rôscas de parafusos. Em carpintaria, nome que também recebe a MADRE dos telhados.

FIGULINO — Diz-se do barro ou da argila bastante plástica, fácil de amassar.

FIGURA — Forma exterior ou aspecto. Espaço delimitado por linhas ou superfícies. Plano de construção.

FILEIRA — A viga mais elevada de um telhado, o PAU DE FILEIRA ou CUMEEIRA.

FILÊTE — Pequena moldura de secção quadrada, que acompanha outra moldura maior.

FINCAR — Cravar, colocar com fôrça. Fincar estacas no terreno. Ver CRAVAR.

FINGIDO — Porta, janela ou qualquer outro vão simulado para fazer simetria com outro verdadeiro. Nome de certos trabalhos de pintura que imitavam o mármore, a pedra ou a madeira. Ver FAISCADO.

FINGIDOR — Nome que se dava ao pintor que com pincéis, escôvas e tintas especiais imitava madeira finas sôbre madeiras comuns. Artista que executava a pintura chamada de "FAISCADO".

FIO — Linha traçada no tôpo de um madeiro, tronco ou viga, que indica o local onde deve penetrar a serra na operação de desdobramento do todo em tábuas ou pranchas. A posição do fio ou dos vários fios é função da natureza de madeira ou da aplicação que se lhe quer dar.

FIO DE PRUMO — Cordão com um pêso numa das extremidades, que serve para a verificação da verticalidade das paredes.

FIRMAMENTO — Fundamento. Sustentáculo. Alicerce. Poucas vêzes empregado com êstes dois últimos sentidos.

FIRME — O que está seguro, fixo. Inabalável. Bem assente. Ainda, no Amazonas, terreno alto, em meio aos igapós ensopados, e fàcilmente inundáveis.

FISCALIZAÇÃO — Ato de trabalho do arquiteto, que tem efeito na assistência profissional contínua durante o correr da obra e na verificação de que estão sendo fielmente observadas tôdas as condições estabelecidas no projeto, conforme estabelece o Instituto de Arquitetos do Brasil, em suas Normas de Trabalho. Ainda, como a característica de serviço profissional, a fiscalização compreende a colaboração com as organizações encarregadas da execução da obra, ou do fornecimento de materiais à mesma, e na adaptação dos detalhes, conforme a necessidade, sob condições imprevisíveis ou supervenientes. A "fiscalização arquitetônica", como usualmente é chamada essa atividade do arquiteto, ainda pode compreender, quando assim fôr ajustado com o proprietário: 1) dados relativos à organização da concorrência para a execução da obra; 2) pareceres técnicos sôbre propostas apresentadas; 3) colaboração profissional no preparo de contratos relativos

à obra; 4) pareceres sôbre quaisquer divergências surgidas no trabalho de execução da obra. A fiscalização arquitetônica não compreende a verificação de medições ou de contas de materiais, serviços ou mão de obra, porque êsses trabalhos devem estar contidos nos serviços profissionais de quem dirige a obra, portanto, o construtor pròpriamente dito, sob qualquer regime, o da administração ou da empreitada. A fiscalização arquitetônica é atividade que não deveria se desligar em hipótese alguma da vida profissional do arquiteto, pois constitui um dos pontos altos da realização arquitetônica.

FISGA — Pequena abertura ou fenda.

FISSURA — Fenda. Especialmente empregado com referência a elementos construtivos de alvenaria ou concreto armado quando apresentam fendas diminutas e de pouco desenvolvimento.

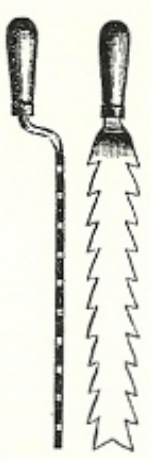
FITA — Ornato que imita a fita comum, geralmente envolvendo varas ou caneluras, com as pontas enroladas ou torcidas.

FITEIRO — Vitrina, mostrador, ou armário envidraçado, nos estabelecimentos comerciais onde se expõem as mercadorias à venda. Existe a forma fiteira.

FITILHO — Além de designar fita muito estreita, também é usado para significar NASTRO.

FITOTOMIA — Denominação que Adolfo Morales de los Rios dá à técnica do corte e colocação de peças nas estruturas de madeira. Seria a "estereotomia" da madeira.

FIXA — Colher dentada empregada pelos pedreiros para introduzir argamassa dentro das juntas das pedras. Travessa levemente despontada, usada nas portas e janelas não engradadas, que serve para manter unidas as tábuas que fecham aquêles vãos. Nome dado a um certo tipo de dobradiça, em que o pino é fixo, isto é, cravado, não podendo ser retirado. Seria um tipo modernizado de GONZO de leme e cachimbo. Quanto a essa dobradiça, dá-se o nome, também usual, de MACHA-FÊMEA, a palavra FIXA para designar a FÔLHA ou asa que fica pregada ou "fixada" no marco da envazadura. Ver FÔLHA.



Fixa, a colher dentada.

FIXAR — Pregar, cravar, firmar. Fazer a argamassa penetrar dentro das juntas das pedras com o auxílio da FIXA.

FIXATIVO — Verniz usado para fixar os traços de um desenho a lápis, carvão, etc., para impedir que se apaguem ou borrem.

FLAGAVIL — Têrmo antigo que designa a imagem esculpida.

FLANCO — Cada uma das faces laterais de um edifício. Cada uma das partes laterais dos baluartes, junto às cortinas.

FLANDEIRO — Aquêle que faz obras de fôlhas de Flandres, como calhas, condutores, etc. Funileiro.

FLANQUEAMENTO — Dispositivo empregado em obras fortificadas para reduzir o ângulo morto dos fossos.

FLECHA — Parte do raio perpendicular a corda, compreendida entre esta e o arco. Chama-se, por isso, flecha, a distância que vai do plano das impostas à face inferior das chaves dos arcos. Ver ARCO. Pináculo ou ornato em forma de agulha que arremata os edifícios.

FLEXIBILIDADE — Condição de ser flexível, isto é, ser passível de arranjos variados, que caracteriza um plano arquitetônico, um projeto, sob o ponto de vista de composição, da ordenação das peças, dos compartimentos etc. A flexibilidade é o que se impõe, modernamente, aos projetos de unidades de habitação, de escolas, de hospitais, etc., atendendo seguramente às inovações da técnica contemporânea.

FLEXUOSO — Designa o que é torto, sinuoso. De rara aplicação aos elementos arquitetônicos.

FLOR DE ANIL — Denominação dada antigamente, no comércio, ao azul da Prússia, isto é, ao ferrocianeto férrico.

FLORÃO — Ornato que imita ou reproduz flôres, que serve para decorar frisos, sofitos, etc. Geralmente o têrmo é mais empregado para designar o grande ornato situado no centro de um painel, teto ou abóbada.

FLOREAL — Diz-se de estilo ART NOUVEAU.

FLORETA — Ornato que imita uma flor.

FLORETADO — Diz-se do vidro que possui uma das faces ásperas ou com desenhos em relêvo, fato que impede a transparência.

FLUXO LUMINOSO — Grandeza característica de um fluxo energético exprimindo sua aptidão de produzir uma sensação luminosa no ser humano através do estímulo da retina ocular, avaliada segundo os valores da eficácia luminosa relativa admitidos pela Comissão Internacional de Iluminação.

FLUXO ÚTIL — Fluxo luminoso que atinge direta ou indiretamente o plano de trabalho. Ver PLANO DE TRABALHO.

FOCINHO — Nos degraus, o mesmo que BOCEL.

FOCO — Ponto de convergência ou irradiação de vibrações, movimentos ou atividades. Nome da base horizontal das lareiras ou fornos, onde é acendido o fogo.

FOGÃO — Lugar onde se faz fogo para cozinhar. Esta definição antiga hoje em dia não pode ser aceita integralmente devido às inovações modernas que prescindem do fogo nos processos de cocção. Portanto fogão é a fonte de calor necessária ao cozimento dos alimentos. Os fogões podem ser a lenha, a carvão, a óleo combustível, a álcool, a gás e elétricos. Os primeiros vêm desde épocas imemoriais, assumindo no tempo inúmeras formas. Foram de trempe, isto é, com suporte metálico de três pés que mantinha a panela sôbre o fogo ou com simplesmente três pedras com a mesma função; foram de fornalha com chaminé de tiragem, de alvenaria, de barro, ou mesmo de madeira revestida. (Ver ESTANDAQUE). Nos últimos tempos passaram a ser metálicos, soltos do chão, alimentados ainda a lenha, a gás ou elétricos.

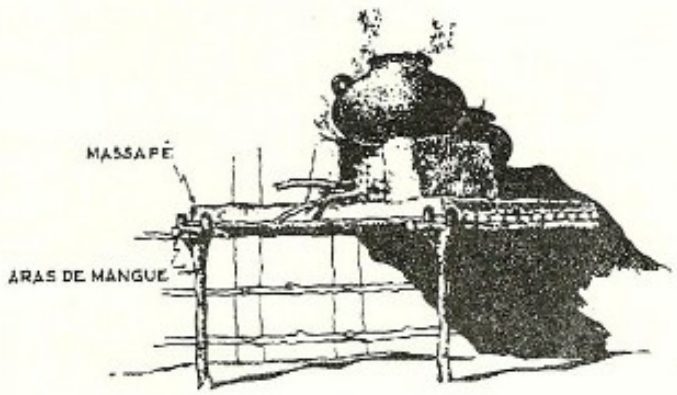
FOGAR — Antigamente, nome que se dava à casa habitada, casa onde era acendido o fogo. Lar.

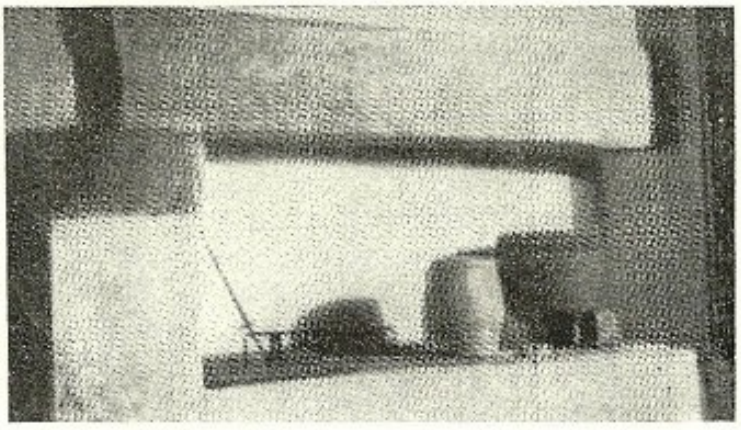
FOGARÉU — Ornamento arquitetônico composto de uma pirâmide ou agulha arrematada por uma imitação de chama ou labareda que, decorando principalmente as igrejas, simboliza a fé, a devoção e o sacrifício.

FOGO — O mesmo que FOGÃO, CHAMINÉ ou LAREIRA. Sinônimo de CASA.

FOGOS — Nas chaminés, nome das aberturas laterais por onde sai a fumaça.

FÔLHA — Nome genérico que recebe qualquer objeto largo e pouco espesso. O mesmo que lâmina ou chapa. Ver FÔLHA DE FLANDRES, por exemplo. Em arquitetura o têrmo é mais empregado para designar as





Nas ilustrações, dois tipos de fogões. O primeiro é rudimentar, de mocambo nordestino. Segundo Gilberto Freyre, recebe o nome de fogão de forquilha, parecendo-se bastante com o *Estandaque* paulista. Desenho de M. Bandeira. O outro fogão, português na forma, pertence à antiga casa de câmara e cadeia de Ouro Prêto.

partes das portas ou janelas, isto é, os BATENTES. Nestas envazaduras, a parte externa da fôlha recebe o nome de FACE e a superfície interna chama-se TARDÓS. Chamam-se fôlhas, também, as asas das dobradiças, ou melhor, as partes das dobradiças que são parafusadas nos marcos e batentes. Nas MACHA-FÊMEAS a asa ou fôlha cravada no marco recebe o nome de FIXA.

FÔLHA DE BOLO — Nome das árvores que fornecem as madeiras ANGELIM ROSA, TAPIÁ e PAU PEREIRA. Ver êsses verbêtes.

FÔLHA-DE-FLANDRES — Fôlha de ferro estanhado empregada na obtenção de vários utensílios comuns (funilaria) e de uso nas construções para revestimento e cobertura etc.

FÔLHA-FLOR — Fôlha delgada de madeira, caprichosamente recortada, usada para decorar móveis e demais peças de marcenaria. Nos beirais das construções recebem o nome de LAMBREQUIM.

FÔLHA LARGA — Nome de árvore que fornece a madeira ANGELIM-ROSA.

FÔLHA DE LIXA — Ver SOBRO NACIONAL.

FÔLHA REDONDA — Também, nome da árvore que fornece a madeira TAPIÁ.

FOLHAR — Ver FOLHEAR.

FOLHEAR — Revestir de lâminas de madeira ou metal. Como diz T. Lino d'Assunção, "forrar de madeira de maior preço ou preciosidade outra mais ordinária". O mesmo que FOLHAR.

FOLIADO — Revestido de lâminas de madeira ou metal. O mesmo que folhado.

FONTAINHA — Pequena fonte.

FONTANA — De uso antigo, o mesmo que FONTE. É mais aplicado com referência à nascente.

FONTANEIRA — Lugar onde há fontes.

FONTE — Nome das obras que encerram sistemas hidráulicos que têm por fim o provimento de água potável (ver CHAFARIZ) ou o embelezamento de jardins, ou parques. As fontes decorativas, tomando as mais variadas formas, sempre são guarnecidas de esculturas ou ornatos alusivos aos elementos ou sêres aquáticos, mitológicos ou reais. Fonte luminosa é aquela que possui aparelhos especiais que produzem esguichos verticais e inclinados, iluminados por vários focos de luz de variadas côres. No linguajar popular o mesmo que TORNEIRA.

FONTE BATISMAL — O mesmo que PIA BATISMAL.

FONTELA — Pequena fonte ou nascente.

FONTÍCULA — Pequena fonte.

FORCADO — Tijolo mais delgado e largo que o comum.

FORÇÃO — O mesmo que ESCORA, ESPEQUE.

FORÇURA — O mesmo que ESTÊIO, ESCORA. Nome que se dava ao camarote quase ao nível da platéia dos teatros, que sustentava, por meio de suas paredes laterais, outro camarote superior. FRISA.

FORJADO — Que se forjou. Batido, trabalhado e fabricado na forja. Ferro forjado.

FORJAR — Aquecer e trabalhar o ferro ou outro metal na forja.

FÔRMA — Em arquitetura, designa essencialmente os elementos na construção que se destinam a dar forma definitiva a uma coluna, uma viga, uma laje, etc. de concreto armado, que irão constituir a ossatura, ou estrutura do edifício. As fôrmas são geralmente executadas em madeira, porém hoje, com o aperfeiçoamento da técnica, já são executadas em outros materiais, como fibro-cimento, metal, etc. até mesmo pré-fabricadas industrialmente conforme o caso.

FORMA — A forma em arquitetura é a realização material de tôda a construção, orgânicamente composta pelos espaços interiores que ela determina e cuja razão de ser tem sempre base numa necessidade prática, construtiva e estética. A manifestação concreta da forma se faz através das múltiplas combinações obtidas pelas linhas, pelas superfícies e pelos volumes, ocupando determinado espaço arquitetônico, protagonista da arquitetura. No entanto, é preciso considerar que, em arquitetura, não é suficiente o fato de ser resolvido o problema da forma. Torna-se necessário que o símbolo adotado e convertido em forma, tome sentido e expressão e que, convulsionan-

do-se, através de vivência própria em conflito com o homem seu objetivo primeiro, prossiga em busca de um conteúdo. Em outras palavras, que justifique a existência da arquitetura. A forma não se desliga do conteúdo, nem êste dela, e os dois guardam a mais perfeita inter-relação para oferecer ao homem condições reais de domínio no campo da arte.

FORMADOR — Operário que executa fôrmas e moldes, principalmente nos serviços de decoração que empregam ornatos de gêsso.

FORMALISMO — Com base no sistema metafísico que consiste em fazer residir na forma a essência das coisas, com o desprêzo pelo conteúdo, é a tendência arquitetônica da época atual, qualificada por vários autores como sendo profundamente sem base na realidade atual e sem expressão de valor artístico. É a predisposição arquitetônica para a superficialização do conceito e da forma, destituída a arquitetura da verdade e da objetividade necessária para dar-lhe caráter e expressão. O formalismo é a adoção de formas preparadas, é a repetição de solução, ainda que boa ou verdadeira, em qualquer parte, por qualquer motivo. E o emprêgo da forma pela forma, o que constitui um grande perigo no desenvolvimento atual da arquitetura contemporânea e que está sendo criticado duramente pela crítica arquitetônica, pois torna fácil demais a solução plástica pela adoção de um formulário técnico, nem sempre justificável aqui ou ali. A arquitetura de nossos dias muito tem sofrido, por efeitos do formalismo, que existe inclusive no Brasil.

FORMALOTE — Ver ARCO FORMEIRO.

FORMEIRO — Ver ARCO FORMEIRO.

FORMÃO — Utensílio de carpinteiro, com uma extremidade chata e cortante.

FÓRMICA — Material fenólico laminado usado em construção para revestimento, divisões, móveis, etc.

FORMIGAME — O mesmo que BETÃO.

FORMIGÃO — Em Portugal, nome que se dá à mistura de uma parte de cal para três partes de saibro apiloada dentro de fôrmas, à maneira da taipa de pilão, sendo variável o grau de umidade. Entre nós, no entanto, dá-se o nome de formigão à taipa de pilão que emprega, além da terra usual, grande quantidade de cascalho ou seixos rolados. Outros dão a designação de formigão à mistura em partes iguais de cascalho, saibro ou areia, e cal, usada em fundações.

FORNAÇA — Antigamente, casa onde se cunhava moedas. FORNALHA.

FORNALHA — Grande FORNO. Parte de uma máquina ou de um FOGÃO onde é acendido o fogo.

FORNECO — Nome que certos dicionários dão a uma peça não identificada, que "liga a tacaniça ou rincão ao frechal".

FORNICE — O mesmo que ABÓBADA. Nome que também se dava ao arco de porta rasgada em parede mestra de alvenaria.

FORNIMENTO — O mesmo que TABUADO.

FORNO — Obra abobadada, de pedra ou tijolo, argamassada de barro ou cal e areia, em geral com uma só abertura, onde é armazenada energia térmica necessária à cozedura de alimentos, à calcinação de calcáreos, à vitrificação de esmaltes, à fusão de metais, etc.

FÔRO — Edifício que se caracteriza por um programa arquitetônico complexo, na qual funcionam os tribunais de justiça, que compreendem tôda a jurisdição de um município ou comarcas.

FORQUILHA — Peça de madeira que termina em duas pontas ou hastes, entre as quais pode alojar-se outra peça. Diz-se ligação por forquilha, ou de espiga engasgada.

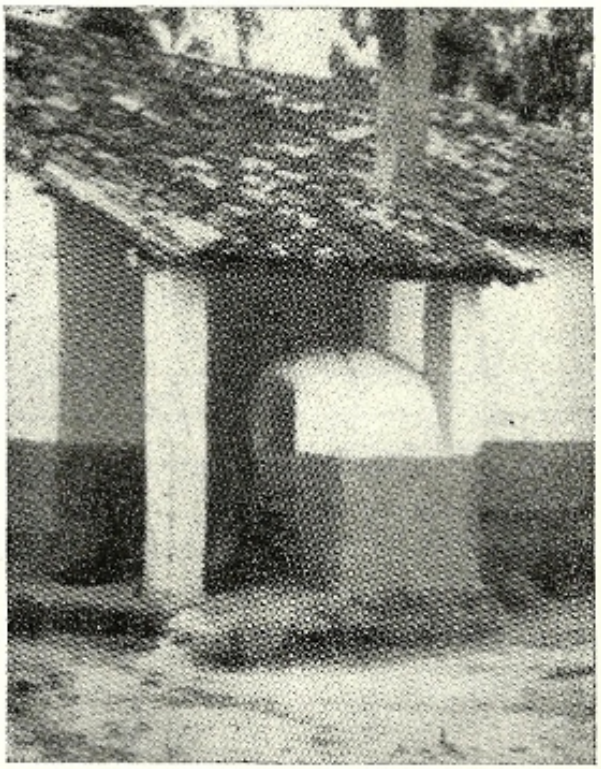
FÔRRA — Nome de cada uma das peças de mármore usadas em revestimento. Designação dada à faixa saliente que arremata a parte inferior das paredes externas. O mesmo que ESTEREÓBATA.

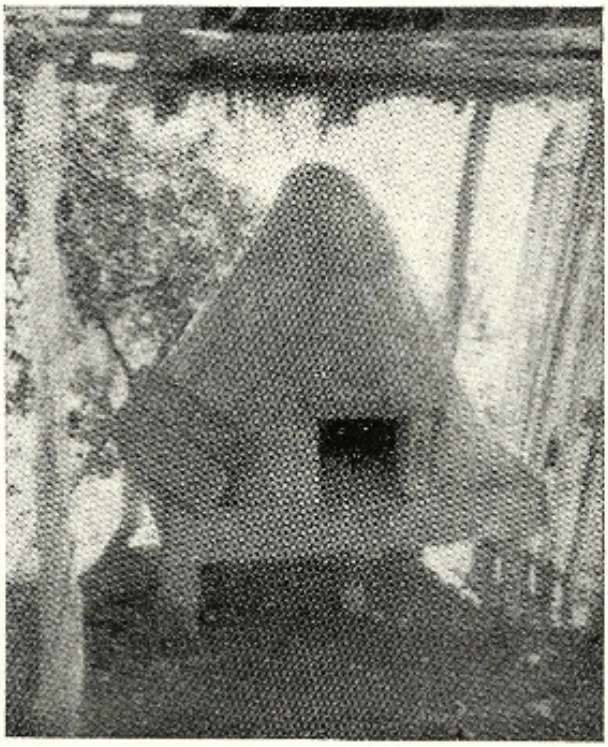
FORRAÇÃO — Ato ou efeito de forrar, de fazer FORROS. Forramento. Ainda, cobrir, estofar, laminar. Revestir.

FORRADO — Revestido de fôrro.

FORRAMENTO — O mesmo que FORRAÇÃO.

FORRAR — Colocar fôrro, ou também revestir uma parede de qualquer material prèviamente preparado como: papel, alumínio, madeira, etc.





FORNO

Não há casa rural brasileira que não possua um forno, complemento necessário da cozinha roceira, onde é assado o pão semanal, os biscoitos, as broas, e as carnes domingueiras. Na ilustração acima vemos comuníssimo forno de alvenaria de tijolos em puxado anexo à cozinha. Abaixo, outro forno domiciliar, inteiramente de barro, apoiado em estrutura de madeira construído às margens do Ribeira de Iguape, perto da barra do Pilões.

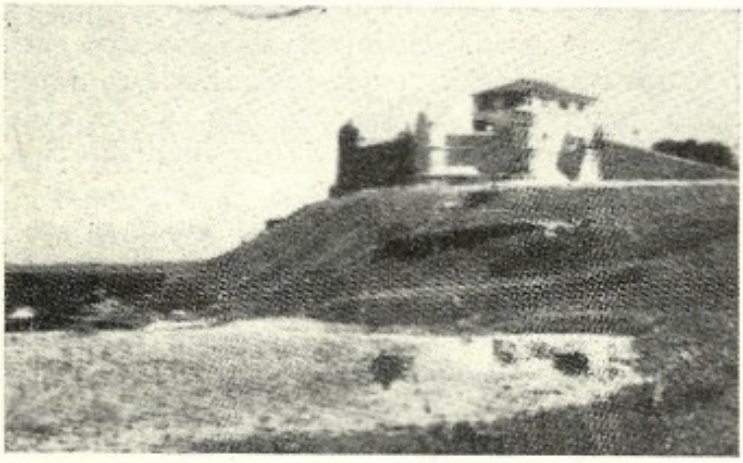
FÔRRO — Nome que se dá ao material de acabamento dos tetos dos compartimentos. Por extensão, emprega-se a palavra para designar o próprio teto. Há, ainda, quem chame, também, o desvão do telhado de fôrro. Os forros podem ser de madeira, de placas fibrosas, de estuque, de esteira, de tecidos diversos, etc. Antigamente, havia predominância de forros de madeira, compostos de tábuas colocadas de diversos modos. O mais comum dos forros era o chamado de SAIA E CAMISA, que em Portugal também era conhecido por fôrro de esteira sobreposta. Neste tipo, inicialmente, eram pregadas tábuas equidistante diretamente nos dormentes dos sobrados, ou em vigamento para isso disposto, no caso de construções térreas. Vedando os espaços situados entre estas primeiras tábuas, as chamadas camisas, eram colocadas, sobrepostas, outras tábuas que passavam a receber o nome de saias. Hoje em dia êsse tipo está em desuso e nos forros de madeira de construções modestas são empregadas sarrafos de pinho com emendas laterais do chamado tipo MACHO-FÊMEA. A essa forração dá-se o nome "fôrro paulista". É mais usado modernamente o fôrro de painéis de madeira compensada ou de placas de fibras prensadas, arrematados por mata-juntas que delimitam retângulos. O fôrro de estuque pode ser aplicado sob lajes de concreto ou em armações que suportam uma tela metálica esticada ou trançado de taquara, etc. Ver ESTUQUE, ESTEIRA e CAVEIRA. Os forros podem ser guarnecidos de ABAS, molduras ou CABEIRAS. Ver ENCABEIRADO. Podem ser planos horizontais ou inclinados. Neste caso quase sempre acompanham a inclinação dos telhados. Outras vêzes, foi muito comum nas igrejas, apresentarem caixotões decorados. Ver ARTESÃO e ARTESOADO. Dava-se o nome de fôrro de GAMELA, ou de MASSEIRA, ao fôrro composto de cinco painéis: quatro inclinados e tropezoidais, um para cada parede de cômodo; e o quinto horizontal e retangular, de lados paralelos às paredes, fechando superiormente o espaço deixado pelos outros. Nome dado à qualquer material de revestimento ou sôbre-revestimento. ALIZAR.

FORTAÇO — O mesmo que DESEMPENADEIRA.

FORTALEZA — "Nome genérico que se dá a tôda praça fortificada pela natureza ou pela

arte", conforme diz Assis Rodrigues. Assim, uma fortaleza é uma fortificação qualquer, uma praça de guerra, um forte, um castelo, etc. O mesmo que FORTE.

FORTE — Construção levantada em local estratégico destinada a abrigar peças de artilharia e soldados, que tem como função defender dos ataques inimigos uma praça, uma cidade, um ponto, uma região, etc. Em nossa arquitetura temos vários exemplos de fortes levantados desde os primeiros séculos para garantir a segurança de nosso litoral e de suas cidades. Raros, no entanto, foram os fortes construídos no interior, às margens de rios, como alguns no Amazonas e o Real Forte do Príncipe da Beira, no Mato Grosso. FORTALEZA.



No clichê, fotografia do Forte Montesserrat, levantado em Salvador, Bahia, em 1586.

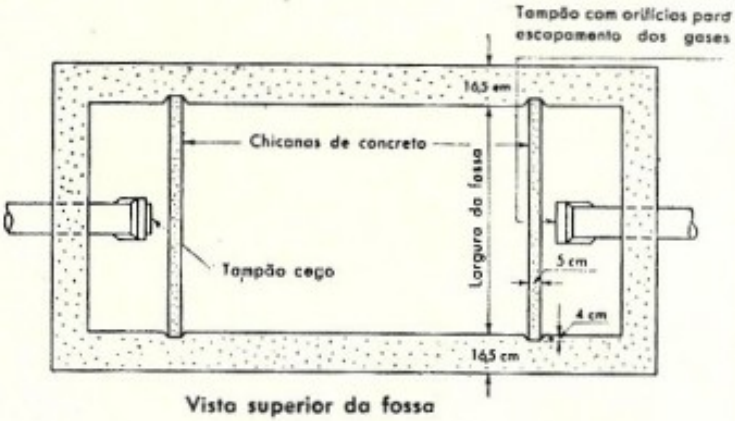
FORTELEZA — O mesmo que FORTALEZA.

FORTIFICAÇÃO — O mesmo que Forte. BALUARTE, REDUTO, etc. Sistema geral de defesa de uma praça fortificada.

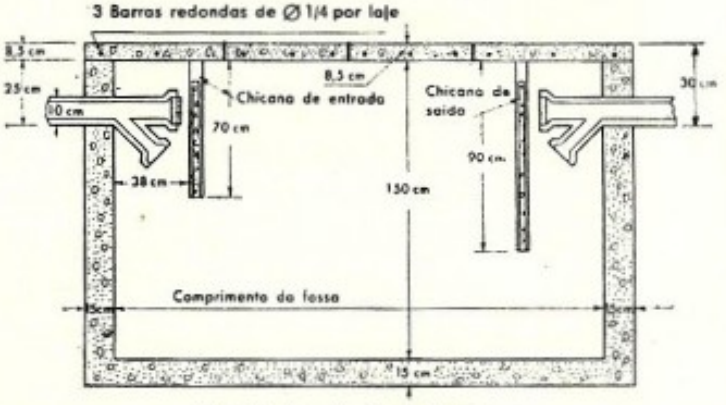
FORTIM — Pequeno FORTE.

FOSCAR — Tirar a transparência de um vidro, deixando-o FÔSCO. Torna qualquer material ou superfície sem brilho.

FOSSA — Cova, cavidade subterrânea. A palavra é mais usada para designar a câmara subterrânea que recebe os líquidos residuais de uma construção. Fossa negra é aquela simplesmente aberta no terreno, usada para absorver os degetos domiciliares. Fossa séptica é a câmara subterrânea, de cimento ou alvenaria, onde são acumulados os esgotos de um ou vários prédios e onde os mesmos são digeridos por bactérias aeróbias e anaeróbias. Processada essa digestão, resulta o líquido efluente que deve ser dirigido a uma fossa ou sumidouro.



Vista superior da fossa



Secção longitudinal da fossa

DIMENSÕES DE FOSSAS SÉPTICAS

Número de pessoas	Dimensões internas			Capacidade
	Comprimento m	Largura m	Altura m	litros
até 7	1,60	0,80	1,50	1535
" 9	1,80	0,90	1,50	1945
" 12	2,10	1,05	1,50	2645
" 15	2,35	1,15	1,50	3240
" 20	3,00	1,20	1,50	4320

Os desenhos acima pertencem ao boletim de informações n.º 28 da Associação Brasileira de Cimento Portland e indicam, junto com a tabela de dimensionamento, modo fácil de obtenção de fossas sépticas construídas no local da obra.

FOSSAR — Abrir fossas ou fossos em algum lugar ou terreno.

FOSSÁRIO — Lugar onde há FOSSOS. O mesmo que CEMITÉRIO.

FOSSETA — Pequena FOSSA.

FOSSETE — Pequeno FÔSSO.

FÔSSO — Cova, valeta, valo ou rêgo para desvio de águas servidas ou pluviais. Barranco. Cavidade na terra rodeando as fortificações para dificultar o acesso do inimigo.

FÔSSO-DIAMANTE — Nome que se dava ao fôsso de pequena largura e pequena profundidade, cavado ao pé de um muro ou cortina para impedir a aproximação do inimigo.

FÓSSULA — Pequena FOSSA.

FOSTE — O mesmo que FUSTE.

FOTOCALCO — Prova fotográfica que se obtem expondo à ação da luz um desenho em papel transparente pôsto em cima de uma fôlha preparada com uma substância sensível à luz.

FOTOCÓPIA — Cópia fotográfica. Reprodução de uma imagem, escrita ou desenhada em papel sensibilizado mediante matriz transparente.

FOTOGRAMETRIA — Método de levantamento topográfico mediante a fotografia. Aerofotogrametria chama-se o processo feito por fotografia aérea.

FÓVEA — O mesmo que fossa, depressão.

FRADE — Marco de pedra. Pequena coluna, geralmente de pedra, usada para proteger, contra o choque de veículos, as esquinas, os cunhais, os portões, etc. Serve também para vedar a entrada de veículos em ruas destinadas sòmente ao trânsito de pedestres. Costuma-se dizer FRADE DE PEDRA.

FRADÉPIO — O mesmo que FRADE.

FRAGA — Terreno escabroso. Penhasco, brenha.

FRAGOSO — Local penhascoso, escabroso, de difícil acesso. FRAGA.

FRÁGUA — Antigamente, o mesmo que FÁBRICA. Hoje, refere-se à forja, à fornalha.

FRALDA — Por extensão, têrmo que se emprega para designar, algumas vêzes, as abas de um objeto, é, ainda, o sopé da montanha, da serra, etc.

FRANCESA — Ver FRONTAL.

FRÁSICA — Aplicado em linguagem arquitetônica com o mesmo sentido de "caráter do edifício" por Adolpho Morales de los Rios Filho em seu livro "Teoria e Filosofia da Arquitetura". Ver CARÁTER.

FRECHAL — Nome que se costuma dar à viga de madeira que, apoiada ao longo de uma parede, recebe e distribui uniformemente as pressões exercidas por elementos equidistantes, como por exemplo, caibros de telhados, barrotes de sobrados, prumos, pés direitos ou esteios de frontais, etc. Diferenciam-se dos baldrames devido ao modo de apoio. Enquanto aquelas peças são ancoradas sòmente nas extremidades ou num ou outro burro, o frechal apoia-se em tôda a sua extensão na alvenaria, não trabalhando à flexão. Ver SOBRADO e TELHADO.

FRECHEIRA — Fresta ou seteira aberta nos muros, cortinas e portas das fortificações.

FREI-JORGE — Madeira. Ver FREIJÓ.

FREIJÓ — Ótima madeira paraense usada em construções civis, marcenaria e tanoaria. Ùltimamente está sendo muito empregada na confecção de janelas e outras obras que necessitam ficar expostas ao ar livre, sujeitas às variações do tempo. Também conhecido por FREI JORGE. Sua côr é parda escura e seu pêso específico (15% de umidade) é igual a 0,59. Limites de resistência: na compreensão axial 470 kg/cm2 (15% hum.), na flexão estática, 955 kg/cm2 (15% hum.).

FREIRIA — Convento de freiras.

FRENTE — Frontaria do edifício. Designação genérica empregada para qualquer elemento da fachada principal de um edifício. Diz-se, mais comumente, a "janela de frente" do que a "janela da fachada principal", o "beiral de frente", etc. Frontispício.

FRENTISTA — Empregava-se, há algum tempo, para designar o operário de construção especializado e hábil na confecção dos acabamentos das fachadas de qualquer edifício. Principalmente, referia-se àqueles que se dedicavam à colocação de molduras, ornatos, etc. Hoje, o têrmo caiu em desuso, e, em virtude da enorme variedade no acabamento não só das fachadas, mas também de qualquer elemento arquitetônico, os diversos especialistas recebem os mais variados cognomes.

FRESCO — O mesmo que AFRESCO.

FRESE — Instrumento de metal, em forma de cone, que serve para alargar um orifício.

FRESTA — Abertura estreita e comprida. Seteira. Janela esguia, de pouca largura e grande altura. Fenda.

FRESTÃO — Grande janela estreita e alta, geralmente bi-partida, que foi muito comum nas construções do estilo ogival.

FRIESTA — O mesmo que fenda ou FRESTA.

FRIGIDÁRIO — Sala para banhos frios.

FRIGORÍFICO — Designa, além do aparelho que produz o frio para congelar certos corpos ou manter frescas certas substâncias alimentícias ou bebidas, o edifício ou a construção para o mesmo fim, mas em grandes proporções, constituindo-se, por isso em função arquitetônica.

FRICORÍFERO — O mesmo que FRIGORÍFICO.

FRINCHA — Fenda ou greta que pode aparecer na madeira, na alvenaria ou em outro material de construção. Geralmente oriunda da dilatação de um corpo. Também pode significar, no Brasil, um canal muito estreito, porém, raramente.

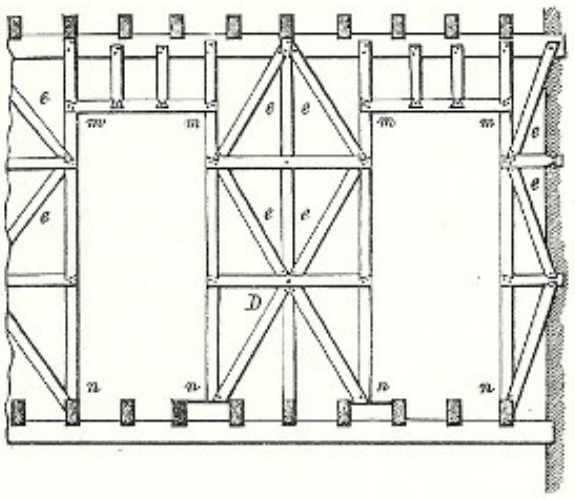
FRISA — Nos teatros e cinemas, camarote quase ao nível da platéia.

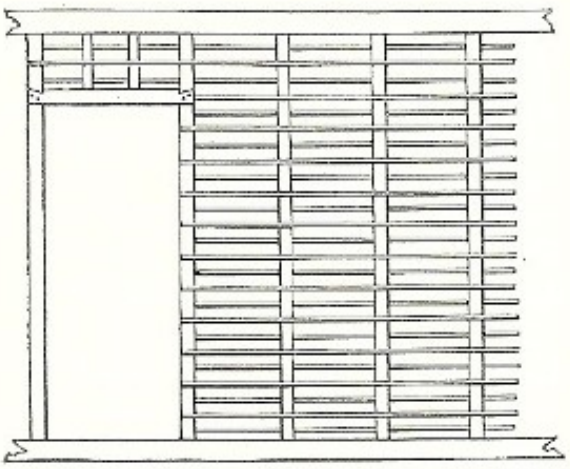
FRISAGEM — Nome que se costumava dar ao espaço situado acima das cimalhas, que podia ser ou não ornamentado.

FRISO — Espaço que separa a arquitrave da cornija, nas construções clássicas, sendo comumente ornado de escultura ou inscrições. Nome genérico que recebem as barras ou faixas pintadas ou esculpidas ao longo de uma parede geralmente abaixo dos tetos. Tábua estreita e aparelhada tendo nas beiras um preparo com meia-cana, própria para forros ou tetos.

FRONTADA — O mesmo que AJUNTORIA, ou pedra que atravessa tôda a espessura de uma parede, possuindo, portanto, duas faces aparentes.

FRONTAL — O têrmo, antes de tudo, designa qualquer parede interna que, além de separar os compartimentos de uma construção, suporta e transmite cargas do telhado ou de outros pavimentos. Neste particular é





Os clichês mostram dois desenhos de L. A. Leitão relativos à estrutura de madeira de frontais comuns à arquitetura portuguêsa. O primeiro dêles indica a disposição das peças nos chamados frontais tecidos. Abaixo, estrutura do "frontal a galega", também chamado de parede francesa. Esta denominação é usual entre nós assim como a disposição dos elementos estruturais. Dêste frontal descende diretamente a nossa parede de taipa de mão ou de sopapo.

que o frontal diferencia-se do TABIQUE, que sòmente separa ou divide ambientes. O têrmo, porém, é mais aplicado para designar as paredes internas que possuam estrutura de madeira, cujos vãos são preenchidos com alvenaria ou entulho. Tipo comum de frontal foi o chamado, em Portugal, de frontal à galega ou parede francesa. Nesta parede os esteios ou pés direitos eram interligados por ripas horizontais equidistantes, que se alternavam, umas de um lado, outras de outro da estrutura. Os vãos entre os ripas eram enchidos com alvenaria miúda, cacos de telha, entulho, etc. Êste enchimento era inicialmente amparado lateralmente por tábuas que de-

pois eram retiradas. No Brasil, o têrmo "parede francesa" passou a dar nome as paredes de taipa de mão. Ver TAIPA DE MÃO. Em São Paulo, nos taipais empregadas na confecção da taipa de pilão, recebem o nome de frontais as tábuas situadas nas extremidades das fôrmas. Sendo normais aos eixos longitudinais das paredes, delimitam os topos de cada um dos blocos de terra sacada. Ver TAIPA DE PILÃO. Nome dos ornatos colocados acima de portas ou janelas. Parapeito de baluarte. Decoração que cobre a frente do altar.

FRONTALEIRA — Tela franjada que reveste a frente do altar.

FRONTÃO — O têrmo vem do latim: "frons, frontis" e designa a fronte, a face dianteira e é aplicado para dar nome, principalmente nos edifícios clássicos, ao arremate superior que tem por função primeira vedar o espaço compreendido pelas duas águas da cobertura e pelo plano situado nos topos das paredes do pavimento da construção. Daí a decorrente forma triangular que, mais tarde, principalmente a partir do barroco, recebeu acréscimos e padecendo alterações formais caracterizou estilos, épocas ou regiões. O frontão ordinàriamente triangular consta de três partes: da cimalha, que lhe forma a base; das empenas ou dos lados inclinados (ver EMPENA); e da superfície central triangular ou TÍMPANO, geralmente ornado de esculturas, de relevos decorativos ou de vãos ou óculos de iluminação. Com o correr do tempo a função do frontão foi esquecida e passou êsse elemento de composição a servir de mero ornamento, sendo colocado em lugares os mais diversos, arrematando construções de quatro águas e tacaniças, coroando portas ou janelas, etc. Nome do edifício onde se joga a pelota ou péla.

FRONTARIA — A frente, a fachada de um edifício. A parte dianteira ou fronteira de um território, de uma cidade, etc. Frontispício.

FRONTISPÍCIO — O mesmo que FRONTARIA, isto é, fachada ou frente de um edifício.

FRUSTO — O mesmo que rude, não polido, gasto. Diz-se da escultura, do ornato ou da obra estragada pela velhice, das pedras aparelhadas carcomidas pelo tempo. Êste adjetivo deriva do italiano "frusto" e também existe na nossa língua na forma fruste.

FRUTA DE ARARA — Madeira. Ver ANDÁ-AÇU.

FRUTA DE BURRO — Árvore da família das Anonáceas, de madeira boa para construções civis. Xylopia xylopiodes, Stanley. Também conhecida por jinjurucum, pau bonito, pimenta de bugre, pimenta de macaco, pimenteira da terra, pindaiba e pixiricum.

FRUTA DE MACACO — Com êste nome são conhecidas, pelo menos, duas árvores que dão madeira utilizável em obras. A primeira é a Lecythis pisonis, Cam., da família das Lecitidáceas. É madeira boa para dormentes, construções civis e navais, postes, tanoaria, etc. Suas sementes são oleaginosas e comestíveis. Sinonímia: castanha sapucaia, jaçapucaia, sapucaia, sapucaia-açu e sapucaia grande. A segunda é a Posoqueria acutifólia. Mart., da família das Rubiáceas. Sua madeira é mais usada em marcenaria e para servir de cabo de instrumentos e ferramentas. É de côr amarela clara, sem veias e sua densidade é igual a 0,700. Também conhecida por PAU DE MACACO.

FRUTA DE TUCANO — Árvore que fornece madeira utilizável na marcenaria. Vochysia tucanorum, Mart., família das Voquisiáceas. Sinonímia: pau de tucano, pau doce, e vinheiro do mato. Também conhecida por coxa de frango ou caixeta. De côr esbranquecida e tem por pêso específico 0.930.

FRUTA DE VIA — Madeira. Ver ANDÁ-AÇU.

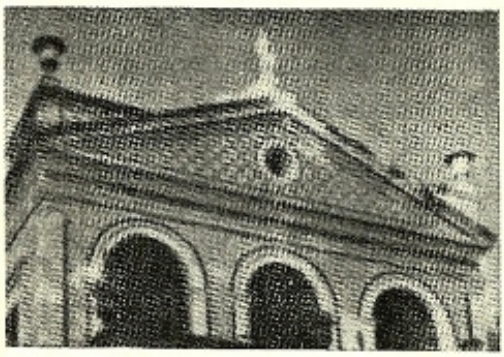
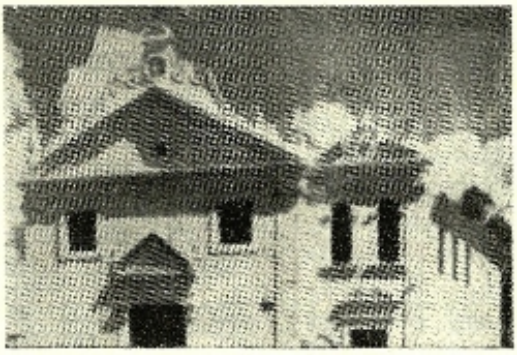
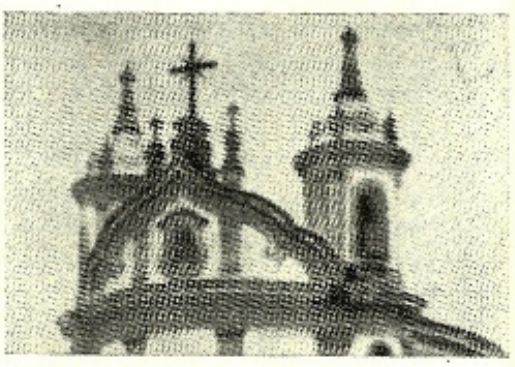
FRUTEIRA DE POMBO — Ver SOBRASIL.

FRUTO DE PURGA — Madeira. Ver ANDÁ-AÇU.

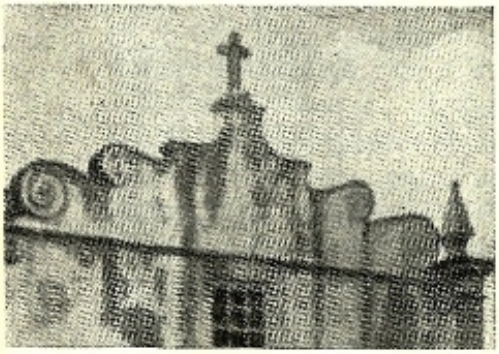
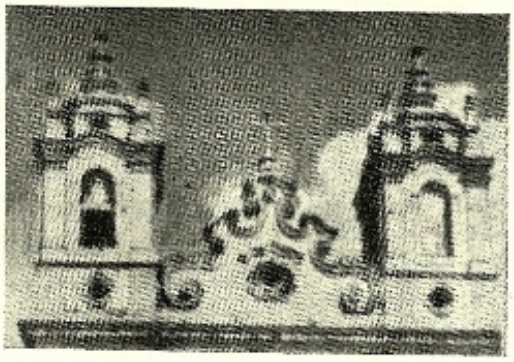
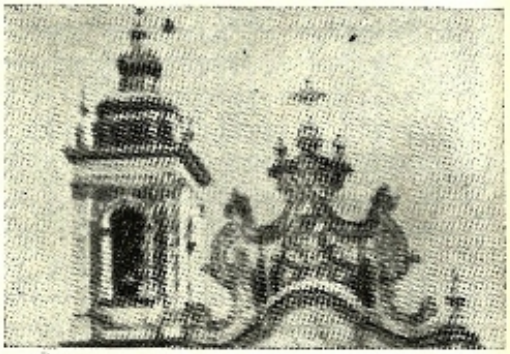
FRUTO DE SABIÁ — O mesmo que AROEIRA VERMELHA.

FUGA — Nome que se dá à sucessão de cômodos encarreirados, que se comunicam entre si por meio de portas situadas no mesmo alinhamento.

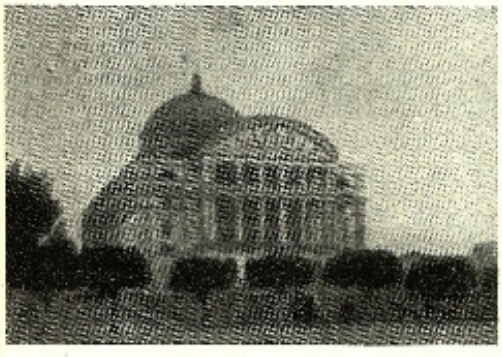
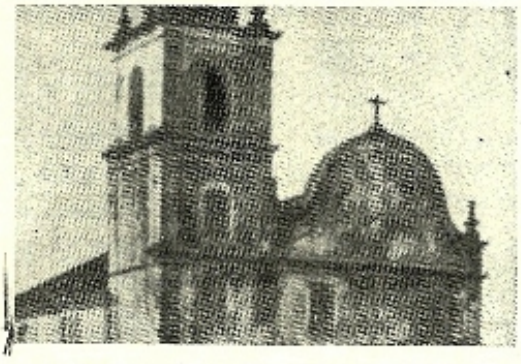
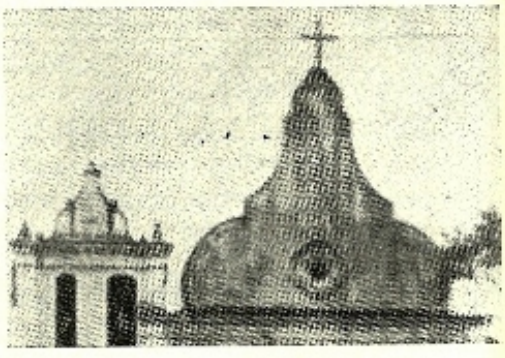
FUMEIRO — Nome dado, principalmente em Portugal, ao espaço situado entre as vergas das envazaduras, portas ou janelas, e o teto. Espaço situado acima dos fogões onde são postos a defumar, ou a conservar, gênero alimentícios. No Brasil, o fumeiro, que compreende giraus suspensos, prateleiras ou sim-

Acima, primeiramente, vemos um clássico frontão triangular em residência dos meados do século XIX, levantada no Recife sob influência de Louis Vauthier. O tímpano é perfurado por um óculo e revestido de azulejos. A seguir, um chamado frontão duplo, isto é, um frontão retilíneo, ou triangular, apoiando outro curvilíneo, pertencente à Igreja de S. Sebastião em Igaraçu, Pernambuco. Construção provàvelmente de 1735. Finalmente, frontão curvilíneo tanto na elevação como em planta, pertencente à Igreja de N. S. do Rosário, em Ouro Prêto, Minas, projetada por António Ferreira de Souza Calheiros e construída a partir de 1785.

A influência barroca tanto em exemplares ingênuos e primitivos como em projetos "eruditos" fêz com que os frontões se movimentassem em curvas e contra-curvas, como nos exemplos da Conceição do Boqueirão (século XVIII), Salvador, Bahia e à Igreja da Venerável Ordem acima. Os dois últimos, chamados frontões de cartela, pertencem às igrejas barrocas de N. S. Terceira do Carmo, Recife, respectivamente. A primeira fotografia é do frontão abatido, com volutas, pertencentes à Igreja de N. S. do Montesserrat, Salvador, Bahia.

Os frontões, quando compreendem arcos de círculos, são chamados frontões esféricos redondos ou cintrados. O primeiro na ilustração acima pertence ao Teatro de Manaus, construção da época áurea da borracha no Amazonas. Os outros dois frontões, curvos e compostos, pertencem respectivamente às Igrejas de N. S. de Sant'Ana (1761) de Itanhaém, S. Paulo e de N. S. do Desterro (século XVIII), Camamu, Bahia.

ples ganchos, não passa, na realidade, da geladeira do pobre, pois é usado para conservar, por tempo enorme tôda sorte de alimentos como carne, linguiças, toicinho, rapadura, milho, doces cristalizados e açúcar e, até mesmo, o sal. Além de defumar as carnes em geral, conserva os alimentos higroscópicos. Interior da chaminé por onde sai a fumaça.

FUMINE — Segundo D. Clemente da Silva Nigra, o mesmo que chaminé, fogão, lareira.

FUNÇÃO — Em arquitetura, resume-se na perfeita adequação de uma necessidade humana à respectiva solução arquitetônica. É a função, a própria realidade, que exije uma correspondente construtiva. Na função destacam-se o homem, seus sentimentos, seus atos, que devidamente condicionados vão atingir um fim concreto — a utilidade arquitetônica — através de uma atitude emocional. Houve ocasião, não só na arquitetura brasileira como também na mundial, em que se chegou a dar tanta importância à função, como objetivo, afirmando-se que **"a função faz a forma"**. Evidentemente que essa distorção da verdade trouxe exageros na arquitetura. No entanto, isso está superado e uma afirmação como essa não é tomada como regra ou como princípio, mas sim, como meio de atingir uma arquitetura funcional, que vai mais adiante, atingindo objetivamente fins mais penetrantes. Ver FUNCIONALISMO.

FUNCIONAL — Em arquitetura tudo que atende à função, à utilidade prática. Ver função e funcionalismo.

FUNCIONALIDADE — Qualidade daquilo que é funcional.,

FUNCIONALISMO — Tendência na arquitetura que caracteriza um movimento de grande eficácia principalmente no século atual. Significa, em primeira análise, a perfeita adaptação à função para assegurar a melhor expressão de beleza. O que fêz surgir na segunda década do nosso século, a expressão de Le Corbusier, "a casa é uma máquina de morar", que teve sua razão de ser, surtindo todos os efeitos desejados. Hoje, pelo desenvolvimento cultural e científico que já atingimos, o funcionalismo significa muito mais: expressa a época, sociològicamente falando, facilitando a vida na habitação, organizando o espaço com objetividade, favorecendo o homem no seu evolver natural e espiritual. Também causou influência direta na arquitetura brasileira em diversos momentos, inclusive em nosso movimento moderno, a partir de 28 e, também, na hora presente, na qual não comparece isolado, como escola mas entrosado numa excepcional arquitetura, com tôda a certeza oriunda do "funcionalismo" e de Le Corbusier.

FUNDAÇÃO — Antes de tudo, o têrmo designa aquilo onde repousam os FUNDAMENTOS de um edifício. Assim, em um terreno firme a fundação nada mais é que o próprio solo, pronto para receber as cargas do prédio a ser levantado. Em terrenos compressíveis, a fundação pode ser constituída de estacas cravadas, brocas, etc. Na linguagem vulgar, o mesmo que ALICERCE.

FUNDAMENTAR — Construir sôbre FUNDAMENTOS sólidos e seguros. Lançar os alicerces. Alicerçar.

FUNDAMENTO — Têrmo cujo significado às vêzes confunde-se com o de FUNDAÇÃO, designa na realidade, o complexo de construções efetuadas abaixo do nível do chão, que sustenta o edifício. O fundamento apóia-se na fundação. Diz-se fundamento sôbre terra firme, sôbre rocha, sôbre estacas, etc. O mesmo que alicerce ou embasamento. Ver FUNDAÇÃO e ALICERCE.

FUNDÃO — Sítio distante, ermo. Assim aplicado, no Brasil.

FUNDAR — Construir. Assentar os alicerces. Ou melhor, edificar desde os alicerces.

FUNDIÁRIO — Relativo a terrenos.

FUNDINHO — Espécie de biombo ou anteparo colocado na frente das portas dos salões, que impede a visibilidade para o interior, criando uma passagem ou corredor paralelo à parede. Ver CHICANA.

FUNDO — Superfície preparada para receber acabamento final, como pintura, vernizes, ornatos de estuque, baixos ou altos relevos, etc. Decorações cênicas, as mais distantes da boca do palco.

FURA — Furo feito com formão ou com verumão grosso.

FURACO — Antigamente usado para designar buraco.

FURO — O mesmo que CABOUCO. Nome do orifício onde encaixa a espiga de uma peça.

FURAL — Rua estreita.

FURDA — Lusitanismo que designava cabana, choça, etc..

FURNA — Caverna, gruta. Escavação de grandes dimensões no solo ou no subsolo.

FUSTE — Nome do tronco da coluna, situado entre a base e o capitel. Tronco da árvore, entre as raízes e a copa. Mastro.

FUSTETE — Nome de várias plantas da família das Anacardiáceas que fornecem, principalmente através de suas raízes, tintura usada na lustração ou tratamento de madeiras e, também, gomalaca. Preparadas em água fervente as hastes de fustete dão uma infusão amarela alaranjada, que pode mudar de côr sob a influência de certos agentes. Assim, na presença do percloreto de estanho, o alaranjado torna-se mais carregado. Com o sulfato de ferro, toma a côr verde azeitona, com os ácidos, fica verde.

FUTURISMO — Conforme o Pequeno Dicionário da Língua Portuguêsa, que com perfeição sintetisa: "Movimento modernista lançado pelo poeta italiano Marinetti (20 de fevereiro de 1909), o qual se funda numa concepção exasperadamente dinâmica da vida, voltada para o "futuro". Combate o culto do passado e da tradição, a melancolia, o sentimentalismo, prega o amor das formas nítidas, concisas e velozes, é nacionalista e antipacifista; (por extensão e depreciativamente) qualquer forma extravagante de arte". Na arquitetura, há que assinalar, o Manifesto de Arquitetura Futurista do arquiteto italiano Antonio Sant'Elia elaborado entre 1912 e 1914, que pouco significado teve na evolução arquitetônica, não sendo hoje, mais do que um documento original e audacioso de um jovem e genial arquiteto que morreu aos 28 anos de idade, na primeira guerra mundial, a 10 de outubro de 1916. No Brasil, êsse Manifesto em momento algum despertou interêsse.

G

Grade de ferro fundido, comum nas construções urbanas do século XIX.

GABINETE — Têrmo de origem italiana, "gabineto", que vulgarmente designa a pequena sala destinada para leitura ou trabalhos intelectuais. Assim, seria o mesmo que escritório ou estúdio. Nome do conjunto das dependências onde trabalham altos funcionários, juízes, ministros e governantes. Nome do prédio onde se podem ler ou emprestar livros e jornais, geralmente mediante pagamentos mensais. Dos chamados "gabinetes" de leitura talvez o mais antigo do Brasil seja o de Sorocaba, S.P., que é possuidor de obras raras e de importante galeria de retratos de vultos políticos do Império. O mesmo que CAMARIM. Nome do compartimento da latrina: diz-se "gabinete sanitário". Nos restaurantes, nome dos locais reservados, onde os fregueses podem tomar refeições sem serem vistos. Local onde estão guardados objetos de estudo, nas escolas ou museus. Daí os têrmos "gabinete de antropologia", "gabinete de história natural", "gabinete de física", etc.

GADAMO — O mesmo que ESTELO.

GADANHA — Martelo de ferro cuja cabeça é em um dos lados achatada, empregado pelos pedreiros e calceteiros.

GAFARIA — Nome dos antigos hospitais de leprosos.

GAIO — Adjetivo que se aplica às côres quando estas são vivas, brilhantes e alegres. Diz-se, por exemplo, verde-gaio, etc.

GAIOLA — Nome do esqueleto de madeira das paredes externas de uma construção, composto de peças verticais, horizontais e inclinadas convenientemente ligadas entre si, constituindo sistema estável. Posteriormente os vãos existentes são preenchidos com alvenaria ordinária ou com miúda, constituída de cacos de telha ou tijolos argamassados. Parede interna de feitura semelhante recebe o nome de FRONTAL. O mesmo que cárcere ou prisão. Janela gradeada. Nome de edifício construído às pressas e com materiais inferiores, sujeito a desabamento, casa pequena, casinhola.

GAIUTA — Edícula onde estão colocadas as instalações sanitárias de um edifício. Nome do teto abobadado dos compartimentos ou salas.

GAIVA — O mesmo que VALA, FOSSO, etc.

GABARITO — Modêlo, molde, padrão de medida, cujo instrumento de verificação recebe o mesmo nome. Em urbanismo, dá-se o nome de gabarito à altura máxima que podem ter os edifícios em determinadas ruas. Existe a forma gabari.

GAIVEL — Nome de parede cuja espessura diminui à medida que se aumenta a sua altura. Assim, pelo menos uma de suas faces é inclinada, recebendo o nome de ALAMBOR. Gaivel é, também, o nome do aparelho (que contém um fio de prumo e faces laterais inclinadas conforme o caso) com o qual é verificada a constância da inclinação desejada no paramento. O mesmo que JORRAMENTO.

GALANTARIA — Ornato arquitetônico em geral.

GALÃO — Medida inglêsa de capacidade igual a 4 quarts, 8 pints ou 32 gills e equiva-

lente a 4,5435 litros. E chamado, também, galão imperial. Medida americana que corresponde a 0,8331 do galão imperial, isto é, 3.7852 litros.

GALBA — O mesmo que GALBO.

GALBO — O mesmo que contôrno elegante, curva agradável, que concorda duas retas concorrente. Em arquitetura o têrmo é mais aplicado para designar o perfil resultante da introdução do CONTRAFEITO que "amacia" o ângulo formado pelos caibros do telhado no momento que interceptam o plano formado pelos cachorros horizontais. Diz-se, então, galbo do contrafeito. Existe a forma GALBA. Ver CONTRAFEITO e respectivas ilustrações.

GALEOTA — Nome de certo tipo de prego de ferro forjado, de secção quadrada. Ver PREGO.

GALERIA — Nos grandes edifícios, nome das peças muito mais compridas que largas, cuja função principal é servir de ligação entre as demais dependências. Corredor largo. Antigamente, as galerias dos palácios, além de constituir elementos de circulação horizontal, serviam para exposições permanentes de obras de arte ou de objetos históricos alusivos ao edifício, aos seus proprietários, ao govêrno, etc. São famosas, por exemplo as Galerias Pitti, as do Vaticano, de Dresden, de Madrid, etc. Daí o emprêgo contemporâneo do têrmo para designar salões de exposição de obras de arte.

GALGA — Nome que davam os taipeiros do vale do Paraíba, S. P., à tabuinha com que se se verificava a altura uniforme da camada de terra a ser socada dentro dos taipais.

GALGAÇÃO — Ato de endireitar a superfície de uma tábua empenada com a plaina ou GARLOPA.

GALGADA — Diz-se da tábua alinhada e bem desempenada.

GALGADEIRA — Instrumento de carpinteiro que facilita o traçado de linhas paralelas às arestas, nas faces laterais das tábuas.

GALGAR — Levantar, alçar, endireitar, levantar arcos. Endireitar uma parede. Desempenar, alinhar. Fazer com que uma régua, uma tábua ou um vão (porta ou janela) tenham seus lados perfeitamente paralelos. Traçar com a GALGADEIRA.

GALILÉ — O têrmo parece derivar-se de "Galiloea", local aprazível, de onde também proveio a palavra galeria. Primitivamente constituía um recinto coberto e lateralmente delimitado por colunatas ou arcarias, que começava na porta de uma igreja e servia de abrigo, passeio e local de reuniões de irmandades. Ali, também, eram enterrados os irmãos importantes. Posteriormente a palavra passou a designar o cemitério de nobres nos conventos, principalmente beneditinos. O têrmo, no entanto, é mais usado para designar o alpendre ou galeria encostado numa igreja. Galeria anexa aos claustros dos conventos.

GALILEIA — O mesmo que GALILÉ.

GALIMO — Superfície galivada de uma prancha ou madeiro. Ver GALIVAR.

GALINHEIRO — Nas granjas ou residências, local onde são criadas e guardadas aves domésticas, principalmente galinhas. Nos teatros, o mesmo que TORRINHAS. Na gíria, o mesmo que patíbulo ou prisão.

GALIVAR — O mesmo que ENGRADAR, isto é, fazer ENGRADAMENTO. O têrmo também foi empregado, principalmente no século passado, para designar o ato de preparar a madeira antes do engradamento ou melhor, preparar ou fazer os entalhes e cortes necessários às SAMBLADURAS. Galivar seria um ato preparatório à armação da estrutura ou ENGRADAMENTO.

GALPÃO — Palavra de origem azteca que primeiramente é sinônimo de ALPENDRE. O mesmo que VARANDA. O têrmo é mais empregado para denominar a construção com um dos lados totalmente aberto, usada para depósito de máquinas, instrumentos e utensílios, principalmente agrícolas. Nas estâncias, residência dos peões.

GAMBIARRA — Nos teatros, sistema de iluminação superior da cena, atrás das bambolinas.

GAMBOTA — O mesmo que CAMBOTA.

GAMELA — Ver FÔRRO.

GAMELÃO — Nas instalações para brigas de galos, ou RINHAS, gamelão é o local circular, com paredes laterais alcochoadas, onde

se travam os combates, em tôrno do qual sentam-se os apostadores e aficionados.

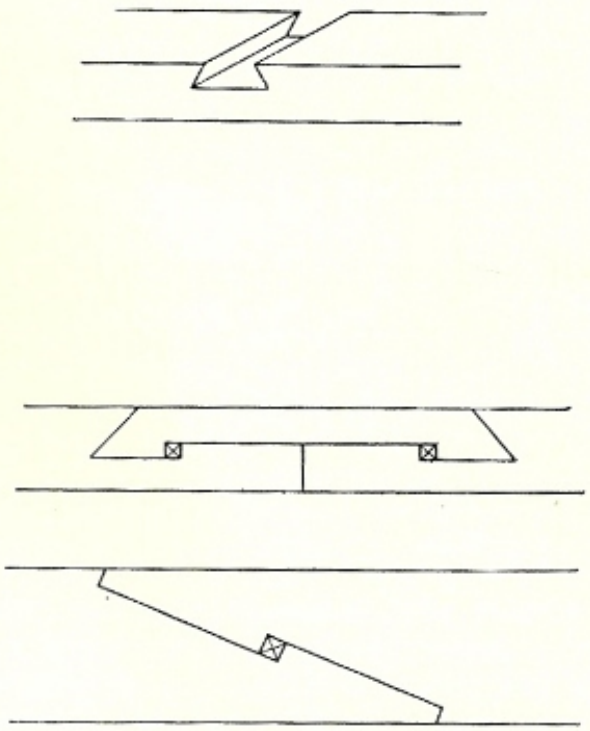
GAMENOLEIRO — O mesmo que TULIPEIRO, madeira.

GANCHO — Peça curva de metal ou outro material, de grande resistência, usada para levantar pesos. Na extremidade do cabo que passa pela ROLDANA, também recebe o nome de GATO.

GANGARINA — Na gíria, o mesmo que IGREJA.

GANHA SAIA — Madeira. Ramisia brasiliensis, Olive. Também conhecida por caporosa, capa-rosa ou pau capeta. Pêso específico aparente igual a 0,68 (15% de unidade).

GANZEPE — Nome do entalhe feito ao longo de uma peça de madeira, cuja bôca é mais estreita que o fundo. Assim, de perfil, a concavidade possui secção trapezoidal. Há quem chame de ganzepe os dois dentes triangulares que delimitam tal entalhe. Nas emendas tôpo a tôpo de duas vigas horizontais sujeitas à tração é comum o emprêgo do ganzepe. Cesar de Rainville, no "O Vinhola Brasileiro", emprega a forma GRANZÉPIO, naturalmente corruptela do verdadeiro têrmo português.



Nas ilustrações, o exemplo de cima é de ganzepe executado segundo a definição da palavra. Embaixo, sambladuras que recebem o mesmo nome devido aos dentes triangulares que aparecem nas extremidades dos encaixes.

GANZUÁ — Segundo Édison Carneiro, nome de casa de candomblé, corruptela de Gantois.

GARABU — Madeira com emprêgo na construção civil e no preparo de peças de resistência. Astronium cocineum. Família das Terebintáceas.

GARAGEM — Nos edifícios em geral, ou isoladamente, construção ou local onde são guardados os automóveis.

GAVETO — Nome dos degráus situados nas partes curvas das escadas que fazem deflexão. Os gavetos, na linha de piso, possuem profundidade igual às dos degráus normais perpendiculares ao banzo de lance reto. Arco de concordância êntre duas paredes concorrentes.

GARANCINA — Substância tintorial, usada na marcenaria como corante de madeiras, que é retirada da raiz da garança ou granza. Sua côr varia do rosa ao vermelho escuro.

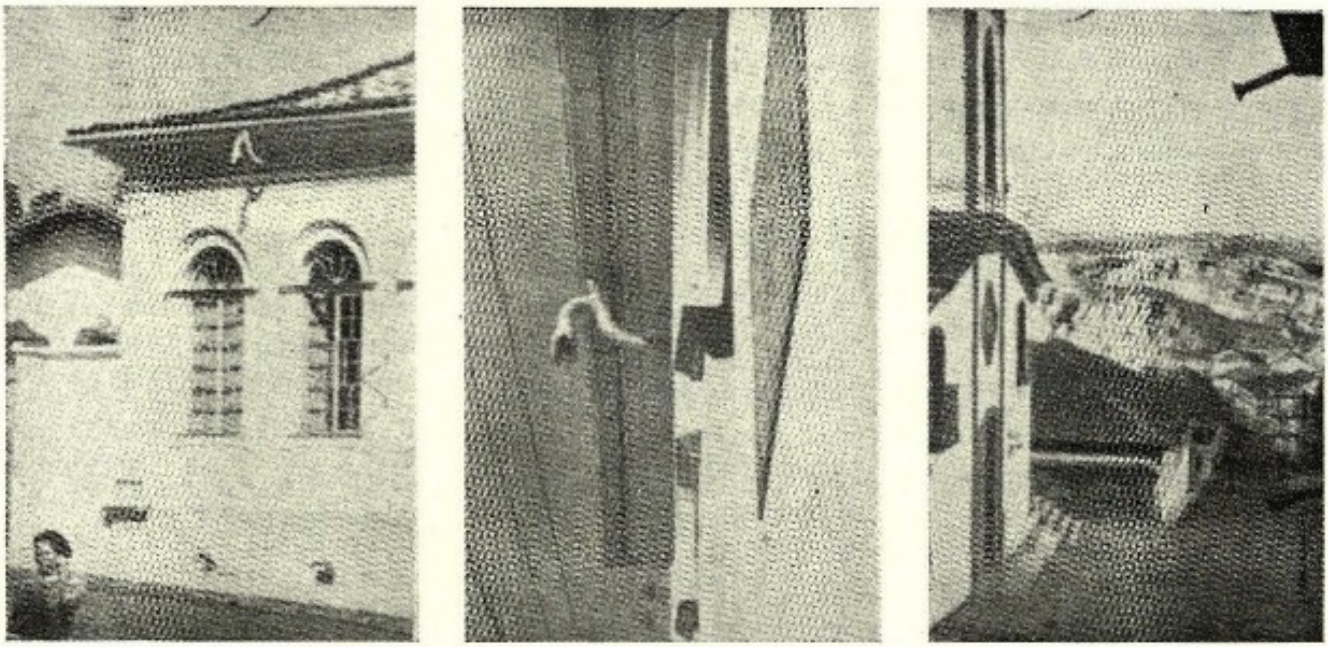
GARAPA — Madeira de lei empregada na construção e na marcenaria, de côr amarelo-ouro, lembrando o VINHÁTICO, porém de veios mais carregados. Sinonímia: GARAPIAPUNHA, GRAPIAPUNHA, AMARELINHO, BARAJUBA, GARAPA AMARELA, GEMA DE ÔVO, GRAPIA, JATAÍ, MIRAJUBA, MUIRATAVA, IBIRÁ-PERÊ, MULATA, GURUPIÁ, MULATEIRA, e GUARETÃ. Família das Leguminosas cesalpináceas. Apuleia praecox, Marti; Apuleia leiocarpa, Vog.; Apuleia molaris, Spruce. Pêso especicífico de 0,83 a 0,86 a 15% de umidade. Na compressão axial, limite de resistência: 632 kg/cm2. (15% de umidade). Na flexão estática, limite de resistência: 1350 kg/ cm2. (15% de umidade).

GARAPA AMARELA — Madeira. Ver GARAPA.

GARAPACAPUNTA — Nome de árvores da família das Mirsináceas, Conomorpha peruviana, D.C.; Brasiliensis, Mez.; com fôlhas miúdas e flôres brancas em cachos, que dão boa madeira para pequena marcenaria e carpintaria em obras internas.

GARAPAJUBA — Nome de certa madeira com largo emprêgo em obras. Weismania hirta, Mart.

GARAPEIRA — Telheiro à beira dos caminhos e estradas onde os viajantes se forne-



Nas primeiras fotos, algeroz de casa do final do século XIX, de Itu, São Paulo, que imita as antigas gárgulas representando animais fantásticos. A seguir, vista da cidade de Diamantina, Minas, aparecendo contra o céu uma gárgula cilíndrica muito comum nas velhas construções mineiras.

ciam de garapa refrigerante e de milho e capim para seus animais fatigados.

GARAPIAPUNHA — Madeira. Ver GARAPA.

GARE — Nas estações de estradas de ferro, local onde embarcam ou desembarcam os passageiros. Embarcadouro, cais.

GARGANTA — Passagem estreita. Buraco feito na parede que dá acesso ao exterior ou à outra dependência. Canal, concavidade, fenda. Nome de moldura mais larga e menos profunda que a ESCÓCIA.

GÁRGULA — Orifício por onde corre a água de uma fonte. Nas construções, nome do cano situado na extremidade dos beirais ou cimalhas, que recolhe e escoa as águas pluviais acumuladas nas calhas, impedindo que escorram pelas paredes. Com a introdução dos condutores verticais embutidos nas paredes, ou dos ALGEROZES, as gárgulas foram abandonadas, pois solucionavam o problema do escoamento das águas pluviais dos telhados de modo precário: a água era despejada de grande altura sôbre as calçadas. Antigamente eram os gárgulas motivo de ornamentação de fechadas e recebiam tratamentos peculiares: geralmente representavam animais ou suas "carrancas". Em Iguape, é famoso o "sobrado do peixe", que possui em sua cimalha uma grande gárgula representando aquêle animal.

GARLOPA — Espécie de PLAINA de grande tamanho, com mais de meio metro de comprimento.

GARUVA — Árvore silvestre de madeira amarela, com certo uso na construção. Pêso específico: 0,771. Família das Rutáceas. Galipea sp.

GASTALHO — Espécie de GRAMPO, ordinàriamente de madeira, em que as peças a serem comprimidas são apertadas entre duas paredes ou dentes por meio de cunhas.

GATA — Nome da parede levantada com o fito de resguardar viveiros e pombais do vento frio que costuma soprar em determinada direção. Geralmente sua altura se eleva além da cobertura.

GATEAR — Juntar, reunir duas pedras, ou dois elementos da construção, por meio de GATOS.

GATEIRA — Buraco feito nas portas por onde os gatos domésticos podem entrar ou sair livremente. Em São Paulo, pelo menos, talvez por influência lusitana, há quem chame de gateira qualquer orifício feito na altura do chão, mesmo para escoamento de águas pluviais, principalmente nos muros de fecho, pois em Portugal o têrmo é sinônimo de BUEIRO. Nos telhados, nome das frestas providas de caixilhos de abrir para cima, que servem para iluminar e ventilar o desvão.

GATO — O mesmo que GANCHO. Nome que se dá às peças de ferro ou bronze com que se unem as pedras de uma construção. Quando há necessidade de se unir, ligar, solidarizar ou amarrar uma pedra a outra, conforme cada circunstância, assumem as mais variadas formas. Geralmente tomam a forma de um vergalhão, com as extremidades entortadas em ângulo reto, que recebem o nome de UNHAS. As unhas, que em geral possuem perfil irregular para facilitar a retensão, são embebidas em furos que depois recebem chumbo até os espaços livres serem preenchidos.

GAUDA — Planta da família das Resedáceas, Reseda luteola, L., cujas fôlhas, tratadas mela água fervente, fornecem decocção vermelha carregada, empregada em mercenaria como corante. Os álcalis solúveis fazem-na verde.

GAVETO — Nome dos degraus situados nas partes curvas das escadas que fazem deflexão. Os gavetos, na linha de piso, possuem profundidade igual às dos degraus normais perpendiculares ao banzo de lance reto. Arco de concordância entre duas paredes concorrentes.

GAZORA — No Auto de Arrematação da Cadeia de Vila Rica, 1723, vemos: ... "forradas de taboado alto a baixo pela parte de dentro, e por fora gazora e barriadas". Paulo T. Barreto, que transcreve essa frase no seu trabalho "Casas de Câmaras e Cadeia" acha que "gazora" é expressão que podemos tomar no sentido de rebocada". Assim, as paredes a que faz menção aquela sentença acima deveriam ser internamente forradas de madeira, talvez, e, externamente, barreadas e rebocadas. Ver o trabalho citado de Paulo Barreto, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, página 93.

GEARÇÃO — Ver ARCO.

GEGÉ — O mesmo que PRISÃO, CALABOUÇO, etc..

GEIO — O mesmo que BOTARÉU.

GEIRA — Antiga medida agrária de quatrocentas braças quadradas equivalente a 1.906 metros quadrados.

GEJUIRA — Madeira. O mesmo que GONÇALO ALVES ou ADERNO VERMELHO.

GELADIÇA — Nome que se dá à pedra com elevado poder de absorção e por isso rejeitada para construções em locais úmidos, e em Portugal, em paredes expostas à neve.

GELOSIA — Grade de fasquias de madeira cruzadas. O mesmo que RÓTULA, quando veda vão de janela.

GEMA DE ÔVO — Madeira. Ver GARAPA.

GEMINADO — O mesmo que duplicado e, também, o mesmo que ligado. Assim, diz-se da janela ou porta que possua duas fôlhas que se abrem para os lados. Diz-se de duas casas encostadas uma na outra, em geral com parede central de meiação. Geminar seria o ato de duplicar usando ligação.

GENIPAPO — Grafia errada de JENIPAPO. Ver no lugar correspondente notícia sôbre esta madeira de construção.

GEOMETRIA — Fundamento de tôdas as artes que prescindem do desenho, principalmente das que dizem respeito à construção, e portanto, à arquitetura. A geometria é a ciênque cogita das propriedades das linhas, superfícies e volumes, das extensões e dos espaços. Geometria analítica é aquela que mostra que tôdas as propriedades geométricas podem ser traduzidas por relações numéricas, estabelecendo identidade entre equações e aquelas ditas propriedades. Geometria descritiva é aquela que representa gràficamente as formas exteriores dos volumes e resolve questões de geometria no espaço por meio de projeções sôbre um plano.

GEQUITIBÁ — Grafia errônea de JEQUITIBÁ.

GERAL — Nos estúdios, cinemas ou teatros, nome da zona onde reúnem as localidades de mais baixo preço.

GERONTOCOMO — Asilo para velhos.

GESSADA — Nome que se dava à base de gêsso, bôlo armênio, óleo ou azeite, etc., sôbre a qual os douradores aplicavam a fôlha de ouro, nas ornamentações feitas com aquêle metal. Ver DOURAMENTO.

GESSAGEM — Ato de gessar.

GESSAL — Mina de gêsso, jazida de minérios de gêsso.

GESSEIRA — Terreno de onde de extrai o gêsso.

GESSEIRO — Operário que trabalha em gêsso: formador, moldador, estucador, etc.

GESSETE — Pedaço de gêsso com o qual se esboçam desenhos ornamentais.

GÊSSO — Sulfato de cálcio hidratado obtido a partir da calcinação das chamadas "pedras gipsosas" em fornos contínuos ou intermitentes. Depois da calcinação as pedras são trituradas e reduzidas a pó muito fino e macio, que adere à pele. Altera-se fàcilmente com a umidade do ar. Misturado em igual volume com água, forma uma pasta compacta de presa rápida fato que obriga seu imediato emprêgo. Sua prêsa acarreta aumento de volume e, também, da temperatura. Misturado com cola ou gelatina, sua prêsa é bem mais demorada, adquirindo porém, grande dureza e aptidão para receber folimento. O gêsso oxida fàcilmente o ferro em contato permanente consigo. A mais larga aplicação do gêsso é nos estuques lisos e em relêvo, na feitura de ornatos e na obtenção de formas. O gêsso altera-se fàcilmente ao ar livre, perdendo a dureza e a coesão. Daí sua impropriedade em aplicações exteriores. Gêsso-cré é aquêle usualmente empregado em obras e não é puro. o que na realidade constitui uma vantagem, dada a presença de carbonato de cálcio oriundo da greda branca (cré) que lhe aumenta a resistência e anula a ação do ácido sulfúrico que normalmente aparece atacando as armações de ferro porventura existentes, no interior das peças. Na realidade o gêsso puro é raramente usado dada a sua fragilidade. Daí o largo emprêgo do gêsso-cré que se assemelha ao "plâtre" francês composto de cálcio, carbonato de cálcio, sílica e argila. Gêssomate é o gêsso muito fino, algumas vêzes puro misturado com cola branda de pelica, usado principalmente em douraçõe.

GIBATÃO — Madeira. O mesmo que CHIBATÃO ou ADERNO.

GIBATÃO RAJADO — O mesmo que GONÇALO ALVES ou ADERNO VERMELHO.

GIGANTE — Maciço de alvenaria que reforça uma parede. O mesmo que BOTARÉU. Nos gradis de vedação, nome das escoras internas de sustentação.

GIGANTÉU — Nas muralhas das fortificações, o mesmo que GIGANTE ou BOTARÉU.

GINÁSIO — Primitivamente, nome do local abrigado onde era praticada a ginástica. Hoje em dia há a tendência que emprega o têrmo para designar a construção que abriga locais de jôgos como tênis, bola ao cêsto, etc. Ginásio seria, então, um pequeno estádio coberto. No Brasil e na Alemanha, nome do estabelecimento de ensino secundário.

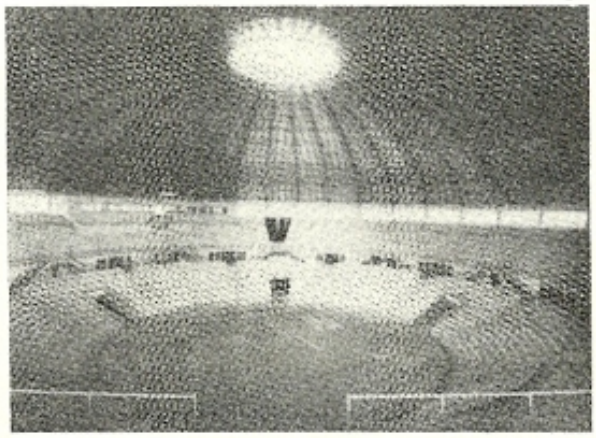
GINECEU — Na antiguidade grega, local da habitação destinado à permanência das mulheres. Com o tempo, o têrmo passou a designar locais de permanência ou trabalho femininos. Assim, a palavra designou o local onde mulheres teciam lã ou seda para os senhores da Idade Média. Modernamente seu emprêgo tem uso restrito, mas sempre com aquêle sentido grego.

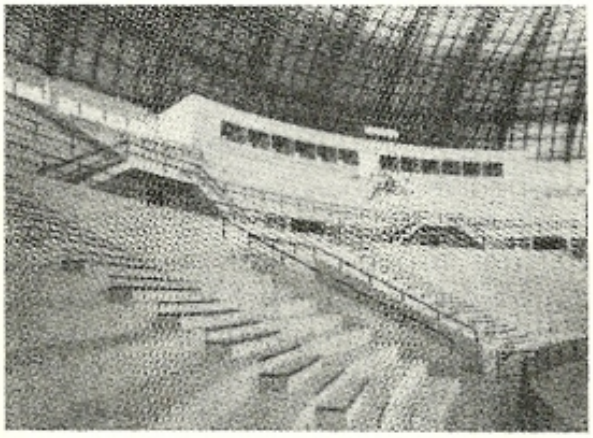
GINDIRA — Madeira. O mesmo que SAPOPEMA.

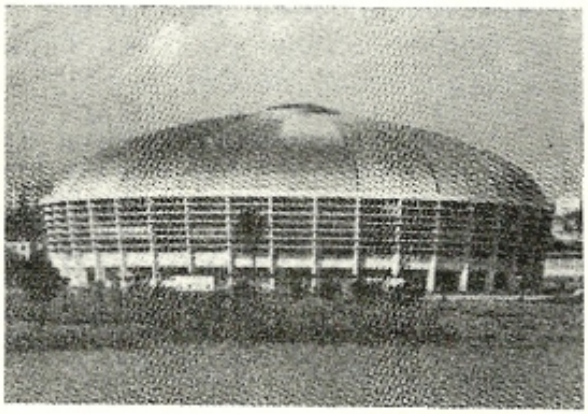
GIPI — Grafia errônea de JIPI, árvore que fornece madeira boa para marcenaria. Ver, por exemplo, JIPI BRANCO.

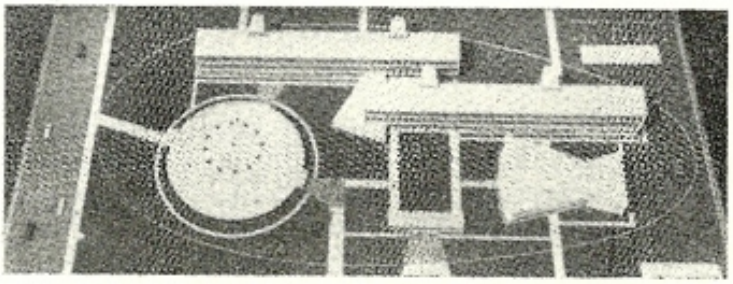
GIPSO — O mesmo que GÊSSO. Também conhecido por "gêsso de Paris", é obtido através da trituração do cristal de sulfato de cálcio hidratado chamado gipsito.

GIRÃO — Armação de madeira sob a qual é pôsto fogo para secar ou defumar carne verde. Em Portugal, o mesmo que RIPA ou SARRAFO.









Vistas interna e externa do ginásio de esportes coberto do Parque Ibirapuera, São Paulo, projeto do arquiteto Ícaro de Castro Melo e vista da maquete do projeto (já executado) do Ginásio e Colégio do Estado, na capital de São Paulo. Projeto dos arquitetos Rubens C. M. Cardieri e Rubens F Azevedo.

GIRAU — Forma inexata de JIRAU.

GIRO — Ferragem que, nas portas de armários ou móveis quaisquer, substitui a DOBRADIÇA ou o GONZO, sendo composta de dois pares de lâminas metálicas estreitas e curtas. Cada duas lâminas, em suas extremidades, possuem eixos cravados em tôrno dos quais gira a fôlha. Êste tipo de ferragem é colocado nos topos das fôlhas das portas e, ao mesmo tempo, nos elementos horizontais do ARO.

GIROETA — O mesmo que CATAVENTO.

GITAÍ — Madeira. Ver JATOBÁ.

GLIFO — Nome genérico que tomam as cavidades existentes nos ornatos arquitetônicos.

GLIPTOTECA — Dependência de um museu onde são guardadas as coleções de pedras gravadas, com esculturas em alto ou baixo relêvo.

GLOBO — Envoltório transparente ou translúcido em tôrno de uma lâmpada destinado a protegê-la e modificar a distribuição da luz por ela produzida e às vêzes a sua côr.

GNEIS — Rocha composta de mica e feldspato. É semelhante ao granito, diferindo, porém, na textura.

GNÔMONE — Nome do ponteiro do relógio de sol.

GODÉ — Tijelinha, recipiente pouco fundo, onde se desfazem as tintas usadas na aquarela ou nas aguadas, bem como a tinta nanquim.

GOERANA — Madeira, também conhecida por COERANA, CAIXETA, CORANA, GUAPEVÃO e PAU MARFIM DA SERRA. Sideroxyeon subgênero Mastichadendron. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,70. Limite de resistência na compressão axial (15% de umidade) igual a 425 kg/cm2. Limite de resistência na flexão estática (15% de umidade) igual a 982 kg/cm2.

GOIABEIRA DO MATO — Uma das 64 espécies de goiabeiras conhecidas, é uma das que pode fornecer alguma madeira utilizável em carpintaria. Fornece esteios e vigas que resistem bem ao ar livre. Madeira boa para serviços de tôrno. Os seus nós são vulneráveis. Não é considerada madeira de lei. Árvore de regular desenvolvimento pertence à família das Mirtáceas. Myrtus Sylvestris, Kell. Também conhecida por GOIABINHA.

GOIABINHA — Ver GOIABEIRA DO MATO.

GOIANÁ — Madeira, também conhecida por EMBIRA DE SAPO. Lauchocarpus subglancenscens, Mart. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,74. Limite de resistência na compressão axial (15% da umidade) igual a 535 kg/cm2. Limite de resistência na flexão estática (15% de umidade) igual a 137 kg/cm2.

GOIVA — Ferramenta de carpinteiro, semelhante a um formão, que deixa sulco em forma de meia cana côncava.

GOIVETE — Espécie de plaina com dois ferros.

GOIVO — Ver GOIVA.

GOLA — Nas umbreiras de pedra, nome da face que olha para o interior do cômodo, sôbre a qual é assentado o aro de madeira da porta. Nos TABIQUES, nome dos prumos ou pés direitos que delimitam vãos de acesso ou portas. Nome de moldura sinuosa cuja secção é composta de dois arcos de círculo, de modo que a convexidade de um opõe-se à concavidade do outro. Gola direita é aquela em que a curva superior é convexa. Gola reversa é aquela cuja curva superior é côncava, recebendo o nome de TALÃO.

GOLPIARA — Transcrevendo papéis referentes à casa de câmara de cadeia de Ouro Prêto, Francisco Antônio Lopes em "Os Palácios de Vila Rica" apresenta o seguinte trecho de uma "condição" de 1832: "O Arrematante se obriga a fazer todo o madeiramento do telhado do lado de Antonio Dias que se acha concluido de pedra com uma so comieira assentada em tizouras fortes e bem seguras, ficando o mesmo telhado de quatro agoas e que chamão vulgarm.nte golpiaras, dezaguando de todos os lados nos Canaes q. se achão abertos nas paredes de toda a circunferencia"... etc.

GOMA — Nome genérico que se dá às resinas extraídas de certas árvores, com as quais se preparam vernizes e pastas empregados no acabamento final de madeiras aparelhadas. Assim, temos a gomalaca ou LACA; a goma-almécega, ou ALMÉCEGA ou ELEMI; a goma-copal, ou COPAL, a goma-grita, etc.

GOMAVEL — O mesmo que GONÇALO ALVES ou ADERNO VERMELHO.

GONÇALEIRO — Madeira. O mesmo que GONÇALO ALVES ou ADERNO VERMELHO.

GONÇALO ALVES — Madeira de Lei. Ver ADERNO VERMELHO.

GONGÁ — Entre nós o mesmo que santuário ou templo. Também, terreiro.

GONZO — Genèricamente dá-se o nome de gonzo a todo dispositivo rudimentar que permita a rotação de uma fôlha de porta, ou janela, em tôrno de um eixo. Em resumo, o gonzo é composto de um pino, de um espigão chamado macho, que penetra e gira dentro de uma cavidade cilíndrica chamada cachimbo ou fêmea. Em alguns casos, o pino, ou macho, é solidário à fôlha móvel e penetra, para girar, no olhal do cachimbo situado no marco. O cachimbo é fixo e o pino é móvel. É o que acontece com os chamadas ferragens de leme. Primitivamente entre nós, antes do emprêgo das dobradiças comuns, dado o alto preço das ferragens, as portas e janelas possuíam gonzos de madeira, cujos pinos ou machos constituíam um prolongamento natural de uma das faces laterais das fôlhas e penetravam em cavidades abertas nas soleiras e nas padieiras Em outras ocasiões, o pino é que é cravado no marco e, neste caso, a fôlha da porta é que possui o olhal, que será giratório.

GORJETA — Escopro delgado usado para lavrar o mármore. Nome de pequena alavanca destinada a deslocar ou acertar a posição das pedras de alvenaria, quando já colocadas sôbre o muro, em local próximo à sua disposição definitiva.

GOROÇAÍ — Madeira. Ver GROÇAÍ.

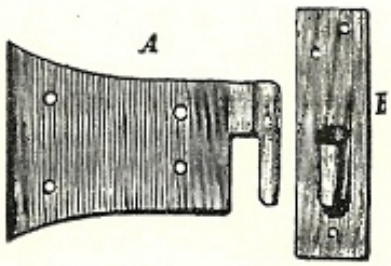
GORORÓBA — Madeira. Ver ARARIBÁ-ROSA.

GORUCAIA — O mesmo que GUARUCAIA

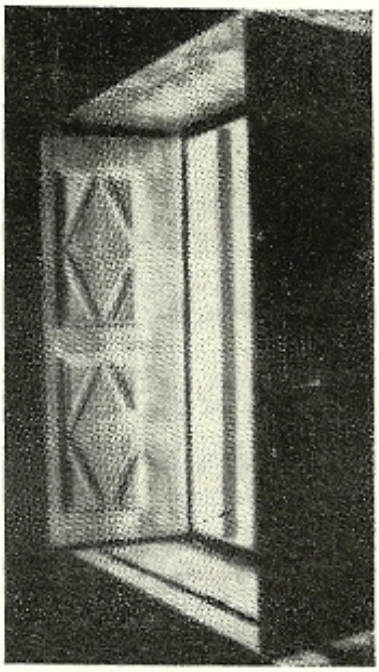
GOTA — O mesmo que CAMPAINHA.

GOTEIRA — O mesmo que GÁRGULA. Nome que recebe a concavidade de nossas telhas tradicionais. Assim, nos beirais, as águas pluviais escorrem pelas "goteiras" isto é, telhas cujas concavidades estão voltadas para cima. Nome tradicional das fendas ou falhas dos telhados que permitem a entrada das águas pluviais no interior das habitações.

GÓTICO — Denominação vulgar do estilo ogival, que na realidade, desde o início de sua



Gonzo de espigão e cachimbo



Na fotografia, vista de um das janelas de gonzos de madeira (prolongamento das fôlhas) pertencente à casa do Padre Inácio.

aplicação, quer referir-se a obras ou estilos pobres, primitivos ou próprios dos bárbaros. Êsse sentido pejorativo do têrmo pràticamente veio até nossos dias e teve largo emprêgo entre nós, quando se queria qualificar obra de mau gôsto ou de pobre feitura. Assim, vemos o vereador Joaquim José da Silva, de Mariana, escrever em 1790, a respeito do "gôsto gótico de alguns retábulos", logo substituído pelo "melhor gôsto francês" do qual o maior expoente era o Aleijadinho. Ver "Traços biográfico relativos ao finado Antonio Francisco Lisboa" por Rodrigo José Ferreira Bretas.

GRACAÍ — Madeira. Ver BRACUÍ.

GRAÇAÍ — Madeira, o mesmo que GROÇAÍ.

GRADARIA — Série de grades ou de tabiques. Conjunto de estacas ou paus cravados em terrenos úmidos e compresíveis para suportar construções.

GRADE — Nome genérico que se dá a tôda armação de peças de madeira, ferro, etc., entrelaçadas, cruzadas ou paralelas, que tem por função vedar o acesso ou passagem através de um vão aberto, não impedindo, no entanto, a visibilidade, a ventilação, a iluminação, etc. As grades podem ser fixas, móveis ou removíveis, constituindo antes de tudo, elementos de proteção. Nome de qualquer armação formando quadro, onde pode ser fixada uma almofada, uma tela esticada ou uma fôlha de porta ou janela. O mesmo que RÓTULA. Molde de ferro ou madeira onde são modeladas normalmente as telhas chamadas "de canal". Cadeia ou prisão.

GRADEADO — Provido de grade. Tapume em forma de grade.

GRADEAMENTO — Série de grades. Conjunto das grades de um edifício, de uma casa, de um local.

GRADEAR — Fechar ou proteger com grades. Prover de grades. Ornar com grades.

GRADEJAR — Ornar de GRADES.

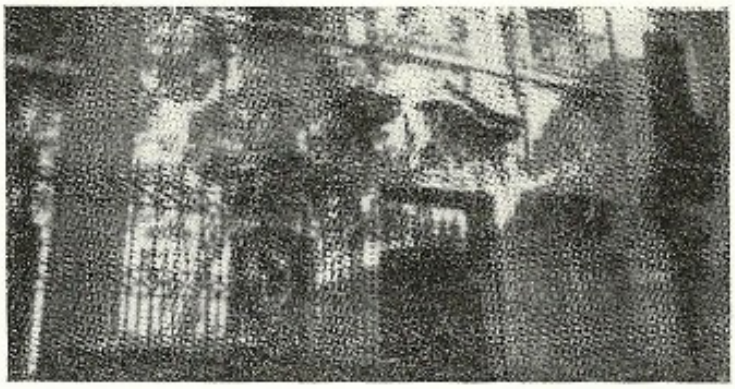
GRADÍCULA — Ver GRATICULAÇÃO.

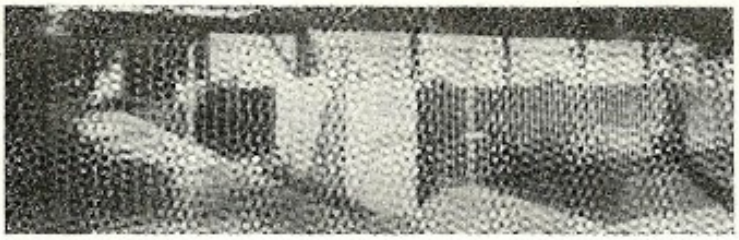
GRADIL — Grade que circunda um jardim, uma praça ou um recinto qualquer. Antigamente entre nós foi comum o emprêgo de gradis de ferro fundido, ou forjado, circundando os jardins ou parques públicos. Hoje em dia o têrmo é empregado quase que exclusivamente para designar a cercadura ou fecho dos jardins particulares fronteiros aos edifícios de morada. Diz-se gradil de alvenaria, de elementos vazados, de tábuas, etc.

GRADINATA — Nome que recebem as balaustradas das escadas ou das varandas.

GRÁFICO DE CIRCULAÇÃO — Esquema gráfico no qual constam de forma clara e evidente, tôdas as possibilidades de movimentação do ser humano no interior da habitação, segundo o critério de zoneamento. Pelo gráfico de circulação toma-se conhecimento dos aspectos funcionais de um projeto. Às vêzes, é êle confundido com o "esquema funcional", mas só tem referência com movimentos e não com funções.

GRAFITE — Carbono natural, quase puro, de aspecto metálico. Diluído em óleo, é usado em pinturas, principalmente de peças de ferro.





No primeiro plano da foto acima, gradil que veda o adro da Igreja Venerável Ordem Terceira de São Francisco (Primitiva Capela dos Noviços) em Recife, Pernambuco. A seguir, dois outros exemplos de gradis. O primeiro, em residência, de autoria do arquiteto Oswaldo A. Bratke; o segundo em residência, de autoria do arquiteto Ferraz de Andrade.

Em marcenaria, no tratamento final de madeiras, é usada como corante.

GRAFITO — Designação do que se encontra escrito ou gravado em paredes das cidades ou monumento de época antiga.

GRAMAMUNHA — Madeira. Ver PASSARIÚVA.

GRAMINHO — Instrumento usado pelos carpinteiros, marceneiros, torneiros, etc. para traçar riscos paralelos à borda das tábuas.

GRAMPO — O mesmo que GATO. Prensa ou instrumento que sirva par apertar ou comprimir peças, principalmente de marcenaria.

GRANALITA — Forma menos usada de GRANILITE. Marmorite.

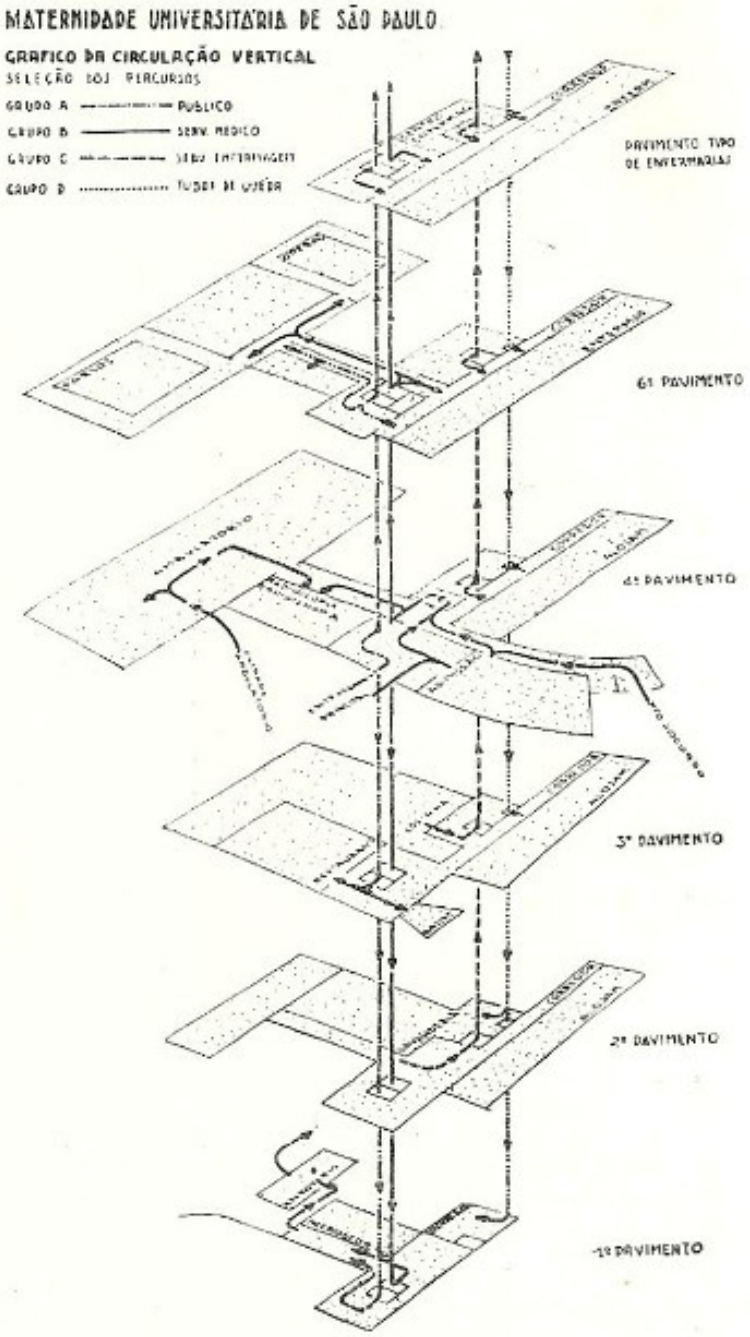


Gráfico de circulação em projeto dos arquitetos Rino Levi e Roberto Cerqueira César.

GRANILITE — Revestimento em lençol contínuo de paredes ou pisos, executado no local, composto de argamassa de cimento geralmente branco, (ou misturado) e pó ou fragmentos de mármore. Exige, cada 1,20m2, aproximadamente, juntas de dilatação, se fôr executado em pisos. Tais juntas em geral são metálicas, principalmente de latão. No Rio e outros lugares, MARMORITE.

GRANITAR — Lançar com uma brocha argamassa diluída sôbre uma superfície. Chapiscar. Ver BOIACA.

GRANÍTICO — Da natureza do granito. Formado ou realizado de granito.

GRANÍTITO — Variedade de granito em que é presente a mica negra.

GRANITO — Rocha ígnea cristalina formada de feldspato, quartzo e mica em cristais agregados. Muito usado em revestimentos de pisos, paredes ou colunas, ainda em soleiras, peitoris, bancos de jardim e túmulos. O mais usado, principalmente para calçamento de ruas, é o de côr cinza clara, existindo, porém, granitos de outras côres com largo emprêgo na decoração arquitetônica, como o prêto, o vermelho, o verde e o amarelo, também chamado granito "ouro velho".

GRANITOIDE — Semelhante ao GRANITO.

GRANITOSO — Ver GRANÍTICO.

GRANJA — Denominação dada a todo sítio, no qual exista uma cultura lucrativa. Também é aplicado à construção em que se recolhem os frutos de uma herdade. Ainda, com menos freqüência, é usado êste têrmo em lugar de ABEGOARIA. Estabelecimento agrícola onde são criadas, em grande escala, galinhas para abate e para produção de ovos.

GRANJARIA — Reunião de granjas.

GRANZA — Ver GARANÇA.

GRANZÉPIO — Forma errônea de GANZEPE, empregada por César de Rainville no seu "O Vinhola Brasileiro".

GRÃO — Unidade de pêso do sistema inglês correspondente a 0,0648 gramas. Sete mil grãos formam a libra "avap" e 5.760 grãos formam a libra "troy". Antigamente, em Portugal, equivalia a quase um milésimo do arrátel ou 0,05 gramas.

GRÃO DE BODE — Nome de certas árvores da família das Leguminosas cesalpináceas que fornecem madeira boa para construção, carpintaria e marcenaria. Swartzia flemmingii, Raddi; Swartzia multijuga, Vog.

GRAPIÁ — Madeira. Ver GARAPA.

GRAPIAPUNHA — Madeira. Ver GARAPA.

GRATAÚBA — Madeira. Ver TARUMÃ.

GRAU — Divisão de escala. Unidade de medida de ângulo, equivalente a um ângulo central cujo arco é 1/360 da circunferência.

GRAÚNA — O mesmo que BARAÚNA.

GRAVATÁ — Nome por que são conhecidas numerosas plantas da família das Bromeliáceas, muitas das quais são empregadas para revestir ou cobrir habitações rústicas, principalmente mocambos do Nordeste brasileiro.

GRAVITAL — Instrumento de marceneiro, semelhante à plaina, com que são feitos sulcos, ou fêmeas, de secção triangular.

GRAVELHO — O mesmo que cravelho, isto é, peça de madeira que serve para trancar uma porta, portão ou porteira. Tranca.

GRAVOTEAR — Marcar com um compasso o caminho que há de percorrer o serrote ou serra do carpinteiro.

GREDA — Carbonato de cálcio amorfo, muito friável, que, quando em relativo estado de pureza, é branco e, por isso, também chamado greda branca ou CRÊ. Ver GÊSSO. Normalmente a greda apresenta côr amarela esverdeada e consistência macia e pastosa. É usada para tirar nódoas de gordura e manchas ocasionais na madeira.

GREGA — Nome genérico dos ornatos ou cercaduras compostas de linhas retas entrelaçadas.

GREJA — Têrmo antigo sinônimo de IGREJA.

GREJÓ — Igreja pequena.

GRÊS — Rocha granulosa composta de pequenos fragmentos ou grãos de areia siliciosa ou de quartzo unidos por cimento argiloso ou calcáreo. Sua dureza varia desde a grande resistência ao risco e ao choque até às pedras que se esboroam com a pressão dos dedos. O grés calcáreo pode ser usado sòmente nas construções que não estejam em contato com a água. O grés argiloso também tem grau higroscópico não desprezível, o que, no entanto, não impede que algumas vêzes seja empregado em obras dentro dágua. É material refratário e pode ser usado no fabrico de louças.

GRÊTA — O mesmo que abertura, fenda, racha ou fisga.

GRICHO — Nome da bica do CHAFARIZ.

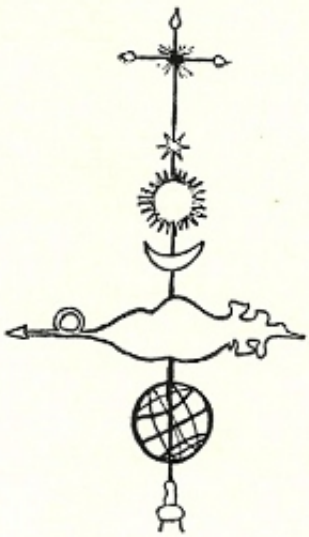
GRIFO — Ornato que representa espécie fabulosa de abutre, com cabeça de águia e corpo de leão, algumas vêzes com asas membranosas. Simboliza, no bom sentido, o Salvador; e no mau, os hipócritas e o demônio.

GRIJÓ — Pequena igreja ou capela exigua.

GRILANDO — Alguns autores dão o têrmo como sinônimo de ENTABLAMENTO. Outros, porém, fazem-no como igual à CIMALHA, mas na forma feminina: grilanda, que seria corruptela de GUIRLANDA.

GRILHAGEM — Chapa recortada, geralmente de zinco, mostrando desenhos simétricos, à semelhança dos lambrequins de madeira, destinada a ornamentar espigões e pontos altos de telhados. Grega.

GRILHÃO — Corrente grossa, de ferro ou bronze, usada para vedar jardins ou passagens ao tráfego de veículos.



Grimpa ou catavento representando um galo sob a cruz pertencente à tôrre da Igreja de N. S. da Glória, Rio de Janeiro. O desenho de Sílvio de Vasconcellos (in Suplemento Literário do "O Estado de São Paulo" — 21/9/1957) mostra o contôrno da grimpa da tôrre da Matriz de Sabará, Minas Gerais.

GRIMPA — A parte mais alta de um objeto, de uma árvore ou de um edifício. Cume. Crista. Agulha. Nas tôrres das igrejas. em geral, as grimpas são metálicas assumindo a forma de cruzes ou de outros atributos religiosos. São famosas as grimpas simbólicas de algumas igrejas barrocas de Minas (ver ilustrações). O mesmo que CATAVENTO.

GRINALDA — Ornato usado na decoração dos edifícios compostos de flôres, folhagens e frutos entrelaçados com fitas. Coroa ou festão de flôres naturais ou artificiais, nas decorações interiores. Há quem diferencie o FESTÃO da grinalda dizendo que esta pode apresentar sòmente flôres e folhagens enquanto o primeiro necessàriamente deve ostentar frutos.

GRINCHUDA — Na gíria, o mesmo que lâmpada.

GRISALHO — Cinzento, pardo. Dá-se êste qualificado à pintura monocroma, principalmente àquela feita com nanquim diluído, à AGUADA. Nome que se deu ao vitral em que predominava a côr amarelada ou parda. Existe a forma GRIS.

GRITO DO ESTANHO — Nome do estálido que dá uma barra de estanho quando ràpidamente dobrada.

GROÇAÍ — Madeira parda amarelada com veios mais escuros usada em construções civis e navais, da qual existem duas qualidades, o groçaí pardo e o groçaí azeite. Em geral ambas são chamadas indistintamente de groçaí, de GURAÇAÍ, GUARAÇAÍ, GOROÇAÍ, ou GUÇAÍ. O tronco da árvore chega a ter 0,80 m. de diâmetro e sua altura pode atingir 15 m. É encontrável do vale inferior do São Francisco para o sul, até São Paulo. Pêso específico igual a 0,953. Resistência ao esmagamento carga perpendicular às fibras 273 kg/cm2; carga paralela, 582 kg/cm2. Graçaí azeite: Moldenhanera floribunda, Schrad. Graçaí pardo: Moldenhanera cupera, Pohl. Família das Leguminosas cesalpináceas.

GROSSAÍ — Grafia errônea de GROÇAÍ.

GROTA — Terreno em plano inclinado, na intersecção de montanhas. Vale profundo.

GROTÃO — Grota muito grande.

GROTESCO — Grafia errônea de GRUTESCO.

GRUMIXABA — Madeira de construção, também conhecida por GRUMIXAVA, GUARAJÁ, GUMBIXAVA, GUMIXAVA, GUMIXABA BRANCA e GRUMIXABA-VERMELHA. Micropholis gardneriamum, A, DC. Pêso específico igual a 0,66 (15% de umidade). Limite de resistência na compressão axial igual a 49 kg/cm.2 (15% de umidade). Limite de resistência na flexão estática igual a 996 kg/cm2.

GRUMIXAVA — Madeira. Ver GRUMIXABA.

GRUPEMA — O mesmo que URUPEMA.

GRUPO ESCOLAR — Denominação comum dada à escola primária, sob várias formas. O grupo escolar é a escola que mantém geralmente o curso primário completo, desde o jardim da infância, além das funções complementares. Ver ESCOLA.

GRUPO RESIDENCIAL — Agrupamento de residências comumente construído por uma entidade, oficial ou particular.

Grupo residencial realizado em São Paulo pelos arquitetos Plínio Croce e Roberto Aflalo.

GRUTA — Caverna natural ou artificial. Antro. Subterrâneo.

GRUTESCO — O mesmo que BRUTESCO. Nome dos ornatos que apresentam elementos imaginários e caprichosos misturados a pequenas figuras humanas e de animais. O nome provém do fato de terem sido achados os primeiros exemplos dessa decoração nas grutas das ruínas do palácio de Tito, em Roma.

GUABIROBA — Madeira rija usada em construções. Abbecilha maschalanthe, Berg. Mirtácea. A árvore dá toros com 0,20 a 0,30 m de diâmetro e com 10,00 a 12,00 m de comprimento. Pêso específico igual a 0,747. Resistência ao esmagamento igual a 611 kg/cm2.

GUARUBÚ — Árvore silvestre que dá boa madeira para obras.

GUACÁ — Chrysophyllum ramiflorum. Família das Sapotáceas. Madeira empregada em vigamentos de construções civis. Conhecida, também, por Uaçá e Ubaí Pêso específico médio: 0,908.

GUACAPI — Nome de cada um dos paus que sustentam o JIRAU.

GUAÇATONGA — Madeira, também conhecida por ARAÇATUNGA, GUAÇATUNGA, ESTRALADOR, GUAÇUTUNGA, QUACITUNGA, e VACITONGA. Casearia inoequilátera, Camb. Família das Flacuritiáceas. Pêso específico igual a 0,87. Limite de resistência na compressão axial igual a 640 kg/cm2 (15% de umidade). Limite de resistência na fleqão estática igual a 1.384 kg/cm2 (15% de umidade).

GUACHE — Nome genérico que se dava às tintas (e à pintura) em que os pigmentos coloridos vinham em veículos solúveis na água. Assim, a denominação de "guache" poderia englobar as pinturas a têmpera, a goma e a cola. Hoje em dia, no entanto, dá-se o nome de guacho, ou guache, à tinta opaca solúvel na água, em que os pigmentos corantes estão adicionados a certas gomas e a outros meios orgânicos, como o mel e algumas especiarias.

GUAÇATUNGA — Madeira. Ver GUAÇATONGA.

GUACHO — Ver GUACHE.

GUAIARUVA — Madeira. Ver GUARAIÚVA.

GUAIQUILITA — Resina fóssil, oxicarboneto natural de hidrogênio, usada como matéria prima na obtenção de vernizes para marcenaria.

GUAITI — Madeira. O mesmo que ARAÇASEIRO. Ver OITI.

GUAIUVIRA — Madeira de lei para construções civis. Também conhecida por GUATUVIRA, IPÊ BRANCO, GUAJUVIRA, GUAJIBIRA, GUARAPU, Patagonula americana, L. Família das Borragináceas. Pêso específico médio 0,752. Limite de resistência

à compressão axial (15% de umidade) igual a 549 kg/cm2. Limite de resistência na flexão estática (15% de umidade) igual a 1.360 kg/cm2.

GUAJIBIRA — Madeira. Ver GUAIUVIRA.

GUAJUVIRA — Madeira. Ver GUAIUVIRA.

GUALDRA — Puxador de gaveta em forma de argola.

GUAMIRIM — Diallim ferrum. Família das leguminosas. Madeira de lei de cerne muito duro. Pêso específico 0,752. Nome também de PAU RIPA.

GUANAMBI DE LEITE — Madeira. Ver GUANANDI.

GUANANDI — Nome de "uma árvore comprida, e não muito grossa, cuja madeira é amarelaça, que serve para obra de casas em parte aonde lhe não toque a água", no dizer de Gabriel Soares de Souza, na sua "Notícia do Brasil". Desde o nosso primeiro século aquela madeira de lei é muito estimada para obras de carpintaria e marcenaria, e também, obras navais. A árvore chega a atingir 28 metros de altura e seu tronco até 3,00 m de diâmetro é encontrável em todo o Brasil. A côr da madeira é uniformemente avermelhada, com fibras finas e diretas. Talhe duro. Dela há diversas variedades: guanandi cedro, guanandi carvalho, guanandi piolho, guanandi vermelho e guanandi amarelo. Calophyllum brasiliense, Cam. Família das Gutiferáceas. As variedades citadas são, também, indistintamente chamadas de INGLÊS, JACAREÚBA, LANDIM, OLANDIM, CARVALHO, GUANAMBI DE LEITE, LATIM, JAGUANDI, CEDRO DO PÂNTANO, MANGUE SÊCO, PAU DE MARIA, etc. A árvore produz resina medicinal. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,65. Limite de resistência na compressão axial: 415 kg/cm2 (15% de umidade). Limite de resistência na flexão estática: 846 kg/cm2 (11% de umidade).

GUAPERÉ — Madeira, também conhecida por CANGALHEIRO. Belangera glabra, Camb. Pêso específico igual a 0,58.

GUAPERUVA — Madeira. Ver GUARAPUVU.

GUAPERUVU — Madeira. Ver GUARAPUVU.

GUAPEVA — Madeira de côr amarela escura, de fibras arrevesadas, de talhe duro e de difícil desdobramento. Muito usada em esteios. Lucuma laurifolia, D.C. Família das Sapotáceas. Encontrável no vale do Moji-Guaçu e na zona da Sorocabana. Não é madeira de lei. Pêso específico médio igual a 0,878. Limite de resistência na compressão axial igual a 577 kg/cm2. Limite de resistência na flexão estática igual a 1.272 kg/cm2.

GUAPEVÃO — Madeira. Ver GOERANA.

GUAPIRUVA — Madeira. O mesmo que PAU POMBO ou TAPIRIRA.

GUAPURUVU — Madeira. Ver GUARAPUVU.

GUAPUTINI — Madeira empregável em construções, não identificada e citada por Del Vecchio na sua obra sôbre materiais de construção. Pêso específico igual a 1.084 — Resistência ao esmagamento igual a 950 kg/cm2. Nativa no Paraná.

GUARABU — Nome comum a certas variedades do gênero Peltogyne, como por exemplo, guarabu amarelo, ou Peltogyne confertiflora, Benth., também conhecido por QUARIBU, ou ROXINHO DO PARÁ; guarabu branco, guarabu prêto; guarabu vermelho, etc. Tôdas essas variedades são chamadas, também, indistintamente de PAU ROXO, AMARANTE, BARABU, ROXINHO, JITAÍ, JUTARIANA e de ÓLEO DE JATAÍ. Família das Leguminosas cesalpináceas. As árvores dão toros de 8,00 e 10,00 m de comprimento, com 0,60 a 0,80 m de diâmetro. A madeira é de côr roxa clara, ou rosa escura, uniforme. Fibras finas e direitas. Talhe duro. Com aplicação nas construções civis e navais, e ainda nas peças de resistência, como por exemplo, raios, nós e eixos de rodas. A madeira resiste bem à umidade, daí o seu emprêgo em obras externas. Como dormentes, dura dez anos. A madeira produz tinta vermelha para tecidos. Comum no litoral do Brasil. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 858 kg/cm2. Limite de resistência a flexão estática igual a 1.497 kg/cm2.

GUARABU RAJADO — Madeira. O mesmo que GONÇALO ALVES.

GUARAÇAÍ — Madeira. Ver GROÇAÍ.

GUARACICA — Lucuma, sp. Família das Sapotáceas. Árvore silvestre que dá madeira

branca, com manchas vermelhas, utilizável em obras internas e marcenaria.

GUARACUÍ — Madeira. Ver BRACUÍ.

GUARIUVA — Madeira. Securinejo guarayuva, Kuhlm. Pêso específico (15% de umidade) igual a 0,90, limite de resistência à compressão axial igual a 547 kg/cm2. Limite de resistência na flexão estática igual a 1.461 kg/cm2. O mesmo que GUARAJUBA.

GUARAJÁ — Madeira. Ver GRUMIXABA.

GUARAJUBA — Madeira de construção civil e naval. Muito empregada para execução de rêgo ou calhas de engenhos. Terminalia acuminata, Fr. Allem. Família das Cambretáceas. Pêso específico 0,789 a 0,963. Conhecida também, por Guaraiúva. Ver AMARILHO.

GUARANHAÉM — Madeira. Ver BURANHÉM.

GUARANTÃ — Madeira, de grande resistência, empregada em dormentes, esteios e estivas, resistindo muito bem à umidade. Toros de 4,00 a 6,00 m de comprimento com diâmetros variando de 0,40 a 0,60 m. Madeira uniformemente amarela, com reflexos dourados e de fibras grossas. Talhe duro. O tronco possui grande camada de alburno. Árvore de fôlhas grandes e redondas, comum no Estado de São Paulo. Também conhecida por PAU DURO. Esenbeckia Ciocarpa, Engl. Família das Rutáceas. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,96. Limite de resistência a compressão axial (15% de umidade) igual a 796 kg/cm2 limite de resistência na flexão estática (15% de umidade) igual a 1.693 kg/cm2. O nome GUARANTÃ também é dado à árvore da família das Leguminosas cesalpináceas a Coesalpinea férrea, Mart., conhecida por PAU FERRO ou GURATÃ.

GUARAROBA — Madeira. Ver ARARIBÁ.

GUARAPARI — Madeira. Ver MAÇARANDUBA SÊCA.

GUARAPUVIRA — Madeira. Ver GUAIUVIRA.

GUARAPUVU — Árvore de belo porte e grande desenvolvimento que fornece madeira quebradiça usada sòmente em taboados para forros e caixotaria. Pêso específico igual a 0,303. Tal característica aliada à retidão do tronco, que chega a dar toros de 10.00 e 12,00 m. de comprimento e 0,60 e 1,00 m. de diâmetro, fazem-na muito procurada para confecção de canoas "de um pau só". Também conhecida por FICHEIRA, FAVA DIVINA, BACURUVU, GUAPERUVU ou GUAPERUVA. Schizolobium excelsum, Vog. Família das Leguminosas.

GUARAPEIRA — O mesmo que CHOUPANA.

GUARAPERÉ — Nome de duas árvores da família das Cunoniáceas (Belangera cuneata, Camb. e Belengera speciosa, Camb.) que fornecem madeira boa para marcenaria.

GUARAPICICA — Árvore silvestre que fornece madeira, de veios escuros, boa para marcenaria.

GUARAÚNA — Madeira. Ver BARAÚNA.

GUARDA — Nome da grade ou balaustrada que resguarda a extremidade dos balcões, janelas, sacadas e portas e dos degraus das escadas, pelo lado da bomba. Neste último caso, é encimado por um corremão.

GUARDA-CADEIRA — Filete ou faixa de madeira engastada na parede de modo a proteger a pintura e o revestimento, o estuque ou papel decorativo na altura dos encostos das cadeiras.

GUARDA-CHAPIM — Base, soco ou fiada de tijolo em que se assenta uma grade ou uma balaustrada. Nas escadas, partes dos BANZOS, ou PERNAS que sobram acima dos pisos dos degraus, como se fôssem rodapés inclinados.

GUARDA-CORPO — O mesmo que GUARDA.

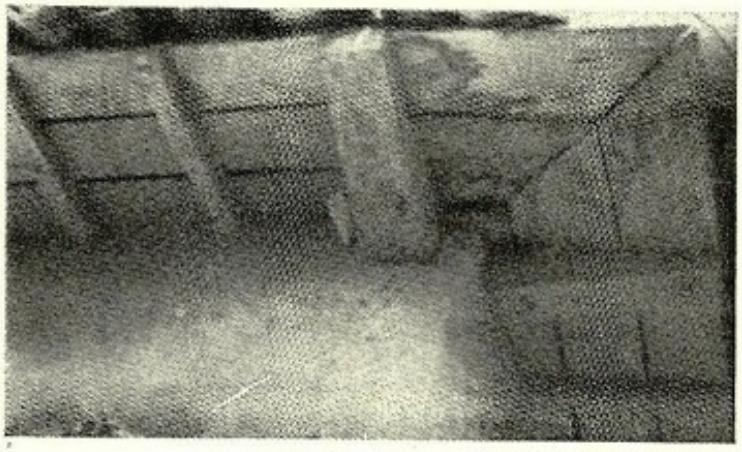
GUARDEIRO — Casa ou pôsto de guarda.

GUARDA-FOGO — Nos prédios contíguos, nome da parte da parede de meiação que sobe acima das calhas, ou rufos, atingindo até a altura da cumieira, que serve para impedir a comunicação ou propagação de incêndios. O mesmo que CORTA-FOGO.

GUARDA-LAMA — Revestimento, geralmente de pedra, com que se cobre a parte inferior das paredes externas. O mesmo que FÔRRO ou SOCO.

GUARDA-PENSO — Nas manjedouras, nome da tábua da frente, que se encaixa na tábua horizontal dos fundos.

GUARDA-PÓ — Fôrro de tábuas que reveste o vigamento superior dos telhados. Em geral, é usado sòmente na parte aparente dos beirais



de cachorrada. Nas clarabóias, nome de caixilho fixo situado na parte inferior próxima ao telhado.

GUARDA-POSTA — O mesmo que REPOSTEIRO.

GUARDA-RODA — O mesmo que RODAPÉ ou que GUARDA-CADEIRA.

GUARDA-SAIA — Nos balcões ou janelas de sacada, rodapé onde são fixados os peitoris vazados.

GUARDA-VASSOURAS — O mesmo que RODAPÉ.

GUARDA-VENTO — Anteparo. O mesmo que ADUFA.

GUARDA-VOZ — Nos púlpitos, nome da cúpula ou abóbada em forma de DOSSEL que serve para abaixar o som da voz do pregador. O mesmo que ABAIXA-VOZ.

GUARETÃ — Madeira. Ver GARAPA.

GUARIBU — Nome dado ao GONÇALO ALVES, madeira de lei.

GUARICANGA — Nome que também recebe a palhoça feita com fôlhas da palmeira guaricanga (Geometria spixiana, Mart.)

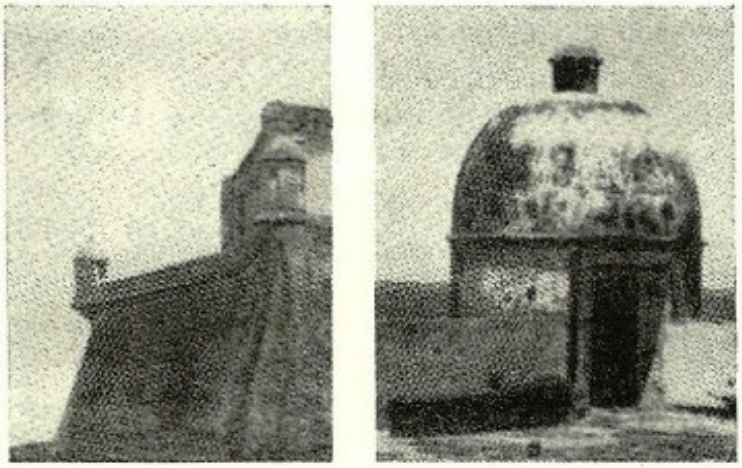
GUARIJUBA — Madeira. Ver AMARILHO e também GUARAJUBA.

GUARITÁ — Ver ADERNO VERMELHO.

GUARITA — Pequeno abrigo para sentinelas nos ângulos salientes dos baluartes das fortificações. Cabina a margem das estradas de ferro, ou de rodagem, onde permanecem os vigias ou sinaleiros. Taberna.

GUARIÚBA — Boa madeira para construções civis, carpintaria e marcenaria, de côr amarela, natural principalmente do vale amazônico. Clarisia recemosa, Ruiz e Pavon. Família das Moráceas. Também conhecida por OITICICA, OITICICA-CICA, OITICICA AMARELA ou VERMELHA, CATRUZ, JANITÁ e QUARIÚBA. Pêso específico aparente (15% umidade) igual a 0,56. Limite de resistência na compressão axial (15% umidade) igual a 460 kg/cm2. Limite de resistência na flexão estática (15% umidade) igual a 819 kg/cm2.

GUARNECER — Prover de ornatos, adornos, etc. Revestir e branquear as paredes depois de rebocadas.



Guaritas existentes no Forte de Santo Antônio da Barra e no Forte de Montesserrat, na Bahia, construídas em 1583 e 1602.

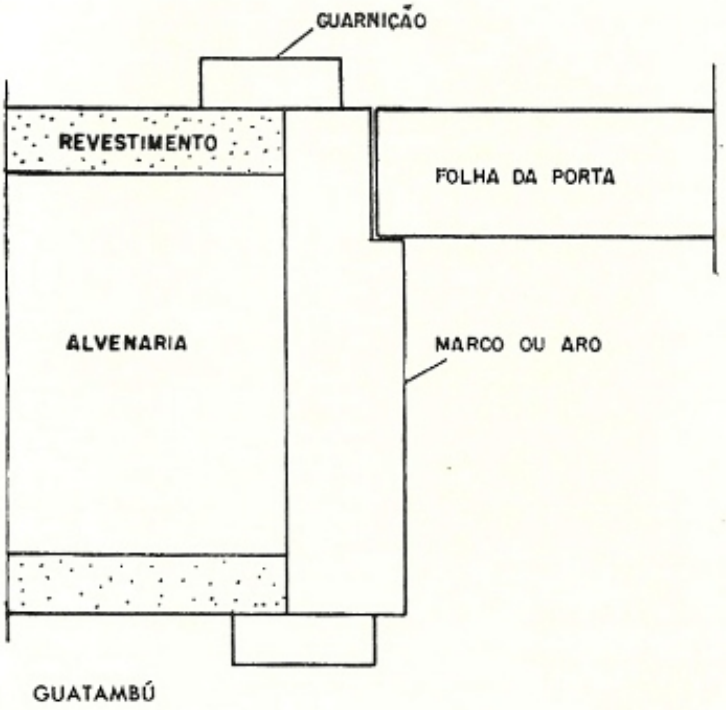
GUARNECIMENTO — Adôrno, ornato, nome da camada de gêsso, estuque ou mesmo cal que branqueia uma parede. O mesmo que GUARNIÇÃO ou CHAMBRANA.

GUARNIÇÃO — O mesmo que ornato ou adôrno. Nas portas e janelas, nome da régua ou sarrafo que cobre a junta formada pela parede quando se encosta ao marco ou montante. Mata-junta. Cercadura. Alisar.

GUARUBA — Madeira. Ver QUARUBA.

GUARUBO — Madeira. O mesmo que GONÇALO ALVES.

GUARUCAIA — Madeira usada em obras, também conhecida por TAMBORIL-BRAVO, AMENDOIM FALSO, CANAFÍSTULA, GORUCAIA, IBIRAPUITÁ. Peltophorum vogelianum, Benth. Pêso específico apa-



No desenho acima ver a posição das guarnições.

rente (15% umidade) igual a 0,89. Na compressão axial, limite de resistência igual 548 kg/cm2. Na flexão estática, limite de resistência igual a 943 kg/cm2. O nome GUARACAIA também é dado ao MONJOLEIRO madeira de construção.

GUATAIAPOCA — Madeira de modestas qualidades sòmente usada em pequena carpintaria, conhecida também por ARAPOCA AMARELA ou ARAPOCA DE CHEIRO. Almeidea alba, St. Hil. Família das Rutáceas. Não deve ser confundida com a verdadeira ARAPOCA AMARELA, a Raputia magnífica, Engl.

GUATAMBU — Com êste nome são conhecidas algumas variedades de madeira de árvores da família das Aponináceas, empregadas em construções navais, madeiramentos, vigamentos, marcenaria, etc. Madeira de grande flexibilidade. Os galhos pequenos são muito usados em cabos de ferramentas agrícolas e bengalas. É usada em dormentes de terceira qualidade, durando cinco anos. A árvore é de grande desenvolvimento, caule reto e poucos galhos. Encontrável no Estado de São Paulo, principalmente na Serra do Mar e no vale do Tietê. São conhecidos: o GUATAMBU AMARELO, Aspidosperma ramiflorum, Muell., de pêso específico aparente igual a 0,72. Limite de resistência na compressão axial igual a 530 kg/cm2. Limite de resistência na flexão estática igual a 1,065 kg/cm2. Esta variedade também é conhecida por GUATAMBU PEROBA, por ser muito parecida com a peroba, e por PEQUIÁ DOCE. O chamado GUATAMBU BRANCO. Aspidosperma olivaceum, Muell., tem propriedades semelhantes ao tipo anterior. É também conhecida por GUATAMBU-MARFIM, JIPIO, PAU DE TANHO BRANCO, PAU SETIM, PEQUIÁ BRANCO e PEQUIÁ MARFIM. O GUATAMBU ROSA, Aspidosperma populifolium, A. DC., é também chamado de GUATAMBU VERMELHO. E finalmente, há o GUATAMBU Aspidosperma macrocarpum, Mart., que algumas vêzes é chamado por PAU-PEREIRA, PEREIRO OU PEROBA SETIM. Êste último é o guatambu pròpriamente dito por ser o mais conhecido. Sua árvore dá toros de 10m de comprimento com 0,80m de diâmetro. A madeira tem côr amarela clara ou rosada. Fibras retas e finas. Camada de alburno pequena. Talhe macio.

GUATAMBURI — Nome de certa madeira de lei.

GUATINGA BRANCA — Madeira. Ver PEROBA D'ÁGUA.

GUATUVIRA — Madeira. Ver GUAIUVIRA.

GUAXICA — Madeira. Ver CARNE-DE-VACA.

GUAXIMBÉ — Madeira utilizável em esteios e vigas, sendo boa para obras em lugares úmidos. Côr esbranquiçada, com manchas pardas avermelhadas. Fibras finas. Grande camada de aburno. Talhe duro. Comum no vale do Tietê, recebendo, também, o nome de BICO DE PATO ou BICO DE PAPAGAIO. Machaerium nictians, Benth. Família das Leguminosas papilionáceas. Pêso específico médio igual a 0,950.

GUÇAÍ — Madeira. Ver GROÇAÍ.

GUCARUÍ — Madeira não identificada, cujo nome aparece em relação de madeiras de lei executada pelo engenheiro militar João da Costa Ferreira, nos fins do século XVIII, em São Paulo. Dizia aquele engenheiro que o "gucaruy era bom para vergas".

GUDINHA — Antigamente, pequena quinta ou chácara para recreio.

GUECHE — Nome que se dá ao ADOBE na Índia Portuguesa. O têrmo vem do árabe "gaice" que quer dizer lodo, barro. Da mesma palavra derivou GUEIGE, argamassa.

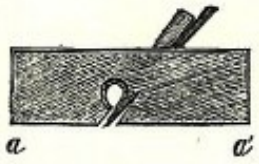
GUEIGE — O mesmo que argamassa. Ver GUECHE.

GUIA — Tábua pregada a cutelo nos pés direitos ou esteios, dos andaimes que recebe uma das extremidades dos travessões. Nome de cada uma das pedras que separam as calçadas das vias carroçáveis. O mesmo que MEIO-FIO.

GUICHÊ — Portinhola ou abertura feita numa parede, muro, grade, tabique ou vidro, a meia altura, que facilita a entrega ou recemento de papéis ou volumes.

GUEIRA — O mesmo que RINCÃO do telhado.

GUILHERME — Certo tipo de plaina dos carpinteiros que pode ter rastro plano horizontal ou inclinado, ou então convexo. Instrumento que serve para fazer frisos ou filêtes.



GUILHO — Cunha de ferro usado para fender pedras de grande tamanho.

GUILHOTINA — Nas janelas, sistema de vidraças que correm verticalmente, em vez de abrirem-se girando em tôrno de eixos.

GUILHOS — Ornato composto de linhas onduladas que se cruzam.

GUINCHO — Sarilho para elevação de pesos, ou materiais de construção, nas obras. Modernamente o nome é dado aos monta-cargas movidos a motores e suspensos em cabos de aço situados nos flancos dos grandes edifícios em construção.

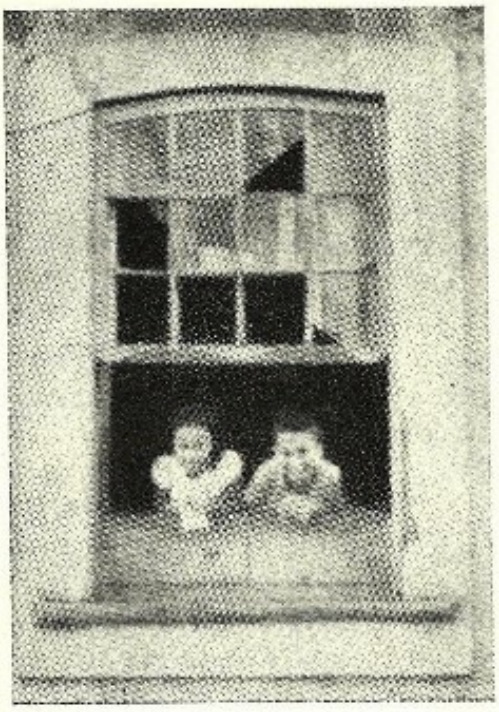
GUINDASTE — Aparelho para levantar ou guindar grandes pêsos. Nome dado à corda cheia de nós usada para escaladas ao longo de altas paredes de arranha-céus.

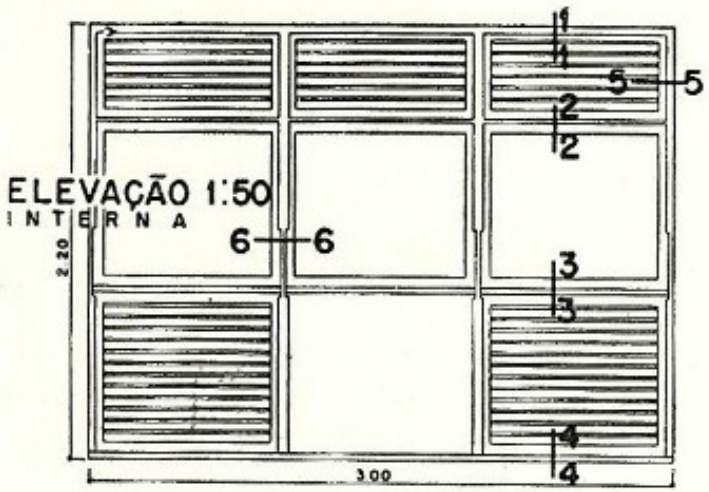
GUINDOLA — Andaime suspenso. O mesmo que BAILÉU.

GUIO — Cunha de ferro empregada para abrir ou lascar grandes blocos de pedra.

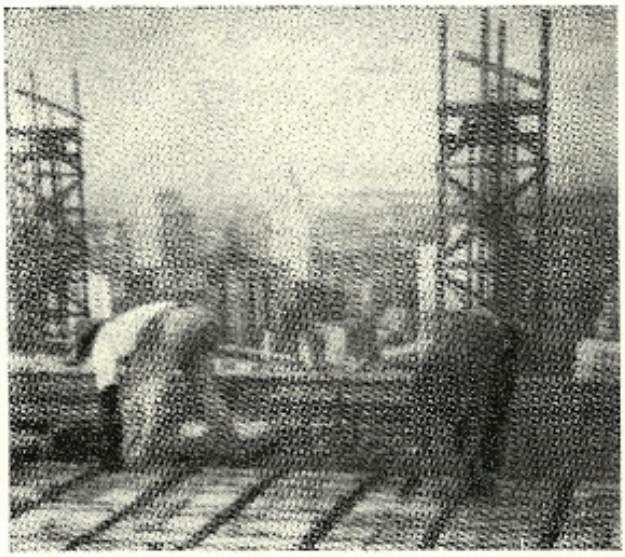
GUIRAPARIBA — Nome que Marcgraf deu, em sua obra, ao PAU D'ARCO nortista, que no sul recebe o nome de IPÊ (Tecoma Ipê, Mart.).

GUIRLANDA — O mesmo que GRINALDA.





Nas ilustrações exemplo de janela de guilhotina tradicional, vulgarizada a partir dos fins do século XVIII. O desenho à direita é do arquiteto José Bina Fonjat que introduziu nova forma e novas funções ao tradicional sistema de vedação.



No segundo plano, atrás dos operários, vêm-se duas tôrres de guinchos, na obra do Edifício Copan, São Paulo.

GUITI — Madeira fornecida pela chamada "árvore do sabão" (Sapindus saponaria, L.) que é utilizável em pequena carpitaria e marcenaria.

GULA — Moldura, que tem secção em forma de um S, geralmente usada nas cimalhas. Nome de um tipo de plaina. GOLA.

GUMBIXAVA — Madeira. Ver GRUMIXABA.

GUMIXAVA — Madeira. Ver GRUMIXABA.

GUPIARA — Talvez corruptela de COPIAR. Segundo o Brigadeiro Machado D'Oliveira, o mesmo que TACANIÇA, pano triangular de telhado. O mesmo que GOLPIARA?

GURATÃ — Madeira. Ver GUARANTÃ.

GURITA — Forma popular de guarita. Casa de jôgo.

GURUÇAÍ — Madeira. Ver GROÇAÍ.

GURUNDURU — Grande árvore que fornece madeira arroxeada para marcenaria. Brosimum, sp. Família das Moráceas.

GURGAU — Seixo rolado, dos fundos dos rios. Pedra britada.

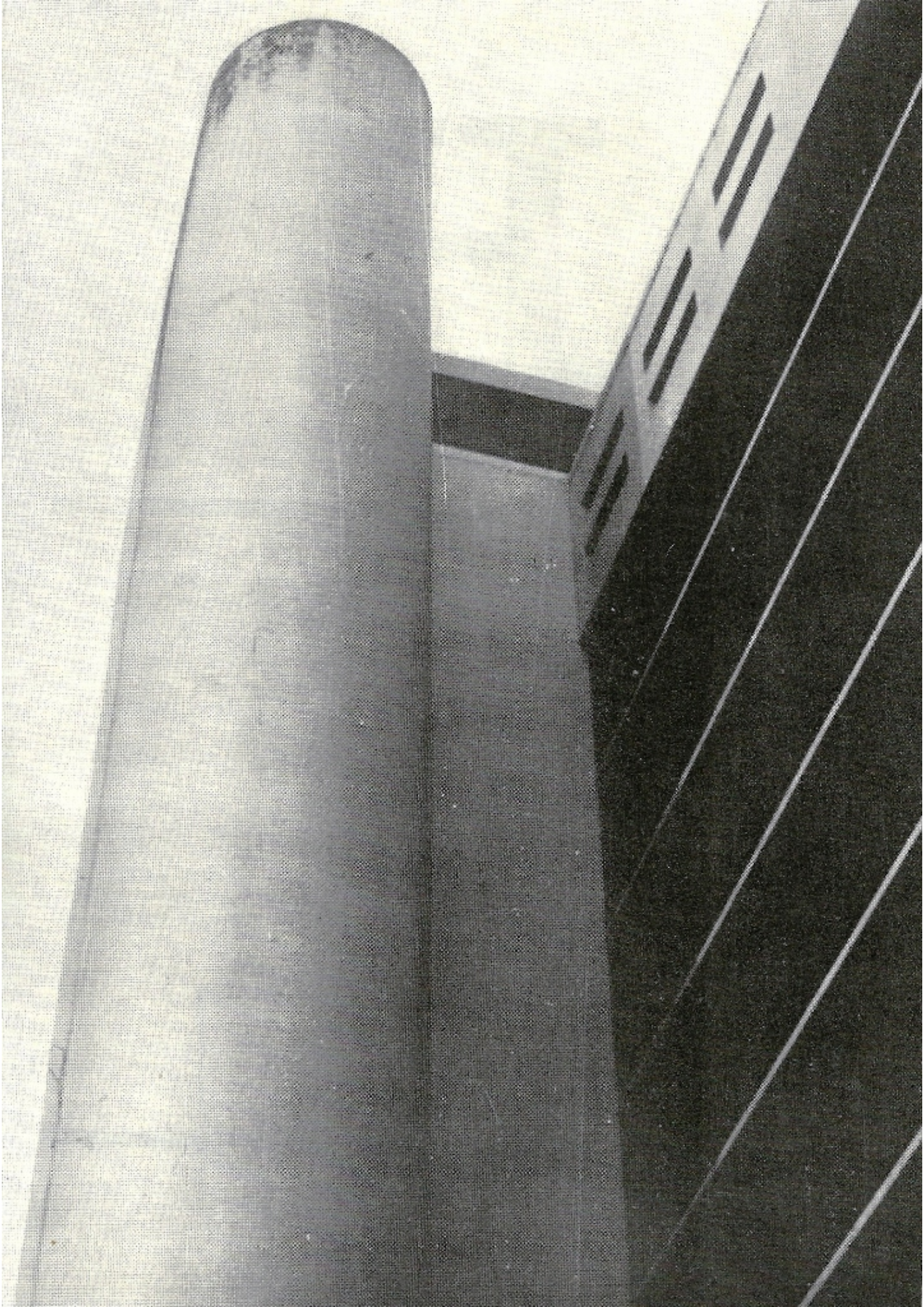
GURIRI — Palmácea que fornece materiais para construção de mocambos do litoral. Diplothemium maritimum, Mart.

GURUBU — Nome que recebe a madeira GONÇALO ALVES no Estado do Rio de Janeiro, principalmente nas zonas de Campos e São Fidélis.

GURUPEMA — O mesmo que URUPEMA.

GURUPIA — Madeira. O mesmo que GARAPA.

GUSANO — Verme, também conhecido por UBIRAÇOCA, que penetra na madeira furando-a e inutilizando-a. Em nossos tempos coloniais, em São Paulo, houve época em que foi preciso refazer as pontes do Cubatão, no sopé da Serra do Mar, devido a ação devastadora daquele animal.



H

Hospital Sul América, Rio de Janeiro, projeto de Oscar Niemeyer.

HABILHAMENTO — Galicismo empregado antigamente para designar o conjunto de adornos, de enfeites, de atrativos aplicado a alguma coisa.

HABILITABILIDADE — Qualidade daquilo que é habitável. Condições, funcionais e racionais para se habitar.

HABITAÇÃO — Lugar no qual se habita. Constitui, em arquitetura, o abrigo ou invólucro que protege o homem, favorecendo sua vida no duplo aspecto material e espiritual. Ato ou efeito de habitar. Morada. Residência.

HABITACIONAL — Que se refere à habitação.

HABITÁCULO — Habitação pequena e acanhada.

HABITANTE — Que ou quem reside normalmente em lugar, vila, cidade, região, etc. Morador.

HABITAR — Fazer uso do abrigo como elemento de proteção, sob condições especiais que favoreçam o desenvolvimento do homem tanto do ponto de vista material como espiritual. Morar, viver, residir.

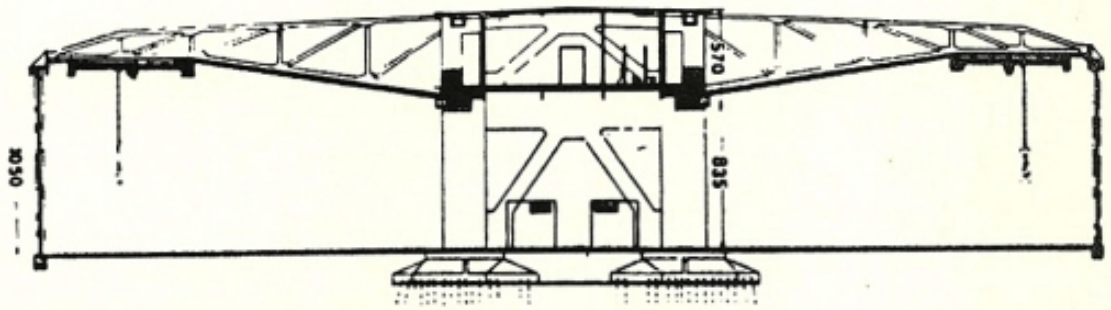
HABITAT — Lugar ou circunscrição em que vive, cresce e se desenvolve naturalmente qualquer ser organizado, sem ter havido processos de aclimatação. O têrmo vulgarmente é empregado, também, com o sentido de local de moradia. Vivenda, habitáculo.

HABITÁVEL — Próprio para se habitar. Em condições adequadas para fornecer a vida do homem no interior de um ABRIGO.

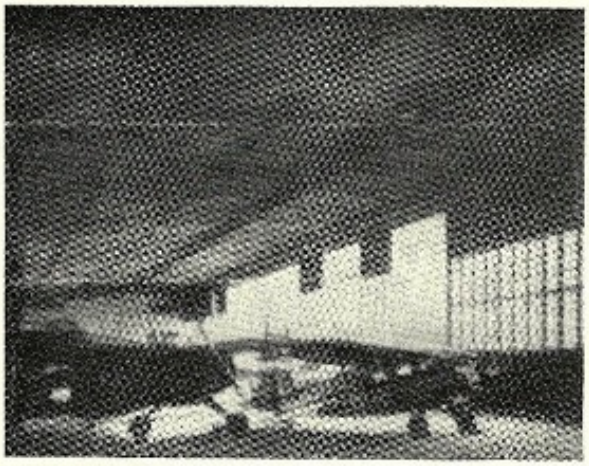
HABITE-SE — Concessão, em forma de documento, fornecida pelo poder municipal, para que uma construção possa ser habitada, posta em uso, depois de verificada a correta execução do projeto aprovado preliminarmente.

HANGAR — Galicismo que significa, de origem, galpão. É empregado em nossa língua para designar o abrigo fechado para todo o tipo de aeronaves.

HARAS — Estância, ou fazenda, especializada na criação de cavalos selecionados.



Vista interna e corte de hangar executado no Rio de Janeiro. O teto duplo e as colunas internas permitiram vãos de acesso totalmente livres, em tôda extensão do prédio. Projeto de M. M. Roberto, 1940.



HARMANITA — Resina fóssil, constituída principalmente de carbono e oxigênio, usada na preparação de vernizes. É incolor.

HARMONIA — Disposição bem ordenada das partes de um todo. Em arquitetura tem aplicação na "composição" e tem origem na proporção, na ordem, no equilíbrio e, até mesmo, na simetria. Todos êsses aspectos da valorização estética irão concorrer para a UNIDADE arquitetônica.

HARPÃO — O mesmo que GATO.

HARPÉU — O mesmo que HARPÃO, ou GATO.

HÁRPIA — Ornato que representa monstro fabuloso com rosto de mulher e corpo de abutre, simbolizando o demônio ou o arrependimento.

HARITA — Resina fóssil, hidrocarboneto natural, usada em vernizes.

HASTE — Pau comprido, de secção circular, com diferentes usos na edificação e na decoração. O mesmo que PAU DE BANDEIRA. O mesmo que FUSTE.

HASTIFORME — Que tem a forma de lança.

HASTILHA — Pequena haste.

HECATÔNSTILO — Antigamente, nome do pórtico ou edifício provido de cem colunas.

HECTARE — Unidade de medida agrária equivalente a cem acres, ou a um hectômetro quadrado.

HECTÔMETRO — Medida de cem metros.

HÉLICE — Nome de cada uma das pequenas volutas que entram na composição do capital coríntio, também conhecidos por ORELHAS.

HELICOIDE — Superfície gerada por uma reta horizontal apoiada constantemente sôbre uma hélice e sôbre o eixo vertical do cilindro reto em que está traçada esta curva. O mesmo que helicoidal.

HELIOGRAFIA — Reprodução de desenhos executados em papel transparente sôbre outro papel (geralmente opaco) por efeito da ação dos raios solares. Assim, pode-se obter uma infinidade de cópias de um desenho original, com o auxílio de tais papéis sensíveis à luz solar. Hoje em dia a técnica aperfeiçoada emprega processos especiais com lâmpadas de mercúrio, o que não impediu que até agora tais reproduções recebam o nome de "cópias heliográficas". Ver CÓPIA.

HELIPORTO — Neologismo de recente aplicação, de uso muito raro, que designa o local de pouso dos helicópteros. Em arquitetura tem referência ao espaço contido na parte mais elevada dos edifícios, nos terraços e destinado para êsse fim.

HEMATINONA — Antigamente, desde os romanos, nome dos vidros de côr vermelha.

HEMATOCÔNITO — Variedade de mármore vermelho.

HEMEROTECA — Nas bibliotecas, seção onde são guardados e lidos os jornais do dia.

HEMICICLO — Nome dado a qualquer traçado que represente um semi-círculo. Geralmente o nome é dado ao anfiteatro com aquela forma, que contenha bancos ou poltronas situadas em filas concêntricas. Arco de volta inteira dividido em número ímpar de aduelas iguais, com uma mais elevada, que é o fecho ou chave.

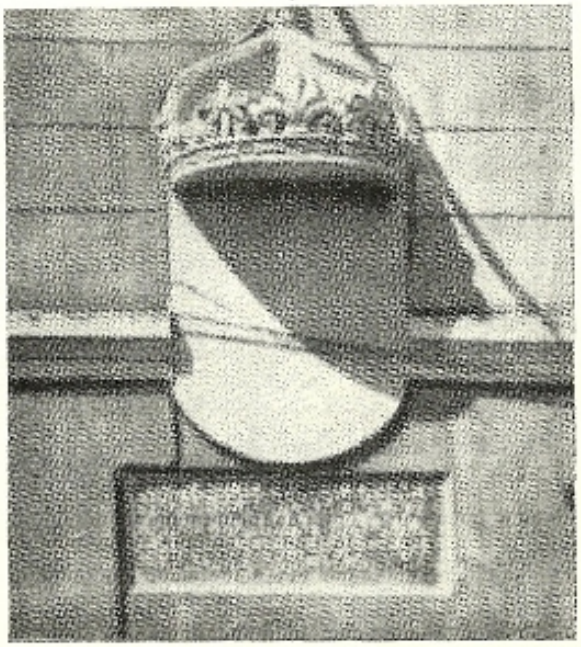
HEMISFERÓIDE — Metade de um esferóide.

HENDECÁGONO — Que tem onze ângulos ou onze lados.

HEPTAEDRO — Poliedro de sete faces.

HEPTÁGONO — Que tem sete ângulos ou sete lados. Nome que recebiam as fortificações com sete bastiões.

HERÁLDICA — Nobre arte, ou ciência, dos brasões. Na arquitetura antiga tinham sua



Nas ilustrações, dois exemplos do emprêgo de símbolos heráldicos na arquitetura. No primeiro, emblema do Brasil-Império encimando porta do Forte de Santa Maria, Bahia. A seguir, vemos local de antigo escudo retirado após mudança de govêrno, permanecendo sòmente a coroa do poder destituído. Tal brasão completava inscrição lapidar do século XVII. Forte de Santo Antônio Além do Carmo, também na Bahia.

importância na qualificação dos edifícios levantados pelos vários podêres ou erguidos sob sua inspiração. No Brasil, são inúmeros os exemplos arquitetônicos que ostentam brasões representativos de épocas passadas de passados governos. Nem sempre a heráldica pode precisar, à vista dos emblemas, a idade de uma construção, porque foi comum a repetição atrabiliária daqueles símbolos como se fôssem meros ornamentos. Assim é comum vermos as duas águias das armas dos Felipes de Espanha serem repetidas em velhas talhas de altares, posteriores ao domínio de Castela, como simples enfeites e elementos de composição decorativa.

HERANÇA — O mesmo que HERDADE.

HERCOTECTÔNICA — Arte de fortificar praças.

HERDADE — Grande propriedade rural composta de terras e habitações. Quinta.

HERMA — Escultura de um busto em que o peito, as costas e os ombros são cortados por planos verticais e normais entre si. O mesmo que HERMES.

HERMES — Busto ou cabeça de uma divindade qualquer apoiado em coluna, pedestal ou pirâmide. O apoio do hermes recebe o nome de HERMETA.

HERMETA — Ver HERMES.

HERMITÁGIO — Forma errônea de ERMITÁGIO, residência do eremita.

HEXÁGONO — Que tem seis ângulos ou seis lados.

HEXASTILO — Pórtico provido de seis colunas.

HIALÓGRAFO — Instrumento para desenhar a perspectiva e tirar provas de um desenho.

HIALOTECNIA — Arte de trabalhar em vidro. A arte da fabricação do vidro chama-se hialurgia.

HIDRANTE — Nos edifícios, nome da válvula ou torneira em que é ligada a mangueira usada na extinção dos incêndios.

HIDRÁULICA — Parte da mecânica que tem por objeto o movimento dos líquidos. Em arquitetura, nas construções, é a ciência ou a arte que se ocupa da direção do desvio e do destino das águas. Também designa a direção dos serviços hidráulicos. Artes das construções na água.

HIDRAULICIDADE — Qualidade de certos compostos que formam boas argamassas e cimentos hidráulicos.

HIDROARGAMASSA — Argamassa composta de materiais próprios para endurecerem dentro dágua.

HIDRÓFUGO — Nome que se dá genèricamente aos agentes químicos introduzidos nas argamassas e tintas, que preservam as construções e paredes da umidade.

HIDROGRAFIA — Topografia marítima, que tem por objeto levantar plantas da costa e ilhas.

HIDRÔMETRO — Aparelho que, segundo os princípios da hidrometria, mede a velocidade, a pressão ou o consumo de líquidos, especialmente a água.

HIDROSCOPIA — Arte de procurar nos terrenos vagos fontes ou águas subterrâneas com fito de bem localizar as cisternas ou poços.

HIGIOCOMO — O mesmo que casa de saúde ou HOSPITAL.

HIGRÔMETRO — Aparelho usado para medir o grau de umidade do ar.

HIDROSCÓPICO — Diz-me de material que absorve com facilidade a água existente em forma de vapor na atmosfera. O gêsso, ou o cimento, por exemplo, são hidroscópicos.

HIDROSTATO — Aparelho destinado a manter automàticamente a constância do grau de umidade de um ambiente fechado, cujo ar é, beneficiado pelos sistemas de condicionamento normais.

HIPÉRBOLE — Curva obtida na interseção de um cone de revolução com um plano paralelo ao seu eixo.

HIPERBOLÓIDE — Sólido gerado por uma elipse variável, cujo plano é perpendicular a eixo transverso comum de duas hipérboles situadas em planos perpendiculares, e que se move de modo que seus vértices descrevam aquelas duas hipérboles. "Hiperbolóide de revolução" é o sólido gerado pela rotações de uma hipérbole em tôrno do seu eixo transverso ou de seu eixo não transverso. No primeiro caso origina-se o hiperbolóide de revolução de duas-fôlhas e, no segundo, o hiperbolóide de revolução de uma fôlha.

HIPERTÍRIO — Na ordem dórica, nome do friso em relêvo formando cimalha acima da padieira das portas.

HÍPETRO — Nome, na forma feminina, da janela situada imediatamente acima da porta principal de um edifício. Etimològicamente, no entanto, o têrmo designa aquilo que está ao ar livre. Diz-se templo hípetro, aquele que não tem telhado. Construção sem telhado.

HIPOCAMPO — Ornato representando monstro fabuloso com corpo de cavalo e terminado em cauda de peixe.

HIPOCAUSTO — Forno ou fornalha subterrânea que aquece água para banhos, ou estufas de plantas.

HIPOCÊNIO — Fôsso na frente e abaixo do nível do palco, ou cena, onde fica a orquestra, durante os espetáculos teatrais.

HIPÓDROMO — Local onde são feitas as corridas de cavalos.

HIPOGEU — Construção subterrânea, quase sempre a partir de uma encosta de morro, que na maioria das vêzes servia para guarda de jazigos ou CRIPTA.

HIPOGRIFO — Ornato que representa cavalo fabuloso provido de asas.

HIPÓSTILO — Que tem o teto sustentado por colunas. Referências são feitas geralmente a salas ou galerias de grandes dimensões.

HIPOTRAQUELO — Têrmo parece que introduzido por Vitruvio para designar a parte onde termina o fuste da coluna e começa o capitel. Garganta, friso do capitel, gola, colar, etc.

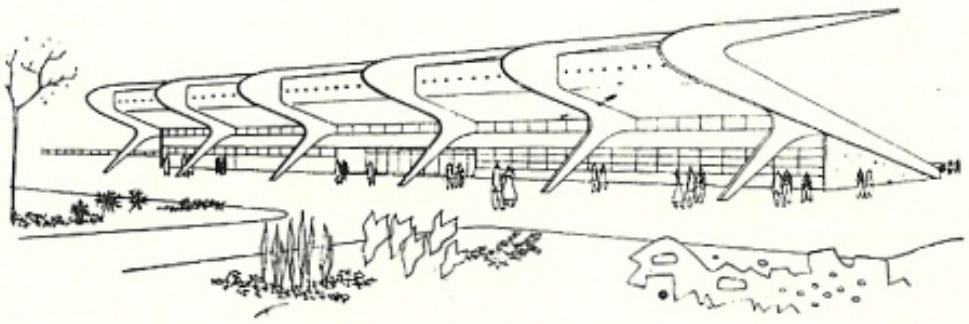
HISTORIADO — Diz-se do capitel, friso, faixa ou de outro elemento de composição qualquer ornato com figuras representando um fato ou ação.

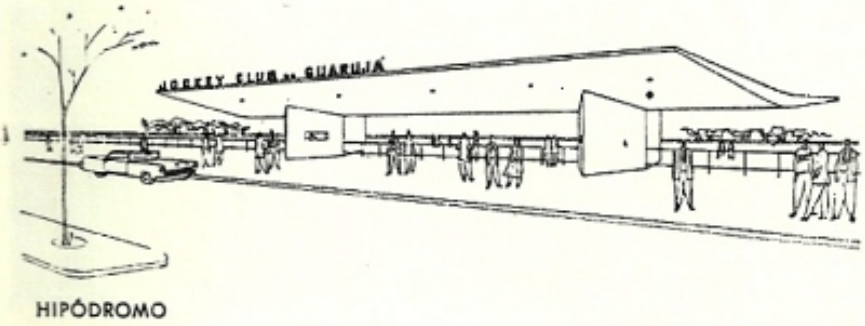
HOLOFOTE — Espécie de lanterna ou projetor, que ilumina os objetos a distância. Foco elétrico.

HOLÓMETRO — Instrumento com que se toma todo o gênero de alturas. O têrmo é mais empregado para designar o aparelho usado na medição das alturas angulares de pontos situados acima do horizonte.

HOMBREIRA — Grafia inexata de OMBREIRA.

HOMEM — Ser humano que, para a arquitetura, é o fim constante, principal e último. O arquiteto não deve jamais esquecer que a pessoa humana e o seu desenvolvimento consti-

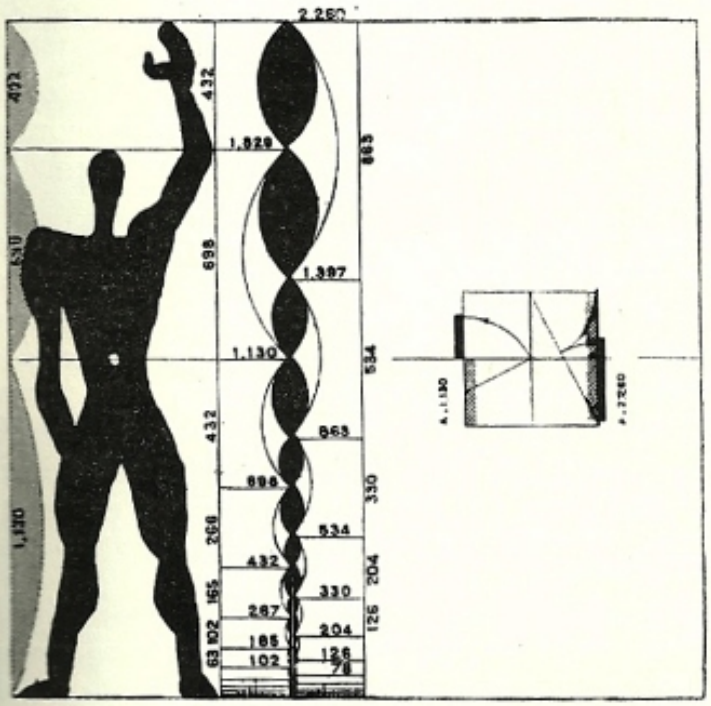




HIPÓDROMO

Nas ilustrações, desenhos referentes ao projeto do hipódromo do Jockey Club do Guarujá, de autoria do arquiteto Oswaldo Corrêa Gonçalves.

tuem para o seu trabalho um fim essencial, mesmo quando o homem aparece como meio. Tudo porque a arquitetura corresponde à funções que sempre são caracterizadas por necessidades do homem.

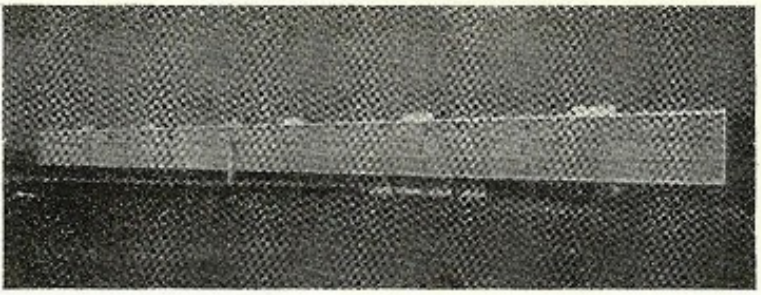


O homem de Le Corbusier, onde há combinação da altura do homem com seu braço levantado e a secção áurea, do que resulta uma gama de medidas para atribuir dimensões as mais favoráveis na construção e, particularmente, para universalizar aquelas destinadas à prefabricação... Do "modular 1" de Le Corbusier, Paris, 1950.

HONORÁRIOS — Remuneração devida ao arquiteto tôda a vez que desempenhar uma tarefa profissional. Os honorários do arquiteto são regulamentados pela Tabela Básica do Instituto de Arquitetos do Brasil aprovada em Assembléia Geral desde 1925 e modificada sucessivas vêzes. O cálculo dos honorários profissionais é feito com base no custo total da obra, em percentagens decrescentes, com referência a edificações executadas por um construtor, tanto no sistema de empreitada global, como no sistema de administração da obra. Para efeito de aplicação dessa Tabela, existe uma descriminação de serviços que corresponde a etapas que por sua vez, tem cada uma porcentagens determinadas. Os serviços profissonais são os seguintes: 1.º) ESTUDO PRELIMINAR, que é o estudo do problema para determinar a mobilidade de uma solução e a orientação a ser obedecida no anteprojeto; 2.º) ANTEPROJETO, que é o estudo apresentado em desenhos sumários, em número e escala suficiente para compreensão da obra planejada e primeira avaliação do custo real; 3.º) PROJETO, que é constituído por plantas, secções e elevações de acôrdo com as exigências dos podêres públicos, e em condições de serem submetidas à aprovação dos mesmos; 4.º) DETALHES GERAIS, que são os desenhos de todos os pormenores necessários à execução da obra, com exclusão dos descriminados a seguir, em escala adequada à sua exata interpretação; 5.º) PROJETOS ESTRUTURAIS, que são os desenhos de todos

os elementos estruturais da obra (alvenaria, madeira, concreto armado, aço, etc.) em escala adequada; 6.º) PROJETOS DE INSTALAÇÕES, que vem a ser os desenhos e esquemas das redes de instalações elétricas, hidráulica, de gás, de telefone, etc., e a fixação dos pormenores necessários à perfeita interpretação do projeto; 7.º) ESPECIFICAÇÕES, que compreendem a descrição das qualidades dos materiais a empregar e da sua aplicação, completando as indicações do projeto e dos detalhes, com tôdas as informações necessárias para a elaboração do orçamento; 8.º) ORÇAMENTO, que é a relação das quantidades dos diversos serviços com os respectivos preços unitários e globais, bem como de tôdas as despesas necessárias à execução da obra, a fim de determinar o seu custo total provável; 9.º) FISCALIZAÇÃO ARQUITETÔNICA, que é a assistência profissional contínua durante o correr da obra e verificação de que estão sendo fielmente observadas tôdas as condições estabelecidas no projeto, e a colaboração com as organizações encarregadas de execução da obra, ou de fornecimento a mesma, na adaptação dos detalhes, se necessária, a condições imprevisíveis ou supervenientes. A fiscalização arquitetônica abrange também o fornecimento ao proprietário, quando solicitado de dados relativos à organização da concorrência para a execução da obra: pareceres técnicos sôbre propostas apresentadas; colaboração profissional no preparo de contratos relativos à execução da obra; pareceres sôbre quaisquer divergências relativas a execução da obra. A fiscalização arquitetônica não comprende a verificação de medições ou de contas de materiais, serviços ou mão de obra.

HORTA — Terreno dividido em canteiros e plantado de legumes, hortaliças ou flôres. O mesmo que FAZENDA ou QUINTA.

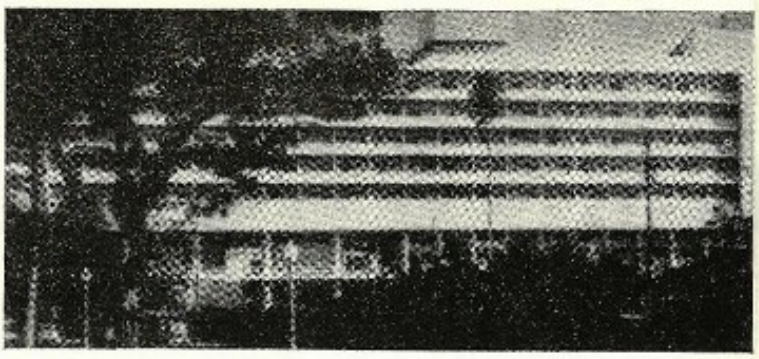


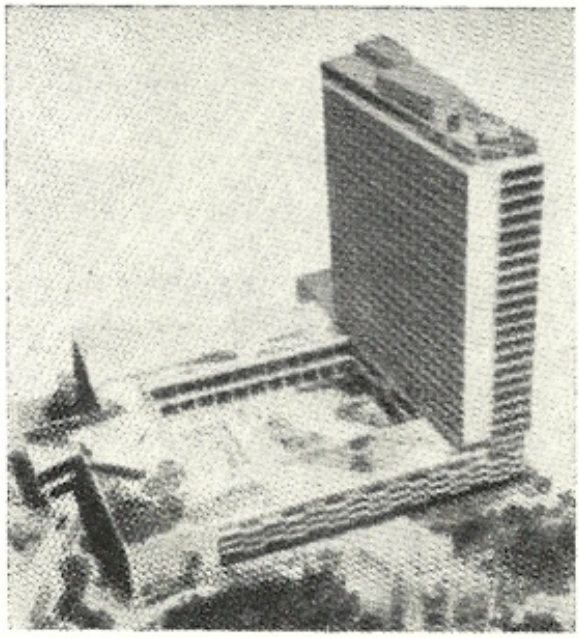
HÔRTO — Espaço reservado para jardim. Pequena horta. Hôrto botânico, o mesmo que JARDIM BOTÂNICO.

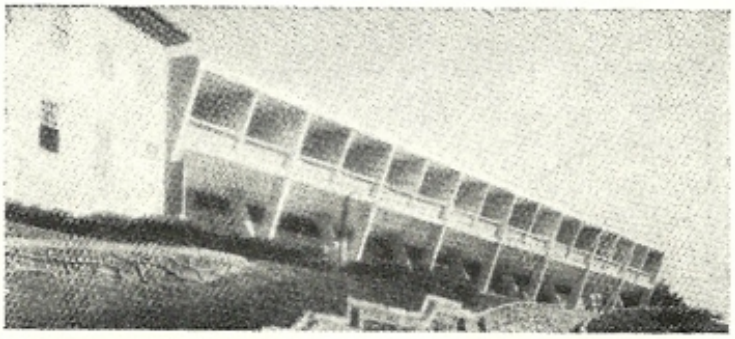
HOSPEDARIA — Casa, geralmente a beira dos caminhos, em que se admitem hóspedes mediante retribuição. Estalagem. Albergue. Estola.

HOSPÍCIO — Do latim "hospitium", quer dizer domicílio hospitaleiro. Casa religiosa que recebia peregrinos em viagem, sem retribuição. Hoje em dia é pràticamente sinônimo de hospital e compreende o edifício ou estabelecimento de caridade em que se recolhem, gratuitamente ou não, órfãos, velhos, loucos ou doentes. Residência de frades.

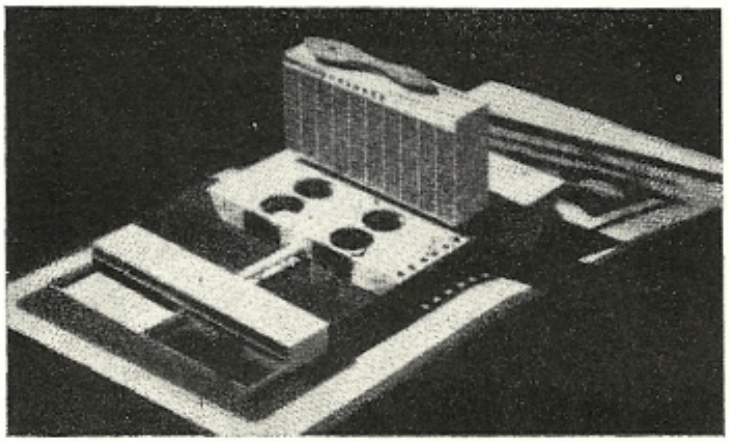
HOSPITAL — Edifício onde se recolhem e tratam doentes. Constitui um programa arquitetônico de larga importância nos dias atuais. Conforme explica o Arquiteto Rino Levi, "três fatôres intervêm nitidamente no estudo de um projeto de arquitetura: a função, a técnica e a plástica. Êstes três fatôres, se fundem numa unidade, isto é, a obra de arquitetura. Resulta claramente que a arquitetura implica na coordenação de conhecimentos variados e que não pode ser concebida corretamente sem um trabalho de colaboração estreita assim, o projeto de um HOSPITAL não prescinde dos conhecimentos e da experiência do médico, do administrador hospitalar, do responsável de cada um dos seus setôres e mesmo do enfermeiro. Na parte pròpriamente construtiva, será indispensável a colaboração de engenheiros e técnicos. Não menos importante é a parte que cabe ao fabricante do grande, variado e complexo equipamento do hospital. O primeiro trabalho ao se iniciar o estudo de um hospital é o de organizar o seu programa funcional. Êste deverá ser precedido de um tra-

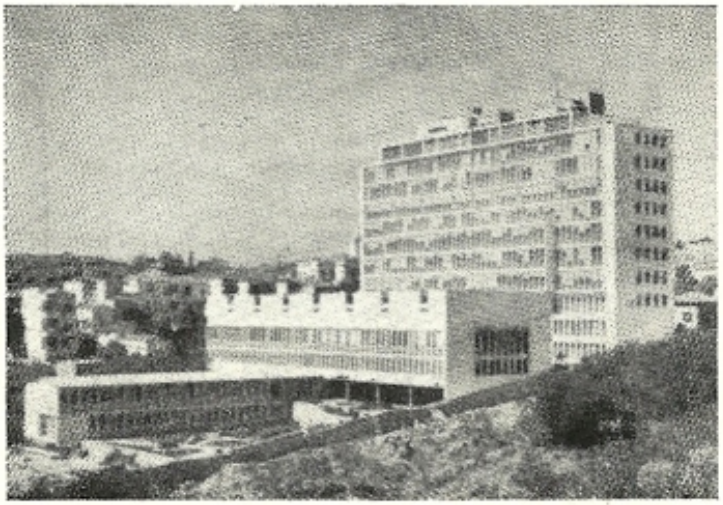


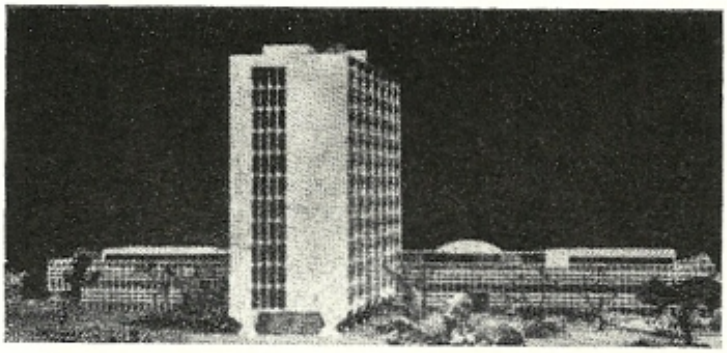


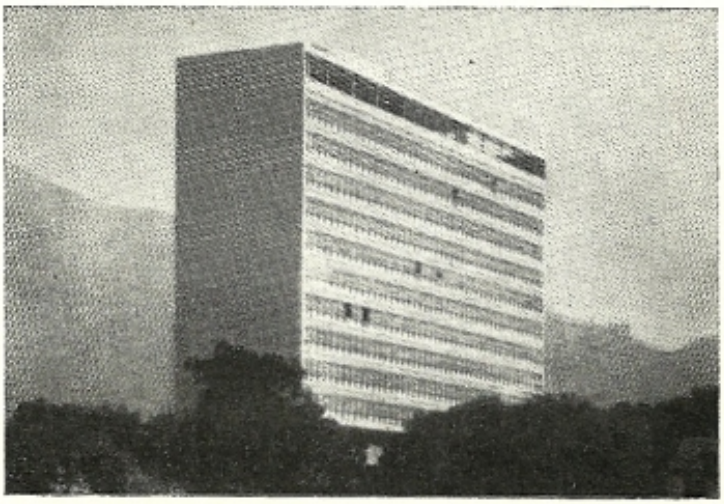


Na página anterior à esquerda, foto do Brasília Palace Hotel, projeto de Oscar Niemeyer e, à direita Hotel da Bahia projetado pelos arquitetos Paulo Antunes e Diógenes Rebouças. Em cima, à esquerda, maquete de Hotel na Praia Vermelha, Rio, projeto do arquiteto Henrique Mindlin e, à direita, Hotel de Diamantina de Oscar Niemeyer.









Nas fotografias acima que ilustram o verbête hospital, temos: 1) Hospital Santa Mônica, Belo Horizonte, projeto de Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti; 2) Hospital do Câncer, São Paulo, projeto de Rino Levi e Roberto Cerqueira César; 3) Maquete do Hospital Alberto Einstein, de autoria dos mesmos arquitetos citados anteriormente, mais a participação de Luiz R. Carvalho Franco; 4) Hospital do Instituto de Assistência Social dos Marítimos, projeto de Firmino F. Saldanha, no Rio de Janeiro.

balho de pesquisa e da coleta de dados. O programa deverá ser minucioso e preciso. Certos detalhes, à primeira vista secundários, podem influir decisivamente no concepção do projeto. É importante notar, também, que o programa não deverá trazer qualquer sugestão arquitetônica, que só poderá prejudicar o arquiteto na fase da concepção da obra". (Aula proferida no I Curso de Planejamento de Hospitais, realizado em São Paulo, na semana de 13 a 17 de abril de 1953, sob os auspícios do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo, através de sua Comissão de Planejamento de Hospitais. Publicado em volume intitulado "PLANEJAMENTO DOS HOSPITAIS" São Paulo, 1954, pg. 39.)

HOTEL — Edifício no qual se alugam quartos e apartamentos mobiliados, com ou sem refeições.

HUCHA — Caixa ou cômodo onde são guardados gêneros alimentícios. Ver HUCHARIA.

HUCHARIA — O mesmo que despensa, ou depósito de gêneros alimentícios, nas grandes moradias, principalmente casas reais.

Acima, "Park Hotel" Friburgo, Estado do Rio, projetado pelo arquiteto Lúcio Costa. Abaixo, fotografia do Grande Hotel de Ouro Prêto, de autoria de Oscar Niemeyer.

I

Igreja de Nossa Senhora do Ó de Sabará, Minas Gerais.

IANDIROVA — Madeira. O mesmo que ANDIROBA.

IATÁ — Variedade de palmeira, cocos syagrus. Drude.

IB-ATAN — Madeira de construção. Ver ADERNO.

IBIRACÉM — Madeira. Ver BURANHÉM.

IBIRA-PERÊ — Madeira. Ver GARAPA.

IBIRAPITANGA — Madeira. Nome indígena de PAU BRASIL.

IBIRAPUITÁ — Madeira. Ver GUARUCAIA.

IBIRIBA — Madeira que nos dá notícia Gabriel Soares na sua "Notícia do Brasil". ".. de que se fazem esteios para engenhos, tirantes e frechais, e outra obra de casas, tirando tabuado por ser má de serrar". Madeira dura. Lecythis luschnatu, Berg. Duguetia Marcgraviana, Mart.

IBIRIZATÉIA — Árvore de cerne prêto e muito duro.

IÇARANDURA — Arbusto da família das Euforbiáceas que dá madeira de talhe muito duro empregada em pequena marcenaria ou carpintaria. Sebastiania Schottiana, Muell. Arg.

ICICARIBA — Madeira de construção. Ver ALMECEGA.

ICNOGRAFIA — Nome que antigamente era dado com freqüência à projeção horizontal das paredes de um edifício, isto é, a planta. Arte de traçar a planta de um edifício.

ICNÓGRAFO — Aquêle que faz plantas ou planos de edifícios.

ICNOLOGIA — Estudo que explica as figuras alegóricas ou simbólicas contidas nos ornatos, esculturas ou edifícios antigos. Parte da história das belas artes que estuda o tratamento dos assuntos em diferentes artistas e épocas.

ICONISTA — Designação que se dá ao autor de estátuas e imagens.

ICONOGRAFIA — Descrição e conhecimento de imagens, retratos, quadros ou monumentos, particularmente os antigos. Também assim se chama o estudo em que se acham reproduzidas obras dessa natureza.

ICONOTECA — Coleção de estampas, gravuras ou de imagens sacras.

ICOSÁGONO — Polígono que tem vinte lados.

ICOSÍGONO — Figura que tem vinte ângulos. O mesmo que ICOSÁGONO.

IDEALISMO — Tem relação a arquitetura quando, na estética, refere-se aos sistemas que consideram a arte como realização de "ideais" e não como representação de fatos.

IDEALIZAÇÃO — Ato ou efeito de idealizar. Idealização de projetos de soluções arquitetônicas.

IDEALIZAR — Criar na idéia. Fantasiar, imaginar.

IDEAR — Imaginar, projetar, traçar ou desenhar.

IDÉIA — Representação mental de uma coisa concreta ou abstrata. Concepção intelectual. Imaginação. Projeto, em arquitetura.

IGLEJA — O mesmo que IGREJA.

IGLITO — Carbonato natural de cálcio rômbico.

IGREJA — Do latim "ecclesia", designa antes de tudo, o local de reunião, onde são convocados ou congregados os fiéis. Nos primeiros tempos foi a denominação dada ao templo cristão. Hoje em dia a palavra designa o edifício consagrado ao exercício público do culto católico romano. As demais religiões empregam, com mais freqüência, a palavra TEMPLO para designar seus edifícios de culto. A igreja constitui programa arquitetônico de grande interêsse, onde a imaginação criadora do artista esbarra com a tradição que sempre exige o "caráter" por todos conhecido e que perpetuou-se através dos séculos de cristandade. Hoje em dia, porém, os aparentemente indestrutíveis cânones arquitetônicos da arte cristã estão sendo revistos. O que já possibilitou a feitura de várias igrejas ditas "modernas", onde o racionalismo e as novas tendências plásticas estão expressos testemunhando a acomodação havida entre o rito e a técnica contemporânea. A igreja pode receber certos atributos funcionais e daí várias denominações: CAPELA, CATEDRAL, BASÍLICA, etc.

IGREJÁRIO — Ermida, pequena IGREJA. Conjunto de igrejas de uma circunscrição eclesiástica.

IGREJOLA — Igrejinha: igreja pequena.

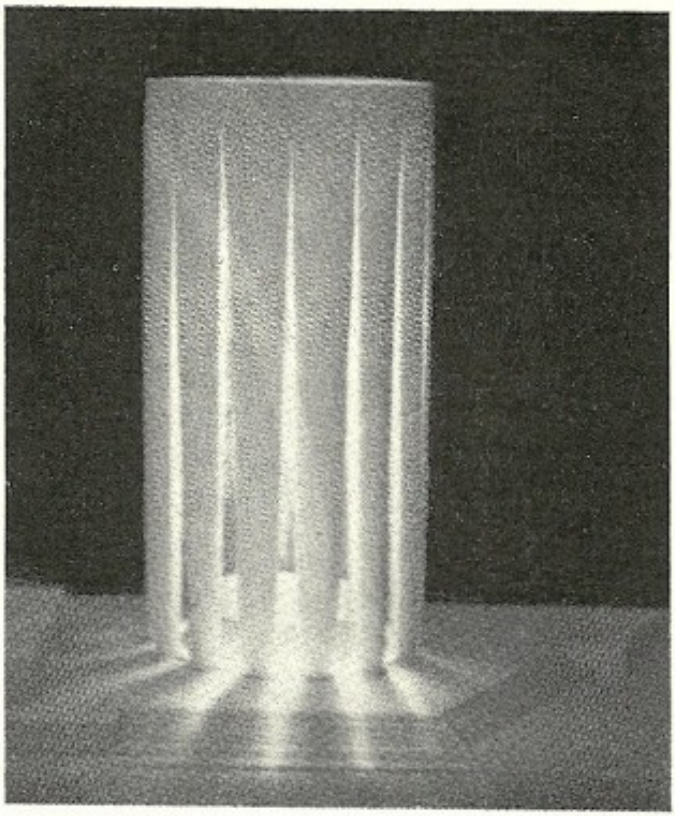
IGREJÓRIO — Pequena igreja. Também existe a forma igrejó.

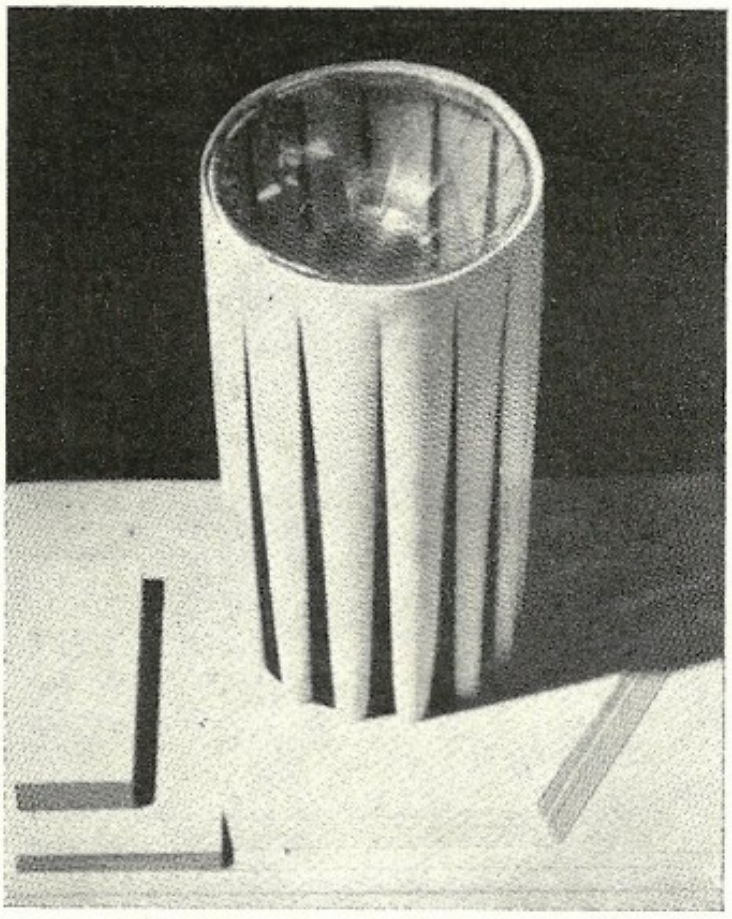
IGUALAR — Aplainar, nivelar. Tornar iguais dois tons de côr. Fazer igual.

ILHA — Casa ou grupo de casas construídas num bloco habitacional independente e isolado. Quarteirão. Moradia com elevado número de dependências. Pátios internos nas habitações coletivas ou cortiços.

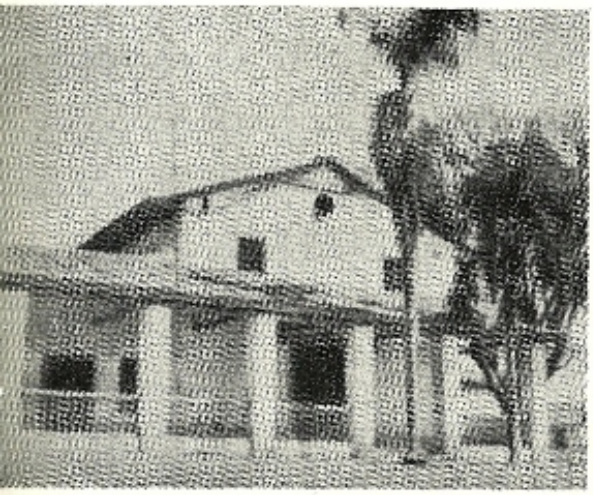
ILHARGA — Flanco, lado de um edifício. O mesmo que apoio, ou ESTEIO. Tábuas que formam os lados de uma caixa, de uma gaveta.

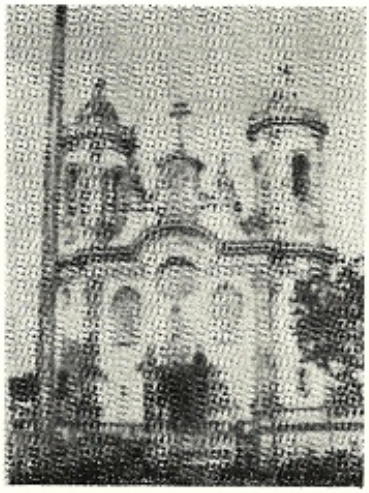
ILUMINAÇÃO — Arte e técnica de iluminar os recintos. Ação de distribuir luz num local. Em arquitetura, ato de iluminar os espaços

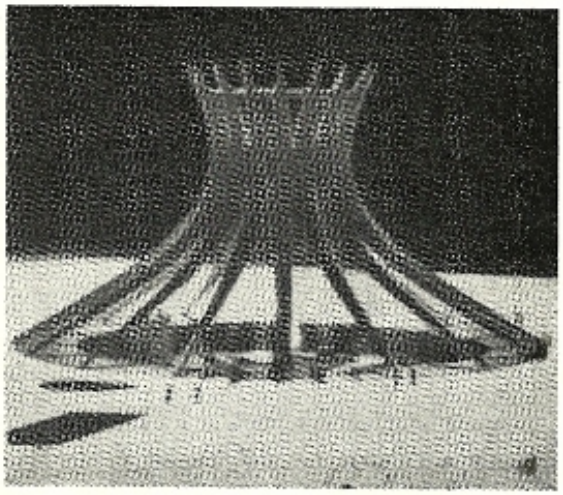




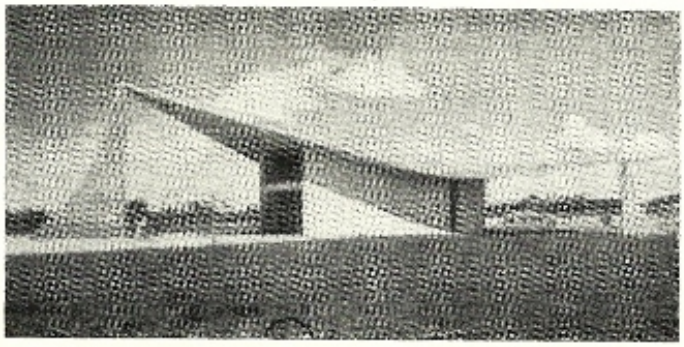
Maquete da Igreja de Santo Antônio, em Osasco, São Paulo, projeto de autoria do arquiteto Joaquim Guedes.

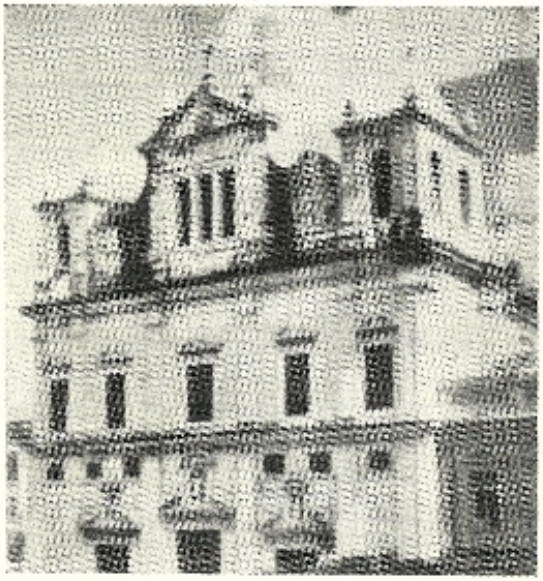






Nas ilustrações, exemplos de aspectos formais assumidos no tempo por igrejas católicas, segundo as várias tendências ou estilos arquitetônicos. Da esquerda para a direita, vemos a Igreja de São Miguel, em S. Paulo, datada de 1622, a seguir a Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, projeto de Manoel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho, em 1776 em Ouro Prêto, e depois, dois exemplares de arquitetura moderna: projetos de Oscar Niemeyer para Brasília, a saber a Catedral (na foto maquete) e a pequena igreja de Nossa Senhora de Fátima.





Matriz de Nossa Senhora da Candelária, obra iniciada em 1811, projeto do Sargento-mor dos Engenheiros Francisco João Roscio, no Rio de Janeiro. A seguir, a Catedral da Bahia, antiga igreja dos jesuítas terminada em 1672. Possui fabuloso acêrvo artístico, principalmente no que diz respeito a obras de talha.

através das duas condições essenciais. Natural ou artificial. Pela primeira se tira proveito da claridade do dia; pela segunda, da energia que produz a luz.

ILUMINAÇÃO ARQUITETÔNICA — Iluminação em que as luminárias integram elementos estruturais ou decorativos.

ILUMINAÇÃO DIRETA — Tipo de iluminação na qual o fluxo luminoso proveniente das luminárias incide diretamente sôbre a superfície a ser iluminada.

ILUMINAÇÃO INDIRETA — Tipo de iluminação na qual todo o fluxo luminoso atinge a superfície a ser iluminada sòmente depois de reflexão sôbre o teto ou paredes do recinto iluminado.

ILUMINAÇÃO SEMI-DIRETA — Tipo de iluminação que participa simultâneamente dos característicos da iluminação direta e indireta.

ILUMINAMENTO — Ato de iluminar. Iluminância.

ILUMINÂNCIA — Iluminamento fotométrico de uma superfície. Fluxo luminoso que incide sôbre uma unidade de superfície.

ILUMINANTE — Que ilumina.

ILUMINAR — Derramar luz sôbre um recinto. Tornar claro um local. Usar da luz, natural ou artificial para aperfeiçoar os espaços arquitetônicos.

IMAGEM — Representação de um objeto pelo desenho, pela pintura ou pela escultura. Especificamente pode designar a representação da Divindade, dos santos, etc. ou ainda, de assunto religioso, por qualquer daqueles processos. Ainda, pode se referir a uma comparação ou a um símbolo usado em relação a alguma coisa.

IMAGINAÇÃO CRIADORA — Sendo a "imaginação" uma faculdade relativa ao homem que permite "imaginar", isto é, criar, conceber, inventar, idear, em arquitetura, a "imaginação criadora" vem a ser a propriedade na aplicação dos princípios válidos da verdadeira obra de arte. Assim, na criação arquitetônica aplica-se a imaginação através de etapas e sucessões que, dando origem a uma ordenação sensível, vai constituir a razão de ser da própria obra arquitetônica.

IMAGINAR — Conceber, criar na imaginação. Idear, inventar, projetar, traçar.

IMAGINÁRIA — O mesmo que ESTATUÁRIA. É, também, designação de figuras humanas bordadas ou pintadas.

IMBÉ — Variedade de cipó, empregado para amarrar ripas de telhados e elementos das estruturas de pau a pique. Ver UAMBÉ.

IMBIRA — Madeira branca, leve, de talhe muito macio, usada na confecção de pranchetas de desenho. Bombax, var, sp..

IMBIRAPITANGA — Madeira. O mesmo que PAU BRASIL.

IMBIRUÇU — Madeira leve, de inferior qualidade para obras e boa para pranchetas de desenho. Bombax. cyathophorum, D. Schum. família dos bombáceas.

IMBITUBA — No Brasil, designação geral das praias altas. O mesmo que imbetiba.

IMBOÇO. — O mesmo que EMBOÇO.

IMBRICAÇÃO — Nome dado à disposição de objetos que se sobrepõem parcialmente uns sôbre os outros, a semelhança das escamas dos peixes. O têrmo é mais empregado com referência às telhas das coberturas, principalmente chatas, como as de ardósia.

IMBRONDA — Molde de cêra antigamente usado para fechaduras.

IMBUIA — Madeira. Ver EMBUIA.

IMBUIA-AMARELA — Madeira. Ver CANELA-AMARELA.

IMBURANA DE CHEIRO — Madeira. Ver CUMARU DE CHEIRO.

IMITAÇÃO — O mesmo que FAISCADO.

IMOBILIÁRIO — Designativo dos bens que são "imóveis" por natureza ou por disposição da lei. Cada um dêsses bens.

IMOSCAPO — Nome que se dá à extremidade inferior das colunas. Ver COLUNA.

IMPASSE — O mesmo que MASMORRA.

IMPERIAL — Diz-se de certo tipo de teto abobadado que possui pelo menos uma face plana.

IMPERMEABILIZAÇÃO — Na arquitetura a impermeabilização, isto é, a defesa contra a infiltração de líquidos, é de suma importância dada as exigências do confôrto, da higiene e da estabilidade. Dois tipos de infiltração são combatidos: a infiltração de fora para dentro e de dentro para fora. No primeiro caso vemos as infiltrações das águas subjacentes, dos lençóis freáticos que comprometem os em-

basamentos dos edifícios. Vemos as águas pluviais introduzirem-se através dos tetos ou coberturas planas horizontais. No segundo caso a impermeabilização cuida das infiltrações ou vazamentos de tanques, reservatórios ou piscinas. Em qualquer caso a técnica oferece recursos variáveis para cada hipótese.

IMPERMEABILIZAR — Tornar impermeável. Fazer a impermeabilização.

IMPERMEAR — Ver IMPERMEABILIZAR.

IMPLANTAÇÃO — Operação que consiste em traçar no terreno a posição das futuras paredes de uma construção. Fazer a locação do prédio. Demarcação. O têrmo é mais usado para designar a distribuição dos vários edifícios dentro de uma grande área a ser urbanizada.

IMPLANTE — O mesmo que IMPLANTAÇÃO.

IMPLÚVIO — Pátio descoberto, no interior da construção, para o qual convergem as águas pluviais dos telhados.

IMPOSTA — Nome do plano ideal que separa o pé direito da nascença do arco. Ver ARCO. Na prática a palavra é empregada para designar a moldura situada na altura daquele citado plano arrematando os pilares das arcadas. Há, também, quem dê o nome à moldura situada acima das vergas das portas. Antigamente, designava colina ou encosta.

IMPULSO — O mesmo que EMPUXO.

INABITABILIDADE — Qualidade de inabitável.

INABITÁVEL — Que não é habitável ou que não pode ser habitado.

INCHAMENTO — Aumento de volume que sofre a areia quando é molhada. O inchamento ocorre quando há 5% de umidade e o aumento de volume é da ordem de 3%.

INCLINAÇÃO — Ato ou efeito de inclinar. Ângulo formado com a linha horizontal, pelo plano das coberturas, das rampas, das escadas, dos paramentos inclinados, etc. A inclinação é expressa em graus ou em porcentagem. Ver COBERTURA e TELHADO.

INCLUSA — Esclusa, comporta.

INCORPORAÇÃO — Ato ou efeito do incorporar. Iniciativa de pessoa física ou jurídica com a finalidade de construir edifício de apartamentos ou edifício comercial e vendê-los, antes de iniciar a construção, durante a construção ou depois de concluídos, sob o processo de prestações ou pagamentos periódicos.

INCRUSTAR — Cobrir, revestir ou vestir uma superfície com uma camada de material qualquer. Diz-se pintar ou incrustar uma parede com óleo, incrustar de verniz uma tela, etc. Ornar com incrustrações, com embutidos ou ornatos embebidos na massa de revestimento. Neste caso, o têrmo é sinônimo de EMBRECHAR. Revestir-se de crosta. Dourar ou pratear por galvanização.

INDÁ-GUAÇU — Madeira. Ver ANDÁ-GUAÇU.

INDAÍ-GUAÇU — Madeira. Ver ANDÁ-GUAÇU.

INDUMENTO — O mesmo que INDUTO.

INDUTAR — Revestir, cobrir ou guarnecer. Ver INDUTO.

INDUTO — O mesmo que REVESTIMENTO. O têrmo, no entanto, é mais aplicado para designar a cobertura ou revestimento aplicado a uma superfície que deverá ser arrematada com pintura ou douramento. Assim, o induto seria uma espécie de base, de fôrro, com a função de melhor unir a camada final de acabamento (tinta ou ouro) com o objeto a ser decorado. Nos processos de douramento, por exemplo, no caso de talhas de madeira, sôbre a escultura era passado um induto composto de alvaiade, litargírio e óleo secante. Ver DOURAMENTO.

INFRA-ESTRUTURA — Nome que também recebe a parte da estrutura de um edifício situado abaixo do nível do solo. ALICERCE.

INGÁ — Nome genérico aplicado à grande número de variedades de certa árvore leguminosa que dá madeira de segunda qualidade boa para taboados, vigas e demais serviços de carpintaria. Possui a madeira côr parda com veios escuros. Algumas variedades: INGÁ-ÇU, Inga cinnomonea, Spruce. INGÁ BRAVO, Calliandra peckolti, Benth., que é árvore de médio desenvolvimento; INGÁ CABELUDO, abundante no Norte do país, INGÁ CAETETU ou INGANARA, também conhecido por angelim rajado, cuja madeira é muito empregada na marcenaria. Nativa do vale amazônico. Pithecolobium racemosum, Duck., INGÁ CIPÓ que é a Inga edulis, Mart., INGÁ FAÇO, que dá boa madeira para caibros e frechais, INGÁ FERRADURA, ou

Inga sessilis, Mart., INGÁ MIRIM, árvore baixa que dá madeira para pequena marcenaria; Inga marginata, Willd. INGÁ MIMOSO, Inga tetraphylla, que dá madeira para obras civis e navais. Existem ainda, as variedades INGÁ FEIJÃO, e o INGÁ OPEAPUBA que dão madeiras para obras internas.

INGAÍ — Árvore silvestre, de madeira amarela boa para tabuados e pequena carpintaria. Inga bangifolia, Humb., e Bonpl.

INGAUÇU — Madeira. Ver PASSARIÚVA.

INGIBA — Madeira citada por Del Vecchio na sua obra sôbre materiais de construção, não identificada. Diz aquêle autor que a madeira é amarela, macia ao talhe. Pêso específico igual a 0,922 natural do Paraná.

INGLÊS — Madeira. Ver GUANANDI.

INGRAUXIDO — Nome que se dá ao degrau oblíquo. Ver ESCADA E DEGRAU.

INGRE — Diz-se da pedra colocada sem argamassa na formação de uma parede.

ÍNGREME — Escarpado. De grande declive.

INGRESSO — Diz-se do vão de acesso a uma dependência ou grupo de acomodações. O têrmo é usualmente empregado como sinônimo de VESTÍBULO, de antecâmara ou ÁTRIO.

INGURUOGA — Terreno muito acidentado, impraticável, intransitável.

INHAÍBA — O mesmo que CANELA PRETA.

INSOLAÇÃO — Em arquitetura é a quantidade de energia têrmica que vem a ter nos edifícios. Assim se consegue aquecer cada ambiente, cada espaço de forma relativa e de acôrdo com a necessidade. Pode o homem procurar o sol, na nabitação mais, ou menos, se a região fôr fria ou quente, etc. Do ponto de vista da higiene da habitação a insolação é calculada por calorias-aquilo por metro quadrado, sôbre a parede e no ambiente determinado.

INSÔSSO — Forma errônea de ENSOSSO.

INSTALAÇÃO — Inicialmente o têrmo refere-se às primeiras providências tomadas para que uma obra possa ser começada. Assim, a instalação dos serviços compreende a determinação do canteiro de trabalho, a locação do prédio, a seleção de ferramentas, máquinas, aparelhos, veículos, escadas e a execução de andaimes de amassadouros, depósitos da compra de materiais, etc. Na prática, o têrmo, sempre no plural, é empregado para designar os serviços complementares, "as instalações", de eletricidade, de hidráulica, de gás, de condicionamento de ar, etc.

INSTITUTO — Corporação literária, científica ou artística. Designação de certos estabelecimentos de ensino e de pesquisa científicas.

INSTRUTURA — Construção mecânica de um edifício.

INSULA — Moradia isolada, afastada.

INTENDÊNCIA — Edifício ou repartição onde o "Intendente" exerce as suas funções.

INTENSIDADE LUMINOSA — Fluxo luminoso emitido na unidade de ângulo sólido e que tem por unidade a "vela".

INTENTAR — Planejar. Projetar.

INTERCOLUNAR — Que pertence ou se refere ao intercolúnio.

INTERCOLÚNIO — Nome do espaço situado entre duas colunas.

INTERMURAL — Que está entre muros.

INTERNATO — Edifício ou casa de educação ou de caridade, onde os alunos ou os socorridos residem.

INTERRUPTOR — Alavanca que interrompe uma corrente elétrica quando acionada. No linguajar comum é sinônimo de COMUTADOR.

INTERSEÇÃO — O mesmo que INTERSECÇÃO.

INTERSECÇÃO — Corte. Ato de cortar pelo meio.

INTERSTÍCIO — Fenda, intervalo.

INTERURBANO — Diz-se de tudo que é relativo a movimentos ou contatos que se processam dentro dos limites de uma mesma cidade. No Brasil, é que as ligações telefônicas entre duas cidades, mesmo distantes, tomam êsse nome.

INTRADORSO — Nome da superfície côncava interior de um ARCO ou ABÓBADA.

INTRADÓS — O mesmo que INTRADORSO.

INTROFLEXÃO — Curvatura para dentro, concavidade.

INTRUDO — O mesmo que INTRADORSO.

INVERNEIRA — Lusitanismo que designa a habitação situada em vale profundo e abrigada das tormentas.

IPÊ — Nome genérico e comum dado a certas árvores das famílias das Leguminosas cesalpináceas, Bignoniáceas e das Borragináceas. As árvores da segunda das famílias citadas, esguias e de belo porte, são as mais conhecidas por aquêle nome e suas flôres foram recentemente tornadas flôres simbólicas do Brasil. Tradicionalmente incorporadas ao gênero Tecona, foram no entanto, transferidas para o gênero Tabebuia. Boa madeira de lei usada em carpintaria e marcenaria. Muito empregada em tacos para revestimento de pisos.

IPÊ AMARELO — Árvore que fornece excelente madeira com inúmeras aplicações na construção. Tecoma chysotrichea, Mart. Família das Bignoniáceas. Pêso específico igual a 1,05. também conhecida por IPÊ DA VARGEM. A designação de ipê amarelo também, às vêzes, é dada do IPÊ TABACO e ao IPÊ PARDO.

IPÊ-BATATA — O mesmo que CAROBA BRANCA.

IPÊ-BOIA — O mesmo que CAROBA BRANCA. Nome de árvore da família das Bignoniáceas e Tecoma subvernicosa, P. D. C.

IPÊ BRANCO — Madeira de construção. Ver CAROBA e GUAIUVIRA. Árvore da família das Bignoniáceas. Tecoma odontodiscus, Bur. e Schum.

IPÊ CLARO — Ver IPÊ PEROBA.

IPÊ DA VARGEM — O mesmo que IPÊ AMARELO.

IPÊ MAMONO — O mesmo que IPÊ PARDO VACARIANO.

IPÊ MIRIM — O mesmo que IPÊ-TABACO.

IPÊ PARDO — Madeira de lei de ótima qualidade e de inúmeras aplicações em construções. Também conhecida por LAPACHO. Tecoma ochracea, Cham. Família das Bignoniáceas. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 1,01. Nas mesmas condições de umidade, limite da resistência na compressão axial: 825 kg/cm2.

IPÊ PARDO VACARIANO — Árvore da família das Bignoniáceas. Tecoma olha, Cham.

IPÊ-PEROBA — Madeira de lei usada em construções civis e na marcenaria. Também conhecida por IPÊ CLARO, PEROBA AMARELA, PEROBA BRANCA, PEROBA DO CAMPO, PEROBA MANCHADA, PEROBA PARDA, ou PEROBA TREMIDA. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,75. Nas mesmas condições de unidade, limite de resistência à compressão axial igual a 516 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 1.104 kg/cm2. Paratecoma peroba, Record Kuhlm.

IPÊ PIRANGA — O mesmo que IPÊ-UNA.

IPE PRÊTO — Madeira. Ver IPÊ-UNA.

IPÊ ROXO — O mesmo que IPÊ-UNA.

IPÊ-TABACO — Ótima madeira empregada em obras em geral principalmente em esteios ou dormentes pois resiste bem à umidade, podendo durar anos em contacto com o solo. Madeira de côr parda esverdeada, tendo nos intervalos do tecido fibroso, um pó amarelo que provoca espirros. Daí a razão do nome ipê-tabaco. No Norte do país é conhecido por PAU D'ARCO AMARELO. Também é conhecido por IPÊ MIRIM ou IPÊ AMARELO. O tronco da árvore pode atingir até 1,20 m de diâmetro. Família das Bignoniáceas. Tecoma pedicellata, Bur. e Schum. Tecoma insignis. Tecoma longiflora (Vell) Bur. e Schum. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 1,03. Nas mesmas condições de unidade, limite de resistência à compressão axial igual a 754 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 1.620 kg/cm2.

IPÊ UNA — Boa madeira de lei para obras em geral. Melhor que o IPÊ TABACO nos serviços hidráulicos. A árvore tem cerne muito escuro. No Sul do país é também conhecido por IPÊ PRÊTO ou IPÊ ROXO. No norte, por PAU D'ARCO PRÊTO. O mesmo que IPÊ IPIRANGA. Tecoma impretiginosa, Mart. Tecoma curialis, F. A. Família das bignoniáceas. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,96. Nas mesmas condições de umidade, resistência à compressão axial igual a 745 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 1.632 kg/cm2.

IRACURARA — Nome de certa árvore que fornece madeira boa para construções. Ver IRACURURU.

IRACURURU — Árvore nativa ao norte do Rio de Janeiro, catalogada por A. Del Vecchio, em sua obra sôbre materiais de construção, como fornecedora de madeira boa para

construções. Madeira de cerne, com pêso específico igual a 0,96.

IRARI — Ver MEMBI.

IRIBICA — Nome de madeira citado por Vauthier no seu trabalho "Casas de Residências no Brasil."

IRIRIBA — Madeira. Ver ARARIBA-AMARELO.

IRMANDADE — Associação ou confraria de pessoas interessadas em perpetuar certos princípios religiosos ou render culto a determinada santidade, que possa dar o seu nome àquela liga. As irmandades também selecionavam as pessoas segundo suas classes sociais ou segundo suas côres ou raças, chegando mesmo ao máximo da discriminação racial. Minas Gerais, em nossos tempos antigos, foi o reduto das irmandades religiosas, não se compreendendo que alguém não fizesse parte de uma confraria. As irmandades foram as grandes financiadoras e responsáveis pelos empreendimentos arquitetônicos cujas igrejas barrocas caracterizam o verdadeiro patrimônio artístico brasileiro, o conjunto barroco mineiro a que está tão vinculado o gênio de Aleijadinho.

ISABEL — Côr semelhante à do café com leite.

ISODOMO — Diz-se do APARELHO (e do edifício, também) em que tôdas as pedras foram cortadas em esquadria, e com a mesma altura, formando fiadas regulares e iguais entre si.

ISÓGONO — Nome da figura que reune ângulos iguais entre si.

ITACAVA — Árvore silvestre que dá madeira usada em alguma carpintaria.

ITACOLUMITO — Quartzito xistoso claro constituído por pequenos grãos de quartzo e folhelhos de ferro micáceo, talco, clorito e, acessòriamente, ferro magnético e ouro. O itacolumito foi empregado em Minas, como elemento de construção nas alvenarias.

ITACURUBA — Designação de origem tupi ao pedregulho, ao seixo miúdo. Existe, também, a forma itacurumbi.

ITAMBA — Madeira usada em construções civis.

ITAÓCA — Literalmente significa casa de pedra. No Brasil tem sido empregado para designar a caverna, a furna ou lapa.

ITAPICURU — Árvore alta, da família das Leguminosas cesalpináceas, que fornece boa madeira para construções civis. Goiciorrhachis marginata, Taub.

ITAÚBA — Nome comum a três espécies de árvores da família das Lauráceas. Ocotea megaphylla, Meissn., Silvia duckei, A Samp. e Silvia itaúba Pax. e Meissn. Esta última é a mais conhecida e também chamada por ITAÚBA-ABACATE, ITAÚBA AMARELA, ITAÚBA PRÊTA, ou ITAÚBA VERDADEIRA. Pêso específico aparente (15% de umidade igual a 0,96. Limite de resistência a compreensão axial igual a 708 kg/cm2. Limite de resistência a flexão estática igual a 1.241 kg/cm2, nas mesmas condições de umidades acima referida.

ITAÚBA-ABACATE — Ver ITAÚBA.

ITAÚBA-AMARELA — Ver ITAÚBA.

ITAÚBA PIXUNA — Madeira. Ver CEDRO PARDO.

ITAÚBA PRÊTA — Ver ITAÚBA. Dá-se o mesmo nome também ao CEDRO PARDO.

ITAÚBA VERDADEIRA — Ver ITAÚBA.

ITAUBARANA PRÊTA — Madeira. Ver CEDRO PARDO.

ITAÚNA — Denominação tupi que qualifica as pedras prêtas ou escuras, como o basalto, o diorito, etc.

ITINOCA — O mesmo que CEMITÉRIO.

ITU — O mesmo PAU-FERRO. Nome dado a árvore da família das Leguminosas cesalpináceas. Dallium divarcotum, Vahl.

IXOLITA — Resina fóssil, usada no preparo de vernizes, descoberta pelo geólogo alemão Haidinger.

IVANTIJI — Nome também dado ao AÇOITA-CAVALO.

IVITINGA — Nome dado a árvore que fornece a madeira AÇOITA-CAVALO.

IVOIRINE — Nome dado a certa massa, em cuja constituição entram gelatina e alvaiade de zinco, usada para imitar o marfim.

IVURANHÉ — O mesmo que BURANHÉM.

J

Jacarandá paulista, com vinte anos de idade, em Ibiúna, São Paulo.

JABUTIPÉ — Árvore que dá madeira usável em construções, principalmente em esteios e estacas. Pêso específico igual a 1.047. Citada e não identificada por A. Del Vecchio em sua obra sôbre materiais de construção.

JAÇA — Na linguagem popular, calabouço, prisão. Também, cama.

JAÇAPUCAIA — Madeira. Ver FRUTA DE MACACO.

JACARANDÁ — Nome que indistintamente se dá a algumas variedades de certas árvores da família das Leguminosas possuidoras de excelente madeira de lei usada principalmente em marcenaria fina e em decorações. Geralmente na prática a palavra refere-se ao JACARANDÁ DO BREJO ou ao JACARANDÁ PARDO.

JACARANDÁ AMARELO — Ver JACARANDÁ PARDO.

JACARANDÁ-BANANA — Madeira. Ver JACARANDÁ BRANCO.

JACARANDÁ BICO DE PATO — Ver BICO DE PATO.

JACARANDÁ BRANCO — Madeira empregada na construção civil, também conhecida por JACARANDÁ-BANANA, JACARANDÁ CAROBA, CAROBA, CAROBA BRANCA ou CAIXETA. Platypodium elegans, Vog. Jacarandá semiserrata, Cham. Pêso específico aparente (15% umidade) igual a 0,57. Limite de resistência à compressão axial igual a 312 kg/cm2. Limite a flexão estática igual a 658 kg/cm2.

JACARANDÁ CAROBA — Madeira. Ver JACARANDÁ BRANCO e, também CAROBA.

JACARANDÁ-CAVIÚNA — Madeira. Ver CABIÚNA.

JACARANDÁ DO BREJO — Estimada madeira de lei cujo cerne é duro e compacto de côr vermelha clara com veios pardos. A árvore pode dar troncos com diâmetros que vão até um metro e comprimentos que atingem até 18 metros. Dormentes desta madeira duram até 12 anos. Sinonímia: JACARANDÁ, JACARANDÁ ROSA. JACARANDÁ PIRANGA, JACARANDÁ PUITÃ, JACARANDÁ-TÃ, SACAMBU e PAU SANTO. Árvore da família das Leguminosas papilionáceas. Machaerium allemani, Martius. Machaerium incorruptibile, F. Alemão. Platymiscium floribundum, Vog.. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,88. Limite de resistência à compressão axial igual a 630 kg/cm2: Limite de resistência à flexão estática igual a 1.114.

JACARANDÁ ESCURO — Ver JACARANDÁ PARDO.

JACARANDÁ DO MATO GROSSO — Nome que se dá em São Paulo, ao CORAÇÃO DE NEGRO.

JACARANDÁ MIMOSO — O mesmo que CAROBA-GUAÇU.

JACARANDÁ PARDO — Tal como o jacarandá do brejo ou o jacarandá-caviúna, esta madeira também é estimada pelas suas qualidades e grande beleza. Em nossas primeiras épocas foi a mais exportada madeira, que no Reino recebia o nome de PAU SANTO. Árvore da família das Leguminosas. Machoerium villosum, Vog. Sinonímia: JACARANDÁ, JACARANDÁ AMARELO, JACARANDÁ ESCURO ou JACARANDÁ PAULISTA. Pêso

específico aparente (15% de umidade) igual a 0,91. Limite de resistência à compressão axial igual a 634 kg/cm2 e limite de resistência à flexão estática igual á 1.098 kg/cm2.

JACARANDÁ PAULISTA — Ver JACARANDÁ PARDO.

JACARANDÁ PIRANGA — Ver JACARANDA DO BREJO.

JACARANDÁ PRÊTO — Nome que também se dá ao JACARANDÁ DO BREJO, ou Machaerium incorruptibile, F. All. O mesmo que CAROBA.

JACARANDÁ PUITÃ — Ver JACARANDÁ DO BREJO.

JACARANDÁ ROSA — Ver JACARANDÁ DO BREJO.

JACARANDÁ-TÃ — Ver JACARANDÁ DO BREJO.

JACARANDÁ VIOLETA — Bela variedade de jacarandá roxa escura, com poucos poros. Machaeium violaceum.

JACARANDARANA — Árvore de grande porte que fornece madeira semelhante e com utilização igual à do JACARANDÁ-CAVIÚNA.

JACARANDÀZINHO — Árvore da família das Leguminosas. Machaerium, sp. Tem as mesmas utilizações do JACARANDÁ BRANCO, com inferiores qualidades. Nome que também se dá ao FAVEIRO.

JACARANDIVA — Matéria corante do pau de jacarandá.

JACARANHI — Em gíria, grade de ferro ou xilindró.

JACARÉ — Árvore de regular desenvolvimento e de poucos galhos cuja madeira é de segunda qualidade, de côr branca e compacta, comumente usada em tabuados de fôrro. Não é considerada madeira de lei. Sinonímia: Monjoleiro, Camoeteiro, Serrero, Pau-Jacaré. Família das Leguminosas. Piptadenia communis, Benth. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,75. Limite de resistência à compressão axial igual a 533 kg/cm2 e limite de resistência à flexão estática igual a 1.012 kg/cm2. A palavra jacaré também é empregada como sinônimo de FIXA, colher dentada usada pelos pedreiros para introduzir argamassa dentro das juntas.

JACAREÚBA — Madeira. Ver GUANANDI.

JACRA — O mesmo que CHÁCARA, fazenda ou quinta.

JACUTINGA — Madeira. O mesmo que AMENDOIM.

JAGUANDI — Madeira. Ver GUANANDI.

JAGUATIRÃO — Árvore de capoeirão de caule reto que fornece madeira para caibros, esteios e postes. Pêso específico igual a 0, 60. Tibouchina mutabilis, Cogn. Família das Melastomatáceas.

JAIBRO — Nome dos rebaixos executados longitudinalmente nos marcos das portas ou janelas, onde estas se alojam quando fechadas.

JALÃO — Haste de madeira com ponteiros de ferro, usada para alinhamento e agrimensura.

JALDE — Nome da côr amarela semelhante ao ouro. Existe, também, a forma jalne.

JALDELINO — Relativo a JALDE. A palavra é usada para designar especialmente a côr amarela viva ou brilhante.

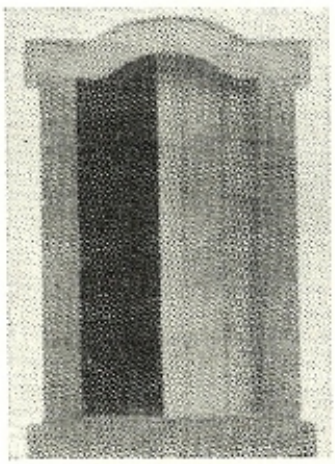
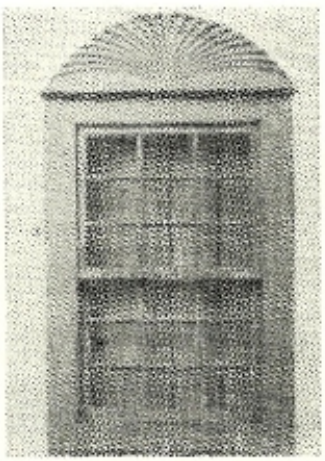
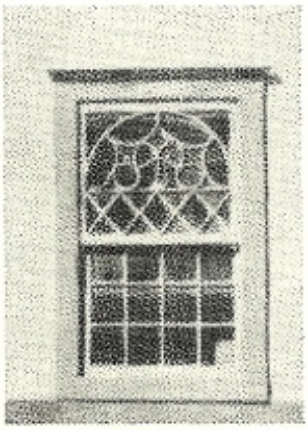
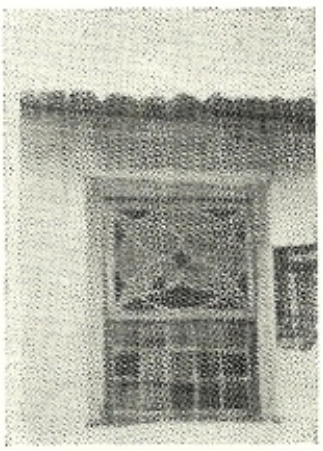
JALDININO — Relativo a JALDE.

JAMBA — Nas portas de duas fôlhas, nome que recebe cada uma daquelas partes móveis.

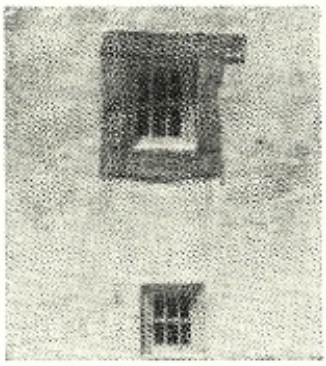
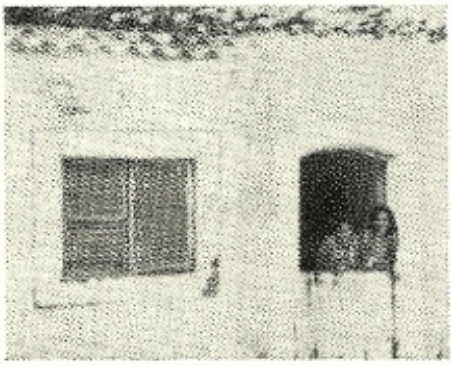
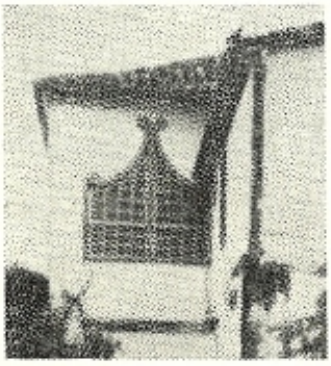
JAMBEIRO VERMELHO — Grande árvore galhosa e muito copada que dá frutos comestíveis e cuja madeira é utilizável em pequena carpintaria. Engennia malaccencis, L. Família das Mirtáceas.

JANDIROVA — O mesmo que ANDIROBA.

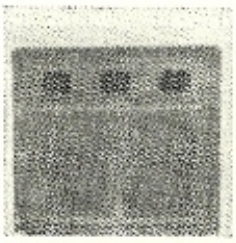
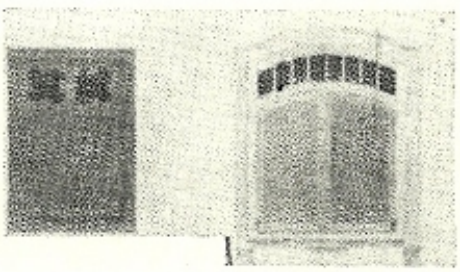
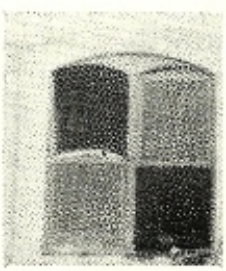
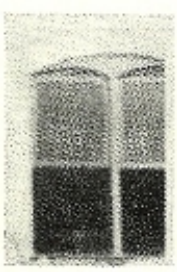
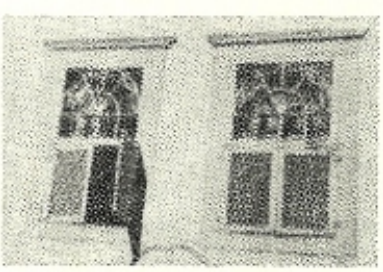
JANELA — Nome genérico que se dá a qualquer abertura ou vão destinado a patrocinar iluminação e ventilação aos ambientes internos, facilitando, ao mesmo tempo, a visibilidade para o exterior. Difere da porta por não ser necessàriamente um vão de acesso. Daí as expressões porta-janela ou porta vidraça, quando o vão, além de permitir passagem livre para o exterior, ainda fornece ar e luz ao cômodo. Com a evolução da técnica das construções, principalmente com o advento das estruturas independentes, as janelas passaram a constituir os chamados panos de caixilharia das fachadas livres, enquanto que antigamente as janelas não passavam de pequenas aberturas nos maciços da alvenaria de

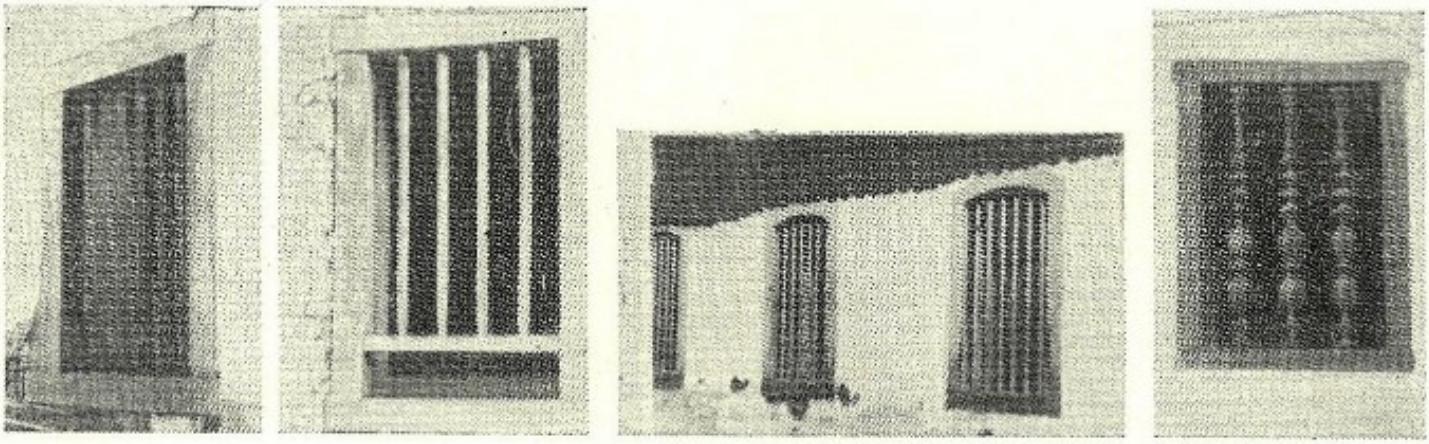
A primeira ilustração mostra janela de verga recurvada, que entrou em grande moda a partir da segunda metade do século XVIII, o que não impediu que no século seguinte ainda perdurasse o uso de vergas retas, como as das fotos seguintes. Respectivamente, janelas de residências de Tiradentes, Minas; São Roque, Cunha e Iguape, Estado de São Paulo.

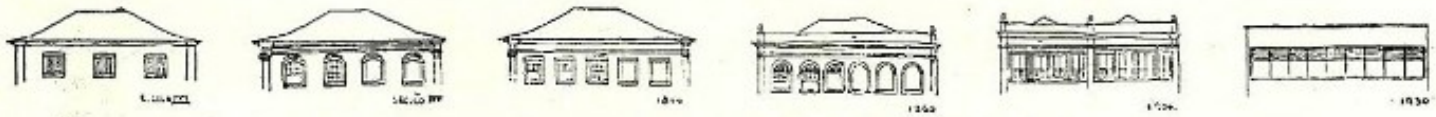
Na primeira ilustração, janela com verga, ombreiras e peitoril de pedra. O caixilho envidraçado é recente, substituindo fôlha de madeira. Pertence ao antigo convento jesuítico de Paranaguá. A seguir, janela do início do século XIX, com venezianas originais, de abrir para fora, em Iguape. A terceira ilustração mostra janela dupla, também do século passado, em moradia de Parati, Rio de Janeiro. Finalmente, janelas de bandeiras triangulares em típico chalé do final do século XIX, Rio Claro, São Paulo.

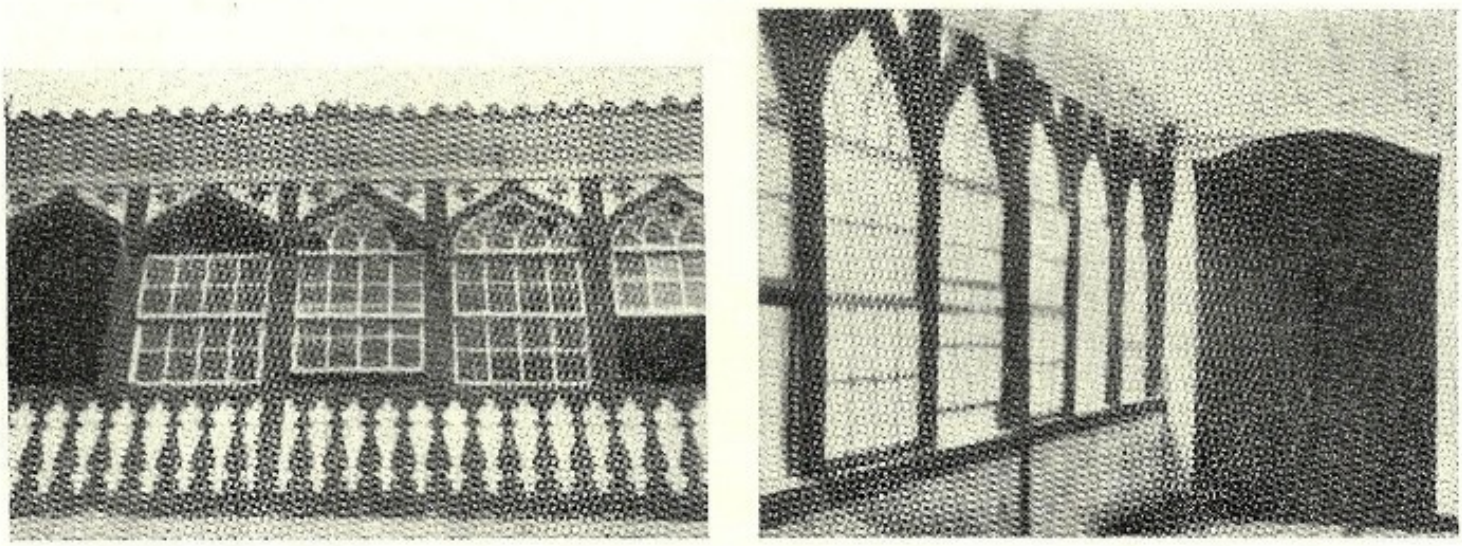
Combatidas pelas autoridades do início do século XIX, as janelas providas de rótulas desapareceram das cidades velhas. Raros os exemplos genuínos como os três primeiros, de residências de Tiradentes, Minas. As janelas seguintes, de guilhotina, são mais recentes, em sobrado de Ouro Prêto. A última foto mostra janelas do século XIX em São Luís do Paraitinga, São Paulo, providas de rótulas para ventilação permanente encimadas por vidros fixos e situados em frente de fôlhas cheias ou escuros.



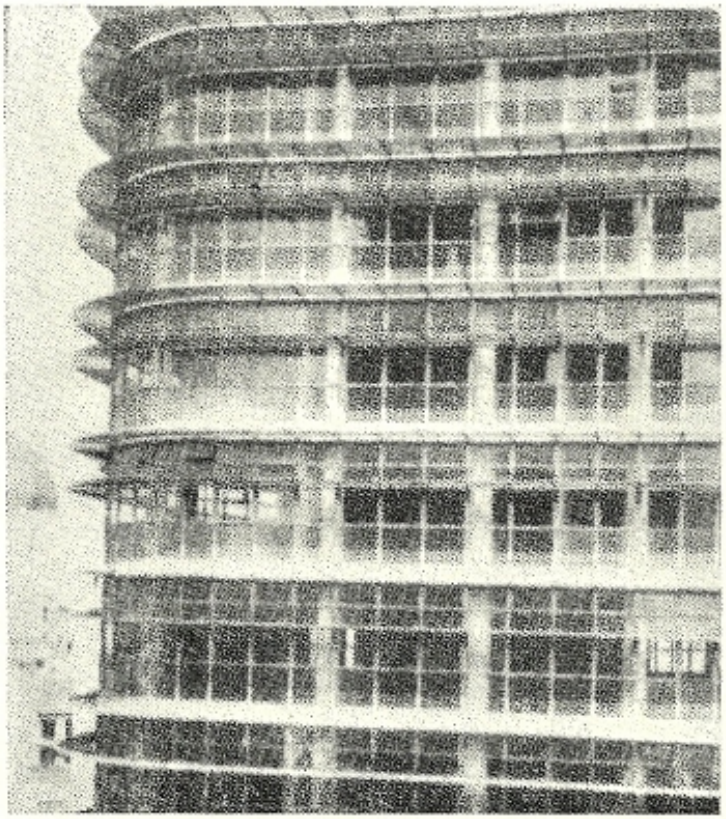
A primeira fotografia acima apresenta janela com balaustres de secção quadrada, constituindo grade típica da arquitetura bandeirista. Tal solução de proteção da envazadura perpetuou-se com pequenas alterações formais, como vemos nas duas fotos seguintes. A primeira janela é de casa de fazenda em Pôrto Feliz; a segunda, de residência em Nazaré Paulista e as de vergas curvas pertencem à casa-grande da fazenda Fortaleza, perto de S. Luís de Paraitinga. Construções do século XIX. A última janela pertence ao prédio do atual Museu do Ouro, em Sabará, Minas, século XVIII.

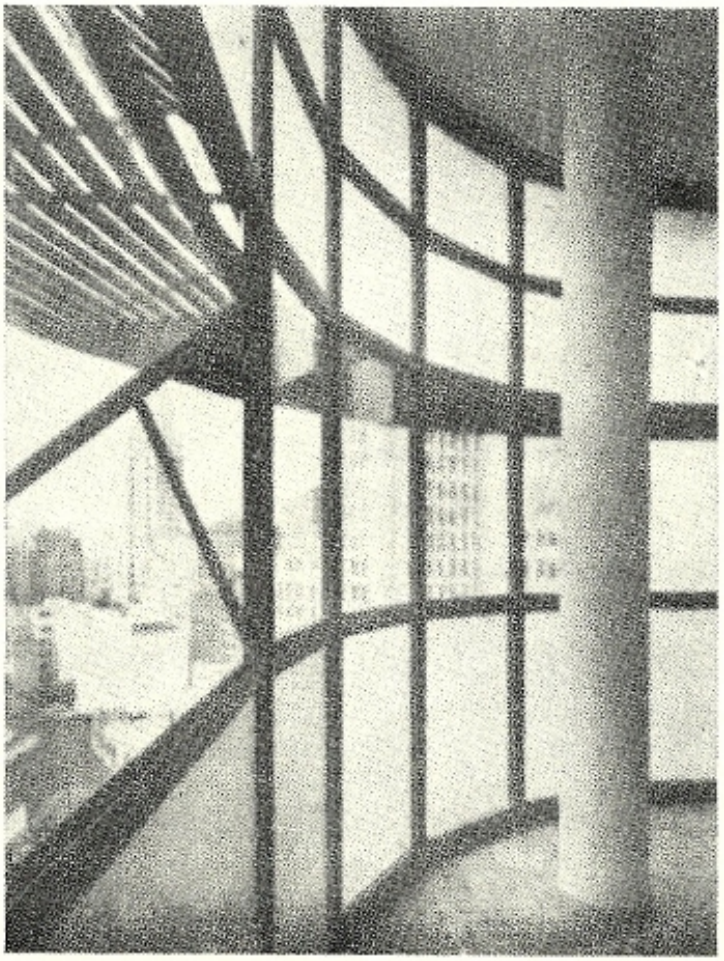


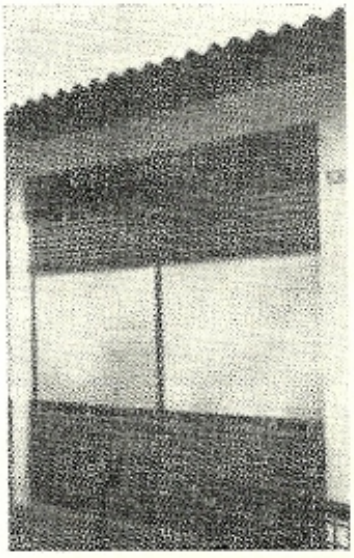
Esquemas de Lúcio Costa mostrando o gradativo aumento do número de janelas nas construções brasileiras, no correr dos séculos.

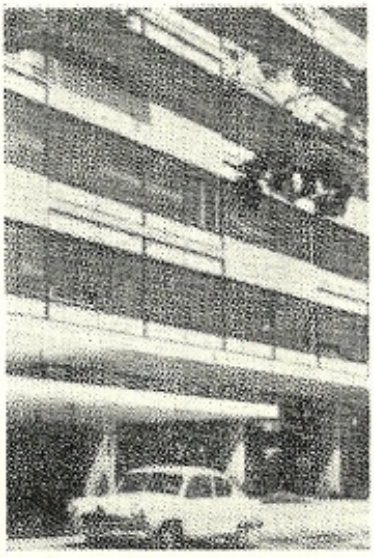


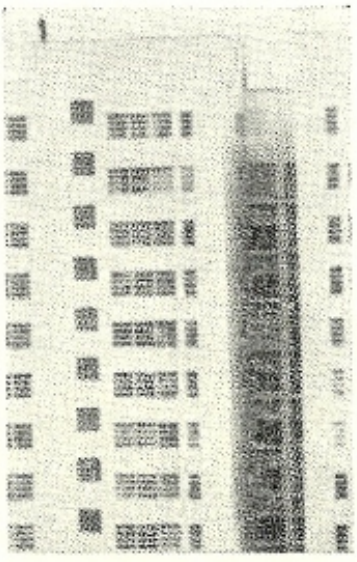
Versões de uma mesma solução, em que os panos das fachadas são totalmente envidraçados. As primeiras fotos apresentam solução antiga de proteção de varandas em substituição aos primitivos alpendres fronteiros das casas senhoris, para onde davam acesso as capelas particulares. A porta ao fundo pertence ao oratório da moradia. Barbacena, Minas. As outras fotografias são do Edifício Triângulo, São Paulo, projeto de Oscar Niemeyer.

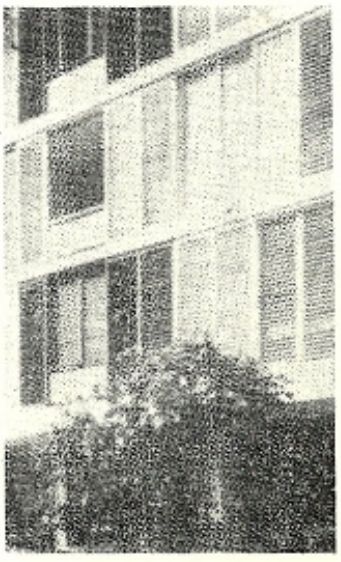




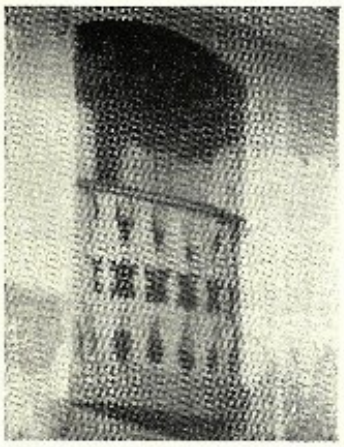


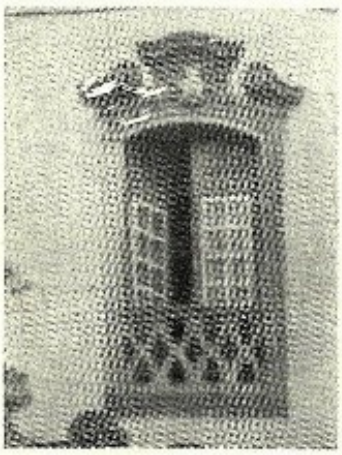


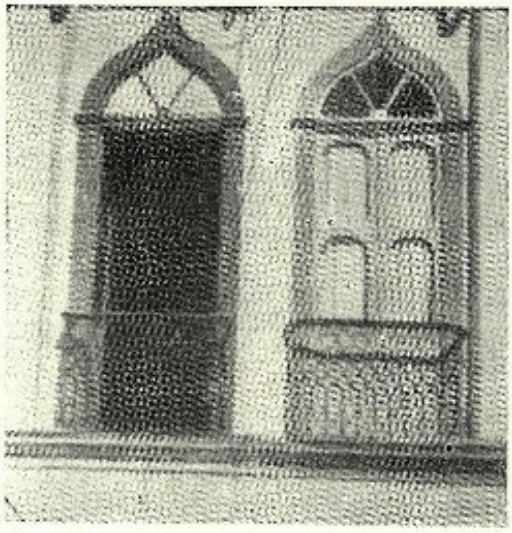


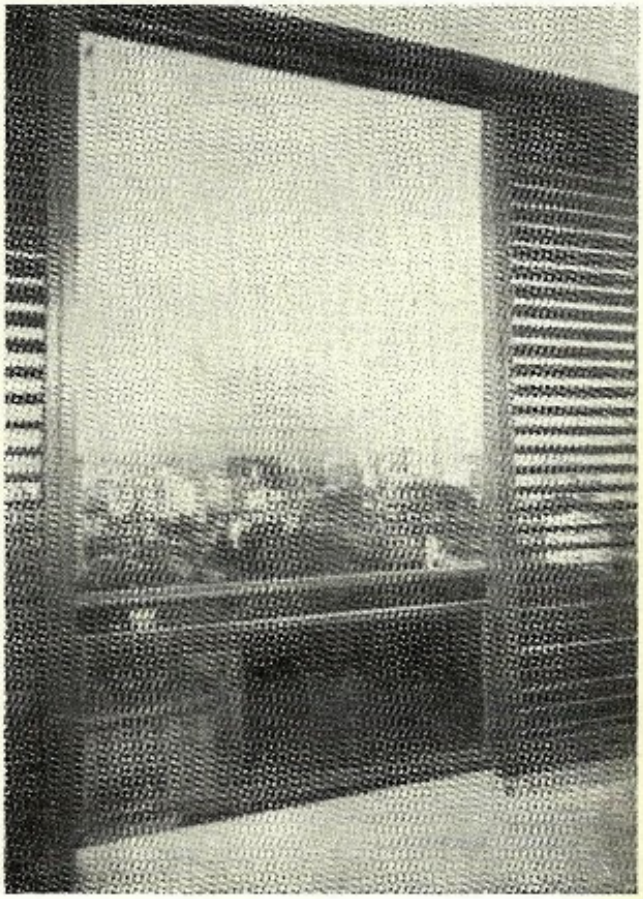


Quatro tipos de janelas contemporâneas. A primeira, em projeto do arquiteto Plínio Croce, é de contrapêso, onde as fôlhas inferiores equilibram as superiores por meio de fios de aço. A seguir, janelas corridas providas de persianas de enrolar, em prédio de apartamentos também na capital de São Paulo. Projeto do arquiteto Giancarlo Gasperini. As duas últimas fotos pertencem a prédio de apartamento projetado pelo arquiteto F. Heep. Na fachada dos fundos, as usadíssimas e baratas janelas basculantes de ferro. Nas janelas corridas do frontespício, venezianas de correr protegendo o vão livre envidraçado que aparece em outro grupo de ilustrações a respeito do verbête JANELA.









Nas ilustrações, janelas gradeadas ou vazadas abaixo dos peitoris. Os dois exemplos acima constituem janelas de sacada, pois as grades saem para fora das ombreiras. O primeiro exemplo é de igreja de Parati, os dois outros pertencem a sobrado de São Luís do Paraitinga, São Paulo. A primeira foto à esquerda mostra solução moderna de janela de luz total, projetada por F. Heep. Ao lado, versão barroca do mesmo tipo de envazadura, pertencente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Mariana, Minas.

sustentação, a qual não poderia de modo algum ser comprometida por vãos e rasgos muito grandes e próximos uns dos outros. Como não poderia deixar de ser, na nossa história da arquitetura, essa evolução da janela, no que diz respeito às proporções e à quantidade, manifestou-se vagarosamente através dos séculos, acompanhando o progresso técnico havido com o lento desenvolvimento de nossa civilização material. Tradicionalmente uma janela possui uma verga (viga que fecha superiormente o vão) duas ombreiras e o peitoril ou superfície de fecho horizontal na parte inferior. Nos grandes panos de janelas modernos das fachadas livres a verga confunde-se com a laje de fôrro; e as ombreiras com as paredes laterais da construção. Antigamente, nas obras de alvenaria a abertura feita na parede era guarnecida de um ARO de madeira no qual eram fixados os caixilhos ou as fôlhas, também chamadas BATENTES. O aro, cuja profundidade era sempre bem menor que a espessura da parede, costumava ser colocado na mesma prumada da face externa do paramento de alvenaria o que acarretava, pelo lado interno, uma reentrância. A saliência formada pela parede atrás da verga do aro chamava-se SOBREARCO e geralmente era chanfrada, constituindo uma superfície inclinada. A essa inclinação dava-se o nome de VÔO do sobrearco, ou VOAMENTO, ou, ainda sobrearco CAPIALÇADO. Da mesma maneira, as faces laterais da parede, próximas às ombreiras, também eram chanfradas, recurso que aumentava a luz do vão. Dizia-se, então, que o vão era ENSUTADO ou, então, que possuia ENGRAS ou ENXALSOS. Quando as paredes eram muito espessas, costumava-se usar o chamado PANO DE PEITO, isto é, a parede abaixo do nível dos peitoris, não tinha a sua espessura normal o que facilitava a aproximação das pessoas que podiam se debruçar sôbre a rua. Tais janelas de pano de peito recebiam o nome de janelas rasgadas. Normalmente o pano de peito possuía um metro de altura. Quando era mais baixo, a altura normal era completada por uma grade ou um caixilho fixo, chamado PEITORIL A FRANCESA. Outras vêzes o pano de peito era substituído totalmente por uma grade, que seria um GUARDACORPO engastado entre as ADUELAS das ombreiras. Dizia-se

que tal grade era de entalar o vão. A partir dessa solução de vedação inferior chega-se à janela da SACADA ou de PÚLPITO: a grade sai dentre as aduelas e vai para fora apoiar-se numa base saliente, em balanço, chamada BACIA ou CONCHA. Foi comum a solução de janelas próximas possuírem sacada única ou contínua. Teríamos o caso de verdadeiras portas-janelas que davam acesso a recinto exterior, no caso sacada ou BALCÃO corrido, quase sempre apoiado em CACHORROS ou MÍSULAS. Em outros tipos de janelas, o pano de peito não possui largura total do vão, surgindo lateralmente duas saliências, pouco mais baixas que o peitoril, que serviam de bancos. Tais janelas recebiam o nome de JANELAS DE ASSENTO ou CONVERSADEIRAS. O tratamento e decoração das janelas variou segundo os estilos e tendências das várias épocas e conforme as disponibilidades técnicas locais. Muita coisa poderia ser dita a respeito das variações formais havidas — a respeito dos desenhos das vergas, por exemplo, que, entre nós, inicialmente foram sempre retas e que passaram a ser curvas da segunda metade do século XVIII em diante, parece que por influência de Alpoim, autor de projetos e construções importantes em Minas. No século XIX ficaram em voga as vergas curvas de volta inteira ou de meio círculo, com bandeiras fixas e, também, as vergas de ângulo agudo lembrando a arquitetura agival. JANELA DE ÂNGULO, é aquela construída no CUNHAL de um edifício e corresponde à BOW-WINDOW dos inglêses. JANELA DE CORRER é aquela em que os caixilhos em vez de girarem em tôrno de DOBRADIÇAS ou GONZOS, correm horizontalmente aos longo de rebaixos ou trilhos. JANELA DE GUILHOTINA é aquela em que os caixilhos correm verticalmente, o que também acontece com as JANELAS DE CONTRAPÊSO, aquelas de fôlhas equilibradas por pêsos laterais que as mantém abertas em qualquer posição ou altura. JANELA BASCULANTE, geralmente metálica, é aquela subdividida em placas que através de comandos especiais giram em tôrno de eixos horizontais. Quando muito largas, as janelas podem se subdividir e, então teríamos janelas DUPLAS, GEMINADAS, BIPARTIDAS ou AXIMEZES, em que os dois vãos são separados por coluna central ou PINÁZIO. Existiam, também, janelas tríplices, quádruplas, etc. As janelas situadas nas coberturas ou telhados têm nomes especiais. TRAPEIRA, ÁGUA FURTADA, MANSARDA, etc. Quando a janela assume pequenas proporções, servindo sòmente para dar alguma luz e certa ventilação, passa a receber, conforme o caso os nomes de MEZANINO, ÓCULO, FRESTA, SETEIRA, BESTEIRA, TRONEIRA, etc. Patrocinando ar, luz e devassamento do exterior, as janelas devem, no entanto, proteger o interior das construções das intempéries e zelar pela segurança dos moradores. Antigamente, as janelas possuíam sòmente batentes ou fôlhas, que recebiam o nome de ESCUROS. Assim, nos dias de chuva e vento eram fechadas exigindo no interior a adoção de iluminação artificial. Entre nós o vidro veio muito tarde e seu uso sistemático iniciou-se apenas no século XIX. Anteriormente usava-se esporàdicamente a mica em placas nos caixilhos, como foi costume em Goiás e Minas. Outras capitanias, como São Paulo, chegaram a importar "das Minas" malacacheta para janelas, mas isso não foi regra generalizada. Podemos dizer que os caixilhos envidraçados, os de guilhotina primeiramente, entraram nas nossas especificações sòmente no século passado, época em que quase tôdas as janelas de construções anteriores foram reformadas e adaptadas à novidade. A segurança era proporcionada, nas janelas terreiras, por grades de madeira, sobretudo nas edificações rurais. Na arquitetura bandeirante foram usadíssimas as grades constituídas de balaustres de secção quadrada postos de quina para o exterior. Nas construções urbanas o costume foi o uso de RÓTULAS, ou URUPEMAS que além de proteger os vãos e evitar devassamentos, permitiam que se olhasse de dentro para fora, sem que se fôsse visto. Com a rótula iniciou-se o emprêgo de janelas ocasionando ventilação permanente. No início do século XIX, época da introdução em escala comercial de vidro plano e das grades inglêsas de ferro fundido, apareceu entre nós a VENEZIANA e, depois, a PERSIANA de paletas móveis, ambas derivadas das ADUFAS medievais. Modernamente às janelas foi introduzindo o QUEBRA-SOL ou o BRISE-SOLEIL.

JANELO — Pequena janela ou POSTIGO.

JAGANDA BRAVA — Madeira utilizável em construções. Bastardiopsis densiflora, HeA. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,69. Limite de resistência à compressão axial igual a 538 kg/cm2 e limite de resistência à flexão estática igual a 1.040 kg/cm2.

JANITÁ — Madeira. Ver GUARIÚBA.

JANTAR — Árvore de caule reto, com grande camada de alburno. Cerne vermelho. Pêso específico igual a 1,20. Madeira empregada em esteios, postes e estacas em lugares úmidos.

JAPA — Esteira tecida com fôlhas de palmeiras usada, às vêzes, em substituição às fôlhas de madeira de portas ou janelas.

JAQUEIRA — Árvore mais conhecida pelos seus frutos que, no entanto, fornece madeira rija de côr amarelada notável pela sua flexibilidade, usada em construções principalmente obras internas. Nas colônias francesas, conhecida por Jacquier e por Jack-wood nas inglesas. Pêso específico igual a 0,66. Autocarpus integrifolia. Família das Moráceas.

JARARACA — Nome de certa árvore que fornece madeira boa para construção.

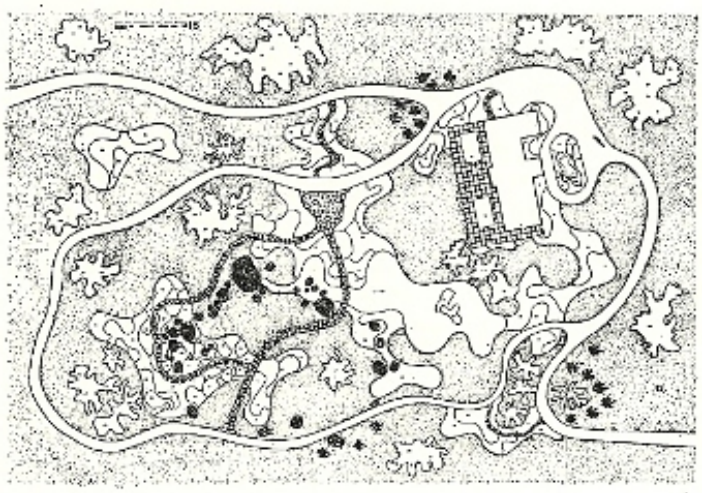
JARDA — Medida inglesa de comprimento igual a três pés ou 36 polegadas e equivalente a 0,9144 m.

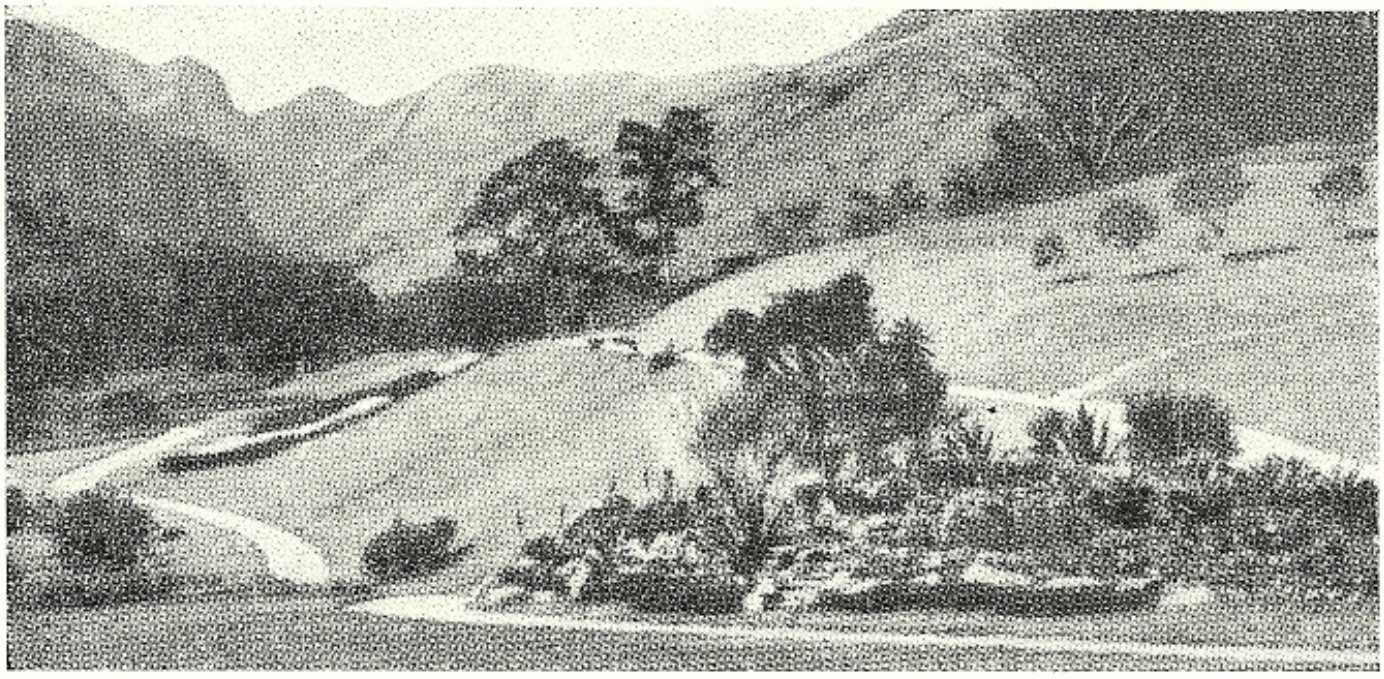
JARDIM — Terreno onde se cultivam plantas com finalidade de recreio ou de estudo. Na arquitetura constitui complemento importante de composição que se resume em elemento de PAISAGISMO.

JARDIM DE INVERNO — Compartimento envidraçado e espaçoso. Estufa vasta que serve para recreio e para o cultivo de plantas de sala.

JARDIM BOTÂNICO — Aquêle em que se cultivam plantas para estudo.

JARDIM ZOOLÓGICO — Aquêle em que se expõem animais, para recreio ou estudo.





Planta e vista de jardim em Petrópolis Estado do Rio, projetado por Roberto Burle Marx.

JARDIM SUSPENSO — Diz-se do jardim executado nas coberturas planas (em parte ou no todo) com o fim de uso recreativo e, também, como cobertura pròpriamente dita. Constitue um dos 5 princípios da "arquitetura funcional" de Le Corbusier com o nome de "TERRAÇO JARDIM".

JARDINAÇÃO — Ato de jardinar.

JARDINEIRA — Móvel ou mesa onde se colocam flôres e outros objetos de adôrno. Elemento construído ao longo das janelas ou das sacadas onde se colocam plantas como complemento decorativo das fachadas.

JARDINETO — Pequeno jardim.

JARUVA — Madeira. Ver ESPINHO DE CRISTO.

JASMIRANA — Ver GUARUBA JASMIRANA.

JATAÍ — Principalmente no Estado de São Paulo, costuma-se fazer sinonímia entre JATAÍ e JATOBÁ, o que, na prática, não constitue êrro, pois não passam aquelas árvores de variedades de um mesmo gênero. Assim, êste verbête tratará das madeiras de ambas as árvores, boas para esteios, postes em lugares sêcos, tábuas, vigamentos, etc. JATAÍ: Hymenaea stignocarpa, Mart. JATOBÁ: Hymenaea stilbocarpa, Hayne. Sinonímia de ambas as árvores: GITAÍ, JATAIPEBA, JATI, JATOBÁ ROXO, JUTAÍ, ÓLEO, JETAÍ, ou ÁRVORE COPAL. Família das Leguminosas. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 1,02 limite de resistência à compressão axial igual a 839 kg/cm2. Limite e resistência. à flexão estática igual a 7.803 kg/cm2. A palavra JATAÍ também é empregada para designar outra madeira, a GARAPA ou GRAPIAPUNHA.

JATAÍBA — Ver TAIÚVA.

JATAIMONDÉ — Nome que Gabriel Soares dava ao JATAÍ.

JATAIPEBA — Ver JATAÍ.

JATÍ — Ver JATAÍ.

JATOBÁ — Ver JATAÍ.

JATUAÚBA — O mesmo que CEDRORANA.

JARANA — Árvore da bacia amazônica, principalmente Pará, cuja madeira rosa amarelada é empregada em construções civis, principalmente em dormentes. Pêso específico a 0,85. Clytroma jarana, Hub. Família das Lecitidáceas.

JASPEAR — Dar aparência e côr de jaspe à pedra e à madeira.

JAÚ — Na gíria dos pedreiros, o mesmo que BAILÉU ou BALANCIM, andaime suspenso por meio de cabos. O nome parece lembrar o JAÚ, avião brasileiro que primeiramente atravessou o Atlântico em memorável aventura.

JAVRA — O mesmo que ENCAIXE.

JAZA — O mesmo que BARROTE ou TRAVE.

JAZENTE — O mesmo que DORMENTE, ou caibro de grandes dimensões.

JAZIGO — Sepultura. Monumento levantado sôbre um túmulo. Abrigo. Depósito.

JECUÍBA — Madeira fornecida pela árvore da família Lecitidáceas, a Cariniana brasiliensis, Cas., que antigamente era muito apreciada em Portugal para obras de talha.

JEJUÍRA — Madeira, o mesmo que GONÇALO-ALVES.

JENIPAPO — Madeira fornecida pelo jenipapeiro, Genipa americana, Lin., família das Rubiáceas, que possui côr amarela clara uniforme. Pequena camada de alburno. Talhe macio. Pêso específico 0,75. Madeira de grande elasticidade e enorme flexibilidade.

JENIPARANA DA MATA — Árvore da família das Lecitidáceas que fornece madeira empregada na carpintaria e marcenaria. Gustavia fastuosa, Wildd.

JENOLIM — O mesmo que MASSICOTE. Nome de tinta amarela usada em pintura.

JEQUIRA — O mesmo que GONÇALO-ALVES ou ADERNO.

JEQUITIBÁ BRANCO — O mesmo que SAPUCAIA BRANCA.

JEQUITIBÁ ROSA — Talvez a mais famosa das árvores brasileiras, notável pelo seu desenvolvimento. Já Gabriel Soares na sua "Notícia do Brasil" dizia: "façanhosa na grossura e comprimento". Encontram-se exemplares com mais de 2,00m de diâmetro e normalmente fornece troncos de 12,00 a 15,00

Jequitibá adulto remanescente de desmatamento no local.

m de comprimento. Ainda diz Gabriel Soares: "Esta madeira tem cor brancacenta, é leve e pouco durável onde lhe chove; não se dão, estas arvores em ruim terra". Mart., Cariniana excelsa. Família das Lecitidáceas. Sinonímia: CAIXÃO, JEQUITIBÁ, JUQUITIBÁ e PAU CARGA. Madeira de talhe macio, tem pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,54. Limite de resistência à compressão axial igual a 465 kg/cm2 e limite de resistência à flexão estática igual a 929 kg/cm2.

JESUÍTICO — Nome que certos críticos antigos pretenderam dar ao barroco cuja época coincidiu com o início das atividades da Companhia de Jesus e que foi empregado pelos filhos de Santo Inácio de Loyola em suas construções aqui e ali. A verdade é que o barroco foi uma conseqüência natural do desagregamento das regras renascentistas, que de qualquer maneira surgiria com ou sem a existência daquela agremiação religiosa que, por sinal, adotou em suas manifestações artísticas "formas diversas, de acôrdo com as conveniências e recursos locais e com as características de estilo próprias de cada período", conforme nos diz Lúcio Costa em sua clássica "A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil".

JETAÍ — Ver JATAÍ.

JETAICICA — O mesmo que goma COPAL.

JIÇARA — Nome de um coqueiro brasileiro — o mesmo que açaizeiro. No linguajar comum dá-se o nome de jiçara às ripas do desdobramento dos troncos de qualquer coqueiro ou palmeira usados nos telhados, principalmente no litoral.

JINJURUCUM — Madeira. Ver FRUTA DE BURRO.

JIPIO — Madeira. Ver GUATAMBU.

JIRAU — Primitivamente entre nossos índios. nome da armação horizontal de galhos ou varas apoiada sôbre forquilhas, que servia para amparar, acima do fogo, as carnes ou peixes do moquém. Introduzido em nossa arquitetura particular, o jirau situou-se em cima dos fogões, na roça principalmente, servindo de fumeiro ou defumador. Sôbre o jirau são colocados as carnes e derivados, o sal que fica protegido da umidade os tijolos de rapadura, o milho-pipoca, assim defendido de carunho, o toicinho em mantas, etc. Com o tempo passou-se a dar o nome de jirau aos estrados ou palanques a meia altura, que servem de prateleiras profundas, onde são guardados os trastes e objetos sem uso duma residência. Nas lojas, piso à meia altura.

JISSARA — Grafia errônea de JIÇARA.

JITAÍ — Madeira. Ver GUARABU.

JOÃO CORREIA — Árvore também conhecida por PEROBINHA DO CAMPO ou PIUVINHA DO CAMPO que fornece toros de madeira de 6,00 e 8,00m de comprimento, com diâmetros de meio metro aproximadamente. Madeira empregada em esteios, postes, etc.

JÓGA — O mesmo que seixo rolado.

JÓIA — O mesmo que ASTRÁGALO.

JOIBA — Árvore silvestre que fornece madeira para construções.

JÔNICA — Diz-se da terceira das cinco ordens da arquitetura clássica, cujas colunas possuíam capitéis ornamentados com duas volutas.

JORRAMENTO — Nome que se dá à inclinação de um muro, ou de uma parede, cuja base é mais larga que a espessura da parte superior. Inclinação dos muros de arrimo

JORRO — O mesmo que ALAMBOR.

JUBATAN — Madeira de construção. Ver ADERNO.

JUÇARA — O mesmo que JIÇARA.

JUGO — Em certos tipos de sobrado nome da viga de madeira que, apoiada sôbre os dormentes, recebe as vigotas dos soalhos.

JUNDIAÍBA — Nome de certa árvore silvestre cuja madeira era empregada em obras de carpintaria, conforme alguns documentos antigos, principalmente "condições" ou especificações de materiais elaborados pelas irmandades religiosas de Minas Gerais.

JUNQUILHO — Moldura delgada de secção semicular, semelhante ao BOCEL. É usado dobrado na base da coluna jônica.

JUNTA — O mesmo que articulação. Nome que se costuma dar à linha, ou fenda, que separa dois elementos distintos e justapostos. Assim, por exemplo, dois painéis, ou placas, encostados ao longo de seus bordos ocasionam, por mais bem aparelhados que seja, uma fresta que costuma ser chamada de junta. Na execução de lambris ou forros onde são aplicados tais painéis, as ditas juntas são posteriormente escondidas pelos "mata-juntas" que não passam de GUARNIÇÕES. Grandes superfícies ou volumes sujeitos aos esforços da dilatação requerem, por sua vez, providências tendentes a impedir rachaduras ou trincas em lugares indesejáveis. Providências essas que se resumem na adoção de juntas ou frestas "a priori" colocadas em locais adrede escolhidos. São chamadas "juntas de dilatação", sempre necessárias, por exemplo, nas grandes estruturas de concretos armado. Nos lençóis de granilite, onde são freqüentes as trincas irregulares, é costume o emprêgo de juntas construídas de filêtes metálicos ou plásticos embebidas na argamassa ainda fresca.

JUNTAR — Unir, ligar. Diz-se juntar duas tábuas isto é, unir aquelas duas peças por meio de encaixes. Da ação de juntar resulta sempre uma JUNTA.

JUNTEIRA — Plaina que abre rebaixos ou encaixes na madeira.

JUNTORA — O mesmo que AJUNTOURA.

JUPUÚBA — Madeira. Ver FAVA DE BOLOTA.

JUQUITIBÁ — Ver JEQUITIBÁ.

JURÃO — Casa construída sôbre estacas, salva das enchentes periódicas dos rios.

JURAU — O mesmo que JIRAU.

JUREMA — Árvore que fornece madeira utilizável em construções civis e navais. Acacia jurema, Mart. Família das Leguminosas.

JURUPEMA — O mesmo que URUPEMA.

JURUTÉ — Árvore também conhecida por CAPITÃO DO CAMPO. Madeira de pêso específico aparente igual a 0,64. Limite de resistência à compressão axial igual a 393 kg/cm2 e limite de resistência à flexão estática igual a 850 kg/cm2. Cordia sellowiana, Cham.

JURUVOCA — Árvore que fornece madeira boa para construções civis, principalmente obras internas. Comum na Serra do Mar e na Serra da Cantareira, em São Paulo. Conhecida também por OLIVEIRA CRESPA. Laplacea semiserrata, Camb. Família das Teaceas.

JUSANTE — Lado para onde correm as águas.

JUTAÍ — Ver JATAÍ.

JUTAÍ POROROCA — Madeira semelhante a JUTAIAÇU de pêso específico igual a 1,05. Hymenaea parvifolia, Hub. Leguminosa. Dase, também, o nome de JUTAÍ POROROCA à COPAIBARANA.

JUTAIAÇU — Madeira vermelha escura usada em carpintaria. Pêso específico igual a 1,22. Hymenaea courbaril, F. Família das Leguminosas cesalpináceas.

JUTAIPEBA — Árvore "cuja madeira é vermelhaça e muito fixa, que nunca apodrece, e é mui dura ao lavrar; acham-se muitas árvores desta costa de cinquenta a sessenta palmos de roda; e pela maior parte estas grandes são ocas por dentro; mas há outras de honesta grandeza, maciças, de que se fazem gangorras, mesas, virgens, esteios, e outras obras de engenhos, como são os eixos", conforme nos diz Gabriel Soares, na sua "Notícia do Brasil". Seria esta árvore a JATAIPEBA? Conforme

Pirajá da Silva, anotador do livro, trata-se da jatahypeba valeciana, Balt.

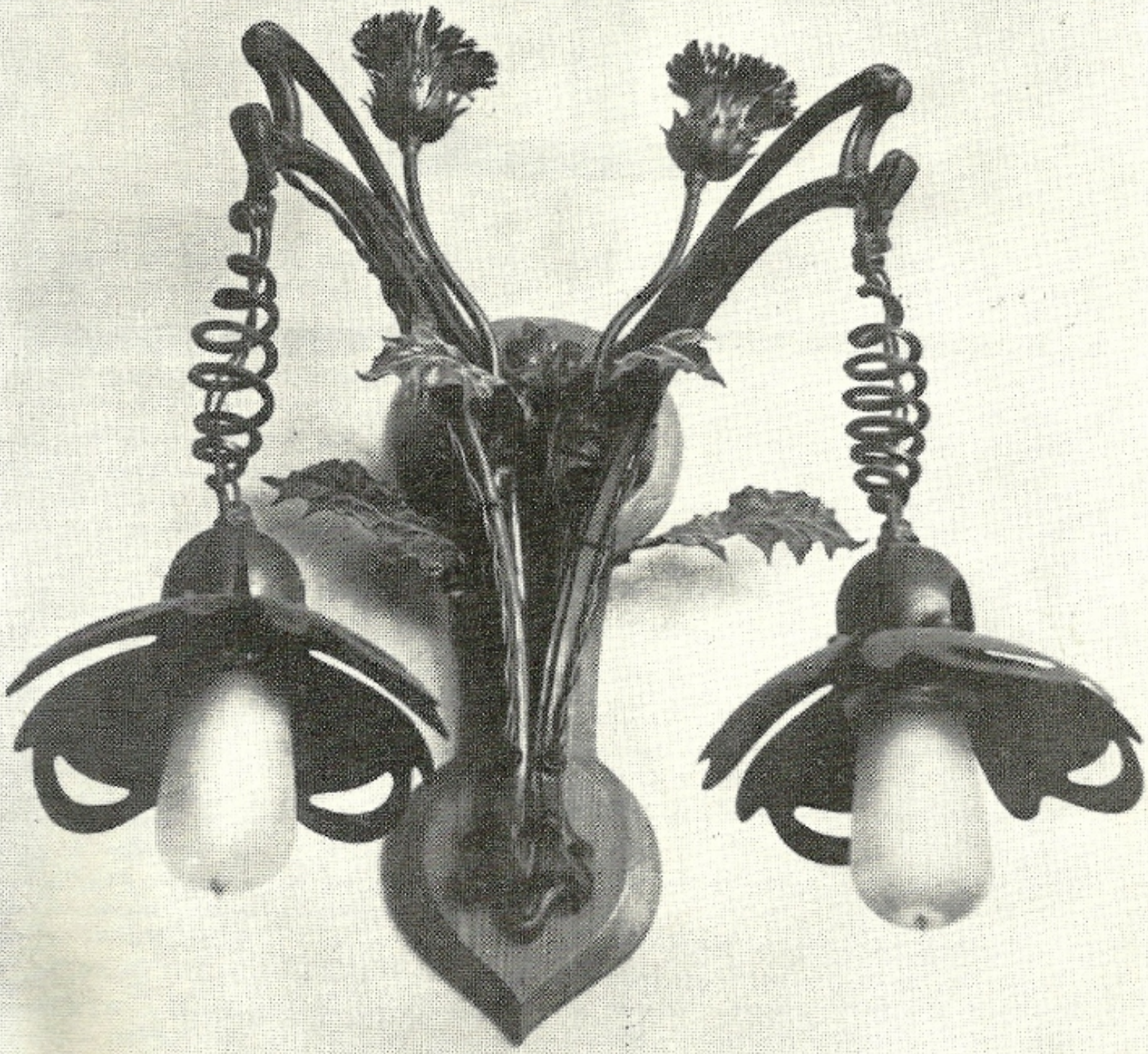
JUTAIRANA — Com êsse nome são conhecidas duas, árvores do vale amazônico: a JUTAIRANA DO BAIXO AMAZONAS — Cynametra Spruceana, Benth. cuja madeira é castanha avermelhada (pêso específico igual a 0,88) e a JUTAIRANA DE MARAJÓ — Crudia parivoa, D.C. de pêso específico igual a 0,96. Ambas da família das Leguminosas cesalpiniáceas e usadas na marcenaria. Dá-se também o nome de JUTAIRANA ao GUARABU.

JUTAÚBA — Árvore cuja madeira é usável em construções.

JUVÁ — Ver LIMÃO BRAVO.

JUVENÊ — Ver JUVEVÊ.

JUVEVÊ — Árvore de pequeno porte, também conhecida por JUVENÊ. Sua madeira tem pêso específico aparente (15% de unidade) igual a 0,86. Limite de resistência à compressão axial igual a 519 kg/cm2 e limite de resistência à flexão estática igual a 744 kg/cm2.



L

Luminária que pertence à Vila Uchoa, projeto de Victor Dubugras, em São Paulo.

LÃ DE COBRE — Conjunto de finos fios prensados de cobre, usado em certos tipos de filtros de ar.

LÃ DE VIDRO — Conjunto de fios de vidro finos empregado modernamente em processos de isolamento térmico.

LÃ FÓSSIL — O mesmo que AMIANTO.

LABIRINTO — Edifício ou jardim composto de múltiplas divisões e subdivisões, com passagens que se cruzam confusamente.

LACA — Nome a certos vernizes preparados com resinas de árvores orientais. Daí dizer-se, também, VERNIZ DA CHINA. A laca chinesa parece que primitivamente possuía sòmente as côres próximas ao vermelho sangue de boi e negro. Modernamente dá-se o nome de laca aos vernizes, com outras côres, derivadas de resinas diversas. Chega-se mesmo a empregar o têrmo para designar tintas modernas derivadas de certos óxidos ou materiais terrosos acompanhados de matérias corantes orgânicas.

LAÇARIA — Nome genérico que aos ornatos compostos de festões, folhagens, fitas e laços. Fitas enlaçadas.

LACÍFERO — Relativo à LACA.

LACETE — Nas fechaduras, local por onde passa o fecho.

LAÇO — Em certos tipos de pintura, nome da primeira demão de cal aplicada por meio de colher ou espátula e sôbre a qual, depois de sêca, vão as outras passadas a pincel.

LACRIMAL — Ver LAGRIMAL.

LACUNÁRIO — Espaço entre vigas. Dá-se, também, o nome aos ornatos feitos nas faces das arquitraves que olham para o chão.

LACUSTRE — Diz-se das construções executadas às margens dos lagos ou em cima de suas águas.

LADEIRA — Terreno ou caminho inclinado. Declive, rampa, encosta, enfesto.

LADEIRENTO — Em que há ladeira. Declivoso, íngreme. Em que há muitas ladeiras.

LADEIROSO — Ver LADEIRENTO.

LADRAL — O mesmo que TAIPAL.

LADRÃO — Cano ou orifício, também chamado tubo de descarga, situado na parte superior dos reservatórios banheiros pias, etc., destinado ao escoamento do ocasional excesso de água.

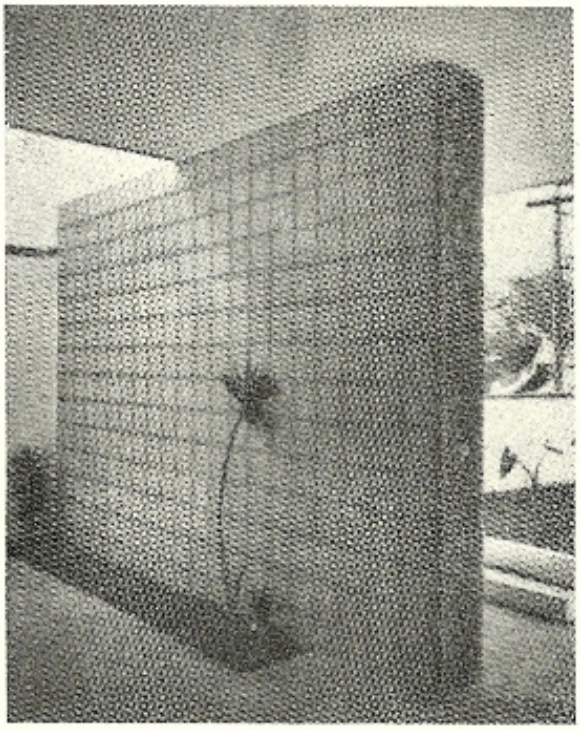
LADRILHAGEM — Ato ou efeito de ladrilhar.

LADRILHAMENTO — Ver LADRILHAGEM.

LADRILHAR — Colocar ladrilhos.

LADRILHO — Peça chata ou pouco espessa, de pedra, cimento, cerâmica ou ferro, usada para revestimento de pisos ou paredes. Geralmente quadrados, mas às vêzes poligonais, os ladrilhos servem para dar acabamento final aos pisos que pela sua localização devem ser impermeabilizados. Daí o emprêgo de ladrilhos em áreas descobertas, em copas, cozinhas, banheiros, alpendres, pátios, etc. Quando de-

corativos costumam ser usados em vestíbulos ou paredes. De pedra, costumam ser de mármore, de arenito, etc.. Os ladrilhos de cimento comprimido, quase sempre decorados, recebem o nome de "ladrilhos hidráulicos". Os ladrilhos cerâmicos têm qualidades variadas. Podem ser porosos como os tijolos comuns e empregados em pátios ou terreiros ou impermeáveis e duros ao atrito e ao choque. Nos locais de grande movimento e de guarda de objetos pesados são empregados ladrilhos metálicos,



Painel de ladrilhos hidráulicos em residência paulistana projetada por Eduardo Corona.

geralmente de ferro. A lei chega mesmo a exigí-los, como por exemplo, nas usinas de leite, nos locais de trânsito de latões. O mesmo que TIJOLO. O têrmo também é usado como sinônimo de ADOBE.

LAGAR — Nas fábricas de produtos alimentícios e nas indústrias vinícolas, local provido de aparelhos e instrumentos necessários à obtenção de sucos naturais de frutas frescas.

LAGO — No linguajar arquitetônico, o mesmo que ESPÊLHO D'ÁGUA ou TANQUE.

LÁGRIMA — Ornamento composto de lágrimas estilizadas, aplicado geralmente nas arquitraves funerárias clássicas, como atributos de tristeza.

LAGRIMAL — Parte plana vertical, ou testa da cornija terminada por um pequeno sulco, ou pingadeira, que se destina a impedir que a água escorra pelo resto do entablamento.

LAJA — O mesmo que LAJE.

LAJÃO — LAJE de grandes proporções.

LAJE — Grande pedra de superfície plana, de pequena espessura, usada em revestimentos. Grande ladrilho de pedra. Hoje em dia o têrmo é empregado, também, para designar as superfícies contínuas horizontais de concreto armado, que constituem versões modernas de SOBRADOS ou tetos.

LAJE FRIA — O mesmo que SEPULTURA.

LÁJEA — O mesmo que LAJE.

LAJEADO — Pavimento coberto de lajes.

LAJEADO — Local em que se aplicam ou em que há muitos lajes.

LAJEIRA — Grande LAJE cuja superfície é lisa ou polida.

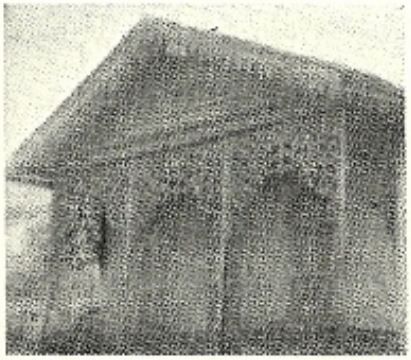
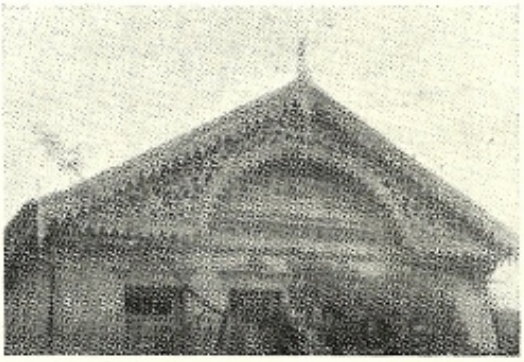
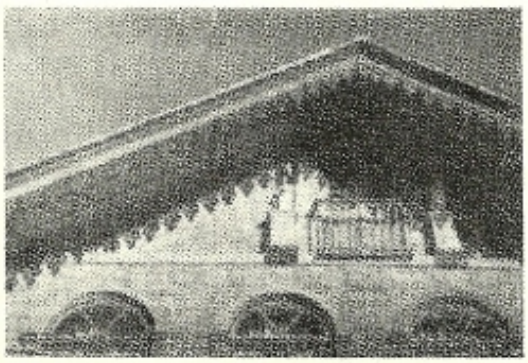
LAJEM — O mesmo que LAJE.

LAJEOLA — O mesmo que LAJE pequena.

LAJOTA — Pequena laje de pedra. É mais comum o emprêgo do têrmo para designar as placas de pedra, geralmente arenito, usadas nos pisos dos jardins.

LAMBAZ — Tijolo de grande espessura.

LAMBREQUIM — Antigamente, na heráldica, nome que se dava a certos ornatos dos elmos ou escudos. Depois, o nome passou a designar enfeites recortados de pano, metal ou madeira, colocadas nas beiradas de pavilhões, dósseis, etc. Daí o fato de se dar o nome de lambrequim ao rendilhado de madeira recortada usado na decoração das extremidades dos beirais de certo tipo de construção européia da zona alpina, o conhecido chalé, que entrou em voga no Brasil a partir do fim do século XIX, principalmente na arquitetura particular. Os novos métodos de serragem, com o advento da chamada "serra tico-tico", propiciaram a divulgação intensa dessa nova modalidade decorativa entre nós, não tendo existido cidade brasileira que não passasse a ter seus chalés franco-suissos lambrequinados. Comerciantes de materiais de construção che-

Nas duas primeiras fotografias, residências lambrequinadas, onde o uso da madeira recortada chegou ao máximo. Construções respectivamente de Três Rios, Estado do Rio, e de Juiz de Fora, Minas Gerais. A última ilustração mostra parte da fachada de sobrado de Paranaguá, Paraná, ostentando lambrequim, singelo, encontrável em todos os cantos do país, em obras do fim do século passado.

garam mesmo a importar dos grandes centros lambrequins caprichosamente recortados para serem vendidos a metro, como podemos ver em antigos anúncios de jornais do fim do século. A madeira recortada desceu dos beirais passou, também a preencher vãos e intercolúnios de alpendres, transformando os frontispícios em obras feminis de rendas e laçarias, aspecto que levou a darem o nome de SINHA-NINHA ao lambrequim.

LAMBREQUINADO — Ornado de lambrequim.

LAMBREQUINEJAR — Enfeitar à maneira de lambrequins.

LAMBRIL — O mesmo que ALIZAR, LAMBRIS.

LAMBRIM — O mesmo que LAMBRIS, popular.

LAMBRIS — Revestimento de qualquer parede com madeira geralmente, outras vêzes de mármore, etc. Ver ALIZAR para completar a acepção. O mesmo que LAMBRIL, LAMBRIM.

LAMBRISADO — O mesmo que forrado, assoalhado, estucado. Revestido com LAMBRIS.

LAMBRISAR — Revestir de LAMBRIS.

LAMBUJEM — Barro muito fino usado nas olarias em peças delicadas.

LAMEADO — Plantado de alamêdas ou outras árvores.

LAMEDA — O mesmo que ALAMÊDA.

LAMINADO — Madeira compensada executada com lâminas superpostas e coladas.

LÂMPADA — Fonte artificial de luz adaptada às necessidades da prática da iluminação. Para uso na arquitetura, os tipos mais usados são: a **lâmpada incandescente** na qual a irradiação luminosa é produzida pela incandescência de um filamento percorrido pela corrente elétrica; a **lâmpada de descarga** na qual a emissão de luz resulta de uma descarga elétrica através de um vapor metálico ou de um gás contido em um tubo e a **lâmpada fluorescente** na qual a energia radiante proveniente da descarga elétrica excita substâncias fluorescentes, colocados no tubo.

LAMPADÁRIO — Armação que sustenta uma ou mais fontes de luz, ou lâmpadas. Lustre, candelabro.

LAMPADEIRO — Haste de metal ou madeira que sustenta uma lâmpada ou lâmpadas.

LANÇAMENTO — Assentamento dos alicerces de um edifício.

LANÇANTE — Empregado no Rio Grande do Sul para designar um forte declive num cêrro ou coxilha. Também terreno em declive.

LANÇAR OS ALICERCES — Dar início à construção de um edifício.

LANCE — Nome do primeiro traço de um desenho. O mesmo que LANÇO. RISCO.

LANCE DE CASAS — Série de casas contìguas. Quarteirão de casas ou edifícios.

LANCHA — O mesmo que LAJE.

LANCHAL — O mesmo que LAJEDO.

LANCIL — Antigamente. nome dado às diversas peças de cantaria, tais como peitoris,

socos, ombreiras, etc.. Por influência francesa o têrmo também pode designar o revestimento de paredes executado com ladrilhos de pedra. Hoje, de modo geral, pode designar laje de cantaria, comprida e delgada, para pavimentação.

LANÇO — De uma maneira geral, em arquitetura, o têrmo designa uma sucessão de elementos semelhantes. Assim, lanço de uma escada seria o conjunto dos degraus situados entre dois patamares. Lanço de casas seria uma série de casas enfileiradas. Neste caso, o têrmo pode referir-se a duas hipótese: série ou correnteza de casas ou moradias definidas e independentes entre si; ou então série ou sucessão de cômodos, antigamente também chamados "casas". Dizia-se morada de "cinco casas", como ainda hoje é costume em certas regiões portuguêsas, querendo-se dizer que a residência possuía cinco cômodos ou compartimentos. Dessa maneira, "um lanço de casas" pode referir-se à uma série de cômodos enfileirados. Por extensão, a palavra lanço passou a designar, também, cada uma das paredes laterais de um corredor de acesso a vários cômodos. Nome dado a uma extensão (ou pano de muro, parede, etc.). Comprimento da fachada de um edifício. Operação de tirar a terra solta das valas de fundações com o auxílio de um andaime intermediário. Ainda, seção de uma estrada, de um muro.

LANDIM — Madeira. Ver GUANANDI.

LANTERNA — Corpo cilíndrico ou prismático, mais alto que largo, com aberturas de iluminação, situado sôbre a cúpula. Utensílio feito ou guarnecido de matéria transparente, como o vidro, por exemplo, no qual se põe uma luz. No primeiro sentido é clarabóia, no segundo, aparêlho de iluminação. LANTERNIM.

LANTERNETA — O mesmo que LANTERNA. Embora o têrmo devesse ser aplicado sòmente aos arremates superiores das cúpulas; arremates que visam antes de tudo dar iluminação ao espaço interno abobadado, é no entanto, hoje em dia, usado para designar pràticamente todos os sistemas de iluminação superior ou zenital a que os ingleses dão o nome de "shed". Caixilho envidraçado nos telhados. O mesmo que BOMBA de uma escada que faz deflexão. Existem as formas LANTERNA e LANTERNINA.

LANTERNINO — O mesmo que LANTERNIM.

LANTIM — Madeira. Ver GUANANDI.

LAPA — Grande pedra ou laje que forma um abrigo. Gruta.

LAPACHO — Madeira. Ver IPÊ PARDO.

LAPÃO — Lapa grande ou lasca de pedra em parede de alvenaria.

LÁPIDA — Ver LÁPIDE.

LÁPIDE — Pedra que contém inscrição comemorativa. Laje da sepultura.

LAPÍDEO — Que tem a dureza de pedra. O mesmo que lapidoso.

LAPIJAR — Desenhar a lápis. Desenho lapijado: desenho feito a lápis.

LÁPIS — Estilete de grafite envolvido em madeira de forma cilíndrica ou oitava, e, às vêzes, em forma diferente para escrever, desenhar, etc. Para a finalidade específica do desenho técnico ou arquitetônico e mesmo o artístico, os lápis são encontrados no comércio em diversas graduações de dureza, desde o mais duro 6 H, passando pelo H, pelo HB, pelo F, até aos mais moles que vão de B a 6 B.

LAPISADA — Traço a lápis.

LAPISEIRA — Instrumento no qual se encaixam pedaços de lápis, cilíndricos de fabricação, com o qual se desenha ou escreve. Caixa em que se guardam lápis.

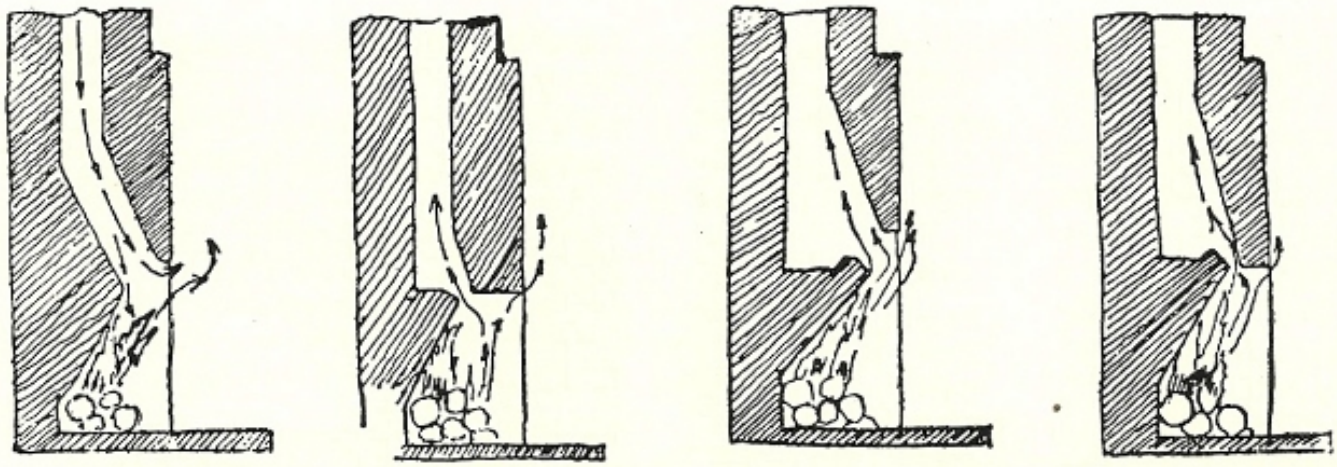
LAPOZ — O mesmo que LAROZ.

LAQUEAR — Cobrir com laca. Hoje em dia o têrmo é usado como sinônimo de pintar a óleo ou esmalte. Também existe a aplicação dêste têrmo com referência ao dossel de leito e ao sobrecéu.

LAR — Parte da cozinha onde se acende o fogo. O fogão. A laje horizontal da base da lareira na qual se acende o fogo. Superfície ladrilhada do forno, onde se põe o pão para cozer. A casa de habitação, em sentido figurado.

LAREIRA — O mesmo que LAR, pedra sôbre a qual se acende o fogo. Chaminé. Na decoração arquitetônica, êsse local torna-se assunto de maior interêsse, pois, além de atender à necessidade de aquecimento dos ambientes, é motivo de ornamentação.

LARIX — Madeira. Ver TAMARAQUE.



Quatro cortes de lareira indicando defeitos construtivos os mais comuns, que causam a má tiragem da fumaça, segundo a publicação "La chimenea", Editorial Contempora.

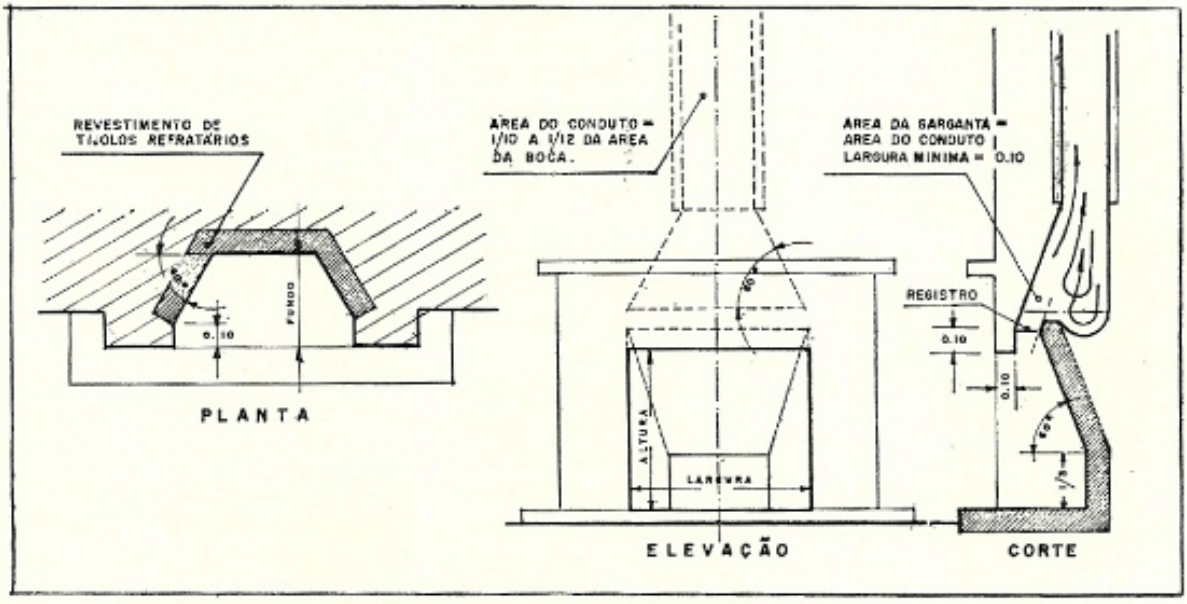
Largura da abertura terminada	Chaminé	Altura da abertura terminada	Profundidade da câmara
75 cm	21 x 32 cm	70 cm	40 cm
80	"	72	"
85	"	75	"
90	32 x 32	77	45
95	"	79	"
100	"	83	"
105	"	85	"
110	"	87	50
115	32 x 45	90	"
120	"	93	"
125	"	95	55
130	"	97	"
135	"	100	"
140	"	103	"
145	45 x 45	105	60
150	"	107	"
155	"	110	"
160	"	113	"

LARÓ — O mesmo que LAROZ. Em algumas regiões de Portugal, deu-se o nome de laró ao ângulo reentrante formado pela intersecção de duas águas de telhado.

LAROZ — Nas coberturas de tacaniça de pequeno porte, onde são desnecessárias asnas ou tesouras, nome da viga que, saindo da extremidade da cumieira, vai engastar-se perpendicularmente no frechal, servindo de apoio central ao pano triangular do telhado. Diz-se, também laró, ou pau do laró.

LARVA — O mesmo que LAROZ.

LASCA — Fragmento de madeira, pedra, metal, etc.



Cortes mostrando as boas proporções entre várias partes de uma lareira, melhor indicadas na tabela abaixo. Dados retirados da mencionada publicação argentina.

LASTRA — Pedra chata. LAJE. Dá-se, também, o nome à quantidade de barro, toscamente modelada, que é introduzida nas fôrmas de telhas ou tijolos, nas olarias.

LÁSTRICO — Têrmo de origem italiana que designa certa argamassa usada na construção de açoteias.

LASTRO — No Brasil é a camada de concreto que se coloca sôbre a terra apiloada para servir de base ao piso definitivo de cimentado, de taco, de ladrilho, etc. Também assim se chama a camada permeável que sustenta os dormentes nas estradas de ferro. Em sentido figurado, "casa".

LATA — Nome dado aos galhos retilíneos usados como caibros roliços nos telhados das construções rústicas. O têrmo também é usado como sinônimo de RIPA. Pequena latada.

LATADA — Grade horizontal, ou levemente inclinada, de paus, roliços, varas ou caniços, colocada ao longo de uma parede, constituindo suporte para plantas, especialmente videiras. A latada européia tem grande semelhança formal com o jirau indígena.

LATÃO — Liga de 67% de cobre com 33% de zinco, podendo receber adições de estanho ou chumbo conforme o emprêgo a que se destina. Antigamente era costume dar-se o nome de ARAME ao latão. Dizia-se: bacia, jarro ou copo de arame, por exemplo, em vez de bacia de latão, etc.

LATEIRO — Barrote ou viga que se apoia nos esteios das latadas e onde são fixadas as varas ou caniços.

LATERÁRIO — Diz-se do barro que serve para o fabrico de tijolos. Têrmo relativo ao TIJOLO.

LATRÍCIO — Que tem a côr vermelha semelhante ao do tijolo.

LATO — Vara comprida. Nome de cada um dos elementos da latada que se apoia nos lateiros.

LATRINA — Aparelho dito sanitário onde são feitas as dejeções. O mesmo que cloaca sentina, secreta, etc. Nos projetos arquitetônicos os compartimentos das latrinas costumam ser indicados pelas letras WC, iniciais do têrmo inglês "water-closed". As palavras latrina e suas sinônimas, no linguajar comum, referem-se aos compartimentos onde estão instalados aquêles aparelhos.

LAVABO — O mesmo que LAVATÓRIO. No linguajar comum o têrmo é empregado para designar o compartimento onde está situada a pia ou lavatório.

LAVACRA — Casa de banhos.

LAVANDARIA — O mesmo que LAVANDERIA.

LAVANDERIA — Nas residências, hospitais, quartéis, hoteis, etc. dependência onde são instalados tanques e máquinas para lavagens de roupas. Nesses locais também a roupa é passada a ferro e, às vêzes, depositada. As formas lavandaria e lavadaria seriam mais adequadas, porém, popularizou-se lavanderia, do francês "lavanderie".

LAVATÓRIO — Bacia ou pia em que se lavam as mãos e o rosto. Ver LAVABO.

LAVOR — Ornato em relêvo. Ornato lavrado.

LAVRA — Estabelecimento monástico, cujos habitantes viviam dentro de um só muro.

LAVRAGEM — Ato ou efeito de lavrar. Lavor das madeiras.

LAVRAR — Cinzelar; aplainar; abrir ornatos em; cunhar; gravar, etc.

LAZARETO — Edifício ou conjunto de edifícios, nos portos das grandes cidades para a quarentena ou isolamento de viajantes suspeitos de moléstia contagiosa. O mesmo que LEPROSÁRIO.

LEÃO — Na simbologia dos ornatos, na maioria das vêzes o leão representa Deus poderoso ou o Cristo. Emblema dos justos. Eventualmente pode, também representar o próprio demônio.

LEGAÇÃO — Sede de representação diplomática de categoria inferior à embaixada.

LEGENDA — Letreiro, inscrição ou rótulo com que se esclarecem as medidas, as características e os pormenores de um projeto arquitetônico.

LEGRA — Utensílio de aço em seção de meia-cana para limpar as juntas das alvenarias, quando o material deve ficar aparente.

LÉGUA — Medida itinerária que equivale a 6.000 metros. A légua de sesmaria era a medida brasileira antiga equivalente a 3.000 braças ou 6.600 metros.

LEI NOVA — Madeira de construção, o mesmo que ARARIBÁ.

LEIRA — Tabuleiro de terra. Elevação de terra entre dois sulcos.

LEITEIRO — Madeira. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,85. Limite de resistência à flexão estática igual a 1,056 kg/cm2. Limite de resistência na compressão axial igual a 502 kg/cm2. Chaetocarpus sp. Tabernaemmontana Catharinensis, D. C. Família das Apocináceas. Madeira usada em taboados e caibros.

LEITEIRO PRÊTO — Madeira, Lucuna sp. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,97. Limite de resistência à compressão axial igual a 782 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática a 1450 kg/cm2.

LEITO — Nos elementos aparelhados das alvenarias, pedras ou tijolos, nome das faces planas horizontais ou normais aos esforços a que as paredes estão sujeitas. A face plana horizontal superior também é chamada de SOBRELEITO. A inferior chama-se CONTRALEITO. Por extensão, dá-se o nome de leito às juntas horizontais das fiadas. Parte das ruas compreendida entre as calçadas.

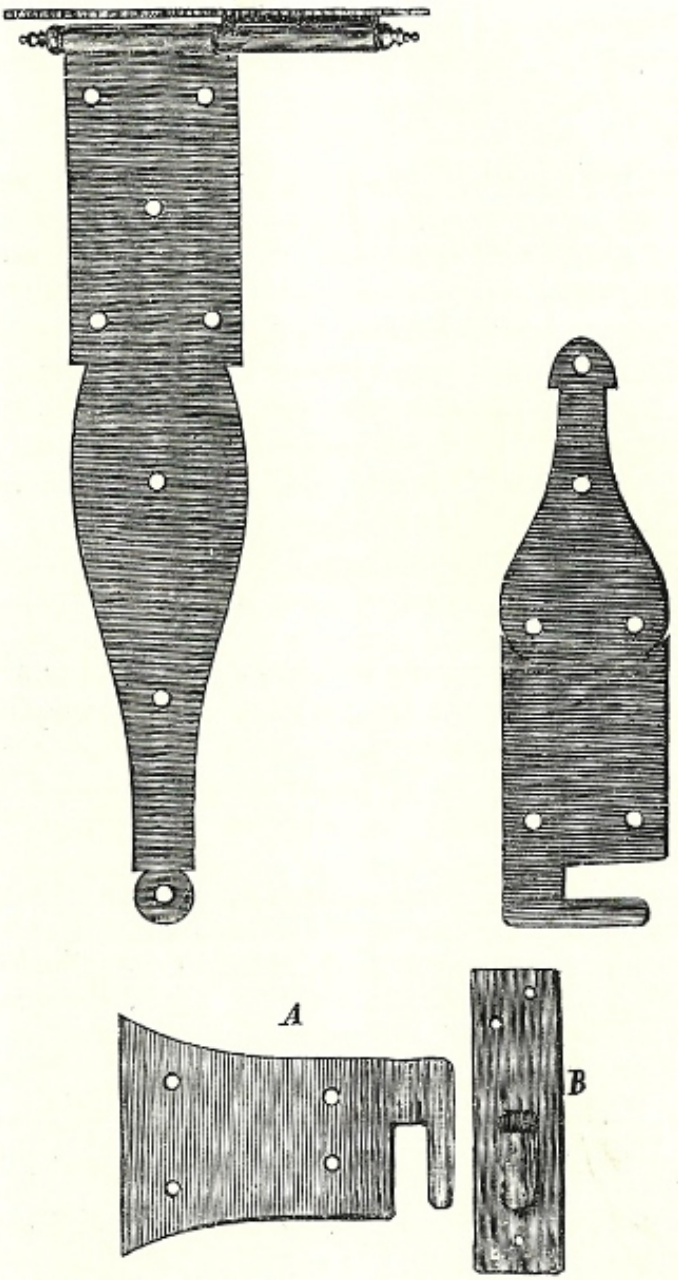
LEIVA — O mesmo que ADUELA. Gleba. Manto de terra entre dois sulcos.

LEIXÃO — Laje.

LEIVADO — Conjunto de ADUELAS.

LEME — Nas dobradiças antigas, gonzos principalmente, os pinos dos eixos de rotação eram cravados, isto é, irremovíveis e solidários às fôlhas através de parafusos ou pregos. Recebia o nome de LEME a chapa perfurada em cuja extremidade estava o pino e em cujos orifícios passavam os pregos da cravação. Os lemes podiam ter os mais variados desenhos e quando muito longos, tomando grande extensão da largura das portas ou janelas, recebiam o nome de lemes de rabo e eram usados principalmente em portas externas. Os lemes curtos, precisamente do comprimento que permitissem os orifícios dos pregos de fixação, recebiam o nome de sem rabo ou MINHOTOS. Em portas exteriores muito pesadas, e em portões, usavam-se lemes de rabo bastante longos também chamados LEMES DE NÓ DE FIXA. Ver GONZO e FIXA.

LENÇO — Cada um dos lados de uma gaveta.



Vários tipos de lemes. À esquerda, leme de nó de fixa. À direita, em cima, leme de rabo, e em baixo, leme sem rabo ou minhoto.

LENÇOL FREÁTICO — Nas camadas subjacentes do solo, local onde se acumulam as águas subterrâneas absorvidas pelos terrenos superficiais.

LEPROSÁRIO — Conjunto de edifícios, na zona rural, para abrigo e tratamento de leprosos, que compreende, também, prédios de administração, residência de médicos e funcionários, construções esportivas, cinemas, templos, etc.

LEQUE — Parte do lanço em que a LINHA DE PISO faz curvatura, obrigando os degraus a assumirem plantas trapezoidais ou

triangulares. Ver ESCADA, BALANCEAMENTO e LINHA DE PISO.

LERIVÁ — Madeira, o mesmo que ARARIBÁ.

LESENA — No linguajar popular, entre os pedreiros de São Paulo, é o nome que se dá à PILASTRA. Distingue-se da ESPALETA ou da BONECA por não possuir a ela solidária qualquer armação de porta ou caixilharia.

LESIM — Nas madeiras e mármores, nome que recebe cada um dos veios, fios ou sulcos naturais.

LETREIRO — Rótulo, inscrição ou LEGENDA.

LEVADIÇA — Diz-se da ponte movediça que se pode levantar para dar passagem a navios mais altos que seu vão livre normal. O têrmo também é aplicado às escadas que se levantam, girando em tôrno de um eixo horital, impedindo acesso ao pavimento superior. Estas escadas em geral são mais usadas em paiois e depósitos de gêneros atacáveis por roedores.

LEVADIO — Diz-se do telhado cujas telhas estão simplesmente apoiadas nas ripas e soltas umas das outras, ao contrário do telhado AMOURISCADO ou EMBOÇADO, em que os elementos da cobertura são solidários entre si por meio de argamassa.

LEVANTAMENTO — Ato ou efeito de LEVANTAR. É mais empregado no sentido do "levantamento topográfico", quando por intermédio de aparelhamento adequado se "levanta" um terreno. Ver TOPOGRAFIA.

LEVANTAR — Erigir, edificando ou reedificando. Apresentar, aparelhar. Aumentar; reforçar. Fundar, construir. Traçar gràficamente no papel, depois de proceder às necessárias medições no terreno.

LEZÍRIA — Terra plana e alagadiça nas margens de um rio.

LIAÇA — Feixe de palhas em que se envolvem os vidros para evitar que se quebrem durante o transporte.

LIAÇÃO — O mesmo que LÍAME.

LIÁCULO — Antigo instrumento usado na aparelhagem das pedras.

LIADOURO — Pedra ou tijolo que ressai de uma parede construída. ESPERA de nova parede a ser construída justaposta. DENTE. Também, liadoiro.

LÍAME — Qualquer argamassa, de cal ou barro, usada para unir tijolos ou pedras.

LIAR — Travar entre si as diversas partes de uma estrutura ou de um edifício. Ligar.

LIBAMBO — Palavra de origem africana, que pode significar cadeia ou prisão, porque, por extensão, vem da cadeia de ferro a que se ligava pelo pescoço um lote de condenados, quando saíam das prisões a serviço. Designa também, rancho, no Norte do Brasil.

LIBATA — O mesmo que SENZALA.

LIBRA — Antiga medida de pesos. A libra portuguêsa, antigamente usada no Brasil equivalia a 459 gramas e também recebia o nome de ARRATEL. Subdividia-se em 16 onças. A libra inglêsa também divide-se em mesmo número de onças e em 9.000 grãos equivalendo a 453 gramas. A libra troy tem 12 onças e 5760 grãos e equivale a 373 gramas.

LICEU — Estabelecimento oficial de instrução secundária. Modernamente o têrmo é empregado para designar qualquer estabelecimento daquele tipo mesmo particular. Escola de ensino profissional.

LICURANA — Madeira. Ver LUCURANA.

LIERNE — Nervura no intradorso da abóbada ogival. Nome de viga que une, pelos topos ou extremidades, uma série de estacas ou barrotes.

LIGAMENTO — O mesmo que ARGAMASSA.

LIMITÃO — Instrumento de secção circular usado pelos canteiros para abrir furos em pedras. Geralmente na confecção de vasos de mármore, etc.

LIMÃO BRAVO — Madeira. Pêso específico (15% de umidade) igual a 0,59. Limite de resistência à compressão axial igual a 296 kg/cm2. Limite de resistência a flexão estática igual a 561 kg/cm2. Siguieria langsdorffii, Mog. Também conhecida por ESPINHO DE JUVA, JUVA, LIMÃO DE ESPINHO e PAU D'ALHO FALSO.

LIMÃO DE ESPINHO — Ver LIMÃO BRAVO.

LIMÃO DRANA — Madeira do Pará boa para marcenaria e usada, também, em tinturaria. Pêso específico igual a 0,68. Chlorophora tinctoria, Gandich. Família das Moráceas. Possui côr amarela viva.

LIMIAR — Pedra ou peça de madeira engastada entre as ombreiras das portas, ao nível do chão. O mesmo que SOLEIRA, ARREBATE, ou COICE. Patamar junto a uma porta. Portal, entrada.

LIMINAR — O mesmo que LIMIAR. Há quem dê à palavra liminar a sinonímia de OMBREIRA.

LIMPADEIRA — Colher estreita e comprida usada para limpar orifícios feitos com broca, especialmente nas pedras.

LIMPOS — Nome que os carpinteiros davam, e ainda dão, aos trabalhos de carpintaria que devem ficar aparentes e, por isso, bem aparelhados. Diz-lhe, também, "carpintaria de obra branca". Aos trabalhos "limpos" opõem-se os "toscos".

LINDA — Marco ou baliza. Existe a forma LINDE.

LINDAR — Colocar marcos ou balizar. Demarcar.

LINDEIRA — Verga superior da porta ou janela. O mesmo que DINTEL ou LINTEL. Ombreira.

LINDEIRO — Diz-se do lote de terreno contíguo a outro.

LINEAMENTO — Traço. Rudimentos.

LINGUETA — Moldura saliente ao longo da espessura de uma tábua, também chamada MACHO, que se encaixa em reentrância feita ao longo da espessura de outra tábua. Nas fechaduras, nome da peça móvel que entra, quando movida pela chave, no alojamento próprio do marco da porta ou janela, através da CHAPATESTA. Parede que separa duas chaminés contínguas. Rampa nos embarcadouros, junto da qual chegam embarcações para receber passageiros e carga.

LINHA DE PISO — Numa escada, linha imaginária sôbre a qual sobe ou desce uma pesoa que segura o corremão da bomba. Estipulou-se que a linha de piso está afastada 0,50m do referido corremão e sôbre ela todos os degraus devem ter iguais larguras, mesmo nos locais em que a escada faz deflexão. Ver ESCADA e BALANCEAMENTO.

LINHOTE — Diminutivo de LINHA. O têrmo é mais aplicado para designar as linhas ou tirantes metálicos, mas já teve aplicação para designar a trave que vai de uma parede a outra, para as segurar, quando em perigo.

LINÓLEO — Espécie de tecido impermeável feito de juta e untado com óleo de linhaça e cortiça em pó, muito empregado para revestimento de pisos, principalmente em edifícios comerciais, hospitais e os de grande freqüência de público.

LINTEL — O mesmo que DINTEL.

LIOZ — Variedade de calcáreo branco e duro, usado em cantaria e estatuária. Face aparente das pedras de alvenaria.

LISIM — Ver LESIM.

LISTÃO — Régua de carpinteiro. O mesmo que LISTELÃO.

LISTA — Risca, estria, raia.

LISTEL — Moldura estreita e lisa que acompanha outra maior. A parte saliente que delimita as caneluras dos fustes das colunas da arquitetura clássica.

LISTELÃO — Grande moldura lisa de secção quadrada ou retangular.

LISTELO — O mesmo que FILÊTE.

LISTRA — Faixa em forma de fita.

LISTRÃO — Grande listra.

LISTRAR — Ornar de listras. Riscar.

LINHA — Nas ASNAS ou TESOURAS, nome da viga horizontal sôbre que assentam as pernas e engasta-se o pendural.

LINHA DE FÉ — Linha de referência. Linha sôbre a qual deve coincidir, por exemplo, o fiel de uma balança. Nos primitivos níveis dos carpinteiros, que compreendiam uma armação triangular ou quadrangular de madeira, linha de fé é o traço sôbre o que deve passar um fio de prumo, fato que garante a horizontabilidade da peça. Numa escala qualquer, linha que marca o zero de qualquer graduação.

LITARGÍRIO — Denominação antiga do protóxido de chumbo cristalizado em pequenas lâminas amarelas ou avermelhadas que, depois de reduzido a pó, entra na composição de certos vernizes chamados "gordos" com a função de secante. Usado, também, no preparo de certas tintas.

LITARGO — O mesmo que LITAGÍRIO.

LÍTICO — Relativo a pedra.

LITÓIDE — Que tem o aspecto da pedra.

LITOPONE — Mistura de óleo, óxido de zinco e sulfureto de bário que constitui massa esbranquiçada com emprêgo na pintura.

LIVEL — Denominação dada em Pernambuco à vigota que une transversalmente as asnas de uma tesoura a meio comprimento delas, mais ou menos.

LIVELAR — O mesmo que NIVELAR.

LÍVIDO — Que tem côr escura, entre o negro e o azul, como chumbo.

LIVRARIA — Casa onde se guardam livros. Biblioteca. Estabelecimento destinado à venda de livros.

LOBÉLIO — Segmento de círculo, inscrito em certas ogivas, formando festão ou uma fôlha, traçada por vários círculos que se interceptam.

LOCAÇÃO — Em um terreno onde se pretende construir, marcação por meio de estacas dos pontos que delimitam a futura edificação.

LOCANDA — Tasca; taverna; tenda. Loja de venda.

LOCAR — Marcar com estacas os pontos principais de uma futura edificação, principalmente os locais de concorrência de paredes. Marcar com estacas o eixo de um caminho ou estrada. Ver LOCAÇÃO.

LOCELO — Cova, sepultura humilde.

LOCURANA — O mesmo que LUCURANA.

LOCUTÓRIO — Compartimento separado por grades, através das quais as pessoas recolhidas em conventos falam com as pessoas de fora que as procuram. Compartimento semelhante é encontrado nas prisões. Também aparece a forma PARLATÓRIO.

LÓDÃO — Árvore que fornece madeira usável em construção.

LOGIA — Grafia antiga de LOJA. Ver, também, LOJIA.

LOGOTIPO — Desenho característico com o nome de marca ou com a marca comercial ou industrial, usado na publicidade, correspondência, etc., criado por desenhista industrial ou arquiteto.

LOGRADOURO — Passeio público. Os logradouros públicos são os espaços livres, inalineáveis, reconhecidos pelas Municipalidades, destinados ao trânsito, tráfego, comunicação ou separação de zonas. Podem ser êles: avenidas, ruas, galerias, praças, jardins, etc.

LÓIO — Azulado, tirante ao azul.

LOIRINHO — Madeira, o mesmo que AMARELINHO.

LOJA — Pavimento térreo de qualquer edificação. Antigamente, átrio por onde entravam as carruagens. Qualquer estabelecimento comercial para venda de mercadorias que não sejam gêneros alimentícios.

LOJECA — Pequena loja. Baiúca. Locanda.

LÓJIA — Galeria, arcada, pórtico abobadado.

LOMBA — Cumiada de uma elevação. Ladeira, no Rio Grande do Sul, além de designar a declividade dos pequenos morros e das coxilhas baixas. O mesmo que lombada. O mesmo que CUMEEIRA.

LOMBO — Nome que se deu à parte convexa da telha chamada canal.

LOMBO DE PORCO — Nome que se deu antigamente, em São Paulo, à CANELA PARDA ou PRÊTA.

LOMBRIGUEIRA — Madeira. Ver FAVEIRA DE IMPIGEM e FAVEIRA DO IGAPÓ.

LONGARINA — Denominação aplicada a certas vigas como aquelas em que assenta o tabuleiro duma ponte. Viga em que se apoiam degraus de uma escada. Viga que une as cabeças de uma série de estacas.

LONGARINO — O mesmo que LONGARINA.

LOQUETE — Cadeado. Ferrôlho. Constitui aportuguesamento da palavra francesa "loquette".

LORÔ — O mesmo que LOROZ ou LAROZ.

LOROZ — O mesmo que LAROZ.

LÓSIA — Têrmo antigo que significava a capela-mor de uma igreja ou, então, a ÁBSIDE. O mesmo que ADÚSSIA.

LOTAÇÃO — A capacidade de uma sala de espetáculos ou de qualquer local público.

LOTAR — Dividir um terreno em lotes. Fixar ou determinar o número de lotes em qualquer área de terreno.

LOTE — Pequena área de terreno, urbano ou rural, destinada a construções ou à pequena agricultura. Vulgarmente estende-se essa designação também para as chamadas grandes áreas de terrenos, desde que não atinjam elas o alqueire, o hectare, etc.

LOTEAMENTO — Ato de lotear (Rio e São Paulo) ou lotar um terreno. Também designa o projeto dessa divisão de terras.

LOTEAR — Dividir um terreno em lotes. Mais usado no Rio e em São Paulo e com aplicação em outras regiões do Brasil.

LOUÇAINHA — Ornato, adôrno, enfeite.

LOURO — Resistente madeira de construções civis também empregada em calhas de engenhos, cubo de rodas, canoas e remos. Cordia hypoleuca, DC., Cordia excelsa A., DC., Cordia trichotoma, Arrab., Cordia alliadora, Cham. Sinonímia: CLARAÍBA, LOURO AMARELO, LOURO PARDO e LOURO PRÊTO. Família das Borragináceas. Pêso específico aparente (15% umidade) igual a 0,80. Limite de resistência à compressão axial igual a 688 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 1402 kg/cm2. Também dá-se o nome de LOURO ao Freijó, Cordia goeldiana, Huber.

LOURO-ABACATE — Madeira usada principalmente na marcenaria, de côr castanha amarelada. Pêso específico igual a 0,68. Pleurothyum marcranthum. Família das Lauráceas.

LOURO AMARELO — Ver LOURO.

LOURO BRANCO — Madeira. Ver CUJUMARIRANA.

LOURO CANELA — Madeira. Ver LOURO VERMELHO.

LOURO DAS GUIANAS — Madeira. Ver CUJUMARIRANA.

LOURO-FAIA — Madeira. Ver CARVALHO-BRASILEIRO.

LOURO-INHAMUÍ — Madeira também conhecida por INAMUÍ, LOURO-NHAMUÍ ou LOURO-MAMORIM. Nectandra elaiophora. Barb. Rodr. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,66. Limite de resistência à compressão axial igual a 539 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 997 kg/cm2.

LOURO LIMÃO — Madeira usada em marcenaria de côr castanha clara. Pêso específico igual a 0,93. Família das Lauráceas.

LOURO MAMORIM — Madeira. Ver LOURO-INHAMUÍ.

LOURO-NHAMUÍ — Madeira. Ver LOUINHAMUÍ.

LOURO PARDO — Madeira. Ver LOURO.

LOURO PIMENTA — Madeira empregada na marcenaria, de côr castanha e de pêso específico igual a 1,05. Ocotea canaliculata, Mez.

LOURO PRÊTO — Ver CANELA PRETA e LOURO.

LOURO PUXURI — Nome de duas árvores do vale amazônico que dão madeira para marcenaria, de côr castanha. Acrodiclidium puchury-major, Nees e Mart., e Acrodiclidium puchury-minor, Nees e Mart. Pêsos específico igual 0,63. Sinonímia: PIXURIM, PIXURIM ABASTADO e PUXURI GROSSO.

LOURO ROSA — Madeira. Ver LOURO VERMELHO.

LOURO-SASSAFRAZ — Madeira. Ver CANELA-PRÊTA.

LOURO TAMANCÃO — Madeira. Ver CUJUMARIRANA.

LOURO VERMELHO — Madeira também conhecida por CANELA VERMELHA, LOURO CANELA ou LOURO ROSA. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,72. Limite de resistência à comprenssão axial igual a 505 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 957 kg/cm2. Ocotea rubra, Mez. Também se dá o nome de louro vermelhos à Nectandra globosa, Mez., ou canela prêta.

LOUSA — O mesmo que ARDÓSIA. Lâmina de qualquer pedra. LAJE. Lápida funerária, que assenta sôbre a sepultura. Lâmina de ardósia enquadrada em madeira para nela se escrever ou desenhar.

LOUSA DE MAÇACOTE — Pavimento revestido com argamassa, cimentado.

LOUVADO — Nome que antigamente era dado ao perito, ao avaliador, ao árbitro que dava parecer sôbre obras ou andamento de construções. A palavra é muito encontrada em velhos documentos, principalmente naqueles relativos às obras das irmandades religiosas de Minas.

LOUVEIRA — Árvore de pequeno porte e poucos galhos, que fornece madeira para marcenaria fina. Usada, também, em esteios e obras externas. Cyclolobium speciosum. Família das Leguminosas.

LUCANÁRIO — Intervalo de duas vigas numa construção.

LUCARNA — Fresta ou pequeno caixilho, no telhado ou em qualquer parede, para dar certa luz ao interior da construção. TRA-

PEIRA. Aportuguesamento da palavra francesa "lucarne".

LUCERNA — Pequena luz. Antigamente designou a clarabóia. Abertura por onde se coa luz.

LUCIDAR — Por transparência, copiar, ou decalcar um desenho qualquer em papel vegetal ou ainda, reproduzir um desenho contra a luz, sôbre um vidro.

LUCURANA — Madeira de lei de primeira qualidade para tôda sorte de construções civis. Conhecida, também, por orucurana, licurana e urucurana. Hieronyma tiveddici, Benth.. Família das Euforbiáceas. Ver MARGONÇALO.

LUGAREJO — Pequeno lugar. Aldeola.

LUGARETE — Lugar pequeno, lugarejo.

LUGIBEIRA — O mesmo que LOJA.

LUME — Vão de uma janela, porta ou arco. O mesmo que LUZ.

LUMEEIRA — O mesmo que CLARABÓIA. Fresta numa parede que dá luz ao interior do cômodo. Bandeira de porta, parte superior da ombreira.

LUMEN — Unidade de fluxo luminoso. Fluxo luminoso. Fluxo luminoso emitido segundo um ângulo sólido de um esferoradiano, por uma fonte punctiforme de intensidade variável, do mesmo valor em tôdas as direções e igual a um candeia.

LUMIAR — O mesmo que LIMIAR.

LUMIDÁRIA — O mesmo que CLARABÓIA.

LUMIEIRA — O mesmo que LUMEEIRA. Também, o mesmo que LUSTRE.

LUMINÁRIA — Aparelho de iluminação compreendendo a fonte de luz e os dispositivos para modificar a distribuição de luz por ela produzida. Pequena lanterna. Candeia.

LUMINÁRIA — Aparêlho de iluminação visual segundo o qual uma superfície parece a um observador emitir mais ou menos luz.

LUNETA — Abertura de forma circular ou eliptica nas abóbadas, paredes ou bandeiras de portas para dar luz ao interior. Fortificação construída na frente das praças de armas. Ver ABÓBADA de LUNETAS.

LUSTRAÇÃO — Ato ou efeito de LUSTRAR.

LUSTRADELA — Ato ou efeito de dar lustre.

LUSTRAR — Tornar brilhante ou polido. Envernizar uma superfície dando-lhe intenso brilho.

LUSTRE — Em geral, qualquer lampadário. Especificamente designou o lampadário de vários braços e lâmpadas suspenso do teto.

LUTO — Massa, especialmente aquela feita de cimento e argila, usada para vedar juntas ou fendas, revestir uma superfície porosa, etc., a fim de torná-las impenetráveis a gases ou a líquidos.

LUVA — Peça de ferro onde se engata a talha usada para suspender pedras. Ver FERRO DE LUVA. Peça tubular com duas rôscas internas, usada nas emendas de dois canos ou cilindros de ferro, etc., que se rosqueam também em sentidos diversos. Ferragem de reforço a qualquer sambladura.

LUX — Unidade de iluminamento. Iluminamento de uma superfície de 1m2, recebendo na direção normal um fluxo luminoso de um lúmen uniformemente distribuído.

LUXÔMETRO — Instrumento que serve para medir a intensidade de iluminação em lux. Às vêzes aparece o têrmo luxímetro.

LUXULIANA — Variedade de granito. que se assemelha ao pórfiro.

LUZ — Aspecto de energia radiante que se constata pela sensação visual determinado pelo estímulo da retina ocular. Em arquitetura, o mesmo que LUME: diz-se "a luz de uma janela", isto é, as distâncias entre as ombreiras e entre a verga e o peitoril. Distância entre paredes opostas de um cômodo. Folga deixada na mexa de uma sambladura para que não se alcance o fundo do encaixe. Qualquer vão livre. Abertura.

LUZERNA — O mesmo que LUCARNA.

M

Mercado de Diamantina em vista parcial, obra totalmente em madeira a partir das fundações.

MACACADA — Conjunto de PARALELEPÍPEDOS usados em calçamentos de ruas.

MACADAMIZAR — Pavimentar pelo processo do macadame.

MACACO — Máquina empregada para levantar grandes pesos. Nome do pêso que, nos bate-estacas, cai de certa altura sôbre a cabeça da estaca, afundando-a. Soquete metálico provido de argola, por onde passa um cabo, usado para apisoar terra posta ou valas de acesso difícil. No linguajar antigo do Rio de Janeiro, designação dada à coluna de alvenaria em que se empregam sòmente dois tijolos por camada. Em certas regiões do Brasil, nome dado ao paralelepípedo de pedra usada nos calçamentos das ruas e estradas. Na simbologia dos ornatos, figura do macaco representa a malícia, a maldade, o orgulho e até a avareza.

MACADAME — Processo de revestimento de estradas que emprega pedra britada comprimida em mistura com material aglutinante, geralmente a argila. O saibro também é usado e, até mesmo, derivados do petróleo. O nome do sistema deriva do de seu criador, o engenheiro Mac-Adam.

MACANAÍBA — Madeira de qualidade, Ferreirea spectabilis, Fr. Al., também conhecida por SUCUPIRA AMARELA, ANGELIM PEDRA, CHAPADA, CHICO PIRES, FAVEIRO, MARACAÍBA, MARACANAÍBA, MARCANAÍBA e SUCUPIRA. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 1,06. Limite de resistência à compressão axial a 771 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 1.508 kg/cm2.

MACANAÍBA PARDA — O mesmo que SUCUPIRA PARDA.

MAÇANETA — Nome de qualquer arremate esférico ou em forma de pinha em varas, varões, postes, cantos de gradis, etc.. Extremidade esférica. Dignação dada à peça que, girando em tôrno de um eixo, move a lingueta ou trinco das fechaduras.

MAÇARANDUBA — Nome comum a diversas espécies florestais pertencentes à família das Sapotáceas, como por exemplo, a Lucuna procera, Mart.; a Mimosopus elata, Fr. All., também conhecida por APRAUÁ ou CHAUÁ; a Vantanea paniculata, Urb., também conhecida por AMESCUÇU, CANELA BEZERRA, CANELA MURIÁ, CANELA, GUARAPARI, MAÇARANDUBA RAJADA PAGÃO ou RAPADURA. Madeira muito usada em construções, em esteios, vigas, e obras expostas ao tempo e lugares úmidos. Como dormentes, dura de 10 a 15 anos. Ótima para ficar em contato com a água salgada, não sendo atacada pelo gusano. Pêso específico aparente (Vantanea paniculata), 15% de umidade) igual a 0,92. Resistência à compressão axial igual a 745 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 1.459 kg/cm2. Desta madeira disse Gabriel Soares de Souza na sua "Notícia do Brasil..." "é de côr de carne de presunto, e tão dura de lavrar que não há ferramenta que lhe baste, e tão pesada que se vai ao fundo".

MAÇARANDUBA FALSA — O mesmo que CANELA VERMELHA. Persea racenosa, Hoehne.

MACAÚBA DA TERRA FIRME — Madeira do vale amazônico de côr castanha avermelhada, com listas mais escuras, utilizável em construções civis e na marcenaria. Pêso específico igual a 0,95. Platymiscium Duckei, Hub. Família das Leguminosas papilionáceas.

MACAÚBA DA VÁRZEA — Madeira comum no vale amazônico, boa para marcenaria e construções civis, de côr castanha com listas escuras. Pêso específico igual a 0,80. Platymiscium Ulei, Harms. Família das Leguminosas papilionáceas.

MACENARIA — O mesmo que MARCENARIA.

MACERIA — Obra de alvenaria em que não foi empregada argamassa.

MACHA — O mesmo que FECHADURA. Pedra cilíndrica usada para moer e desfazer tintas ou pigmentos petrificados.

MACHA-FÊMEA — Dobradiça ou gonzo em que uma das peças possui um eixo, ou macho, que penetra numa bainha, cano, cachimbo ou fêmea da outra peça. Ver GONZO.

MACHEAR — Encaixar uma peça de madeira em chanfradura ou fenda de outra peça.

MACHIEMBRAR — O mesmo que MACHEAR.

MACHO — Nome de qualquer saliência de uma peça, que penetra em cavidade executada em outra peça que deve ser ligada à primeira. Assim, nas sambladuras de peças de madeira, diz-se "junta-macho-fêmea" daquela em que uma das tábuas possui longitudinalmente um dente que se encaixa em ranhura, também longitudinal, feita no tôpo de outra tábua. Nome do rastro convexo deixado por uma plaina cuja lâmina possui perfil côncavo. Nos GONZOS, nome do eixo que penetra no cachimbo. Ver FÊMEA MÔCHA.

MACHO DE SOLHO — Nome do dente longitudinal que penetra na fêmea, nas juntas MACHO e FÊMEA dos soalhos de tábuas unidas por aquêle sistema de sambladura.

MACHO e FÊMEA — Ver MACHO.

MACHONARA — Como diz Lino d'Assunção, nome da "obra de feição mourisca".

MACHORRO — Muro de pedra sêca ou ENSOSSA.

MACIÇO — Grafia errônea de MASSIÇO.

MACICOTE — Grafia errônea de MASSICOTE.

MACIO — Nos acabamentos, no que diz respeito aos revestimentos, o mesmo que liso, bem desempenado.

MAÇO — Instrumento de madeira rija do feitio de um paralelepipedo ou de um cone truncado, provido de cabo, com que os calceteiros batem as pedras para as unir, os carpinteiros e escultores batem os formões, etc.

MACOLA — Em certos ornatos e capitéis, nome do conjunto de hastes, galhos, flôres, talos, etc., que nascem ou saem de um mesmo ponto ou orifício.

MAÇONARIA — Arte do pedreiro, isto é, arte relativa à disposição, nos muros, dos elementos componentes da alvenaria, pedras ou tijolos.

MACACU — Madeira do vale amazônico, Pará especialmente, usada em construções civis e navais. Côr vermelha escura pardacenta. Pêso específico igual a 1,00. Lincânia heteromorpha, Benth. Família das Rosáceas. O nome é comum a diversas outras árvores daquela família.

MADAMA — O mesmo que DAMA, ou TESTEMUNHO.

MADEIRA — A parte interna de certas árvores utilizável em obras de construções civis, navais, carpintaria em geral, marcenaria, etc. A secção transversal de um tronco de árvore apresenta várias camadas concêntricas distintas: a casca, de pouca espessura e tenra, sem resistência ao choque e ao atrito; o liber, ou extra-casca; o alburno, parte sem utilização em obras dada a pouca resistência ao apodrecimento e aos agentes deteriorantes, especial-

mente insetos e, finalmente, o cerne que constitui a real parte aproveitável. Certas árvores dão madeira má para obras, inclusive a parte do cerne. Essas madeiras geralmente são esbranquiçadas, moles, leves e fàcilmente estragadas pelas intempéries e pelos carunchos. A tais madeiras dá-se o nome de BRANCAS. Algumas vêzes são utilizáveis na caixotaria, outras vêzes, no fabrico de papel. Ao contrário da MADEIRA BRANCA, a MADEIRA DE LEI é aquela que resiste bem ao tempo, às intempéries, aos animais xilófagos, à umidade permanente etc. A MADEIRA DE LEI é sempre dura de ser trabalhada, é pesada, quase sempre mais densa que a água, e de côr carregada. A denominação "madeira de lei" perpetuou-se na língua designando as antigas madeiras classificadas pelas autoridades da colônia como boas especialmente para construções navais, executadas nos estaleiros del'Rey. Era costume, também, dizer-se "madeira do Rei". Era proibida a derrubada de árvores que dessem aquelas madeiras separadas para o govêrno e o povo passou a chamá-las de "madeiras da lei", lei que justamente visava a preservação de espécieis úteis ao Estado. É errônea a explicação que diz ser "madeira de lei" aquela que atende às exigências das "Leis" relativas à construção. MADEIRA COMPENSADA, ou simplesmente, COMPENSADO é o mesmo que CONTRAPLACADO (Ver êste verbête). MADEIRA DE SERRAGEM é a de grandes dimensões e pode ser desdobrada, por meio de serragens longitudinais, em vigas, barrotes, tábuas, etc. MADEIRA REVERSA — é a que não tem as fibras retas e paralelas e sim confusamente distribuídas e cheias de nós. MADEIRA DO AR é a que vulgarmente se diz que não pode ficar em contato com o solo e sim em obras afastadas do chão, como nos telhados, por exemplo. Ao contrário, MADEIRA DO CHÃO é aquela boa para esteios, dormentes, mourões, etc. MADEIRA VENTADA é aquela que depois de serrada apresenta fendas antes imperceptíveis. MADEIRA PICADA é a que apresenta perfurações provocadas por insetos. Diz-se que a madeira é REQUENTADA quando sua seiva fermentou-se devido à má ventilação, ao calor úmido, e, por isso, possui manchas escuras às vêzes quase negras.

MADEIRADA — Ver MADEIRAME.

MADEIRAR — Trabalhar em madeira.

MADEIRAMENTO — O mesmo que EMADEIRAMENTO.

MADEIRAME — Madeira que constitui a estrutura de uma construção. Grande porção de madeira.

MADEIREIRO — O mesmo que CARPINTEIRO.

MADEIRARIA — Armazém onde é recolhida e guardada a madeira em toras, ou pranchas, antes de ser distribuída ou vendida. Hoje o nome está pràticamente em desuso e substituído pelo têrmo SERRARIA, que na verdade não exprime a real função do local.

MADEIRO — Grande tora ou peça de madeira.

MADEREJA — Diminutivo de madeira. O têrmo era mais aplicado para designar a madeira destinada à execução de peças pequenas extra-estruturais.

MEDINATURA — O mesmo que TRAÇA, ou desenho de um edifício.

MADRE — Viga sôbre a qual assentam os barrotes ou dormentes dos soalhos. Vigas dos sobrados ou das pontes de madeira.

MÁDRIA — O mesmo que AÇUDE.

MADRINA — Na gíria, o mesmo que FECHADURA, podendo, também, significar chave falsa.

MÃE DE ÁGUA — A fonte, ou o reservatório que distribui água através dos canos e ramais secundários. Diz-se também, arca d'água.

MAGISTRAL — Nome do arremate superior de uma escarpa de pedra e cal, nas fortificações.

MAGONÇALO — Madeira. Ver MARGONÇALO.

MAGRA — Diz-se da CAL proveniente da calcinação de calcáreo com grande teor de impurezas.

MAINEL — O mesmo que CORRIMÃO. Ver ESCADA. Nome dado aos pilaretes, ou elementos verticais que, nas grandes janelas, dividem a abertura total em várias LUZES ou aberturas parciais e ainda sustentam a bandeira, quando esta existe.

MALACACHÊTA — O mesmo que MICA.

MALHA — Cabana, choça.

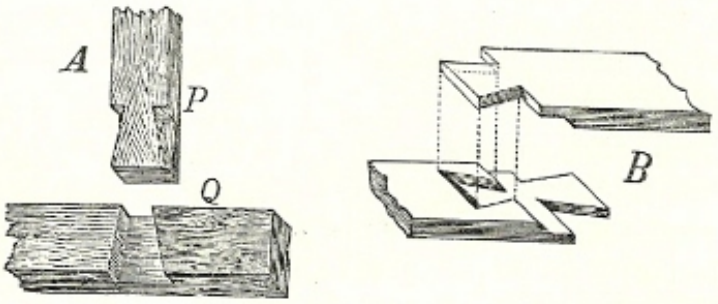
MALHADA — Cabana de pastôres.

MANJOLINHO — Choça ou choupana de paredes feitas de troncos.

MALATECA — Em Portugal, pequena propriedade rural.

MALHETAR — O mesmo que ENCAIXAR.

MALHETE — Esta palavra é confusamente definida pelos especialistas e usada para designar as diferentes partes de um tipo de sambladura. Assim, de início, certos autores dão o nome de MALHETE à própria samblagem, aquela em que duas peças se juntam em ângulo reto, resistindo bem aos esforços de tração. Tal samblagem, que requer respiga e



Desenhos de Luís Augusto Leitão, mostrando duas modalidades de malhete: num a extremidade de uma das peças liga-se ao meio de outra; no desenho seguinte, as peças emendam-se pelas extremidades.

mecha, também recebe a denominação de RABO DE MINHOTO. Acontece que grande número de dicionaristas e profissionais dão justamente os nomes de MALHETE ou RABO DE MINHOTO à respiga daquela sambladura mencionada, respiga que tem a forma de um trapézio, que, por sua vez, é encaixado na mecha aberta com o mesmo desenho. Parece ser esta a verdadeira atribuição da palavra: designar a respiga também conhecida por CAUDA DA ANDORINHA. Finalmente, outros autores, como Assis Rodrigues, dão o nome de MALHETE à mecha, ou "cavidade ou encaixe feito na extremidade de uma tábua ou peça de madeira ou metal, para receber outra extremidade ou peça, formando um todo, junto ou assemblado". MALHO pequeno.

MALHO — Martelho de pau, o mesmo que MAÇO. Martelo pesado de ferro usado pelos canteiros.

MALHOM — Segundo T. Lino d'Assunção, o mesmo que MARCO.

MALOCA — Nome que antigamente designava a morada indígena, ou TEJUPAR. Hoje refere-se à casa pobre e rústica, ou MOCAMBO. Toca, cafua.

MALTA — Betume em estado líquido. Cêra.

MAMPARA — Anteparo, biombo. O mesmo que GUARDA-VENTO. Geralmente é executada de pano ou tela esticada sôbre um caixilho de madeira. Em certos lugares o têrmo designa a porta envidraçada.

MANCAL — Em certos tipos de portas, peça de madeira reforçado de ferro sôbre o qual giram as fôlhas.

MANCEBO — Sarrafo de madeira onde são pregadas as tábuas de um painel ou lambril.

MANDAPUÇÁ — Madeira. Ver PAU RIPA.

MANDIOCA — Madeira. Ver MANDIOQUEIRA.

MANDIOCAÍ — Madeira. Ver MANDIOQUEIRA.

MANDIOQUEIRA — Madeira clara e leve, muito bonita quando envernizada, empregada em obras internas, principalmente forros. Largamente usada no fabrico de caixotes. Sinonímia: CANELA MANDIOCA, CAIXERA, CAXETA, MOROTÓ, MOROTOTÓ, MANDIOCA ou MANDIOCAÍ. A árvore é de grande desenvolvimento, dando toros de 6,00 a 8,0m de comprimento por 0,60 a 0,80m.

de diâmetro. Didymopanax longepetiolatum, March., Didymopanax macrocarpum, Seem. Família das Araliáceas. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,65. Limite de resistência à compressão axial igual a 407 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 891 kg/cm2. No vale amazônico, Pará principalmente, dá-se o nome de MANDIOQUEIRA à Qualea glaberrimo, Duck., árvore que dá madeira branca pardacenta boa para alguma marcenaria e caixotaria. Pêso específico igual a 0,74. Ver CEDRO PARDO.

MANGA DO MATO — Madeira. Ver FARINHA SÊCA.

MANGALÔ — Madeira. Ver ANGELIM-ROSA.

MANGRULHO — Estaca ou esteio fincado dentro dágua.

MANGUE AMARELO — Madeira. Ver SEREIBA.

MANGUE DO MATO — Madeira. Ver FARINHA SÊCA.

MANGUE SÊCO — Madeira. Ver CANAFÍSTULA e GUANANDÍ.

MANGUE SIRIBA — Madeira. Ver SEREIBA.

MANICÔMIO — Hospital de alienados.

MANICORA — Ornato arquitetônico que representa animal híbrido, com cabeça humana ou de serpente, corpo globoso, e cauda de serpente. Pode apresentar patas como as de lagarto. Simboliza a "tríplice concupiscência": a violência, as tentações e as insinuações pérfidas.

MANILHA — Argola. Cada um dos elos de uma corrente. Tubo de barro usado nas canalizações subterrâncas, geralmente vidrado, servindo para desvios dos líquidos residuais. Existem manilhas porosas e até perfuradas que servem para favorecer a infiltração, ao longo de um terreno, de líquidos efluentes das fossas sépticas ou de poços negros. O mesmo que ALCATRUZ.

MANILHAR — Canalizar com MANILHAS.

MANJOLINHO — Choça ou choupana de paredes feitas de troncos.

MANOBRA — Ver MÃO-DE-OBRA.

MANOPÉ — Nome de certa árvore, que fornece madeira boa para construção.

MANSÃO — O mesmo que MORADA, MORADIA. Hoje em dia o têrmo é empregado para designar a residência de grandes proporções.

MANSARDA — O mesmo que ÁGUA FURTADA provida de janelas para o exterior. O nome deriva de Mansard, apelido de certo arquiteto francês que foi um dos primeiros a aproveitar o desvão do telhado, iluminando-o com fins utilitários. Morada miserável.

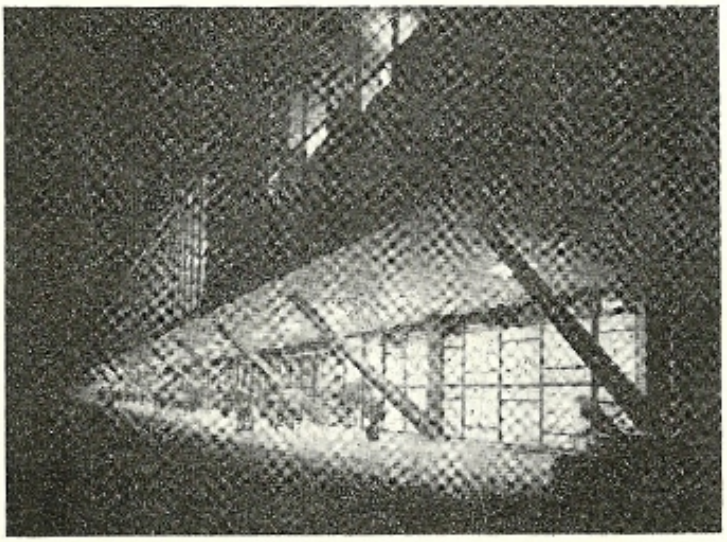
MANTECA — O mesmo que casa pequena.

MANUEL COMPRIDO — Madeira. Ver FARINHA SÊCA.

MÃO — O mesmo que DEMÃO. Nome que era dado à chave de qualquer fechadura. Nas estruturas de madeira, frontais ou gaiolas, nome de cada uma das saliências que ficam embebidas na alvenaria contígua.

MÃO DE OBRA — Trabalho manual de operário, na construção de um edifício. Feitio de uma obra. Nos orçamentos, custo que se deve calcular para a execução de um serviço. Custo do trabalho de execução. Assim, mão de obra seria sinônima de custo, de preço. Lino d'Assunção, para o primeiro significado, isto é, mão de obra igual a trabalho manual, emprega o têrmo MANOBRA.

MÃO FRANCESA — Escora. Elemento estrutural inclinado, geralmente apoiado numa parede, que serve para diminuir algum vão de



Raro exemplo de mão francesa de concreto armado, em edifício do Parque Ibirapuera, São Paulo. Projeto de equipe chefiada por Oscar Niemeyer.

viga, etc. Numa série de tesouras, nome das escoras que obliquamente ligam as extremidades inferiores dos pendurais com a cumieira, determinando contraventamento no sentido transversal do sistema estrutural do telhado.

MAPARAJUBA — Nome comum a duas árvores da família das Sapotáceas, que crescem na região amazônica: a Mimosops maparajuba, Hub., e a Mimosops paraensis, Hub. Dão madeira boa para construções civis e marcenaria. Côr vermelha escura. Pêso específico igual a 1,05.

MAPOTECA — Nas bibliotecas, recinto onde são guardadas as coleções de mapas.

MAPUXIQUI — Madeira. Ver PARICÁ GRANDE DA VÁRZEA.

MAQUETA — Ver MAQUETE.

MAQUETE — Esbôço, em escala reduzida, de uma obra de arte: pintura, escultura, ou arquitetura. Na prática, o têrmo é usado com mais freqüência para designar, quase que com exclusividade, o modêlo de uma obra arquitetônica, executado a partir do projeto e sob a orientação do arquiteto. A forma correta em português é MAQUETA.

MAQUIETA — O mesmo que MAQUETE.

MAQUIM — O mesmo que MASSICOTE.

MAQUINETA — Pequena BALDAQUIM.

MARACAÍBA — Madeira. Ver MACANAÍBA.

MARACANAÍBA — Madeira, o mesmo que MACANAÍBA ou SUCUPIRA AMARELA.

MARACANAÍBA PARDA — Madeira. Ver SUCUPIRA PARDA.

MARACATIÁRA — Madeira de lei da amazônia.

MARACHA — Nas hortas, pequeno muro que separa os canteiros.

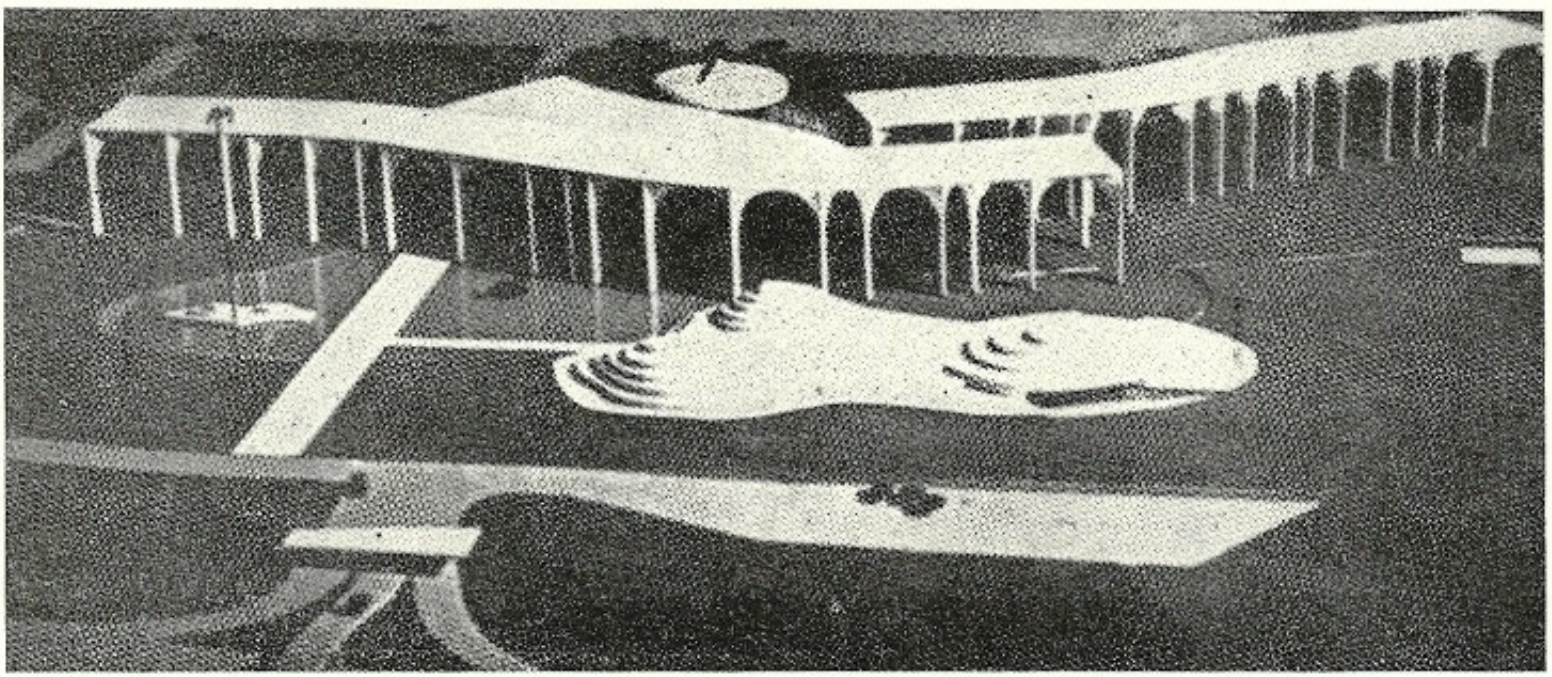
MARACHÃO — Dique, construção que retém a água. Conjunto dos materiais empregados numa obra como a terra, a pedra, o madeirame, etc.

MARAGONÇALO — Madeira. Ver MARGONÇALO.

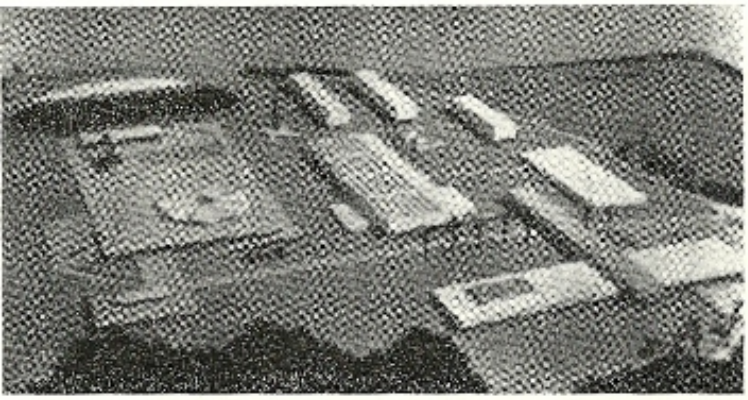
MARÁ-MARÁ — Madeira do vale amazônico, também conhecida por canela de velho. De côr amarela, é usada em construções civis. Pêso específico igual 1,05. Família das Melastonáceas.

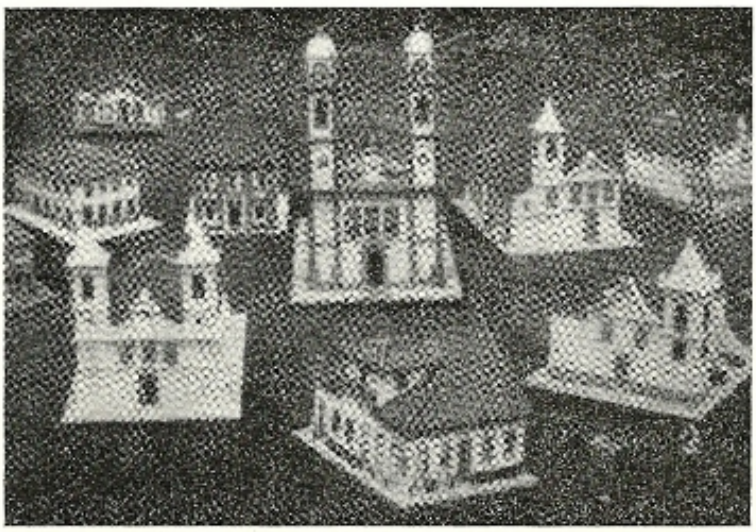
MARCENARIA — Oficina de MARCENEIRO. Obra de arte do MARCENEIRO.

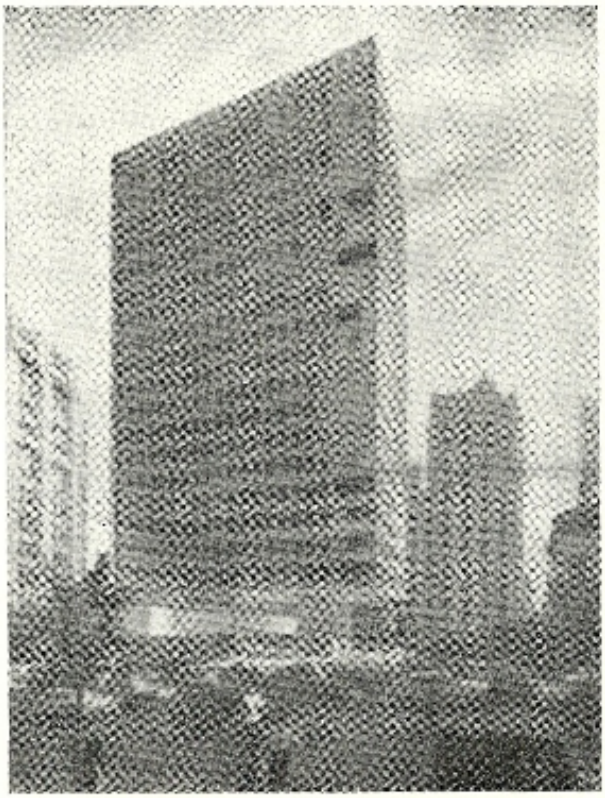
MARCENEIRO. — Fabricante ou operário que executa móveis de madeira. Nas construções, os armários embutidos, os balcões, os lambris, etc., são feitos pelos marceneiros, enquanto aos carpinteiros cabe o restante dos



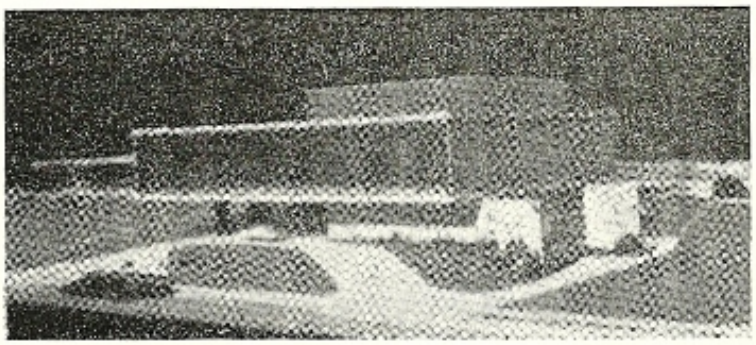
Maquete do projeto de Oscar Niemeyer realizado para a Editôra Arnaldo Mondadori e a ser construído em Milão, Itália.







Exemplos de maquetes para diversos fins. O primeiro mostra maquete apenas de volumes arquitetônicos, com base em anteprojeto, na escala de 1:1000 (Escola Técnica de Jundiaí, projeto dos arquitetos Eduardo Corona e Mário Guarnieri). O clichê seguinte mostra miniaturas algo ingênuas de um amador, Cassiano Teixeira, amante da história de Iguape e Cananéia, cujos prédios históricos desejou reproduzir. A terceira foto apresenta uma foto-montagem para fins publicitários mostrando a maquete do edifício sede do Jockey Club de São Paulo, projeto dos arquitetos Carlos B. Milan, Jorge Wilheim e Maurício T. Schneider. Finalmente, maquete executada na escala de 1:200 que ofereceu oportunidade de confecção de elementos arquitetônicos, impossíveis numa escala mais reduzida.



serviços de madeira, como por exemplo, estruturas dos telhados, entarugamentos, etc.

MARCHETARIA — Arte de marchetar, isto é, de fazer embutidos ou incrustações de diferentes pedaços de madeiras preciosas, marfim, tartaruga, madrepérola, etc. Em nosso patrimônio artístico possuímos belos exemplos de peças de marcenaria marchetada, sendo que talvez o mais famoso exemplar seja o arcaz da sacristia da catedral de Salvador, Bahia.

MARCHETE — Obra de marchetaria.

MARCO — Pedra, padrão ou poste que se crava no solo para demarcação e delimitação de terrenos. Peça de madeira adaptada à ombreira de pedra de uma porta e que recebe as dobradiças sôbre as quais giram as fôlhas. Caixa de correspondência. MARCO FONTENÁRIO é o nome do chafariz em forma de coluna.

MARFIM — Ver PAU MARFIM.

MARAVALHAS — Apáras de madeira.

MARFIM — Madeira. Ver PAU MARFIM.

MARGA — Mistura de argila e calcáreo, semelhante à GREDA, usável em olaria para fabrico de certas peças. Com ela também é

possível a obtenção de um tipo de cimento com aplicações na construção. O mesmo que MARNA.

MARGONÇALO — Estimada madeira de lei. Classificada no mesmo gênero que a Lucurana, cujas qualidades e virtudes também as possui. Hieromyna alchorneoides, Fr. Allem. Conhecida também por Aricurana, Magonçalo, Muiragonçalo e pelos nomes dados à já citada Lucurana. Ver URUCURANA.

MARIA MOLE — Madeira da Turrubia olfersiana, Standley, também conhecida por CAPA-ROSA ou PIRANHA. Madeira fraca e leve, seu pêso específico é da ordem de 0,50.

MARIA PEREIRA — Árvore de pequeno porte, Pasoqueria macropus, Mart., que dá madeira para pequena marcenaria.

MARIA PRÊTA — Madeira. O mesmo que BARAÚNA. Ver, também, MOCITAÍBA.

MARINHEIRO — Árvore que dá madeira de côr rosa e de fibras direitas, com certo uso na carpintaria no interior das construções. Pêso específico igual a 0,57. Guarea, sp. Família das Meliáceas. Árvore comum no capões do Estado de São Paulo. Sinonímia: MACAQUEIRO, CEDRÃO, TAÚVA, TAÚ e CARRAPETA.

MARMAJUBA — Nome dado a qualquer madeira branca e fraca usável em obra sem importância ou provisória.

MARMOLEJAR — Pintar imitando mármore.

MARMOLERIA — Conjunto das peças de mármore, pisos, revestimentos, etc., que há em um edifício. Trabalho feito em mármore.

MARMOLEJO — Pequena coluna.

MARMORÁRIO — Aquêle que trabalha em mármore, ou MARMOREIRO.

MÁRMORE — Rocha metamórfica, que é estudada no capítulo dos calcáreos sob o ponto de vista dos materiais de construção. É de textura compacta e cristalina, suscetível de bom polimento. São os mais pesados calcáreos, têm dureza igual a 3 da escala de Mahs e densidade aparente 2,0 a 2,8. Como densidade real ou massa específica 2,6 a 2,8. Absorção de água 0,1 a 0,5%. Resistência à compressão 400 a 2.800 kg/cm2. Desgaste ao jato de areia de 5 a 10 cm3. Desgaste ao atrito de 20 a 40 cm3. Sòmente é serrado com a serra sem dentes com areia e água. Os mármores podem ser classificados da forma seguinte de acôrdo com o professor João Fulgêncio de Paula: mármores simples, que são os que não contêm senão carbonato de cálcio e que podem ser unicoloridos e venosos ou arborescentes; mármores brechas, que são os que apresentam elementos diversamente coloridos reunidos por um cimento calcáreo; mármores compostos, que são rochas calcáreas contendo matérias estranhas; mármores lumaquelas, designados assim por origem italiana "lumaca", "lumachele" que significa caracol e concheado e é portanto um mármore caracterizado por detrito de conchas ou pólipos amontoados confusamente; alabastros calcáreos, que são mármores de textura fibrosa. Grande número de mármores se encontra no Brasil e sua aplicação na construção é variadíssima indo desde o piso às paredes e ao revestimento das fachadas.

MARMOREAR — Revestir de mármore. Marmorizar.

MARMOREIRO — Serrador ou polidor de mármores.

MARMORITE — Massa de revestimento em que se emprega cimento, pó e fragmentos de mármore. Nome comum no Rio de Janeiro, usado em vez de GRANILITE.

MARMORISTA — O mesmo que MARMOREIRO.

MARMOURAL — Antigamente, terreno alagadiço.

MARNA — Ver MARGA.

MARNOTA — Terreno que pode ser alagado pela água do mar ou de um rio.

MAROMA — No Amazonas, armação de espeques altos e isolados, sôbre a qual se constrói a habitação à borda dos rios. Por extensão assim tem sido denominada a própria habitação dêsse tipo.

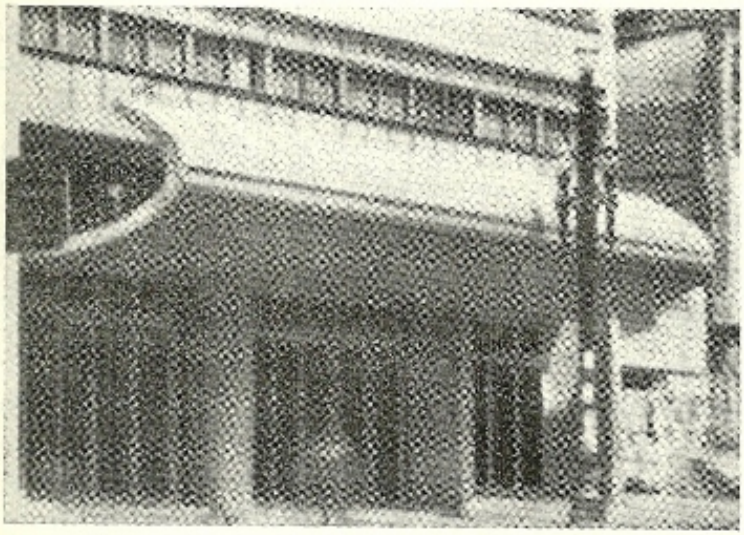
MAROMBA — Nas olarias, cilindro metálico onde é amassada e misturada a argila com a qual são executadas as peças de cerâmica. Também chama-se assim, o jirau onde se põe o gado por ocasião das cheias.

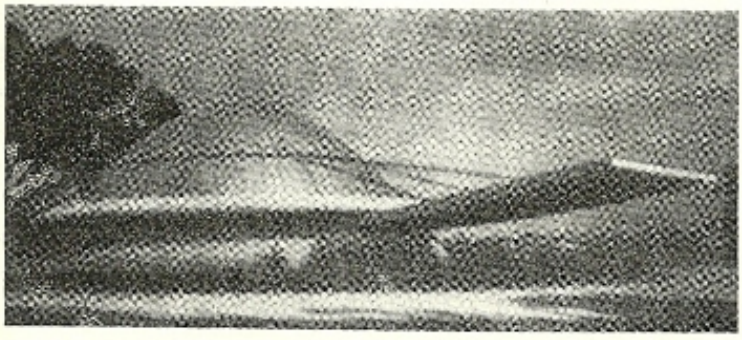
MARQUESA — Alpendre, geralmente sustentado por estrutura metálica, que resguar-

da a plataforma das pequenas estações ferroviárias. Ou laje em balanço em edifícios, logo acima do andar térreo para proteger os pedestres do sol e da chuva. O têrmo, com êsse sentido, quase que está em desuso, havendo preferência para o galicismo MARQUISE. Pequena construção envidraçada próxima ou anexa a um edifício maior. Leito largo de madeira. Canapé muito largo com assento de palhinha.

MARQUESINHA — Ver MARQUESA.

MARQUISE — Alpendre em balanço, geralmente sustentado por mãos francesas, que serve para resguardar plataformas de estações, vitrines e mostruários de lojas, calçadas ou passeios, etc.. Hoje em dia o têrmo está generalizado no linguajar comum designando pràticamente tôdas as espécies de coberturas lateralmente abertas, ao lado dos edifícios. O mesmo que MARQUESA.





Acima, marquise do prédio do Banco Lowndes, em em São Paulo, projeto de Oscar Niemeyer. Abaixo, marquise sustentada por cabos de aço, no edifício do Planetário de São Paulo. Projeto de Eduardo Corona, Roberto Tibau e Antônio Pitombo.

MARRA — Rêgo fundo aberto ao lado da estrada ou do caminho.

MARRÃO — Grande maça de ferro para quebrar pedra. Malho.

MARSELHESA — Diz-se de um tipo de telha, também conhecido por telha francesa. Ver TELHA.

MARUFLE — Do francês "maroufle", nome de cola forte usada para colagens de telhas sôbre superfícies de madeira ou paredes.

MARUPARANA — Madeira. Ver MOROTOTÓ.

MARUPAUBA FALSA — Madeira. Ver MOROTOTÓ.

MASCARÃO — Aumentativo de máscara, usado para designar a carranca usada para decorar cimalhas, gárgulas, chafarizes, etc. Ver CARRANCA.

MASMORRA — Prisão pública, ordinàriamente subterrânea.

MASSA — Nome comum da argamassa usada no assentamento de tijolos.

MASSAME — Leito de pedras argamassadas com cimento, ou betume, nas cisternas ou obras semelhantes. O têrmo, antigamente, na velhas especificações ou "obrigações" contratuais, era empregado como sinônimo de alvenaria grossa de grandes pedras, geralmente empregada em fundações. Tal emprêgo talvez fôsse por causa da palavra maçã-pedreira livre. Até hoje é corrente o têrmo MAÇANARIA que é sinônimo de alvenaria. Era usual a grafia MAÇAME.

MASSAPÉ — O mesmo que SAPÉ. Nome de certa pozolana dos Açores, boa para argamassas hidráulicas. No Brasil o nome é aplicado às terras férteis do Norte. Terreno lamacento, atoleiro.

MASSEIRA — Calha por onde corre a água que cai dos alcatruzes.

MASSILHA — Certa massa de papel empregada na confecção de ornatos, imagens, etc.

MASSIÇAR — Verbo, agora em desuso, que era antigamente empregado como sinônimo de compatar, encher, rechear ou unir. Nas fundações por exemplo, dizia-se que as valas deviam ser massiçadas com pedras grandes e miúdas, sendo que estas destinavam-se a pre-

encher os vazios deixados pelos grandes blocos. A respeito ver "O Vinhola Brazileiro" de César de Rainville. Nos tempos coloniais o têrmo aparece com grafias variadas como "mociçar", "moçisar", "mocicar" etc. Vemos, para exemplificar, em uma das "condiçoens" elaboradas para as obras da igreja de São Francisco de Assis de Ouro Prêto: "Sera obrigado o rematante aincher todos os Sobres ditos aliçerses depedra ecal bem moçisados ecom pedra grande edura", etc. (Cônego Raimundo Trindade, São Francisco de Assis de Ouro Prêeto. Publicação n.º 17 da Diretotoria do Patrimônio Histório e Artístico Nacional, pg. 295).

MASSIÇO — Compacto, sem cavidades. Em arquitetura o têrmo é usado para designar grande bloco de alvenaria destinado a suportar grandes esforços ou empuxos, principalmente em se falando de construções de pontes, viadutos, cúpulas ou abóbadas. O mesmo que pedestal, base, pilar de grandes proporções, etc. Modernamente, há quem empregue a palavra para designar um grande bloco arquitetônico, grande edifício. O mesmo que "monobloco".

MASSICOTE — Protóxido de chumbo, de côr amarela, proveniente da calcinação do alvaiade, usado no preparo de tintas. O grau de calcinação proporciona maior ou menor intensidade no tom do amarelo, que pode variar do amarelo limão claro ao amarelo forte que lembra o dourado. Recebe, também, o nome de MAQUIM.

MASSUDO — De enorme massa. Cheio, compacto, encorpado. Pesado.

MÁSTICA — O mesmo que MASTIQUE.

MASTIQUE — Nome da resina de almécega. Nome comum a uma série de massas usadas para topar fendas, buracos e emendas. Ver BETUME.

MASTRO — Eixo vertical em tôrno do qual se desenvolve uma ESCADA DE CARACOL. Haste de madeira, ou outro material, que serve para içar bandeiras.

MATA-BURRO — Fôsso escavado na boca dos cortes ou porteiras, para evitar a entrada de animais. Leva o mesmo nome a ponte feita sôbre êsse fôsso, de traves espaçadas, para o mesmo efeito.

MATAMATÁ — Árvore do vale amazônico cuja madeira, de côr castanha, é empregada em construções civis e navais. Boa para dormentes e estacas. Pêso específico igual a 1,15. Eschweilera matamata. Hub. Família das Lecitidáceas.

MATA-ÔLHO — Madeira, também conhecida por CEGA ÔLHO, ou CAXIM. Pachystroma ilicifolium, Muell. Arg.

MATACÃO — Grande bloco de pedra. Seixo.

MATADOURO — Edifício onde são abatidos animais para consumo público.

MATA-JUNTA — Pequena fasquia ou régua usada para cobrir a fenda, ou junta, resultante da justaposição de duas placas, painés ou tábuas. O mesmo que COBRE JUNTA ou GUARNIÇÃO.

MATAMORRA — O mesmo que MASMORRA. Primitivamente, nome de certo tipo de celeiro subterrâneo dos árabes.

MATA-PINTAS — Espécie de mata-junta pregado no bordo livre da fôlha de uma porta, que tapa a fresta deixada pela dita ao fechar-se.

MATE — O mesmo que fôsco, sem polimento, áspero.

MATERIAL — Têrmo empregado, principalmente no norte do Paraná, para qualificar ou distinguir das outras, a casa de alvenaria de tijolos. Nas cidades novas daquela zona, por razões óbvias, as casas recém-construídas no período de adaptação são de madeira. As casas posteriores, já definitivas, ou mais caras, são de tijolos ou de "material". Ver MATERIAL DE CONSTRUÇÃO.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO — Dá-se o nome de "material de construção" ao conjunto de "substâncias" empregadas na obra de um edifício. Assim, o material de construção engloba a areia, a cal, o cimento, a água, os impermeabilizantes, as tintas, a madeira, o mármore, etc. Desta maneira, por exemplo, a argila é um material de construção que constitui a matéria prima do tijolo. Daí conclui-se que o tijolo é um elemento de construção, mas não "material" ou "substância". Errôneamente, diz-se no linguajar comum que tijolos, blocos de concreto, e até portas e janelas constituem materiais de construção, o que na realidade é falso.

MATERIALISTA — Segundo o Visconde de Beaurepaire-Rohan, nome que antigamente era dado aos negociantes de material de construção na zona do Rio de Janeiro.

MATIZ — Gradação quase imperceptível de uma côr. Variação do claro para o escuro.

MATIZAR — Dar côres diversas ou graduar as côres. Adornar, enfeitar.

MATRIZ — O mesmo que CATEDRAL, ou igreja principal.

MAÚBA — Árvore silvestre do Norte brasileiro — Pará especialmente — que dá madeira boa para construções navais e civis. Côr amarela escura. Pêso específico igual a 0,66. Acrodichidium mahuba, A. Sampaio. Família das Lauráceas.

MAUSOLÉU — Sepulcro suntuoso. Designação obtida por extensão do que significou o sepulcro de Mausolo, em Halicarnasso, considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo.

MAXICOTE — Argamassa feita de areia, terra, cal e água. É muito comum a confusão desta palavra com o têrmo MASSICOTE, que designa, também, outro material de construção.

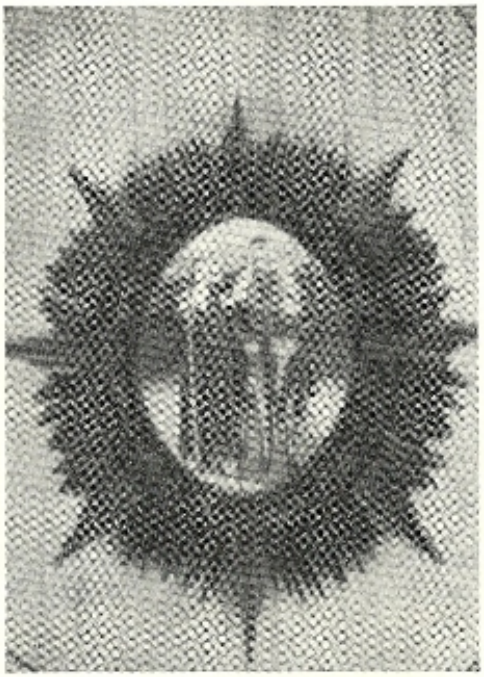
MAZARIZE — Tijolo grande empregado na construção de abóbadas. O têrmo ainda é de uso corrente em Portugal, Alentejo principalmente.

MECÂNICA — Ciência das leis do movimento e do equilíbrio, e da aplicação destas. Em construções, é de fundamental interêsse a MECÂNICA DOS SOLOS, que cogita das fundações dos edifícios e do futuro comportamento do solo em relação ao pêso da edificação.

MECHA — Saliência que se deixa numa peça de madeira para ser embebida na reentrância deixada em outra peça. O mesmo que MACHO. Contràriamente, há quem dê o nome de mecha à reetrância mencionada, chamando de RESPIGA a saliência que penetra. Com êsse sentido mecha é sinonímia de MORTAGEM.

MECHAR — Encaixar por meio de MECHA.

MEDALHÃO — Aumentativo de medalha, designa na decoração arquitetônica o ornato circular, ou oval, em baixo ou alto relêvo, destinado a receber o retrato de vultos célebres, figuras de santos ou a alegoria alusiva a um fato qualquer.



Medalhão que decora o teto da nave lateral da Igreja Matriz de Baependi, Minas Gerais.

MEDIANEIRA — Diz-se da parede de meiação, que separa duas construções distintas.

MEGALÍTICO — Diz-se dos monumentos pré-históricos feitos de grandes pedras.

MEGÁLITO — Pedra monumental dos tempos pré-históricos.

MÉGARO — Palácio. Sala de reuniões para homens. Parte do templo no qual se proferiam os oráculos. Santuário.

MEIA-ÁGUA — Nome dado ao telhado constituído de um só plano inclinado.

MEIA-CANA — Moldura que apresenta concavidade longitudinal. Nome dado à TELHA de canal.

MEIA-COLHER — Servente de pedreiro.

MEIA-COLUNA — Metade de uma coluna encostada a uma parede, imitando pilastra.

MEIA-ESQUADRIA — Quando duas peças se encaixam formando ângulo reto e quando os planos de contato entre ambas as peças são cortados em 45 graus, diz-se que a ligação é de "meia-esquadria". Nas esquadrias, as quatro fendas diagonais nos quatro cantos. Nome de instrumento de marceneiro, espécie de

esquadro, com que se podem traçar ângulos de 45°, e mais outros graus.

MEIA-LARANJA — Nome vulgar que se dá à elevação de terreno que tenha forma aproximada duma calota esférica. No vale do Paraíba, em São Paulo, é corrente o têrmo, onde são comuns aquêles acidentes topográficos. Nome dado às construções semicirculares, que também recebem o nome de MEIA-LUA.

MEIA-LUA — O mesmo que MEIA-LARANJA. Fortificação composta de tal modo que externamente apresenta planta triangular e, internamente, tem forma de meia-lua.

MEIA-MADEIRA — Diz-se da sambladura onde as peças a serem encaixadas são rebaixadas até a metade da espessura para que, no final da ligação, se obtenha uma superfície resultante sem saliência. Neste caso "meia-madeira" seria o mesmo que "meia-espessura".

MEIA MORADA — No Norte do Brasil, Maranhão especialmente, nome dado à residência térrea composta de sala, quarto no centro da planta e varanda com a cozinha em apêndice. Todos êsses cômodos encarreirados são lateralmente ligados por um corredor. A largura da sala da frente mais a largura do corredor determinam a extensão da fachada. A casa com corredor central corresponde à casa de meia morada duplicada e é, por isso, chamada de MORADA INTEIRA.

MEIA GALEOTA — Nome antigamente dado ao prego usado na carpintaria medindo duas e meia polegadas de comprimento e que duzentos dêles formavam um quilo. Era o prego usado nos soalhos.

MEIA-MURÇA — Lima que tem a serrilha ou picado menos fino do que a murça.

MEIA-PAREDE — O mesmo que parede de MEIO-TIJOLO ou de MEIA-VEZ. Nome que também se dá à parede de MEIAÇÃO.

MEIA-ROTUNDA — Construção semicircular, tanto externa como internamente.

MEIA-TINTA — Tom intermediário de uma côr, situado entre os tons luminosos e os escuros.

MEIA-VEZ — Diz-se da parede cuja espessura corresponde à largura do tijolo. O mesmo que parede de MEIO-TIJOLO.

MEIAÇÃO — Nome da parede comum a dois edifícios e que os separa. Divisão longitudinal de uma parede entre dois ou mais proprietários diferentes. Direito de co-propriedade entre dois vizinhos sôbre um ou mais elementos da construção.

MEIÁGUA — No Nordeste, casa de meia-água.

MEIO-COPEIRO — Engenho de roda em que a água cai de meia altura. Ver ENGENHO.

MEIO-ESTALEIRO — Espécie de jirau.

MEIO-FIO — Fieira de pedras de cantaria que serve de remate à calçada da rua. Nas paredes de alvenaria, última fiada de tijolos ou pedras, sôbre o qual se apoia a arquitrave ou colarete que por sua vez apoia o friso e a cornija. Nome de um tipo de soalho em que as tábuas são encaixotadas a meia-madeira. Chanfradura no batente das portas ou caixilhos.

MEIO MOURISCADO — Diz-se do telhado em que os canais são alternadamente mouriscados e de valádio. Ver AMOURISCADO e MOURISCADO.

MEIO-RELÊVO — O mesmo que BAIXO-RELÊVO.

MEIO-REMONTE — O mesmo que GÁSPEA.

MEIO-RUFO — Lima com serrilha ou picado menos grosso que o rufo.

MEIO-TIJOLO — Diz-se da parede cuja espesura corresponde à largura de um tijolo. Neste caso a expressão meio tijolo quer dizer a metade do comprimento de um tijolo, que é justamente a largura daquela peça de alvenaria. Ver MEIA VEZ.

MEMBI — Árvore do vale amazônico, cuja madeira é castanha pardacenta e boa para construções civis e navais, além da marcenaria. Pêso específico igual a 1,0. Cassia apouconita, Anbl. Família das Leguminosas cesalpináceas. Também conhecida por PIXUNEIRARANA ou IRARI.

MEMBRANA — Nome que se costuma aplicar às superfícies de concreto armado quando a sua espessura é pequena. Placa, abóbada ou mesmo laje de concreto armado de grande di-

mensões. O mesmo que "casca" de concreto armado.

MEMBRO — Nome de cada uma das partes que compõem uma obra arquitetônica. O mesmo que "elemento de composição" de um projeto. Pano de parede situado entre dois vãos. Neste sentido, o mesmo que NEMBRO.

MEMÓRIA — Monumento alusivo a um vulto importante ou a um fato histórico.

MEMORIAL DESCRITIVO — Nome que normalmente se dá aos apontamentos feitos antes da execução de uma obra e que completam, no que diz respeito principalmente aos acabamentos, o projeto arquitetônico. Memorial descritivo não deve ser confundido com as "especificações" que cogitam ùnicamente das qualidades dos materiais de construção. Ver ESPECIFICAÇÃO.

MENEIO — Às vêzes, aplicado com a significação de "mão-de-obra".

MENIANO — Do latim "moenianum" designa o pequeno balcão, a varanda pequena.

MÊNSOLA — O mesmo que MÍSULA.

MÊNSULA — O mesmo que MÍSULA.

MENTO — O mesmo que CIMALHA.

MERCADINHO — Pequeno estabelecimento onde se vendem frutas e cereais, no Rio Grande do Sul. Em outras regiões, chama-se "quitanda", e no Rio de Janeiro designa o mercado de bairro.

MERCADO — Tema arquitetônico referente à função de venda em larga escala e de gêneros alimentícios, objetos populares, etc.

MERCEARIA — Estabelecimento no qual se vendem a retalho gêneros alimentícios. Em algumas regiões do Basil não é empregado. No Rio Grande do Sul, por exemplo, é "armazém", como em São Paulo.

MERENDIBA — Com êsse nome são conhecidas no linguajar comum as madeiras da Lafoesi glyptocarpa, Kachne., família das Litráceas e da Terminalia Merindiba da família das Combretáceas também conhecida por MORINDIBA ou MIRINDIBA ou MERINDIBA. Tem côr pardacenta, com veios amarelos e fibras direitas. É empregada principalmente na marcenaria e dela se extrai tinta violeta para tinturaria de tecidos. Também é usada em dormentes, durando mais de dez anos. A segunda, tem o cerne amarelo cheio de poros esbranquiçados. Madeira de primeira qualidade, com pêso específico igual a 0,98. Comum do Estado do Rio para o norte, até Alagoas. Ver AMARILHO.

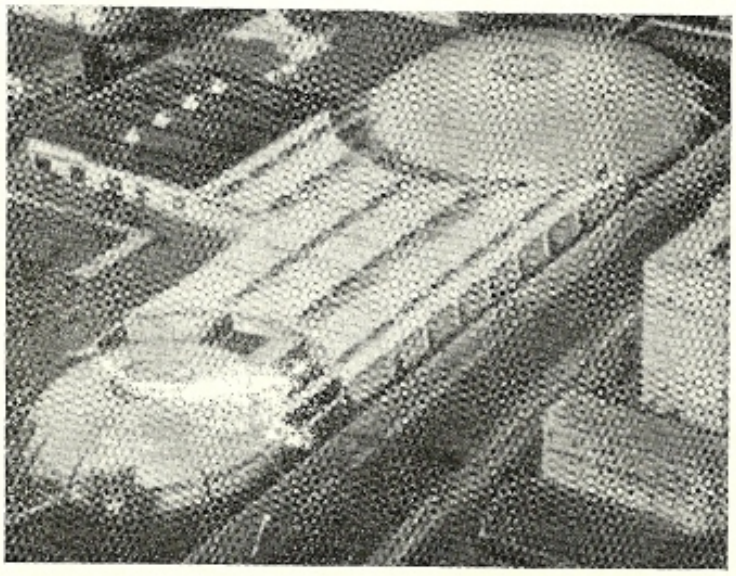


Foto montagem em que aparece maquete de mercado projetado para um bairro de São Paulo, pelo arquiteto Abelardo de Sousa.

MERLÃO — Nome de cada um dos dentes, ou saliências retangulares, que delimitam os vãos chamados AMEIAS, nas fortificações. No linguajar comum, dá-se o nome de ameia ao conjunto dos vazios e cheios que formam o coroamento dos fortes e fortalezas. Nesta acepção, merlão continua a ser o nome de cada uma das partes cheias ou dentes.

MESA — Móvel, ordinàriamente de madeira, sôbre o que se come, escreve, etc. Também assim se designa a grade ou altar para comunhão.

MESÁULIO — Pátio entre dois corpos de um edifício grego, ou entre dois muros. Às vêzes, mesáulo.

MESCA — Tinta ou côr formada pela união de várias tintas.

MESELHA — Massa pastosa e branda de de várias tinta.

MESETA — Pequeno planalto.

MESILHA — Placa de pedra com que se recobre a parte horizontal das balaustradas, peitoris de janelas, parapeitos, etc. Pequeno planalto.

MESSETAUBA — Nome antigamente dado à MOCITAIBA.

MESTRA — O mesmo que DAMA, MADAMA, ou TESTEMUNHA. Diz-se da parede principal de uma construção. Em telhado, o plano inclinado, ou água, de maior superfície diz-se: "água mestra".

MESTRE — Artífice que era aprovado em algum ofício dito "mecânico" e que sòmente depois disso podia exercer a profissão. Dizia-se "mestre de carpintaria", "mestre de obras", etc. No Rio Grande do Sul, chama-se mestre o mourão mais grosso que se põe no ângulo do aramado das CERCAS. Ver MOURÃO.

MESTRE DE OBRAS — Numa construção, o artífice que dirige os operários, o responsável direto pela feitura das obras, tendo recebido orientação do engenheiro responsável que, por sua vez, baseou no projeto de execução. Na prática, o mestre de obras acumula uma série de funções ou responsabilidades: é o auxiliar direto do engenheiro ou seu porta-voz, ajudado pelos outros operários, é o executor dos mais variados serviços pertinentes à construção, é o zelador e responsável pelo material de construção, cujo recebimento normalmente é feito sob seu contrôle e, nas obras pequenas, é ainda o empreiteiro da mão-de-obra. (Ver EMPREITADA). Enfim, como o nome diz, o mestre é o operário categorizado, chefe de outros, responsável pela execução material de um edifício cuja construção estêve sob a responsabilidade de um engenheiro.

MESTRE DE RISCO — Designação antiga dada ao autor de um projeto. Neste caso, "risco" seria o mesmo que desenho encerrando uma criação e não simples desenho copiado ou inspirado por um modêlo. Necessàriamente um "mestre" de risco" não precisava ser profissional, engenheiro ou arquiteto, profissões raras entre nós no tempo colonial. Talvez não fôsse errado dizer-se que o mestre do risco estava para o arquiteto assim como o mestre de obras estava para o engenheiro.

META — O mesmo que coroamento, conjunto dos ornatos ou elementos que guarnecem superiormente uma parede ou edifício.

METAIS — No linguajar entre os profissionais da construção, dá-se o nome de metais ao conjunto das torneiras, misturadores, válvulas, registros, etc., que arrematam as tubulações dos serviços de hidráulica.

METAL DISTENDIDO — Grade ou tela de metal, com malhas losangulares, executada com uma só chapa, sem soldas ou amarrações. Chapa recortada e distendida.

METÁTOMO — Nos ornatos em forma de serra, principalmente nas cornijas, nome de cada um dos espaços situados entre um e outro dentículo.

METOCHO — O mesmo que METÁTOMO.

METOPA — No friso dórico, intervalo quadrado entre triglifos.

METRO — Unidade fundamental do sistema legal de pesos e medidas. É o comprimento do padrão internacional em platina, na temperatura do zero graus centígrados, que se encontra no Pavilhão de Betenil em Sevres, na França.

METRÓPOLE — Cidade principal ou Capital de província ou estado. Em sentido mais popular já se designa assim uma cidade qualquer que se torna grande, se desenvolve.

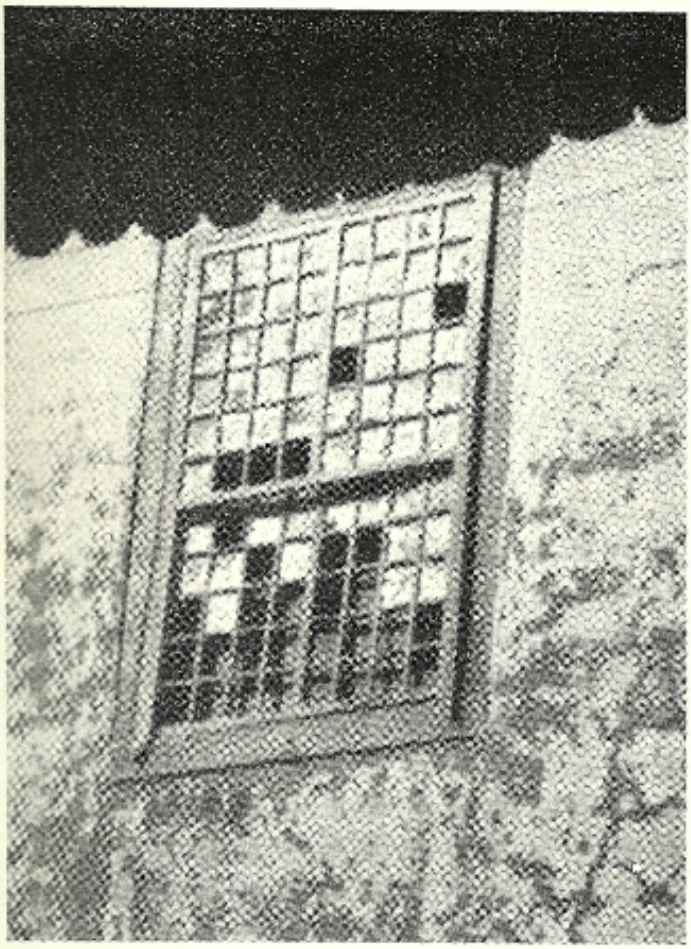
METROPOLITANO — Nome dado ao sistema de transporte urbano de passageiros feito através de túneis subterrâneos. Vulgarmente, é usado o têrmo METRÔ.

MEZANO — Tijolo requeimado, ou vidrado, próprio para revestimento de pisos, degraus, etc.

MEZANINO — Do italiano "mezzanino" designa o pavimento intermediário encaixado entre dois pisos, havendo necessàriamente comunicação interna entre todos êles. Outra característica do mezanino é não possuir acesso direto para o exterior. O mezanino fica bem individualizado nos edifícios construídos em terrenos inclinados, com duas frentes opostas. Nesse caso, quando o desnível entre uma rua e outra, para as quais os citados terreno. abrem testadas, permite mais de dois pavimentos, chama-se mezanino o pavimento intermediário situado assim entre os pavimentos com acessos aos logradouros públicos. Nome da janela que ilumina êsse pavimento intermediário. Janela de porão. Em geral na janela de mezanino predomina a largura, sempre maior que a altura.

MICA — Também conhecida por malacacheta, é um sílico-aluminato de potassa, ferro ou

magnésio, às vêzes rico em fluor. Apresenta-se em lâminas delgadas com brilho metálico e translúcidas e, às vêzes, até transparentes. No nosso tempo de colônia, foram muito usadas as placas de mica nos caixilhos, como se fôssem vidro, material raro naquela época. Em Goiás, região rica daquele material, até hoje são encontrados exemplos daquela aplicação. MICA DOS PINTORES é o nome que se costuma dar ao lápis-lazule. MICA NACARADA é a margarita. MICA VERDE é o óxido de urânio.



Janela de guilhotina de sobrado de Luziânia, Goiás, mostrando, ainda, pequena placas de mica, ou malacacheta.

MICROCLIMA — Ver CLIMA.

MICROGRANITO — Granito compacto, no qual, a ôlho nu, não se percebem individualizados os seus elementos componentes.

MICRÔMEGO — Instrumento de Matemática para medir terras.

MICTÓRIO — Aparelho sanitário, onde se urina. Nome do local onde estão instalados um ou mais daqueles aparelhos. Também existem as formas MIJADEIRO e MIJADOURO, de mais aplicação em Portugal e as outras de "sumidouro" e "mijadoiro" de raro uso.

MIJADEIRO — O mesmo que MICTÓRIO.

MIJADOURO — O mesmo que MICTÓRIO.

MILHA — Antiga medida itinerária brasileira equivalente a 2.200m. A milha inglêsa mede 1.609m.

MILHO COZIDO — Nome de madeira de segunda qualidade, também conhecida por CENDIBA ou SINDIBA, com certo emprêgo na carpintaria. Pêso específico igual a 0,83. Comum no litoral do Espírito Santo até ao da Bahia. Licania incana, Aubl. Família das Rosáceas. Côr amarela.

MINGO — Árvore muito apreciada, cuja madeira é usada para obras de marchetaria.

MINHOTO — Leme curto, ou "sem rabo". Ver LEME.

MÍNIO — Óxido de chumbo de côr vermelha viva, que os antigos também chamavam errôneamente de CINÁBRIO (sulfureto de mercúrio). Usado como pigmento em tintas, sendo dissolvido na água de goma ou no óleo. Modernamente, dissolvido em óleo, é usado na primeira demão de pintura das peças de ferro, como protetor contra o ferrugem. O mesmo que ZARCÃO.

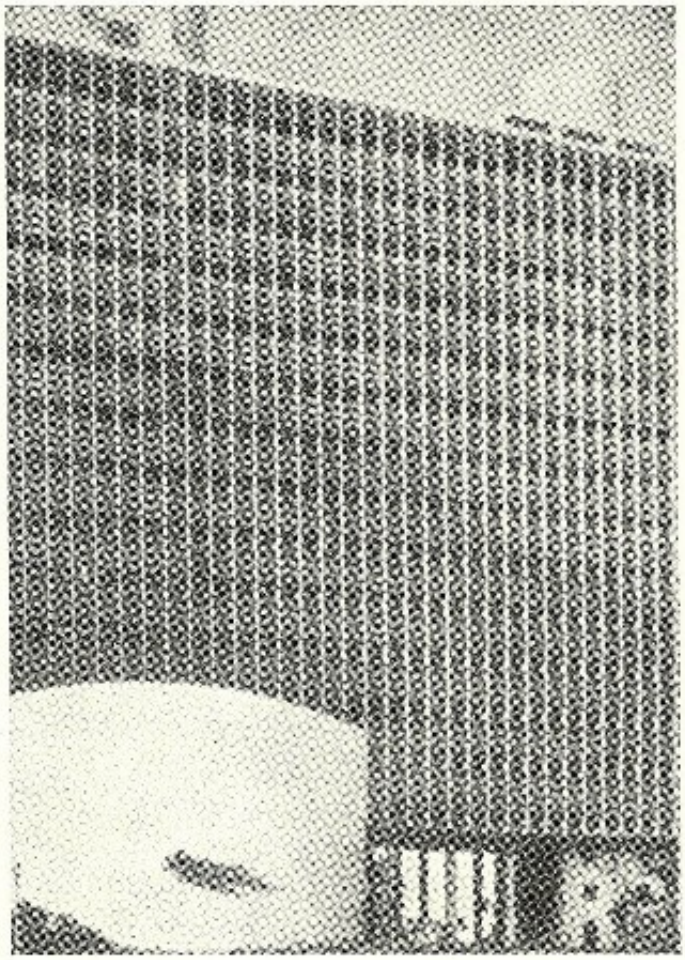
MINISTÉRIO — Edifício onde se aloja uma Secretaria de Estado. Conforme o tipo dêsse poder governamental, a função arquitetônica possui características as mais diferentes. Por exemplo, há larga oposição entre o programa de um Ministério de Marinha e o de um Ministério de Saúde, etc.

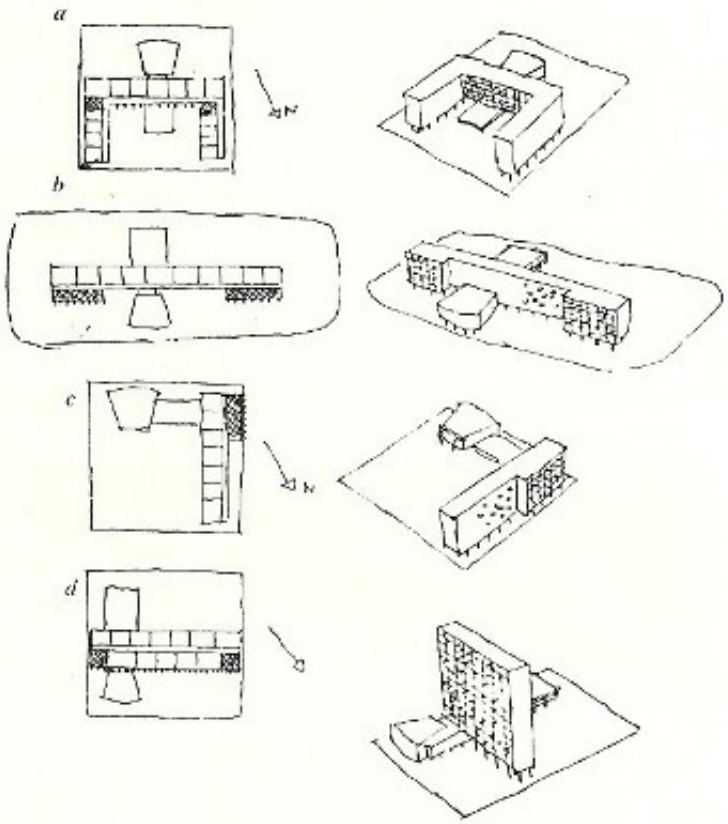
MINISTRADA — Nos conventos, guichê, abertura ou roda pela qual é passada a comida, da cozinha para o refeitório.

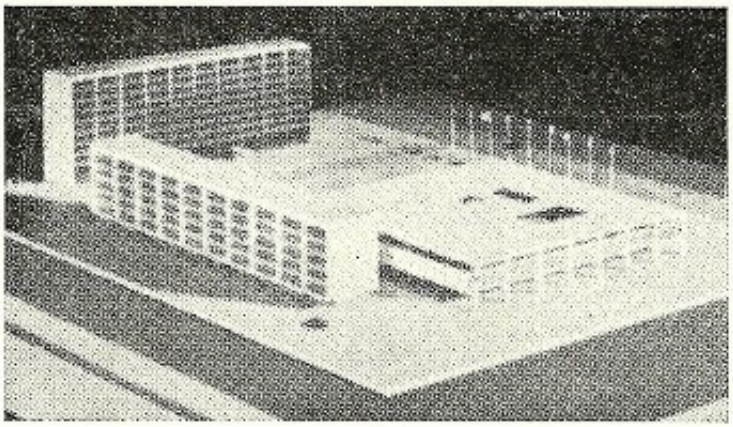
MINUTO — Nome da trigésima parte do módulo e usado para determinar as proporções das ordens arquitetônicas clássicas. Segundo Vignola, o minuto é a duodésima parte do módulo. Em geral, o nome é dado a qualquer fração de um módulo.

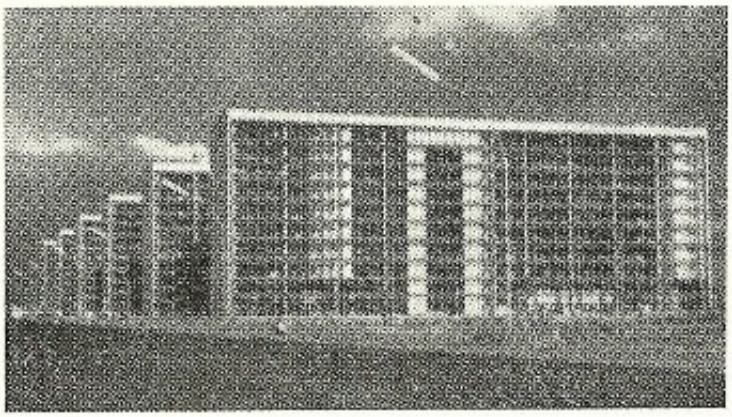
MIRADOURO — O mesmo que MIRANTE. Existe a variante "miradoiro".

MIRAJUBA — Madeira. Ver GARAPA.









Em cima, fotografia do edifício do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, projeto de uma equipe de arquitetos, que se baseou em riscos originais de Le Corbusier. Os desenhos referem-se aos vários partidos que mereceram a atenção dos arquitetos, entre êles Oscar Niemeyer, sendo desenvolvido o último dêles, indicado pela letra *d*. As últimas fotografias referem-se aos novos ministérios projetados por Niemeyer em Brasília.

MIRAMAR — Mirante de onde se olha o mar.

MIRANTE — Ponto ou construção elevada de onde se descortina vasta paisagem. Lugar de onde se encherga ao longe. Construção acima do telhado de um edifício, provida de janela ou abertura que permita visibilidade para o exterior. Antigamente, pelo menos em São Paulo, o nome de mirante era dado ao desvão de telhado provido de caixilho, como sugeriu Mário de Andrade comentando um trecho de documento analisado em seu livro "Padre Jesuino do Monte Carmelo", pg. 171. Em velhas escritura paulistanas o têrmo apa-

rece com freqüência. Assim, por exemplo, vemos numa escritura de hipoteca de 1798... "sobrados com seus mirantes"...

MIRINDIBA — Madeira. Ver MERENDIBA.

MISSAGRA — O mesmo que BISAGRA, DOBRADIÇA ou GONZO.

MISTIÁRABE — O mesmo que MOÇARABE.

MISULA — Saliência que serve de apoio Pequeno CACHORRO. O mesmo que PEANHA. Em geral a misula é mais em sua parte superior. Quando a parte inferior é mais pronunciada, emprega-se a expressão. MISULA REVERSA, ou INVERTIDA. Geralmente as misulas tinham a forma de S encostado à parede.

MISURA — Medida de capacidade equivalente a 16,22 litros.

MOAMAR — Na carpintaria, há quem dê êsse nome a certas vigas que fazem ângulo com outras.

MOBILAÇÃO — Ato de mobiliar. Mobilamento.

MOBILAMENTO — O mesmo que MOBILAÇÃO.

MOBILAR — O mesmo que MOBILIAR.

MOBILHAR — O mesmo que MOBILIAR.

MOBÍLIA — Objetos móveis para uso ou adôrno de uma casa. É muito empregado o têrmo, no plural, MÓVEIS.

MOBILIAR — Guarnecer um local com mobílias. Fornecer móveis.

MOBILIÁRIO — Designativo do conjunto de MÓVEIS empregado numa sala, num quarto ou na casa tôda.

MOCAMBEIRA — O mesmo que MOCAMBO.

MOCAMBINHO — Diminutivo de uso no Norte, para o MOCAMBO de ínfimas dimensões ou mesmo, para qualquer choupana.

MOCAMBO — Antigamente, choça no mato, onde se refugiava o negro escravo fugido. Casa de quilombo. Hoje em dia, dá-se o nome à casa pobre executada com materiais rústicos como o sapé, a folha de palmeira, etc. Casa pobre. Choupana. Casa de pau a pique revestida de barro. Também pode ser "mucambo". Conforme Gilberto Freyre em seu "Mucambos do Nordeste" — algumas notas sôbre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil — essa denominação que se generalizou nessa região vem do africano, mucambo ou mocambo, e que segundo Renato Mendonça, é palavra quimbunda, formada do prefixo **mu** + **kambo**, que quer dizer esconderijo.

MOÇAR — Têrmo antigo que se refere ao montão de pedras ou as ruínas de uma habitação ou mesmo ao pardieiro. Não tem mais aplicação.

MOÇÁRABE — Na península Ibérica, diz-se da arte produzida pelos cristãos dominados pelos árabes. Como substantivo, o têrmo designa "o cristão submetido" ao muçulmano, "vivendo juntos", enquanto o "mudejar ou mourisco foi o mouro submetido aos cristãos e colaborando com êles" (Virgílio Correia, obras, vol. II — Estudo de História da Arte, Arquitetura, pg. 31). Pode aparecer a forma "mistárabe".

MOCHETA — Filête de coluno. Ás vêzes designa um listel.

MOCITAIBA — Nome comum de certas variedades de uma árvore da família das Leguminosas papilonáceas, Zollernia, sp. A mais conhecida talvez seja a Zollernia ilicifolia, vog. São conhecidas a MOCITAIBA AMARELA, com pêso específico igual a 1,265 e com resistência ao esmagamento igual a 1,057 kg/cm2 e muito usada na marcenaria; a MOCITAIBA VERMELHA, mais densa que a anterior, porém mais fraca; a MOCITAIBA PRÊTA, também conhecida por MARIA PRÊTA. Existe, também, a MOCITAIBA PARDA. Tôdas elas são boas madeiras tanto para marcenaria como para carpintaria em geral. Talhe duro. Dormente de 3.ª qualidade. Comum na Serra do Mar. Antigamente esta madeira foi muito estimada e, em Portugal, recebeu o nome de Pau Santo. Talvez êste apelido fôsse dado sòmente à variedade Zollernia mucetaiba, Fr. Alemão. Foi muito elogiada por Gabriel Soares na sua "Notícia do Brasil" e citada por Antonil, que emprega a palavra messetauba. Sinonímia antigamente usada: MESSETAUBA, MUCETAIBA, MOÇOTAIBA, MUÇUTAIBA e MOSSOTAIBA. Existe, ainda, uma varieda-

de também muito citada antigamente: MUSSUTAIBASSU que modernamente se chamaria MOCITAIBUÇU.

MOCITAIBUÇU — Ver MOCITAIBA.

MOÇOTAIBA — Ver MOCITAIBA.

MODÊLO — Representação em pequena escala, de um objeto que se pretende executar em grande. Em arquitetura, geralmente é a "maqueta" que se executa como modêlo daquilo que vai ser a construção definitiva.

MODENATURA — Arte de traçar os perfis. Consiste principalmente em ordenar as molduras numa disposição harmoniosa sôbre as superfícies arquitetônicas, em função de seus efeitos estéticos que acompanham sempre o jôgo de luzes e de sombras que elas provocam, exatamente no local onde são aplicadas. Conjunto de molduras de uma construção. Existe a forma "modinatura" registrada em todos os dicionários da língua portuguêsa, mas por influência francesa êsse têrmo, na linguagem comum e didática, tornou-se MODENATURA em lugar daquela forma que corresponde a sua origem legítima, italiana.

MODERNISMO — Designação genérica de vários movimentos artísticos, que derivaram todos da renovação decorativista de fins do século XIX, caracterizando principalmente o "art-nouveau", o "modern-style" e outras designações dêste movimento, o cubismo, o futurismo, o neoplasticismo, o funcionalismo, etc. Ordinàriamente refere-se à tôda inovação nas artes e na arquitetura processadas no século XX.

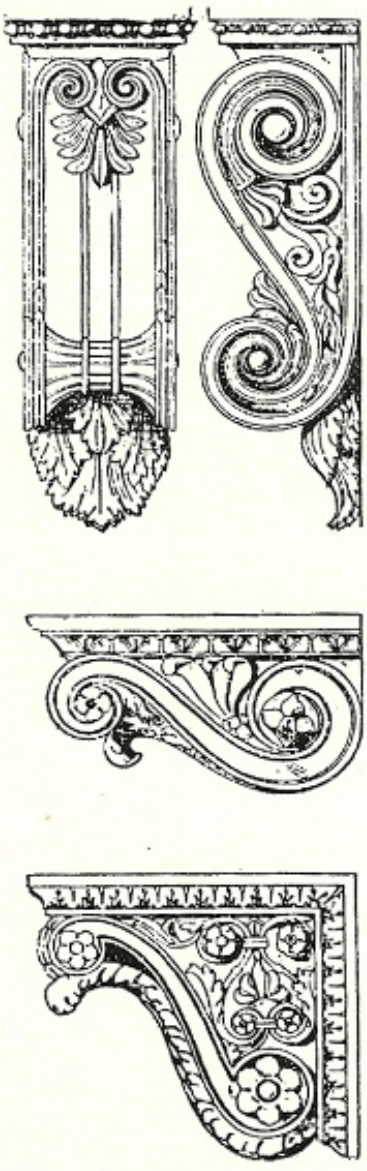
MODILHÃO — Ornato arquitetônico, em forma de S invertido, e pendente da cornija. Tem semelhança à MENSULA. Aportuguesamento do têrmo italiano "modiglione".

MODINATURA — Ver MODENATURA.

MODIOLO — Espaço que fica entre os MODILHÕES.

MODULAÇÃO — Ato ou efeito de MODULAR.

MODULAR — Empregar o MÓDULO numa construção. Atualmente, de acôrdo com o desenvolvimento das artes e da técnica emprega-se o módulo, desde o projeto até a ESTANDARTIZAÇÃO, à PREFABRICAÇÃO, etc.



Três modelos clássicos de modilhões que na realidade são *misulas* deitadas.

MÓDULO — Elemento comum de medida que se emprega para assegurar ao edifício, à construção, um processo normativo, lógico de desenvolvimento. Pode ser constituído por simples medida corrente, por exemplo 1,00 m, 1,50 m etc. ou também pelas dimensões de determinado material a ser empregado na obra: um tijolo premoldado, uma parede premoldada, painés predimensionados e industrializados, etc.

MODULOR — Módulo ou sistema de medida preconizado por Le Corbusier para disciplinar entre outras o projeto arquitetônico que consiste na combinação da altura do homem com seu braço levantado com a secção áurea, do que resulta uma gama de medidas para

atribuir dimensões as mais favoráveis na construção. Entre nós, essa proposição de Le Corbusier não teve a menor repercussão.

MOENTE — Cavilha ou pequena peça cilíndrica, que gira dentro de um pequeno orifício circular.

MOIO — Antiga medida de capacidade, equivalente a 60 alqueires.

MOIRÃO — O mesmo que MOURÃO.

MOITÃO — Peça metálica, em forma de elipse, destinada a levantar pesos e outros usos. Cadernal.

MOLASSO — Rocha composta de calcáreo misturado com areia e argila.

MOLDADO — Trabalho de MOLDURA. Também chamou-se assim o rebaixo que se faz nas portas e janelas.

MOLDADOR — Aquêle que molda ou faz moldes. Instrumento de entalhador, para ornar as molduras em madeira rija.

MOLDE — Modêlo de qualquer elemento arquitetônico — ornato, moldura, etc. — pelo qual ela se talha ou forma.

MOLDURA — Ornato em obras de arquitetura, que consiste na composição de partes salientes e reentrantes, cuja continuidade segundo as linhas, retas ou sinuosas, através do jôgo de luz e sombra, assegura uma conjunção precisa da forma arquitetônica. Caixilho para guarnecer quadros, estampas, etc. geralmente de madeira; de gêsso, etc.

MOLDURADO — Guarnecido de moldura. Ver ESTEMADO.

MOLDURAGEM — Ato de moldurar. Conjunto de molduras que adornam uma peça de arquitetura.

MOLDURAR — Ornar com moldura. Encaixilhar em moldura.

MOLE — Diz-se, em alguns casos, de construção de grandes proporções. Volume enorme.

MOLEDO — Rocha em decomposição que se apresenta em calhaus ou saibro grôsso.

MOLEQUE — Escora que são mantidas inferiormente às tábuas de um fôrro de casa enquanto se assentam as mesmas.

MOLETA — O mesmo que MAÇANETA das fechaduras. Puxador de forma globular. Pedra usada para moer tintas petrificadas, geralmente de mármore.

MOLINETE — Aspas cruzadas, originàriamente de madeira, girando sôbre um eixo vertical, em portas de recinto muito frequentado, para evitar a entrada de tropel. Ver ENGENHO.

MOLONGO — Árvore da hílea amazônica, Ambelania, grandiflora, Hub. Família das Apocináceas. Madeira branca usada em alguma marcenaria.

MONACAL — Que diz respeito à vida do convento ou no convento. O mesmo que "Monástico".

MONÁSTICO — Ver MONACAL.

MONJOLEIRO — Madeira de construção, também conhecida por GUARUCAIA. Acacia polyphyla, Dc. Pêso específico aparente (15% de umidade) igual a 0,79. Limite de resistência a compressão axial igual a 534 kg/cm2. Limite de resistência a flexão estática igual a 1226 kg/cm2. Ver JACARÉ.

MONJOLO-FERRO — Madeira. Ver MONJOLEIRO.

MONOBLOCO — Designação dada à construção que é feita em um só bloco. Muito em uso na linguagem comum arquitetônica.

MONOLÍTICO — Relativo a monólito. Semelhante a um monólito.

MONÓLITO — Obra ou monumento feito de um só bloco de pedra. Pedra de grande dimensões.

MONOPLÁSTICO — Feito de uma só peça.

MONÓPTERO — Que é sustentado por uma só ordem de colunas. Templo monóptero.

MONTA-CARGA — Aparelho de transporte vertical, do gênero dos elevadores, para objetos e volumes de pequenas dimensões, que se coloca em edifícios de mais de um pavimento para atender os andares.

MONTA-PRATOS — Designação vulgar dada ao "monta-carga" de uso em hotéis, restaurantes, etc., para transportar os seus recipientes de todo o tipo.

MONTANTE — Corpo saliente, moldura que guarnece as portas, janelas, etc. Normalmen-

te, hoje, designa-se de montante a peça vertical, de ferro, de madeira, etc., que em caixilharia divide uma janela da outra, uma porta da outra, um vão do outro etc.

MONTEIA — Esbôço ou planta de uma construção, indicando as respectivas elevações e dimensões. Espaço ocupado por um edifício. Alguns registram "montea" mas nenhuma das formas tem aplicação no linguajar comum entre nós.

MONTRA — Vitrina de casa de comércio. Têrmo em uso por adaptação do francês "montre".

MONUMENTAL — Relativo a monumento. Edificação grandiosa, extraordinária, magnífica. Arquitetônicamente falando, o têrmo refere-se mais à essas qualidades do que a tamanho e dimensões. Arquitetura monumental é aquela que atinge uma importante função numa grandiosa beleza.

MONUMENTALIDADE — Qualidade do que é monumental.

MONUMENTALIZAR — Dar caráter ou aspecto monumental.

MONUMENTO — Em primeiro lugar, no sentido comum é obra ou construção destinada a transmitir à posteridade a memória de fato ou pessoa notável. Num segundo sentido, todo edifício majestoso ou obra notável. Por exemplo, o Monumento a Caxias na cidade de São Paulo, é obra de escultura. O Monumento aos Mortos de Pistóia no Rio de Janeiro é obra de arquitetura complementada pela escultura e pela pintura num legítimo intuito de integração das artes. Ainda, o Palácio da Alvorada em Brasília é monumento arquitetônico, obra notável.

MONUMENTOSO — O mesmo que MONUMENTAL.

MOQUIÇO — No Nordeste, assim é chamado em alguns lugares, o casebre, a choupana.

MORADA — Lugar onde se mora. Habitação. Moradia.

MORADA INTEIRA — No norte, nome da casa térrea provida de corredor central. Ver MEIA MORADA.

MORADIA — Morada. Vulgarmente mais empregado para designar o lugar onde se habita. A moradia é o lar, a habitação. Ver "cosque".

MORAR — Habitar, residir. No sentido de viver nos espaços arquitetônicos.

MORDENTE — Etimològicamente a palavra designa aquilo que morde, que ataca corroendo, que penetra. Com êsse sentido, ou próximo a êle, o têrmo é aplicado entre os marceneiros e lustradores para designar certos líquidos que alteram a fisionomia das madeiras, alterando-lhes as côres e a aparência. Existe uma série grande de receitas de mordentes destinados a tingir, com as mais variadas côres, madeiras para decoração e marcenaria fina. Os pintores e douradores, no entanto, empregam a palavra para designar a demão de tinta que serve de base para a demão definitiva. Composição pegajosa, geralmente a base de cola de pelica, que serve para fixar as folhas de ouro nas dourações. Ver DOURAMENTO.

MORDER — No assentamento de pedras de alvenaria, quando a argamassa é muito fluida, ou melhor, de fraca consistência, ela escorre, não suportando a pressão exercida pelos elementos da fiada. Assim, diz-se que duas pedras estão "mordendo" quando suas superfícies e arestas se tocam, em virtude da argamassa comprimida ter escorrido lateralmente.

MORINDIBA — Madeira. Ver MERENDIBA.

MORFOSE — Ato de tomar "forma". Ato de "formar" ou dar "forma".

MORGUE — Francesismo substituído pela palavra NECROTÉRIO por proposição do Visconde de Taunay. Ver essa palavra.

MOROTOTO — Árvore do Pará que fornece madeira branca pardacenta, de pêso específico igual a 0,53, boa para marcenaria. Didymopanax moratotoni (Abl.) Des.. Família das Araliáceas. Também conhecida por PARAPARÁ, MARUPARANA, MARUPAUBA FALSA. Ver MANDIOQUEIRA.

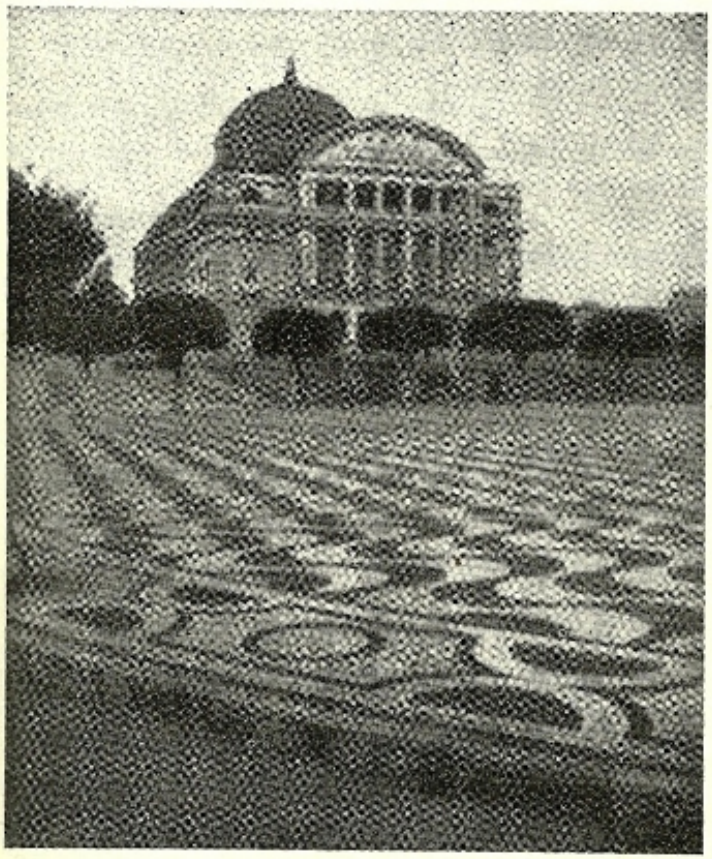
MORRO — Monte de pouca altura, oiteiro. Pedreira.

MORROTE — Pequeno morro.

MORSA — Tôrno pequeno com o qual os serralheiros apertam as peças que querem limar. Torninho.

MORTAGEM — Chanfradura, na extremidade de uma peça de madeira, feita para receber por encaixe, a extremidade de outra peça. Ver MECHA.

MOSAICO — Obra de arte executada com pequenos pedaços de vidro, esmalte, pedras coloridas ou mármore engastados em base apropriada de argamassa, estuque ou mesmo betume ou cola. Dessa velhíssima técnica de EMBRECHADOS, levada à grande perfeição pelos gregos e romanos, derivou hoje em dia a modalidade de revestimento que emprega as chamadas "pastilhas" de vidro ou porcelana, muito usadas tanto no acabamento monocrômico das fachadas como nos painéis decorativos. Ver PASTILHA. Modernamente a palavra designa, com mais precisão, dois tipos de pisos. É conhecido o chamado "mosaico português" onde aparecem justapostos pequenos pedaços negros de basalto contrastando com fragmentos brancos de calcáreo. Dêsse tipo de piso são famosas as calçadas do Rio de Janeiro. Por outro lado, dá-se também o nome, de mosaico ao ladrilho usado para revestimento de pisos chamados impermeáveis, principalmente o ladrilho de cimento, dito hidráulico.



Na ilustração, piso de mosaico português fronteiro ao Teatro de Manaus, construção da época áurea da borracha no Amazonas. Como nas calçadas cariocas, foram usados fragmentos brancos de pedra calcária e pedaços negros de basalto.

MOSAICISTA — Designativo da pessoa que trabalha em obras de "mosaico". Forma preferível a "mosaista", segundo Aurelio Buarque de Holanda.

MOSAISTA — Ver MOSAICISTA.

MOSSA — Sinal ou depressão que deixa assinalado o toque ou golpe dado sôbre superfície mais ou menos sólida de forma acutangular ou bolcada. Entalhe, encaixe.

MOSSIÇAR — O mesmo que MASSIÇAR.

MOSSIÇO — O mesmo que MASSIÇO.

MOSSOTAIBA — Madeira. Ver MOCITAIBA.

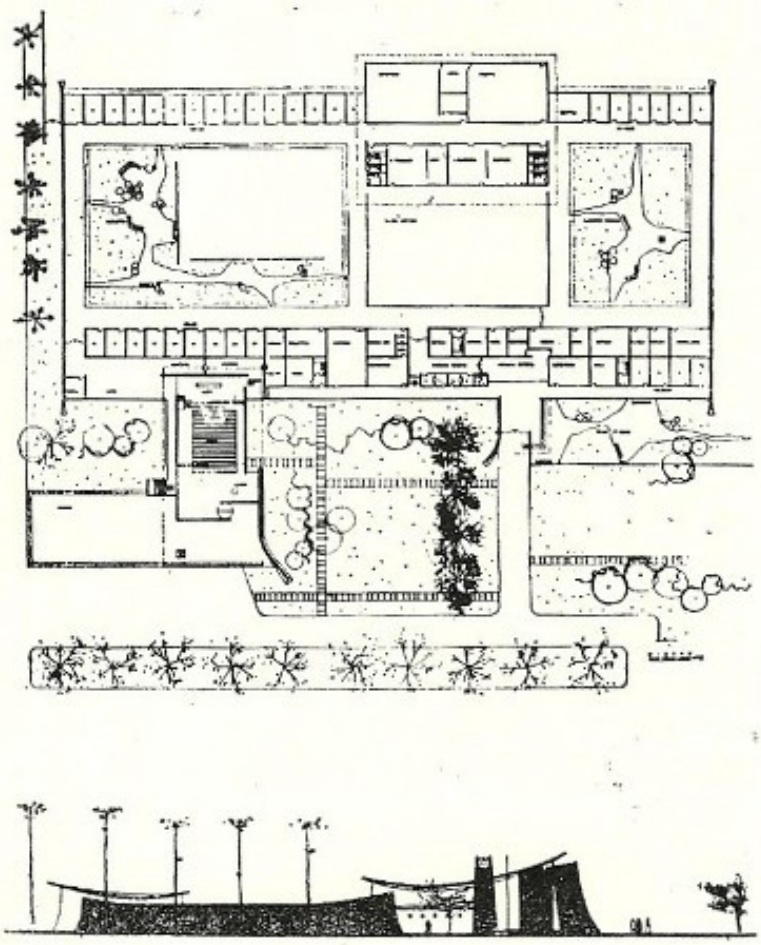
MOSTÁRABE — O mesmo que MOÇÁRABE.

MOSTEIRO — Habitação de monges ou monjas. O mesmo que CONVENTO. Antigamente, igreja que tinha ao lado habitação para hospedagem de frades, sacerdotes ou peregrinos, geralmente mantida por família que vivia de esmolas.

MOSTEIRÓ — Pequeno MOSTEIRO.

MOSTIL — Antigamente, o mesmo que ARTÍFICE.

MOTEL — Neologismo de origem americana que designa certo tipo de hotel a beira das estradas para dar abrigo, por uma noite, aos automobilistas em trânsito. Entre nós, há anos, já existem em quantidade os chamados hotéis para motoristas, geralmente fazendo parte de postos de abastecimento de gasolina. Tais hotéis, sempre modestos, servem especialmente aos motoristas de caminhões que fazem longo e demorado trajeto. Automobilistas amadores e suas famílias, em viagem, sempre pernoitam em hotéis urbanos, por falta de hospedagem condigna e acolhedora ao longo das rodovias. Essa falha seria suprida pelo "motel" que ofereceria para cada hóspede um apartamento constituído de quarto, sala, banheiro e abrigo individual para o carro. As refeições poderiam ser tomadas em restaurantes próximo. Talvez, no gênero, o primeiro "motel" brasileiro tenha sido o projetado por Oscar Niemeyer para o chamado "Club dos



Nas ilustrações, primeiramente vê-se o projeto de autoria do arquiteto Rubens Carneiro Viana para mosteiro em Guaratinguetá, cujo partido apresenta, sem contrariar as boas normas de arquitetura contemporânea, soluções clássicas de agenciamento de dependências e jardins internos ou claustros. A seguir, fotografia do mosteiro de São Bento, em Olinda, Pernambuco.

500", na metade do percurso da Rodovia Presidente Dutra, perto de Guaratinguetá, composto de apartamentos térreos geminados construídos nos jardins de antiga fazenda.

MOTIRA — Tranca ou fecho com que se segura uma porta. Têrmo de uso em Portugal e registrado por T. Lino D'Assumpção.

MOURA — Madeira de construção. Ver Pau-Setim.

MOUCHÃO — Pequena porção de terreno arborizado em terras planas e alagadiças nas margens de um rio, chamadas "lezírias".

MOURÃO — Esteio grosso, geralmente de pedra, firmemente fincado ao solo, de distância em distância que envolve um terreno e serve para fixar ao seu redor fios de arame para delimitar, uma propriedade. Também, MOIRÃO.

MOURISCO — Estilo arquitetônico de origem árabe, do qual temos raros e maus exemplos que indica a passagem entre o estilo bizantino e o estilo ogival, no que foram exímios os "mouros" que na Espanha depositaram os maiores exemplos.

MOXINGA — Na realidade, o têrmo designa a "surra de açoites" padecida pelos prisioneiros dos cárceres portuguêses. Daí o fato de darem aquele nome à cela, ao segrêdo ou solitária onde era recolhido o prêso açoitado. Ver MUXINGA.

MOZÁRABE — O mesmo que MOÇÁRABE.

MUCAMBO — Ver MOCAMBO.

MUCETAIBA — Nome dado por Gabriel Soares à MOCITAIBA.

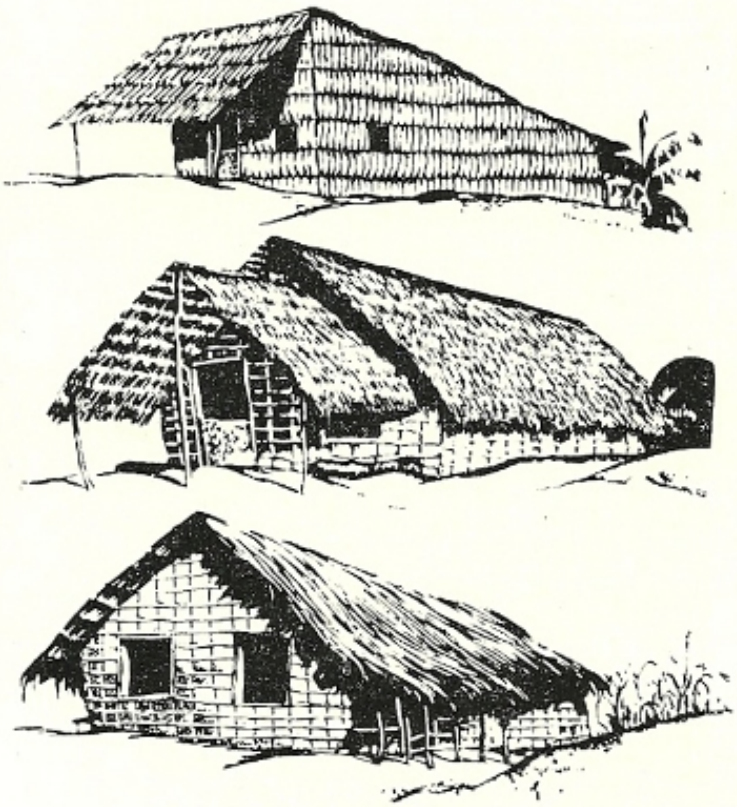
MUCHARABI — Ver MUXARABI.

MUCHINGA — Grafia errônea de MUXINGA.

MUCURECA — Barroca, choça, toldo, entre certas tribos de índios do oeste do Estado do Paraná.

MUÇUTAIBA — Madeira. Ver MOCITABA.

MUDA — Com auxílio de uma pá, pode-se lançar terra a uma distância horizontal aproximadamente igual a quatro metros. Quando a distância é maior que aquela medida, em serviço de transporte de terra sem auxílio de viaturas, divide-se o comprimento em etapas



Nas ilustrações, desenhos de Manoel Bandeira, tirados do livro de Gilberto Freyre "Mucambos do Nordeste" representando alguns tipos daquelas construções. O primeiro mucambo é de gravatá. O segundo e o último são de taipa de mão em que se empregou o massapê. Coberturas de palha de cana e capim assú.

de quatro metros, cada uma delas recebendo o nome de "muda".

MUDEJAR — Arte com influência mourisca, produzida por artífices árabes submetidos aos cristãos da Península Ibérica. Ver MOÇÁRABE e MOSTÁRABE. Também designa por extensão, o ornato arquitetônico de linhas entrelaçadas em forma de figuras geométricas.

MUIRAGONÇALO — Ver MARGONÇALO.

MUIRAJUBA — Madeira. Ver GARAPA e AMARILHO.

MUIRAPINIMA — Madeira boa para marcenaria, comum no Norte do país, fornecida pela Brosimum guianense, Ambl.. Família das Moráceas. Também conhecida por PAU TARTARUGA ou PAU ROSA.

MUIRAPIXUNA — Madeira. Ver CORAÇÃO DE NEGRO.

MUIRAQUATIARA — Madeira. Ver ARARIBÁ.

MUIRATAUM — Madeira. Ver GARAPA.

MULATA — Madeira. Ver GARAPA.

MULATEIRA — Madeira. Ver GARAPA.

MULTICOLOR — Que tem muitas côres. Pode ser MULTICÔR.

MULTILUSTROSO — Que tem muito lustro ou brilho. Superfície multilustrosa pode-se dizer daquela que é fortemente envernizada, por exemplo.

MUNDÉU — Também com a forma MUNDÉ significa armadilha de caça, porém, aplica-se, ainda que raramente, em sentido figurado para designar qualquer casa que ameaça cair, constituindo perigo.

MUNICIPAL — Designação genérica ou popular que se dá no Brasil aos teatros pertencentes a municipalidade e que é o principal de uma cidade.

MUNICIPALIDADE — Maneira de designar o edifício onde funciona a Câmara Municipal e também aquêle onde se instala a Prefeitura.

MURADAL — Lugar cheio de entulho.

MURAL — Relativo a muro. Também modernamente designa-se assim a pintura executada em muro ou parede, geralmente de grandes dimensões.

MURALHA — Muro que guarnece e protege uma fortaleza ou praça de armas. De mais uso, ordinàriamente, o emprêgo para referência a muro ou de grandes dimensões.

MURAMENTO — Ato ou efeito de murar. O mesmo que muralha.

MURÁRIO — Que diz respeito ao muro ou à parede. Formado de muros.

MURAR — Cercar de muro ou muros. Fortificar.

MURARIENA — Madeira. Ver FAVA DE BOLOTA.

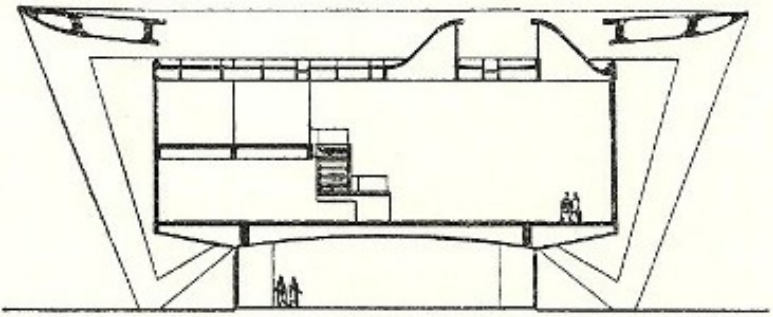
MURÁRIO — Que diz respeito ao muro ou à parede. Formado de muros.

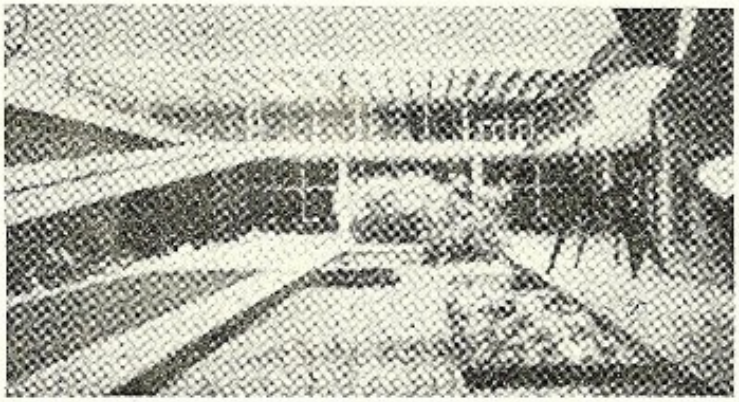
MURÇA — Lima de serrilha fina, usada pelos carpinteiros.

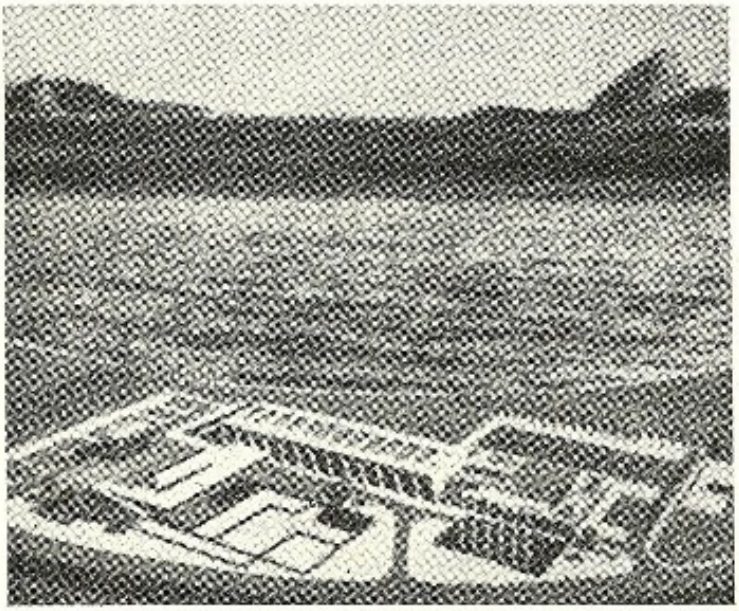
MURCHETA — Nome que Cesar de Rainville, em "O Vinhola Brasileiro", dá à parte superior da cimalha, composta de um filête e de uma gola reversa também chamada "de papo de rola".

MURETA — Pequeno muro. Muro baixo.

MURETE — Nome de PLATIBANDA lisa, destituída de molduras, simalhas ou ornatos.







As ilustrações mostram corte, maquete e vista do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, projeto do arquiteto Afonso Eduardo Reidy.

MURICI — Madeira de construção civil. Byrsonima lancifolia, Juss., Família das Molguiáceas.

MURITI — Madeira. Ver BURITI. Ainda MURITIM.

MURO — Parede forte que separa um lugar de outro. Em sentido genérico pode referir-se a qualquer parede que divide um recinto de outro. No entanto vulgarmente, emende-se por "muro" apenas o que divide externamente um espaço. Pode ser divisório, de arrimo de fêcho, etc., conforme o uso.

MUSEOLOGIA — Ciência que se ocupa da reunião, do cuidado e do arranjo dos objetos a serem expostos em museus.

MUSEU — Edifício destinado a reunião e exposição de obras de arte, de peças e coleções históricas, de aparelhos de coleções científicas, etc. Constitui-se num programa arquitetônico dos mais importantes por suas características peculiares no que se refere à circulação, à iluminação e aos grandes vãos para se obter os espaços suficientes e amplos de exposição. Quando o museu é completo, possui salas de aula, administração, oficinas, laboratórios e demais dependências complementares. No Brasil, a única edificação completa, nesse sentido, é o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro do arquiteto Afonso Eduardo Reidy, que se encontra em obras.

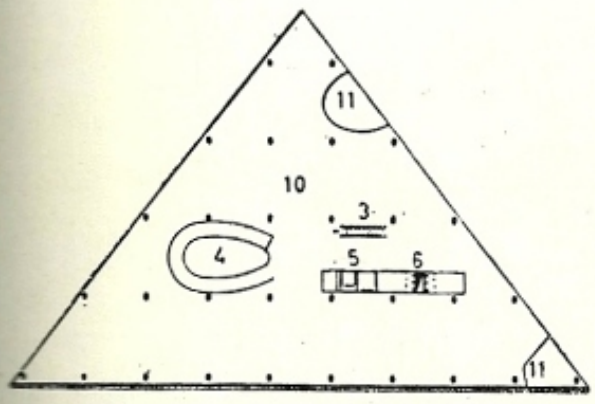
MUTAMBA — Ver POJÓ.

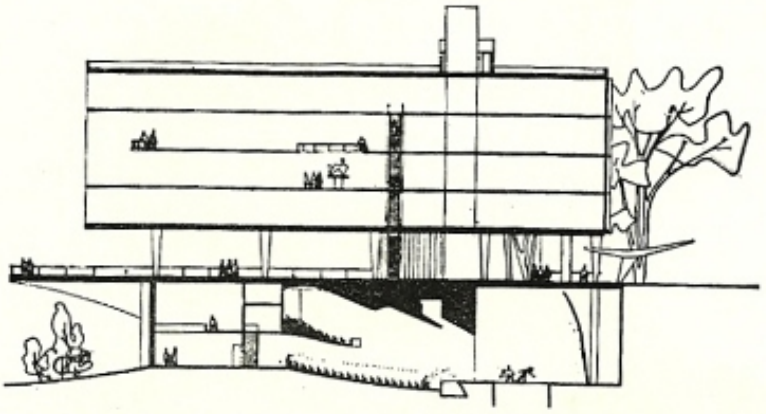
MUTIRÃO — Ver MUXIRÃO.

MUTULO — Modilhão quadrado em cornija de ordem dórica.

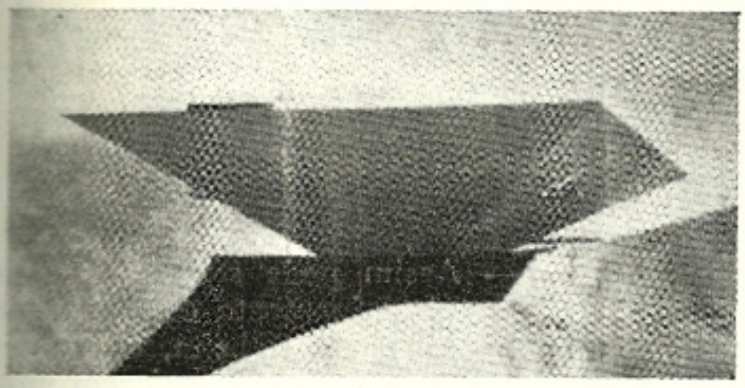
MUXINGA — O mesmo que MOXINGA, cela de prisão. Lugar desprovido de asseio e limpeza.

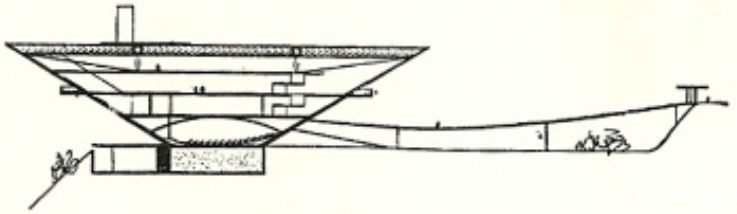
MUXARABI — Nome que de uma maneira geral se dá ao anteparo perfurado colocado na frente de uma janela ou na extremidade de uma saliência abalcoada, com o fito de se obter sombra e de se poder olhar para o exterior sem ser observado. Na quase totalidade das vêzes tais anteparos perfurados eram constituídos de um xadrez de fasquias de madeira, que nos caixilhos de janelas recebiam o nome de RÓTULAS. No Norte do país também foi comum o emprêgo de trançados de palha, as chamadas URUPEMAS. Os muxarabis constituem uma das marcantes testemunhas da influência árabe na arquitetura ibérica transplantada para o Brasil colonial. A partir do início do século XIX as janelas de rótulas, os muxarabis e os balcões gradeados foram, aqui e ali, condenados pelas autoridades que neles viam soluções antiquadas



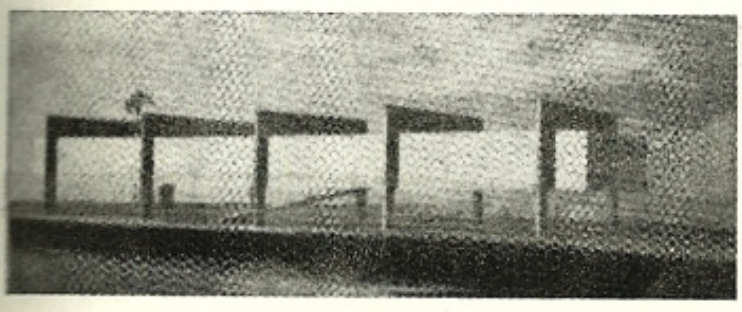


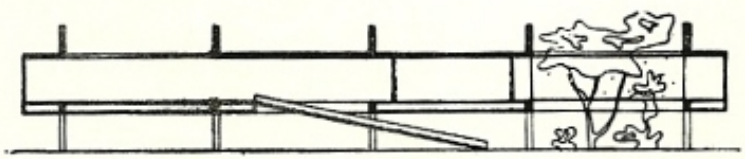
Planta e corte do projeto de Afonso Reidy para o Museu de Arte Moderna de São Paulo, que seria construído no Trianon, Avenida Paulista.



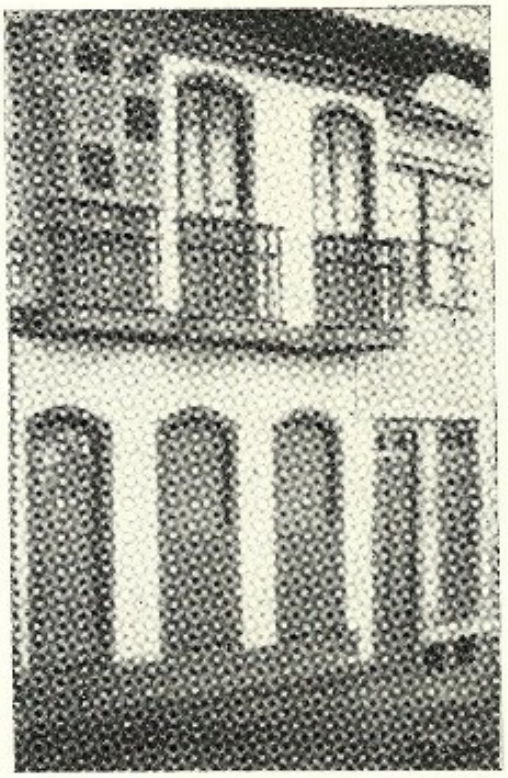


Maquete e corte esquemático do Museu de Arte projetado por Oscar Niemeyer para a cidade de Caracas, Venezuela.





Projeto de Museu para São Vicente, Estado de São Paulo, de autoria do arquiteto Lina Bo Bardi O mesmo partido, mais tarde foi, aproveitado no projeto do Museu de Arte "Assis Chateaubriand" pelo mesmo arquiteto, na Avenida Paulista, no exato local onde Afonso Reidy pretendera construir seu projeto acima indicado.



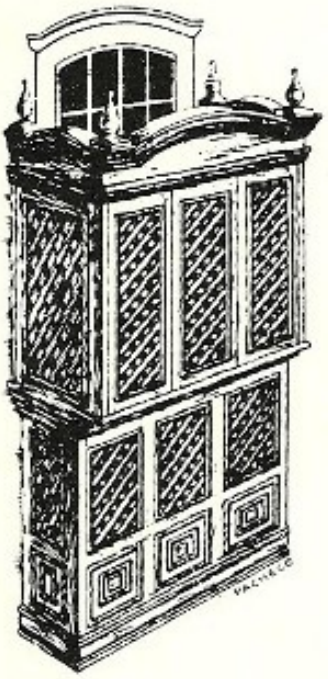
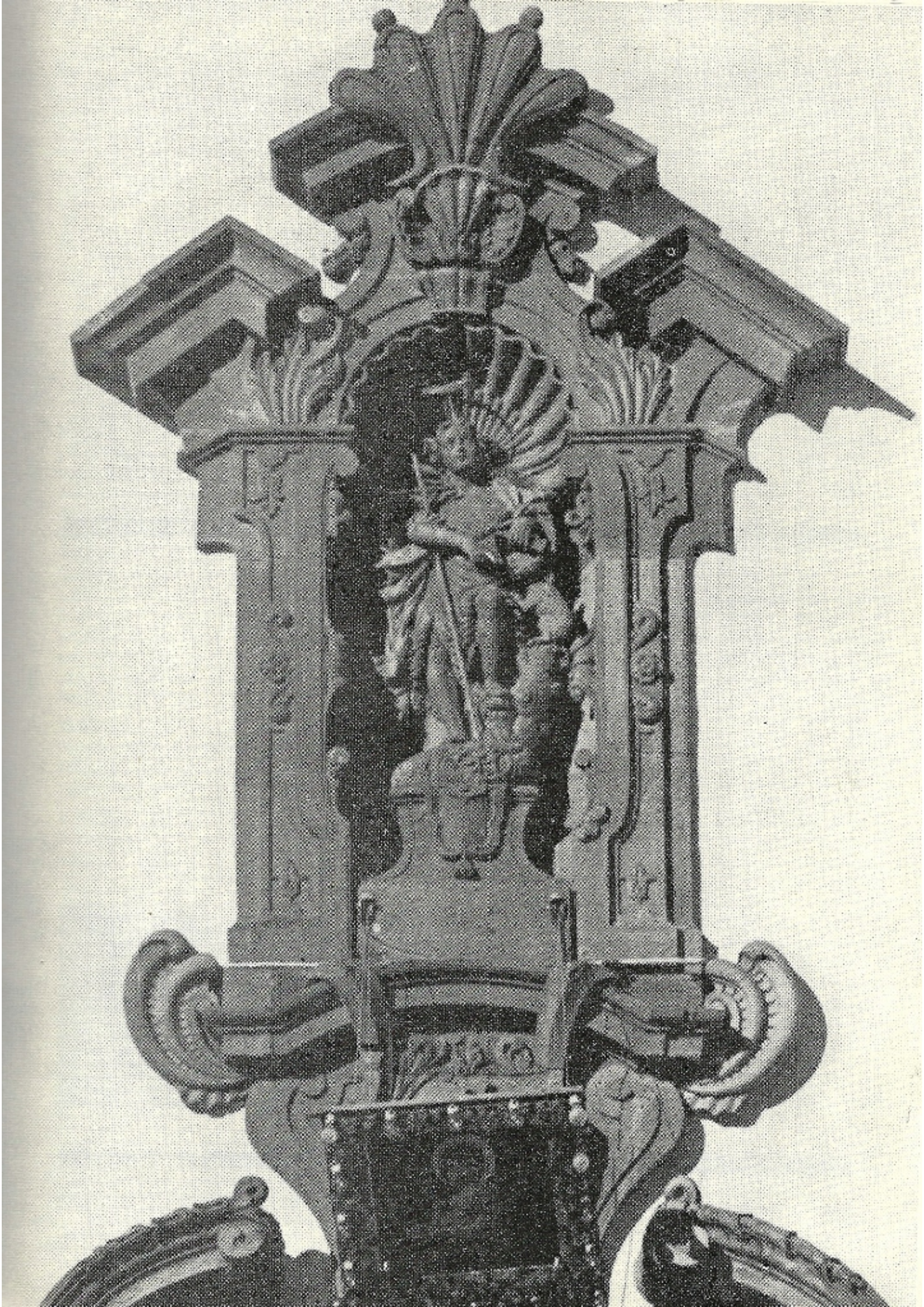


ilustração mostra desenho de A. Pacheco representando muxarabi paulista do século XVIII, que ilustra o livro de José Mariano Filho sôbre influências muçulmanas na nossa arquitetura. A fotografia mostra sobrado de Diamantina, Minas, ostentando o único muxarabi autêntico existente nos dias de hoje no Brasil. O imóvel pertence ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

e feias, em desacôrdo com as novas possibilidades oferecidas pelos gradis de ferro fundido e pelos vidros planos introduzidos cada vez mais em conta pelos inglêses. A atitude do intendente Paulo Fernandes Viana, no Rio de D. João XV, chegou mesmo a tomar aspecto calamitoso mandando, de uma hora para outra, a destruição das adufas mouriscas, desnudando as casas anteriormente tão protegidas pelo gradeado pitoresco.

MUXARABIE — Galicismo que designa o MUXARABI.

MUXIRÃO — Assim pode ser chamado o trabalho coletivo de taipamento de uma casa entre outras coisas como colheita, etc. feito com base no auxílio mútuo que se fazem moradores de uma redondeza, em benefício de um só cada vez, e que nesse dia faz os gastos de uma festa. Esta é a forma registrada como principal por Aurelio Buarque de Hollanda, surgindo muito freqüentemente entre nós a outra MUTIRÃO, selecionado em meio de uma dezena de outros têrmos anotados nos dicionários.



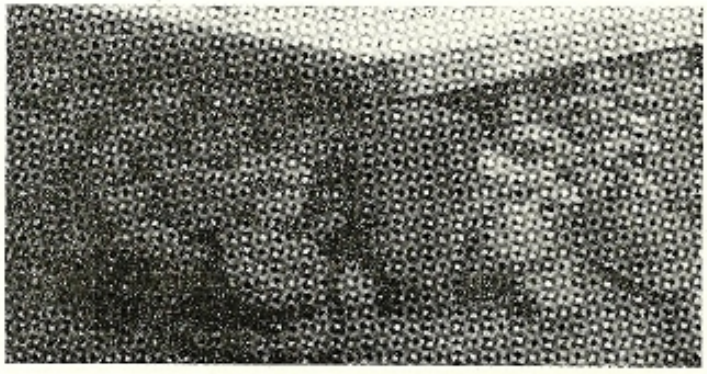
N

Nicho da Matriz de São João Batista em Barão de Cocais (antigo Morro Grande) com escultura do Aleijadinho.

NABO — Nome popular que se dava, principalmente em Minas, à parte enterrada dos esteios das estruturas de madeira. Nas grandes construções os esteios eram fincados até grande profundidade, chegando, às vêzes, a atingir 4,5 a 5 m. Enquanto a parte externa do esteio era aparelhada (geralmente a secção era quadrada), a parte a ser enterrada permanecia roliça, sem desbate algum. Visando proteção contra a umidade ou animais daninhos, a superfície da parte a ser enterrada, ou "nabo", era crestada, pois a carbonização superficial era considerada como de ótimo efeito repelente às infiltrações do subsolo.

NACAR — Côr de carmim, côr de rosa. Nome da substância esbranquiçada e brilhante, que refrange a luz, e que reveste a superfície interna de certas conchas.

NACARAR — Tornar rubro, ou rosado. Cobrir ou revestir uma superfície com placas de nacar.



Na ilustração, vê-se o nabo do esteio, parcialmente aparente e já em processo de apodrecimento. Acima dos baldrames, o esteio é aparelhado e recoberto pelo revestimento das paredes.

NACELA — Moldura côncava, em meia cana. O mesmo que ESCÓCIA, ou GARGANTA.

NACRA — O mesmo que NACAR. Também existe a forma NACRE.

NANDIROBA — Madeira. O mesmo que ANDIROBA.

NANQUIM — Tinta originária da China, composta de extratos de certas plantas, cola e negro de fumo, apresentando grande solubilidade na água. Antigamente, invariàvelmente era importada em pequenos tijolos negros que forneciam, por meio de raspagem ou fricção com pincel molhado, material a ser dissolvido em água que, para ser usada como tinta, deveria ser filtrada. Com essa tinta, assim preparada, pintavam-se, com a mesma técnica da aquarela, os projetos arquitetônicos, especialmente frontespícios e perspectivas. Tais pinturas chamavam-se aguadas. Modernamente dá-se o nome de nanquim à tinta negra, usada na confecção de desenhos arquitetônicos, já comprada em vidros e de composição química diferente da primitiva importada da China desde tempos imemoriais. Aliás, hoje em dia a palavra "nanquim" já nem chega a simbolizar a tinta preta. O nome designa qualquer tinta de desenho, pois chega-se a falar "nanquim vermelho", "nanquim verde", etc.. O mesmo que TINTA DA CHINA.

NAOS — Palavra grega às vêzes usada significando o corpo de igreja. NAVE.

NARDO — Gramínea que fornece óleo aromático empregável na lustração de móveis. Nardus stricta.

NARIZ — Ferrôlho a que está ligado o lacete da fechadura.

NARTEX — Antigamente, galeria alpendrada na frente das igrejas, onde eram reunidos os catecúmenos, os energúmenos e penitentes impedidos, por razões de ordem religiosa, de adentrar a nave do templo. Hoje em dia o têrmo designa qualquer pórtico ou entrada de igreja.

NASCENÇA — Ponto de partida de um arco, sôbre o pé direito. Origem ou lugar de onde nasce uma abóbada, uma voluta ou uma coluna. Ver ARCO. Também é usada a expressão NASCIMENTO.

NASTRO — O mesmo que TRENA.

NATA — O mesmo que CALDA, especialmente a de cal. Nome que se dá à fina

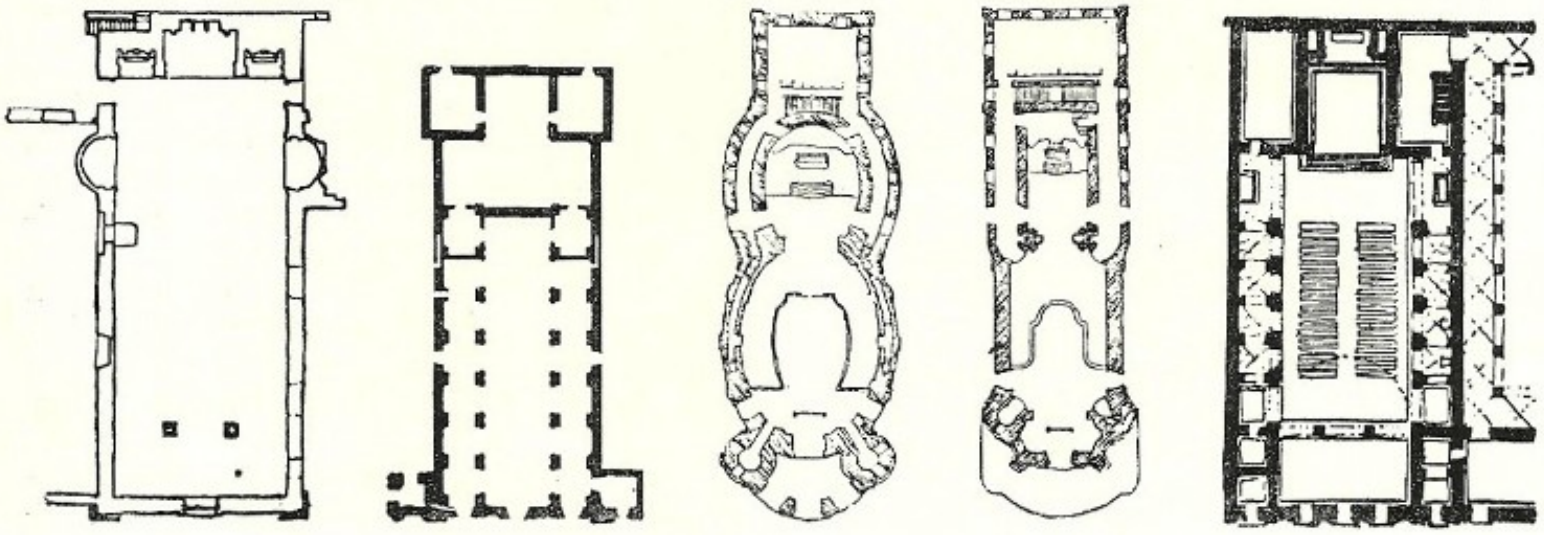
no mínimo, três. Assim teríamos uma nave central e duas laterais. São raros os templos de cinco naves.

NAXIO — Pedra com que se polia o mármore.

NECESSÁRIA — o mesmo que LATRINA, PRIVADA.

NECROCÔMIO — Lugar onde são depositados os agônicos, até a hora da morte ou até o momento do aparecimento de sinais visíveis de falecimento. Quarto de agônicos dos hospitais.

NECROTÉRIO — Lugar onde se expõem os cadáveres que vão ser autopisados ou identificados. O mesmo que MORGUE, têrmo



Os clichês mostram algumas modalidades de naves de igrejas brasileiras. A primeira planta mostra a nave única e retangular da Igreja de N. S. da Graça, Olinda, projetada por Francisco Dias na segunda metade do século XVI. A seguir, planta da igreja missioneira de São Miguel, Rio Grande do Sul, construção inacabada, do século XVIII, que apresenta três naves, a principal e as laterais formadas pelas colunas da estrutura. Depois, duas plantas de igrejas barrocas de Minas Gerais, cujas parede onduladas e curvas delimitam espaços em que o movimento é o grande protagonista. Respectivamente, Igreja de N. S. do Rosário, Ouro Prêto, 1785 e Igreja de S. Francisco de Assis, também em Ouro Prêto e projetada pelo Aleijadinho em 1766. O último clichê mostra planta de três naves da Igreja do Convento de S. Francisco, em Salvador, Bahia; construção do início do século XVIII.

película que surge na superfície do concreto armado após o seu lançamento nas formas e respectivo adensamento.

NAVE — Nome do espaço livre, no interior das igrejas, que vai desde a porta fronteira até o alta-mór ou santuário. Quando o sistema estrutural do templo apresenta colunatas internas, estas delimitam mais de uma nave,

francês que foi substituído por "necrotério" por proposta do Visconde de Taunay.

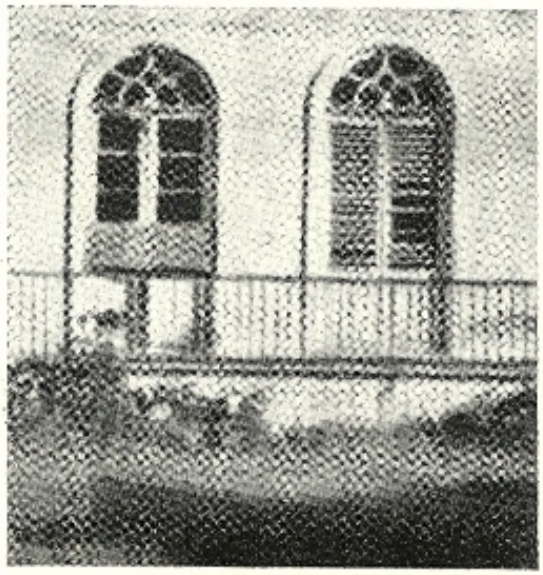
NEGA — A resistência que encontra nas camadas subjacentes do solo a estaca ao ser cravada no terreno.

NEGRO DE FUMO — Pó negro obtido da fuligem produzida pela combustão do quero-

zene, do alcatrão, de certas resinas, etc., que é usado no preparo de tintas, vernizes, tintas de impressão, graxas, etc. O mesmo que PÓ LEVE, PÓ NEGRO, e PÓ DE SAPATOS.

NEMBO — Ver NEMBRO.

NEMBRO — Pano de parede ou maciço de alvenaria situado entre dois vãos de portas.



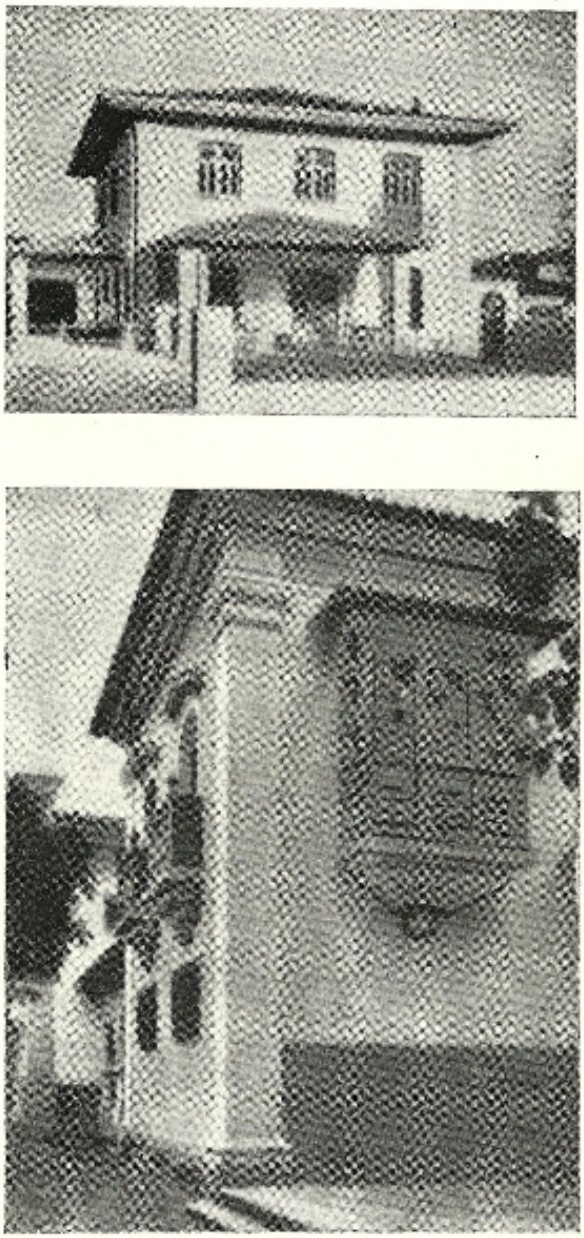
Entre as duas portas, pano de parede ou nembro.

NEMOREIRA — Arvoredo cerrado, basto. Parte arborizada das estradas.

NEMOROSO — Sombreado de árvores, coberto de arvoredo.

NEO-CLÁSSICO — Movimento ou estilo inspirado nas velhas ordens clássicas das arquiteturas dos povos gregos e romanos, que tomou grande voga no início do século passado, representando, antes de tudo, uma reação ao barroco. Entre nós as construções neo-clássicas passaram a ser em maior número a partir da presença da Missão Francesa.

NÉO-COLONIAL — Movimento artístico surgindo entre nós visando o renascimento e respectiva estilização das características arquitetônicas das construções brasileiras do tempo da Colônia. Foram seus propugnadores o arquiteto português Ricardo Severo, autor de conferências sôbre o assunto, o arquiteto Victor Dubrugas e, no Rio de Janeiro, José Mariano Filho, autor de várias obras sôbre nossa arquitetura avoenga. Como era natural, dêsse movimento sòmente perdurou o gôsto pelos estudos teóricos sôbre a questão,



Nas fotografias, exemplo de residências neo-coloniais. A ilustração inferior mostra parte do Solar de Monjope, reconstituído por José Mariano, no Rio de Janeiro.

não vingando o desejo da perpetuação de uma nova arquitetura brasileira filiada àquele movimento, mais saudosista que racional.

NÉO-PLASTICISMO — Movimento na pintura e na arquitetura que consiste na plástica pura derivada do cubismo, por intermédio de Mondrian, e que consiste no uso exclusivo do ângulo reto em posição horizontal-vertical e de três côres primárias, que foram chamadas "não côres", o branco, o prêto e o cinza; 1912-1917. O arquiteto Theo van Doesburg aderiu a Mondrian em 1916.

NEORAMA — Perspectiva interna de um edifício.

NERVO — O mesmo que NERVURA. Moldura redonda que acompanha o contorno da MISULA.

NERVURA — Arco que faz saliência no intradorso das abóbadas de arestas, separando os pendentes. O têrmo, metáfora inspirada na anatomia, sugere a solidez e a fôrça do sistema estrutural. Hoje em dia é empregado para designar qualquer viga saliente na superfície inferior de qualquer laje. Diz-se que uma laje é nervurada quando apresenta saliências equidistantes segundo as linhas de fôrça estabelecidas pelo cálculo do concreto armado.

NHANDUPARANA — Nome que se dá no litoral à certa madeira muito parecida com a canela parda. É usada em obras internas, em marcenaria, etc.. Empena com facilidade.

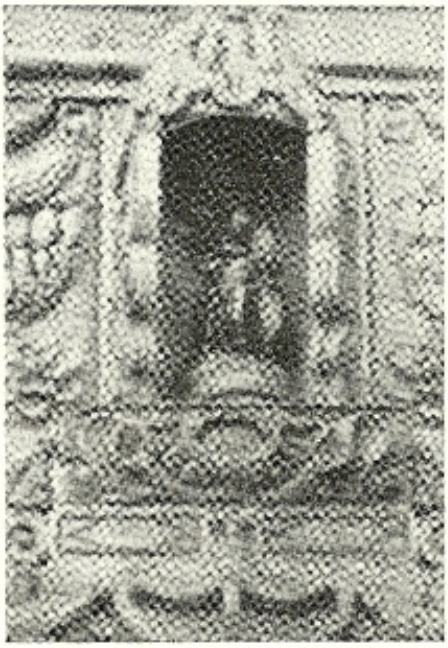
NHOPISSUMA — No litoral próximo ao vale do Ribeira de Iguape, nome que se dá a certa madeira de cerne amarelo boa para marcenaria, principalmente mobílias. Usada em obras internas de carpintaria.

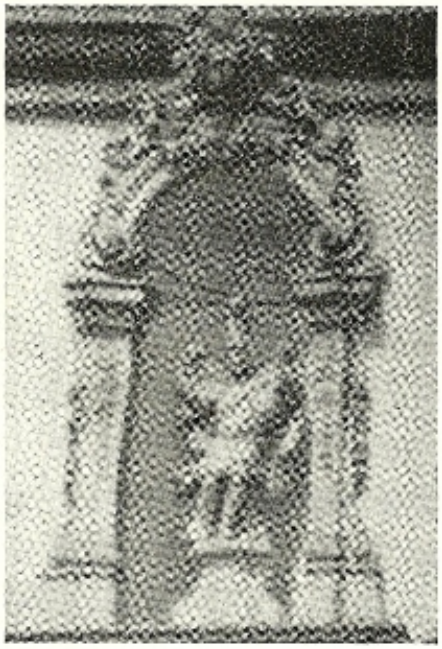
NHUTINGA — Madeira, também conhecida por BICUIBA, boa para marcenaria, carpintaria, e obras de tôrno. No momento do corte apresenta côr esbranquiçada, ficando, com o tempo, de côr vermelha. Myristica Bicerhyba, Schott. Família das Miristáceas.

NÍVEL — Qualquer aparelho ou instrumento que possibilite a verificação da horizontalidade de uma reta ou de uma superfície. Nas obras em geral o nível mais usado é chamado NÍVEL DE BÔLHA, constituído de uma régua onde está engastado um tubo de vidro ligeiramente fusiforme e fechado nos dois extremos, que contém água, ou outro líquido de pouca viscosidade, envolvendo uma bôlha de ar. Na prática, entre os engenheiros, a palavra nível designa, também, o instrumento de agrimensura usado para medir as cotas verticais dos terrenos. Nome da peça de madeira que, a meia altura, une as pernas das asnas. Ver ASNA, especialmente "asna francesa".

NICHO — Cavidade, que pode assumir variadas formas, feita na grossura de uma parede para nela ser colocada uma figura esculpida, um vaso, uma urna, etc. Chama-se NICHO DE TÔRRE aquêle cuja cavidade é semicilindrica. NICHO SEM SOCO é aquêle que surge diretamente do nível do solo.

NINFEU — Edifício construído sôbre uma nascente ou que contém uma fonte de água.





Na primeira ilustração, nicho situado no frontespício da Igreja de N. S. da Guia, Cabedelo, Estado da Paraíba. A seguir, imagem de São Miguel em nicho encimando a porta principal da Igreja de S. Miguel e Almas (ou Senhor do Bom Jesus de Matosinhos das Cabeças) em Ouro Prêto. Obra atribuída ao Aleijadinho.

NIVELAÇÃO — Ato ou efeito de nivelar.

NIVELAMENTO — Verificação da horizontabilidade de uma superfície. Regularização de um terreno por meio de aterros e desaterros. Determinação das diversas cotas de um terreno por meio de aparelhagem própria. Ver NÍVEL.

NIVELAR — Situar um plano em posição horizontal. Medir as diferenças, de altura entre dois pontos determinados do terreno.

NIVELÁVEL — Que pode ser nivelado.

NÓ — O mesmo que laço, ornato que apresenta cordas enlaçadas. Nas madeiras, defeito onde as fibras se entrelaçaram formando uma espécie de quisto ou nódulo que dificulta a serragem e o aparelhamento da superfície, dada a maior dureza que apresenta.

NOBRE — Costuma-se dizer do andar de uma construção imediatamente acima do pavimento térreo.

NORDESTE — Ponto entre o "norte" e o "leste", cuja abreviatura é N.E. Também designa o vento que sopra dessa direção.

NORITE — Variedade de granito.

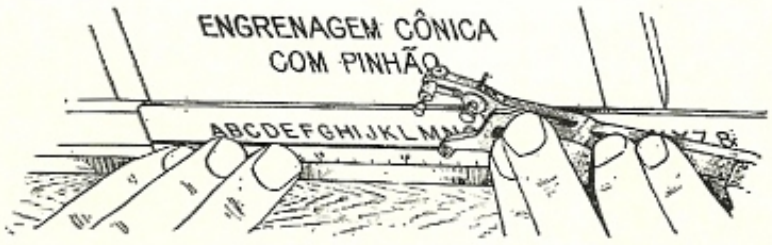
NORMA — Regra. Modêlo. Preceito.

NORMALIZAÇÃO — Ato ou efeito de NORMALIZAR.

NORMALIZAR — Adotar "norma" em processo de industrialização na obtenção de produtos ou materiais de construção com o fim de racionalizar a atividade construtiva.

NORMÓGRAFO — Aparêlho de desenho que é feito de lâminas de celulóide, de plástico ou de madeira com letras de alfabeto e números vazados ou recortados e em ranhuras para, por intermédio de penas especiais, elaborar legendas ou letreiros.

NOR-NORDESTE — Ponto entre o "norte" e o "nordeste" cuja abreviação é N.N.E. Também designa o vento que sopra dessa direção.



Normógrafo de "aranha".

NOR-NOROESTE — Ponto que fica entre o "norte" e o "noroeste", cuja abreviação é N.N.W. ou N.N.O. Também designa o vento que sopra dessa direção.

NOROESTE — Posição que fica entre o "norte" e o "oeste" cuja abreviatura é N.W. ou N.O. Também designa o vento que sopra dessa direção.

NORTE — Um dos pontos cardeais. É o que fica em frente ao observador que dá a direita ao lado de onde nasce o sol, cuja abreviatura é N.

NOSOCÔMIO — O mesmo que HOSPITAL.

NOTO — Vento sul.

NOVICIADO — Nos conventos, as acomodações destinadas aos noviços. Também existe a forma NOVICIARIA.

NOVICIARIA — Ver NOVICIADO.

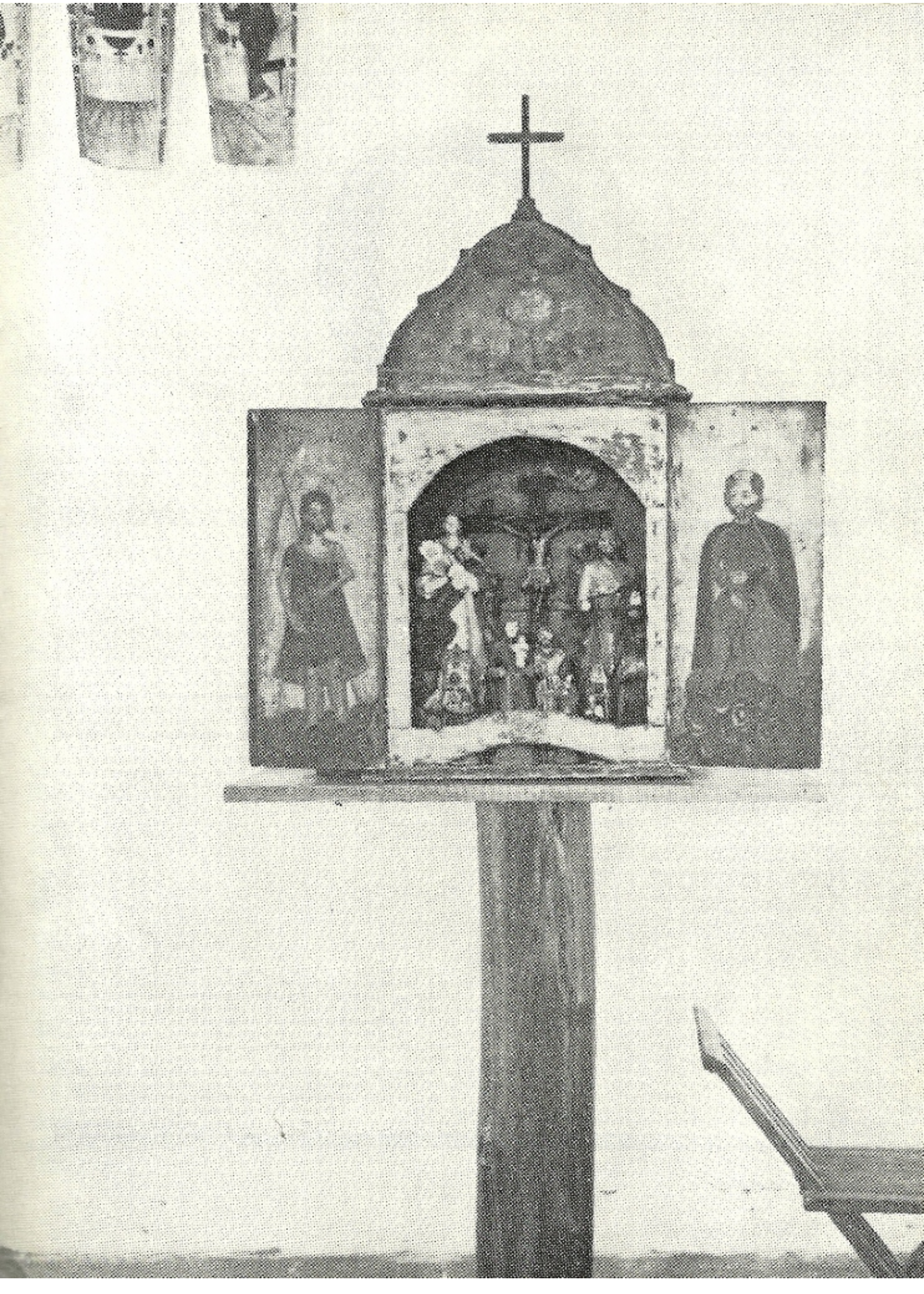
NOZ DE GALHA — Excrescência parasitária do carvalho que fornece, combinado com sais de ferro ou de cobre, material usado em tinturaria e no preparo de vernizes que escurecem a madeira em tons escuros de cinza.

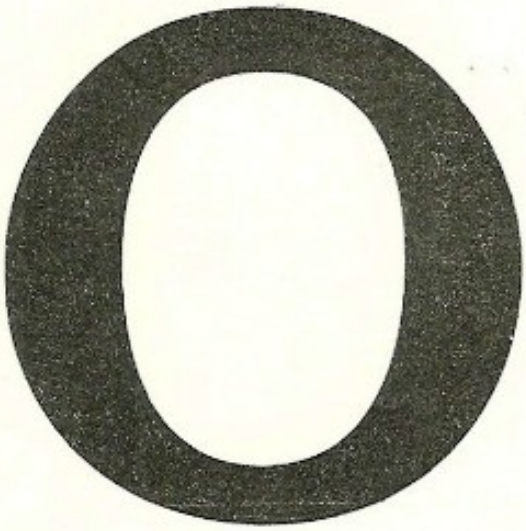
NUA — Antigamente, porção ou trecho de parede destituído de ornatos, molduras ou saliências.

NUANÇA — Cada um dos matizes por que pode passar uma côr.

NUDEZ — Ausência de ornatos. Também emprega-se com êsse sentido o têrmo "desnudez".

NUNCIATURA — Residência do "núncio", isto é, moradia daquele que representa o Papa, e seu embaixador.





Oratório popular.

OBCÔNICA — Diz-se da figura que apresenta a forma de um cone invertido.

OBELISCAL — Relativo a obelisco, que tem a forma de obelisco.

OBELISCO — Pilar cuja secção quadrada vai diminuindo progressivamente até o vértice, que pode ser ponteagudo ou chanfrado. Antigamente, isso desde os egípcios, seus criadores, os obeliscos eram monolitos, isto é, de um só bloco de pedra. Hoje em dia, os exemplares recentes são construídos de alvenaria comum, ou de concreto armado, e revestidos de placas de pedra ou mármore. No Egito eram construídos em louvor aos deuses e suas sombras sôbre o chão marcavam as horas — daí o antigo nome "olhos do sol". Modernamente, são levantados como marcos comemorativos.

OBELISCAL — Relativo a obelisco; que tem a forma de OBELISCO.

OBLIQUÂNGULA — Diz-se da construção que não possui um só ângulo reto.

OBLONGO — Alongado. Oval. Elítico.

OBRA — Resultado do trabalho de um operário; diz-se "obra de pedreiro". Nome que se dá ao edifício em construção. Reparação de um edifício.

OBRA BRANCA — Trabalho de carpintaria que deve ficar aparente. Ver LIMPOS.

OBRAGE — No Paraná designa o lugar onde se corta e prepara a madeira. Origina-se de OBRAGEM.

OBRAGEM — Ato de construir. Obra, execução ou lavor de artista. Execução.

OBRA-PRIMA — Obra perfeita. Obra capital. A melhor obra de um arquiteto.

OBRA DE ARTE — A expressão, além de designar os trabalhos artísticos pròpriamente ditos, refere-se aos trabalhos de envergadura executados nas estradas como pontes, viadutos, túneis, aquedutos, etc.

OBRA DE EMPREITADA — Ver EMPREITADA.

OBRA DE TALHA — Escultura em madeira ou marfim. Trabalho em relêvo.

OBRAR — Fazer. Executar. Converter em obra. Realizar. Construir.

OBREGÃO — Antigamente, o mesmo que operário, trabalhador.

OBREIRO — Que trabalha. Aquêle que trabalha. Operário. Trabalhador em obras.

OBSERVATÓRIO — Edifício destinado a observação astronômica ou meteorológica.

OCA — Nome tupi da casa de morada indígena. O mesmo que OCRA, ou OCRE.

OCARA — O mesmo que OCA, moradia indígena. Também designa a praça de taba.

OÇARUÇU — Grande terreiro. Também aumentativo de OCARA.

ÔCO DA PEROBA — Expressão popular, o mesmo que CADEIA.

OCRA — O mesmo que OCRE.

OCRE — Terra argilosa, ou mesmo a argila, que apresenta a côr amarela devido à presença de óxido de ferro hidratado e de óxido de manganês. Quando o óxido de ferro é anidro, o ocre apresenta a côr vermelha. Material usado em pintura como corante.

OCROSA — Diz-se da argila magra, com grande teor de sílica. Pode ser amarela, vermelha, cinza ou azulada.

OCTÓSTILO — Edifício cuja fachada ou pórtico, ostenta oito colunas.

ÓCULO — Abertura ou janela circular ou oval aberta nas empenas, nos frontões, etc. que fornece a iluminação e ventilação internas, principalmente dos desvãos dos telhados.

OFICIAL — Operário com bastante prática de seu ofício, que está abaixo do mestre e acima do aprendiz.

OFICINA — Lugar onde se exerce ofício. Edifício onde funcionam as máquinas de uma indústria. Antigamente, acomodações nos pavimentos inferiores das igrejas, conventos, ou outros edifícios, onde eram instaladas as cozinhas e despensas e, também, refeitórios e bancas de trabalhos mecânicos.

OFÍCIO — Profissão exercida por um artífice como por exemplo, a marcenaria, a carpintaria, a serralheiria, etc.

OFUSCAMENTO — Ver "deslumbramento".

OGIVA — Perfil formado por dois arcos de círculo que se cruzam de acôrdo com certo ângulo. A ogiva é equilátera quando cada arco contém o centro do outro. É abatida quando os centros estão contidos dentro da figura (diz-se, também, ogiva rebaixada). A ogiva em lanceta, ou elevada, quando os centros estão do lado de fora dos arcos. Ogiva ultrapassada, ou lanceolada, é aquela, em qualquer um dos tipos precedentes, em que os arcos prolongam-se pouco além da linha que une os dois centros.

OGIVAL — Relativo à OGIVA. Que tem a forma de ogiva.

OGIVETA — Pequena OGIVA.

OGIVO — O mesmo que OGIVAL.

OHM — Unidade prática de resistência elétrica. É a resistência de um condutor que é percorrido por uma corrente de um ampère quando as suas extremidades apresentam a queda do potencial de um volt.

OITÃO — Nome da parede lateral de uma construção situada sôbre a linha de divisa do terreno. A parede assim situada necessàriamente não contém a empena delimitada pela cobertura. É comum o engano que faz os termos OITÃO e EMPENA palavras sinônimas. Tal sinonímia é antiga e justificável, pois nos séculos passados invariàvelmente as construções urbanas possuíam telhados de duas águas paralelas aos alinhamentos, decorrendo dêsse fato a coincidência de todo oitão terminar superiormente com o triângulo da empena. Ver EMPENA.

OITI — Bela árvore ornamental, também conhecida por OITICEIRA, OITIZEIRO, ou GUAITI, que fornece madeira ótima para obras hidráulicas, pois dura mais em água do

Nas ilustrações, três tipos de óculos situados em frontões de igrejas: 1) N. Senhora do Rosário, Ouro Prêto; 2) Capela de São Lázaro, Bahia; 3) Matriz de Itaparica, Bahia.

que em sêco. É também usada em forros e na confecção de dormentes. Moquilea tormentosa, Benth. Família das Rosáceas. A árvore chega a dar troncos de 0,30 a 0,40m de diâmerto. Comum na Serra do Mar.

OITI-CORÓ — Árvore da família das rosáceas, coupia rufa, Ducke, que fornece estimada madeira, relacionada por Varnhagen, pai, segundo o historiador Aluísio de Almeida.

OITICEIRA — Ver OITI.

OITICICA — Madeira. Ver GUARIÚBA.

OITICA-CICA — Madeira. Ver GUARIÚBA.

OITICICA VERMELHA — Madeira. Ver GUARIÚBA.

OITIZEIRO — Ver OITI.

OLANDIM — Madeira. Ver GUANANDI.

OLARIA — Lugar onde se fazem peças cerâmicas, tais como tijolos, telhas, manilhas, louças etc. Hoje em dia há a tendência de se chamar de olaria sòmente o lugar onde se fabricam tijolos para construções. As demais peças mencionadas diz-se que são executadas nas "cerâmicas".

ÓLEO BRANCO — Madeira. Ver AMENDOIM.

ÓLEO DE BALEIA — Material que dizem, principalmente os povos da marinha, ter sido empregado na composição das argamassas para assentamento de alvenaria de pedra. Talvez na realidade tal material tenha sido empregado, isso sim, na preparação dos antigos "betumes" usados na fixação de peças de materiais diferentes entre si e na impermeabilização de reservatórios, canais e tubulações. Na maioria das receitas de betumes entravam a cal e certos óleos vegetais, como o de linhaça ou de mamona. Possìvelmente no litoral, onde a cal era obtida a partir da calcinação de conchas e ostras, o óleo dos betumes seria de peixes ou de baleia, vindo, assim, do mar todos os ingredientes de massa de vedação. Ver BETUME.

ÓLEO DE CABORAÍVA — Madeira, o mesmo que BÁLSAMO. A expressão também é usada para designar a CABRIÚVA.

ÓLEO DE COPAÍBA — Madeira. Ver COPAÍBA.

ÓLEO DE JATAÍ — Madeira. Ver GUARABU e JATOBÁ.

ÓLEO DE LINHAÇA — Óleo extraído da semente do linho e empregado como solvente e secante de certos tipos de tinta.

ÓLEO DE MACACO — Madeira, o mesmo que CABRIÚVA.

ÓLEO GORDO — Mistura secante composta de óleo de linhaça, alvaiade, talco, etc..

ÓLEO PARDO — Madeira. Ver CABRIÚVA.

ÓLEO PRÊTO — Nome de certa madeira da zona de Iguape, de côr parda com veios pretos formando desenhos.

ÓLEO VERMELHO — Árvore leguminosa, Mycrospermum erythroxylum que fornece ótima madeira de construção, cujo pêso específico é igual a 0,954. Seu diâmetro chega a atingir 2m. Esta árvore em Minas Gerais também é chamada BÁLSAMO, nome pertencente à Myrocarpus fastigiatus, Fr. All., o que gera certa confusão já que ao verdadeiro bálsamo também dão o nome de óleo vermelho. A citada troca de nomes também ocorre nos litorais de São Paulo e Paraná. No interior de São Paulo, no entanto, confunde-se o verdadeiro óleo vermelho com a cabriúva vermelha, ou Myroxylon balsamum. Assim, no linguajar comum e no mercado em geral a expressão óleo vermelho pode designar madeiras oriundas de três árvores diferentes. Ver CABRIÚVA e BÁLSAMO, e também, COPAIBARANA.

OLHAL — Até certo ponto o têrmo quer dizer a mesmo coisa que LUZ, isto é, vão livre de uma abertura. A expressão é mais empregada para designar o vão livre de uma ponte sôbre as águas, ou a abertura das abóbadas ou arcos.

OLHAL DA ABÓBADA — Ver OLHAL.

ÔLHO DE BOI — O mesmo que ÓCULO.

ÔLHO DE VOLUTA — Na voluta jônica, pequeno círculo central ornado de um florão, donde se traçam os doze centros pelos quais se descrevem as circunvoluções.

OLIVAS — Ornatos arquitetônicos em forma de azeitonas.

OLIVEIRA CRESPA — Ver JURUVOCA.

OLIVEL — Forma preferível a NÍVEL. Ver êste verbête.

OMBREIRA — Nos aros, ou vãos de portas ou janelas, nome de cada um dos elementos verticais que sustetam as vergas superiormente e que engasgam as soleiras ou os peitoris. São comuns os grafias errôneas hombreira e humbreira.

ONÇA — Antiga medida de pêso portuguêsa, e também brasileira, equivalente à décima sexta parte do arrátel, ou 28,7 gramas. Na medida inglêsa, a mesma fração da libra avdp, ou 28,3 gramas A décima segunda parte da libra troy, ou 31,1 gramas.

ONGLETE — Buril de gravadores e serralheiros. Adaptação do francês "onglet".

ONJO — O mesmo que CASA, RANCHO, CAFUA.

OPABA — Na Bahia assim designam o terreno arenoso, à beira-mar, alagado no inverno. O mesmo que "japara".

OPERÁRIO — Aquêle que trabalha em uma arte ou ofício. Ordinàriamente em nossa linguagem comum refere-se ao que trabalha em obras ou construções de edifícios, etc. OBREIRO.

OPÍFICE — O mesmo que ARTÍFICE, ARTESÃO.

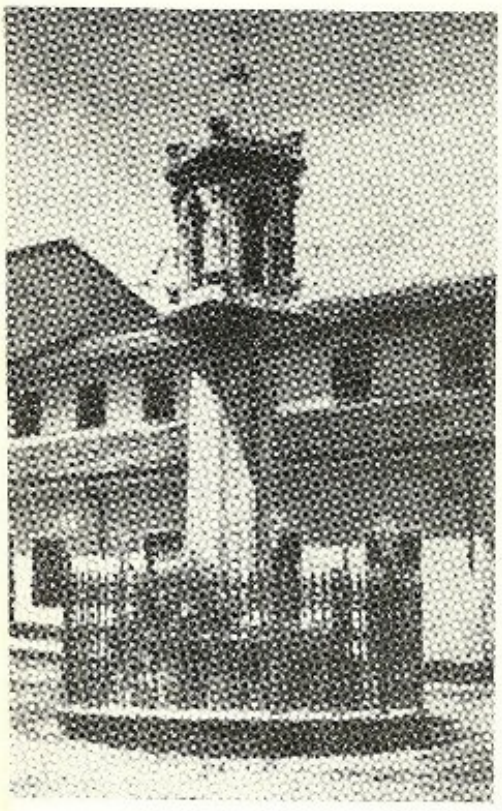
OPIFÍCIO — Fatura, obra construção.

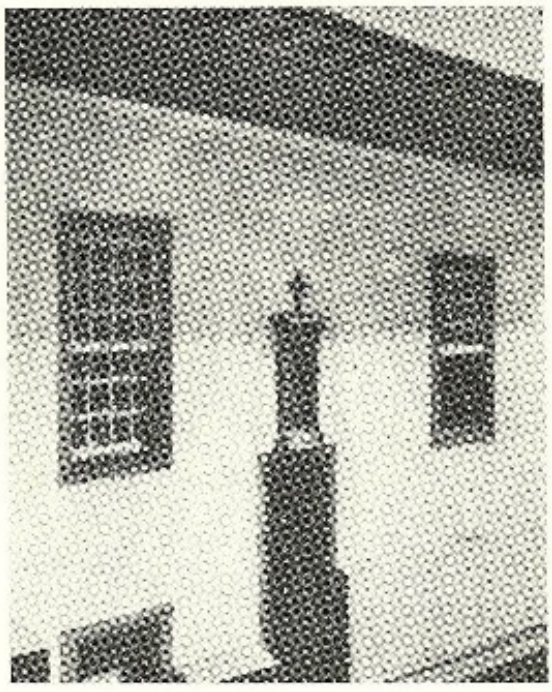
OPISTÓDOMO — Construção que servia de pórtico, vestibulo ou local de espera, situada nos fundos de um templo. Há quem faça analogia entre o antigo opistódomo e a moderna sacristia dos templos católicos.

OPUS — Palavra latina até hoje empregada como sinônima de obra, trabalho, etc. Na arquitetura o têrmo é mais empregado para designar os vários tipos de APARELHOS de alvenaria irregular das pedras ou tijolos. OPUS INSERTUN é o mesmo que aparêlho isódomo.

ORADA — Capela, oratório, local onde se reza. Ermida.

ORATÓRIO — Antigamente o têrmo designava o compartimento onde eram guardadas imagens sacras e onde se rezava, inclusive a santa missa. Seria quase que uma capela no interior de uma construção: habitação, hos-





Oratório público conhecido por "Cruz do Pascoal" em Salvador, Bahia. A seguir casa de Mariana, Minas, com oratório externo e oratório em ruínas de uma casa em Ouro Prêto.

pital, cadeia, escola, etc. Havia também, os oratórios em forma de nichos externos, nas fachadas dos edifícios, destinados a imagens cultuadas pùblicamente. Hoje em dia o têrmo pràticamente só designa o pequeno armário, ou caixa, destinada à guarda domiciliar de pequenas imagens santas. Nome da sala, provida de altar, em que, nas cadeias, os presos esperavam a hora da execução.

ORBE — Esfera, globo, redondeza.

ORBICULAR — Que tem a forma esférica, globular.

ORÇAMENTO — Cálculo dos gastos para executar uma obra. Segundo a Tabela de Honorários do Instituto de Arquitetos do Brasil, "orçamento" é a relação das quantidades dos diversos serviços, com os respectivos preços unitários e globais, bem como de tôdas as despesas necessárias à execução da obra, a fim de determinar o seu custo total provável.

ORCANETINA — Substância corante produzida pela raíz da orcaneta (Auchusa tinctoria), da família das Borragíneas, que é usada como pigmento das substâncias oleosas empregadas na lustração de madeiras.

ORÇAR — Calcular, computar ou avaliar um serviço ou uma obra. Realizar um ORÇAMENTO.

ORDEM — Disposição peculiar e conveniente das partes principais de um edifício, principalmente no que se refere aos elementos de composição dos frontispícios como sejam embasamentos, colunas e entablamentos. A arquitetura grega possuía três ordens: a dórica, a jônica e a coríntia. A coluna dórica era destituída de ornamentos, e talvez fôsse a mais natural e proporcionada. Sua altura correspondia a oito diâmetros. A coluna jônica tinha nove diâmetros e seu capitel era de volutas. A coluna coríntia, que se diz ter sido inventada por Callimacho, escultor ateniense, era a mais rica e delicada. Sua altura corresponde a dez diâmetros e seu capitel é composto de fôlhas de acanto e volutas. Aos romanos devemos as ordens toscana e compósita. A coluna toscana, destituída de ornamentros, tem seis diâmetros. A compósita cujo capitel é composto de fôlhas e de volutas, tem altura igual a dez diâmetros. Ordem cariática, ou pérsica, é aquela em que as colunas cilíndricas são substituídas por figura humanas.

ORDENANÇA — Ordem, estilo, gôsto, disposição.

ORELA — O mesmo que ORLA.

ORELHA — Nos martelos, a parte oposta à cabeça e que serve para arrancar pregos. Hélice do capitel coríntio.

ORELHA DE NEGRO — O mesmo que TAMBORIL.

ORELHA DERRABADA — Em Portugal, nome que se dá à saliência biselada feita na extremidade de uma peça ou viga que se pretende ligar a outra, na qual é feito encaixe apropriado.

ORFANATO — Edifício destinado ao asilo de órfãos.

ORGANOGRAMA — Representação gráfica de um programa arquitetônico, em que se agrupam em zonas distintas as dependências, segundo suas funções. Ao organograma, que cogita das funções, sucede o esquema funcional, que trata da interligação entre os cômodos de mesma função. O primeiro faz o zoneamento das dependências, o segundo providencia o esquema dos acessos e das circulações internas de interligação. A ambos sucede a escolha do partido e, depois, é elaborada a planta definitiva.

ORIENTAÇÃO — Posição de um prédio, ou terreno, em relação aos quatro pontos cardiais. A observância da orientação é de primordial interêsse na arquitetura, porque dela dependem, antes de tudo, o confôrto e a higiene das habitações, sempre dependentes da isolação e do regime dos ventos.

ORIENTAR — Determinar os pontos cardiais.

ORIGINALIDADE — Personalismo, isto é, concepção original de obra arquitetônica.

ORIDEÚVA — Madeira. Ver URINDEUVA.

ORINDEUVA — Madeira. Ver URINDEUVA.

ORLA — Segundo Paládio, o PLINTO da base das colunas e pedestais. Bordo, margem,

cercadura. Também, filête em um ornato oval de capitel.

ORLADURA — Cercadura, debrum.

ORLAR — Ornar com faixas de cercadura. Ornar em redor. Debruar.

ORNAMENTAÇÃO — Ato ou efeito de ornamentar. DECORAÇÃO.

ORNAMENTAL — Relativo a ornamentos. Próprio para adornos.

ORNAMENTAR — Decorar, ornar, enfeitar.

ORNAMENTO — Adôrno. Atavio. Ornato.

ORNATAR — Adornar, ornamentar.

ORNATO — Enfeite decorativo. Adôrno.

ORQUESTRA — Coreto. Lugar destinado aos músicos num teatro.

ORTOGONAL — Que forma ângulos retos.

ORTOGRAFIA — Além de designar a escrita correta, o têrmo é empregado em relação à perfeita representação geométrica da fachada de um edifício, em que as partes aparecem em suas verdadeiras proporções.

ORTOMETRIA — Medida certa, exata.

ORTÓSTILO — Renque de colunas não situadas no pórtico de um edifício.

ORUCURANA — Madeira. Ver UCURANA.

ÓSIA — O mesmo que ADÚSSIA, local da capela-mór das igrejas. Existe a forma ÓSSIA. Também aparece ÓUSIA.

OSSADA — O madeirame, a armação estrutural de madeira de um edifício. O mesmo que ALICERCE. Destroços, ruínas.

OSSAMENTA — Esqueleto. Por extensão ao que se refere à armação óssea de um animal, pode-se assim chamar a ossatura, a estrutura de um edifício.

OSSÁRIO — Nos cemitérios, local onde são recolhidos os ossos retirados das sepulturas.

OSSATURA — Esqueleto, conjunto dos elementos estruturais. OSSAMENTA.

ÓSSIA — O mesmo que ADÚSSIA.

OSSORÓ — Sala de recepção.

OSSUÁRIO — O mesmo que OSSÁRIO.

OSTIÁRIA — O mesmo que HOSPEDARIA.

OURO — Ver DOURAMENTO.

OUTÃO — O mesmo que OITÃO.

OUTEIRO — Pequeno monte. Colina. Festa que se realizava outrora no pátio dos conventos. Também, oiteiro.

OUVIELA — Rêgo ou sulco feito na terra para escoamento de águas.

OVADO — Figura geométrica, que pode ser traçada de diferentes maneiras, cuja característica é possuir, à semelhança do ôvo, dois diâmetros diferentes chamados grande e pequeno "axe". É a moldura principal do capitel dórico.

OVAIA — Madeira da família das Mirtáceas. Pêso específico igual a 0,91. Limite de resistência à compreensão axial (50% umidade) igual a 534 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 1.037 kg/cm2.

OVAL — Diz-se da curva que se assemelha ao perfil de um ôvo. O mesmo que OVADO. Também, "oviforme" e "ovóide".

ÓVALO — Ornato oval nas cornijas ou capitéis das ordens jônica e compósita. Moldura cuja secção é um quarto de círculo.

ÓVANO — O mesmo que ÓVALO.

OVÍCULO — Pequeno ornato oval.

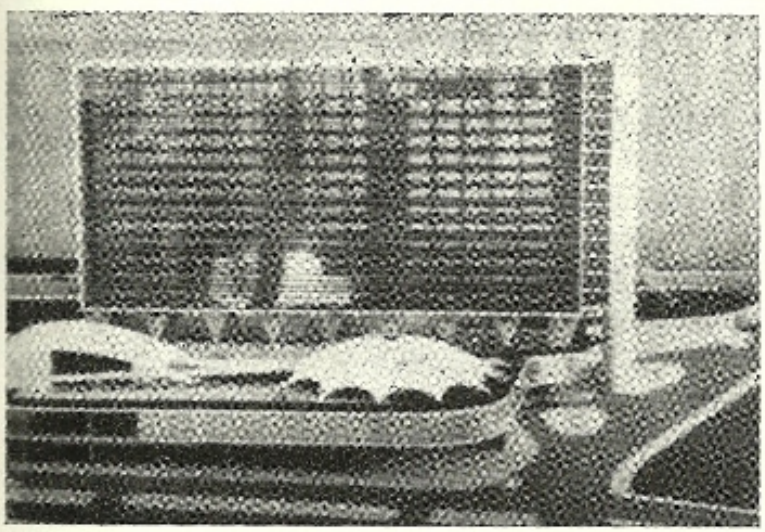
P

Ponte pênsil sôbre o Rio Iporanga, afluente do Ribeira de Iguape.

PÁ — Instrumento, de ferro ou madeira, chato e provido de cabo bastante longo que, nas obras, é usado para transporte de terra.

PACARIM — Alpendre rústico executado acima das portas e janelas para resguardá-las das chuvas.

PAÇO — O mesmo que PALÁCIO, casa nobre e grandiosa para habitação de reis, príncipes, e fidalgos. Palácio real. Edifício onde se reúnem os vereadores das câmaras municipais, e daí a expressão PAÇO DO CONSELHO ou a mais conhecida e usada atualmente PAÇO MUNICIPAL.



Maquete do projeto do Paço Municipal de São Paulo de autoria dos arquitetos Oscar Niemeyer, Carlos A. Gomes Cardim Filho, Alfredo Giglio, Julio Lacreta, Carlos Lodi, Mário H. Pucci e Eduardo Corona.

PAÇÔ — Paço ou palácio pequeno.

PADIEIRA — O mesmo que VERGA de porta ou janela. Há, porém, a tendência de se dar o nome de padieira ùnicamente à face inferior, que olha para baixo, das vergas.

PADIOLA — Tabuleiro retangular provido de braços paralelos, um em cada canto, que serve para o transporte de terra, areia, tijolos, etc., nas obras.

PADRÃO — Monumento monolítico. Marco de pedra. Ver COLUNELO. Também é usado como equivalente a modêlo.

PADRASTO — Parede ou construção encostada a outra. O mesmo que ARCOBOTANTE, BOTARÉU, ou CONTRAFORTE. Obra de defesa.

PADRENOSSOS — Ornamentos esféricos ou globulosos que, encarreirados, lembram as contas de rezar.

PADRONIZAR — Empregar solução arquitetônica, genérica ou em detalhe, para servir de "padrão", de "modêlo".

PAGÃO — Madeira. Ver MAÇARANDUBA.

PAINEL — Nome que se pode dar indistintamente a qualquer pintura feita sôbre tela, tábua ou parede. O mesmo que quadro ou retábulo. Placa. Na arquitetura, no entanto, o têrmo é aplicado para designar a grande superfície decorada — tanto no interior como no exterior dos edifícios. Neste sentido, o painel pode ser de mosaicos, de pastilhas de porcelana, ou de cerâmica. O mesmo que ALMOFADA. Baixo ou alto relêvo emuldurado. Face aparente da fechadura semi-embutida.

PAIOL — Depósito. Nos quartéis e fortificações, local onde à armazenada a pólvora e

Três desenhos de Wasth Rodrigues mostrando, primeiramente, o frontespício original do antigo Paço da cidade, Rio de Janeiro, construído em 1743 por Gomes Freire de Andrade. Foi Palácio Imperial de 1822 até 15 de novembro de 1889. Daí para cá abriga o Departamento de Correios e Telegrafos. Os desenhos indicam as reformas por que passou o edifício.

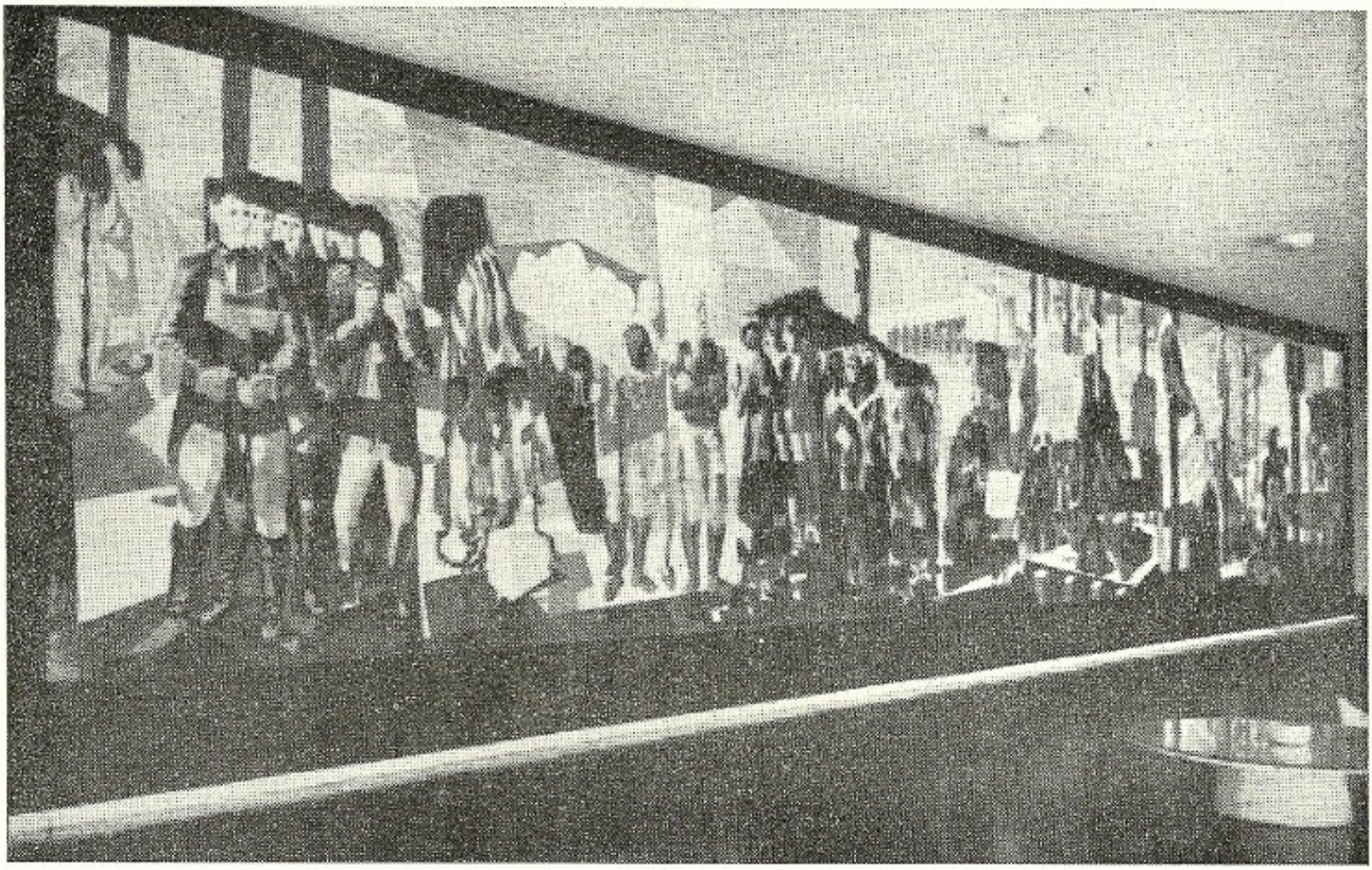
munições. Nos estabelecimentos agrícolas, depósito onde são guardados os produtos das grandes lavouras, especialmente o milho. Neste caso, o mesmo que ESPIGUEIRO. Monte de cascalho, na Bahia.

PAISAGISMO — Estudo dos processos de preparação e realização da paisagem como complemento da arquitetura.

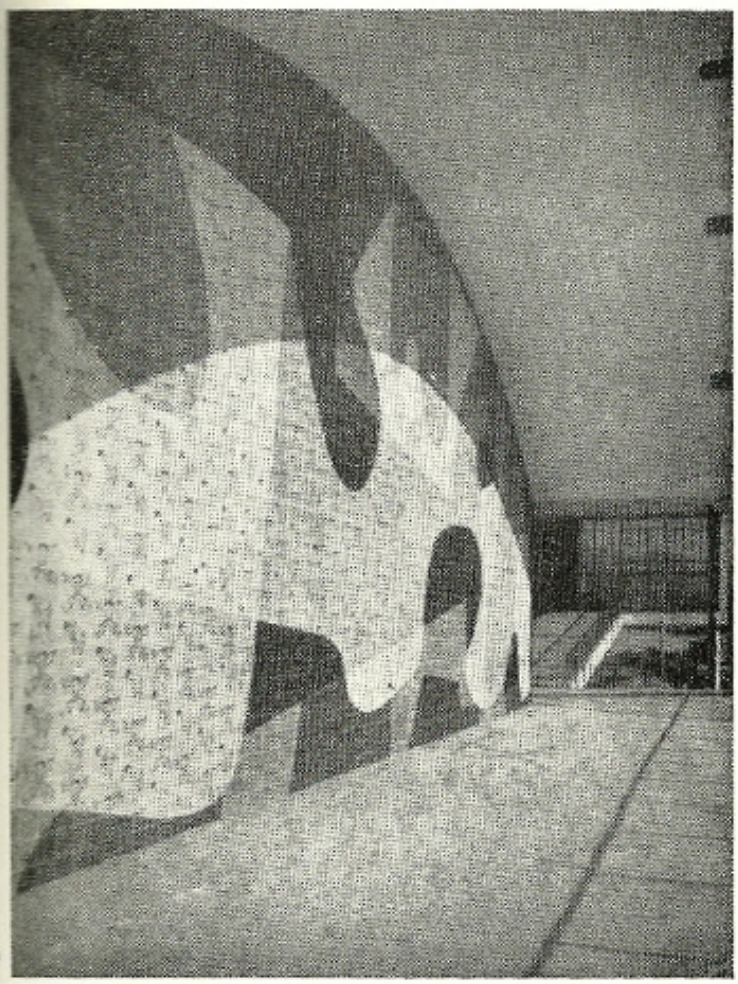
PAISAGISTA — Denominação do arquiteto, ou daquele que se dedica ao paisagismo. Também se aplica "arquiteto-paisagista".

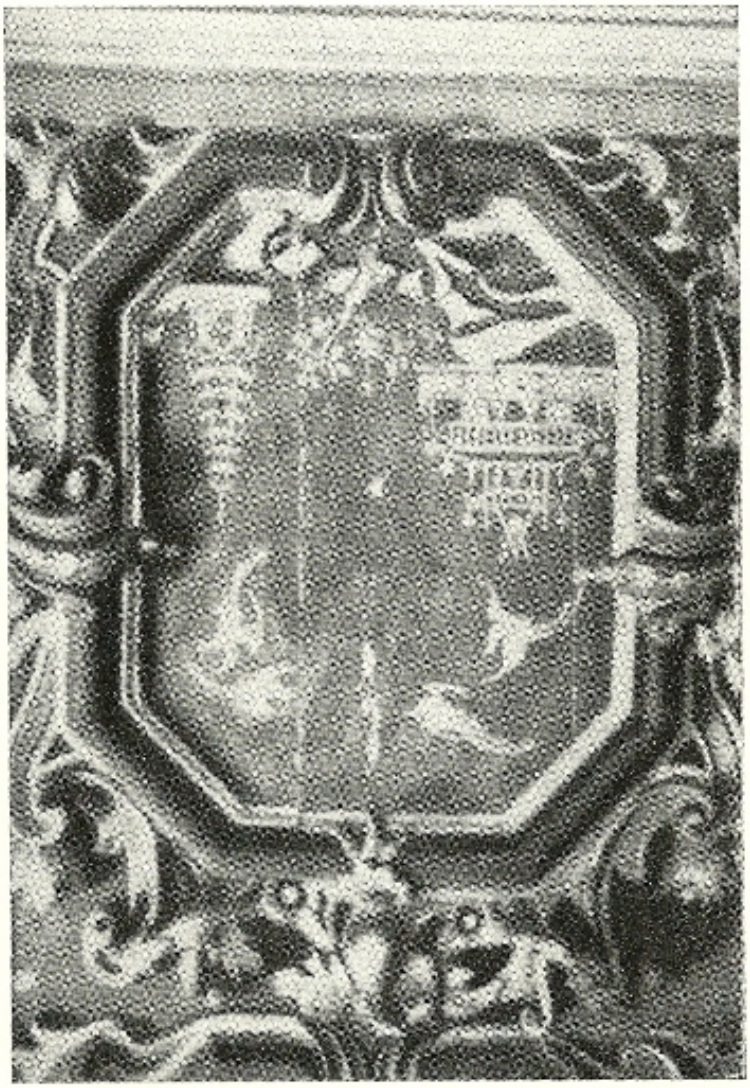
PALACETE — Diminutivo de PALÁCIO.

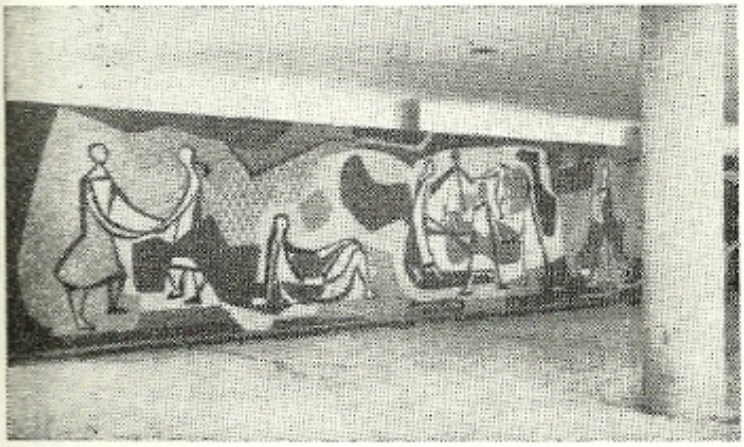
PALÁCIO — Do latim, deriva de Palatino, monte onde Augusto mandou levantar sua grandiosa moradia. Incialmente o



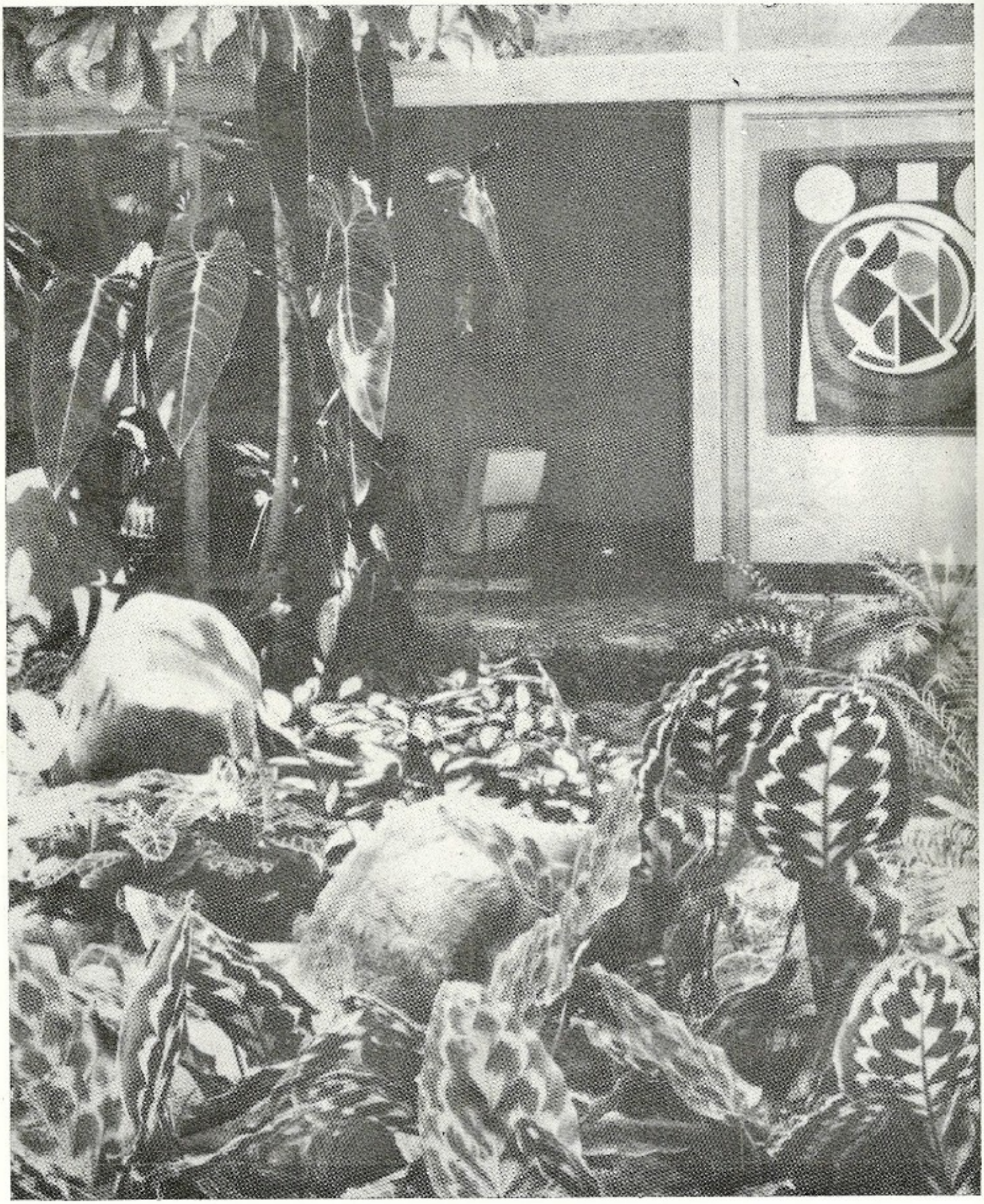
Painel — Tiradentes de Portinari.



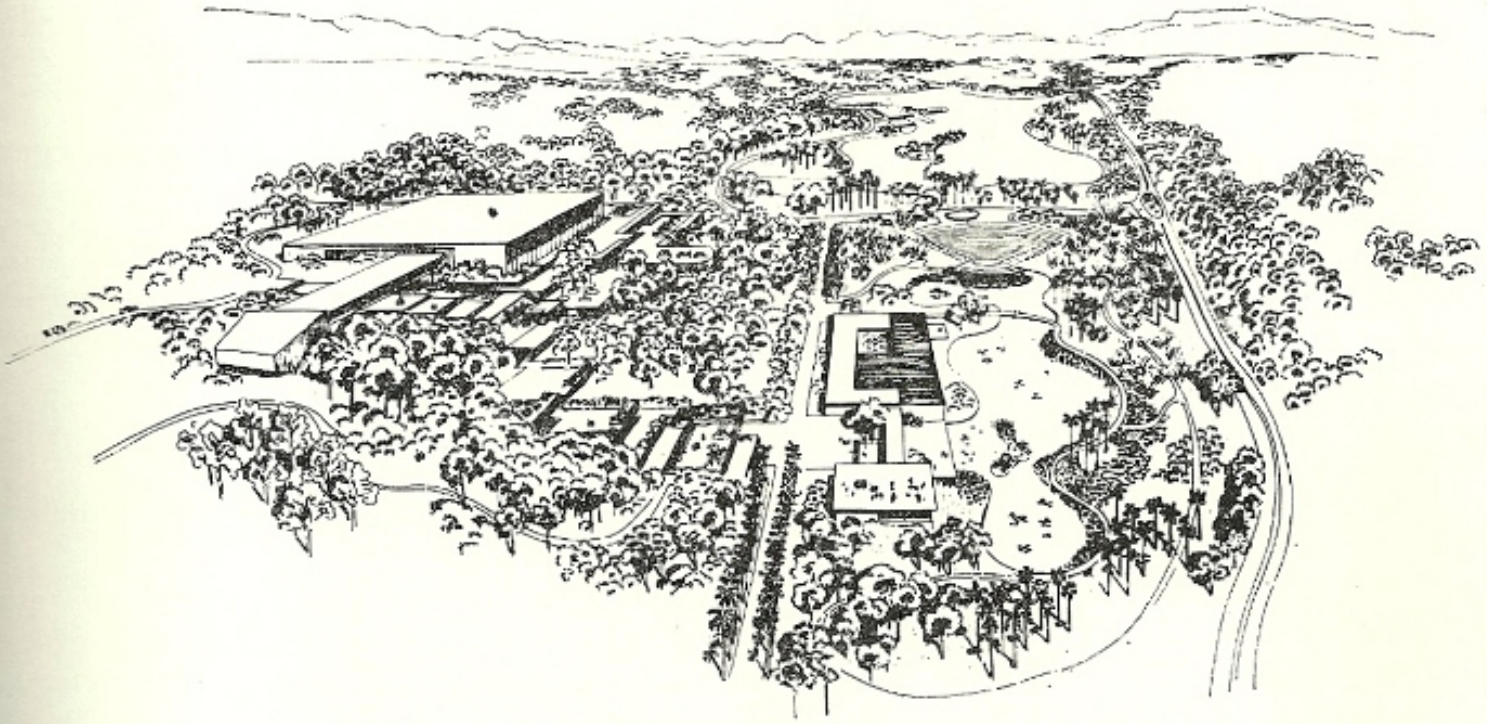




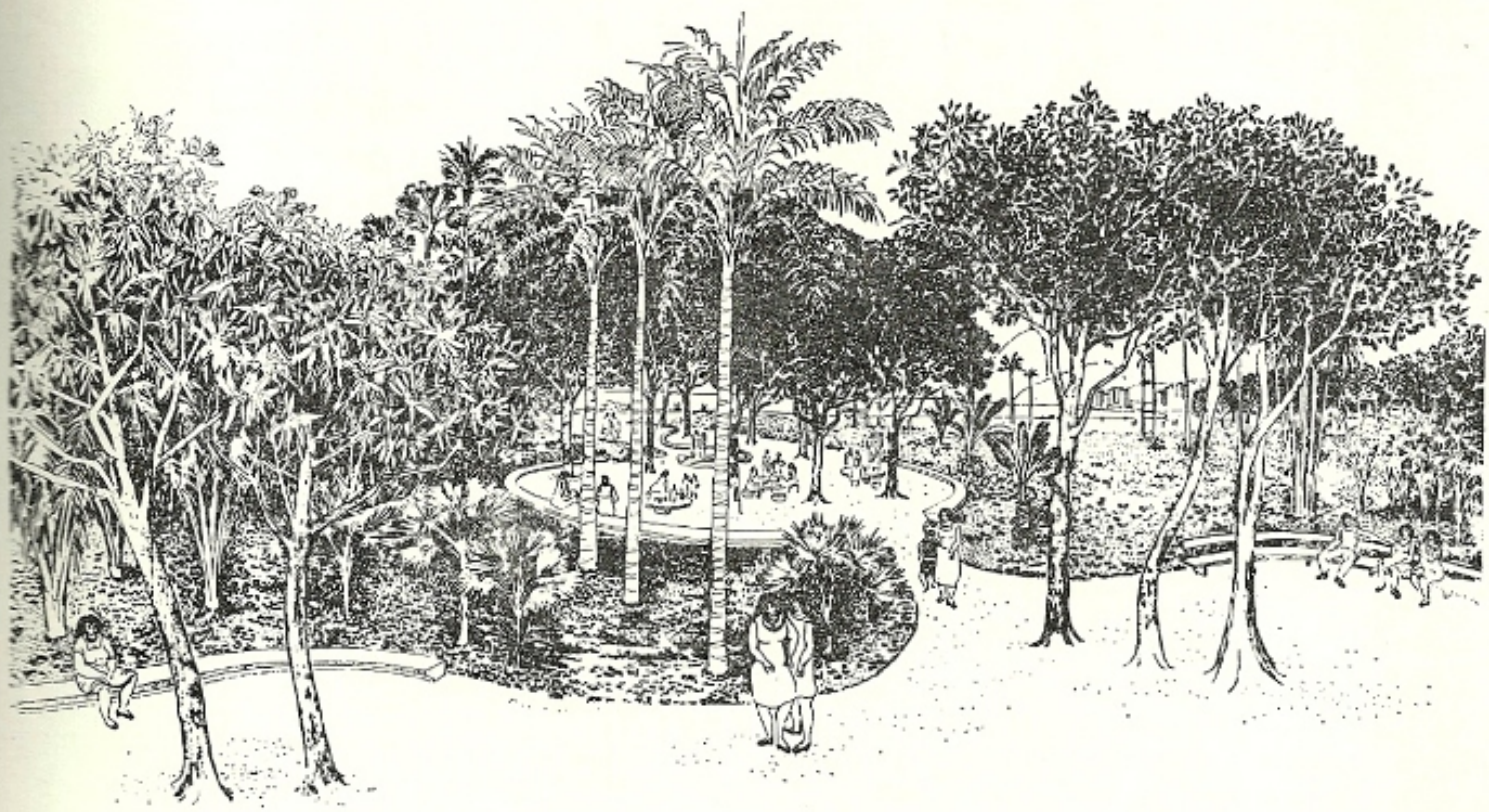
Painéis: O primeiro de Paulo Werneck, na escola do Pedregulho projeto de Eduardo Afonso Reidy; o segundo constando na Capela Nossa Senhora do Ó em Sabará; o terceiro, de Clóvis Graciano e o quarto de Di Cavalcanti. O último é de autoria de Aldemir Martins e está fazendo parte do restaurante da Câmara Municipal de São Paulo.



Jardim executado por Burle Marx para um pátio interno de uma residência em Caracas.



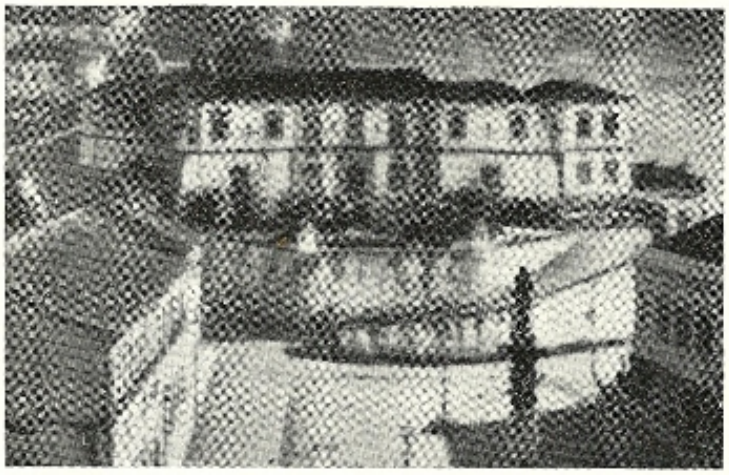
Desenho de Burle Marx para o trabalho paisagístico do Jardim Botânico e Zoológico de São Paulo.



Outro desenho de Burle Marx para o tratamento paisagístico do Atêrro da Glória, no Rio.

têrmo designou, e ainda designa, a residência do rei ou do imperador. O mesmo que paço real. Depois a palavra extendeu-se às moradias nobres, de fidalgos e ditos prelados como os bispos, cardeais, etc., chegando a designar as casas em que reúnem as câmaras legislativas, os tribunais, os podêres executivos, etc. Casa grande e aparatosa. Edifício majestoso. Convento, mosteiro.

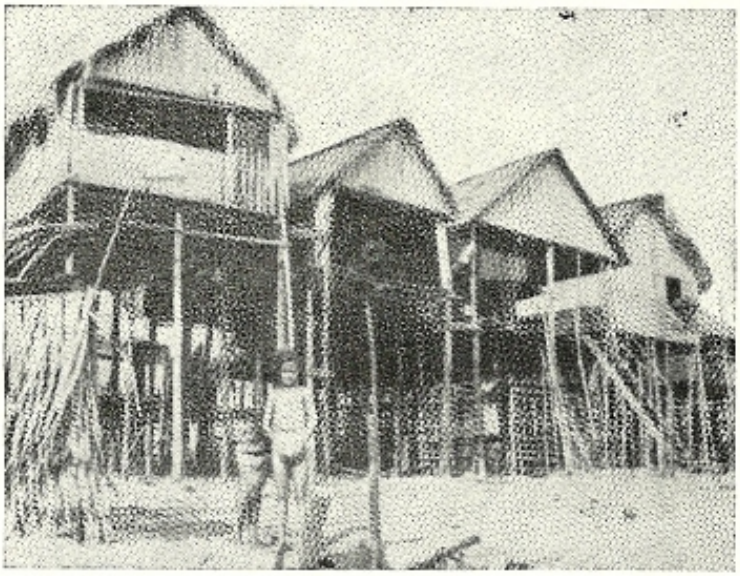
PALACIOLO — Diminutivo de palácio.



Palácio do Governador, Ouro Prêto, construção do século XVIII.

PALADINO — O mesmo que PALÁCIO, geralmente com o sentido diminutivo.

PALAFITA — Conjunto das estacas que sustentam as habitações lacustres. Ver ESTEARIA.



Palafita do Norte do Brasil.

PALANCA — Obra de fortificação executada com estacas recobertas de terra. Estaca. Alavanca. Barrote. O mesmo que PALANQUE.

PALANQUE — Estrada com degraus para espectadores de festas ao ar livre, de modo a terem boa visibilidade.

PALATÓRIO — O mesmo que PARLATÓRIO.

PALCO — Estrado. Proscênio de teatro. Ver CENA.

PALEAR — No Rio Grande do Sul, trabalhar com a "pá", removendo a terra.

PALETA — Ver PALHETA.

PALHA — O têrmo genèricamente designa tôda e qualquer porção de resíduos vegetais sêcos, especialmente as hastes e fôlhas de certas gramíneas, de certas plantas palmácas, etc. que servem como material de construções rústicas nas propriedades agrícolas ou nos arraiais em formação.

PALHAÇA — Antigamente, habitação feita de palha.

PALHAL — Casa coberta de palha. Palhaça, choupana. Também PALHAR.

PALHANA — Lusitanismo. O mesmo que cabana.

PALHATÓRIO — O mesmo que PARLATÓRIO.

PALHEIRO — Casa de palha, habitação rústica. Também casa onde se guarda palha.

PALHETA — Nome de cada uma das lâminas de madeira, ou metal, que formam as venezianas de ventilação permanente das janelas ou portas. Ver JANELA e VENEZIANA.

PALHETÃO — Lingüeta da FECHADURA. Há quem dê o nome de palhetão à parte da chave que, metida na fechadura, dá movimento à lingüeta pròpriamente dita.

PALHOÇA — Casa colmada ou coberta de palha. O mesmo que "palhota" ou "palhote". Ainda no Brasil aparece a forma CALUJE. CABANA.

PALHOTA — O mesmo que PALHOÇA.

PALHOTE — O mesmo que PALHOÇA.

PALIÇADA — Conjunto de estacas firmadas ao solo com o fito de defesa, proteção.

PALIFICAR — Segurar, sustentar ou amparar com estacas.

PÁLIO — Docel portátil.

PALISSANDRA — Madeira de construção, também usada em marcenaria. Ver GAROBA.

PALMA — Fôlha ou fôlhas estilizadas de certas palmáceas usadas na ornamentação arquitetônica, que são atributos de vitória e símbolos de martírio.

PALMELA — Chama-se, pelo menos no linguajar técnico paulista, dobradiça de "palmela" aquela cujo pino fica bastante afastado do paramento do caixilho. Diz-se, também, dobradiça de pino em balanço. Êsse tipo de dobradiça é muito usado em venezianas externas que, se tivessem dobradiças comuns, sòmente abririam um ângulo de noventa graus, pois a espessura ou saliência da parede impediria um giro maior. Com o auxílio da dobradiça de palmela, cujo balanço é maior que o dente formado pela parede, a veneziana pode ser aberta totalmente e girar 180°.

PALMETA — Pequena cunha de ferro ou madeira, com diferentes usos e aplicações.

PALMETEAR — Apertar com PALMETA.

PALMITO — Nome genérico que se dá a certos coqueiros ou palmeiras, cujo miolo, na altura da imbricação das fôlhas, é comestível. O seu tronco é usado, depois de partido e repartido longitudinalmente, na confecção de telhados (ripas principalmente) e paredes de pau a pique.

PALMO — Antiga medida de extensão equivalente a 8 polegadas ou 0,225 m. Medida tomada com a mão aberta, e que vai de extremidade do dedo polegar à ponta do dedo mínimo. "Palmo craveiro", segundo o padrão da câmara de Lisboa. O côvado tinha três palmos craveiros.

PALRATÓRIO — O mesmo que PARLATÓRIO.

PÂMPANO — Nome do ornato que representa haste de vinha, com parras e uvas, muito comum nas colunas salomônicas, ou torcidas, próprias do estilo barroco.

PÂMPINO — O mesmo que PÂMPANO.

PANACOCO — Madeira. Ver PAU FERRO.

PANARI — Árvore que fornece madeira boa para construções.

PANARIA — O mesmo que TULHA, CELEIRO. Ver TERCENA.

PANEIRO — Em algumas regiões do Brasil, pedaço de fôlha de flândres, comumente velha, na qual os pedreiros, deitam a argamassa que estão utilizando. Também é assim chamado aquêle que abre o pano de boca, nos teatros.

PANGAIO — Nas estações de estrada de ferro, o mesmo que MARQUESA, isto é, plataforma alpendrada.

PANO — No linguajar arquitetônico o mesmo que uma extensão de parede ou muro.

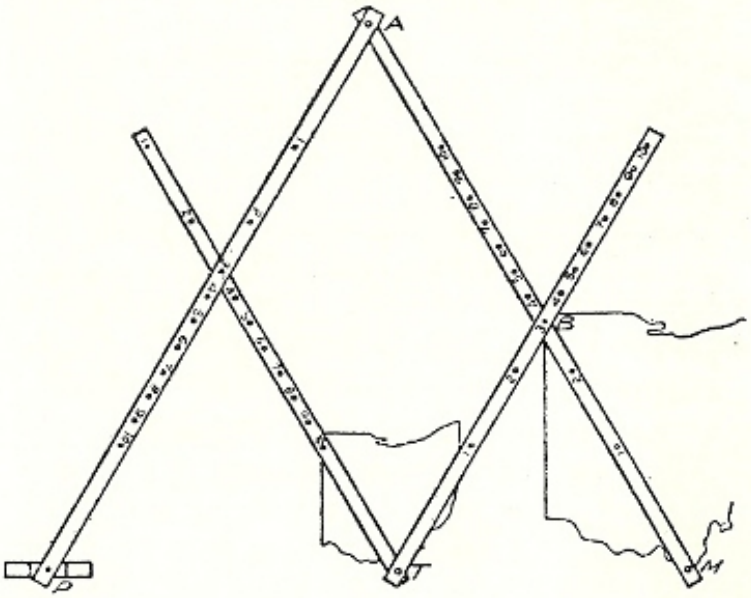
PANO DE PEITO — Nome que se dá à parte cheia (de alvenaria ou outro material) situada abaixo do peitoril das janelas rasgadas pela parte de dentro das paredes de grandes espessura. Ver JANELA.

PANTALHA — Têrmo de origem espanhola que designa a bandeira do "candeeiro". Ver QUEBRA-LUZ.

PANTEÃO — Monumento em que se depositam os restos mortais dos heróis ou grandes benfeitorias da humanidade. Edifício ou igreja de planta circular.

PANTEIRO — Casarão velho. Lusitanismo.

PANTÓGRAFO — Instrumento com que se copiam mecânicamente desenhos, mudando-os automàticamente de escala, de uma maior para outra menor ou vice-versa.



Um pantógrafo. O ponto P é fixo na prancheta de desenho. Em T o desenhista percorre o contorno do desenho a ampliar e em M uma ponta de grafite reproduz a ampliação pretendida.

PAPAGAIO — Nome do tabique, ou divisão de madeira, colocado externamente entre duas janelas de um mesmo andar para impedir devassamentos. Essa divisão também é comum em balcões corridos para os quais abrem portas de habitações diferentes.

PAPARAJUBA — Nome dado no Maranhão à CAROBA.

PARARAÚBA — Árvore que dá boa madeira para marcenaria.

PAPO DE POMBA — Perfil composto de duas curvas contrárias ou opostas, ficando a côncava em baixo e convexa em cima.

PAPO DE ROLA — O mesmo que GULA, revessa. Ver MURCHETA. O mesmo que TALÃO.

PAQUIFE — Ornato arquitetônico de folhagens.

PAQUÍMERO — Instrumento destinado a medir pequenos comprimentos, provido de "vernier". Também é chamado "compasso de espessura".

PARÁ-PARÁ — Madeira. Ver MOROTÓTÓ.

PARABOLÓIDE — Que tem forma de parábola geométrica. Paraboloide de revolução é o sólido gerado por uma parábola que sofre rotação completa em tôrno de seu eixo.

PARACUÚBA — Árvore do Pará que fornece madeira parda usável na marcenaria e construções civis. Também conhecida por PARACUUBA DAS ILHAS. Dimorphandra paraensis V. ruía. Ducke. Família das Leguminosas cesalpináceas. Pêso específico igual a 0,83.

PARACUÚBA BRANCA — Madeira com as características da anterior. Côr de canela. Dimorphandra paraensis. Ducke. O nome também é dado à Mora paraensis. Ducke, da família das Leguminosas cescalpináceas.

PARACUÚBA DA TERRA FIRME — Árvore do vale amazônico cuja madeira vermelha escura é empregada em obras em geral, principalmente estacas e dormentes, além de servir para marcenaria e ebanisteria. Trichilia le Coitei, Ducke. Família das Meliáceas. Pêso específico igual a 1, 14.

PARADA — Nome do pátio central, nos quartéis.

PARALELEPÍPEDO — Sólido geométrico limitado por seis paralelogramos, dos quais os opostos são iguais e paralelos. Denominação vulgar do paralelepípedo retângulo, isto é o que é formado por retângulos. Pedra dessa forma empregada para pavimentar ruas.

PARAMBELO — Casa velha e arruinada.

PARAMENTADO — Revestido com paramentos. Adornado, enfeitado.

PARAMENTAR — Ornar com paramentos.

PARAMENTO — Face polida ou aparelhada de uma pedra, de uma loja ou de uma peça de madeira destinada a ficar aparente, depois de colocada no devido lugar. A pedra AJUNTOURA ou tijolo PERPIANHO possui dois paramentos, pois atravessam a parede em tôda sua espessura, tendo as duas extremidades aparentes. Por extensão, nome que se dá às duas faces de uma parede; diz-se: paramento externo e paramento interno. Ornato, adôrno, enfeite.

PARANHEIRA — Lusitanismo. Padieira da porta do forno de cozer pão.

PARAPARAÍBA — Árvore brasileira que fornece madeira boa para construção. Existe também a forma paraparauba.

PARAPAÚBA — Árvore que dá madeira boa para construções e marcenaria.

PARAPEITADO — Guarnecido com parapeito.

PARAPEITAR — Formar ou construir o parapeito.

PARAPEITO — Resguardo que se eleva à altura do peito, ou pouco menos, que se emprega em terraços, sacadas, patamares, etc. Peitoril de janela. Também se chamou assim a parte superior de uma trincheira de fortificação, para resguardar os defensores, que podem fazer fogo por cima dela.

PARAPETASMA — Pano de teatro.

PÁRA-RAIOS — Aparelho formado de uma haste metálica e destinado a atrair as descargas elétricas da atmosfera, livrando delas os edifícios no quais êle é colocado e os outros em volta.

PARASCÊNIO — O mesmo que PROSCÊNIO.

PÁRA-SOL — O mesmo que quebra-sol ou BRISE.

PARASTADE — O mesmo que ANTA.

PARASTÁTICA — Pilastra decorada, situada nas extremidades angulares dos edifícios. Cunhal decorado.

PÁRA-VENTO — Anteparo que resguarda uma envazadura do vento.

PARDIEIRO — Edifício velho e em ruínas. Etimològicamente o têrmo designa a "casa velha e abandonada onde moram pardais". Praça mal fortificada.

PARDO — Dá-se o nome de "enchimento a pardo" à base feita com mistura de argamassa comum com gêsso, que recebia o acabamento final de estuque. Principalmente nos casos de molduras e cimalhas externas, antes do acabamento final, feito com massa bastante plástica, eram os tijolos já dispostos na forma aproximada do ornato e "enchidos a pardo", isto é, revestidos com massa grossa para receberem a camada final, geralmente estendida com um molde metálico, recortado segundo o perfil desejado.

PAREDÃO — Grande parede, muralha. Arrimo à margem de um rio.

PAREDE — Elemento de fêcho, de vedação ou de seleção de ambientes, geralmente construído de alvenaria e tijolos. Modernamente, no entanto, tal elemento divisório já é projetado com mais freqüência, tendo-se em vista outros materiais, em placas rígidas, ou painéis, como por exemplo, de madeira, fibro-cimento concreto armado, etc. Tradicionalmente, as paredes de alvenaria são classificadas em duas categorias: as principais e as secundárias. As principais também são chamadas de MESTRAS e geralmente são externas. Existem as de FACHADA ou de TARDOZ e as laterais chamadas de EMPENAS ou OITÕES. Internamente, as que suportam cargas e transmitem esforços chamam-se FRONTAIS. Esta denominação embora correta é, no entanto, pouco conhecida e, às vêzes, aplicada errôneamente para designar o TABIQUE. Ver FRONTAL. PAREDE DE PEDRA ENSÔSSA é aquela levantada sem argamassa. PAREDE DE ESPÊLHO é a em que os tijolos são assentados ao alto ou A CUTELO, tendo espessura igual à menor dimensão do tijolo. PAREDE ENCASCADA é aquela cuja espessura foi aumentada com camada grossa de argamassa e fragmentos de tijolos ou telhas. PAREDE DE TAPAMENTO é a que separa os cômodos ou dormitórios de uma residência. PAREDE-MEIA é a parede comum a duas propriedades diversas. PAREDE DE ENTULHO é o mesmo que GAIOLA. PAREDE FRANCESA era o nome que se dava, e é dado ainda em várias cidades da marinha especialmente, à parede interna divisória de pau-a-pique, quando as paredes mestras, ou externas, são de alvenaria de pedra ou de taipa de pilão. PAREDE ESCARPADA é aquela com grande JORRAMENTO. O mesmo que MURO.

PAREDEIRO — O mesmo que PARDIEIRO.

PARICÁ BRANCO DE ESPINHO — Madeira branca usável na marcenaria comum no vale amazônico. Acácia polyphyla D.C. Família das Leguminosas mimosáceas. Também conhecida por ESPINHEIRO PRÊTO e por PARICARANA DE ESPINHO.

PARICÁ DA TERRA FIRME — Madeira. Ver PARICÁ DE CORTUME.

PARICÁ DE CORTUME — Madeira amazônica castanha escura boa para marcenaria. Piptadenia peregrino, Benth. Família das Leguminosas mimosáceas. Pêso específico igual a 0,95. Também conhecida por PIRACÁ DA TERRA FIRME. É árvore de grande porte.

PARICÁ GRANDE — Madeira. Ver FAVA DE BOLOTA.

PARICÁ GRANDE DA VÁRZEA — Madeira branca amarelada do Pará, com uso na marcenaria. Pêso específico igual a 0,77. Pithecolobium miopoides, Benth. Família das Leguminosas mimosáceas. Sinonímia: MAPUXIQUI e PARICARANA.

PARICARANA — Madeira. Ver PARICÁ GRANDE DA VÁRZEA.

PARICARANA DE ESPINHO — Madeira. Ver PARICÁ BRANCO DE ESPINHO.

PARLATÓRIO — Locutório. Local onde se conversa. O nome é aplicado com freqüência para designar, nos conventos e colégios religiosos, as salas onde os internados recebem visitas de pessoas de fora e onde mantêm conversações.

PARÓQUIA — O mesmo que IGREJA, CATEDRAL ou SÉ.

PAROVAÚNA — Madeira. O mesmo que BARAÚNA.

PARQUE — Embora hoje o têrmo designe o grande jardim arborizado, particular ou público que prima pela extensão, na realidade é o nome das vastas áreas cercadas e destina-

das à caça, antigamente ao lado dos castelos e mansões senhoriais. Lugar ou campo destinado a guardar as artilharias e munições de guerra. Arsenal. Parque industrial é o conjunto das indústrias de uma cidade, estado ou país. PARQUE NACIONAL é a região natural, mais ou menos extensa, que o govêrno coloca sob sua proteção a fim de conservar intactas a flora e a fauna.

PARQUETE — Pavimento feito de tacos de madeira formando desenhos, geralmente pela mistura de várias madeiras diferentes. O têrmo é adaptado do francês "parquet".

PARRA — Ver PÂMPANO.

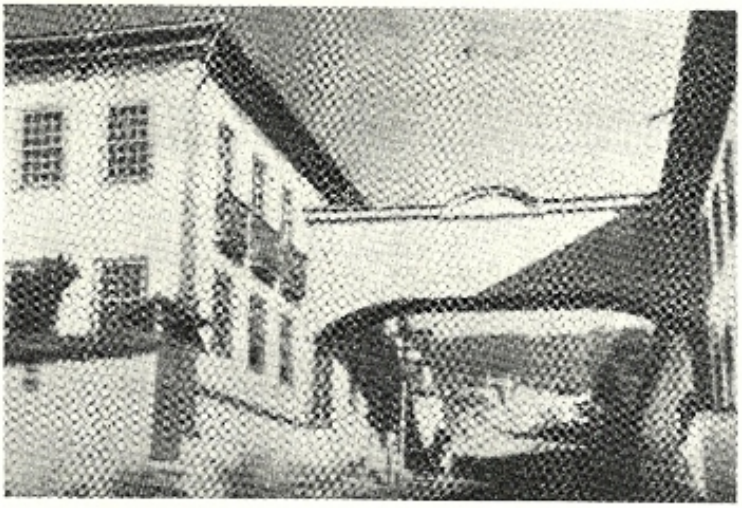
PARTIDO — Na arquitetura, é o nome que se dá à conseqüência formal de uma série de determinantes, tais como o programa do edifício, a conformação topográfica do terreno, a orientação, o sistema estrutural adotado, as condições locais, a verba disponível, as codificações das posturas que regulamentam as construções e, principalmente, a intenção plástica do arquiteto. Assim, compreende-se que as mesmas situações podem justificar partidos, ou disposições de massas, diferentes entre si. É o que comumente presenciamos nos concursos de arquitetura, nos quais os arquitetos igualmente atendem a tôdas as exigências dos editais e apresentam soluções formais as mais diferenciadas, pois percebe-se que, antes de tudo, há a predominância da "intenção plástica", quase sempre eminentemente personalista. Diz-se "partido horizontal" daquele em que predominam as circulações horizontais, ao contrário do "partido vertical", que recorre aos sistemas mecânicos da circulação vertical, como nos casos dos monoblocos, edifícios onde foi preferida a superposição das funções. Enfim, partido é a disposição final das massas, observando-se a distribuição dos cheios e dos vazios, das superfície iluminadas e das sombras.

PARU — Madeira de construção. Ver CAMARU VERDADEIRO.

PASSADA — Tira de madeira que sobra de uma peça aparelhada. Cavaco comprido e estreito.

PASSADEIRA — Tapête ou estôfo estreito e comprido que serve para forrar os pisos de escadas e corredores. Nos telhados, degraus de alvenaria que permitem que se ande sôbre êles sem que se pise nas telhas.

PASSADIÇO — O mesmo que PASSAGEM. Corredor, galeria ou ponte que une dois edifícios ou duas alas de um mesmo prédio. Alpendre ao longo de várias dependências de uma mesma construção. Ponte estreita de madeira, calçada ou passeio nas ruas.



Passadiço ligando dois prédios do asilo e colégio "Nossa Senhora das Dores" em Diamantina, Minas Gerais.

PARAPEITAR — Formar ou construir o parapeito.

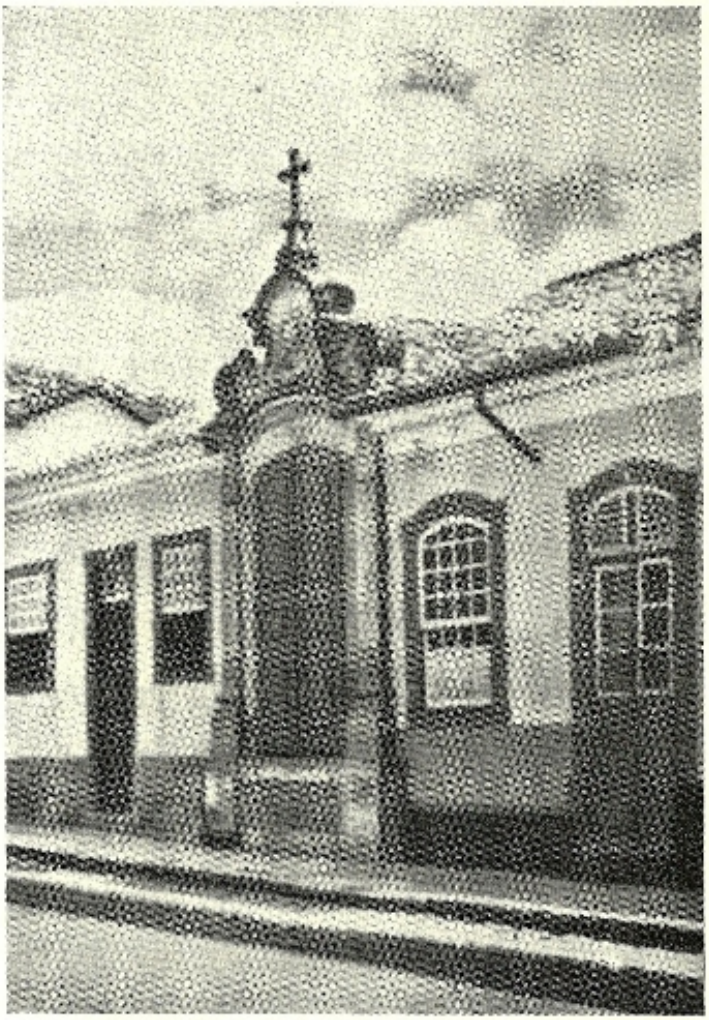
PASSAGEM — Meio de acesso de um compartimento a outro. Entrada e saída. Lugar onde se passa ou se transita. Corredor, galeria, porta, portão, ponte, etc.

PASSAL — Terreno cultivado junto à sede paroquial. Antiga medida agrária.

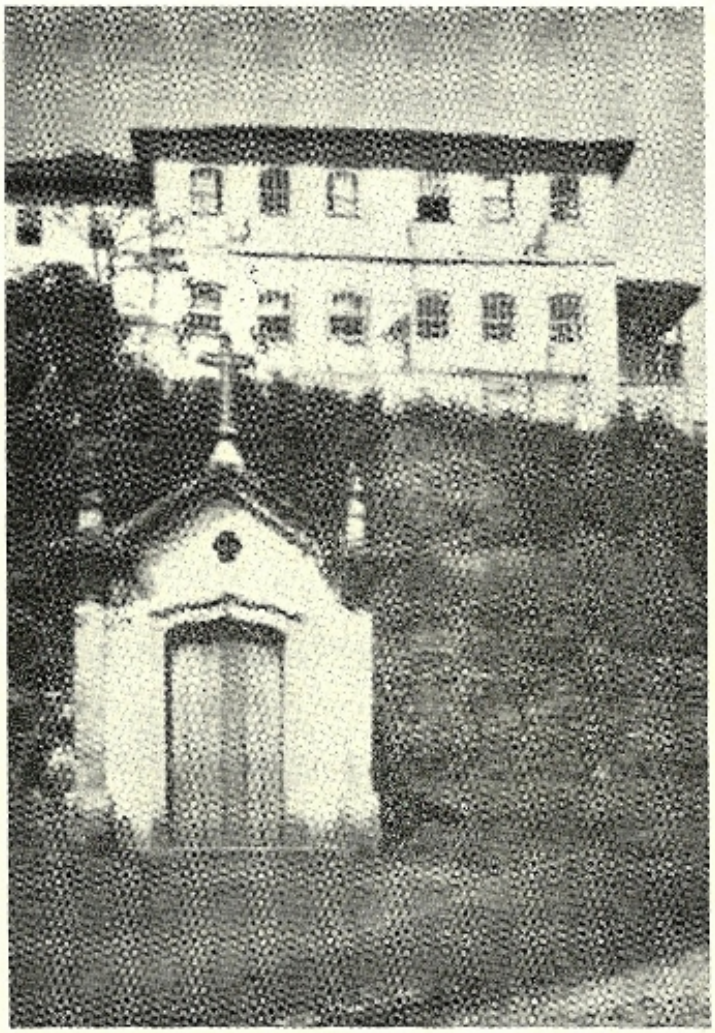
PASSARÉ — Nome de certa madeira de construção.

PASSARIÚVA — Madeira encontrável nos vales dos rios Paraíba e Tieté e usada sòmente em obras internas e madeiramentos. É de terceira qualidade, com grande camada de albuno. Pêso específico igual a 0,58. Não é considerada madeira de lei. Scherolobium denudatum, Vog. Família das Leguminosas cesalpináceas, sinonímia: ANGÁ, ARAPUCU, CAINGA, CANELA FREIRIÚVA, CARAPUÇU, GRAMAMUNHA, INGUAÇU, PASSARIÚVA CLARA, PASSARIÚVA PRÊTA, PASSUARE, TAIPA e TAPACARÉ.

PASSEIO — Lugar onde se passeia. Jardim, parque, praça, largo, etc. Enfim, nome, hoje pràticamente em desuso, que se dava aos locais públicos destinados a exercícios e diver-



A primeira foto mostra três dos vários passos construídos no adro da Igreja Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, Minas. A seguir, Passo da Ponte Sêca de Ouro Prêto. A foto acima mostra o Passo da Paixão, no largo do Rosário em São João del Rey.



timentos. Foi muito comum a expressão PASSEIO PÚBLICO para designar os recantos, às vêzes bastante extensos, que os podêres públicos ajardinavam e arborizavam com o fito de patrocinar ao povo local de estar ao ar livre. O mesmo que CALÇADA, local de trânsito de pedestres às margens das ruas e avenidas.

PASSO — Nome dado à representação, em pintura ou escultura, de cada um dos episódios da Paixão de Cristo. Por extensão, dá-se o nome a cada uma das construções isoladas que abrigam tais representações e onde fazem parada certas procissões. Nas escadas, relação entre a altura e a largura dos degraus. Distância entre as voltas da espiral das escadas de caracol.

PASSUARÉ — Madeira. Ver PASSARIÚVA.

PASTEL — Nome que os marceneiros e lustradores dão à Latis tintoria, planta da família das Crucíferas, sucedânea do anil.

PASTILHA — Pequena peça de revestimento, quadrada ou hexagonal, de cerâmica, porcelana ou vidro, de diminuta espessura, que modernamente substitui os fragmentos irregulares dos antigos mosaicos. Hoje em dia são as pastilhas empregadíssimas no revestimento externo de edifícios e na confecção de painéis decorativos e, também, no revestimento de pisos.

PASTILHEIRO — Operário especializado no assentamento de pastilhas.

PATAMAR — Piso que separa os lanços de uma escada. Descanso. Ver ESCADA.

PATARÉU — O mesmo que PATAMAR.

PATENTE — Nos Estados do Sul, o mesmo que LATRINA, vaso sanitário. Espécie de mola que os marceneiros usam para fixar os guarda-ventos.

PATI — O mesmo que jerivá, coqueiro que fornece vigas para telhados.

PATIM — Pequeno patamar. Ver ESCADA.

PÁTINA — Oxidação das superfícies, de modo geral, pela ação do tempo, dando-lhes aspecto particular e original.

PATINAR — Produzir a pátina de modo forçado.

PATINGA — Toro de madeira, não serrado ou aparelhado.

PÁTIO — Recinto descoberto no interior de uma construção, ou área a ela encostada. Quintal murado. Átrio, vestíbulo. Grande saguão. Antigamente, escola onde se professavam humanidades.

Pátio interno na casa da Fazenda Colubandé, São Gonçalo, Estado do Rio, primeira metade do século XIX.

PATUQUIRI — Madeira. Ver CARNE DE VACA.

PAU-A-PIQUE — Nome dado a um tipo de TAIPA em que as paredes possuem uma armação de varas ou paus verticais unidos entre si por pequenas varas equidistantes e horizontais, situadas alternadamente do lado de fora e do lado de dentro. Essa trama de paus, fixados, em baixo nos baldrames e, em cima, nos frechais, é preenchida de barro. Ver TAIPA. O mesmo que TAIPA DE SEBE ou TAIPA DE SOPAPO.

PAU-A-PICAR — Fazer parede de pau-a-pique.

PAU-AMARANTE — Madeira. Ver PAU ROXO.

PAU-AMARELO — Madeira amarela clara do vale amazônico, usada na marcenaria e carpintaria. Também conhecida por PAU SETIM. Euxylophora paraensis, Hub. Família das Rutáceas. Pêso específico igual a 0,82. Os marceneiros e lustradores dão o nome de PAU AMARELO à amoreira amarela, ou "velho fuster", importada das Antilhas ou do México, que fornece, por decocção, um corante amarelo. Tal corante, em presença de certos agentes muda de côr. Assim, fica verde escuro em presença do cal, passa ao verde azeitona com o sulfato de ferro; ao vermelho ouro, com o percloreto de estanho e ao negro na presença do Vitríolo de Estrasburgo ou de campeche. Ver TAIÚVA e TAJUBA.

PAU-BÁLSAMO — Madeira. Ver BÁLSAMO.

PAU-BÔLO — Madeira. O mesmo que ANGELIM ROSA.

PAU BONITO — Madeira. Ver FRUTA DE BURRO.

PAU-BRANCO — Madeira usada na marcenaria e pequena carpintaria. Cordia oncacalix, Fr. Allemão. Família das Boragináceas.

PAU-BRASIL — Madeira de côr vermelha viva, com manchas escuras, fibras miúdas e revezadas. Talhe duro. Toros de 6 a 8 metros de comprimento e diâmetro que chega a atingir 0,80m. Pêso específico variando de 0,9 a 1,2. Usada na marcenaria de luxo. Boa para serviços de tôrno. Recebe muito bem o verniz. Produz a "Brasilina", para tintura-

ria. Coesalpina ecchianata, Lamk. Família das Leguminosas. Madeira também conhecida por IBIRAPITANGA, PAU PERNAMBUCO, PAU ROSADO, BRASILECTO, CUURAQUÃO, e ARABUTAM.

PAU-BRASIL AMARELO — O mesmo que LIMÃO RANA.

PAU-CACHORRO — Árvore que dá madeira boa para marcenaria e pequena carpintaria. Cordia chamissomiana, Stendel. Família das Borragináceas. É árvore ornamental.

PAU-CAMPECHE — Madeira de primeira qualidade usada em construções civis e na marcenaria. Haemotoxylon campechianum. Família das Leguminosas.

PAU CANDEIA — Madeira de largo uso em lugares úmidos, principalmente na feitura de esteios e postes. Talhe duro. Peso específico igual a 1.00. Lychnophora, Mart. Família das Compósitas.

PAU-CANDEIA DE MARAJÓ — Madeira boa para construções.

PAU CANUDO — Madeira. Ver CANUDO.

PAU-CAPETA — Madeira. GANHA SAIA.

PAU-CARGA — Madeira. Ver JEQUITIBÁ.

PAU COMPRIDO — O mesmo que PAU DE FILEIRA, ou CUMEEIRA.

PAU-CONCHA — Madeira de construção. Ver CARNE DE VACA.

PAU-CRAVO — Madeira. Ver PAU-ROSA.

PAU-D'ALHO — Árvore padrão de terra boa, que dá madeira de má qualidade para obras. No entanto, especialmente no litoral, é usada a sua madeira algumas vêzes na confecção de tábua para forros. Dela também se fazem canoas. Gallesia Scorododendrum, Casar. Família das Plytocaccaceas. Gallesia gororema. Pêso específico igual a 0,66.

PAU-D'ALHO FALSO — Madeira. Ver LIMÃO BRAVO.

PAU-D'ARCO AMARELO — Ver IPÊ TABACO.

PAU-D'ARCO PRÊTO — Ver IPÊ UNA.

PAU DA SERRA — Madeira. Ver FARINHA SÊCA.

PAU DE ANDRADE — Nome de certa madeira do Paraná empregada em construções civis.

PAU DE ARARA — Madeira. Ver FAVA DE BOLOTA.

PAU DE CORTUME — Também conhecida por PESSEGUEIRO BRABO, é árvore que fornece madeira utilizável na pequena carpintaria. Byrsonima spicata. Rich. Família das Malpigiáceas.

PAU DE FILEIRA — A viga mais elevada de um telhado, a CUMEEIRA.

PAU DE LEI — O mesmo que MADEIRA DE LEI.

PAU DE MACACO — Madeira. Ver FRUTA DE MACACO.

PAU DE MARIA — Madeira. Ver GUANANDI.

PAU-DE-ÓLEO — Madeira. Ver COPAÍBA.

PAU-DE-ÓLEO VERDADEIRO — O mesmo que CABREÚVA.

PAU DE PEITO — Nos guarda-corpos ou grades de madeira, especialmente nas sacadas ou janelas, nome de peça horizontal que une superiormente as balaustres. Peitoril de madeira.

PAU DE PÊSO — Nome de certa madeira do vale amazônico, de côr escura, de veios quase prêtos e usada na confecção de peças de resistência. Pêso específico igual a 1,35.

PAU DE POMBO — Ver SOBRASIL.

PAU DE QUADRA — Viga, barrote ou dormente de secção quadrada e falquejada nas quatro faces.

PAU DE RATO — Madeira. Também conhecida por CATINGA DE PORCO, que serve para pequena carpintaria. Coesalpinea bijuga, Sw. Família das Leguminosas.

PAU DE SANT'ANA — O mesmo que CANELA PARDA.

PAU DE TANHO BRANCO — Madeira. Ver GUATAMBU.

PAU DE TUCANO — Madeira. Ver FRUTA DE TUCANO.

PAU DOCE — Madeira. Ver FRUTA DE TUCANO e BURANHÉM.

PAU DURO — Madeira. Ver GUARATÃ.

PAU FERRO — Madeira. Ver GUARATÃ, ÉBANO E CORAÇÃO DE NEGRO. Com o nome de PAU FERRO também é conhecida a Swartzia tomentosa (willd) D.C., da família das Leguminosas mimosáceas, cuja madeira é usada na marcenaria e carpintaria. Também conhecida por PANACOCO e ANACOCO.

PAU JACARÉ — Ver JACARÉ.

PAU JANTAR — Madeira. Ver CORAÇÃO DE NEGRO.

PAU LISO — Madeira. Ver PAU MARFIM.

PAU MARFIM — Madeira com emprêgo tanto na carpintaria como na marcenaria. Caracteriza-se pela sua côr clara e uniforme. Conhecida também por FARINHA SÊCA ou PAU-LISO. Balfonrodendron Riedeliamum, Engl. Família das Rutáceas.

PAU MARFIM DA SERRA — Madeira. Ver GOERANA.

PAU MULATO — Madeira do vale amazônico de côr branca usada na marcenaria. Pêso específico igual a 0,85. Calycophillum spruceanum, Benth. Família das Rubiáceas.

PAU MULATO DA TERRA FIRME — Madeira do vale amazônico de côr parda escura, utilizável na marcenaria. Pêso específico igual a 0,71. Qualea dinizii, Ducke. Também conhecida por QUARUBA.

PAU PARATUDO — Madeira. Ver CHAPADA.

PAU PENTE — Madeira. O mesmo que ANGELIM ROSA.

PAU PEREIRA — Madeira. Ver GUATAMBU. Com o nome de PAU PEREIRA também é conhecida a árvore leguminosa Platycyamus regenellii, Benth., também chamada de PAU PENTE, FÔLHA DE BÔLO, CATAGOA, MANGALÔ, PEREIRA, PEREIRA AMARELA ou PEREIRA VERMELHA, CAMBARO DE BILRO e, finalmente, ANGELIM ROSA. Ver êste último verbete, onde há dados técnicos sôbre a madeira.

PAU PERNAMBUCANO — Madeira. Ver PAU BRASIL.

PAU POMBO — Árvore anacardiácea que dá madeira boa para marcenaria e carpintaria. Tapirica guianensis, Engl. Também conhecida por TAPIRIRI, TAPIRIRICA, TAPIRIRA, CEDRO NOVO, GUAPIRUVA. Pêso específico igual a 0,51. Limite de resistencia à compressão axial igual a 393 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 801 kg/cm2.

PAU PRÊTO DA TERRA FIRME — Madeira do Pará de côr castanha escura, quase negra, usada na construção civil, marcenaria, ebanisteria, etc. Swartizia fugaz, Benth. Família das Leguminosas cesalpináceas. Pêso específico igual a 1,17.

PAU RAINHA — Centrolobium paraense. Tull. Família as Leguminosas. Fornece madeira para tôda sorte de construções civis.

PAU RATO — Madeira. Ver CABRIÚVA.

PAU RIPA — Madeira também conhecida por ARAPAÇU PRÊTO, CAFÈZINHO, GUAMIRIM RIPA, MANDAPUÇA, PAU RIPA CLARO, PAU FERRO, PUÇA e XIPUTA. Mouririca, sp. Pêso específico (15% umidade) igual a 0,81. Limite de resistência a compressão axial igual a 513 kg/cm2. Limite de resistência a flexão estática igual a 840 kg/cm2.

PAU ROSA — Madeira. Ver MUIRAPINIMA e CABIÚNA. Com o nome de PAU ROSA também é conhecido a madeira fornecida pela Physocalyma scaberrimum, Phl., Família das Litráceas. Esta madeira também é chamada de PAU CRAVO ou SEBASTIÃO DE ARRUDA e possui côr amarela, com veios longitudinais vermelhos. Fibras muito regulares. Talhe duro. Boa para esteios vigas, obras externas em lugares, úmidos, etc. Marcenaria de luxo.

PAU ROSADO — Madeira. Ver PAU BRASIL.

PAU SANTO — Nome que antigamente era dado ao JACARANDÁ DO BREJO ou JACARANDÁ PARDO. Ver também, MOCITAÍBA. Com o nome de PAU SANTO também é conhecida madeira do vale amazônico, fornecida pela Zollernia paraensis, Hnl., de côr prêta esverdeada, usada na marcenaria e ebanisteria. Pêso específico igual a 1,33.

PAU SETIM — Belíssima e rara madeira para marcenaria de luxo, de côr amarela clara muito uniforme. Fibras direitas e finas. Talhe

macio. Toros de 6,00 a 8,00 e diâmetro até 0,80 m. Pêso específico 0,78. Aspidosperma eburneum, Fr. Allm. Família das Apocináceas. Também conhecida por MOURA, PEQUIÁ-MARFIM e ALMA DA SERRA. Ver GUATAMBU e PAU VERMELHO.

PAU TARTARUGA — Madeira. Ver MUIRAPINIMA.

PAU VIOLETA — Madeira. Ver CABIÚNA.

PAUSAGEM — Madeiramento em que há intervalos ou pausas entre as vigas.

PAVÃO — Na simbologia dos ornatos, o pavão representa a ressurreição, pois em tôdas as primaveras lhe crescem novamente as belas penas caídas no outono.

PAVIEIRA — O mesmo que PADIEIRA.

PAVILHÃO — Habitação portátil. Tenda, barraca. Pequena casa. Construção menor contígua a outra maior. Ala de um edifício. Pequena construção isolada, em recanto de jardim ou parque.

PAVIMENTAÇÃO — Ato ou efeito de pavimentar.

PAVIMENTADO — Provido de pavimento.

PAVIMENTAR — Fazer pavimentação ou revestir o chão: ladrilhar, assoalhar, asfaltar, etc.

PAVIMENTO — Nome genérico de todo e qualquer tipo de piso revestido. No linguajar comum a palavra designa cada um dos pisos de uma construção, desde o térreo até cada um dos andares ou sobrados.

PAVIMENTADO — Provido de pavimento.

PÉ — O mesmo que PILAR. Nome da face vertical do degrau, também chamada ESPÊLHO. Nome de antiga medida de comprimento, que por sua vez é dividida em doze polegadas. Cada polegada vale doze linhas e a linha doze pontos. A seguir, tabela indicando os vários valores que tomou o PÉ, no tempo e no espaço:

Pés antigos:

Pé grego ou olímpico	0,3082 m
macedônio	0,3535
egípcio	0,2707
romano	0,2963

Pés modernos:

Pé de rei	0,3247 m
inglês	0,3047
alemão	0,2896
prussiano	0,3138
austríaco	0,3161
belga	0,3048
holandês	0,2850
russo	0,3047
chinês	0,3583
português ou espanhol	0,2785
francês	0,325
sueco	0,297
suisso	0,300

PÉ DA ABÓBADA — Extensão de uma abóbada desde a IMPOSTA até onde ela se pode sustentar por si própria, sem o auxílio do SIMPLES.

PEANHA — Pequeno pedestal que serve de apoio a vasos, esculturas, etc., geralmente em balanço em relação à face da parede onde se apoia. O mesmo que CONSOLO.

PEDERNAL — Relativo à pedra. Rocha viva.

PEDESTAL — Nome do maciço de pedra que em certos casos, serve e apoio à coluna, tendo, geralmente, um têrço de sua altura. O pedestal é "contínuo", quando sustenta uma ordem de colunas. É "dobrado", quando sustenta duas colunas. Suporte. Peanha. Supedâneo.

PÉ-DE-BOI — Madeira do vale amazônico de côr castanha amarelada, boa para marcenaria e abanisteria. Pêso específico igual a 1,03. Banhinia macrostachya, Benth. Família das Leguminosas cesalpináceas.

PÉ-DE-MOLEQUE — Calçamento de rua, ou qualquer outra pavimentação, executado com pedras irregulares, de diferentes tamanhos. Geralmente seixos rolados.

PÉ-DIREITO — Maciço de pedra que suporta os empuxos de um arco ou abóbada. Nome da altura da coluna, ou pilar, em que se apoia um arco. Altura das ombreiras das portas. O mesmo que ESTEIO. Modernamente o têrmo designa a altura livre entre o piso e o fôrro de qualquer compartimento ou pavimento.

PEDOLOGIA — Ciência que estuda os solos. EDAFOLOGIA.

PEDRA — No linguajar arquitetônico, nome de qualquer fragmento de rocha, irregular ou aparelhado, empregável em construções, tanto como alvenaria como material de sôbre-revestimento. PEDRA ANGULAR ou BASILAR, de um modo especial, é a base, o fundamento. Geralmente, diz-se que é a pedra de fundação, do alicerce. PEDRA BRITADA, ou BRITA, é a pedra fragmentada em diminutos pedaços e com largo uso no concreto armado. PEDRA BROEIRA, é um tipo brando de grés amarelado. PEDRA-BRONZE é o nome dado à diabase em algumas regiões brasileiras. PEDRA CURUBA é um tipo friável de granito, usado em construções. PEDRA DE ABANCADO, nas pedreiras, é a pedra extraída da última camada. PEDRA DE OBRAGEM, o mesmo que pedra boa para construção. PEDRA SABÃO, o mesmo que ESTEATITA. PEDRA FUNDAMENTAL, o que serve de fundamento numa construção. A primeira pedra lançada nos alicerceres. PEDRA DO ÂNGULO ou do CANTO é a que tem duas faces concorrentes aparelhadas e aparentes nos CUNHAIS. PEDRA SOLTA ou SÊCA, é cada uma das pedras de um muro ENSÔSSO. PEDRA-UME é o sulfato duplo de alumínio e potássio, usado nas pinturas a cal, para tornar o material mais aderente. PEDRA D'ARA, é a pedra do ALTAR. PEDRA DO REINO é o nome dado antigamente aos mármores e granitos que já vinham aparelhados de Portugal, servindo de lastro nos navios que retornavam com os produtos da terra. PEDRA DO CAFÈZAL, é o nome dado ao BASALTO que, em fragmentos escuros, é usado na confecção de pisos, principalmente o tipo chamado MOSAICO português.

PEDRADO — Imitando pedra. Diz-se da pintura com salpicos pretos e brancos. Ornado de pedras. O mesmo que empedrada.

PEDRAGULHO — O mesmo que PEDREGULHO.

PEDRAL — Relativo à PEDRA. Local cheio de pedras.

PEDRANCEIRA — Monte de pedras.

PEDRÃO — O mesmo que PADRÃO.

PEDRARIA — Porção de pedras de cantaria.

PEDRARIA DE LANCIL — Ver LANCIL.

PEDREGÃO — Nó de madeira.

PEDREGULHO — Significa a grande pedra. Calhau, penedo. Monte de pedras. Local onde há muitas pedras miúdas. Cotidianamente, no linguajar comum, dá-se o nome de pedregulho ao seixo rolado, tirado dos fundos dos rios ou das minas, com largo uso no preparo do concreto armado.

PEDREIRA — Lugar ou rocha donde se extrai pedras para construção ou calçamento.

PEDREIRO — Operário que trabalha em obra de alvenaria de tijolos, pedras, etc., ALVANEL. No Pará dá-se o nome de PEDREIRO-DE-MÃO-CHEIA ao operário que executa paredes de taipa de mão, ou de sebe, enchendo os trançados de pau a pique com barro.

PEDRENTO — Que tem aspecto de pedra.

PEDREZ — Semelhante à pedra. Diz-se do objeto ou da pintura sarapintada de branco e prêto. Mosaico de pedras brancas e prêtas uniformemente misturadas. Aldrava ou fêcho de uma porta.

PEDREOUÇO — Montão de pedras. Existe a variante "pedranço".

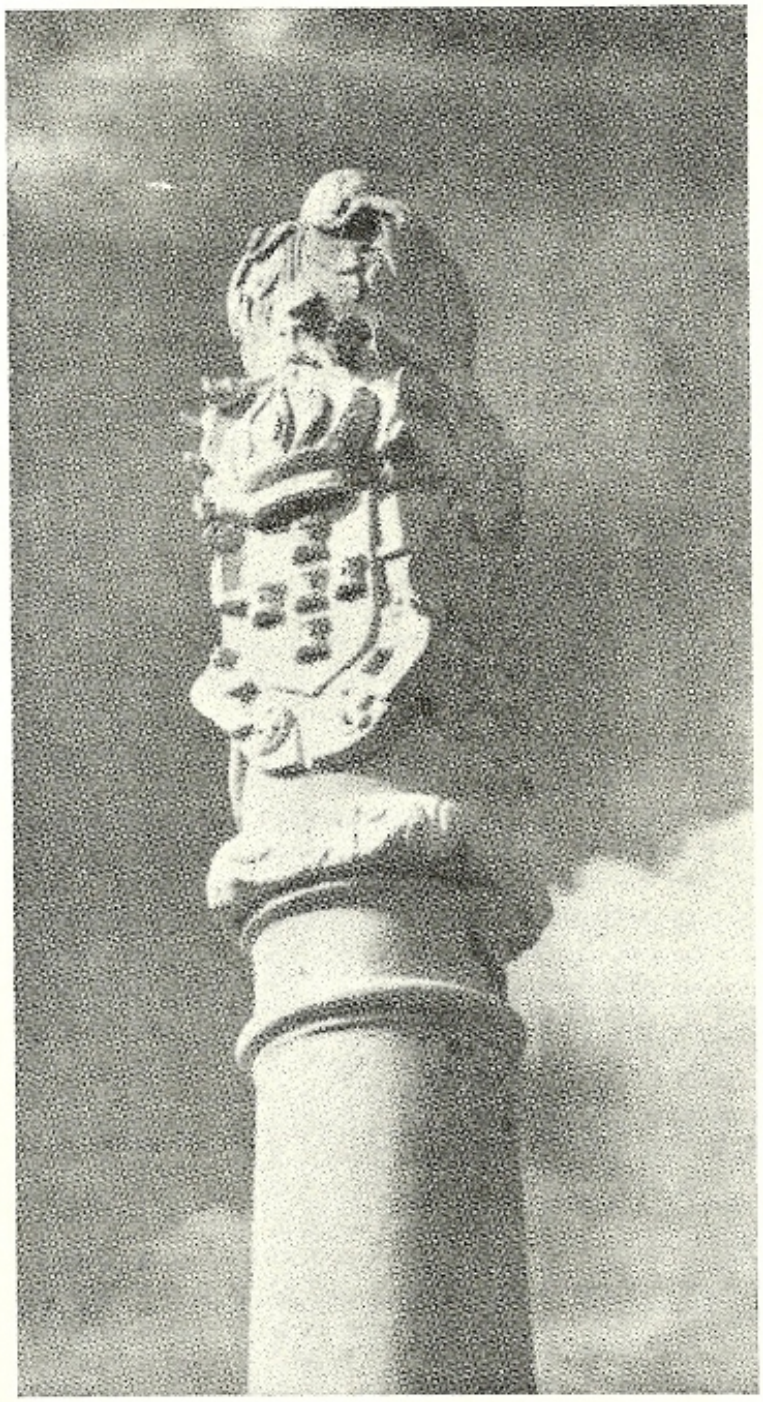
PEGA — Nome que se dá à propriedade das pedras e argamassas de se unirem formando um todo maciço e resistente. Vulgarmente, nos dias de hoje, diz-se que a argamassa, o concreto e a massa de cimento "dão pega", quando, sêcas, adquirem dureza e resistência. Sòmente depois da "pega" é que os tijolos se fixam, dando estabilidade à parede.

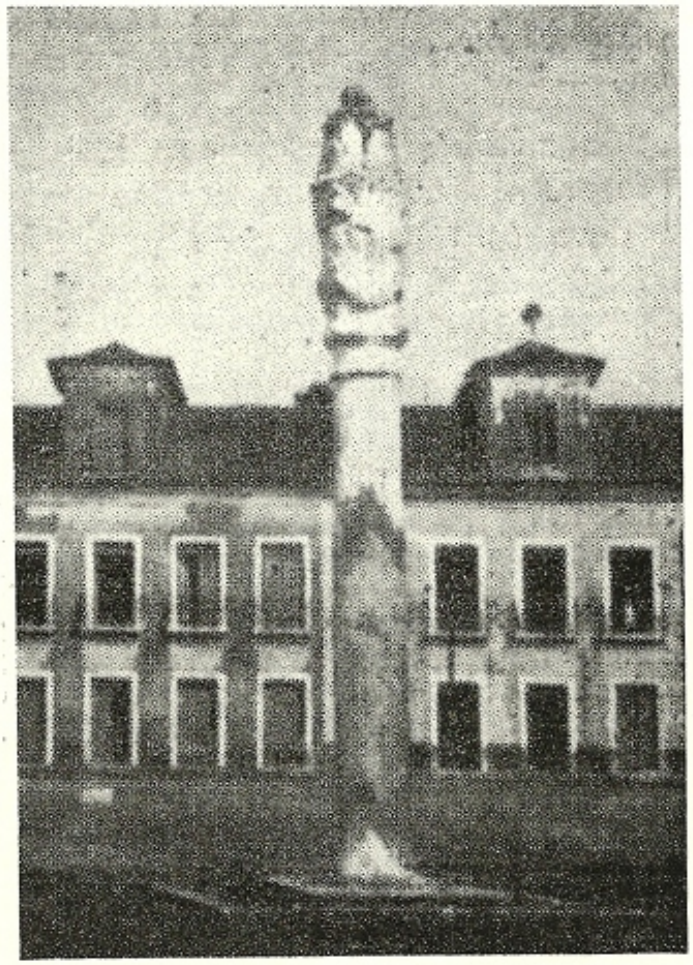
PEGÃO — Grande pilar ou maciço de alvenaria que serve de refôrço a muros sujeitos a grandes esforços. O mesmo que BOTARÉU. Pilar que serve de apoio aos ARCOS, ABÓBADAS e PONTES.

PEGO — O mesmo que cofre. Também, parte mais funda do rio, do lago, etc.

PEITO-DE-POMBA — Diz-se da moldura cujo perfil apresenta um quarto de círculo.

PEITORIL — Nome da superfície horizontal de fêcho inferior de uma janela. Por extensão, dá-se o nome de peitoril ao muro, ao parapeito ou balaustrada que serve de encôsto e resguardo das janelas rasgadas, terraços, balcões e varandas. Ver JANELA e PARAPEITO.





Pelourinho da cidade de Alcântara, no Maranhão. Êste talvez seja o único exemplar autêntico de pelourinho ainda existente no Brasil. Por razões desconhecidas, essa peça da época colonial atravessou incólume todo o tempo do Império brasileiro, ostentando as armas do rei de Portugal. Sòmente na proclamação da República é que foi posto por terra, quebrado e enterrado. Há poucos anos foi novamente reconstituído e levantado em seu lugar primitivo, como monumento histórico e evocativo de uma época.

PEJI — Santuário das divindades do candomblé, instalado no interior da casa onde é exercido aquêle culto.

PELICANO — Ave que, na simbologia dos ornatos, representa Jesus Cristo. Simboliza, também, o amor paterno devido à lenda em que o pelicano se fere no peito para nutrir seus filhos.

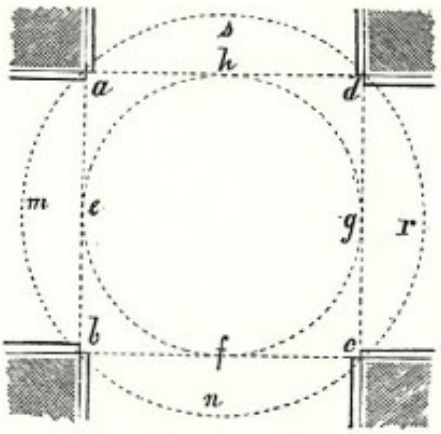
PELO — O mesmo que LESIM.

PELOURINHO — Em nossas antigas vilas, que hoje seriam as nossas atuais sedes de municípios, nome do marco de madeira ou pedra que simbolizava a autoridade de poder constituído, tendo sempre como arremates as armas "del'Rey". Foi tradição serem amarrados aos pelourinhos os escravos sujeitos a açoites em público, é daí, por extensão, o nome passou a designar a coluna onde era exercido aquêle suplício. Variante, "peloirinho".

PENACHO — Ornato contendo PLUMAS, geralmente coroando pináculos. O mesmo que PENDENTE.

PENAGUBA — Madeira. Ver CABIÚNA.

PENDENTE — Nas abóbadas esféricas, que cobrem recinto de plantas quadrada, nome de



A ilustração acima, de autoria de Luís Augusto Leitão (Curso Elementar de construções, Lisboa. 1896, pág. 255) indica como se obtém uma abóbada dependentes. O espaço a ser coberto é delimitado pelas letras *a b c d*. Imagine-se uma abóbada esférica indicada pelas letras *m n r s* e cortada pelos planos verticais que passam pelos quatro lados do quadrado a ser coberto. Sobram a calota esférica e *f g h* e os quatro triângulos esféricos *a h e, e b f, f c g e g d h*, denominados PENDENTES.

cada um dos triângulos esféricos que resultam nos quatro cantos. Elemento de composição inclinado, deitado para um dos lados.

PENDOR — Declive. Inclinação. Obliquidade.

PENDURADO — Em São Paulo, diz-se do terreno em declive muito forte, muito íngreme.

PENDURAL — Nas tesouras dos telhados, nome da peça perpendicular aos tirantes e que recebe as escoras e as mãos francesas e que, ainda, resiste à flexão do tirante.

PENDURÃO — O mesmo que PENDENTE.

PENEDO — Grande pedra. Calhau. Pedaço de pedra, como sai da pedreira.

PENEIRA — Tecido metálico fixado a aro retangular, ou circular, usado para separar, nas obras, areia fina da grossa. Nome que no norte se dava às URUPEMAS, ou vedação de palha trançada colocada à feição de RÓTULA nas janelas.

PENEJAR — Desenhar com pena.

PENELA — Outeiro. Penha pequena.

PENHA — Fraga. Rocha. Penhasco.

PENITENCIÁRIA — Edifício no qual são alojados e encarcerados certos criminosos por sentença judicial. Caracteriza-se êsse programa arquitetônico principalmente pela existência das células onde deverão ficar os penitenciários separados uns dos outros.

PENSÃO — Nome dado, no Brasil, a pequeno hotel de caráter familiar.

PÊNSIL — Suspenso. Também designa-se, assim ao que é construído sôbre abóbadas ou colunas.

PENTÁGRAFO — Instrumento com que pode copiar desenhos quem não sabe desenhar.

PENTÁPOLE — Designativo de território que abrange cinco cidades.

PENTÁSTILO — Pórtico de cinco colunas ou edifício com cinco colunas no frontispício. Também é usada ou admitida a forma "pentastilo".

PEQUIÁ — Árvore de grande desenvolvimento, porém bastante tortuosa, que chega a dar toros de 6 a 8 metros de comprimento de madeira amarela assetinada clara, boa para construções. Fibras finas e direitas. Talhe macio. A madeira também é boa para marcenaria, recebendo muito bem o verniz. Ótima para esteios em lugares úmidos e para dormentes. Também conhecida por PIQUI ou PEQUIÁ BRAVO. Caryocar brasiliensis, Cam. Família das Cariocaráceas. Citada por Gabriel Soares de Souza na sua "Notícia do Brasil" como madeira de ótima qualidade, que "dura sem apodrecer para fim dos fins, ainda que esteja lançada sôbre a terra ao sol e à chuva'.

PEQUIÁ-AMARELO — Madeira. Ver GUATAMBU.

PEQUIÁ-BRANCO — Madeira. Ver GUATAMBU.

PEQUIÁ-MARFIM — Madeira de construção. Ver PAU-SETIM e, também, GUATAMBU.

PEQUIÁ-DOCE — Madeira. Ver GUATAMBU.

PEQUIÁ-MARFIM — Madeira de construção. Ver PAU-SETIM e, também, GUATAMBU.

PÊRA — Interruptor de luz elétrica instalado na extremidade de um fio e que apresenta a forma daquela fruta.

PÉRA-FITA — Têrmo antigo que designa a grande pedra ou o monumento megalítico.

PERAMBEIRA — No Brasil, precipício. Abismo.

PERAU — Lugar profundo na água do rio ou do lago. Pega. Barranco.

PERCEVEJO — Prego de pequenas dimensões com cabeça chata em forma de disco, que é usado normalmente para fixar desenhos na prancheta, fixar avisos e editais nas paredes ou painéis, etc. TACHA.

PERCHA — Vara comprida usada para medir terras. Costumava ter de comprimento 18,20 ou 22 pés franceses. Pilar delgado e comprido, de secção, redonda, comum na arquitetura ogival.

PERCINTA — Cinta de amarração. Ferro em espiral que envolve e segura um feixe de barras verticais.

PEREIRA — Madeira. ANGELIM-ROSA

PEREIRA-AMARELA — Madeira. Ver PAU PEREIRA.

PEREIRA-VERMELHA — Madeira. Ver PEREIRA.

PEREIRO — Madeira. Ver GUATAMBU.

PERFEIÇÃO — Execução completa. Acabamento.

PERFIL — O contôrno de um objeto, de uma moldura. Desenho do corte (transversal ou horizontal) de um edifício. Empregado em linguagem técnica com relação ao solo, ao terreno. Perfil do terreno refere-se ao corte vertical de determinada porção de solo, que permitirá identificar sua real constituição física. Ver TOPOGRAFIA e MODENATURA.

PÉRGOLA — Proteção executada em jardins ou espaços livres, apoiada em colunas ou em balanço e constituída geralmente de elementos paralelos ou cruzados de madeira, alvenaria ou concreto armado. Apesar da forma "pérgula" ser a mais correta na linguagem comum arquitetônica, "pérgola" é a mais usada.

PÉRGULA — O mesmo que PÉRGOLA.

PERI — No Brasil também designa o sulco formado pelo escoamento das águas em declive.

PERÍBOLO — Espaço entre um edifício e muro que o cerca. Pátio. O mesmo que ADRO.

PERÍDROMO — Galeria ou passeio coberto em volta de um edifício.

PERIFERIA — Contôrno de uma figura curvilínea. Circunferência. Superfície de um sólido.

PERILHA — Ornato semelhante a uma pêra.

PERILO — Arremate piramidal extremamente agudo. O mesmo que AGULHA.

PERÍMETRO — Linha de contôrno de uma figura. Circunferência. Soma dos lados de um polígno.

PERÍPTERO — Edifício que contém em tôda sua volta externamente uma ordem de colunas isoladas. Existe a forma antiga PERIPTÉRO.

PERIPTÉRIO — O mesmo que PERÍPTERO.

PERIQUITEIRO-DA-MATA — Árvore do vale amazônico que fornece madeira boa para marcenaria, de côr amarela pardacenta. Pêso específico a 0,78. Chlospermum orinocense, Stend. Família das Coclospernáceas.

PERISTILO — O mesmo que COLUNATA, série de colunas formando galeria coberta em tôrno de um edifício ou de um pátio.

PERLONGO — Ver PROLONGO.

PERNA — Nome de cada uma das vigas inclinadas que compõem as ASNAS. Nome da viga, também inclinada, onde se apoiam os degraus de uma escada. Ver ESCADA e BANZO. Em um fôrro retangular, nome do lado mais comprido.

PERNA-DE-SERRA — Peça de madeira, empregada em construção.

PERNA-MANCA — Travessa de madeira.

PERNE — Eixo, ou cavilha, de madeira ou metal, que serve para unir, segurar ou prender duas ou mais partes entre si. O têrmo é mais usado para designar o espigão, ou eixo de ferro empregado para ligar duas peças de mármore de vulto. Antigamente, entre nós, o têrmo também foi usado como sinônimo de MACHO dos gonzos. Francisco Antonio Lopes, em "Os Palácios de Vila Rica", transcreve, por exemplo, um trecho das especificações do "palácio velho" de Ouro Prêto, em que a palavra aparece com aquêle sentido: "As portas principais se moverão sôbre grossos pernes de ferro, ou lemes que se chumbarão nas paredes, ou como parecer melhor".

PERNO — O mesmo que PERNE.

PEROBA — Nome comum de várias árvores da família das apocináceas, que dão madeira de lei com largo emprêgo na construção civil e na marcenaria. A mais comum é a PEROBA ROSA, fornecida pela Aspidosperma peroba. Fr. Allemão; pela Aspidosperma polyneuron, Muell. Arg. e pela Aspidosperma dasycarpum, D. C.. Sua côr é muito variável, indo do amarelo claro, passando pelo rosa, chegando até a apresentar veios vermelhos escuros. Daí designações populares tais como "peroba grande", ou graúda, amarela, parda, prêta (veios escuros, quase pretos) rosa, vermelha, etc. Fala-se também, em "peroba rajada", "peroba revessa", "peroba tremida", etc. Pêso específico igual a 0,87. Limite de resistência à compressão axial igual a 580 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 1096 kg/cm² (15% da umidade). Também conhecida por PEROBA MIRIM. Várias outras árvores da mesma família existem, que fornecem madeira boa para construções com características iguais às apontadas atrás.

PEROBA-AMARELA — Ver IPÊ PEROBA.

PEROBA-BRANCA — Madeira. Ver IPÊ-PEROBA. Nome também de árvore de Santa Catarina, Sapota gonocarpa.

PEROBA-DA-LAGOA SANTA — O mesmo que PEROBA DE MINAS.

PEROBA-DE-CAMPOS — Madeira. Ver IPÊ-PEROBA. Nome também, da aspidosderna camporum, Muell. Família das Apocináceas. Ver PEROBA.

PEROBA-DE-MINAS — Madeira, também conhecida por PEROBA DA LAGOA SANTA. Aspidosperma lagoensis, Muell. Ver PEROBA.

PEROBA-MANCHADA — Ver IPÊ PEROBA.

PEROBA-PARDA — Ver IPÊ PEROBA. Nome, também, da Aspidosperma lencomelanum, Warn. Ver PEROBA.

PEROBA-RAJADA — O mesmo que PEROBA PARDA.

PEROBA-REVESSA — Madeira de construção. Aspidosperma specciosa. Ver PEROBA.

PEROBA-ROSA — Ver PEROBA.

PEROBA-SETIM — Madeira. Ver GUATAMBU.

PEROBA-TREMIDA — Madeira. Ver IPÊ PEROBA.

PEROBINHA — Madeira. Ver CHAPADA.

PEROBINHA DO CAMPO — Ver JOÃO CORREIA.

PÉROLA — Cada uma das pequenas esferas encarreiradas formando ornato em certas molduras. O mesmo que conta.

PEROVANA — Madeira. Ver PINDAÍBA.

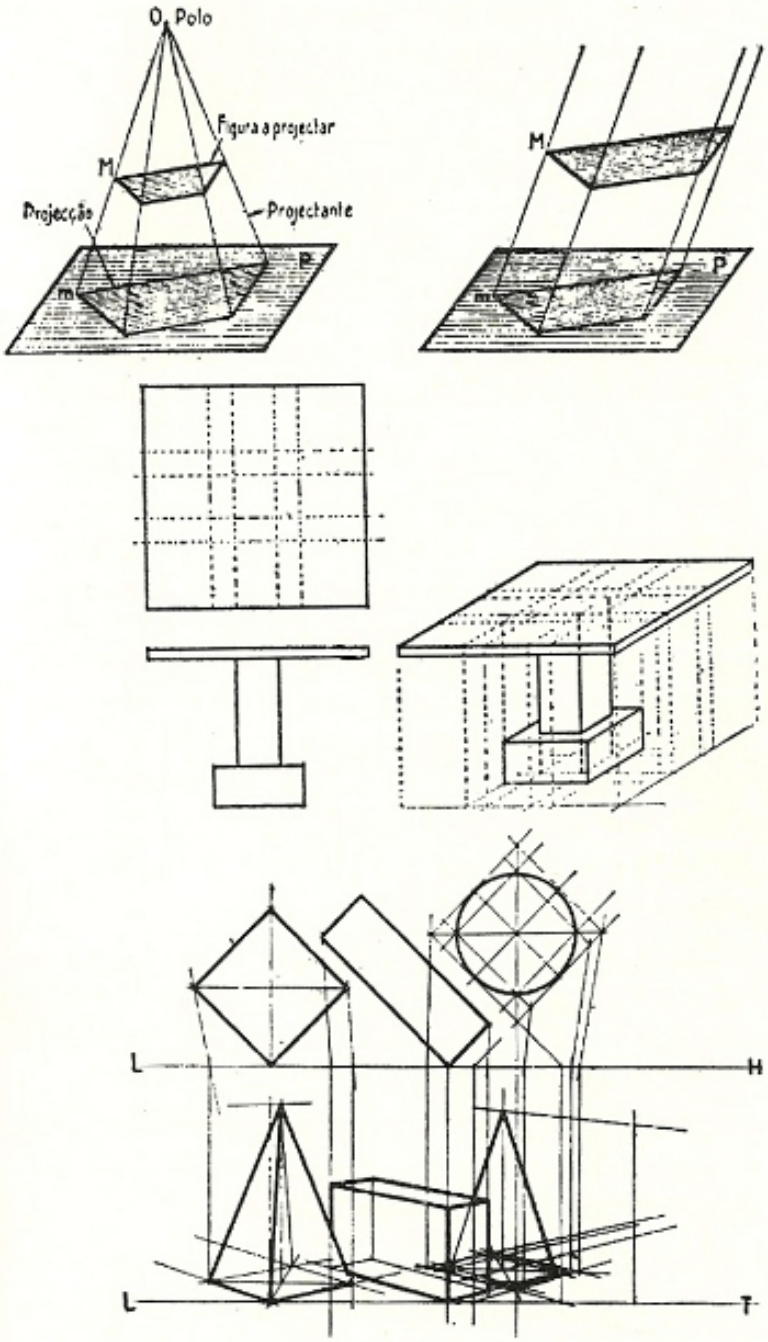
PERPIANHO — Nome da pedra ou tijolo que atravessa tôda a espessura de uma parede. Pedra de alvenaria cujas faces opostas são visíveis. O mesmo que AJUNTOURA.

PERSA — Ver PÉRSICA.

PERSIANA — Antigo anteparo formado de pequenas réguas de madeira que, colocado em frente das janelas, evitava o devassamento e protegia o interior dos raios solares. Hoje em dia as persianas estão aperfeiçoadas, enrolando-se em tôrno de eixos colocados acima das janelas e são comandadas, isto é, enroladas ou desenroladas, por meio de um cabo lateral. Podem ser de madeira, metálicas ou plásticas.

PÉRSICA — O mesmo que CARIÁTIDE. Existe também a forma PERSA.

PERSPECTIVA — Parte do desenho que ensina a representar num plano os objetos tais como se apresentam à vista. Arte de representar o objeto, com as modificações aparentes neles produzidas pela distância e pela posição. Como definiu Leonardo da Vinci "é a arte de representar o que se vê ou seja, desenhar objetos parecidos aos que contemplamos com os olhos". Também pode ser aplicada: a perspectiva tem por fim representar os corpos de 3 dimensões, em superfícies planas de 2 dimensões respeitando o aspecto deformado com que se apresentam à nossa vista. O objeto é substituído pela sua imagem, representada numa superfície interposta entre o observador e o objeto a representar. A perspectiva pode ser feita através de três processos essenciais: a) a **perspectiva linear ou rigorosa** — também chamada "cônica", "artística", etc. — se ba-



O primeiro e o último desenho mostram tipo de perspectiva denominada cônica, ou polar, ou ainda linear. Os demais exemplos referem-se à perspectiva cilíndrica ou cavaleira.

seia nas projeções cônicas, nas quais tôdas as linhas de projeção são concorrentes a um ponto, formando um cone. Sendo êsse ponto o olho do observador, temos a perspectiva linear, a mais usada em desenho arquitetônico; b) a **perspectiva cavaleira** — também chamada de "cilíndrica" — que é um caso particular da perspectiva cônica, em que o observador se encontra no infinito, numa direção dada. Baseia-se nas projeções cilídricas ou oblíquas e é usada para detalhes arquitetônicas e técnicos; c) a **perspectiva axonométrica,** que é uma projeção ortogonal feita sôbre um plano oblíquo às três direções principais do objeto. Em arquitetura, as perspectivas linear, cavaleira ou axonométrica, através de seus inúmeros processos, são feitas de modo geral segundo a linha de "horizonte normal", isto é, até a altura maior do objeto, seja o cubo ou o "arranha-céu" ou a linha de "horizonte mais alto" que dá origem à perspectiva chamada "aérea", também muito usada em desenho arquitetônico. É usada também, geralmente a forma PERSPETIVA.

PERSPECTIVAÇÃO — Ato ou efeito de PERSPECTIVAR.

PERSPECTIVAR — Pôr em perspectiva.

PERSPÉTICO — Desenho em perspectiva. Desenho perspectivo.

PERSPECTÍVICO — Relativo a PERSPECTIVA.

PERSPECTIVO — Ver PERSPÉCTICO.

PERXINA — Triângulo esférico, como fala Assis Rodrigues, "a maneira de concha que na língua de Limoges se diz pechina", usado como elemento de sustentação em balanço, para apoio de guaritas, nos cunhais das fortalezas. No entanto, seu emprêgo mais comum e mais racional foi na sustentação das abóbadas, principalmente os de "meia laranja". Neste caso das abóbadas, a perxina toma o nome de PENDENTE. O mesmo que TROMPA.

PESCOÇÃO — Designação regional, principalmente em Minas Gerais, dada à técnica de barreamento das paredes de taipa de mão, dizendo-se "parede de pescoção". No norte, diz-se "tapona". No Rio, São Paulo, Mato Grosso, por sua vez diz-se "parede de sopapo". Ver TAIPA DE MÃO.

PESSEGUEIRO-BRAVO — Madeira. Ver PAU DE CORTUME.

PESTANA — Metade de uma telha colocada ao lado das chaminés, perpendicularmente ao sentido das águas, para evitar infiltrações. Hoje há quem dê o mesmo nome à chapa de fôlha de flandres com a mesma função nos encontros de telhados com paredes elevadas ou platibandas. Também, vegetação arbórea a margem dos rios e lagos. Ver RUFO.

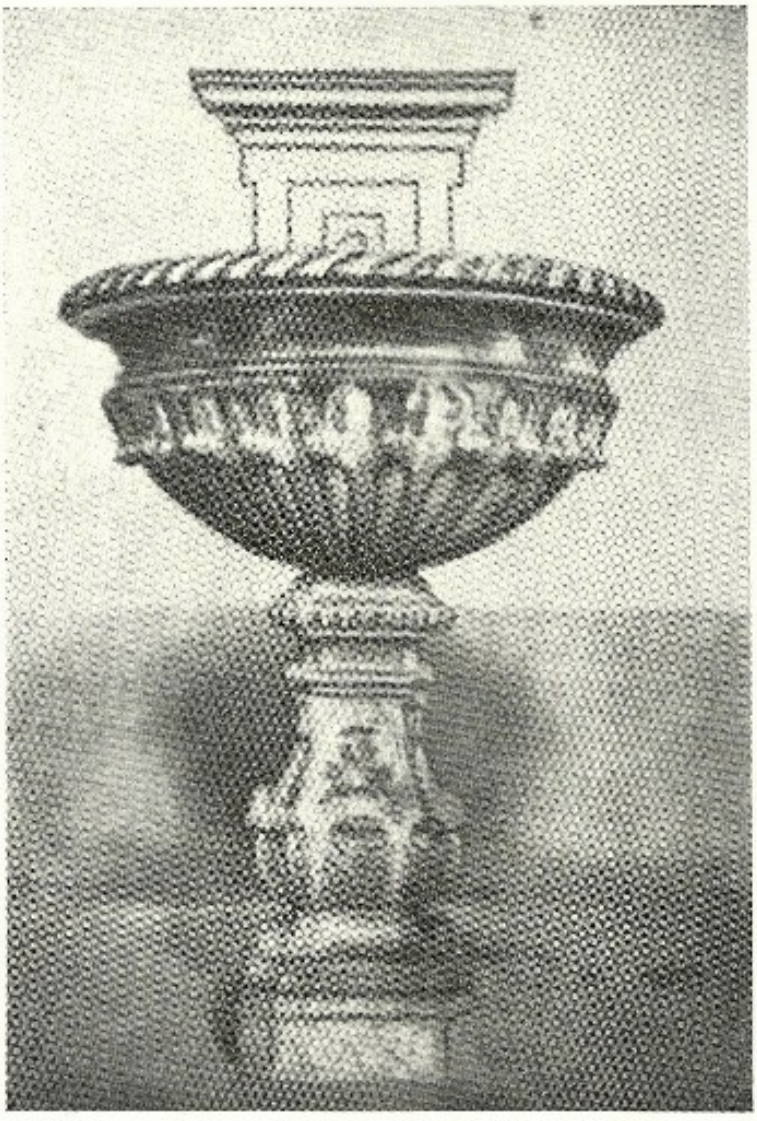
PESTILO — O mesmo que ALDRAVA.

PETECAR — Ornar de modo exagerado e inestético.

PETIPÉ — Palavra híbrida, do francês "petit" mais "pé", usada antigamente para designar a escala ou régua com divisões, usada pelos arquitetos. Escala de reduções.

PEZ — O mesmo que alcatrão, breu, piche. Nome de certas resinas usadas no preparo de vernizes. PEZ LORIO, ou PEZ SÊCO é o mesmo que COLOFÔNIA.

PIA — Do latim "Pila", que se refere à pedra cavada com um buraco, por onde se fazem os despejos da cozinha. Vaso de pedra, para líquidos. Lavabo. Lavatório. Bacia de forma retangular, em geral, com água encanada e esgôto, para lavagem de pratos e utensílios de cozinha. Há ainda, "pia-batismal", que é grande vaso apoiado na parede ou em coluna contendo água do batismo.



Pia batismal na Igreja N. S. da Conceição, em Sabará, Minas.

PIAL — Têrmo que costuma aparecer em algumas de nossas velhas especificações, ou "condições" mineiras, com sentido de POIAL, ou prateleira de alvenaria.

PIAMBRE — O mesmo que TRIBUNA.

PIÃO — Núcleo central e vertical das escadas em caracol. Ver ESCADA.

PICADEIRA — Instrumento usado pelos pedreiros para partir, cortar e tirar irregularidades dos tijolos. Serve, também, para desbastar ou desmanchar o revestimento das paredes. Em Pernambuco, o mesmo que "cartadeira", peça de metal.

PICADEIRO — Recinto onde se adestram cavalos. Lugar onde se fazem exercícios e demonstrações de equitação. Por extensão, nos circos, lugar onde os artistas se exibem. Peça nos bancos de carpinteiros que serve para entalar a madeira em que se trabalha (também cabeçote). Nos engenhos, onde se deposita a cana. O mesmo que oficina.

PICÃO — Escopro para lavrar pedras. Picareta.

PICAR — Em esteios de madeira que devem ser revestidos de argamassa comum, ou estuque, fazer com instrumento cortante, entalhes ou furos para retenção da massa.

PICARETA — Instrumento de ferro de duas pontas, para escavar terra, arrancar pedras, etc. empregado nas construções.

PIÇARRA — Terra misturada com areia e pedregulho formando aglomerado naturalmente resistente. Pedreira. Xisto estratificado cujas fôlhas são mecânicamente separáveis.

PICHAR — Pintar com PICHE.

PICHAÇÃO — Ato de pichar. Pichagem, pichamento.

PICHE — Substância negra, resinosa muito pegajosa, produto da destilação do alcatração ou da terebentina. Pez.

PICHELARIA — Obras em estanho, oficina do picheleiro.

PICHELEIRO — Nome do operário que trabalha com fôlhas de Flandres, ou com peças de estanho. O têrmo no entanto, não é aplicado ao operário, que nesse mister trabalha em construções. É usada a palavra funileiro.

PICHURUM — Árvore que fornece madeira para pequena carpintaria. Nectandaria Pychurim major, Nees., Também conhecida por PUCHURI.

PICNOSTILO — Pequeno intercolúnio. Edifício em que as colunas têm pequeno intervalo entre si.

PICO — Em Portugal, maço de carvalho usado pelo oleiro para triturar a argila e misturar o barro. O mesmo que PILÃO. CUME. PINÁCULO.

PICOLA — Instrumento de ferro usado para aparelhar e afagar a superfície das pedras. Ver Bujarda.

PICOLAR — Por extensão, emprega-se o têrmo para designar o ato de uso da picola. Afagar a pedra, alisar a pedra, ou mesmo o concreto depois de desformado. Diz-se picolar quando para isso é usada a picola.

PICOLETE — Pequena saliência de uma peça, a qual entra no rebaixo, cavado noutra peça.

PICOSO — Que tem picos. Terminado em pico ou cume. Alto.

PICOTA — Poste onde eram amarrados para o suplício do açoite os delinquentes. Cegonha para tirar água das cisternas. Haste de êmbolo das bombas.

PICÔTO — Pirâmide em marco geodésico, no cimo de um monte.

PICUABA — Em Pernambuco, designa rebôco de argamassa de cimento, areia e qualquer matéria colorante, com a qual se imita cantaria de pedra, de variados tipos.

PICUDO — Que tem pico.

PILÃO — O mesmo que PILONE e, também, o mesmo que PICADEIRO circular. Maço cilíndrico de madeira, às vêzes usado para misturar a cal e a areia das argamassas. Pêso provido de haste comprida usado para compactar a terra dos alicerces. Ver TAIPA.

PILAR — Elemento estrutural, que trabalha a compressão. Quando sua secção é circular recebe o nome de coluna. Daí, no linguajar comum, chamar-se de pilar ùnicamente o elemento sustentante de secção quadrada ou poligonal. Ver ESCADA DE CARACOL.

PILARETE — Diminutivo de pilar.

PILASTRA — Pilar de quatro faces, em geral aderente por uma delas à parede da edificação. O mesmo que LESENA.

PILASTRÃO — Pilastra de grandes proporções.

PILASTRARIA — Conjunto de PILASTRAS, pilastrada.

PILASTRINA — Forma de raro emprêgo para designar pequena pilastra.

PILETA — No Rio Grande do Sul, chama-se assim, tanque, pia.

PILHEIRA — Junto às lareiras, local onde é depositada a cinza do fogo já extinto. Nicho na parede para guardar vasilhame de água potável e outros pequenos objetos.

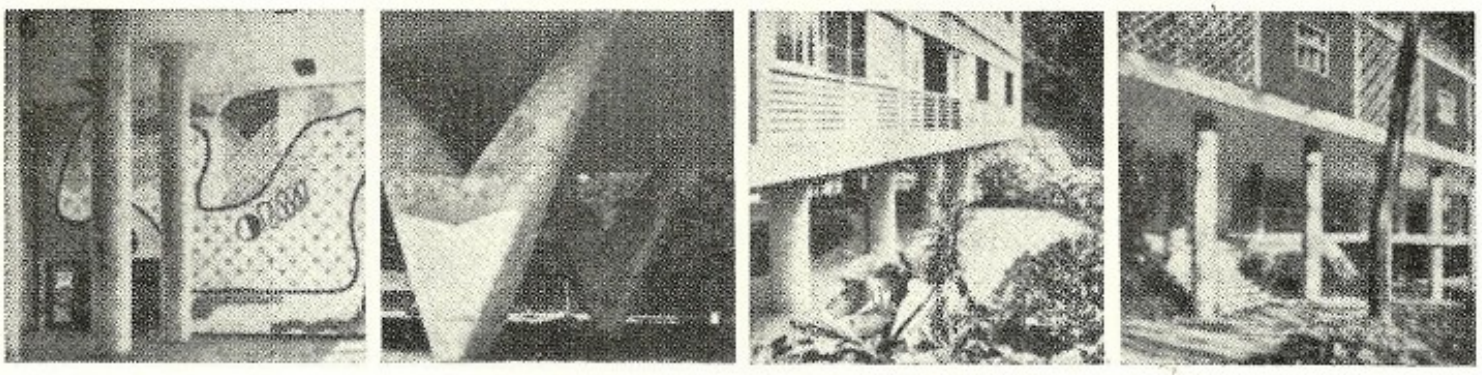
PILHEIRO — Reservatório de água.

PILHETA — Caixa de alvenaria conjugada a uma tubulação de água para reter o lodo e detritos. Caixa de decantação.

PILONE — Pórtico de templo egípcio formado de duas pirâmides truncadas com a entrada no meio delas. Hoje, êsse têrmo tem sido empregado na linguagem comum arquitetônica para designar o pilotis de grande espessura, a coluna grossa quando existem em pouco número sob um edifício. Há a forma "pilono", mas não é usada.

PILONO — Ver PILONE.

PILOTIS — De origem francesa, provém da palavra "pilot" que quer dizer estaca. PILOTIS quer dizer "conjunto de estacas". Hoje, depois de Le Corbusier ter estabelecido os 5 princípios da arquitetura funcional, pilotis passou a ser usado comumente para designar o conjunto das colunas que sustentam a edificação, deixando livre o pavimento térreo. Enquanto há alguns anos passados, na arquitetura brasileira, passou-se a usar o têrmo pilotis para aquelas colunas que eram de secção



Diversos tipos de pilotis.

circular, chamando-se de pilares as quadradas ou retangulares, hoje de modo geral designamos por pilotis todo conjunto de colunas que mantêm o terreno livre e que tenham qualquer secção e qualquer formato, isto é, desde a cilíndrica até a em forma de V, de Y, cônica ou piramidal, etc.

PILÔTO — Nos aquecedores a gás, pequeno bico permanentemente aceso e que acende os demais automàticamente, uma vez principiada a circulação de água através do aparelho.

PILÔTO DE RUMOS — Nome que antigamente se dava ao topógrafo incumbido de demarcar terrenos e medir sesmarias.

PIMENTA DE BUGRE — Madeira. Ver FRUTA DE BURRO.

PIMENTA DE MACACO — Madeira. Ver FRUTA DE BURRO.

PIMENTA DA TERRA — Madeira. Ver FRUTA DE BURRO.

PINACOTECA — Edifício ou recinto que contém coleção de pintura. Museu de quadros.

PINÁCULO — O ponto mais alto de um edifício. Ver AMORTIDO.

PINANTE — No Brasil, em algumas regiões, apesar de pouco uso, o menino que trabalha em obras de construção civil e em especial na construção de estradas como guia das carrocinhas de atêrro.

PINÁRIO — Deformação do têrmo PINÁSIO, que aparece raramente na linguagem escrita ou falada.

PINÁS — O mesmo que PINÁSIO.

PINÁSIO — Entre os carpinteiros do sul do país, nome das travessas das portas engradadas, ou almofadadas. Em São Paulo, o nome é dado principalmente à travessa inferior, mais larga que as demais. No entanto, a acepção original é aquela que identifica cada uma das fasquias que, nos caixilhos das portas ou janelas, seguram os vidros, separando uns dos outros. O mesmo que espêlho do degrau. Nos forros ditos de SAIA e CAMISA, nome das tábuas que ficam em plano inferior. Nas lareiras portuguêsas, nome de cada uma das pedras laterais que sustentam a verga da abertura dentro da qual se faz o fogo.

PINASCO — O mesmo que PINÁCULO.

PINCARITO — A' parte mais alta de um edifício, PÍNCARO, PINÁCULO.

PÍNCARO — O mesmo que PINÁCULO.

PINCHAR — Fechar com PINCHO.

PINCHO — Têrmo lusitano que designa a lingueta de ferro que levanta a tranqueta da ALDABRA.

PÍNEO — Relativo ao PINHO, feito de pinho.

PINDABUNA — Ver PINDAÍBA.

PINDAÍBA — No linguajar há certa confusão na aplicação do nome PINDAÍBA, designando a palavra algumas árvores diferentes entre si. Pindaíba é o nome da Duguetia Lanceolata, St. Hill, cuja madeira tem pêso específico igual a 0,88 (15% um). Limite de resistência à flexão estática igual a 1,517 kg/cm2. Também conhecida por PEROVANA, PINDABUNA, PINDAÍVA, PINDAÚVA, PINDAUVUNA. As palavras pindaíba e suas variantes, também designam algumas árvores da família das Anonáceas, de madeira de má qualidade. Ver EMBIRA e FRUTA DE BURRO.

PINDAÍVA — Ver EMBIRA e PINDAÍBA.

PINDAÚVA — Ver PINDAÍBA.

PINDAUVUNA — Ver PINDAÍBA.

PINDOBA — Coqueiro ornamental de haste lisa, alta e bela copa de fôlhas compridas. As fôlhas dão material para trançados, cestos principalmente. Com as fôlhas, faz-se, também, cobertura de construções rústicas. Attalea humilis, Mart.

PINDOVA — O mesmo que PINDOBA.

PINGADEIRA — Sulco longitudinal feito na parte das molduras, cimalhas, cornijas e demais corpos em balanço nas fachadas, com o fito de desviar as águas pluviais, assim impedidas de escorrer ao longo das paredes. Nome da moldura, também escavada em baixo, colocada nas partes inferiores das portas e janelas, impossibilitando que a água da chuva escorra pelas soleiras e peitoris, molhando o interior dos cômodos.

PINGADOURO — O mesmo que PINGADEIRA, porém de emprêgo raríssimo.

PINGALETE — Pequeno prego forjado usado antigamente para fixar espelhos de fechaduras e demais peças delicadas. O mesmo que PINGALHOTE.

PINGALHOTE — Prego miúdo.

PINGOS — Antiga denominação, sempre usada no plural, das paredes construídas de pedras miúdas.

PINGUELA — Toro ou viga de madeira atravessada sôbre um córrego para servir de ponte. Passadiço.

PINHA — Ornamento arquitetônico imitando o fruto do pinheiro. Foram comuns as pinhas de porcelana arrematando superiormente os cunhais das construções, os pilares dos portões, etc. Nos cantos dos balcões de ferro forjado ou fundido, também eram usadas pinhas de vidro colorido.

PINHÃO DO BREJO — Árvore da família das magnoliáceas cuja madeira é usada em pequena carpintaria. Talauma ovata. St. Hill. É ornamental.

PINHO DO BRASIL — Madeira de construção de larga aplicação no Brasil. Sua árvore, o pinheiro, constitui uma das riquezas florestais dêste país, podendo atingir de 20 a 30 metros de altura e até 2 metros de diâmetro. É a madeira mais usada nas obras de construção civil, tanto externa como internamente. Também na marcenaria e carpintaria. Recentemente entra na composição de pastas mecânicas produzidas industrialmente. Tem como pêso específico aparente (15% de umidade) 0,56 e limite de resistência 433 kg/cm2. Nome científico: Araucaria brasiliana, Lamb.; Araucaria brasiliensis, Rich.; Pinus dioica, Vel., Columbia augustifolia, Bert.; Araucaria augustifolia, Bert. Família das Coníferas. Também chamada PINHEIRO.

PINHÃO — Árvore silvestre que fornece madeira utilizável em obras.

PINHEIRO — Madeira para construção. Ver PINHO e CURIÚVA.

PINO — Nas dobradiças, nome do eixo vertical, que solidariza as duas asas.

PINTALGAR — Pintar de côres variegadas.

PINTAR — Cobrir com tinta. Colorir. Dar côr.

PINTURA — Em arquitetura, a côr que se aplica à parede, por vários modos e de várias espécies, para complementação decorativa do espaço arquitetônico.

PINTURA MURAL — Designa especìficamente a parede ou muro tratado de modo particular por artista, como complemento de decoração. Desde a abstração até ao motivo figurado tem sido realizado a pintura mural. Ver PAINEL.

PIPA — Antiga medida para líquidos. Valia 15 almudes, ou 498,80 litros.

PIQUETA — Cada uma das estacas que se põem no chão para demarcar terreno. É muito usada a variante PIQUETE.

PIQUETE — Ver PIQUETA.

PIQUETEAR — Cravar piquetes em um terreno.

PIQUI — Madeira. Ver PIQUIÁ.

PIRAMBEIRA — Em Minas Gerais, despenhadeiro, desbarrancado. De modo ordinário, terreno muito íngreme, o que é usado em todo o país.

PIRAMIDAL — Em forma de pirâmide.

PIRAMIDAR — Arrumar ou construir em forma de pirâmide. Erguer-se altaneiramente um edifício ou um monumento.

PIRAMIDE — Sólido de base poligonal e de lados triângulares com um único vértice comum. Entre nós, antigamente, foi comum dar-se o nome de pirâmide aos obeliscos. Dizia-se, por exemplo em São Paulo, "pirâmide" do Piques, em vez de obelisco, quando se falava do monumento comemorativo levantado na ladeira da Memória por Daniel Pedro Muller, embora não merecesse aquela denominação geométrica.

PIRAMIDIZAR — Terminar em forma de pirâmide.

PIRANHA — Ver MARIA MOLE.

PIRCA — Parede de pedras ou tijolos, em que não foi empregada orgamassa.

PIROGRANITO — Material de construção cuja composição entram a argila refratária e a argila comum.

PIRURUCA — O mesmo que CANJICA.

PISCINA — De origem significa tanque de água destinado a criar peixes. Hoje, de modo geral, designa o reservatório de água para natação e banho. Pode ser de qualquer formato e tamanho para fins esportivos e recreativos e com medidas predeterminadas de 12m x 25m ou 25m x 50m para fins de competições aquáticas, saltos ornamentais, etc.

PISO — Chão. O mesmo que PAVIMENTO ou ANDAR. Nome da face horizontal do DEGRAU.

PISTOLO — Cunha de ferro usada para rachar pedras.

PITEIRA BRANCA — Ver SAPUCAIA BRANCA.

PITEIRO — Pequena escavação ou entalhe numa viga, a fim de que o prego que a deve segurar entre mais fundo e a fixe melhor. Têrmo antigo de pouco uso.

PITEM — Escavação feita em peça de madeira a ser pregada onde se aloja a cabeça do prego, que, com êsse recurso, panetra mais profundamento. O mesmo que PITEIRO.

PITOM — Parafuso provido de argola fixa em sua extremidade, muito usado para prender as hastes que seguram as passadeiras ou tapetes das escadas.

PIUGO — Parede feita de pedra miúda e ensossa. O mesmo que PINGO. O têrmo é registrado por Frei Domingos Vieira sòmente no plural, piugos, com o mesmo significado.

PIÚNA — O mesmo que ARAÇAZEIRO. Nome, também, da Tecoma avaliacea, D.C. Família das Bignoniáceas. Sua madeira, de côr branca uniforme, é boa para esteios e postes em lugares úmidos. Pêso específico variando de 0,9 a 1,0.

PIÚVA — Árvore alta e de muitos galhos cuja madeira de côr parda escura com manchas pretas é boa para carpintaria em geral, especialmente esteios em lugares úmidos. Pêso específico igual a 1,04. Tecoma speciosa, D.C. Família das Bignoniáceas. Nome que também é dado em S. Paulo ao IPÊ em geral.

PIUVINHA DO CAMPO — Ver JOÃO CORREIA.

PIVOTANTE — Designação empregada ordinàriamente na linguagem arquitetônica para qualificar a janela que tem movimento giratório no sentido vertical. Pivotante é a janela contrária da BASCULANTE.

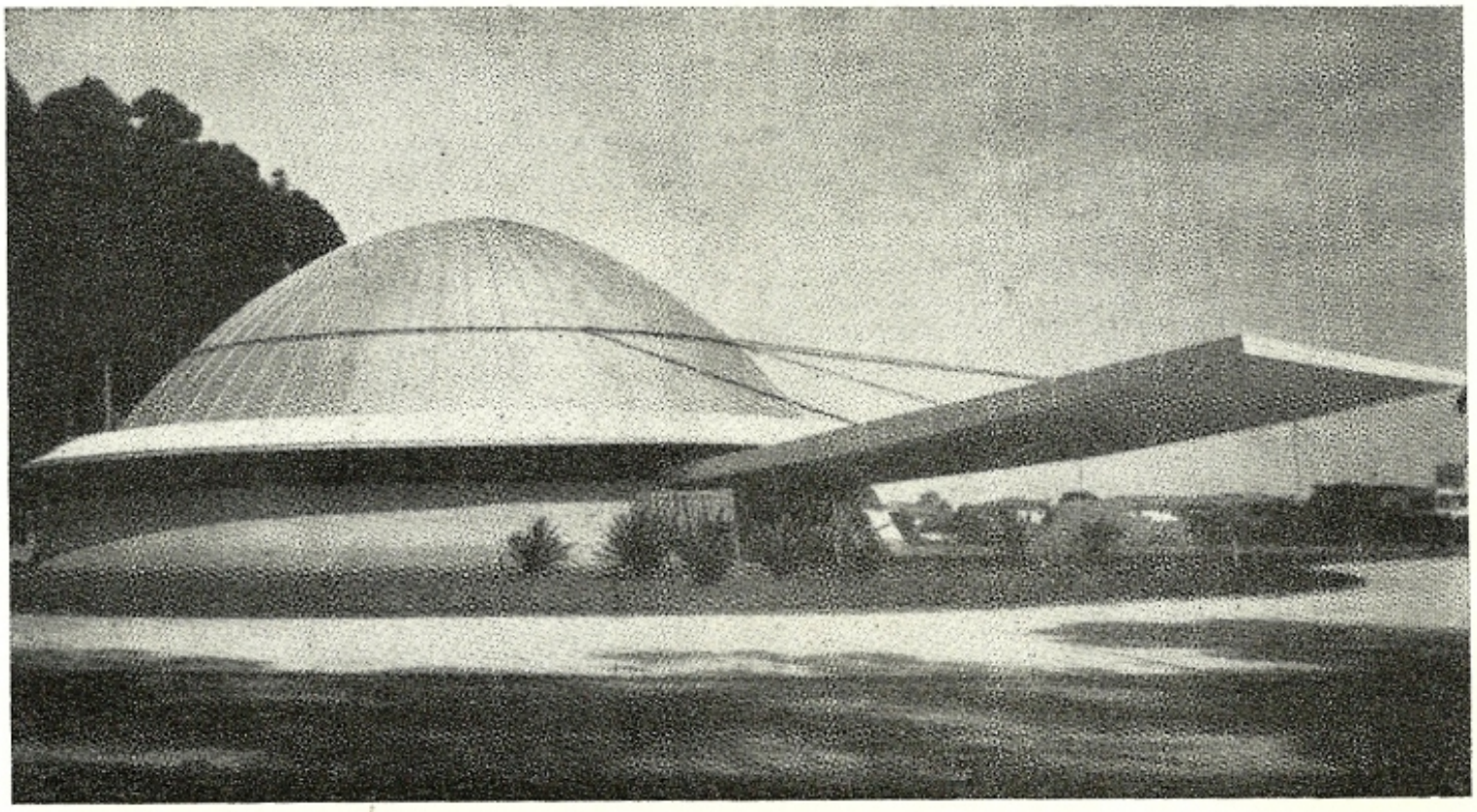
PIXIRICUM — Madeira. Ver FRUTA DE BURRO.

PIXUNEIRARANA — Madeira. Ver MENBI.

PIXURIM — Madeira. Ver LOURO PUXURI.

PLACA — Chapa. Fôlha de metal. ou de madeira. Também chamam-se assim, na linguagem comum, as inscrições dos autores dos projetos e dos responsáveis das obras de arquitetura, que são pintadas sôbre chapa de metal ou de madeira e colocadas nos tapumes.

PLAINA — Instrumento de marceneiro e carpinteiro provido de lâmina cortante, com o



Vista do Planetário do Ibirapuera, em São Paulo. Projeto dos arquitetos Eduardo Corona, Roberto Tibau e Antonio Pitombo. Abaixo, foto interna do recinto de explanações e projeções.

qual se desbastam e se aparelham as peças de madeira. Seria uma GARLOPA pequena, sem punho. Seu rastro normalmente é plano, mas pode ser côncavo, ou FÊMEA MÔCHA, e convexo, ou MACHO.

PLAMEIRA — Pedra saliente da parede e que serve de PEANHA ou apoio a objetos vários.

PLANCHA — O mesmo que PRANCHA.

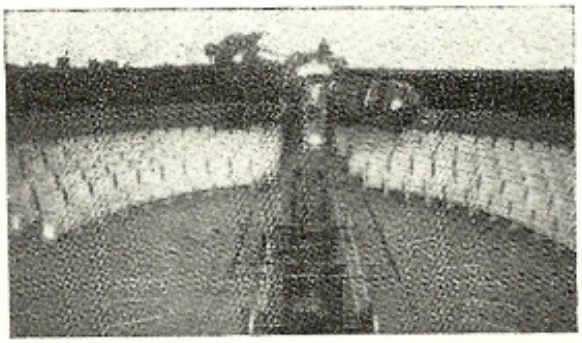
PLANCHETA — O mesmo que PRANCHETA.

PLANEAR — O mesmo que PLANEJAR.

PLANEJAMENTO — Ato de projetar um trabalho, um serviço. Planeamento. Empregado em sentido mais amplo para designar tudo o que se refere ao urbanismo. Atualmente constitui uma Cadeira no ensino da arquitetura.

PLANEJAR — Fazer o plano de alguma coisa. Projetar. Traçar.

PLANETÁRIO — Aparelho destinado a ensinar o movimento dos astros pelo sistema de projeção em cúpula cilíndrica. Por extensão,



o edifício no qual se faz funcionar o aparêlho e que contém público espectador também chama-se "planetário".

PLANIFICAÇÃO — Ato ou efeito de planificar. Planejamento.

PLANIFICAR — Traçar ou desenhar num plano. Desenvolver num plano.

PLANÍGRAFO — Instrumento para copiar desenhos, aumentando ou diminuindo suas dimensões, ou mudando de escala. Pantógrafo.

PLANIMETRIA — Medida das áreas das superfícies planas. Assim é ela aplicada ao levantamento planimétrico dos terrenos nos quais vai-se construir alguma edificação.

PLANÍMETRO — Instrumento destinado a medir as áreas das superfícies planas.

PLANO — Planta, desenho, modêlo de qualquer obra, de um móvel, de um jardim, de uma cidade, etc. Em sentido figurado: PROJETO.

PLANO DA TESTA — Em tôdas as abóbadas que não sejam de revolução, nome dos planos ideais que delimitam suas extremidades. Numa mesma abóbada, geralmente os planos das testas são paralelos e verticais.

PLANO INCLINADO — Ver RAMPA.

PLANO DE TRABALHO — Plano horizontal situado a 75 centímetros acima do piso do compartimento quando êste estiver submetido a qualquer sistema de iluminação.

PIRAMIDIZAR — Terminar em forma de pirâmide.

PLANTA — Desenho que representa a projeção horizontal de um edifício, de uma cidade, etc. Corte horizontal de um edifício, geralmente passando acima do plano dos peitoris das janelas.

PLANTEAR — Desenhar ou elaborar a planta de um edifício etc.

PLASMAR — Modelar em matéria apropriada, barro, gêsso, etc. Algum objeto que pode ou não representar alguma coisa. Ver PLÁSTICA.

PLÁSTICA — Arte de plasmar. Isto é, realizar de algum modo, desde o tamanho reduzido até a escala natural, um objeto que pode representar alguma coisa ou não. Em arquitetura diz-se "plástica arquitetônica" aquilo que se faz comparecer na solução de qualquer problema arquitetônico para realizar-se obra de arte. Não se pode realizar boa arquitetura sem "intenção plástica".

PLATABANDA — O mesmo que PLATIBANDA.

PLATAFORMA — Terraço. Eirado. Construção de terra, ferro, madeira ou alvenaria, constituindo plano mais elevado que o nível normal do solo e que, geralmente, serve para local de fácil carga ou descarga de volume em caminhões ou vagões de estrada de ferro.

PLATÉIA — Local dos teatros ou dos cinemas que fica entre a orquestra ou o palco e o fundo pròpriamente dito, no qual tem assento o público onde se colocam as poltronas.

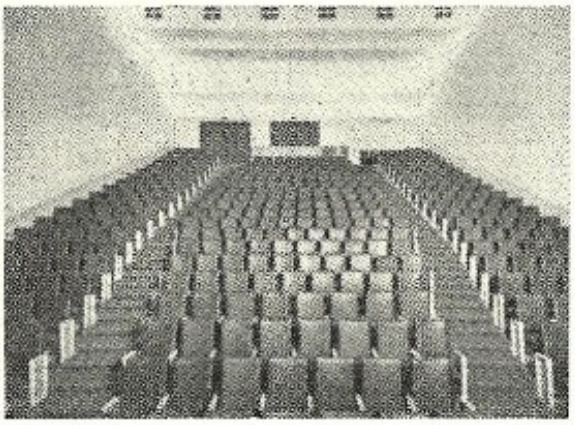
PLATERESCO — Diz-se do estilo ou obra dos artífices que executavam ornamentos rebuscados em peças de prata. Por extensão o têrmo passou a designar obras arquitetônicas que formalmente lembravam aquela ornamentação. Ver CHURRIGUERESCO.

PLATIBANDA — Moldura de pouca espessura e contínua, mais larga que saliente, que contorna uma construção, acima dos frechais, formando a proteção ou a camuflagem do telhado, contornando as calhas. O têrmo também é raramente usado como designação de grade ou muro que limita um terraço.

PLATÔ — Adaptação do francês "plateau", que é o mesmo que planalto. Mas também usa-se vulgarmente em arquitetura para designar qualquer porção de terreno ou trecho constituindo superfície plana e de fácil acesso.

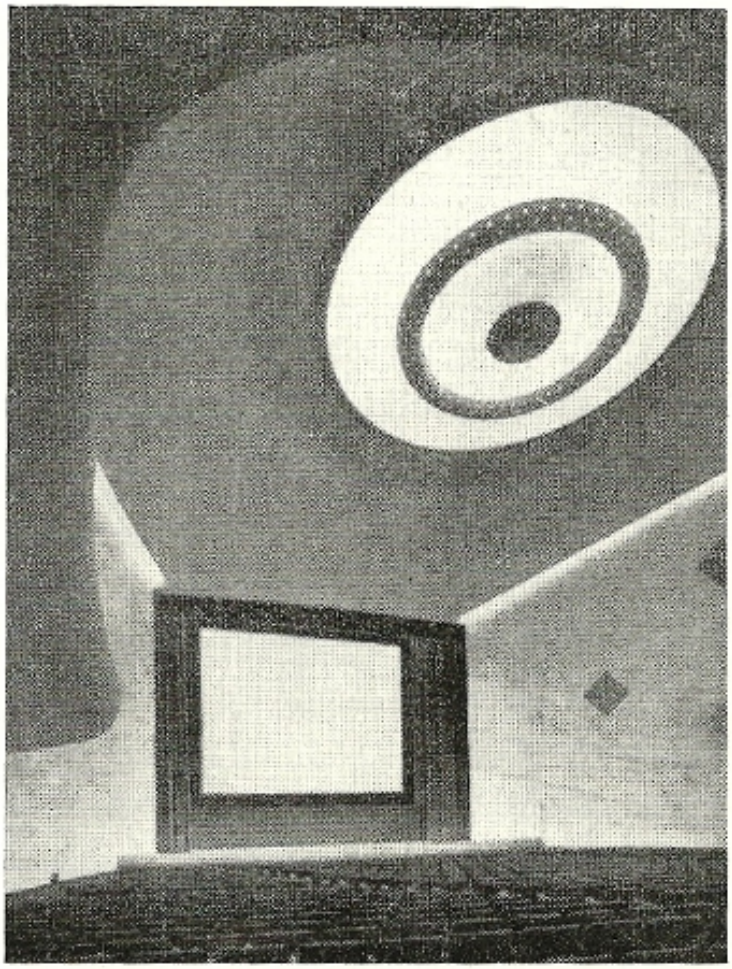
PLENÁRIO — Diz-se dos locais onde se reúne grande número de pessoas a fim de trocarem decisões ou deliberarem, a respeito de assuntos pré-determinados. Constitui-se geralmente, o plenário, no anfiteatro, na platéia, no salão de reuniões, etc. Assim, temos êsses locais programados em vários temas arquitetônicos, como um Senado, uma Câmara de Deputados, etc.

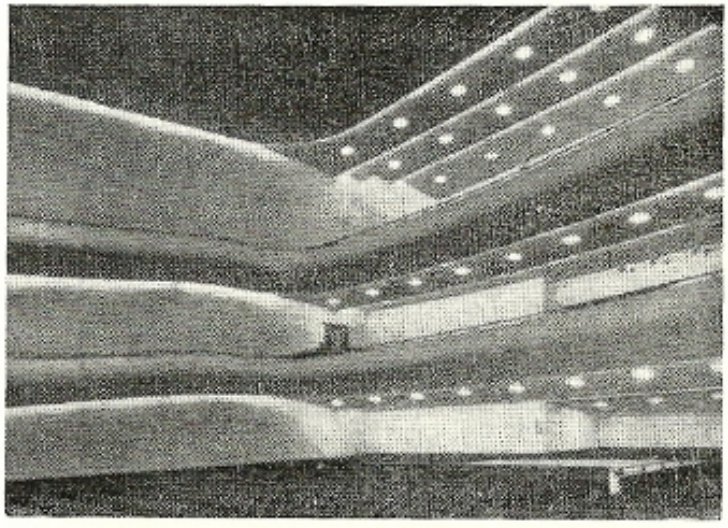
PLENO — Diz-se do arco, cuja flecha é igual a metade do vão. Também pode referir-se ao que está cheio, completo ou perfeito.



Platéia do Teatro Maria Della Costa, arquiteto, Carlos A. C. Lemos, 1950.

PLINTO — Ladrilho ou tijolo quadrado, ou, também, soco quadrangular, que serve de base a um pedestal ou a uma coluna. Tambor do



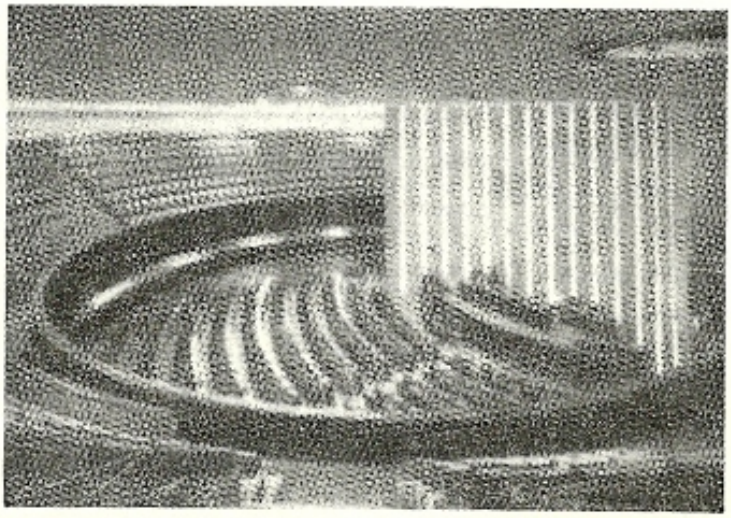


Platéia do cinema Ipiranga projetada por Rino Levi no mesmo edifício do Hotel Excelsior.

capitel toscano. Base onde se assentam os pés de uma estátua.

PLUMBAGINA — Substância mineral, escura, de que se fazem lápis. GRAFITA.

PLUMBARIA — Arte de trabalhar em chumbo. Trabalho em chumbo.



Plenário da Câmara dos Deputados, em Brasília. Projeto de Oscar Niemeyer.

PLUMBATO — Feito de chumbo. Que tem a côr do chumbo.

PLUMBEAR — Dar aparência ou côr do chumbo.

PLÚMBEO — De chumbo ou que tem a côr do chumbo.

PLÚTEO — Parede que fecha o espaço entre duas colunas.

PÓ DE MICO — Nome de certa argila apresentando, em um dos seus componentes, cristais filiformes que produzem grande coceira na pessoa que a manipula nas olarias. Essa argila dá ótimos tijolos, muito usados em fundações, e boas telhas.

PÓ DE SAPATOS — Ver NEGRO DE FUMO.

PÓ LEVE — Ver NEGRO DE FUMO.

PÓ NEGRO — Ver NEGRO DE FUMO.

POCILGA — Casa imunda, sórdida. Existe a grafia antiga "possilga". Onde se cria porcos.

POÇO — Cavidade funda, aberta na terra, e que contém água. CISTERNA.

POÇO NEGRO — Ver CLOACA.

POIÁ — Fogão rústico formado de pedras, sôbre as quais apóia-se a panela.

POIAL — Assento de pedra na entrada da casa, junto às paredes, e nos muros das entradas. O mesmo que "poio".

POIO — Ver POIAL.

POJO — O mesmo que POIAL.

POJÓ — Madeira paraense, também conhecida por MUTAMBA, de côr branca e usada em alguma marcenaria. Pêso específico igual a 0,40. Guazuma ulmifolia, Lam. Família das Esterculiáceas.

POLEGADA — Medida de comprimento, a duodécima parte do PÉ. Geralmente, na prática, é usada a polegada inglêsa, equivalente a 0,0254 m.

POLICLÍNICA — Edifício privado no qual se exerce várias "clínicas" ou, ainda, o departamento do hospital destinado ao atendimento de doentes externos.

POLICROMIA — Estado de um corpo em que há diferentes côres. Conjunto de várias côres.

POLICROMO — De diversas côres. O mesmo que multicolor ou multicor.

POLIEDRO — Sólido limitado por superfícies planas.

POLÍGONO — Figura geométrica limitada por segmentos de reta, que têm, dois a dois, extremidades comuns, formando um contôrno fechado.

POLIR — Dar lustro ou polimento a uma superfície. Nas construções é comum o polimento de pedras e mármores de revestimento de pisos e paredes. O polimento pode ser por meio de máquinas especiais ou manual.

POLISTILO — Edifício ou pórtico de muitas colunas. Ver COLUNATA.

POLITEAMA — Teatro para vários gêneros de representações.

POLITECNIA — Estudo de muitas artes técnicas ou ciências aplicadas.

POLTRONA — Cadeira de braços. Cadeira de platéia nos cinemas e teatros.

POMBAL — Construção feita para abrigo de pombos. O mesmo que COLUMBÁRIO.

POMBO — Na simbologia dos ornatos, representa a pureza, a candura, a humildade, a caridade ou a prudência. Litùrgicamente, representa o Espírito Santo. Duas pombas bebendo na mesma taça simbolizam a doçura e as virtudes cristãs.

POMEAR — Polir uma superfície com pedra-pomes.

POMÉRIO — Saliência na parte inferior de uma parede, que serve de refôrço da construção.

POMES — Do latim "pumex", nome de rocha ígnea bastante porosa e leve que serve para polir superfícies e, também, limpá-las.

PÔMICE — Nome dado a qualquer pedra porosa.

POMITO — O mesmo que POMES.

PONTA — Extremidade superior de um frontão, de um obelisco, etc. Existe um ornato chamado PONTA DE DIAMANTE, que apresenta extremidade facetada.

PONTA-CORDEL — Dizia-se antigamente que uma "travação de ponta-cordel" era aquela em que os tijolos, em uma fiada, eram colocados obliquamente ao paramento da parede, não fazendo ângulo reto como nas demais amarrações. Êsse modo de colocação era empregado em paredes de grande espessura.

PONTAL — Nome de um tipo de PREGO forjado com uso na carpintaria, para pregar peças de ferro em madeira. Ver COSTA, elemento dos taipais, que assegura a verticalidade das paredes de taipa de pilão, também chamado PONTAL.

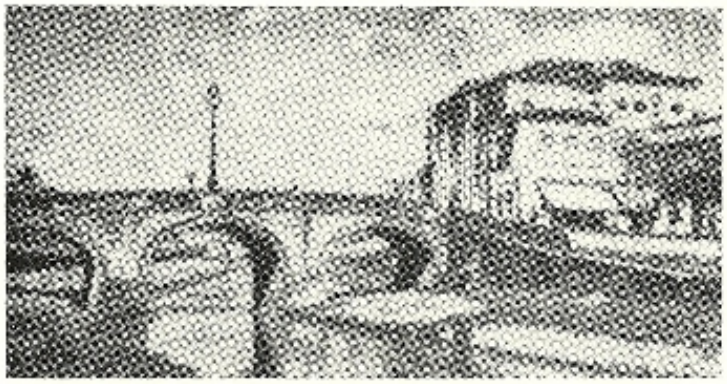
PONTALETAR — Segurar com PONTALÊTES.

PONTALÊTE — Em construção, nome de qualquer peça de madeira, colocada a prumo ou inclinada, que trabalha a compressão. Escora. Apoio. Nas tesouras de grande vão, nome da peça vertical situada na extremidade próxima ao frechal e engasgada entre o tensor e a empena que evita passível flexão desta.

PONTÃO — Espeque, escora, PONTALÊTE. Nome que se dá à pequena ponte ou viaduto, principalmente nas estradas.

PONTARIA — Extensa calha suspensa, espécie de aqueduto, por onde corre água usada em irrigação de terrenos cultiváveis.

PONTE — Sistema estrutural destinado a permitir a passagem de veículos, animais e pedestres sôbre rios, vales, estradas de ferro ou caminhos, PONTE DE BARCAS é a formada por barcas ligadas entre si e que dão passagem sôbre um rio. PONTE DORMENTE é pròpriamente dita a rampa de acesso à PONTE LEVADIÇA das fortificações. PONTE LEVADIÇA é o antigo passadiço móvel em tôrno de um eixo que, quando levantado, impedia a passagem sôbre o fôsso que circundava uma fortificação. Hoje em dia, diz-se que a ponte é dormente quando é fixa, o que acontece na grande maioria das vêzes e que a ponte é levadiça quando móvel, levantando-se por meio de maquinismos, para dar passagem a navios. PONTE SUSPENSA, ou PÊNSIL, é aquela construída com um taboleiro sustentado por hastes ou cordas verticais que, por sua vez, são seguros nos cabos fortemente ancorados nas extremidades, geralmente em altos pilares de alvenaria construídos nas margens do curso dágua.



Acima, Ponte da Cadeia e, embaixo, Ponte do Rosário, ambas em São João del Rey. Construções do século XVIII.

PONTEIRO — Instrumento de canteiro, para desbastar pedras.

PONTÍCULA — Pequena ponte.

PONTILHÃO — Pequena PONTE.

PONTILEZA — Pequena ponte. PONTILHÃO.

PONTO DE LUZ — No linguajar comum, nome de cada um dos locais da rêde elétrica onde é possível a instalação de lâmpadas.

PONTO — Relação existentes entre a flecha máxima e o vão de um arco. Relação entre a altura e comprimento do vão de um telhado. Há quem chame de ponto de um telhado a altura compreendida entre os planos respectivamente da cumeeira e dos frechais. Nome de certo tipo de dobradiça usada em fôlhas de armários.

POPERI — Barraca provisória dos seringueiros, onde é defumado o latex logo após sua extração.

POPULAÇÃO — A totalidade dos indivíduos que habitam uma localidade, uma cidade, uma região, um continente, etc.

POPULACIONAL — Relativo à população.

PORÃO — Nome do espaço, ou vão livre, situado entre o primeiro pavimento, ou primeiro SOBRADO, e o solo. A função do porão é isolar a estrutura do SOALHO da umidade do chão permitindo a circulação de ar por baixo das tábuas. Quando altos, são chamados "habitáveis", servindo de depósitos, adegas e até para instalações sanitárias. Com o advento da técnica moderna, que aperfeiçoou os sistemas de isolamento e impermeabilização, caíram em desuso. Hoje existem sòmente em certas construções levantadas em terrenos inclinados, que fazem surgir certos pavimentos semi-enterrados que podem ser chamados de porões. Os porões não devem ser confundidos com os sub-solos dos edifícios modernos.

PORCELANA — Material cerâmico de fina textura e grande resistência, de côr branca, composto de CAOLIM e feldspato, usado na confecção de aparelhos sanitários e lavatórios. Ver CAOLIM.

PORFIL — O mesmo que PERFIL.

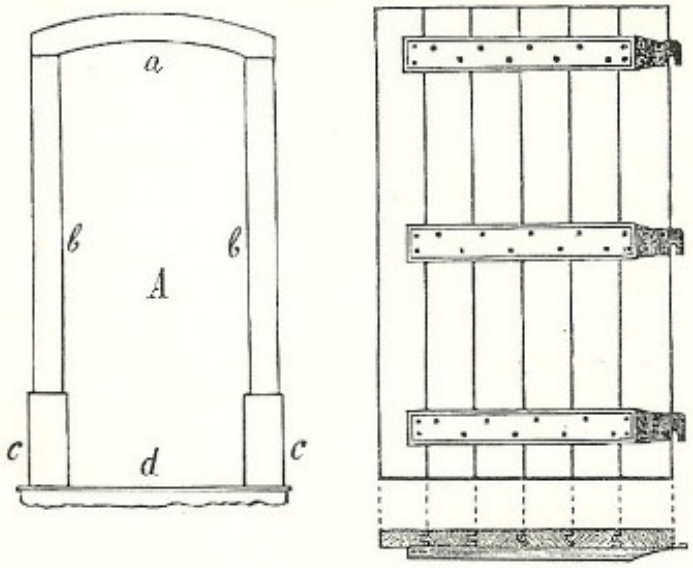
PÓRFIRO — Nome que se dá indistintamente a vários tipos de mármores mais duros e resistentes que os demais e caracterizados pelas belas manchas que apresentam, geralmente brancas sôbre fundos verdes, purpúreos ou arroxeados. Nome de certa pedra basáltica

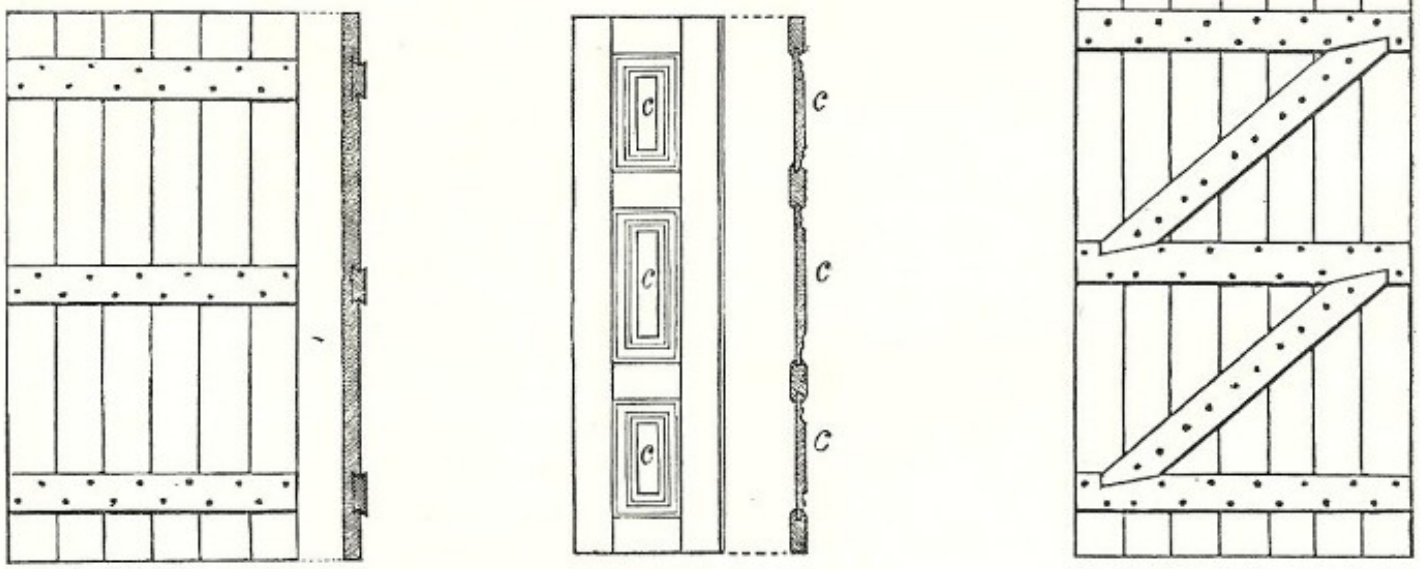
muito dura e de côr vermelha escura, composta de feldspato, quartzo e mica.

PORMENOR — Na linguagem arquitetônica, o mesmo que DETALHE.

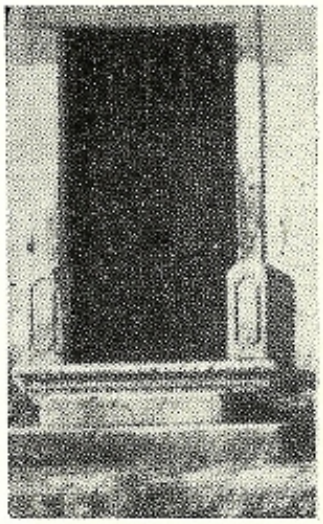
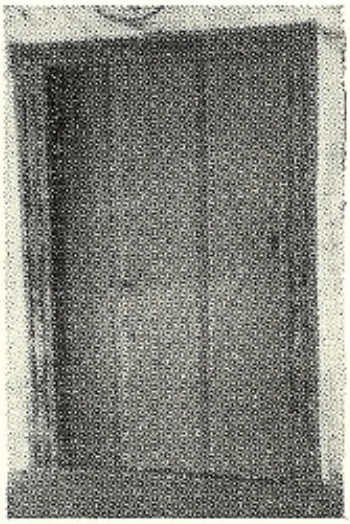
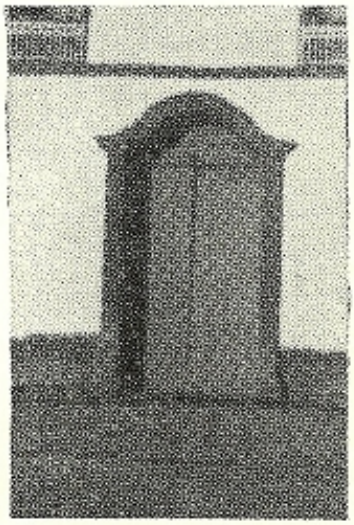
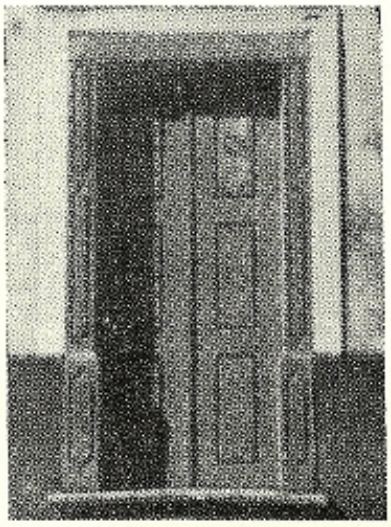
PORPIANHO — Parede estreita de cantaria. O têrmo foi mais usado em Portugal; entre nós popularizou-se o têrmo PERPIANHO, que designa a pedra que aparece nas duas faces da parede.

PORTA — Nome da abertura feita nas paredes, muros, muralhas ou panos envidraçados, rasgada até o nível do pavimento, que serve para dar passagem ou acesso às pessoas e veículos. Nome da folha móvel ou elemento qualquer de vedação, que guarnece aquela referida abertura. Numa expressão simbólica, o mesmo que CASA, MORADIA. Antigamente, eram os rasgos das portas externas, como os das janelas, guarnecidos, pelo lado de fora das paredes, com as chamadas pedras de LANCIL, que eram aparelhadas, podendo, inclusive, apresentar ornatos em baixo relêvo. A pedra horizontal, que guarnecia superiormente o vão, chamava-se VERGA, ou LINTEL. Primitivamente era sempre reta e a partir do século XVIII passou também a apresentar curvatura. Evidentemente existiram portas de arremate superior arqueado e, nesse caso, as vergas eram substituídas por ADUELAS de cantaria. Ver ARCO. As pedras verticais, nos lados dos rasgos, chamavam-se OMBREIRAS, MARCOS ou PÉS DIREITOS. A pedra horizontal, no nível do pavimento e que servia de apoio às ombreiras, recebia o nome de SOLEIRA, ARREBATE ou LIMIAR. Às vêzes as ombreiras não desciam até as soleiras, apoiavam-se em pedras de maior secção chamadas SOCOS. O conjunto das quatro pedras de lancil chamava-se ARO. À face externa do aro, aparente na fachada, dava-se o nome de CABEÇA. Às faces das ombreiras voltadas para

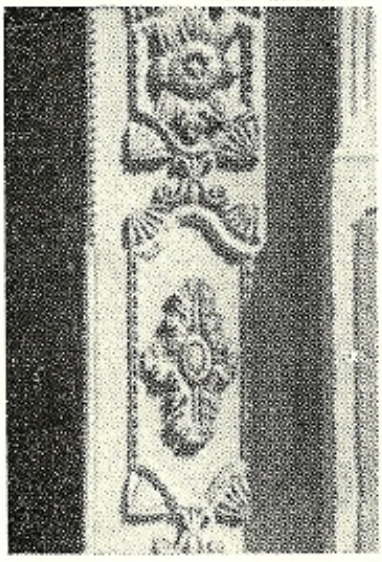
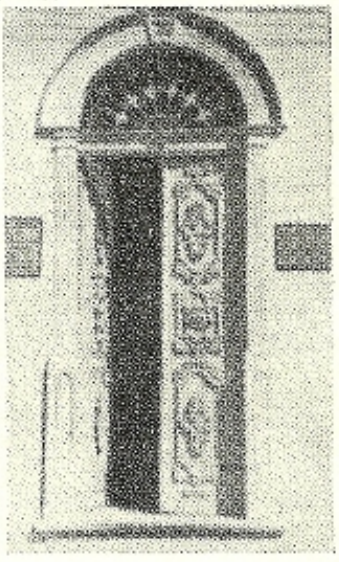
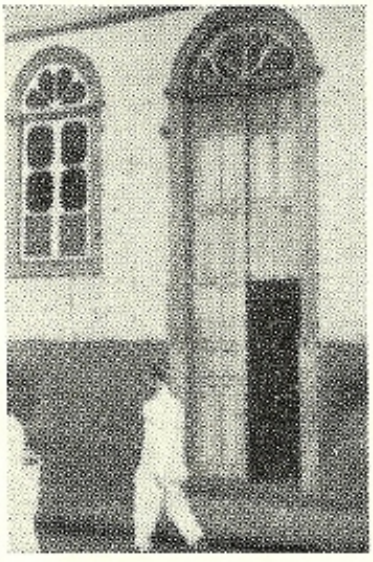
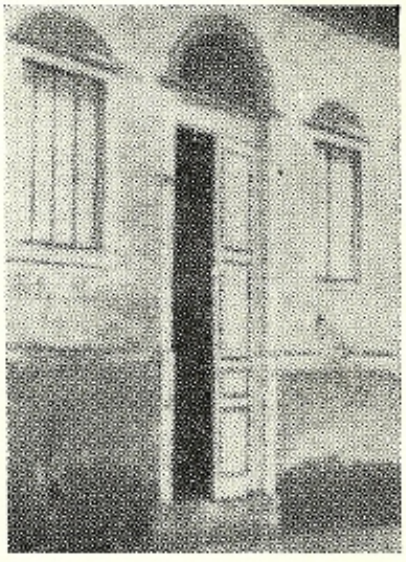




Nos desenhos, da esquerda para a direita, vemos inicialmente um esquema indicando os elementos constituintes da porta: a letra "a" mostra a verga; "b" indica as ombreiras; "c" os socos; e "d" a soleira. O conjunto dessas peças forma o "aro" de lancil". A seguir, desenhos mostrando vários tipos de fôlhas de portas. Os dois primeiros apresentam travessas parafusadas no "tardoz" e travessas entaladas unindo os elementos verticais. O terceiro desenho da série indica fôlha "engradada", com almofadas. Finalmente, o último desenho refere-se à porta com travessas reforçadas com elementos inclinados, próprios das fôlhas largas e de grande vão. Desenhos de Luís Augusto Leitão, Lisboa, 1896.

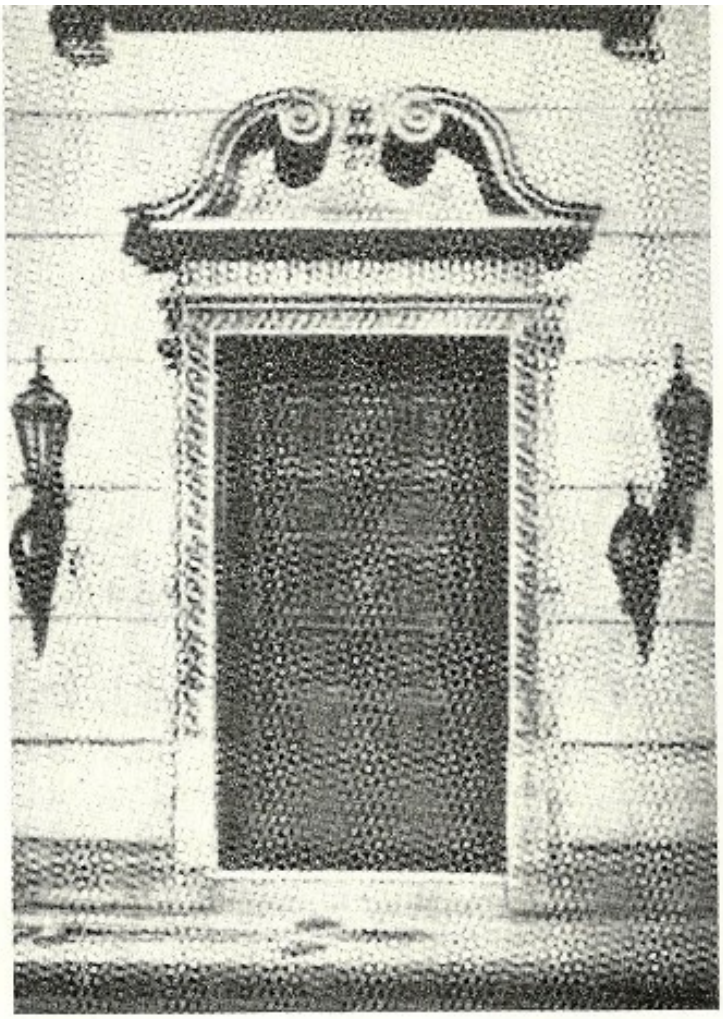





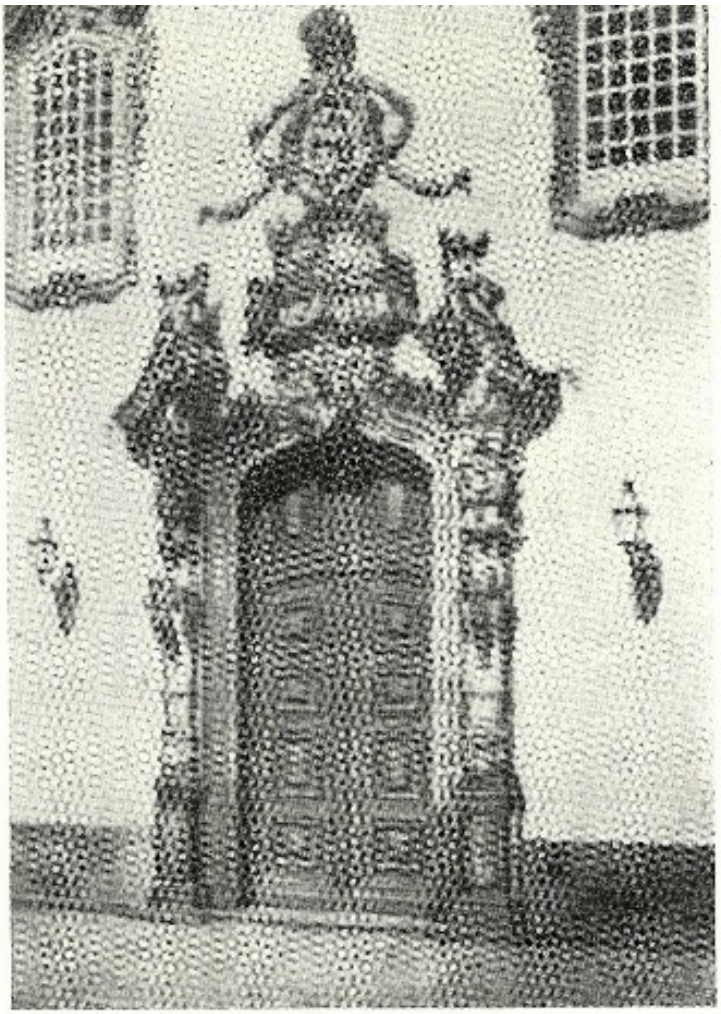
Na primeira foto, porta de aro de pedra, com sóco ornamentado, em casa de fazenda em Perdões, Estado de São Paulo. A seguir, porta da sacristia da capela de Santo Ângelo, com inscrições na verga. Obra do início do século XVIII. A terceira foto mostra porta com verga arqueada, na Matriz de Pirenópolis, Goiás, construção da segunda metade do século XVIII. Finalmente, a porta da Matriz de Cunha, Estado de São Paulo, com ornamentações típicas do início do século XIX.

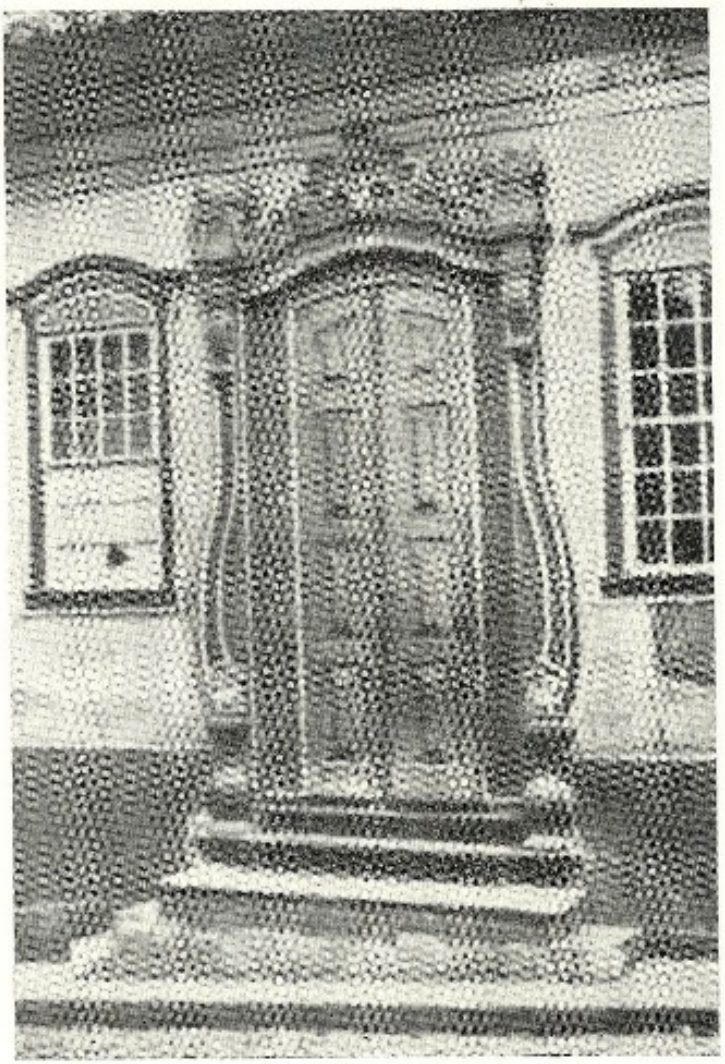





Portas características do século XIX. Inicialmente, pormenor de porta de 1881, de residência ituana, cuja foto está colocada ao lado. Conforme preocupação estética da época, as portas deviam ter a altura das janelas, o que pode ser percebido nas fotos seguintes, que se referem a casas de São Luís do Paraitinga e de Tatuí, ambas cidades do Estado de São Paulo.

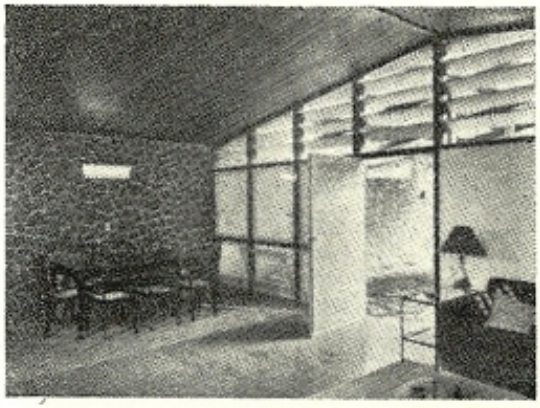
dentro do vão dava-se o nome de ADUELAS, palavra também empregada para designar os elementos do ARCO, o que motiva freqüentes confusões. À face inferior da verga dava-se o nome de PADIEIRA. As faces do aro voltadas para dentro da construção chamavam-se GOLA, onde justamente era fixado o aro de madeira do sistema de vedação. A êsse aro de madeira dava-se também o nome de ARO DE PEDRARIA, por ser parafusado sôbre o ARO DE LANCIL, na parte denominada GOLA. No aro de madeira eram fixados os GONZOS ou as DOBRADIÇAS, em tôrno das quais giravam as FÔLHAS ou BATENTES de vedação do rasgo. As portas internas não possuíam ARO de pedras, tinham sòmente o aro de madeira, ou PORTAL, o que hoje, no linguajar comum, chamamos de BATENTE, palavra que antigamente significava justamente a fôlha móvel que "batia". Anti-

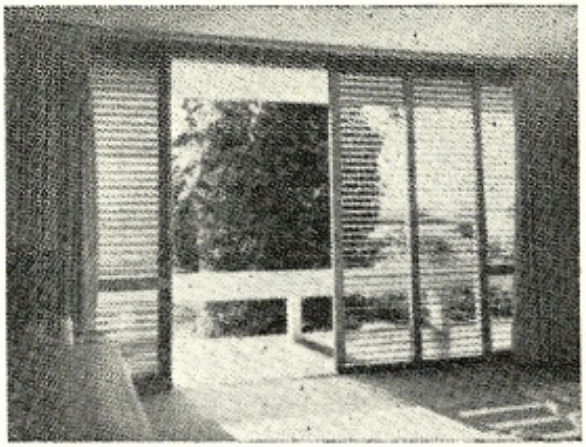


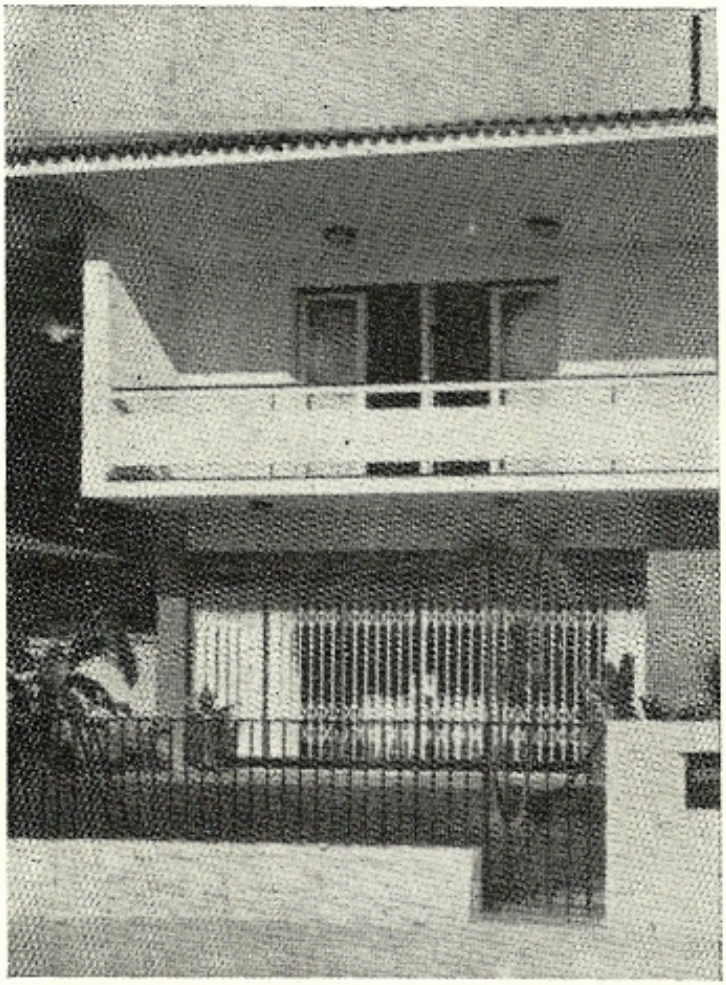




Nas ilustrações, vemos inicialmente portas de solar baiano, datada de 1674; depois, a magnífica portada ornamentada com talhas em pedra sabão da Igreja de São Francisco de Assis de São João del Rei e, finalmente, porta no estilo Dom José em residência solarenga de Sabará, Minas Gerais.

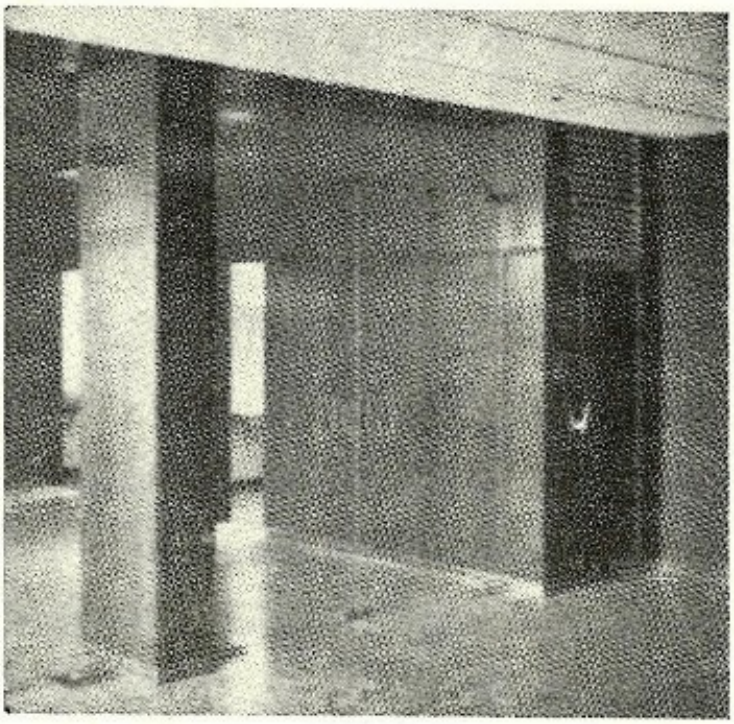




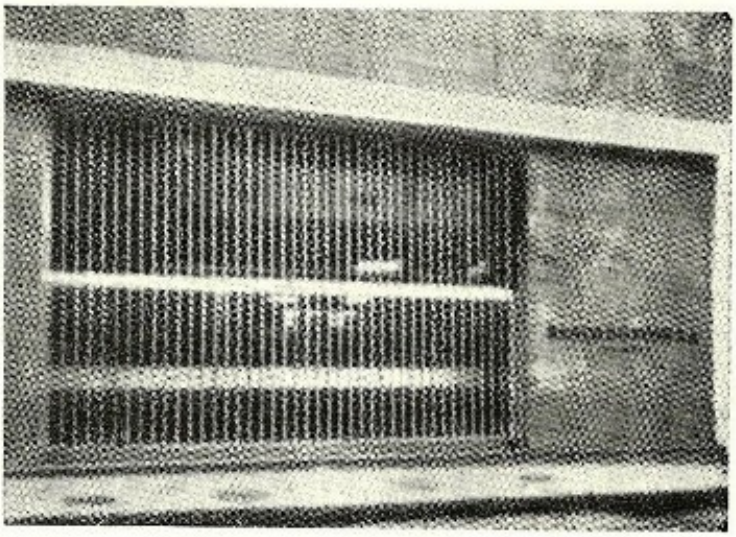


Nas fotos menores, portas que mesmo fechadas permitem ventilação permanente. A primeira é composta de lâminas paralelas de madeira, como nas venezianas. Projeto do arquiteto Marcelo Fragelli. A segunda, de autoria do arquiteto Heep, apresenta o fato de correr, ao mesmo tempo que possui venezianas móveis basculantes. Na foto maior, de projeto de Marino Barros, um exemplo de porta pantográfica.

gamente as fôlhas das portas eram compostas de vários elementos, e até hoje algumas ainda são. Os elementos ou peças verticais das extremidades chamavam-se COUCEIRAS. As tábuas horizontais, TRAVESSAS, que podiam ser parafusadas ou entaladas, atravessando, ou "costurando" as tábuas verticais, por sua vez unidas pelo sistema "macho e fêmea". A' essas portas dava-se o nome de PORTAS DE CALHA. Outras vêzes, elementos verticais e horizontais formam as PORTAS ENGRADADAS, onde os espaços retangulares resultantes são preenchidas por ALMOFADAS lisas ou decoradas. A superfície da porta voltada para o lado oposto ao sentido de rotação chama-se FACE. A superfície interna, que recebe o LEME do GONZO e que é voltada para o lado do sentido de rotação chama-se TARDOZ. As fôlhas das portas podem ser de abrir ou de correr. Existem portas de várias fôlhas, uma solidária a outra por meio de dobradiças e sustentadas por roldanas que correm em trilhos superiores. São as portas de SANFONA. Hoje em dia são comuns as portas corrediças totalmente aparentes, ou embutidas dentro da parede quando abertas. Portas que correm verticalmente são raras, empregadas sòmente como elementos de segurança. Aliás, as portas de segurança são sempre metálicas e, na maioria das vêzes, retrácteis, como a PANTOGRÁFICA ou como a TELESCÓPICA, composta de vários elementos paralelos que correm em trilhos contíguos. Portas de contrapêso são as usadas em garagens, que, quando abertas, encostam-se aos forros. Contemporâneamente, entre nós, quanto ao uso das várias modalidades de portas, podemos dizer que internamente as portas mais usadas são as de abrir, de uma só fôlha de madeira compensada, quase sempre medindo 0,80 por 2,10 m. As portas externas, ou de segurança, na maioria das vêzes



Porta de cristal, no Edifício Pirelli, São Paulo.



Porta de proteção em um banco que, acionada por mecanismos, desce para o sub-solo deixando o acesso livre. Arquiteto Bina Fonyat.

metálicas, são de correr ou de abrir e envidraçadas e, também, podendo participar de grande caixilharia parcialmente fixa. As portas externas secundárias, de cozinhas, por exemplo, ainda são de calha, modalidade resistente às intempéries e ao roubo. Ver ilustrações e respectivas legendas.

PORTA-COCHEIRA — Nome que se dava à PORTA mais larga de uma construção.

PORTADA — Grande porta, geralmente ornamentada. O mesmo que FACHADA, FRONTISPÍCIO.

PORTADO — Ver PORTAL.

PORTAL — ARO de madeira das PORTAS. Às vêzes, o têrmo é empregado como sinônimo de OMBREIRA. Porta grande e principal de um edifício. O mesmo que FACHADA. A entrada de um prédio, ÁTRIO. Portão em muro ou cêrca das propriedades rurais.

PORTÃO — Antigamenete, a porta grande, a portada que dava acesso à rua. A porta de entrada e de saída. O uso da palavra estendeu se à cancela ou à porta dos gradís de fêcho dos jardim domiciliares. Daí a cancela ou pequena porta chamar-se portão.

PORTARIA — Antigamente, nome das grandes portas e dos vestíbulos ou átrios dos conventos. Hoje em dia o têrmo é genèricamente empregado para designar o vestíbulo em que há alguém encarregado de prestar informações, receber correspondência, etc. Porta de grandes dimensões.

PORTÁTIL — Antigamente designava PORTAL.

PORTEIRA — Cancela. Portão de entrada em propriedade rurais.

PORTELA — Portal. Também, pequena porta.

PÓRTICO — Galeria aberta de um dos lados, ou passadiço coberto, que ostenta uma colunata. Galilé. Portal alpendrado. Entrada. Entrada nobre de edifício ou templo. Trave ou viga horizontal sustentada por dois esteios, ou pés direitos. Daí, no linguajar técnico contemporâneo, o emprêgo da palavra para designar o elemento estrutural, que pode ser articulado, composto de dois elementos trabalhando a compressão que sustentam um terceiro, que trabalha à flexão vencendo um vão.

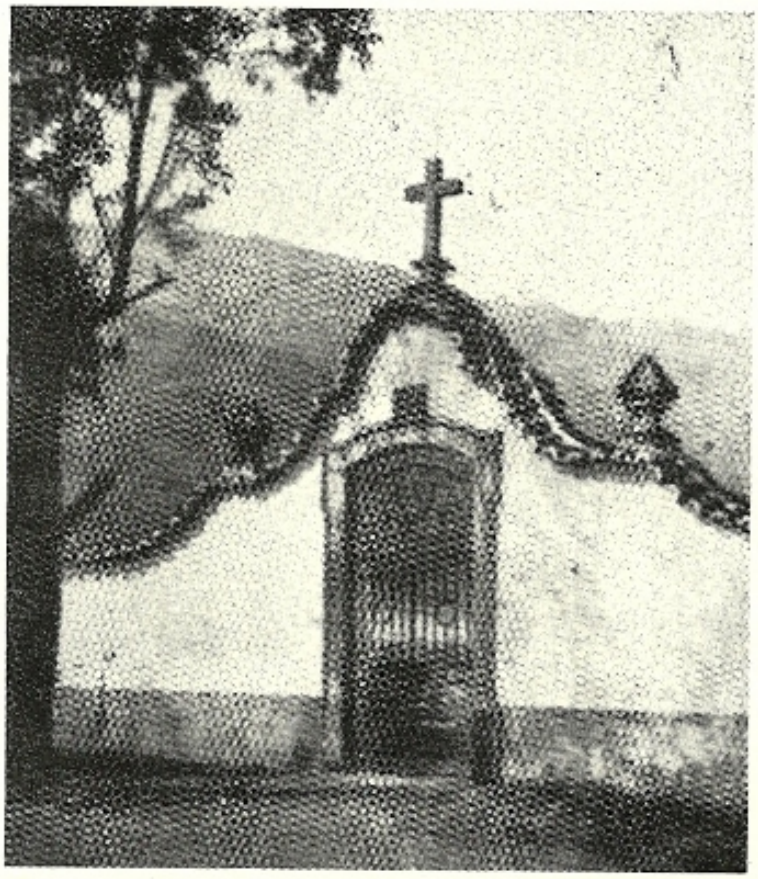
PORTILHA — Grande abertura numa parede e ao mesmo tempo, sinônimo de SETEIRA. Às vêzes "portilhão".

PORTILHÃO — Grande abertura ou brecha em muro de fortaleza. Ver PORTILHA.

PORTINHOLA — Porta pequena.

POSCÊNIO — Nos teatros, a parte situada atrás da cena ou do palco.

POSTE — Haste fixada verticalmente no chão. Modernamente o têrmo é aplicado, quase que com exclusividade, para designar o esteio



Portão do cemitério da Igreja de São Francisco de Paula, em Ouro Prêto.

cravado no solo para suportar os fios de rêdes elétricas, telefônicas ou telegráficas. Pilar de sustentação. Às vêzes, aparece a palavra como sinônima de PELOURINHO.

POSTIGO — Pequena abertura ou fresta. Pequeno vão feito a meia altura de uma parede, cuja serventia é permitir a passagem de objetos de um cômodo a outro. Portinhola feita sôbre a fôlha de uma porta maior. Ver GUICHÊ.

POSTURA — Ordem, exigência ou regulamento municipal expresso em forma de lei. Ao conjunto das posturas que regem os projetos e construções numa cidade dá-se o nome de CÓDIGO DE OBRAS.

POTEÁ — Nome da massa de vidraceiro, composta de alvaiade e óleo de linhaça.

POTERNA — Nas fortificações, nome das portas ou passagens secretas que permitem a fuga durante os cêrcos.

POTIL — Pátio em que se guardam potros para adestrar.

POUSADA — Estalajem, albergue. Residência, domicílio.

PÓVOA — Pequena povoação.

POVOAÇÃO — Lugar povoado. As habitantes de um determinado lugar.

POVOADO — Pequeno lugar habitado. Lugar com povoação.

POVOAR — Tornar habitado. Formar povoação em algum lugar. Prover de habitantes.

POVOEIRO — Designação dada pelos camponeses do Rio Grande do Sul, ao povo de uma vila, de uma cidade.

POZOLANA — Como define Luís Augusto Leitão, pozolana é o nome de tôda substância que tem a propriedade de comunicar às cais gordas as qualidades da cal hidratada, tornando-as, portanto, aplicáveis as construções debaixo de água ou em terrenos úmidos. O nome vem de Pozzuoli, povoação nos arredores de Nápoles, rica de pozolana de origem vulcânica. Existem pozolanas naturais e artificiais. As naturais, são sempre de origem vulcânica. Em Portugal as pozolanas naturais eram provenientes de Açôres. Ver TETIM. As pozolanas artificiais resultavam da calcinação de argilas calcáreas. Chegaram a ser fabricadas a partir da pulverização de tijolos e telhas.

PRAÇA — Lugar público, cercado de edifícios e de ruas por todos os lados. Largo. Em outro sentido, às vêzes, designa mercado, circo. Também, vila ou cidades fortificada. E raras as vêzes, entre nós já designou a cidade, principalmente a capital. A êste respeito ver PRACIANO.

PRACIANO — Que ou quem mora na "praça", isto é, na cidade, originàriamente a Capital, conforme essa concepção antiga e já em desuso.

PRADO — No Brasil, o mesmo que HIPÓDROMO, além de designar o campo coberto de plantas herbáceas, que servem para pastagem.

PRANCHA — Grande tábua, de bastante espessura, que permite o seu desdobramento em várias outras tábuas menores e menos grossas. Desenho, ou pintura, colocado ou executado sôbre uma placa de material rígido. Estampa.

PRANCHÃO — Prancha de proporções maiores que as normais. O mesmo que FALHÃO.

PRANCHETA — Tábua ou mesa destinada à elaboração de desenhos, geralmente de madeira, mole para fixação do papel por meio

de grampos especiais ou percevejos. Pequena prancha.

PRANCHEIRA — Parede, ou pano de alvenaria, situada acima da lareira, que negreja pela ação da fumaça.

PRÁSINO — Nome antigamente dado à côr verde. O mesmo que esmeralda. Denominação dada, na forma feminina, PRASIN, a uma espécie de terra esverdeada que fornecia matéria prima aos pintores na confecção de tinta verde.

PRATEADURA — Revestimento de prata feito em obra de talha. A técnica em tudo se assemelha ao DOURAMENTO.

PRATELEIRA — Cada uma das divisões horizontais de um armário, de uma estante, etc. que pode estar no interior dêsses móveis ou diretamente fixada à parede. Podem ser de madeira, de vidro, metálicas e sempre receberão êsse nome.

PREAMBIÊNCIA — No linguajar técnico, quando se trata do condicionamento do ar confinado, diz-se que "preambiência" é o ambiente natural no qual podemos permanecer, variável com os climas, estações, etc.

PRECINTA — Nome que se costumava dar às juntas de argamassa de cal e areia, que separavam as lajes de revestimento de piso.

PRECINTAR — Circundar, fazer cintas de amarração. Forrar.

PREDIAL — Relativo a prédios.

PRÉDIO — Nome de tôda propriedade imóvel, rural ou urbana, construída ou não. Grande terreno cultivável. No linguajar comum, nome dado indistintamente às construções, tanto casas de moradia como edifícios em geral.

PRÉ-FABRICAÇÃO — Processo empregado na construção, que se baseia na redução do tempo de trabalho e racionalização nos métodos construtivos, para conseguir-se, pela montagem mecânica, de elementos produzidos ou premoldados diretamente na fábrica. Industrializando-se assim, elementos da construção. ECONOMIA de materiais, de mão-de-obra, rapidez, melhores condições de trabalho e muitas outras vantagens caracterizam a prefabricação como método de construção, que por sua vez há de exigir: disponibilidade de maquinaria apropriada, planificação da construção em grande escala, o que só poderia ser levado a efeito com vastos recursos particulares (da indústria) ou com a ajuda ou participação do Estado (verbas de uma planificação nacional, etc.). A arquitetura do século XX muito depende, em sua evolução, da prefabricação.

PREFEITURA — Edifício onde se instala a repartição do prefeito de uma cidade. Municipalidade. Quando se reunem em mesmo edifício o prefeito o executivo e o poder legislativo ou câmara Municipal, diz-se PAÇO MUNICIPAL.

PREGA — Depressão do terreno.

PREGADIÇO — Diz-se da peça que pode ser segurada ou fixada com pregos.

PREGADOURO — O mesmo que PÚLPITO.

PREGADURA — Série de pregos, especialmente os de adôrno. O mesmo que PREGARIA.

PREGARIA — Porção de pregos. Série de pregos cravados cujas cabeças aparentes servem de adorno à superfície pregada.

PREGO — Haste ponteaguda em uma das extremidades, que serve para fixar uma peça geralmente de madeira, em outra. Antigamente os pregos, de variados comprimentos, eram forjados e de secções irregulares, na maioria das vêzes quadrangulares. Antes de cravados, exigiam o uso da verruma que "abria caminho". Oxidavam-se com rapidez, o que impedia quase que completamente a sua retirada. A partir dos meados do século XIX começaram a ser industrializados os pregos "de arame", de secção circular e tratados, de modo a não serem fàcilmente atacados pela ferrugem. Hoje em dia os pregos são conhecidos por números que designam suas dimensões e pesos. Tradicionalmente, no entanto, ainda são conservados alguns nomes antigos referentes a certas espécies de prego, ESCÁPULA é o prego cuja cabeça é dobrada, fazendo ângulo com o resto da haste. PREGO CAIBRAL era o nome de um prego de regular tamanho usado para pregar caibros dos telhados. Também conhecido por PREGOS DE GALEOTA. PREGO DE RIPAR é aquêle usado para pregar ripas. Ver PONTAL, CAIXAR e FAISCO. Nome da massa usada para fixar porção de revestimento estucado que desagregou.

PRÉGUA — Tábua ou laje suspensa acima das lareiras ou fogões, que protege o madeiramento dos telhados da fumaça e do fogo.

PRÊSA — O mesmo que PEGA, endurecimento da argamassa.

PRESBITÉRIO — Residência paroquial. Também designa a capela-mor ou a igreja da paróquia.

PRESÉPIO — Local onde se recolhe o gado, curral, estrebaria, estábulo. Grupo escultórico ou retábulo representando o nascimento de Cristo. O mesmo que creche. Armação de madeira. Tenda.

PRESIDÊNCIA — Residência presidencial.

PRESÍDIO — Construção destinada a prisão de criminosos condenados a uma reclusão por tempo determinado quase sempre longo. Cadeia. Prisão militar.

PRÊTO — Nome que genèricamente se dá aos vários corantes negros usados para escurecer argamassas ou para produzir tons cinzestos, nas pinturas. O "prêto" mais comum é o PÓ DE SAPATO, ou negro de fumo. O PRÊTO DE ESPANHA resulta da carbonização de aparas de cortiça ou de vide. Daí, chamar-se também, PRÊTO DE VIDE. O PRÊTO ANIMAL é produto da calcinação de ossos. O PRÊTO DE MARFIM resulta da calcinação de aparas de marfim, dando excelente negro que deve ser dissolvido em óleo de linhaça fervido. Ver NEGRO DE FUMO.

PRETORIA — Repartição do pretor.

PRETÓRIO — Tribunal ou edifício onde funciona o pretor.

PRETORIOLO — O mesmo que jazigo, sepultura.

PRISÃO — Edifício no qual há clausura para determinadas pessoas que foram prêsas. Ver CADEIA.

PRISMA — Sólido limitado lateralmente por paralelogramos e inferior e superiormente por dois polígonos iguais e paralelos.

PRISMÁTICO — Que tem forma de PRISMA. Relativo à prisma.

PRISMÓIDE — Que tem forma parecida a do PRISMA.

PRITANÉU — Denominação de antigo edifício grego e que agora designa o estabelecimento criado para dar abrigo e assistência a pessoas que mereçam a gratidão da pátria, como por exemplo, inválidos de guerra, órfãos de soldados ou de servidores públicos, etc.

PRIVADA — O mesmo que LATRINA, CASA COMUM. Designação muito usada na linguagem comum.

PROGRAMA — Conjunto das necessidades funcionais e sociais que caracterizam um tema arquitetônico. É do programa que o arquiteto parte para a criação artística. Rol de dependências.

PROJETAR — Fazer projeto arquitetônico. Planear. Planejar.

PROJETISTA — Pessoa que faz planos ou projetos. Muitas vêzes o têrmo é empregado para designar o arquiteto. Verdadeiramente quando idealiza planos o arquiteto é o projetista, ou melhor, o autor do projeto. Mas, êsse vocábulo refere-se, de modo geral, a qualquer um que idealiza e desenha uma concepção própria.

PROJETO — Plano. Plano geral de uma edificação ou de outro objeto qualquer. No campo da arquitetura e da atividade de arquiteto é o Instituto de Arquitetos do Brasil que em sua tabela de honorários define: Projeto vem a ser o conjunto de plantas, secções e elevações de acôrdo com as exigências dos podêres públicos e em condições de serem submetidas à aprovação dos mesmos. De modo geral o projeto é executado em escala maior do que o ANTEPROJETO, isto é, 1/100 ou 1/50 com detalhes de escala 1/20, 1/10, 1/15 ou até mesmo em escala natural, conforme o caso.

PROJETURA — Saliência de sacadas ou balcões ou das abas dos telhados.

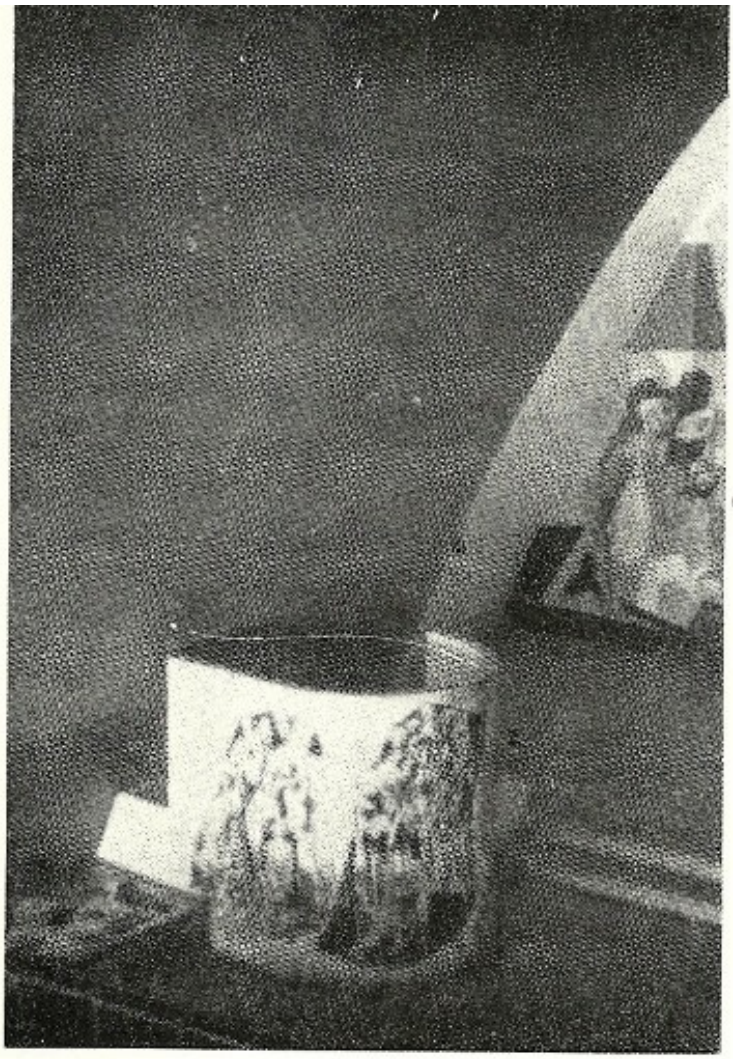
PROLONGO — Diz-se de uma água de telhado paralela a outra água maior ou mais importante na cobertura. Prolongamento de um telhado, que vai abaixo da linha do FRECHAL. Telhado de um PUXADO.

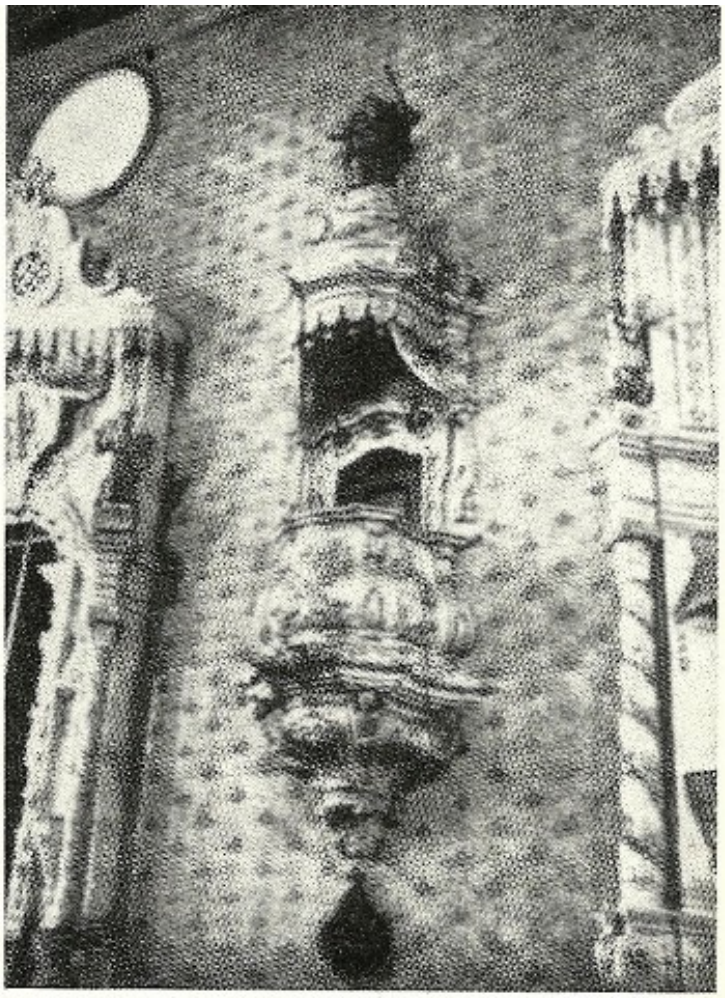
PRONAU — Pórtico na frente de um templo.

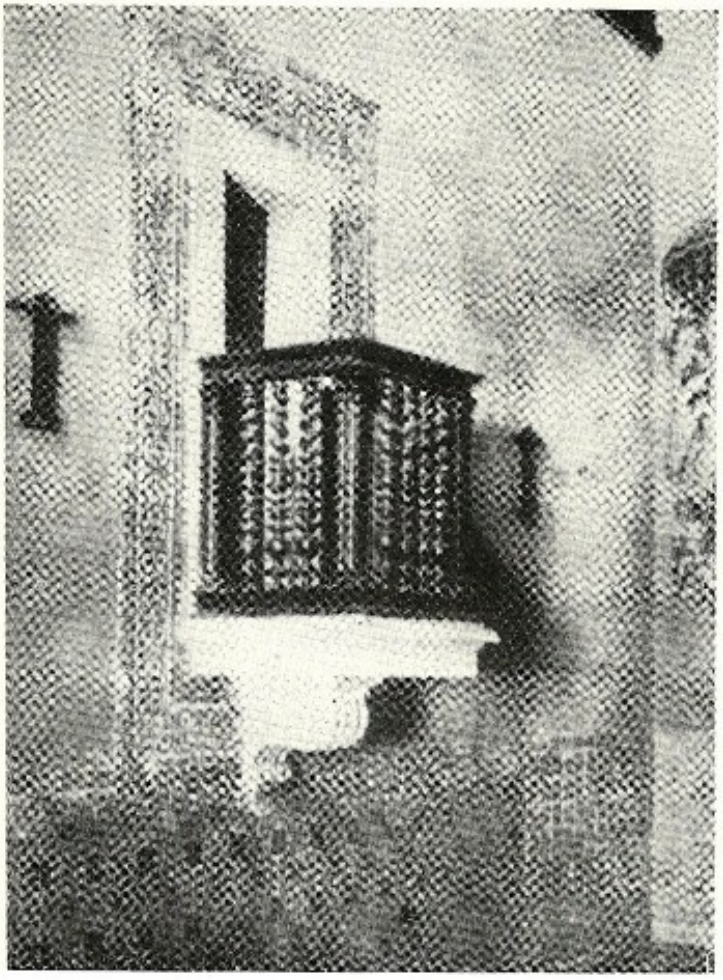
PROPILÉU — Entrada monumental de um edifício.

PROPORÇÃO — Valor estético em arquitetura que leva em consideração a relação entre as dimensões empregadas na resolução de uma construção desde a planta até as fachadas. Consideram-se as proporções aritméticas (relações numéricas) e as proporções geométricas (relações entre segmentos ou distâncias).

PROPORCIONAR — Observar proporção entre as partes de uma planta, de um edifício, etc. Tornar proporcional.







Nas ilustrações, em primeiro lugar, púlpito da Igreja de S. Francisco, em Pampulha Belo Horizonte, projetada por Oscar Niemeyer. A seguir púlpito da Igreja de N. Senhora do Pilar, em S. João del Rey. Finalmente púlpito da ermida do Montesserrat, Bahia.

PROPRIEDADE — Prédio. Fazenda ou herdade.

PROPUGNÁCULO — O mesmo que fortificação, baluarte.

PROSCÊNIO — A frente dos teatros. O têrmo também é usado como sinônimo de PALCO ou CENA.

PROSPECTO — Indistintamente o têrmo era empregado para designar a FACHADA ou a PERPECTIVA de um edifício. Plano, traçado.

PROSTILO — Edifício provido de colunas sòmente na sua fachada anterior, ou principal, ou a fachada de um templo, com ornamentação de colunas. Ainda aparece a forma PROSTILÃO.

PROSTILÃO — Fachada contendo colunas.

PROSTÍRIDO — O mesmo que PROTÍRIDE.

PROTEÇÃO — Ato ou efeito de proteger. Em arquitetura é empregado com êsse sentido tôda vez em que se exerce essa função no edifício, porém designa subjetivamente o abrigo que dá origem à habitação.

PROTÍRIDE — Ornato aplicado no fêcho de um arco, coroado por cimalha da ordem dórica.

PROTIRO — Vestíbulo alpendrado.

PROTÓTIPO — Primeiro tipo. Primeiro exemplar que serve de modêlo, de padrão. O exemplar mais exato, mais perfeito.

PRUCA — Em São Paulo, chama-se assim banco de madeira de assento redondo.

PRUMADA — A posição vertical da linha de prumo. Dois elementos estão na "mesma prumada", diz-se no linguajar comum, quando são tangenciados ao mesmo tempo por um único fio de prumo.

PRUMAGEM — Ver PRUMADA. Ato de prumar.

PRUMO — Nome do aparelho, também chamado FIO DE PRUMO, que, em síntese, resume-se num fio provido de um pêso numa das extremidades, que permite a verificação, por paralelismo, da verticalidade das paredes e colunas. Esteio, escora. Nome dos elementos verticais, que se apoiam nos baldrames ou frechais das paredes de esqueleto de madeira externas, ou GAIOLAS.

PTEROMA — Ala de um edifício. Renque de colunas volteando um edifício. Forma antiga completamente em desuso.

PUA — Haste terminada em bico. Bico de verruma e aparelho destinado a fazer furos na madeira.

PUÇA — Madeira. Ver PAU RIPA.

PUCHURI — Madeira, o mesmo que PICHURIM.

PUFE — Têrmo de origem francesa "pouf" que designa o assento de quatro pés, que não tem braços nem espaldar.

PÚLPITO — Tribuna elevada, em um dos lados da nave, donde o sacerdote prega aos fiéis. O mesmo que palco.

PURGA DE GENTIO — Madeira. Ver ANDÁ-AÇU.

PURGA DE PAULISTA — Madeira. Ver ANDÁ-AÇU.

PURRINHAÉM — Casa ou quarto pequeno e ordinário.

PURURUCA — Espécie de cascalho. Ver CANJICA.

PUTEAL — Pequeno muro feito à roda da bôca de uma cisterna.

PUTUMUJU — Madeira. Ver ARARIBA-AMARELO.

PUXADA — Varanda, nas casas coloniais do Amazonas ao longo da fachada, dando saída aos quartos e outras dependências. Ainda no Amazonas costumam chamar assim, as casas rústicas da gente da planície. Construção que prolonga o corpo central da casa. Às vêzes aparece como PUXADO em determinadas regiões.

PUXADO — Ver PUXADA.

PUXADOR — Peça de metal, de madeira, de plástico, etc. por onde se puxa, ao abrir as gavetas, portinholas, etc.

PUXADORA — Peça de serralheiros, para puxar rebites. Também aparece puxadeira ou puchadeira.

PUXURI — Grafia correta de PUCHURI. Ver PICHURIM.

PIXURIM BASTARDO — Madeira. Ver LOURO PUXURI.

PUXURI GROSSO — Madeira. Ver LOURO PUXURI.

Q

Quiosque, em primeiro plano, no velho cais de Santos, em foto do século XIX, construção extremamente comum nessa época.

QUACITUNGA — Madeira. Ver GUAÇATONGA.

QUADRA — Compartimento ou pátio de planta quadrada. Extensão de terreno medindo 60 braças. Porção de terreno medindo 132 metros quadrados. Lanço de muralha. Cavalariça. Quarteirão.

QUADRAÇÃO — Ato ou efeito de quadrar. Quadratura.

QUADRADA — Compartimento. Quadra.

QUADRADO — Arquitetônicamente falando, o mesmo que CURRO.

QUADRANTE — O mesmo que RELÓGIO DE SOL.

QUADRAR — Dar forma quadrada a algum objeto, alguma construção.

QUADRATURA — Pintura de ornamentos arquitetônicos. Pintura a fresco. Moldura.

QUADRATURISTA — Aquêle que pinta QUADRATURAS.

QUADRELA — Lanço de uma construção qualquer. Muro, paredes

QUADRÍCULA — Pequena quadra. Pequeno quadrado.

QUADRICULAR — Dar forma de quadrículos. Dividir em quadrículos. Quadriculado.

QUADRIFÓLIO — Ornato circular que envolve trêvo de quatro ou cinco fôlhas.

QUADRILHAR — Forma antiga de QUADRAR.

QUADRO — Figura de quatro lados, quadrilátero. Painel, obra de pintura guarnecida de moldura. QUADRO NEGRO é a superfície escura, quase sempre negra, emoldurada ou não, onde, nas escolas, são escritas ou desenhadas as lições ou exercícios das aulas. Antigamente foram usadas, para tal mister, placas ou lousas de ardósia. Hoje em dia os quadro-negros são executados com diferentes materiais, especialmente cimento colorido com óxidos pretos. QUADRO-ALTO é a peça quadrada que serve como o plinto sôbre a coluna. QUADRO BAIXO, mesma peça situada na base do pedestal. Caixilho que mantém as almofadas das portas ou janelas almofadadas.

QUARÇO — Sílica em estado puro. QUARTZO.

QUAREÓGRAFO — Instrumento para desenhar perspectivas com exatidão.

QUARESMEIRA — Árvore ornamental, comum nas zonas frias de São Paulo, que fornece madeira utilizável em forros e obras internas. Recebe muito bem o verniz, tomando côr pardacenta e não é sujeita a bichos. Empena com facilidade. Pêso específico igual a 0,9. Tibouchina mutabilis, Cogn.

QUARIBU — Madeira. Ver GUARABU.

QUARIÚBA — Madeira. Ver GUARIÚBA.

QUARTEAR — Dividir em quatro partes iguais. Por exemplo, diz-se vigamento quarteado, quando as vigas delimitam quatro vãos iguais. Decorar com quatro côres diferentes.

QUARTÃO — Antigamente, o mesmo que PAINEL.

QUARTEIRÃO — Nome da quarta parte de um cento, isto é, vinte e cinco. O têrmo foi muito empregado antigamente, pelo menos em São Paulo, para dar as quantidades de material de construção: dizia-se por exemplo, "um, dois ou três quarteirões de tijolos". Nome dado ao núcleo de residências contíguas delimitadas por perímetro definido por ruas, vielas ou praças.

QUARTEL — Edifício construído para alojamento de soldados, cujo nome vem do fato de antigamente ser construído com quatro faces e um pátio central, ou PARADA. Casa onde se mora, domicílio, habitação.

QUARTELA — Peça que sustenta outra, MÍSULA.

QUARTILHO — Antiga medidade de líquidos, correspondente a 1/4 de canada, ou 4 martelos. No Brasil equivalia a 0,6665 litros.

QUARTINHA — O mesmo que TRIBUNA.

QUARTINHO — Pequeno quarto. Cubículo. Em São Paulo e em Minas Gerais, designa a privada, com fossa, no quintal. Casinha, latrina.

QUARTO — O mesmo que DORMITÓRIO. Antigamente, o nome de qualquer aposento ou repartição de uma casa.

QUARTO DE REDONDO — Moldura cuja secção é um quarto de círculo. Ovado.

QUARTZO — Ver QUARZO.

QUARUBA — Madeira. Ver PAU MULATO DA TERRA FIRME.

QUARUBA BRANCA — Madeira branca rosada utilizável na marcenaria. Pêso específico igual a 0,58. Vochysia paraensis, Ducke. Família das Vochysiacéas.

QUARUBA DE FLOR GRANDE — Árvore amazônica que fornece madeira castanha clara rosada boa para marcenaria. Pêso específico igual a 0,95. Vochysia obscura, Warm. Família das Vochysiáceas.

QUARUBA JASMIRANA — Madeira também conhecida por Jasmineira simplesmente. Vochysia ferrugínea, Matt.

QUARUBA-VERMELHA — Madeira do vale amazônico usada na marcenaria, de côr vermelha clara. Pêso específico igual a 0,62. Vochysia vismialfolia, Warm.

QUARTZO — Silício em estado natural. Cristal de rocha.

QUEBRA-FOGO — Anteparo que se coloca na frente de uma lareira.

QUEBRA-LUZ — Dispositivo destinado a reduzir ou interceptar em certas direções, o fluxo luminoso de uma lâmpada.

QUEBRA-SOL — Ver BRISE.

QUEBRA-MACHADO — O mesmo que GONÇALO ALVES.

QUEIMA DE CAL — Extinção da cal virgem, ou viva, ver CAL.

QUEIMADA — Diz-se da madeira estocada em más condições de ventilação, cuja seiva é levada à fermentação, o que provoca mau cheiro e alteração na côr, chegando ao negro de carvão. Diz-se da pedra de origem vulcânica.

QUEJEME — Tejupar ou habitação rústica dos índios.

QUELHA — Calha, canal, cano descoberto. Rua estreita. Existe, como sinônimo de beco, rua estreita, a forma QUELHO.

QUERCITRINA — Ver QUERCITRÔNIO.

QUERCITRÔNIO — Matéria corante, de côr vermelha escura, usada nos processos de envernizamesto de madeiras. Extraída do carvalho negro da América do Norte, Quercus tinctorius. Torna-se verde com os sais de ferro. Também conhecido por QUERCITRINA.

QUERNITO — Tipo de ALABASTRO.

QUERUBIM — Ver ANJO.

QUÍCIO — O mesmo que GONZO. Eixo.

QUIMBEBE — Habitação rústica. Cabana, choupana.

QUIMERA — Monstro mitológico que simboliza os mistérios cristãos formado de corpo de cabra, cabeça de leão e cauda de dragão.

QUINA — Ângulo, esquina. CUNHAL.

QUINCHA — Teto de palha.

QUINCUNCE — Grupo de cinco elementos, quatro delimitando um quadrado e o quinto no centro. O têrmo é empregado para designar, principalmente, o modo de plantar árvores segundo aquela disposição.

QUINTA — Propriedade rural provida de casa de habitação. Chácara. Pomar. Em certas regiões o mesmo que hospital.

QUINTAL — Terreno cultivado ou não. anexo a uma residência urbana ou rural, servindo de pátio, terreiro, jardim, horta ou pomar. Como nossas casas urbanas não possuíam recuos de frente, postavam-se justamente sôbre os alinhamentos, os quintais, ou terrenos livres, situavam-se sempre nos fundos. Daí, o fato de hoje entendermos por quintal sòmente as áreas posteriores ou de fundo. Antigamente medida de pesos valendo quatro arroubas ou 58.758 quilos.

QUIOSQUE — Palavra de origem turca que designa a pequena construção, geralmente de madeira, situada em praça, jardins, etc. e que serve para a venda de jornais, bebidas ou comestíveis. Pavilhão de gôsto oriental para decoração de jardins. Pequeno coreto.

QUIRIPRANGA — Madeira, o mesmo que CORAÇÃO DE NEGRO. Apuloea ferrea, Mart.

QUIROFANO — Sala de cirurgia provida de visor envidraçado pelo qual se pode assistir as operações.

QUITUNGO — Habitação pobre. Choupana.

R

Relógio de sol plantado no adro da Igreja Matriz de Tiradentes.

RABISCA — Ver RABISCO.

RABISCADURA — Ação de rabiscar. Rabisco.

RABISCAR — Traçar rabiscos. Encher de rabiscos. Esboçar.

RABISCO — Risco, feito com pena ou lápis com displiscência. Garatuja. Desenho ou pintura de pouca importância, no geral, às vezes, decisivo na concepção arquitetônica.

RABO — Prolongamento dos LEMES dos GONZOS usados nas portas externas, maiores que as demais e porisso mais pesadas, o que justifica aquele tipo de ferragem.

RABO DE ANDORINHA — Ver MALHETE.

RABO DE LEQUE — Nome que se costumava dar ao degrau irregular, principalmente ao da escada de caracol.

RABO DE MINHOTO — O mesmo que MALHETE.

RABO DE TUCANO — Madeira utilizável em pequena carpintaria. Vochysia oppugnata, Warm.

RABOTE — Grande plaina de carpinteiro.

RABUGEM — Madeira revessa difícil de ser lavrada.

RACHA — Lasca ou fragmento de pedra resultante da fratura ou estilhaçamento de um grande bloco.

RACHADELA — Ver RACHADURA.

RACHADURA — Ação ou efeito de rachar. Racha, fenda.

RACHÃO — Abertura, fenda ou racha grande.

RACHAR — Abrir fendas em alguma superfície. Fender. Gretar.

RACHEAR — Preencher com lascas de pedra e argamassa os vãos de uma parede em construção. Ver RACHEDO.

RACHEDO — Porção de lascas e argamassa com que o pedreiro fecha os vãos porventura existentes entre as pedras de uma parede.

RACHETA — Pequena racha. Fendazinha.

RACIONALISMO — Movimento arquitetônico que caracteriza-se pela realização de uma arquitetura "racional", isto é, prática, limpa, de alto interêsse social. E isto, històricamente, situa-se em princícios dêste século e teve como intérprete Adolf Loos e Peter Ahrens. O racionalismo, no entanto, influenciou tôda a arquitetura contemporânea chegando ao Brasil e determinando condições as mais lógicas e mais justas para a nossa arquitetura atual, que se engrandeceu sob essa égide, a do racionalismo.

RACIONALIZAÇÃO — Ato ou efeito de racionalizar, isto é, tornar "racional". Em arquitetura, serão precisamente mais eficientes, por métodos científicos, os processos de construção, precedidos das mesmas condições nos projetos realizados pelos arquitetos.

RAFAELAS — O mesmo que ARABESCOS.

RAIA — Linha, risco, traço. Estria ou lista.

RAIAR — Traçar riscas ou raias em uma superfície. Estriar.

RAINURA — O mesmo que RANHURA.

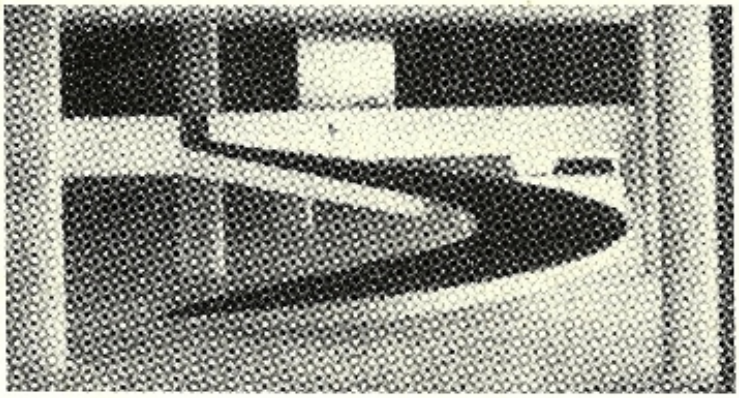
RAJAR — O mesmo que RAIAR. Fazer raias, estriar, riscar.

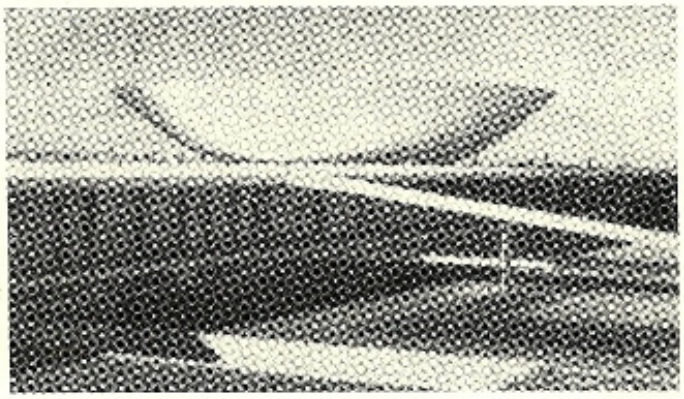
RALETE — Pequena chapa de metal perfurada que se coloca em orifício feito numa porta e que permite a visibilidade de dentro para fora de casa. Também existe a forma RALO.

RALO — Superfície horizontal, no nível do chão e geralmente de metal, por onde se escoam as águas pluviais ou de lavagem. Sumidouro guarnecido de grade nos aparelhos sanitários. O mesmo que RALETE.

RAMADA — Cobertura tôsca de casa rústica, geralmente de fôlhas ou palhas.

RAMO — Festão, ornamento. No plural, RAMOS, designa as porções de arcos que partem de um mesmo ponto de coluna.





Exemplos de rampas. Construções de Brasília, projetadas por Oscar Niemeyer.

RAMPA — Declive. Superfície inclinada que constitui, dentro ou fora dos edifícios, elemento de circulação vertical. Substituindo a escada tradicional, exige, no entanto, muito maior espaço para seu desenvolvimento. Para pedestres, sua inclinação máxima tolerável é de 15º. Inclinações maiores são possíveis nos acessos a garagens. Nome do guarda corpo, ou balaustrada, inclinado das escadas.

RAMPADO — O que está disposto em rampa. Que tem forma de rampa. Rampa. Conjunto de rampas.

RAMPAMENTO — Ação de fazer ou tornar rampa ou rampado.

RAMPANTE — Nome que se dá aos terrenos ou pisos inclinados ou não nivelados. Por extensão, o nome é aplicado a todos os elementos arquitetônicos fora de nível: diz-se "arco rampante", "corrimão rampante", etc..

RAMPEAR — Cortar em rampa um terreno ou criar a rampa. Chanfrar.

RANCHADA — Grande RANCHO.

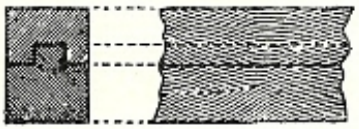
RANCHARIA — Agrupamento de RANCHOS. Povoado pobre. Também existe a forma RANCHEIRA.

RANCHEL — Pequeno RANCHO.

RANCHINHO — Cabana. Pequeno rancho.

RANCHO — Abrigo rústico ou rudimentar à beira dos velhos caminhos, que servia de pouso aos viajantes e tropeiros e onde era resguardada a carga transportada. Em volta dos ranchos começaram a surgir postos de abastecimento de gêneros, moradias, capelas, etc., transformando aquêles pontos de parada em povoados e, depois, em cidades. Certos ranchos foram construídos pelo govêrno e por êle zelados, especialmente em São Paulo do fim do século XVIII. No arquivo do Estado de São Paulo existem guardados documentos e desenhos relativos a ranchos de taipa de pilão funcionalmente projetados para guardar caixas de açúcar da zona ituana. Habitação rústica do pessoal do campo e do seringal. Telheiro.

RANHURA — Encaixe, escavação ou entalhe na espessura de uma tábua. O têrmo foi muito empregado principalmente em certo tipo de sambladura entre duas vigas justapos-



tas, onde a reentrância recebe o nome de ranhura e a saliência o de lingüeta. Escavação longitudinal que serve de corrediça.

RAPADURA — Madeira, o mesmo que MAÇARANDUBA.

RASAMENTO — Ato ou efeito de rasar. Arrasamento.

RASAR — Pôr um terreno ao nível desejado. Arrasar. Aplainar. Igualar, nivelar.

RASCUNHAR — Fazer o rascunho. Bosquejar. Esboçar. Traçar, riscar.

RASCUNHO — Delineamento de obra, projeto ou pormenor com as proporções das dimensões mais ou menos aproximadas, geralmente feito a mão livre. Croqui. Bosquejo.

RASGAMENTO — Nome dado à inclinação dos tôpos das paredes, que delimitam portas ou janelas rasgadas. Melhor dizendo, RASGAMENTO é a inclinação da ENGRA ou ENXALSO de uma porta.

RASGO — Segundo uma concepção antiga e em desuso, designava o traço franco e rápido, feito com a pena, lápis ou pincel para desenhar. Como disse Assis Rodrigues em seu dicionário "os rasgos dos grandes mestres conhecem-se e avaliam-se pela grandiosidade, franqueza, expressão e simplicidade das formas". Vazamento ou abertura em uma parede.

RASOURA — Lâmina provida de cabo com o qual os marceneiros e carpinteiros retiram as asperezas e rebarbas que ficam na superfície da madeira. Peça de madeira usada para cortar o barro que sobra dos moldes de telhas e tijolos.

RASTEIRO — Ver ENGENHO.

RASTILHA — O mesmo que CORTECHÉ.

REALGAR — Minério de arsênico usado como tinta, principalmente em envernizamento e tratamento de madeiras. O mesmo que ROSALGAR.

REALISMO — Posição estética que se prende à representação fervorosa da realidade sensorial. Em pintura caracteriza um movimento e uma etapa da evolução dessa arte. Em arquitetura pouco tem de influência direta mas não deixou de exercer pressão sôbre determinados momentos no desenvolvimento da arquitetura contemporânea como na mexicana, por exemplo. Na brasileira, o realismo não tem significado como movimento ou idéia, a não ser no que tem de relação com o RACIONALISMO. Ver para esclarecimento ABSTRACIONISMO.

REBAIXAR — Diminuir a altura ou abaixar o nível de uma peça ou superfície.

REBAIXADEIRA — Espécie de plaina usada pelos marceneiros.

REBAIXO — O mesmo que RANHURA Nos marcos de portas ou janelas, entalhe onde se encaixam as fôlhas.

REBAR — Encher com REBOS ou pequenas pedras os vãos de uma parede.

REBARBA — Aspereza que surge numa superfície depois de trabalhada com ferramentas de desbaste. Lasca ou fiapo que surge nas bordas das peças de metal ao serem trabalhadas. Nome da parte do rebôco que, ao ser comprimido, escapa entre as malhas das telas metálicas ou frestas de gradeados que sustentam paramentos de estuque.

REBARBAR — Tirar as REBARBAS.

REBATO — O mesmo que SOLEIRA de uma porta.

REBITAR — A volta ou dobra que se faz no prego, para que êle não saia de onde está cravado. Solidarizar peças metálicas com REBITES.

REBITE — Pequeno cilindro metálico, com cabeça numa das extremidades, usado para solidarizar duas chapas, geralmente do mesmo metal, e que é introduzido em orifícios nelas para ser rebatido até a ponta oposta à cabeça para formar retenção.

REBO — Pedra não aparelhada e usada em construção.

REBOCADO — Revestido de rebôco.

REBOCADURA — Ato ou efeito de REBOCAR. Rebôco.

REBOCAR — Antigamente, o têrmo era empregado para designar ùnicamente a operação de estender argamassa fina sôbre o EMBOÇO ou encasque de uma parede ou outro elemento arquitetônico qualquer. Hoje em dia, rebocar significa tanto aplicar a massa fina como a grossa. Ver REBÔCO.

REBÔCO — Argamassa de cal e areia, ou cimento e areia, com que se revestem as paredes

em uma ou duas camadas. Nesse caso, a primeira camada chama-se EMBOÇO e a areia de sua argamassa não é peneirada. Vulgarmente dá-se a ela, também, o nome de REBÔCO GROSSO. A segunda camada, a de acabamento desempenado, é composta de areia fina peneirada e cal. É o REBÔCO FINO ou massa fina.

REBOÇO — Nôvo emboço. Têrmo pouco usado.

REBOQUE — Ato ou efeito de REBOCAR. O mesmo que REBÔCO.

REBOQUEJAR — O mesmo que REBOCAR.

REBÔRDO — Qualquer saliência arredondada. Bocel.

REBOTE — O mesmo que RABOTE.

RECALQUE — Rebaixamento da terra ou da parede após a construção da obra.

RECÂMARA — Câmara interior. Aposento contíguo ao dormitório e que serve de vestiário e guarda roupa.

RECAMO — Ornato em relêvo. Campo gramado.

RECHANO — Ver RECHÃ.

RECHÃ — Chapada. Planalto. Planura.

RECHÃO — Ver RECHÃ.

RECHINADA — Madeira cheia de nós e por isso difícil de ser trabalhada.

RECOBRIMENTO — Nos telhados, nome das superfícies de contato entre uma telha e outra. Quanto menos inclinados os telhados, maiores devem ser os recobrimentos. Revestimento de uma superfície que poderia normalmente ficar aparente.

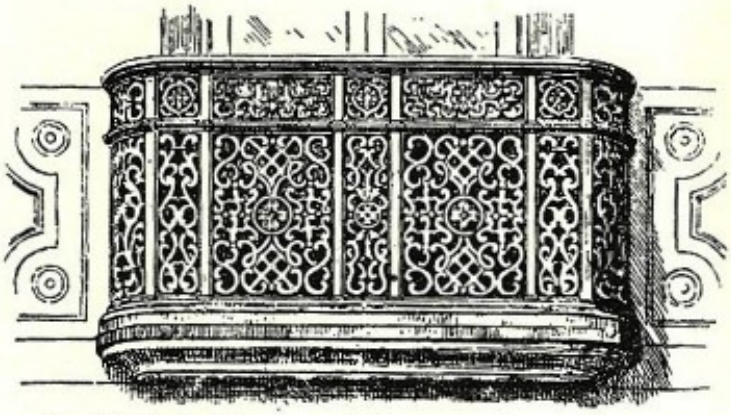
RECOLETA — Barracão cuja cobertura é de só uma água.

RECOLHIMENTO — Estabelecimento religioso semelhante ao convento, porém, sem votos.

RECONSTITUIR — O mesmo que RESTAURAR.

RECONTROS DE ABÓBADA — O mesmo que RINS.

RECORTES — Aberturas ou perfurações efetuadas, segundo desenho estabelecido, em



Gradil de balcão executado em pedra sabão recortada. Residência do Barão do Pontal, construída em 1790, em Mariana, Minas. Obra atribuída a José Pereira Arouca.

placas de madeira pedra ou metal para ornamentar guardacorpos balaustradas ou obras de telhados. Ver LAMBREQUIM

RECOZER — Tornar a cozer bastante. Deixar peça de cerâmica ou de vidro esfriar lentamente no fôrno de cosimento.

RECRAVA — Nos aros de pedra das portas, orifícios onde se chumbam os caixilhos que irão sustentar as fôlhas.

RECUADA — Ver RECUO.

RECUAMENTO — Ver RECUO.

RECUO — Nome que vulgarmente se dá aos afastamentos existentes entre um edifício e as divisas do terreno. O afastamento em relação ao alinhamento chama-se RECUO DE FRENTE. Os outros, chamam-se laterais ou de fundo.

RÊDE — Nome que também se aplica às telas ou tecidos metálicos empregados nas construções. O conjunto das tubulações de água e de gás empregadas em uma construção.

REDENTE — Ângulo reentrante ou saliência feito nas muralhas das fortificações, em ambas os casos com planta triangular. Nos terrenos inclinados, nome de cada um dos degraus ou quebras que se fazem nos topos dos muros para se obter altura média constante e horizontalidade dos lanços.

REDONDEL — Arena, picadeiro ou local de espetáculos de planta circular.

REDUTO — Pequena fortificação avançada, dependente de um sistema defensivo maior.

REEDIFICAR — O mesmo que reconstruir, tornar a edificar, recompor.

REENTRÂNCIA — Em arquitetura, nome do espaço aberto que fica recuado do alinhamento da construção determinando concavidade no paramento externo. A reentrância pode ser mínima, constituindo sulco ou canal decorativo rasgado na alvenaria ou pode ser um grande espaço determinado por paredes que fazem ângulo para dentro do alinhamento. Nestes casos, é muito importante a relação entre a largura de sua bôca e o comprimento da profundidade. Os códigos de obra não aceitam reentrâncias como áreas participantes de saguões de insolação quando suas profundidades forem maiores que os respectivas bôcas.

REFECHAMENTO — Nas paredes de tijolo à vista, é comum a retirada da argamassa das juntas até uma profundidade de dois centímetros aproximadamente. Em seguida, fazem-se um rejuntamento, isto é, aquêles sulcos são novamente incluídos com argamassa mais consistente e bem desempenada. A essa operação dá-se o nome de REFECHAMENTO.

REFEITÓRIO — Compartimento onde se serve a comida aos membros de uma comunidade, como nos conventos, quartéis, escolas, fábricas, etc.

REFENDER — Abrir sulco, ranhura, recorte, entalhe, etc. Diz-se, por exemplo que uma tábua, ou guarnição, é REFENDIDA, quando ornamentada com ranhuras longitudinais.

REFENDIDO — Ver REFENDER.

REFIAR — Dividir serrando em fôlhas uma tábua.

REFÔRÇO — Elemento estrutural levantado após o término de uma construção para anular esforços que a estrutura original mostrou-se incapaz de suportar ou porque foi mal calculada ou executada ou porque foi alterado o equilíbrio conseguido inicialmente. Esta última hipótese é comum nos casos de abertura de escavações contíguas a paredes cujos alicerces são abalados. Arcobotante. Botaréu. Gigante. Escora.

REFOSSETE — Vala no fundo de um fôrno, por onde corre água.

REFRATÁRIO — Nas construções, diz-se das peças, geralmente cerâmicas, que resistem às altas temperaturas e que dificilmente se fundem. Os tijolos refratários são muito empregados nas construções de fornos, fornalhas, etc.

REFÚGIO — Abrigo. Lugar onde alguém pode se refugiar.

REFUGO — Nas obras, material rejeitado por apresentar defeitos iniciais ou já por ter sido muito usado. Entulho.

RÉGIA — Palácio real.

REGIÃO — Grande extensão de terreno. Terreno. Território que pelos seus caracteres (clima, ventos, produção, etc.) se distinguem dos outros.

REGIONALISMO — Doutrina que fomenta os agrupamentos regionais. Em arquitetura surgem interpretações e maneira de realização que alguns chamam de "regionalistas". Considera-se, dêsse modo, arquitetura regionalista, aquela que interpreta, de início, as condições mais favoráveis e os ideais de uma região para depois ser realizada com os materais próprios da região. O mais difícil é saber-se, se o resultado é de fato, característico da região. Lúcio Costa tem sido chamado por muita gente, inclusive críticos estrangeiros. de arquiteto regionalista por algumas obras suas, como o Hotel de Friburgo.

REGISTRO — Construção, fortificada ou não, onde era processado exame de caráter aduaneiro ou fiscal, junto aos portos marítimos ou fluviais. No Brasil foram comuns os "registros do ouro", onde eram satisfeitos os interêsse reais relativos ao metal precioso tirado das minas. Registro, cidade paulista às margens do Ribeira de Iguape, tem êsse nome devido a antigo pôsto fiscal ali instalado. Comporta de dique ou açude. Torneira de chafariz. A chave da torneira. Nas tubulações de água, dispositivo que trava a passagem do líquido antes dos pontos terminais das torneiras, secando-as. Engenho, nas chaminés que regula a tiragem de fumaça e controla o ritmo da combustão. Casa de comércio por atacado.

RÊGO — Sulco natural ou artificial para conduzir água.

RÉGOLA — Corte que se faz num terreno para se marcarem os limites de uma construção qualquer ou de uma estrada.

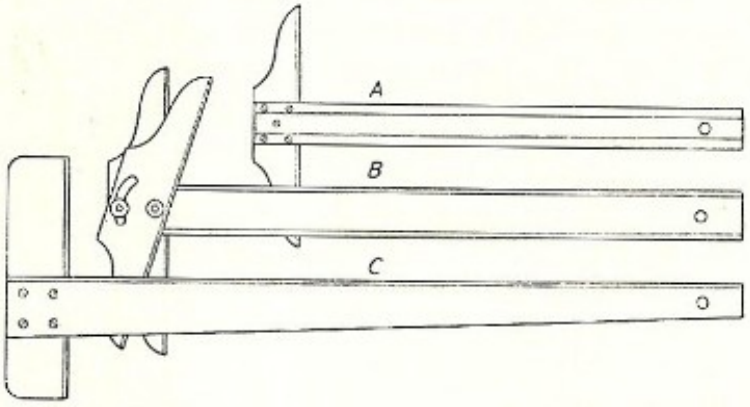
REGRA — O mesmo que RÉGULA.

REGRAR — Traçar linhas com a régua. Fazer traços ordenadamente.

REGRAXO — Sistema de pintura que emprega tintas transparentes ou vernizes sôbre superfícies douradas ou prateadas deixando transparecer a côr ou brilho daqueles metais.

RÉGULA — Peça direita, ordinàriamente de madeira, para traçar linhas retas. Ver ESCALA.

RÉGUA-TÊ — Régua com a forma da letra T, cuja perna central pode ir de 0,50cm até 3,00m para uso exclusivo nas mesas de desenho e que deslisa por um dos bordos, mantendo o paralelismo nas linhas. É o instrumento de maior emprêgo no desenho arquitetônico. Vulgarmente, chama-se apenas "Tê", no masculino.



REPULETE — Régua ou moldura estreita e chata usada para separar painés ou almofadas. Testeira, guarnição, mata-junta.

REINHURA — O mesmo que RANHURA.

REITORIA — Edifício onde se instala o gabinete do reitor de uma universidade e as repartições administrativas ligadas àquela direção.

REIXA — Tábua pequena. Grade de janela. Ver GELOSIA. Pequena barra de ferro.

REJA — O mesmo que REIXA.

REJADILHA — Diminutivo de REJÁ, ou REIXA.

REJUNTAR — Tomar com argamassa, geralmente a base de cimento, as juntas da alvenaria de pedra ou tijolo e as frestas entre peças de revestimento.

RELA — Peça côncava de ferro, ao nível da soleira dos portões daquele metal, em que gira o pião ou gonzo.

RELEGA — Altura ou saliência das almofadas de uma porta ou janela sôbre a superfície em que se assentam, travessas ou caixilhos, por exemplo.

RELÊGO — Depósito, celeiro ou adega nas propriedades rurais.

RELEIXO — Caminho estreito ao longo de uma estrada, de um muro ou muralha, de um fôsso, etc. Saliência sôbre uma parede. O têrmo foi aplicado para designar o rastro da goiva sôbre uma superfície de madeira. Se o chanfro fôsse convexo, dizia-se de "releixo por fora" e se côncavo, "de releixo por dentro". A face cortante dos ferros de talha em madeira.

RELÊVO — Obra de escultura que ressai da superfície natural. Ver ALTO RELÊVO e BAIXO RELÊVO. Constitui-se em complemento arquitetônico de interêsse decorativo.

RELHA — Peça estreita e comprida de madeira, que atravessa as tábuas que compõem as fôlhas de portas e janelas solidarizando-as. Ao contrário das travessas comuns, aparentes no tardoz, a relha fica totalmente embebida na espessura dos pranchões. Ver PORTA.

RELHADA — Diz-se da porta ou janela em que a fôlha móvel é composta de tábuas unidas por RELHAS.

RELÓGIO DE SOL — A construção ao ar livre composta de uma haste metálica cravada por uma das extremidades no centro de um plano cujas marcações permitem saber no momento a altura do sol e a hora. A êsse mostrador do relógio de sol dá-se o nome de QUADRANTE.

REMATAR — Acabar, concluir, terminar. Colocar o último e mais alto ornato ou REMATE.

REMATE — Ornato que finaliza uma obra de arquitetura, coroando-a.

RENDILHA — Ornamentação que emprega RECORTES.

RENDILHAR — Fazer RECORTES.

RENDIMENTO — Dá-se o nome de rendimento ao aumento de volume de CAL, quando há a passagem de cal viva para cal extinta.

RENGA — Forma popular de RENQUE.

RENGUE — Forma antiga de RENQUE.

RENQUE — Fileira. Alinhamento. Disposição de árvore, de edifícios, etc., no mesmo alinhamento.

REPARAR — Restabelecer, restaurar, consertar uma casa ou edifício em más condições de habitabilidade.

REPARO — Elevação de terra que reforça uma muralha. Qualquer sistema de defesa ou resguardo.

REPARTIMENTO — Lugar separado dos outros. Compartimento. Antigamente, o têrmo foi também empregado como sinônimo de divisão, de parede divisória. Em inventários foram comuns descrições de imóveis de "paredes de fora de taipa de pilão" e "repartimentos de taipa de mão".

REPECHO — No Paraná e no Rio Grande do Sul, diz-se do terreno cheio de altos e baixos, ou designa ladeira, aclive.

REPINTAR — Pintar de novo. Copiar ou reproduzir. Avivar.

REPIQUÊTE — Ladeira.

REPLANO — Instrumento de carpinteiro usado para fazer molduras e rebaixos.

REPLANTAR — Sôbre a superfície aparente dos alicerces já terminados, tornar a marcar os eixos das paredes de um edifício.

REPLASTAGEM — Nova camada de argagamassa sôbre outra já sêca.

REPOSITÓRIO — Capela em via pública, onde param e descansam as procisões. O mesmo que PASSO.

REPOSTARIA — Nas casas nobres, compartimento onde se fazem doces, confeitos e licores.

REPOSTE — Antigamente, casa para depósito de móveis ou os próprios móveis.

REPOSTEIRO — Cortina que guarnece as portas internas de um edifício, geralmente palácio ou igrejas.

REPOUSO — O mesmo que PATAMAR ou DESCANSO.

REPREGO — O mesmo que chassis ou caixilho, que reforça um painel ou cenário pintado nas cenas teatrais.

REPRÊSA — Construção cujo fim é reter um curso de água para usos industriais ou agrícolas. Conserto de uma parede. MÍSULA. PEANHA. Bacia um balanço em que se apoia o guarda corpo do PÚLPITO.

REPRESÁRIO — A barragem de uma REPRÊSA.

REPÚBLICA — Casa na qual vivem estudantes em comum. Ver CASTELO.

REPUXADO — Diz-se do prego, geralmente sem cabeça, cravado até desaparecer, deixando ver sòmente o orifício de entrada, o qual é tapado com massa de vedação. Repuxa-se o prego geralmente na fixação de rodapés, pois deseja-se evitar possíveis marcas de ferrugem que costumam aparecer depois de terminada a pintura.

REPUXO — Antigamente, dispositivo que permitia a retirada de água dos aquedutos, geralmente de pedra e guarnecido de torneira, ou "chave" de bronze. Hoje em dia o nome é aplicado ao orifício que permite um jato contínuo e vertical nas fontes ornamentais. Vulgarmente dá-se o nome de repuxo à própria fonte. O mesmo que BOTARÉU. Jorramento dado aos pés direitos para lhes aumentar a resistência.

REQUADRAR — Executar em peças de madeira, pedra ou metal, lados que façam entre si ângulos retos. Tornar quadrado ou retangular. ESQUADREJAR.

REQUADRO — O mesmo que ESQUADRA, armação cujos componentes formam ângulos retos.

REQUARTA — Área de 312 braças quadradas. Na forma masculina. REQUARTO, medida equivalente a 1/16 do alqueire em volume.

REQUENTADA — Diz-se da madeira cuja seiva fermentou-se, dando lugar a manchas escuras.

RÉS-DO-CHÃO — Pavimento de uma casa ao nível do solo ou da rua. Pavimento térreo. Térreo.

RESERVADO — Nos bares e restaurantes, compartimento separado destinado aos freguêses que não querem servir-se do salão comum.

RESERVATÓRIO — Depósito. O mesmo que CAIXA D'ÁGUA.

RESERVO — Nas casas grandes dos engenhos, grande relvado fronteiro, em geral guar-

necido de cêrcas vivas — bambus por exemplo, que serve de pastagem.

RESFRIADEIRA — Nos engenhos, local onde se resfria o açúcar.

RESFRIADO — A camada de terra imediatamente abaixo dos lajedos de revestimento.

RESIDÊNCIA — Casa ou lugar onde se habita. Habitação. Lar. Domicílio. Morada habitual em lugar certo.

RESIDENCIAL — Relativo a residência. Em que há residências. Destinado para residência.

RESIDIR — Morar. Habitar. Estabelecer residência.

RESINA — Nome genérico que se dá a certas substâncias vegetais oleosas e inflamáveis, retiradas de várias espécies de árvores. Insolúveis na água, geralmente dissolvidas no ácool, são empregadas no preparo de vernizes.

RESPALDA — Pedra chata, que serve para calçar outra maior.

RESPALDAR — Fazer RESPALDO. Tornar plano ou liso.

RESPALDO — Ato ou trabalho de alisar, aplainar ou desempenar uma superfície, um terreno, uma estrada ou qualquer obra de alvenaria cujo tôpo seja plano. Nas construções, pelo menos em São Paulo, dá-se o nome de respaldo ao revestimento desempenado dos tôpos das paredes e das alvenarias dos alicerces. Diz-se que uma obra já está na vez dos respaldos, quando os alicerces já estão concluídos e revestidos superiormente por uma camada de argamassa impermeabilizante desempenada. Acima dos respaldos nascem as paredes pròpriamente ditas. Também são respaldados os tôpos das paredes, que recebem os frechais. Nome da banqueta ou degrau atrás das altares, onde fica o crucifixo e os castiçais.

RESPIGA — Encaixe, ou FÊMEA, feito numa peça de madeira para que nela entre a mecha ou MACHO, de outra peça. Há quem dê sentido inverso ao têrmo: respiga seria a saliência, como se vê em alguns livros portuguêses. Ver MECHA.

RESPIGAR — Fazer respiga.

RESPIRADOURO — Canal tronco-cônico antigamente feito na espessura de uma parede ou no alto de uma abóbada para proporcionar ventilação e luz aos ambientes, geralmente nos porões. Tubo com uma das extremidades instalada atrás dos sifões dos aparelhos sanitários que, além da ventilação pròpriamente dita, proporciona equilíbrio da pressão atmosférica dentro e fora da instalação.

RESPIRO — Abertura ou orifício que favorece a ventilação permanente de tubulações, armários, etc.

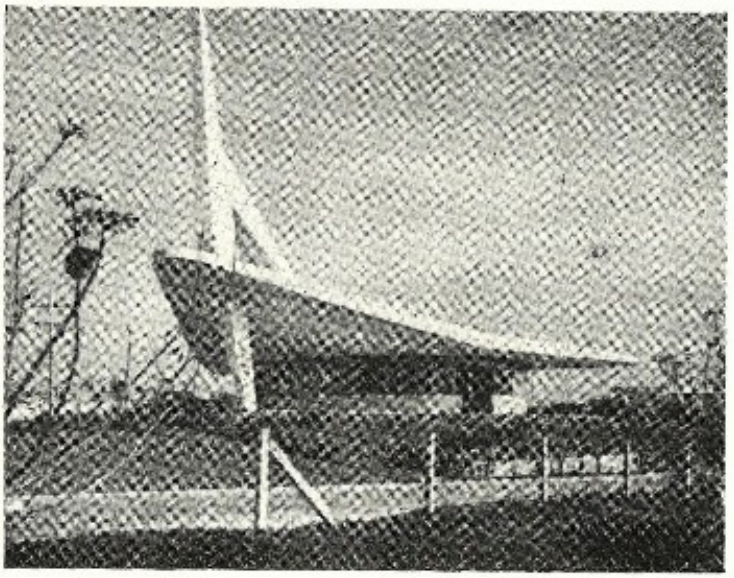
RESSAIO — Terreiro à beira de uma casa. Róssio.

RESSALTE — Ato ou efeito de ressaltar. Saliência. Ressalto.

RESSALTO — Ato ou efeito de ressaltar. Relêvo. Saliência. RESSALTE.

RÉSSIO — O mesmo que RÓSSIO.

RESTAURAÇÃO — Ato ou efeito de RESTAURAR. Reconstrução. Consêrto, reparação.



Restaurante projetado por Oscar Niemeyer e por Gaus Estelita no início da rodovia Raposo Tavares, em São Paulo. Foi o nosso primeiro restaurante "drive-in" executado entre 1952-53.

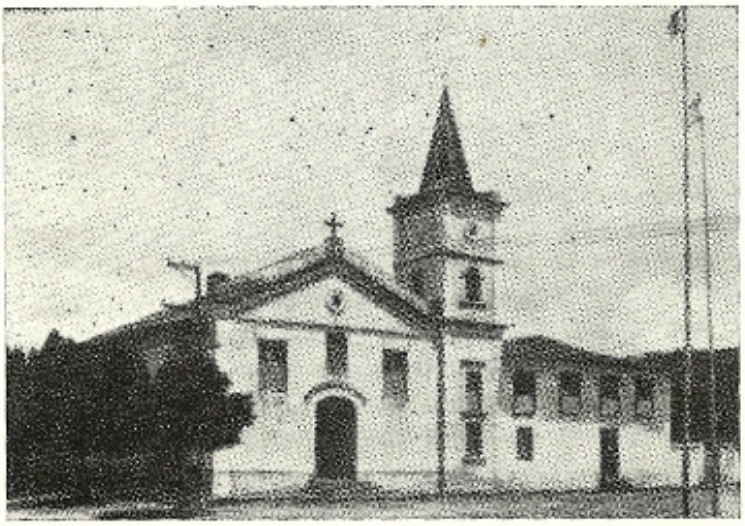
RESTAURANTE — Casa onde são servidas refeições ao público, por meio de pagamento. Dependência de hotel onde são servidas refeições.

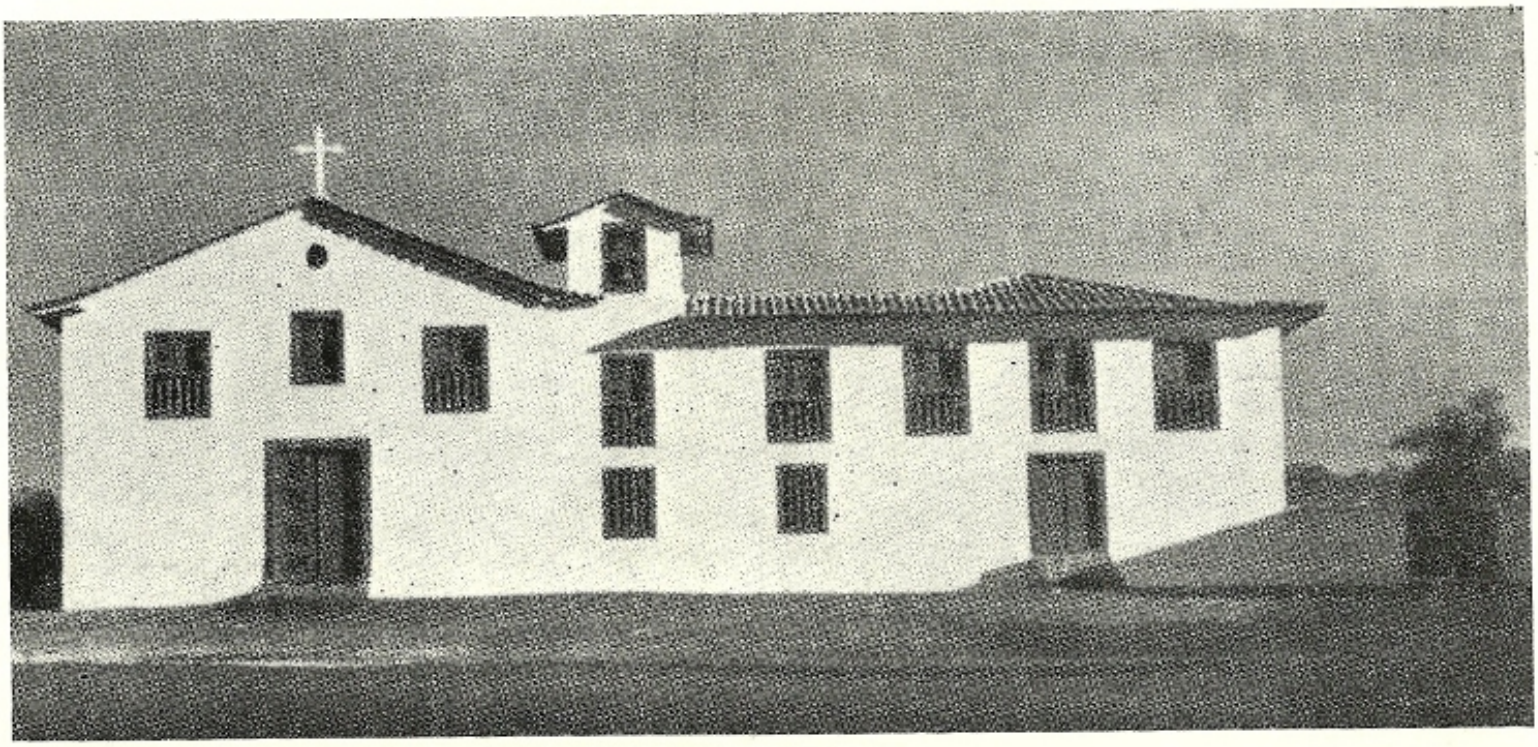
RESTAURAR — Restituir a qualquer obra de arte o seu estado primitivo. Recuperar. Os serviços de restauração de obras arquitetônicas, a par de seu profundo interêsse, encerram problemas que exigem largos conheci-

mentos históricos, artísticos e técnicos necessários à boa compreensão do primitivo aspecto formal do "resto" em recuperação. Entre nós, só temos a louvar o alto espírito orientador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que, através da erudição, bom gôsto e patriotismo de seus funcionários, tem conseguido salvar da destruição e conservar nossos monumentos arquitetônicos.

RESTO — As ruínas de um edifício. O remanescente de antigas obras, recuperável ou não, que favorece indicações necessárias ao estudo da arquitetura avoenga. Ver RESTAURAR.

RESTUCAR — Estucar de novo. Ver ESTUQUE.





Nas fotografias, a Igreja e Convento de N. S. do Rosário de Embu, Estado de São Paulo, antes e depois dos serviços de restauração procedidos pelos técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

RETABULAR — Que tem forma de retábulo.

RETÁBULO — Construção de talha da madeira ou de pedra lavrada, que guarnece uma parede em que se encosta um altar possuindo nichos e pranchas para imagens ou caixilhos para quadros ou baixorelêvos. Nos altares isolados, ou desencostados, "à romana", não há retábulos. Ver ALTAR.

RETÁMEA — Fecho superior de um edifício

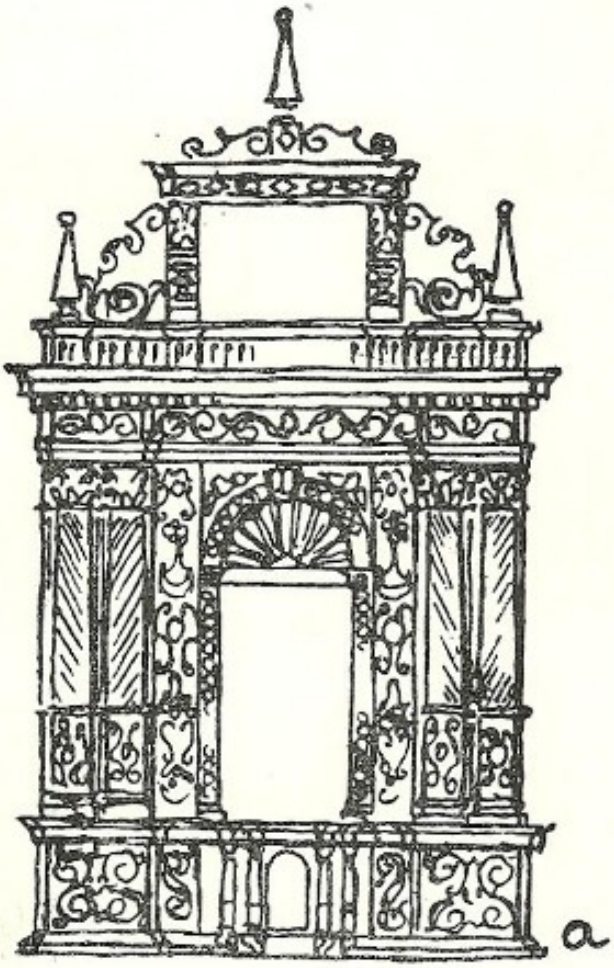
RETELHADURA — Ato ou efeito de RETELHAR.

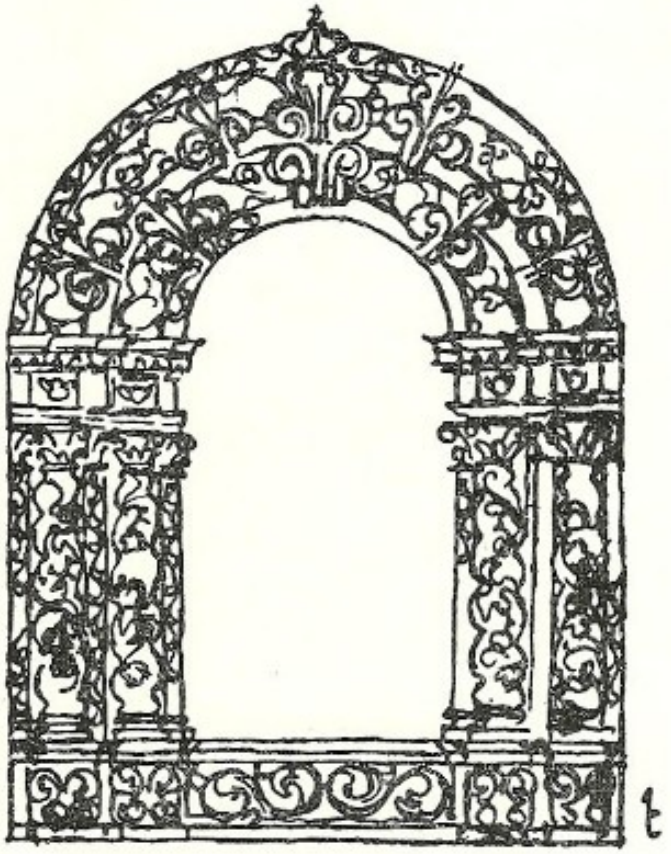
RETELHAMENTO — Ver RETELHADURA.

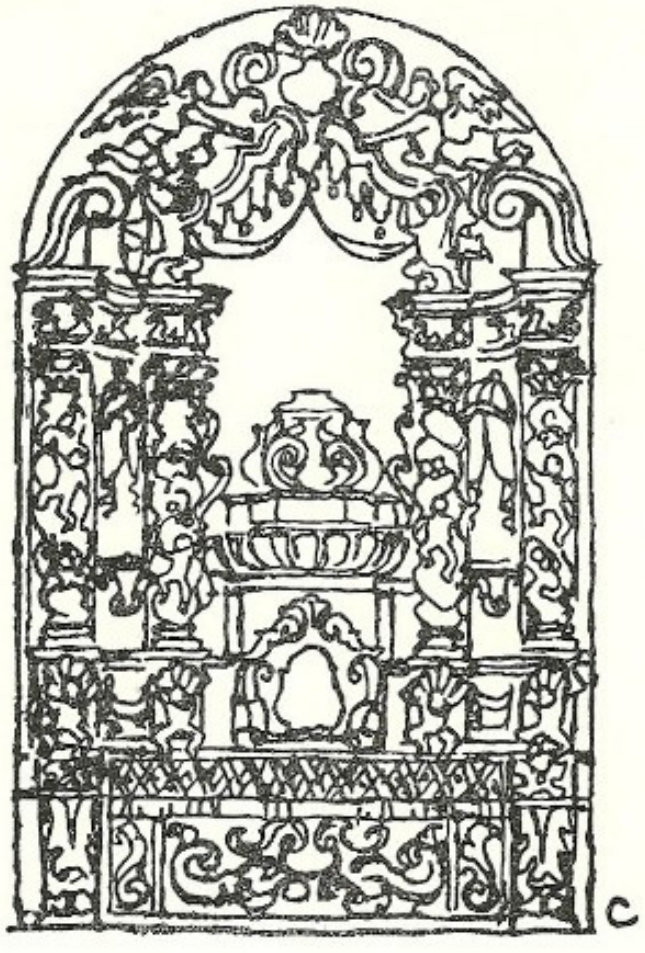
RETELHAR — Fazer novo telhado. Colocar novas telhas.

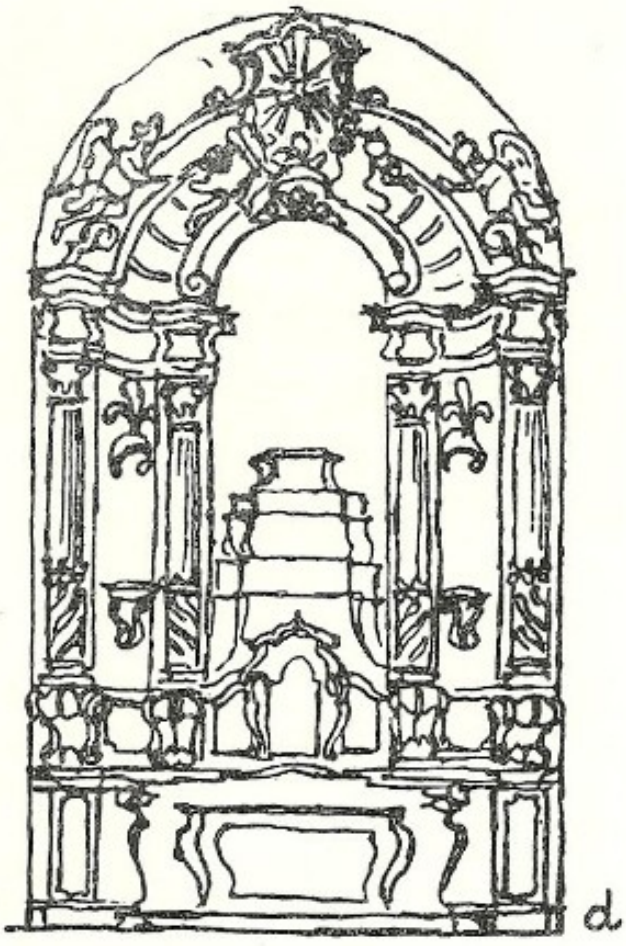
RETICULADO — Diz-se do muro de alvenaria cujos elementos não possuem leitos retos ou horizontais, de modo que suas juntas formam desenhos semelhantes a uma rêde.

RETINTO — Tinto pela segunda vez. Que tem côr carregada.

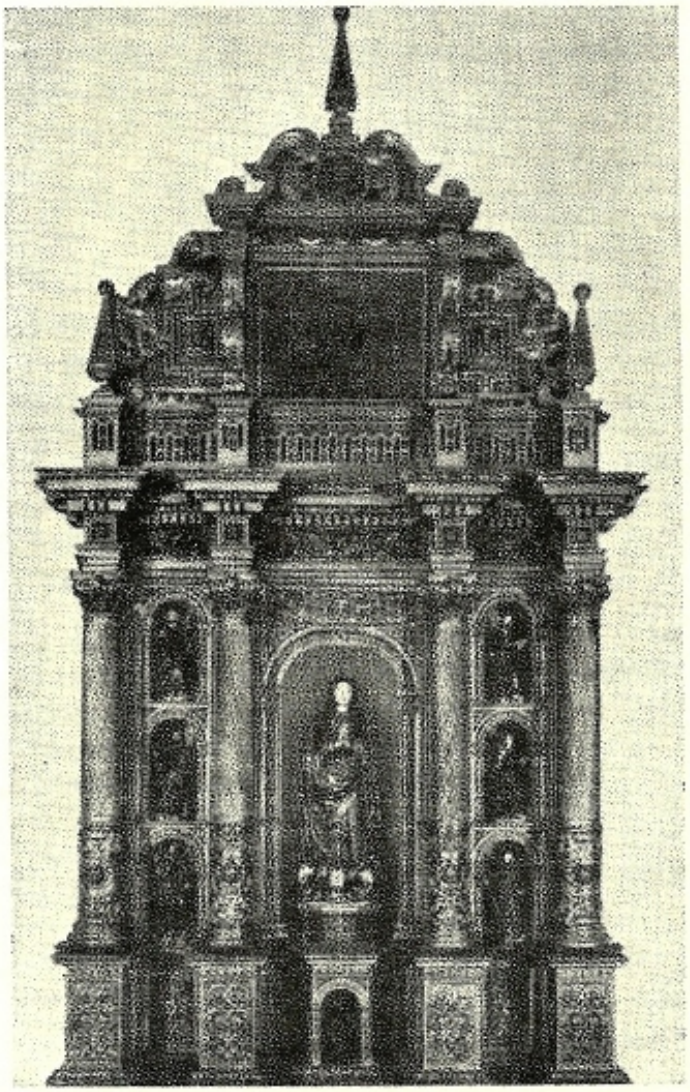


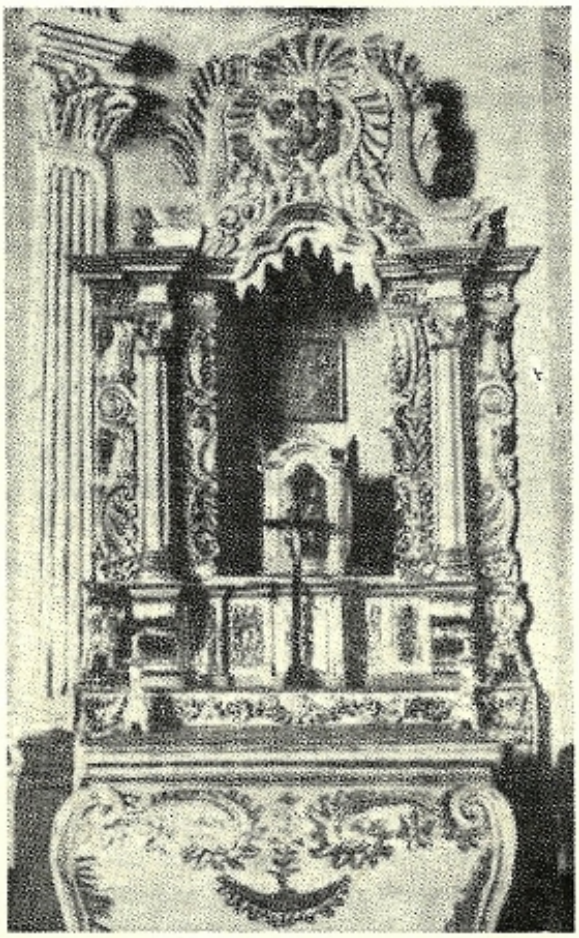


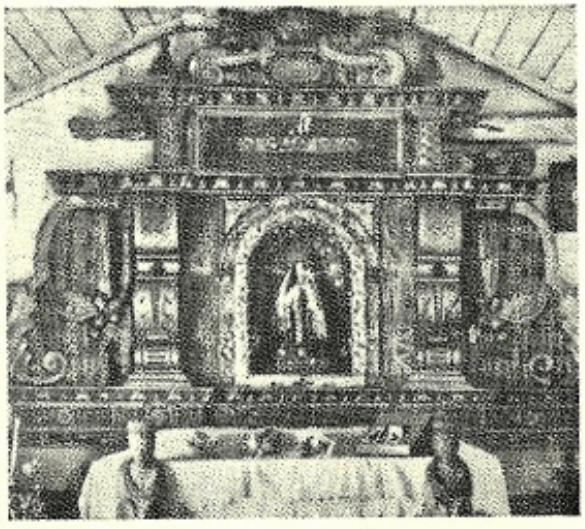




Desenhos de Lúcio Costa mostrando a evolução do "risco" dos retábulos das nossas igrejas. O desenho "a" mostra o primeiro estilo adotado, nos fins do século XVI e início do seguinte, que poderia ser chamado de proto-barroco. A seguir, retábulo que lembra as portas românicas, característico do século XVII. No desenho "c", evolução do anterior, desaparecendo o arco, que deu lugar ao dossel sôbre o trono. Por fim, o risco "moderno" do fim do século XVIII, que representa uma espécie de "renascimento" das composições mais claras da primeira época.







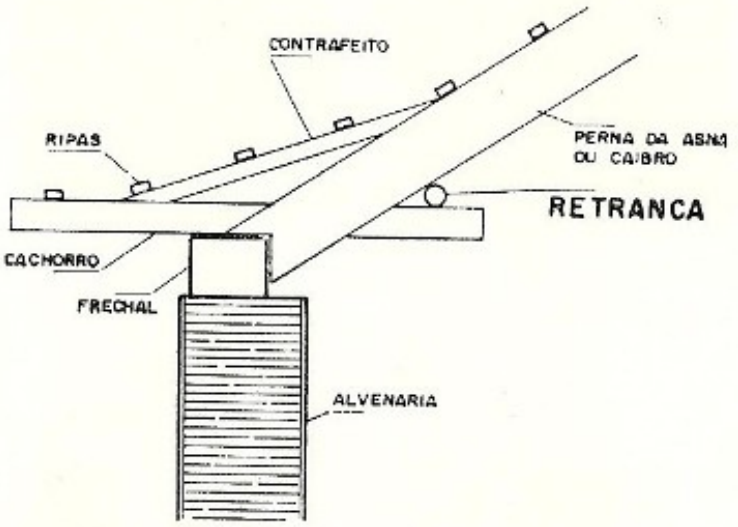
Nas ilustrações, primeiramente, retábulo de altar colateral da antiga Igreja do Colégio, Rio de Janeiro. Exemplar da primeira fase evolutiva. A seguir, retábulo do altar colateral da Igreja do Colégio, Campos. Finalmente, retábulo da antiga capela de N. S. da Conceição de Voturuna, S. Paulo. Versão primitiva da parte superior dos retábulos da primeira fase.

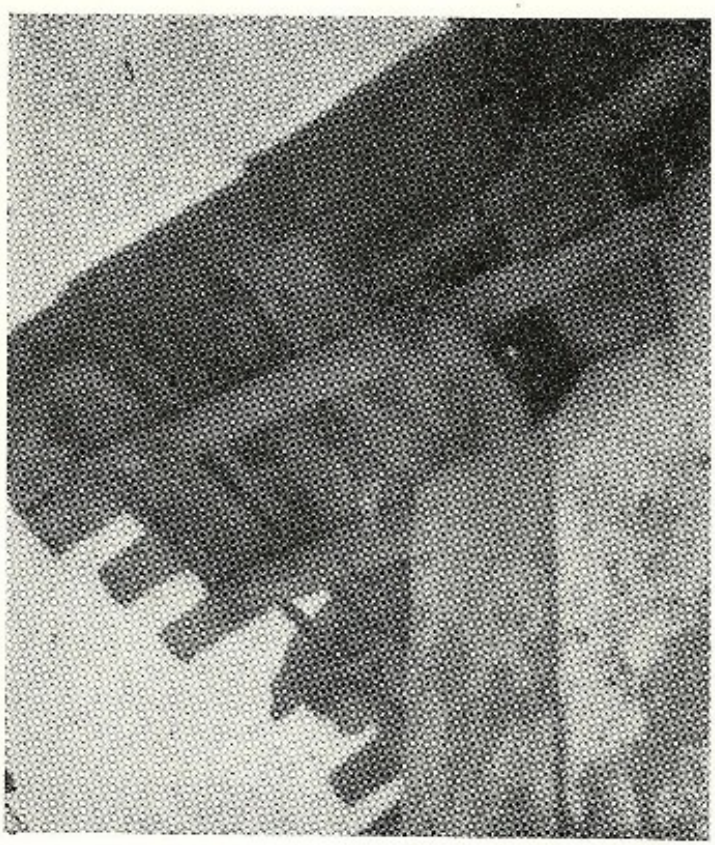
RETIRO — Barraca na roça ou em lugar retirado da moradia habitual, onde existem plantações, assim usado em Marajó. Rancho para guarda de gado hibernado, no Maranhão. Rancho de borracheiro ou mangabeiro, em Minas Gerais. Casa situada nos fundos de uma fazenda, onde moram homens que a vigiam, em Minas e Mato Grosso. Nas fazendas de criação, moradia e curral longe da sede.

RETÔRNO — O perfil, o contôrno de um entablamento ou de qualquer outro elemento arquitetônico em balanço.

RETRAÇÃO — Referindo-se ao concreto armado, é a diminuição de volume que êle sofre durante o processo de pega.

RETRANCA — Pau roliço que, apoiado nas pernas das asnas ou caibros do telhado, impede a queda ou o movimento dos cachorros dos beirais.





No desenho, a retranca é roliça, conforme vê-se na grande maioria dos exemplares arquitetônicos antigos. Na fotografia, no entanto, a retranca tem grandes dimensões e secção retangular, mais parecendo um contra-frechal. Foto de casa de fazenda em Perdões, Estado de São Paulo, próximo a Atibaia.

RETRETA — O mesmo que RETRETE. Ver LATRINA. Apesar de significar, vulgarmente, audição popular de banda musical em praça pública, normalmente no CORETO.

RETRETE — O têrmo já significou o lugar mais escondido da moradia, a parte mais retirada. Hoje, vulgarmente, designa a latrina, a sentina, o compartimento da instalação sanitária. Em velhos documentos o têrmo sempre aparece como sinônimo de latrina, aparelho sanitário. Vemos, por exemplo:... "Fazer huma secreta com sinco retretes asoalhada e repartida cada retrete sobre sy. fora das cazas dos quarteis mas serventia por dentro"... (Francisco Antonio Lopes, Os Palácios de Vila Rica, p. 172).

RETROPILASTRA — Pilastra colocada logo atrás de uma coluna.

REVELIM — Construção externa e saliente, de forma angular para defesa de ponte, etc. Semelhante ao BALUARTE, tem planta trapezoidal ou triangular.

REVERBERO — Lampião de rua.

REVERSA — No linguajar inculto dos carpinteiros, o mesmo que REVESSA, madeira de fibras emaranhadas, não distribuídas paralelamente. Ver, também, GOLA e REVERSO.

REVERSO — Diz-se do perfil que, de repente, muda de direção, que volta. Ver GOLA.

REVES — Maciço retangular de terra, nas fortificações, sôbre o terrapleno e perpendicular ao parapeito.

REVESSA — Diz-se da madeira cujas fibras não são paralelas e sim, emaranhadas, o que dificulta o seu beneficiamento e aplainamento. Como substantivo, o têrmo designa o ângulo reentrante formado pela intersecção de duas águas de telhado. O mesmo que TACANIÇA.

REVESSADA — O mesmo que REVESSA.

REVESTIDURA — O mesmo que REVESTIMENTO.

REVESTIMENTO — Ato ou efeito de revestir, de recobrir com material de melhor acabamento as superfícies nuas de paredes e pisos. Diz-se "revestimento de ladrilhos, de azulejos, de tábuas", etc. Serviço de alvenaria que proteje e consolida os taludes de terra. Muro de arrimo.

REVINDO — Meia volta. Dizia-se dos arcos e abóbadas de PLENO CIMBRE. Ver ARCO.

REXA — O mesmo que REIXA.

REZENTA — Diz-se da madeira verde, mal sêca.

RIBALTA — A frente da CENA. Zona de localidades à frente do palco, às vêzes, entre o pano de bôca e a orquestra.

RIBAMAR — Terreno à borda do mar.

RIBEIRO — Ângulo reentrante formado por duas águas de telhado que se interceptam.

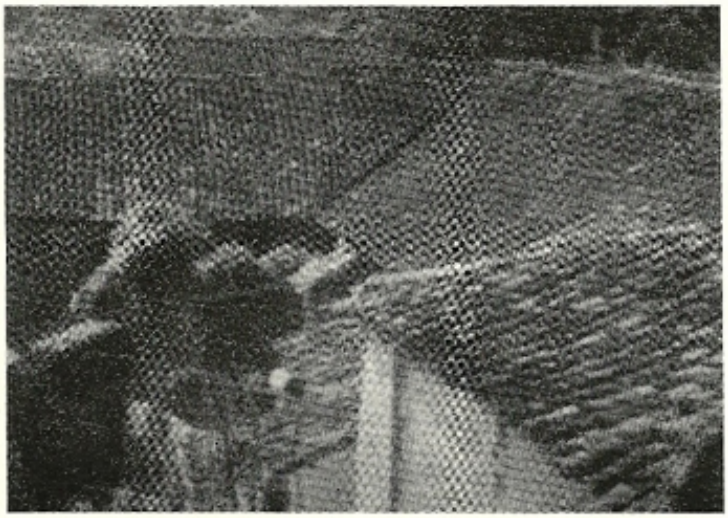
RIBETE — O mesmo que debrum. Nervuras das abóbadas bastante decoradas.

RIM — Nome de cada um dos espaços situados lateralmente aos extradorsos das abóbadas. Os rins são determinados pela tangente horizontal que passa pelo ponto mais alto, pelos prolongamentos verticais ideais dos pés direitos e, finalmente, pelo extradorso. Êsses espaços de secção semelhante ao triângulo podem ser cheios de alvenaria, o que sobrecarrega a estrutura ou podem permanecer vazios, dando lugar a corredores, compartimentos ou desvãos de telhados. Nas arcadas, o mesmo que TÍMPANO.

RIMA — Fenda. Pequena abertura. Como têrmo provincial português, quer dizer, "restos". O mesmo que arrimo.

RIMOSO — Que tem "rimas" ou fendas. Gretado.

RINCÃO — Reentrância. Canto ou ângulo interior formado por duas paredes concorrentes. Canal escavado em certas pedras decoradas de cantaria, que concorda os planos das faces com as arestas que foram arredondadas ou chanfradas. Ângulo reentrante formado por duas águas de telhado. Neste caso rincão é sinônimo de LARÓ, REVESSA, ESPIGÃO ABATIDO, GUIEIRO MORTO e RIBEIRO. Existem alguns autores, no entanto, que dão o nome de rincão ao espigão inclinado que determina um dos lados da tacaniça, como podemos ver em alguns livros portuguêses. No Brasil porém, o sentido usual é aquêle citado anteriormente, isto é, designa a palavra o canal inclinado por onde correm as águas pluviais, entre dois panos convergentes de telhado.



No segundo plano da foto, na confluência de duas águas de telhado, um rincão. Casas de Iporanga, Estado de São Paulo.

RINGUE — Tablado alto e cercado de cordas, onde se travam lutas de box e outras dos mais variados tipos. Provém do inglês "ring"

RIPA — Fasquia de madeira. Sarrafo. Qualquer peça de madeira fina, estreita e comprida. Muito usada em gradeamentos para estuques, taipas de mão e para apoiar telhas dos telhados.

RIPADO — Gradeamento feito com RIPAS. Pérgola feita de ripas para abrigar plantas.

RIPAL — Diz-se de prego curto usado para pregar ripas.

RIPAR — Gradear com RIPAS. Pregar ripas. Serrar formando ripas. O mesmo que RIPAL.

RIPE — O mesmo que RIPA.

RIPEIRA — Fasquia, sarrafo.

RIPEIRO — Tora ou madeira que, serrada, fornece RIPAS.

RIPETA — Pequena RIPA.

RIPIO — Pedra miúda com que se enchem os vãos deixados pelas grandes pedras nas paredes. Cascalho. Fragmento de tijolo.

RIPOLEM — Espécie de verniz empregado em móveis pelos lustradores.

RISCA — Ação ou efeito de RISCAR. RISCO, sulco.

RISCAR — Fazer riscos ou traços na elaboração de um desenho. Bosquejar, delinear. Traçar.

RISCO — O mesmo que CROQUI. Antigamente, no entanto, o têrmo era usado como sinônimo de PROJETO, isto é, designava o desenho original concebido pelo arquiteto ou mestre de obras.

RITMO — Harmoniosa correlação das partes. Questão importante na valorização estética da arquitetura que, no entanto, não pode ser regulada ou condicionada à fórmula ou regra. É um princípio estético a ser levado em conta pelo arquiteto e resolvido segundo a sua capacidade.

ROBLE — O mesmo que carvalho.

ROBORÉO — Feito com a madeira do carvalho.

ROCA — Penhasco, rocha, penedo. Nome que os canteiros davam às pedras mais duras e difíceis de ser lavradas.

ROÇA — A zona rural ou a pequena propriedade agrícola. Plantação de mantimentos, feijão, mandioca, etc.

ROÇAR — Cortar ou abrir uma pedra "roçando-a" com um prego, ponteiro, etc. Ver RÔÇO.

RÓCIO — Grafia errônea de RÓSSIO.

RÔÇO — Sulco que os canteiros fazem nas pedras para as dividir ou partir. Sulco feito longitudinalmente numa peça de madeira para receber o tôpo de outra peça ou tábua.

ROCOCÓ — Nome dado à profusão de ornatos, às vêzes de mau gôsto, que caracterizam estilos pós-renascentistas, especialmente, em França, o contemporâneo a Luís XIV.

RODA CADEIRA — Moldura chata e estreita colocada a meia altura sôbre a parede para evitar que as cadeiras estraguem a pintura.

RODA DE CONVENTO — Nas portarias dos conventos, espécie de armário que gira em tôrno de eixo central vertical, onde se colocam objetos que se quer passar de fora para o interior do estabelecimento ou de dentro para fora.

RODAPÉ — Soco contínuo, rente ao chão, que serve de base ou assento a outros elementos de composição arquitetônica. Faixa de proteção ao longo das bases das paredes, junto aos pisos, podendo ser de madeira, pedra, mármore, cerâmica, etc.

RODENTURA — Ver RUDENTURA.

RÔDO — O mesmo que TACANIÇA. O têrmo, no entanto, também designa o fato comum dos elementos componentes dos beirais, às vêzes, perderem a perpendicularidade aos frechais, quando as paredes são concorrentes, formando ângulos externos, ou CUNHAIS, ou ângulos internos. Essa torção, ou perda de perpendicularidade, visa uma concordância que evita vazios nos ângulos externos e superposição de cachorros, por exemplo, nos ângulos internos. Nos cunhais, os elementos em balanço foram um leque, que, caracteriza o RÔDO DOS CUNHAIS

ROEL — Arruela.

ROLÃO — Cilindro de madeira usado pelos canteiros para auxiliar o transporte de grandes blocos de pedra.

ROLETE — O mesmo que BORRANA.

ROLHÃO — O mesmo que ROLÃO.

ROLAR — Cortar em rolos ou toras uma árvore.

RÔLO — Cilindro de ferro, liso ou eriçado de pontas, que gira em tôrno de um eixo horizontal ligado a uma haste comprida, que serve para comprimir e, às vêzes, tornar ásperos, os cimentados de revestimento dos pisos.

ROM — Espécie de tinta amarela.

ROMBO — Ornato em forma de losango.

ROQUETA — Construção secundária, ou edícula, na parte interna das praças de guerra.

ROSA — Ornato esculpido, semelhante àquela flor, aplicado nas faces dos tambores dos capitéis coríntios e compósitos e, também, nas caixas dos sofitos, que estão entre os modilhões nos tetos das cornijas.

ROSAÇA — O mesmo que ROSÁCEA.

ROSÁCEA — Grande caixilho envidraçado de forma circular. Ornato arquitetônico que lembra a rosa, geralmente colocado no centro dos tetos ou abóbadas.

ROSÃO — Ornato em forma de flor na junção das nervuras de uma abóbada. O mesmo que ROSÁCEA.

RÔSCA — Espécie de inseto que rói a madeira. A espiral das colunas torcidas, ou salomônicas. A escada de caracol.

RÔSCA DE TIJOLO — Lusitanismo, designa a fiada em que todos os tijolos estão à cutelo. Nos arcos, os tijolos à cutelo que fazem papel de ADUELAS.

ROSSIO — Área que era conservada e usufruída em comum pelo povo. O têrmo teve sentido semelhante ao do contemporâneo perímetro urbano das cidades. Lugar espaçoso, grande praça.

ROSTOLHO — Uma das peças da fechadura.

ROSTO — Ornato que representa a prôa de um navio antigo.

RÓTULA — Gelosia. Caixilhos, de porta ou janela, cujo vão é preenchido por uma grade composta de pequenas tiras de madeira que se cruzam diagonalmente. As rótulas permitiam que se olhasse para fora sem ser visto, além de patrocinar aos interiores agradável sombra e ventilação permanente. Pequena abertura nas portas que permitia fôssem abertas por fora.

ROTUNDA — Construção circular formada por colunas que sustentam uma cúpula.

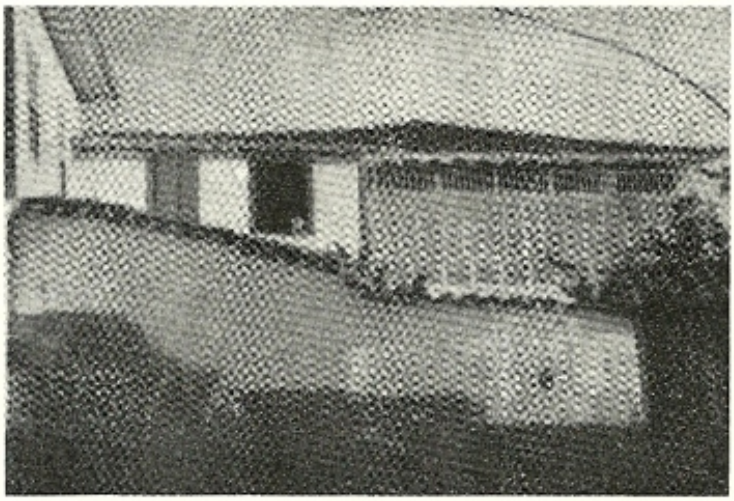
ROXINHO — Madeira. Ver GUARABU.

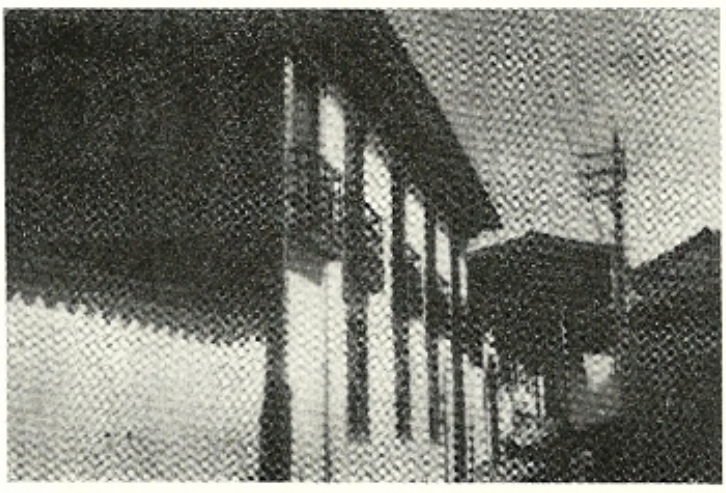
ROXINHO DO PARÁ — Madeira. Ver GUARABU.

ROXO TERRA — Nome dado ao ALMAGRE escuro, de má qualidade.

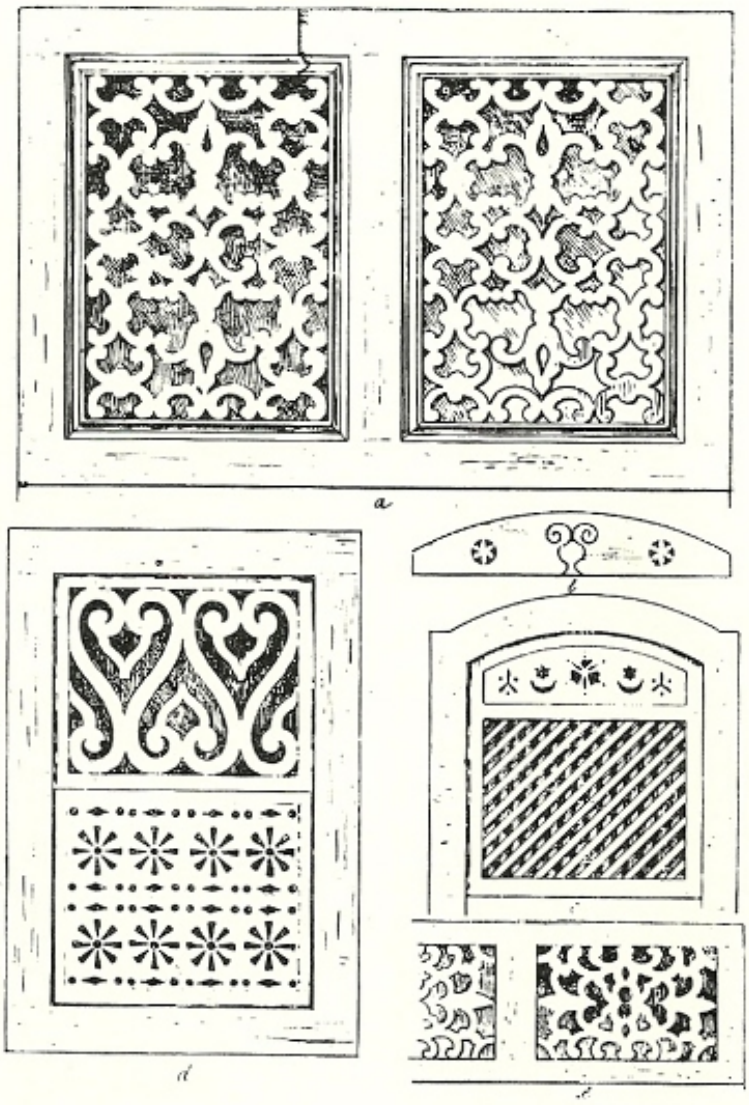
RUA — Nas cidades, caminho público carroçável situado entre as construções. Nos jardins e propriedades agrícolas, os caminhos livres entre as árvores e plantações.

RUDENTURA — Dentro das caneluras das colunas, ornato geralmente liso, que vai desde a base até o primeiro terço da altura.





Diversos tipos de rótula. As fotos mostram a fachada para a rua e a lateral da casa "Chica da Silva", em Diamantina, Minas.



Nos clichês, ilustrações de J. Wasth Rodrigues mostrando desenhos recortados em madeira para fechar envazaduras de janelas, à maneira das rótulas. Peças copiadas na zona de Ouro Prêto.

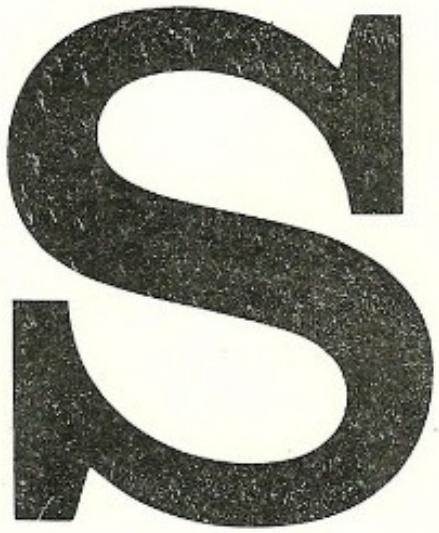
RUELA — Pequena rua. Rua estreita e de pouco comprimento. O mesmo que VIELA.

RUFO — Prega, debrum. No linguajar dos construtores, nome dado às chapas dobradas de várias maneiras que guarnecem os pontos de encôntro de telhados com paredes, evitando a penetração das águas pluviais dentro das construções.

RUÍNA — O mesmo que RESTO.

RUMPANTE — A primeira ADUELA de um arco. ARRANQUE.

RÚSTICO — Diz-se do revestimento áspero executado com argamassa em cuja composição entrou areia muito grossa ou mesmo pedregulho. Serviço mal feito. Superfície propositadamente não desempenada ou aplainada.



Sineira ao lado da Matriz do Pilar de Goiás, construção do século XVIII.

SABIGEJUBA — Segundo Gabriel Soares, nome que os primitivo indígenas davam ao VINHÁTICO.

SABIGENGUVA — Ver SABIGEJUBA.

SABOEIRO — Madeira. Ver FAVEIRA DO MATO.

SABONETEIRO — Árvore comum no vale amazônico, que fornece madeira branca amarelada usável na marcenaria. Sapindus saponaria, L. Família das Sapindáceas.

SACA-BOCADO — Instrumento próprio para fazer buracos.

SACADA — Nome de qualquer elemento de composição arquitetônica que faça saliência sôbre o paramento da parede. Seria o mesmo que BALANÇO. O têrmo antigamente foi muito empregado com êsse sentido de saliência. Dizia-se, por exemplo, "cordão de um palmo de alto por outro palmo de sacada" em relação à parede. No entanto, a expressão perpetuou-se designando a bacia ou base em balanço dos balcões. Daí, sacada ser, em alguns lugares do Brasil, sinônimo de balcão, de janela rasgada até o chão, com peitoril saliente.

SACAMBU — O mesmo que JACARANDÁ DO BREJO.

SACELO — Antigamente, pequeno templo. Santuário.

SACRÁRIO — Nos altares, pequeno compartimento, ou armário provido de porta, onde se guardam os objetos ou coisas sagradas, como hóstia ou relíquias.

SACRISTIA — Nas igrejas, dependência próxima ao altar-mor, que serve para a guarda de paramentos litúrgicos e demais objetos sagrados.

SAFADO — Do verbo safar, designa o objeto gasto pelo uso: baixo relêvo safado, por exemplo.

SÁFARO — Terreno sáfaro, isto é, agreste; penhasco.

SAFRA — Substância pulverizada em cuja composição entra o cobalto, que serve para a fabricação de vidro azul.

SAGITÁRIO — Figura semelhante ao centauro, que lança setas com um arco. Simboliza a vingança divina.

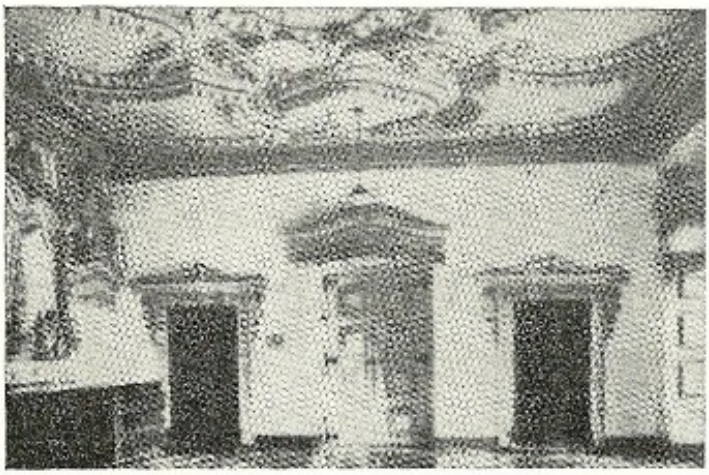
SAGMA — Medida tomada sôbre uma régua, sôbre a qual já foram marcadas outras referentes a uma determinada figura ou perfil. Assim, tal régua indica todos os pontos principais que devem ser seguidos na feitura do desenho ou do molde de determinada figura.

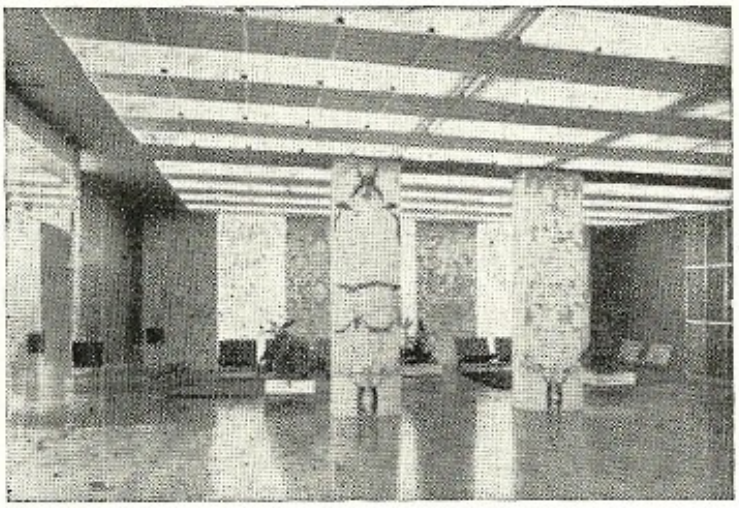
SÁGOMA — Têrmo, com tôda certeza derivado de SAGMA, que os antigos pedreiros de São Paulo, principalmente os de origem italiana, usavam como sinônimo de molde ou modêlo. Molde de cimalha ou de qualquer moldura.

SAGORAJI — Grande árvore que fornece madeira de lei.

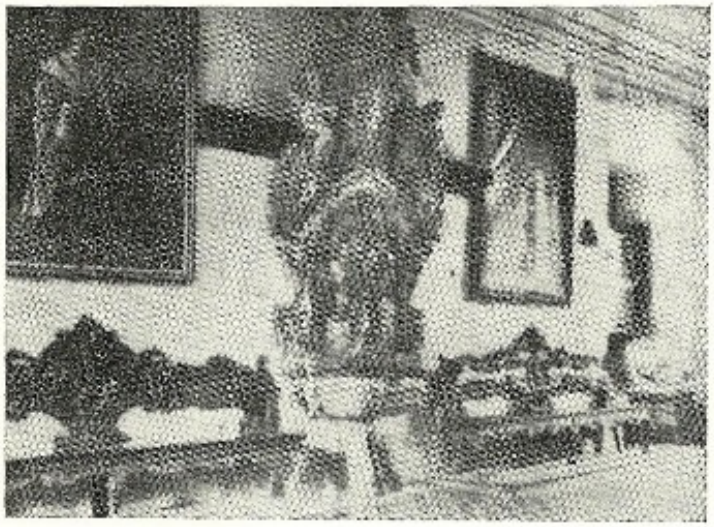
SAGRADO — O mesmo que ADRO de uma igreja.

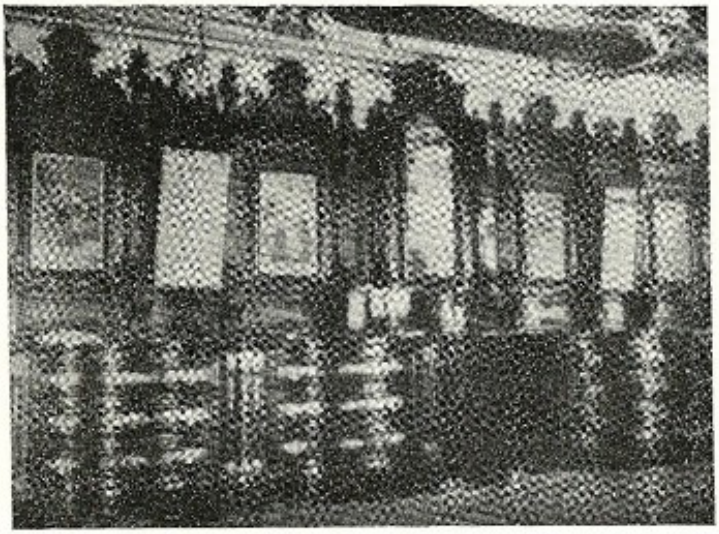
SAGUÃO — Área ou pátio interno e descoberto, podendo ter ou não todo o perímetro fechado por paredes altas. Quando uma de



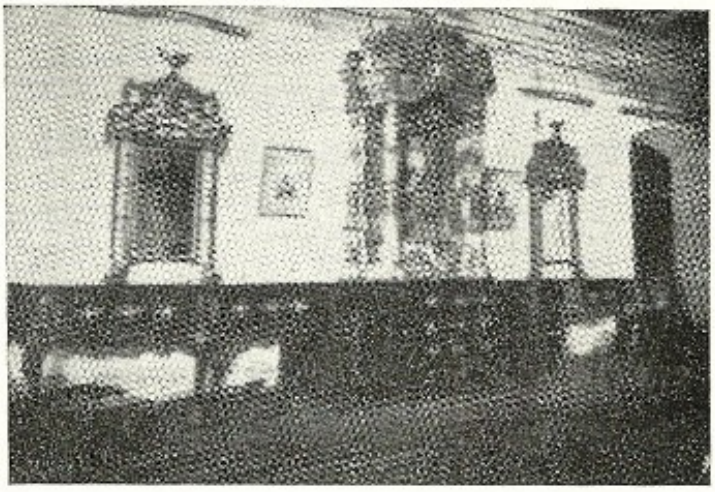


Saguão do Edifício Pirelli, São Paulo.

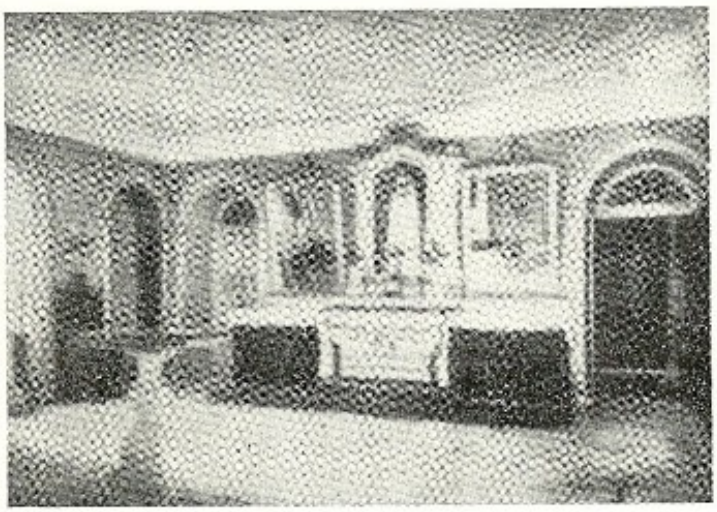




Móvel de jacarandá na Sacristia da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, no Rio de Janeiro.



Acima, Sacristia da Igreja Madre de Deus, em Recife, Pernambuco. Nas outras fotos, lavatórios, bancos e cômodas, oratório e espelho da Sacristia da Igreja do Carmo de Ouro Prêto, Minas.



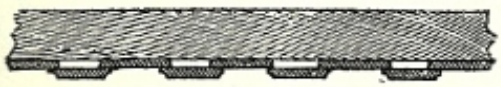
Sacristia da Capela da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, em Recife.

suas faces é livre, chama-se saguão aberto ou externo. A face livre chama-se boca e sempre é menor que a profundidade, pois quando acontece o contrário, o saguão passa a chamar-se reentrância. Alpendre à entrada dos conventos. Vestíbulo dos grandes edifícios.

SAGUARAJI — Madeira. Ver SAGUARI.

SAGUARI — Madeira, também conhecida por SOBRAJI, SAGUARAJI ou CAÇOCA. A árvore pode fornecer toros de 8 a 10 metros de comprimento com diâmetros que atingem até 0,80m. Madeira de côr amarela ou vermelha clara, com manchas mais pronunciadas. Fibras retas. Grande camada de alburno. Talhe duro. O pêso específico varia de 0,80 a 1,00. Utilizável em carpintaria marcenaria, etc. Como dormente, dura até doze anos. Colubrina rufa, Reiss. Família das Ramnáceas.

SAIA E CAMISA — Nome popular e antigo de certo tipo de fôrro de madeira, em que as tábuas se sobrepõem umas às outras, formando alternadamente saliências e reentrâncias. Às tábuas salientes, que cobrem os bordos das tábuas reentrantes, dá-se o nome de SAIAS. Geralmente essas tábuas em ressalto tem seus bordos aparentes trabalhados, mostrando molduras de perfis singelos, quase sempre de meia cana. Camisa é a tábua interna.



SAIBRAMENTO — Ato de saibrar.

SAIBRAR — Cobrir de saibro. Balaustrar.

SAIBRADA — Grande quantidade de saibro. Um monte de saibro.

SAIBREIRA — Local onde se extrai o saibro. Solo saibroso ou formado de saibro.

SAIBRENTO — Ver SAIBROSO.

SAIBRO — Areia encontrada em jazidas próprias, geralmente amarela escura ou avermelhada. Às vêzes vem misturada com pedregulho, sendo bastante grossa. Usada na composição de argamassas. Há quem dê o nome de saibro ao pó de pedras, ou à areia que se forma nas pedreiras. Ver AREIA.

SAIMEL — A primeira aduela do ARCO, que repousa diretamente sôbre o pé direito.

SAL FUMANTE — Em Portugal, nome popular do ácido clorídrico usado em soldas.

SALA — Vulgamente, nome de qualquer compartimento que não seja de habitação noturna ou de serviço. Nome de cada uma das dependências dos edifícios de escritórios. Cortina ou muralha que vai entestar com o BALUARTE, nas fortificações.

SALADEIRO — Local onde se prepara o charque.

SALAMIM — Décima sexta parte do alqueire. Celamim. No Brasil, valia 2,26 litros.

SALÃO — Grande sala. Sala de dimensões tais, que nela se recebe, se dão bailes ou concertos, etc. Galeria em que se faz exposição de obras de arte: "Salão de Belas Artes". Também é chamada assim, no Brasil, a loja do barbeiro. Salão é chamado o terreno arenoso ou barrento e entre nós com mais precisão, o terreno impermeável por uma camada pedregosa qualquer. Na Bahia, ainda, terreno duro e que conserva por muito tempo a umidade.

SALARIEGO — Ver SOLARENGO.

SALETA — Pequena SALA.

SALGADIO — Terreno junto ao mar e exposto à brisa marinha.

SALGUEIRO — Árvore de flôres aromáticos que dá madeira utilizável na carpintaria, principalmente na feitura de caibros e linhas. Salix elegantíssima, Koch.

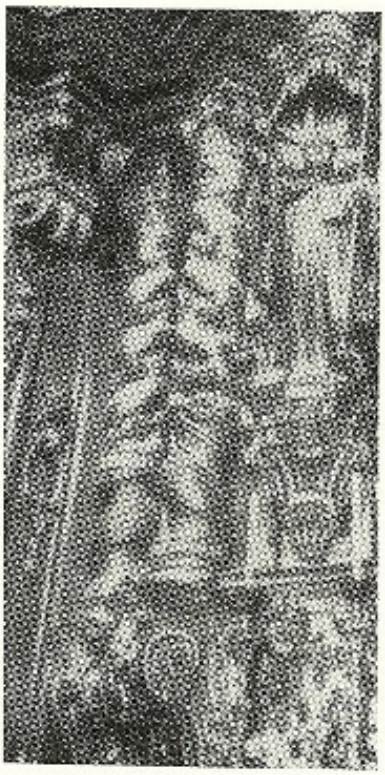
SALIÊNCIA — Qualidade de saliente. Proeminência, ressalto. É a saliência, como a reentrância, um elemento arquitetônico de importância na composição das fachadas, no que concerne ao equilíbrio plástico, ao jôgo de luz e sombra, à proporção, etc.

SALMOURÃO — Tipo de solo residuário, formado de pedregulhos entremeados de feldspato na forma de areia grossa.

SALOMÔNICA — Diz-se da COLUNA de fuste retorcido em espiral.

SALPIMENTA — Pintura grisalha que apresenta tons brancos e cinzentos.

SALTA CAVACO — Madeira de pêso específico igual a 0,88. Limite de resistência na compreensão axial (15% de umidade) igual a 658 kg/cm2. Limite de resistência na flexão



Colunas salomônicas no altar-mor da Igreja do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro.

estática igual a 995 kg/cm2. Phyllanthus nobilis.

SALTO — Em desuso, designava outeiro, lugar alto.

SAMAGO — O mesmo que ALBURNO ou borne, isto é, a madeira branca e mole que envolve o cerne.

SAMBAQUI — Depósito pré-histórico de conchas. O mesmo que ostreira ou casqueiro. Tudo indica que os sambaquis sejam enormes monumentos funerários precursores mesmo das pirâmides egípcias. Encerram em meio às conchas valiosos documentos de interêsse da Paleontologia, Antropologia, Arqueologia e Etnologia, como fósseis, objetos de pedra e cerâmica. Desde os tempos de colônia até hoje fornecem matéria prima para obtenção de cal. Para maiores informações, ver CAL.

SAMBLADURA — Nome genérico que se dá a todo e qualquer corte ou entalhe feito em peças de madeira que devam ser unidas entre si sem o auxílio de pregos, parafusos ou outras ferragens. Tais cortes, que visam a solidarizações de duas peças de madeira, derivam antes de tudo da milenar prática da arte da marcenaria e da carpintaria.

SAMBLAGEM — O mesmo que SAMBLADURA.

SAMBLAR — Cortar e juntar madeira lisa, adaptando-lhe lavôres.

SAMELO — Pequena pedra.

SAMO — O mesmo que SAMAGO ou ALBURNO.

SAMOCO — O mesmo que SAMOUCO.

SAMOUCO — Crosta que forma na superfície das pedras.

SANATÓRIO — Estabelecimento destinado ao tratamento de doentes, seja por métodos específicos, seja por meio de salubridade do local. Lugar de repouso. Hospital especializado.

SANCA — Nome que recebe a parte do telhado assente sôbre a espessura da parede. Em geral, a expressão é usada nos casos de paredes muito espêssas, havendo dois frechais. Neste caso, o frechal interno é que recebe a perna da tesoura ou asna. Nome que se dá a qualquer CIMALHA de perfil convexo, em geral aquela que concorda o plano de uma parede com o teto do compartimento. Hoje em dia dá-se o nome de sanca à moldura de gêsso, de qualquer perfil, que possibilita a instalação de luzes indiretas ao longo das paredes, na altura dos forros.

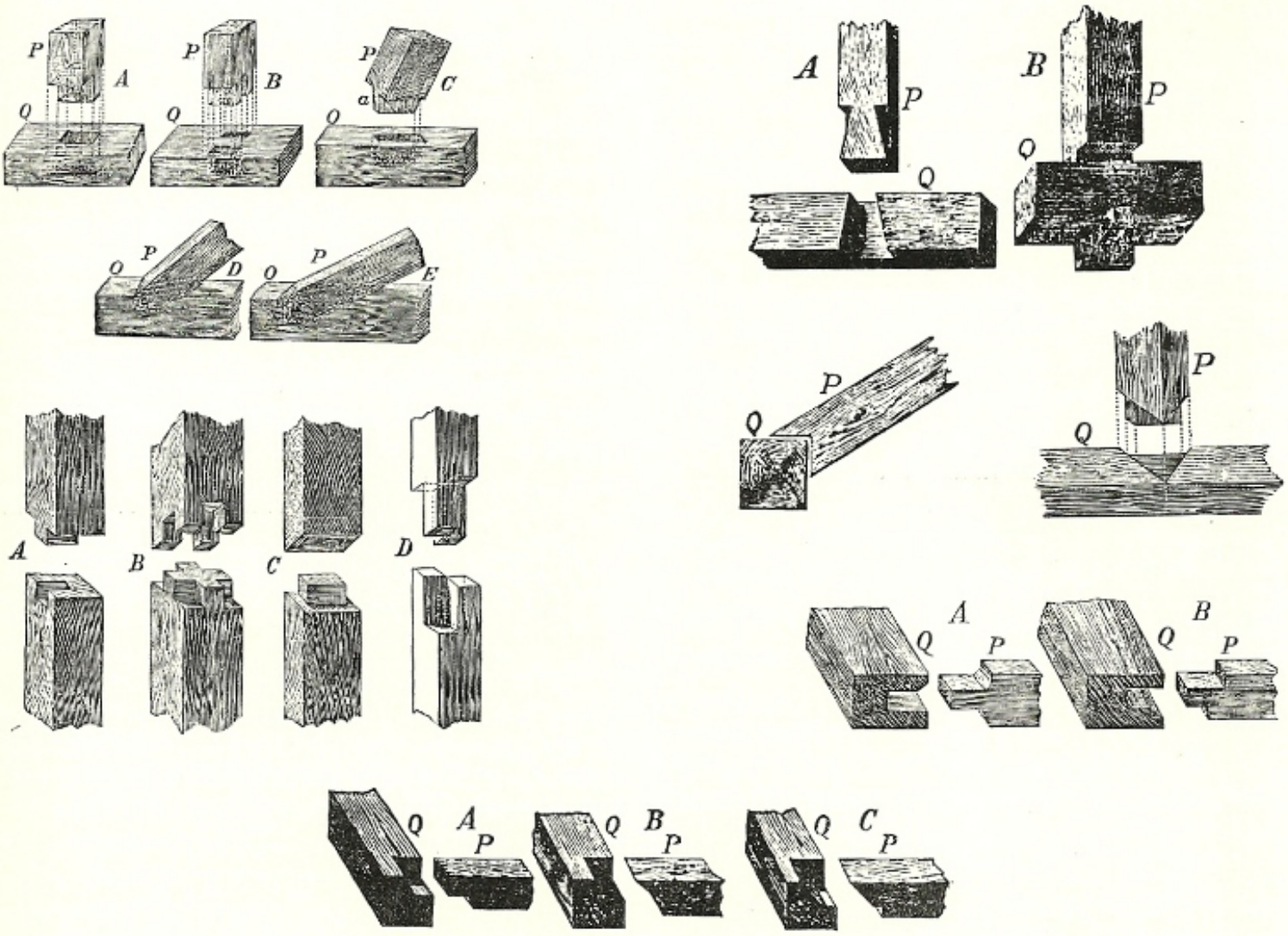
SANCADILHA — Cunha que serve para calçar os pontões.

SANDÁRACA — Resina aromática de côr amarela extraída de certas árvores como a Calistris quadrivalvis, que é uma conífera africana, o zimbro, e de certa espécie de tuia. É solúvel no álcool e no éter. Fornece belos vernizes em mistura com outras resinas.

SANDIZ — Alvaiade calcinado. Pigmento de côr semelhante à do mínio, usado antigamente no preparo de tintas.

SANEFA — Tábua atravessada a que se segura uma série de outras, que lhe são perpendiculares, muito usadas nos soalhos. Tábua que arremata superiormente as cortinas ou reposteiros.

SANGALHO — Antiga medida de cinco celamins ou SALAMINS.



Os vários desenhos, de Luís Augusto Leitão, mostram alguns tipos usuais de sambladuras para unir vigas, quando o tôpo de uma delas encontra-se em qualquer ponto de outra, ou quando elas se encontram tôpo a tôpo.

SANGRADOR — Escoadouro de águas.

SANGUE DE BOI — Nome que se dava à côr vermelha escura ou à tinta daquela tonalidade.

SANGUE DE DRAGÃO — Resina fornecida pelo dragociro, família das Liláceas, de côr vermelha, usada no preparo de vernizes. Ver CINÁBRIO.

SANGÜINEA — Lápis feito de ôcre vermelho. Desenho feito com êsse lápis. Também usado, "sangüina".

SANITÁRIO — Adjetivo que se relaciona à conservação da saúde e à higiene. Com o advento das modernas peças de porcelana, que substituíram as velhas sentinas e "sumidouros", ligados às rêdes públicas de esgôto, o têrmo passou a qualificar tais aparelhos. Com o tempo, de adjetivo, passou a substantivo. Hoje, "sanitário" é sinônimo de privada, pia, banheira, etc. Ver APARELHO SANITÁRIO.

SANJA — Abertura, sangrador ou dreno executado para dar escoamento à água. Sargeta, valeta.

SANSÃO — Certo tipo de guindaste. Em Minas, o mesmo que ATLANTE.

SANTA CASA — Hospital mantido pelos donativos de uma irmandade e pela caridade do povo em geral, que surgiu entre nós antes mesmo da iniciativa governamental, prestando enormes e inesquecíveis auxílios à coletividade. O primeiro estabelecimento hospitalar das Américas foi a Santa Casa de Misericórdia de de Santos, São Paulo, fundada por Brás Cubas, cuja família, em Portugal, já era responsável por obras da mesma espécie.

SANTALINA — Corante vegetal usado no tratamento de madeira e preparo de vernizes derivado do sândalo, ou Pterocarpus santalinus. É solúvel no álcool, éter, ácido acético e água fervente.

SANTUÁRIO — Altar-mor. Recinto secreto e reservado de uma sinagoga. Igreja dedicada a um culto especial. Altar ou capela onde se guardam o Santo Lenho ou relíquias dos santos. Sacrário.

SANZALA — Popularmente, às vêzes, a SENZALA.

SANZORO — O mesmo que ARRAIAL, acampamento.

SAPA — Abertura de caminhos subterrâneos, fossos e trincheiras. A pá ou instrumento semelhante que auxilie em tal obra de abertura.

SAPAL — Terra alagadiça, brejo, lameiro.

SAPÃO — O mesmo que PAU-BRASIL.

SAPATA — A parte mais larga e inferior do ALICERCE. Peça de ferro instalada na extremidade da estaca para facilitar a sua cravação. Peça de madeira colocada sôbre o pilar, recebendo sôbre si os esforços da armação do telhado.

SAPÉ — Gramínea de grande porte usada na cobertura de casas rústicas do interior, de ranchos, abrigos, etc.

SAPIA — Variedade do PINHO.

SAPOPEMA — O nome designa, pelo menos, duas árvores. É o nome da Aspidosperma excelsum, Schomb, cuja madeira, no litoral, é usada em alguma carpintaria, principalmente em taboados, canoas, etc. Nome, também, de certas árvores do genero Sloanea por exemplo, Sloanea monosperum, Vill; Slonea Fernando Costae, Hoehne, etc. Também conhecidas por COSTANEIRA, GINDRA, PARTEIRO, SAPUPEMA ou UMBIÚVA.

SAPOREMA — O mesmo que ACINZENTADO.

SAPUCAIA — Nome comum a várias árvores da família das Lacitidáceas. SAPUCAIA BRANCA é a Lecythis lanceolata, Poir., também conhecida por JEQUITIBÁ BRANCO, PITEIRA BRANCA. SAPUCAIA VERMELHA ou SAPUCAIA MIRIM é a Lecythis pisonis, Mart., também simplesmente chamada de SAPUCAIA. Seu pêso específico (15% de umidade) é igual a 0,88. Limite de resistência na compressão axial igual a 547 kg/cm2. Limite de resistência na flexão estática igual a 1036 kg/cm2. O têrmo sapucaia ou SAPUCAIA-AÇU, também designa a FRUTA DE MACACO. As árvores assim chamadas em geral são de grande porte e muito frondosas. Podem dar toros de 10,00 e 12,00 m de comprimento. Diâmetros às vêzes passando de um metro. Madeira branca ou pardacenta, com veios vermelhos carregados. Fibras direitas e grossas. Talhe duro. Boa madeira para marcenaria, carpintaria e construções navais. Ótima para esteios em lugares úmidos. Bons dormentes. Em São Paulo, comuns na Serra do Mar.

SAPUCAIA-AÇU — Madeira. Ver FRUTA DE MACACO.

SAPUCAIA GRANDE — Madeira. Ver FRUTA DE MACACO.

SAPUPEMA — Madeira. Ver SAPOPEMA

SAPUPIRA — No linguajar comum o têrmo é sinônimo de SUCUPIRA. Assim, procurar naquele verbête as várias espécies de madeiras boas para construções que, às vêzes, aparecem com a denominação de sapupira.

SAPUVA — Madeira, também conhecida por Pau de malho ou SAPUÇU. Pêso específico (15% de umidade) igual a 0,84. Machaerium stipitatum (D.C.) Vog.

SARANDI AMARELO — Madeira. Ver AMARILHO.

SARAPAINEL — O mesmo que SARAPANEL.

SARAPANEL — Painel, almofada. Arco rebaixado ou abatido. Ver ARCO.

SARGENTO — Corruptela da expressão francesa "serra-joints" que dá nome a certa prensa usada pelos marceneiros e carpinteiros.

SARJETA — Sulco para escoar águas. Valeta. O nome vulgarmente é dado ao ponto de intersecção do meio fio, ou extremidade da calçada, com a faixa carroçável das ruas, local por onde correm as águas pluviais. Sangradouro.

SARRAFÃO — O mesmo que VIGOTA.

SARRAFAR — Usado vulgarmente no lugar de SARRAFEAR.

SARRAFEAR — Cortar em sarrafos. Colocar sarrafos.

SARRAFO — Fasquia, tira de madeira. Ripa mais larga que o normal.

SARRANCOLINO — Mármore cinzento, com veios vermelhos ou amarelos.

SARSITA — Variedade de pedra de côr vermelha.

SARSÓRIO — Tipo de mosaico antigo, feito com pedaços de mármore variado.

SASSAFRÃO — O mesmo que SASSAFRÁS. Ver CANELA SASSAFRÁS.

SASSAFRÁS — Madeira Ver CANELA SASSAFRÁS.

SAZONAMENTO — Tratamento que se dá ao concreto, recobrindo-o com substâncias úmidas ou molhando-o seguidamente, após seu lançamento nas formas, para evitar a evaporação da água necessária à pega.

SCAIOLA — Ver ESCAIOLA.

SÉ — Igreja episcopal, arquiepiscopal ou patriarcal. Catedral.

SEBASTIÃO DE ARRUDA — Bela madeira usada em marcenaria de luxo, principalmente em folheados, pêso específico médio: 1,079 Physocallymma florida. Pohl. Ver PAU ROSA.

SEBE — Nome de qualquer vedação ou tapume executado com ramos ou varas entretecidas, especialmente para vedar terrenos. Diz-se que a taipa é de sebe quando o barro é introduzido nas frestas de uma armação de varas dita de pau-a-pique. Ver TAIPA. O mesmo que TABIQUE.

SABIPIRA — Madeira, o mesmo que SUCUPIRA.

SEBO — Substância gorda de origem animal que, em construções antigas, foi usada, dissolvida na cal, como elemento impermeabilizante.

SECÇÃO — Em desenho arquitetônico, o mesmo que corte de um projeto.

SECRETA — O compartimento da latrina, no linguajar antigo.

SEDE — Assento, cadeira, poltrona. Assento de pedra junto aos peitoris de certas janelas.

SEGRÊDO — Masmorra subterrânea. Cubículo que, nas prisões, recebia presos de culpas graves. Nos antigos castelos, compartimento da latrina.

SEGUINTES DO FÊCHO — Nome de cada uma das pedras ou aduelas que ladeiam a pedra superior, ou CHAVE, do arco.

SEGUINTES DE NASCENÇA — Cada uma das aduelas do arco que assentam sôbre os pés direitos.

SEIBÃO — O mesmo que ALPENDRE.

SEIXO — Pequena pedra, calhau.

SEIXO ROLADO — Pequena pedra rolada, comum nos leitos dos rios, usada na decoração de paredes e pisos. Em Minas, foi muito comum o revestimento de pisos feito com pequenos seixos rolados embrechados formando desenhos geométricos. Coio.

SEJANA — O mesmo que prisão, cadeia. Entre os mouros, cadeia de cristão.

SELAMIM — O mesmo que SALAMIM.

SELENITE — Gêsso cristalizado.

SEMBLAGEM — O mesmo que SAMBLADURA.

SENABRIA — Nas armações de telhado, trave paralela à cumeeira e situada entre esta e o frechal. Lusitanismo, não empregado entre nós.

SENADO — Edifício ou local onde funciona uma das assembléias que legislam em alguns países: câmara e senado. Lugar onde se reunem os senadores.

SENTINA — Latrina, cloaca, sumidouro de imundícies.

SENZALA — Habitação de escravos. Conjunto dos aposentos da escravaria de uma fazenda.

SEPEPIRA — Madeira, o mesmo que SUCUPIRA.

SÉPIA — Substânca escura extraída da siba usada no preparo de tintas, especialmente aquelas empregadas em desenhos.

SETÓSPORO — Cogumelo que provoca manchas negras na madeira.

SEPULCRÁRIO — Terreno próprio para enterramentos. Cemitério.

SEPULCRO — Túmulo, sepultura.

SEPULTURA — Lugar ou jazigo que encerra o cadáver. Sepulcro, túmulo.

SEQUEIRO — Lugar sêco. Terreno afastado e não regado pelas águas.

SERAFIM — Ver ANJO.

SÉREIBA — Segundo Gabriel Soares de Souza, em sua "Noticia do Brasil", nome da árvore que cresce nos mangues, "onde descobre a maré", que serve para escaibrar as casas de mato, e as mais grossas servem para as casas dos engenhos, por serem muito compridas rijas, e de "grossura bastante". Corruptelas de siri-iba, ou árvore dos siris. Avicenia tomentosa, Jacq. Conhecida também por mangue-siriba. Avicenia nitida, Jacq., também conhecida por mangue amarelo.

SERJA — O mesmo que estrebaria.

SERPENTINA — Conduto metálico que faz muitas dobras sôbre si mesmo, dentro do qual circula fluído que executa trocas de calor com o meio em que está imerso o duto. O têrmo é muito aplicado para designar o fogão provido daquele aparelho destinado a aquecer a água dos banheiros; diz-se: fogão com serpentina em sua chapa de aquecimento onde circula água para os banhos. Pedra de côr verde escura com manchas brancas e escuras. Castiçal ou luminária de três braços e três luzes.

SERRAFO — O mesmo que SARRAFO.

SERRAGEM — O pó ou particulas que saem da madeira quando é serrada. Também "serradura" e "serrinho".

SERRALHERIA — Arte ou ofício de executar obras de ferro. Local onde trabalha o serralheiro.

SERRAR — Cortar, separar, dividir com serra ou serrote.

SERRARIA — Edifício ou local onde se serram as madeiras. Armação de madeira que sustenta a trave ou pau que se quer serrar. Depósito de madeira beneficiada.

SERRATIL — Corpo prismático de secção triangular.

SERREADO — Que tem forma de serra, ou dentes semelhantes aos de serra. "Sérreo".

SERRERO — Ver JACARÉ.

SERROTADO — Cortado com serrote. Mal cortado. Rendilhado como a borda cortante de um serrote.

SERROTAR — Cortar com serrote.

SERROTE — Pequena serra que tem varios tipos e formatos. Montanha pequena.

SERVENTE — Nas obras de construção, nome do auxiliar do pedreiro ou de qualquer outro oficial.

SERVENTIA — Nos edifícios, passagem independente de serviço.

SERVIDÃO — Encargo imposto a um prédio ou terreno que assim fica sujeito a dar ou permitir passagem livre, ar, luz ou qualquer outro tipo de proveito a outro prédio ou terreno. Por exemplo, uma construção apresenta janela rasgada em parede levantada sôbre uma das divisas do terreno. Êsse fato proibido pelo Código Civil Brasileiro pode ser contestado pelo proprietário do lote sôbre o qual a dita janela foi aberta. Passados um ano e um dia, porém, aquela envazadura não mais poderá ser fechada judicialmente, pois o construtor da janela irregular ganhou direitos, ganhou o que se costuma dizer "servidão de ar e luz". Outro exemplo: um lote vago permite caminho de acesso a outro lote situado em rua posterior, caminho que evidentemente encurta distância. Passado o tempo legal, surge a "servidão de passagem" que obriga o proprietário do lote em questão a manter permanentemente aquela posssibilidade de acesso. Êsse tipo de servidão é muito comum nas propriedades rurais.

SÊSMA — A sexta parte de qualquer coisa. Antiga medida correspondente à terça parte do côvado.

SESSOEIRA — Sala das sessões de uma assembléia.

SETA — Na simbologia dos ornatos, é a seta o emblema do amor divino.

SETAL — O mesmo que SEBE.

SETEAR — Cercar com SEBE.

SETEIRA — Nas muralhas, aberturas pelas quais se atiravam setas. Balestreiro. Espingardeiro. Qualquer fresta nas paredes de um edifício para dar ar e luz ao interior.

SETEIRADO — Em que há seteiras ou aberturas semelhastes.

SETEIRAR — Abrir seteiras.

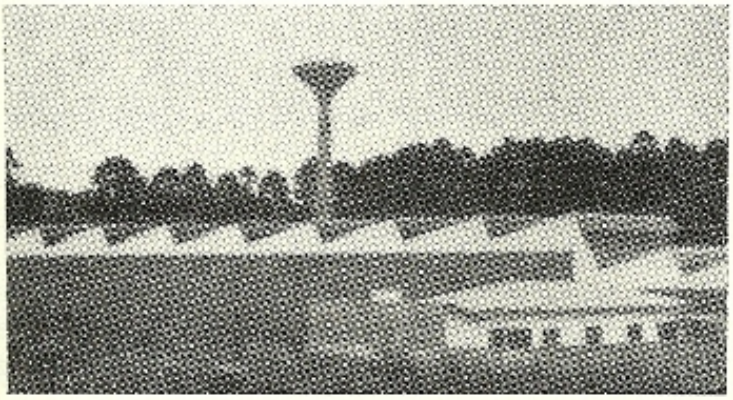
SETIAL — Nas igrejas, banco ou assento ornamentado.

SETO — Antigamente, o mesmo que SEBE.

SEXÂNGULO — O mesmo que hexágono.

SEXMA — O mesmo que SÊSMA.

SHED — Têrmo inglês que significa telheiro ou alpendre, muito usado entre nós para designar certos tipos de lanternim, comuns em fábricas onde há necessidade de iluminação zenital. Telhado em SERRA.



No clichê, detalhe de pavilhão industrial, cuja cobertura, em cada serrilha apresenta um shed; projeto de Plínio Croce e Roberto Aflalo.

SIBANA — Cabana, palhoça.

SIBIPIRA — O mesmo que SUCUPIRA.

SIEGBURGITA — Cêra fóssil com 85% de carbono. usada no beneficiamento de madeiras para marcenaria.

SIENITE — Rocha granítica destituída de quartzo.

SIENITO — Granito originário de Assuã, Egito, antigamente chamada Siene, composto de quartzo, feldspato e anfibólio.

SIFÃO — Nas tubulações de líquidos residuários, fecho hidráulico que impede a invasão dos interiores pelos gases contidos na rêde. De um modo geral os sifões das tubulações nada mais são que tubos curvados em forma de S, quando o líquido cai verticalmente. Hoje em dia há um tipo de sifão para cada tipo de aparelho sanitário. Chama-se "sifão atmosférico" o tubo de grês porosa colocado de espaço em espaço atravessando uma parede que se pretende seja desumidificado pelo processo chamado de Knapen.

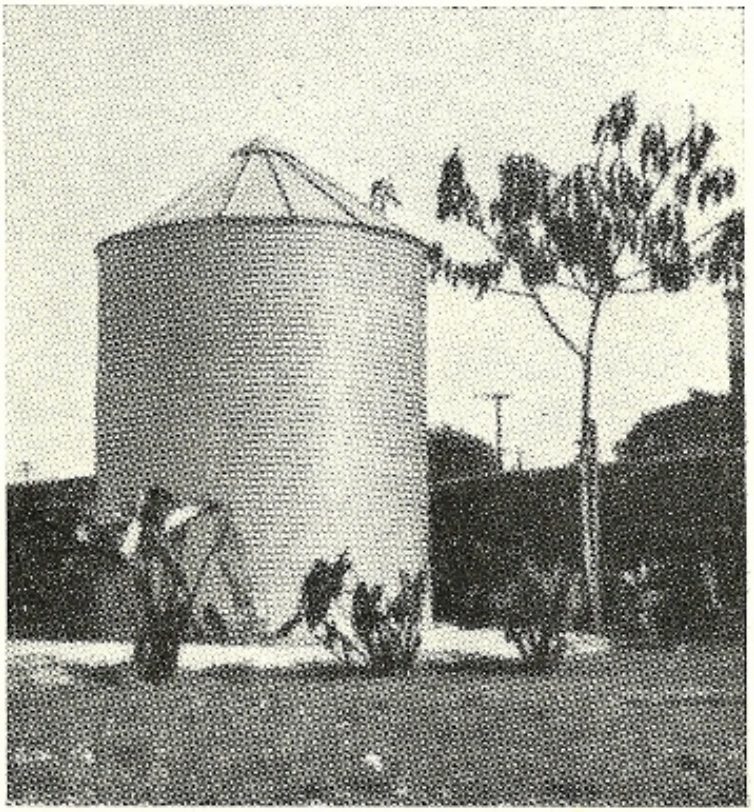
SIFILICÔMIO — Hospital ou dispensário destinado especialmente ao tratamento da sífilis.

SILHÃO — Construção ao meio de um fôsso, ao redor de uma praça.

SILHAR — Pedra lavrada e aparelhada usada como elemento construtivo ou como revestimento de parede.

SILHARIA — O mesmo que ENXILHARIA, isto é, obra em que há emprêgo de SILHARES, pedras regularmente lavradas e aparelhadas segundo as regras da estereotomia.

SILO — Construção destinada a servir de depósito de gêneros agrícolas, como cereais, forragens verdes, etc.



Silo de alumínio.

SIMETRIA — Equidistância de elementos formais de composição arquitetônica, semelhantes entre si, em relação a um eixo.

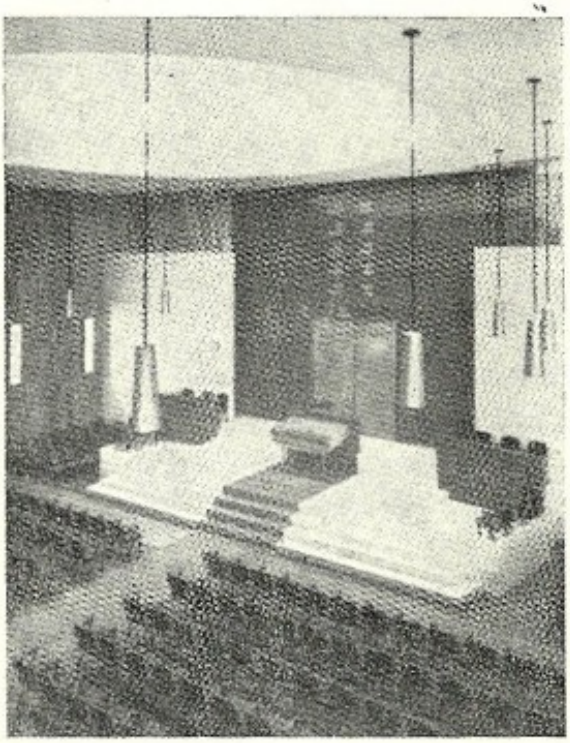
SIMETRÍACO — Que tem simetria.

SIMETRIZADO — Tornado simétrico.

SIMETRIZAR — Dispor com simetria. Tornar simétrico.

SIMPLES — Fôrma de madeira empregada na construção de arcos e abóbadas de alvenaria. Nome de todo molde ou fôrma curva, o mesmo que CAMBOTA. Estrutura ou armação de madeira que suporta a fôrma de concreto armado.

SINAGOGA — Templo israelita.



Interior de Sinagoga, em São Paulo; projetada pelo arquiteto Henrique E. Mindlin.

SINAR — Balisar um terreno com marcos, bandeirolas, etc.

SINDIBA — Madeira. Ver MILHO COZIDO.

SINEIRA — Abertura nas paredes ou tôrres das igrejas, onde são instalados os sinos Como adjetivo, o têrmo designa as construções ou estruturas que sustentam os sinos. Diz-se "tôrre sineira" ou campanário.

SINHANINHA — Nome popular dado ao LAMBREQUIM ou ao rendilhado de madeira dos ornatos dos beirais.

SINOPLA — Nome antigo, usado entre nós, de certa tinta de côr verde. Assis Rodrigues, no entanto, diz que a côr é vermelha, provindo o têrmo do nome de certa cidade do Ponto.

SIRGARIA — Local onde se faz criação do bicho da sêda.

SISTILO — Diz-se do intercolúnio de quatro módulos. Colunata em que o intercolúnio é de quatro módulos.

SITIAL — O mesmo que SITIAL. Paramentos para adôrno das capelas.

SÍTIO — Qualquer lugar, localidade, povoação, aldeia, etc. Moradia rural. Roça. Habitação rústica com pequena área cultivável.

SITIOCA — Pequeno sítio.

SITUAÇÃO — Pequena propriedade agrícola. Sítio. Chama-se "planta de situação" a planta que esquemàticamente localiza as construções dentro do terreno e marca a posição dêste em relação às ruas adjacentes.

SOAJE — Têrmo antigo que designava certo ornato, espécie de arabesco.

SOALHA — O mesmo que SOLEIRA. Parece que o têrmo também foi empregado para designar o peitoril da janela.

SOALHADO — Soalha. Madeiramento para soalhar.

SOALHAR — Assoalhar. Colocar soalho.

SOALHEIRO — Lugar muito exposto ao sol. Terreno situado nas vertentes banhadas pelo sol, que se contrapõe aos terrenos ditos "de noruega", sombrios e frios. O mesmo que EIRADO.

SOALHO — Antigamente, SOLHO, SOALHO e SOBRADO eram palavras sinônimas, designando o piso de tábuas de madeira afastado do chão, que permitia ou não, a utilização do espaço inferior. Ver o verbête SOBRADO. Hoje em dia, restou entre nós para designar o piso de madeira, da tábuas corridas, a palavra SOALHO, a qual não traz mais consigo a idéia de afastamento do solo. Existem vários tipos de soalhos, empregando algumas modalidades de emendas entre tábuas. Ver as ilustrações a respeito.

SOBACO — Nas abóbadas dos fôrros, cada uma das partes do intradorso, do nascimento até o meio da altura.

SOBEIRA — Ver BEIRA-SEVEIRA.

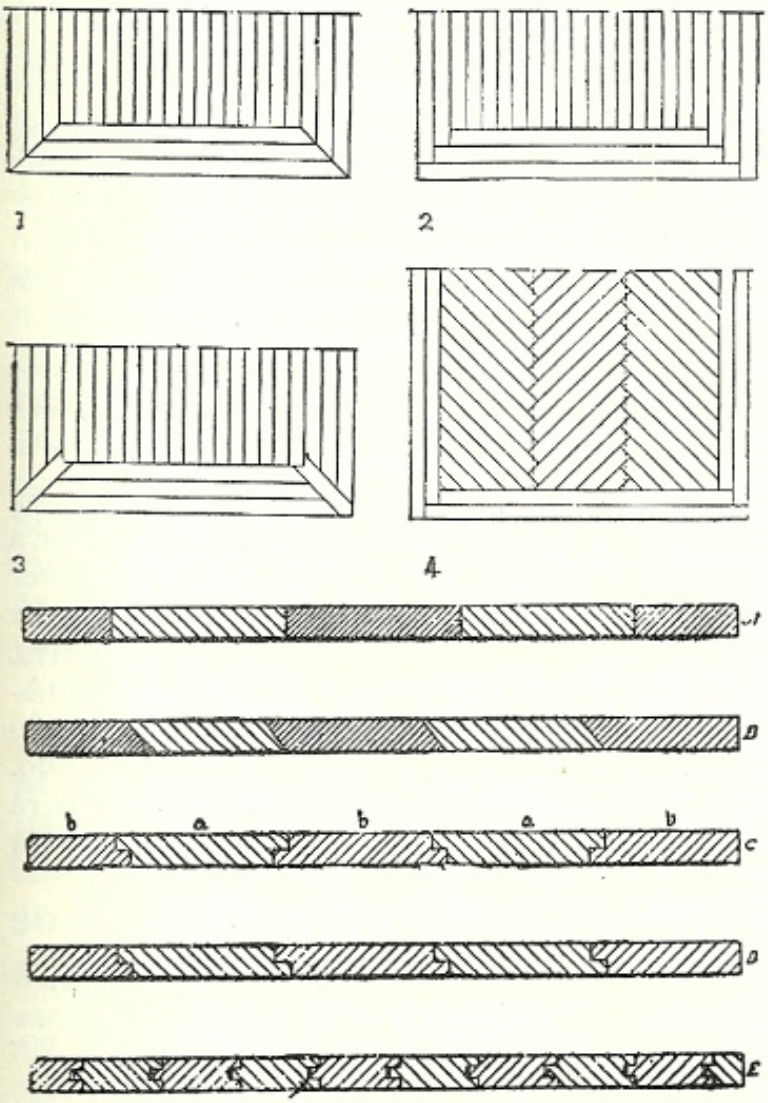
SOBEJO — Nas construções, porção de material, madeira, pedra, tijolo, etc., que vai além da medida necessária.

SOBRADADO — Que tem sobrado. Assoalhado.

SOBRADÃO — Aumentativo de sobrado ou, ainda, edifício de vários pavimentos.

SOBRADAR — Assentar o sobrado, fazer pavimento elevado de tábuas.

SOBRADINHO — Terraço, plataforma ou alpendre de onde o senhor de engenho observava a moagem da cana.



a) Nos clichês, vemos 1) *soalho encabeirado,* em que as *cabeiras* estão à meia-esquadria; 2) soalho encabeirado, em que as cabeiras estão a tôpo; 3) neste caso, as cabeiras a meia-esquadria concordam com tábuas em diagonal; e 4) *soalho espinhado,* em que as tábuas tem os topos em esquadria.

b) Nos clichês, vários modos de ligações entre tábuas de soalhos. Em A, tábuas simplesmente justa-postas — diz-se soalho de juntas. Em B, as juntas inclinadas justificam o nome soalho de chanfro. Em C, soalho de meio-fio ou à portuguêsa onde é de meio-fio recortado e, finalmente, em E, vemos o soalho à inglêsa ou de macho e fêmea.

SOBRADIZ — Cada um dos barrotes, ou dormentes, em que se pregam as tábuas do SOBRADO.

SOBRADO — Nome de qualquer piso de madeira em que as tábuas fiquem, com a respectiva estrutura de sustentação, afastada do solo cobrindo espaço utilizável ou não. Um assoalhado em baixo do qual haja um porão, habitável ou não, é um sobrado. As táboas de fôrro de um compartimento, colocadas por cima das vigas do teto, criando um piso para o desvão do telhado ou sotão, constituem um sobrado. O segundo pavimento assoalhado de uma construção é um sobrado. Os patamares de uma escada de uma tôrre são sobrados. Aliás, vemos em certas "condisoens" seguidas na construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Sabará a frase: ... "Será mais obrigado o mesmo rematante a fazer nas tôrres três sobrados de madeira com suas escadas que forem necessárias para subir"... A palavra sobrado significa aquilo que sobrou, que sobra. Talvez o emprêgo, para designar tais pisos, tenha começado em relação aos forros dos compartimentos, que faziam "sobrar" outros compartimentos em cima, "sobrar" nôvo piso superior, nôvo piso "sobrado". Hoje em dia, a palavra passou a designar o prédio com mais de um pavimento, não pressupondo a existência de pisos intermediários de madeira.

SOBRAJI — Madeira. Ver SAGUARI.

SOBRARCO — O mesmo que SOBREARCO.

SOBRASIL — Madeira. Ver FARINHA SÊCA, Peltophorum dubium, Taub. O nome também é dado à Rússia formosa, Klotzsch, também chamada FRUTEIRA DE POMBO ou PAU DE POMBO, que dá madeira para construção em geral.

SOBREARCO — Verga da porta. Padieira.

SOBRECAPO — Têrmo de pouco uso que se refere ao que está em lugar alto.

SOBRECEU — Ver Cambota. Conjunto das tábuas apoiadas paralelamente sôbre arcos de madeira dispostos perpendicularmente a elas. Guarda-pó. Pavilhão. Dosel. Ver CAMBOTA.

SOBRECLASTRO — CLAUSTRO superior.

SOBRECOBERTURA — Cobertura ou coberta construída acima de outra.

SOBREDOURAR — Dourar por cima. Variação: sobredoirar.

SOBREIRO NACIONAL — Grande árvore com fôlhas miúdas e coriáceas que dá madeira utilizável em obras internas e pequena carpintaria. Pêso específico igual a 0,702. Pithcolobium lusorium, Benth. Família das Leguminosas.

SOBRELANÇO — Lanço superior a outros. Lanço seguido a outro. Lanço maior que os outros.

SOBRELEITO — É controverso o significado do têrmo. Para muitos autores, sobreleito e leito são sinônimos. Para outros, sobreleito é o oposto de leito, seria o mesmo que contraleito. Ver LEITO.

SOBRELOJA — Espaço útil situado entre o piso de um jirau e o teto de uma loja ou armazém. ENTRESSOLHO. Hoje em dia o têrmo está vulgarizado como designação genérica de todo pavimento superior que tenha comunicação interna com loja situada em pavimento térreo.

SOBREPORTA — Bandeira da porta.

SOBREPRATEAR — Pratear por cima. Recobrir com lâminas de prata.

SOBRECASCA — Pequeno alpendre ou cobertura sôbre o patamar de uma escada externa.

SOBRESOLEIRA — Peça colocada sôbre a soleira. Também aparece a grafia sobresoleira.

SOBRESTANTE — Ponto alto, sobranceiro, proeminente de uma construção. Tôrre de vigia.

SÔBRO — Nome pelo qual é conhecida a madeira Carne de Vaca no Estado do Rio. Ver CARNE-DE-VACA.

SÔBRO NACIONAL — Árvore também conhecida por CAJUEIRO BRAVO ou FÔLHA DE LIXA, que dá madeira para marcenaria de peças recurvadas e para pequena carpintaria. Suas fôlhas servem para lixar madeiras. Curatella americana, L. Família das Dilleniáceas.

SOCAIRO — Abrigo no sopé de um monte.

SOCALCO — Porção mais ou menos plana de terreno. Espécie de degrau, numa encosta, sustido por muro ou botaréu.

SOCANTÃ — Madeira de lei do Maranhão.

SOCAVA — Cava subterrânea. Subterrâneo.

SOCAVÃO — No Brasil, na parte central e também no sul chama-se assim uma grande socava. Ou, ainda, esconderijo, abrigo.

SOCAVAR — Escavar por baixo. Fazer escavação.

SOCHÃO — Designação portuguêsa que se refere a espécie de abrigo escavado na encosta de um monte.

SOCO — Base de uma coluna. Base aparente das paredes, o revestimento do ELEGIMENTO. Pedestal, supedâneo.

SOCOVÃO — Subterrâneo por debaixo de uma casa. Igual a SOCAVÃO.

SOFÁ — Antigamente referia-se ao estrado alto e com tapete. Hoje é o móvel para sentar mais de uma pessoa. Canapé estofado.

SOFITO — Em princípio o têrmo designa qualquer superfície horizontal que olha para baixo, situada na parte inferior de qualquer elemento arquitetônico. O teto de qualquer compartimento poderia ser chamado de sofito. Há mesmo quem chame o teto ARTESOADO de sofito, procurando dar à palavra o significado de teto decorado, ornamentado. O têrmo, no entanto, é mais empregado para designar a face inferior decorada de uma arquitrave ou de uma cornija.

SOJÔRNO — Habitação, moradia.

SOLÃO — Terreno arenoso ou lamacento.

SOLAR — Herdade ou morada de família nobre antiga.

SOLARENGO — Relativo a SOLAR.

SOLÁRIO — Eirado. Varanda ou local destinado a banhos de sol.

SOLEIRA — A parte inferior do vão da porta, que está rasante com o piso. Nas portas externas, a soleira concorda com o piso interno, formando degrau pela parte de fora. COICE.

SOLHAR — Assoalhar. Soalhar.

SÔLHO — Ver SOALHO.

SOLIMÃO — Ver SUBLIMADO CORROSIVO.

SOLINHAR — Lavrar pedra ou madeira, seguindo direção marcada. Desbastar.

SOLO — Terreno sôbre que se constrói ou se anda. Chão. Pavimento térreo.

SOM — Efeito produzido no órgão da audição pelas vibrações dos corpos sonoros. Ruído. Aquilo que impressiona o ouvido.

SOMBRA DA COLÔNIA — Pigmento escuro de origem mineral usado no preparo de tintas.

SOMBRAL — Lugar abrigado do sol por meio de latada, pérgola, alpendre, etc. Arvoredo.

SOMEIRO — Pedra colocada sôbre um pé direito ou numa coluna, cortada de modo a poder dar apoio à primeira aduela de um arco, ou às pedras de uma platibanda. Viga apoiada em dois pés direitos, que serve de verga de uma janela de sacada. Trave.

SONAVE — O mesmo que VIGA.

SONAVOTA — Diminutivo de SONAVE.

SOPAPADO — Diz-se do pano de parede feito de taipa de mão ou de sopapos.

SOPAPO — Nome dado à técnica de fabricação das paredes de taipa de mão ou de sebe. Ver TAIPA.

SOPÉ — Parte inferior de um muro ou de encosta.

SOPOCERANA — Madeira de lei, não identificada, citada por Tollenare.

SOPORTAL — Parte inferior do portal. Solleira. Atrio.

SOQUETIADO — Que apresenta SOCOS.

SOROCA — Árvore de porte médio que fornece madeira utilizável em pequenas carpintarias. Sorocea ilicifolia, Maq. Família das Moráceas.

SOROCÓ — Madeira, o mesmo que SOROCA.

SORVEIRA — Árvore da família das Apocináceas, Couma macrocarpa, Barb. Rod., que fornece madeira branca para marcenaria e que dá, também, uma resina viscosa, a qual costuma ser, no vale amazônico, misturada à tabatinga usada na pintura das casas, segundo Martius e Afonso Arinos de Melo Franco. Pêso específico da madeira igual à 0.54.

SORVO — O mesmo que SOVERIRA.

SOSSO — Designação da pedra que entra, sem argamassa, uma sôbre outra. na construção de uma parede.

SÓTÃO — Do árabe "sotuho", antigamente designava o compartimento térreo e abobadado situado sob o primeiro pavimento elevado. Seria um porão com a serventia de depósito. Os depósitos situados sôbre os últimos pavimentos, nos desvãos dos telhados, também passaram a ser chamados de sótãos, designação que até hoje perdura. Ver ARMAZÉM.

SOTEIA — Cobertura plana e horizontal de uma construção, geralmente ladrilhada, que serve de local para se tomar sol. Eirado, açoteia, mirante.

SOVINA — Tôrno de madeira. Instrumento perfurante em forma de lima.

SUAÇACANGA — Madeira branca semelhante ao marfim, usada na marchetaria. O nome em tupi quer dizer ôsso de veado. Dela dizia Gabriel Soares: ..."a madeira é alvíssima como marfim, e com as mesmas águas, a qual é muito dura; e serve para marchetar em lugar de marfim".

SUBENVASAMENTO — Maciço contínuo em que se apóia o embasamento de um prédio As partes inferiores dos alicerces.

SUBIDEIRA — Escada estreita.

SUBLÍCIO — Diz-se do objeto ou peça feita de madeira.

SUBLIMADO CORROSIVO — Nome do bicloreto de mercúrio, antisséptico e venenoso que antigamente foi usado como agente preservativo de madeira, embora fôsse muito caro.

SUBSOLO — As camadas subjacentes do solo. Pavimento construído abaixo do nível do rés-do-chão.

SUBSTRUÇÃO — Alicerces ou base de um edifício. Construção executada por baixo de outra.

SUBTERRÂNEO — O mesmo que SUBSOLO, construção abaixo do rés-do-chão. Cripta.

SUCOPIRA — Madeira. Ver SUCUPIRA.

SUCUPIRA — Nome comum a diversas espécies de árvores da família das Leguminosas, pertencentes aos gêneros Bowdichia, Geoffroya, e Swartzia. O nome deriva do tupi "capo-pira" que quer dizer raiz firme, profunda. Dessas árvores já dizia Gabriel Soares. ... "não são árvores muito façanhosas na grandura, por serem desordenadas nos troncos mas tiram-se delas vigas, esteios e fusos para engenhos, a madeira é parda e muito rija, (e tão) liada que nunca fende; e para liação de navios e barcos é a melhor que há no mundo, que sofre melhor o prego e nunca apodrece; de que também fazem carros muito bons; e é tão pesada esta madeira que se vai ao fundo". Quando se fala

em sucupira, fala-se, em geral, da madeira da Bowdichia virgilioides, H.B.K., que, no linguajar comum recebe vários apelidos, dos quais os mais comuns são: SUCUPIRA-AÇU, SUCUPIRA BRANCA, SUCUPIRA DA PRAIA, SUCUPIRA DO CAMPO, SUCUPIRA PARDA, MACANAÍBA PARDA, MARACACANIBA PARDA, SAPUPIRA, SUCUPIRA PRÊTA, ou ROXA, SEBIPIRA, SEBUPERA e SUCOPIRA. Seu pêso específico varia de 0.89 até 1,025. Limite de resistência à compressão axial igual a 796 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática igual a 1434 kg/cm2. A árvore pode dar toros de 8 a 10 metros de comprimento, com diâmetro que variam de 0.60 a 0.80m. Madeira de talhe duro e de fibras grossas em camadas. Ótima para dormentes, obras civis e marcenaria. No Norte do país, no vale amazônico, são comuns a SUCUPIRA ou SAPUPIRA DA MATA DE TERRA FIRME (Bowdichia nítida, Benth.) a SUCUPIRA ou SAPUPIRA DA TERRA FIRME DE BELEM (Bowdichia brasiliensis, Duke.) e a SUCUPIRA ou SAPURIRA DA MATA DE VÁRZEA (Bowdichia rorcemosa, Haehne.) que dão madeiras ótimas para construções civis e navais além da marcenaria. Existe, também o SUCUPIRA DA VÁRZEA, Diplotropis brasiliensis, Benth.

SUCUPIRA-AÇU — Madeira. Ver SUCUPIRA.

SUMOSCAPO — Nome que se dá à extremidade superior das colunas. Ver COLUNA.

SUCUPIRA AMARELA — Madeira. Ver MACANAÍBA e SUCUPIRA. Neste verbête, o mesmo que SUCUPIRA DA MATA DE TERRA FIRME.

SUCUPIRA BRANCA — Madeira. Ver SUCUPIRA.

SUCUPIRA DA PRAIA — Madeira. Ver SUCUPIRA.

SUCUPIRA DO CAMPO — Madeira. Ver SUCUPIRA.

SUCUPIRA LISA — O mesmo que FAVEIRO.

SUCUPIRA PARDA — Madeira. Ver SUCUPIRA.

SUCUPIRA PRÊTA — Madeira. Ver SUCUPIRA.

SUCUÚBA — Madeira branca encontrável no vale amazônico boa para marcenaria. Pêso específico igual 0.75. Plumiera sucuuba, Cpr. Família das Aponiáceas.

SUMAGRE — Planta da família das Anacardiáceas, Rhus coriaria, Dod. que fornece tintura resultante da fervedura e decantação de seu pó (pó de suas fôlhas e flôres trituradas) usada na marcenaria como substitutiva da noz de galha, na obtenção de cinzas e pretos.

SUMIDADE — O cimo, o ponto mais alto e culminante de um edifício.

SUMIDOURO — Lugar por onde se escoa. Ralo Buraco sôbre uma fossa, onde são jogados os dejetos. Cloaca. Sargeta.

SUNTUÁRIA — Segundo Paulo F. Santos (a Arquitetura Religiosa em Ouro Prêto), "Suntuária é a palavra empregada em Arquitetura para designar todos os elementos que fazem a riqueza e o luxo da decoração interior dos templos. Compreende igualmente os elementos esculturados e pintados (silharias, retábulos, púlpitos, colunas, capitéis, abóbadas, etc.) bem como a imaginaria (imagens de santos), a mobiliária (cômodas, arcazes, arcas, armários, cadeiras, sofás, bancos, confessionários, credências, etc.) as alfaias de ouro e prata (custódias, turíbulos, cálices, castiçais), os lampadários, os tocheiros, as sacras, os paramentos dos oficiantes (casulas, opas) as colchas, os reposteiros, etc.

SUPEDÂNEO — O último dos degraus que sobem para um altar ou trono. Estrado sôbre o qual fica de pé o sacerdote durante a missa. Base, suporte, peanha.

SUPERCOLUNA — Construção que se caracteriza pela sobreposição de colunas. Construção sôbre uma coluna ou sôbre uma série delas.

SUPERFÍCIE — Parte exterior dos corpos e extensão considerada com as duas dimensões: comprimento e largura. Face.

SUPORTE — Aquilo que suporta ou sustenta alguma coisa. Aquilo em que alguma coisa se firma ou assenta.

SUSPENSÓRIO — Ver ABRAÇADEIRA.

SUTA — Instrumento que serve para marcar ângulos no terreno. Espécie de esquadro, de peças móveis, para traçar ângulos.

SUTRA — O mesmo que SUTA.

Tôrre da Igreja Matriz de Luziânia, Goiás.

TABA — Nome que em todos os dialetos da língua tupi significa ALDEIA, aglomerado de moradias.

TABATINGA — O têrmo, corruptela do tupi "toba-tinga", quer dizer barro branco. Hoje em dia, a palavra designa qualquer barro argiloso com certa porção de matéria orgânica, untuoso ao tato, não sendo necessàriamente branco. Antigamente, foi generalizado o seu emprêgo na pintura de paredes, já que a cal era de difícil obtenção, principalmente na zona rural. Nas pinturas mais requintadas, adicionava-se à calda de tabatinga certos fixadores, como o leite da SORVEIRA, o leite de vaca, certas soluções de pedra-ume, etc.

TABECA — O mesmo que GUARDA-PÓ, tabuado sôbre os cachorros de um beiral, que impede sejam vistas as telhas.

TABEIRA — Série de tábuas que contornam as paredes, formando moldura que guarnece as dos soalhos ou dos forros. CABEIRA.

TABELA DE HONORÁRIOS — Ver HONORÁRIOS.

TABERNA — Casa, geralmente ordinária, onde se bebe, se come. Por extensão empregado também para significar casa imunda. Existe a variação TAVERNA.

TABERNÁCULO — Divisão do templo dos judeus onde estava o altar com os pães, onde só entravam os sacerdotes. O mesmo que SACRÁRIO, armário onde se conserva o Santíssimo, nas igrejas católicas.

TABERNOLA — Taberna ordinaríssima. Tasca. Variação: tavernola.

TABERNÓRIA — O mesmo que tabernola.

TABICA — Cunha que se encrava no tôpo de um madeiro que se está serrando, para facilitar a serragem.

TABICADO — Feito de tabique ou que tem tabique.

TABICAR — Pôr tábuas (cunhas) em algum lugar ou, ainda, colocar tabiques para formar a parede assim chamada. Ver ENTABICAR.

TABIQUE — Nome que se dá a qualquer parede delgada feita de tábuas, tijolos à galga, taipa de mão, ou de qualquer outro material, que serve para dividir compartimento. Quando o tabique, neste caso, de madeira, vigas e tábuas, não se apóia no piso e sim nas paredes, sem sobrecarregar a estrutura do SOBRADO, diz-se que êle é ALIVIADO ou SUSPENSO.

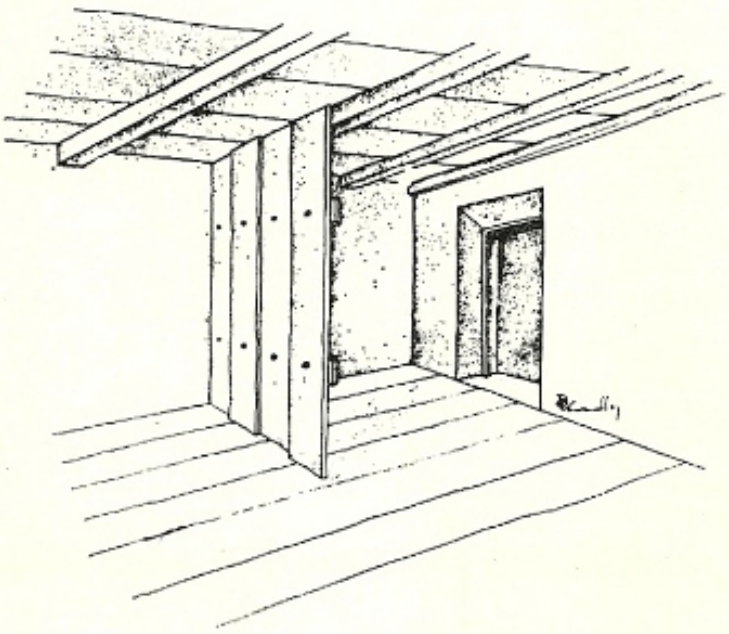


TABLA — Lâmina. Chapa.

TABLADO — Estrado. Palanque. No Rio Grande do Sul chama-se assim o assoalho das pontes.

TABLINO — Pequeno cômodo, gabinete profusamente decorado com quadros. Ateliê de pintura.

TABOCA — Casa ou venda pequena que faz pouco negócio.

TABOR — Pedestal em que é exposto o Santíssimo Sacramento, nas igrejas.

TÁBUA — Nome vulgarmente dado à peça de madeira plana e delgada, embora se aplique às peças semelhantes de qualquer material. Nos telhados, TÁBUA DE BEIRA é a tábua pregada perpendicularmente aos cachorros, em suas extremidades; TÁBUA DE BARBATE é aquela pregada no lugar que deveria ser ocupada pela primeira ripa, logo em cima do frechal; e TÁBUA DE PONTO é a que substitui a última ripa, em cima da cumeeira. TÁBUA DE PEITO é a tábua que reveste o peitoril de uma janela.

TABUADO — Uma porção de tábuas. O mesmo que SOBRADO.

TABUAME — Ajuntamento ou porção de tábuas.

TABUÃO — TÁBUA grande, pranchão.

TABUINHA — Tábua pequena e delgada. Nome que se dava ao conjunto de fasquias ou ripas que se usam em frente das portas ou janelas, para evitar o sol ou os olhares dos estranhos. Ver VENEZIANA.

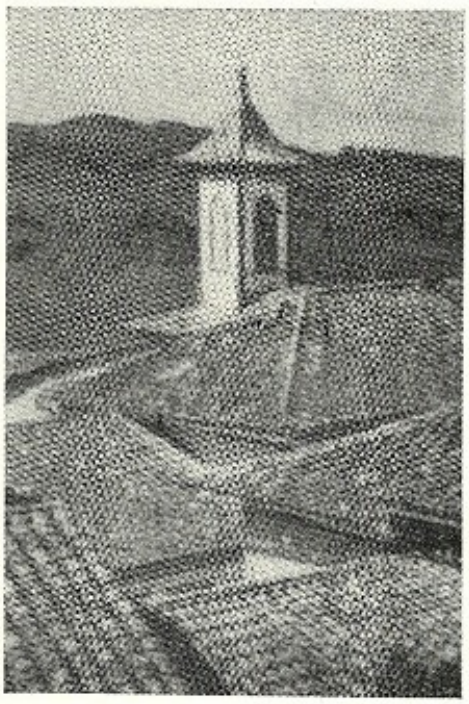
TÁBULA — O mesmo que TÁBUA, prancha.

TABULADO — Tapume feito com tábuas. Palco improvisado.

TABULÃO — Tábua grande.

TABULAR — Relativo a tábua. Aquilo que apresenta forma de tábua.

TABULEIRO — Parte plana das pontes e viadutos e que recebe a super-estrutura das vias carroçáveis. O mesmo que RESPALDO, nas grandes fundações. Nas escadas, PATAMAR intermediário, entre dois lanços. Parte do adro das igrejas, entre as escadarias de acesso e o frontispício.



Ao lado da tôrre da Igreja de N. S. do Carmo, de Diamantina, uma tacaniça de telhado de quatro águas.

TABURNO — O mesmo que estrado, supedâneo. Nas igrejas, tampa das sepulturas.

TACA — O mesmo que PORTA

TAÇA — Nome que se costuma dar às bases, em balanço, semi-circulares dos púlpitos e sacadas.

TACANA — Nome brasileiro e tapirapé da "casa-dos-homens" que é o edifício destinado a danças e outras reuniões do sexo masculino.

TACANIÇA — Nos telhados, nome do pau que vai da cumeeira até o encontro de dois frechais, sôbre os cunhais. Nos telhados de mais de duas águas, duas tacaniças determinam um pano triangular. A essa parte triangular das coberturas costumou-se, também, dar o nome de tacaniça. Ver COPIÁRA.

TACHA — Prego decorativo, de cabeça chata ou redonda, às vêzes dourada ou prateada.

TACHO — Antiga medida portuguêsa que equivalia a 25 litros.

TACHONAR — Pregar com tachas. Adornar com tachas decorativas.

TACO — Pedaço de madeira embutido na parede, ou no concreto armado, para receber parafusos ou pregos de fixação de marcos de

portas, tábuas de rodapés, lambris de madeira, guarnições, etc. Cada uma das pequenas tábuas que formam os pisos denominados PARQUETES. Ladrilho de pequena dimensão colocado entre outros maiores.

TACURUBA — Fogão primitivo composto de três pedras sôltas, sôbre as quais apóia-se a panela.

TAFIFE — Lasca ou delgada tira de madeira com que se tapam as frestas que surgem nas juntas de tábuas emendadas de tôpo, nas portas, janela etc..

TAGUAJIBA — Madeira. Ver TAJUBA.

TAGUANTU — Árvore que fornece madeira de lei.

TAIPA — Nome genérico que se costuma dar a todo sistema construtivo em que se emprega, na confecção de paredes e muros de fecho, a terra umidecida ou molhada. Não se trata de alvenaria de terra ou barro, como no caso do ADOBE. Trata-se de qualquer sistema em que os panos contínuos são executados diretamente no local, em que a terra não sofreu nenhum beneficiamento anterior. Existem dois tipos de taipa: a TAIPA DE PILÃO, e a TAIPA DE MÃO, de SEBE, ou, ainda, de SOPAPO. O uso da taipa de pilão é remoto, parecendo ter sido empregado desde tempos imemoriais no oriente, nos vindos através dos árabes, embora já fôsse do conhecimento dos romanos. Em síntese, a parede de taipa de pilão é conseguida comprimindo-se a terra dentro de formas de madeira. A fôrma de madeira, ou TAIPAL, é constituída de duas grandes pranchas compostas de tábuas emendadas de tôpo, que se mantêm de pé e afastadas entre si graças a sistemas variáveis no tempo e no espaço, em que são empregados pontaletes, travessas, escoras, etc. Aliás, a nomenclatura das diversas partes que garantem a verticalidade e a constância dos afastamentos nos taipais varia muito entre os autores e entre os taipeiros. Enquanto a técnica jesuítica espalhada na bacia paraguaia adotava duas fileiras paralelas de esteios cravados no chão, entre as quais eram colocadas as pranchas, a técnica que herdamos usa taipais desmontáveis e deslocáveis ao longo das paredes em obras. As ilustrações dão melhor idéia do conjunto, não havendo necessidade de maiores explicações. Embora alguns autores indiquem a possibilidade de se fazer parede de taipa sôbre alicerce de alvenaria, a técnica ortodoxa manda que a própria fundação seja de terra pilada. Assim, são abertas as valas ao ao longo dos eixos das paredes programadas, com a largura desejada e sugerida, pela prática, já que nunca a taipa de pilão passou além dos campos do empirismo. Raros os profissionais esclarecidos que se preocuparam com o assunto, como Ramos de Azevedo, que, recém-chegado da Europa onde estudara, continuou racionalmente a taipa da Catedral de Campinas, talvez o maior e mais alto edifício brasileiro daquele material, e que, também, orientou o engenheiro Geraldo Pacheco Jordão na feitura de muros de arrimo de taipa nas fraldas do Morro de Santo Antônio, no Rio, no tempo do Prefeito Passos. As larguras das paredes, então, variam conforme o "sentimento" do mestre, sendo certo que as paredes dos primeiros séculos tinham muito menos espessura que as posteriores. Sòmente nos dias de hoje é que passaram novamente a ser pouco espêssas e isso por motivos econômicos. A largura média das paredes podemos fixar em volta de 0,60m, embora existissem algumas com 0,30m e outras, como as da Matriz de Pirenópolis, com aproximadamente 1,50m de espessura. Nunca as valas das fundações possuíam menos de 0,30m de profundidade e eram sempre com os fundos em nível. Valas inclinadas eram toleráveis em muros de fecho em terrenos acidentados. Dentro das valas já começava a ser socada a terra, a qual devia ser de boa qualidade, isto é, argilosa, mas não muito "grudenta" pois iria ficar empastada na mão do pilão, e não muito "areienta" pois a areia não daria a consistência necessária à taipa. A terra ideal é a vermelha uniforme, sem vestígios de matéria orgânica e com grau de umidade natural, com que se apresenta normalmente já a um palmo de profundidade. A terra boa é aquela que, apertada nas mãos, forma um bôlo compacto mostrando os sulcos dos dedos. A terra muito molhada forma barro ou lama incompressível. Também foi usado na taipa o saibro amarelo pedregulhento, com pedras não muito grandes, como podemos observar na zona de Campinas e mesmo na Capital paulista. Depois de apiloada a terra dentro das valas dos alicerces, começam a ser usados os taipais. Os dois LADOS ou TAMPAS, que são as pranchas que seguram lateralmente a terra a ser socada são inicialmente presos a peças verticais

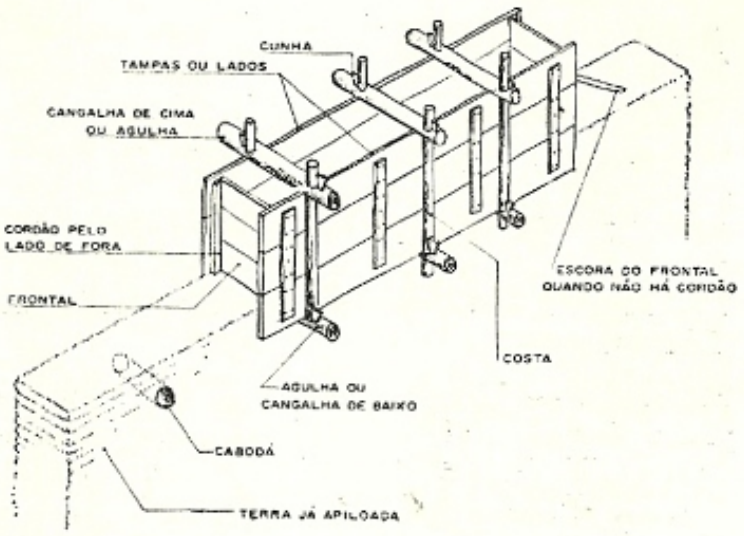
que recebem vários nomes, sendo que o mais comum é o de COSTAS. Tais peças verticais impedem que as pranchas inclinem-se para fora ou saiam da verticalidade. Superiormente são prêsas entre si por peças chamadas AGULHAS ou CANGALHAS. Para que as pranchas, ou tampas, não se inclinem para dentro, são colocadas em cada uma das extremidades tábuas perpendiculares, que fecham o caixão dentro do qual a terra será comprimida. Essas tábuas é que realmente determinam a espessura da parede e recebem o nome de FRONTAIS, segundo C. Borges Schmidt. Há quem impròpriamente as chame de frechal. A terra a ser socada deve ser disposta em camadas de 0,15m aproximadamente, que se reduzem, quando o serviço é bem feito, à metade. As alturas dos taipais variavam em tôrno de meia braça, enquanto o comprimento era de uma braça e tanto. Quando a altura da terra pilada estivesse chegando a mais ou menos, dois terços da altura do taipal, eram colocados transversalmente pequenos paus roliços envoltos em fôlhas, quase sempre de bananeira, que iriam permitir, depois de terminado o lanço e depois de suas retiradas, a possibilidade de se ancorar o taipal do nôvo bloco superior a ser feito depois. Pelo visto, percebe-se que uma parede de taipa é constituída de vários grandes blocos de terra socada, cujas dimensões decorrem das medidas dos taipais. Os taipais sugerem que tais blocos tenham suas extremidades verticais, mas foi normal os taipeiros terminarem os blocos com as faces de tôpo inclinadas para obter melhor amarração. Os blocos eram feitos desencontrados, à semelhança dos aparelhos dos tijolos de alvenaria. Na hora de se começar os blocos da fiada acima daquela diretamente apoiada nos alicerces, surgem no taipal novas peças. São elas em tudo semelhantes às agulhas superiores e se chamam, também, cangalhas inferiores, sendo introduzidas nos orifícios deixados pelos paus roliços envoltos em fôlhas de bananeira denominados CODOS. Tais orifícios, que depois são cheios de barro, recebem o nome de CABODÁS. Dessa maneira, as costas ficam apoiadas nas agulhas inferiores e, à medida que a parede vai subindo, vão sendo aproveitados os cabodás sempre previstos. Na taipa de pilão, nos lugares das janelas e portas, são deixadas as respectivas luzes, onde serão presos por meio de cunhas, ou sob pressão, os aros dos batentes. Nos lugares das vergas, eram deixados paus roliços, ou pranchões, que serviam de soalho para o bloco de taipa sôbre o vão. Sabe-se, porém, de casos em que os vãos das portas e janelas eram abertos a talhadeira depois de sêca a terra. Aliás a secagem da terra pilada era rápida, pois no dia seguinte à feitura de uma fiada, já se podia armar o taipal nos CABODÁS deixados de véspera. O maior perigo nas obras estava nas chuvas repentinas, pois a água é a maior inimiga da taipa. Era costume, terminada uma jornada, cobrirem-se os blocos recém-acabados com sapé. E daí, também, a justificativa para os grandes cachorros dos beirais, que satisfatòriamente desviavam as águas pluviais. A taipa de pilão, empregada entre nós desde Tomé de Sousa, foi usada aqui e ali até achar o lugar de sua fixação permanente, estabelecendo franco domínio sôbre as outras técnicas: achou o planalto paulista. Serra acima a taipa de pilão teve seu império e dali irradiou-se por Minas, Goiás, Mato Grosso e Paraná. Sòmente nessas últimas regiões é que teve certo emprêgo sistemático, concorrendo com a taipa de mão. Mas em São Paulo é que predominou durante séculos. Até pràticamente agora a taipa pilada era usada nas construções rurais secundárias. Nos dias de hoje, ainda existem taipeiros em atividade em algumas localidades goianas, principalmente em volta de Anápolis, porém executando ùnicamente muros de fecho de quintais de casas modestas. A TAIPA DE MÃO, de SEBE, ou de SOPAPO parece ser de execução mais rápida. Requer, antes de tudo, seja providenciada a estrutura de madeira do prédio programado. Tal estrutura, em síntese, é composta de ESTEIOS, ou PÉS DIREITOS, cravados no chão e ligados entre si por vigas horizontais inferiores, os BALDRAMES e vigas superiores ou FRECHAIS, formando um sistema rígido de sustentação do telhado. Os vãos estruturais são, então, vedados com panos de taipa de mão, que não transmitem e nem recebem esforços. São paramentos ùnicamente seletivos. Daí o seu grande emprêgo em paredes divisórias, mesmo quando a estrutura geral não é de madeira, como nas casas de pedra do litoral. São as chamadas "paredes francesas". A confecção de paredes de taipa de mão é simples. Nas faces superiores dos baldrames e nas faces inferiores dos frechais são executados orifícios que permitem a fixação de paus verticais

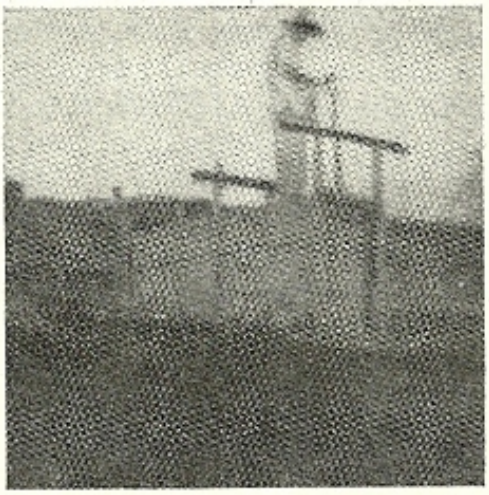
equidistantes, os PAUS-A-PIQUE (expressão que também dá o nome à técnica). Alternadamente, pelo lado de fora e pelo lado de dentro, são amarradas com cipó, com qualquer embira, e hoje em dia com arame, as varas equidistantes horizontais, criando-se, assim, um grande painel transfurado, cujos vãos deverão ser preenchidos com barro. Na taipa de mão, a terra, da mesma qualidade da empregada na taipa de pilão, pode receber de permeio um pouco de capim ou de crina animal Houve quem misturasse à terra sangue como aglutinante, ou cal com alguma areia, para maior endurecimento. O emprêgo de capim foi comum, para evitar rachaduras maiores. O barro era atirado, ao mesmo tempo, por duas pessoas, uma do lado de dentro e outra pelo lado de fora. Daí a expressão de sopapo ou de tapona. Entre nós houve regressão na técnica da taipa de mão, talvez devido à escassez de boas madeiras e às melhores condições econômicas relativas aos modernos materiais de construção, mais resistentes à ação do tempo e das intempéries. Enquanto antigamente a taipa de mão estava vinculada a perfeito serviço de carpintaria e a ótimas e abundantes madeiras de lei, hoje em dia ela não passa de recurso modesto ao qual apela o lavrador sem meios e sem aprimoramento técnico. Em oposição às magníficas construções antigas, até hoje de pé ostentando mão de obra soberba, vemos as modestas construções de pau-a-pique das casas roceiras e dos mucambos mostrando, antes de tudo, a transitoriedade das obras. Tôda parede de taipa deve ser revestida para se proteger da chuva. Os beirais resguardam os topos e partes superiores. O revestimento protege o resto. A argamassa de revestimento deve ser colocada em algumas demãos, no mínimo três. Inicialmente, argamassa com a mesma terra da taipa misturada com estêrco fresco animal e um pouco de areia. Nas demãos seguintes, a terra e o estêrco diminuem até desaparecer, havendo o predomínio progressivo da areia, que já pede a presença da cal.

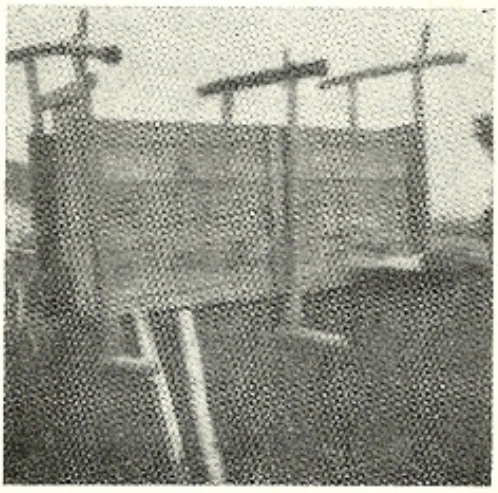
TAIPABA — Parede feita de TAIPA.

TAIPADO — Fechado com TAIPA.

TAIPAL — Armação de madeira usada na feitura da TAIPA de pilão. Há quem dê, no linguajar comum, o nome de taipal à forma de concreto armado. Nome das fôlhas das janelas, quando não são de venezianas, e sim de







Em cima, desenho mostrando as peças de um taipal, conforme dados colhidos pelo engenheiro Carlos Borges Schmidt, autor das fotografias, de um taipeiro do Vale do Paraíba em plena função. Em baixo, o taipal.

tábuas, também chamadas "escuros". Fôlha de porta.

TAIPAMENTO — Ação de TAIPAR.

TAIPÃO — O mesmo que TAIPAL.

TAIPAR — Fazer TAIPA. O mesmo que ENTAIPAR.

TAIPEIRO — O operário que faz paredes de TAIPA.

TAIÚVA — Madeira fornecida pela Chlorophora tinctoria, (L.) Grand., também conhecida por JATAIBA, TAÚBA, e PAU AMARELO. Pêso específico igual a 0,87. Limite de resistência à compressão axial igual a 758 kg/cm2. Toros de 4 a 5 metros de comprimento, com 0,50m de diâmetro. Côr amarela escura uniforme. Fibras finas e revessadas. Usada na marcenaria, em obras de talha. Boa para esteios e dormentes em lugares úmidos. O fruto da árvore, que é de pequeno porte, parece-se com uma amora verde. Daí, também, a denominação AMOREIRA DO MATO. A madeira é muito confundida com a TAJUBA.

TAJIBA — Madeira. Ver TAJUBA.

TAJUBA — Nome comum de algumas árvores da família das Moráceas como a Maclura affinis, Miq., a Maclura xanthoxylon, etc. A sinonímia é grande: TATAJUBA, TAJIBA, TAÚBA, ESPINHEIRO BRAVO, AMOREIRA AMARELA, TAJUVA, PAU AMARELO, TAGUAJIBA, etc. A madeira dessas árvores é amarela com veios escuros chamaloteados, sendo ótima para marcenaria, carpintaria, construções civis e navios. Pêso específico em tôrno de 0,85. Resistência ao esmagamento igual a 918 kg/cm2. Vigas até 15m de comprimento. Madeira muito confundida com a TAIÚVA.

TAJUPÁ — O mesmo que TEJUPAR.

TALAMBOR — Diz-se da fechadura com segrêdo.

TALÃO — Moldura cuja secção é semelhante a um bico de ave, convexa na parte superior e côncava na inferior. Ver BICO. Pequena GOLA. Nome que os carpinteiros davam ao engrossamento feito na base dos machos para reforçá-los, quando o encaixe macho e fêmea ia suportar grandes esforços. O TALUDE de uma muralha.

TALAR — Abrir sulcos ou valas para escoar os campos. Devastar.

TALEIRA — Nome de cada uma das peças de madeira embebidas na espessura de uma porta ou janela para evitar que as tábuas das fôlhas se separem e empenem. Ver PORTA. Ferragem de refôrço usada nos ângulos das esquadrias de madeira de grande porte. Tais ferragens são sempre tiras chatas de ferro com furos onde entram os parafusos. Quando fazem ângulo, passam a se chamar "esquadros" ou "cantoneiras".

TALHA — Nas obras, aparelho formado de moitão, cadernal e cabo, usado para levantar grandes pesos. Obra de escultura, de entalhe.

TALHADÃO — No Brasil, usa-se para designar uma rocha no solo ou uma entrada de gruta.

TALHADEIRA — Instrumento de aço para talhar.

TALHADO — Cortado. Mas, também, designa no Brasil norte, o precipício, o despenhadeiro.

TALHA-FRIO — Instrumento de marceneiro para lavrar madeira.

TALHAMAR — Nas pontes, construção de alvenaria formando ângulo para quebrar a fôrça da corrente das águas.

TALHAMENTO — Ato ou efeito de talhar. O mesmo que TALHADURA.

TALHANTE — Anel de ferro que arma as fôrmas de madeira empregadas na feitura de pilares de alvenaria de obras hidráulicas.

TALHÃO — Tabuleiro. Tábua.

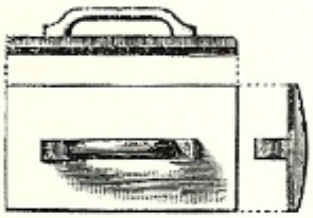
TALHAR — O mesmo que entalhar, esculpir, gravar.

TALHE — O mesmo que TALHA, escultura, gravura.

TALISCA — Pequena tira de madeira, sarrafo de pouca espessura. Lasca, estilhaço. Fazenda.

TALO — O mesmo que FUSTE de uma coluna.

TALOCHA — Pequena tábua, espécie de desempenadeira, com a qual os pedreiros arrematam o revestimento dos cantos das paredes, na altura dos tetos. Muito usada, também, nos serviços de estuque. Ver BROQUEL.



TALUDAR — Dar TALUDE ou inclinação a um paramento ou um terreno.

TALUDE — Rampa, escarpa. Inclinação que se dá aos muros de arrimo, as muralhas das fortificações, etc. Inclinação que se dá ao barranco resultante de um desatêrro. Talude "natural" é aquêle cujo ângulo de inclinação é o máximo que a constituição do solo permite para que não possa haver desbarrancamento espontâneo da terra, o que dispensa obras de consolidação e muros de arrimo.

TAMACUARE — Árvore do vale amazônico que dá madeira parda violácea boa para marcenaria. Pêso específico igual a 0,63. Caraipa paralusis, Herb. Família das Gutiferáceas.

TAMANQUEIRA — Madeira. Ver CUJUMARIRAMA e MADIOQUEIRA.

TAMARAQUE — Madeira fornecida pela Larix laricinia (Du Roi) K. Kooch, também conhecida por LARIX. Pêso específico igual a 0,63. Limite de resistência à compressão axial igual a 484 àg/cm2. Limite de resistência a flexão estática igual a 879 kg/cm2.

TAMBAíBA — Árvore silvestre que dá madeira rajada de amarelo e prêto usável na marcenaria.

TAMBO — Nome que se costuma dar aos estábulos situados dentro das cidades, onde se vende leite tirado na hora.

TAMBOR — Cada uma das secções, ou fiadas, em que são divididas as colunas de cantaria quando não são monolíticas. A parte cheia, ou lisa, do capitel, de onde saem os ornatos, quando existem. O núcleo de uma escada de caracol. O mesmo que guarda vento. O mesmo que TAMBORIL. Nas betoneiras, cilindro onde se mistura o concreto. O cilíndro das fechaduras tipo yale.

TAMBORI — Madeira. Ver TAMBORIL.

TAMBORIL — Madeira fornecida pelas árvores. Enterolobium timbouva, (Mart.) e Enterolobium contorsiliquun, (Vell.) da família das Leguminosas, também conhecida por CHIMBO, TAMBORI, TAMBORIÚVA, TIMBO, TIMBURI, TAMBOR e ORELHA DE NEGRO. Grandes árvores que dão tábuas para fôrro, esquadrias, e soalho. Aplicação iguais a do cedro vermelho. Talhe muito macio. Côr pardacenta e fibras finas e direitas. Pêso específico igual a 0,57. Limite de resistência à compressão axial igual a 407 kg/cm2. Limite de resistência à flexão estática a 867 kg/cm2. Com o mesmo nome TAMBORIL também é conhecida a madeira fornecida pela Enterolobium maximum, Ducke., leguminosa, que se confunde com as anteriores. Também conhecida por TAMBUEIRO.

TAMBORIL BRAVO — O mesmo que FARINHA SÊCA, e, também, GUARUCAIA.

TAMBORIÚVA — Madeira. Ver TAMBORIL.

TAMBU PEROBA — Madeira. Ver GUATAMBU.

TAMBUREIRO — Madeira. Ver TAMBORIL.

TAMPA — Cada uma das tábuas laterais do TAIPAL.

TAMPO — Nas escadas de madeira, nome que recebe a tábua do piso do degrau, também chamada cobertor. Tábua, de madeira ou plástico, que cobre a bacia da privada.

TANCHÃO — Têrmo que, em alguns antigos documentos paulistas, aparece com o significado de coluna, de escora de apoio de madeira, principalmente nas estruturas de pontes.

TANGÃO SIMPLES — Nos antigos teatros, viga, onde eram suspensos os bastidores da cena.

TANGUÁ — Pedra cheia de buracos ou falhas.

TANQUE — Reservatório de alvenaria, com pouca profundidade, para água potável ou de irrigação, nos jardins e plantações. Piscina de pequenas dimensões. Aquário. Nas lavanderias, reservatório provido de ralo de escoamento e torneira de abastecimento, onde é lavada a roupa.

TAPA — O mesmo que PORTA.

TAPACARÉ — Madeira. Ver PASSARIÚVA.

TAPADA — O mesmo que cêrca. Terreno murado.

TAPAGEM — Tapamento. O mesmo que sebe, tapume.

TAPAGUAÇU — Árvore que fornece madeira de lei.

TAPAMENTO — Ação de tapar. Cêrca, tapume.

TAPA-SOL — O mesmo que persiana, veneziana.

TAPIÚNA — Grande árvore da família das Leguminosas cesalpináceas que dá madeira castanha escura violácea boa para construções civis. Pêso específico igual a 0,9. Dicorynia ingens, Ducke. Comum na bacia amazônica.

TAPANHUACANGA — O mesmo que TAPUNHUNACANGA.

TAPE — O mesmo que taipa.

TAPERA — Casa velha, abandonada e em ruínas.

TAPERIBAI — Árvore que fornece madeira de lei.

TAPIÁ — Madeira de terceira qualidade aplicável sòmente em algumas obras internas. Dela há duas qualidades: o tapiá-guaçu, Alchornea iricurana, Cas., e o tapiá-mirim, Alchornea triplinervia, Mull., ambos da família das Euforbiáceas. O tapiá-guaçu também é conhecido por FÔLHA REDONDA, CAIXETE ou CAIXETA.

TAPINHOÃ — Madeira de primeira qualidade para construções civis e navais. Ótima para obras externas, em lugares úmidos. Representa no Brasil o mesmo papel que o carvalho tem na Europa, pois é madeira boa para tanoaria. A árvore dá toras de seis a oito metros de comprimento, com 0,60 a 0,80 de diâmetro. Madeira amarela pardacenta, com veios escuros. Pêso específico igual a 0,999. Resistência ao esmagamento, carga perpendicular às fibras; 185 kg/cm2; resistência a flexão 920 kg/kg cm2. Silvio navalium. Fr. Al. Família das Lauráceas.

TAPINHOÃ-AMARELO — O mesmo que GUAPEVA.

TAPIRI — Palhoça para abrigo provisório.

TAPIRIRI — Madeira. Ver PAU POMBO.

TAPIRIRICA — Madeira. Ver PAU POMBO.

TAPOJIBA — Madeira, o mesmo que TAJUBA.

TAPONA — O mesmo que sopapo, quando se fala da TAIPA de mão.

TAPOR — Na gíria, o mesmo que PORTA.

TAPUIRU-ARE — Árvore que fornece madeira usável na marcenaria.

TAPUME — Vedação provisória feita de tábuas, que separa a obra do logradouro público e protege os transeuntes de possíveis quedas de materiais.

TAPUNHUNACANGA — Nome de certa pedra, muito comum em Minas, de côr próxima ao negro, que contém hidrato de ferro, antigamente usada em alvenaria de pouca responsabilidade, pois apresenta concreções ôcas.

TAPURU DA VARGEM — Árvore de grande desenvolvimento que fornece madeira utilizável na carpintaria de telhados, na feitura de caibros e linhas. Sapium curupita, Herb também conhecida por CURUPITA.

TAPURUCA — O mesmo que PIÇARRA.

TAQUARA — Designação vulgar de várias espécies de bambu, especialmente a Arundiária verticellata, com largo emprêgo em construção, como na taipa de mão.

TAQUEAR — Assoalhar com tacos. Revestir de tacos.

TAQUEIRO — Operário que coloca TACOS de madeira dos pisos chamados parquetes.

TARACENAS — O mesmo que TERRACENA.

TARAMELA — Pedaço de madeira atravessado por um prego que lhe serve de eixo de rotação, que serve para fechar portas e janelas.

TARDÓS — Lado ou face tôsca de pedra de cantaria que fica voltada para dentro da parede. A face oposta à face principal. A superfície interna, que olha para dentro, da fôlha de uma porta.

TARJA — Ornato pintado ou esculpido que circunda ou envolve um objeto ornamental, um escudo, um medalhão, um painel, etc.

TARJÃO — Tarja grande. Lápide retangular que contém inscrição.

TARJETA — Pequena TARJA. Pequeno ferrôlho de ferro.

TARIMA — O mesmo que TARIMBA.

TARIMBA — Estrado de madeira, suavemente inclinado, que serve de leito fixo, especialmente nos quartéis.

TARTARUGA — Na simbologia dos ornatos, a tartaruga representa o mal, a impureza, a gula e, também, a fecundidade.

TARUGAR — Colocar TARUGO.

TARUGO — Peça cilíndrica de madeira usada para unir duas outras peças, como se fôsse um prego introduzido sob pressão. Pedaço de madeira que se coloca nos telhados unindo dois caibros. Viga transversal de madeira, entre os barrotes de SOBRADO para evitar que êstes se desloquem lateralmente.

TARUMÃ — Madeira de construção boa para obras externas, principalmente em lugares úmidos. Boa para esteios e postes. Utilizável na marcenaria. Existem as variedades tarumã vermelho, tarumã amarelo, ou GRATAÚBA. Pêso específico igual a 0,771. Resistência ao esmagamento igual a 592 kg/cm2. Vitex montevidensis, Cham., Vitex taruman, Saint Hilaire. Família das Verbenáceas.

TASCA — Restaurante ordinário. Botequim pobre ou de má fama. Taberna.

TASMANITA — Resina fóssil originária da Tasmânia, que contém enxôfre, usada como elemento constituinte de vernizes empregados na marcenaria.

TATAJUBA — Madeira. Ver TAJUBA.

TATAJUBA DE BELÉM — Árvore paraense, Bagassa guyanensis, Anbl, família das Moráceas, que dá madeira amarela escura boa para marcenaria, carpintaria e construções civis e navais em geral. Pêso específico igual a 0,76.

TATAPIRIRICA — Madeira, também conhecida por PAU POMBO, utilizável na marcenaria, de côr rosa esbranquiçado. Pêso específico igual a 0,69. Tapirira guianensis, Anbl. Família das Anacardiáceas. Comum no vale amazônico.

TATAÚBA — Madeira, o mesmo que TAJUBA.

TATU — Madeira fornecida pela Eugenia supraaxillaris, Spring. Família das Mirtáceas. A madeira é de côr amarela escura, com manchas e veios mais carregados. Fibras finas, talhe macio, apresentando nós no cerne, não se prestando ao desdobramento. Ótima madeira para obras em lugares úmidos na zona da marinha, resistindo bem à água salgada, não sendo atacada pelo gusano. Pêso específico variando de 0,94 a 1,02.

TAU — Madeira. Ver MARINHEIRO.

TAUARI — Árvore que fornece madeira vermelha pardacenta boa para marcenaria. Pêso específico igual a 0,51. Contratari tourai, Berg. Família das Lecitidáceas.

TAÚBA — Madeira. Ver TAJUBA e TAIÚVA.

TAUXIA — Arte que emprega embutidos de qualquer metal em superfícies de aço ou ferro, antigamente usado na ornamentação arquitetônica, principalmente nas ferragens de esquadrias de luxo.

TAÚVA — Madeira. Ver MARINHEIRO.

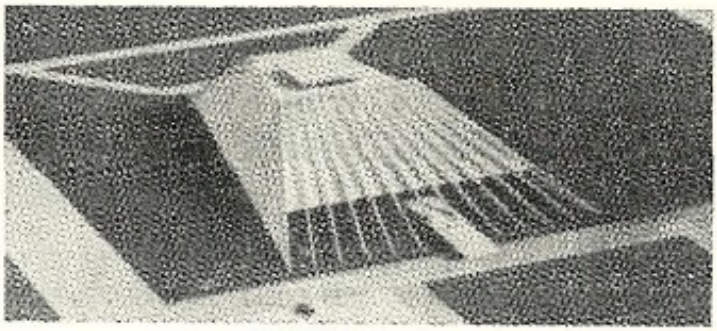
TAVAJIBA — O mesmo que TATAJUBA.

TAZELA — O mesmo que ladeira.

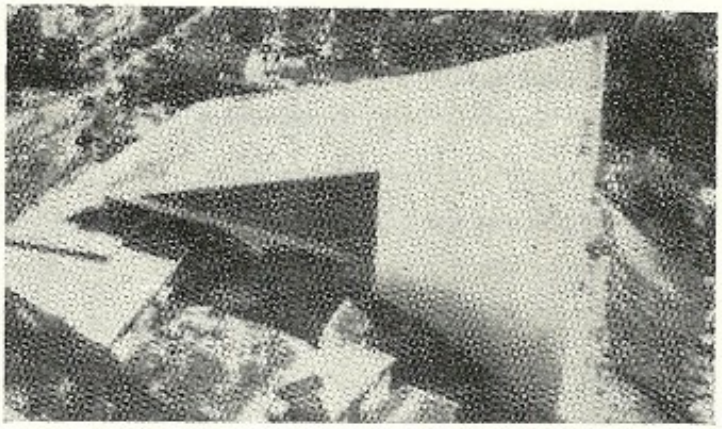
TEATRECO — Teatro ordinário, de nenhuma importância.

TEATRÍCULO — O mesmo que TEATRECO.

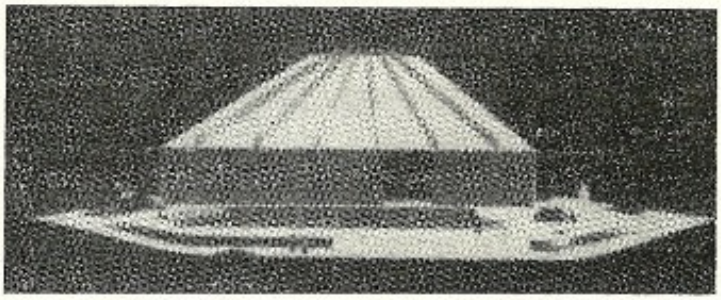
TEATRO — Edifício ou local destinado à representação de obras chamadas "teatrais". Isto é, desde a ópera, a comédia, a revista até a declamação, etc. Compreendem-se como obras escritas com a finalidade de serem levadas a efeito e representadas frente a público numeroso. Dessa forma o teatro constitui-se em programa arquitetônico dos mais complexos e interessantes no qual se considera inicialmente: a) as entradas, que compreendem os vestíbulos, as bilheterias, as escadas, os corredores, etc.; b) os locais de reunião que são as salas de espera, os "foyer", os bares, etc.; c) a platéia destinada a público; d) o palco onde se encontra tôda a parte correspondente à cena, os camarins, os serviços complementares, etc.; e) as demais dependências, como depósitos, etc.; f) e a parte administrativa. Além dêsses aspectos essenciais do programa, surgirão para o arquiteto, problemas de alta importância como os da circulação de público e seu dimensionamento dentro de posturas legais e os de acústica que em salas de espetáculos exige cuidados extremos. No Brasil inúmeros têm sido os



Teatro Nacional de Brasília projeto do arquiteto, Oscar Niemeyer.



Teatro Castro Alves, Salvador, Bahia, arquiteto José B. Fonyat Filho.



Teatro Municipal de Santos, projeto dos arquitetos, Osvaldo Corrêa Gonçalves, Abrão Sanovicz e Júlio Katinsky.

projetos de teatros que apresentam destaque no campo arquitetônico principalmente porque no que se refere à expressão plástica o arquiteto encontra soluções muitas vêzes felizes.

TEBA — Altar, nas sinagogas, em que se lêem os livros santos.

TÉCNICA — Conjunto de procedimentos ou de recursos de que se serve uma ciência ou uma arte. Daí a "técnica arquitetônica" ser o conjunto de aspectos tecnológicos — construtivos — e artísticos — de valorização estética capazes de realizarem obra de arquitetura. Como disse Lúcio Costa: "a arquitetura está além da técnica e o ponto de partida".

TECNISMO — Influência da técnica.

TECNOLOGIA — Ciência que trata das artes industriais, isto é, vem a ser a teoria da indústria no sentido prático. Estudo ou tratado dos recursos técnicos para realizar bem material de qualquer natureza.

TECTÔNICA — Arte de construir edifícios. Ainda, designa parte da Geologia que estuda a estrutura da crosta terrestre. Às vêzes surge a grafia TETÔNICA.

TETÔNICA — Relativo à TECTÔNICA.

TEIA — Grade divisória usada em certos locais de reuniões, tribunais e até em igrejas para separar o povo ou espectadores.

TEIJUPABA — Rancharia, conjunto de ranchos.

TEIO — O mesmo que cerne, a parte central dos troncos das árvores.

TEJADILHO — Pequena cobertura, podendo ser provisória e desmontável. Tôldo.

TEJOLO — O mesmo que TIJOLO.

TEJUPARA — O mesmo que TEIJUPABA.

TEJUPAR — O mesmo que TIJUPAR.

TELA — Tecido de arame de várias grossuras em várias dimensões de espaçamento destinado à execução de cercados, fôrros de estuque, etc.

TELAMÃO — Estátua antropomórfica empregada em arquitetura para sustentar entablamentos, cornijas, etc. O mesmo que ATLANTE. Às vêzes surge a grafia TELAMONE ou TELAMON.

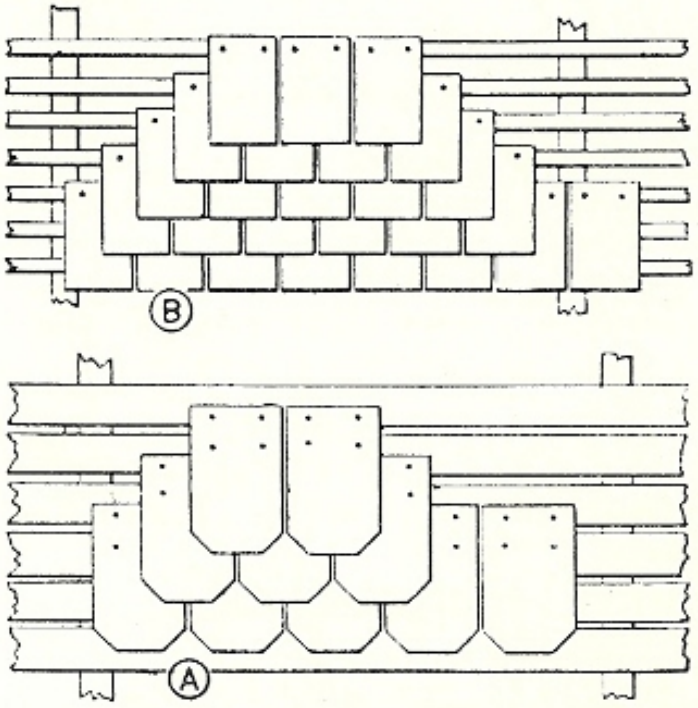
TELÃO — Em alguns teatros e cinemas, grande pano que contém anúncios, pendente adiante do pano de bôca pròpriamente dito.

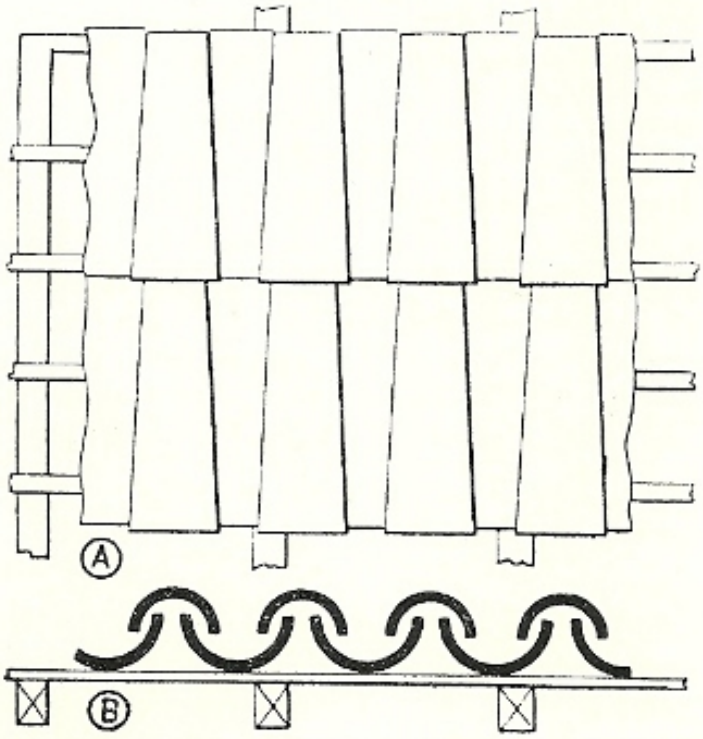
TELÉGRAFO — Casa ou lugar onde funciona o aparelho do mesmo nome que transmite comunicações a distância. De modo geral, êsse edifício contém a repartição governamental chamada Correios e Telégrafos.

TELÊMETRO — Instrumento destinado a medir a distância que separa um observador e um ponto inacessível por outro meio de medida.

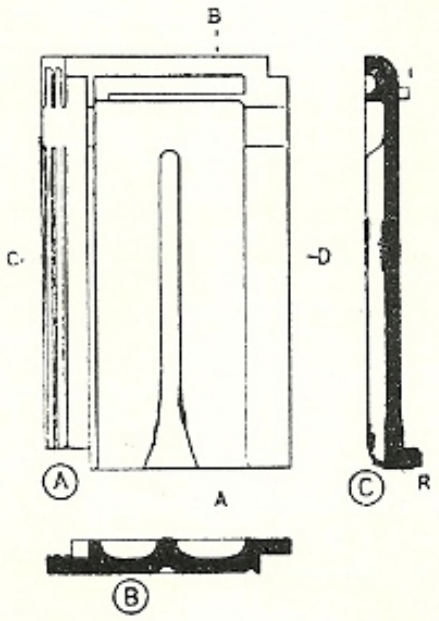
TELEVISÃO — Edifício destinado a conter a estação transmissora de televisão, isto é, o aparelhamento que transmite a imagem de objetos e pessoas à distância. O programa arquitetônico consiste nos estúdios de trabalho, nos locais destinados ao público e na parte administrativa, além dos locais de especialidade técnica.

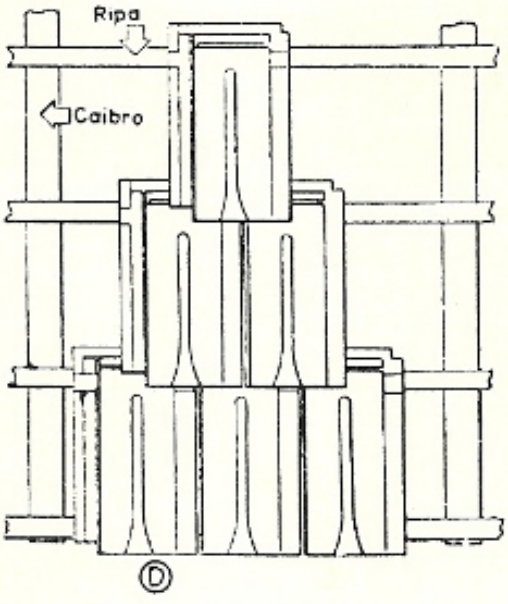
TELHA — Nome de cada uma das peças usadas para cobrir as construções, protegendo-as, principalmente, das chuvas. As telhas podem ser de barro, cerâmica, de cimento, de cimento-amianto, de pedra, como a ardósia, de metal, como o ferro, o cobre, o alumínio ou o chumbo, de madeira, etc.. As telhas de barro podem ser chatas ou curvas, as chatas, com rebordos de fixação entre si e nas ripas, são do tipo "Marselha" e englobadamente chamadas FRANCESAS. As que apresentam curvatura de meia cana chamam-se TELHAS





Nas ilustrações acima, dois tipos de telhas de ardósia, pregadas no ripamento. Desenhos de Alexandre Albuquerque em "Construções Civis". Abaixo, telhas côncavas, ou de canal. Em A e em B, a disposição das "capas" e "canais" sôbre o ripado. Desenhos de Alexandre Albuquerque.





Telhas ditas francesas ou marselhesas. Em D, a disposição das varias peças sôbre o ripamento. Em A, B e C, planta e cortes de uma telha.

DE CANAL, porque êsse nome é dado à telha que, no telhado, fica com a cavidade voltada para cima, constituindo um canal de escoamento das águas pluviais. Tais telhas assim dispostas também recebem o nome de BICAS. As telhas que se apóiam nos "canais", ficando com a cavidade voltada para baixo, chamam-se CAPAS, ou TELHAS DE COBRIR — TELHA FLAMENGA é a que tem o perfil em forma de S. As cumieiras e espigões são cobertas por telhas ditas de ESPIGÃO. Nas extremidades inferiores dos vértices resultantes do encontro de duas águas, denominados "espigões" em São Paulo, são colocadas as telhas de PONTA. Essas telhas, nos cantos dos telhados, sôbre os cunhais, antigamente recebiam modelos especiais; eram arrebitadas, em forma de lança, ou com a forma de uma pomba, fato que alguns estudiosos ligam à superstição com fins profiláticos. Modernamente existem com largo uso as grandes placas onduladas de fibro-cimento, ou cimento-amianto, que, devido ao tamanho, facilitam a mão de obra. Ver CIMENTO-AMIANTO. Agora também, já estão entrando no mercado as telhas transparentes, ou translúcidas, de material plástico que facilitaram aos arquitetos a possibilidade de iluminação superior, chamada, também, zenital. São combustíveis, o que é uma inconveniência. TELHA-VÃ, é a telha que não leva argamassa, ou o telhado sem fôrro. Ver TELHADO.

TELHADO — Dá-se o nome de TELHADO à cobertura dos edifícios, em virtude do uso comum de TELHAS. Daí o fato de nem todos os sistemas de proteção superior receberam aquêle nome. Os telhados devidem-se em duas partes distintas: a estrutura de sustentação, chamada ARMAÇÃO, que pode ser de metal ou de madeira, neste caso, denominando-se também, MADEIRAMENTO, e a COBERTURA pròpriamente dita, que pode ser de telhas de barro, de ardósia, de metal liso ou ondulado, etc. A superfície do telhado pode ser plana ou curva (cônica, esférica, etc.). A grande maioria dos telhados é de superfície planas. Tais planos inclinados de escoamento das águas pluviais recebem o nome de ÁGUAS. Os telhados de uma só água, os de mais simples execução, recebem a denominação de ALPENDRE, embora necessàriament enão cubram recinto alpendrado, no verdadeiro sentido da palavra. Ver ALPENDRE. Esta cobertura também é chamada de TELHEIRO. Telhado de DUAS ÁGUAS é o telhado composto de dois planos inclinados simètricamente em relação ao eixo principal de construção. À aresta superior do telhado dá-se os nomes de ESPIGÃO, CUME ou CUMEEIRA, e às bordas inferiores, BEIRAS ou BEIRAIS. Diz-se que o telhado é EMPENADO quando as paredes principais da construção não são paralelas e se deseja fazer a comeeira e os beirais horizontais. Neste caso, a superfície de cobertura não é plana, pois houve necessidade da concordância entre a inclinação maior, na parte mais estreita, com a inclinação mais suave, na parte mais longa. Plantas irregulares, quando as paredes não são paralelas, sempre dão ocasião a espigões ou beirais inclinados, quando as águas são planas. As paredes laterais das construções de telhado de duas águas recebem o nome de EMPENAS, ou OITÕES. O telhado de QUATRO ÁGUAS é formado por quatro planos. Quando êstes são iguais entre si, constituindo uma pirâmide, diz-se que os quatro triângulos formam um telhado de PAVILHÃO, ou de COPIAR. Quando a planta de construção não é quadrada, como no caso anterior, o telhado possui águas diferenciadas. As águas que cobrem as paredes mais longas da planta retangular recebem o nome de ÁGUAS MESTRAS. As águas das extremidades, que cobrem as paredes laterais, ou menores, e têm a forma triangular e denominam-se TACANIÇAS, REVESSAS ou RODOS. As intersecções entre as águas mestras e as tacaniças formam cristas inclinadas que, em Portugal principalmente, recebem a denominação de RINCÕES ou GUIEIROS, enquanto, entre nós, chamam-se simplesmente espigões inclinados. Nas construções irregulares, com alas fazendo ângulo entre si, os telhados apresentam interseções reentrantes, em Portugal chamadas de GUIEIRO MORTO, ou ESPIGÃO ABATIDO, ou ainda, RIBEIRO e entre nós denominadas RINCÃO (ver êste verbete) ou ÁGUA FURTADA, designação aliás imprópria. Denomina-se PONTO de um telhado a relação entre a sua altura, ou flexa, e a largura do vão. As armaduras dos telhados admitem variações, às vêzes racionalmente calculadas e executadas, outras vêzes empìricamente feitas, apelando-se para escoras, mãos francesas e até paredes internas levantadas acima dos forros. Nos telhados tra-

dicionais as telhas apoiam-se em cima das RIPAS ou LATAS, que são sarrafos paralelos entre si e dispostos paralelamente às paredes. Às vêzes, entre as ripas, e fazendo o papel destas, são colocadas umas tábuas de reforço, ou cintas. A tábua na extremidade inferior da água, chama-se TÁBUA DE BARBATE, a tábua próxima ao espigão chama-se TÁBUA DE PONTO, as tábuas a meia distância denomina-se CINTAS. As ripas são pregadas e apoiadas em peças inclinadas que vencem o vão entre a cumeeira e a parede denominadas, entre nós, CAIBROS e, em Portugal, também chamadas VARAS, que constituem o VAREDO do telhado. Os caibros, equidistantes entre si, apóiam-se em vigas paralelas às paredes, as quais recebem vários nomes conforme a posição ocupada: FRECHAL é a viga assentada diretamente sôbre o tôpo da parede e que recebe as extremidades dos caibros por meio de entalhes ditos de BÔCA DE LÔBO. A viga superior, que ocupa a parte mais alta do telhado, espigão, chama-se PAU DE FILEIRA, FILEIRA ou CUMEEIRA. As vigas intermediárias, são as MADRES ou TERÇAS. Êstes últimos elementos estruturais agora citados podem estar apoiados diretamente nas paredes externas e internas da construção, para isso elevadas acima dos forros, ou podem estar apoiadas, conforme o tamanho do vão a ser vencido, em TESOURAS ou ASNAS. Ver TESOURA. Foi comum, em alguns telhados, o emprêgo do GUARDA PÓ. isto é, um forramento de tábuas entre caibros e as ripas. Aliás o emprêgo mais comum do guarda-pó foi nos beirais providos de CACHORROS. Ver BEIRAL e CONTRAFEITO. Telhado AMOURISCADO é aquêle em que os canais das telhas são cobertos com fragmentos de telha e argamassa. Ver AMOURISCADO. Telhado CRAVADO, ou DE CANUDO, é aquêle em que as telhas de cobrir, ou capas, são prêsas ou "cravadas", por meio de argamassa, às telhas dos canais. Entre nós também é comum a denominação TELHADO EMBOÇADO. Nesse caso, TELHADO DE VALADIO ou de TELHA-VÃ é aquêle em que as telhas não são ligadas com argamassa. Os telhados cravados e os de valadio podem receber cintas horizontais de argamassa para travamento e para servir de passadiço aos operários. TELHADO ENSOPADO é o todo recoberto de uma camada de argamassa passada a colher e caiada.

TELHADOR — Operário que coloca TELHAS.

TELHADURA — Ato ou efeito de colocar telhas. Olaria onde se fazem telhas. O mesmo que ALPENDRE. TELHEIRO.

TELHAL — Olaria em que se fazem e se cozem TELHAS. Forno para aquela finalidade.

TELHÃO — Aumentativo de TELHA, o têrmo foi empregado para designar certas telhas mais compridas que as ordinárias e próprias para ficarem em balanços, nos beirais. Foram comuns telhões de porcelana decorada.

TELHAR — Cobrir com TELHAS.

TELHA-VÃ — Telhado sem fôrro. Telha que não leva argamassa.

TELHEIRA — Fábrica de TELHAS, olaria.

TELHEIRO — O fabricante de TELHAS. Nome comum de certas coberturas de telha vã sustentadas por esteios, não havendo paredes de vedação. Alpendre de grande profundidade.

TELHO — Pedaço de telha. Caco de telha.

TEMBA — O mesmo que povoação.

TÊMPERA — Certo tipo de pintura, ou de tinta, em que os pigmentos coloridos são dissolvidos em água onde foi adicionada cola, goma, clara de ôvo, etc.

TEMPERATURA — Estado de frio ou calor, de umidade ou secura do ar, que impressiona nossos sentidos.

TEMPLO — Edifício público destinado ao culto religioso. Ver Delubro. Igreja.

TENALHA — Obra de fortificação que na frente, apresenta duas faces fazendo ângulo reentrante. TENALHA DÔBRE, ou DOBRADA, ou ainda FLANQUEADA, é a que tem quatro faces fazendo três ângulos salientes e dois reentrantes. Ver CAUDA DE ANDORINHA.

TENDA — Barraca de campanha. Barraca de feira. Pequena oficina de ferreiro, marceneiro, sapateiro, etc. assim chamadas com freqüência no Brasil.

TENDAL — Nas charqueadas, lugar onde se estende o charque. Nos matadouros, lugar onde se dependuram as carnes dos animais recentemente abatidos. Lugar onde se extrai

e se guarda o mel de abelhas. Nos antigos engenhos, local onde se assentavam as formas de açúcar. Tôldo. Recinto anexo a uma habitação. Lugar onde se tosquiam ovelhas.

TENDILÃO — Tenda, barraca, tôldo.

TENENTE — Cada uma das duas pedras pequenas que flanqueavam os marcos de pedra gravada com as armas do Rei, que os colonizadores e navegadores cravavam nos locais recém-descobertos e dos quais tomavam posse.

TENSA — Fasquia de madeira que se tira de uma peça da qual se diminui a secção.

TENTO — Pedaço de pau fino de dimensões determinadas, espécie de régua que pode ser circular, quadrada ou retangular em sua secção, destinado a apoiar a mão para pintar com firmeza.

TENTO AMARELO — Árvore, comum na bacia amazônica, que dá madeira boa para marcenaria, de côr vermelha clara e de pêso específico igual a 0,70. Ormosia excelsa, Benth. Família das Leguminosas papilionáceas.

TENTO DA VÁRZEA — Árvore que dá madeira branca amarelada utilizável na marcenaria. Pêso específico igual 0,58. Ormosia coccinea, Jaks. Família das Leguminosas papilionáceas.

TEODOLITO — Instrumento geodésico usado em topografia que serve para medir os ângulos reduzidos ao horizonte.

TEORIA DA ARQUITETURA — Assunto desenvolvido nos cursos de arquitetura que tem por objetivo, oferecer ao estudante, ao curioso, de forma ampla e geral, uma compreensão da arquitetura com base no conhecimento histórico e artístico, no labor social do arquiteto e na qualidade estética da obra arquitetônica. Constitui-se na mais informativa das unidades dêsse ensino especializado.

TERÇA — Viga madeira que sustenta os caibros dos telhados. Ver TELHADO.

TERÇAR — Misturar três coisas ou dividir uma quantidade em três partes iguais. Nas obras, por exemplo, misturar água, cal e areia e amassar a mistura até um todo homogêneo.

TERCEIROS — Segundo Lino d'Assunção, o mesmo que ÁGUA FURTADA.

TERCENA — O mesmo que TERRACENA.

TERCIARÃO — Nervura de abóbada ogival.

TERÇO — A terça parte do fuste da coluna.

TERÇOS DA ABÓBADA — Nome de cada uma das ADUELAS de um arco, menos a do FÊCHO e as dos SEGUINTES DE NASCENÇA.

TEREBINTINA — Resina semi-líquida e odorífica extraída do "terebinto", e de outras árvores. É usada na fabricação da ÁGUARAZ, de alguns vernizes, para preparar côres, etc. Na linguagem vulgar é usado o têrmo TEREBENTINA.

TEREBRAR — Furar com verruma. Furar. Perfurar.

TERMAS — Estabelecimento onde se tomam banhos medicinais quentes. Também designa o local onde existem águas termais.

TERMINOLOGIA — Tratado dos têrmos técnicos de uma arte ou ciência. Conjunto dêsses têrmos.

TERRA — Construção rústica.

TERRA DE SEVILHA — Espécie de CAPARROSA usada para tingir de negro.

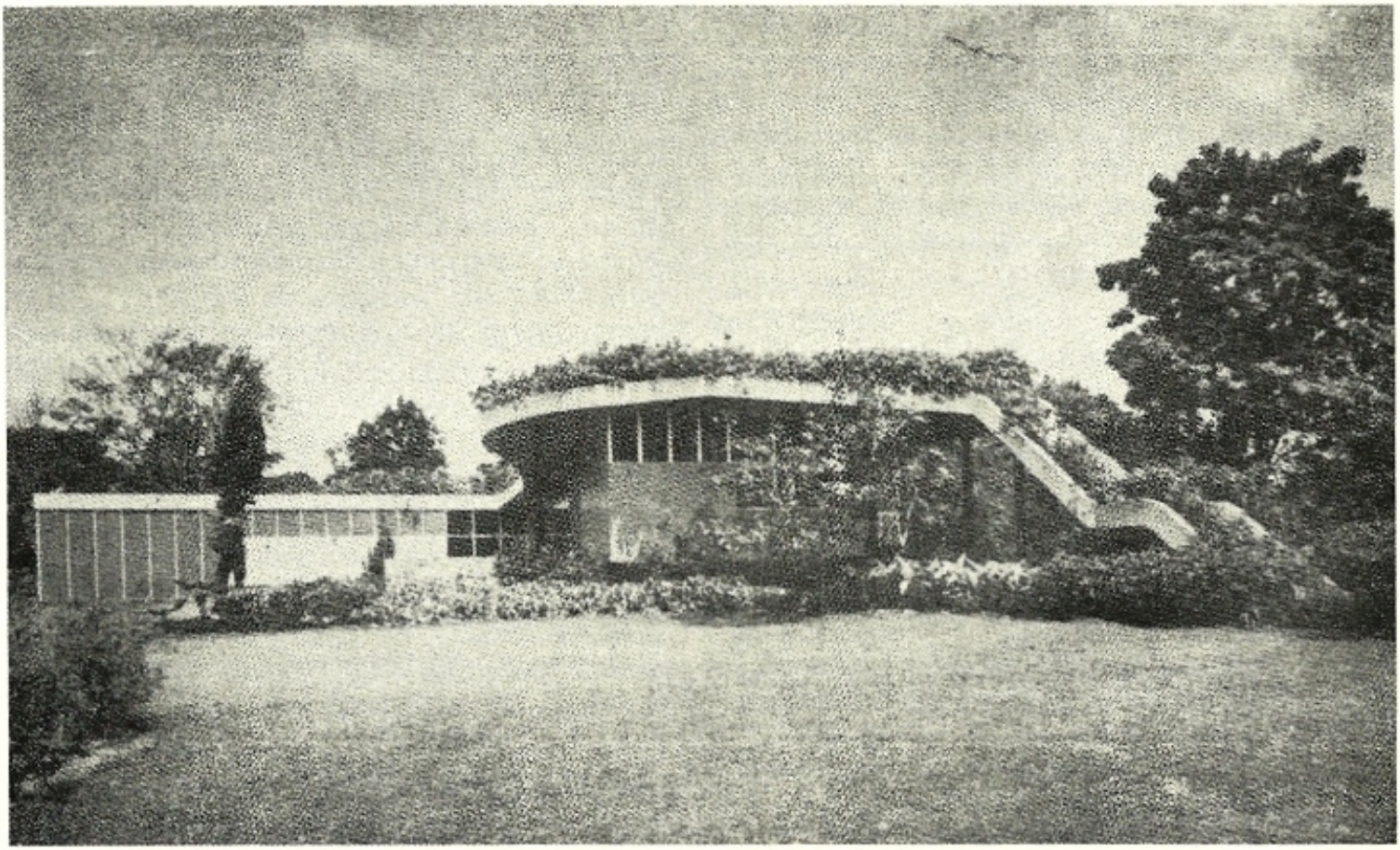
TERRA DE SIENA — Espécie de ôcre amarelo usado como pigmento no fabrico de tintas. A expressão passou a significar o amarelo queimado.

TERRA FRIA — O mesmo que SEPULTURA.

TERRA INGLÊSA — Nome que se costumava dar ao CIMENTO.

TERRACENA — O mesmo que depósito, tulha, celeiro ou armazém perto dos rios ou dos cais. Gabriel e Sousa, falando sôbre o Colégio dos Jesuítas na Bahia, diz ... "o qual collegio tem grandes cêrcas até o mar, com agua muito por dentro, e ao longo do mar humas terracenas onde recolhem o que lhe vem embarcado de fora".

TERRAÇO — Cobertura plana de um edifício. O mesmo que AÇOTÉIA, que EIRADO. Galeria descoberta. Qualquer recinto descoberto e pavimentado anexo a uma construção, no rés-do-chão, em balanço, ou sobrelevado. Como cobertura, constitui o terraço-jardim, preconizado por Le Corbusier e bastante empregado na arquitetura contemporânea.



Terraço Jardim em residência no Rio de Janeiro projetada pelos arquitetos M. M. M. Roberto.

TERRACOTA — Além de designar a argila modelada e cozida em forno, refere-se de modo geral a todo objeto assim obtido, seja escultura, baixo relêvo, etc.

TERRADO — O mesmo que TERRAÇO.

TERRAPLENAGEM — Ato ou efeito de terraplenar.

TERRAPLENAR — Encher de terra. De modo geral na linguagem vulgar assim se designa qualquer movimento de terra, que tira ou põe para fazer o terrapleno ou para preparar o terreno de acôrdo com o desejado.

TERRAPLENO — Terreno em que se enche uma depressão para que se torne plano ou de acôrdo com o previsto num projeto.

TERRAZO — Espécie de mármore, formado de diversas rochas unidas por um cimento muito duro.

TERREIRO — O mesmo que térreo. Praça ou largo em frente à igreja matriz, nas pequenas localidades. Nas fazendas, grande espaço livre e nivelado em frente à casa principal, que serve para reuniões, festas e, também, para o beneficiamento de produtos agrícolas, como secagem de café, separação de cereais da palha, etc. O mesmo que quintal. Terraço, eirado. Local onde é exercido o ritual do candomblé, da macumba, etc.

TERREJOLA — O mesmo que TERRIOLA.

TERRENISMO — Na linguagem vulgar diz-se do ato ou efeito de lotear terrenos para especulação quando isto é feito sem escrupulos quanto às condições humanas de habilidades e as posturas legais.

TERRENO — Espaço do terra mais ou menos extenso. O solo considerado sob o ponto de vista da sua natureza, compactação, resistência à compressão, etc. TERRENO CONCERTADO é o ligeiramente ondulado e pouco acidentado. TERRENO UNDANTE é o acidentado, bastante ondulado.

TÉRREO — Diz-se do pavimento que não se eleva acima do nível do chão. Ver CASA TERREIRA.

TERRICA — O mesmo de CALIÇA.

TERRIOLA — Pequena povoação, lugarejo. Aldeola.

TERROSO — Que tem côr, aparência ou natureza de terra.

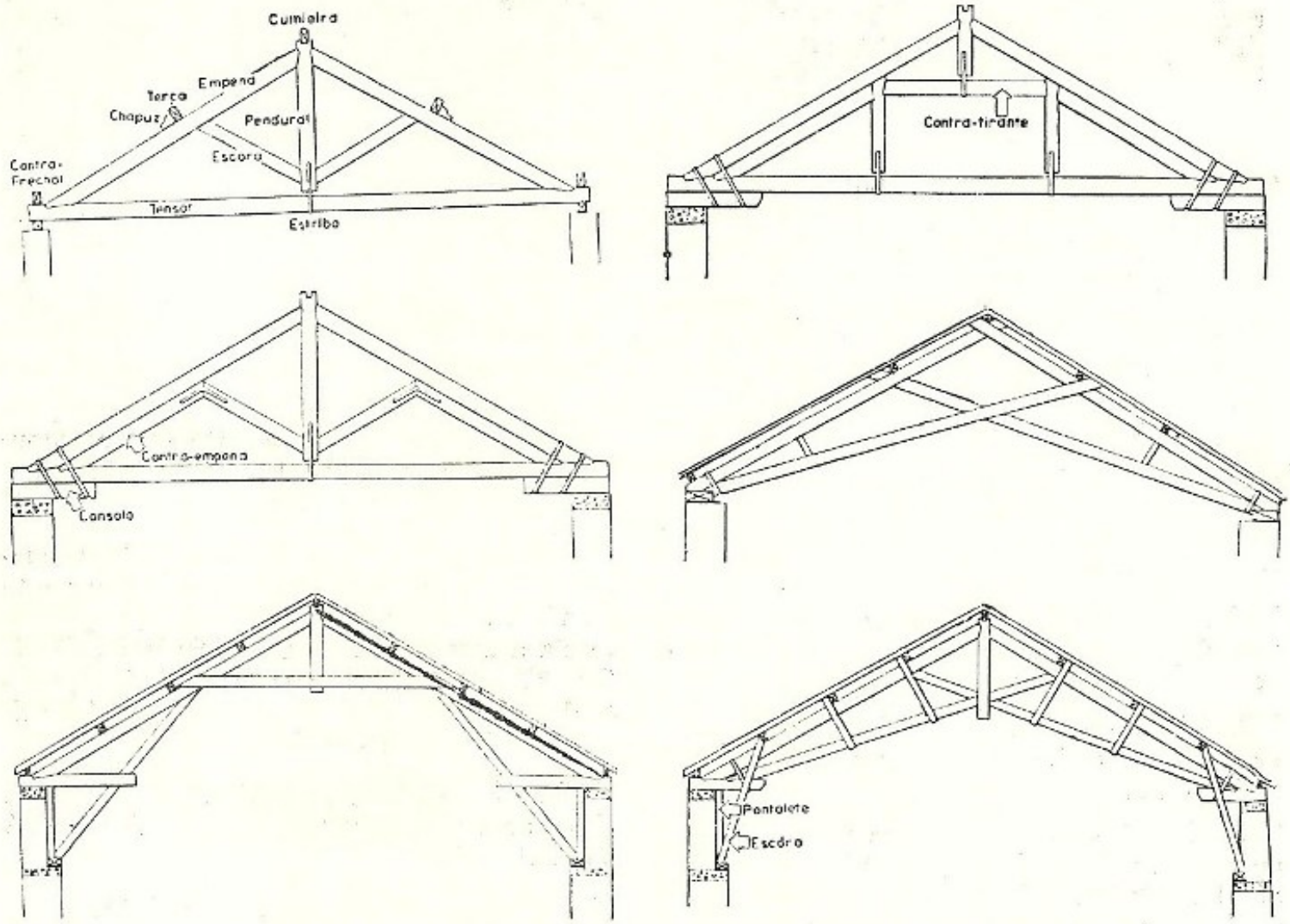
TÊSO — Monte alcantilado ou íngreme. No Brasil ainda significa parte elevada do terreno que, numa superfície inundada, fica acima do nível das águas, no Amazonas, e terreno mais alto, que fica junto a barranca dos rios, no Rio Grande do Sul.

TESOURA — Nos telhados que vencem vãos grandes, sem o auxílio de paredes internas, nome do sistema estrutural triangular indeformável que sustenta a cobertura pròpriamente dita. Ver TELHADO. As duas peças principais da tesoura são as EMPENAS, inclinadas segundo a declividade, ou PONTO do telhado. As extremidade inferiores das empenas são unidas pela horizontal chamada TIRANTE ou TENSOR. Chama-se PENDURAL a peça vertical em cuja extremidade superior engastam-se as extremidades superiores das emppenas e apóia-se a viga da CUMEEIRA. O pendural desce até o tensor, ao que é ligado, sem contato direto, pelo ESTRIBO. As ESCORAS são peças inclinadas que dividem o vão livre de cada uma das empenas, estando apoiadas inferiormente no pendural. Essas as peças principais de uma tesoura comum, havendo outras segundo o vão a ser vencido.

TESOURO — Nas igrejas, local reservado para a guarda de relíquias, pratarias, vestes e demais preciosidades. Prédio para arquivos públicos. Edifícios para a administração encarregada da gerência dos dinheiros públicos e para a guarda de tais rendas.

TESSELA — Laje de pedra para revestir pisos internos. Cada uma das peças do mosaico.

TESSELÁRIO — Operário que prepara as pedras para pavimentação de interiores, mosaista.



Os vários desenhos acima, de autoria de Alexandre Albuquerque, mostram algumas modalidades de tesouras de madeira, com as denominações das principais peças.

TESTA — Ver FECHADURA.

TESTA DE BOI — Uma das variedades da madeira conhecida por VINHÁTICO.

TESTADA — Porção de um logradouro público, rua ou estrada, que fica à frente de um prédio ou terreno.

TESTEIRA — A parte dianteira, mais saliente. O têrmo atualmente, pelo menos em São Paulo, é empregado para designar a tábua pregada ao longo do beiral, sôbre os tôpos dos cachorros, quando não existem calhas e condutores. Modernamente, há a tendência de se chamar de testeira a superfície vertical ou inclinada da extremidade de qualquer beiral, de madeira ou de concreto. Ver ABA. TESTADA.

TESTEMUNHO — O mesmo que DAMA.

TESTILHO — Cada uma das duas faces laterais e internas das chaminés, da verga para cima.

TETIM — A palavra originàriamente designava certa pozolana dos Açôres, de côr vermelha, que teve, também, grande aplicação na pintura, como pigmento. Com o tempo, o têrmo passou a dar nome a pó de tijolo usado na confecção de certo betume largamente empregado em obras em lugares úmidos. Vemos, por exemplo, o engenheiro militar Francisco Frias de Mesquita, em 1619, dizer quando tratava das obras da Fortaleza do Rio Grande: "e lembro que o tijolo ha de ser bom barro e bem cosido, e sem sombra d'água salgada, e o titim mto. bem moido..." Tal pó de tijolo, tetim ou tentim, com a cal e água, ou azeite, formava um betume bastante resistente que, além de servir no assentamento de pedras também era usado, ao que tudo indica, em serviços de revestimento ornamentado à semelhança do moderno estuque. Assim, nós vemos nos tempos modernos, principalmente nos autores do século XIX, a palavra já designando não só aquela pozolana, como também o próprio betume feito com pó de tijolo.

TETO — A face inferior, que olha para baixo, dos forros dos compartimentos, delimitando superiormente o espaço abrigado. Ver FÔRRO. Por extensão, abrigo, habitação.

TETRAEDRO — Sólido formado por quatro faces planas. O mesmo que "hemoctaedro".

TETRAPILO — Diz-se da construção que possui quatro portas.

TETRASTILO — Diz-se da construção cujo pórtico possui quatro colunas, ou que possui quatro ordens de colunas.

TEXTURA — Têrmo que em arquitetura é aplicado para designar o resultado plástico e estético obtido com um acabamento de superfície, seja através do próprio material, seja pelas qualidades da côr da tinta, do revestimento, etc.

TIBICUERA — Localidade abandonada pelas moradores.

TIBÚRIO — Antigamente, a tôrre principal e mais alta de uma construção.

TIÇÃO — Nome que se dá ao tijolo colocado de face, na direção do comprimento da parede. Há quem dê o nome ao tijolo PERPIANHO.

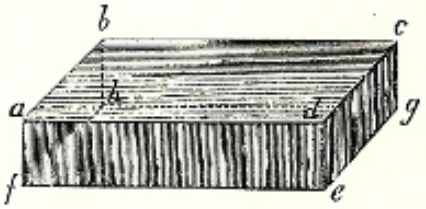
TIJOLAR — O mesmo que ATIJOLAR.

TIJOLEIRA — Grande tijolo quadrado. Fragmento de tijolo.

TIJOLEIRO — Fabricante de tijolos.

TIJOLETA — No Rio Grande do Sul diz-se do ladrilho para pavimentos. Também, tijoleira.

TIJOLO — Nome da peça de barro cozido usada nas alvenarias dos edifícios, tradicionalmente tendo a forma de um paralelepípedo retangular em que a espessura é igual a metade da largura, que, por sua vez, é igual a metade do comprimento. Os seis lados dêsse tijolo tradicional recebem nomes especiais, que são: FACE, TARDÓS, VARA e TÔPO. Ver ilustração a respeito. Existem tijolos com formas especiais, por exemplo: os curvos, ou com ranhuras e saliências para encaixes de macho e fêmea, os de secções variáveis, semelhantes às aduelas dos arcos, os achatados, como ladrilhos, usados nos revestimentos de pisos ou muros, que se chamam TIJOLOS REBA-



No clichê acima, *a b c d* delimitam a *face* do tijolo; *e f g h* o *tardos; a f e d* a *vara* e *d e g c* o *tôpo.*

TIDOS, os tijolos circulares, como se fôssem discos, usados na feitura de colunas, denominados BROAS, etc. Até hoje em dia, no Brasil, os tijolos são feitos manualmente, em fôrmas de madeira e sêcos ao sol antes da cozedura nos fornos das olarias. Os tijolos laminados ou os prensados, produzidos industrialmente, são mais caros e quase sempre são transfurados ou ocos, com largo emprêgo nas lajes nervuradas e no preenchimento de vãos estruturais. Em Portugal, TIJOLO BURRO é o tijolo de barro comum, feito manualmente, enquanto, entre nós, a expressão designa o tijolo cru ou a ADOBE. TIJOLO REFRATÁRIO é o tijolo feito com argila especial, geralmente branca, que tem alto poder de tolerância ao calor. São usados nos fornos, fornalhas e demais fontes de calor.

TIJUPÁ — Construção rústica de palha, de duas águas que chegam até o chão, usada no campo pelos trabalhadores como abrigo provisório. Moradia indígena, menor que a oca. Toldo. Choupana, rancho. O mesmo que tijupar, tiupá, tajupá, tajupar, tijupaba.

TIJUPAR — O mesmo que TIJUPÁ.

TIMBÓ — Madeira. Ver TAMBORIL.

TIMBOÚVA — O mesmo que TAMBORIL.

TIMBORI — Madeira. Ver TAMBORIL.

TÍMPANO — Superfície triangular, lisa ou ornamentada, limitada pelos três lados do FRONTÃO, isto é, pelas empenas e pela cimalha horizontal da base. Superfície lisa ou ornamentada limitada por um ou dois arcos e por outras linhas como a de qualquer arquitrave superior, etc. Em marcenaria, painel entre molduras.

TINELO — Refeitório. Sala na qual os criados de uma casa fazem as refeições juntos.

TINTA — Líquido de qualquer côr para pintar, escrever, imprimir ou desenhar. Tinta nanquim é a principal e mais usada para o desenho arquitetônico.

TINTA DA CHINA — Ver NANQUIM.

TINTIM — O mesmo que TETIM.

TIPÁ — Madeira. Ver TIPUANA.

TIRIPI — O mesmo que ARARIBÁ-ROSA.

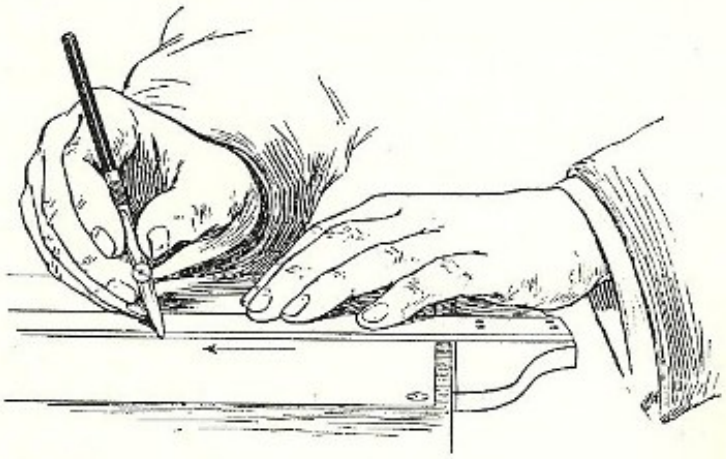
TIPU — Madeira. Ver TIPUANA.

TIPUANA — Madeira também conhecida por TIPU ou TIPÁ; utilizável na marcenaria e pequena carpintaria. Árvore ornamental. Tipuana speciosa, Benth. Família das Leguminosas. Pêso específico igual a 0,63. Limite de resistência à compressão axial igual a 347 kg/cm².

TIRA DE SÔLHO — Denominação portuguêsa dada à tábua de soalho bastante estreita e curta que, junto às outras semelhantes forma desenhos geométricos. Parquete.

TIRAGEM — Corrente ascensional do ar quente que sai pela chaminé provocando inferiormente a entrada de ar frio. Nas fornalhas, a sua maior ou menor intensidade controla o tempo da combustão.

TIRA-LINHAS — Instrumento de metal constituído de duas lâminas acabadas em ponta, com distância regulável por meio de parafuso e que contendo tinta, traça linhas sôbre o papel de grossuras iguais. Existe o tira-linhas de três lâminas para conter mais tinta.



TIRANTE — Nas TESOURAS, viga horizontal sujeita aos esforços de tração. Comprida barra de ferro com as extremidades ancoradas em paredes fronteiras, que absorve os empuxos laterais, principalmente ocasionados pelas abóbadas, impedindo o desmoronamento da construção.

TIRANTEZA — Inclinação de uma parede.

TIRAR DE LINHA — Aparelhar os bordos de uma tábua, tirando as irregularidades e criando aresta viva.

TISITO — Variedade de mármore verde.

TITIM — O mesmo que TETIM.

TOBATINGA — O mesmo que TABATINGA.

TOCA — De modo geral, refúgio. Em sentido figurado, tem significado de habitação pequena e miserável.

TOÇA — O mesmo que TORÇA, padieira, vêrga de porta.

TOCA LÁPIS — Compasso em que se adapta um lápis.

TOCEAR — Colocar TOÇA, ou TORÇA, em um vão de porta.

TOESA — Antiga medida de seis pés, equivalente a 1,98m.

TOLDO — Resguardo de lona, ou de outro tecido, similar, retrátil em não que se coloca acima de portas ou janelas para proteger os interiores principalmente dos raios solares.

TÔLO — Edifício abobadado, cúpula.

TOMADA — No Brasil, êste têrmo tem sido empregado vulgarmente para designar os pontos de uma instalação elétrica, nos quais se ligam os aparelhos elétricos dos mais variados tipos. Também refere-se a pequena reprêsa de água para fins industriais.

TOMBADOR — Com significados um pouco diferentes, significa na região do Rio São Francisco, morro em forma de tabuleiro com escarpa quase vertical sôbre o rio; na Bahia e Estados do Norte, encosta escarpada; no Ceará, terreno cheio de barrocas. O mesmo que TOMBADOURO.

TOMBADOURO — Ver TOMBADOR.

TOMBAMENTO — Ação ou feito de TOMBAR. Tombo.

TOMBAQUE — Certa liga de zinco e de cobre amarelo.

TOMBAR — Fazer o TOMBO de alguma coisa. Arrolar. Inventariar. Registrar. Normalmente, para proteger, assegurar, garantir a existência por parte de algum poder.

TOMBETARI — Nome antigo de certa madeira de lei paulista, hoje não identificada.

TOMBO — Registro de coisas ou fatos relativo a uma especialidade. O Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, por exemplo, faz o tombo dos obras de arte de arquitetura, pintura, escultura, etc. existentes no Brasil e considerados de alto valor.

TONDINHO — Moldura pequena na base das colunas.

TONEL — Antiga medida de líquidos, correspondendo a duas pipas. No Brasil valia 957,6 litros.

TONELADA — Antigamente, medida de pesos contendo 13,5 quintais. No Brasil, valia 793,218 quilos. Hoje em dia, é unidade do sistema métrico, valendo 1.000 quilos. Medida inglesa correspondendo a 2.240 libras ou a 2.000 libras advdp.

TOPE — Cimo, o ponto mais alto. TÔPO.

TOPEJAR — Unir entre si duas peças pelos respectivos topos.

TOPIARIA — Arte de adornar os jardins, dando a grupos de plantas configurações diversas. Êste processo e o próprio têrmo nada significam na arquitetura paisagista levada a efeito no Brasil contemporâneo.

TÔPO — O ponto mais alto. A extremidade de qualquer peça, principalmente peças de marcenaria. O mesmo que tope.

TOPOGRAFIA — Estudo e arte que tem por fim a representarão gráfica da configuração de uma porção de terreno.

TOPORAMA — Panorama de um determinado lugar.

TORADO — Feito em toros. Cortado.

TORAR — Serrar a árvore em toros.

TORÇA — Pedra quadrilonga e esquadriada. Mais empregada porém, como verga de porta. Às vêzes na forma TORÇADO.

TORÇADO — Verga de porta. TORÇA.

TORÇAL — Ornato em forma de corda torcida.

TORÊUTICA — Arte de entalhar ou esculpir em geral. Em especial, a arte de fundir ou trabalhar em relêvo sôbre prata ou bronze.

TORNEAR — Fabricar ao tôrno. Arredondar ou suavizar uma superfície.

TORNEIRA — Dispositivo espécie de chave, que serve para reter saída de um fluido contido numa tubulação ou qualquer recipiente. Nas tubulações de água das construções são usadas torneiras de várias espécies, divididas em duas categorias: as torneiras que vedam ou permitem a passagem da água dentro de canos dos vários ramais, conhecidas por torneiras de "passagem" ou de "vedação" antigamente e hoje genèricamente denominadas RE-

GISTROS, e as torneiras situadas nos pontos terminais, que permitem a retirada do líquido, chamadas torneiras "de serviço". TORNEIRA DE BÓIA é aquela que se fecha automàticamente por meio de haste ligada a uma boia metálica que flutua na água cujo nível se quer manter constante.

TORNEJAR — De tornear, dar a qualquer obra ou peça forma que permita secções circulares.

TÔRNO — Aparelho de rotação com o qual se obtém peças de secção circular, sejam de madeira, metal ou pedra. Nome dos pequenos tacos de perfil tronco-cônico para serem embebidos nas paredes e onde são presos, por exemplo, rodapés, etc. A chave de torneira. O mesmo que CAVILHA, ou prego roliço de madeira. Tôrno de ÁGUA é a bica onde esguicha água com violência.

TORO — Moldura circular na base das colunas. Trouco de árvore abatida, ainda com a casca mas serrado nas extremidades.

TORRÃO — Terreno. Território. Gleba.

TÔRRE — Construção cujas dimensões da base são bastante menores que a altura, originàriamente, com êsse nome, destinada a defesa militar. A partir da idade média foi adotada pela arquitetura civil em castelos não fortificados e, principalmente, nas igrejas para suporte de campanário. Nestes casos, quase sempre, fazendo parte, como apêndice, das construções principais. Modernamente o têrmo designa as estruturas metálicas que servem às estações de rádio ou televisão.

TORREADO — Em forma de tôrre ou guarnecido de tôrres.

TORREANTE — Que se eleva como tôrre.

TORREAME — Grande número de tôrres.

TORREÃO — Em Portugal, de acôrdo com sentido da língua, grande tôrre, de extraordinário tamanho. Entre nós, pequena tôrre, geralmente nos ângulos do edifício. Eirado ou mirante nos altos de um prédio.

TORREAR — Fortificar com tôrres.

TORREJAR — O mesmo que TORREAR.

TORRELA — Tôrre pequena.

TORRINHA — Diminutivo de tôrre. Vulgarmente, chama-se a galeria mais alta e mais longínqua de lugares num teatro.

TORSO — Coluna de fuste torcido em aspiral, coluna salomônica.

TORTELA — Fenda numa fôlha de porta.

TOSCANA — Designativo da mais simples das ordens arquitetônicas.

TOSCANO — Nome dado ao carpinteiro que lavra toscamente a madeira, fazendo trabalho inicial ou preparatório ao acabamento final.

TÔSCO — Trabalho por acabar, ou singelamente feito, assim permanecendo por não ficar à vista. Têrmo muito aplicado, com êsse sentido, em carpintaria.

TOUCADOR — Pequeno compartimento anexo ao dormitório destinado a vestiário e penteadeira.

TRABALHADO — Pôsto em obra. Lavrado.

TRAÇA — Ato ou efeito de traçar. Traçado, desenho, planta, plano, ou mesmo projeto.

TRAÇADO — O mesmo que TRAÇA.

TRAÇAMENTO — Ato ou efeito de TRAÇAR.

TRAÇÃO — O mesmo que TRAVESSÃO.

TRAÇAR — Desenhar ou delinear, projetar.

TRACEJAR — Fazer traças ou linhas. Planejar. Delinear.

TRACISTA — Pessoa que faz traços, planos, que delineia.

TRAÇO — O conjunto das porcentagens dadas por números proporcionais ao pêso, ao volume da água, da cal, do cimento e do agregado, usados na feitura das argamassas de assentamento ou de revestimento. Dosagem.

TRADEAR — Furar com trado.

TRADO — Grande verruma usada por carpinteiros para tradear, isto é, fazer furos. Instrumento semelhante para fazer sondagens nas camadas subjacentes do solo.

TRAFOGUEIRO — A parte dianteira da LAREIRA.

TRAINEL — Corte ou risco em diagonal. Superfície inclinada onde escorre água, como por exemplo, um pano de telhado, lanço de estrada.

TRAMA — Conjunto das linhas principais e eixos de simetria que estruturam um partido na composição arquitetônica ou na compo-

sição decorativa. No Sul do Brasil travessa de madeira que se coloca entre os vãos dos MOURÕES das cêrcas de arame farpado, presa aos respectivos fios por um arame flexível. O madeirame de um telhado.

TRAMELA — O memo que TARAMELA.

TRAMPOLIM — Nas piscinas, prancha donde os nadadores saltam.

TRANCA — Barra de ferro ou madeira que se coloca atrás das portas ou janelas para segurança. Fêcho de porta.

TRANGLA — Barra de metal que serve para segurar as passadeiras nos degraus das escadas.

TRANQUEIRA — Estacada para cercar ou fortificar. Antigamente no Brasil, designou a porteira e às vêzes o tapume. A ombreira da porta. Orifício em parede lateral a uma porta, onde penetra a extremidade da TRANCA de segurança. Nas pedras do LANCIL de uma janela, nome das pedras que, situadas a meia altura, dividem cada marco vertical em dois pedaços distintos.

TRANQUEIRO — Cada um dos paus ou escoras que sustentam um madeiro que se vai serrar com serra de mão.

TRANQUETA — Pequena TRANCA. E ainda, a peça de ferro que se usa para segurança das portas e janelas e que se prende entre a parte móvel e a fixa das fôlhas, sem atravessar a peça tôda como no caso da TRANCA.

TRANSEPTO — Nave transversal que separa a nave principal do altar-mor, dando à planta forma de cruz.

TRANSFERIDOR — Instrumento circular com o limbo dividido em 180 ou 360 graus, que serve para medir ou traçar ângulos.

TRÂNSITO — Ato ou efeito de passar, caminhar. Passagem, lugar por onde se caminha. Instrumento usado na topografia que serve para medir ângulos horizontais.

TRAPEIRA — Abertura no telhado, guarnecida de caixilho, que permite ar e luz ao interior da construção. Clarabóia. Janela de água furtada.

TRAPEIRÃO — O mesmo que TRAPEIRA. Neste caso o aumentativo não quer dizer trapeira grande necessàriamente.

TRAPICHE — Engenho de açúcar movido por junta de bois. Ver ENGENHO. Nos portos de importação e exportação, armazém, fechado ou alpendrado, para guarda de mercadorias desembarcadas, ou a embarcar.

TRASALTAR — O mesmo que CHAROLA.

TRASPILAR — Pilar situada atrás de outro PILAR.

TRASTE — Móvel caseiro. Alfaia. Móvel ou utensílio velho de pouco valor. Ver TRASTEJAR.

TRASTEJAR — No Brasil, além de significar o cuidado dos trastes caseiros, também é usado como "mobiliar".

TRAVA — Viga delgada de madeira que atravessa e prende o madeirame de uma estrutura. Qualquer fecho de porta, no sentido horizontal.

TRAVAÇÃO — Encadeiamento e solidarização de peças de madeira numa estrutura daquele material.

TRAVADOURA — Nome que os carpinteiros, na feitura de tabiques e frontais, davam às peças cruzadas, na forma de X, que serviam para evitar que a estrutura de madeira saísse fora do prumo. Pedra maior que as demais de uma parede, que a atravessa em tôda sua espessura, servindo para "travar" as outras, melhorando a amarração.

TRAVADURA — O mesmo que TRAVAÇÃO.

TRAVE — O mesmo que viga de madeira, barrote.

TRAVEJAR — Assentar TRAVES.

TRAVERSÃO — Nos andaimes, peça ancorada na parede numa das extremidades e apoiada na GUIA, que serve para receber as tábuas do estrado do andaime pròpriamente dito.

TRAVERTINO — Nome de certa pedra italiana, também chamada "pedra de Tívoli" que é uma rocha calcárea esbranquiçada. Tal nome hoje em dia designa todos os mármores de constituição semelhante, seja qual fôr a nacionalidade. Entre nós é muito aplicado o travertino baiano.

TRAVESSA — Peça de madeira, ou de ferro. que serve para travar e segurar outras dispos-

tas em sentido contrário. Padieira. Viga. Rua transversal entre duas outras mais importantes.

TRAVESSANHO — Nome raramente dado à vigota colocada no lugar do peitorial de uma janela situada em parede de pau-a-pique ou gaiola.

TRAVESSÃO — Travessa grande. Pedra que atravessa as frestas e seteiras dividindo-as em duas luzes menores.

TRAVESSEIRA — Saimel apoiado no capitel de uma coluna.

TRECHO — Pequena pedra mole, ou caco de tijolo, com que os pedreiros riscam qualquer peça que queiram aparelhar, especialmente pedras de cantaria.

TRELIÇA — Rêde metálica para vedação. Nome de qualquer armação composta de vigas, sarrafos ou fasquias de madeira cruzadas, como nas rótulas das janelas por exemplo.

TRÊS-FÔLHAS-LARGAS — Madeira — Ver ANGELIM-ROSA.

TREM — Mobília de uma casa. Designação vulgar muito usada no linguajar diário em algumas regiões do Brasil. Ver CASA DO TREM.

TREMÓ — Aparador antigo com espêlho alto, e que ocupa a parte da parede que fica entre duas janelas. O espaço de parede contido entre dois vãos.

TREMOÇO — Nome dado ao parafuso de cabeça abaulada e não plana.

TREMPE — Armação de ferro que sustenta a panela sôbre a fogueira. Fogão rústico formado de três pedras que servem de apoio à panela.

TRENA — Fita métrica, de tecido qualquer, ou de aço, que serve para fazer-se a medição de terrenos.

TREPOSTA — Batente da porta.

TRIANGULAÇÃO — Operação trignométrica por meio da qual se levanta a planta de um terreno, dividindo-o em triângulos.

TRIBUNA — Lugar elevado donde falam, nas assembléias, os oradores. Púlpito. Nas igrejas, lugar elevado e guarnecido de parapeito donde se assiste as cerimônias religiosas, geralmente reservada às pessoas ilustres. Em Minas, antigamente, nome dado ao patamar de chegada nas escadas externas dos edifícios importantes, como casas de câmara e cadeia, etc.

TRIBUNAL — Nos edifícios destinados ao julgamento ou à administração da justiça, local, geralmente sobrelevado, onde tomam assento os juízes e demais pessoas ligadas àquele mister. Lugar onde uma pessoa é julgada.

TRICAMERÃO — Dizia-se do edifício de três pavimentos abobadados.

TRICÊNTRICO — Diz-se do arco que possui três centros de curvatura.

TRIEDRO — Que tem três faces ou que é limitado por três planos.

TRIFÓLIO — Ornato em forma de trêvo, que se obtém combinando três circunferências cujos centros estão nos três vértices de um triângulo equilátero.

TRIFÓRIO — Galeria em cima duma nave lateral e com aberturas voltadas para a nave central, principalmente nas basílicas.

TRIGEMINADA — Diz-se da janela dividida em seis vãos.

TRÍGLIFO — Ornamento dos frisos do entablamento dórico formado de três sulcos triangulares profundos. Ver ESTILETE, DÍGLIFO e DISTRÍGLIFO.

TRILOBADO — Diz-se da cruz ou cruzeiro cujos braços terminam em fôlhas de trêvo formado de três arcos de círculo.

TRINCA — Rachadura ou fresta surgida numa parede.

TRIQUETRO — O mesmo que triângulo.

TRINCADURA — Rachadura, trinca.

TRINCHA — Pincel espalmado, chato.

TRINCHEIRA — Escavação estreita e comprida feita a céu aberto. As escavações dos alicerces de uma construção. Em certos lugares do Brasil, o mesmo que parapeito. Assentos elevados em volta do picadeiro de um circo.

TRINCHETA — O mesmo que chave.

TRINCO — Nas fechaduras, saliências de perfil triangular que se movem com o auxílio da maçaneta. Nome de qualquer ferragem

usada para fixar internamente as portas em suas partes inferiores e superiores, isto é nas soleiras e nas padieiras.

TRIPA DE GALINHA — Nome de certa árvore comum principalmente no Mato Grosso, que fornece madeira boa para pequena carpintaria. Dalbergia grasilis, Benth. Família das Leguminosas.

TRÍPTICO — Pintura de determinado motivo feita em três fôlhas ou painéis justapostos, sendo o central, geralmente, mais largo.

TRISSIFÃO — Bôca de chaminé guarnecida de três tubos diferentemente inclinados e dispostos de maneira tal que a tiragem é sempre assegurada independentemente da direção do vento.

TRISTÂNIA — Madeira da tristânea conferta, cujo pêso específico é igual a 0,78. Limite de resistência à compressão axilal igual a 510 kg/cm². Limite de resistência à flexão estática igual a 992 kg/cm².

TRISTEGA — O terceiro andar, quando é o último pavimento de uma construção. Água furtada. Eirado. Mirante.

TROÇO — O mesmo que DADO, base ou pedestal. Pedra que compõe o fuste de uma coluna, diferindo do TAMBOR por ter a altura bem maior que o diâmetro.

TRÔLHA — Espécie de pá, na qual o pedreiro coloca a argamassa para servir-se, e depois para desempenar. Ver DESEMPENADEIRA. Também designa o pedreiro ordinário ou o servente. Em São Paulo e outras regiões êste tipo de operário é chamado de MEIA-COLHER.

TROLHAR — Lançar na parede a argamassa contida na TRÔLHA.

TROMBA — Às vêzes, em certos documentos antigos, o mesmo que tubo da chaminé.

TROMPA — O mesmo que PERXINA.

TRONEIRA — Abertura na muralha das fortalezas por onde saíam os canos dos antigos "trons" ou canhões, ou bombardas.

TROQUILO — Moldura côncava. Ver ESCÓCIA. Aparece com a grafia antiga "Trochilo".

TUBO — Canal cilíndrico, cano. Ver CANO e CONDUITE e CONDUTO. TUBO ACÚSTICO é o tubo instalado às vêzes dentro da espessura das paredes, para facilitar a comunicação oral entre pessoas situadas em andares diferentes de uma construção.

TUBULAÇÃO — O conjunto dos tubos ou canos instalados em uma construção, tanto para os serviços de hidráulica como os de eletricidade.

TUBULINA — Cogumelo mixomiceto, que nasce no PINHO apodrecido.

TUCAJE — O mesmo que CARVALHO NACIONAL ou CARNE-DE-VACA.

TUCUM — Nome comum a várias palmáceas que fornecem fibras e ripas com largo emprêgo em construções rústicas, principalmente na feitura de telhados.

TUFÁCIO — Pedra areienta ou porosa.
TUFO — O mesmo que TUFÁCIO, terreno ou pedra porosa.

TUGÚRIO — Habitação rústica. Choça. Cabana. Por extensão, também designa refúgio ou abrigo.

TULHA — No Brasil em geral, depósito de cereais. Lugar nas fazendas de café, onde é estocado o café já sêco nos terreiros.

TULIPEIRA — Nome comum de inúmeras variedades de certas árvores liliáceas, de grande porte e ornamentais, que fornecem boa madeira de talhe macio utilizável na marcenaria e na carpintaria.

TUMBA — O mesmo que TÚMULO. Sepultura. Catafalco.

TÚMULO — Sepultura ou obra funerária que contém o cadáver ou as cinzas de um defunto.

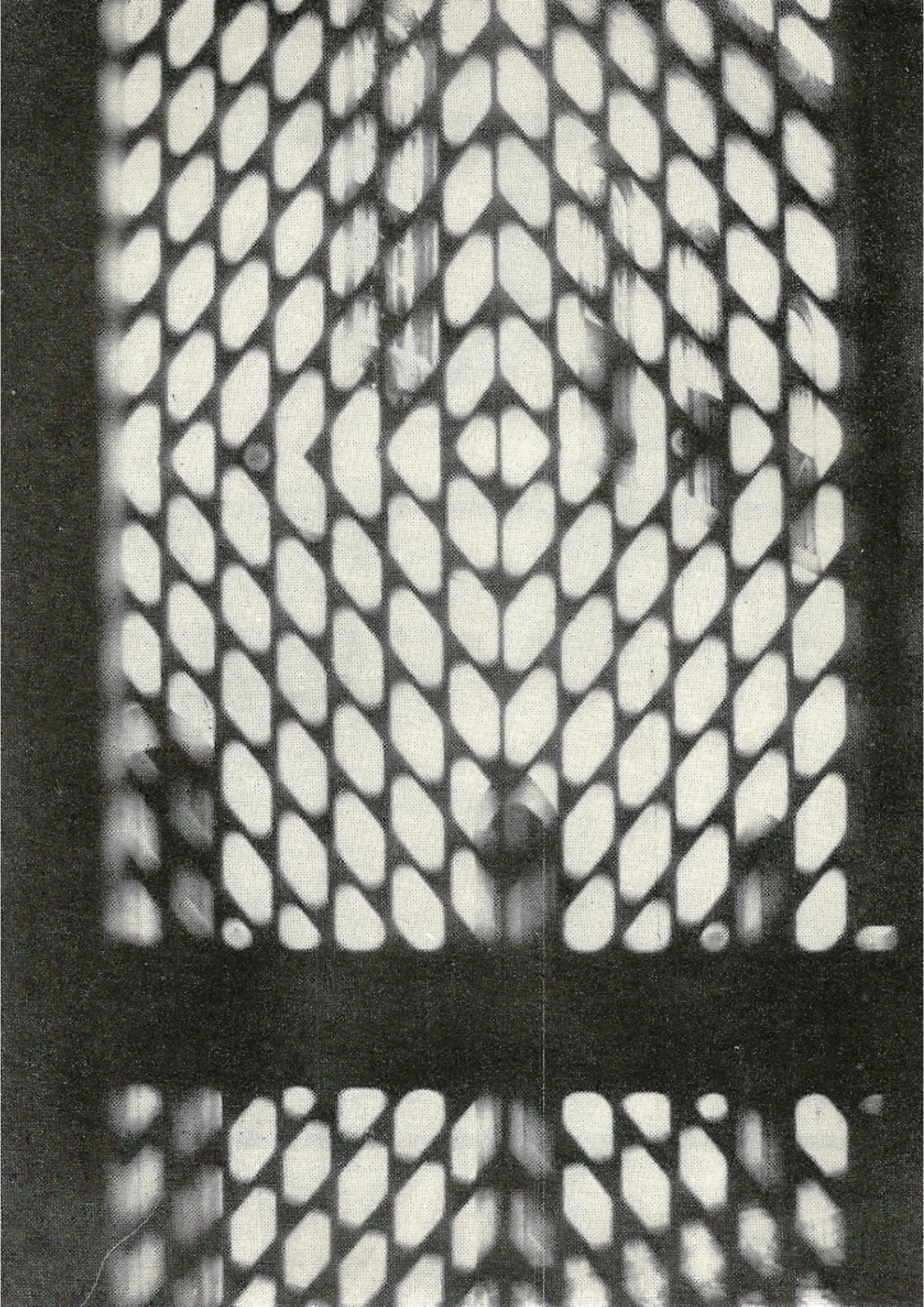
TÚNEL — Passagem subterrânea ou subaquática.

TURANIRA — Madeira. Ver UMIRI.

TURFE — Prado de corrida de cavalos. Ver HIPÓDROMO.

TURQUI — Mármore italiano de côr azul com veios brancos.

TUSÉBIO — Certa variedade de mármore negro.



U

Urupema de casa em Paraty.

UACÁ — Madeira. Ver GUACÁ.

UACAPU — Árvore silvestre que dá madeira duríssima no corte.

UACAPURANA — Madeira. Ver ACAPURANA DA VÁRZEA.

UAJARÁ BRANCO DA VÁRZEA — Madeira amazônica branca amarelada de pêso específico igual a 0,90, que é a boa para marcenaria em geral. Chrysophyllum, família das Sapotáceas.

UAJARÁ PRÊTO DA TERRA FIRME — Madeira escura castanho avermelhada, boa para marcenaria. Pêso específico igual a 1,11. Comum na bacia amazônica, especialmente no Pará. Chrysophyllum, família das Sapotáceas.

UAMBÉ — Certo cipó (Philodendron ambe), muito usado para amarrar peças de madeira de construções rústicas. Também chamado ambé ou IMBÉ.

UANANI — Madeira, o mesmo que AVANI.

UBAAÇU — Madeira, o mesmo que PAU PEREIRA ou ANGELIM ROSA.

UBAÍ — Madeira. Ver GUACÁ.

UBATÃ — Madeira de construção. Ver ADERNO.

UBATÃ-AMARELO — Madeira de construção. Ver ADERNO.

UBATINGA — Árvore mirtácea (Eugenia duríssima) de pequeno porte, fina e pouco galhosa, que dá madeira boa para obras internas, madeiramentos, etc. Pêso específico igual a 0,9.

UBÍCULO — Pequena residência.

UBIRAÉM — Madeira, o mesmo que BURANHÉM.

UBIRAETÁ — O mesmo que PAU FERRO, Cesalpinia ferrea, Mart.

UBIRAPARIBA — O mesmo que IPÊ no Sul do país, ou PAU D'ARCO no norte. Nome empregado por Gabriel Soares na sua "Notícia do Brasil".

UBIRAPIROCA — Nome que Gabriel Soares dava à TAJUBA, ou TATAJUBA.

UBIRATÃ — O mesmo que PAU FERRO.

UBIRAÚNA — O mesmo que BARAÚNA.

UCHARIA — Despensa da casa real. Casa onde se guardam viandas ou, ainda, depósito de mantimentos.

UCUÚBA — Árvore, também conhecida por UCUÚBA BRANCA, que fornece madeira utilizável em obras. Virola surinamenis (Rob.) Warb. Comum no vale amazônico. Pêso específico igual a 0,48.

UCUÚBA BRANCA — Madeira. Ver UCUÚBA.

UCUÚBA CHEIROSA — O mesmo que UCUÚBA.

UCUÚBA VERMELHA — Árvore paraense da família das Miristicáceas. Virola sebifera, Anbl., que fornece madeira castanho-avermelhada escura boa para marcenaria. Pêso específico igual a 0,65.

ULNA — Medida antiga que equivale a uma braça.

ULTRAMAR — Tinta azul extraída do lápis lazuli calcinado.

UM TIJOLO — No linguajar comum, espessura de uma parede, correspondente ao comprimento de um tijolo.

UMADA — Diz-se da madeira estragada pela umidade.

UMARIRANA — Madeira. Ver CUJUMARIRANA.

UMBIRUÇU — Árvore que fornece madeira de lei.

UMBIÚVA — Madeira. Ver SAPOPEMA.

UMBRA — Argila colorida com óxido de ferro e manganês, utilizada na pintura.

UMBRAL — Ombreira da porta, ou a própria porta, em sentido figurado. Limiar, entrada.

UMBREIRA — O mesmo que MARCO ou UMBREIRA de uma porta.

UMBRELA — Ver DOSSEL.

UMBÚIA — O mesmo que IMBÚIA.

UMBURANA — Madeira. Ver CUMARU DE CHEIRO.

UME — Diz-se de uma pedra que é um sulfato de alumínio e potassa, usada em certos tipos de pintura como elemento fixador. Ver ANIL.

UMIRI — Árvore também conhecida por TURAMIRA ou COURAMIRA, que dá madeira boa para construções. Humirium floribundum, Martius. Família das Meliáceas. Pêso específico igual a 0,94. Resistência ao esmagamento igual a 865 kg/cm2. Côr castanho-avermelhada. Comum no vale amazônico.

UMIRARANA — Madeira castanho claro usada na marcenaria, de pêso específico 0,84. Qualea retusa, Warm. Família das Voquisiáceas. Comum no vale amazônico, especialmente no Pará.

ÚNICA — Polegada.

UNIDADE — Coordenação das partes que compõe o trabalho de arquitetura. "Unidade" de composição. Equilíbrio de conjunto. Para que haja unidade é preciso que as partes se harmonizem dentro de um conceito só da "valorização estética".

UNIVERSIDADE — Instituição educacional que abrange conjunto de escolas superiores. Centro de cultura superior. Por extensão, compreende a realização dos edifícios em plano de conjunto para essas escolas, faculdades, institutos, etc.

UNHA D'ANTA — Madeira. Ver CHAPADA.

UPIÚBA — Árvore amazonense que dá madeira boa para construções.

URALITE — Nome dado à massa em cuja composição entram o cimento e o amianto, própria para forrar paredes que devem ser protegidas do calor e da umidade.

URAREMA — Madeira de construção. Ver ANGELIM-CÔCO.

URATINGA — Madeira. Ver BAINTIGA-BRANCA.

URBANISMO — O conceito de urbanismo, originàriamente, se refere à arte e à técnica do arranjo das cidades. A própria palavra urbanismo, por sua etmologia, o indica. Origina-se do vocábulo latino "urbs", que significa cidade. Urbanismo é, nesta ordem de idéias, o ramo dos conhecimentos voltados para os problemas, os princípios e a teoria necessária à elaboração dos projetos para a construção ou a reorganização de cidades. Mesmo a solução de simples problemas urbanos só se consideram urbanismo quando pensados no contexto mais geral do plano urbanístico. Como disciplina que objetiva a organização urbana, implica ela em melhores condições de vida para o homem nas cidades, o que já passa a ser também um problema de natureza sócio-econômica, além de uma questão de organização de equipamentos e espaço urbano. Os conhecimentos urbanísticos se impuzeram, realmente, como uma necessidade da sociedade contemporânea, em que, não obstante o progresso tecnológico, o ambiente urbano, nos têrmos em que está proposto, é cada vez mais inadequado à vida humana e os seus problemas de mais difícil solução. É sabido, entretanto, que o problema urbano não pode ser considerado estritamente no seu próprio âmbito, mas no problema da região, o que, de certo modo, vem obrigando a uma ampliação do propósito da disciplina. Modernamente, o conceito de urbanismo evoluiu para o de planejamento territorial, na sua acepção mais geral, objetivando não mais simplesmente o planejamento urbanístico, mas principalmente, o de territórios. Neste sentido, embora inadequadamente, vem sendo aceito em nosso país o têrmo urbanismo, em virtude de se tratar de expressão que o uso vai consagrando. De qualquer modo que se o considere, com o sentido de organização do espaço urbano, ou de organização territorial de modo geral, as propostas finais contidas nos planos e a sua aplicabilidade, exigem a consideração de tôda uma série de conheci-

mentos altamente especializados de diversas áreas do conhecimento humano envolvidos no problema, tais como: geografia, economia, sociologia, engenharia (serviços públicos, agronomia, hidráulica, etc.), administração e finanças, legislação, e outros, capazes de interpretar a totalidade dos problemas da cidade ou da região. Em nosso país, a teoria urbanística está se aparelhando para, abandonando as formulações de caráter utópico — herdadas quase sempre da transposição pura e simples da experiência estrangeira para o nosso meio — enfrentar os problemas que a realidade brasileira, com suas peculiaridades e seus objetivos próprios, coloca aos urbanistas.

URBANISTA — Profissional que intervém nos problemas do URBANISMO.

URBANÍSTICA — Nome com que se designam as várias técnicas que intervêm nos problemas de urbanismo.

URBANÍSTICO — Referente ou relativo ao URBANISMO.

URBANIZAÇÃO — Vocábulo que indica o ato ou o efeito de urbanizar, mas que pode ser usado, também, com o sentido de urbanismo, indicando a ciência ou a teoria do arranjo das cidades e povoações.

URBANIZAÇÃO — Madeira. Ver CHAPADA.

URBANIZAR — De modo geral, tornar urbano. Especificamente pode designar, a ação de planejar uma cidade ou executá-la segundo as circunstâncias.

URBANO — Relativo a cidade.

URDIDURA — Às vêzes o mesmo que URDIMENTO.

URDIMENTO — No palco dos teatros, o travejamento do teto e os sótãos que lhe ficam por cima.

URINDEÚVA — Madeira de alta qualidade para construções navais e civis. Usada em dormentes, esteios, tornos e marcenaria. A árvore, da família das anacardeáceas, Astronium urendeuva, Engl., chega a dar troncos até de 30 m de comprimento. Madeira parda clara ou escura. Fibras grossas e revessas. Alburno amarelo. Conhecida também, por AROEIRA DO SERTÃO, ORINDEÚVA, URUNDEÚVA, AROEIRA LEGÍTIMA e AROEIRA PRÊTA. Pêso específico igual a 1,21. Limite de resistência à compressão axial igual a 898 kg/cm2 (15% umidade). Limite de resistência à flexão estática igual a 1.762 kg/cm2 nas mesmas condições de umidade.

URIUNDUBA — Madeira, o mesmo que AROEIRA.

URSELA — Matéria prima empregada pelos marceneiros no beneficiamento de madeiras, principalmente em vernizes, retirada de certos líquens tintoriais, como a Racela tintoria, comum no Açôres. De côr vermelho-violeta, quase negra, é dissolvida na água, no álcool e no amoníaco.

URUCU — Matéria prima tintorial obtida da fruta de urucueiro que é usado pelos marceneiros no beneficiamento de madeiras. Produz tinta vermelho-alaranjada.

URUCURANA — Madeira. Ver LUCURANA.

URUNDEÚVA — Madeira. Ver URINDEÚVA.

URUPARIBA — O mesmo que UBIRAPARIBA, segundo Marcgraf.

URUPEMA — Peneira, esteira, qualquer trançado de palha, taquara ou cipó. O nome era muito empregado para designar as vedações de janela semelhantes às rótulas, nas casas pobres das cidades do norte. Ver RÓTULA.

ÚSSIA — O mesmo que ADÚSSIA, CAPELA-MOR.

USINA — De modo geral se refere a grande edifício onde se instala estabelecimento de fabricação industrial.

UTILIDADE — Condição daquilo que é útil em arquitetura, ou seja a "utilidade" a par da "solidez" e da "beleza" se constitui no grupo de princípios da arquitetura, segundo Vitruvio. É o que distingue a arquitetura de imediato, das outras artes.

UVERTIDO — O mesmo que convexo.

UXI-CURUÁ — Árvore que dá boa madeira para obras em geral e marcenaria de côr parda violácea. Pêso específico igual a 1.00. Saccoglottis verrucosa, Ducke. Família das Linácеas. Encontrável no Pará.

UXI-PUCU — Madeira paraense de côr parda violácea escura, boa para marcenaria, de pêso específico igual a 0,94. Saccoglotis uchi, Hub. Família das Linácеas.

UZIFUR — O mesmo que CINÁBRIO.

V

Vitral (pormenor) que pertenceu à varanda de residência em São Paulo.

VACITONGA — Madeira. Ver GUAÇATONGA.

VALA — Escavação no terreno estreita e longa, feita para vários fins, como defesa de fortificação, como meio de escoamento de águas residuais ou pluviais, como para facilitar a navegação fluvial, etc. Nos cemitérios cova para enterramento promíscuo de indigentes ou flagelados.

VALADA — Grande vala.

VALÁDIO — Designa às vêzes o terreno onde há valas para receber a água. Normalmente se refere ao telhado feito de telhas sôltas, sem cal nem argamassa.

VALADO — Elevação de terra ao longo de um curso dágua, para evitar, nas enchentes, a inundação das margens. Elevação de terra que delimita uma propriedade rural. Terreno cercado por VALAS.

VALAR — Abrir VALA.

VALE — Depressão do terreno entre dois espigões.

VALEIRA — Vala pequena ou valeta. Ainda, quer dizer vale pequeno ou terreno deprimido e arborizado.

VALETA — Pequena vala para escoamento de águas, à beira de ruas ou estradas. O mesmo que VALEIRA.

VALHA-COUTO — Abrigo ou asilo. Aparece a variação "valhacoito".

VALINA — O mesmo que quarto, aposento.

VALO — Parapeito para defesa de um campo. Fôsso. Barranco. Valado. Palavra empregadíssima no Brasil antigo para designar as valas ou fossos empregados nas limitações das propriedades agrícolas em épocas em que ainda não havia as atuais cêrcas de arame farpado.

VALÔRES ESTÉTICOS — Princípios obrigatòriamente incluídos na concepção da arquitetura que regem a lógica e harmoniosa distribuição e proporção da forma no edifício. Daí, a importância e a inclusão nêsse estudo, por exemplo, do ritmo, da proporção, do equilíbrio, da simetria e da assimetria, até à verdade e à honestidade, chegando-se hoje, à modulação, etc.

VALVERDE — Lugar alto ou elevado, BELVEDERE. Ornato que que lembra um troncocone invertido.

VÃO — Abertura ou rasgamento numa parede para colocação de uma porta ou janela. A luz de uma janela ou porta. Vão livre é a distância entre os apoios de uma cobertura.

VAPARISSICA — Madeira amarelada, com veios vermelhos escuros, boa para marcenaria. Comum no litoral sul.

VAPUÃ — Árvore que dá madeira boa para construções. Segundo Del Vecchio, tem pêso específico igual a 0,91 e resistência ao esmagamento igual a 772 kg/². Côr amarela clara compacta.

VARA — Qualquer pau roliço usado em construção especialmente nos telhados. Antiga medida de comprimento, correspondente a um metro e dez centímetros. Um dos lados do TIJOLO.

VARAL — Coluna delgada e alta. Antiga medida de comprimento. Arame esticado onde se põe roupas para secar ao sol.

VARANDA — No Brasil, o têrmo assume significados regionais que se relacionam, quase sempre, com os locais de estar das residências. De uma maneira geral, a palavra designa o alpendre grande e profundo, muito comum nas casas antigas, onde se tomavam as refeições e onde se passava o dia. Daí, a sala de jantar comum ser chamada, no interior, de varanda. O mesmo que SACADA, ou BALCÃO, especialmente balcão alpendrado, EIRADO, TERRAÇO. Sala comprida e estreita. Nas casas nortistas, a sala da frente. Nos teatros, as localidades mais altas, sôbre os camarotes.

VARANDADO — Provido de VARANDA, e, às vêzes, o mesmo que VARANDA.

VARANDEL — O mesmo que VARANDIM.

VARANDIM — Varanda estreita, plataforma. Guarda corpo das janelas rasgadas até o chão.

VAREDO — Conjunto das vigotas ou caibros que sustentam o ripado dos telhados.

VARETA — Cada uma das fasquias ou sarrafos que formam a RÓTULA.

VARIEGADO — De côres várias. Matizado.

VARIEGAR — Colorir de várias côres. Matizar.

VARINHA — Moldura redonda, mais delgada que o ASTRAGALO. Pequeno BOCEL.

VARUDO — Diz-se do tronco de árvore grande, reto e comprido.

VASSOURA DO CAMPO — Madeira. Ver FAXINA VERMELHA.

VASSOURA VERMELHA — Madeira. Ver FAXINA VERMELHA.

VASSOURINHA DO MATO — Madeira. Ver FAXINA VERMELHA.

VASSOURINHA VERMELHA — Madeira, o mesmo que FAXINA VERMELHA.

VATICANO — Em Minas Gerais, algumas vêzes empregado para indicador "casarão".

VATINGA — Madeira. Ver BAITINGA-BRANCA.

VAZAR — Tornar vazio. Tornar ôco. Ver ENVAZADURA.

VAZIA — Nome que os carpinteiros dão a certa peça de madeira que serve de guia ou bitola nos replainamentos dos painéis almofadados.

VAZIO — Empregado em contraposição ao "cheio", para referir-se aos vãos, às aberturas, etc. Ver CHEIO.

VEARIA — Nas antigas casas nobres, local onde era guardada a carne das caças e seus derivados.

VEDAÇÃO — Ato ou efeito de vedar. Aquilo que veda. Também refere-se ao TAPUME.

VEDADO — Que tem tapume. Murado.

VEDETA — Guarita de sentinela colocada em local elevado.

VÊDO — Tapume, cêrca.

VEDRO — Têrmo em desuso que significava valado ou tapume em volta de terrenos de lavoura. De modo geral, em lugar de VÊDO.

VEEIRO — O mesmo que veio. Linha por onde uma pedra se parte quando batida pelo operário.

VEGETALISMO — Nome que se deu entre nós ao estilo arquitetônico e à decoração em que predominavam as formas e ornamentos vegetais, especialmente às obras da "Art nouveau".

VEIO — Mancha estreita e comprida ou fio semelhante a uma trinca, colorido ou não, que aparece na superfície das pedras, especialmente na do mármore. O mesmo que VEEIRO. Às vêzes, o mesmo que eixo, principalmente o de simetria.

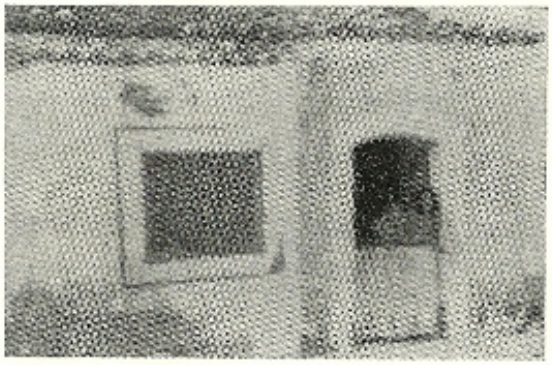
VELA — Peça de porcelana ou grés, geralmente cilíndrica e ôca, usada nos filtros de água potável nas residências. Unidade de intensidade luminosa.

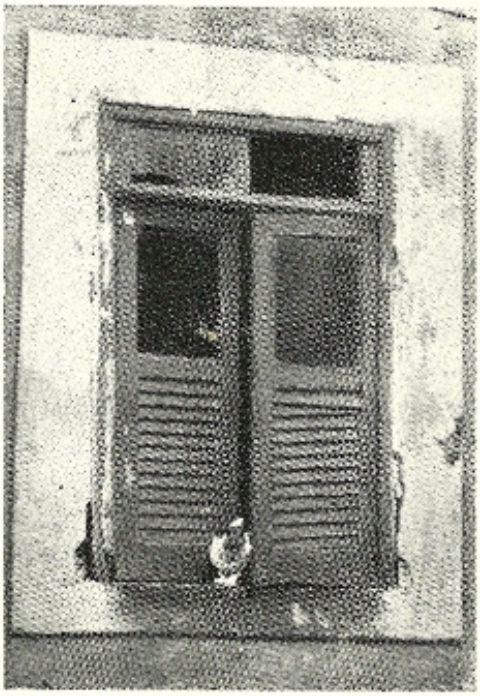
VELADO — Adjetivo relativo à VELATURA.

VELETA — O mesmo que "cata-vento", ou GRIMPA.

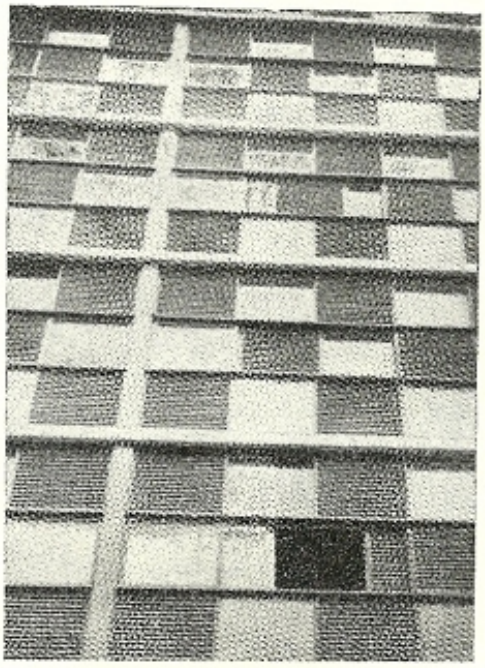
VELÁRIO — O toldo dos circos.

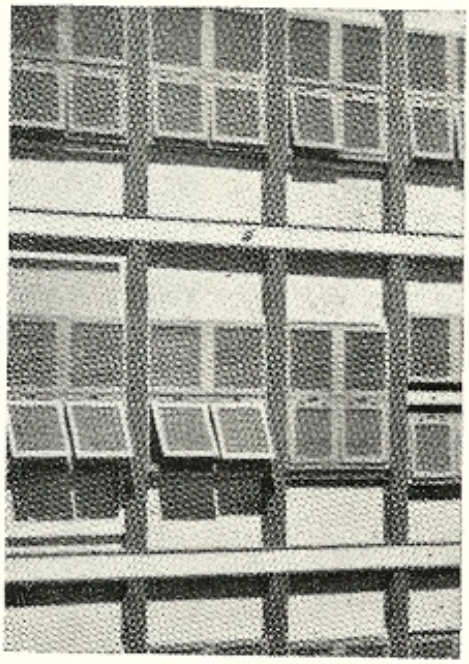
VELATURA — Ato de cobrir uma pintura com delgada mão de tinta ou verniz de modo

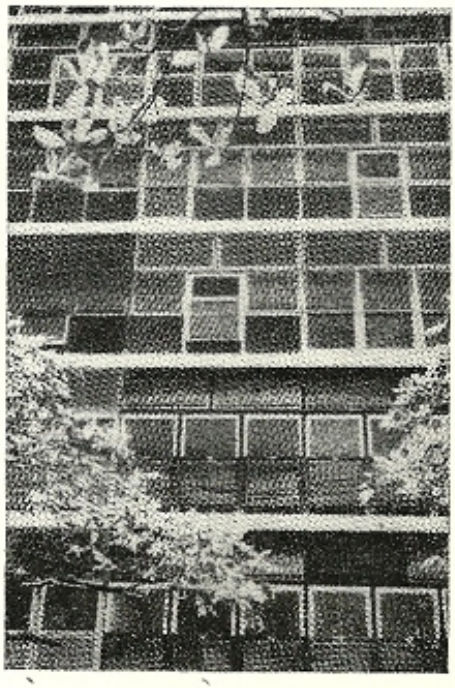




As duas fotos de cima são de janelas de nossa arquitetura popular antiga, o que mostra ser o uso das venezianas antigo entre nós. A primeira janela pertence a casa provàvelmente dos fins do século XVIII em Iguape. Nas fotografias dos edifícios modernos vemos várias modalidades de venezianas: de correr, de guilhotina e móveis por meio de dobradiças. Respectivamente, projetos de Diógenes Rebouças e Bina Fonyat em Itapoã, Bahia; Henrique Mindlin no Rio de Janeiro e finalmente de M. M. M. Roberto, também no Rio de Janeiro.







que se possa ainda ver a tinta ou côr que fica por baixo.

VELEIRO — Diz-se do GONZO bem colocado e lubrificado, que não range ao mover-se a fôlha da porta ou janela.

VELÓDROMO — Pista própria para corridas de bicicletas. No início dêste século, foi famoso o velódromo da cidade de São Paulo.

VELÓRIO — O pano de boca de teatros.

VELUM — Grande tenda ou TOLDO, ou ainda, cortina vasta que serve para proteger do sol.

VENADO — Diz-se da pedra ou mármore que possui veios ou VEEIROS.

VENDA — Loja de secos e molhados. Taberna.

VENEZIANA — Esquadria, porta ou janela, que permite a ventilação permanente no interior dos compartimentos, constituída de palhetas paralelas e inclinadas, de modo a impedir a visibilidade e a entrada de água da chuva. Há, também, venezianas de palhetas móveis.

VENTANA — O mesmo que JANELA e que SINEIRA.

VENTANÁRIO — Marceneiro que fabrica portas e janelas.

VENTEADA — Diz-se da pedra que possui fendas, embora quase imperceptíveis.

VENTILAÇÃO — Ato ou efeito de ventilar. Uma das condições arquitetônicas que garantem a satisfação, no espaço ocupado pela edificação, de uma das necessidades orgânicas do homem: o ar.

VENTILADOR — Telha com abertura própria para deixar passar o ar. Modernamente, nome dos vários aparelhos elétricos destinados a provocar a renovação ou a corrente de ar dentro dos ambientes fechados.

VENTILAR — Em arquitetura, renovar o ar no espaço arquitetônico. Arejar.

VENTOINHA — Ver CATA-VENTO.

VENTRE — Grossura que uma coluna clássica apresenta no primeiro terço a partir da base, também chamada ENTASE. Concavidade.

VERDACHO — O mesmo que esverdeado, lembrando a côr da cana de açúcar.

VERDETE — Óxido de cobre usado em pinturas.

VERGALHÃO — Barra de ferro comprida e chata.

VÊRGA — Nome da peça que fecha superior e horizontalmente um vão de porta ou de janela, apoiando-se, em suas extremidades, sôbre as ombreiras.

VERGADA — Nó muito duro e rijo na madeira.

VERGÃO — Grande vêrga.

VERGASTA — Pequena vêrga.

VERGEL — Jardim. Pomar.

VERGUINHA — Pequena vêrga. Barra de ferro delgado com várias utilidades como, por exemplo, ligar os PINÁSIOS de ferro dos vitrais ou servir de matéria prima na fabricação de pregos, etc.

VERMELHÃO — O mesmo que MÍNIO e que CINÁBRIO.

VERNIZ — Solução de goma, resina natural ou sintética em álcool empregada para cobrir metais, madeira, etc. dando-lhes brilho incomum.

VERSEIRO — Diz-se da cobertura ou do alpendre cuja abertura está voltada para a face em que não bate o sol. Terreno protegido do sol.

VERTENTE — Declive de montanha, por onde correm, as águas pluviais. O mesmo que declive, encosta, ladeira, pendente, rampa, tombada. Também designa cada uma das superfícies de um telhado.

VÉRTICE — O ponto mais elevado. Cimo. Ápice. Ponto onde se reunem os dois lados de um ângulo ou as faces de uma pirâmide.

VESSADA — Terra fértil e regadia.

VESTIÁRIO — De modo geral, compartimento num edifício no qual se deposita o chapéu e outros objetos ao entrar. Algumas vêzes contém lavatório e outros apetrechos de "toilette". Aplica-se entre nós também para designar o compartimento ao lado do quarto, para o ato de vestir. Local onde se troca de roupa.

VESTÍBULO — Antigamente, o mesmo que ÁTRIO, grande espaço descoberto na frente da casa, onde se conservava o fogo para o sacrifício em honra a deusa Vesta. Hoje em dia o têrmo designa a entrada principal de qualquer edifício. A' porta principal. Há quem use o têrmo como sinônimo de PÁTIO.

VESTIR — Cobrir ou revestir, adornar ou enfeitar.

VIA — Caminho, direção. Usa-se o têrmo "via pública" para designar a rua, a avenida, etc. por onde se caminha, se trafega.

VIAÇÃO — Modo ou meio de andar ou transportar por caminhos, ruas, vias, etc. Conjunto de estradas ou caminhos.

VIADUTO — Ponte que liga duas vertentes que formam uma depressão ou vale com a finalidade de facilitar a passagem de um lado a outro e que fica fazendo parte da rua, estrada, linha férrea, etc.

VIÁVEL — Que pode ser percorrido sem oferecer obstáculos.

VICARIATO — Refere-se à residência onde mora o vigário.

VICINAL — Designativo do caminho ou estrada que liga duas povoações duas vilas, duas cidades, bem próximas.

VIDRAÇA — Lâmina de vidro homogêneo e transparente, da faces paralelas e polidas. Caixilho com vidros para portas ou janela.

VIDRAÇARIA — Conjunto de vidraças ou estabelecimento que vende vidros.

VIDRACEIRO — Fabricante ou vendedor de vidros, ou ainda, aquele que os coloca nos caixilhos.

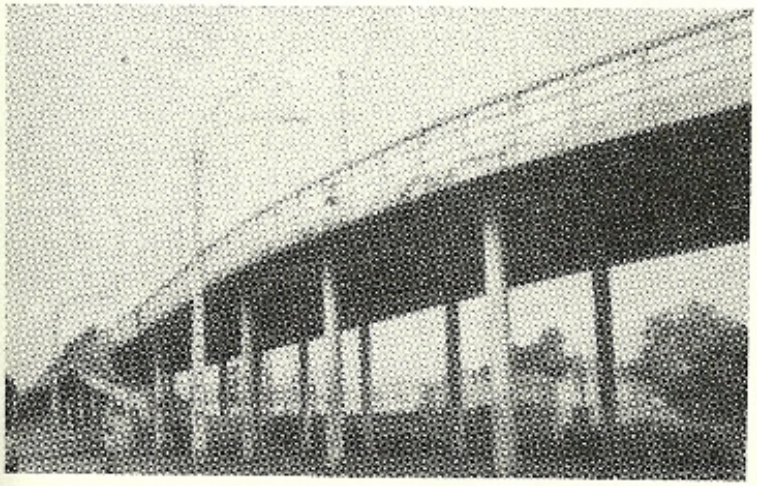
VIDRAL — Às vêzes usado em lugar de VITRAL.

VIDRARIA — Fábrica de vidros ou estabelecimento que vende vidros.

VIEIRO — O mesmo que VEEIRO.

VIELA — Rua estreita. QUELHA.

VIGA — Elemento estrutural, de madeira, ferro ou concreto armado, geralmente em posição horizontal, que trabalha a flexão e que



Viaduto construido na cidade de Jundiaí, projetado pelo arquiteto, Vasco Venchiarutti.

transmite os esforços às colunas que, por sua vez, trabalham a compressão. Trave ou madeiro grosso que sustenta os barrotes dos SOBRADOS. VIGA MESTRE é a principal, a ARQUITRAVE. VIGA CONTÍNUA é a que transmite esforços a mais de duas colunas ou pilares.

VIGAMENTO — Conjunto de VIGAS. Sistema por que essas vigas se acham unidas entre si.

VIGAR — Colocar vigas. Pôr sôbre vigas.

VIGIA — Orifício feito na parede por onde se espreita. Também assim se chama o existente na fôlha da porta ou da janela. Guarita.

VIGOTA — Pequena viga. Também é usado, VIGOTE.

VILA — Povoação cuja categoria se situa entre a aldeia e a cidade. Casa de campo ou habitação de recreio nos arrabaldes das cidades italianas e, por extensão, deu-nos "casa de campo" de construção caprichosa ou "quinta com casa de habitação" ou casa com jardim, nas cidades.

VINHÁTICO — Famosa madeira, com largo emprêgo na marcenaria fina e em assoalhados desde os tempos coloniais, que possui bela côr amarela, fibras finas e talhe macio. Existem muitas variedades e grande sinonímia: AMARELINHO, AMARELO, no norte principalmente, CANDEIA DE FÔLHA GRANDE, OITICEIRA, PARICÁZINHO, PAU DE CANDEIA, VINHÁTICO AMARELO, ou Echiospermum Balthacaril, F. All., VINHÁTICO DO CAMPO, ou Platymenia reticulata, Benth., VINHÁTICO, TESTA DE BOI, de fibras mais revessas, VINHÁTICO FLOR DE ALGODÃO ou VINHÁTICO CABELEIRA, ou ainda, VINHÁTICO ORELHA DE MACACO, de côr amarela mais clara que as demais, VINHÁTICO CASTANHO, etc. Árvores da família das Leguminosas. Pêsos específicos: Vinhático amarelo: 0,50 Vinhático flor de algodão: 0,56: Vinhático testa de boi: 0,75.

VINHÁTICO AMARELO — Ver VINHÁTICO.

VINHÁTICO CABELEIRA — O mesmo que VINHÁTICO FLOR DE ALGODÃO. Ver VINHÁTICO.

VINHÁTICO DO CAMPO — Madeira, também conhecida por favela branca. Ver VINHÁTICO.

VINHÁTICO FLOR DE ALGODÃO — Madeira. Ver VINHÁTICO.

VINHÁTICO ORELHA DE MACACO — Madeira. Ver VINHÁTICO.

VINHÁTICO TESTA DE BOI — Madeira, também conhecida por vinhático pé de boi. Ver VINHÁTICO.

VINHEIRO DO MATO — Madeira. Ver FRUTO DE TUCANO.

VIOLETA DO SERTÃO — Madeira. Ver CABIÚNA.

VIRARÓ — Madeira. Ver AMENDOIM.

VIRAÇÃO — Vento brando e fresco. Aragem.

VIRGA — Algumas vêzes VÊRGA.

VIRGEM — Diz-se da CAL anidra.

VIROLA — Arco de metal. Nome de qualquer argola metálica, especialmente as usadas na ornamentação.

VISADA — Ato de visar. Empregado em topografia.

VISGUEIRO — Madeira. Ver FAVA DE BOLOTA.

VISTA — Plano, no sentido de projeto geralmente empregado como sinônimo de fachada, elevação, etc. Com mais freqüência nos desenhos industriais, como o de móveis, por exemplo quando se diz "Vista lateral", etc.

VITRAL — Vidraça de côres ou com pinturas. Comumente designa aquela que representa algo imaginado por artista e é executado em pedaços de vidros coloridos rejuntados com chumbo. Adaptação do francês "Vitrail" com mais uso no plural "vitraux" Poucas vêzes "vidral".

VITRALHA — O mesmo que VITRAL

VITRINA — Vidraça através da qual se expõe objetos destinados à venda. Adaptação do francês "vitrine". Montra.

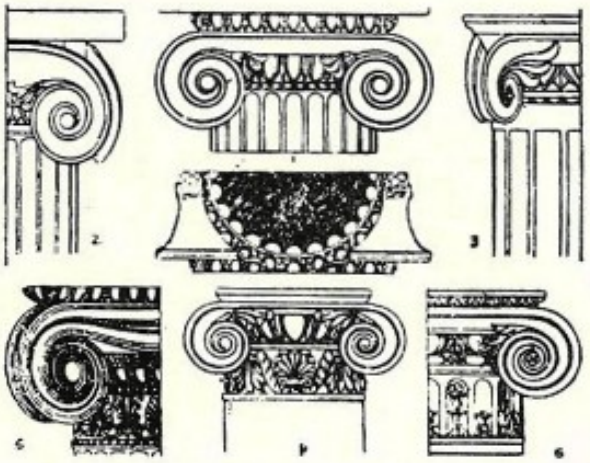
VITROPÓRFIRO — Espécie de PÓRFIRO que contém cristais entremeados.

VIVENDA — Lugar onde se vive. Morada. Habitação com características apropriadas para satisfazer necessidades materiais e espirituais do homem onde quer que êle se encontre.

VIVO — O mesmo que FUSTE de uma coluna. Diz-se do canto ou aresta bem executada em perfeita esquadria.

VOAMENTO — Ver CAPIALÇADO. O têrmo também é usado como sinônimo de saliência.

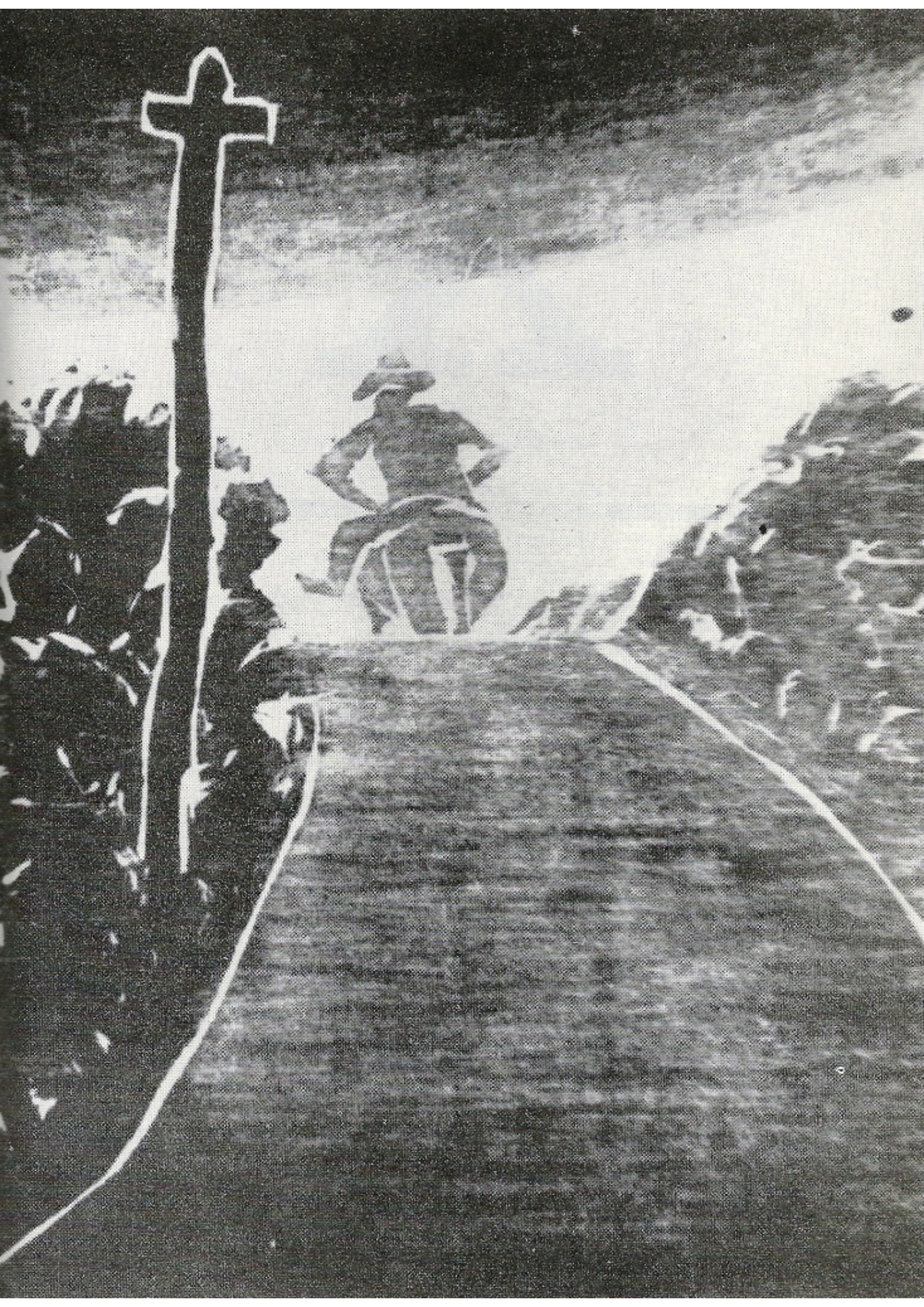
VOLUTA — Ornato que aparece freqüentemente em capitéis de colunas, principalmente no jônico, com forma de espiral. O centro da voluta, onde começa a espiral, em geral em forma de pequeno disco, chama-se ôlho. Voluta saliente é aquela em que o "enrolamento" sai para fora do prumo, ao contrário da voluta reentrante, em que a espiral é côncava. Voluta chanfrada é aquela em que as circunvoluções estão separadas entre si por um pequeno espaço à vêzes decorado.

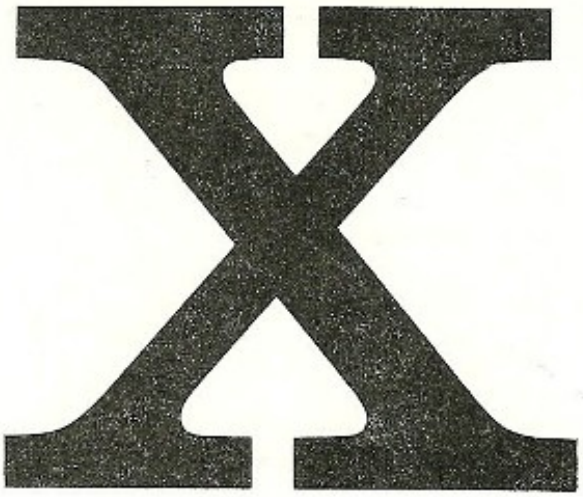


Várias modalidades de volutas em capitéis

VÔO — Ver CAPIALÇADO.

VULPINITO — Variedade de mármore.





Xilografia de autoria do gravador paraense Oswaldo Goeldi.

XAGUÃO — O mesmo que SAGUÃO.

XAIMEL — O mesmo que ENXAIEL.

XANTINA — Matéria colorante de côr amarela extraída da granza.

XILAR — O mesmo que SILHAR.

XILOGRAFIA — Arte de gravar em madeira.

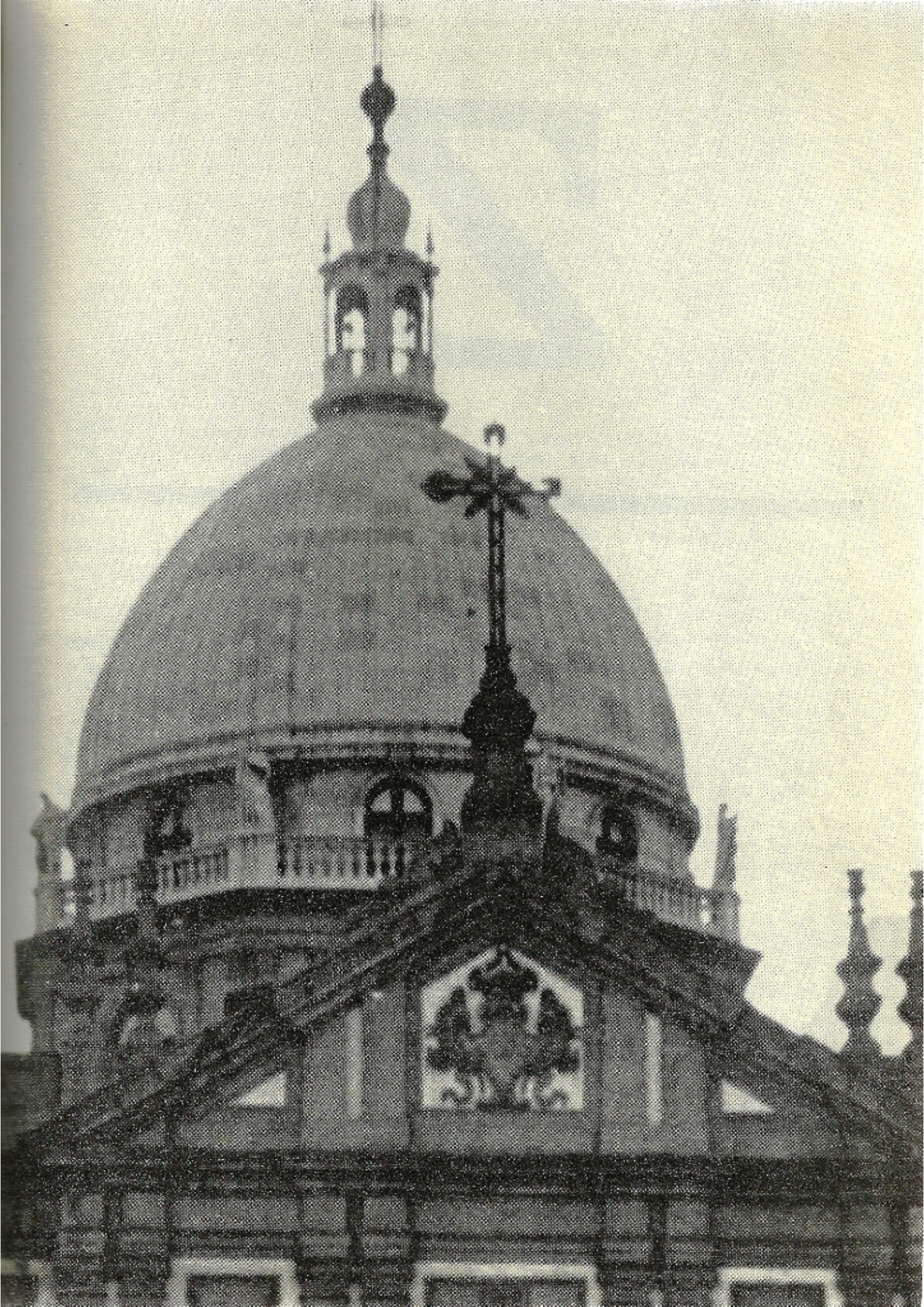
XILÓIDE — Relativo a madeira. Que se assemelha à madeira.

XILÓFAGO — Diz-se o inseto que se alimenta de madeira, inutilizando-a.

XILOLOGIA — Tratado ou história das madeiras.

XINXAREL — Nome da peça colocada diagonalmente nos madeiramentos dos SOBRADOS para auxiliar a fixação dos soalhos. Peça atravessada sôbre dois barrotes e que serve para fazer a suspensão de um candeeiro ou luminária.

XIPUTÁ — Madeira. Ver PAU RIPA.



Z

Zimbório da Igreja de Nossa Senhora da Candelária, Rio de Janeiro.

ZAGÃO — Desvão de escada principal de uma casa, do espanhol "zaguán".

ZARCÃO — Designativo vulgar do mínio. O que tem côr de laranja ou de tijolo muito vivo.

ZÉFIRO — Vento suave e fresco. Aragem. Antigamente designava só o vento do ocidente.

ZENABRE — O mesmo que VERDETE.

ZÊNITE — Ponto da esfera celeste determinado pela vertical tirada de um lugar. Em sentido figurado o ponto mais elevado.

ZIMBÓRIO — Parte mais alta e exterior da cúpula de um edifício. Ver CÚPULA e DOMO.

ZINCO — Metal branco azulado muito fusível usado para recobrir chapas de ferro para cobertura, as chamadas "fôlhas de Flandres" ou telhas "de zinco". Com o cobre, forma o latão, ou "arame" dos antigos.

ZINGAMOCHO — Cata-vento, ventoinha. Remate de zimbório. Pináculo.

ZONA — A região da cidade delimitada pela lei ou autoridade. Qualifica o que se chama de ZONEAMENTO.

ZONEAMENTO — Plano da divisão da cidade em ZONAS. Estas são específicas segundo alguns critérios, como pela posição geográfica: zona leste, zona sul, zona marítima, etc. ou pelo finalidade: zona comercial, zona residencial, zona militar, etc..

ZOODOMO — Construção que abriga jaulas de animais bravios.

ZOÓFORO — Na arquitetura clássica, espaço entre a arquitrave e a cornija, ornado antigamente com cabeça de animais.

ZORE — Nome que se dava certos perfis de ferro próprios para vigamentos, em forma de U ou V em que a altura era bastante grande em relação à largura.

ZORRA — Pedaço de tronco bifurcado, para arrastar pedras. Carreta para o mesmo fim.

ZULAQUE — Nome antigo de certo betume próprio para obras hidráulicas, composto de cal viva, óleo e fragmentos macerados de estôpa.

ZUMÁTICO — Verniz secante a base de zinco e manganês. Antigamente era comum a denominação zumatique.

ZUMATIQUE — Ver ZUMÁTICO.

ZUNGU — Casa de pequenos compartimentos que são alugados a diferentes famílias, cortiço.

Composto e impresso no ano de 1972, nas oficinas da
EMPRÊSA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S. A.
Rua Conde de Sarzedas, 38, fone 33-4181, São Paulo, S.P., Brasil